ESTUDOS PSIQUICOS

Ao coronel Faure da Rosa, velho companheiro e amigo, com muita amizade. Isidoro Duarte Santos
Lisboa 1/8/49

Director

Isidoro Duarte Santos

7.° VOLUME

1948

RUA DO SALITRE, 149, 1.° — LISBOA

Indice das matérias contidas no presente volume

Pág.

N.º 1

Mensagem, por *Isidoro Duarte Santos* 1
Têm alma os animais ?, *pelo coronel Everaldino Ascestes da Fonseca* 2
Curas Psiquicas, *pelo coronel Faure da Rosa* 5
O Espiritismo a Serviço da Educação 8
Unificação do Espiritismo, *por Nabor da Graça Leite* 9
A Intuição, *por José Simões de Matos* 11
Fenómenos Supranormais, *de Manuel de Sousa* 12
Como se tornou espirita ?, *por José de Oliveira Rebordão* 13
Confissões, *de Agostinho* 14
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 15
A propósito de Sir Artur Connan Doyle, *por F. Noronha* 19
Vozes Amigas, *por Ernesto Moog* 20
O Actual Momento Histórico, *pelo Dr. Pietro Ubaldi* 21
Glórias Humanas, versos *por Ramos Pereira* 24
Prece pelos Mortos, *por Constâncio Vigil* 24
A Missão de Jesus, *por Fernando da Cruz Ferreira* 25
Primeiros Passos, *por Ramos Pereira* 26
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 28
Quem é ?, versos *por Ramos Pereira* 29
Auxilio aos Necessitados 30
Notas & Comentários 31
Noticiário 32

N.º 2

Marcha Triunfal, *por Isidoro Duarte Santos* ... 33
A Morte, essa Desconhecida, *pelo Coronel Faure da Rosa* 34
Nossos Representantes (*José Zácaro Neto*) ... 37
Têm Alma os Animais ? — II —, *pelo Coronel Everaldino Ascetes da Fonseca* 38
Confissões, de *Agostinho* 40
O Vocábulo «Prodigio» Corresponde à Verdade ?, *por F. Noronha* 41
A Dupla Personalidade, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 45
Principios Redentores, *pelo Espirito de André Luiz* 46
Para os Irmãos Pequeninos, página infantil organizada *por Kylas* 47
O Orfanato-Casa de Luciá, *por Isidoro Duarte Santos* 51
Entre as Folhas o Fruto, *por Natálio Ceccarini* 53
A Crítica às Nossas Edições («Nos Umbrais do Além» e «Os Mortos Vivem» 55
Maternidade «Casa da Mãe Pobre» 56
Recompensa, versos de *Clóvis Ramos* 57
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 58
Como se Tornou Espirita ?, *por Francisco Thiesen* 59
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 60
Notas & Comentários 63
Noticiário 64

N.º 3

Boa Orientação, *por Isidoro Duarte Santos* ... 65
Só Matéria ? *por F. Noronha* 66
Têm Alma os Animais ?, *pelo Coronel Everaldino Ascestes da Fonseca* 70
Nossos Representantes (José Borges dos Santos) 72
A Personalidade de Pietro Ubaldi, *pelo Dr. Paolo Soster* 73
Confissões, *de Agostinho* 76
Aspectos da Criação, *por Ramos Pereira* 77
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 79
Factos, *pelo Coronel Faure da Rosa* 83
Intercâmbio Espiritual, *por Geraldo de Oliveira* 86
Invocação, versos *de Arnaldo S. Tiago* 87
Centenário das Manifestações Espiritas de Hydesville, *por Natálio Ceccarini* 88
A Missão de Jesus — XXIII —, *por Fernando da Cruz Ferreira* 90
O Homem, *por Augusto Obregón* 91
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 92
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 93
Notas & Comentários 95
Noticiário 96

N.º 4

Brasil, *por Isidoro Duarte Santos* 97
Uma Fase Perigosa da Humanidade, *por Ernesto Moog* 98

Pág.

Livros Nossos Amigos 101
Médiuns e Mediadores, *pelo Coronel Faure da Rosa* 102
Confissão, *por Ramos Pereira* 105
O Espiritismo em Campinas, *por Vicente Neto* 106
1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, *por Isidoro Duarte Santos* 107
Episódio Alucinante, *por I. D. S.* 110
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 111
O Auto-Domínio, *por Yvone de Sousa* 115
O Espiritismo, *por Rocaza Toné* 115
Ressurreição, *pelo Dr. Pietro Ubaldi* 117
A Personalidade de Pietro Ubaldi, II — *pelo Dr. Paolo Soster* 120
Livros Novos 123
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 124
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 125

N.º 5

Assistência Psíquica, *por Isidoro Duarte Santos* 129
Metapsiquistas e Espiritistas, *pelo Coronel Faure da Rosa* 130
Temos um *Sexto Sentido?*, *por Achille Biquet* 133
Centenário do Espiritismo 136
«A Nossa Vida Mental», *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 137
Esparsas, *por Teófilo* 139
A Personalidade de Pietro Ubaldi — III —, *pelo Dr. Paolo Soster* 140
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 143
Hospital Espirita Pedro de Alcântara, *por Deolindo Amorim* 147
A Igreja e o Espiritismo, *por Ramos Pereira* 149
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 151
Uma Casa de Saúde, *por Reper-Siam* 152
O Homem e a Vida, *por Ramos Pereira* 152
«O Homem da Rua», *por Isidoro Duarte Santos* 153
Semana Espirita de Nova-Iguassú 154
«Luz no Caminho» na Crítica dos Outros ... 155
Obras, *por Francisco Thiesen* 156
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 157
Notas & Comentários 159
Noticiário 160

N.º 6

Distinção Honrosa, *por Isidoro Duarte Santos* 161
A Grande Esperança, *pelo Coronel Faure da Rosa* 162
O Espiritismo em Taubaté 164
Deixem-me Desabafar, *por F. Noronha* 165
Juventude, *por José Simões de Matos* 166
«A Nossa Vida Mental» e a Opinião de Três Sábios, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 167
Maternidade «Casa da Mãe Pobre», *de Emmanuel* 169
Sociedade de Medicina e Espiritismo, *por Isidoro Duarte Santos* 170
As Nossas Edições 174
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 175
Manifestações no Leito da Morte, *por António J. Martins* 179

Pág.

Um Caso Interessante, *por Isidoro Duarte Santos* 182
«Luz no Caminho», na Crítica dos Outros... 183
Lázaro Luis Zamenhof (o Criador do Esperanto), *por José Peres Fontenelle* 184
O Espiritismo em Cruzeiro 186
A Missão de Jesus — XXIV —, *por Fernando da Cruz Ferreira* 187
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 188
Notas & Comentários 189
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 190
Noticiário 192

N.º 7

Há 100 Anos, *por Isidoro Duarte Santos* 193
Religiões e Filosofias, *pelo Coronel Faure da Rosa* 194
Intercâmbio, *por Isidoro Duarte Santos* 196
A Personalidade de Pietro Ubaldi — IV —, *pelo Dr. Paolo Soster* 198
«A Nossa Vida Mental» — O Caso de Helena Smith —, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 201
Fundação de Uma Mocidade Espirita 204
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 207
«Luz no Caminho», na Crítica dos Outros... 211
1.º Congresso de Mocidades Espiritas 212
Juventude Espirita Portuguesa 212
Centenário do Espiritismo 212
Assistência Psíquica 213
A Febre Tifoide 213
O Espiritismo no Ceará, *por Isidoro Duarte Santos* 214
O Pássaro Azul, *por Maurice Maeterlinck* ... 218
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 219
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 221
Notas & Comentários 223
Noticiário 224

N.º 8

Renovação, *por Isidoro Duarte Santos* 225
«A Nossa Vida Mental» e os Grandes Médiuns, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 226
Fernando de Lacerda, *pelo Coronel Faure da Rosa* 229
A Família de Jesus, *por Ramos Pereira* 232
Livros Novos 234
Uma Data Simbólica, *por Nabor da Graça Leite* 235
Dois Grandes Donativos 238
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 239
Uma Cura de Obsessão, *por Isidoro Duarte Santos* 243
A Arpa de Josefa (traduzido do alemão) 245
A Missão de Jesus — XXV —, *por Fernando da Cruz Ferreira* 246
Um Sonho Estranho, *por Ramos Pereira* 247
Mocidade Espirita Pestalozzi, *por I. D. S.* ... 248
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 249
Assistência Psíquica ou Casa de Repouso? — *pelo Capitão Reis Pires* 250
As Nossas Edições 251
Oração do Pecador, *por Justo Vigliani* 252

Pág.

Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 253
Notas & Comentários 255
Noticiário 256

N.º 9

O Culto do Livro, *por Isidoro Duarte Santos* ... 257
Um Sábio Português Comunicou do Além, *pelo Coronel Faure da Rosa* 258
O Valor Humano do Espiritismo, *por Ramos Pereira* 260
Várias Notas, *por F. Noronha* 262
«A Nossa Vida Mental» e Eusápia Paladino, *pelo Dr. Carlos Imbassahy* 263
Santidade de Espirito, *por Natálio Ceccarini* ... 265
«Luz no Caminho» na Crítica dos Outros... 268
Se... — versos adaptados ao português *por Félix Bermudes* 270
O Jogo das Hipóteses, *por Henrique Magalhães* 270
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 271
1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, *por Isidoro Duarte Santos* 275
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 285
Notas & Comentários 287
Noticiário 288

N.º 10

Os Novos, *por Isidoro Duarte Santos* 289
O Espiritismo e a sua Missão de Fraternidade Universal, *por Ernesto Moog* 290
A Propósito de Teses de Doutoramento, *pelo Coronel Faure da Rosa* 294
Justiça, *pelo Dr. Paulo Hecker* 296
A Missão de Jesus — XXVI —, *por Fernando da Cruz Ferreira* 298
Assistência Psíquica, *por I. D. S.* 299
Intercâmbio com os Espiritas do Uruguai, *por Alfredo Miguel* 300
A Reencarnação entre os Esquimós 301
O Homem, Cidadão do Mundo, *por António J. Martins* 302
Reencarnação — *Princípio Evolutivo, por Paulo Alves de Godoy* 303
Nossos Representantes (Dr. Jaime Monteiro de Barros) 304
Sejamos Perfeitos, *por José Simões de Matos* 305
«Luz no Caminho» na Crítica dos Outros... 306
Pela União Espirita, *por José F. Cabrita* 308
Uma Casa de Saúde, *por Henrique Magalhães* 309
4.º Congresso Espirita Nordestino 310
Maternidade Casa da Mãe Pobre 313
Humildade, *de Fernando Burlamaqui* 314
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* 315
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 316
Notas & Comentários 318
Noticiário 320

Pág.

N.º 11

Acção Policial, *por Isidoro Duarte Santos* 321
Alguns Estigmatizados Históricos, *pelo Coronel Faure da Rosa* 322
A Alma, *por Rufino Juanco* 324
Nossos Representantes (José Bittencourt Anjo Coutinho) 327
A Reencarnação e os Evangelhos — I —, *pelo Dr. A. N. Pinheiro Ramos* 328
Omnipresença de Deus, *por Apolonius Cristus* 329
Metafísica Psicológica, *por Ramos Pereira* ... 331
Entrar para o Espiritismo, *por Rocaza Toné* ... 332
O Espiritismo Científico — Suas Consequências Filosóficas, *por Achille Biquet* 333
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 335
Assistência Social e Espiritismo, *por Fernando Burlamaqui* 339
Uma Casa de Saúde, *por Henrique Magalhes* 341
O Caodaismo, *por Henri Regnault* 343
A África e as suas Tradições, *por António J. Martins* 344
«Hipnotismo e Espiritismo» (prefácio de Lombroso a este livro da sua autoria) 345
Crawford e a Telecinesia, *por Akhar* 346
A Conferência de Ramos Pereira em Santarém 347
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 348
Um poliglota assombroso 349
Notas & Comentários 350
Noticiário 351
Livros Novos 352

N.º 12

Bons Auspícios, *por Isidoro Duarte Santos* ... 353
A Reencarnação e os Evangelhos —II —, *pelo Dr. A N. Pinheiro Ramos* 354
Onde está a Verdade ?, *por António J. Martins* 355
Livros Novos 356
A Missão de Jesus — XVII —, *por Fernando da Cruz Ferreira* 357
Livros Novos 358
Belo Caso de Vidência Directa, *por Achiles Biquet* 359
Dois Estigmatizados Modernos, *pelo Coronel Faure da Rosa* 361
Galinha Gorda..., *por I. D. S.* 369
As Heroínas de Hydeswille 364
«Luz no Caminho», na Crítica dos Outros 365
À Margem dos Livros, *por Ramos Pereira* ... 366
Para os Irmãos Pequeninos, Página Infantil organizada *por Kylas* 367
A Federação Espirita Brasileira, *por Isidoro Duarte Santos* 371
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 381
Notas & Comentários 383
Noticiário 384

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, JANEIRO DE 1948 — N.º 1

Redactor **Ramos Pereira** | Director e Editor **Isidoro Duarte Santos** | Administrador **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

MENSAGEM

No dealbar de 1948, «Estudos Psíquicos» dirige-se a todos os homens bons, pensadores ou divulgadores de ideias, organizadores, orientadores, cérebros e braços, corações e inteligências, em mensagem de amor cristão, com votos de progresso moral e espiritual.

Os anos são degraus a subir na vida planetária. Ao deixar um para ascender a outro, o homem sente ânsias de vida nova, faz a si mesmo promessas de modificação interior, talvez para resgatar culpas acumuladas no ano transacto, e olha em frente, levado por desejos instintivos de renovação. Mas se a vontade que o domina sossobra em presença de trabalho acumulado, como quem receia carência de ânimo para atingir o alvo, o homem é tragado pela corrente e tudo o que nele vibrava desaparece momentâneamente e segue o rumo das coisas naturais, isto é, passa ao oceano imenso que, em fluxo e refluxo, alimenta e equilibra a vida cósmica, em todas as suas modalidades.

Vamos entrar em novo ano. É justo, pois, que dirijamos as energias vitais para a obra moralizadora e regeneradora que se impõe ao mundo. Ergamos os braços para abraços, esquecendo retaliações antigas, que a maior felicidade humana deve ser aquela em que nos reconciliamos com o próximo, de quem nos não vieram ofensas indeléveis.

O nosso aprumo será dignificado e abençoado, se evitarmos o combate a religiões e expusermos doutrina apoiados em bom senso e tolerância.

Os direitos do próximo como célula social, são iguais aos nossos; por isso, respeitemos todas as opiniões, abstendo-nos de violências que nada resolvem, e que, pelo contrário, produzem efeito contraproducente.

A paz é o melhor caminho do progresso. Preparemo-la e saibamos utilizá-la na resolução dos nossos problemas, porque a guerra é sintoma de enfermidade que urge debelar, à força de amor e de renúncia.

A vida humana não é competição, mas trabalho ordenado. Só o bem perdura no tempo e fora dele. Eis porque todos os pensamentos, palavras e obras devem basear-se no bem, que é valor positivo e sem o qual a vida não teria razão de ser.

Dirigindo-nos aos espiritas, diremos que o Ideal aguarda a vinda de novos e leais servidores, mais dinâmicos do que os actuais, para que a obra realizada encontre elementos de expansão cada vez maiores e mais profícuos.

Neste nono ano de vida saudamos os nossos colaboradores, redactores-correspondentes e representantes espalhados pelo mundo. Para eles vai o abraço fraterno de «Estudos Psíquicos». A sua obra é a nossa obra. Esperamos que continuem a enviar-nos os seus trabalhos subordinados à orientação seguida nos oito anos que passaram, de modo que esta revista se não afaste da trajectória em boa hora imposta ao seu esforço.

A continuação dos mesmos pensamentos imprime carácter ao indivíduo. Queremos que «Estudos Psíquicos» mantenha o carácter do primeiro número, quando se apresentou aos leitores

Finalmente, saudamos os nossos adversários leais, que agitam suas ideias, como nós agitamos as nossas. A vida mental requer liberdade de pensamento, desde que este seja emitido em termos regulares de urbanidade e correcção.

Sejamos, pois, instrumentos de regeneração e evolução espiritual, dando à sociedade o que de melhor tivermos ao alcance. E que no fim de 1948 digamos, em harmonia com a consciência:

— Cumpri um dever e ganhei um direito.

Têm Alma os Animais?

pelo coronel Everaldino Ascestes da Fonseca

I

O presente trabalho, da autoria do coronel de engenharia Everaldino Ascestes da Fonseca, foi lido na tribuna da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, de que é presidente o Dr. Levindo Melo; e por diligências do culto e dinâmico confrade Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente naquela cidade, temos o prazer de o inserir nestas colunas.

Tal como a Sociedade de Medicina e Espiritismo, deixamos aos amáveis colaboradores a responsabilidade de suas ideias e conclusões. «Estudos Psíquicos» deseja levantar problemas e apreciar todas as questões psíquicas que surgirem no ambiente moral e mental do século; por isso o novo colaborador será lido com atenção e proveito pelos leitores deste mensário, habituados à mais leal e franca hospitalidade literária.

Nós, mais que os prezados e distintos ornamentos desta assembleia, surpreendemo-nos da nossa presença nesta tribuna, destinada mais às questões de carácter técnico-científico, do que a outras esplanações.

Mas, se tal acontece, devemo-lo a duas razões primordiais: a excessiva bondade do nosso presidente e caro amigo Dr. Levindo Melo, sempre pronto a doações de qualidades tão ausentes de nós, onde nem mesmo os devaneios chegam a vislumbrar longínquas promessas de realização problemática. A segunda — balancear um almejado avanço espiritual, isto é, aceitar com razoável resignação as provas que se nos apresentarem, quer físicas, morais ou intelectuais, nesta peregrinação terrena.

Com este desabafo, não nos furtamos às responsabilidades da decepção que vos causaremos, pois não vamos exaurir um tema controvertido; em todo o caso, deveremos demonstrar aceitável habilidade em sua formulação e também revelar certo grau de ponderação, se não para o acolhimento de determinadas conclusões, ao menos na escolha dos argumentos não próprios, que nos falece autoridade para tal, mas subscritos por portadores de credenciais afiançadas por graduação universitária ou por reconhecido saber de base sólida e real, estreme de conceitos pessoais ou preconceitos religiosos ou filosóficos.

Desde já, esclarecido fica que, se aqui nos encontramos em virtude de um convite-ordem do nosso caríssimo presidente, não nos tornamos, por isso, porta-voz dos pensamentos, ideias ou conclusões esposados pela Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Ela tão só faculta que da sua tribuna seja ventilado o problema, sem espírito de polémica, sem conclusões apressadas, sem dogmatismo, deixando abertas as questões suscitadas, ainda que, individualmente, cada um dos seus directores possa divergir das conclusões que acaso formulemos sobre este ou outro qualquer assunto estudado pelos oradores.

///

Este tema constitui parte de uma palestra íntima que entretivemos com o Dr. Levindo Melo.

No dia seguinte, indo a uma livraria, nossos olhares poisaram sobre um livro, cujo título «*De la Bête a l'Homme*», nos recordou a conversa. Como suas folhas não estivessem abertas, contentámo-nos com uma breve leitura da matéria capitulada em seu índice, que então nos pareceu bem sugestiva e correlata com os nossos pontos de vista. Comunicado o nosso achado, foi dada a devida autorização para a compra e, daí, a ideia da palestra ora em curso e para a qual o livro seria a viga mestra da argumentação, pela copiosa documentação compilada pelo autor, o que, aliás, é bem interessante, pois não sendo daqueles investigadores que só procuram as provas acordes com a teoria que criaram ou aceitaram, seu vasto manancial de observações não poderá ser, em bom julgamento, acoimado de parcial.

Só esta ressalva, não nos parece bastante; recorremos a outras fontes, pois a essência de tal tema transcende os nossos parcos conhecimentos e a Psicologia ainda não conseguiu sair em harmonia das escolas que se criaram em torno dos métodos adoptados para a análise de seu objecto, como também, no vasto campo de acção da Medicina, ainda se desentendem as correntes que investigam e lançam os fundamentos da Biologia, deixando à parte os dois aspectos fundamentais — médicos materialistas e médicos espiritualistas, se outras razões os não separam em escolas na arte de curar, como acontece em quase todos os sectores do chamado conhecimento humano.

Por isso mesmo, antes de qualquer exposição, transcreverei o que serviu de introdução ao capítulo I de «*Nos Umbrais do Além*», de Sir W. Barrett:

«Se alguém acrescentar novidades que contradigam ou ameacem ideias há muito tempo estabelecidas, verá erguerem-se contra si as paixões e todo o mundo se há de unir para o esmagar. Os homens resistem quanto podem; procedem como se fossem surdos ou incapazes de compreender, falam com desprezo das novas

concepções como se elas não merecessem o menor exame e nem sequer fossem dignas de atenção; eis porque as verdades novas esperam tanto tempo para triunfar». (Extracto das «Conversações», de Goethe).

E este tema não diz sòmente com o aspecto científico, mas também com o moral. Com isto, não pretendemos fazer nenhuma revelação nem revolução em qualquer dos campos a que aludimos. O Homem poderá continuar a empunhar o ceptro de rei da criação, tal como o leão, a quem conferiu o título de rei dos animais, desde que ele próprio criou mais um reino, o Hominal.

Parece-nos que a evolução não atingiu a coordenada máxima de sua trajectória espiralada, com tão precário grau apresentado pelo Homem de hoje, radicado em o nosso minúsculo planeta. Seu intelecto poderá aumentar ainda mais o seu poder destruidor, consequentemente de domínio, mas, queira ou não, ele continuará sendo um elo desta cadeia de fenómenos, conjecturando, acertadamente ou não, sobre aqueles que o precederam, porém, fatalmente ignorando o que o seguirá no ciclo da evolução universal, candidato ao reino espiritual, por promessa do seu maior Mestre — Jesus de Nazaré.

Por uma questão de método (pessoal) procuraremos no âmbito do conhecimento, mesmo debatidos, situar os termos essenciais da proposição, a fim de definir, embora superficialmente, o agente e seus atributos.

Alma e *animal* são expressões que, por si sós, bastariam para nos fazer recuar ante a pluralidade de seus conteúdos, enveredando por searas que sempre ficaram à margem da orientação de nossos estudos e, ainda mais, no dar ou negar um nexo entre os seus elementos.

Não encarecemos a tarefa, mas é à pura realidade; os conceitos sobre alma variam com o ponto de vista das escolas filosóficas e das religiões, e, o de animal, é aparentemente menos discutível. Os caracteres que serviram para a sua classificação entre as manifestações da Natureza, nem todos são peculiares a cada um dos reinos em que ela foi (talvez arbitràriamente) dividida, pois, excepto para as figuras geométricas, as fronteiras de qualquer campo, não importando o que compreenda, são sempre imprecisas e, consequentemente, sujeitas a violações conscientes ou inconscientes.

Na expressão descuidada de nossos colóquios, a alma não tem definição nem conceito preciso, mesmo que deixemos àparte os sentidos figurados com emprego intencional. Por isso mesmo julgamos acertado fazer uma investigação, talvez longa mas proveitosa, pelo labirinto das suas acepções, começando por um campo supostamente neutro — uma enciclopédia, na tentativa, senão de defini-la, ao menos de conhecê-la através de seus variados atributos.

ALMA (do latim *anima*, sopro) — Primeiro: parte incorpórea do homem, sede da sensibilidade, do entendimento e da vontade. 2.º — De acordo com a filosofia materialista, fórmula que exprime os factos de sentimento, de inteligência e de vontade. 3.º — para alguns filósofos, princípio da Vida, no homem, nos animais e nas plantas.

Dada a nossa profissão de fé, prosseguiremos nas citações pelos ensinamentos contidos em nossos livros básicos.

Segundo Allan Kardec — alma é um espírito encarnado. Antes de se unir a um corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporàriamente revestem um envólucro carnal para se purificarem. (Do *Livro dos Espíritos* — pág. 102 - 17.ª ed., 1939).

Em sua *Introdução*, encontramos como terceiro ponto de vista o seguinte: «a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta acepção é, sem contradita, a mais geral, porque debaixo de um nome ou de outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é causa e não efeito, — é a dos espiritualistas. Da equivalência da significação de princípio da vida material orgânica, princípio inteligente, conclui que as ideias são distintas, atribuindo tal contingência à pobreza do vocabulário terreno e propõe: «alma é o ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo».

Para sair deste labirinto de significações cada vez mais complexas, propõe dar um atributo específico e, assim, teríamos:

— alma vital ou princípio vital — indicando o princípio da vida material;
— alma intelectual — princípio da inteligência;
— alma espírita — princípio da nossa individualidade após a morte.

De conformidade com essa maneira de expressar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais, homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; a *alma espírita*, sòmente ao homem.

O Dr. A. A. Martins Velho em «O Espiritismo Contemporâneo», diz: «Os antigos filósofos espiritualistas faziam da alma ou do espírito uma concepção tão abstracta, que, em boa verdade, era quase negá-la. Era quase torná-la equivalente à noção do ponto matemático. Reagindo contra esta absurda concepção, outros filósofos julgaram cortar o nó górdio decretando a *supressão da alma ou espírito*. Assim fizeram os materialistas: — as faculdades e propriedades atribuídas ao espírito foram transferidas para o corpo organizado. A alma pôde muito bem ser considerada como uma secreção do cérebro, e o pensamento uma função dos centros nervosos».

Depois de uma peregrinação por entre as discussões e opiniões de materialistas e espiritualistas, confessa: «Na impossibilidade de definir uma coisa que se aceita por uma necessidade imperiosa da razão, mas que se não pode analisar nem conhecer íntimamente, temos que nos contentar com conjecturas e assim diremos que a alma é uma porção de substância distraída da força universal para constituir cada individualidade. Actuando através dos orgãos cerebrais, ela é a parte pensante, raciocinante e consciente do indivíduo; é ela quem *guarda* e *arquiva* os conhecimentos adquiridos e quem, guiada pelas sugestões do instinto, da sensibilidade e da razão, *delibera*, querendo ou não querendo tal ou tal acto».

Daremos agora a palavra a um representante da igreja de Roma. Jacques Bénigne Bossuet, o grande prelado francês que foi consagrado pelas suas orações fúnebres, em «Do Conhecimento de Deus e de Si Mesmo», assim expõe a sua concepção acerca da alma: «A alma é o que nos faz pensar, ouvir, sentir, raciocinar, querer, escolher uma coisa de preferência a outra, como dirigirmo-nos para a direita e não para a esquerda. Conhecemos a nossa alma por suas operações, que são de duas classes: sensitivas e intelectuais». As coisas que foram explicadas fizeram-nos conhecer a *alma* em todas as suas faculdades. As faculdades sensitivas foram-nos mostradas nas operações dos sentidos interiores e exteriores e nas paixões que deles nascem; e as faculdades intelectuais também nos foram expostas nas operações do entendimento e da vontade.

«Embora tenhamos dado a estas faculdades nomes diferentes com relação às suas diversas operações, isto nos obriga a encará-las como coisas diferentes, pois o entendimento não é mais do que alma, quando concebe; memória, quando retém e recorda; vontade, quando quer e escolhe».

///

Demos um outro rumo às nossas pesquisas.

«El Alma y su Mecanismo» (O Problema da Psicologia) da Sr.ª Alice A. Bailey. Desta obra tiraremos algumas definições compiladas pela autora que, como nós, iniciou sua colecta por um dicionário, no seu caso o *Webster*. Diz a Sr.ª Alice Bailey:

«É cabível aqui algumas definições da alma, escolhidas dentre um grande número. É digno de observação focalizar uma notabilíssima uniformidade, em definição e em exegese. Webster define a alma em termos interessantíssimos e, do ponto de vista da sabedoria oriental, com grande exactidão. É uma entidade concebida como a essência, a substância ou causa actuante da vida individual; especialmente da vida manifestada em actividades psíquicas; é o veículo da existência individual, separada do corpo em natureza e usualmente julgada separada da existência».

Das várias interpretações referentes à natureza da alma, apresentam-se três pontos de vista que, em resumo, são os seguintes:

«1.º — A alma tem sido considerada como uma entidade ou sujeito manifesto, especialmente nas actividades pensantes e volitivas do Homem. É o sujeito da experiência em que intervém o corpo. Não é a mente, mas o que pensa e quer.

«2.º — Identifica-se a alma com a mente ou com a experiência consciente. Este é o sentido usual da palavra em Psicologia e é o conceito geral dos idealistas.

«3.º — Considera-se a alma como uma função, ou a soma das funções do cérebro. Por isso, Cabanis ensinava que o cérebro segrega pensamento, como o estômago digere o alimento».

Webster ainda comenta: «Algumas concepções, como a de Fechner, afirmam que a alma é o processo integral unitário espiritual, em conjunção com o processo integral unitário somático, parecendo estar equidistante entre o ponto de vista idealista e materialista».

Talvez que, após essa tentativa de meio termo que é tão importante para o budista, sirva às gerações porvindouras a posição de escape para os extremismos.

«Os egípcios sustentavam que a alma era uma irradiação divina, actuando por meio de um composto peculiar, semelhante a um fluido; enquanto que os judeus a consideravam como o princípio vital. Ensinavam os hindus que a alma humana é uma porção de um princípio imutável, a *Alma do Mundo*, o éter *Akasa*, o condutor de determinados tipos de energia, servindo como meio de relação entre o espírito essencial e a matéria tangível».

Pitágoras, que em seu tempo se empenhou para o congraçamento das filosofias oriental e ocidental, professava os mesmos pensamentos. Na China, Lao-Tsé ensinou que a alma espiritual está unida à alma vital semi-material e que entre si animam o corpo físico. Os gregos, por sua vez, afirmavam que a alma (com todas as faculdades mentais) era separável do corpo; ao passo que os romanos consideravam a alma como tríplice composição: alma espiritual, alma intelectual ou mente e corpo vital. Dentre outros, Teofrasto considera-a como o princípio real da paixão, etc.

Os estoicos deram curso a uma nova designação do princípio animador ou teoria do princípio vital, a saber, o *pneuma*.

Com a introdução do pneuma, unificou-se a tricotomia da personalidade humana, em corpo, alma e espírito, que figurou acentuadamente nas especulações dos teólogos. O conceito de alma ou *psyque*, diferenciou-se em dois conceitos — por um lado, a força vital dos fisioólogos e, de outro, o espírito ou alma imaterial do homem.

Os estoicos, ao acentuarem esta doutrina, ficavam inteiramente em harmonia com a filosofia oriental.

(Continua)

CURAS PSÍQUICAS

J/48

pelo Coronel Faure da Rosa

Gabriel Gabron conta que o Coronel Clarke, depois de ter estudado os milagre de Londres, expôs as suas impressões e reflexões à Sociedade de Estudos Psíquicos de Sheffield.

Não há milagres; o que há são curas psíquicas — afirma Clarke.

Há mais de nove séculos, numa época que ficou conhecida pela designação de «Idade das Trevas» (1), tudo era milagre. A única terapêutica preconizada e admitida eram as rezas e os amuletos que os charlatães vendiam para proteger os crendeiros das doenças fabricadas pelc Demónio. As enfermidades ou provinham de Satanás para que o doente blasfemasse contra Deus, ou teriam sido mandadas pelo próprio Deus como provação necessária para purgar a alma...

Nesse tempo, toda a Europa era uma enorme fossa rescendendo contágio. Os devotos não se alarmavam com a imundície em que patinhavam, mas acreditavam piamente que toda a sabedoria estava na Bíblia, todos os conhecimentos nas mãos dos membros da Igreja.

As próprias cidades de Paris e Londres estavam repletas de casebres com teto de colmo e pavimento de palha, tendo uma abertura no cimo para a fumarada sair. Não havia pavimento assoalhado em cidade alguma do Norte e, quando chovia, as ruas transformavam-se num lamaçal onde os transeuntes se atolavam até à cintura. Não havia iluminação nas ruas; não havia esgotos, nem hospitais, nem escolas, nem estradas. Só havia lixo nas casas, lama nas ruas e pestilência no ar. A Medicina, elevada a alto grau por Hipócrates e 9aleno, ruira.

A ignorância e a sua filha, a brutalidade, governavam o cérebro humano.

Como vai longe esse tempo de chafurdo!

O número de curas obtidas em Londres — observa o Coronel Clarke — é excessivamente diminuto em relação às multidões que todos os anos demandam a famosa gruta. Esse número mais reduzido fica ainda se lhe abatermos as curas que não se mantêm.

O Coronel Clarke, como partidário da hidroterapia, lembra que a água fria foi apregoada em todas as civilizações como panaceia — e até a Bíblia a indica — para aliviar males ou para os curar, sobretudo quando os doentes se sentem bem penetrados pela fé que os cânticos religiosos e as preces incutem.

Contou-lhe um sacerdote como conseguira curar uma mulher a quem os médicos não davam mais de 24 horas de vida.

Um paralítico curado em Londres, narrou o seu caso: fora transportado numa maca e só podia tomar líquidos. Crianças que não tinham mais de um ano curaram-se das suas enfermidades.

O Coronel Clarke julga que o choque produzido pelo mergulho na água fria, acrescido do «choque psíquico» causado pela fé, teriam tido poderosa importância nas curas: chagas ulcerosas cicatrizaram, às vezes, à vista das enfermeiras.

Alexis Carrel, o sábio do Instituto Rockefeller, entendia que nas curas de Londres intervinha uma «transferência de forma vitalizante», que tanto podia dar-se pela fé energética do doente como pela dos assistentes.

Foi, certamente, pela fé energética da assistência que aquela criança de dois anos e meio, cega de nascença que a Senhora Carrell tinha nos braços, começou a ver: «Quando a Sagrada Custódia passou por diante dela, lágrimas abundantes correram dos olhos da criança até então fechados. Após a passagem da Sagrada Custódia, os olhos da criança abriram-se; seus olhos viam».

Bernadette, a aldeã a quem teria aparecido a Virgem, com certeza que era médium vidente.

Clarke crê que Espíritos de médicos desencarnados desempenham um papel importante nas curas.

Já em 1937 Gabriel Gobron notara que na Grã-Bretanha se multiplicavam as igrejas onde se faziam curas: paralíticos, surdos, cegos de nascença, cancerosos, raquíticos, etc., tinham conseguido curar ou, pelo menos, aliviar os males de que padeciam.

O *Greater World* de 29 de Dezembro de 1945 publicou desenvolvida notícia do «Lar de Curas», situado em Clifton-Bristol, Pembroke Road.

As médiuns curadoras não só tratam doenças qualificadas, mas também combatem os pensamentos pessimistas dos doentes, que, a final, doença é, também, e das piores.

O «Lar de Curas» recebe dezenas e dezenas de cartas de ex-doentes a manifestarem a sua gratidão pelos benefícios recebidos.

Os Espíritos desencarnados mais progressivos dizem-nos que os «médiuns curadores» que apregoam que os seus «guias» podem curar todas as doenças, são os piores inimigos do Espiritismo. Cuidado com os charlatães!

A médium Phyllis Waspe trata, por semana, uma média de 76 doentes, entre velhos, adultos e crianças.

---

(1) *GROVE WILSON: «Os grandes Homens da Ciência».*

O «Lar de Curas» está registado no Ministério da Saude de Londres.

Repetidas vezes vários médicos pedem o internamento de doentes seus naquela Casa de Saude. A mais perfeita harmonia existe entre os médicos locais e o «Lar de Curas».

Margaret Gill, de 30 anos de idade, foi atacada por uma aguda e pertinaz nevrite em ambas as mãos, o que a impossibilitava de qualquer trabalho. Andou de hospital em hospital, de consultório em consultório, até que, por fim, os médicos a desiludiram: o seu mal era incurável.

Pessoa amiga lembrou-lhe o tratamento psíquico que habitualmente se faz na «Missão Espiritualista» de Londres. Margaret foi ali tratada durante cinco semanas: ficou radicalmente curada.

O *Picture-Post* de 8 de Abril de 1939 relata que numa igreja construída entre as ruínas de uma fábrica em Islington, três homens todas as noites tratam vários doentes e dirigem o serviço da comunicação com o «outro lado da vida».

Esses três homens pertencem à classe humilde: um é tipógrafo, outro condutor de «omnibus» e o terceiro telefonista. A igreja abarrota de gente que ali acorre de todos os lados de Londres, para se tratar das doenças de que sofre: bronquite, catarata, reumatismo, etc. Os curadores também actuam a distância, como se deduz da lista dos doentes onde figura uma mulher residente na Índia.

Nenhuma doença, ainda que o seu tratamento tenha sido abandonado pelos médicos, amedronta estes «curadores psíquicos»; pelo contrário, até desejam empregar a sua energia psíquica nos casos mais complicados.

As sessões de tratamento efectuam-se, principalmente, ao domingo e duram até à meia-noite e, às vezes, atingem a madrugada.

Há noites e horas reservadas para instrução e desenvolvimento de médiuns, para o que organizaram três grupos, cada um deles dirigido por um dos curadores.

O desenvolvimento mediúnico não se consegue com rapidez. Casos têm havido em que os médiuns novatos têm de esperar anos — seis a oito, por vezes — para que os considerem aptos para trabalhos mediúnicos públicos.

Com vista aos *nossos médiuns*, que pretendem desenvolver-se em semanas?...

Lady Clerk, antiga embaixatriz da Inglaterra em França — escultora, pintora e compositora musical — fazia curas extraordinárias em Paris, embora a Medicina tivesse considerado os doentes em estado desesperado, e isto pela simples aposição das mãos.

Do mesmo modo o Dr. Axel Munthe, num Hospital de Sangue durante a guerra de 1914-18, aliviou muita dor, fez desaparecer muito sofrimento a muitos feridos moribundos.

Lord Halifax — antigo vice-rei da Índia, autor do livro *Ghost Stories* — atribui a cura da gravíssima doença que o acometeu à revelação de um amigo desencarnado. Apenas restabelecido, conviveu com os sábios hindus; foi assim que obteve conhecimentos espiritualistas que a ciência oficial europeia ainda hoje ignora.

Curas psíquicas sempre se fizeram. Na Grécia antiga, Esculápio era o deus da arte de curar. No seu santuário rezavam os fracos e os sofredores.

Um indivíduo paralítico dos dedos rezou a Esculápio e, num sonho que teve, o deus pegou-lhe nas mãos; de manhã, ao acordar, achou-se curado.

Um cego sonhara que as mãos do deus lhe tocaram os olhos; de manhã pôde ver.

Um cão do templo de Esculápio lambeu os olhos cegos de Tisão, e os olhos pasaram a ver.

Uma rapariga sofria de hidropisia. O pai orou no templo em Epidauro (Grécia) e teve um sonho estranho. Regressando a casa, ali soube que a filha tivera o mesmo sonho e ficara curada.

Sugestões produzidas em sonhos, sem dúvida; mas nem por isso deixam de ser curas psíquicas.

Estes factos permitem-nos compreender que os chamados «milagres» não são monopólio de nenhuma religião; o que eles fazem é contribuir para a formação da «Religião do futuro» por novas vias e mais completas.

«O Mundo anda tacteando nas trevas, em busca de alguma coisa que esteja para além dos interesses materiais — escreve Mary Pickford numa revista norte-americana. O Mundo quer religião, necessita dela; porém, mais do que tudo, creio eu, precisa de saber formular em novos termos a religião, de alguma coisa capaz de elevar esta bela instituição acima de intrincadas definições e rituais, pondo-a a um nível de tanta simplicidade e utilidade, como, por exemplo, as funções respiratórias».

OPERAÇÕES CIRÚRGICAS E MÉDIUNS CURADORES

Como pode o animismo explicar as operações cirúrgicas efectuadas por Espíritos desencarnados?

Ao professor Leopoldo Machado, abandonado pela ciência oficial, foram extraídas pedras do fígado. O cunhado deste professor foi operado de uma úlcera no piloro; outras pessoas foram tratadas e curadas de vegetações no nariz, cálculos biliares, etc.

Em Washington, o médico-cirurgião desencarnado, Dr. Rush, actuando na médium curadora *Miss* Barr, realizou admiráveis operações cirúrgicas. O filho dum sacerdote protestante americano, ferido em um joelho, no futebol, sofreu repetidas operações sem resultado e o médico assistente chegou a dar-lhe duas horas de vida, apenas. O Espírito do Dr. Rush opera-o e, com grande admiração do sacerdote, dos en-

fermeiros e doutro pessoal do hospital, o pus derrama-se, esgota-se. Decorridos dois dias, o rapaz recomeça a andar, depois de algumas semanas de imobilidade.

Uma jovem de Búfalo de visita em Washington, foi acometida duma pneumonia dupla. A mãe é chamada com urgência. O médico declara que a doente não pode resistir mais do que uma noite. A médium *Miss* Barr intervém, o Dr. Rush opera-a (a médium sentiu o sofrimento causado pela operação) e três dias depois a jovem regressa a Búfalo.

A assombrosa operação de apendicite — atestada por médicos, jornalistas e outras pessoas — efectuada em Pindamonhangaba (Brasil), pelo espírito materializado dum médico falecido há mais de 19 anos, ocupou alguns dos maiores jornais fluminenses, como «A Noite», «O Globo» e o «Correio da Noite» (1).

O médium curador inglês W. T. Parish, falecido em fins de 1945, tratou cerca de quinhentos mil doentes. *Psychic News* afirma que não há doença conhecida da Humanidade que não tivesse sido curada por ele (2).

Em toda a parte onde a acção do Espiritismo é eficiente se encontram médiuns curadores assistidos por reputados médicos desencarnados.

A Senhora D. Maria Emília Gândara Viana refere que existe em Portugal um grande curador, o qual tem feito milhares de curas sem jamais aceitar qualquer recompensa pelo seu trabalho (3).

Gabriel Gobron pergunta: «Medicina no ano dois mil.?».

Todos virão a sabê-lo, neste ou no Outro Mundo.

MAGNETISMO CURATIVO

O Dr. Laszky, médico de Viena, publicou em 1925 um opúsculo acerca do fluido magnético, cuja existência os próprios tribunais reconhecem, visto terem absolvido muitas vezes curadores que provaram, com factos controlados, possuirem essa faculdade.

Desde Braid que as escolas médicas de todos os países tomaram o partido dos *animistas* contra os *fluidistas;* isto é, as escolas médicas entendem que as curas magnéticas são devidas a auto-sugestão.

É o triunfo da Medicina de imaginação do abade Faria. Mas a experiência vem demonstrando que se os animistas têm razão, os fluidistas também não deixam de a ter. As curas por sugestão não invalidam as que se obtêm pelo fluído magnético.

O Dr. Laszky, como Beziat, mostrou exuberantemente que «há radiações do corpo, as quais, ao passarem pelos doentes, curam diversas afecções em que os medicamentos aplicados se mostraram impotentes». Tais radiações não são eléctricas, mas *sui generis* e actuam de tal modo que restabelecem o equilíbrio alterado das funções celulares, notavelmente o equilíbrio químico.

Sudre entende que o magnetismo animal é uma transformação da energia química.

O Dr. Laszky cita casos de cura que obteve e resume as suas experiências em cinco proposições:

1.ª O magnetismo humano existe; é uma força transmissível de um para outro homem e é curativa.

2.ª O magnetismo é uma radiação ondulatória que provoca vibrações análogas nas células e nos humores do corpo do doente.

3.ª Todo o homem possui forças magnéticas, diferentes em quantidade e qualidade, e é por este motivo que nem sempre actua no seu semelhante.

4.ª O magnetismo animal nada tem que ver com a hipnose e a sugestão: é uma força específica.

5.ª O tratamento magnético não logra bom resultado se o doente não souber descrever as perturbações que lhe possam causar a recrudescência das crises, recrudescência que é uma das primeiras consequências do tratamento.

Não obstante o estudo do magnetismo curativo ser extremamente difícil, não só pela raridade dos verdadeiros curadores — que o escalracho dos charlatães e dos ingénuos pretensiosos que se julgam eleitos — mas também pela enormíssima dificuldade de separar os efeitos da sugestão dos efeitos do fluido, vários cientistas crêem poder assegurar que há fluido magnético e que há curas.

A HIPNOSE

O Dr. Pascal arranjou a mistura de dois narcóticos (a «scopolamina» e a «chloralose») a que deu o nome de «scopochloralose», que, tomada em certa dose, produz uma espécie de sono sonambúlico inteiramente semelhante ao sono hipnótico profundo. A facilidade de obter o sono com o emprego da «scopochloralose» permite responder vitoriosamente aos críticos que negam a existência do sono hipnótico. O Dr. Pascal vai mais longe: além de acreditar no hipnotismo, entende que o sonambulismo natural, a embriaguês do «haachich» (composição extraída do cânhamo indiano), o êxtase dos místicos, o transe dos médiuns, sob diversos aspectos, não são mais do que as diferentes formas do sono hipnótico.

Vários médicos de Paris, de Nice, de Lausane, de Bordeus, de Liege..., que empregaram a «scopochloralose», conseguiram que os pacientes caissem no sono hipnótico e assim pudessem ser submetidos a tratamento adequado pela sugestão.

---

(1) *«Estudos Psíquicos», n.º 8 de 1945, pág. 235.*

(2) *Idem, n.º 2 de 1946, pág. 53.*

(3) *«Estudos Psíquicos», n.º 8 de 1946, pág. 245.*

O Dr. Baruk, no relatório que apresentou no Congresso de médicos alienistas e neurologistas realizado em Bruxelas de 22 a 28 de Julho de 1935, declara que o sono produzido pela «scopochloralose» é muito favorável às sugestões terapêuticas.

Carl du Prel, a propósito da utilização da hipnose no estudo do Espiritismo, diz que a hipnose é um estado em que o médium, tendo perdido, momentâneamente, a vontade própria, faz e diz o que agrada ao hipnotizador — dentro de certos limites — e este é o ponto esencial. Talvez um dia se possa vir a saber se os desencarnados têm capacidade para levar o médium à hipnose e, em seguida, fazê-lo agir por sugestão.

Têm-se visto muitas vezes fantasmas materializados magnetizarem o médium.

Durante a última guerra, o Dr. Howard Klein, do Corpo Médico do Exército norte-americano, conseguiu mergulhar na hipnose um prisioneiro alemão de alta patente e deste modo obter dele as informações que pretendia (1).

Klein hipnotizou 15 crianças vesgas, três das quais apresentaram melhoras sensíveis.

Klein pretende ter demonstrado que os ouvintes podem ser hipnotizados pela rádio.

O articulista conta que «recentemente, puseram ao microfone, na Inglaterra, um hipnotizador, e os resultados foram tão perturbadores que o governo decretou uma lei proibindo o hipnotismo pela rádio».

Em regra, ninguém pode ser hipnotizado contra sua vontade, mas há excepções. Klein consegue hipnotizar 70 % dos pacientes.

Como Aksakof, Axel Munthe e outros experimentadores, Klein também afirma que o hipnotizado nada fará contra os seus princípios morais, nem agirá de maneira perigosa para ele mesmo.

---

(1) «Selecções do Rider's Digest», de Novembro último, pág. 115.

Aos Representantes Brasileiros

Havendo necessidade de regularizar as contas das assinaturas da revista, venda avulsa e venda de livros de nossas edições, pedimos aos estimados representantes brasileiros o obséquio de nos enviarem balancetes descriminativos referentes a 31 de Dezembro último. Até novas instruções, que serão dadas brevemente através destas colunas, as importâncias respectivas deverão continuar a ser remetidas ao confrade Henrique Magalhães, Avenida Passos, 30, 1.º — Rio de Janeiro.

O Espiritismo a Serviço da Educação

O Ginásio Leopoldo, *de Nova-Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, estabelecimento de ensino construido em 1930, da iniciativa e direcção do Prof. Leopoldo Machado, nome que dispensa apresentação no meio espirita, passou, a partir de 1 de Janeiro de 1948, a pertencer a uma sociedade por cotas, feita entre espiritas esclarecidos e idealistas, que compreendem que a melhor maneira de servir a Causa é educar a infância e a juventude nos moldes da Doutrina Espirita. A administração, os métodos pedagógicos, a disciplina, tudo, enfim, sob a influência da Doutrina Espirita, visto que o ensino* — o Ginásio Leopoldo *mantém três cursos oficializados — tem que obedecer aos programas oficiais.*

O seu fundador, que há quatro anos estava fora da sua direcção, volta a ela; e a sua volta, bem como a do seu director-técnico, Prof. Newton Gonçalves de Barros, foram recebidos com regozijo pela cidade, pelos pais, alunos e ex-alunos. Muitos destes últimos constituiram a Sociedade dos Ex-alunos do Ginásio Leopoldo, *com finalidades educativas.*

O director-técnico, que é espirita militante e presidente do Centro Espirita André Luis, do Rio de Janeiro, acaba de concluir o seu curso na Faculdade de Filosofia e continua como estudante da Escola Politécnica. É expositor e pregador muito apreciado.

O Ginásio está a sofrer profundas transformações no seu prédio, nas suas instalações e no seu corpo docente.

Muita gente alegou que, sob direcção francamente espirita, o Ginásio, que encerrou o ano com matricula superior a mil alunos, sofreria grande redução na sua frequência. Puro engano. O curso de férias até 10 de Janeiro corrente, na força do calor, já tinha cerca de 200 alunos, e os pedidos de matricula são constantes.

A integração definitiva do Ginásio Leopoldo *nos moldes da nossa Doutrina é um grande marco no progresso do Espiritismo no Brasil.*

Damos esta notícia com alvoroço, certos de que todos os leitores de Estudos Psíquicos *a lerão jubilosamente. O público já se vai familiarizando com o Espiritismo, mercê de tenacissima e bem orientada propaganda.*

Alea jacta est !

Unificação do Espiritismo

por Nabor da Graça Leite
(representante de Estudos Psiquicos em Bauru

Existe hoje no Brasil uma preocupação dominante nos meios espiritas do país: A unificação do Espiritismo. Isto não quer dizer, entretanto, que a Doutrina codificada por Kardec se encontre em marasmo na Terra do Cruzeiro, seja por falta de unidade doutrinária ou de união entre os espiritas. Nada disso. Não se verifica, pròpriamente, nem uma coisa, nem outra, pois, no primeiro caso, por exemplo, se a unidade doutrinária não é tão perfeita quanto seria de desejar-se, não é ela, também, nenhum caos; e se ainda se não começou a controlar o exercício da mediunidade ou práticas espiritas, no sentido de uniformizá-las, segundo os princípios básicos codificados pelo Mestre Allan Kardec, ainda assim não se pode dizer que tenhamos falta de unidade doutrinária espirita, porque esta, em última análise, ressalta até nos meios (e são poucos) em que as obras do Mestre Kardec não são adoptadas. Mesmo aí, onde não é seguida a escola kardeciana, mas se obtêm comunicações de espíritos, não se pode afirmar que haja falta de unidade espirita, porque a própria aceitação delas já implica unidade doutrinária, visto que, nas obras de Kardec, a comunicabilidade dos espiritos é o facto primacial que serve de fundamento à parte científica do Espiritismo. Depois, há o aspecto filosófico e moral da Doutrina, que é encarado sempre em todos os meios espiritas, especialmente este último, pois onde quer que se faça espiritismo no Brasil, o pensamento central é a prática do bem, sobretudo pela difusão do Evangelho de Jesus Cristo.

Mesa que dirigiu os trabalhos da 3.ª Semana Espirita de Bauru, quando falava o Prof. Emilio Manso Vieira, representante da União Social Espirita

///

Uma particularidade interessante e curiosa do Espiritismo prático no Brasil, verificada por muitos estudiosos, é a manifestação de espíritos de antigos escravos africanos que dão provas de elevação moral e grande humildade, havendo por isso a chamada «corrente dos pretos africanos», conhecida em todo o Brasil, entidades essas que geralmente se caracterizam por usarem da expressão «pai», seguida do respectivo nome, como, por exemplo, Jacob, Manuel, João, Domingos, Lucas, Feliciano, etc., etc., talvez como reminiscência dos tempos da escravidão, quando aqui muitos deles trabalharam com amor e devotamento em várias regiões, pelo progresso material e moral do Brasil.

Quanto a união, sob os três aspectos: associativo, moral e espiritual, há mais de 60 anos que isso vem sendo cuidado pela entidade máxima do Espiritismo no Brasil, isto é, a Federação Espirita Brasileira, que tem sido incansável no trabalho de arregimentação de centros, grupos e organizações espiritas, sem deixar nunca de propinar-lhes permanentemente sadia orientação evangélica e doutriária, contribuindo assim para que se formasse aqui uma verdadeira geração de espiritas esclarecidos e conscientes do papel que devem desempenhar para o progresso individual e colectivo da Humidade.

///

Sobre a unidade doutrinária, tem a Casa Máter desenvolvido trabalho eficientíssimo, pois a propaganda, feita por ela, do Espiritismo, tem obedecido até hoje ao que se acha nas obras fundamentais de Allan Kardec e no Evangelho do Cristo. Seguindo uma perfeita esquematização traçada de planos superiores por aqueles que dirigem os destinos morais, espirituais e até mesmo sociais do «Coração do Mundo», a Federação Espirita Brasileira — que de há muito possui editora própria — leva a todos os

quadrantes do Brasil, mesmo aos mais longínquos rincões brasileiros e também ao estrangeiro — a palavra de consólação e fé, segundo o Cristianismo redivivo na sublime Doutrina dos Espíritos.

Mas —perguntará talvez alguém —, se assim é, porquê essa palavra de ordem de *unificação espirita*, quando o nome que menos aparece é o da entidade que mais tem trabalhado pela unificação do Espiritismo no Brasil ?

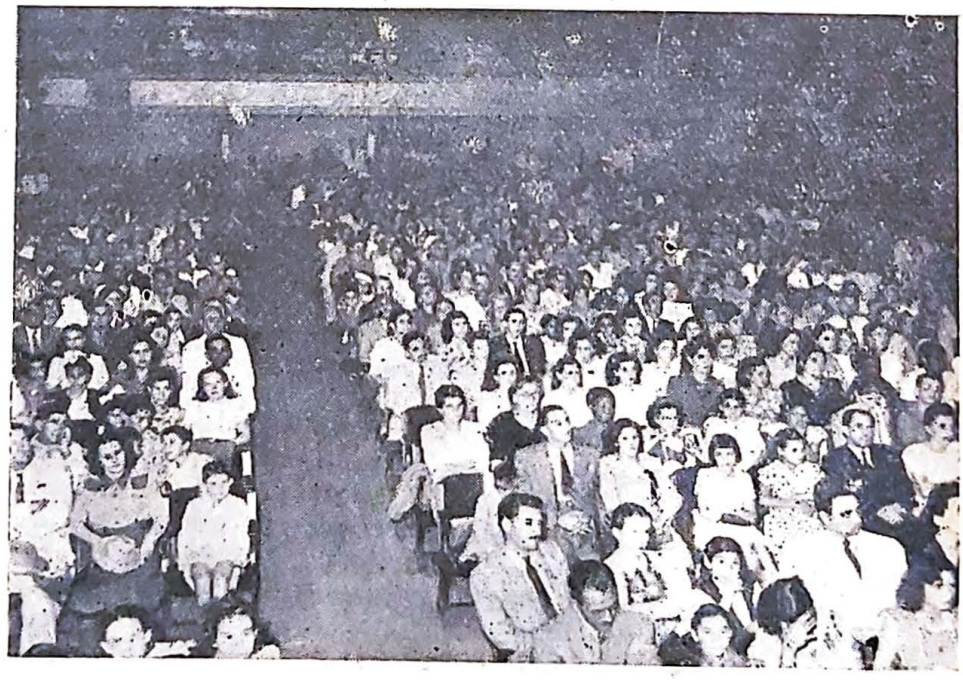
É que, sem infirmar o que dissemos — de que não há desunião no Espiritismo brasileiro — contudo, não se pode, a rigor, dizer que todos os homens, interessados já na propagação do Espiritismo, estejam perfeitamente identificados com essa unidade de ensinos que há muito vêm sendo ministrados pelas falanges de Ismael — o Guia do Brasil — tanto do plano material, como espiritual. E não nos devemos admirar de que tal aconteça (e nem isso impedirá a continuidade da obra majestosa do Cristo), pois que, retrocedendo no tempo e no espaço, há dois mil anos seguramente, até nos escolhidos pelo Mestre como seus discípulos amados, iremos encontrar algumas vezes o desentendimento e a incompreensão, no tocante aos ensinos dados directamente pelo próprio Jesus !

///

Como dizíamos, a verdade é que se processa no Brasil esse grande movimento de unificação do Espiritismo. Em todos os Estados trabalha-se activamente por que mais e mais se fortaleçam os laços de união existentes na família espirita brasileira. Com esse objectivo, S. Paulo e, dentro de S. Paulo, Bauru — a filha indómita e progressista do Noroeste, vem desenvolvendo suas actividades de expansão doutrinária e evangélica de molde a colocar cada espirita no sector de trabalho que lhe cumpre, para desenvolvimento sempre maior e mais eficiente de tudo o que diz respeito à nossa Doutrina. Contando aproximadamnte com 24 entidades espiritas — inclusive uma Juventude bem organizada e melhor orientada que há quatro anos trabalha activamente pela formação cristã espirita de centenas de moços, e uma Instituição denominada «Lar dos Desamparados», de assistência a velhos, crianças do sexo masculino e a obsidiados, além de muitos grupos espiritas, uns de carácter oficial, outros familiares — nossa cidade possui cerca de dez mil espiritas, para uma população de 70.000 habitantes. E se muitos deles, por questões de comodismo ou desatenção aos tempos novos que requerem de todo o crente cooperação consciente á Causa do Evangelho, ainda não saem de público para o testemunho desassombrado da crença que abraçaram e não participam pessoalmente das obras assistênciais e doutrinárias — contudo, uma grande percentagem já o vem fazendo e assim é que se pode dizer não ser mais uma promessa, porém uma afirmação de êxito o que alcançou o Espiritismo bauruense, quanto à citada unificação. Devemos dizer que é particularmente sob este aspecto, isto é, o de compelir os espiritas a tomarem parte mais directa nas realizações assistenciais e doutrinárias do Espiritismo, que gira essa unificação a que nos referimos, especialmente no grande Estado bandeirante, que ainda há pouco realizou o seu primeiro *Congresso Estadual*, sob os auspícios da *União Social Espirita de S. Paulo*, que é quem vem liderando aquele movimento, inegàvelmente importante, o qual, podemos afirmar, tem alcançado óptimos resultados.

///

Foi há três anos, maís ou menos, que se iniciaram os trabalhos visando essa unificação. Por esse tempo, em Bauru, sob a égide de mentores espirituais, realizávamos o primeiro certame de confraternização denominado «Semana Espirita», durante a qual nos di-



Aspecto da assistência no Teatro S. Paulo, em 3 de Outubro de 1947, por ocasião do encerramento da 3.ª Semana Espirita de Bauru

versos centros e, no último dia, num teatro, os espiritas se reuniam para ouvir a palavra do Evangelho num ambiente da mais intensa camaradagem e fraternidade, ensejando isso a oportunidade de visitarem-se nas respectivas sedes de trabalhos, directores e assistentes que, durante o ano, preocupados com os misteres próprios de seus sectores, não o tinham podido fazer. Esse sistema de aproximação dos espiritas tem sido profícuo e vai-se generalizando cada vez mais, de modo que essas festas espiritas se realizam anualmente em quase todas as cidades. Ainda recentemente, de 27 de Setembro a 3 de Outubro do corrente ano, Bauru realizou, sob os auspícios da «União Municipal Espirita», a sua III Semana Espirita, durante a qual se ouviram discorrer conferencistas locais e de cidades vizinhas, sobre temas importantíssimos. Nos últimos três dias dessa festa, tivemos a presença de representantes da *União Social Espirita de S. Paulo,* na pessoa dos srs. Dr. Jony Doin e Prof. Emílio Manso Vieira, que proferiram eloquentes e instrutivas palestras evangélico-doutrinárias.

São aspectos dessa festa de confraternização as fotos que vemos noutro local, tomadas no dia do encerramento, num Teatro da cidade, e que focalizam, uma, a mesa que dirigiu os trabalhos, no momento em que falava o Prof. Emílio Manso Vieira, e a outra, mostrando parte da compacta assistência de perto de 2.000 pessoas que assistiu ao encerramento da III Semana Espirita de Bauru.

Com o que aqui deixamos aos queridos leitores de *Estudos Psíquicos,* apenas desejamos dar-lhes uma ligeira ideia do que actualmente vem sendo a unificação do Espiritismo no Brasil.

Bauru, 20 de Dezembro de 1947.

DO MAGNETISMO

Mesmer levanta a tese do «fluido magnético». Em 1865-1868, Reichembach procura demonstrar a existência do «od», radiação fisiológica humana. Barity, em 1887, diz verificar a «força nêurica radiante». Rochas, em 1891, apresenta a tese de uma polaridade magnética no homem. Em 1903, Blondlot descobre os raios N emanados pelo homem em certas condições. Os trabalhos de Kilner, em 1912, encaminham-se para a demonstração experimental da «aura». Chaigneau e G. Delanne fotografam as radiações humanas nas mais perfeitas condições de contrôlo; Boirac (1908-1912) e Abrutz (1922) pronunciam-se pela existência do fluido magnético. Clifford Best, em 1924, retoma e contraprova as experiência de Kilner. O prof. Fukurai (1910-1928) completa os trabalhos de Darget de fotografia do pensamento. Em 1926, o Dr. Ludwig Laszky afirma a existência do magnetismo curador, pela observação prática dos efeitos...

A Intuição

por José Simões de Matos

A intuição é a base da consciência e da reflexão. É um sentido espiritual que se abre para dentro do ser pensante, assim como outros sentidos espirituais se abrem para mostrar-nos a vida exterior.

Ela se apresenta quase sempre quando não é esperada, motivada por necessidades da razão, que não puderam superar determinadas dificuldades da vida do ser pensante. A sua presença é luz clareando o Caminho, na penumbra de um problema insolúvel, nas várias circunstâncias da vida.

A intuição é a mediunidade dos grandes iniciados, por meio da qual se recebem as mais belas comunicações espirituais, sem perturbar a consciência do médium que, no caso, se vê e sente muito mais e maior. Mas, para que se torne possível o seu desenvolvimento, é preciso conhecer a lei cristã de que nos fala o Evangelho e fazer dela um regulamento para todos os actos da vida. Com isto, não se aconselha a vida beatífica, mas a vida consciente, controlando-se o homem o mais possível em tudo que fizer e disser. Inclusive o próprio pensamento, que também é preciso vigiar. Porque ele só é nosso no momento em que lhe damos acolhida em nossa mente.

Quando ele chega a nós, cumpre proceder com ele, como devemos proceder com alguém que nos bate à porta. Antes de a abrir para o receber, faça-se a luz; verifique-se quem vem e dê-se entrada só àquilo que esteja de acordo com a nossa vida e a nossa consciência.

De outro modo, as coisas se complicam e o sofrimento é certo, por falta de contrôlo que deve orientar todas as coisas, de modo a poder manter-se a harmonia que lhes é peculiar. Esta falta é a causa dos desequilíbrios, que tanto se verificam na ordem material, como na espiritual.

Sejamos previdentes e vigilantes, para podermos viver em PAZ com a nosa consciência e receber intuitivamente as mensagens do nosso Guia, a luz de nossa consciência.

Brasil, Porto Alegre, Maio de 1947.

Fenómenos Supranormais

por Manuel de Sousa

Não compreendo a razão porque se continua a insistir que a mediunidade em Portugal não corresponde em categoria à mediunidade de além fronteiras, quase se descrendo até, — quando se advoga a vantagem de promover a vinda de médiuns estrangeiros a fim de confirmar a fenomenologia — da existência de mediunidades entre nós.

Se assim se pensa, é porque se reconhece que a mediunidade neste pedaço de terra onde encarnamos desapareceu, ou a que existe não merece ser utilizada no estudo da fenomenologia supranormal.

Quem nos garante, porém, que assim é?

Não me permito ir mais além na apreciação deste facto, bastando-me por agora focar o meu caso pessoal para comprovar que a mediunidade *sempre existiu* e continua a existir no nosso meio e que aparece e desaparece sem que na sua existência se tenha reparado, não só devido à ignorância daqueles que possuem essas faculdades, mas também pela ausência de contrôlo suficiente de quem possa ajuizar da sua importância.

Até há pouco tempo pertencia eu ao grande número dos ignorantes e, sem pensar na existência de fenómenos supranormais, vivia sem me aperceber de que no meu próprio lar eles se verificavam.

A ignorância e a superstição explicavam-nos à sua maneira, ou... não os explicavam.

Foi preciso que a minha inconsciência fosse fortemente sacudida especialmente por um caso pasado com uma das minhas filhas, para que a Verdade surgisse ante meus olhos.

Eis alguns factos que contribuiram também para o despertar da minha consciência que sistemàticamente se recusava a admitir fosse o que fosse que pudesse relacionar-se com a vida dum mundo invisível. Na véspera de ser conhecida a notícia da desencarnação do antecessor do actual Papa, sonhei que me encontrava no Vaticano assistindo ao moribundo nos seus últimos momentos. Conversei, depois, familiarmente com todos os presentes e percorri majestosas salas, com a mesma segurança e à-vontade que qualquer dos que estavam habituados a percorrê-las, o poderia fazer.

Ao despertar tinha tão gravados na memória todos os pormenores da cena e do ambiente, que me custava a crer que não houvesse assistido pessoalmente a ela. Contei o sonho a minha mulher e aos meus companheiros de trabalho e todos riram com o «disparate».

Calcular-se-á, porém, o meu assombro, quando no dia seguinte me chegaram às mãos os jornais que, em grandes parangonas, noticiavam a morte do Papa!

Eis ainda dois outros factos bastante curiosos: Encontravam-se minha mulher e minhas filhas num quarto ao lado da cozinha cuja porta dava para o corredor da casa; ao lado, num outro quarto, estava eu a dormir.

Sentindo leve rumor de passos, minha mulher levantou a cabeça e *viu-me* atravessar a cozinha, embrulhado num sobretudo, em direcção ao armário. Fez sinal às filhas para espreitarem o que eu ia fazer, mas as pequenas declararam que não me viam. Convencidas de que eu estava escondido por brincadeira, deram volta aos cantos da casa, até que foram encontrar-me adormecido em cima da cama, coberto com o mesmo sobretudo com que momentos antes minha mulher *me vira* atravessar a cozinha.

Noutra ocasião encontrávamo-nos todos a jantar despreocupadamente e eu ria com as banalidades que estava dizendo às garotas, quando reparei que minha mulher, branca como a cera, tinha os olhos marejados de lágrimas e cravados em mim.

— Que tens tu? — inquiri.

— Valha-me Deus! — respondeu ela — tenho estado a ver na tua cara a cara de meu pai: o mesmo modo de rir, os mesmos olhos, o seu metal de voz e...

— Cala-te com essas tolices! Como podes estar tu a ver a cara de teu pai, se ele usava bigode e eu não?

— Até os seus bigodes eu vi na tua cara!

Isto passou-se há mais de cinco anos e nunca mais se falou no caso: até que, recentemente, estando eu ao espelho a fazer o nó da gravata, voltei-me para responder a uma pergunta de minha mulher. Esta, ao ver-me de frente, soltou um grito de espanto; o fenómeno de transfiguração repetira-se.

Desta vez, porém, comprendi o que se passava e foi em silêncio que respeitei a sua mediunidade.

Setúbal, Novembro, 1947.

(De «O Mensageiro Espirita»)

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

O professor José de Oliveira Rebordão conta o seu "caso", em palavras de invulgar sinceridade

No lar modesto em que nasci, predominava o ambiente religioso do Catolicismo tradicional. Era ainda muito criança e já recitava toda a doutrina, desde o Pai-Nosso que nunca mais esqueci, até aos Mandamentos da Santa Madre Igreja. Dos 7 para os 8 anos fazia a *primeira comunhão* com cerimonial festivo ao Sagrado Coração de Jesus. E foi na repetição deste acto de preparação prévia, sob a direcção de um padre do Colégio de S. Fiel, que teve lugar o primeiro acontecimento de efeito destruidor para as minhas crenças de então.

Falando ao numeroso grupo de rapazes e meninas que ensaiava para a festa, o padre, uma vez, ao estabelecer comparação entre o Bem e o Mal, deu-nos esta imagem desconcertante: — «Todos vós, meus meninos, conheceis um pequeno insecto chamado borboleta. E as borboletas, umas são brancas, outras escuras, quase pretas. Pois bem. As brancas, são as mensageiras de Nossa Senhora, — não as temais. As pretas, são as mensageiras do Demónio, — fugi delas...».

Ora eu, menino de 8 anos, de fraca robustez e tímida sensibilidade, todos os dias de bom tempo fazia o percurso da casa de meus pais para uma pequena propriedade, a pouco mais de 300 metros da aldeia. Uma parte do caminho, — uns 40 metros de quelha funda com altos cômoros aos lados — era ornada de tão exuberante vegetação, que muito se assemelhava a escuro túnel. Por entre as ramagens, cortadas a custo pelos raios do Sol, volteavam de contínuo, em época apropriada, montões de borboletas escuras que, provocando o desprender de folhas secas e outros pequenos estalidos, quebravam o silêncio impressionante daquele cenário.

Quando avistava esse trecho do caminho e os grupos de borboletas saltitando, cobria-me de suores frios e um pavor horrivel me tomava de subito. Mas eu tinha que avançar. E, tirando forças da própria fraqueza, dava um passo inquieto, outro inconsciente, outro ainda... depois ouvia os estalidos, via as borboletas cada vez mais *agressivas*, surgiam demónios em todos aqueles insectos... e só dava por mim no outro extremo da quelha, depois de uma correria louca, com o coração a querer saltar-me do peito.

Que martírio, aquele caminho! O que eu sofria para transpô-lo!

O tempo, na sua marcha constante, foi-se renovando, e eu fui também crescendo em corpo e em entendimento. Não tardou, por isso, que me surpreendesse, fazendo a mim próprio esta pergunta: «Que culpa terão estas borboletas de serem escuras?». E parecia-me ficar satisfeito ao encontrar esta resposta: «Naturalmente, a mesma culpa que as outras têm de ser brancas...».

E assim fui raciocinando, até que o pavor das borboletas se extinguiu. Mas a comparação feita pelo padre, os terrores e os sustos que essa imagem me causou, o conhecimento doutros factos que foram chegando até mim, tão funda impressão me produziram, que todo o edifício da minha fé se foi desmoronando e, pouco a pouco, fui caindo no negro abismo da descrença.

Quando deixei a minha aldeia para ir frequentar as aulas de uma Escola Normal, — aos 16 anos — era já um ateu *diplomado*. Para quê, religião, fé, crença — se vem a morte e tudo acaba? Deus? Alma? Ora! Tudo antiguidades carcomidas pelo caruncho e fora de uso nos tempos modernos. *Tretas*, para entreter a ingenuidade.

E o ponto de partida para esta descrença que exibia com gala, alardeando mesmo uns ares de importância tôla, havia sido, precisamente, aquele exemplo de tão pernicioso efeito e que tanto me apavorou, — o das pobres borboletas...

///

Cheguei aos 22 anos, assim, couraçado de negação absoluta. É certo que já ouvira falar na teoria espírita. Mas «isso», era «coisa» só própria de loucos. Não concebia que gente de juizo se preocupasse com semelhante «parvoice». Exasperava-me. Era tal a minha indignação e a minha revolta, que chegava a a insultar os «doidos» que se atreviam a dizer patacuadas sobre assunto tão «pífio» e de tão «mau gosto». Na minha estulta «sabedoria», era intolerante, irrascível e malcriado. Devia ser, por essa altura, um *senhorzito* muito antipático.

Como me arrependi depois, me arrependo agora, e me penitenciarei sempre, de ter sido tão vaidoso... e tão cego!

Um dia, entrou em casa de meus pais, sobraçando um livro, pessoa de minha família a quem muito respeitava. Era inverno, com dias pardos e frios. Cum-

primentou, sentou-se à braseira, e, com grande espanto meu, pouco depois, só se falava de Espiritismo. Meu padrinho já entrara, esse dia, com intenção formada.

Logo que a conversa tomou tal rumo, comecei a deglutir revolta e mal-estar. E a minha exaltação, sufocada pelo respeito que devia aos que falavam, ia aumentando sucessivamente e à medida que meus pais e uma tia que vivia conosco aplaudiam e concordavam.

Estava tudo maluco, não restava dúvida! No meu desespero, via todos a caminhar para a loucura e sem lhes poder valer! Desejava gritar, pedir que acabassem com tal conversa, mas o respeito impunha-me silêncio. Não podia reagir.

Quando meu padrinho abriu o livro e pronunciou as primeiras frases em voz alta, não pude mais: Sem alarde, mas num desespero incontido, — fugi. Fui para outra sala, a blasfemar, sòzinho, numa vingança terrível.

Passei uma noite má. Mal consegui conciliar o sono. Tinha a impressão de que tudo, ao redor de mim, estava sofrendo estranha mudança. Chegava até a inquietar-me a religiosa serenidade de meus pais!

E enquanto via estranheza em tudo, porque tudo, para mim, naquele novo ambiente, tinha forma estranha, só não via a cegueira do meu orgulho, porque a revolta e o desespero me não deixavam raciocinar.

Meu padrinho voltou no dia seguinte. Veio de tarde, apareceu ao serão, e a conversa foi sempre a mesma, e a minha revolta era sempre igual.

Assim passaram dias... até que...

Veio, finalmente, uma noite de repouso consolador, embora cortado de sonhos feitos aos pedaços. E alta manhã, sem saber porquê, *senti*, como se me fugissem dos próprios lábios, frases como estas: — «Porque te revoltas contra uma ideia que não conheces? Como te atreves a condenar uma coisa, só porque a não entendes? Se não és mal intencionado, porque razão te deixas estar em ignorância? Sê homem, como deves. Estuda. Observa. E condena depois, se esse estudo e essa observação estiverem em desarmonia com a tua inteligência».

Foi o meu despertar para a luz! Ergui-me ràpidamente. Vi, de longe, o livro de meu padrinho, pousado na secretária. Fui-me aproximando muito a medo, voltei a capa e li: «O Livro dos Espíritos» Mas um calafrio me dá estremecimento ao corpo todo. Eu não podia banhar-me na luz tão de repente. Fechei o livro. Corri de novo para o quarto. Mas o livro não me esquecia! E comecei então a sentir o domínio de duas forças igualmente poderosas: uma que me atraía para a leitura; outra que dela me afastava. Porém, a primeira venceu a segunda; e eu, no dia seguinte, voltei a abrir o livro. Li toda a página. Depois duas folhas, depois vinte, depois cinquenta... e quanto mais lia, mais gostava. Li Kardec,

CONFISSÕES

III

Onde orar a Ti, Senhor? Em Ti não há lugar, ó Deus, porque estás em todos os lugares e além de todos os lugares. Mas se o Tudo está contido em Ti e a Tua Majestade desborda esse tudo para se espraiar no incompreensível do ilimitado, então Tu estás em mim e eu estou em Ti, não fundidos porque Tu ultrapassas todos os limites e eu só posso sentir-Te em fragmentos.

Mas a verdade é eu banhar-me nas águas do Teu Ser que outros chamam criação e que, loucos, querem perturbar. Mas a verdade é existir em mim um espelho para reflectir um raio infinitésimo da Tua Luz e um eco para ressoar a Tua Voz.

É pois aí, nos recessos do meu ser ainda incólume da acção desagregadora das culpas que lancei aos ombros, é aí onde a pureza da Tua presença não é empanada pelas manchas da minha existência indefinida, que eu posso, devo e quero orar, glorificar-Te, Senhor, transformar-me num vaso digno da linfa imperecível do Amor do Cristo, Amor que é o átomo da Tua Natureza que eu posso sentir nos limites dos lugares onde caminho.

Eu oro aí, único ponto firme no solo pantanoso dos meus pecados. Eu oro aí, única luz nas trevas do que me cerca. Eu oro aí, certo de que nele estás e não naquele mundo que criei primeiro por ignorância e depois por imperdoável cegueira.

Aí eu oro, suplicando amparo para secar o pântano onde meus pés se atolam, para rasgar as trevas que querem ofuscar meus olhos.

AGOSTINHO

Léon Denis, Gabriel Delanne, Flammarion... Li obras protestantes, folheei livros católicos, li tudo quanto podia contribuir para a formação da minha crença raciocinada...

///

Algum tempo depois, eu era já espírita em teoria. E esta crença sublime, que desde então abracei com entusiasmo, não tardou a ser reforçada pela experiência: Durante meses, durante anos, em minha casa, e em família, a mesa de *pé-de-galo* — tão saudosa! — deu-nos tais certezas, tantas alegrias emotivas e tão profundas e eloquentes demonstrações, que o Espiritismo encheu toda a minha alma e passou a ser, como é hoje e será sempre, o esplendoroso bordão a que me arrimo.

N.º 13
JANEIRO
1 9 4 8

Página Organizada
por KYLAS

No primeiro aniversário desta "Página", saudamos os nossos amáveis colaboradores e a querida miudagem, a quem enviamos o nosso abraço de irmãos mais velhos.

PRIMEIRO ANIVERSÁRIO

No primeiro aniversário desta página infantil, impõe-se-nos dizer algumas palavras destinadas aos miudinhos, que amanhã serão graúdos e em cujas mãos ficarão os destinos de Portugal. A direcção de «Estudos Psíquicos» está plenamente satisfeita com o resultado obtido. De muitas partes nos chegam vozes amigas que louvam a «página» e nos incitam a continuar. São crianças, adolescentes, gente amadurecida pela idade e até indivíduos que, não sendo velhos, porque o espírito zomba dos anos, já entraram na casa dos setenta. Todos gostam da «página», todos a lêem com satisfação, como se, na verdade, dela necessitassem para formação do carácter e recreio do espírito.

Já alguém nos disse que este cantinho serviria de modelo às verdadeiras páginas infantis a inserir em jornais espíritas. Ora isto é o maior aplauso à sua orientação e feitura, o melhor estímulo a quem nela põe toda a alma, todo o carinho, todo o desejo de redenção.

Servir a infância, não é iludi-la com histórias mirabolantes e inverosímeis, mas educá-la com leitura honesta que dignifique a espécie humana. É o que se tem feito aqui, como quem cumpre um dever sagrado a que se não pode faltar. Nas crianças de hoje reside toda a nossa esperança. Da educação que lhes dermos dependerá o futuro do mundo.

Pois bem, meus amiguinhos; estas linhas são de homenagem a KYLAS, essa querida irmã que vos ama e vos dedica a maior atenção, procurando deliciar-vos com verdadeiros contos morais e espirituais e dar-vos conselhos salutares, ao mesmo tempo que vos transmite anedotas leves para distrair sem ofender, porque todos nós devemos ser alegres, que a alegria é o bordão que nos conduz à felicidade.

Para vós, continuará a ser a KYLAS de sempre, vossa amiga devotada a quem podereis escrever, na certeza de terdes uma resposta sincera. O seu verdadeiro nome pouco importa. Um nome é um rótulo, uma etiqueta que nos puseram na ocasião do baptismo. O que deve interessar-nos é a pessoa em si, com todas as suas qualidades. Por isso, dizemos que há gente boa e gente má, conforme o bem ou o mal que espalham a sua volta. A KYLAS é boa, tem bom coração, gosta muito de crianças e continuará no seu posto.

Isto dá-lhe muito trabalho. Tem que ler muito, tem que escrever muito. Também foi criança como vós, mas à força de estudo chegou a doutora. Sim, a KYLAS é doutora. É nova, sim, mas é doutora. Acreditai no que ela diz, porque é verdade. Segui os seus conselhos e estudai, que também chegareis a ser como ela.

KYLAS é o nome com que a chamavam quando era miudinha, quando andava na escola, como vós andais, meus queridos pequeninos. E ela, para se aproximar mais de vós, para se sentir criança como vós, usa aquele nome familiar, aquele carinhoso diminutivo.

Estimai-a, como ela vos estima. Este cantinho da revista é vosso, podeis dispor dele à vontade. Publicaremos o que for do vosso agrado, desde que se não afaste da nossa orientação. Mas a KYLAS sabe o que vos interessa, sabe aquilo de que gostais. Não fosse ela vossa irmã mais velha! Pouco mais velha, porque há também crianças grandes que gostam dos brinquedos e dos contos que vos deliciam. Até eu, meus queridos amiguinhos, me sinto ainda criança, quando estou no meio de vós, assistindo às vossas traquinadas e ouvindo as vossas perguntas de algibeira, que às vezes nos deixam embaraçados.

Mas a KYLAS desta página responderá a tudo. Falai com ela, escutai-a e sereis melhores, mais sábios e diligentes.

E até Janeiro de 1949. Cá estaremos outra vez nesta conversa amena, que a nossa querida KYLAS tem saude e disposição para lá chegar sem dificuldades de maior...

I. D. S.

★

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

É um rosário que se não acaba: é a cadeia do Tempo.

Quantas lembranças nos ligam ao Ano Velho? Quantas esperanças nos sorriem com o Ano Novo?

Seja como for, só temos um caminho a seguir: esquecer os agravos recebidos — eu sei que, por vezes, custa muito perdoar —, meditar no mal praticado, firmarmo-nos no bem já feito, e assim entrarmos no Ano Novo.

Que o novo ano traga bençãos sobre vós, meus queridos pequeninos, espalhando bons pensamentos, resignação e esperança de que tanto se necessita na grande luta da vida.

Vossa irmã mais velha sempre amiga

Kylas

★

Uma injúria perdoada
fica sempre em pensamento.
O perdão não vale nada:
— Vale mais o esquecimento.

Silva Tavares

O CORPO

Corpos estranhos

Vou-lhes dar, meus meninos, alguns breves e fundamentais conselhos acerca do assunto em título.

Corpos estranhos, como a própria palavra o indica, é tudo aquilo que se introduziu no organismo sem, no entanto, poder fazer parte dele, como: alfinetes, bocadinhos de metal, caroços, mosquitos, etc., etc. Segundo o local alvejado, assim serão os cuidados. Vejamos:

Nos olhos:

Se qualquer insecto ou grão de poeira entra num olho, provoca irritação e lágrimas. É fácil a operação: meta a pálpebra superior sob a inferior, e as pestanas farão de vassoura, Se assim não vai lá, levantem então a pálpebra superior de forma a ver-se o interior e com um anel retirem o «visitante» que, se for ferro, melhor virá para a rua com um iman.

No fim de qualquer destas operações, um pouco de água bórica para uma lavagem.

No nariz:

Estes salões de tal modo são susceptíveis que, à mais leve perturbação, deixam sair uma quantidade de espirros que os limpam. Depois não se esqueçam de os «encerar» com um pouco de vaselina.

Nos ouvidos:

Nada de pinças, ganchos, parentes ou aderentes. Um jacto de água morna, de uma boa seringa, pois a própria pressão da água fará sair o corpo estranho. Não usem este processo para feijões, grãos ou ervilhas, porque incharão.

Quando qualquer destes casos se tornar grave, não se esqueçam de chamar o sr. doutor...

Na próxima vez completarei este assunto.

★

Ano Novo Ano Velho!...

De Icléa

Criança!

Que o Ano-Velho se deixe em perfeita tranquilidade de consciência, feliz, muito feliz, envolta na alegria que sentem os que cumprem os seus deveres, em face das leis de Deus. Que o Ano-Novo se encontre a tecer esperanças no tear de ouro da fé, para o manto de um amor fraterno que por sobre a humanidade deverá estender como dádiva de um coração cristão, como um beijo de luz divinamente belo dos lábios puríssimos da caridade.

(«Para as Crianças»)

★

AS QUALIDADES

O Perdão

Não pode ser verdadeiro cristão o que não souber perdoar.

Que é saber perdoar?

— É não dár ouvidos ao orgulho, à vaidade, à ira insatisfeita, que desejam vibrar na alegria selvagem da vingança.

— É esquecer o nosso brio amachucado, o nosso coração atingido, as nossas esperanças desfeitas.

Eu sei que, por vezes, nos custa muito perdoar — somos, humanos e como tal muito sensiveis à afronta, à ofensa.

Mas — estou agora a lembrar-me de uma poesia «La Vengeance» (A Vingança), do poeta francês Ch. Fr. Panard: Por muito grande que seja a ofensa, devemos deixar passar uma noite entre a injúria e a vingança, pois a aurora torna menos negro o mal que nos fizeram na vespera e aquele que se vingou no dia anterior acorda arrependido no seguinte.

Aprendam a esquecer — ser-lhes-á mais fácil perdoar.

Vejam lá como a falta de memória pode ter vantagens.

★

Ó alta serra da neve
Donde o penedo caiu!
Ninguém diga o que não sabe
Nem afirme o que não vir.

Popular

HISTÓRIA PARA CRIANÇA

(Para os nétinhos de Portugal)

por Vitorino dos Santos

Era Arlete uma menina
De sete anos, pequenina
E muito meiga e gentil;
Os seus pais eram burgueses,
Os seus pais eram burgueses
Bons amigos do Brasil.

São felizes. Há fartura
De pão, de luz, de ventura
Na doce paz do seu lar...
E como um sol, nele brilha
O encanto, a graça da filha,
Esse tesouro sem par.

Vem Dezembro... que alegria!
Tudo é paz, tudo é harmonia...
Aproxima-se o Natal.
Arlete, muito contente,
Recebe um lindo presente
Dos avós de Portugal.

A mãe de Arlete, uma santa,
Nunca vi bondade tanta,
Coração feito de luz...
Vendo-a assim, alegre, quis
Fazê-la inda mais feliz,
Mais amiga de Jesus...

E essa lenda conhecida
Tantas vezes repetida,
E repetida a granel...
Ela a contou, toda inteira,
Como falsa ou verdadeira
Do velho Papai Noel.

Que a filha, à noite, fizesse
O seu «Pai Nosso», uma prece
Com muita fé — devoção,
Que Pai Noel lhe traria,
Lá do Céu, muita alegria
Para encher seu coração.

No quarto, bem no cantinho,
Colocasse o sapatinho
Para o presente ganhar.
Assim fez; de tão contente,
Não dormiu; e ansiosamente,
Passou a noite a esperar.
... ...

Rumor na casa ela ouviu
E perto da cama viu
Um vulto negro — um ladrão!...
E esta pergunta lhe faz:
— Papai Noel, porque traz
Esse revólver na mão?!...

Onde está o meu presente?...
A mamãe disse que a gente
Com isso não deve andar!
O Senhor não traz peteca,
Velocipede, boneca,
Ou iô-iô para brincar?

O ladrão, o assassino,
O mau, o lobo ferino
Chorou de vergonha e dor!...
E partiu, arrependido...
Era outro... um renascido
Pelo milagre do Amor.

Brasil, 27-12-1947

CONTOS DA VIDA...

O Padre Damião

IV

por Ramos Pereira

Era uma vez um garoto cujo maior sonho foi receber o grau de sacerdote. Ele queria ajudar os homens a aproximarem-se de Jesus, queria levar a palavra do Evanglho àqueles que nunca a tinham escutado.

E, assim, mal envergou as vestes de padre, ei-lo que parte a caminho do Oriente, onde existiam selvagens que não conheciam o evangelho do Senhor. Foi reviver para uma aldeia de cabanas, numa ilha pequenina, perdida na vastidão do Oceano Pacífico. Tão bondoso era, tão amigo se mostrava, que, em breve, os selvagens o amavam e respeitavam.

Mas certo dia encontrou pela primeira vez um leproso, a quem a doença dava aspecto repelente. Sentiu horror e fugiu, temendo o contágio.

A consciência, porém, gritou-lhe que o seu procedimento não era digno de um homem que procurava seguir o exemplo do meigo Jesus. Ele tinha de vencer a sua cobardia, tinha de levar palavras de esperança àquele pobre selvagem a quem os outros baniam da aldeia por causa da sua doença.

E foi, embora lhe repugnasse, e foi falar em Jesus ao leproso, a contar-lhe que existem no céu mundos melhores para onde vão aqueles que na terra sofreram serenamente, confiados na infinita justiça de Desus.

Se foi muito belo este acto, pareceu depois ao sacerdote que a sua missão era levar o consolo do cristianismo àqueles que os homens expulsavam do seu convívio — os leprosos.

As autoridades não queriam consentir nesse sacrifício, mas ele teimou e conseguiu a autorização de habitar numa ilha onde só vivam leprosos.

Ali viveu anos seguidos, procurando minorar o desespero de tanto infeliz. E os leprosos ergueram por suas mãos um templo onde o sacerdote passou diàriamente a dirigir as orações a Deus. Uma onda de fé ergueu a alma dos leprosos; fê-los reaprender a amar a vida, abraçados ao seu martírio.

Quando a lepra começou a minar o seu corpo, o cristão sorriu e aguardou a morte, o momento em que a sua alma deixaria a carne enferma para subir aos céus.

Meditai nesta grande lição de amor que o Padre Damião deixou escrita em terras do Oriente.

ANO VELHO!... ANO NOVO!...

Ano Novo ! Vida nova !
Toda a gente o apregoa ;
Mas se o Novo traz esperança,
Do Velho falam à toa.

Pois só lembrando o passado,
Nele meditando a valer,
É que se constroi a casa
Em que devemos viver.

Ano Novo ! Vida nova !
Lavemos o coração.
Vida nova em nossa alma,
Num desejo : perfeição.

KYLAS

O Cego e o Mealheiro

de Teófilo Braga

Era uma vez um cego que tinha ajuntado no peditório uma boa quantia de moedas. Para que ninguém lhas roubase, tinha-as metido numa panela, que guardava enterrada no quintal, debaixo de uma figueira. Ele lá sabia o lugar, e, quando ajuntava outra boa maquia, desenterrava a panela, contava tudo e tornava a esconder o seu tesouro. Um vizinho espreitou-o, viu onde é que ele enterrava a panela, foi lá e roubou tudo.

Quando o cego deu pela falta, ficou muito calado, mas começou a dar voltas ao miolo a ver se arranjava estrangeirinha para tornar a apanhar o seu dinheiro. Pôs-se a considerar quem seria o ladrão, e achou, lá de si para si, que era por força o vizinho. Tratou de vir à fala, e disse-lhe:

— Olhe, meu amigo, quero dizer-lhe uma coisa, muito em particular, que ninguém nos ouça.

— Então que é, senhor vizinho?

— Eu ando doente, e isto há viver e morrer; por isso quero-lhe dar parte de que tenho algumas moedas enterradas no quintal, dentro de uma panela, mesmo debaixo da figueira. Já se sabe, como não tenho parentes, há-de ficar tudo para vossemecê, que sempre tem sido bom vizinho e me tem tratado bem. Ainda tenho aí, num buraco, mais umas peças, e quero guardar tudo junto, para o que der e vier.

O vizinho ouviu aquilo, agradeceu-lhe muito a sua intenção, e naquela noite tratou logo de ir enterrar outra vez a panela do dinheiro debaixo da figueira, para ver se apanhava o resto das peças ao cego.

Quando bem o entendeu, o cego foi ao sítio, retirou de lá o dinheiro e, então, é que se pôs a fazer uma grande caramunha ao vizinho, dizendo:

— Roubaram-me tudo ! Roubaram-me tudo, senhor vizinho !

E daí em diante, guardou o seu dinheiro onde ninguém, por mais pintado, dava com ele.

«Contos Tradicionais»

★

Asseado!

Na hospedaria de província.

O freguês — O quê ! Uma mosca num copo de água ? Que asseio ! Não a bebo.

O hospedeiro, depois de a ter tirado com os dedos sujos :

— Veja lá se não ficou limpo ?

★

As vitórias deste mundo
Lembram-me as águas do Mar:
Cai lá oiro, vai ao fundo...
E um cepo fica a boiar...

Augusto Gil

A LIÇÃO DA FORMIGA

de Astreia

Numa pequena aldeia da França, havia um menino órfão de pai. Contava apenas 11 anos quando este pereceu vitima de um desastre, deixando-o na triste indigência em companhia de sua mãe, que há muito vivia doente.

Com o desaparecimento do esposo e as privações por que passavam, os seus sofrimentos acentuavam-se dia a dia.

Sentado na soleira da porta, o pequeno Mário pensava na sua triste situação.

Tinha fome. E que havia de fazer para ajudar sua pobre mãe, a quem tanto estimava? Por ela estaria disposto a todos os sacrifícios, nem que lhe custasse a própria vida.

Deus nunca desampara os filhos bons. Só um grande amor pode inspirar as criaturas ao sacrifício em favor do próximo, e Mário tinha verdadeira adoração por sua mãe. Banhado em pranto, volveu os olhos ao céu e suplicou a Deus que o não desamparasse, que se apiedasse de sua mãezinha e lhe deparasse um meio de solucionar aquela situação.

Neste instante uma voz suave e bondosa lhe falou:

— Coragem, Mário! Jesus, o teu amigo, não te abandonou!

Animado com estas palavras inesperadas e confortadoras, penetrou na choupana, dirigiu-se ao mísero leito onde a mãe se encontrava e disse-lhe:

— Mãezinha, vou procurar trabalho e dentro em breve teremos o necessário para viver.

Havia tal ingenuidade e convicção nas palavras do pequeno, que a mãe olhou-o ternamente, conseguindo dificilmente conter as lágrimas, que teimavam em rolar-lhe pelas faces descoradas e abatidas pelo sofrimento. E a custo balbuciou:

— Vai meu filho, que Deus te abençoe e te proteja para que eu possa morrer tranquila, vendo-te amparado.

— Oh! mãezinha! Não pense em me deixar! Que seria de mim neste mundo, sem os seus carinhos, sem os seus conselhos a guiar-me, já que mais nada possuo? Não pense assim, mãezinha. Logo que receba o primeiro ordenado hei-de trazer-lhe o que precisa para ficar boa depressa, e verá como depois seremos felizes.

Acariciou a mãe e saiu, na esperança de encontrar trabalho. A pobre mãe não pôde mais conter as lágrimas. No meio de tanta pobreza, sentia-se imensamente feliz.

Havia nas redondezas um rico fazendeiro, senhor de muitas propriedades, mas que tinha fama de muito mau, pela aspereza com que tratava os seus empregados.

Mário bateu a todas as portas pedindo trabalho, menos a esta. Todos o olhavam com desdém e pilheriavam com ele; outros nem lhe davam a menor atenção; achavam-no pequeno demais e muito franzino.

O céu escurecia e um forte aguaceiro caiu de repente.

Desanimado pelo insucesso, Mário entrou numa casa velha e abandonada e sentou-se no chão, a um canto, chorando a sua desventura. Não era por si que derramava aquelas lágrimas, mas por sua mãe. Que fazer?! Já havia batido a todas as portas do lugar e todas se lhe haviam fechado friamente. Só lhe restava a casa do fazendeiro rico, mas a essa não se atrevia a bater.

Assim pensando, escutava o gotejar da água a pingar dos beirais; e aguardando que o temporal passasse, ia olhando as traves da casa, enegrecidas pelo tempo e cobertas de teias de aranha e as paredes esburacadas, quando deu com uma formiga que tentava carregar uma folha e introduzi-la no orifício do formigueiro aberto na parede. Várias vezes tentou, mas sempre a folha caía.

— Coitada! — pensou o Mário. Também não consegues o teu intento. És pequena e fraca como eu...

Mas a formiga continuava a esforçar-se, até que conseguiu transportar a folha para dentro do formigueiro.

— Venceste! — exclamou ele —. Também eu irei tentar, até conseguir o que desejo.

O temporal havia passado. Levantou-se mais reanimado e dirigiu-se a casa do fazendeiro rico. Alguns minutos depois encontrava-se em frente do portão da grande fazenda. Bateu. Um criado perguntou-lhe o que desejava.

— Desejo empregar-me.

O criado riu-se e virou-lhe as costas sem lhe dar resposta.

Mário ficou indignado. Tratavam-no assim, só porque ele era pobre e pequeno, mas um dia também seria grande como eles! Pegou novamente no cordão da campainha e puxou com toda a força.

— Que queres, pequeno? — perguntou uma voz áspera.

Mário reconheceu o fazendeiro e respondeu meio assustado:

— Eu desejava que o senhor me desse um emprego. Minha mãe está doente e eu preciso de ajudá-la.

Havia tanta humildade e firmeza nas suas palavras, que o fazendeiro achou-lhe graça.

— Queres trabalho? Mas que sabes tu fazer?

— Bem... eu farei tudo o que o senhor me mandar e saberei fazer tudo que me ensinarem.

A resposta fora decisiva.

— Está bem, meu rapaz. É de homens da tua têmpera que eu preciso. Irás dormir ali no quarto dos empregados, que é perto do estábulo.

— Senhor! — disse ele humildemente — eu preferia dormir em casa; moro perto e minha mãe precisa dos meus cuidados.

O fazendeiro ficou imóvel, a pensar na grande alma daquela criança. Sentiu que em seu coração alguma coisa despertava, alguma coisa que até então não tinha sentido. Era a Caridade.

Mandou dar-lhe de comer e deu ordem a uma das suas empregadas para ir a casa de Mário e cuidar da doente, até que ela ficasse completamente restabelecida e que nada lhe faltasse para tal.

Apólogo do Lobo e do Cordeiro

Dizem que o cordeirinho e o lobo tinham feito tréguas por certo tempo; e, antes de se acabar, se encontraram ambos bebendo em um regato.

Desejava o lobo quebrar as tréguas e comer o cordeiro, e, para achar ocasião de briga, disse-lhe mui sanhudo:

— Para que me turbais a água que estou bebendo?

Respondeu o cordeirinho:

— Senhor lobo, como posso eu turbar a água se ela traz de lá a corrente, e eu estou cá mais abaixo?

Enfadou-se o lobo da clareza da satisfação, que era maior que a da água, e replicou:

— Pois se ma não turbastes agora, lembrado estou que ma turbastes o ano passado.

— Veja vossa mercê, tornou o cordeirinho, que isso não pode ser, porquanto eu no ano passado ainda não era nascido, e não tenho mais que poucos meses de idade.

Então o lobo se passou da razão à cólera, e disse:

— Pois se não fostes vós, foi o carneiro, vosso pai.

E logo arremeteu a ele e o levou nos dentes.

Assim fazem os amigos de queixas e contendas, buscando crime na inocência e levando por força o que não podem pela razão.

Padre Manuel Bernardes

(Nova Floresta)

A Propósito de Sir Artur Conan Doyle

por F. Noronha

Neste homem notável que honrou a Inglaterra, sua pátria, revelaram-se três predominantes que inconfundem: a ciência medicinal, a elaboração de romancista e o senso de historiador.

Foi espirita de verdade e, ainda recentemente, *Estudos Psiquicos,* em seu número de Julho último, estampando-lhe o retrato, acompanhou este por artigo muito expressivo, da esclarecida autoria de Isidoro Duarte Santos.

Ontem, 12 do corrente, hora quase crepuscular, lendo um almanaque da linda vila de Fafe, deparou-se-me um pensamento de William James, que me fez pensar em Doyle e em Bell, escossês, que foi seu influenciador, conforme declaração do típico médico inglês.

Eis a letra do aludido pensamento: «O melhor uso que podemos fazer da nossa vida, é consumi-la em alguma coisa de mais duradouro do que a própria vida».

Devo informar que possuo a obra, versão francesa do médico Bosquillon, intitulada *Cours Complet De Chirurgie Théorique Et Pratique* — Paris — An IV (1796) sobre a 4.ª edição inglesa, por Benjamin Bell.

Bouillet, em seu *Dicionário Universal de História e de Geografia,* edição 21.ª, dá notícia de dois médicos escoceses, também com o apelido de Bell: John e Carlos, os quais regeram cadeiras de anatomia na Universidade de Edimburgo, publicando o primeiro, em 1807, «*Un Système de Chirurgie Opératoire*».

Qual deles terá influido no ânimo de Doyle?

Convém, nesta altura, transcrever palavras suas, aludindo a «Sherlock-Holmes», incluidas no artigo indicado (col. 2.ª *in fine,* pág. 293): «quando o escrevi, era médico novato educado numa escola de crítica severa, sob a influência do Dr. Bell, de Edimburgo, que tinha notáveis faculdades de observação, pois orgulhava-se de lhe bastarem algumas palavras de conversa com um doente, para diagnosticar a enfermidade e também, não raro, a sua ocupação e sítio onde morava».

O tradutor francês, atrás citado, diz no *Avertissément,* tomo 1.º: «Esta obra não é uma simples compilação, à maneira da maioria dos tratados completos de Cirurgia publicados até agora; é o produto de uma grande experiência. O autor visitou as cidades mais célebres da Europa. Principalmente, habitou Paris, onde viu operar habilíssimos Práticos. Estudou-lhes os métodos com orientação filosófica, que lhe permitiu descortinar inúmeros erros, geralmente adoptados. Não poupou cuidados e atenções para alargar os limites da arte. Penetrou nos mínimos pormenores relativos a cada operação, e encontrou quase na generalidade reformas a levar a efeito. Simplificando um grande número de intervenções cirúrgicas, tornou-lhes a execução mais garantida. Aplicou-se em especial a indicar os casos em que é indispensável operar; o que constitui a objectiva de maior peso para a cirurgia, visto que os erros, a este respeito, por excessiva precipitação ou por falha de senso, são por via de regra funestos, e sempre irreparáveis. A sua larga experiência fê-lo descobrir novos processos de operar, de que cumpre ter-se ideia clara, sendo todos eles assentes em ensaios reiterados com o máximo cuidado. Ele não cessa de comparar as vantagens deles provenientes com as inconveniências dos que acredita dever pôr de parte».

Bell, nos primeiros períodos do prefácio, diz: «Proponho-me dar uma ideia da cirurgia tal qual é praticada presentemente pelos cirurgiões mais peritos da Europa, ou pelo menos oferecer ao público os frutos que me proporcionou a minha própria experiência nos diversos hospitais de que estive à testa, conjugada com o préstimo de minhas leituras e de minha correspondência». Seria este o Dr. Bell referido por Sir Artur Conan Doyle?

Aquele a que me reporto foi «Membro dos Colégios de Cirurgia da Irlanda e de Edimburgo, Cirurgião da Enfermaria Real, Membro da Sociedade Real de Edimburgo, etc.».

O seu *Curso Completo,* de que já percorri o texto nos seis tomos de que é formado, é escrito com preclaridade e luz filosófica edificantes, mesmo para leigos, e, estabelecendo o paralelo com a notícia que tenho acerca de John e de Carlos Bell, que eram irmãos, sou conduzido ao convencimento íntimo, de que

VOZES AMIGAS

Devido à falta de espaço, só hoje temos o prazer de publicar a seguinte carta do nosso redactor-correspondente em Santiago do Chile, Ernesto Moog, recebida em Maio último nesta redacção. A sinceridade das suas palavras repassadas de carinho e interesse pela obra a que metemos ombros dá-nos a certeza de que em terras distantes existem almas que sentem e compreendem o esforço que realizamos em prol da Doutrina Espirita. Isso nos compensa de árdua labuta e da incompreensão de muitos que, não dispondo de elementos de trabalho, entravam a marcha dos outros. A sua obra os caracteriza: são verdadeiros calços na roda do progresso.

Santiago do Chile, 28 de Abril de 1947

Estimado amigo e irmão:

Acabo de receber pela primeira vez um exemplar da revista «Estudos Psíquicos», de sua abnegada e digna direcção, correspondente a Janeiro de 1947. Apresso-me a enviar-lhe as minhas felicitações por tão magnifica revista, não só pela orientação elevada e moderna que mantém, como também pela variedade de interessante material que apresenta. A impressão é cuidada e a apresentação muito boa.

Dos artigos, o editorial «Oito Anos» confesso que me emocionou. Compreendo perfeitamente as suas lutas, sacrifícios, desvelos e o enorme trabalho de lhe tem custado a manter essa revista durante oito anos, em tempo de guerra, com adversários desleais e suportando desilusões, enganos e na incerteza do dia de àmanhã. Mas o seu trabalho tem dado frutos. Os seus esforços não se têm perdido. A semente germinou e está a florescer e os resultados são cada vez mais evidentes. Receba, novamente, as minhas sinceras e ardentes felicitações e a compreensão e adesão de quem, em terras longinquas, sabe avaliar devidamente seus trabalhos e sacrificios.

Sinto-me honrado em colaborar numa revista de tão alto nivel cultural e de tão nitida orientação espiritual, que não só corresponde aos tempos que vivemos e à mentalidade do homem moderno, mas também pode dizer-se que marca rumos claros na imprensa espirita.

Querido amigo e irmão: envio-lhe estas linhas escritas com o coração, porque sei que você as merece, e compreendo que nós, os que lutamos no campo do espiritualismo moderno, devemos apontar imediatamente o bom ou o mau, para estimular o primeiro e corrigir o segundo. Por isso, deste Chile remoto e afastado geográficamente, mas perto de vocês no sentimento e na vontade de lutar pelos nossos grandes ideais, receba esta voz sincera e fraternal que lhe diz:

— Avante! Você está realizando uma obra meritória e de benefício para a humanidade!

Sejam quais forem os obstáculos — e há-de encontrar muitos, certamente —, não há que vacilar; tem de seguir, abrindo passagem na espessa muralha de indiferença que separa os homens, até derrubar essas barreiras e conseguir que todos os seres se unam pelo coração, pelo amor, pela inteligência e pelo conhecimento, a fim de poder aspirar a uma humanidade melhor, maior e mais nobre, sem ódios, nem guerras, nem egoismos, nem crueldades, uma humanidade como a desejam os nossos amigos e mestres espirituais que dos planos subtis lutam conosco para abrir o caminho à suprema justiça, ao supremo bem e ao amor supremo.

Até breve, meu querido amigo. Receba um fraternal abraço do

Ernesto Moog

---

o Benjamin Bell foi o que houve contacto com Doyle, não podendo ser outro.

E, assim, a fenomenalidade de que se orgulhava o Dr. Benjamim, demonstrativa de faculdades espiritas, outrossim me leva a crer em acção espirita, consciente ou inconsciente, de sua pessoa psíquica, exercida sobre Doyle, desabrochando mais tarde no médico romancista e historiador pela maneira conhecida.

Nestes termos, ambos, com conhecimento ou não, do pensamento de William James, fizeram uso da vida, consumindo-a «em alguma coisa de mais duradouro do que a própria vida».

Agora, uma nota que não sei explicar. Qual a misteriosa razão ou o fluido a que devi as circunstâncias que me acordaram o desejo irresistível de elaborar o presente artigo?

Porquê? Para quê?

Que afinidade e analogia exprimem e representam o transcrito pensamento, de traslado num almanaque pretérito (de 1946) e os nomes de dois médicos desencarnados?

E que empenho, oculto para mim ou desconhecida e ignorada impulsividade, me determinaram o folhear o almanaque?

A verdade é que desabafei e me sinto aliviado.

O Actual Momento Histórico

Tradução de KYLAS

pelo Dr. Pietro Ubaldi
redactor-correspondente de Estudos Psíquicos em Italia

Inicia hoje a colaboração em «Estudos Psíquicos» uma das mais poderosas mentalidades hodiernas, cujas obras correm mundo para satisfação das minorias intelectuais que prezam os grandes problemas do espírito. Pietro Ubaldi, o glorioso e venturoso autor da «Grande Síntese», ou «Síntese Cósmica», livro admirável que abarca enorme série de questões filosóficas e sociais, é o nosso redactor-correspondente em Itália. Admirador desta revista, acorreu espontâneamente a auxiliar-nos. Temos, pois, o maior prazer em veicular os seus trabalhos. A sua presença nestas colunas é garantia da honestidade dos nossos processos literários, filosóficos e científicos.

Pietro Ulbaldi é autor dos seguintes livros: «A Grande Síntese», já editada em português; «As Noures»; «Ascese Mística»; «História de Um Homem», «Fragmentos de Pensamentos e Paixões», «A Nova Civilização do Terceiro Milénio», «Problemas do Futuro», etc., etc.

Os quatro primeiros estão há muito esgotados; o quinto e o sexto, inéditos, e o sétimo quase concluído. Algumas destas obras serão brevemente editadas pela Livraria Allan Kardec, de S. Paulo.

Pensador profundo, senhor de intuição extraordinàriamente aguda que o leva a tocar em problemas futuros, como se fossem de hoje; veículo providencial de uma Voz que se faz ouvir para advertir e educar os homens imbuidos de instintos baixos e ideias grosseiras; portador de estilo terso em que a síntese aparece como necessidade e não feitio literário, Pietro Ubaldi traz uma mensagem para o mundo, que já a vai ouvindo em diferentes latitudes, nela meditando com avidez própria de quem aspira a sociedade mais elevada.

Faltava este timoneiro em «Estudos Psíquicos». Chegou agora, para alegria da tripulação, já conhecida e experimentada. O seu primeiro artigo é de aviso aos contemporâneos. É a verdadeira síntese do actual momento histórico, cheio de incertezas e receios fundamentados. Após muitas lutas crueis e sangrentas, o homem não se encontrou ainda. Continua a rastejar nas trevas que a luz espancará um dia, quando as leis biológicas marcarem a hora da ascensão e do resgate.

DR. PIETRO UBALDI

Vamos tentar resumir em poucas linhas o que só num livro poderia ser dito. Esta secessidade de síntese não nos permitirá expor os resultados, sem discussão e demonstração.

No actual momento histórico dois panoramas se apresentam: um, aparentemente superficial, transitório, à vista de todos e no qual muitos meditam. É um panorama real, profundo, em virtude do incessante desenvolvimento das coisas.

O primeiro é de destruição, de mentira e de ódio. Numa palavra, um panorama bestial não-evoluído. Os melhores, que, pela sua evolução, conquistaram os mais altos valores morais da vida, são hoje escorraçados e esmagados pelos piores. Estamos precisamente na hora do mal, cuja característica é negação e desmoronamento.

Por isso os melhores andam fugidos, quase se ocultando, enquanto os piores conquistam tudo. É natural, porém, que os movimentos necessários para passar de um estado de equilíbrio a outro evolutivamente superior, sejam ainda perturbações. É natural que, para passar de um estado de legalidade a outro mais completo e perfeito, se deva atravessar uma fase de ilegalidade, que depois se corrige e se coordena em nova ordem.

Assim, durante a revolução francesa (que teve os seus fins históricos e sociais) a lama vem subitamente à tona. Mas é uma posição falsa, porque lhe não corresponde um valor intrínseco de vida duradoira. Então, ou os filhos de qualquer revolução demonstram estar à altura da posição conquistada ou é a própria revolução que os mata. como aconteceu em França, com Robespierre e companhia.

Mas, em vez disso, que é que surge em profundi-

dade? Pela lei do dualismo universal, a verdade só é completa se for encarada nos seus dois aspectos antitéticos e contraditórios. No extremo do fenómeno histórico actual que aparece à superfície, temos um estado oposto, de preparação subterrânea, de espectativa e amadurecimento. Assim como sob a neve se diz estar o pão, sob esta tempestade amadurecem os germes duma nova civilização. Para compreender isto necessitariamos de conhecer não só as leis históricas, mas também as leis biológicas de que a história humana é apenas uma parte. Quem compreendeu estas leis já não discute com os homens que, em geral, não sabem o que fazem, nem porque o fazem. Bem ao contrário, discutem com as leis biológicas, que os movem e a que eles obedecem, julgando dominá-las, movidos por seus instintos mais ou menos lúcidos e conscientes, instintos que são a força, por meio da qual as leis os manobram. Eis porque o caminho da história não segue ao acaso, nem sujeito ao capricho ou vontade do povo e muito menos dos seus chefes. Quem faz a história são as correntes do pensamento colectivo, que vêm inconscientemente sentidas e expressas das massas. E os chefes serão tanto mais judiciosos, quanto melhor souberem sentir estas correntes, interpretá-las, exprimi-las e dar-lhes personalidade. Logo que eles queiram seguir outra via, substituindo-se aos profundos impulsos biológicos para torcer o caminho, estes se revoltarão e deles se libertarão como de um estorvo, visto que o poder de se governar não pode ter fins egoísticos individuais ou de classe, mas representar uma função biológica, ser compreendido como missão ao serviço da Vida. De outro modo, esta reage e todo o poder humano sucumbirá.

Por conseguinte, o fundo das coisas é bem diferente, é o pensamento e a vontade de Deus que não só transcendem os céus, mas também pairam sobre nós e nas nossas coisas representados na sua obra criadora. Na direcção da história está mais alguma coisa que a pobre e ignorante sabedoria humana. Está a sabedoria de Deus. Que isto sirva de conforto aos melhores, aos mais evoluídos, hoje escorraçados e esmagados.

Quem se habituou a olhar com humildade e amor, orando e entregando-se a este pensamento divino que tudo rege, verifica espiritualmente a existência de uma lei de ordem e de amor que está no âmago das coisas, que as alimenta e vitaliza, deixando, contudo, que, na periferia, na forma e na matéria, domine a desordem e o mal. Assim como nas grandes tempestades oceânicas, a poucos metros da superfície, se encontra a calma, assim também na história. Sob o grande rumor da revolução, a queda das classes sociais e dos tronos e o desmoronamento de enormes construções políticas, está a calma das grandes leis da vida que, lenta mas seguramente, vão preparando o futuro. Futuro garantido, como está garantida a primavera que «deve» («deve» por lei da vida) trazer a germinação das novas colheitas. Não podemos realmente presumir que a continuação da vida esteja subordinada aos homens e aos seus expedientes. Se ela triunfa sempre, e sempre triunfou, como demonstra o facto de ter chegado até aqui, é por ser protegida pela sabedoria divina que a guia, que a nutre e a rege.

///

Vamos agora à parte mais importante da questão. Que é que a sabedoria das leis biológicas, históricas e sociais está preparando para o futuro? A história nunca caminhou melhor; pelo contrário, tem caminhado sempre por acções e reacções, por choques e avançando no tempo, não como um belo rio dirigido pelo homem, mas como um rio que, avançando livremente pela planície, vai serpenteando de harmonia com o seu dinamismo. Portanto, acções e reacções. Portanto, mesmo contràriamente ao cálculo das probabilidades e à utopia, isto é, mesmo que amanhã aconteça o contrário de hoje. Eis a lógica da vida, que não é baseada na contiuação indefinida de estádios idênticos e constantes, mas na compensação dos contrários e no seu equilíbrio. Sabemos que a oscilação entre os contrários, isto é, de um extremo positivo a um extremo negativo, em que todo o fenómeno se muda no seu contrário, é a base da luta evolucionista da própria compreensão. O mais inverosímil e utópico para o observador superficial moderno é, justamente, o mais verosímil e lógico para o observador profundo: é como se estivessemos numa noite que precede um novo dia, pois na vida a noite é a preparação do dia, é a morte que anuncia o renascimento, o mal, a destruição e a matéria que anunciam o bem, a construção e o espírito. Estamos no fundo da onda histórica, que se deve necessàriamente elevar depois, como todas as ondas se elevam. Conclusão: Caminhamos para uma nova civilização do espírito, para a nova civilização do III milénio.

Trata-se agora de saber como será esta nova civilização. Naturalmente porque é nova, por razões de equilíbrio e compensação, deve ser o antípoda daquilo a que hoje chamamos civilização. Não se trata de retoques do velho, de novos ornamentos políticos com substituições que beneficiem novas pessoas ou classes; não se trata de confirmar, mas de iniciar com princípios diferentes. Expor todos estes princípios, é assunto demasiado vasto para um artigo. Bastam algumas indicações. Os valores actuais, postos acima das apreciações comuns, pertencem mais ao plano animal do que ao plano humano, como ele deveria ser compreendido. O homem actual é involucionado, mais animal do que homem. Hoje, o que vale é a força e a astúcia. A honestidade e o mérito são valores superiores de importância mínima. A bondade e a inteligência voltadas para o bem são as qualidades menos úteis na vida social hodierna e talvez

nocivas. Hoje, a estima não anda ligada ao valor, mas à capacidade de prejudicar e à utilidade lucrativa. Isto acontece, justamente porque a nossa balança de juizos é bestial, em vez de humana. O poder não se comprende como função biológica, como missão ao serviço do povo; ao contrário, é conquistado na mira de vantagens individuais. A selecção biológica de semelhante tipo de «mais forte» corresponde a estádios primitivos involucionados. A evolução impõe a passagem à forma de luta e de selecção biológica mais elevada, dirigida à formação de um tipo menos inconsciente, menos egoisticamente isolado. A vida caminha para a formação de grande unidade colectiva e humana, em que é necessário compreensão e colaboração, e não amarfanhamento e esgotamento. A época do senhor e do escravo já passou. Caminha-se para novas formas de liberdade que, todavia, não significam abuso e licença, como se julga, mas nova e mais alta disciplina, uma ordem mais férrea e uma consciência que compreenda a utilidade e a ponha em prática, embora só por espírito utilitário.

///

Hoje, crê-se no número. Basta a maioria, não importa de que elementos, para formar uma verdade, um direito, para estabelecer uma norma de vida, uma lei. Ora, como pode a quantidade gerar a qualidade? Nós não podemos formar uma só unidade, mesmo reunindo infinito número de zeros. É elementar. Hoje, matéria é tudo. É meio, e dela se fez um fim. A riqueza é o objectivo da vida. Substitui-se o continente pelo conteudo. O trabalho material vale mais que o intelectual. O que decide na difusão de uma ideia não é o seu valor, mas a posse dos veículos materiais para difundi-la. As opiniões fabricam-se mecânicamente. Basta ter nas mãos a imprensa e a rádio. A abundância de meios de que dispõe a nossa pseudo-civilização mecânica e utilitária fez esquecer o melhor. Absorveram toda a nossa atenção, subjugaram o nosso espírito, invadiram tudo, substituindo-se a tudo e pretendendo obviar a tudo. Mas sentimos já o terrivel vazio que existe em nós, a falta de directriz, porque quanto mais fortes forem os meios, menos posibilidade teremos de comandar. E o perigo é grave. Pois se não sabemos dirigir com sabedoria, semelhantes intrumentos servir-nos-ão para a destruição universal. Isto já o mundo viu e fez nestes últimos anos. Basta continuar um pouco mais nesta loucura e a humanidade será destruída ou reduzida ao estado de barbaria.

Mas dir-se-á: para chegar a isto é urgente um homem novo, consciente, justo, o que foi e será sempre um utopia. Ora a história mostra que a utopia se confirmará amanhã. Um exemplo disso é o Cristianismo. Aí está um facto positivo: a evolução. É preciso ascender. Esta é a lei da vida, que do íntimo das coisas exerce pressão, não só para se manifestar, mas também para se exteriorizar em manifestações sempre mais perfeitas. E por isto luta-se tanto, experimenta-se tanto. Por lei, o amanhã «deve» superar o hoje. Além disso, o homem actual está ligado a um ponto crítico em que já não é possivel continuar com os velhos sistemas, e decisiva mudança de rota se impõe. Os poderes que tem hoje são muito superiores aos que tinha antigamente. Saber usá-los implica muita sabedoria. O homem da bomba atómica não pode agir com a inconsciência e ferocidade do guerreiro medieval que só tinha ao seu alcance uma fraca lança. Com aquela psicologia, o homem moderno destruiria a humanidade.

Como se vê, a utopia de uma nova civilização não se apoia em sentimentos de bondade e altruismo. Conhecemos o homem e sabemos o que dele se pode obter e quais as molas que o movem. Por isso, deve-se falar no terror que lhe inspirará a perspectiva da auto-destruição e apelar para o seu senso utilitário. Deseja-se apenas que o novo homem seja bastante inteligente para compreender a enorme vantagem que advirá da valorização do factor moral e espiritual na vida de relação, visto só assim podermos ter paz, esperança e aquela confiança que é a única garantia de se gozar o fruto das próprias fadigas. Se não se compreender isto, é inútil reconstruir. Com a psicologia do *homo hominis lupus*, com o sistema da revoltazinha abafada, poder-se-á criar um inferno para demónios e condenados que vivem na terra e um purgatório para os justos que, por isso mesmo, se apressarão a caminhar para mundos melhores. Mas para quem quiser trabalhar na terra, ser senhor e proliferar, só haverá desespero. É preciso compreender esta verdade elementar: quem semeia violência e mal, só pode colher mal e violência; que a reconstituição só é possivel recorrendo ao trabalho, esse acto criador em que o homem colabora com Deus; que não convém fazer mal aos outros, pois quem o pratica não o faz aos outros, como julga, mas em primeiro lugar, a si próprio.

///

Eis as leis da vida. Para obter certos resultados, como, por exemplo, o nosso bem-estar, é preciso seguir estas normas. Todo o acto tem as suas normas, todo o objectivo tem o seu caminho para se atingir. Todos gostarão de viver num éden. Contudo, nós construimos um campo de minas. Que podemos esperar, então? Diz-se, todavia: eu venço e lucupleto-me sobre o vencido. Não. Os vencedores não vencem. Só na sabedoria divina satisfazem uma função biológica diferente da dos vencidos. Funções opostas que se devem compensar e equilibrar para as fusões comuns a que a vida se propõe, indistintamente «para todos», sendo, portanto, em forma diversa, conforme as diversas capacidades. O homem futuro deverá ser mais inteligente, para vencer estas ilusões

psicológicas e não cair nos erros a que elas o induzem.

Concluo. O materialismo, fruto dos últimos séculos, fruto espiritual e material, já deu o que tinha a dar. Como filosofia, tem sido expresso e agora lançou caminho na vida. Como técnica, resta dele o produto útil que é o domínio sobre algumas forças naturais, em parte subordinadas ao homem. Este produto útil é o produto da actualidade e vai transportado (embora reduzido de fim a meio), para o seio de uma nova civilização de tipo diferente. A nossa já atingiu os seus fins. A nova deverá atingir fins mais altos e complexos, servindo-se do produto do trabalho feito no nosso tempo. De um lado a vida diz-nos: basta! E acrescenta: Compensemos, agora, completando o edifício de outro lado. Um vácuo temeroso se formou no lado espiritual. É uma mutilação, um atrofiamento perigoso para o equilíbrio, uma carência patológica a que urge dar remédio. E as forças da vida dispõem-se a preencher a falha, agindo precisamente nesta direcção, tal como fazem na defesa orgânica. Estas forças propõem-se agora construir o novo homem do espírito. Encontramo-nos na noite profunda da matéria. O mundo está em desordem, sem guia e com bem pouco cérebro. O espírito parece morto. A arte não existe. A música é um amontoado de rumores irritantes. A vida procura construir o novo organismo colectivo, espécie de enorme unidade biológica de que a célula é o elemento. Este novo ser cujo organismo reside nas massas, vagueia incerto em torno de sua alma directriz, à semelhança dum monstro paleontológico ante-diluviano. Atendido com o rumor dos que mais gritam e ferem os sentidos e os instintos, desconfiado mas crente, tímido, mas anelante, rebelde, mas fraterno, este corpo social das massas, ainda informe, tenta auscultar em instinto a longínqua voz da vida. E a vida está pronta a gritar-lhe uma palavra nova que as massas ouvirão e seguirão. E nunca como hoje, depois de tanta *destruição* e tanto trabalho, os espíritos estiveram prontos a vibrar numa palavra incendiária feita de verdade iniludível, sentida, vivida, dita a sério. E esperam-na. Talvez ela venha um dia. Nisto pensarão as sábias leis da vida.

GLÓRIAS HUMANAS

Oiço louvores à minha volta.
Sorrio e... calo.
Oiço injúrias vindas doutro lado.
Sorrio e... calo.
A minha ânsia é seguir a mais além!...
E o meu sorriso resulta do confronto
entre o que eu sou
e o que Tu és, ó Mestre!
Sejam os louvores a Tua Glória em mim
e as injurias a minha glória em Ti!

Ramos Pereira

Prece pelos Mortos

(Trad. de I. D. S.) por Constancio Vigil

É o dia dos mortos.

Devemos chorar os que desapareceram para se converter em pó igual ao que levantavam na sua marcha?

Que esta nossa prece seja antes pelos mortos que estão entre nós!

Os de ouvidos que não ouvem, de olhos que não vêem, de coração sem amor, de alma sem a paixão da justiça!

Os que se entristecem ante os nichos dos cemitérios e não se lembram dos nichos dos cárceres; os que tremem ao agitar dos ciprestes e passam rente ao muro dos hospitais sem sentir a dor que os comove.

Os que condenam sem misericórdia.

Os que se fartam sem pudor ante o faminto.

Os que cobram uma ofensa, um erro a um centavo.

Os que sorriem na presença da mulher que se tornou mãe e não tem homem nem lei que a ampare.

Os que voltam as costas ao que está sujo por dentro e não se sabe limpar.

Os mordidos de inveja, porque ignoram que todos somos um e que o triunfo de um é o de todos.

Os que pisam o tapete sem se lembrarem das mãos febris que o teceram, e a relva, sem saberem que a cada passo destroem muitas vidas, e o povo, sem se apiedarem do seu martírio.

Os que saboreiam a fruta, sem simpatia pela árvore; os que comem o pão, sem gratidão pelo lavrador nem compaixão pelo boi.

Os que vestem a seda fabricada por um verme e sentem asco pelos débeis seres que se arrastam na terra.

Os que amam as mariposas para as ver morrer, e os pássaros, para os encarcerar, e as flores, para arrancá-las da planta.

Os outros pobrezitos, que um é juiz e não sofre, embora devido à sua negligência o inocente esteja no presídio; outro, médico, e dorme, depois de negar alívio ao sofredor; outros, funcionários e traficantes, que guardam, sorrindo, o fruto dos despojos; outros que enchem a bolsa de ódio, à falta de ouro.

Os outros mortos também, que o frio social matou; os sem pão, os sem lar, os sem carinho e sem rumo; e os que sendo pequeninos, já não existem para o amor e a cultura; e os infelizes imolados às mãos da cobiça e da crueldade; e as sacrificadas à luxúria, que morrem acocoradas nas cavernas do vício.

Amemo-los a todos! Já que o amor de dois lhes deu a vida, possa o amor de muitos realizar o milagre da ressurreição.

Elevemos ao céu a prece por todos estes mortos!

(De «El Erial», de Constancio Vigil)

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXII

Disse então, o rico: Eu te rogo, nesse caso, que o mandes a casa de meu pai onde tenho cinco irmãos, a fim de que os advirta, para não suceder virem eles também parar a este lugar de sofrimento.

Retorquiu Abraão:

— Eles têm Moisés e os Profetas: oiçam-nos.

Objectou-lhe, porém, o rico:

— Eles são cépticos, mas se lhes falar algum de entre os mortos, eles atenderão, mudando de caminho.

— Não o creias — contestou Abraão —. Se eles não aceitam as Escrituras, tampouco se persuadirão pela voz dos mortos.

Nesta parábola põe o Senhor em evidência os dois extremos: opulência e miséria. Ricos e pobres são espíritos em provação. A indigência é uma prova dura. A riqueza é uma prova perigosa.

É muito mais fácil vencer nas privações e no infortúnio, que no fausto e nas grandezas. Por isso Lázaro venceu e o rico sucumbiu.

A pobreza gera certas virtudes: a paciência, a humildade e a fé; daí as probabilidades de êxito.

A riqueza oblitera os sentimentos, desenvolve o egoísmo, acirra o orgulho, tornando o homem licencioso, amigo de bebedices e deleites: daí a origem das falências.

A pobreza revigora o carácter, espiritualiza. Os grandes cabedais entibiam, afrouxam a vontade e animalizam a criatura.

É esta a grande lição que nos ensinam as duas personagens que figuram nesta parábola.

Os espíritos são submetidos a provas por vários motivos que redundam sempre em seu próprio benefício:

1.º — para se conhecerem, descobrindo suas falhas de carácter, isto é, as qualidades a conquistar e os defeitos a corrigir;

2.º — para desenvolverem suas energias latentes e os atributos de que são dotados, especialmente o da Vontade.

3.º — para terem oportunidades de ascender na senda do progresso, galgando planos elevados.

Lázaro fortificou-se na dor: resistiu, venceu, subiu.

O rico, não obstante ter sucumbido, tirou sérios proveitos da sua queda.

Acordou para a realidade, arrependeu-se, humilhou-se, chegando até a mostrar um certo interesse, um vislumbre de caridade pela sorte dos irmãos; numa palavra: as cordas dos seus sentimentos despertaram.

Ele viu Lázaro. Não viu outros. Certamente não era Lázaro o único habitante da celestial mansão, porém convinha que o rico o visse, porque sobre ele incidira a dureza do seu coração.

O algoz deve ver e reconhecer a sua vítima. Os efeitos do nosso proceder actual, vão reflectir-se na nossa vida do Além.

O rico banqueteava-se, ria, folgava. Lázaro gemia, chorava, sofria resignadamente.

Vem a morte e arrebata ambos, porque a morte é inexorável. O corpo para o túmulo, a alma para o Juizo. A consciência é a faculdade que o Espírito possui para reflectir sobre si mesmo a luz da divina justiça. Cada um de nós traz consigo seu próprio Juiz.

Por isso o rico viu-se envolvido nas chamas devoradoras do remorso, enquanto Lázazo fruía o repouso dos justos. Semelhantes condições, fruto e consequência de causas opostas, não podiam confundir-se: eram bem distintas.

Daí as palavras de Abraão: «Entre nós medeia um abismo». Abismo de ordem moral, porquanto, como verificámos, Abraão e o rico viam-se e conversavam.

Para que os Espíritos culpados ou falidos possam reabilitar-se, não basta o arrependimento, que é o primeiro passo a dar; é necessária a reparação.

Portanto, o rico não poderia ser atendido no seu pedido. Cumpria-lhe voltar à Terra e reparar o mal. «Quem com ferro fere, com ferro será ferido».

«O Pai perdoa, o Filho perdoa, mas o Espírito Santo não perdoa».

A consciência exige que se esgote o cálice do pecado. Só se apaga de todo a lembrança dolorosa do mal praticado, depois de substi-

METAFÍSICA

PRIMEIROS PASSOS

por Ramos Pereira

A consideração da relatividade integral de tudo que me cerca, da minha própria relatividade, força-me a procurar não só a natureza desta relatividade, como o seu fundamento.

Tudo é relativo, é sinónimo de nada ter em si a razão da sua existência. Se olho a complexidade cósmica de que faço parte, vejo-a assim de tal modo determinada, condicionada que chego a imaginar a Lei anterior ao fenómeno por onde deduzi aquela. Eu próprio estou por tal forma integrado nesta realidade cósmica que tenho de considerar a minha liberdade espiritual como uma ironia visto não poder ainda considerar o meu espírito independente do corpo que o enforma.

Tudo é relativo — Tudo está em movimento — Nada tem em si razão da sua existência.

Mas eu não posso admitir movimento sem sentido, sem direcção e, realmente, eu encontro quase sempre essa direcção, esse sentido escondidos na simplicidade dos movimentos, quer seja na rotação e translação dos mundos, quer seja na força germinativa de uma planta ou na postura de um insecto que em seguida morrerá. E quando não encontro esse sentido, tenho de concluir forçosamente que há nisto deficiência de visão minha e não inexistência de sentido de um movimento particular. Mais ainda: — os movimentos integram-se, como elementos de uma resultante, de tal modo o determinismo das coisas é interdependente. Mesmo o acto isolado do homem, o mais independente que eu possa julgar, funde-se na consciência epocal da massa e esta está sempre em relação íntima com a evolução ambiental. Isto é, eu tenho, por amálgama dos sentidos, de induzir a existência de um sentido último. Desta indução não resulta conhecimento final e perfeito, mas, quanto muito, princípio de conhecimento. Eu induzo um sentido que me transcende necessàriamente, visto o meu sentido ser parte infinitésima de que ele é todo.

Eu não compreendo existência sem razão e, principalmente, uma existência que, em mim, (e logo em tudo — eu sou um microcosmo) vem do antes para o depois desta vivência actual. Admitamos que o que sou hoje é a resultante natural do que fui. Bem, mas, se naquilo que fui, eu caminhei nas estradas do determinismo mais absoluto para o menos ou seja para o relativo, eu tenho de concluir que no eu actual não posso nem devo abstrair o quantum pessoal do quantum provocado. A razão da minha existência-vivência não é inteiramente minha ainda que assim se me afigure quando olhada por estádios do actual (já não assim quando encarada por total). Se hoje busco um motivo diferente de viver, para existir, foi pela consideração tanto quanto possível completa do que me cerca e, portanto, da

---

tuída pela reminiscência grata e suave do bem,

Eis o que se infere das palavras de Abraão: «Os daqui não passam para lá, nem os de lá passam para cá».

Disse o profeta Jeremias: «Os que se retiram do Senhor, (os que se afastam voluntàriamente da Lei do Amor, da caridade) serão escritos sobre a terra» — isto é, voltarão a renascer na terra tantas vezes quantas as necessárias, para se purificarem de suas iniquidades, ascendendo, depois dessas existências de expiação, a mundos mais elevados, onde serão felizes em relação com o cabedal de boas obras que tenham praticado e com a forma nobre e altruista com que tenham enfrentado as suas provações.

Os anjos ou espíritos de Luz inspiram os homens, quando eles se põem em condições de os receber.

Se, porém, o orgulho os cega, o egoismo os embota e a má-fé os envolve, a luz sideral não os pode atingir.

Necesário se torna então que os desperte a reacção dura e forte das suas mesmas acções, como sucedeu ao rico desta parábola.

Aquele seu outro pedido do envio de um espírito a seus irmãos, também não podia ser satisfeito, conquanto ele o fizesse na melhor intenção, porque a Lei não se altera.

corrente contingencial que me enlaça, de que faço parte.

(Por isto, criar no homem é ridícula tragédia em face da sua impossibilidade de dar motivo a..., mas um motivo livre, independente, por si).

Tudo é uma existência sem asseidade, é um decorrer caminho a..., por força de... Mas nesta afirmação está escondido o mistério transcendental da própria natureza da existência. Eu tenho de considerar o caminho com um princípio, com o surgir do motivo primeiro, assim como tenho de supor um limite a esse caminhar, limite por força de...

Tenho de hipotetizar um princípio, o primeiro instante do movimento. Qualquer que seja o rótulo, o nome a encimar esse princípio eu tenho de o afirmar ou então nada teria sentido e eu estaria negando a realidade em que fundo a indução das leis. Antes do princípio o que existia? Nada, porque o existir só se põe em termos de movimento e portanto em espaço-tempo. Quere dizer então que no princípio... está a origem do movimento e, por derivação simultânea, do espaço-tempo e da existência. O antes não tem existência tal como sentirmos e compreendermos existência. O antes é a potencialidade de que a actualidade se chama existência. Então, devo concluir, por exemplo, de que eu já estava contido nesta potencialidade? Sem dúvida, eu já lá me encontrava no quantum condicionável e na minha posibilidade de realização do pessoal. E isto tudo por motivo do que fez dar-se o princípio e que dá sentido para... a que dele proveio.

Mas onde residia essa potencialidade? Notemos um absurdo nesta interrogação. Eu não devo perguntar onde, quando o espaço ainda não surgiu. Interpretemos, contudo, o onde como um aspecto, como uma qualidade do antes do princípio. Que fez então surgir o impulso, causa do movimento?

Esta sim é a questão nevrálgica. Há um algo que se situa além do espaço-tempo e do sentido do movimento e que, num momento, passou a existência com todas as suas características. É um algo que é e que depois passou a ser em limites (os do espaço, os do tempo e os do motivo). Mas esse momento deve exprimir tão só uma mudança de natureza do «quid» por força de si mesmo (Já estou pensando no limite para não me alongar na consideração de mais elos que acabariam em me arremessar ao limite).

Ora se nesse «quid» se sintetizam o antes do espaço-tempo e do motivo, o «quid» tem em si a razão de ser e o que veio dele foi por acto livre. Nesse «quid» essencial (por necessário) está o fundamento da existência, do movimento.

Chamo-lhe Ser e digo que o motivo é a sua presença no mundo infinito da contingência e digo assim porque na pessoalidade do motivo está a distinção fundamental do seu ser: — a liberdade absoluta, à não contingência. Bem: — mas se eu e tudo que do «quid» derivou nada mais somos senão Ele e se tudo que somos é Nele e por Ele, não estou apenas a rodear o nó do problema sem o desatar, visto o tudo ser apenas o «quid»? Não, não estou, porque penso que se o tudo (de que eu, por exemplo, sou parte) é o «quid», ele não é o tudo. Isto é, penso que o tudo é tão só aquela parcela do «quid» que se subordinou a um motivo e que, portanto, entrou em movimento, que se existencializou.

Poderei provar que é realmente assim e não doutro modo qualquer? Não posso provar, mas mostrar como penso. E não quero (porque não devo) ir mais longe. Contudo, se eu rotular o meu «quid» com nomes inventados por outros (Deus, Natureza, Energia, etc.) — mesmo que há sòmente diferenças de nomes — é-me permitido concluir que atingi uma verdade humana.

Posto isto, qual deverá ser a minha posição de homem, de uma existência que busca as últimas causas, numa ânsia de essência, de necessidade de se libertar das últimas peias, dos últimos condicionantes?

Tenho 3 posições possiveis na minha frente:

a) — Ou sentindo no «quid», cair em êxtase de amor-veneração, batendo no peito a confissão da minha humildade, da consciência das minhas culpas, para depois, e de olhos sempre na esteira dos seus reflexos em mim, procurar seguir o caminho mais breve que até Ele vai (via mistico-religiosa);

b) — Ou ficar de pé empunhando o audacioso facho do meu desejo e da minha razão, tentando ver mais longe nas trevas que me rodeiam, perscrutando através das invias vendas da existência (via metafisica);

c) — Ou manter-me no campo da objectividade existêncial sem me preocupar com o «quid» que lhe dá fundamento e motivo (via cientifica).

Qual delas escolher? Aquela onde as três se difundirem: — isto é, sem esquecer os dados valiosos da 3.ª, ir palmilhando pelo segundo sentido sempre e reforçando cada vez mais o sentido de dependência (por maior proximidade) que na primeira se imprime.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MENINOS-PRODÍGIOS

A revista *Constância*, de Buenos Aires, inseriu há meses uma interessante notícia intitulada «Nibia Mariño é Uma Reencarnada» e que, devido às suas raras faculdades, pode ser classificada na classe dos meninos-prodígios. Eis a notícia, que arquivamos em nossas colunas:

— Você crê na reencarnação?

— Eu não — responde o que escreve estas linhas.

— Eu sim. Contudo, vou apresentá-lo a uma criatura que é a reencarnação de Bellini. Vamos embora.

Minutos depois estávamos no imenso cenário do Teatro Cólon, de Buenos Aires. Corremos uma porta e temos na frente Nibia Mariño, a delicada pianista uruguaia considerada como uma das mais extraordinárias da actualidade.

Inteirada da minha condição de cronista, Nibia diz-me que também não acredita na vida sucessiva, isto é, que morto o homem, o corpo se desintegra transformando-se em pó e que a alma reencarna em novo ser, como sustentam os reencarnacionistas.

— Todavia — adverte Nibia Mariño — lembro-me de que em França me disseram uma vez que eu era a indubitável reencarnação do meu antepassado, o compositor Vicente Bellini. Muitas vezes penso se isso não será verdade. Se não é, como se explica que aos dez anos, quando não sabia falar, já cantarolava canções que ouvia pela primeira vez? Como se explica que aos três anos me sentava ao piano e, sem que me ensinassem uma nota, tocava peças inteiras, algumas delas bem difíceis? Como se explica que aos seis anos, quando preparava o meu primeiro concerto, o professor me apresentasse uma difícil composição de Beethoven, dizendo-me: «Nibia, tens de estudar isto na perfeição. Levarás tempo, talvez semanas, mas é preciso que o faças», e, olhando a música, me sentasse ao piano e a tocasse sem a menor dificuldade, como se a tivesse ensaiado centenares de vezes? Como se explicam estas coisas?

É evidente que Nibia Mariño foi menina-prodígio. E para os que crêem na palingenesia, ou seja, na reencarnação, o menino-prodígio é um fenómeno hereditário: a criatura nasce com os conhecimentos acumulados por um antepassado. Isso explicaria que aos dez anos Haendel compusesse motetes que se cantavam na igreja de Hale; que aos quatro anos Mozart executasse uma sonata e que aos onze compusesse pequenas óperas, como *Finta Simplice* e *Bastião e Bastiana;* que Beethoven se dinstinguisse aos dez anos como magnífico executante; que aos nove anos Paganini fosse calorosamente aplauddo num inolvidável concerto em Génova, e muitos outros casos de meninos-prodígios que escapam à extensão desta nótula.

CASO INTERESSANTE DE SONAMBULISMO

A revista *Progreso*, de Camaguey, Cuba, a que noutro lugar nos referimos, publica um artigo de Juan Martinez Figueiroa que trasladamos para aqui.

A parteira diplomada Paulina Roch, de Marselha, declarou que certa noite, próximo das 23 horas, no momento de se deitar, sentiu repetidas pancadas na porta de sua casa. Acudiu imediatamente, encontrando um velho que lhe disse:

— Senhora: a minha neta está próxima do parto e necessita dos seus serviços. Acompanhá-la-ei até ao leito da enferma.

A parteira muniu-se do necessário e seguiu o velho que, a passo decidido e perante a admiração dela, avançava cruzando as ruas, sem dirigir uma única palavra à sua companheira. Finalmente, pararam em frente de uma casa antiga. A porta estava cerrada e via-se luz no interior do compartimento. O velho abriu a porta e entraram. Sem se preocupar com o velho, a parteira penetrou no quarto contíguo, onde, de facto, se encontrava uma jovem de aspecto humilde, mas decentemente vestida, estendida no leito e próximo a dar à luz. Começou a trabalhar e quarenta minutos depois já mãe e filho estavam perfeitamente bem.

No final do trabalho, a jovem perguntou à parteira com aparecera ali em momento tão oportuno. Esta referiu o facto de se lhe ter apresentado um velho em casa, pedindo-lhe que fosse ver uma neta dele. E depois, que a acompanhou e entrou com ela em casa.

A jovem escutou o relato e respondeu, assombrada:

— Minha snhora, não sei como explicar esse facto, pois meu avô, que vive comigo nesta casa, é muito velho e completamente cego. É impossível que possa percorrer a cidade. Ele está naquele quarto.

A parteira dirigiu-se ao aposento indicado. Ao cruzar a porta, o ancião perguntou:

— És tu, Maria?

— Não. Sou a facultativa, que vim a assistir ao parto da sua neta.

— Minha senhora — disse ele —, tive um sonho terrível com a minha neta Maria. Via-a a sofrer num momento desesperado e em sonho me dirigi em busca de uma parteira, que veio comigo imediatamente. Nesse instante acordei.

Este facto demonstra que o espírito do avô, preocupado com a neta, se transportou inconscientemente e conduziu a parteira àquela habitação e na devida oportunidade.

MATERIALIZAÇÕES EM PARIS

Forces Spirituelles, mensário espirita francês, publica um artigo do seu director, narrando os fenómenos de materialização a que assistiu num grupo espirita de Paris, com dois médiuns conhecidos — M. Henry e Mme. Suzanne —, que se prestam desinteressadamente a experiências semanais.

— Quinze anos de contacto com o mundo invisível — diz ele — creio que me deviam ter preparado para observar as manifestações com sangue frio e discernimento e portanto devia ter medo, um medo difícil de analisar que provoca em nós certas reacções estimulantes da nossa curiosidade.

«Tivera conhecimento dos fenómenos de casas assombradas, de audições, de aparições, mas jamais, em plena consciência, tivera nos braços um espírito

materializado, apertara mãos que se me estendiam, mantivera conversação com um ser do outro mundo e que, cerca de uma hora, retomara a forma terrestre, com tamanha precisão, que eu perguntava a mim mesmo se não seria um sonho.

«Mas não, eu não estava só, as quinze pessoas que assistiam e controlavam regularmente as sessões são inteiramente normais e de inteligência superior à média: professores, doutores, artistas pintores, etc.... Além disso, o contrôlo era eficaz e a boa fé de Mme. B... e dos médiuns não pode ser posta em dúvida».

Em seguida, passa a descrever as experiências. Uma saleta convenientemente preparada, com uma única porta fechada à chave e na frente da qual se sentaram muitas pessoas, um gabinete negro, que ele visitou, um piano, pantalhas luminosas com castanholas e um tamboril, e ei-lo no desconhecido, pronto a observar e a estudar. O médium Henry senta-se na poltrona com algemas nas mãos, enquanto Mme. B. lê a acta da sessão anterior, seguida de invocação a Deus e aos bons espíritos que auxiliam os trabalhos. Tocam-se discos apropriados para criar ambiente e em breve, na obscuridade necessária às materializações, se ouve o ruído característico das castanholas que acompanham o último trecho de música. Os assistentes dizem que é *Sô*. Duas pantalhas são levitadas e uma figura de mulher nova, velada, se apresenta a cada um dos presentes, executando muitas danças com perfeita arte, servindo-se do tamboril, tocando castanholas com os pés, passando a mão pela nuca dos circunstantes e dando-lhes leves beijos na fronte, permitindo que lhe toquem nos braços. Depois levanta uma parte do véu que lhe tapa a boca, para mostrar uma cicatriz com que ficara na ocasião do falecimento, dirige as pantalhas para os seus olhos, que se revelam de côr diferente dos do médium, responde às perguntas que lhe fazem, abre o piano sem ter de se servir da chava, e as notas escapam-se, sonoras e precisas, enquanto, a poucos metros de distância, a mão de uma entidade segura a pantalha luminosa, dando a impressão de que o espírito modificou o comprimento de seus braços. A seguir, o adeus do costume. *Sô* retira-se. Mais alguns minutos e aparece um homem de perto de 18 anos (a assistência chamava-lhe Ramuntcho), que a luz regulada permite distinguir. De compleição atlética, sentou-se em cima de muitos assistentes. O articulista teve sobre as mãos as pernas de Ramuntcho e viu que esta entidade, embora parecesse materializada de maneira surpreendente, não tinha mais de 35 a 40 kg., enquanto um ser normal daquela corpulência teria 65 ou 70. Ramuntcho fez exibições dignas de verdadeiro acrobata. Por fim, retirou-se, para ser substituído por um homem idoso, mais pequeno, pouco loquaz, mas que permitiu aos assistentes que lhe metessem um dedo na boca, para que vissem que tinha boa dentição. Depois veio um velho sapateiro de voz forte e conversa divertida. Aqui, não há dúvida: trata-se de personalidade bem diferente, exprimindo-se com grande facilidade e estendendo-nos as mãos para que víssemos um pequeno anel impossível de levitar..., mas que, segundos depois, desapareceu, provàvelmente desmaterializado. Vem ainda um pequeno dançarino russo e por fim o Guia da sessão que deu alguns conselhos.

— E durante cinco horas — conclui o articulista — vivemos numa atmosfera misteriosa para muitos e que só o estudo da nossa filosofia tornará natural...

O director de *Forces Spirituelles* ficou muito intrigado e assistiu a outra sessão, desta vez com a médium Mme. Suzanne. A mesma sala, a mesma orientação. A médium entra no gabinete negro e todos aguardam os fenómenos.

— Eu fiquei em frente da porta — escreve o cronista — e era o último elo da corrente. À minha direita, uma cadeira livre e um pequeno móvel. Quem primeiro nos fala através da médium, é Mariette, ex-dançarina da Ópera. O ambiente é bom e ela acha que eu tenho muitas forças, o que até me fez sorrir, porque tinha a presciência de ir ser o passivo de uma experiência. Após alguns instantes de obscuridade, descubro uma presença invisível perto de mim e um calor psíquico me envolve. Depois, a cadeira da direita desloca-se alguns centímetros e o móvel também... A cadeira toca na minha, com força. Para me assegurar do fenómeno, previno o meu vizinho. Uma forma fluídica importante passa entre as minhas pernas e coloca-se debaixo da minha cadeira. Já me não sinto muito bem e aperto nervosamente as mãos do meu vizinho. Entretanto, uma senhora que se encontrava no outro lado do compartimento recebe um *apport* de flores. Ali se localiza a experiência. Uff!... Passados alguns instantes, a ex-dançarina materializa-se. Pede luz e nós vêmo-la, com um véu encantador, pôr-se à nossa disposição para o contrôlo. Vem sentar-se sucessivamente sobre cada assistente e acocora-se, colocando os pés nos nossos joelhos para não tocar no soalho. Calculámos o seu peso em 35 kg. Conversa animadamente e diz que os Espíritos tentaram deslocar-me para nos oferecer um fenómeno de levitação e que esta experiência seria renovada em futura reunião. Confesso que não tinha desejo algum de me sentir levitado, a alguns metros do soalho, apoiado simplesmente no fluído empregado pelos espíritos e prometi a mim mesmo ficar tranquilamente em Arras. Depois, pensei no jornal, no dever que temos de acumular as provas e tomei a resolução de voltar a Paris no primeiro sábado de cada mês, para transmitir aos leitores o resultado de tão interessantes experiências.

«Seguiram-se outros fenómenos, entre eles, a materialização de uma criancinha de quatro anos, cujo corpo vi flutuar. Tocou-nos muitas vezes, tentou levantar a pantalha luminosa, (muito pesada para as suas delicadas mãos) que o Guia lhe apresentava, e chorou por não poder servir-se do piano, que — dizia ela — lhe pertencia. A sua graça infantil emocionou-nos profundamente e confirmou, uma vez mais, a verdade das manifestações *post-mortem*.

«Um bom gigante senegalês entreteve-nos com a sua linguagem. Com força extraordinária, serviu-se do tamboril, que agitou sobre as nossas cabeças, sem que lhe pudéssemos tocar. Em dado momento, Mariette, que sempre esteve presente, falou-nos do gabinete negro, enquanto o Guia se manifestava noutro local do compartimento».

QUEM É?

Quem é, Mestre, aquele que me ampara,
que me consola em horas de desânimo,
que me dilata os horizontes,
que traz junto de mim ideias que m'ultrapassam
e me transformam,
que eu sinto sempre e nunca vi?
Quem é, Mestre, o ser tão devotado?
Quando? e onde? e como o encontrei?
Eu nada fiz p'ra ganhar tamanha graça!

Ramos Pereira

Auxílio Aos Necessitados

Com a publicação da lista seguinte, damos por finda a subscrição do Natal.

Transporte do último número	4.245$00
Miguel Viegas, de Vila Real de Santo António	5$00
M. Carvalho Silva, de Ribeira de Santarém	20$00
Luzia M. Alves, de Lisboa	20$00
M. Alice de Sousa, de Lisboa	30$00
Rosalina D. A. Machado, do Porto	5$00
António Proença Barata, de Gonçalo	5$00
F. Cortesão, de Coimbra	20$00
Francisco de Carvalho Simão, de Ovar ...	50$00
F. Conceição Bravo, do Cartaxo	50$00
M. de L. Marques	440$00
José S. Figueira	5$00
António de Simões Frois, de Luanda	38$50
João Gouveia, de Lisboa	20$00
António M. Silva, de Santa Comba de Seia	25$00
Luciano da Silva, de Santa Comba de Seia	25$00
João F. Ferreira, de Santa Comba de Seia	5$00
Francisco N. Duarte, de Santa Comba de Seia	5$00
Anónimo, de Santa Comba de Seia	20$00
Elmira M. Silva, de Santa Comba de Seia	10$00
João Marçal, de Almeirim	15$00
Torcato Cardoso Ferreira, de Almeirim ...	15$00
António J. Gonçalves, de Almeirim	5$00
Rafael S. Marques, de Serpa	15$00
Zalira Almeida F. P. de Melo, de Lisboa	20$00
José Cabral, de Lisboa	20$00
Gertrudes M. Silva, de Lisboa	5$00
Aires Vaz Raposo, de Lisboa	75$00
Leonildo Correia, de Poço Barreto	10$00
Maria M. Costa, de Lisboa	20$00
Guedes de Amorim	20$00
Adelina Nobre e Silva	7$50
José Gomes Garcez, do Funchal	10$00
Emídio M. do Carmo, de Lisboa	20$00
Constantino Brites, do Cartaxo	20$00
Vicente de Freitas, de Beja	20$00
Augusto Oliveira Pais, de Paços de Brandão	20$00
Eduardo Fernandes de Matos, de Lisboa ...	50$00
Gilberto Gonçalves, de Lisboa	10$00
António Oliveira Pais, do Porto	50$00
Alda A. Sequeira, de Portimão	20$00
Floripes Leitão, de Lisboa	20$00
José A. Taveira, de Lisboa	20$00
António S. dos Anjos, de Viseu	20$00
Silvina C. Duarte, de Alpiarça	50$00
António Braga Júnior, de Coimbra	50$00
A. Baptista, de Lisboa	5$00
Cristiano A. Henriques, da Guiné	50$00
Irmã Dulce, por intenção de duas almas muito queridas	10$00
Irmã Dulce, implorando a saúde dos seus doentes	10$00
Sara de Castro, de Lisboa	20$00
Bárbara de Brito Ramos, de Garvão	20$00
João Paulino, da Nazaré	10$00
Bernardino Gonçalves, de Luanda	100$00
A. Formigal, de Lisboa	40$00
Emília da Cruz, de Lisboa	10$00
Sebastiana C. de Abreu, de Lisboa	10$00
Augusto G. Vale Queriol, de Lisboa	15$00
António Martins, de Lisboa	50$00
Fernando A. Martins, de Lisboa	10$00
Eduardo Manuel Costa, de Lisboa	20$00
Carmen Alves, do Rio de Janeiro	25$00
Suzete Alves, do Rio de Janeiro	25$00
Hermengarda de Seabra, de Coimbrões ...	25$00
Francisco Grilo Fevereiro, de Évora	10$00
Augusto C. Belas, de Lisboa	10$00
Total	6.106$00

Por lapso, repetiu-se o donativo de 20$00 de José de Sousa Pereira, que devia figurar como «um consócio» e não com o nome próprio.

Recebemos também do confrade Manuel Marecos Henrique, de Santarém, uma camisa nova de popeline branca, que foi entregue ao Sr. António Fernandes Nunes, R. Arco do Carvalhão, 53, Porta C., Vila Alberto, Lisboa.

Devido à generosidade da nossa prezada consócia D. Albertina Serrano, vestimos e calçámos sete crianças do sexo masculino, às quais foi dado um lauto jantar na sala do Centro Espiritualista Luz e Amor.

A nossa estimada consócia D. Maria Clementina França auxiliou a nossa cruzada de bem-fazer, distribuindo senhas nos bairros pobres de Lisboa. Não podíamos ter feito melhor distribuição.

Enfim, mercê da generosidade dos nossos leitores contemplámos 304 famílias necessitadas que nos dias de Natal e Ano Bom sentiram o poder de Deus, no conforto que lhes levámos.

Oxalá aumentem ainda mais as nossas possibilidades no próximo Natal de 1948 e que, em vez de sete crianças, nos seja permitido vestir e calçar 50 ou 100! Seria para nós uma grande e indescritível felicidade.

Como dissemos o ano passado, rogamos aos que nos enviaram donativos e que não figurem na lista acima o favor de no-lo comunicar, para fazermos a devida rectificação.

A todos, pois, os nossos agradecimentos.

Notas & Comentários

PIETRO UBALDI NO «INDEX» ?

Na *nota preambular* ao artigo que noutro lado inserimos da autoria de Pietro Ubaldi, nosso redactor-correspondente em Itália, anunciámos a edição em S. Paulo das suas obras fundamentais, entre elas «A Grande Síntese». A propósito deste acontecimento editorial, transcrevemos a seguinte notícia de *O Revelador*, órgão da *União Federativa Paulista:*

«A Congregação do Santo Ofício, do Vaticano, resolveu colocar no «Index» as obras de Pietro Ubaldi, o grande *médium* espirita italiano que psicografou «L'Ascesi Mistica» e «La Grande Sintesi». Em consequência dessa resolução do Vaticano contra a obra do notável psicógrafo que veio abrir novos campos às concepções espiritualistas do século, «A Grande Síntese», editada em 1939 pela Federação Espirita Brasileira ao preço de 30 cruzeiros, esgotou-se ràpidamente. O sucesso foi tremendo, pois o Santo Ofício, depois de estudar e analisar detidamente a obra, não encontrou outro motivo para condená-la, além de se tratar de um livro espirita lesivo dos dogmas da Igreja Romana.

«Actualmente, milhares de interessados procuram em vão «A Grande Síntese» pelo preço de quinhentos cruzeiros. Ninguém deseja desfazer-se de obra tão preciosa. É, pois, nota alviçareira para os interessados a informação de que os direitos autorais dessa obra foram adquiridos por uma editora paulista, que está providenciando a sua reedição».

GRÁFICA MUNDO ESPIRITA

Pela *Revista Espirita do Brasil* soubemos que a Gráfica Mundo Espirita luta com enormes dificuldades para se manter, não obstante publicar regularmente três importantes orgãos de imprensa. As despesas que implica a circulação do semanário *Mundo Espirita* são avultadíssimas e os recursos falham, segundo diz a noticia. De facto, é lamentável que se deixe perder tão precioso elemento de trabalho, quando é certo erguerem-se a cada passo variadíssimos monumentos que atestam a dedicação e espírito de sacrifício dos confrades brasileiros. Em qualquer país do mundo, uma editora gráfica é excelente meio de propaganda e nunca, como hoje, foi tão útil e necessária a difusão da ideia espirita.

Fazemos votos para que as dificuldades sejam debeladas e a Gráfica continui a servir a Doutrina.

SÍNTESE BIOGRÁFICA DE COSME MARIÑO

O *Boletim de la C. E. P. A.* (Confederação Espirita Pan-Americana), chegado há pouco a nossas mãos, insere uma interessante biografia de Cosme Mariño, cujo centenário acaba de ser comemorado em Buenos Aires. A biografia divide-se em oito partes, a saber: «Orientações Iniciais», «Iniciação de Caridade Activa», «Iniciação no Espiritismo», «Horas de Luta e de Polémica», «Factos e Obras Perduráveis», «Obras Publicadas», «O Segredo do Êxito» e «O Sentido Mistico de Mariño». É um belo trabalho para a compreensão do Kardec Argentino, fundador de *La Prensa* e grande figura moral do Espiritismo sul-americano.

«CONSOLADOR»

Chegou às nossas mãos o 2.º número do «Consolador», revista de difusão da doutrina espirita, órgão oficial da Coligação Espirita Paraná-Santa Catarina. É seu director o confrade Armando Blum. De orientação evangélica, apresenta-se com galhardia, disposto a difundir espiritismo sadio e a congregar bons elementos de propaganda.

As suas 24 páginas de grande formato e o vasto noticiário que insere dão-lhe aspecto de virilidade que oxalá se mantenha pelos anos fora. É de publicações assim que a Doutrina necessita. E tudo depende da boa vontade e espírito de iniciativa. Ao *Consolador* e aos seus dirigentes, as nossas fraternas saudações. Que eles não desanimem na sua bela cruzada e ponham à prova as suas qualidades, para maior glória do Ideal que professamos !

«LA REVUE SPIRITE»

Segundo lemos no *Spiritualisme Experimental & Philosophique,* vai reaparecer *La Revue Spirite,* que durante a guerra foi substituida por *Les Cahiers du Spiritisme.* Ainda bem. Trata-se de um velho e conceituado órgão fundado por Allan Kardec e últimamente dirigido pelo nosso confrade e amigo Hubert Forestier, que foi obrigado a abandonar Paris e a fixar residência no Sul da França. A derradeira carta que nos escreveu era profundamente desanimadora. Nunca mais obtivemos notícias dele. Soubemos que os alemães haviam ocupado o edifício onde estavam instalados o *Instituto Internacional de Metapsíquica* e as *Edições Jean Meyer* e que Hubert Forestier desejava pleitear a questão. Pelo que lemos, o problema deve ter sido resolvido para bem da Causa. Àquele amigo e à sua bela revista enviamos as nossas cordiais saudações.

GINASIOS ESPIRITAS

Na cidade de Franca, Estado de S. Paulo, foi construído o primeiro ginásio (liceu) espirita dirigido pelo Dr. Tomás Novelino e sua esposa D. Alice Rabelo Novelino. Denomina-se *Educandário Pestalozzi,* em homenagem ao grande mestre da pedagogia e ali «serão aceitos os pequeninos desprotegidos da sorte, vítimas da perversidade humana, os quais, além de alimento, estudo e um ofício que seja do seu agrado, perceberão salário que se depositará em seu nome na Caixa Económica, para que tenham um pecúlio, quando enfrentem a vida».

Receberá alunos de todos os credos religiosos, visto a sua missão ser *educar,* sem coacção de espécie alguma, dando assim salutar exemplo de tolerância, como ensina a Doutrina Espirita.

O *Ginásio Leopodo,* de Nova-Iguassú, propriedade do nosso redactor-correspondente Leopoldo Machado, entrou na fase de sociedade por cotas, a fim de poder ministrar ensino retintamente espirita aos mil alunos

Noticiário

PARTICIPAÇÕES

Da nossa querida amiga D. Marcolina Alves, vice-presidente da Asociação Espirita Seara de Jesus, de Nilópolis, Estado do Rio de Janeiro, recebemos a informação de que esta simpática colectividade completou nove anos de existência no dia 7 de Dezembro de 1947, tendo sido na mesma data empossada a nova directoria que regerá os destinos desta casa até 1949.

Compõe-se dos seguintes membros:

Presidente — Aldair Silva; *Vice-presidente* — Marcolina Alves; *1.ª secretária* — Elva Cristalino; *2.ª secretária* — Otalina Mendonça; *1.ª tesoureira* — Maria Gerim; *2.ª tesoureira* — Isabel Pinheiro — *Bibliotecária* — Mercedes de Sousa — *Procuradora* — Ana de Carvalho — *Directora da Assistência* — Silvia Albuquerque.

Também a *Juventude Espirita Seara de Jesus,* filiada na mesma Associação, empossou a nova directoria, composta pelos seguintes confrades: Ceny Vieira, Fernandes, Nair B. Melo, Paulo de Carvalho Fernandes, Otália Mendonça, Manuel Tiribiça, Alice Alves, Marcolina Alves e Elva Cristalino, estas últimas como mentoras.

A este pugilo de obreiros da Dutrina, especialmente à nossa devotada amiga Marcolina Alves, os nossos agradecimentos com votos de longa vida.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

No dia 10 de Janeiro corrente, Ramos Pereira ocupou o estrado do Centro E. Luz e Amor, dissertando acerca da *Reencarnação,* ficando a conferência anunciada («Poesia e Misticismo») adiada *sine die.*

Como sempre, o orador foi preciso e claro na explanação do seu tema. O assunto compreenderá mais três conferências, a realizar em dias que serão prèviamente anunciados.

«CRUZEIRO ESPIRITA»

Enviado por José Zácaro Neto, nosso representante na cidade paulista de Cruzeiro, recebemos o jornal *Cruzeiro Espirita,* órgão da Mocidade Espirita Cristã da mesma cidade. Bem redigido e de atraente aspecto gráfico, desejamos-lhe futuro próspero em benefício do Ideal.

---

que o frequentam, visto que a hora é de afirmações claras — no dizer de Leopoldo Machado.

Dois ginásios, duas orientações. Ambas, porém, úteis e necessárias, conforme o fim a atingir. Nova-Iguassú é uma espécie de Meca do Espiritismo, devido à acção de magníficos obreiros da Seara, e por isso já se encontra em condições de apresentar um ginásio exclusivamente espirita. Eis uma notícia que deve agradar aos leitores e à qual damos maior desenvolvimento noutra página deste número.

«O CONSOLADOR»

Recebemos oito números de *O Consolador,* revista de Espiritismo cristão que se publica na cidade de Natal, Brasil, dirigida pelo nosso representante Filipe Soares de Melo. Embora de pequeno formato, insere matéria escolhida e útil à Doutrina. Soares de Melo aparece em todos os números, espalhando boa semente e mostrando belo dinamismo. Do que ele seria capaz se tivesse à mão maiores elementos de propaganda!

Um abraço para ele e votos de felicidade para a sua revista!

UMA NOVELA

A nossa colaboradora Maria Aguiar Cabral publicou uma interessante novela alentejana intitulada «António Luís», da qual nos fez entrega de exemplares, cujo produto destina aos necessitados protegidos pela nossa revista. O livrinho custa 6$00 e é dedicado «ao povo simples e trabalhador do nosso Alentejo». O nosso crítico literário em breve lhe fará merecida referência.

«LA VOZ ESPIRITISTA»

Como órgão do núcleo «Horizontes Psíquicos», de Rosário, Argentina, saiu há pouco o primeiro número de *La Voz Espiritista,* folha volante de distribuição gratuita.

«PROGRESO»

Visitou-nos o mensário *Progreso,* órgão da Sociedade de Estudos Psicológicos «Luz y Progreso», de Camagney, Cuba, dirigido por Arcadio S. Rodríguez.

«ARCO-IRIS»

Recebemos os três primeiros números do mensário baiano *Arco-Iris,* que se publica na cidade de Salvador sob a direcção do Prof. Ananias Rabelo. É orgão de cultura, de doutrina cristã, de espiritualismo construtor. Insere artigos de propaganda espirita e destina-se especialmente à mocidade.

Os nossos cumprimentos com votos de longa vida.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE FEVEREIRO DE 1948

Dia 7 de Fevereiro, Sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 15 de Fevereiro, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «II - Reencarnação».

Dia 21 de Fevereiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria de Jesus Mendes Figueiredo.

Dia 27 de Fevereiro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária pelo Grupo Amor do Redentor.

NOTA — *As conferências são públicas. As sessões doutrinárias são privativas dos sócios com as cotizações em dia.*

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, FEVEREIRO DE 1948 — N.º 2

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

MARCHA TRIUNFAL

As Celebrações Centenárias do Espiritismo no ano corrente prometem desusado brilhantismo, sobretudo em Nova-York. De toda a parte nos chegam vozes de júbilo, gritos de entusiasmo. Todos os países cultos participam desse acto comemorativo, cujo programa em breve daremos a conhecer minuciosamente. Não sabemos o que fará Portugal como afirmação de solidariedade, visto que a Federação Espirita Portuguesa ainda não se manifestou. Todavia, é de crer que alguma coisa se faça para acompanhar a marcha triunfal da Doutrina nos povos cultos, onde a expressão do pensamento é a mais bela reivindicação do homem.

Ao lado destas celebrações (dizemo-lo noutras páginas da presente edição), outros movimentos se exercem. São dois congressos notabilíssimos pelo significado que encerram, dois congressos que farão mergulhar novas raizes no coração da humanidade. O próximo Congresso Espirita Internacional de Londres constituirá, certamente, magnífica parada de trabalhadores que darão maior unidade à Doutrina, esclarecendo pontos susceptíveis de controvérsia e dando normas de trabalhos práticos mais produtivos. Ali se reunirão os escritores e os experimentadores europeus que têm mantido aturado intercâmbio com o Invisível, não só para verificar o que há de real nas afirmações clássicas dos Mestres, mas também no sentido de procurar novos elementos de convicção. E lá estarão representadas as Federações e Sociedades americanas, desde os Estados Unidos à Argentina, para que do certame resultem belos e sazonados frutos.

O outro congresso é o das Juventudes Espiritas Brasileiras, em boa hora organizadas, mercê do esforço invulgar do Prof. Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguassú. Movimento juvenil extraordinàriamente poderoso pelo dinamismo dos seus componentes, não sabemos onde poderá conduzir e que benefícios dará à Causa, tantas são as surpresas que é dado esperar do espírito moço dessa legião de confrades que olham para a frente e para o alto, romeiros da aventura, indiferentes ao sol e à chuva, quando um ideal nobre os impulsiona.

Uma certeza temos: o Espiritismo ficará mais forte, mais pujante, mais harmonioso, mais ìntimamente ligado à alma popular, onde procuram apoiar-se os grandes movimentos filosóficos.

É necessário que a maturidade se ligue à juventude, para que a obra seja homogénea. O entusiasmo nada pode sem a experiência. Assim o entendem esses pioneiros da nova fé que se apoiam na sabedoria dos mais velhos, ao pregar o Espiritismo de Vivos que há-de redimir muitas almas e criar grandes e poderosas mentalidades.

Assim , razão temos para falar em marcha triunfal. E maior velocidade teria este movimento, se não fossem os obstáculos da rotina, do tradicionalismo, do preconceito social, que entravam a expansão das ideias, principalmente quando elas implicam com interesses materiais e espirituais estabelecidos há séculos. Mas a roda dentada caminha sempre, de coração em coração, de inteligência em inteligência. Hoje toca neste, amanhã naquele, constantemente, indefinidamente, porque o Alto vela. E os modestos servidores, muitas vezes cavouqueiros anónimos que não auferem salário, acompanham a marcha radiantes de alegria, dão tudo o que podem e o que sabem em holocausto à obra grandiosa que abrange o mundo inteiro, abrindo terriveis brechas no velho casarão do materialismo.

F/48

A Morte, essa Desconhecida

pelo Coronel Faure da Rosa

O Dr. Raoul Montandon, radiestesista muito conhecido pelos seus trabalhos de prospector — dos quais me ocupei na antiga *Revista de Espiritismo* — publicou, em 1942, um livro com este título: «A Morte, essa Desconhecida», em cujo frontespício se encontra esta frase: «É preciso dar à Morte o seu verdadeiro significado; despojá-la do seu aspecto lúgubre e terrificante».

Já Maeterlinck, no seu livro «A Morte», pergunta: «Não é, realmente, espantoso que a ideia da Morte — que deveria ser, aliás, a mais perfeita e a mais luminosa das nossas ideias, sendo a mais constante e a mais inevitável de todas — não é, realmente, espantoso que seja, a final, a mais doentia e a mais atrasada ?».

O PRESTÍGIO DA MORTE

A Morte tem, de facto, um prestígio incomensurável, prestígio que reside ùnicamente no pavor que infunde.

«Ninguém sabe o que é a morte — dizia Sócrates, depois de ter sido condenado pelos atenienses seus compatriotas — e se ela não será o maior de todos os bens para o homem. Entretanto, temem-na como se ela fosse o maior de todos os males... Quando a morte se apodera do homem, o que existe nele de mortal desagrega-se; o que há nele de imortal e de incorruptível retira-se intacto».

Explicam os articulistas que, quando sobrevém a crise da morte, os elementos grosseiros — sólidos, líquidos e gasosos — voltam, por dissolução, para o mundo físico donde provieram (fermentação e, em seguida, putrefacção).

O corpo etérico, na sua quádrupla constituição, segundo os ocultistas (éter-químico, éter-vital, éter-luz e éter-reflector — tudo éter), abandona os elementos grosseiros, levando consigo, para o mundo supra-sensível, os elementos superiores do indivíduo. Depois de um tempo mais ou menos longo — variável para cada um — o corpo etérico dissolve-se também nos éteres diferenciados do mundo etérico, não deixando subsistir senão o corpo astral, veículo da alma, o qual definitivamente libertado das escórias grosseiras e temporárias do mundo físico (corpo material e duplo etérico), se encontra, então, em condições de prosseguir a sua evolução nos mundos superiores.

Como se vê, os ocultistas fazem distinção entre «corpo etérico» e «corpo astral» que vem a ser o «perispírito» dos espiritistas, o «linga-sharira» dos teósofos, o «sarcosoma» de Lancelin, corpo físico que se separa do corpo psíquico, «aerosoma».

A. Besant definia o corpo astral o ponto de comunicação entre a alma e o corpo, o que está de acordo com a concepção espirita.

O receio, a apreensão, o terror, o pretenso sofrimento que envolve a morte num véu de trevas e de mistérios, são fantasmas sem fundamento que resultam de deformações colectivas (Lakhowsky).

É preciso conhecer e amar a morte em vez de a temer e odiar. Os que assim procederem asseguram uma vida terrena feliz, ou, pelo menos, com probabilidades de o ser.

O sofrimento que provoca a ideia da morte é mais moral do que físico. É o fruto das nossas apreensões. Lembremo-nos dos animais domésticos que, em grande maioria, são criados com o único fim de virem a ser sacrificados aos nossos apetites; contudo, eles têm uma vida feliz porque não suspeitam, certamente, da morte a que os homens os condenam. Isto permite-lhes esplêndidamente todas as possibilidades do seu ser, sem perturbações.

SÓ A VIDA ESPIRITUAL É ETERNA

Todos os seres vivos estão destinados a desaparecer: quer se trate de um infusório — animal unicelular que dura dez ou doze horas — ou de uma miserável vida humana — que raramente ultrapassa os cem anos; — quer se trate de animais como o crocodilo — que pode viver setecentos anos —, ou ainda de certas árvores como o Teixo (*If*), que vive três mil anos, ou o baobab que vive cinco mil.

No reino animal, onde houve espécies que

perduraram milhões de anos, também todas elas acabaram por desaparecer.

Gustave Le Bon, diz em *Bases Scientifiques d'une Philosophie de l'Histoire*, que os primeiros seres eram formados por simples células infinitamente pequenas, comparáveis aos micróbios actuais. Deles nasceram vegetais mais complicados e, em seguida, animais diversos: répteis, peixes, etc...., dos quais, alguns gigantescos, eram bastante fortes para destruir os outros.

Estes reis provisórios da criação tiveram uma existência, às vezes, muito longa, mas em nenhum deles a vida se prolongou indefinidamente. Tudo morre.

Conforme os algarismos apresentados por E. Perier, director do «Muséum», acerca da evolução das espécies — a dos escorpiões e a dos tubarões persistem durante uma dezena de milhões de anos; a espécie dos enormes cloportídeos marinhos (crustáceos) e a dos tribolites prosperaram durante 15 milhões de anos; depois estas três espécies desapareceram. Os tribolites foram destruidos por outros moluscos testáceos — os belemnites.

Os nossos oito mil anos de civilização — continua Gustave Le Bon — parecem de duração muito reduzida ao lado de tais algarismos. Outras indagações mostram que aos oito a dez mil anos conhecidos de história, seria preciso ajuntar cinquenta a cem mil anos, pelo menos, de pre-história.

Todo este tempo foi necessário ao homem para lentamente se desprender do mundo animal donde proveio. Quanto tempo não teria sido preciso para o mineral passar a vegetal e o vegetal a animal !...

Lakhowsky enuncia este princípio universal que obedece à lei dos contrastes: *Como sem vida não haveria morte, sem morte não poderia haver vida*. Por outras palavras já o tinha dito Goethe: *A Natureza inventou a morte para enriquecer a vida*.

Dizia há tempo um jornalista português que «a Morte é o pórtico da verdadeira existência». Assim é. A vida terrena é transitória, efémera. Perdurável — porque é eterna — só é a vida espiritual depois de abandonar o envólucro de carne em que o Espírito se abrigou para lhe dar vida.

A concepção da morte reveste formas variadas. Cada um faz uma ideia mais ou menos pessoal, baseada, sobretudo, na opinião que professa quanto à natureza daquilo a que se chama vida. Esse princípio misterioso, imperceptível, que, penetrando todas as coisas, enforma, organiza, vitaliza e preside tanto à formação de um cristal como à do ser mais delicadamente constituído. Ninguém conhece a essência profunda deste princípio, mas cada qual verifica a sua invisível presença, desde o átomo à nebulosa.

QUE É A VIDA ?

O sábio ocultista Charles Lancelin dá-nos a seguinte definição da vida, que embora não resolva o grande problema, não deixa de ser interessante: «A vida é como uma vaga imensa de energia que, emanando constantemente da sua origem primordial — que se chama Deus, alma universal, princípio original, ou qualquer outro nome que lhe queiram dar — invade, sem solução de continuidade, o Cosmos, onde se especializa em todas as suas partes, de maneira a apresentar-se como essência única sob as mais diversas modalidades. No nosso sistema planetário, essa energia transforma-se em vida solar. O sol reparte-a em redor de si e, assim, organiza tal ou tal planeta: vida saturniana, martiana, terrestre... A vida terrestre modifica-se em vida mineral, vegetal, animal, hominal.

Tudo quanto existe é dotado de vida, e seja rocha, seja homem, só a modalidade vital difere.

Hoje já ninguém põe em dúvida que a cristalização é a primeira manifestação vital; e é no mineral que, sobretudo, se produz a cristalização.

É na ambiência que se encontra o vasto reservatório de vida. A base da vida não está na célula — afirma Charles Lancelin. A célula é a mais genérica das modalidades vitais nos seres organizados. A base da vida é o princípio vital, ou antes, a alma vital que, depois de o ter recebido da ambiência, o condensa, o espiritualiza, o «tonaliza» para, em seguida, o comunicar ao organismo, a que está estreitamente ligado, dando-lhe o impulso vital, isto é, a inteligência e o movimento na concreção química, a esta colónia de células, a esta hierarquia de consciências de que se compõe.

Esta teoria não representa novidade: é velha como o mundo; — é a do Vitalismo.

Se, de facto, a Vida precede a forma e lhe sobrevive — como entende a Escola do Esoterismo — é que a Vida anima a matéria para a fazer evoluir, e, por sua vez, se escapar acrescida e disciplinada.

Várias experiências demonstraram que nem o vácuo, nem as elevadas temperaturas parecem ser perigosas para os germes da

Vida. Sementes de diversas bactérias foram conservadas durante muitos anos num tubo em que se fez o vácuo, sem que tivessem perdido o seu poder germinativo. Com o auxílio de agentes químicos podem produzir-se elementos da fibra muscular, da pele, dos cabelos, etc., mas jamais se criará um cabelo, uma fibra, uma célula viva (Liebig).

QUE É A MORTE ?

A morte não é extinção, aniquilamento total; é simples desaparecimento da vista, é a separação da alma do corpo. «Os mortos — como diz o poeta inglês Tennyson — não estão mortos, mas vivos, muito mais vivos do que dantes».

Goethe escreveu: «Enquanto não comprenderes que é preciso morrer para renascer, tu não serás mais do que um transeunte nesta terra sombria».

Os mortos continuam a viver que a vida não se extingue. A morte não quebra o laço afectivo da família. O amor estende-se por cima do abismo, restaurando o sentido da comunicação através do golfo da Morte.

A vida terrena é apenas um mero episódio, uma aventura temporária. Isto não é uma hipótese gratuita. Está nela toda a teoria de Bergson acerca da união da alma ao corpo, por meio da qual somos constantemente incitados a emitir a imagem do espírito preso ao corpo, como um manto que flutue em volta dum prego em que se prenda. No caso de agonia por inanição, o manto flutua desabaladamente. Ao sopro da morte eminente, o prego oscila; o manto semi-liberto está prestes a escapar-se e... se escapa, a rajada amaina, tudo entrará na ordem, porque o espírito se desprende inteiramente, mais livre do que nunca. Deve ser assim a «morte» Nada que horrorize. Uma libertação integral da «memória», enfim libertada desta «máquina de esquecer»...

DESDOBRAMENTO...

John Law, membro da Igreja Católica Romana, quando residia no País de Gales, habituara-se a visitar uma capela ao voltar do seu trabalho, por volta das quatro e meia da tarde.

Um dia, em que estava sòzinho, viu entrar um cego a tactear o caminho até chegar à imagem da Virgem onde acendeu uma vela; em seguida saiu. John Law reparara na tristeza do seu rosto, mas deixou de pensar no incidente. Uma semana mais tarde, Law encontra o mesmo cego a quem diz que o vira na semana precedente a acender uma vela em tal capela. O cego respondeu que era seu costume visitar aquela igreja e acender um círio diante da imagem da Virgem, mas que já lá não ia há muitos meses. E acrescentou que tinha *pensado* em lá voltar.

Decorridos uns dias, Law, como tivesse regressado do trabalho muito abatido, deitou-se sobre a cama. A certa altura, entre a vigília e o sono, viu o seu espírito elevar-se fora do corpo, sair do quarto e depois regressar sem que tivesse tido a consciência do que fazia. Na tarde desse mesmo dia, uma velha tia perguntou-lhe porque tinha ele passado perto dela, na rua, sem a cumprimentar.

UMA PREDIÇÃO E UMA DEMONSTRAÇÃO DA SOBREVIVÊNCIA

A Sr.ª Ruffié, esposa dum oficial do Exército francês, era um excelente médium auditivo e escrevente. No segundo ano da guerra de 1914-18, o marido — que fora ferido logo no começo das hostilidades — foi evacuado para uma cidade do sul da França.

Um dia, a Sr.ª Ruffié recebe a seguinte comunicação por meio da escrita automática: «Vocês vão sair daqui para uma cidade onde irão habitar a casa de meus pais». Algum tempo depois o oficial Ruffié foi mandado apresentar no Estado Maior da 15.ª região militar, em Marselha, para onde seguiu sòzinho.

A mulher, intrigada com a realização da primeira parte da profecia, em nova sessão escreveu: «Como vê, não me enganei : vão para Marselha e uma vez aí, irão residir numa casa pertencente a meus pais. Encarrego-a de lhes dizer que eu não sou um *desaparecido,* como toda a gente julga, mas que fui morto, no sentido que todos aí na Terra ligam a esta palavra. Pelo contrário, estou mais vivo que nunca».

Logo que chegou a Marselha, a Sr.ª Ruffié tratou de procurar alojamento. Indicaram-lhe um apartamento livre onde se instalou com o marido. Um dia, estando só, foi impelida a escrever a seguinte mensagem : «A casa que está ocupando é de meus pais, como lhe disse. Não se esqueça da missão de que a incumbi».

A Sr.ª Ruffié informou-se e veio a saber que o filho dos proprietários da casa tinha entrado na guerra de 1914-18 e fora dado como *desaparecido.*

Em outras sessões, o Espírito do pseudo-

-desaparecido insistia com a médium para que ela se desempenhasse da missão de que a incumbira. A Sr.ª Ruffié replicou que era necessário que o Espírito lhe fornecesse uma prova de que era, realmente, o filho quem falava.

Então, o Espirito respondeu que, para convencer os pais, lhes dissesse que seis meses antes da guerra, aproximadamente, passeava ele, um dia com os pais, quando, a certa altura os deixou para ir apanhar um ninho de passarinhos, que, depois, entregara ao pai, o qual reprovando o acto do filho lhe disse:

— Não é ocasião de tirar ninhos de passarinhos !

Como a Sr.ª Ruffié estranhasse que um rapaz de 19 para 20 anos ainda se divertisse a tirar ninhos das árvores, e seu marido — a quem relatara estes acontecimentos a julgasse vítima de alucinações — nada comunicou ao senhorio.

Decorrido algum tempo, a S.ª Ruffié sentiu-se novamente impelida a escrever. Encheu páginas e páginas, com presteza, nas quais a entidade comunicante mostrava violenta indignação por a médium não fazer caso dos seus reiterados pedidos.

A sr.ª Ruffié decidiu-se então. A pretexto dumas reparações a fazer na casa que habitava, conseguiu a presença do senhorio, a quem disse, depois de vários preâmbulos:

— Imagine que a noite passada sonhei que o via, a si, no campo a passear com sua mulher e seu filho e que, a certa altura, o rapaz se afastou para tirar um ninho de passarinhos duma árvore, ninho que lhe entregou. O senhor repreendeu-o por aquele acto e disse: «Não é ocasião de tirar ninhos de passarinhos».

À medida que a Sr.ª Ruffié narrava o seu pseudo-sonho, o senhorio, de olhos esbugalhados pelo pasmo que lhe causava o que ouvia, ia empalidecendo. Com as faces luzentes de lágrimas, exclamou:

— Mas, minha senhora, tudo o que acaba de dizer-me é a verdade pura. Os factos passaram-se como acaba de os descrever. Foram exactamente essas palavras as que eu pronunciei o repreender o meu filho: «Não é ocasião de tirar ninhos de pessarinhos». Como o soube, como pôde sabê-lo ?».

A Sr.ª Ruffié contou ao desditoso pai como obtivera aqueles esclarecimentos que só podiam ser conhecidos por ele, pai, por sua mulher e pelo filho... no outro mundo.

Que melhor prova se poderá exigir da sobrevivência ?...

Nossos Representantes

Outro amigo desfila hoje na galeria de nossos representantes: José Zácaro Neto, natural de Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, contando 31 anos de idade.

Ingressou muito novo no Espiritismo, do qual é incansável propagandista. Começou a sua actividade no Centro E. Amor e Luz, de Guaratinguetá, de que foi 1.º secretário e bibliotecário, centro que desenvolve acção notável através de Albergue Nocturno, Dispensário Homeopático, Gabinete Dentário, Biblioteca, etc., etc.

Há quatro anos que reside na cidade de Cruzeiro, e desde a sua chegada tem auxiliado tenazmente a construção do Sanatório Jesus, obra de grande alcance

JOSÉ ZACARO NETO

social para tratamento de doenças mentais, e do qual é 2.º secretário.

Como componente da Mocidade Espirita Cristã, colabora nas suas reuniões semanais de doutrina evangélica, na Campanha do Quilo e na Aula de Moral Cristã.

José Zácaro Neto é espirita por convicção. Admirador e entusiasta da obra de Leopoldo Machado, bate-se pelo Espiritismo de Vivos, pois os «vivos» necessitam de mais evangelização do que os «mortos».

Actualmente, é secretário do Centro Espirita João Baptista, provisòriamente instalado no Centro E. Vicente de Paulo, da mesma cidade.

Como se vê, a falange vai crescendo e os amigos dispõem-se ao trabalho de arrotear a charneca, olhos na bandeira branca da Doutrina. José Zácaro Neto é um homem na força da vida que muito tem a dar, e dará, certamente, em benefício da Santa Cruzada que nos incita e movimenta.

Mais um adepto. Mais um pioneiro. Mais um soldado do Ideal que escolhe postos de vanguarda, ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro ! Reforçemos a falange, disciplinemos o trabalho e olhos ao alto na bandeira da Causa !

Têm Alma os Animais?

pelo Coronel Everaldino Ascetes da Fonseca

II

O grande Platão expunha a doutrina da alma nos seguintes conceitos: a alma compunha-se de três partes: uma, oriunda de Deus, a parte imortal ou racional; outra, a parte mortal, animal ou sensitiva, sede da volição e da sensação, pertencente ao corpo, e uma terceira, intermediária, tornando possível sua realção (a vontade ou espírito) por meio da qual a razão domina o desejo. As plantas têm a parte inferior, os animais, as duas inferiores, sendo exclusivamente humana a parte racional.

Esta alma racional era considerada como imaterial e incapaz, de ser percebida pelos sentidos e sòmente perceptível pelo intelecto. A união com o corpo físico mortal e material, era apenas um pequeno incidente em sua longa peregrinação, focalizando, portanto, uma distinção fundamental entre alma e o corpo.

«Aristóteles considerava a alma como a soma dos princípios vitais e como sendo, para o corpo, o que a visão é para o órgão visual. Era o verdadeiro ser no corpo, no que estava em acordo com Plótino, que considerava a alma como a sensibilidade vivente do corpo, pertencente a um grau do ser mais elevado que a matéria».

Pezarosos, deixaremos o resto das definições citadas pela Sr.ª Alice A. Bailey, para uma última tentativa na investigação eclética a que nos aventuramos, citando o «Credo Espiritualista», capítulo dos «Raios de Luz Espiritual», do Sr. Francisco Valdomiro Lorenz, que assim reza:

«Uma Inteligência Suprema criou e rege os mundos; essa Inteligência, chamada Deus, é o Eu consciente do Universo

«Todas as criaturas se desenvolvem segundo a Lei de Involução e Evolução; durante a Involução, a Mónada, faísca do Eterno Fogo de Vida à qual também se chama Espírito Virgem, partiu do Seio da Divindade para passar por muitas regiões da Matéria subtil, até chegar ao Mundo Físico; em seguida, começa a Evolução, durante a qual as criaturas seguem o Caminho Ascensional, séries que formam os chamados Reinos da Natureza: o reino mineral passa insensivelmente ao reino vegetal, este ao reino animal, e o reino animal ao reino hominal. Os seres dos respectivos reinos se desenvolvem duplamente: no material e no espiritual. Estas duas formas da Evolução progridem paralelas e solidárias.

«A alma elabora-se pelo movimento do Espírito na Matéria, e começa no mais simples elemento de vida. Para vir a ser o que ela é na Humanidade actual, teve de passar através de todos os reinos da Natureza: como força cega e indistinta no mineral, individualizada na planta, polarizada na sensibilidade e no instinto nos animais, chega a adquirir a consciência nos seres humanos. À medida que se desenvolvem as faculdades, os órgãos se aperfeiçoam.

«A evolução da Alma é infinita; cada existência é apenas um anel da infinita corrente da Vida. A alma progride no estado corporal e no estado espiritual! O estado corporal é-lhe necessário até que ela atinja um certo grau de perfeição; e durante o estado corporal a alma desenvolve-se pelo trabalho, ao qual é sujeita para prover as suas próprias necessidades e para adquirir os conhecimentos.

«Uma só existência corporal não é suficiente para a Alma adquirir todos os conhecimentos e chegar à perfeição; por isso tem de reencarnar na terra muitas vezes.

«Nos intervalos entre duas existências corporais, A alma vive nas esferas espirituais, achando-se lá com sua plena consciência e com inteira responsabilidade pelo que fez durante a encarnação; goza alegrias inefáveis pelo Bem que tenha praticado e sofre quando se lembra de suas acções más ou crimes, sentindo os aguilhões do remorso. Todo o sofrimento, porém, tem por fim incitar a Alma a corrigir-se. Depois de tomar firme resolução de expiar suas faltas e dar novos passos na Senda do Aperfeiçoamento, a Alma reencarna em novo corpo, a fim de melhorar o seu estado pelo trabalho e o estudo. Perde, temporàriamente, a lembrança do passado; porém, conserva sempre um vago sentimento das resoluções, tomadas antes de renascer. Há, contudo, casos comprovados, em que pessoas encarnadas se lembram de suas vidas anteriores.

«Quando a Alma adquiriu num mundo a soma de progresso que este lhe pôde oferecer, deixa-o para encarnar num mundo mais adiantado, onde adquire novos conhecimentos e faculdades. Depois de ter passado o número necessário de outros mundos, cada vez mais adiantados, porém ainda materiais, chega ás esferas puramente espirituais, onde goza suprema felicidade. Os hindus chamam Nirvana a esse estado da existência. Então é admitida no Conselho dos Seres Divinos, assumindo a regência de algum mundo inferior, ou tornando-se Grande Missionário em tal mundo.

«A Alma tem um corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito, ou corpo astral, e cuja substância é

aurida do fluido universal ou cósmico, o qual forma esse corpo fluídico e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material. O corpo astral é mais ou menos etéreo, segundo o respectivo mundo e o grau de purificação da Alma. Nas almas inferiores e nos mundos inferiores, sua natureza é grosseira e muito semelhante à matéria física; nas almas adiantadas e nos mundos superiores, o corpo astral ou perispírito é mais subtil e, portanto, mais espiritualizado.

«O corpo astral (ou perispírito) é o intermediário entre a Alma e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. As sensações que vêm do exterior impressionam o corpo físico e o corpo astral as transmite à alma, que é o Ser sensível e inteligente; em seguida, a Alma age, exprimindo sua vontade, o corpo astral transmite essa vontade e o corpo físico executa-a, em forma de acção.

«O corpo astral é ligado ao corpo físico pela *força vital* (ou pelo corpo vital), e comunica-se com a Alma por meio de correntes magnéticas.

«Ele não está fechado nos limites do corpo físico, mas a sua natureza fluídica o torna expansível; irradia para fora e forma em redor do corpo físico uma espécie de atmosfera, que a força de vontade pode estender mais ou menos; é por isso que as pessoas que não estão em contacto físico, podem estar ligadas por suas Almas e transmitir umas às outras, mesmo inconscientemente, suas impressões. A isto se dá o nome de *telepatia*.

«Todas as Religiões se baseiam nas doutrinas espiritualistas; e até o Materialismo reconhece a existência da *Energia* como causa de todas as manifestações da Vida. Se reconhecessem que a Energia Criadora é inteligente e não cega, claro fica que é Aquilo a que chamamos DEUS».

Desculpai-nos, se fomos um tanto prolixos, maximé, nesta última citação; é que o julgámos necessário para que desfilassem ante vossa atenção os variados conceitos sobre tão magno problema, isto porque, segundo Cicero, nossas mentes possuem por natureza um insaciável desejo de conhecer a Verdade».

Quanto ao termo — animal — tomemos ainda de uma enciclopédia a sua definição.

Do latim — *anima* — sopro, princípio de Vida) — Todo o ser vivo dotado da faculdade de sentir e de se mover, quer dizer, tanto racional como o irracional.

Como toda a definição, também esta se funda em atributos que não podem ser generalizados, mas que não constituem características peculiares para distinções, pois, alheios a sentimentalismos, há sábios que atribuem sensibilidade às plantas e, mesmo algumas delas, têm raízes dispostas de forma tal, que realizam uma verdadeira progressão.

Não nos deteremos nesses conflitos e aceitamos a clássica divisão da Natureza fenoménica em mineral, vegetal e animal, com as ciências básicas para o seu estudo: Mineralogia, Botânica e Zoologia.

Os conhecimentos, ou melhor dito, reconhecida a complexidade dessas manifestações ostensivas da Natureza em sua origem e evolução, aquelas ciências dividiram-se e subdividiram-se; os conceitos norteadores se entrecruzaram, variaram os métodos de investigação e se especializaram as técnicas correspondentes e o avanço de cada uma atingiu zonas limítrofes, criando áreas em que as características se influenciaram, em que as semelhanças se não tornaram factores de inclusão na seriação, nem as dissemelhanças constituiram base segura para a formulação de novos géneros.

Hoje é corrente destacar-se dos mamíferos o Homem e, quando o ensino académico for liberto da autoridade oficial, tornando-se livre, realmente livre e científico, teremos o reino espiritual para os seres mais evolutivos da Natureza que no momento nos é tangível, como também a explicação da origem e aparecimento da Vida, fechando o seu ciclo — Energia — Matéria — Energia.

Como advertimos de início, precisaríamos ser enciclopédicos se não sábios, para uma exposição realmente científica e um *veredictum* que pudesse responder a toda e qualquer objecção.

Por isso, deixaremos as demais ciências que investigam todas as manifestações do Homem e tomaremos apenas um ligeiro contacto com a Psicologia e a Biologia, cingindo-nos às suas respectivas definições, objectivos e métodos empregados para as suas conclusões.

A Zoologia é a parte da Ciência Natural que estuda e descreve os animais, e o estudo dos seres em todas as manifestações da Vida chama-se Biologia.

Como já foi assinalado, o desenvolvimento do conhecimento não fugiu à lei geral da evolução e, em nossos dias, cada um desses ramos do saber humano se subdividiu para constituir uma ciência particular com objectivos mais pormenorizados.

Mas o Homem, na sua insaciedade de saber, multiplica as perguntas no desespero de sua ignorância, principalmente no que mais o crucia — sua origem e seu destino, e, para o estudo do mecanismo das manifestações que tem de sua própria existência, criou a Psicologia ou a Ciência da Alma. Como as demais ciências, deve ter seus métodos de investigação para ordenar os fenómenos nas leis que criou.

Os métodos, podemos avançar, não lhe são peculiares, pois trata-se da observação e da experimentação, e, pela natureza dos fenómenos a estudar, esta observação pode ser interna ou introspectiva e externa ou extrospectiva, segundo se faz objecto do estudo, ou toma outros seres para tal. Entretanto, quer um quer outro, são reconhecidamente falíveis, e, para que se chegue a tal conclusão, basta ver como foi variável o conceito do objecto de estudo — a alma, ou a consciência de um *Eu*.

Quanto ao método experimental, há por parte dos

sábios sérias objecções quanto às conclusões a tirar, uma vez que, em síntese, trata-se de interpretar números, resultados de medições espaciais ou de duração, não sendo preciso encarecer o quanto poderá haver de precário nos dados obtidos, que, além de outros factores, terão a influência dos experimentadores e dos aparelhos fabricados pelo Homem.

Até que ponto poderá ser levada essa observação? Priva o homem com todos os respresentantes da fauna, para que possa fazer uma asseveração que tais ou quais actos são instintivos ou inteligentes?

Indiscutìvelmente o Homem tem um respeitável acervo de descobertas e criações que se tornam maravilhosas, quando nos é dado conhecer o padrão de vida que disfrutava nesse remoto passado escrito pela Paleontologia, que as brevíssimas etapas de nossa vida nos impedem de sair da expressão numérica e, desta, não chegamos a ir além do simbolismo.

Se o estudo do Homem, quer como indivíduo ou em sociedade, é por demais complexo, não se chegando a acordo sobre a sequência gradativa de sua evolução, somática ou espiritual, havendo um verdadeiro abismo entre o chamado homem primitivo e o civilizado de nossos dias, como chegar a concluir definitivamente sobre os animais, naquilo que no Homem não se tornou universal? Como explicará a Antropologia a diferença entre a capacidade intelectual de um Einstein e a de um negroide? Morfològicamente, será o bastante?

Se não nos falha a memória, foi preciso uma bula para que os nossos aborígenes fossem considerados como criaturas humanas; e a Mulher só recentemente tem conseguido nivelar-se ao Homem em seus atributos psíquicos, conseguindo um melhor lugar ao sol, do qual fora expoliada por uma questão morfológica.

Qual será a gama de nobreza humana, quando na apreciação de seus actos os taxamos de ferozes e altruísticos? Força de expressão?

Não sabemos se malbaratamos a memória dos leitores, porque, quanto à paciência e à atenção, não alimentamos dúvidas; mas, certamente, terão um conceito próprio do que seja *alma;* para ele apelamos, a fim de que os factos que vão ser relatados possam entrar como factores para a conclusão pessoal sobre se os animais têm ou não alma.

Esses relatos, por mais surpreendentes que nos pareçam, seus narradores os subscreveram, deram suas residências, e jornais, revistas e livros os acolheram em suas páginas, não levianamente, mas com critério bastante para que não deslustrassem o prestígio do nome de seus dirigentes e autores.

(Continua)

Quando o meu amigo ri, é a ele que pertence dizer-me o motivo da sua alegria; quando chora, pertence a mim descobrir a causa do seu desgosto.

Nesmakis

CONFISSÕES

IV

Senhor, Senhor, em Ti está a origem e o segredo de todas as coisas, está a plenitude do conhecimento que não sente a angústia do hoje perante a incógnita do amanhã. E eu, insaciável, buscando-Te em todo o lado, esquadrinhando a insondabilidade do infinito azul, remexendo nos fundos escuros de mim mesmo e encontrando sempre a realidade transcendente da Tua Essência na qual a minha se esfuma sem se compreender. Mal me sinto em Ti e já uma foça me atira para todos os lados, me dispersa, me esfacela. Regresso com uma sombra de êxtase nos meus olhos e uma dor aguda a rasgar-me a alma: — o êxtase por ter sentido a fímbria deslumbrante da Tua Majestade e a dor de não ficar descansando uma eternidade nos abismos de Luz onde Te encontras.

Porquê assim? E porque não posso sentir, abandonar-me, sem logo querer dissecar o corpo etéreo das minhas emoções e do que nelas se contém? Quero voar sòmente, quero alçar-me aos páramos infinitos e logo, quando as asas batem mais seguras, reboa no meu peito a interrogação definidora da minha mísera condição humana: — Porquê?

Porquê? Olho na ânsia incomensurável duma resposta perfeita e não vejo que as asas já não batem. Caio, soluçando, incapaz dum momento mais e venho para aqui, para os cantos solitários, confessar a minha culpa e suplicar o bálsamo cicatrizante da Tua Misericórdia.

Porquê a dor, então?

Sim, eu vejo agora. Ouvi a Tua Verdade, Senhor, na voz daquele que enche de luz as noites tenebrosas da minha ignorância.

Eu caminho para a unidade. Mas até lá tenho de sofrer o desencontro, a atracção-repulsa medida do meu progresso, esta incapacidade de sentir o que não alcanço compreender e de compreender por vezes aquilo que não sinto ou que, se sinto, não cobiçava sentir; este paradoxo de querer o que transcende o campo do meu pensar-sentir e aborrecer os produtos do simplesmente humano, não tocado pela graça desgarradora do Teu olhar. É a minha Cruz, é o meu Calvário!

Quando, Senhor dos fins ocultos, soará a hora do ressurgir mais perto da Tua Glória através da Graça ganha pela Dor?

AGOSTINHO

O Vocábulo «Prodígio» Corresponde à Verdade?

por F. Noronha

«...não fantasiemos o que pode ser, aceitemos e examinemos o que é».
A. DE QUATREFAGES

A melhor de todas as garantias é o desinteresse absoluto».
ALLAN KARDEC

«*Prodígio,* diz um dicionário popular, *coisa extraordinária, maravilha, portento*».

Diz outro, de idioma estrangeiro: «fenómeno assombroso, contrariando o curso regular da natureza;...».

Diz outro ainda — e não vou mais longe — bem conhecido, até agora, dos alunos do curso liceal: «*Prodigium, i i,* o prodígio que anuncia coisa futura, a coisa maravilhosa, estupenda, extraordinária, e fora da ordem comum da natureza.»

Os enciclopedistas, que prepararam o famoso movimento de 1789, consideraram o prodígio sob dois aspectos: o primeiro, dentro do paganismo, na categoria de milagre ou fenómeno só atribuível a causa extra-natura, e o segundo, fenómeno «puramente natural».

Era esta a opinião dum proeminente secretário da Academia de Inscrições e Belas Letras, assim expressa, abrindo *Réflexions sur Les Prodiges Rapportés Dans Les Anciens:* «Os prodígios que se nos deparam citados nas obras dos Gregos e Latinos, podem arrumar-se em duas classes.»

Seguidamente, justifica a sua opinião, exactamente aquela perfilhada pelos enciclopedistas que reproduzi, em síntese.

Fale-se de prodígio como se quiser, formulem-se definições em barda, sempre permanece e permanecerá intangível uma lei axiomática:

«O UNIVERSO OBEDECE ÀS LEIS.»

Tal como esta, de Lavoisier:

«A MATÉRIA É INDESTRUTÍVEL.»

É claro, que não posso abranger na minha afirmação os privados de raciocínio.

Um preclaro cientista, de elaboração experimental, escreveu isto: «Após Aristóteles, as escolas filosóficas e em especial a estoica e a epicurista, formularam, por modo preciso, a ideia das leis da natureza, leis eternas e universais que regem, de maneira absoluta, a manifestação de todos os fenómenos. Os livros destas escolas perderam-se; mas podemos supri-los em certa medida, pela curiosa obra de Cícero. *De Divinatione,* na qual o grande escritor romano combate, mediante sua ajuda, as superstições suas coevas. Aí desenvolve o pensamento de que os prodígios (*ostenta* ou *portento*) — e os monstros desempenhavam notável papel nos prodígios — produzem-se de conformidade com as leis da natureza, da mesma forma que os fenómenos de observação diária: «Ninguém se espanta — diz ele — com o que vê frequentemente, mesmo ignorando-lhe o como de produção. Se, pelo contrário, é presenceado um fenómeno de que ainda não haja notícia, clama-se prodígio». E em outro passo do mesmo escritor: «Tudo o que nasce, seja o que for, acusa, necessàriamente, uma causa natural; de tal espécie que, se existe contra o hábito, não pode existir entretanto contra a natureza... Nada pode ocorrer sem causa; e nada ocorre que não possa ocorrer. E se ocorre o que pode ocorrer, este facto não pode ser classificado como prodígio. Não há, pois, prodígios».

O mesmo cientista acrescenta:

«Estas passagens de Cícero foram admiràvelmente comentadas por Montaigne, a propósito dum monstro heteradelfo que vivia em sua época: «O que nós denominamos monstros não o são para Deus, que vê na imensidão de sua obra a infinidade de formas que nela compreendeu... De sua omnisciência nada provém que não seja bom, comum e regulado; mas escapa-nos a sua urdidura e correlação... Nós definimos contra-natura o que ocorre contra o hábito: nada existe senão de conformidade com ela, seja o que for. Que esta razão natural e universal afaste de nós o erro e o assombro que a novidade nos provoca.» Muitas vezes foram citadas estas expressões de Montaigne como inteiramente novas; na realidade, constituem a doutrina da filosofia antiga.» E prossegue: «Fontenelle que, sob uma forma espiritualíssima, não é raro mesmo em demasia, tantas vezes exteriorizou ideias notòriamente justas, reproduz, nestes termos, o pensamento de Aristóteles, de Cícero, de Montaigne: «Encaram-se vulgarmente os monstros como truques da natureza; mas os filósofos estão convencidíssimos de que a natureza não brinca; segue incessante e invariável as mesmas normas, e todas as suas obras são, para assim dizer, idênticamente sérias. Pode haver o extraordinário, mas não o irregular; e é até o mais extraordinário, repetidas vezes, que mais permite descobrir as regras gerais que as comportam.»

Amélia Cardia, médica e escritora, pôs na boca de personagem notável de romance «neo-espiritualista» esta frase típica: «Decididamente a ciência está longe de ter dado a sua última palavra...».

De facto, está. É insaciável a sede febril de conhecimento que arrasta o homem, através de mil perigos

e de todas as sortes, ao sacrifício da própria vida; mas, sem esta sede, esta paixão inigualável que chega a converter-se numa singular ardência de entusiasmo, sem esta electrificação do ente de vontade própria e de raciocínio, a quantos séculos de distância e de atraso, pretéritos, permaneceria o mundo ?!

Hoje, porém, a pesar dos desvios dessa vontade e das fraquezas desse raciocínio, é-nos lícito bradar, com ciência e consciência, fazendo-nos eco de um insigne fisiologista, físico, médico, professor, que sabia *vibrar para o bem,* conforme do «mundo invisível» afirma Natálio Ceccarini (F) em artigo *A Voz de Comando,* datado de Lomas del Palomar (Argentina).

Eis o texto do brado, não defeso:

«O progresso científico não envolve forçosamente o progresso moral; nada há de comum entre eles, exactamente como entre o espírito científico e o espírito religioso. São *variáveis, independentes,* por assentar uma no *sentimento* e a outra na *razão,* dificilmente de acordo. A Humanidade perderia muito, se sacrificasse o sentimento à razão, a religião à ciência, ou inversamente.»

Deste homem desassombrado e autêntico sábio, que a Academia das Ciências de Paris elegeu seu membro, em 1894, são também estas palavras, que não julgo deslocadas:

«Estou persuadido de que a terapêutica do porvir não usará, como meios de cura, modificadores diferentes dos físicos (calor, luz, electricidade, ou outros agentes por enquanto desconhecidos); o meio bárbaro que, sob o pretexto de curar-nos, consiste em intoxicar-nos com as drogas mais venenosas da química, deverá ceder o lugar aos agentes físicos, cujo emprego pelo menos tem a vantagem de não introduzir corpor estranhos no organismo.»

Importa-me, agora, letra do parágrafo 2.º do apêndice A, de livro empolgante de sapiente professor universitário inglês, não inferior de mérito àquele, do lado de cá do *Pas de Calais,* a que acabo de reportar-me.

E como não tenho à mão o original, valho-me da magnífica tradução de Isidoro Duarte Santos.

«No livro bem conhecido do Dr. Horace Bushnell: *A Natureza e o Sobrenatural,* encontra-se interessante discussão àcerca do sentido desta última palavra. O bispo Butler concebe muito judiciosamente as coisas. Diz ele, na sua *Analogia* (1.ª parte, Cap. II): «A única significação exacta desta palavra (natural) é: *declarado, estabelecido, fixo.* Com efeito, o que é natural implica e pressupõe agente inteligente que o torna assim, continuamente, ou num momento dado; da mesma forma para o sobrenatural ou o milagroso. Segue-se que a noção do natural se alargará em proporção do conhecimento mais extenso das obras da Providência. É razoável supor que, no Universo, haja seres cuja capacidade, «saber e instintos sejam tão vastos, que toda a dispensação cristã lhes pareça natural, isto é, conforme os actos de Deus nas outras partes da sua criação, tão natural, como, para nós, o curso normal da vida».

«Santo Agostinho diz o mesmo: «Os milagres não contradizem a natureza, nem o que sabemos dela». É isto o que afirmam muitos teólogos modernos.

«Enfim, como diz o antigo professor de geometria na Universidade de Oxford, Rev.º Baden Powell, nos seus admiráveis ensaios acerca da *Ordem da Natureza* (pág. 232 e seg.): «As limitações do nosso conhecimento da Natureza não nos conduzem ao sobrenatural. Se a ciência se encontra hoje atrasada em qualquer ponto, o que a transcende não está para ela fora da Natureza, a não ser da Natureza desconhecida, pois quando uma lei nos escapa, sabemos que está por descobrir. As maravilhas que a investigação nos desvenda, como esses fenómenos extraordinários, prestes serão interpretadas.

«Spinoza dizia que não poderíamos traçar fronteiras entre o natural e o sobrenatural, enquanto não conhecêssemos a Natureza inteira... É evidente que o sobrenatural nunca poderá ser objecto de conhecimento, porque, logo que se torne demonstrável, deixa de ser sobrenatural».

«Por isso vemos que o Espiritismo não é, nunca poderá ser a prova do sobrenatural. O sentido popular ligado a esta palavra é: «Acontecimento que prova a existência dum mundo invisível ou espiritual fora do nosso e que, por isso mesmo, não pertence à ordem presente e visível da natureza». Sòmente neste sentido, e ainda de maneira imprópria, é que poderemos falar de certos fenómenos espiritas bem estabelecidos, como sendo sobrenaturais».

«Quem nega os milagres, afirma que conhece todas as leis do Universo. É tempo perdido discutir com eles; se não quiserem render-se à evidência, é melhor pô-los de lado. O arcebispo Whatelly, diz muito judiciosamente, num ensaio acerca da superstição: «Que um católico ou outra pessoa dê provas incontestáveis de milagre, temos de o admitir; mas pretender acreditar, ou acreditar em milagres *sem prova suficiente,* é superstição».

«Eu proporia esta definição dos fenómenos do Espiritismo: *Os milagre são manifestações supranormais do espírito e, por isso mesmo, raros.* Logo, podem ser a prova do Espírito Infinito, dum Espírito finito no invisível, ou de parte transcendente superior do espírito humano.

«Devemos fazer outra distinção essencial entre os milagres que são demonstração voluntária de poder sobrenatural tendente a fim divino e os milagres, tais como certos fenómenos estudados por nós e que são manifestações de inteligência e de poder inteiramente fora do contrôle do médium, cuja vontade se dispõe a não lhes resistir mentalmente. Estes «milagres» relativos tornar-se-ão, sem dúvida, o facto científico

de amanhã. Mas os primeiros, que são determinados, não pertencem à mesma categoria e permanecerão — no dizer de Kant — entre os acontecimentos do mundo, cuja causa eficiente ignoramos e ignoraremos sempre.

«A crença protestante, segundo a qual os milagres, na sua acepção mais ampla, só merecem crédito nas Escrituras, não tem fundamento. Como disse o Dr. Bushnel, embora a era dos milagres tenha passado há muito, desde os tempos apostólicos que temos a prova contínua da sua existência, isto é, a prova supranormal da existência e da acção duma Inteligência invisível».

* * *

Até aqui, verificou-se, à luz da Lógica, o que o equilíbrio mental pode aceitar, de positiva realidade, quanto a determinados fenómenos a que a superstição e o fanatismo chamam milagrosos.

Nas transcrições que precedem englobam-se os elementos necessários à formação de silogismo perfeito, cujas premissas, radicadas por argumentação segura, conduzem a remate conclusivo inabalável.

E não exibem sombra de má-fé, propósito de confundir, ou ciosidade mesquinha. Nenhuma nota dúbia, nenhum vislumbre sofístico, nenhuma fuga insidiosa. São laudos e depoimentos de ciência imparcial, sem prurido algum.

Já no século XVIII, alguns amadores de letras depois de apresentarem uma definição latina de milagre, decompondo-a e analisando-a, escreveram, em continuidade:

«Como se rezinga a respeito de tudo, rezingou-se acerca desta definição; chamou-se *milagre* o que é impossível á natureza; mas, não se reflectiu, que, assim, implicitamente era negada realidade a todo o milagre. Pois, o que é a natureza ? Por este vocábulo entende-se a ordem eterna das coisas. Um milagre, portanto, seria impossível perante uma tal ordenação. Neste sentido, Deus não poderia fazer milagres».

Registei, nas primeiras linhas, um princípio fundamental irrefutável: *O Universo obedece às leis;* e se obedece, como o demonstram, com eloquência matemática, os movimentos e revoluções das esferas na imensidade, revelando plena execução de rigoroso e impecável isocronismo, e se este imponente espectáculo insufla em quem o contempla a certeza íntima, absoluta, de existência do seu autor, é ilegítimo, absurdo, supô-lo a abrir excepções e a resvalamentos no ambiente de erratas.

É palpitante de verdade soberana, que a palavra «prodígio» no conceito de extra-natura não vale mais, nem tanto mesmo.

No sentido, todavia, de facto invulgar para o espectador, de acção inesperada empolgante, de deslumbramento emotivo diante de um quadro de estética genial, etc., é correntia.

Chateaubriand narra o seguinte caso a que assistiu, grafiando essa palavra, aplicada em acepção admissível:

«Em Julho de 1791, viajávamos no alto Canadá, com algumas famílias selvagens da nação dos Onontagues. Um dia, quando descansávamos numa grande esplanada à beira do rio Genesio, entrou no nosso campo uma cobra-cascável. Estava conosco um canadês, que tocava flauta; quis recrear-nos, e caminhou contra a serpente com a sua arma de nova espécie. Ao avizinhar-se-lhe o inimigo, a serpente pôs-se em espiral, achatou a cabeça, entumeceu as faces, franziu os beiços, mostrou os dentes peçonhosos e a sanguinária garganta; brandiu a língua bipartida como duas flamas; fusilam-lhe os olhos; o corpo, arfando de sanha, impa e contrai-se como fole de forja; e com tanta rapidez floreia a cauda, a expedir sinistro ruído, que mais parece um delgado vapor. Soa a flauta do canadês: faz a serpente um moto de espanto, e retrai a cabeça. À proporção que a fascina o efeito mágico, vão-se serenando as fúrias dos olhos, afrouxam as vibrações da cauda, e o ruído do açoute enfraquece e acaba. Menos perpendiculares sobre a sua linha espiral, dilatam-se as roscas da serpente fascinada, e vêm umas após outras dar em terra, em círculos concêntricos. As furta-cores de azul, verde, branco, e ouro retomam seu brilho natural sobre a pele arripiada. Inclina um pouco a cabeça e fica imóvel na postura de escutar com prazer. Então caminha contra ela o canadês, tirando da sua flauta sons suaves e monótonos; abaixa o reptil o colo matizado, entreabre com o focinho a fina hervagem, e vai de rastos sobre as pégadas do músico que a fascina, parando se ele pára, e recomeçando a segui-lo quando o vê afastar-se. Assim foi posta fora do nosso campo a serpente por entre multidão de espectadores selvagens e europeus, que mal ousavam crer seus olhos. Vendo aquele prodígio da música, todos à uma clamaram que se deixasse ir a maravilhosa serpente.»

Outro caso referido, entre outros, por Leonardo Gallois, um dos continuadores de Anquetil e por Thiers: Aos 6 de Novembro de 1792 travaram franceses e austríacos renhida batalha, ocupando estes forte posição nas alturas de Jemapes, de onde importava repeli-los.

O exército francês, composto em maioria de soldados inexperientes, não afeitos à guerra, era comandado pelo célebre Dumouriez.

Num aperto de circunstâncias de urgência, reconhecido pelo aludido general, este, «na força do combate», entoando a *Marselhesa* à frente da sua tropa juvenil e, acordando-lhe no ânimo o ardor patriótico invencível, guiou-a «com impetuosidade sobre os

formidáveis entrincheiramentos dos austríacos» e «arrasou tudo o que encontrou diante de si».

Houve nestes fenómenos, aliás aparatosos, mais do que efeitos naturais de causas naturais?

O dom de eloquência, dominante e arrebatadora, não caberá, porventura, na mesma categoria?

Esta «força de dizer» que nos cativa e enleva, conquista aplausos delirantes e ganha multidões compactas, vibra e faz vibrar, incendidamente, e até transforma fracos e pusilânimes em heróis de temerária ousadia, esta peregrina força transcende, por qualquer lado e de qualquer maneira, as leis imutáveis a que o Universo obedece?

O círculo e o quadrado identificam-se, a pesar de figuras geométricas, ambas delimitadas no espaço por linhas?

É viável à Suprema Energia Intelectual do todo existente confundir a linha-arco, abrangedora do círculo, cujos pontos, totalitários, equidistam de um outro, no interior, chamado centro e as quatro linhas rectas, de comprimento igual, que, unidas perpendicularmente por suas extremidades, formam quatro angulos de 90 graus cada um?

Será dado a esse Poder Sumo Incriado tornar não divergentes as expressões: *área de um quadrado* e *área do círculo,* bem como as fórmulas e teoremas de respectiva correlação?

São, intrínsecamente, impossíveis para o próprio Ente, causa infinita e legislação sublime.

Não conhece o espírita milagre nem confessa prodígio mais do que relativamente.

«A Natureza fala ao coração», disse um naturalista filósofo no discurso preliminar de elaboração prestimosa de especialidade, e tanto fala, com eficiência e unção, sugestiva e educadora, que não dá azo a fantasias nem atrai exotismos de sonhadores.

Afirmou com acerto Paul Broca, prefaciando livro docente, do seu discípulo Topinard e aludindo à «Sociedade de Antropologia de Paris», fundada em 1859: «A nova sociedade, avultando ràpidamente o programa da etnologia, agrupando à roda do estudo das raças humanas as ciências médicas, a anatomia comparada e a zoologia, a arqueologia pré-histórica e a paleontologia, a linguística e a história, e baptisando, finalmente, sob a designação de *antropologia* a ciência de que ela ampliava assim o alcance, a nova sociedade, repito, descerrou as suas portas a quantos cultivavam estas numerosas ramificações da sapiência humana».

Ficaram amplíssimamente abertas, distenderam-se para séculos sobre séculos, e os homens, as gerações sucedâneas, terrestres e não terrestres, visto ser insensato imaginar só habitada esta bola minúscula, que rola conosco na amplidão, à velocidade de cento e seis milhões de quilómetros por segundo, e ermos de vida tantíssimos biliões de corpos astronómicos ou celestes que giram com velocidades màximamente superiores, e os homens, as gerações sucedâneas, sem que a Natureza fosse arlequim aos saltos, prosseguiram e prosseguem, desvendando segredos de ontem, alargando âmbitos de pesquisa e análise, assentando raízes de verdade indubitável, onde se fantasiavam taumaturgias e forjavam prodígios, de contraproducência fácil de provar.

Surgem-me, a pêlo, estes princípios estabelecidos por Flammarion numa brochura de poucas páginas:

«I — As diversas forças que estiveram em acção no princípio das coisas deram origem nos mundos a uma grande variedade de seres, quer nos reinos inorgânicos, quer nos reinos orgânicos.

«II — Os seres animados foram constituídos, desde o princípio, com formas e organismo correlativo ao estado fisiológico de cada uma das esferas habitadas.

«III — Os homens dos outros mundos diferem de nós, tanto na sua organização íntima, como no seu tipo físico exterior».

Anomalias, sim, registamo-las. O hoje, entretanto, obscuro e enigmático, é a vulgaridade genèricamente acessível, ao sol de amanhã.

BIBLIOGRAFIA

«Charles Darwin Et Ses Précurseurs Français - Paris, 1870.

«O Livro dos Médiuns» - Rio de Janeiro, 1906.

«Dicionário da Língua Portuguesa» - David Corazzi-Editor - Lisboa, 1887.

«Petit Dictionnaire de l'Academie Française - Paris, 1813.

«Magnum Lexion Novissimum Latinum et Lusitanum - Paris, 1873.

«Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers» - Lausana e Berna, 1780.

«Œuvres Complètes de Fréret» - Tome premier - Paris, An. IV. (1796) - pág. 157.

«M. Camille Dareste - *Production Artificielle des Monstruosités* - Paris, 1877, págs. 2, *in fine* e 3.

«Na Atmosfera da Terra» - Edições da F. E. P. - Lisboa, 1930.

«Estudos Psíquicos» - Setembro de 1947 (Lisboa).

«D'Arsonval», *in* «LE MOIS» - Du 1.er Décembre 1931 - Paris (págs. 268 a 271).

«SIR WILLIAM BARRETT, Professor de Física na Universidade de Dublin, Membro da Sociedade Real Inglesa» — *Nos Umbrais do Além* - Estudos Psíquicos Editora - Lisboa, 1947.

«Questions Sur L'Encyclopédie» - 1772 (Huitiéme Partie).

«O Génio do Cristianismo» (versão portuguesa), volume 1.º - Porto, 1860, págs. 83 *in fine* e 84.

«História de França» (idem, idem), tomo IX, pàgs. 65 - Lisboa, 1848.

«História da Revolução Francesa (idem, idem), tomo II, págs. 238, *in fine* e 239 - Lisboa, 1841.

«Virey», *in* «Noveau Dictionaire d'Histoire Naturelle, Apliquée aux Arts», tome I, págs. XXXIII - Paris, An XI - 1803.

L'Anthropologie (troisième Édition), págs. XII - Paris, 1879.

«Os Habitantes dos Outros Mundos» (versão portuguesa), págs. 49 - Lisboa, 1909.

A Dupla Personalidade

pelo Dr. Carlos Imbassahy

Os doutos descobriram uma explicação para o fenómeno espirita — é a *dupla personalidade.*

Ainda não há muito tempo, em importante reunião de psiquiatras, um dos seus mais notáveis membros referiu-se àquela explicação, que ele tinha como indubitável, declarando *que Allan Kardec ignorava a noção, só mais tarde firmada pela psicologia, das divisões do eu*».

Antes do mais, cumpre salientar que as noções que Kardec apresentava não eram dele, mas dos Espíritos, como supunha. Se se trata, porém, das divisões do *eu,* a estas é que cabe a ignorância e não ao Kardec. Se este não cuidou da dupla personalidade, só há que reprochar o *eu* pelo seu lamentável esquecimento.

O próprio ilustre psiquiatra declara que «é precisamente essa divisão do *eu* o que se verifica no transe mediúnico». Pois é! Esse *eu,* em vez de declarar ao Kardec que era uma divisão, como se deveria prever de um *eu* honesto, afirmava que era Espírito. A confusão do Kardec vem daí.

O orador — justiça se lhe faça — viu que era preciso justificar essa mania do *eu* em dizer-se Espírito, e então explicou: — «A memória e a imaginação subconsciente... chegam, por assim dizer, a constituir no médium uma função espiritógena, que cria as personalidades imaginárias, com que ele se põe a conversar, cujo contacto ele sente, cuja forma, por vezes, vislumbra, etc.

O que nos não disse o afamado médico é donde surge essa função espiritógena, quando o médium não conhece nada de Espiritismo, nem professa sua crença; nem porque se havia ela formado na cabeça de Allan Kardec, ou na dos médiuns em transe, daquela época, quando o que dominava nas consciências eram os ensinamentos do catecismo católico e protestante. Essa observação não passou despercebida ao naturalista Russel Wallace, que assim se expressa em os *Milagres do Moderno Espiritualismo:*

> Havendo em geral sido os médiuns educados em qualquer uma das crenças ortodoxas usuais, como se explica que as noções sobre o paraiso não sejam nunca confirmadas por eles? Nos montões de volumes da literatura espiritualista não se encontra nenhum vestígio de espírito descrevendo anjos com asas, harpas de ouro, ou o trono de Deus, junto dos quais os mais modestos cristãos ortodoxos pensam que serão colocados, se forem para o céu.
>
> Nada mais maravilhoso na história do espírito humano do que o seguinte facto: Quer no fundo dos bosques mais remotos da América, quer nas cidades menos importantes da Inglaterra, mulheres e homens ignorantes, quase todos educados nessas crenças habituais do céu e do inferno, desde que foram tomados pelo estranho poder da mediunidade, deram a esse respeito ensinamentos que são mais filosóficos, que religiosos, e diferem totalmente do que lhes havia sido gravado no espírito.

Ponderava, do mesmo passo, em *Human Personality,* o eminente filósofo Frederico Myers:

> As pesquisas psíquicas conduzem-nos a uma vasta síntese filosófica e religiosa. Elas abrem a porta a uma revelação.

Os próprios ministros religiosos, mais do que ninguém, interessados em sustentar os dogmas de suas Igrejas, faziam idênticas reflexões, quando eram sinceros. Veja-se, por exemplo, o que declarou em memorável discurso na cidade de Nova York, o reverendo Savage:

> Sei de um livro, cujo autor era diplomado em Oxford e pastor da Igreja Inglesa e foi escrito automàticamente. Para desviar o pensamento do trabalho que a mão executava, lia obras em grego, e esse livro automático tem ensinos inteiramente contrários às ideias do autor.

Como a função espiritógena se meteu entre os dedos do escritor, é segredo que, certamente, só compete a psiquiatras ou psicopatologistas desvendarem.

Voltemos à dupla personalidade, e, antes do mais, esclareçamos ao ilustre tribuno, bem como a tantos quantos lhe bateram ruidosas e entusiásticas palmas, que o fenómeno nunca foi estranho aos espiritas «nem o seu estudo só muito tarde foi firmado pela Psicologia».

Já em 1876, o Dr. Dufay descrevia na *Revue Scientifique* os estados de personali-

dade de Mademoiselle R. L. Casos idênticos eram observados e anotados, em época anterior, por Alfred Maury, por Bersot, por Lemoine. Ainda mais: Marvaud escrevia em 1871 um livro sobre o assunto, com o título: — *Le Sommeil et l'Insomnie. Étude Physiologique.*

O caso clássico de Felida, narrado pelo Dr. Azam, remonta ao ano de 1856, embora o seu livro só mais tarde fosse editado. Mas, se quisermos livros anteriores, poderemos encontrar em 1830 a obra de Mach Nish, *Philosophy of Sleep,* com um caso de dupla personalidade. E se não nos detivermos ai, iremos verificar que esse mesmo caso já havia sido lembrado, em 1816, por Michell et Nott, no seu trabalho — *Repositório Médico.*

Não se trata, como se vê, de um grande descobrimento dos nossos modernos psiquiatras, nem há motivo para inferir-se que estivesse o assunto mergulhado em profundas trevas, quando Kardec codificou a filosofia espirita, lá para além do século dezanove.

Que os casos não passaram despercebidos aos espiritas, sabe quem lhes conhece as obras. Léon Denis tem um capítulo inteiro no seu livro — *Le Probleme de l'Être,* dedicado a esta espécie de factos, com o título *La Personalité Intégrale.*

Que ele podia distinguir, dizem-no as seguintes linhas:

Em certos casos vê-se aparecer uma individualidade muito diferente do ser normal, possuindo, não só conhecimento e aptidões mais extensas que as da personalidade comum, como dotada de modos de percepção mais poderosos e variados. Às vezes, mesmo, nos fenómenos de segunda personalidade, o carácter se modifica e difere por tal forma do carácter habitual, que houve observadores que se julgaram na presença de outro indivíduo.

Cumpre fazer a distinção entre esses casos e os de incorporação de defuntos. Os médiuns, em estado de desdobramento sonambúlico, emprestam às vezes o seu organismo, conservado livre, a entidades do Além, a espíritos desencarnados, que dele se servem para comunicar com os homens; mas, então, os nomes, as particularidades, as provas de identidade fornecidas pelos manifestantes não permitem confusão alguma. A individualidade invasora difere radicalmente da do paciente. Os casos de Georges Pelham, de Roberto Hyslop, de Fourcade, de muitos outros, demonstram-nos que as substituições de espíritos não podem ser confundidas com os casos de personalidade dupla.

Vê-se, diante disto, que o doutíssimo orador, psiquiatra entre os psiquiatras, não nos deixou boquiabertos com a sua revelação, no que toca às divisões do *eu,* ou aos casos das múltiplas personalidades.

Princípios Redentores

pelo Espírito de André Luís

Não se esqueça de que Deus é o tema central dos nossos destinos.

Deseje o bem dos outros, tanto quanto deseja o próprio bem.

Respeite a opinião dos vizinhos.

Evite contendas desagradáveis.

Empreste sem aguardar retribuição.

Dê o seu concurso às boas obras.

Não se preocupe com os caluniadores.

Agradeça ao inimigo o valor que lhe atribui.

Ajude as crianças.

Não desampare os velhos doentes.

Desculpe sinceramente.

Não critique quem quer que seja.

Repare nos seus defeitos, antes de corrigir os alheios.

Use a fé e a prudência.

Não peça uvas ao espinheiro.

Aprenda a semear, preparando boa ceifa.

Liberte-se de excessivas convenções.

Cultive a simplicidade.

Fale o menos possivel, relativamente a si e dos seus problemas.

Estimule as qualidades nobres dos companheiros.

Trabalhe no bem de todos.

Valorize o tempo.

Metodize o trabalho, sabendo que cada dia tem as suas obrigações.

Não se aflija.

Sirva a toda a gente sem prender-se.

Seja alegre, justo e agradecido.

Nunca imponha os seus pontos de vista.

Lembre-se de que o mundo não foi feito apenas para si.

As ciências sociais de hoje apresentam estes princípios como novidades. No entanto, são antigos. Chegaram à Terra com o Cristo, há quase vinte séculos. Nós outros, porém, espíritos atrasados no entendimento, somos ainda tardios na sua aplicação. *(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).*

N.º 14
FEVEREIRO
1 9 4 8

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Estamos chegados ao mês de Fevereiro e com ele vem o Carnaval. Há quem condene estes festejos, semelhando-os aos martírios de Cristo. Se formos a ver, porém, nem todos os países colocam o Carnaval na mesma data.

Devemos nós encará-lo como coisa má ou boa ?

A alegria sincera traz felicidade, desde que não ponhamos más intenções em nossos divertimentos. Não é preciso esperar pelo Carnaval para nos rirmos um pouco, não acham ? Sempre amiga

Kylas

★

Não te afastes do equilíbrio:
Sobriedade nunca é pouca.
Quando é fácil a receita,
A despesa é sempre louca.

Casimiro Cunha

★

AS QUALIDADES

Justiça

Ser justo é reconhecer os méritos de cada um e premiá-lo ou puni-lo de acordo.

É muito difícil ser inteiramente justo, dirão. É certo; mas não será isso que nos impedirá de exercer justiça.

O pai, o professor, o juiz enganaram-se, tomando por mau génio irreflexão, por ignorância, timidez, por culpado um inocente.

Isso, porém, pode acontecer algumas vezes, mas não sempre.

Além disso, procuraremos estudar as leis morais, aplicá-las primeiro em nós próprios e, depois, estudar bem os actos a julgar e a corrigir.

Atentem bem, todavia, nas intenções, porque com boa aparência cometem-se os piores crimes e julga-se mal, muitas vezes, de certo espalhafato que bem observado é provocado inconscientemente. Corrijam; não castiguem só.

A propósito de justiça, sempre me lembram as palavras de Vargas Vila :

«A sociedade quer castigar o assassinato, assassinando; limpar o sangue com o sangue; o crime com o crime; é a Justiça dos homens, e destroi; se fosse a Justiça de Deus, corrigiria.

O CORPO

Corpos Estranhos no Organismo

(Continuação)

Tal como lhes prometi, meus meninos, eis-me continuando com este assunto.

Nas feridas:

Retirar muito cuidadosamente, com os dedos ou com uma pinça, os pregos, os alfinetes, os bocadinhos de vidro, etc., etc., que, às vezes, lá se introduzem. Evitem, sobretudo, remexer na ferida, pois poderão causar uma hemorragia, mesmo até uma infecção. Nessa altura, o que têm a fazer é aplicar um penso limpo e bem apertado.

Nas vias digestivas:

Refiro-me apenas à faringe e ao esófago que caroços, espinhas de peixe ou bocados maiores de carne ou pão obstruem, dificultando a respiração, chegando até, por vezes, a produzir a morte por sufocação.

Isto acontece, de uma maneira geral, a velhos e crianças, talvez porque os primeiros não mastiguem bem de cansados e os segundos, os meus caríssimos meninos (Quando digo meninos, é claro que incluo meninas. Estabeleceram os gramáticos que o masculino, nestes casos, abarca os dois géneros que nós, mesmo contra vontade, temos que nos sujeitar...), os se-

ETERNO AMOR

por RUDERICO

No batel irisado dos meus sonhos
Eu vou singrando, desta vida à flor :
Sonhos de paz, alegres e risonhos,
Ou sonhos de amargura e de terror.

Eu vou singrando. Os vórtices medonhos
Ameaçam sorver, em seu furor,
O lânguido veleiro — que os tristonhos
Dias de temporal trazem a Dor...

A Dor, porém, me diz: «Aguenta-te, Homem!
Do teu Éden, a praia tens à vista
E não deves, na luta, sossobrar !

Nem só cravos e rosas em si tomem
Os que, do Eeterno Amor, vão à conquista !
— Tem de sofrer o que quiser amar !...

gundos deve ser com pressa de chegar à sobremesa...

Qual o tratamento a seguir nestas circunstâncias?

É claro que o «estrangeiro» terá de mudar de casa: ou sai pela boca, ou desce ao estômago, seguindo depois as vias normais.

Com os primeiros corpos, é de conveniência fazer vomitar o aflito, metendo-lhe um dedo na garganta ou um pluma. Quando forem espinhas que estejam espetadas, é preferível ir a um farmacêutico.

Os outros corpos far-se-ão descer, dando palmadinhas suaves nas costas e engolindo líquidos, sobretudo gordurosos, para amaciar as parte contundidas.

Desculpem a comparação, mas, quando um galo está entalado, deita-se-lhe um bocado de azeite pelo bico abaixo.

Nas vias respiratórias:

Nunca, quando estão a beber, começaram a rir? Que acontece então?

Tossem e até espirram porque o líquido, em vez de ir para o seu destino, sai pelo nariz.

É um acidente sem importância. Se, porém, se tratar de corpos sólidos, grãos, feijões, ervilhas, até pérolas e botões — que os meninos pequenos têm o hábito de levar tudo à boca — o caso é mais sério; o doente fica vermelho, levanta-se aflito, sufocado. Esses corpos podem descer mesmo pela laringe à traqueia, provocando acessos intermitentes.

Corram a chamar o médico, provocando vómitos no paciente, enquanto o esperam.

★

Canção às Aves

por Afonso Lopes Vieira

Vede irmãos, que deveis tanto
à nossa mãe Natureza:
deu-vos as asas e o canto,
nos campos vos pôs a mesa;
com seu cuidado materno,
seu extremoso carinho
cobriu-vos, contra o Inverno,
de quentes penas suaves,
e deu para todo o ninho
as árvores verdejando...

Ah! sede gratas, ó aves,
Sim, sede grata, — cantando!

De **«Canto Infantil»**

★

Se bem soubéssemos o que desejamos, raras coisas desejaríamos.

La Rochefoucauld

UM MENINO ENDIABRADO

por Henrique Magalhães

Tinha 15 anos, o indomável rapaz. Louro, espigado, vicejava pelas ruas dirigindo invectivas aos transeuntes. Se um ou outro reagia, ameaçando-o, fugia para o morro próximo. De vez em quando ia para o armazém da esquina, a tagarelar com a caixeirada. Achando momento oportuno, rápido desviava um pacote de doce da prateleira mais próxima, e muito surrateiramente saía, levando o produto escondido!

Certa feita foi apanhado com a boca na botija, no depósito de pão, o que lhe valeu uns bons cascudos... Não se emendou, porém, pasando, daí em diante, a hostilizar o comerciante.

Quando seu pai era vivo, surrava-o, de vez em quando, por não tolerar o seu procedimento. A esse castigo, evidentemente merecido, revidava o rapaz, ausentando-se de casa. Muitas vezes dormiu nos passeios das ruas, por baixo das *marquises*.

Agora achava-se à solta, uma vez que o pai desencarnara no ano anterior. Com as rédeas soltas, como costumamos dizer, aprofundou-se na vadiagem.

Sua velha e bondosa mãe estava enferma de moléstia incurável. Sempre aconselhava o filho com brandura, a fim de estimular-lhe o gosto pelo trabalho. Seu esforço, no entanto, resultava inútil, o que agravava a sua dolorosa situação, pois a fome já lhe batia a porta. Não podendo trabalhar, sem recursos de espécie alguma, passou a pobre criatura a sofrer duplamente. Por um lado observava as traquinadas do filho, nada ou quase nada podendo fazer em seu benefício, porque não podia levantar-se do leito; por outro lado sentia-se abandonada.

Não fosse a bondade dos vizinhos e teria perecido.

E os dias passavam...

Um belo dia acercou-se do misérrimo barração um senhor idoso: semblante alegre, irradiando bondade e ternura. Sentou-se, após os devidos cumprimentos. Dirigindo-se à enferma assim falou:

— Soube de sua desdita, minha senhora. Vim socorrê-la, embora as minhas possibilidades sejam poucas.

Maria, a enferma, esboçou um gesto de agradável surpresa. Sentou-se na cama, a custo, encarou o visitante e, após curto intervalo, começou a falar-lhe. Na conversa que se seguiu, longa, aliás, contou-lhe suas desditas, terminando com estas palavras:

— Quando meu marido era vivo, tudo corria bem. Ganhava o necessário para sustento do lar, era carinhoso e bom e assim disfrutávamos relativo bem-estar. A única coisa que nos toldava a alegria era o nosso filho Juquinha. Mas, como as mães sempre confiam no porvir, também eu acalentava esperanças de transformar seu carácter rebelde.

O visitante contemplava a enferma esquelética. Entrou em pormenores, com o desejo incontido de minorar os sofrimentos daquela criatura. Momentos depois chegava o traquinas, suarento! Sua mãe olhou-o, de alto a baixo, pressentindo que algo de condenável ele tinha praticado. Dirigindo-lhe a palavra, perguntou com voz sumida:

— Que fez você, meu filho? Estou lendo em seus olhos qualquer coisa de anormal!

— Nada fiz de mal, mamãe... — respondeu o garoto perturbado. E acrescentou:

— É que...

— Complete a frase! — ordenou a infeliz mãe, em face do *estacato* do filho.

O endiabrado fechou-se como um túmulo. Por vezes olhava para o visitante, voltava a encarar a mãe chumbando a seguir os olhos no chão. E não houve meio de lhe arrancar uma palavra.

Inopinadamente entrou o sr. José, dono do depósito de pão. Olhos congestionados, denotando grande aborrecimento, ia fazer nova queixa do endiabrado garoto. Ao notar, todavia, a presença do visitante, esmoreceu.

— Mais tarde voltarei para falar com a senhora — disse ele, dirigindo-se à infeliz mãe. E saiu, incontinente.

— Está vendo, meu filho? — disse a enferma, debulhada em lágrimas. Você está a matar-me, aos poucos.

E acrescentou:

— Os desgostos acumulam-se, uns após outros.

E dirigindo os olhos para o teto, formado de folhas de latas velhas, balbuciou:

— Senhor, quando terminará este sofrimento?!...

Vendo a mãe em estado de desespero, o Juquinha ficou lívido, com os olhos marejados de lágrimas.

O sr. Raimundo, o visitante, chamou a si o rapazote e afagou-lhe a cabeça.

Volvendo os olhos para o filho, dona Maria prosseguiu:

— Olhe, Juquinha, os filhos obedientes são abençoados por Deus, e daí advém-lhes felicidade. Mas os desobedientes, os que contrariam os pais ou os maltratam, cedo ou tarde recebem o castigo. Tenha cuidado

meu filho, para não ser destes últimos...

Então o sr. Raimundo, encarou o rapaz e atalhou:

— Sua mãe tem razão. Em minha infância conheci um rapazinho que era o que se podia chamar um demónio. Seus pais, talvez por serem ricos, satisfaziam-lhe os caprichos, mesmo os mais disparatados. Por isso mesmo, virava a bicho sempre que o contrariavam, mesmo pelas coisas mais comesinhas. Sua mãe passava o tempo visivelmente desgostosa, mas ia-o aturando, com paciência de Job. E o garoto foi crescendo, naquele ambiente de irresponsabilidade... Frequentou várias escolas, sendo que, de umas foi expulso, por seu procedimento incorrecto, abandonando outras, para brincar ou fazer zaragata com os companheiros. Passava os dias e parte das noites nos botequins, jogando bilhar. Abominava o trabalho e quando homem tornou-se um dos maiores desordeiros da cidade. Preso várias vezes pelos crimes cometidos, morreu na prisão, depois de uma vida agitada.

Nesse instante o Juquinha fixou o sr. Raimundo com os seus grandes olhos, espantadiço, pois compreendera a insinuação que lhe era dirigida, e disse, como a defender-se:

— Mas eu não sou descrdeiro!

— Ora, Juquinha — disse o interlocutor, com brandura — sei perfeitamente que você não é desordeiro, mas se continuar a abandonar sua mãezinha e a dormir fora de casa, a trocar o trabalho pelas farras, ir-se-á habituando à vida de malandro, como acontece a grande número de rapazes de sua idade, e esse hábito o levará à desordem, e talvez ao crime.

E afagando-lhe a cabeça paternalmente, continuou:

— Você deve trabalhar, a exemplo dos bons filhos, não só para ser um cidadão útil à Pátria e a você mesmo, como, principalmente, para ajudar sua mãe, que tem em você o único arrimo, na Terra.

E nesse diapasão falou o sr. Raimundo, longos minutos, àquele filho ingrato.

Quando terminou, uma torrente de lágrimas brotava dos olhos do rapaz. Algo de novo se passava no seu ser!

O sr. Raimundo aproveitou o instante propício para implorar ao Criador, em uma sentida prece, a protecção, a luz e Sua misericórdia para aquele lar, onde tudo faltava, inclusive a paz.

No mês seguinte voltou ao lar humilde. Desta vez o ambiente tinha-se modificado. Dona Maria, embora continuasse doente, estava radiante, e logo à chegada do sr. Raimundo foi-lhe anunciando a mudança operada em seu filho, em seguida à visita que lhes fizera.

Na manhã que se seguiu àquele abençoado dia, informou ela, pressurosa, seu filho procurara emprego por intermédio de um jornal. Teve a sorte de ser aproveitado numa fábrica de calçado e lá trabalha todo satisfeito.

Foi Deus que o mandou aqui, sr. Raimundo! — terminou, enviando, naquelas singelas palavras, um mundo de agradecimentos.

Aos vinte e um anos de idade — soube mais tarde o sr. Raimundo — o Juquinha casou-se, revelando-se verdadeiro chefe de família.

ALÉM DA MORTE

de Antero de Quental

Além da morte, além da sepultura,
Onde a ciência encontra a paz do nada,
Começa luminosa e longa estrada
Que reconduz à Vida eterna e pura.

Da carne, é o pesadelo, a noite escura,
A fantasia e a luz abandonada;
Na alma liberta, a santa madrugada
Na alegria de nova semeadura!

Oh! viajores no inverno dos caminhos,
Aves cansadas dos terrestres ninhos,
Vencei as dores para bendizê-las...

Aguardai a Divina Primavera,
Que outra vida mais alta vos espera,
Entre as rotas sublimes das estrelas!

Recebido pelo médium F. Cândido Xavier

*De «**Colectânea do Além**»*

A MACAQUINHA BILAU

por António Boto

Era uma vez um leão chamado Bonaparte que vivia solitário na mais triste viuvez.

Os homens tinham assassinado a sua companheira.

Uma tarde, apareceu-lhe Bilau, uma linda macaquinha, que apertava contra o peito os seus filhos e dizia:

— Os caçadores feriram-me sem piedade. Sinto fugir as minhas forças. Tem dó destes dois desgraçados; salva os meus filhos ao menos.

— Deixa-os ficar — respondeu ele — e vai ver se encontras ervas medicinais para essas tuas feridas que sangram abundantemente. Eu vou sentar-me com eles, ali junto àquele embondeiro. Anda, vai; trata de ti...

Bilau arastou-se como pôde à procura das ervas enquanto os seus filhos brincavam envolvidos pelo olhar do velho e nobre animal. Depois, adormeceram, fatigados.

Bonaparte, deixou-se dormir também.

Uma águia que andava ali perto desceu e apoderou-se dos macaquinhos, indo, com eles, pousar no ramo mais alto do esbelto e largo embondeiro.

Sobressaltado, Bonaparte acordou, e disse:

— De ti depende o juramento que fiz à mãe desses dois infelizes. Tu és a rainha das aves e eu sou o rei dos animais. Pois bem: tratemo-nos de igual para igual: devolve-me o que roubaste!

— Ouve, meu caro e velho amigo: se em troca me dás um bom pedaço de carne para saciar a minha fome, não hesito em devolver-te estes dois enfezaditos. Sou, como vês, de uma franqueza leal.

— Está muito bem, aceito.

E arrancando ao costado um largo pedaço de carne, atirou-lho desdenhoso.

— Mereces que te chamem, realmente, o grande rei dos animais, diz-lhe a águia surpreendida. E é tamanho o teu sacrifício que de modo algum posso aceitá-lo. Aqui tens o que me pedes.

Quando Bilau regressou, os filhos estavam vivos, mas Bonaparte, o leão, dava o derradeiro alento — serenamente morria.

De «**O Livro das Crianças**»

Amor Infantil

Anos atrás, numa grande cidade, foi encontrada na rua uma pobre mulher embriagada, que foi levada à prisão, ali permanecendo durante a noite.

Na manhã seguinte foi apresentada ao juiz. Era um quadro comovente. Duas crianças tremendo de medo, seguravam-se fortemente à roupa esfarrapada da mãe, e, assim, com ela compareceram perante o tribunal. A criança mais velha era um garoto de sete anos incompletos que, entretanto, devido a vida infeliz que durante anos havia levado por culpa da mãe, parecia ser bem mais velho; a mais nova era uma menina de mais ou menos 5 anos. Soluçando desconsoladamente, seguia a desnaturada mãe. Meus caros amiguinhos: Quanta miséria trouxe o vício ao mundo! Merecem a nossa compaixão as crianças que têm uma mãe assim! Sois vós gratos a Deus de todo o vosso coração por vos haver dado um mãezinha carinhosa e boa?

O juiz dirigiu algumas perguntas à infeliz mãe e logo sentenciou:

— Duzentos e cinquenta e dois cruzeiros.

Mal o garoto ouviu essas palavras, levantou-se, pegou na mão da irmãzinha e disse:

— Bem; nós iremos ajuntar o dinheiro.

E, dirigindo-se ao juiz, exclamou:

— Por favor, espere um pouco, meu senhor; nós logo lhe trazemos o dinheiro.

Com estas palavras deixaram apressadamente a sala e foram de casa em casa, a fim de arranjar a soma exigida, para que a mãe, que nada possuia, não precisasse de ficar na prisão. Tudo isto contavam eles às pessoas com quem entravam em contacto; e sèriamente, o menino prometeu devolver mais tarde o dinheiro, quando estivesse ganhando.

Algum tempo depois as crianças entraram na sala. O menino foi ter com o juiz, estendendo-lhe a mão cheia de dinheiro e disse:

— Aqui estão 40 cruzeiros, meu senhor; mais não me deram. Sei que não é suficiente; mas pensei que talvez fosse possivel ficar na prisão em lugar da minha mãe. Oh! por favor! Meu senhor! Eu permanecerei com prazer um pouco mais tempo, até que tudo esteja liquidado.

Os assistentes estavam profundamente comovidos e o juiz enxugou uma lágrima furtiva.

Um policial veio à frente e disse:

— Não, meu bom pequeno. Não deves ir para a prisão, nem a tua mãe. Aqui está; eu pago o resto.

Mas não lhe foi possivel realizar esse nobre intento, pois antes disso o juiz dirigiu-se à acusada com as seguintes palavras:

— O resto vos será perdoado, senhora. Sabei, no entanto, que se assim sucede é sòmente por vossos filhos, que tanto amam a sua desajuizada mãe.

A mãe estava comovida. Caiu de joelhos, abraçando os filhos e prometendo, entre lágrimas, começar uma vida nova.

Com o auxílio de Deus, ela conseguiu cumprir a sua promessa. Daí em diante sustentava-se e a seus filhos de maneira honrada, pelo trabalho de suas mãos.

(Extraido por **Astreia**)

★

Não fales sem reflectir
que a palavra é como a bala:
— Quando se deixa partir
não há quem possa agarrá-la.

Silva Tavares

★

Respeito pelo Sono

O criado, depois de bater delicadamente à porta, entra pelo quarto dum hóspede, chegado na véspera, e acorda-o.

— Queira desculpar. O senhor é que desejava partir hoje no comboio das seis e meia?

— Sou eu mesmo.

— Pois eu vinha dizer-lhe que pode continuar a dormir descansadamente porque o comboio partiu justamente há cinco minutos.

Os Fihos Ingratos

pelo Padre Manuel Bernardes

Certa mulher dera à sua filha, em dote, quando possuia; e depois, assim ela como o genro a desprezavam e lhes aborrecia em casa como carga inútil. Vendo isto a velha, — «Já sei — disse consigo — como emendar o seu erro».

Dali por diante, fingia que se furtava aos olhos dos da casa para se retirar a certo aposento interior, onde tinha uma arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava. Ali, de noite, a horas escusas, com dissimulação afectada, abria, vazava, contava e tornava a guardar, em lugar de patacas, pedacinhos de louça quebrada, espreitando entretanto se fora sentida.

Também, entre a conversação deixava cair algumas palavras significativas, que indicavam testamento feito, ou quantidade de sufrágios e esmolas, ou louvor dos que pouparam para a sua velhice, ou outras semelhantes.

Do que tudo vieram a filha e o genro a entender que a velha tinha dinheiro escondido, e logo deliberaram tratá-la bem e falar-lhe com agrado e sujeição.

Tanto que chegou o seu dia e passou desta vida, foram mui sôfregos contar o que havia na arca, mas o que acharam entre os telhos foi um papel com estas palavras:

«Filhos meus, se os tiverdes, não vos esqueçais de vós no dar-lhe estado. Este desengano que tenho, vos deixo em lugar do dinheiro que não tenho».

ORAÇÃO

por José Silvério Horta

Pai Nosso, que estás nos céus;
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos
Deste mundo de escarcéus.

Santificado, Senhor,
Seja teu nome sublime
Que em todo o Universo exprime
Concórdia, ternura, amor.

Venha ao nosso coração
O teu reino de bondade,
De paz e de claridade
Na estrada da redenção.

Cumpra-se o teu mandamento
Que não vacila e nem erra
Nos céus, como em toda a Terra
De luta e de sofrimento.

Evita-nos todo o mal,
Dá-nos o pão no caminho,
Feito na luz, no carinho
Do pão espiritual.

Perdoa-nos, meu Senhor,
Os débitos tenebrosos,
De passados escabrosos,
De iniquidade e de dor.

Auxilia-nos também,
Nos sentimentos cristãos,
A amar os nossos irmãos
Que vivem longe do bem.

Com a protecção de Jesus,
Livra a nossa alma do erro
Sobre o mundo de desterro,
Distante da vossa luz.

Com a nossa ideal igreja
Seja o altar da Caridade,
Onde se faça a vontade
Do nosso amor... Assim seja.

O ORFANATO CASA DE LUCIÁ

Nunca é demais falar nas grandes realizações do Espiritismo. Torná-las conhecidas através da imprensa, o mesmo é que promover a sua expansão. Um dos nossos objectivos é precisamente este. Queremos que o público saiba que a nossa doutrina tem a raiz nos Evangelhos. E que não basta pregar e concitar a atenção do público, se não houver decidida vontade de fazer o bem, mesmo à custa de sacrifícios. Porque a pregação sem exemplos basilares é como sino que tange mas não ecoa.

O mundo já se vai cansando dos mestres de obra feita. A época é de síntese. Temos de aproveitar o tempo, que a ampulheta não espera. Um minuto de ociosidade desequilibra tarefas esboçadas que requerem muita atenção.

De todas as obras sociais do Espiritismo, os hospitais e os orfanatos são as que merecem maior simpatia. E o Brasil imenso está cheio destes monumentos altruistas erguidos em holocausto à Bondade e à Caridade, que devem ser o alvo da nossa vida. A criança é mais digna de amparo do que a velhice. Tem vasto campo na sua frente. Tem a vida inteira a solicitá-la, a atraí-la para o bem e para o mal. Por isso, devemos abrigá-la das intempéries. Devemos subtraí-la aos antros que espreitam os incautos. Não quer dizer que a velhice seja esquecida. Para ela se constroem asilos e caixas de previdência. Mas a infância desvalida carece de maior protecção.

O *Orfanato Casa de Luciá* é uma instituição modelar criada e mantida pelo Espiritismo. Erguido entre parques floridos e massas verdejantes de arvoredo, como diz *O Globo*, do Rio de Janeiro, em sugestiva *reportagem*, inaugurou há pouco um belo departamento masculino que muito valoriza a sua obra beneficente. Está situado no arrabalde de L. de Vasconcelos, da capital carioca e recolhe crianças dos dois aos cinco anos, às quais ministra instrução primária e profissional, apetrechando-as para as lutas da existência. Não é pròpriamente asilo, mas escola de formação moral. As crianças saiem dali familiarizadas com o trabalho, prontas a ganhar a vida e a enfrentar o mundo.

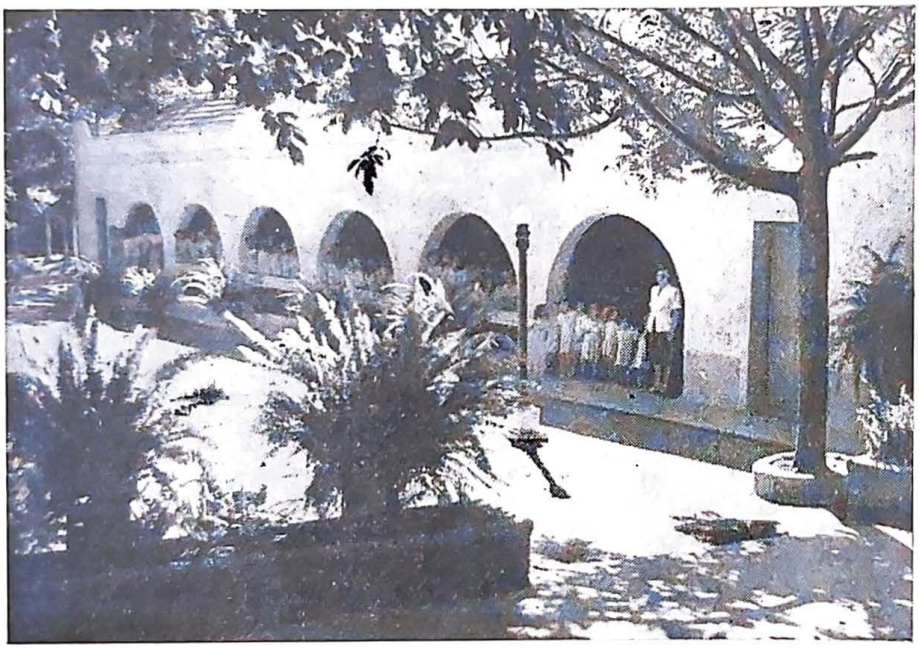
Orfanato Casa de Luciá, do Rio de Janeiro

Esta obra foi idealizada e fundada por D. Rosa Leomil de Vasconcelos, sua actual presidente e a maior contribuinte na aquisição de tão magnífico património. D. Rosa Leomil é portuguesa, filha de brasileiros, e desenvolve extraordinária actividade dentro do Orfanato, onde turmas sucessivas de crianças desamparadas são acolhidas carinhosamente. D. Rosa Leomil é tudo naquela casa: lavadeira, cozinheira, directora, professora, presidente e mãezinha dos pequeninos.

Eis um exemplo digno de imitar-se. Digno de imitar-se e de louvar-se, porque obras deste género exaltam a doutrina espirita. São

a materialização dos Evangelhos. São afirmação indestrutível de quanto vale uma cruzada a serviço do próximo.

Ao sair do Orfanato, a criança nada tem que recear. Vem pronta para tudo. Traz os meios necessários para vencer. É um homem ou uma mulher entregue à sociedade. Mas que soma de sacrifício não exige esta faina sacrossanta! Sacrifício, dedicação, renúncia, que seis eu! O caso é que há corações que se desdobram em rasgos de bem-fazer e almas que se dilatam em amplexos de filantropia, como D. Rosa Leomil de Vasconcelos, que bem podia gozar vida confortável, mas que tudo abandona pelo amor dos pequeninos. É o exemplo vivo da mulher espirita, que veio ao mundo em missão de amparar e guiar...



Outro aspecto do Orfanato

* * *

O *Orfanato Casa de Luciá* é uma associação beneficiente composta de 18 membros natos: 11 brasileiros descendentes de portugueses, 2 brasileiros descendentes de franceses e 5 portugueses. Mas apagam-se no anonimato, para que só avulte o nome da obra, como fazem os dirigentes da *Maternidade Casa da Mãe Pobre*. A Directoria é formada por cinco senhoras que escolhem entre si os respectivos cargos.

Espalhados por 11.000 metros quadrados de terreno, há já seis edifícios construídos: 3 de três pavimentos, 2 de dois pavimentos e um de um pavimento. Tem certa analogia com a obra do Padre Américo, o genial criador da *Casa do Gaiato*, em Paço de Sousa, com filiais em Lisboa, Porto e Coimbra. O Padre Américo vai buscar o elemento à rua, ao lixo das vielas, à podridão. Depois, lapida esses diamantes em bruto que encontrou na vaza. E ensina-lhes as regras de bem viver e de bem morrer. Muitos estão empregados e honram a casa que os recolheu. Outros não puderam fugir ao seu destino... É uma obra grandiosa, talvez única no seu género, não só em Portugal, como na velha Europa. Dirige-a um padre católico que é um verdadeiro discípulo do Cristo. Um padre católico? Não; um Apóstolo; um verdadeiro Missionário é que ele é. O seu evangelho é de grande alcance moral e social.

A *Casa de Luciá* é uma *Casa do Gaiato* de feitio diferente. Não trabalha com *lama social*, mas com seres inermes que fàcilmente se reduziriam a escória, se mão acolhedora os não libertasse. Depois, como dissemos, dá-lhes instrução primária e profissional, além do teto e do pão do estômago e do pão do espírito.

E há quinze anos que este crisol funciona sem interrupção, higiénico e confortável. As gravuras que publicamos mostram o valor e a grandeza da obra. Só lamentamos a carência de elementos, que nos impedem de condigna referência. Mas não se pode negar a imponência do edifício. É o que se chama um autêntico palacete de estilo colonial.

O Departamento Masculino há pouco inaugurado importou em mais de um milhão de cruzeiros (cerca de 1.500 contos da nossa moeda) e tem dois belos edifícios com modernissimas instalações, como sala de aulas, dormitório com 150 leitos, aparelhos sanitários, banheiras com chuveiros eléctricos, rouparia, enfermaria, salas para cirurgia de emergência, refeitório, cozinha, dietética, recreio coberto, quartos para a directora de serviço

ENTRE AS FOLHAS O FRUTO

(Tradução de I. D. S.)

por Natálio Ceccarini (F.)

Lemos o último trabalho de Noé Wajner intilulado «Justiça Imanente» (1) e não podemos furtar-nos ao desejo de exprimir a grata satisfação que a sua leitura nos proporcionou, e de mostrar a nossa inteira concordância com quase todas as suas afirmações, das quais transcreveremos algumas para conhecimento de todos.

O Dr. Noé Wajner, diplomado pela Escola de Altos Estudos Internacionais de Paris e professor de Direito na Universidade da capital francesa, enriqueceu a bibliografia da sua especialidade com uma série de livros e trabalhos de indubitável valor, enveredando em suas últimas produções pelas áridas sendas que conduzem à Paz, do ponto de vista político e económico, oferecendo assim a sua contribuição à tranquilidade e pacificação espiritual dos povos.

Espiritualista e reencarnacionista, o Dr. Wajner chega à conclusão de que a origem de tudo o que sucede no mundo atormentado de hoje, em suas crises económicas, políticas e espirituais, reside nessa falta de compresnsão dos homens quanto à sua verdadeira realidade espiritual, à sua trajectória evolutiva, ao causalismo moral que obra e determina o *devenir* e é justificação de todo o presente. O desconhecimento, por parte do Ser, da veracidade da justiça imanente que age sobre a criação, obriga-o, em sua cegueira, a procurar outra justiça, de natureza humana, jungido a mentiras permanentes oriundas de seus intermináveis sofrimentos.

(1) Impresso na Tipografia Sud-América (Santiago, Chile), 24 pág. 1947.

Este opúsculo, que prova de modo evidente que todas as suas afirmações resultam de experiência vivida e analisada profundamente, dedicou-o o autor *aos inimigos que tanto lhe têm ensinado.* Em suas poucas páginas acha-se um caudal de verdadeira sabedoria, verdadeira por si mesma, por estar contida em pequeno recipiente, desprovida de ampolusidade artificiosa e carente dessa rectórica que, em vez de aclarar a verdade, a ofusca, e à qual são tão atreitos os que buscam a forma em prejuizo da substância. Cada página deste grande e pequeno livro é um tesouro de ensinamentos e realidades, é um facho de luz que iluminará o caminho de quantos a elas recorram. Sobretudo, merece relevo o estilo impessoal, a ausência de sectarismo, sentimento ou ideia tendenciosa com que foi concebido. Todos os grandes mestres da humanidade, chamem-se Jesus, Buda, Tagore, Vivekânanda, etc., servem-lhe para provar o que assevera. Não se detém a considerar se a afirmação que postula enquadra nesta ou naquela religião ou corrente filosófica; se se ajusta a este livro sagrado ou àquele pensamento sociológico ou político. Para o nosso autor, todos os caminhos conduzem à Verdade e todos os grandes inspirados no Bem da Humanidade trouxeram a sua luz para que esta seja justamente orientada e a sua consciência esclarecida.

Cada princípio, postulado ou conceito expresso, encontra na alma aberta do escritor a citação que o corrobora e fundamenta. De pensamento profundo e eclético, é universalista na forma e na substância, e por isso o Dr. Wajner é um autêntico construtor na pacificação espiritual da sociedade e um positivo explicador das causas determinantes das repetidas crises sociais, ideológicas e morais, a que o homem é submetido de vez em quando.

Quando afirma: «... Os seres humanos estão habituados a presenciar tangìvelmente a sucessão do efeito à causa e esquecem-se de que a sua curtíssima existência terrena não pode afectar as Leis Universais que sempre têm governado e sempre governarão e por isso não se ajustam de modo preciso aos poucos anos da vida humana. A julgar pela actividade do homem, infere-se, em geral, que o mundo começa com o nascimento e termina com a morte»...; quando afirma isto, repetimos, demonstra, sem dúvida, uma realidade cotidiana e comum à generalidade dos indivíduos; qualquer coisa que existe para além dos limites da existência relativa ao domínio dessas leis Universais que agem sobre nós e regem toda a nossa trajectória evolutiva.

Mais adiante afirma esta verdade pertencente a

e a enfermeira, e um solário, tudo cuidadosamente montado, o que torna o *Orfanato Casa de Luciá* verdadeiro modelo de orfanatos em todo o Brasil.

Com a publicação deste artigo, *Estudos Psíquicos* cumpre um dever a que não poderia faltar. Revista luso-brasileira ao serviço do Espiritismo, não esquecerá as obras que mereçam divulgação. Esta é uma delas, dirigida e orientada por senhoras que sabem cultivar e estimular as mimosas flores de carne que as contingências da vida lançaram em suas mãos acariciadoras.

Que Deus as cubra de bênçãos, amparando-as e fortalecendo-as, para que não cessem de plasmar e guiar os pequeninos seres que em boa hora foram acolhidos na *Casa de Luciá.*

I. D. S.

todos os sectores do pensamento e a todas as almas nobres que só procuram o Bem e o aperfeiçoamento moral do indivíduo: «... Em rigor, o homem admite que não *tem menos* e nunca admite que *sente menos*. No primeiro caso, encontra o fenómeno verídico mas injusto, e protesta; no segundo, encontra o fenómeno falso, mas justo, e cala-se». E nós podemos acrescentar: Enquanto o homem não reconhecer que só no segundo termo está o caminho da sua redenção, continuará como até agora, inconsciente, inconsciente da sua realidade e do seu destino, originando incessantemente conflitos de toda a espécie que o hão-de atingir. Repetirá a sua própria história e a história do mundo. E quando reconhecer que *tendo menos* e *sentindo* mais encontrará a senda que lhe pacificará o Espírito, decidir-se-á a seguir esse caminho de superação e iniciará a ascese evolutiva para as altas esferas da comprensão e da verdade.

Neste último trabalho do Dr. Wajner procura-se mostrar e provar a realidade da Justiça Imanente, agindo harmoniosa sobre os homens e as coisas. E o autor consegue-o com facilidade expressiva e discurso incontroverso. Pretende evidenciar e confirmar a existência de Deus, de uma Causa Primária e Criadora, manifestando-se em tudo e que influi ao realizar-se no curso evolucionista do planeta e do Cosmos e tem expressão nessa Justiça. E consegue-o com lógica e pensamento eclético, com critério ecuménico. Para que seu raciocínio adquira força e convicção, não precisa de se inclinar para qualquer sector religioso, ou apoiar-se em tendências ideológicas, ou fundamentar-se em ortodoxias doutrinárias. O seu desejo é indicar ao homem a causa da sua dor, da sua injustiça, da sua angústia permanente e lacerante. Para isso, basta-lhe dizer a verdade que já possui.

O nosso escritor vai mais longe, pois além de ensinar o móvel do conflito espiritual e social do homem consigo mesmo e com o meio em que se desenvolve, apresenta a fórmula que pode resolver aquele conflito: *Os homens, quer individualmente, quer em colectividade, podem mudar a face do mundo, se modificarem o fundo da sua consciência.*

No tocante à distância a que se encontra o indivíduo do contacto com essa Justiça Imanente, que é manifestação viva da Divindade, vemos que aumenta constantemente, distância que se acentua ao acreditar que venera Deus, quando, afinal, o nega ao senti-lo na profundidade do seu ser. A respeito disto, manifesta o Dr. Wajner:

«Em geral, o homem está muito longe de alcançar o baixo nível do conceito da justiça humana na sua melhor expressão actual; por conseguinte, falta ainda muita evolução até que a Humanidade viva conforme os preceitos da justiça imanente... Assim, é inútil reconciliar as múltiplas justiças humanas, quando a própria justiça divina, una e indivisível por definição, também é objecto de prejuízos, rixas, antagonismos e lutas. *Se não há reconciliação em nome da Divindade, como a poderá haver em nome da Fraternidade? Deus criou a Nação;* os homens que nele crêem, inventaram as nações».

Poderíamos continuar a extrair conceitos do formoso ensaio do Dr. Wajner. Sobram-nos desejos nesse sentido. Mas preferimos recomendá-lo a todos os espiritualistas, para que o belo fruto oculto entre as suas poucas folhas (profunda filosofia) lhes confirme as actuais convicções e os impregne desse critério universalista para a interpretação da vida, de modo que procurem a razão da existência do homem, conheçam o seu destino transcendente a achem os meios que atenuem suas crises contínuas, promovendo o seu progresso espiritual dentro da Justiça Imanente, que é alcançá-lo no amor de Deus.

Cada parágrafo é uma joia de incalculável valor, se o aquilatarmos pela quantidade de verdade que exprime. E cada parágrafo tem no autor a ajustada citação que o reforça e esclarece. A Verdade é uma só e as sendas que a ela conduzem são muitas. Pertence ao homem descriminar os verdadeiros dos falsos caminhos e, uma vez neles, liberto de ideias preconcebidas que lhe fragmentem a visão da Verdade e de toda a tradição que lhe aumente a servidão espiritual, decidir-se atrás dessa potente Luz, que é ir em busca da Divindade. E muitos foram e são os Mestres e Instrutores — caminhos traçados na face da terra — que exprimem parte dessa Verdade e indicam a forma de alcançá-la, senão totalmente, já que significaria possuir a força e o poder de Deus, pelo menos o suficiente para reconhecer o grande mistério de si mesmo na sua essência espiritual e descobrir a senda, que, uma vez percorrida, diria de uma vida útil, fecunda, certa, eterna.

«*Não sofremos tanto pelas limitações do mundo externo, como pelas deficiências do mundo interno... As soluções, antes de se materializarem em nosso mundo físico, têm que existir primeiro no nosso mundo psíquico* e nesta simplicíssima verdade reside a origem de todas as nossas dificuldades». Apreciemos em toda a sua amplitude esta grande verdade que encerra uma equação espiritual de transcendência para o destino do homem e do mundo, e apliquemo-la como princípio do nosso anelo de perfeição moral, razão primária e fundamental de todo o conceito espiritualista.

O homem só melhorará quando compreender que em si mesmo reside a CAUSA das perturbações e dos conflitos, desde que não se comporte segundo a Justiça Imanente e na compreensão da obra de Deus. E a este elevado propósito, o Dr. Wajner prestou um incalculável serviço.

O seu pequeno grande livro, entre contadas folhas, oferece-nos um belo e sazonado fruto.

A crítica às nossas edições

Continuamos a arquivar algumas referências às nossas edições, para a história do movimento espirita português. Hoje temos o prazer de inserir as palavras do *Século Ilustrado* acerca da obra «Nos Umbrais do Além», do grande sábio William Barrett e que teve belo êxito no mercado livreiro.

Eis o que diz o popular hebdomadário ilustrado, que acompanhou a notícia com o retrato do tradutor:

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por *William Barrett,* tradução de *Isidoro Duarte Santos.*

Começamos por perguntar: o Espiritismo é ou não uma verdade, uma religião-ciência, como já alguém afirmou? Se déssemos crédito a audaciosos e loquazes positivistas, que tudo negam e pouco ou nada justificam, colheríamos uma negativa rotunda e carrancuda; mas, pelo contrário, se ouvíssemos estudiosos sérios de todos os campos e de todas as ciências, colheríamos, com toda a certeza, opiniões, testemunhos e reais demonstrações de que o Espiritismo é uma verdade que ocupa a atenção de milhões de crentes.

Aqui está uma obra notável e convincente sobre Espiritismo: «Nos Umbrais do Além». Escreveu-a justamente um homem de ciência: William Barrett, professor de Física na Universidade de Dublin e membro efectivo da Sociedade Real Inglesa. O volume é farto de páginas e, como se diz no subtítulo, constitui uma «análise científica dos fenómenos do Espiritismo». Isto significa, logo de entrada, que a obra tem uma base firme, consciente, controlável, sem qualquer espécie de obsessão ou fanatismo, mostrando, quase sempre, o começo e o fim de fenómenos surpreendentes. O autor não se enganou, nem engana pessoa alguma. Lembra os seus primeiros passos nesse difícil caminho e, depois, vai-nos contando os casos assombrosos de que ele, na maior parte das vezes, foi testemunha serena, atenta e incondicional.

Duvidar!? Mas, como? Impossível a dúvida diante de tantos testemunhos registados com nomes e localidades conhecidas e até acompanhados de datas para maior rigor de exactidão.

Pode começar-se a leitura deste livro carregado de dúvidas sobre a sobrevivência da alma e a evolução do espírito, mas a verdade é que, voltada, finalmente, a derradeira página, se fica esmagado de provas do «invisível», o que deve satisfazer, como o autor o desejou, as almas aflitas e todos os investigadores da verdade.

Traduziu e prefaciou «Nos Umbrais do Além» o sr. tenente Isidoro Duarte Santos, mestre do Espiritismo entre nós, e este trabalho honra a trajectória do homem que sempre se tem devotado aos estudos psíquicos.

///

O Cesimbrense referiu-se desta forma ao folheto «Os Mortos Vivem!», de que apenas restam alguns exemplares:

Os MORTOS VIVEM! — *Edição do Nucleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos.*

Acaba esta Redacção de receber o interessante folheto, do título mencionado acima, da autoria do sr. Isidoro Duarte Santos, 1.º tenente da Armada e Director da revista *Estudos Psíquicos,* publicação esta, que é, no género, mundialmente conceituada, saindo a lume na capital todos os meses.

À frente do texto respectivo, deparam-se-nos estas frases, de Léon Denis:

«A morte não existe!

Os mortos sãos os vivos do céu!».

Seguidamente, o autor diz: «Aos tristes e desesperados que viram rolar um ente querido no pó da sepultura; aos infelizes que hesitam entre a dor cruel e o suicídio desonroso, sejam católicos, protestantes, materialistas, se dirigem as nossas palavras de fé, dando esperanças numa vida mais perfeita, demonstrando que a morte é *processus* natural que aguarda o corpo físico e que não há motivos para o cenário fantasmático que lhe emprestam algumas religiões».

Com efeito, o ilustrado oficial consegue realizar o seu intento, humanamente apreciável, nas trinta e duas páginas de boa prosa que constituem o conteúdo do folheto de que se trata, o qual, em número de 8.000 exemplares, estampados no mês de Setembro de 1946, não entrou no mercado.

Lemos, com atenção, o exemplar que nos foi gentilmente oferecido e, realmente, a matéria encontra-se exposta com abundante reforço de idoneidades e referências, mas não, todavia, inteiramente acessível a todos os leitores.

Inclui termos, aliás correntios, que escapam no significado sinonímico a numerosos indivíduos, apenas não de todo analfabetos.

Citamos, como exemplo, um único: *átomo.*

Parece-nos, que o benemérito autor deveria acompanhá-lo de uma definição, mesmo perfuntória, mas, de à primeira vista para toda a gente, não cerrada e inábil a letra de forma impressa.

E isto, no caso sujeito, tanto mais oportuno quanto é certo o átomo estar preocupando o pensamento dos potentados políticos, dos cientistas e experimentado-

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

Como dissemos no último número, a Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, foi solenemente inaugurada em 9 de Novembro passado, com desusado brilhantismo, tendo acorrido enorme multidão ávida de presenciar a materialização do grande empreendimento levado a efeito por meia dúzia de incansáveis obreiros.

Na reportagem que publicámos foi-nos impossível revelar o nome dos egrégios lutadores dessa cruzada de bemfazer. A sua modéstia fugia à publicidade, como ainda foge nesta altura, mas os elementos que possuímos habilitam-nos a completar aquelas referências. Que nos perdoem, pois, esses dedicados servidores da causa; o jornalismo, porém, tem exigências a que não podemos faltar e uma delas é informar os leitores acerca dos grandes acontecimentos que se processam nas setes partidas do mundo.

É com a maior satisfação que publicamos a seguinte carta da Maternidade «Casa da Mãe Pobre»:

Prezado confrade

Por certo estranhará que só agora estejamos dando cumprimento ao dever de agradecer a esplêndida reportagem publicada por «Estudos Psíquicos» acerca da Maternidade «Casa da Mãe Pobre». Entretanto, o bom irmão compreenderá fàcilmente que a Secretaria da nossa instituição tenha tido nestes últimos meses uma grande tarefa a realizar e por isso nos desculpará.

A Directoria da «Casa da Mãe Pobre» achou, pois, que o melhor agradecimento seria um auxílio a essa Revista, cujas dificuldades financeiras bem conhecemos, e por isso resolveu retribuir a ajuda que recebemos com divulgação da nossa obra, enviando-lhe o modesto donativo de Cr. $500,00 (quinhentos cruzeiros), que já deve ter chegado às mãos do distinto confrade.

Desejando sinceramente a continuação dos grandes serviços prestados por «Estudos Psíquicos» à Doutrina Espírita, pedimos a Jesus protecção e amparo para o bom cumprimento desse dever.

Cordialmente,

JOSÉ BARBOSA DO NASCIMENTO
(1.º secretário)

Agradecemos, penhoradíssimos, os termos desta carta e fazemos votos pelo engrandecimento da «Casa da Mãe Pobre».

Como complemento, apraz-nos transcrever o belo artigo que no vespertino *Vanguarda*, do Rio de Janeiro, o nosso confrade e amigo Agostinho Pereira de Sousa, presidente do Hospital Espírita Pedro de Alcântara, publicou a respeito da inauguração da Maternidade. Ei-lo:

ESTÁ INAUGURADA A «CASA DA MÃE POBRE»

Abriram-se de par-em-par as portas de um Santuário! Por estas portas entrarão mulheres. E a mulher é um receptáculo de Deus. Na sua função de Mãe, dá ao mundo aqueles que à vida vêm para cumprir o seu destino, ligado à necessidade do seu espírito. Pela divina lei da procriação, a Mãe oferece o mais belo poema, a mais formosa contribuição, o mais rico presente do Céu: «Nascer». Nascer! Vir ao mundo! Viver! Tão pequenas palavras — tão grande significado! A vida é tanto para nós! — A Vida é tudo — nascer, morrer, nascer de novo, e a «Casa da Mãe

---

res, de muitos estudiosos por amor ao próprio estudo.

Fora deste reparo, sincero e sem ideia de censura, que não diminui o valor da erudita elaboração *Os Mortos Vivem!*, juntamos, ao nosso agradecimento que, nesta altura, registamos, as nossas felicitações pelo seu trabalho de apóstolo e pela firmeza de suas convicções, nela reveladas com brilho e sentimento.

///

Eis as palavras da revista *A Voz dos Espíritos*, que se publica no Rio de Janeiro:

OS MORTOS VIVEM!, por *Isidoro Duarte Santos*. Edição do Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos.

Trata-se de um opúsculo de 32 páginas, edição do *Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos*, de Lisboa, para distribuição gratuita.

Os Mortos Vivem! contém matéria de um livro pela força de sua argumentação, pela boa doutrina que reune, pelos casos concretos e exemplos valiosos que apresenta, por tudo.

Tudo nele é claro, oportuno, expressivo.

Demonstra, através de toda a sorte de argumentos lógicos que a morte não existe, que isto a que chamamos vida é mais morte do que aquilo que é morte para nós; que a reencarnação é pior do que o desencarne, que há mais alegria do que tristeza no despertar do Espírito na espiritualidade.

Interessantíssimo opúsculo que, podendo valer muito dinheiro, está a ser distribuído gratuitamente.

Pobre», o sonho de alguns abnegados do mundo, aí está, de portas largas para receber as Mães e especialmente a Mãe Pobre!

Henrique de Magalhães e Nilo Silva, os «teimosos»! Dizemos teimosos, porque nós mesmo os imaginávamos teimosos e visionários e tivemos pena deles, quando, no início da sua meritória campanha — 8 ou 10 anos atrás — os encontrávamos obcecados pela ideia, suarentos, sacrificando seus próprios interesses imediatos para cuidar daquilo que reputávamos uma utopia. E o tempo corria e o esforço se fazia indiferente ao pensamento estranho e às opiniões. E a base crescia e os alicerces formavam-se e a obra criava vulto assustador, fazendo desmoronar fragorosamente o pessimismo e a descrença, derrubando obstáculos e saltando por cima de todas as previsões de fracassos.

— «Casa da Mãe Pobre»! — O nome crescia, o terreno surgia! E o Magalhães a andar, sempre a andar, tal como o judeu errante à procura de paz. Ele buscava e rebuscava, de todos os modos, por todos os meios, a toda hora e a todos os momentos. presa de uma ideia fixa, fazendo viagens, buscando conselhos, pedindo auxílio e auscultando opiniões... Opiniões favoráveis, porque as desfavoráveis deixava cai-las com um sorriso, na poeira da estrada que percorria.

Sacrifícios materiais, repouso e até família (o Henrique que me perdoe), tudo abandonava para só pensar e só cuidar da «Casa da Mãe Pobre».

Aquele homem pequenino estava querendo levantar um mundo, pretendendo suportar um peso que o iria esmagar fatalmente — pensava eu, pensavam todos!

Mas a força da fé e a tenacidade do pigmeu fizeram crescer, avolumar-se e transformar-se na força do gigante o pensamento miudo, o esforço modesto mas constante, do risonho e simplicíssimo Henrique de Magalhães! E ele sorriu sempre. Nunca acreditava no que lhe diziam, se o que lhe diziam era de esmorecer! E ele sorria sempre e acreditava, imediatamente, se o que lhe diziam era de encorajar!

E assim foi que, desprezando as palavras e os pensamentos negativos, guardava e acumulava sòmente palavras e juramentos positivos, naquela atitude firme e confiante de quem tem a impulsioná-lo uma força estranha, para um determinado fim.

Que Deus proteja o Criador da «Mãe Pobre»! Que Deus o guie e ajude a vencer o último capítulo de tão belo poema que é a gigantesca obra que o «pequeno» Henrique Magalhães foi capaz de criar e realizar, como se ao mundo viera ùnicamente no cumprimento de tal tarefa.

*

MÃE POBRE!
MÃE POBRE!
MÃE POBRE! — Temos a impressão de que estas palavras martelavam constantemente nos ouvidos de Henrique de Magalhães, lhe penetravam por todos os poros do corpo, impregnando-se no seu próprio sangue!

Por isso, parece-nos que o Nilo é o arcabouço, mas Henrique de Magalhães é, «inteirinho», a Mãe Pobre!

AGOSTINHO PEREIRA DE SOUSA

*
* *

Recompensa

Alma tocada pelo sentimento
da mais pura e sublime caridade,
será teu despertar na Eternidade,
Festa de luz e de contentamento.

Hás-de encontrar, na espiritualidade,
(tu que levaste o bálsamo ao chaguento,
ao misérrimo o pão, a água ao sedento)
as doçuras da eterna claridade...

Hás-de encontrar, nas moradas felizes,
a paz do coração, na Recompensa,
tu que trazes no peito cicatrizes...

Encontrarás a cristalina Fonte
da Verdade suprema à luz da Crença,
quando o Pai te mostrar novo horizonte!

CLÓVIS RAMOS
(Brasileiro)

Maranhão, 1947

Como se vê, este artigo de Agostinho Pereira de Sousa é uma espécie de aditamento à nossa reportagem. Assim, os leitores formam melhor opinião, ficam conhecendo os grandes pilares do monumento.

Henrique Magalhães é, de facto, um *teimoso*, um verdadeiro homem de acção, como há poucos no Brasil, como há poucos em todo o mundo! Bem lhe poderemos chamar *avis rara*.

Pelo que tem feito por esta revista, é-nos fácil avaliar do que será capaz, uma vez que meta ombros a qualquer empreendimento.

Já conhecemos, portanto, três nomes dos que realizaram a obra: *Henrique Magalhães, Nilo Silva* e *José Barbosa do Nascimento*. E com *José da Costa Pacheco*, que propôs o donativo acima citado, são quatro! Ainda bem! Que Deus os ampare e guie nas suas magnlficas realizações! E que eles nos perdoem a indiscrição. Mais uma vez reconhecemos a verdade do Evangelho: «Nada há oculto que não venha a ser conhecido»...

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

JUDAS DE KERIOTH (reparação de uma injustiça) — Ed. Síntese. 1940. 126 págs.

Se a colaboração de vários escritores poderá tirar a este opúsculo o aspecto de rigidez metódica, a qualidade da mesma supera o contra, dando-lhe mais vida. A conferência de Clotilde de Barros — «Judas e sua ilusão» — constitui, a meu ver, uma introdução que é, ao mesmo tempo, síntese de conclusões. A análise da temática — e feita com mão segura — é desenvolvida por Eugénio Monteiro em «Judas na Comunidade Cristã». Leopoldo Machado em «Judas aos olhos do Mundo» tira a lição imediata e Noraldino de Melo Castro segue-o, terminando Rubens Romanelli com um cântico que é prece.

O que resulta? Um Judas humanizado, justificado na e pela sua cegueira de humano fraco. A hipótese explicativa dada para o acto de Judas de Kerioth é, sem dúvida, a mais plausível.

Judas entregou o Cristo por ciúmes? O suicídio posterior ficaria incompreensível? Porque roubava? Mas Judas era rico... Predestinação? Que conclusões tão ilógicas se poderiam tirar!

Judas viu em Jesus o Mechiah prometido, o homem que reergueria Israel ao apogeu salomónico. Com o seu gesto pretendeu apressar a manifestação duradoira do poder do Mestre, servindo insconscientemente os desígnios diferentes do sinhédrio. Ao compreender o erro, suicida-se. Esta é a tese defendida no presente opúsculo (cf. tese por nós apresentada em 15 de Junho de 1947 no Centro Luz e Amor na palestra «Jesus Cristo»).

O ESPIRITISMO EM FACE DO DIREITO E DA METAPSÍQUICA, pelo *Dr. Moraldino de Melo Castro*. Ed. Síntese. Belo Horizonte. 1943. 122 págs.

Na primeira parte deste opúsculo, o autor coloca o Espiritismo perante o Direito civil e penal brasileiro e perante a Metapsíquica na segunda parte. São duas análises interessantes e com valor, aquela pela oportunidade, esta pela necessidade de um paralelo; aquela «uma obra de jurista *doublé* de literato», como lhe chamou Carlos Imbassaby; esta, tese de um culto e ardoroso espírita.

RELIGIÃO, RELIGIÕES E ESPIRITISMO—por *Nelson Kerensky* — Ed. Espírita do Nordeste Brasileiro. Recife. 1946. 19 págs.

Neste folheto, N. Kerensky exprime o conceito de religião num sentimento de dependência perante Deus e numa ânsia (derivada) de infusão de amor, comparando com aquele que as «religiões» objectivam e com o que fica como cúpula do edifício espírita, afirmando: — «Se o Cristianismo é religião, e ninguém o negará, o Espiritismo é essa religião restaurada».

Pressente-se neste folheto uma ideia segura que o espaço acanhado não deixa expandir. O autor teve de resumir-se, de impedir-se de delinear um verdadeiro ensaio.

FACTOS (subsídios para a história do Espiritismo) — por *António J. Trindade* — S. Paulo. 1947. 237 págs.

Vasada em moldes de biografia, é uma obra sugestiva, inserindo abundantes descrições de fenómenos espíritas, alguns dos quais da categoria dos extraordinários. Além disto, a que se poderá chamar o valor objectivo da obra, há um fundo que constitui o seu valor subjectivo: — a possibilidade de nela auscultar o desenvolvimento do Espiritismo Brasileiro, com os seus claros e escuros.

António J. Trindade «conta» factos e fornece prestimosos subsídios, dando ao seu livro a vivacidade de uma presença constante. Não faz doutrina, directamente; ela resulta da própria narração.

Há, pois, na obra em referência, abundante material digno de estudo e de ponderação.

Psicometria em Max Moecke

O Dr. Friedrich Wolf além de concludentes experiências de telepatia, clarividência e psicometria com Max Moecke, tentou a seguinte: — Em 6 garrafas absolutamente iguais introduziu solutos de substâncias diferentes. Quando uma delas era colocada nas mãos do sensitivo, este manifestava os sintomas normais provocados pela substância dissolvida; descrevia as propriedades daquela substância medicamentosa e indicava os orgãos em que ela actuava, errando apenas em dois casos que diziam respeito a perturbações essencialmente femininas.

O Dr. Wolf crê que as faculdades de Moecke deviam ser utilizadas na medicina e especialmente na terapêutica homeopática e na criminologia.

CONTE O SEU CASO...

COMO SE TORNOU ESPIRITA?

Depõe Francisco Thiesen, Vice-Presidente da Liga da Juventude Espirita do Rio Grande do Sul

Foi num domingo do ano de 1944 que eu comecei os meus estudos espiritas.

A circunstância que me levou a esses estudos é uma das que a maioria das criaturas chama de acaso, mas que uma minoria mais sensata diz ser providencial.

Como disse, a minha iniciação principiou num domingo; tinha, na ocasião, apenas 17 anos de idade. Pelo balanço que fiz do conteudo da algibeira, verifiquei a escassez de dinheiro para a entrada do cinema e tive de me resignar, ficando em casa. Sem nenhuma ocupação, agarrei, desinteressado, um exemplar de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, sentando-me para folheá-lo; esse livro era de minha mãe e nunca, sequer, me despertara a curiosidade. Comecei a leitura de suas páginas, recebendo surpresas frequentes e fortes, porque tudo quanto lia era verdadeiramente racional e lógico, grandioso mesmo. Tomei conhecimento do que lá se achava sobre as doutrinas de Sócrates e de outros luminares, li os textos evangélicos (e eu muito me intrigava com a designação dos evangelistas, números de capítulos e versículos, pois não sabia que referências eram aquelas; sòmente algum tempo depois é que conclui serem citações do Novo Testamento, que também desconhecia) e seus comentários pelo Codificador da Doutrina Espirita, bem como as Instruções dos Espíritos; enfim, no domingo que marcou a minha entrada para o Espiritismo, devorei a metade do livro. Para mim, bastava a lógica e o bom senso da Filosofia Espirita; não me era necessário ver os fenómenos mediúnicos, para crer. Em suma, eu tinha a impressão nítida de que nada daquilo constituia novidade para o meu espírito, não obstante ter sido a primeira vez que se me deparara leitura tão agradável.

No dia seguinte, segunda-feira, no intervalo do almoço e no fim da tarde, prossegui a leitura do livro, chegando à última página. As derradeiras folhas da obra traziam propaganda de outras, e as que mais me impressionaram foram as de Humberto de Campos, recebidas mediùnicamente por Francisco Cândido Xavier. Sem perda de tempo, fui a uma livraria e comprei diversos livros do referido escritor desencarnado, assim como algumas de Emmanuel. Lidos esses livros, adquiri os demais de Allan Kardec, os de Gabriel Delanne, Camilo Flammarion, Léon Denis, J. B. Rounstaing e alguns de outros autores. A minha vida teve uma mudança radical, e o estudo, após o trabalho, era a minha única ocupação, porque havia divisado horizontes mais largos, tinha conseguido a explicação fundamental da existência; os problemas do ser, do destino e da dor, para mim, deixavam de ser problemas, porquanto os havia equacionado.

Sabedor de que existia, aos domingos, um programa radiofónico de palestras espiritas, locomovia-me, sempre, à casa de um tio, pois não possuia aparelho receptor. Através desses programas, cientifiquei-me da existência de um curso de estudos profundos da doutrina, sob o patrocínio da Federação Espirita do Rio Grande do Sul: inscrevi-me, passando a frequentá-lo três vezes por semana. Lá conheci um grupo de jovens, com os quais me relacionei, para, juntos, fundarmos a «Liga da Juventude Espirita do Rio Grande do Sul», em 15-9-45. Por intermédio da «Liga», da qual fui seu segundo presidente, travei relações com outros sectores doutrinários e com diversos confrades, dos quais me honro de ser amigo.

Continuo estudando, porque a Doutrina Espirita é inesgotável, tem sempre algo para nos oferecer.

Dou graças a Deus por não ter tido dinheiro para o cinema, naquele domingo de tanta significação nos meus destinos.

Considerando o quanto de útil tenho angariado para o meu aprendizado, dentro do Espiritismo, procuro contribuir, em toda a parte, de acordo com as minhas possibilidades, para o esclarecimento dos que, como eu, anteriormente, tanto necessitam de esclarecimento.

Não se pode guardar a luz; por isso, e já

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MADAME SOLLER DE VILLAR PROVA A SOBREVIVÊNCIA

Spiritualisme Expérimental & Philosophique de Outubro de 1947 insere um curioso relato da senhora Carabin relativo a provas verdadeiramente extraordinárias de sobrevivência da alma humana, dadas pela médium parisiense Mme. Soller de Villar, numa sessão pública realizada em Liège, no Salão dos Condes de Méan. Já conheciamos esta médium notável por referências que nos fez Madame Tordjman, de passagem em Lisboa. Por isso mesmo, é duplo o nosso prazer, arquivando aquele relato nestas colunas.

Mme. Carabin começa por dizer que Soller de Villar trabalha diferentemente de todos os médiuns clarividentes actuais. Enquanto estes assinalam primeiro as entidades e depois os seus nomes próprios ou de família, muitas vezes difíceis de identificar, em virtude de falta de elementos, Soller de Villar dá primeiro o nome familiar e depois é que descreve as entidades. De facto, e para prova da sobrevivência, que mais quer um desconhecido a quem transmitam uma coisa tão precisa como o nome e o apelido de um ente querido que tivesse desencarnado?... A convicção vai-se radicando com fenómenos deste género.

Vamos, então, à narração de Mme Carabin.

1.º CASO

Médium — Há um grupo de entidades que dizem: «Somos muitos do mesmo nome, mas não da mesma família... Homónimos... Martin...» Vejo dois Martin: *Charles Martin,* um homem de 50 anos, e *Charles-Henri Martin,* que não morreu há muito e tinha o rosto comprido e cabelos grisalhos...

Esta vidência não é reconhecida. Mas a entidade enerva-se e obriga a médium a remexer automàticamente uma série de fotografias expostas na sua frente, procurando a que se liga aos fluidos do comunicante. Após alguns segundos, tira um cartão de identidade fechado e entrega-o a Mr. Biquet, redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* e Presidente da União Espirita Belga. Este abre-o e lê com verdadeiro espanto: «Martin Henri-Charles».

A emoção tinha impedido a pessoa interessada de confirmar o nome e a data recente do falecimento (15 dias antes).

Médium — Este Martin era delgado, de rosto oblongo e carácter impaciente. Morreu de síncope cardíaca. Acaba de despertar e necessita ainda de pensamentos de conforto. Mas é uma bela alma. A sua evolução está no início. Admira-se de se ver fora do corpo. Ao lado dele encontra-se um parente ou uma parenta cujo nome começa por *A* e que já morreu há muito.

Assistente — É o seu irmão Alberto.

Médium — Foi este que o despertou... Enviemos-lhe fluidos de consolação e esperança... Charles-Henri Martin tinha filhos?... Vejo um J. ou um G... Mas insiste em Charles-Henri, para vos dizer que ainda tem necessidade de bons pensamentos e de preces. Encontrareis a consolação no Espiritismo.

Assistente — J. era a primeira letra de Jacques, o seu filhinho.

2.º CASO

Médium — Ao fundo, à esquerda, está um homem muito novo, morto em Liège durante um bombardeamento dos últimos dias. Desencarnou há três anos. Mostra uma adega e uma caçarola. Ouço o som fonético R, que pode entrar em Hubert, Robert...

Assistente — É talvez o meu filho Henri, cujo pai se chamava Hubert.

Médium — Tinha rosto jovial, olhos escuros, cabelos finos e tez mate?

Assistente — Sim.

Médium — Quem é o Luís ou a Luísa de que ele fala?

Assistente — É o seu irmão Luís.

Médium — Ele era casado e tinha um filho.

Assistente — Tinha.

Médium — Estava de passagem neste bairro quando morreu. Não era a sua residência, porque ele decidira abandonar Liège.

Assistente — Não sei.

Médium — Este caso diz-lhe respeito a si, pois quando o sr. fala ele sente grande satisfação. Faça-lhe uma pergunta mental.

Assistente — Eu queria vê-lo...

Médium — Ele diz «Em breve». Mas recomenda-lhe que coma e envia-lhe fluidos de conforto. O sr. não acredita na presença dele junto de si e por isso ele está aí, inteiramente despertado e conhecedor do seu estado espiritual. O sr. deve tratar-se. A sua fraqueza é devida ao desânimo.

Assistente — É verdade.

3.º CASO

Médium — Quem espera René?

Como ninguém responda, a médium procura outra vez a fotografia que esteja de harmonia com os fluidos da entidade e entrega-a a Mr. Biquet. Mas procura-a sem olhar para ela e começa a descrever: «faces rosadas, ar agaiatado, cabelos castanhos, olhos azuis, desencarnado há tempos... Esteve doente duas vezes... Houve um momento em que tiveram esperanças de o salvar... Por fim, viu que tudo estava perdido, que era irrevogável, que tinha chegado verda-

---

que a recebi, tenho obrigação de difundi-la, a fim de pagar a dívida que tenho para com a Lei Divina, em razão do que Ela me concedeu.

E foi assim que eu ingressei no Espiritismo, abandonando a máscara da indiferença e do materialismo para o qual marchava a passos largos, após haver-me desligado do catolicismo romano.

deiramente a sua hora... Ele diz «Obrigado». Deveis pedir por ele...

A pessoa interessada confirma tudo isto, enquanto Mr. Biquet lê o nome escrito no verso da fotografia: *René*.

4.º CASO

Médium — Está aqui uma entidade que diz respeito a pessoas que se encontram muito perto, à direita. É um «Moreau Jean ou Jo...».

Um assistente do sítio indicado diz conhecer um «Moureau Joseph».

Médium — Poderá estar preocupado com um filho ou uma filha?

Assistente — Sim.

Médium — É uma filha.

Assistente — É...

Médium — Que é mãe de família...

Assistente — Sim.

Médium — É preciso dissuadi-la de ser tão teimosa.

Assistente — Talvez.

Médium — É preciso dizer a sua filha que não persista na sua ideia, porque lhe causaria desgosto. Deve resistir a um grupo de familiares. Ela tem algum parente chamado Carlos?

Assistente — Sim. Um primo.

5.º CASO

Médium — Vejo aqui um grupo de Luíses... «Luis que jogava cartas». Isto significa alguma coisa para alguém?... Ainda tem a mãe na terra e o interessado pode vê-la todos os dias... Fala de Lucile ou Lucy... Está aqui com um Gérard que jogava cartas com eles...

O sr. Pierre Louis levanta-se. Com certeza que a vidência lhe diz respeito. A primeira entidade deve ser o seu amigo Luís, cuja viuva ele vê diàriamente, por ser sua vizinha. A segunda entidade é o seu irmão «Gérard Louis», cuja viuva se chama «Lucie». Eram parceiros nas cartas...

Médium — Este Gérard morreu há dois anos.

Assistente — Sim.

Médium — O Luís tinha rosto ossudo, duro, de faces salientes, e gostava da brincadeira.

Assistente — Exacto.

Médium — Agradece-vos os bons pensamentos e sauda toda a família... uma família numerosa.

Assistente — Sim, ele era avô.

Médium — Vem por todos... É feliz... Está bem... Envia pensamentos a sua mulher Lucie... E a «Ninie».

Assistente — É minha irmã.

Médium — Tinha mãos longas e ossudas.

Assistente — Sim.

Médium — Está a dizer: «Tranquilize-se. Eu sou feliz... Estamos todos lá com *Parrain*».

Assistente — Era o nosso quarto parceiro... Eu sou o único sobrevivente...

Médium — Quer perguntar-lhe alguma coisa?

Assistente — Queria que me dissesse se as teorias que eu lhe expunha eram exactas...

Médium — «Sim», mas há muitas coisas que aprender ainda. Estas entidades são felizes, porque lhe enviam bons pensamentos.

6.º CASO

Médium — Ouço «Sou Simone... Não chore»... Os pais dela estão aqui?

Assistente — Sou madrinha dela.

Médium — É uma garota de 10 anos ou 10 anos e meio, com cabelo encarapinhado.

Assistente — Sim.

Médium — E morreu não há muito tempo.

Assistente — Há 3 anos.

Médium — Agradece a grande fotografia que lhe mandou fazer e as flores com que a engrinaldou.

Assistente — É verdade.

Médium — Cravos brancos e rosas claras.

Assistente — Exactamente.

Médium — Ela diz «Não chores... Esperavas que eu voltasse... Eu estou lá... Tu ouves-me em casa...».

Assistente — Sim.

Médium — Mostra uma mesa de mármore, qualquer coisa fria.

Assistente — A sua campa de mármore.

Médium — Sente afeição pelos dois planos. tanto em cima como em baixo... Nos últimos dias de vida andava triste, ao sentir que ia abandonar os seus; mas quando chegou ao outro lado ficou maravilhada... É feliz e manifestar-se-á o mais possível em casa dela... Está a mostrar a pulseira que a senhora lhe pôs...

Assistente — Exacto.

Médium — É muito feliz.

7.º CASO

Médium — Ouço «Família *Lejeune*», a não ser que se trate de sobrenome, como se se dissesse *l'ainé*... não... deve ser para uma senhora cujo nome começa por M.

Um assistente — Eu conheço uma Marie Lejeune.

Médium — É um nome duplo... Marie-Josette... Marie-Rose...

Assistente — É Marie-Josephe Lejeune.

Médium — Vem com sentimentos afectuosos.

Assistente — É uma avó muito afastada.

Médium — Aconselha a esperar a primavera para fazer a mudança que o senhor contava fazer no inverno...

Assistente — Sim.

Médium — Era minuciosa e dava sempre o seu conselho. Morreu há 20 anos.

Assistente — Exacto.

8.º CASO

Médium — Está aqui uma entidade que foi fuzilada. Vem pelo filho, que necessita de um conselho... O filho não está aqui... Aquele esteve numa prisão ou numa fortaleza... estava preso quando o fuzilaram... Tem o rosto muito pálido, com um traço por cima do lábio superior... Será bigode?...

O sr. Demet levanta-se. A entidade podia ser um amigo seu, deportado e fuzilado em 1943. Não usava bigode, mas podia talvez deixá-lo crescer no cativeiro.

Médium — Tem um filho?

Assistente — Tem.

Médium — Que necessitaria de um conselho.

Assistente — Precisamente.

Médium — Este fuzilado deixou uma mulher. um filho e uma filha que devem viver juntos... O filho é o chefe de família, mas hesita no seu procedimento... Lançou-se no comércio ou numa obra que deve prosseguir, mesmo com sacrifício moral.

Assistente — Sim.

Médium — O pai dele pede-lhe que olhe pela mãe

e pela irmã. E diz: «Guiá-lo-ei e ele sentirá... Deve procurar auxílio, porque a tarefa é dura para ele... Deve arranjar colaborador... Que seja feliz... Estou desobrigado. Agradeço-lhe a interferência...».

9.º CASO

Médium — Vejo uma mulher de 40 a 50 anos, morta de operação ao ventre, há muito tempo desencarnada... 20 anos... Vejo um E mal feito, que poderia ser um F... ou um L. É para uma senhora do meio do salão...

Levanta-se uma senhora.

Médium — É a sua mãe.

Assistente — Sim.

Médium — Tinha um fibroma.

Assistente — Um cancro.

Médium — Era um pouco forte, de rosto redondo e a senhora tem um anel que lhe pertencia.

Assistente — É verdade.

Médium — A senhora tem uma ou duas irmãs. Ela mostra duas filhas.

Assistente — Duas irmãs, uma das quais morreu.

Médium — Vejo um J ou G.

Assistente — É para designar o meu filho Joseph.

Médium — Vejo M muitas vezes.

Assistente — Ela chamava-se Marie-Myriam.

Médium — Quando estava na terra era tímida e não falava.

Assistente — Sim.

Médium — Ela agradece-lhe. Deve orar sempre por ela. Está a dizer: «Quando fores infeliz, bem sabes que lá estarei...». A senhora considerava-a uma santa.

Assistente — É verdade.

10.º CASO

Médium — Ouço «Dubois». É um homem... É para um homem... grande...

O sr. Marcel Dubois levanta-se.

Médium — Chamava-o sempre pelo seu nome familiar.

Assistente — Sim.

Médium — É seu pai.

Assistente — Sim.

Médium — Diz: «Continua os trabalhos que tens entre mãos. Predigo-te verdadeiro êxito. Estamos lá todos e enviamos-te bons pensamentos e boas palavras... Continua e não desanimes com as dificuldades, porque levará muito tempo».

Mme. Soller de Villar pára um instante... Em seguida, dará psicometria rápida de grande parte das fotografias dispostas na sua frente, para fazer breve resumo do estado dos desaparecidos....

1.º CONGRESSO DE MOCIDADES ESPIRITAS DO BRASIL

Prepara-se no Rio de Janeiro, o *1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil*, cujas reuniões preparatórias têm corrido com a maior animação e proveito.

O certame foi articulado, inicialmente, pelo prof. Leopoldo Machado, «o jovem de cabelos grisalhos» que, de anos a esta parte, vem animando e incentivando os moços para o trabalho redentor de sua própria evolução e da propaganda do Espiritismo. Entretanto, o seu principal iniciador quis pôr o certame sob a orientação da Federação Espírita Brasileira, conforme sua declaração, em substancioso escrito na *Revista Internacional do Espiritismo* e em outro escritos. Parece, entretanto, que o Alto não quis que isto fosse obra de um só homem, de uma só instituição, fracassando, por isso, o seu entendimento com o presidente daquela respeitabilíssima instituição espírita brasileira. Assim, foi organizada uma *Comissão Patrocinadora*, composta de espíritas de representação social, cultural e doutrinária do Rio de Janeiro e do país, para, com a sua experiência e os seus recursos, reunir os moços espíritas mais entusiastas, esclarecidos e animados, a fim de preparar o movimento.

A *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, organização única no mundo, no seu género, ofereceu sua sede para a sede central do Congresso, cujas reuniões ali têm sido realizadas, à Av. Rio Branco, 4, 15.º andar, Edifício Internacional, para onde deve ser enviada toda a correspondência destinada à Comissão organizadora do *1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil*.

Criada a Comissão Organizadora, composta de elementos de todas as «juventudes e mocidades espíritas que se fizeram representar, quase todas do Rio de Janeiro e do Estado do Rio, localidades próximas, subúrbios do Rio, elegeu-se a directoria da respectiva comissão, que ficou assim constituída: *Presidente* — José Augusto dos Santos, da *Juventude Espírita Filqueiras Lima*, de Olaria; Secretário Geral — *António* Paiva, *da Mocidade Espírita Iclea*, de Nova-Iguassú; *1.º Secretário* — Jorge Chambarelli, da *Mocidade Espírita Caminhemos com Humildade*, de Nilópolis; *2.º Secretário* — Ney Oliveira, *da Juventude Espírita Aloísio de Faria*, de Vila Isabel; *Tesoureiro* — Aníbal Garcia, da *Mocidade Espírita Caminheiros de Jesus*, do Estácio.

Foi tão grande a assistência de jovens e adultos à reunião em que se elegeu esta directoria, que o salão ficou superlotado e houve fila para assinar o livro de presenças, o que chamou a atenção pública.

O Congresso será no Rio de Janeiro, de 18 a 25 de Julho, nas férias escolares. Os movimentos juvenis que aderirem enviarão dois ou três elementos como representantes, que serão hospedados gratuitamente, pelas comissões. Para despesas de excursão, as *Mocidades* e *Juventudes* promoverão festas e recitais espiritualistas remunerados. As reuniões substanciais do certame terão lugar nas sedes de instituições espíritas, para maior espírito de confraternização e para que os representantes de fora levem perfeita impressão do movimento espírita na Capital Federal.

Na reunião de 3 de Janeiro, o deputado Campos Vergal ficou tão entusiasmado com o que viu e sentiu, que confessou tratar-se de um movimento vitorioso na sua origem.

À frente de sua Comissão Patrocinadora estão homens de projecção no meio espírita, como o próprio iniciador, incontestàvelmente um nome que dispensa apresentação, ao lado do Dr. Campos Vergal, dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, Coronel Delfino Ferreira, Dr. Carlos Imbassahy, J. B. Chagas, Deolindo Amorim, Aurélio A. Valente, Moreira Guimarães, Aurino Souto, Daniel Cristóvão, Dr. Gonçalves Maia, Dr. Levindo Melo, Dr. Amadeu Santos, Olívio Novais e outros. E muitos outros, em número que sobe a 50.

Já estão a expedir-se os convites oficiais a todos os movimentos juvenis do Brasil. E quaisquer informações ou termos de adesão, para a sede central acima mencionada.

Notas & Comentários

NOTÍCIAS DE CUBA

Acaba de nos chegar às mãos o *Boletim de Información e Propaganda*, editado pela secção de cultura e propaganda da Sociedad Escuela de Estudios Psicológicos «Discípulos de Lázaro», de Habana. É o número 25, correspondente ao seu segundo aniversário. Embora dactilografado, é excelente de aspecto gráfico e lê-se com satisfação. Por ele soubemos que existe em Santiago de Cuba uma Federação Municipal Espiritista com Liga Juvenil Espiritista agregada, composta de 150 jovens de ambos os sexos, e que a Sociedade Enrique Carbonell resolveu montar um *kiosque* na VIII Feira do Livro, de Habana, onde venderá livros espiritas e espiritualistas.

Cuba tem sido há muito campo fértil de realizações espiritas. A guerra mundial abriu, porém, soluções de continuidade na propaganda doutrinária, razão por que só agora começam a surgir os órgãos que hão-de servir de veículo à expansão do ideal espirita. As lutas fraticidas que ensanguentaram o orbe levaram o homem a pensar no Além. Como se lê no editorial desta revista, «nem tudo está perdido no mundo. Nem tudo é escuridão. Sob o tenebroso manto de ignorância e fanatismo que cobre a humanidade, brilham raios de luz que se cruzam e amalgamam num só facho, que há-de iluminar a Terra».

Os nossos cumprimentos aos irmãos de Habana, com votos de progresso material e espiritual.

NOVO LIVRO DE DEOLINDO AMORIM

Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, vai publicar um novo livro intitulado «O Espiritismo e os Problemas Humanos». Quem tem acompanhado a sua colaboração nesta revista poderá fazer ideia do que será essa anunciada obra, cheia de ensinamentos e vasada em puro vernáculo. Os grandes problemas sociológicos são de tal maneira apresentados nesta obra, e com tão raro poder de convicção, que não duvidamos do êxito que aguarda o trabalho do nosso querido e muito apreciado colaborador, que já em «Africanismo e Espiritismo» se revelara dissecador de temas aliciantes. O Dr. Carlos Imbassahy, justamente consagrado como o Bozzano de Além-Atlântico (também nosso colaborador), prefaciará o livro. Cá esperamos a joia literária do operoso e talentoso garimpeiro.

AH! AGORA ME LEMBRO!

O *Psychic News* publicou há tempos o relato da acção que o médium Ronald Strong exerceu numa sessão realizada em Maio de 1947 no Stanley Hall, de Norwood, ao transmitir a mensagem dum jovem aviador. Depois de três ou quatro senhoras haverem demonstrado interesse pela comunicação, o médium disse a certa dama, sentada nas primeiras filas:

— Este aviador manifestou-se atrás de si. Tocou no seu ombro e disse: «É a mamã». Perdeu algum filho de 22 anos?

— Perdi.

— E os pormenores que lhe mencionei dizem respeito à senhora?

— Dizem.

Depois, Ronald mencionou vários nomes, que foram reconhecidos pela interessada e frisou que, no dia antecedente, a entidade estava ao pé de sua mãe, quando ela tirava qualquer coisa azul de uma gaveta. Como a senhora não se lembrasse do sucedido, o médium insistiu:

— Deve ser verdade, porque o seu filho mo afirma. Diz que, depois de tirar da gaveta esse artigo de vestuário, a senhora abriu outra e tirou papeis que traziam o nome dele.

— Ah, é verdade! — exclamou a senhora. — Agora, me lembro!...

MAE WEST É MEDIUM

Mae West, a famosa artista de cinema bem conhecida dos nossos leitores, possui faculdades mediúnicas extraordinárias e é espirita convicta. Isto foi revelado há pouco, quando visitou o Centro Espirita da Rua de S. Vicente, em Glasgow. O seu colega Joseph Clayton é que a apresentou à assistência, contando como ela entrara no Espiritismo. A princípio era muito céptica acerca do que lhe diziam no tocante à própria mediunidade, mas a sua clarividência depressa a convenceu inteiramente.

— Não só é clarividente, mas também ouve vozes de espíritos — disse ela às 2.000 pessoas que enchiam o salão.

O Espiritismo avança em todas as classes sociais, como torrente caudalosa. Nada existe que lhe impeça a marcha triunfal.

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

Em Julho de 1947 realizou-se em Bournemouth uma Conferência Internacional, onde se deram os primeiros passos no sentido de fazer reviver a antiga Federação Espirita Internacional. Agora recebemos uma carta do Secretário deste organismo em formação, convidando-nos a assistir ao Congresso Espirita Internacional, a realizar em Londres de 4 a 10 de Setembro do corrente ano, integrado nas Celebrações Centenárias do Espirtismo. O secretário, sr. J. M. Stewart, informa que os congressistas terão o melhor acolhimento possível e que uma das principais tarefas do Congresso será a formação definitiva da Federação Espirita Internacional.

É necessário que se conjuguem todos os esforços para que a Doutrina Espirita seja novamente espalhada aos quatro ventos e nada melhor do que um Congresso poderá conseguir esse objectivo de extraordinária importância. Pela nossa parte, escusado é dizer que acolhemos a ideia com alvoroço e que por ela trabalharemos no limite de nossas possibilidades.

Com o maior prazer daremos publicidade às notícias que nos enviarem, pois *Estudos Psíquicos* deseja manter os seus numerosos leitores ao corrente de todos os acontecimentos mundiais que prestigiem a Causa do Espiritismo.

Noticiário

O ESPRIITISMO EM S. PAULO

No dia 1 de Janeiro último realizou-se na sede do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento, em S. Paulo, a festa do *Dia da Fraternidade Universal*, com a presença dos seguintes representantes de várias corrente espiritualistas: Tenente Armando Sales, pela *Loja Teosófica* do Brasil; Paulo Alves de Godoy, pela *União Federativa Espirita Paulista;* Bispo D. Jorge Alves de Sousa, pela *Igreja Católica Apostólica Brasileira;* Carlos Castellano, pela *Fraternidade Rosacrus;* Padre Eurípedes de Figueiredo, pela *Igreja Católica Livre;* Dr. Melquiades Pereira da Silva, pela *Instituição Cultural Krishnamurti;* João Kurharska, pela *Ordem Rosae Crucis;* Tenente Coronel Manuel A. Baltasar, pela *Grande Loja do Estado de S. Paulo;* Benedito Godoy Paiva, pela *Federação Espirita do Estado de S. Paulo;* Prof. César Almeida Campos, pelas *Lojas da S.˙T. de S. Paulo;* Arnold Hansen Jacobsen, pelo *Exército de Salvação;* Dr. Oscar Bruno, pelo *Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.*

Presidiu o Tenente Armando Sales, ex-Secretário da Segurança Pública do Estado de S. Paulo e Presidente da Secção Nacional das Lojas Teosóficas do Brasil.

Todos os representantes ali credenciados enalteceram o mérito dos ramos espiritualistas que professam, dando oportunidade a pequena análise comparativa e talvez à mais bela festa de confraternização realizada no mundo. O simples facto de poder reunir numa só mesa correntes espiritualistas que até há pouco não mantinham relações muito cordiais é motivo de verdadeiro júbilo, é prenúncio de que os tempos são chegados, para maior progresso espiritual da humanidade.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Em 24 de Janeiro p.p. o nosso redactor Ramos Pereira subiu ao estrado do Centro E. Luz e Amor para continuar o seu estudo acerca da *Reencarnação*, trabalho iniciado em 10 do mesmo mês, conforme referimos no último número.

No dia 31 de Janeiro, o nosso colaborador F. Noronha não pôde comparecer, em virtude do estado do tempo o ter impossibilitado de atravessar o Tejo, motivo por que a sua conferência, intitulada «O Espiritismo e a Paz», foi lida pelo nosso Director, deixando nos ouvintes agradável impressão.

AS COTAS DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Em virtude das enormes despesas a que o Centro Espiritualista Luz e Amor tem sido obrigado com a distribuição gratuita da revista *Estudos Psíquicos* aos sócios, a Direcção resolveu que, de Janeiro de 1948 em diante, a cota mínima mensal passasse a ser de 7$50.

Ao mesmo tempo, aquela Direcção faz apelo aos associados para que aumentem voluntàriamente as cotizações até à citada quantia, a fim de continuar a distribuir a revista gratuitamente.

Estamos certos de que grande número compreenderá a razão do apelo, para que este Centro continui na vanguarda dos centros espiritas portugueses.

A PROJECÇÃO DO NOSSO CENTRO

O presidente do *Instituto Spiritistico Internazionale* de Roma, sr. Carlo Vergani, escreveu-nos uma carta datada de 6 de Dezembro último, convidando o Centro Espiritualista Luz e Amor a aderir àquele Instituto, ao qual estão ligadas muitas associações espiritas internacionais. A carta termina com esta afirmação: *Para nós, o Centro de Propaganda Luz e Amor é um dos mais importantes da Europa e merece-nos particular interesse a sua adesão.*

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados à nossa revista :

Três Amigos de Almeirim	30$00
António Martins	50$00
F. Alves Martins	10$00
D. Cecília Mesquita Guerra	10$00
Jaime João Jerónimo	75$00

«CUADERNOS DE ESTUDOS METAPSÍQUICOS»

Acabamos de receber o n.º 4 de *Cuadernos de Estudios Metapsíquicos*, órgão da Sociedade de Estudios Psíquicos do Chile e dirigidos por Ernesto Moog, nosso redactor-correspondente na capital daquela república. Insere importantes trabalhos de Noé Wajner, Omar Albarracín, Ernesto Moog, Luís Estévez, Tito Lívio Bancescu e Fernando Aydecê. Este exemplar traz uma bela referência a *Estudos Psíquicos* e ao seu director, não esquecendo *Estudos Psíquicos Editora* e as suas obras «Nos Umbrais do Além» e «Luz no Caminho». Os nossos agradecimentos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MARÇO DE 1948

Dia 3 de Março, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Março, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Reencarnação — 4.ª parte — «A História à luz da Reencarnação».

Dia 17 de Março, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Pinheiro.

Dia 25 de Março, domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira, intitulada «Reencarnação — 4.ª parte — «A Reencarnação e a Sociedade».

Dia 30 de Março, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária pelo Grupo Espirita Amor do Redentor.

AUXILIAI A MANUTENÇÃO DESTA REVISTA ANGARIANDO-LHE NOVOS ASSINANTES. SÓ ASSIM PODEREMOS ENFRENTAR AS DESPESAS E GARANTIR-LHE A CIRCULAÇÃO

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, MARÇO DE 1948 — N.º 3

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

BOA ORIENTAÇÃO

Já o temos dito muitas vezes: o Espiritismo tem de apresentar carácter científico. De contrário, ficará sujeito a críticas severas e será acoimado de superstição. O seu Codificador o afirmou bem alto, logo no início da sua tarefa. Se não houver base científica nas suas práticas, será construir na areia e os ventos açoitarão a casa, arrebatando tudo, até os alicerces. O caminho para a verdade é esse. O Espiritismo dirige-se a Deus, através da ciência e do amor.

Estas palavras foram-nos sugeridas pela leitura do relatório que o presidente do Centro Espirita 18 de Abril, do Rio de Janeiro, apresentou à Assembleia Geral no dia 11 de Janeiro último. De facto, esta agremiação segue rota diferente de muitas que se dizem espiritas, mas que, no fundo, propagam mistura de espiritismo, catolicismo e paganismo. São as práticas afro-católicas, que ainda vigoram nalguns pontos do Brasil.

O Centro E. 18 de Abril, a que preside o nosso redactor-correspondente Deolindo Amorim, é contrário ao chamariz das sessões mediúnicas e por isso só trata do estudo da doutrina. Honra lhe seja feita ! As sessões mediúnicas de carácter geral e com cerimónias adequadas, nenhuns benefícios trazem à compreensão do Espiritismo.

Eis o que diz aquele relatório e que nós aplaudimos sem reservas.

«Deixamos neste Relatório a frase que constantemente repetimos em sessões públicas: o programa do Centro Espirita 18 de Abril não é de *casa cheia*. Não devemos ter a preocupação de «encher a casa», porquanto o que devemos fazer é criar o hábito do estudo. Sem estudo, sem obediência à codificação de Allan Kardec, a prática espirita é caminho para a curiosidade e para o fanatismo. A assistência irá aumentando, e tem aumentado, por convicção de cada um e não por interesse e curiosidade. Um centro espirita não deve ter «chamariz» para atrair assistentes. Não, irmãos ! O único chamariz, o único ponto de atracção de um centro espirita deve ser a lógica da própria doutrina, que aponta rumos seguros ao espírito e cura as feridas da alma. Se assim é, não devemos criar «novidades» ou «coisas interessantes» para *chamar*, para *atrair* assistentes».

Infelizmente, a maioria deseja sessões espectaculosas, de «ver» e «ouvir» comodamente sentado e que respondam à curiosidade que vibra no ámago de cada um. Mas isso não é doutrina espirita. Espiritismo é estudo e meditação para chegar ao conhecimento da verdade e à reforma do homem. Léon Denis estudou e meditou dez anos, antes de assistir a sessões mediúnicas. E não deixa de ser um dos melhores e mais respeitados investigadores e divulgadores das ciências psíquicas. Por isso, é necessário abandonar a curiosidade e seguir o conselho dos dirigentes responsáveis.

As sessões práticas devem ser reservadas aos investigadores ou àqueles que já conheçam a doutrina. E para a conhecer é preciso trabalhar e estudar muito.

Assistir a sessões como quem assiste a espectáculos, é contraproducente e até perigoso. Além disso, a quantidade vale menos que a qualidade. «Serem muitos», é ideia de rebanho. O que interessa, em todas as boas construções, é material seleccionado, para garantir a duração da obra. Espirita de sessãozinha é semelhante ao beato que passa a vida a bater no peito. Bate, bate, mas a ideia não entra. E o Espiritismo requer meditação e vontade de progredir.

Sessões de estudo ? Sim, sessões de estudo sério e não de curiosidade doentia. Espiritismo de Vivos para vivos e não espiritismo de «casa cheia». O resto é curiosidade, não é doutrina.

SÓ MATÉRIA?!...

por F. Noronha

Frases de um químico português de génio:

É pelo método indutivo, baseado na observação e na experiência, que hoje se estuda a natureza e se consegue conhecer as suas leis. O mundo material não pode construir-se pelo exclusivo esforço da razão humana. Pretenderam-no fazer os filósofos gregos, quando procuraram decifrar, a puros golpes de raciocínio metafísico, o enigma da criação; o que foram esses romances, assim imaginados, di-lo a ciência de hoje. E, sendo assim, não cuida a moderna ciência da essência das coisas; as causas primeiras escapam-lhe por completo, quer no que respeita às matérias do mundo inorgânico, quer do mundo orgânico. «*É, sem duvida, muito grande o poder da ciência*, diz Gustavo le Bon; *nada podemos compreender, nem saber sem ela, mas esta divindade poderosa nunca revelou até hoje senão as relações entre as coisas; não nos disse ainda uma palavra sobre a razão primeira de um só fenómeno*». É certo que imaginamos hipóteses, no intuito de uma generalização profícua e fecunda, e formulamos sistemas ou teorias científicas, como a teoria atómica em química e a teoria das ondulações na física; mas essas teorias são apenas construções provisórias do nosso espírito, destinadas a ligar um certo número de factos e fazer lembrar outros; são imagens, não são a expressão real das coisas; e sabemos que são imagens efémeras, que têm de mudar à medida dos progressos da ciência (1)...

«As ciências são hoje em dia, não há que duvidar, a alavanca potente do progresso material, o instrumento indispensável do bem-estar, a condição *sine qua non* para o convívio com as nações civilizadas. Cultivar as ciências e divulgar os seus ensinamentos na ordem teórica e das aplicações, é apercebermo-nos para as lutas económicas, com que todos os países carecem de se preocupar para viver. Nada se pode esperar de um povo onde a ciência não progride; não pode haver confiança de futuro onde a luz da ciência não brilha, — disse-o um grande espírito do nosso país, Andrade Corvo (2)...

Verdades são estas como punhos, e sejam quais forem os que tentem reduzi-las a zero não caberá, em esforço algum, sofismar e aniquilar o significado perfeito ou imperfeito desse zero, que, aliás, tem representação gráfica inconfundível.

Fragmento ou vestígio é coisa que fica e corresponde à ideia de nada, se isolado; mas, antes de algarismo com vírgula ou após algarismo em série não fraccionada, é expressão de relatividade assombrosa, comportando extremos de matéria.

«Dá-se o nome de *matéria* ou *substância*, dizia o meu compendio de física elementar (3), a tudo que impressiona os sentidos e enche o espaço». Esse compêndio designava a *molécula* como limite da divisibilidade e acrescentava: «Para se fazer ideia da extrema pequenez daquele limite basta dizer que *Dupré* avaliou em mais de 125.000 milhões o número de moléculas contidas em um cubo de água tendo por aresta um milesimo de milímetro».

Trata-se, precedentemente, da molécula em estado livre.

Da data do indicado compêndio (1882) até agora, nem paralisaram a «observação» e a «experiência» nem esfriou o anelo insaciável de saber, que tornou o homem voador, dominando o espaço, muniu-o com o radar e pô-lo na pista de explosivos, de maior a maior fulminância inimaginável!

Acabo de percorrer e tenho defronte de mim, neste instante, um substancioso artigo do Dr. W. E. Shoupp que nos fala de O *Núcleo e a sua Estrutura* (4). Leem-se nele estes períodos, que me apraz transcrever:

Não obstante haver-se descrito o núcleo do átomo como composto de prótons e nêutrons, que exercem e arrastam determinadas forças, ainda há outras partículas que participam das transformações nucleares, o que é importante. A descoberta destas partículas, especialmente do próton e do nêutron, e a importância que revestem, provém da natureza dinâmica dos núcleos. Já se mencionou uma destas partículas — a partícula *alfa* em relação com o fenómeno da emissão radioactiva. A emissão em si mesma é uma indicação manifesta do estado dinâmico do núcleo. As forças que actuam no núcleo nem sempre estão em equilíbrio, e qualquer instabilidade nestas forças e nas reacções estre as partículas do núcleo conduz a emissões de uma outra espécie, quando o núcleo procura um estado de máxima estabilidade. Isto é o que ocorre nas substâncias naturalmente radioactivas. Quanto aos materiais artificialmente radioactivos, é possível obtê-los mediante o bombardeio do núcleo

para criar novos núcleos instáveis, suprimindo ou — em alguns casos — acrescentando partículas. Ao todo, são dez as partículas que figuram na física nuclear. Podem estas dividir-se em *materiais* e *imateriais*, embora não se devam tomar estas expressões muito ao pé da letra, pois tal classificação visa apenas deixar claro que actualmente há partículas em que a massa é perceptível e outras aparentemente sem massa.

De facto, só aparentemente, pois, se não fosse matéria, movimento, o que seria, por força? Pensamento, espiritualidade?

Vem a pêlo, numa *Dissertação* de concurso à regência de cadeira teológica esta referência do sábio autor:

E o físico francês, citado por Mayer (este aludia a Adolfo Hirn), escreveu não há muito o seguinte: «Como físico, tenho, além dissso, procurado demonstrar que no mundo chamado vivo, orgânico, animado, as nossas forças do mundo físico não são suficientes para explicar o mais insignificante dos fenómenos de um certo género e que é preciso admitir para eles a existência de um elemento a mais, ao qual estão devolvidas as funções directoras, organizadoras, com relação aos elementos do mundo físico, ao qual estão devolvidas as funções chamadas *psíquicas*, cuja importância vai subindo gradualmente até chegar ao homem» (5).

E porque se encontra também em minha presença uma conferência não dispar do assunto, vou copiar dela um parágrafo que julgo interessante aqui:

Podem-se verificar no campo da observação todas as conclusões que deduzimos racionalmente, bastando, para isso, recorrer ao testemunho universal dos povos. É certo que no depoimento de milhões de indivíduos deve haver muita fantasia e basta alucinação. Entretanto, repugna estabelecer que todos se tenham enganado redondamente, sobretudo se notarmos que entre os videntes do espírito existem reconhecidas respeitabilidades pelo carácter e pelo talento. Mas a prova de que alguma coisa de positivo se afirma no fundo de tantas narrativas, está no facto de parte dos fenómenos maravilhosos começarem a ser estudados pelas ciências físicas para os quais já se criou até um capítulo denominado «telepatia».

Assim, pretende-se explicar, dentro dessas ciências, a aparição de qualquer pessoa, supondo que, no momento de expirar, pensou muito intensamente em alguém que estimava, resultando este, pela força da sugestão, distinguir as feições do moribundo e até lhe sentir alguns impulsos, seja qual for a distância que os separava. Ora, para que tal suceda, à face do materialismo, é preciso que a energia seja transmitida em ondas ou rectilineamente. Na primeira hipótese, temos de admitir, no moribundo, uma actividade orgânica, absolutamente incompatível com as suas débeis forças; na segunda hipótese, vê-se que é completamente impossível que um raio da mesma actividade se possa dirigir para um indivíduo residente em local que o moribundo possa desconhecer ou onde não fosse capaz de ir guiado sòmente pelos próprios sentidos. Entretanto, convém ainda notar que as visões têm sido acompanhadas de audições muito nítidas e perfeitas. Vejamos se é também aceitável a hipótese física formulada para explicar a simultaneidade dos dois fenómenos. Se a pessoa actuada ouviu distintamente palavras, não foi porque elas fossem articuladas, visto que a velocidade do som, quando pudesse vencer a distância, nunca atingiria a das vibrações que deram o primeiro dos fenómenos considerados. E seriam então sugeridas? Mas, neste caso, dever-se-iam manifestar como simples ideias e nunca revestidas de todas as qualidades características da voz do moribundo. Demais, qualquer ordem de vibrações produzidas por um pensamento intenso nunca poderia originar duas outras de ordem diferente, como são as que determinam as visões e as audições. E quando estes argumentos não colhessem, como se poderia explicar materialmente qualquer ou a simultaneidade dos dois fenómenos no caso da morte ser repentina? Por exclusão de partes, temos pois que reconhecer a acção directa do espírito, sendo os nervos, óptico e acústico, alvo de simples reflexão do fenómeno respectivo (6).

Não foi um espírita quem disse o que precede. O parágrafo acima copiado acha-se incluído na conferência de um matemático: António Cabreira.

É oportuno que ouçamos um físico de mérito insigne: Sir William Barrett, professor da especialidade em cátedra universitária e autor, entre outros trabalhos, de obra notável que *Estudos Psíquicos Editora* deu a lume em bela tradução de Isidoro Duarte Santos.

Escolho, por me parecer não fora de propósito em seguida ao que antecede, da autoria de António Cabreira, algumas passagens, do cap. XII — *As Aparições* (7) da aludida obra:

O falecido Dr. Augus Smith, um dos sábios mais prudentes e filósofos da última geração, escreveu-me há quarenta anos, dizendo que, à excepção das mais evidentes, não conhecia lei natural que não fosse confirmada por tantas provas sérias, como as de aparições no momento da morte. Mais tarde, em conversa disse-me acreditar nelas, depois de haver es-

tudado pacientemente todos os testemunhos na sua época. Mais tarde, a Sociedade de Investigações Psíquicas obteve grande número deles, que foram publicados em dois grossos volumes, intitulados «Os Fantasmas dos Vivos». Neste trabalho monumental, devido em grande parte a Gurney, o intervalo entre a morte e a aparição do defunto ou do moribundo não ia além de doze horas. Entretanto, testemunhos directos dizem também que esse intervalo tem sido muito ultrapassado, sendo a morte ignorada pelo percipiente, no momento da aparição. Após rigorosa selecção, coligiram-se 134 narrações, nas quais se verifica coincidência de cerca de uma hora entre o falecimento e a manifestação auditiva ou visual, com o percipiente afastado e desconhecedor da morte. Em 39 casos, viu-se a aparição mais de uma hora depois; mas nas 12 horas que se seguiram, em 38 casos, viu-se a aparição antes da morte ou durante grave doença do agente, que se restabeleceu. Houve 104 casos em que não foi possível estabelecer se o precipiente tinha visto a aparição imediatamente antes da morte ou depois da morte, e não se fez caso disso. Gurney e Myers publicaram muito interessante artigo no volume V das «Actas», no qual encontramos outros testemunhos directos acerca das aparições verificadas pouco tempo depois da morte. Myers escreveu outro artigo no VI volume a respeito de aparições que se produziram mais de um ano após a morte, narrando 14 casos de aparições verídicas.

O exame crítico das provas não permite duvidar de que estas aparições eram *verídicas* e que não eram devidas a qualquer alucinação do precipiente, nem a coincidência fortuita. Para conseguir provas estatísticas relativas a esta última eventualidade, Gurney comparou numéricamente as aparições verídicas e as que eram puramente acidentais, isto é, que não coincidiam com a morte. Depois, indagou se alguns adultos tinham tido aparições ou alucinações deste género nos dez últimos anos e recebeu aproximadamente 6.000 respostas. A professora Sidgwick fez inquérito semelhante e obteve 17.000 respostas. Este último só demonstrou que a relação entre as aparições veridicas e as outras era 440 vezes maior do que se atribuissemos a origem ao acaso. A análise minuciosa deste recenceamento feito pelos peritos ocupa um volume inteiro das «Actas» e chega-se à conclusão prudente de que entre a morte e a aparição do defunto há uma relação que não depende só do acaso. Para nós, isto está demonstrado. A discussão de todas as consequências deste facto não podemos tentá-la aqui, nem talvez possa ser feita neste século. Isto refuta a ideia comum de que só por acaso a aparição coincide com a morte de tal ou qual pessoa e de que apenas se recordam de coincidências.

Partindo de uma interrogação, a mim próprio dirigida, levei a efeito uma viagem em que me acompanhei de verdadeiras capacidades, lustrando esferas diferentes e outrossim procedendo de orientações não homogéneas: um químico, de renome; dois professores de Física de institutos de instrução superior; um teólogo, um matemático, e um perito de Elecrónica e de laboratório, Shoupp.

Nenhum deles, em suas elaborações, de rigor científico, assoma, nas elaborações a que me reporto, com sentido assente e exclusivo de só reconhecer matéria no todo existente. Um até, aludindo a particulas da física nuclear define algumas como *imateriais*, aparentemente, porém.

Realmente, não há limite de divisibilidade da matéria, enquanto haja matéria.

O que há na natureza é o espectáculo de movimento, em que nada se perde e tudo se transforma.

E este espectáculo, de metamorfose, impressionou pretéritos muito recuados e inspirou mesmo poema celebre a famoso poeta que nasceu 43 anos antes da nossa era: Ovidio. Epilogava, em 1897, conferências (8) na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, um professor ilustre, Miguel Bombarda, por este modo: «Enquanto me não provarem o antagonismo das minhas ideias com os factos de observação, eu clamarei: O neurone move-se e, porque se move, pensa e sente!».

Fui admirador deste homem de ciência, que dirigiu o Hospital de Alienados com acerto e disciplina, mas, em verdade, não se me deparou em sua bagagem científica e literária argumentação e exteriorização irrespondíveis e irrefutaveis, quanto à letra daquele epílogo.

Só matéria onde se revelam fenómenos que a não comportam, não se combina com a observação equilibrada e com a serenidade sapiente. Que espécie de matéria é a que, num minuto imprevisto, em que nos assalta uma notícia funesta, lancinante, estando nós fruindo horas de gozo feliz e entusiástico, nos muda todo o cenário de ventura e nos sepulta em sofrimento atrós, sofrimento que nos domina, de que temos consciência e que não podemos localizar em ponto algum, externo ou interno, do nosso organismo?

Que espécie de matéria é?... Será a da «célula nervosa com o seu prolongamento»?, a da «energia nuclear atómica»? Será o quê?!

Quando eu quero e sei que quero mover um braço e o movo, este movimento, aliás dependendo de espaço para execução, é perfeitamente igual, por natureza e essência, à decisão tomada de movê-lo?

Tudo isto será matéria ou material, puramente ?

Há alguma relação de identidade entre a faisca provocadora de um incêndio e a ideia de apagá-lo ?

Matar e salvar, sacrificando a vida, assimilam-se intrínsecamente ?

A chave da abóbada, que está no equilíbrio do artista, confunde-se com a idealidade dirigente ?

E tudo isto será matéria, matéria, e mais matéria ?!...

Quando, horas mortas da noite, acordo sobressaltado pelos cuidados num ente querido, e, arrostando com a morte e desenganado pela ciência médica, corro à cabeceira do enfermo tentando minorar-lhe o sofrimento, guia-me apenas a matéria, nenhuma ideia de humanidade, nenhum sentimento elevado, nenhum impulso psíquico operam em meu ser anímico ?

E esta personagem de enigma, que não vejo, que não palpo, que escapa o todo o meu esforço de pesquisa, esta personagem que me alenta, que me realça a vontade, que até me encanta o espírito e parece ungir-me a alma, não passará de partícula efêmera de matéria ?

Tudo é escória e cinza contingentíssima ?!...

Ideia e materialização de ideia serão, porventura, a mesmíssima coisa ?

O génio da capela Sistina, em Roma, e um boneco artificialmente falante, acaso nivelam-se ?

A máquina com que voamos na amplidão por entre nuvens e aquela que nos permite entranharmo-nos na profundidade dos mares por entre massas de água, terão alma, disporá de possibilidades metafísicas para insuflar-lha, em sopro-relâmpago, o rei dos animais ? Para quê prosseguir, formulando perguntas ?

O homem transcende-se, evidentemente, e «evolui» desde o berço à campa terrestre.

Foge-lhe à morte aniquilante o espírito indecomponível. Como seria possível a aniquilação extintora deste, se a própria matéria permanece laboratorialmente na retorta do globo, obedecendo a leis imutáveis, e uma delas gritando-nos: *nada se perde ?!*

Não envolvem erratas estas leis soberanas, que também regulam os mundos, as vias-lácteas, os sóis de gigantescas flamas na imensidade !

Tudo é emelhante a tudo, mas tudo difere de tudo.

Se há coisas que primeiro estiveram nos sentidos, outras há, que deles não participam, quais, por exemplo, as ideias necessárias ou inatas.

E importa reflectir nestas verdades ou princípios, de carácter axiomático:

«O acordo do pensamento consigo mesmo é a lei subjectiva de todo o pensamento» (°).

O absurdo é inimigo do bom senso, embora por vezes haja necessidade de recurso lógico a demonstrações por absurdo.

Só matéria ?! Revelam-se delicadíssimas exibições na matéria, que pressupõe, *a fortiori*, forças dominantes. O movimento é uma destas; mas o seu isocronismo genérico na sinfonia universal dos mundos denuncia, matemáticamente, um primeiro motor intelectual, eterno, infinito !

Há só matéria ? A esse primeiro motor, potencial de causalidade, absoluto, providente e previdente, presta homenagem culta de consciência o espirita, a quem a lição experimental rasga horizontes que conduzem ao Além e transportam os espíritos ao cenáculo supremo de radiações vitalizadoras, de verdade perpétua e de justiça imácula.

Só tu és Grande, Peregrina e Salubérrima !

BIBLIOGRAFIA

(¹) A. J. Ferreira da Silva — *A Cultura das Ciências e os Ensinamentos da Igreja*, pág. 8 — Porto, 1908.

(²) Idem — O *Ideal Religioso e a Cultura Científica*, pág. 8 — Idem, idem.

(³) *Princípios de Física*, por Adriano Augusto de Pina Vidal, ed. 3.ª, pág. 5 — Lisboa, 1882.

(⁴) In «*Indústria Portuguesa*» n.º 236 — Outubro, 1947, pág. 612, cols. 1.ª *in fine* e 2.ª

(⁵) *Pensamento e Movimento* — Estudo Histórico-Crítico Sobre o Materialismo Contemporâneo, pelo Doutor José Maria Rodrigues, págs. 57 *in fine* e 58 — Coimbra. Imprensa da Universidade, 1888.

(⁶) *Espírito e Matéria*, págs. 26 a 28 — Lisboa, 1903.

(⁷) *Nos Umbrais do Além* — Análise Científica dos Fenómenos do Espiritismo, págs. 144 a 147 — Lisboa, 1947. Estudos Psíquicos Editora.

(⁸) *Os Neurones e a Vida Psíquica*, pág. 177 — Lisboa — Imprensa Nacional, 1897.

(⁹) *La Science Positive et la Métaphysique*, par Louis Liard, pág. 212, *in fine* — Paris, 1883.

Não nos devemos envergonhar nunca de confessar os nossos erros, porque confessá-los é tão sòmente testemunhar que sabemos mais hoje que ontem.

Kardec

Têm Alma os Animais?

pelo Coronel Everaldino Ascestes da Fonseca

III

Inteligência e memória. Cada um de nós que se tenha dado à observação de como se comportam os seres inferiores ao nosos alcance, conclui pela existência da memória e da inteligência, distinguindo perfeitamente o que é instinto, das manifestações deliberadas ou com finalidade.

Hans, Mehamed, Zarif, Rolf, Lola, Zou, foram cavalos e cães que despertaram a curiosidade de sábios pelo desenvolvimento da aprendizagem a que foram submetidos. *Rin-Tin-Tin* todos nós conhecemos de muitos filmes.

Solidariedade e devotamento. Um comerciante possuia um cão treinado em ir a uma padaria, levando determinada quantia e trazendo na volta um certo número de pães. Eis que um dia o seu amo dá por falta de dois pães, após o desempenho dessa missão por algum tempo e com extrema fidelidade. Pela estranheza do ocorrido vai à padaria e toma conhecimento de que nenhuma alteração houvera. Resolve, então, fazer suas investigações e descobre o animal mudando de rumo, enveredando por outro caminho que não o normal. Acompanha-o e descobre que o seu ex-fiel comprador ia levar a uma cadelinha que amamentava suas crias, os dois pães, desde que a mesma se tornara mãe. Tal conduta não foi de forma alguma fruto de aprendizagem.

Um tropeiro viajava por uma estrada quando seus olhos descobriram dois ratos que caminhavam um ao lado do outro, levando uma palha os dois. Naturalmente, teve a ideia de matá-los usando o bordão que levava. O primeiro atingido pelo golpe, foge não sem primeiro dar demonstrações de desespero. Vai para o outro que ficara parado, um tanto admirado de que se não tenha posto em fuga. Verifica que sua imobilidade era por ser cego; o outro servia-lhe de guia.

Muitos são os casos de cães e gatos se deixarem morrer de inanição, por se verem privados dos seus donos, alguns mesmo não abandonando o leito em que os senhores morreram ou a tumba em que foram sepultados.

Sensibilidade aos fluidos dos magnetizadores. Foi verificado que, quando um animal, em consequência do tratamento magnético, obtém melhoras para seus sofrimentos, deliberadamente ele procura esta intervenção; tal afirmativa, fruto de longa observação, foi feita pelo magnetizador Lafontaine, citando vários casos, sobressaindo o de um cavalo que apresentava uma protuberância num dos membros trazeiros, em consequência de um acidente, que na terceira aplicação, devido ao grande alívio que experimentara com os passes anteriores, era o próprio animal que se oferecia para as demais aplicações, desaparecendo as dificuldades oferecidas nas primeiras.

Acção recíproca de olhar pernicioso entre o homem e os animais e vice-versa. Olhar pernicioso. O mesmo sr. Lafontaine, em sua obra clássica «A Arte de Magnetizar», de suas experiências, conclui que algumas vezes é o olhar do animal que magnetiza o Homem, numa verdadeira batalha de vida ou morte, citando o caso surpreendente da experiência tentada por um médico, após a leitura de um livro de necromancia, na presença de várias pessoas.

A descrição é um tanto longa, por minuciosa, em virtude do interesse que despertou e do manancial que fornece para estudos fisiológicos. A experiência realizou-se com um sapo que deveria morrer por arrebatamento, influenciado pelo olhar do magnetizador. O sapo estava sobre uma mesa, num vaso de vidro bem alto como precaução de fuga ou no caso que viesse a rebentar, distando do operador pouco mais de 50 cms.

Durante os 10 primeiros minutos nada de anormal foi notado na fisionomia do doutor, cujo olhar era mais de curiosidade que de outra qualquer finalidade. Depois, seu olhar fora-se modificando, transparecendo um certo descontentamento, de despeito. Ao fim de 15 minutos, insensìvelmente aproximara-se do sapo. Pouco depois, apoia o rosto sobre as mãos um tanto crispadas; seu olhar denuncia cólera. Aos 18 minutos está congesto, depois empalidece e ao cabo de 20 minutos, o sapo rebentou sem que fosse notada qualquer alteração.

Quanto ao médico, foi bem diferente. A princípio sentiu um mal-estar, depois veio uma exaltação que o convenceu de que lhe seria impossível continuar a experiência, temendo atingir o ponto de vertigem.

Após esta experiência, o médico sentiu-se mal, em consequência do verdadeiro combate que travara com o sapo, como resultado de sua indiscutivel influência.

Um outro experimentador, talvez menos forte, sofreu consequências quase funestas em outra experiência de igual natureza, com uma rã, apelando para o pai, que o foi encontrar já desfigurado, exausto, com arrepios e suores abundantes.

Correlacto com esses factos, há a imunidade de certos indivíduos contra a ferocidade e crueldade de alguns animais, encontrando-se referências nos «Actos dos Mártires» na História Eclesiástica de Eusébio.

Faculdades psíquicas ou supra-normais, mais tarde, como pressentimentos, premonições e telepatia, clarividência e clauriaudiência e a mediunidade de um modo geral.

Em 1835, violento tremor de terra destruiu a cidade de Talcahuano, no Chile; foi observado que todos os cães haviam fugido antecipadamente.

No Japão, onde são comuns terramotos e vulcões, foi verificado que, pouco antes de tais acontecimentos, os cavalos se inquietavam.

Em 1905, quando a Calábria foi atingida, às três horas da madrugada, desde a meia-noite já os cães estavam uivando.

Vários são os casos em que os animais demonstram ter um conhecimento antecipado do desencarne das pessoas a quem dedicam afeição.

O seguinte relato é do Sr. Busson, secretário da Mairie, em Kroub. Em 1896, o marquês de Morés organizava em Turim uma penetração na África Equatorial, perto do Sahara.

«Habitava no alto da cidade, uma parte da propriedade da viuva do antigo primeiro ministro do Bey. Tinha cinco filhos; o mais velho, Abdelhac, era bem instruído e falava correctamente o francês em razão do que o Sr. de Morés o tomara para intérprete.

«Abdelhac possuia uma bela cadela da raça São Germano, que era sua favorita. No dia em que a missão ia partir, não podendo levá-la, deixou-a sob a minha guarda, sabendo que eu gostava muito dos animais. Passara-se um mês, mais ou menos, da partida da missão, quando uma noite, Diana, que era o nome do animal, nos acordou com seus uivos. Fomos à estrebaria onde ela dormia e acariciámo-la. Fazia um belo luar. Depois de deixá-la, voltou a uivar. Tornei e ameacei-a. Calou-se, mas todo o resto da noite passou gemendo. No dia seguinte, houve comentários e mesmo a suspeita de que algo acontecera. A pesar de no dia seguinte a correspondência nada trazer que justificasse as apreensões, dias depois uma parte oficial relatava o massacre da missão, tendo escapado apenas um dos seus integrantes que, com maiores detalhes, precisara o momento em que se dera, coincidindo com a noite em que o animal passara uivando e gemendo pela morte de seu dono tão distante, mais de mil quilómetros».

Incontáveis são também as narrativas em que cães se deixam morrer à míngua após a morte de seus donos, desde que entre eles haja uma funda afeição.

O Rev. H. Northcode estudou um caso de assombração em casa de uma família de suas relações. Tratava-se de um fantasma de homem que aparecia constantemente no mesmo quarto e às mesmas horas da noite, visto por várias pessoas que anteriormente o ignoravam.

Por fim a senhorinha Benton relata o que com ela se passara. A princípio, guardara consigo o ocorrido; entretanto o facto reproduzira-se por algumas noites, em que teve oportunidade de apreender os detalhes do fantasma. Por fim, solicitou dos amigos que deixassem pernoitar no quarto um cão, para assim tranquilizar-se. Ocorre, porém, que cerca das duas horas, acorda com os gemidos do cão, que percorria o quarto, com viva demonstração de pavor e querendo safar-se. Ao mesmo tempo reconhece o fantasma, de pé junto ao leito. Tomada de terror, grita: «Vai-te! Vai-te!», dissipando-se o fantasma.

A fotografia dos invisíveis. As experiências a que procedeu o Dr. Watters, director do Instituto Bernard Johonston, nos E. U., parecem ter demonstrado que o organismo carnal do animal abandona *alguma coisa* no momento da morte.

O processo teve origem nas descobertas da rádio-actividade e não nos alongaremos sobre o assuno, muito embora interessante e momentoso, bastando-nos citar o seguinte conceito do grande físico Eddington: «Se todos os átomos que compõem um corpo humano se reunissem num ponto do espaço, podiam ocupar a ponta de um lápis. Consequentemente, o corpo físico de um organismo qualquer é composto de espaço em sua maior parte (espaço intra-atómico) e os experimentadores estabeleceram como princípio — que se o corpo etérico existe, deve alojar-se neste espaço intra-atómico da estrutura celular. Se, por outra parte, as parcelas infinitesimais, tais como os iões positivos ou negativos, podem ser fotografadas por meio de aparelhos adequados, parece provável que este mesmo aparelho deva igualmente poder detectar os fenómenos intra-atómicos».

O resultado dessas experiências foi, efectivamente, que — *um corpo imaterial se escapa do corpo físico no momento da morte,* que este corpo se tornou visível com o auxílio do vapor de água e foi mesmo fotografado.

Um insecto de proporções avantajadas foi a forma de vida mais elementar que foi possível a Watters experimentar.

Foram apanhados cem gafanhotos. Cinquenta foram postos de parte para a experiência pròpriamente dita, na câmara de observação; o resto serviu para determinar o melhor método de provocar a morte aos espécimes de exame. Finalmente, foi escolhido o éter como o veículo para a morte.

Não obstante as precauções tomadas, não foi possível predizer com rigor absoluto o momento exacto da morte, variando os intervalos para cada espécime.

O paciente, vamos assim chamar ao gafanhoto, era primeiramente anestesiado, depois colocado na câmara de observação, na qual se introduzia algodão embebido em éter. Quando se presumia que o insecto entrava em agonia, tiravam-se fotografias; em seguida, o insecto era retirado fazendo-se-lhe uma injecção de adrenalina, poderoso reactivo sobre o organismo.

Em alguns casos, após a injecção, o paciente dava

sinais de vida, o que traduzia ter sido a fotografia tirada antes da morte.

Sem excepção, em nenhum desses casos a chapa foi impressionada.

Ao contrário, todas as vezes em que a fotografia acussou sombras caracteristicas ou imagens de *corpos imateriais*, os insectos jamais deram o menor sinal de vida, se bem que tivessem recebido a injecção de adrenalina e guardados em observação constante durante periodos que variavam de 8 a 14 horas. Em 50 observações, 14 casos deram um fantasma de insecto na placa.

Desse modo, temos a explicação cabal e cientifica dos muitos casos em que apareceram figuras *extra* de animais, cães e gatos, não presentes aos órgãos visuais, mas revelados pelas chapas, caracterizados pela diafaneidade apresentada, isto é, a impressão dos outros corpos físicos, materiais, vistos através da impressão *extra*.

Sendo assim, realmente verificada a presença dos seres inferiores numa real prova da sobrevivência ao corpo físico, podemos, sem repugnância intelectual, fanatismo religioso ou dogmatismo céptico, aceitar as manifestações espontâneas ou provocadas nas sessões espiritas de materialização, e compreensíveis como naturais os relatos que se multiplicam na obra em apreço.

A *alma grupo*, a interrupção da evolução da alma animal, ou o seu prosseguimento pela trajectória da alma humana, são problemas não menos interessantes e que, nem mesmo as comunicações do espaço estão em acordo.

Nossa opinião, fruto desses e outros conhecimentos, é que não fazemos nenhum favor concedendo alma aos nossos irmãos ditos inferiores.

E, para que a vossa decepção se não transforme em mal irremediável, transcrevemos, graças à gentileza de nosso presado presidente e caro amigo Dr. Levindo Melo, um pequeno trecho de uma mensagem de Emmanuel, por este transmitida e publicada nas colunas de «Mundo Espirita», edição de 4 de Janeiro de 1937:

> «O processo, portanto, da evolução anímica verifica-se através de vidas, cuja multiplicidade não podemos imaginar, nas nossas condições de personalidades relativas, vidas essas que não se circunscrevem ao reino hominal, mas que representam o transumpto das mais várias actividades em todos os reinos da natureza. Todos aqueles, que estudaram os princípios de inteligência dos considerados absolutamente irracionais, grandes benefícios produziram no objectivo de esclarecer esses sublimes problemas do drama infinito do nosso progresso pessoal».

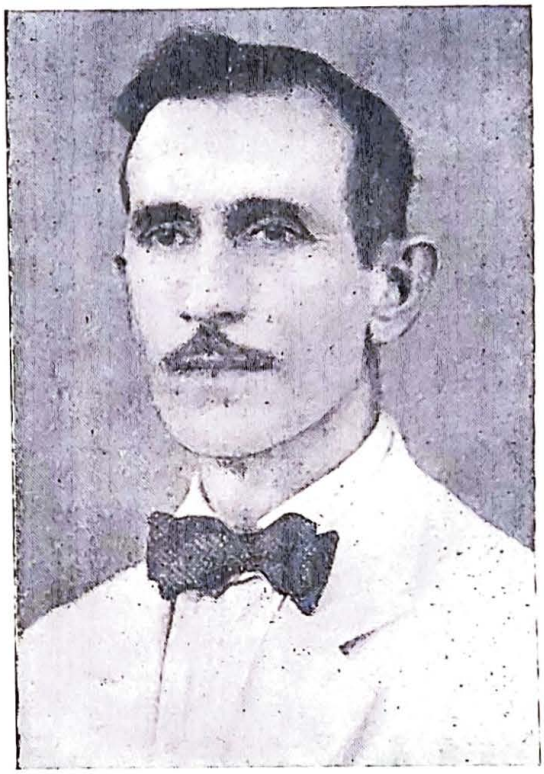
Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1947

F I M

Nossos Representantes

Prosseguindo na tarefa de dar a conhecer os amigos que fora de Portugal trabalham para manter o bom nome desta revista e auxiliam a nossa cruzada de intercâmbio espirita luso-brasileiro, cabe a vez a José Borges dos Santos, presidente da Confederação Espirita Cearense.

Natural de Campelo, distrito do Porto, embarcou em 1910 para o Brasil. Em 1922 estabeleceu-se no Ceará, onde tem permanecido sempre, exercendo ali actividades comerciais.



JOSÉ BORGES DOS SANTOS

Em 1912 tornou-se espirita, pelo facto de ter assistido em Manaus à cura de uma criança de 4 anos, cuja doença zombava de todos os esforços da medicina. E quando se perdiam as esperanças de a salvar, é curada pelo Espiritismo sòmente com água magnetizada, o que causou o espanto de toda a gente. Nasceu então a sua convicção, começando a trabalhar em benefício da doutrina. Em Fortaleza, capital daquele Estado, fundou seis agremiações espiritas e auxiliou a fundação de outras, inclusive a própria Confederação, de que foi tesoureiro durante 9 anos consecutivos e presidente há 3 anos. Como presidente, tem fundado escolas, organizou uma biblioteca e uma Caixa Funerária com pecúlio extensivo aos centros federados. Agora fundou a «Voz do Alto», que deve ter saido no dia 1 de Março, data em que fez 100 anos que eclodiram os primeiros fenómenos do Espiritismo Moderno.

Que melhor representante poderiamos ter no Ceará? A este obreiro que tudo sacrifica pelo bem da Causa, apresenta Estudos Psíquicos *os seus melhores e mais sinceros agradecimentos.*

UM CASO DE PSICOLOGIA SUPRANORMAL

A Personalidade de Pietro Ubaldi

(Tradução de SIBIL)

pelo Dr. Paolo Soster

Num dia de Outubro de 1945, num modesto restaurante de Gubbio, encontrámos pela primeira vez Pietro Ubaldi. Foi um dia inesquecível, um desses dias que parecem influir no destino dos homens.

Tinhamos descoberto o amigo dilecto, a luz que há tanto tempo procurávamos.

Educado o cérebro pela ciência e pela filosofia, dotados de temperamento simultaneamente racional e mistico, rebeldes a qualquer imposição ideológica, não podíamos aceitar uma fé religiosa dogmática, porque a nossa consciência se revoltava. Pediamos à ciência e à filosofia que nos apontassem a verdade, mas inùtilmente. O nosso grito perdia-se em labirintos infinitos e em becos sem saída, a nossa alma singrava por caminhos sem alvo e o desespero ameaçava-nos. Tinhamos o vago pressentimento de que um dia encontraríamos a luz da verdade, mas não sabíamos quando e donde irradiaria. Sentíamos, no entanto, que só a ciência poderia responder-nos e não nos enganávamos. Pietro Ubaldi, através da ciência, guiou-nos para a verdade, fez luz nas trevas e os nossos olhos extasiados viram-na. A luz que tanto tínhamos procurado iluminava-nos o cérebro; a paz que tanto ansiávamos descia ao nosso coração.

*

* *

Dito isto, seja-me permitido dizer também alguma coisa acerca de Pietro Ubaldi. Ele que nos perdoe se as nossas palavras forem pobres e perdoe-nos o leitor se a nossa linguagem for insuficiente para falar ao cérebro e ao coração. O assunto que nos propomos abordar é muito difícil, principalmente, porque somos obrigados a usar a linguagem comum. No entanto, o leitor pode estar certo de que tudo quanto dissermos resulta de profunda convicção pessoal que, se não foi partilhada, deve ser, pelo menos, respeitada.

Vamos falar da personalidade de Pietro Ubaldi; diremos tudo quanto sabemos e pensamos a seu respeito.

Julgamos que se tornará útil para o conhecimento objectivo de um homem que raramente é compreendido, seja quando o elogiam, seja quando o caluniam. Cremos que poucos tenham conseguido colocar Ubaldi no lugar que lhe compete e, possivelmente, vamos desiludir tanto aqueles que o exaltam, como os seus encarniçados perseguidores. Apenas desejamos fazer-nos compreender por quem, não chegando a qualquer destes extremos, deseje conhecer no seu verdadeiro aspecto a personalidade de P. Ubaldi. E com esta esperança vamos começar.

Quem é Pietro Ubaldi?

Há quem lhe chame santo, médium, génio, pobre visionário e, até, um imbecil solitário. Fisicamente, é um homem como tantos outros. Alto, testa desenvolvida, um pouco alquebrado, porte humilde e austero, expressão suave e triste, olhar vivo e penetrante. É um homem que, perseguindo um ideal evangélico, nas pegadas do Cristo, renunciou a todos os bens materiais que, generosamente, o destino lhe concedeu e vive do modesto rendimento auferido com o ensino de inglês num colégio de Gubbio.

Os seus dias são ocupados com o trabalho e a meditação na renúncia, quase completa, a todos os prazeres mundanos. Escreve muito, como prova a sua extensa produção literária.

Temperamento profundamente místico desde pequeno, diferença-se dos místicos pelo seu raciocínio sem preconceitos e rigorosamente objectivo. Pode dizer-se que a sua exaltação mística é tão forte como o seu poder de raciocínio. Nele, o misticismo e a razão, em vez de se combaterem, completam-se e fortalecem-se mùtuamente.

Tem poucos amigos, vive quase solitário, sem, contudo, pecar por misantropia. Alma branda e ao mesmo tempo impetuosa, temperamento irrequieto e constantemente elevado para Deus, passa incompreendido entre os homens dando-lhes muito de si próprio, dentro dos moldes que lhe permite a sua natureza, pelo cumprimento daquilo que ele julga a sua missão.

No entanto, com isto, pouco se sabe a seu respeito. Para o conhecer, muito contribui a obra da sua autoria «História dum Homem», que tem como protagonista o próprio Ubaldi. Contudo, essa obra é muito romanceada, para nos habituar à compreensão do visado. Não porque nessa obra a personalidade do autor seja velada ou modificada, mas simplesmente porque descreve o fenómeno biológico do *sujeito* (para comodidade de exposição, designaremos assim Ubaldi) sem profundar a origem do próprio fenómeno.

«As Noures», «A Grande Síntese» e «A Ascese Mística», tudo obras de Ulbaldi, lançam, pelo contrário, intensa luz sobre essas origens e tornam possível entrever, sob muitos aspectts, a personalidade do autor. Mas o leitor das obras acima mencionadas encontrará logo

nova e não menos séria dificuldade. A concepção científica e filosófica, delineada por ele na «Grande Síntese», que é, indubitàvelmente, a sua obra mais importante, é de um alcance tão vasto, que torna muito difícil o enquadramento do *sujeito* e da sua interpretação.

Baseando-nos nas obras mencionadas e no conhecimento pessoal que temos dele, facilitado por antiga e profunda amizade e afinidades espirituais com o mesmo, esperamos tê-lo compreendido suficientemente, e esperamo-lo principalmente, porque ele próprio nos animou, respeitando as nossas convicções.

Antes de mais nada, é óbvio dizer-se que, para interpretar a personalidade de Ubaldi, se torna necessário procurar uma concepção ideológica, séria e admirável, na qual ele encontre a sua lógica interpretação. Tudo isto tem importância básica, porque, admitindo o sistema ideal onde se enquadra a personalidade do autor, esta última adquire valor muito diferente. Visto as concepções humanas da verdade serem sempre disparatadas e mais ou menos limitadas, as definições da nossa podem ser múltiplas. Com efeito, as concepções dos ignorantes e presunçosos definem-no como um louco ou imbecil, a concepção católica como um hereje, a ciência experimental como assunto interessante para estudo da psicanálise e, por fim, outras concepções definem-no como génio, santo ou mistificador.

Estudá-lo-emos conforme a concepção geral da «Grande Síntese» e sob os aspectos, poucos mas seguros, que a ciência nos proporciona. Visto que toda a moderna ciência experimental está encerrada na «Grande Síntese», o juizo mais amplo e mais cabal será feito, tendo por base a concepção ideológica da obra citada. Pelo prisma da ciência diremos apenas aquilo que nos seja permitido dizer, porque nesse campo o problema não poderá ser, necessàriamente, esgotado.

Consideramos razoável seguir por estes dois caminhos, porque estamos persuadidos de que são os mais seguros, iluminados por uma luz mais intensa e abertos sobre um horizonte que não conhece limites. Exporemos sucintamente as nossas razões, certos de que o leitor as compreenderá por si só, quando penetrar, não na letra, mas no espírito da «Grande Síntese».

Não nos deteremos a falar desta obra, porque não estamos à altura de explicá-la e, muito menos, de apreciá-la. Limitar-nos-emos a dizer que nela encontrámos uma concepção da verdade que satisfaz plenamente, tanto a razão como a alma, uma concepção que não destroi coisa alguma de científico, de filosófico ou religioso que na terra exista. Nela, todos os aspectos do pensamento humano encontram o seu lugar no plano que lhes compete. O conjunto resulta harmónico, lógico, perfeito e indestrutível. Estamos persuadidos de que, se fosse possível encontrar uma linguagem onde cada conceito fosse expresso numa só palavra e se comprendesse que só no absoluto existe a verdade absoluta, enquanto no relativo em que, sucessivamente, vivemos, existe apenas uma verdade relativa e progressiva, se conseguissemos compreender tudo isto, fácil se tornaria perceber que o erro não é mais do que uma verdade parcial ou, mais pròpriamente, um equívoco. Se cada palavra da «Grande Síntese» fosse interpretada com a sua verdadeira significação, todos ficariam convencidos como nós ficámos. Os homens não se compreendem, principalmente, porque falam linguagens diferentes, isto é, porque conceitos diversos são, muitas vezes, expressos com as mesmas palavras. Todos sabemos proferir a palavra «Deus». Mas que diversidade de conceitos estão encerrados em tão pequena palavra, conforme ela seja dita por um crente ou por um descrente ! O que acontece com o conceito de Deus pode aplicar-se a todos aqueles que constituem as doutrinas que servem de base aos edifícios filosóficos, religiosos e, em parte, científicos. Infelizmente, não é possível conseguir interpretação universal de todos os conceitos, dada a impossibilidade de os homens compreenderem os próprios conceitos, embora alguns o possam conseguir quando a evolução individual o permita.

Por exemplo, o conceito de Deus feito por um santo só poderia ser comprendido por outro santo... Poderia apresentar-lhes outros exemplos, mas julgo desnecessário.

Voltando à «Grande Síntese», acrescentaremos que não será difícil aceitar as suas concepções, encontrar-lhes consistência que nos satisfaça plenamente, quer na análise, quer na síntese ou ainda nas inúmeras provas de dedução e indução. Mas julgamos que nem todos ficarão convencidos e isso não nos causa espanto. De espantar seria o contrário.

Essa obra tem, por certo, lacunas ou falhas, mas sem valor substancial e, portanto, não prejudicam as linhas gerais da própria concepção, nem tão pouco a destroem.

É uma concepção vital que ilumina o cérebro e pacifica o coração, que não destroi coisa alguma e, pelo contrário, dá vida a tudo quanto é universal.

No final deste estudo, apresentaremos a personalidade do *sujeito* à luz da ciência, mas pouco poderemos dizer, porque as conquistas da ciência, neste campo, são ainda muito limitadas.

* * *

Vamos, portanto, focar a personalidade do *sujeito* através das concepções gerais da «Grande Síntese».

Antes de mais nada, queremos marcar a distinção entre a personalidade do *sujeito* e o «Eu» que fala na «Grande Síntese». A voz que troveja e admoesta na «Grande Síntese» não é a voz de Ubaldi, mas a voz impessoal da Verdade. Dessa voz, o *sujeito* foi simplesmente intérprete, o tradutor fiel e compreensivo. Por outras palavras, o *sujeito* escreveu a «Grande Síntese»

por inspiração. Nas fases de máxima expansão da consciência, o *sujeito* viu (por intuição) a verdade, nas suas linhas básicas, expandir-se em horizontes mais vastos, e traduziu para o papel e em linguagem humana, segundo a dialética da razão humana, a verdade assim entrevista. Traçou o quadro geral e em seguida a visão própria do mesmo, à semelhança dos artistas que reproduzem e materializam as suas visões estéticas e as tornam acessíveis aos outros, por meio de estímulos próprios a fim de impressionarem os sentidos. Assim como as visões estéticas, se não fossem materializadas na obra de arte, morreriam ignoradas na mente do artista e nem uma parcela dessa visão chegaria até nós, a visão da verdade ter-se-ia perdido na mente do nosso *sujeito*, nunca a teríamos vislumbrado sequer, se ele próprio não a tivesse materializado e patenteado por forma a torná-la compreensível à nossa mentalidade. Esforçou-se por encontrar a linguagem humana mais adaptada ao fim colimado e a linguagem científica, visto ser a mais séria e a mais elevada das linguagens. E adoptando-a, foi compreendido por muitos. Tem o mérito de haver tornado acessível a muitos aquilo que antes era privilégio de poucos e desvendou tudo quanto o ocultismo de todos os tempos e de todas as civilizações conhecia e escondia. Não revelou nada de novo, porque a verdade é só uma e indivisível. Compreendeu que a mentalidade humana saira para sempre da ignorância e podia conhecer o mistério e desvendá-lo. Com efeito, a ciência bate à porta do seu mistério e ele, com a sua obra, oferece à ciência a chave dessa porta.

A função biológica do *sujeito* é, por conseguinte, muito relevante. Do mesmo modo e pela mesma razão que os grandes artistas são compreendidos por muito poucos, o nosso *sujet* tem sido, até agora, insuficientemente ou mal compreendido, acima de tudo, mal compreendido, e as razões são claras e fáceis de adivinhar. A concepção de Ubaldi ou é compreendida nas suas bases essenciais ou não é compreendida por forma alguma. Mas, para apreender essas bases essenciais, torna-se necessário ter a preparação de um homem de ciência e, ao mesmo tempo, faculdades psíquicas de místico. E todos calculam quanto é difícil e raro encontrar homens que posuam, bem acentuadas e contrabalançando-se, estas duas qualidades. O místico não conhece a ciência e o homem de ciência não admite e não estuda o misticismo. Pode dizer-se que os dois se defrontam e se repelem. Entre os dois existe o mesmo contraste que separa o materialismo e o espiritualismo, assunto de que todos falam hoje com convicção ou de má-fé, isto é, o contraste entre a matéria e o espírito.

No entanto, se considerarmos bem este contraste que, por vezes, tem provocado, entre os homens, ódios e lutas ferozes, concluiremos que ele resulta ùnicamente da ignorância humana e de um equívoco. O que é essa matéria que se desagrega nos laboratórios da ciência, o que é esse espírito inimigo da matéria? Concluimos, repetimos, que esse contraste tem a sua origem na insuficiência da compreensão humana. Fala-se da matéria e do espírito sem que se faça um conceito claro de qualquer deles. A luta é absoluta, porque, se formos até ao fundo das coisas, veremos que nem a matéria nem o espírito existem, mas apenas a substância, cuja natureza ainda ninguém revelou inteiramente. No entanto, entre os homens existe essa luta absurda que provoca o antagonismo não menos absurdo das almas e de que resultam as lutas visíveis, sobretudo nos nossos dias, que só aproveitam à desonestidade e à ignorância. Impõe-se destruir este absurdo dualismo e só então o homem de ciência poderá elevar os olhos ao céu do misticismo e crer; e o místico poderá ver a ciência com olhos fraternais. Os dois poder-se-ão abraçar e desse amplexo de amor brotará a centelha divina que iluminará o mundo e fará conhecer aos homens o seu elevado destino.

Só então o pensamento de Ubaldi poderá ser compreendido na sua essência profunda. Ubaldi tem muitos admiradores por todo o mundo, mas quantos desses admiradores o terão compreendido verdadeiramente? O próprio Ubaldi reconhece que muito poucos. Muitos fizeram dele um conceito, em tudo oposto à realidade. Por vezes, consideram-no como um semi-deus, quando ele não é mais do que um homem. Por certo sofreriam grande desilusão, se conhecessem pessoalmente Ubaldi, não porque seja um homem vulgar, pelo contrário, mas porque incorreram no erro de formar dele uma ideia fantástica e irreal. Nós próprios, que tanto estimamos e apreciamos Ubaldi, não raras vezes temos ficado desiludidos e desorientados. Com efeito, nem sempre evidencia as extraordinárias proporções da personalidade que anima a sua obra e frequentes vezes mostra essa hesitação e fraqueza própria da maioria dos homens e por tal forma, que é difícil separá-lo deles. Está sujeito a períodos de depressão psíquica, durante os quais sofre horrìvelmente e revela fraqueza e insuficiência sob muitos aspectos. Chega a ser desconcertante a contradição que, em certos momentos, se nota nesse homem. Ascende aos mais altos cumes e desce aos mais fundos abismos, atinge a beatitude do êxtase místico ou toca o vórtice do sofrimento mais atroz, sobe aos excelsos cimos do conhecimento da alma ou desce ao abismo do adormecimento da consciência. Nele existe o homem dotado de gigantesco poder psíquico e o homem fraco. Mas nunca encontramos nele a vulgaridade ou o que nós chamamos imoralidade. Notámos que apresenta dúvidas e incertezas que, na «Grande Síntese», são resolvidas com indiscutível clareza. Mais de uma vez convidámos Ubaldi a esclarecer essas dúvidas lendo as próprias obras e muitas vezes também o animámos com palavras de conforto escritas por ele.

Mas, se pensarmos bem, o facto não é para admirar,

Ele, como todos nós, conforme o prisma considerado, nunca é igual a si próprio. O seu dinamismo biopsíquico é cíclico, isto é, sujeito a fases espectaculares de altos e baixos. A sua personalidade está ao mesmo tempo presa à terra e ao céu. A personalidade biopsíquica oscila, pulsa segundo um movimento cíclico ondulatório, irregular mas não casual. No seu eterno dinamismo, sobe e desce segundo uma trajectória cujo vértice positivo está no plano místico e o negativo no plano humano. Sobe ou desce dum a outro, passando, é claro, pelos planos intermédios, a que nos referiremos a seu tempo.

Este fenómeno não deve espantar ninguém, porque é comum à psicologia humana. Todos nós passamos por diversos estádios de alma, períodos de sensibilidade ou de insensibilidade, de optimismo ou de pèssimismo, de expansão ou de retraimento; não se pode negar, como não se pode negar que, não obstante, somos, em acto e em potência, sempre iguais a nós próprios. Ele diferença-se de nós ùnicamente por uma maior acentuação do fenómeno.

O potencial biopsíquico do *sujeito* viveu, como é natural, momentos diversos e vivê-los-á no futuro. Na vida presente também conheceu momentos psíquicos variados. Começou pela inconsciência da vida embrionária, ascendeu à base da consciência média normal e, pouco a pouco, à mediúnica, ultrafânica e, por fim, à fase mística. No período actual da sua vida, o seu dinamismo biopsíquico oscila entre a fase da consciência normal e a da consciência mística. Em conclusão, a evolução biopsíquica do *sujeito* é caracterizada por uma trajectória progressiva ondulatória. Trajectória análoga, embora de proporções diferentes, caracteriza o dinamismo biopsíquico da generalidade dos homens.

(Continua)

Estudos Psíquicos Editora

Acaba de sair do prelo a interessante obra do Prof. Leopoldo Machado, *intitulada*

CIENTISMO E ESPIRITISMO

Análise crítica das várias teorias científicas em face do Espiritismo.

A psicanálise de Freud autopsiada em nove capítulos magistrais.

Uma obra verdadeiramente original que não deve faltar em nenhuma biblioteca.

Brochado, 18$00

Remetemos este livro à cobrança

Distribuidora — Empresa Nacional de Publicidade («Diário de Notícias»)

CONFISSÕES

V

Só Tu, ó Deus, podes dizer em absoluta verdade: — «Eu sou o que Sou». Só Tu és a existência que sabe a finalidade do seu próprio existir, porque só Tu és a Essência. Eu não posso dizer que «sou», sem referir-me à plenitude do Teu existir. Afinal eu não existo por mim, mas sou porque Tu És, ó Deus.

Sem Ti, Senhor, sou um frágil barco navegando à deriva nas águas de um oceano imenso, empurrado de mil lados e sob mil formas, sem encontrar um penedo onde me encoste. Contigo, ó Deus, sei onde encontrá-lo, como criá-lo.

Se eu tenho a certeza que não passo de um «mikrotheos», a minha responsabilidade esmaga-me os ombros, quando sinto a incapacidade para escutar apenas a Tua Voz poderosa ecoando nos fundos abissais desta existência tão limitada. Porquê, ó Deus? Porque não terei ouvidos só para Ti? Porque hão-de existir sons tão alucinantes que por vezes ensurdecem os Teus próprios sons? Sou eu quem isso faz? sou eu que inconscientemente e servindo-me da minha liberdade, fecho meus ecos? Mas porque o faço se na verdade não quero? Oh! Sim... esta luta... esta antinomia eterna!

Ó meu Deus, ó Senhor dos últimos segredos, deixa-me rasgar meu peito, deixa-me apanhar a mãos ambas o total da vida para a infundir em mim, deixa-me abrir o meu manancial de dor para sofrer todas as dores, deixa-me perder na insondabilidade da magnificência do criado!... Vogando em todos os sentidos, na voracidade ansiosa de tudo ver-sentir, perdendo-me para mim, acabarei por me encontrar em Ti e só ouvir a Tua Voz na polifonia da harmonia cósmica; acabarei por Te ver em mim porque então já não serei eu...

Viver, ó Deus, é uma pálida aurora do existir futuro, suspenso da Tua Essência. E eu quero o dia do sol zenital da existência, esse dia fantasmático que não terá crepúsculo, esse dia eterno passado na eternidade do sem-tempo.

Saído das trevas do que fica atrás, eu quero, Senhor, dizer em Ti: — Eu sou o que encontrou Aquele que É. Eu e Tu, Senhor, somos agora uma unidade infinda.

AGOSTINHO

METAFÍSICA

ASPECTOS DA CRIAÇÃO

por Ramos Pereira

Houve um momento em que Deus passou da Inércia a Movimento, em que Deus quis, em que o Seu Pensamento passou da Potência ao Acto. Nesse momento, do Absoluto saiu o Relativo, criou-se o Tempo e o Espaço. O Tempo, como medida do Movimento, é uma expressão do Caminho evolutivo, é a medida da sucessão das formas. O Espaço é o meio em que a Lei se cumpre, em que as formas se sucedem.

A exteriorização de Deus fez-se em Pensamento e Vontade, ou, o que é o mesmo, em Consciência e Energia. Se a primeira se condiciona apenas à limitação do Espaço, a segunda sofre também a do Tempo. Mas como ambos nos aparecem infinitos por falta de medida humana, afirmamos que a Energia é omnipresente e eterna e que a Ideia é um eterno presente e atiramos para Deus as características da Sua manifestação; isto é, damos ao relativo aspecto de absoluto.

É vulgar encontrar a suposição de que foi o «nosso» Cosmos o único efeito da Causa, de que nele se contém a totalidade da Criação. Para nós, tem tanto valor esta hipótese como a que atribui à Terra o carácter de único mundo habitado na poeira do Cosmos.

Porque não hipotetizar a «pluralidade» também dos edifícios cósmicos? Quantos serão? Como são formados? Onde se localizam? Há a impossibilidade momentânea de responder a estas interrogações, assim como a há de responder às que se façam sobre os mundos habitados.

É uma hipótese provável nada mais, mas sem dúvida mais em acordo com a natureza da Criação do que aquela que dá a Deus como nível máximo do Seu Poder o Cosmos em que vivemos.

Sabemos que só aparentemente o «nosso» Universo é Infinito. Mas realmente ele é bem finito no Tempo e no Espaço. Logo, para lá deste «infinito» humano, há-de existir algo. O quê? O verdadeiro infinito, o ilimitado, o «apeiron» dos filósofos gregos, Deus? Isso corresponde a dizer que terminada a ronda da Evolução deste Cosmos, o Ser mergulha em Deus, ou seja, o Efeito último retorna à Causa primeira. Por muito elevado que julguemos esse Ego Superior, afigura-se-nos, ainda, bem grande o salto para Deus. A não ser que imaginemos que isso jamais se dará, que o Ser nunca descansará no seio do Eterno, ficando na Sua frente em contemplação e adoração estáticas. Então Deus teria criado *para que* o Ser vindo da Criação o fosse adorar? Não corresponde isto, em última análise, a uma... auto-contemplação, a um... complexo narcísico?

Tudo resulta de nunca despirmos totalmente o nosso conceito de Deus dum certo antropomorfismo! Deus é um Ser — o Ser Supremo — porque É sem causa. Embora seja impossível a concepção dum Ser a que não pode aplicar-se a nossa espacialidade, raciocinemos como se isso fosse apreensível. Note-se que eu não pretendo tranformar em «dogmática» esta ideia metafísica, mas simplesmente afastar os vícios de raciocínio que partem da falsa interpretação de Deus como — Aquele que É. Deus é a Existência perfeita, sem limite, sem causa. E do mesmo modo que à alma não podemos aplicar a espacialidade material, assim a Deus não podemos imputar uma espacialidade anímica. Deus não pode ser um Espírito. Ele é antes uma Vibração desdobrando-se em Pensamento e Vontade mas não queiramos procurar aí um substractum que seria a Essência Divina. Essa Essência é a *própria* síntese do Pensamento e da Vontade.

Por isto eu digo que há um absurdo na Criação de um só Cosmos, porque então teríamos um finito flutuando no seio do Infinito. Quando se diz que Deus-em-si passou a Deus manifestado, pretende-se apenas definir o *instante* da Criação. Quando se diz que Deus-em-si *ficou* para lá de Deus-manifestado, pretende-se apenas apontar que essa Existência é a Síntese Infinita em que os finitos se amalgamarão no Fim.

Julgo pois que a Causa se transformou *absolutamente* em Efeitos. A impossibilidade de por estes remontar Aquele, resulta de não

conseguirmos abarcar a totalidade dos Efeitos.

O momento criador consistiu numa passagem integral da Potência infinita a Acto infinito. A Causa abriu-se toda em Efeito, passou toda a Efeito. *Neste* momento, Ela existe como uma Síntese do Tudo Criado, como uma Existência «in alio». Deus está agora no Infinito que criou.

O instante Criador significa, então, o *primeiro* fenómeno evolutivo? Sem dúvida. Onde se encontra Deus? Presente no Tudo Criado, nesse Tudo que é a multiplicidade dos Cosmos, presente como Ideia a conduzi-los a *um* Fim e como Energia que é a essência desse Tudo.

Dirão: — mas essa tese não passa duma transcendentalização da natureza do fenómeno... físico! Direi: — a natureza do fenómeno físico é um reflexo da Natureza superior do fenómeno divino.

A espiral do nosso Cosmos é antes uma voluta da Espiral Divina. Ela continua e continua-se por outras volutas cósmicas, sempre numa abertura cada vez mais dilatada. Indefinidamente? Não. Assim como houve um instante em que a Espiral começou, assim há-de suceder um outro em que Ela se fechará num círculo. Então far-se-á a Síntese e o Ser perder-se-á na Causa, porque dEla inteiramente comunga.

Podemos hipotetizar o Princípio e Fim da Espiral, mas a força da intuição metafísica não nos consegue atirar para a mais leve visão dos *motivos* a que se condicionam aqueles Princípio e Fim; quando muito ressalva que esses *motivos* não são exteriores à Causa mas limitações que a Si própria se impôs.

A compreensão total dos planos cósmicos é a do plano divino.

Não nos é lícito persistir no mais leve antropomorfismo da Ideia de Deus! A maior parte dos erros e divergências do pensamento humano têm a sua origem ali. Quando procuramos no criado intuir a natureza do Criador, estamos a efectuar uma síntese, mas nunca percamos o ponto de equilíbrio que nos dá a tese de que esse criado não é o Tudo criado e que, portanto, nada mais fazemos que uma pequena síntese, a síntese duma pequena parcela.

A Grande Síntese do Todo será feita pelo Ser quando Este se libertar, por compreensão absoluta, dos planos de evolução cósmicos.

Talvez não nos afastemos muito da Verdade, se dissermos que a maioria dos homens têm de Deus uma ideia que poderá significar a natureza dAquele que preside à Evolução do «nosso» Cosmos.

Assim, quando imputamos a Deus a ideia de omnipotência, estamos limitando o tudo que Ele pode ao Tudo que Ele criou, à Emanação actual de que somos um elemento. Notamos ainda a indeterminação do conceito que permite entender o Tudo que Deus pode em termos de Absoluto. Julgo improducente dar uma ideia de Deus por indeterminações.

A omnipresença é um pleonasmo da Existência. Se Deus é, se Tudo quanto é (actual ou potencial) tem o fundamento da sua existência contingente na necessidade daquela, naturalmente que Deus em Tudo se encontra, que Nada é sem que Deus não seja.

No atributo da omnisciência, embora dentro do mesmo complexo de indeterminação, procura-se já erguer uma ponta do véu do Eu divino, principalmente na especulação que do mesmo se deriva. Se Deus é a Existência perfeita (por necessária), transcende o Tempo. O estatismo de Deus-em-Si não consente a ideia de Tempo. Não havendo passagem a acto, não há movimento e logo a sua existência é a-temporal. Estando como antes e para além da exteriorização («sendo», simplesmente) é uma falácia o atributo da omnisciência. Temos então de voltarmo-nos, como sempre, da essencialidade para a existencialidade actual (nem mesmo o podemos para a existencialidade potencial); e então reduziremos o atributo às proporções dadas ao de omnipotência.

Infinita justiça, infinita bondade, etc., é buscar pelo fundamento último dos valores a essência de Deus. Esse fundamento reside não na essência de Deus mas no aspecto actual do Seu Pensamento. Aqui os valores sendo absolutos não têm polaridade. Esta é resultante do choque entre a força excêntrica da Lei e a concêntrica do livre arbítrio. É a consciencialização parcial do eu humano que faz a fragmentação do Valor em categorias e em graus. Na Consciência divina há um sentir absoluto do Valor sincrético.

Deus é! E o Homem segue denodadamente um caminho que do sentir actual da Sua Existência segue para a compreensão futura da Sua Essência.

NEGATIVISMO

O único meio eficaz de combater o negativismo contemporâneo é voltar contra ele o materialismo científico e utilizar as suas próprias armas para derrotá-lo.

Camille Flammarion

N.º 14
FEVEREIRO
1 9 4 8

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Cumpre-me vir dizer-vos, hoje, qualquer coisa sobre a Páscoa.

Já oiço o sino a cantar Aleluias e sinto o sabor das amêndoas com chocolate. E vós ?

Sabeis que significa Páscoa ?

Veio esta palavra, através do latim, de uma outra hebraica que significa «passagem», lembrando com ela os hebreus a sua saída do Egito. Entre os cristãos significa «ressurreição», isto é, a passagem de Jesus da morte para a vida.

Fazei a ressurreição em vossos corações. Deixai-vos de alardes e de pompas.

Perdoai e arrependei-vos, que Deus vos ajudará.

Sempre a irmã mais velha muito amiga

Kylas

★

Ouve muito e fala pouco
Aprende com paciência
Em sabendo que não sabes,
Chegaste à melhor ciência.

António Correia de Oliveira

★

O CORPO

Hemorragias

Que são hemorragias ?

São perdas de sangue, sofridas pelo nosso organismo, em consequência de qualquer golpe ou pancada.

Se a quantidade de sangue que sai é grande, naturalmente que se sofre bastante com isso; caso seja um pequeno golpe, basta lavá-lo, que o nosso próprio organismo se encarrega de fazer o estancamento.

Quando o sangue sai pelo nariz, bastam uns tampões de algodão em rama e voltar o rosto para cima; quando se corta uma veia — nota-se que o sangue parte de uma veia e não de uma artéria quando sai de cor escura e corrente contínua, visto das artérias sair aos jactos — será conveniente fazer o garrote, isto é, pôr um laço muito apertado antes do golpe, e além disso pôr um bom penso.

Se o caso vai a pior, já sabem, chamem o Sr. Doutor...

★

Não há solidão mais triste e pungitiva, que a do homem sem amigos. A falta deles faz que o mundo pareça um deserto. Aquele que é incapaz da amizade tem mais de animal irracional, que de homem.

Bacon

Esclarecimento

Tudo o que for publicado sem assinatura, quer se trate de obras literárias ou simples informações, é da autoria da organizadora desta Secção.

★

Oiro

de Guerra Junqueiro

Era uma vez um rei, que tendo achado no seu reino minas de oiro empregou a maior parte dos vassalos a extrair o oiro dessas minas; e o resultado foi que as terras ficaram por cultivar, e houve uma grande fome no país.

Mas a rainha, que era prudente e que amava o povo, mandou fabricar em segredo frangos, pombos, galinhas e outras iguarias, todas de oiro fino; e, quando o rei quis jantar, mandou-lhes servir essas iguarias de oiro, com que ele ficou todo satisfeito, porque não compreendeu ao princípio qual era o sentido da rainha; mas, vendo que não lhe traziam mais nada de comer, começou a zangar-se. Pediu-lhe então a rainha, que visse bem que o ouro não era alimento, e que seria melhor empregar os seus vassalos em cultivar a terra, que nunca se cansa de produzir, do que trazê-los nas minas à busca de oiro, que não mata a fome nem a sede, e que não tem mais valor do que a estimação que lhe é dada pelos homens, estimação que havia de converter-se em desprezo, logo que o oiro aparecesse em abundância.

A rainha tinha juizo.

«Contos para a Infância»

NOMES BONITOS

Figura e encenação: Uma criança de quatro anos, diante de um alfabeto de letras de madeira. Apanha as letras, mostra-as ao público, declamando e formando os nomes:

Estas letras de madeira,
São meus brinquedos, só meus.
Com quatro delas, sòmente,
Faço um nome de primeira,
Que enche de respeito a gente ;
Eu faço o nome de DEUS !

Com outras quatro, eu escrevo
Outro nome de valor,
Uma palavra querida,
A coisa melhor da Vida:
Escrevo a palavra AMOR !

Com uma letra a mais, com cinco,
Escrevo um nome de truz;
Nome cheio de esperança,
Que projecta amor e luz,
Do amigo bom da criança,
Porque o nome de Jesus !

Com outras cinco, depois,
A gente escrevendo vai
Mais nomes de estimação,
Que trago no coração:
Minha *Mamãe* ! Meu *Papai* !

Leopoldo Machado

O MELHOR CORAÇÃO

— Está lá? Está lá?

Daqui é a Carmita. Sim, a Carmita, a faladeira do costume que abusa da sua paciência de boa amiguinha. Oh! não se zangue, tenho novidades a dar-lhe...

— Sim?...

— Sim, sim! Não fale, ouça só.

A casa em frente já foi alugada. Vive lá uma família esquisita.

— Esquisita?

— Sim, nem caicula. Ou melhor, a família não é esquisita, a filha do casal é que é. Oh! é tão feia, mais que feia, é horrível: tem um rosto disforme, não sei se de nascença ou de algum desastre. E quando se ri... julga que agrada e só causa repulsa.

— Oh! Carmita, não digas isso. É tão desumano!

— Não digo por mal. Mas, sabe, todos se afastam dela. Fogem dela. Voltam o rosto ao seu sorriso horroroso que pretende ser amável. Se a conhecesse... Mas eu sou boa; olho para ela de vez em quando...

— Ouve, Carmita, o que...

— Perdão... Mamã... Desculpe, a mamã está a chamar. Bem, logo que saiba novidades, contar-lhas-ei. Mas eu sou boa, sabe, mesmo boa... Não me julgo má.

///

Minha boa amiguinha:

Não, não posso contar-lhe pelo telefone tudo quanto presenciei. Só uma carta, só escrevendo, posso confessar a dor que inunda o meu coração. Sinto-me tão má!

Tenho doze anos, é certo, e a amiquinha vinte e três, mas tenho a certeza de que me comprenderá e aconselhará como sempre.

Não sei como narrar-lhe; sim — eu que me julgava uma criaturinha boa, cheia de coração, que tenho tido tantas histórias morais e tenho ouvido tantos conselhos da mamã — recebi ontem a melhor lição da minha vida. E suponha de quem!... Da vizinha Dulce, da patetinha, como lhe chamam, pelas suas frases a despropósito, seus gesto de meio-louca e seu sorriso eternamente infantil... Deus me perdoe, mas aquele seu ar disparatado faz pena numa carinha tão linda.

///

Parece que estou a ver a cena.

São quatro horas e as minhas vizinhas vêm chegando para a festa em honra do meu aniversário que, como sabe, foi ontem: a Luisita, a Noémia, a dos caracóis loiros, a Maria do Mar — um nome raro, pois é? — a Francisca Maria, a... Santo Deus, a mocita dali em frente, a criaturinha horrível, de rosto disforme, repulsivo.

— Mamã, quem a convidou? Eu nunca faria uma coisa dessas. Olha para as minhas convidadas como fogem dela.

— Pois quê, minha filha, não é um ente humano como os demais?

Sim, talvez seja, mas destoa de tal forma de nós todas, que não parece. Já sei que não desempenharei bem o meu papel de dona de casa com uma visita destas.

— Haja alegria nesta casa — é a voz cristalina da Dulce, da patetinha. Sorri com o seu eterno sorriso infantil, irradiando bondade que nos envergonha.

— Vamos brincar à roda. Todas cantam, todas brincam — é ainda a voz da patetinha que soa alegre no nosso meio.

— Todas cantam, todas...

Porque se suspendeu ela? Sigo a direcção do seu olhar: está cravado numa criaturinha informe, que procura ocultar-se mais e, mais atrás das cortinas.

Não sabemos a razão, mas o silêncio apodera-se de nós, imobilizando-nos. Vemo-la avançar e não a impedimos. Talvez por ser patetinha ela não sinta repulsa, não veja tanto defeito junto. A outra quer-lhe fugir, mas...

Sim, deve ser confiança — aguarda. Não se move, tal como nós, mas a sua atitude é diferente: há esperança nos seus grandes olhos — justiça seja feita — são grandes e expressivos.

A sua confiança aumenta, à medida que a patetinha se aproxima.

Louca! Que fez ela?! Sorriu. Sorriu com o seu esgare horrível, com aquele sorriso que a torna horrenda. Dulce faz um pequeno gesto de recuo. Tenho, temos a certeza: ela afastar-se-á daquela figura horrível que a mamã teve a infeliz ideia de convidar; ela sentirá repulsa e virá para junto de nós esquecer-se do que viu, ela...

Não, ela não faz nada disso.

Meu Deus, o meu coração chora, o meu coração sente um grande peso, o meu coração sofre, os nossos corações sofrem.

Dulce, a patetinha, está abraçada «àquilo». Soube compreender o sorriso dos olhos do rosto disforme. Sorri de novo com o seu sorriso infantil, mas de tal forma impregnado de humanidade! Ainda abraçada, volta-se para nós: os olhos estão marejados de lágrimas, mas o sorriso todo ele é bondade, compreensão.

— Todas brincam, todas cantam, mesmo todas — é a voz cristalina que, ao lado da nossa nova companheira, soa, aliviando os corações.

Dulce, a patetinha? Não, Deus me perdoe! A única menina humana entre nós.

Sua amiga devotada

Carmo

O LOBO E O CÃO

Um lobo magríssimo encontrou casualmente um cão muito gordo. E quando pararam para se cumprimentar, travou-se o seguinte diálogo:

O Lobo — Dize-me, por favor: porque estás tão nédio e com que alimentos consegues tanto corpo? Eu, a pesar de mais forte, ando a cair de fome.

O Cão (com simplicidade) — Podes ter a mesma sorte, se quiseres prestar igual serviço a um dono.

O Lobo — Que serviço?

O Cão — Guardares-lhe a porta e defenderes-lhe a casa dos ladrões.

O Lobo — Está bem. Estou resolvido a isso. Agora apanho neve e chuva, arrastando-me pela floresta. Quanto melhor me será viver debaixo de telha e fartar-me de comida!

O Cão — Nsse caso, anda daí.

Enquanto vão andando, o lobo repara que o cão tem o pescoço pelado pela coleira. E novo diálogo se estabece:

O Lobo — De que foi isso, amigo?

O Cão — De coisa alguma.

O Lobo — Vamos, sê franco, diz a verdade.

O Cão — É o calo da coleira. Como sou inquieto, prendem-me durante o dia, para que eu descanse e durma nessas horas, a fim de estar desperto durante a noite. Liberto ao entardecer, ando por onde quero. Sem que eu peça, trazem-me pão; o dono atira-me ossos da sua mesa; os criados dão-me os sobejos. E assim ando de estômago sempre cheio.

O Lobo — E se queres ir a alguma parte, dão-te licença?

O Cão — Dão, mas não é completa.

O Lobo — Pois então, fica-te em paz com a vida que elogias. Eu prefiro não gozar desse benefício, a ficar privado da minha vontade.

Por aqui se vê que a liberdade é um bem que todos desejam, a pesar de todas as vantagens da prisão.

(adap. por **Henrique Marques J.or**)

CONTOS DA VIDA

V

O Poeta Negro

por Ramos Pereira

Há mais de quarenta anos, nasceu na América um menino negro, sobre quem os homens lançaram todo o desprezo da sua incompreensão. O menino tinha a pele negra, mas a sua alma cantava o amor, clamava por que os homem brancos vissem nos negros irmãos e não seres inferiores.

Cresceu e sofrendo serenamente todas as injúrias, perdoando sempre a dureza de uma vida que lhe impunham, viajou por todo o mundo, em todo o lado sentindo a repulsa que a sua pele negra inspirava.

Anda anos seguidos pelas grandes cidades americanas, obrigado a desempenhar os mais ínfimos misteres, sem uma revolta, sem um assomo de ódio, sem um desejo de vingança.

Ele sofre mais por aqueles que não compreendiam o ideal de cristianíssimo amor que a sua alma albergava, do que pela miséria que torturava a sua carne. O negro chorava a cegueira dos seus irmãos brancos, que não sabiam ver seus braços estendidos no desejo de um grande abraço, capaz de apagar todas as injúrias. Sente em si todo o drama do seu povo, descendente dos escravos trazidos há séculos para a América. Sente em si um desejo enorme de comprensão e de amor, e o negro canta, canta em versos maravilhosos o sonho da sua raça desprezada.

Mas um homem branco, um poeta também, ouviu o negro e levou seus versos onde perpassava a alma daquele homem que a miséria vergava, mas não vencia.

E a glória chegou. Consideraram-no um dos maiores poetas da sua terra, esqueceram que a sua pele era negra como a noite sem luar nem estrelas.

E o homem sorriu, vendo que os brancos lhe estendiam os braços, como a rogar perdão de tanta malquerença.

Incapaz de sentir orgulho, continuou a viver junto dos negros, cantando as suas dores, para que os brancos vissem que nos seus corpo há almas que sabem amar e chorar.

Quando passares por um negro, não rias, criança, nem te julgues superior a ele. Lembra-te da história de Langston Hughes, o poeta negro que os bracos encheram de homenagens ao seu génio.

★

As horas são seguidas, mas não parecidas.

AVANTE

Caminheiros do bem, segui avante
No serviço da paz que vos conduz,
Dando pão ao faminto, amparo aos nus,
Socorrendo a miséria soluçante !

Vosso trabalho é áspero e incessante.
As angústias, porém, de vossa cruz
São flores de verdade, amor e luz
Para a vida do Espírito Triunfante.

Não vos magoem lágrimas e espinhos.
Ide e espalhai, ao longo dos caminhos,
As alegrias do Consolador !...

Ide, com renovada confiança !...
Guardai convosco a lúcida Esperança
Do Divino Serviço do Senhor !

João de Deus — «Colectânea do Além»

(Psicografado por F. Cândido Xavier)

APERFEIÇOAMENTO MORAL

por Sibil

A perfeição moral, completa e absoluta, é impossível de atingir por uma só vez. Quando forem mais velhinhos e compreenderem o sublime princípio da reencarnação, verão quanto tempo e quantos esforços são necessários para alcançar essa perfeição. Mas, pelo menos, podemos progredir — pois é para isso que nascemos — corrigindo certos defeitos e cultivando as qualidades, visto que todos nós possuimos uns e outras.

Em primeiro lugar torna-se necessário conhecer esses defeitos e isso é o mais difícil. Seria preciso fazer todas as noites pequenino exame de consciência, passar em revista todos os actos praticados durante o dia, os pensamentos e, sinceramente, reconhecer os erros cometidos para os corrigir. Estou daqui a ouvir muitos dos meus leitorezinhos — se muitos tiverem a paciência de ler estas palavras — dizer com um encolher de ombros despreocupado:

— Ora, os meus defeitos são tão pequeninos, que não fazem mal a ninguém. Portanto, não vale a pena dar-me ao trabalho de os emendar.

Vaidade, vaidade, meus amiguinhos !... Vaidade e feio orgulho. Não há defeitos pquenos ou, antes, por muito pequenos que sejam esses defeitos, não são inofensivos e podem trazer graves consequências... Pensem bem e recordem os resultados graves de certa mentira, aparentemente sem importância, de simples palavra desabrida que ocasionou séria questão, de um comentário malévolo, feito por gracejo e que, passando de boca em boca, avolumou e provocou, por vezes, o afastamento entre duas pessoas unidas pela amizade ou por outros laços de afecto... e vejam se um defeito que classificam de insignificante não acarretou tristes resultados.

Durante a celebração do mês de Maria, ouvi certa prática feita por um sacerdote francês e que nunca esqueci pela beleza dos ensinamentos nela encerrados. As suas palavras foram mais ou menos, estas:

«Se não tiverem forças para ser águias, dominar os ares e encarar o Sol, sejam andorinhas. Estas também voam alto e transpõem grandes distâncias. Mas se as vossas asas forem ainda fracas e não cheguem a ser andorinhas, sejam, pelo menos, pardais, contando que subam ou pouco».

Compreendem o admirável conceito deste pensamento ?... Julgo que sim... Portanto, ponham-no em prática. Elevem-se todos os dias um pouco mais, vençam os vossos defeitos passo a passo, procurem subir, subir sempre, porque — como disse atrás — para isso nascemos. Encontrarão muitos obstáculos e dificuldades, mas vençam-nos à força de coragem e paciência e um dia chegarão a ser águias, as vossas asas potentes conduzir-vos-ão a jardins magníficos onde tudo é belo e radioso e o Bem desabrocha em flores esplêndidas que se chamam: dedicação, espírito de sacrifício, amor ao próximo, ternura, elevação moral, sentimentos estes que se resumem todos em duas palavras: *Caridada* e *Pureza*.

A Escada da Vida

Encontrou-se a caridade
Com o orgulho, certo dia:
Subia o orgulho uma escada,
E a caridade descia.

Ela humilde, ele arrogante,
No patamar dessa escada
Os dois, cruzando-se, viram
Uma rosinha pisada.

Empoado, o orgulho, vendo-a,
Deu-lhe nova pisadela;
De joelhos, a caridade
Deitou-se aos beijos a ela.

Mas nobres passos se ouviram
Do som divino e tremendo:
O orgulho seguiu, subindo,
E a caridade descendo...

E a voz de Deus, entretanto,
Disse, bramindo e sorrindo:
— Tu, que sobes, vais descendo!
Tu, que desces, vais subindo!».

Eugénio de Castro

★

«Saber de cor, não é saber»

Montaigne — «Essais»

Bobos da Rua

por Dr. Inácio Ferreira

— Por que motivo o senhor está tão triste assim, papai?

— Na verdade, meu filho, estou hoje num desses dias em que o espírito vive amargurado com a incompreensão dos homens, quando em presença dos infortúnios alheios.

Sente-se aqui, meu filho. Vamos conversar.

Hoje, após um dia de trabalho estafante, canssativo, vinha depressa para casa, afim de repousar mais cedo.

Trabalhara muito, mas vinha alegre e satisfeito por haver cumprido a obrigação diária.

Ao chegar ali em baixo, na praça, vi muitas pessoas numa gritaria ensurdecedora.

Como era obrigado a passar por onde estavam por ser o caminho mais próximo para aqui, eu vi um pobre bobo, aleijado, motivo de toda a gritaria.

Em torno dele uma porção de homens e meninos que o empurravam, falando bobagens, caçoando, tomando-lhe o chapeu, e, quando o infeliz fazia um gesto qualquer de revolta, ou pretendia sair do meio daquelas pessoas que o cercavam, maior era a alegria e mais altas as gargalhadas que soltavam.

Indignado com aquele espectáculo feio e estúpido, chamei enèrgicamente a atenção daquela gente e, com cuidado, coloquei o pobre num automóvel e levei-o até o hospital, onde ficou descansando.

Aí está, meu filho, o motivo da minha tristeza.

Factos assim vemos diàriamente pelas ruas; homens e crianças atormentando esses pobres infelizes, loucos e mesmo aleijados, que despertam a atenção por causa dos defeitos físicos.

do livro «Conselhos ao Meu Filho»

★

BRASIL

Porque será que o Brasil,
— diz à mãe o filho amado —
é, de entre os outros, por nós
o país mais estimado?

— Porquê, filho? Pois não sabes
acaso, quem descobriu
as Terras de Santa Cruz?
Quem foi que primeiro as viu?

— Bem o sei, minha mãezinha...
— Então deves saber bem
que foram os portugueses
que lhe levaram também

a religião e a lingua,
os costumes e a cultura,
luz da civilização
que inda hoje lá perdura.

Rebento de portugueses
de outros tempos, de outras eras,
a alma dos brasileiros
é como a nossa deveras.

Por isso, as suas virtudes
delas nos vangloriamos;
suas dores e alegrias
delas comparticipamos.

E se pudesses saber
quantos, quantos portugueses
remédio lá vão buscar
da vida contra os reveses...

— Ah! já compreendo agora
este amor tão natural;
Sim, são como dois irmãos
o Brasil e Portugal.

(Do ***Livro de Leitura****, de M. Subtil. Cruz Filipe, Faria Artur e Gil Mendonça).*

O PEQUENO HEITOR

por ICLÉA

Criança!

Vou hoje recrear-te o espírito com a narrativa de um pequeno conto. Ouve:

Porque escasseavam os fregueses, o pequenino engraxador ergeu-se para voltar ao seu modesto lar. Tão estouvadamente o fez, porém, que esbarrou com um transeunte enfatuado que por ele passava.

Pobre Heitorzinho! Aturdiu-o uma chusma de impropérios e um forte sacolejão fê-lo arriar novamente a bagagem para limpar as botas que, dizia o queixoso, lhe havia sujado.

Ao lado, alguém, de alma pura e coração generoso, percebeu que Heitor chorava, quando uma de suas lágrimas rolou pela superfície pulida da bota que lustrava.

Certo, ferira-o fundo a afronta daquele moço espadaúdo, rescendendo a essências finas quê, com sua bela estampa, mais raquitico o fazia sentir-se.

Terminada a humilhante tarefa, ergueu-se novamente, desta vez com mais cuidado, pois bem amarga lhe soubera a lição.

Um vento cortante devassava-lhe o corpo pelos rasgões da camisa.

Era a hora do «Angelus» e uma voz tão doce como a hora que soava deteve-o para dizer-lhe:

— Meu pequeno, quero louvar o belo gesto que tiveste, pois à ofensa recebida respondeste apenas com uma preciosa represália de lágrimas.

«Mas esquece agora a tua tristeza,

«Sabes tu, porque é que aquele moço te chamou cego? É porque ele vive na pior das cegueiras — a cegueira de alma que escurece a razão.

«A vaidade e a presunção fazem o mal. O seu orgulho assemelha-se a estas andas de madeira com que se divertem as crianças por se sentirem mais altas e que, por frágeis, oferecem iminente perigo. Ei-lo que segue em falso equilíbrio; tem as pernas de pau do orgulho, enquanto tu possuis um coração de oiro. E porque és bom, meu pequeno, quero proteger-te. Amanhã virei procurar-te para acertarmos o melhor meio de aprimorares o teu coração».

Uma alegria enorme compensou Heitorezinho do desgosto que momentos antes sentira. Já não chorava.

Dir-se-ia que suas lágrimas se haviam condensado na alva espuma que, ao longe, ensaboava o cume das montanhas, como que a prepará-las para os esplendores do dia seguinte.

Criança! Aqui termina o pequenino conto que ofereço à carinhosa análise do teu coração.

(Do livro «Para as Crianças»)

Mc./48

FACTOS

Só os factos valem — CH. RICHET

pelo Coronel Faure da Rosa

O RETRATO DE HAENDEL

O grande violinista Kubelik comprou numa loja de antiguidades um velho retrato a óleo do célebre compositor alemão Haendel. A tela, embora sem assinatura, era manifestamente de um mestre.

Chegado ao hotel onde se alojara, pôs-se a executar vários exercícios no violino, ao mesmo tempo que olhava o retrato de Haendel. Mas, instantes depois, deixou descair o instrumento do ombro, porque — iria jurar, afirma Kubelik — a expressão do rosto de Haendel tinha mudado de tal maneira que os olhos dele o fixavam com interesse. Aproxima-se do quadro e examina-o atentamente. Nada tendo encontrado de especial, pensou que a imaginação o tivesse iludido. Retoma o violino e continua a tocar, sem despegar a vista do retrato de Haendel.

Desta vez convenceu-se de que havia vida nos olhos do retrato. Então, movido por uma irresistível impulsão, aproxima-se, de novo, do quadro e toca o «Largo de Haendel», como Kubelick supunha que o próprio Haendel o teria tocado diante de auditório escolhido.

Kubelick nada disse a ninguém do acontecido. No dia seguinte, ao acordar, sentiu-se envergonhado da sua credulidade.

Uns dias depois, porém, Kubelick recebe uma carta expedida por uma sociedade espirita da localidade, nestes termos: «No decurso da nossa sessão de ontem, foi-nos pedido que transmitíssemos ao Sr. Jean Kubelick a seguinte comunicação: *Haendel agradece ter tocado tão deliciosamente o seu «Largo»*.

Kubelick garante que o dia, a hora e local indicados na carta correspondiam exactamente ao que se tinha passado e que não tem a pretensão de explicar o facto.

«De resto — observa o magistral violinista — as pessoas que lessem a minha descrição não poderiam impedir-se de sorrir da minha credulidade. Mas eu juro que o que deixo narrado é a verdade exacta».

Kubelick termina por afirmar que embora nada saiba de Espiritismo, crê que muitas coisas haveria que dizer acerca da teoria segundo a qual a música constitui um grande auxílio para estabelecer contacto entre o nosso mundo e o outro.

PURIFICAÇÃO DO HOMEM

Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, entende que durante o tempo da purificação o homem desencarnado vive, por assim dizer, ao revés. Revive todas as experiência que fez na vida terrestre entre o nascimento e a morte.

Começa pelos acontecimentos que imediatamente precederam a morte e assim vai recordando os outros, em sentido inverso, até ao tempo da infância. E, uma vez aí, com a vista espiritual, revive tudo que na existência não proveio da natureza espiritual do Eu. Tudo isso é sentido ao contrário da realidade. Por exemplo: um homem que morreu com a idade de 60 anos e que aos 40 tivesse causado, num movimento de cólera, um mal físico ou moral a um seu semelhante, reviverá esse acontecimento quando, na sua peregrinação ao revés após a morte, tiver chegado ao seu quadragésimo ano. *Mas, em vez de reviver a satisfação que a agressão lhe tenha causado durante a existência terrena, sentirá — pelo contrário — o sentimento que tiver provocado no adversário.*

Assim como a morte despoja o homem do seu corpo físico e, pouco depois, do seu corpo etéreo, assim se decompõe a parte do seu corpo astral que não pode viver senão sustentado pela consciência do mundo exterior físico.

Para o ocultismo há, pois, três cadáveres sucessivos: o físico, o etéreo e o astral. Pode-se avaliar, aproximadamente, o momento em que o homem se despoja deste último cadáver (o astral), calculando que o tempo da purificação anda à volta dum terço daquele que decorre entre o nascimento e a morte. Steiner assegura que o clarividente apercebe-se, constantemente, no mundo que o rodeia, de cadáveres astrais abandonados pelos seres de purificação terminada e que já tenham penetrado no mundo superior. Este fenómeno é idêntico à presença de cadáveres físicos visíveis pelos sentidos nos lugares habitados pelos homens. A literatura teosófica chama *Kama Loca* ao estado do Eu após a morte até ao termo da purificação).

REVIVESCÊNCIA DAS NOSSAS ACÇÕES À HORA DA MORTE

Tanto os ocultistas pròpriamente ditos, como os cabalistas, os rosacrucianos e os antroposofistas, afirmam que a vida inteira do moribundo — a partir da primeira infância, sem esquecer o mínimo incidente — lhe passa pelo Espírito como se tivesse sido gravada num filme cinematográfico.

As vítimas de acidentes graves — os quais os deixaram às portas da morte — fazem idênticas afirmações.

O célebre Dr. Encausse — médico e ocultista repu-

tado, vulgarmente conhecido por Papus — escreve: «Assim como qualquer coisa ou qualquer ser projecta uma sombra no plano físico, assim tudo, seja o que for, projecta um reflexo no plano astral. Quando uma coisa ou um ser desaparece, o seu reflexo astral persiste e reproduz a imagem dessa coisa ou desse ser, tal como a imagem era no momento preciso da desaparição. Cada homem, portanto, deixa no «astral» um reflexo, uma imagem característica.

«É por meio da relação que estabelecem com essas «imagens astrais» que o vidente conhece a história das civilizações findas e dos seres desaparecidos. Uma descoberta relativamente recente, a da psicometria, veio mostrar que tais afirmações do Ocultismo — que se podiam tomar por metafísica pura — correspondem a realidades absolutas.

«Imaginai que o vosso reflexo persiste num espelho depois da vossa partida para o «Além», com a sua cor própria, as suas expressões, toda a sua aparência de realidade, e, assim, formareis uma ideia do que se pode entender por *imagem astral dum ser humano*».

A fim de evitar erros de interpretação, o Dr. Montandon completa a explicação de Encausse, deste modo: «Não é a morte que provoca ou desprende sùbitamente esse reflexo da individualidade física no plano astral, ou melhor: não há ali uma imagem *única* representativa da aparência exterior, no momento — e sòmente nesse momento — do corpo ter sido abandonado pelos elementos mais subtis da alma — que é aquilo a que chamamos morte — mas antes uma série ininterrupta de imagens reflectidas, de modo que a história inteira do desenvolvimento dum ser — desde o nascimento até à morte — se mantém assim reproduzida no invisível.

A CONVERSÃO DUM CÉPTICO

Facto ocorrido durante a grande guerra de 1914-18.

O principal personagem foi um universitário de moralidade superior — afirma o narrador.

A S.ª Ruffié e o marido residiam, nessa época, numa cidade do sul da França. Nas suas salas reunia-se a melhor sociedade da terra. A mediunidade desta senhora — audiente e escrevente — estava, então, no apogeu. As reuniões mundanas em casa da Sr.ª Ruffié, transformaram-se, muitas vezes, em sessões de estudos psíquicos.

Ràpidamente se espalhou pela cidade que naquelas reuniões se produziam fenómenos extraordinários, coisas verdadeiramente fantásticas.

Os «espíritos fortes» ou que se jactam de o ser — que os há por toda a parte — acolhiam os dizeres com um sorriso em que transparecia um cepticismo cáustico. Um deles, um professor do Liceu, foi o mais fustigante ironista. Como, porém, a persistência das descrições que lhe faziam, lhe despertassem a curiosidade, pediu e obteve licença para assistir a uma reunião.

Como todo o douto professor que se preza do seu «espírito forte», declarou à S.ª Ruffié — a médium — que se ela conseguisse pô-lo em comunicação com a sua falecida mãe, talvez merecesse a pena examinar a hipótese da possibilidade da sobrevivência.

A médium, amàvelmente, respondeu-lhe que lamentava não possuir na sua sala uma *cabine* telefónica para o Além, mas que não deixaria de tentar a experiência. Para isso necessitava que ele, professor, concentrasse bem o pensamento na defunta senhora. O interpelado, com um discreto sorriso malicioso, respondeu que ia experimentar.

Fez-se profundo silêncio na sala durante uns minutos. De súbito, a Sr.ª Ruffié, de lápis na mão, pôs-se a escrever febrilmente e encheu duas folhas de papel do formato dum bloco grande.

— Não tem assinatura — disse a médium, ao concluir —; vou ler o que escrevi.

À medida que ela lia, o professor — a princípio irònicamente atento — foi-se tornando sério, depois empalideceu. Por fim, não podendo conter-se, num impulso, levanta-se, precipita-se para a médium, tira-lhe das mãos as folhas de papel e clama:

— Não prossiga, minha senhora. Não foi minha mãe quem se comunicou, mas meu pai que eu não podia esperar, porque no momento da sua morte estávamos indiferentes. Nessa comunicação, meu pai principiou a revelar um segredo de família que só ele e eu conheciamos!

AS CONCLUSÕES DE ERNESTO BOZZANO

Ernesto Bozzano apresenta factos em que demonstra que os Espíritos dos defuntos descrevem as fases por que passaram na crise da morte e as circunstâncias em que entraram no mundo espiritual; e todos esses factos são de tal concordância, que não se encontra a menor disparidade entre elas.

Os Espíritos autores das mensagens recebidas estão inteiramente de acordo. Todos eles afirmam:

— Terem-se encontrado novamente com a forma humana na existência espiritual;
— Terem ignorado, durante algum tempo, que tinham desencarnado;
— Haverem passado, no decurso da crise pre-agónica, ou pouco depois, pela prova da reminiscência sintética de todos os acontecimentos da sua vida terrestre;
— Terem sido acolhidos no mundo espiritual pelos Espíritos de pessoas de suas famílias e de seus amigos desencarnados;
— Haverem passado, quase todos, por uma fase mais ou menos longa de sono reparador;
— Terem-se achado num meio espiritual radiante e maravilhoso, quando os recém-chegados ao Astral tenham sido moralmente normais, e num

meio opressivo e tenebroso quando tenham sido moralmente depravados;

— Terem reconhecido que o meio espiritual é um novo mundo objectivo, substancial, real, análogo ao meio terrestre, mas espiritualizado;

— Haverem aprendido que isso é devido ao facto de, no mundo espiritual, o pensamento constituir uma força criadora por meio da qual todo o Espírito existente no «plano astral» pode reproduzir, em torno de si, o meio propício para as suas recordações;

— Terem sabido, sem tardança, que a transmissão de pensamento é a forma da linguagem espiritual, embora certos Espíritos recém-chegados se iludam e julguem conversar por meio da palavra;

— Terem verificado que, graças à faculdade da visão espiritual, se achavam em estado de perceber os objectos dum e doutro lado, pelo seu interior e através deles;

— Haverem comprovado que os Espíritos se podem transferir temporàriamente dum lugar para o outro, ainda que muito distante, por efeito, apenas, de um acto volitivo, o que não impede que possam percorrer o meio espiritual, ou voejar a alguma distância do solo;

— Terem aprendido que os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente, automàticamente, na esfera espiritual que lhes convém por virtude da «lei de afinidade».

Os Espíritos comunicantes afirmam ainda, unanimemente, que os Espíritos dos defuntos, quando dominados por paixões humanas se conservam ligados ao meio onde viveram, por um lapso de tempo mais ou menos longo. Como, neste caso, não podem gozar do benefício do «sono reparador», esses Espíritos persistem na ilusão de se julgarem vivos, se bem que presos a sonho estranho ou a opressivo pesadelo. Os Espíritos de tais defuntos, tornam-se, muitas vezes, «espíritos assombrados» ou «perseguidos».

Os espíritos comunicantes estão ainda de acordo na afirmativa de que as dilacerantes crises de dor que, frequentemente, se produzem junto do leito de morte, não só são penosas para os Espíritos dos defuntos, mas também os impedem de entrar em relação com as pessoas que lhes são queridas e os retêm no meio terrestre.

A MORTE E A VIDA

A morte não é mais do que uma transformação de vida, que uma fase da vida. Diz um escritor espiritualista que morrer é nascer, como nascer é morrer. Nada vem do nada, nem nada vai para o nada. Com verdadeiros cadáveres, jamais se restabeleceria a vida. Toda a substância que se atrai, se associa e se combina para formar um corpo, seja ele qual for, é substância viva, com certeza. Toda a substância que se repele, se dissocia, se derrama e vai em busca de seus afins, é porque tem potências vitais. A morte pròpriamente dita, isto é, o aniquilamento, não poderia originar nenhum destes fenómenos....

As nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

NOS UMBRAIS DO ALÉM, *por* Sir William Barrett, *professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo, com 302 páginas cheias de observação e ensinamento. O autor esgota o assunto, tal o vigor da investigação, que chega a ser exaustiva. Nenhum estudioso deve deixar de ler este livro. Edição quase esgotada.*

Brochado, 25$00 — Encadernado, 35$00

LUZ NO CAMINHO, *por* Isidoro Duarte Santos. *São páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. Neste livro de 347 páginas, se pode apreciar a moral espírita em todo o seu esplendor. Destinado a crentes e descrentes, a cultos e ignorantes, apresenta muitíssimos problemas morais e dá extraordinário consolo aos que sofrem o peso de injustiças, ao mesmo tempo que alegra e fortalece os desiludidos da vida e do mundo. Já salvou algumas pessoas e muitas outras há-de salvar.*

Brochado, 27$50 — Encadernado, 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, *pelo* prof. Leopoldo Machado, *um dos maiores propagandista do Espiritismo no Brasil, o animador e orientador de mais de uma centena de Juventudes Espíritas Organizadas. Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo, na qual se estuda e crítica a psicanálise, apontando-a como a maior aberração deste século. Obra para estudiosos, escrita em linguagem sugestiva.*

Brochado, 18$00

Enriqueça a sua biblioteca com estas obras preciosas!

INTERCÂMBIO ESPIRITUAL

por Geraldo de Oliveira
(Representante de «Estudos Psíquicos» em Taubaté)

Com as mesmas espectativas de sempre, a humanidade recebe o ano que assim desponta nos calendários das eras. Não há diferença entre os que passaram, porque em tudo continua a mesma sequência de factos interrogativos, como a inquirir onde estará o ponto final das controvérsias ideológicas que se agitam, abalando o alicerce dos povos na sua própria estrutura. Repetem-se como forças automáticas, pelo mesmo factor das eras, a troca dos telegramas de felicitações, e as encíclicas papais retomam o assunto de sua predilecção, sem que nada de positivo se faça para a reafirmação dos princípios espirituais, dentro das normas que o cristianismo deixou há cerca de vinte séculos na história dos povos.

Não encontraremos, jamais, em época alguma, o sentido perfeito de nossas necessidades que assim trazemos em nossas peregrinações, se não sondarmos o mistério do próprio desconhecido, descobrindo nos segredos da morte a essência mais pura da vida.

Cada dia que transcorre, cada hora que passa, mais dois mundos se apróximam, se confundem, e nesses princípios se encontrará a base mais racional para a solução dos problemas que de há muito vêm forçando a formação de cicatrizes nos povos. Para ainda mais reforçar a crença de que a aproximação entre o invisível e o corpóreo trará a solução dos sofrimentos que afligem o homem, meditemos nas causas e consequências das suas dores e no porquê do imenso descalabro que nesta hora aflita parece querer arrojar os humanos seres para o abismo cruciante de uma luta, cujas proporções não poderemos prever, a menos que se procure ainda refrear esses passos fatídicos e encarar a existência dentro do prisma do verdadeiro e puro sentimento cristão.

O ano que desponta encontra a maior parte da terra abismada em lutas estéreis e na mesma inquietação resultante da inépcia do homem. Parece que, neste dealbar da era que se avizinha, as forças destruidoras que dirigem o mal lançam todas as armas na luta, no desespero de escapar à derrota que as espera na encruzilhada dos séculos. Todas as armas e artifícios são hoje colocados no sentido da distruição do género humano e, em toda parte, mesmo nas mais tranquilas regiões do globo, se arregimentam essas forças, gerando mal-estar e preparando o mais doloroso dos conflitos que se poderá imaginar, provocado pela incompreensão das classes, no caminho das lutas sociais. Ora, pensemos um momento. Porque existem lutas religiosas na India? Por que motivo se agitam as chancelarias? Quais as razões determinantes da eclosão das guerras? Meditando nisto chegaremos à conclusão de que é a mesma causa que provoca os distúrbios de Jerusalém, na terra onde pontificou a figura humilde daquele que foi o símbolo encarnado da verdadeira justiça.

E se tudo isto acontece, é porque não se compreenderam ainda as leis que regem o próprio Universo, bem como o sentido exacto da vida, que ainda é considerada pelo lado material, em que o espírito é questão secundária. Daí, o choque das ambições, o desconhecimento das grandes verdades, a sementeira de ódio e, finalmente, a própria luta, trazendo consigo a dor mais dilacerante que nos pode afligir.

Mas olhemos para o outro lado dos túmulos. Deixemos as ossadas que são restituídas à natureza e penetremos na existência da vida espiritual que existe do outro lado, adquirindo a certeza de que a morte é uma lenda e que existem leis imutáveis que regem a vida da carne. A convicção de que ao lado do fardo material caminha o mundo dos que julgamos desaparecidos na morte nos trará o ensino de que não apenas pela matéria se resolverão os problemas do mundo e sim pela causa do Espírito, manifestando-se nos princípios universais, preparando o advento de outra época, menos degradante e menos viciosa, para envolver os povos nos laços da verdadeira fraternidade, que é o Amor a todas as criaturas.

E quando essas verdades radiantes forem conhecidas, quando tudo isso tiver sido percebido e praticado, existirá um caminho ameno e as nações e os homens se aproximarão mais de Deus e das Suas leis, cessando a angústia dominante, como se observa nas épocas presentes.

Por essa razão, o Espiritismo, levantando

parte do véu que separa os dois mundos, é bem a luz que vem por entre as trevas, preparando um futuro radioso e fraterno que extinguirá os ódios, a permanência do egoísmo e da vaidade, porque a legião de desencarnados lançará o aviso prévio e aqueles que não quiserem aceitar as realidades da lei terão que refugiar-se em planetas adequados à imperfeição dos seus espíritos.

Podemos afirmar que o Espiritismo prepara a fraternidade universal, a única possível, pois que, partindo para o princípio espiritual neste mesmo instante em que se preocupam e se agitam as chancelarias, ele une espiritualmente os povos, como o demonstra, de forma positiva e clara, essa aproximação que se observa entre os espiritas do Brasil e da terra lusa e que se estenderá a todos os pontos do mundo, pois que a grande, a verdadeira pátria dos espíritos encontra-se nos tabernáculos divinos de Deus.

Sòmente o Espiritismo pode preparar os caminhos, porque, em virtude de sua própria natureza espiritual, como o seu nome indica, ele não se preocupa com o domínio material da terra, não alimenta desejos de poder e fausto, nem procura dividir as nações com campanhas guerreiras, porque a sua missão é estabelecer a primasia do Espírito dentro das leis do Evangelho do Cristo, que ensinou o desapego às coisas materiais, exclamando:

— O meu reino não é deste mundo.

EVANGÉLICAS

INVOCAÇÃO

Oh! vós que embelezais na luz de Deus os mundos,
Vinde lá do Infinito a estes antros profundos
E trazei-nos, do céu, miríficos encantos!
Oh! vinde e harmonizai os nossos rudes cantos;
Colori do esplendor das fúlgidas estrelas
A pálida emoção que nos assalta ao vê-las!
Precisamos sentir a vívida Poesia
Dos páramos da Luz, e à clara luz do dia
Espargi-la por sobre a Terra adormecida,
Nas almas despertando a alegria da Vida!

Descei, descei do céu, brancas almas de arminho,
E trazei-nos à Terra o celeste carinho
Com que o Pai nos contempla e dá felicidade
Aos que puros estão por toda a eternidade!

ARNALDO S. TIAGO

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso Depósito as seguintes obras:

O Livro dos Espíritos, *de Allan Kardec.* Encadernado, 28$00.

Novos Rumos à Medicina, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. Encadernado, 50$00.

Têm Razão ?, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. *A mais adequada resposta que ainda se deu aos adversários do Espiritismo. Um grosso volume de grande formato,* brochado, 35$00; Encadernado, 50$00.

Para o Alto, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Contos e Apólogos de carácter espirita destinados à formação moral da mocidade.* Brochado, 18$00.

Observações e Sugestões, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Estudos, crítica construtiva e planos de acção espirita.* Brochado, 3$50.

Como se Organizam Sessões Espiritas, por Hans Harnold, *8.ª edição.* Brochado, 16$00.

O Problema do Além, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 20$00.

Fenómenos Psíquicos, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 18$00.

Magnetismo Pessoal, *por* Heitor Durville. *9.ª edição.* Brochado, 20$00.

A Intuição, *por* Walter Newell Weston. *3.ª edição.* Brochado, 16$00.

Leitura Prática do Pensamento, *por* Atkinson. *3.ª edição.* Brochado, 10$00.

A Sabedoria e o Destino, *por* Maeterlinck. Brochado, 20$00.

Curso de Magnetismo Pessoal, *por* V. Turnbull. Brochado, 15$00.

O Segredo da Concentração, *por* Walter Devoe, *7.ª edição.* Brochado, 6$00.

A Vida depois da Morte, *por* Yogi Ramacharaka, *4.ª edição.* Brochado, 16$00.

O Beijo da Morta, *por* Celestina Lanza. *Romance mediúnico.* Brochado, 14$00. Encadernado, 20$00.

O Trabalho dos Mortos, *pelo* Dr. Nogueira de Faria, *com muitas gravuras.* Encadernado, 45$00.

Mandamos estes livros à cobrança

Centenário das Manifestações Espiritas de Hydesville

(Tradução de I. D. S.)

por Natálio Ceccarini (F)

O orbe espirita comemorará no corrente mês de Março as transcendentes manifestações objectivas que há cem anos e em novo acto de amor do Pai para com os seus filhos, o mundo invisível produziu, para que a sua existência fosse inegavelmente reconhecida e se inaugurasse na face da terra a Era da Verdade e de Bem que os Espíritos intérpretes da vontade de Deus condicionavam, espalhando a boa semente vinda das alturas.

É em Março de 1848, na humilde casa da família Fox edificada na povoação de Hydesville, pertencente ao condado de Wayne, circunscrição de Arcádia, nos Estados Unidos, que, de forma ostensiva e incontestável, se iniciam as relações entre os dois mundos de natureza diferente na aparência: o físico e o espiritual. As delicadas meninas Kate e Margaret Fox são os intermediários dessa hora de Revelação entre os dois planos, conquistando assim um lugar na história. Data decisiva e transcendente para os destinos da humanidade, esse 31 de Março de há cem anos inicia o processo de uma ideia redentora que vem esclarecer a inteligência do homem acerca de verdades não demonstradas, embora pressentidas, e dirigindo a marcha em caminho de luz, após a sua perfeição espiritual.

Estampilha argentina comemorativa do 1.º Centenário do Espiritismo

Não se poderá negar que, antes disso, houvesse demonstrações de toda a espécie vindas do Além, testemunhando a realidade de um plano de vida e de realização fora do que abrangem os nossos sentidos. As crónicas e relatos da antiguidade e todos os livros sagrados das diversas religiões e até da Bíblia, atestam as inúmeras comunicações recebidas através das mais diferentes modalidades. Sempre existirão intérpretes do «invisível» — os nossos *médiuns* de hoje —, os quais foram conhecidos como profetas, inspirados, santos ou adivinhos. Os Espíritos fizeram sentir a sua presença a estes sujeitos dotados pela Divindade para os ouvirem, para os verem ou interpretarem de muitas formas, mas as grandes profecias, os sonhos transcendentes, eram Mensagens trazidas por eles.

Contudo, o Espiritismo entra na história como doutrina e ideal redentor do género humano, a partir das extraordinárias manifestações de Hydesville. É ali e a contar desse glorioso instante, que o contacto entre o céu e a terra se estabelece difinitivamente; e semelhante a torrente impetuosa, os comunicados do mundo espiritual surgem por toda a parte. Da América passam à Europa e depois a todo o mundo. A palavra de Deus é escutada através de incontáveis médiuns, que abnegadatemente seguem o novo Evangelho de Amor e Luz. Eis o prodígio de Hydesville e o nascimento do Espiritismo a reunir todas as manifestações dispersas e descoordenadas que se obtiveram até então. Tal é a origem, o ponto de partida do Moderno Espiritismo. A respeito deste fasto do progresso dos povos, diz-nos Eugénio Nus:

«...A primeira comunicação estabelecida por uma criatura de doze anos com o prodígio que prestes conquistaria a América e a Europa, negado pela ciência, condenado pela justiça, tendo contra si todo o mundo oficial, mas a seu favor essa força que tudo pode: a atracção do maravilhoso».

As Mensagens com que a Terceira Revelação se exerce no mundo são intermináveis e vão provando

ao homem a sua natureza espiritual e a sua procedência divina; demonstrando inquestionàvelmente a sua imortalidade e o prémio a obter segundo o procedimento havido, não no sentido inculcado por algumas religiões, mas no íntimo de cada ser ao atingir a compreensão no exame final de suas obras; cultivando o conceito de responsabilidade moral e confirmando a realidade de sua perfeição infinita através das vidas sucessivas ou renascimentos. Desta forma, o Criador foi disseminando a boa nova da realidade do Espírito e anunciando o seu novo Evangelho de Amor e de Luz, enviando as suas mensagens a todos os quadrantes do globo e manifestando-se em todas as línguas por intermédio de sujeitos de todas as raças e de todos os credos. Em toda a parte e em todos os idiomas vai dizendo ao homem a grande Verdade:

— Tu és imortal!

Cem anos decorridos após aquele acontecimento venturoso e transcendental para os destinos da humanidade ocorrido em Hydesville, todos os adeptos da doutrina que dali surgiu o recordarão com enlevo e paixão de servir. Tudo o que sucedeu desde essa data até ao presente desfilará na mente dos que hoje vivem e se nutrem nas puras essências da nova religião universal de Amor, de Bem e de Progresso que é o Espiritismo:... «A casa de John Fox, família de origem alemã e pertencente à Igreja Episcopal Metodista, em cujo âmbito modesto se recebem as chamadas do invisível, com insistência de funda significação: as duas meninas, Catarina e Margarida, eleitas nos desígnios da Providência para fins captadores dessas chamadas do desconhecido, servindo-se de suas mediunidades para manifestar aquela presença... As pancadas e movimentos dos móveis, a emoção do que se ignora e pressente, os temores e suspensões inevitáveis, os primeiros sinais convencionais para se entrar em comunicação com a causa daqueles fenómenos raros, a identificação do «espírito comunicante», etc... A comoção que no povo causaram tais acontecimentos extraordinários e incompreensíveis; a luta entabulada entre partidários e negadores da causa que originava aquelas manifestações; a extensão por todo o país e a atenção e interesse provocados em todas as pessoas; a intervenção do Juiz Edmonds — que teve lugar na história do Espiritismo ao lado de Kate e Margaret Fox —, afirmando a realidade dos factos e a razão espiritual que os produzia; o peditório de grande multidão de adeptos da nova Revelação, procurando a aprovação oficial dos acontecimentos de Hydesville; a sua propagação à Europa e ao mundo inteiro; as consequências morais que se desprendiam desses fenómenos e o conteúdo transcendente das Mensagens dadas pelos Espíritos...».

Tudo passará pela memória dos adeptos e servidores dessa doutrina universal de Amor e de Luz que é a revelação do Além, doutrina que começa a percorrer todos os caminhos da terra, chega a todos os corações sem preconceitos e ávidos de saber. Manifestações que encontrarão esse génio e inspirado servidor do Pai, o mestre Allan Kardec, que codificará o rudimento de Hydesville numa formosa escola de ensinamento e perfeição moral do homem.

O estudioso de Lyon divisará no fundo dos fenómenos espíritas a transcendência neles oculta; verá desprender-se deles uma ideia universal de esclarecimento da realidade espiritual do ser e normas que conduzirão ao conhcimento da sua razão de existir; verá, enfim, que os ensinamentos vindos do Alto influirão benèficamente nos destinos da humanidade.

Em sua marcha, o Espiritismo não poderá evitar impugnadores e críticos de má fé, da mesma forma que será defendido por estudiosos sinceros e adeptos abnegados. Mas é tal a força da nova ideia, que supera todos os obstáculos e vence toda a resistência, impondo-se com a força dos seus princípios morais e as projecções sociais que a aplicação dos ensinamentos do mundo invisível significam para a evolução da humanidade. Assim o exprime o seu Codificador, referindo-se aos tempos difíceis em que o Espiritismo aparece na história: «...quanto mais o desfeiteavam e ridicularizavam; quanto mais violentas eram as declamações, mais aumentava a curiosidade; e como a averiguação não podia deixar de lhe ser favorável, os seus adversários tornaram-se, sem querer, seus ardentes propugnadores».

Hoje, o Espiritismo transpôs as dificuldades dos primeiros tempos e conta milhões de adeptos disseminados pelo mundo, além de se afirmar em numerosas obras de beneficência, realizadas em seu nome.

Da mesma forma, não se pôde subtrair a Mensagem do Invisível recebida em Hydesville e que originara novo ideal humanista, às diferentes modalidades interpretativas de seus adeptos; e se muitos o encaram como ciência, outros o definem como filosofia e moral transcendente, e outros ainda como nova religião universal desprovida de dogmas e de cultos, apoiada na verdade e nos ensinos dos espíritos. Também não faltam os que vêem nele a ressurreição do primitivo e verdadeiro cristianismo e o cumprimento das palavras do excelso Jesus. Estas pequenas dissidências interpretativas não atenuam a sua grandeza e essência universalista e assim vem executando o principal propósito que o inspira, e resume a Palavra de Deus em todas as comunicações espíritas: *Melhorar o homem pelo conhecimento da Verdade: libertá-lo de todo o erro e dar-lhe a certeza da sua imortalidade; mostrar-lhe a responsabilidade de suas acções.* Por isto, será factor de progresso e impulsionará o Bem, melhorará a Justiça e servirá a Paz.

O centenário dos factos de Hydesville convida a meditar profundamente na trajectória percorrida pela

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferrera

XXIII

Estava a aproximar-se o dia em que o Senhor se ausentaria da Galileia para a derradeira viagem a Jerusalém.

A sua última visita a Jericó, antes do seu suplício, era aguardada com verdadeira ansiedade.

Grandes multidões se apinhavam pelas estradas que davam acesso aquela cidade.

Um publicano muito abastado, de nome Zaqueu, conhecia por tradição as obras admiráveis do Mestre e desejava ardentemente vê-lo.

Chefe prestigioso na sua cidade, homem muito rico e enérgico, Zaqueu era, porém, de pequena estatura, e, tanto assim que, procurando satisfazer o seu grande desejo, procurou acomodar-se sobre um sicômoro, levado pela ansiosa expectativa com que aguardava a passagem de Jesus.

Coração repleto de curiosidade e de sensações alegres, o chefe publicano, ao aproximar-se o Senhor, admirou-lhe o porte nobre e simples, sentindo-se magnetizado pela sua indefinível simpatia.

Altamente surpreendido porém, verifica que o Mestre, ao passar por ele lhe acena amigavelmente com a mão e lhe diz com acento íntimo: Zaqueu, desce dessa árvore, importa que me hospede contigo, necessito hoje da tua hospitalidade e da tua companhia.

Sem que pudesse traduzir o que se passava no seu coração, o chefe publicano de Jericó desceu da sua improvisada galeria, possuido de imenso júbilo.

Abraçou Jesus com sincera espontaneidade e ordenou todas as providências para que o querido hóspede e sua comitiva fossem recebidos no seu lar com a maior alegria.

O Mestre deu o braço ao publicano e escutava atento as suas observações mais insignificantes, com grande escândalo da maioria dos discípulos.

— Não se tratava de um rico que devia ser condenado? — perguntava Filipe a si próprio.

E Simão Pedro reflectia intimamente:

— Como justificar esta atitude do Senhor, se Zaqueu é um homem de dinheiro e portanto pecador perante a Lei?

Depois de breves instantes, porém, toda a comitiva penetrava na luxuosa residência do publicano, que não ocultava o seu contentamento inexcedível.

Jesus lhe seduzira as atenções, tocando-lhe as fibras mais íntimas do Espírito, com a sua generosa presença. Tratava-se de um hóspede bem-amado, que lhe ficaria eternamente no coração.

Aproximava-se o crepúsculo, quando Zaqueu mandou oferecer uma leve refeição a todo o povo, em sinal de alegria, sentando-se com Jesus e os seus discípulos sob um vasto alpendre.

A palestra versava sobre a nova doutrina e, sabendo que o Senhor não perdia ensejo de condenar as riquezas criminosas do mundo, o publicano esclareceu com toda a sinceridade da sua alma:

— Senhor, é verdade que tenho sido obser-

---

doutrina e na séria obrigação, contraida por todos os seus adeptos, de propagá-la, servindo os grandes princípios em que se baseia. Começar por realizar em cada um o sentimento de irmandade e de amor para com o próximo, única prova de que, em verdade, se ama a Deus sobre todas as coisas, e seguir na missão de esclarecer o homem acerca da realidade de si mesmo e do sentimento da sua finalidade terrena.

No momento em que o mundo espirita de todas as latitudes recorda data tão grandiosa e que dá início à doutrina, enquadrando-a na história, exprimamos a nossa veneração aos seus primeiros e abnegados lutadores, evoquemos amorosamente todos os grandes mestres do Ideal e seja favorável portunidade de reconsiderar no rumo de avaliar atitudes e seguir o caminho da conciliação, do serviço e da consagração.

Louvor às irmãs Fox do Hydesville divino e histórico; glória ao mundo invisivel que em feliz momento se revelou ao nosso e nos indicou o bom e seguro caminho; gratidão aos que têm trabalhado por espargir a semente do Espiritismo e legaram a sua herança de bem e de Progresso! Seja de nossa parte sincero empenho de cumprir e de servir ao céu, espiritualizando a terra no amor para Deus e para a fraternidade universal.

LOMAS DEL POLOMAR — ARGENTINA

vado como um homem de vida reprovável; mas, desde há muitos anos que venho procurando empregar o dinheiro de modo que dai resultem benefícios para todos os que me rodeiam. Sabendo que aqui, em Jericó, havia muitos pais de família sem trabalho, organizei múltiplos serviços de criação de animais e de cultivo incessante de terras. Até de Jerusalém, muitas famílias vieram buscar, nos meus trabalhos, os indispensáveis recursos para a vida!...

— Abençoado seja o teu esforço! — replicou Jesus, cheio de bondade.

Zaqueu ganhou novas forças e continuou:

— Os servos da minha casa nunca me procuraram que não me encontrassem com uma sincera disposição de os atender e servir.

— Regozijo-me contigo — exclamou o Senhor —, porque todos nós somos servos de Nosso Pai.

O publicano, que tantas vezes fôra injustamente acusado, experimentou grande satisfação.

As palavras de Jesus eram uma recompensa valiosa para a sua consciência, dedicada ao bem colectivo.

Verdadeiramente extasiado, irradiando a alegria que lhe cantava no coração amorável e generoso, levantou-se, e estendendo as suas mãos para o Mestre, exclamou sensibilizado:

— Senhor, Senhor, tão profunda é hoje a minha felicidade, que hoje mesmo repartirei com todos os necessitados metade dos meus bens, e, se nalguma coisa prejudiquei alguém, indemnizá-lo-ei quadruplicadamente!...

Jesus, abraçou-o sorrindo e respondeu:

— Bem-aventurado és tu, Zaqueu, que agora mesmo contemplas em tua casa a verdadeira salvação.

Alguns dos discípulos, notadamente Filipe e Simão Pedro, não conseguiam ocultar as suas deduções desagradáveis.

Mais ou menos aferrados às leis judaicas e atentando sómente no sentido literal das lições do Mestre, estranhavam aquela afabilidade de Jesus, aprovando os actos de um rico do mundo, confessadamente publicano e pecador.

E, como o dono da casa se ausentasse da reunião por alguns momentos, a fim de providenciar sobre a vinda de seus filhos, para conhecerem o Senhor, Pedro e outros prorromperam numa chuva de pequeninas perguntas: Por que tamanha aprovação a um rico mesquinho? Pois as riquezas não eram fortemente condenadas pelo Evangelho do Reino?...

— Porque não preferiram hospedar-se numa casa humilde e sim naquela vivenda sumptuosa, em contraposição com os ensinos de humildade?

— Poderia alguem servir a Deus e ao mundo de pecados?

O HOMEM

por Agustin Obregón

Quando, nas ásperas sendas de teu destino, te for indiferente que os outros creiam que és sábio ou ignorante, iludido ou insensato, louco ou génio;

quando o rancor e o ódio e as demais paixões zumbirem em torno de teu coração sem nele penetrar, como sórdidos moscardos à volta de um copo de cristal, cuja água cristalina não logrem turvar;

quando todos te houverem abandonado e a vida gravite sobre ti para negar-te e na solidão e no olvido do teu gabinete ou da tua oficina puderes manter-te serenamente de pé e coração ao alto;

quando vires correr o ouro a teu lado e que os homens o disputem encarniçadamente, com o mesmo interesse com que, da janela, notas como o vento remove as folhas do teu horto;

e quando, a pesar de tudo isto e por causa de tudo isto, puderes oferecer ao mundo o teu poema, a tua estátua, a tua teoria, o teu invento, a tua lei, essa obra única, enfim, que de tuas mãos pode sair — oh, prezado amigo, que vais deixando o sangue nas espinhosas veredas da beleza e da verdade! — então serás imortalizado pela vida, porque serás verdadeiramente um homem!

(De Claridad del Alma, de Buenos Aires)

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

CONSTANCIA — n.º 2736, ano LXX. Out.º 1947. Buenos Aires.

Neste número especial da valiosa revista argentina, presta-se homenagem ao grande pioneiro que foi Cosme Mariño, comemorando o 1.º centenário do seu nascimento. Os maiores nomes do Espiritismo latino colaboram nesta obra, abordando facetas do génio do «Kardec argentino».

Carlos Chiesa, por exemplo, mostra a posição do Homem que «consagrou a sua vida à verdade e ao bem» no despertar de uma nova consciência na grande nação sul-americana; Luiz Postiglioni e José Fernandez falam da acção de Mariño e da responsabilidade dos herdeiros da sua obra; Hugo Nale aponta «alguns aspectos da personalidade do Lider»; Ernesto Moog indica a «importância continental» de Mariño, «o espiritista completo e autêntico, que na teoria e na acção, na palavra e no facto, conjugava harmoniosamente as virtudes do idealista sincero e do realizador esforçado»; Ismael Gomes Braga faz ressaltar o lado missionário; Albíreo Barcon revela a posição do Mestre argentino perante o problema social; Humberto Mariotti analisa o «pensamento socialista e espirita» de Mariño. Com estes se associam — Deolindo Amorim, Telésforo Andino, Henrique Andrade, Araripe de Faria, Filipe Avogadro, Bancescu, Delfino Ferreira, Isidoro Duarte Santos, Paulo Hecker, Nelson Kerensky, Arnaldo S. Thiago, etc. — todos os grandes nomes do espiritismo latino.

A segunda parte deste número especial de «Constância» relata o festival comemorativo organizado pela Sociedade «Constância», fundada por Cosme Mariño.

Quem não conhecer a figura do pioneiro sul-americano, deverá ler nesta revista os artigos publicados na primeira parte e que constituem uma «introdução» ao estudo da sua obra, porque Cosme Mariño está neles retratado com a multiplicidade do seu Génio.

CONFRATERNIZANDO — União Espirita Discípulos de Jesus. Florianópolis. 1947. 88 págs.

Com a publicação deste opúsculo, pretendeu-se, não só guardar os trabalhos da «Semana Espirita» levada a cabo pela União Espirita «Discípulos de Jesus», como grangear os fundos necessários para libertar o *Boletim Espirita* dos ónus tipográficos. É um opúsculo bem apresentado, onde se amalgamam estudos apreciáveis. A conferência de Pedro Brennelsen é um trabalho de investigação histórica do movimento espirita no Estado de Sta. Catarina e de exalçação dos seus pioneiros. Osvaldo Melo Filho escreve sobre o valor da imprensa na expansão do Espiritismo.

Asbelina Mourão e Ligia Brazinha cantam a acção missionária da mulher. Osvaldo Melo recorda episódios do movimento espirita catarinense, tirando deles uma lição de encorajamento. «Os Mortos não Morrem, de Arnaldo S. Thiago, é uma lição de Espiritismo bolsado em décimas de perfeita contextura. «Agradecendo» — palavras de um presidiário, Ernani Moura — distilam e instilam uma esperança e uma certeza: — uma esperança de dias melhores para a sociedade e uma certeza ganha pela dor e pele fé.

Daqui, fazemos votos para que a segunda finalidade da publicação deste interessante opúsculo seja completamente alcançada.

PALESTRAS FRATERNAIS — Ayrton Machado. Ed. do Centro «Henrique José de Mello». Espirito Santo. 1930. 92 págs

São seis admiráveis «palestras» as que constituem este opúsculo de Ayrton Machado, das quais destaço «O decálogo» e «Não há Morte», a primeira pela interpretação analitica e a segunda pela chamada aos espíritos que teimam em vestir-se de crepes e em chorar no desespero de ignorância. O pano de fundo das palestras é a lição evangélica que, assimilada pelo Autor, é adaptada à realidade do presente. A forma em que são vasadas estas «palestras fraternais» é perfeita, colorida da emoção e do desejo doutrinário de cristianização do homem.

PRUEBAS CONCLUYENTES DE LA EXISTÊNCIA DEL ALMA — Cosme Mariño. Editorial Constância. Buenos Aires. 1947. 261 págs.

A propósito e em comemoração do centenário de Cosme Mariño, o «Kardec Argentino», a editorial «Constância» publica a obra em epígrafe.

Do polemista e escritor, do pensador que foi Mariño, nada conheciamos antes da leitura das suas «Pruebas». Ficámos depois com a sensação de termos conversado com um Espírito Superior, cônscio da sua Verdade, possuindo uma cultura pouco vulgar e uma capacidade de argumentação extraordinária, além de uma probidade científica digna de nota.

Contrapondo-se ao professor Ferri que ao tempo fizera conferências públicas contra o Espiritismo,

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A PROVA DA SOBREVIVÊNCIA...

É das maiores preocupações do Espiritismo e é também dos melhores argumentos para responder aos adversários e abalar o cepticismo dos indiferentes. Os fenómenos físicos valem por experiências tangíveis destinadas aos que vivem a três dimensões. Mas há quem procure afastar-se desse âmbito restrito. São os que sentem asas espirituais e desejam surtos mais grandiosos. A deslocação de um móvel pesado sem motivo aparente demonstra a existência de forças ocultas que podem agir sobre a matéria, desde que encontrem apoio adequado. É fenómeno convincente, sem dúvida, que chama a atenção dos que apenas vêem o caminho material do berço ao túmulo. Por isso, os fenómenos intelectuais são decisivos em certas emergências, principalmente quando o homem é torturado pela dúvida.

Vem isto a propósito do relato que acabamos de ler no mensário *Forces Spirituelles* e intitulado «Magnífica prova de sobrevivência...». O articulista é redactor do jornal e encobre-se sob as iniciais O. B. Mas é pessoa sincera e incapaz de mentir. De outra forma, não o acolheriamos nestas colunas. Diz ele, na sua linguagem simples e expressiva:

«Uma noite de Março de 1940, após um dia de trabalho fatigante, estava eu a arrumar uns papeis, quando o lápis que eu tinha na mão imóvel começou a querer escrever por si mesmo. Embora muito surprendido, deixei-lhe certa liberdade, segurando-o apenas pelas pontas dos dedos, a fim de reduzir ao mínimo a pressão no papel.

«O lápis traçou imediatamente algumas linhas de um extremo ao outro da folha. Depois escreveu letras imperfeitas e por fim palavras muito legíveis que diziam isto:

«— Sou um antigo soldado da guerra de 1914. Fui morto em Argonne em Maio de 1916, com um estilhaço de granada na cabeça. Fiquei três dias no solo com sofrimentos atrozes. Estou enterrado no cemitério de X... Actualmente, sou muito feliz no Além. Uma prova de identidade: durante a minha vida, meu pai era fabricante de calçado em B..., no Oise. Diga à minha família que se aproxime de Deus e que os bens materiais não existem. a) *Lucien*, trabalhador da felicidade eterna».

«É de supor qual fosse o meu espanto ao ler esta mensagem. Eu nunca tinha ido a B... e não conhecia nenhuma pessoa da família deste soldado. Fosse ela qual fosse, queria desempenhar-me da minha tarefa e escrevi ao cura de B..., pedindo-lhe que me dissesse se nesta cidade residia um fabricante de calçado que tivesse perdido um filho durante a guerra de 1914-1918. E especificava que tinha estado em ligação com ele...

«Já disse que estávamos em 1940. O fabricante de calçado tinha falecido, mas deixara dois filhos. O cura entregou a carta a um deles e oito dias depois eu recebia uma carta de M. F.... Eis o conteúdo:

«Sr. — O sr. cura entregou-me a sua carta e apresso-me a dar-lhe os esclarecimentos pedidos. Éramos quatro irmãos em 1914. Partimos para a guerra e dois não voltaram. O primeiro, Henri, foi morto em 1915, em frente de Verdun; o segundo, Lucien, soldado do 9.º Regimento de Infantaria, foi morto em Argonne, em Maio de 1916. Repousa actualmente no cemitério de X...».

«O nome, a data da morte e o local da inumação concordavam com a mensagem recebida. Não podia haver erro. Era bem o falecido que se manifestava.

«Respondi a M. F..., dizendo que passaria por sua casa, logo que me fosse possível, pois tinha certa missão a cumprir...

«Os acontecimentos de Maio de 1940 não me permitiram deslocar-me a B... Só na volta do êxodo eu pude satisfazer o desejo do desaparecido. E nos fins de Agosto apresentei-me em casa do meu correspondente.

«Ao meu toque de campainha, veio a sua mulher abrir-me a porta. Nunca nos tínhamos visto; mas ela perguntou-me logo «se eu era o sr. de Arras que lhe tinha escrito em Abril».

«Respondi afirmativamente e foi na sala de jantar que conheci o seu filho gravemente enfermo, seu marido e seu irmão. E para não passar por anormal ou desequilibrado aos olhos dos meus hospedeiros, conversei com eles em vários assuntos; e após algum tempo, quando me pareceu oportuno, apresentei a questão delicada e contei lealmente os factos, dando-lhes pormenores característicos a respeito da caligrafia de Lucien e da sua assinatura.

«Ouviram-me religiosamente e pediram-me outros esclarecimentos que lhes permitissem compreender os fenómenos espíritas.

«A sr.ª F... disse-me então que Lucien, vendo as duras provas que sua família acabava de suportar (todos os seus bens tinham sido incendiados), lhes vinha dizer que não desesperassem, que acreditassem em Deus e tivessem fé, para sofrer com resignação as provações terrestres.

«Depois... tive a grande felicidade de obter outras comunicações. O seu conteúdo e a sua antenticidade deram-me tão extraordinária fé e tão cega confiança em Deus, que o meu maior desejo é que as partilheis comigo».

Estas são as provas consoladoras que decidem da

Mariño começa por uma aguda crítica ao postulatário positivista, à filosofia comteana, mostrando a sua lamentável bancarrota. Em seguida — e aqui aparece o experimentador — relata os resultados admiráveis obtidos no campo riquíssimo do personismo, do animismo e do Espiritismo, ao mesmo tempo que pondera as diferentes teorias explicativas.

E fecha com uma exposição da teoria psicológica da personalidade humana, segundo o Espiritismo.

Obra notável — atendendo mais à época em que foi escrita — torna bem apropriado o epíteto dado ao seu autor — «O Kardec Argentino».

vida dos homens, provas que nos dão a certeza da continuação da vida para além da morte, que nos fortalecem e encorajam, que projectam grande luz sobre o nevoeiro dos túmulos, onde só existe podridão.

O ESPIRITISMO EM PARIS

Segundo lemos em *Survie*, orgão da *União Espiritista Francesa*, todas as semanas se distribuem na capital francesa 10.000 prospectos, divididos pelos vários bairros e destinados principalmente ao grande público. Às sextas-feiras, no vasto Salão de Geografia, no Bairro Saint-Germain, o nosso redactor-correspondente Henri Regnault continua as suas conferências hebdomadárias, iniciadas com pleno êxito em 1945. Ali trata de vários aspectos do Espiritismo, desde os fenómenos às consequências morais. Estas conferências são desenvolvidas de maneira que os ouvintes as possam compreender, mesmo que desconheçam inteiramente a nossa Doutrina. E, no final, há sempre experiências de magnetismo animal, com o objectivo de provar a existência do fluido humano.

Aos domingos, há na *União Espirita Francesa* as experiências mediúnicas habituais, com auxílio da mesa; e, no dia 8 de Fevereiro último, o *Parisien Libéré* reproduzia fotografias tiradas nestas sessões, em artigo judicioso do jornalista André Fournel, que acaba de realizar um grande inquérito ao Espiritismo Moderno e declarou que a mediunidade tiptológica da senhora Baillet conseguiu zombar das leis do equilíbrio e da gravidade.

Encorajado por semelhantes resultados, Henri Regnault pensou que talvez pudesse tentar experiências idênticas no Salão de Geografia. De combinação com aquela senhora e sem avisar os espectadores, o nosso redactor-correspondente anuncia-lhes uma surpresa em 13 de Fevereiro, lembrando a experiência particular realizada na presença de Marcel Petit e por este narrada no *Inter* em 7 de Maio de 1947. Depois, leu o artigo de André Fournel acima citado, dizendo que, embora se não pudesse garantir o resultado das experiências psíquicas, pediu à senhora Baillet que experimentasse. À pesar da emoção bem compreensível da médium, a mesa moveu-se; e depois de se inclinar para o chão, deslisou sobre dois pés e subiu progressivamente a parede, acabando por dar a seguinte frase, em pacadas batidas no soalho:

As forças espirituais estão convosco. Tende paciência e vencereis. É preciso renovar o mundo.

O palco estava coberto com um tapete, o que impedia extraordinàriamente o deslisar da mesa.

Henri Regnault declarou então que não podia afirmar que tal fenómeno era devido à intervenção dos Espíritos, mas lembrava que, por aquele meio, se têm obtido manifestações impossíveis de explicar sem a intervenção de entidades desencarnadas.

É preciso levar o Espiritismo às massas populares, como temos dito muitas vezes, e Henri Regnault, Vice-Presidente da *União Espirita Francesa* e conferencista de vastos recursos, faz todo o possível por interessar os ouvintes das suas conferências semanais, dando-lhes a conhecer o suficiente para que eles ganhem amor à leitura da nossa bibliografia. O essencial é levar o público a ler os livros de Espiritismo. Isso é meio caminho andado para a conversão, porque não há leitura mais aliciante do que esta, tal a sugestão que infunde no leitor, apoiada, já se vê, em grande poder de verdade e de lógica.

Referimo-nos acima ao artigo de Marcel Petit, inserto no *Inter*. Não sabemos se já noticiámos o grande inquérito que este jornalista e seus filhos realizaram ali no ano transato, sob o título geral de: *Espírito, estás lá?* e que produziu funda impressão no público francês. Se não o noticiámos, noticiamo-lo agora, para comparar o procedimento da imprensa de um país culto com o da nossa imprensa, quase toda alheia aos grandes problemas do espírito. Mas o mundo marcha, o progresso efectiva-se, o homem transforma-se e as ideias seguem a sua rota. E quando baseadas em factos incontroversos, nada consegue deter a sua cavalgada.

O Espiritismo é assim. Apresenta factos, dos quais irradiam teorias que desafiam o cepticismo dos sábios e o marasmo dos indiferentes...

ANIMAIS, NOSSOS AMIGOS

Lemos há tempos no semanário londrino *Psychic News* uma notícia que nos impressionou profundamente, pelo significado moral que em si continha. Em virtude de várias cartas publicadas naquele jornal espirita, Miss Greta Freund e as suas amigas tinham recolhido alguns animais domésticos e desejavam abrir em Londres uma clínica psíquica para estes companheiros do homem. E acrescentava-se que já tinham dois curadores, um diagnosticador e dois ervanários, dispostos a auxiliar os futuros trabalhos. Contam igualmente com auxílio financeiro, mas necessitam de um rés-do-chão ou qualquer páteo ajardinado onde possam instalar serviços tão relevantes. E a notícia termina com esta pergunta insinuante?

— Haverá algum alojamento em Londres que sirva para trabalho tão importante?

Lemos isto em Maio de 1947 e, desde essa data, não tivemos oportunidade de percorrer aquele jornal, no sentido e observar o desenvolvimento da ideia. Por isso, decorridos 10 meses, não temos elementos de informação que nos habilitem a desenvolver o noticiário. Não importa, porém. Há um pensamento altruista que perfilhamos inteiramente e é quanto basta para justificar as nossas considerações.

Os animais têm direito ao nosso carinho, à nossa dedicação. Principalmente o cão e o cavalo que, pela inteligência e pela fidelidade, merecem ser colocados à frente de todos os outros.

Muita gente julga que os animais obedecem apenas ao instinto. Mas há tão grande colheita de factos que destroem essa afirmação! Há tantos e tantos fenómenos psíquicos de que animais são protagonistas!

E se eles têm faculdades anímicas, tais como premonição e vidência, se eles possuem memória e conhecem o sentimento do bem e do mal, do ódio e da gratidão, não será muita a distância que os separa do homem.

Eis, porque nos impressionou extraordinàriamente a notícia do jornal londrino. Não pelo significado intrínseco, mas pela novidade que encerra a notícia. Há pessoas que estendem a sua comiseração a seres que estão para além da humanidade. Sabíamos que havia hospitais para cães, gatos e outros animais domésticos, onde médicos-veterinários se disvelavam em cuidados pelos nossos irmãos inferiores; o que não sabíamos era que se projectavam clínicas especiais onde a terapêutica psíquica e magnética se exerceria nos animais, através de indivíduos competentes.

O magnetismo pode aplicar-se em todos os seres. Conhecemos curas magnéticas operadas em gatos e cães e por isso aceitamos e até aplaudimos a ideia de Miss Greta Freund. Que ela consiga os seus objectivos, são os nossos desejos mais instantes.

Notas & Comentários

AS CIÊNCIAS OCULTAS...

O jornal francês *Forces Spirituelles* publicou algumas opiniões de prelados católicos, que não têm horror às ciências ocultas. O facto só nos dá prazer. Todos os homens cultos e amigos da verdade devem ser francos de opinião e claros de raciocínio, quando se refiram a qualquer doutrina seguida por grande número de adeptos. Eis o que disse Mgr. Chollet, arcebispo de Cambrai, no seu livro «Contributions de l'Occultisme à l'Anthropologie»:

«As ciências chamadas «ocultas» trazem útil contribuição à antropologia e à biologia, à psicologia, à moral, à ciência das religiões e à etnografia». «Pensamos, pois, que não é preciso admitir a acção do demónio nos fenómenos do ocultismo e que ela se exerce ali só muito raramente».

Também Mgr. Benson, eminente prelado inglês, deu a sua opinião da seguinte maneira:

«Estou convencido de que certas manifestações psíquicas nos permitem a comunicação com a alma dos mortos». «O fenómeno tem visos absolutos de verdade». «Por mim, julgo que o mundo dos espíritos se agita em torno de nós, exercendo o seu poder».

Hoje, já não há ciências «ocultas», porque todos podem estudar e investigar. Qualquer doutrina que se oponha a isso, na mira de manter posições conquistadas, não tem razão de existir. O pensamento humano pode e deve abrir todas as portas da ciência e do amor para alcançar maior sabedoria e felicidade.

A FIDELIDADE DE UM CÃO

O *Diário de Coimbra* publicou a seguinte notícia, que extraimos da *Região de Leiria* e que revela bem a fidelidade do cão ao dono:

«Vítima de um choque eléctrico quando enroscava uma lâmpada, morreu no dia 13, na freguesia de Melo, o proprietário Armindo Lopes de Carvalho, que contava 34 anos, era casado e deixou 4 filhos menores.

«A ocorrência, dada a estima de que o pobre rapaz disfrutava entre a população pelas suas qualidades de trabalho, impressionou toda a gente. E assim é que o funeral representou bem expressiva manifestação de sentimento, nele se encorporando quase todos os habitantes da freguesia.

«O Armindo Carvalho possuia um bom rebanho de ovelhas que, com outros valores, comprara à custa da persistência com que lutava pela vida. Guarda das ovelhas, duma dedicação extrema pelo dono, era o «Tejo» — um cão da serra que os lobos temiam, porque deles não tinha receio.

«Mal que o desastre se verificou, o «Tejo» começou a entristecer, a andar cabisbaixo e sombrio. Quase não comia e nada lhe prendia a atenção. Procurava de preferência os lugares que o dono costumava frequentar e por ali vagueava, alheio, distante, preso da sua tortura íntima.

«Ultimamente, mal tombava a noite, desaparecia para local ignorado. A população, conhecedora do facto, já com grande simpatia pelo animal, procurou inteirar-se dos seus passeios nocturnos, sob frio glacial. Houve quem fizesse polícia por conta própria e apurou-se que o «Tejo», num extremo de fidelidade, dedicação e sacrifício de que os homens não seriam capazes, galgava e galga todas as noites os muros do cemitério de Melo, onde, em campa rasa, o dono está sepultado, para ficar de olhos tristes e aspecto de vencido, a velar o fúnebre local — como figura dolorida moldada por escultor de raça.

«A lição não é de hoje: outros animais da mesma espécie a têm dado já. Mas é justo vincá-la, num período desvairado em que os homens, agredindo-se como feras, ficam tão distantes dos cães...».

APRENDEU AGORA OU JÁ SABIA ?...

O nosso prezado colega *Região de Leiria* insere o seguinte, subordinado ao título desta nota:

«Toda a imprensa diária conta que Ferruccio Burco, de 8 anos de idade, regente de orquestra italiano, fez, no dia 29, a sua estreia na América, dirigindo uma orquestra de 80 músicos no *Carnegie Hall* perante um auditório entusiástico.

«Ferruccio regeu a orquestra executando um programa que constava de peças de Beethoven, Bellini, Verdi, Rossini e Berlioz, sem pauta, dando provas de notável memória. Um crítico escreveu: «Houve boa música regida admiràvelmente».

«Ferruccio, que é tão pequeno, que a sua cabeça não se via através dos músicos sentados, quando ele se dirigia para o centro do palco, regeu com o à-vontade de um músico feito. Teve de fazer 24 vénias e no final os empregados tiveram de lutar para afastar a multidão que tentava aproximar-se dele. Quando terminou o concerto, Ferrucci sentou-se numa cadeira de braços, no seu camarim, a mastigar pastilhas elásticas».

A pergunta de *Região de Leiria* é inteiramente judiciosa. Nós também a formulamos, noutros termos: Será possível aprender tanto em tão pouco tempo? Donde lhe veio, então, o conhcimento? Se «aprender é recordar», no conceito de Platão, motivo há para dizer que Ferruccio já sabia tudo ou quase tudo quando abriu os olhos nesta existência. Querem saber mais? Leiam «A Reencarnação», por Um Discípulo de Kardec, que brevemente circulará em português, através de *Estudos Psíquicos Editora*...

«O HOMEM DA RUA»

Guedes de Amorim, um dos melhores novelistas portugueses, não só pela forma literária, como pelo feitio humanista, laureado autor de «Aldeia das Águias» (obra distinguida com o Prémio Ricardo Malheiros), de «A Mulher do Próximo», «Escravos da Morte», «Os Barcos Descem o Rio», «Patamar» e «Anjos na Encruzilhada», publicou há pouco um substancioso romance intitulado «O Homem da Rua», afirmação de talento e observação que consagra definitivamente um autor da sua envergadura. Guedes de Amorim foi o primeiro homem de letras português que tratou de Espiritismo num romance. Assim, neste livro, dedicado «a todos os anónimos que vão pelos caminhos pedregosos do mundo à procura de trabalho, pão e justiça», há um grande capítulo, no qual se descreve com propriedade uma sessão mediúnica. Aconselhamos os leitores a adquirirem esta obra, a todos os títulos interessante.

Noticiário

PARTICIPAÇÃO

O Centro Espirita Vicente de Paulo, da cidade paulista de Cruzeiro, teve a amabilidade de nos participar a eleição dos seus corpos gerentes para o ano de 1948:

DIRECÇÃO: *Presidente* — Adjovaner B. Aguiar; *Vice-presidente*—Pedro Vieira Fortes; *1.º Secretário*—Lázaro A. Costa; *2.º Secretário* — Odete A. de Sousa; *1.º Tesoureiro* — Leonardo B. Esteves; *2.º Tesoureiro* — Weigner Teixeira; *Bibliotecário* — Benedito C. de Abreu; *Director de Propaganda* — Antenor de Scusa; *Zelador* — Tancredo Quintanilha; *Director da Assistência* — Geraldo de Oliveira; *Tesoureiro da Assistência* — Isa Quintanilha.

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA: Óscar M. dos Santos; José Novais Sobrinho e Manuel Gonçalves Duque Neto.

COMISSÃO DE CONTAS: José Augusto Gomes, José Zácaro Neto e José Cândido Fortes.

A este pugilo de trabalhadores e especialmente a Geraldo de Oliveira e José Zácaro Neto, nossos representantes em Taubaté e Cruzeiro, apresentamos as saudações fraternais de *Estudos Psíquicos*.

CORONEL FAURE DA ROSA

Após alguns meses de ausência forçada devido ao seu estado de saúde, o nosso colaborador e amigo coronel Faure da Rosa volta a realizar conferências no Centro Espiritualista Luz e Amor.

A primeira será proferida no dia 25 de Abril, sob o título: «A Inteligência dos Animais». É com grande prazer que noticiamos a volta de tão inteligente e operoso trabalhador da Seara, sempre ouvido com justificado interesse e grande simpatia.

«UNIÃO»

Recebemos o jornal *União*, de Baurú, Estado de S. Paulo, bem redigido órgão de propaganda espirita, dirigido por Homero Escobar e Nabor da Graça Leite, nosso representante nesta cidade.

Belos artigos doutrinários, apreciável disposição gráfica, as suas oito páginas compactas inserem matéria de grande utilidade para a Causa. Sente-se ali uma direcção inteligente e equilibrada que muito concorre para o triunfo do jornal, um dos mais bem apresentados que temos visto e impresso em óptimo papel.

O número que temos na frente insere um anúncio de *Estudos Psíquicos*, de disposição sugestiva e em lugar de relevo, gentileza que muito agradecemos ao nosso representante Nabor da Graça Leite.

«PERNAMBUCO-ESPIRITA»

Recebemos os números 12 e 13 deste interessante mensário de propaganda, dirigido por João Bezerra Vasconcelos. O n.º 12 insere várias fotogravuras, entre elas, a do nosso redactor-correspondente capitão Nelson Kerensky, também colaborador deste jornal.

O artigo de fundo, intitulado «Um Ano de Luta», é bem elaborada resenha do caminho percorrido num ano de existência, sem o mínimo desvio do programa traçado. O Estado de Pernambuco afirma-se como baluarte do Espiritismo e muito nos apraz registar o facto.

A *Pernambuco-Espirita* as nossas saudações.

«A FOLHA ESPIRITA»

Também *A Folha Espirita*, de Taubaté, Estado de S. Paulo, dirigido pelo nosso representante Geraldo de Oliveira, publica interessante notícia acerca de *Estudos Psíquicos* de Outubro. A este confrade e amigo, os nossos melhores agradecimentos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, Ramos Pereira prosseguiu nas suas conferências acerca da «Reencarnação», ouvido sempre com o habitual interesse pelos confrades que enchiam a sala do Centro Espiritualista Luz e Amor. No próximo mês de Abril terminará o seu estudo com a 5.ª e última conferência.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

José Augusto Gonçalves, de Lisboa ...	20$00
Manuel José Cepeda, do Rio de Janeiro	150$00
José Pais de Carvalho, de Mangualde ...	40$00
D. Adelina Nobre e Silva, de Lisboa ...	25$00

A estes confrades e amigos, os nossos sinceros agradecimentos.

TRANSCRIÇÕES

Revistas e jornais estrangeiros têm feito algumas transcrições de *Estudos Psíquicos*, o que agradecemos. Entre elas, lembra-nos «Um Pequeno Vidente», transcrito em duas publicações, e «A Magia Entre os Feiticeiros Negros».

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE ABRIL DE 1948

Dia 3, sábado, ás 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Abril, domingo às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, intitulada «A Reencarnação. Conclusões».

Dia 17 de Abril, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Pinheiro.

Dia 18 de Abril, domingo, às 16 horas — Sessão doutrinária dirigida por Ramos Pereira.

Dia 25 de Abril, domingo, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «A Inteligência dos Animais».

30 de Abril, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária pelo Grupo Espirita Amor do Redentor.

***Nota** — As conferências são públicas. As sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.*

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, ABRIL DE 1948 — N.º 4

Redactor	Director e Editor	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

BRASIL

O que vai pelo Brasil em matéria de Espiritismo é suficientemente grande para merecer a atenção de todos os homens que pensam e sentem. É cruzada como não há outra em qualquer país do mundo, dir-se-ia haver qualquer coisa imponderável que impele tanta gente à prática da Terceira Revelação.

Por todos os lados surgem realizações espiritas, desde Belem do Pará a Porto Alegre, por entre alegria sã e justificado entusiasmo, já que a Doutrina manda exemplificar o bem, para que o mundo se transforme em solo ubérrimo e depois em jardim florido.

Através de nossas colunas têm desfilado os monumentos de caridade e profilaxia social devidos a esses segadores de nova espécie que de Evangelho na mão buscam ovelhas tresmalhadas do rebanho. São hospitais, como o de Pedro de Alcântara, de Clínicas Allan Kardec e de Porto Alegre; maternidades, como a da Mãe Pobre; orfanatos, como o da Casa de Lucia; abrigos, como o de Teresa de Jesus e Lar de Jesus; sanatórios, como o de Uberaba e de S. Paulo; ambulatórios, como o de Pestalozzi; ginásios, como o de Leopoldo... E tantas e tantas outras realizações que fundamentam a frase já célebre do espírito de Humberto de Campos: «Brasil, coração do Mundo e Pátria do Evangelho».

Na verdade, mais vale pregar com exemplos, com ensinos aplicados, do que em farfalhantes e ruidosos discursos que soam a latão e são levados pelo vento. Vivemos na terra, temos de reduzir a matéria as criações do pensamento, para que triunfem do tempo e sirvam de espectação a coevos e vindouros. E assim o génio do homem vai enchendo o globo de recordações preciosas que atestam o progresso das gerações.

Mas o Brasil desentranha-se também noutros frutos saborosos, como a Sociedade de Medicina e Espiritismo e a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, agremiações que elevam muito alto a bandeira da Causa, impondo a Doutrina às classes cultas e demonstrando que os nossos postulados não se estribam em dogmas ou superstições. Estas duas colectividades são o expoente máximo do Espiritismo, como doutrina científica e filosófica. A primeira tem muitos milhares de sócios angariados entre médicos, advogados, engenheiros, professores, jornalistas, oficiais do exército e da marinha, porque só pode ali associar-se quem tiver diploma científico ou profissional, ou haja divulgado a doutrina em livros ou na imprensa (art.º 7.º do Estatuto). Caso contrário, será obrigado a apresentar uma tese acerca de Medicina e Espiritismo, que será julgada pelos membros da Directoria. A segunda é um Instituto com seu corpo de alunos e destinado a ministrar ensinamentos aos que desejem dedicar-se à propaganda e é dirigido por uma figura eminente que reune as necessárias condições para bem cumprir a sua missão.

Finalmente, a Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, a Livraria Allan Kardec Editora e outras coroam esta obra gigantesca, espalhando milhões de livros por toda a parte e levando a luz às almas sequiosas de Verdade.

A Livraria da Federação tem sido o maior arauto da Doutrina. A ela se deve a divulgação das obras de Kardec e Roustaing e numerosas outras de caracter científico, moral e filosófico.

Brasil coração do mundo, nós te saudamos e queremos, como se nossa pátria fosses ! Acalenta esses obreiros com teu sol amigo e continua a ser a Pátria do Evangelho !

Uma Fase Perigosa da Humanidade

por Ernesto Moog
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Santiago do Chile)

(Tradução de I. D. S.)

I

Actualmente, notamos extraordinária actividade nos vastos sectores espiritualistas do nosso planeta e ao mesmo tempo agitação progressiva entre os homens alheios a esses sectores e quiséramos demonstrar que isto é consequência, reflexo e entre-cruzamento de não menos intensa actividade que agita o mundo espiritual nestes momentos históricos da evolução humana, de singular gravidade, em virtude do ciclo perigoso que os homens de hoje devem afrontar.

Porque é indubitável que o instante presente marca uma das épocas mais significativas e transcendentes da raça humana; e, perante os acontecimentos que se precipitam, tudo se encontra agitado e enorme inquietação percorre o mundo inteiro, acumulando-se por toda a parte os sinais demonstrativos de que nos achamos em vésperas de tempos novos, tempos difinitivos que decidirão o destino do homem como unidade espiritual em ascenso e o destino da humanidade como conjunto solidário de seres que procuram elevar-se às supremas esferas da consciência universal, ou que talvez experimentem retrocesso ou detenção trágica na sua evolução.

Para compreender a importância destas afirmações, que poderiam aparentar exagero, não devemos esquecer que, pela primeira vez na história conhecida da humanidade, esta se encontra inteiramente empolgada pela marcha dos acontecimentos. É no conjunto global do planeta que agora repercutem decisivamente os desejos, pensamentos e decisões dos homens e nele incidem as influências e os bons ou maus impulsos espirituais, que em constantes e reforçados vagalhões chegam dos planos invisíveis até à psique e à mente dos seres humanos de todas as latitudes. Isto produz um alinhamento total dos indivíduos deste mundo num ou noutro sector da gigantesca contenda humano-espiritual em marcha. Antes, era a Europa e um pouco da América, Ásia, África e Oceânia, que actuavam e respondiam às intenções humanas e espirituais e parcialmente derimiam o combate entre as forças do bem e do mal, embora as repercussões da luta fossem mundiais. Mas, até o último e recente grande encontro, sempre houve continentes inteiros que escaparam ao sofrimeno e às obrigações directas da luta e milhões de homens viveram como simples espectadores, a coberto de todo o risco material ou moral. Hoje compreende-se muito claramente que tal não será possivel no futuro, e a humanidade inteira, quer na sua posição física total de nações e continentes, quer na sua absoluta responsabilidade moral e espiritual e no seu aspecto de solidariedade de espécie, há-de encarar os acontecimentos com mira em resultados terminantes: marcha triunfal com energias renovadas de amor e bem, ou estagnação ou retrocesso sob pesados grilhões visíveis e invisíveis.

Por fraco conhecimento que se tenha hoje das coisas da vida e do espírito, tudo leva a compreender através de mil acidentes que surgem em cada dia vivido e em cada acontecimento que oferece o cotidiano ou em cada meditação que nos mergulha nas entranhas da consciência, que existe algo muito poderoso e decisivo que está em gestação no próprio centro da vida psíquica da humanidade.

Por um lado, as forças ancestrais regressivas acaçapadas no inconsciente colectivo, no subsolo dos planos astrais, multiplicam seus esforços no sentido de desviar o rumo total dos seres humanos e querem lançar-se novamente sobre os homens em avanço destruidor de morte física e moral, de ruina material e espiritual. A poderosa energia atómica oscila aqui e ali; e a vontade dos homens, que hesitam em utilizá-la para sua própria aniquilação, marca um dos ritmos do impulsor dessas forças negativas. As ondas negras de ódio e negação lançam já suas vanguardas entre os homens divididos em mil disputas ineficazes, distraidos em pequenas misérias e egoismos, e essas ondas são contìnuamente alimentadas pelas paixões, receios e temores que separam os seres humanos.

Mas por outro lado, com novo impulso, os elevados seres que, mercê de puras vibrações de amor e compaixão, querem conduzir e elevar os seus irmãos menores da terra, procuram formar barreiras protectoras que de-

tenham o avanço dos despojados de luz e aumentam incessantemente o seu contacto com os homens, para lhes proporcionar a compreensão da vida espiritual e despertar neles a chama que queimará as impurezas de uma imperfeita evolução e lhes abrirá as rotas para a vitória moral, para o amor e para o serviço, únicas posições inconquistáveis pelas forças negativas.

É por isso que nos movimentos espiritualistas mundiais há grande efervescência que se traduz na grande preocupação de reunir todos os aderentes, a fim de os colocar na frente mundial do espírito ligado pela mais sólida fraternidade e compreensão, sob o signo da maior tolerância e harmonia e com o aspecto de avanço coordenado que deseja alcançar gigantesca influência espiritual, através de demonstrações do mais elevado critério científico, filosófico, religioso e moral, que hão-de abarcar todas as camadas sociais e chegarão aos mais recônditos arcanos das almas, que ainda se não encontraram a si mesmas.

E atrás dessa agitação espiritualista de tão manifesta realidade, se encontram as colectividades espiritualistas das esferas subtis, com chamamentos e impulsos de amor, compaixão e boa vontade, que desejam ver realizados pelos seres humanos.

II

Fundamentado o exposto nos últimos parágrafos, lembremo-nos de que o movimento espiritualista em geral, e o espirita em particular, no mundo inteiro, adquirem no actual momento dinamismo extraordinário

Depois do Congresso Pan-americano de Buenos Aires, reunião que constituiu magnífico expoente dos desejos de trabalho e organização do Espiritismo no Novo Continente, projectam-se novas reuniões internacionais do mais alto valor ideológico e prático. Assim, estão a lançar as bases para a reestrutura da Federação Espirita Internacional (agora com sede provisória em Londres), que agrupará o movimento espirita mundial numa forte Central inspirada em métodos modernos de acção e propaganda e que estenderá suas ramificações a todos os continentes. Tivemos dois Congressos Espiritualistas mundiais de grande valor unitário e conhecimento mútuo que dará sazonados frutos fraternais. Um Congresso para o Estudo da Reencarnação se realizou em Buenos Aires com êxito magnífico e dois Dias de Fraternidade Universal ali se prepararam com o concurso das agremiações espiritualistas dos mais variados matizes, cujas vontades e propósitos idealistas se uniram em anseios de amor e boa vontade que ainda perduram e se multiplicam, estendendo-se a todos os países. O Centenário Mundial do Espiritualismo Moderno a realizar de 4 a 25 de Julho do ano corrente nos Estados Unidos constituirá demonstração potente e extensa do que tem conseguido esse movimento num século de existência. Nos principais países americanos e europeus realizaram-se em Março muitas reuniões da mesma índole, em comemoração dos factos de Hydesville, que marcaram nova fase na evolução espiritual da humanidade.

E assim, numa e noutra parte da terra se sucedem as reuniões dos grupos espiritualistas, se criam projectos e se realizam ideias, destinados a consolidar as mais efectivas acções inspiradas na realidade do espírito, no desejo veemente de dar a conhecer a todos os homens a boa nova da existência perene da alma e seu glorioso destino, na ânsia de elevá-los aos mais altos cumes da evolução.

Os homens que ainda não adquiriram o conhecimento do espiritual e cuja vida está ligada às areias movediças da matéria, captam a seu modo e por afinidade psíquica a inquietação que emana do mundo espiritual e poucas vezes recebem a fervorosa comunicação dos seres luminosos e a energia orientadora, de amor e compaixão, que eles emitem. Ao lado destes, encontram-se homens com certas tendências e conhecimentos espirituais que, no fundo do seu ser, apreendem a fraternal vibração que lhes enviam os irmãos maiores e guias dos planos invisíveis, a qual chega quase sempre em relâmpagos fugaces, quando as almas se enchem de generosidade e tendência ao bem. Mas esses relâmpagos não conseguem penetrar nas espessas camadas de vibrações que sepultam em vida os numerosos seres que vivem para os sentidos e as ilusões do físico, cegos e surdos às vozes da alma e suas radiantes cintilações. Estes últimos não conseguem realmente compreender a sua exacta situação no mundo, e o seu desequilíbrio é grande e penoso. Têm a vaga intuição de que, atrás dos acontecimentos materiais e objectivos de hoje, alguma coisa desconhecida e intrínseca acontece, e notam, sem o saber explicar, que os dias actuais não são vulgares para o homem. Todavia, por dificuldade de ligação com o espiritual, não conseguem assumir atitude

definida, na crise moral e social dos momentos presentes.

As mais raras interpretações atravessam o cérebro de indivíduos do nosso tempo; e, para alguns, esse indefinido e ameaçador que captam e que provém das forças negativas em acção que lhes dominam a vontade, significa uma espécie de ameaça torva e inquietante de grandes males que se avizinham. Isto leva milhões de seres à desesperada fuga de responsabilidades e a refugiarem-se em formas frívolas e perniciosas de distracção ou em subservientes maquinações de negócios ou de política.

E, deste modo, em todos os sectores do pensamento e em todos os níveis de emoção humana se vê algo que se agita, sacode, move e obriga a definir posições. Para uns, estas posições são as do espírito; para outros, são as da matéria. Aqui se unem em grandes agremiações e congressos mundiais os que confiam na realidade da vida imortal, na força espiritual do ser humano, ali se dispersam os que não têm fé, nem esperança, nem compreendem o sentido da vida e carecem de orientação para a sua jornada terrena. Mas o perigo está cada vez mais próximo, o perigo é cada vez mais claro.

Nesta conformidade, os problemas humanos apresentam-se agora mais sérios e palpitantes do que nunca e exigem atenção efectiva e solução prática de que os espiritualistas não podem alhear-se, visto serem solidários com a humanidade, à qual pertencem inteiramente. Ante a perigosa fase que o homem defronta, o espiritualismo deve adoptar uma atitude imediata. É o que veremos em seguida, considerando como ponto básico de acção a luta pela Paz Mundial.

III

Seria absurda e insustentável pretensão afirmar que os espiritualistas que lutam de diferentes maneiras pela paz e fraternidade universal, contando com o dinamismo que agora desenvolvem, podem resolver os problemas da humanidade e conjurar os males da presente situação.

Mas é possivel sustentar que todos os espiritualistas, reunidos, fraternal e sòlidamente em escala mundial, podem impulsionar fortemente a opinião dos homens, ou seja a sua mente, e os seus sentimentos, ou seja o seu coração, e com isso prestar valioso apoio aos planos e tarefas das altas jerarquias espirituais que auxiliam a evolução humana.

Na impossibilidade de expor em pormenor o que, em nossa opinião, é urgente e imprescindível realizar para obter esse resultado, somos obrigados a resumi-lo em vários pontos que submetemos à consideração daqueles para quem o amor e a fraternidade humana, a paz e tranquilidade das almas, a sede de conhecimentos espirituais e progresso no bem e na justiça e a libertação de sofrimento e ódio ao semelhante, sejam um pouco mais do que meros desejos ou frios conceitos de propaganda:

1.º—A massa total dos espiritualistas, pondo de lado diferenças filosóficas e doutrinárias, deve realizar urgentemente, em cada nação, propaganda oral e escrita e actividades de toda a espécie, não com vista a intercâmbios de relações gerais, mas com o inquebrantável e único propósito de exercer os maiores esforços em benefício da Paz Mundial, reunindo nesta missão todos os ensinamentos.

2.º—A massa total dos espiritualistas, deve unir-se em cada país para consolidar a acção e mostrar uma gigantesca e coordenada marcha das forças espirituais do planeta sobre as forças materiais do egoismo, do ódio e da dominação, através de gestos de amor, abnegação e fraternidade.

3.º — Um trabalho mundial de concentração, de concentração de forças mentais de todos os espiritualistas, segundo planos de acção estudados, para que as ondas de energia do desejo de paz e boa vontade entre os homens desloquem a força mental dos que desejam a destruição e a miséria, anulando as suas vibrações de ódio e separação.

4.º — Uma vontade decidida de bem individual e colectivo dos espiritualistas opondo-se a cada demonstração hostil das avançadas negativas; vontade que deve exteriorizar-se em acções pessoais (aperfeiçoamento moral e espiritual de cada indivíduo, firmemente desejado e mantido) e de grupos (competências fraternais de realizações de propaganda ou determinadas acções em benefício dos semelhantes), tendo sempre em mira a Paz Mundial.

Um movimento colectivo deste género não poderá deixar de influir profundamente na mentalidade contemporânea e far-se-á sentir nos governantes de todos os países, os quais captarão esses desejos de paz e a firme decisão dos homens de se manterem unidos fraternalmente, sem novas demonstrações de ódio e destruição violenta.

O exposto poderá parecer utópico a mui-

tos espiritualistas, os quais julgarão que não será possivel obter agora o que não se conseguiu em decénios anteriores, durante as grandes catástrofes suportadas pacientemente pela humanidade. Mas, ante a consciência de todos eles, imperativo dever moral obriga a apresentar a seguinte disjuntiva: Deveremos cruzar os braços, quando a humanidade se encontra perante a mais perigosa fase da sua evolução, permanecendo cada sector espiritualista na sua torre de marfim, egoìsticamente curvado sobre as doutrinas que pregam amor e fraternidade, ou deveremos fazer alguma coisa, intentar algum esforço, por utópico que pareça, no sentido de deter a catástrofe que se apróxima?... Deveremos deixar que as forças ancestrais fiquem novamente em completa liberdade e que suas ondas de baixas paixões, egoismos aniquiladores e sinistras intenções de mal circulem livremente nas psiques indefesas de milhões de homens, infiltrando-se na sua mente e na sua vontade, para as dominar, ou será nossa obrigação resistir a essas forças, apoiando-nos nas energias potentes que em caudais se encontram à nossa disposição nos planos espirituais, onde os nossos guias, instrutores e mestres realizam os maiores esforços para levar o homem a vencer essa tremenda prova?... Queremos, na realidade, o bem, a justiça, a paz e a fraternidade e, por isso mesmo, devemos poder lutar contra elas, ou tudo o que expomos pela palavra e pela pena não passa de cantiga?...

Para a acção que devemos realizar é absolutamente indispensável a unidade total do espiritualismo. No sector espirita, movimento que já atingiu cem anos de lutas gloriosas, sacrifícios, penúrias e também retumbantes vitórias e esplendorosas realizações em prol da humanidade e da paz entre os homens, alguém há-de tomar a iniciativa para que essa unidade comece a efectivar-se. Os tempos mudam ràpidamente e tudo se congrega para tornar viável essa unidade, visto que todos a desejam, por compreenderem que nela reside poderoso factor de auxílio à humanidade e de tranquilidade para todos. Esperamos, pois, confiadamente, no resultado deste grito. Entretanto, desejamos Paz a todos os homens de boa vontade.

Jamais ouvi dizer que um homem tortuoso na sua conduta houvesse concorrido para que os outros homens fossem direitos e sinceros.

Meng Tsen

Livros nossos Amigos

Deus na Natureza

por *Camille Flammarion*

Obra admirável de análise e combate aos negadores de Deus e da Alma, demonstra a imortalidade da vida em todos os planos da Criação.

Brochado — 28$00 *Encadernado 36$00*

★

O Fim do Mundo

por *Camille Flammarion*

1.ª Parte — A ameaça celeste. O cometa; Como acabará o mundo; O concílio do Vaticano; A crença no fim do mundo; O choque.

2.ª parte — Etapas futuras; As metamorfoses; O apogeu; O último dia; Após o fim do mundo terrestre.

Brochado — 18$00 *Encadernado 26$00*

★

Há homens que juntam bens com tanta avidez como se tivessem de ser eternos; e outros que gastam com tanta rapidez, como se tivessem de morrer amanhã.

★

A Verdade Espiritualista

por *C. Picone Chiodo*

Criminalista eminente e advogado nos tribunais de Milão, o autor demonstra que só a verdade espiritualista pode salvar o género humano. O livro faz referência aos principais fenómenos mediúnicos.

Brochado 10$00 *Encadernado 17$00*

★

Animismo e Espiritismo

pelo *Prof. Ernesto Bozzano*

A mais cerrada argumentação de um professor universitário, provando a verdade da sobrevivência da alma humana com os métodos usados pela ciência positiva.

Brochado 22$00 *Encadernado 30$00*

★

O Espiritismo à Luz dos Factos

pelo Dr. Carlos Imbassahy

Incisiva argumentação contra os que atacam a parte científica do Espiritismo. Demonstração da realidade do Espiritismo perante os factos que o atestam.

Brochado — 22$00 *Encadernado 30$00*

★

Num dicionário filosófico de autor ignorado:
Carrasco — *Empresário de mortes repentinas.*
Bolsa — *Pequeno saco onde se guarda o dinheiro; grande estabelecimento onde ele se perde.*

★

O Trabalho dos Mortos

pelo *Dr. Nogueira de Faria*

Farta documentação de extraordinários fenómenos de materialização através da fotografia e do testemunho irrevogável de homens ilustres e médicos abalizados.

Encadernado — 45$00

Ab./48

MÉDIUNS E MEDIADORES

pelo Coronel Faure da Rosa

Todas as pessoas são, mais ou menos, sensitivas e com mais ou menos facilidade dominadas pelo magnetismo pessoal e pela influência mental activa daqueles com quem convivem.

Dum modo geral, a maioria das pessoas pode ser classificada em três grupos (1): *Positivo,* isto é, constituído por indivíduos activos que exercem influência dominadora em outros; *Negativo,* constituido por indivíduos passivos que estão sujeitos a serem dominados e movidos por outros. O terceiro grupo é formado por uma classe intermediária onde cabem aqueles que umas vezes pertencem ao grupo positivo em relação a certas pessoas e, outras vezes, agrupam no negativo em relação a outras, ou variam entre o positivo e o negativo consoante a variabilidade das suas condições físicas e mentais.

A sensibilidade ou capacidade mediúnica é uma faculdade vulgar, diferindo apenas na gradação como qualquer outra; por exemplo: como o sentido da vista ou do ouvido, qualquer deles mais apurado nuns indivíduos do que em outros, podendo até desaparecer, dadas certas circunstâncias.

Conforme a descrição feita por um desencarnado — através duma mediunidade notável e com a assistência dum escritor americano — um médium é, em regra, generoso e impulsivo, violento e independente, bom amigo e bondoso, e, ao mesmo tempo, muito sensível à crítica indelicada, além de fàcilmente se sentir lisonjeado com os louvores. Não é malicioso nem assaltado por pensamentos de vingança; dotado de grande vivacidade e de bom humor, a sua conversação interessa e a sua companhia é apetecida.

QUE É UM MÉDIUM ?

Um médium pode ser definido como uma pessoa constitucionalmente sensitiva ou acessível a «influências», que responde mais ou menos prontamente a pensamentos dominantes, a «sugestões», mercê dos impulsos imperativos do seu psiquismo ou da acção magnética nele exercida, ou que, espontâneamente, gera aura, magnetismo, psicoplasma ou força psíquica, os quais podem ser utilizados pelos espíritos comunicantes para produzirem e exteriorizarem manifestações conhecidas sob a designação de «fenómenos físicos». Os espíritos não podem fabricar energia para a produção destes fenómenos; por tal motivo têm de se socorrer do médium e este, por sua vez e quando possível, revigora a energia própria atraindo a si a força psíquica dos assistentes.

As mediunidades são diversas. A afirmação que algumas vezes se faz de que «cada pessoa é médium», não é exacta. Todos têm mediunidade, decerto, mas raros são «médiuns». Cada pessoa é um espírito; por consequência cada pessoa é dotada de qualidades que podem ser cultivadas e exercidas, com mais ou menos resultado, em uma ou outra das muitas fases da mediunidade.

Isto, com certeza, significa que não há, apenas, «diversas mediunidades», mas graus diferentes de capacidade mediúnica. Quem aspirar ao exercício da mediunidade fará bem em o lembrar a si mesmo e em meditar a familiar e expressiva frase: «muitos são chamados, mas poucos são escolhidos», ou, por outras palavras: muitos são sensitivos, mas poucos possuem as qualidades físico-psíquicas, mentais e espirituais para se tornarem notáveis em determinada directriz.

O sistema nervoso do médium, seja qual for a mediunidade, tem de ser educado para corresponder à vontade e à força psíquica do espírito-guia, do mesmo modo que os músculos dum músico ou doutro artista; a prática aperfeiçoa-o, quer num quer noutro caso.

Desde que a mediunidade é uma qualidade estritamente natural, dependendo, portanto, da aptidão natural de cada um, há nas suas manifestações tanta prova de poder sobre-humano ou de «dom» especial, tanta segurança de pureza moral ou de valor intelectual, como na exibição dum músico ou de qualquer artista pode haver provas de alta inteligência ou de alta moral.

O verdadeiro e valioso «dom» é puramente espiritual; só deve ser usado com propósito espiritual e não com intento de auferir vantagens mercantis, de satisfazer curiosidades ou quaisquer outros fins menos dignos.

As manifestações do Mundo Invisível não nos aparecem no estado natural, na sua pureza de origem. Para se tornarem perceptíveis aos nossos sentidos, necessitam dum vestuário de empréstimo confeccionado com energias imponderáveis, vestuário que mascara a sua verdadeira fisionomia. Esse traje de empréstimo é o médium.

MÉDIUNS FRAUDADORES

Fala-se constantemente em médiuns fraudadores. É certo que há charlatães no Espiritismo como os

(1) *«A Guide to Mediumship and Psychical Unfoldment», by E. W. and M. H. Wallis.*

há em qualquer outra manifestação da actividade humana. Onde houver homens, é prudente admitir sempre a possibilidade do embuste. Os médiuns impostores são, talvez, mais numerosos que os médiuns sérios. Os médiuns profissionais, vêem-se, às vezes, forçados a fraudar quando sentem a mediunidade improdutiva: num impulso espontâneo de defesa, simulam manifestações supranormais para que a sua reputação se não desvalorize e a clientela não deixe de os consultar e... pagar.

Os falsos médiuns apanhados a fraudar são numerosos; todos ou quase todos acabam por ser desmascarados. É, porém, notável o engenho que alguns têm empregado para ludibriar o público, como, por exemplo, aconteceu com o célebre pseudo-médium Erto, cujas trapaças, de rara subtileza e audácia, foram descobertas no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris pelo Dr. Gustave Geley.

A grande médium Eusápia Paladino fraudou. A médium polaca Stanislawa Popielsko foi apanhada a trapacear no mesmo Instituto, trapaça que aparece escancarada numa fotografia obtida por meio de célula foto-eléctrica e outros dispositivos, cuja existência ela ignorava.

Mas os casos fraudulentos não invalidam os verdadeiros, bem controlados e identificados.

A fraude consciente é um crime repugnante, duma torpeza inqualificável: o médium que a pratica, cedo ou tarde terá de suportar as dolorosas sanções correspondentes à gravidade dos actos cometidos. Mas da fraude inconsciente, isto é, da fraude que o espírito comunicante maldoso obrigue o médium a praticar, não tem ele a menor culpa. Porque a morte, quer dizer a passagem desta vida para a outra, não redime vícios ou quaisquer outros defeitos adquiridos na vida terrena. Aquele que foi farsante na Terra, sê-lo-á por muito tempo no Além. O desencarnado muda de meio, mas não, desde logo, de mentalidade, de concepções, de anseios; e desde que lhe seja permitido comunicar com aqueles que ficaram na Terra, só lhes pode dizer o que crê acerca das suas próprias ideias e opiniões.

É de importância capital para o desenvolvimento de qualquer experiência do psiquismo humano que o director dos trabalhos não se dê ares de «juiz de instrução» ao interrogar o médium, mostrando, assim, desconfiança, opinião preconcebida. Tal atitude prejudica a produção de fenómenos. Um médium leal intervém tanto na substância das mensagens que nos transmite, como o telegrafista interfere nos telegramas que regista, o que significa — com certeza — que qualquer coisa transparece da personalidade do médium e do telegrafista.

Não será fora de propósito acrescentar que às vezes a fraude mediúnica é devida ao rigor exagerado da investigação. O médium necessita de assistência leal e profícua para obter bons fenómenos.

A FÉ DOGMÁTICA E AS CONVENIÊNCIAS PESSOAIS

A fé mística, a que abdica do raciocínio mais elementar, a crêndice, não é menos nociva. A fé mística nunca precisou de argumentos: ri-se dos obstáculos, salta todas as barreiras e desconhece até a própria evidência.

Esta crise de ascetismo não tem dado nenhum resultado. A solução do problema não está em dominar, em procurar impedir a satisfação das necessidades prementes, irresistíveis, — mas em conceber ou adoptar uma doutrina em que o espírito e a carne se utilizem recìprocamente, se empreguem como irmãos, em que cada um deles seja perante o outro um servidor humilde e dedicado. Essa doutrina é a do Espiritismo que nos impõe o cumprimento das leis naturais — que são leis de Deus — dentro dos preceitos da moral cristã, cuja essência já fora pregada por Confucius e por Buda.

O desarranjo psicológico que se nota em muitos espíritas, não é um fenómeno particular do Espiritismo: é o produto do misticismo, da fé cega. É a triste consequência do despreso das leis rígidas da observação e experimentação que devem presidir a toda a indagação desinteressada.

Nós bem sabemos que há, infelizmente, muitos espíritas — ou melhor, que se dizem sê-lo — que procuram mobilizar o Invisível em serviço dos seus interesses materiais. Há criatura que pergunta o número em que há-de sair a sorte grande; há jovens, e até «maduros», de ambos os sexos, que solicitam a colaboração do Além para determinados negócios, a maior parte das vezes para os seus amores carnais. Daí o uso frequente de consultas a bruxas, cartomantes, quiromantes e... quejandas *mulheres de virtude*, algumas das quais fazem pagar por bom preço as trapalhadas que metem na cabeça dos consulentes.

ESTE MUNDO E O OUTRO

É uma aberração — julgo eu— conceber a vida futura pelo modelo da nossa neste pobre mundo cheio de misérias por onde transitamos, onde apenas estamos de passagem...

No Além, por certo, os seres vivem em meios etéreos, meios onde as vibrações devem transmitir-se com inconcebível rapidez, como podemos ajuizar pela transmissão da luz e da electricidade. Os corpos desses seres, de natureza etérea, devem poder mover-se com a rapidez do pensamento.

Vê-se, pois, que nós necessitamos dum corpo especial para nos adaptarmos ao novo meio que vem a ser o perispírito, *fac-simile* do corpo físico. Esta concepção permite-nos compreender que os desencarnados nos possam ver sem que a reciproca seja verdadeira. Os desencarnados não percebem a maté-

ria, mas vêem o corpo etéreo de cada um de nós, embora ensombrado. Também nos permite compreender algumas das dificuldades em o novo mundo comunicar com o Além. Ao deixarmos o nosso corpo terrestre, só podemos ter consciência do mundo físico pelas recordações que levamos no perispírito. Quando um desencarnado quer e lhe é consentido comunicar conosco, só o pode conseguir utilizando um vestuário de empréstimo: um médium, com o qual tem de estabelecer e manter a «relação psíquica». Daí a obnubilação da consciência supranormal do desencarnado, talvez mesmo o seu desaparecimento enquanto se servir desse vestuário. É por este motivo que os espíritos comunicantes se apresentam, quase sempre, com o ar de doentes em delírio.

O habitante do Além que comunica com os viventes da Terra, deixou de estar no seu meio. Portanto, julgar a vida do Além por tais comunicações, seria imitar um peixe que, tendo visto um mergulhador no mundo das águas, quisesse conceber a vida dos homens na Terra pelos actos praticados por esse mergulhador.

Nós não podemos, antes de ultrapassar as balizas da vida terrena, penetrar na mansão dos mortos; por seu lado, os desencarnados também não podem voltar completamente ao mundo físico.

A filosofia espírita ensina que há em cada indivíduo, por detrás duma personalidade mais fictícia do que real, uma individualidade profunda, imortal, que resiste ao choque da morte. Esta individualidade não é idêntica — como se tem pretendido — à do «morto psicológico» ou a uma «memória inconsciente». Semelhantes frases são verdadeiras contradições, porque há tanto «morto psicológico» como morto biológico, e uma «memória inconsciente» faz tanto sentido como uma *imobilidade errática*, um *frio quente* ou uma *humidade seca*.

Nem o nosso eu subliminal se extingue, nem se integra na denominada «Memória Cósmica» — a «Consciência Universal». Há em cada ser o que quer que seja de irredutível, uma espécie de pigmentação psicológica que o distingue dos outros seres, que faz com que seja ele próprio e não outro qualquer.

★

Todo o espírita deve estar precavido contra as arremetidas dos adversários. Ainda não há muitos meses que um pregador — por ignorância ou má-fé — se permitiu, numa das emissoras de Lisboa, afirmar que Espiritismo e bruxedo era tudo a mesma coisa!

Jean Meyer, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, foi apontado à execração pública como um explorador do Espiritismo e dos espíritas, exploração que — segundo os caluniadores — lhe teria rendido uns 70 milhões de francos. Mas, quando Jean Meyer morreu — em 1931 — e os filhos intentaram um processo ao ex-secretário, a quem ele deixara a administração da maior parte da sua enorme fortuna para ser aplicada em obras espíritas, os mesmos caluniadores citavam este caso como exemplo de vítimas dos espíritas: a sua fortuna tornara-se presa dum aventureiro do Espiritismo. Jean Meyer, de explorador, passou a explorado.

São deste jaez os acusadores dos espíritas.

As Nossas Edições

Leiam as edições de Estudos Psíquicos Editora!

NOS UMBRAIS DO ALÉM, por Sir William Barrett, professor de física na Universidade de Dublin.

Análise científica dos fenómenos do Espiritismo, em 302 páginas de observação e ensinamento. O autor esgota o assunto, tal o vigor da investigação, que chega a ser exaustiva. Nenhum estudioso deve deixar de ler este livro. Edição quase esgotada.

Brochado, 25$00 — Encadernado, 35$00

LUZ NO CAMINHO, por Isidoro Duarte Santos — *347 páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. A moral espírita em todo o seu esplendor! Obra cheia de problemas morais, dá verdadeiro consolo aos que sofrem o peso da injustiça e alegra e fortalece os desiludidos da vida e do mundo. Já salvou algumas pessoas e outras salvará ainda.*

Brochado, 27$50 — Encadernado, 37$50

CIENTISMO E ESPIRITISMO, pelo pelo *Professor Leopoldo Machado, um dos melhores propagandistas do Espiritismo brasileiro, animador e orientador de perto de 200 Juventudes Espíritas Organizadas. Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo, estuda e critica a psicanálise, a maior aberração científica deste século. Obra para estudiosos, escrita em linguagem sugestiva.*

Brochado — 18$00

METAFÍSICA

CONFISSÃO

por Ramos Pereira

Dum evolucionismo monista, induzo a essência necessária para a compreensão da existência de que faço parte. Do facto de a sentir e conhecer a minha incapacidade para totalmente a compreender, não posso concluir nem por uma atitude de mera espectativa nem por outra (não menos cómoda...) de pura adoração. Se eu assim pensasse, estava imiscuindo no meu próprio pensamento a refutação da ideia que encontrara. Com efeito, se eu me deixasse arrastar para a inércia duma espera indefinida ou duma adoração indeterminada era porque na minha vida não encontrava outra finalidade. Daqui a supor que Deus me criara — a mim, ser consciente no caminho da libertação espiritual — para que o adorasse ou o esperasse sem o procurar, era um passo bem curto.

Mas a finalidade deve ser outra, totalmente diferente desta. Nem como finalidade imediata a posso tomar. Essa está impressa na minha natureza de ser existencial, parcialmente consciente de si próprio: — evoluir... transformar-me, ganhar o máximo de essência pela compreensão da existência que se estende diante dos meus olhos, sentir e realizar a positividade dos valores até ao desideratum de sentir valor e ser na mesma unidade com a ideia que me transcende.

Eu sinto-me dependente desse ser, sinto que tenho nele o fundamento da minha existência, sinto que está nele a minha finalidade de ser e a minha última realização, mas sinto também que tenho de o procurar insistentemente em mim e no que me rodeia, que tenho de o despertar em mim, que tenho de o buscar porque é ele quem espera para lá do espaço onde existo ou vivo e do tempo que inexoràvelmente mede o meu movimento para ele.

Da metafísica, eu tiro um sentimento de religiosidade que se a princípio é tão só a passividade de sentir, é depois a actividade de um querer-pensar. É um sentimento-força. Vendo-me dependente, eu quero conhecer o Senhor, quero libertar-me das cadeias que pesam nos meus pulsos para me erguer a olhá-lO e senti-lO como hoje nem imagino sequer.

Audácia ? Sim. Heresia, revolta ? Não. Se aceito a existência que se me oferece, procuro compreendê-la o mais longe possivel, sem porém cair num absurdo fatalismo de desastrosas consequências. Eu quero compreendê-lO e sei que os limites em que me debato são demasiado apertados. Mas por isso devo abster-me de pensar sobre aquele que me criou, de pensar na Lei que é a sua vontade e que só por aparência ilusória (resultante da minha imperfeição) se me pode apresentar imperfeita ? Muitos responderão com um cagórico sim, argumentando com as minhas próprias palavras que chamam de verdade humana (relativas pois) o pensamento que se exteriorizou. Eu quis com ele assentar a minha pedra, porque não saberei nunca responder com um não à interrogação bolsada atrás

Erro ? Onde, como e porquê ? Mostrem-mo para que não volte a cair nele. Se não erro...

Defeito de princípio, de estrutura mental ? Mas eu sou como sou e não como os outros querem. Haverá alguém que deseje ser segundo a minha vontade e não segundo a própria ? Se há... eu tenho piedade desse alguém porque abdica perante um ser tão contingente como ele.

Sobre o meu sentir-religiosidade — eu não assento o travejamento rígido de regras a que depois chame religião, porque rigidez, estatismo são a negação da minha própria natureza. Tomando a ideia que o termo religião exprime (na sua origem que não no sentido tradicional ou ainda actual do mesmo), a melhor forma de me religar à essência é existi-la melhor, é viver em exaustão, é tirar de cada momento o máximo de experiência espiritual, é fazer a cada passo o exame do que passou.

Existir-viver por forma a realizar a minha finalidade imediata eis a essência da verdadeira religião. Negação de símbolos por desnecessários? Refutação de liturgias por obsoletas ? Sim, mas sempre enquanto a mim. Outros existirão que assim não pensem e sintam. Assim como não posso ombrear com eles, não julgo que eles possam, por um passo de mágica, vir ter comigo olhar a presença de Deus na complexidade tão simples do cosmos in-

finitamente grande e na simplicidade tão confusa do eu infinitamente pequeno. Desejar tal, seria supor... a possibilidade actual de igualação dos homens!

Lançarei fora também o recurso da «prece»?

Orar é reconhecer a relatividade humana, a sua fraqueza e dependência perante a Ideia-Mater, o Ser-Criador. Orar é voar numa exteriorização emocional, buscando aquele que espera na consumação dos séculos. Orar é abrir a alma para que ela se infunda na totalidade psiquica da criação, para que nela se infunda a graça de um reflexo vindo da essência. Orar é um corolário de viver.

Existindo de vivência em vivência, eu sofro não só a angústia do condicionalismo que me tolhe como o desespero de resvalar em erros que deixam traços fundos e amargos. Eu sofro porque vivo, mas se não sofresse era porque não aprendera ainda a viver. Daqui o eu considerar a dor como necessária e suficiente à minha existência de ser em progressão.

Mas a dor acomete-nos sob as mais diversas formas e sob os mais diversos ângulos. Ela revolve as profundas camadas do ser, chamando para um ponto a totalidade do mesmo. O espírito fecha-se em si mesmo, vai caindo e tentando segurar-se nas arestas agudas das fauces do abismo. Ai do que grita e não soluça! Ai do que olha para baixo em vez de buscar a razão em si mesmo! Ai do que vocifera e não... ora!

A prece é a fuga do abismo onde a dor pode arremessar o homem que desconhece a sua natureza espiritual e o seu destino. A prece é a exteriorização plena do sentir da religiosidade.

Que posição ocupo neste mundo que sou forçado a viver, do qual não posso fugir porque a ele me obrigo pelo poder duma Lei que me domina e que não poderei jámais controlar? A posição do escravo? Será licito chamar de escravo aquele que possui em si um *senhor*, ainda que potencial? A minha posição real é a de um discípulo que lentamente, à medida que pode, vai bramindo no livro da existência a força que o fará mestre. Para isso foi criado? Sim, eu penso assim e ressalvo: — a afirmativa não implica o «só para isso».

Duplo de carne e espírito, tenho de obedecer ao imperativo categórico da matéria sem que nessa obediciência absorva o meu espírito; tenho antes que, nela, experimentar o meu espírito a um auto-domínio. Neste obedecer está pressuposto que o aceitar da ordem é livre. Posso recusar? Sim, da mesma forma porque a aceitarei. Se eu inverter a ordem dos valores que me sucederá? Ser-me-ia fácil falar de penas infernais, de castigos e se não o faço... é porque os não concebo em termos de absoluto-eterno. Mas que sucederá então ao que sistemática, deliberadamente não obedecer à linha geral da evolução psíquica? Psicològicamente, erra; normalmente, peca; metafisicamente, não sei... como não sei o que sucederá ao que procurar cumprir...

Se eu pudesse responder, era Deus e não um homem, porque conhecia a última finalidade das coisas.

Humanamente falando, qual será preferível? A minha resposta é a da generalidade. A preferência por uma adesão ao lado positivo dos valores é do consenso universal. Falar agora de remorso e paz era repetir... e não resolver em última instância. Mostrar a minha convicção de que todos acabarão por aceitar a Lei? Em que fundá-la? É mais honesto vincar a minha ignorância. Não sei, espero saber, caminhando a olhar em todos os sentidos, buscando a Verdade.

O Espiritismo em Campinas

Realizou-se em 31 de Março último na cidade paulista de Campinas um grandioso festival de homenagem ao 1.º Centenário dos Fenómenos de Hydesville. Sob o patrocínio de entidades e dirigentes do Espiritismo local e a orientação de Servílio Marrone e Gustavo Mascondes, o *Teatro Municipal*, onde se realizou a festividade, esteve literalmente cheio, notando-se elementos de relevo de todas as classes sociais.

A Conferência da noite esteve a cargo do confrade Dr. Argemiro de Toledo Acayaba, Juiz de Direito em Campinas, que desenvolveu brilhantes conceitos sobre tema central.

A 2.ª parte constou de seleccionado programa artístico, confiado à Ex.ma Professora Elifas Chinellato Mila, notável soprano lírico, que cantou os seguintes trechos, acompanhada por uma orquestra de 15 figuras, sob a regência do maestro Bove:

«Que sabe?», de Carlos Gomes; «Torna Amore», de Buzzi Pescia; «Guarany — C'era una volta un principe», de Carlos Gomes; «Traviata — A Grande Ária «Sempre Libera», de Verdi.

Conferente e soprano foram muito aplaudidos. Foi uma noite inesquecível, em que o saber e a arte se aliaram nesta homenagem.

VICENTE NETO

1.° Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil

No nosso número de Fevereiro aludimos ao auspicioso movimento das Juventudes Espiritas Brasileiras, impulsionadas e orientadas pelo Professor Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, e autor do livro «Cientismo e Espiritismo», que acaba de ser publicado por *Estudos Psíquicos Editora*. Agora, novas informações podemos dar, mercê da dedicação e boa vontade de Leopoldo Machado, Deolindo Amorim e J. B. Chagas, que nos forneceram os elementos destinados à reportagem que segue.

Esta ideia em marcha partiu do Dr. Campos Vergal, um dos mais brilhantes membros da representação de S. Paulo na Câmara Federal. Orador incisivo e claro, foi deputado paulista e hoje pertence ao Congresso Nacional, tendo defendido corajosamente a liberdade de crença na última Assembleia Constituinte Brasileira. Homem desassombrado e convicto, não teve dúvida de se declarar espirita em pleno parlamento, coisa que muitos, decerto, não fariam.

Dissemos que a *Sociedade de Medicina e Espiritismo*, da Capital Federal, oferecera a sua sede para as reuniões do Congresso, à Avenida Rio Branco, 4, 15.° andar, Edifício Internacional. Agora, acrescentamos novos pormenores.

A Comissão Patrocinadora é composta pelos seguintes membros:

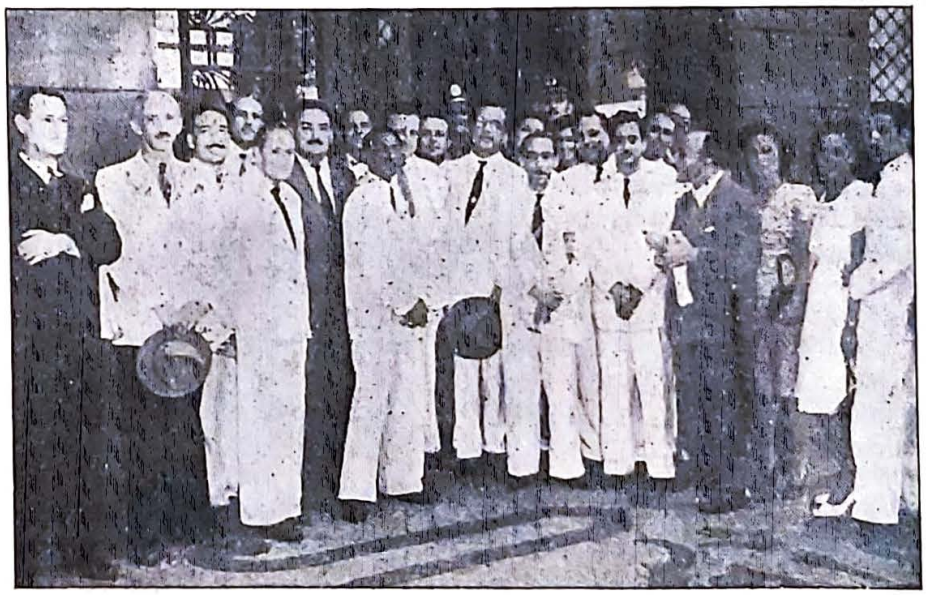
Presidente—Coronel Delfino Ferreira; *Secretário Geral* — Professor Leopoldo Machado, escritor e jornalista; *1.° Secretário* — J. B. Chagas, militar e jornalista; 2.° *Secretário* — Olivio Novais, jornalista; *Tesoureiro* — J. A. Oliveira, contador.

Além desta comissão, foram eleitas as seguintes sub-comissões:

Sub-Comissão de Propaganda e Imprensa—Abstal da Silva Loureiro, Deolindo Amorim e Dr. Amadeu Santos.

Sub-Comissão de Recepção e Hospedagem — Jacques Aboab, Daniel Rodrigues, Rodrigo Rodrigues de Oliveira, D. Ernestina Santos, D. Alda Pinto e Eduarda de Oliveira.

Sub-Comissão de Execução e Propaganda — Dr. Lins de Vasconcelos, Capitão Daniel Cristóvão e Prof. Nilton Gonçalves de Barros.



Elementos da Comissão Patrocinadora do 1.° Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil. Da esquerda para a direita: Deputado Campos Vergal, Dr. Moreira Guimarães, J. A. Oliveira, Olivio Novais, Nelson de Azevedo, prof. França e Silva, Deolindo Amorim, prof. Leopoldo Machado, Atlas de Castro, Dr. Amadeu Santos, Geraldo de Aquino, Capitão Daniel Cristovão e outros

Sub-Cmossão Julgadora dos Estudos — Coronel Delfino Ferreira, Dr. J. C. Moreira Guimarães, Dr. Carlos Imbassahy, Aurélio Valente, Aurino Souto e Dr. Lauro Sales.

O Congresso realizar-se-á no Rio de Janeiro, de 18 a 25 de Julho do corrente ano e cada *Mocidade* enviará uma representação autorizada, que será hospedada, sem encargo para as comissões promotoras do certame. As despesas de viagem serão custeadas pelas *Mocidades Espiritas*, que para isso realizarão festivais artísticos, teatrais e doutrinários, devidamente pagos.

Serão apresentados estudos para 20 ou 25 minutos, em vez de teses maçudas, os quais serão apreciados

por uma comissão de jovens e os melhores serão lidos por seus autores, em reuniões festivas. Além disso, os estudos classificados formarão um volume a editar, em benefício das *Mocidades* ou *Juventudes Espiritas* que tomem parte no Congresso.

★

As reuniões preparatórias decorrem animadíssimas no Edifício Internacional. Dão bem a ideia do que será o certame. O entusiasmo é enorme, dir-se-ia que se está já em pleno funcionamento do Congresso.

Assim, não admira que cheguem diàriamente adesões dos movimentos juvenis mais importantes, desde Belém do Pará a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em toda a parte onde há *Mocidades Espiritas Organizadas*, dispostas a lutar pelo triunfo do empreendimento. Já há mais de cem jovens representanestes que vão tomar parte no Congresso. Por isto e ainda por outros aspectos inéditos que a seu tempo revelaremos, o *1.º Congresso de Mocidade Espiritas do Brasil* marcará uma época no movimento espirita brasileiro e do mundo.

★

As finalidades do Congresso são as seguintes:

1.º — Aproximar cristãmente os espiritas para cimentar amizades puras e sinceras que desafiarão o tempo e o espaço.

2.º — Estimular os moços e as *Mocidades Espiritas* a produzir mais e melhor, em seu próprio benefício e para mais intensa difusão da Doutrina.

3.º — Transmitir aos jovens consciência religiosa e preparo suficiente, para que possam substituir, futuramente e com vantagem, os actuais mentores na direcção do movimento espirita.

4.º — Despertar nos moços o gosto pelo estudo e pela arte de escrever e de falar, além de amor ao trabalho ordenado e construtivo.

5.º — Desenvolver nos moços o gosto e as tendências para a arte espiritualista, como elemento de educação e propaganda.

6.º — Estabelecer um plano de uniformidade de programas e de trabalho, para maior rendimento de serviço em benefício dos movimentos espiritas locais.

7.º — Criar um *Conselho Consultivo*, centralizador do movimento de *Mocidades Espiritas*, para orientar e dirigir moralmente, sem rigidez e ideias de adesão e filiação, o movimento juvenil do País.

8.º — Estudar as possibilidades de manutenção de um orgão de imprensa como porta-voz das *Mocidades Espiritas*.

★

De todas as reuniões preparatórias, a 5.ª foi, sem dúvida, uma das mais animadas e vibráteis. Presidiu o jovem José Augusto dos Santos, ladeado pelos seus companheiros da Comissão Organizadora e da Comissão Patrocinadora.

Do expediente constou a leitura de cartas e tele- um orgão de imprensa como porta-voz das *Mocidades Espiritas* de vários Estados, entre elas, de S. Luís do Maranhão, Nova-Friburgo, Belém do Pará, Macaé, Cruzeiro, Valparaiba, Barretos, Barbacena, Taubaté, Santos e Baurú, Três-Rios, Belo Horizonte, Campo Grande e Corumbá.

Fila para a assinatura do Livro de Presenças, à porta da Sociedade de Medicina e Espiritismo, *para a 3.ª secção preparatória do Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, Rio de Janeiro*

Foi distribuido o 1.º número de *A Voz do Congresso*, boletim mimeografado das reuniões preparatórias, como surpreza das mais agradáveis. Tanto que, por proposta de Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, a assembleia manifestou justificada simpatia aos confrades J. B. Chagas e António Paiva de Melo, que tiveram aquela lembrança. Este orgão sairá quinzenalmente, acompanhando o movimento das reuniões e cada número será patrocinado por uma instituição. O número distribuido era patrocinado pela *Confraternização Es-*

pirita Lar de Jesus. O próximo será patrocinado pela *Liga Espirita do Brasil.*

Por proposta de Olívio Novais, secundada por Leopoldo Machado e Amadeu Santos, observou-se um minuto de silêncio e de vibração de solidariedade cristã pelo Espírito de Cairbar Schutel, por ser aniversário da sua desencarnação. E por proposta de Daniel Cristóvão tomou-se igual medida, com uma prece por Gandi, tràgicamente assassinado.

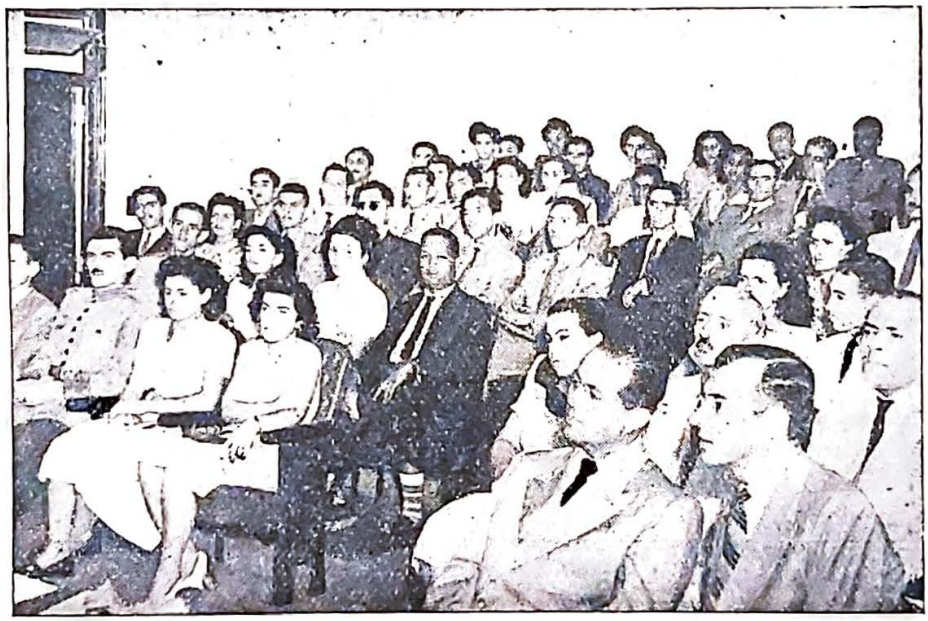
Em seguida, resolveu-se mandar executar as Carteiras dos Congressistas, estabelecer em cada reunião a leitura da «Página do Moço Congressista», distribuir entre os jovens *tests* e questões práticas acerca do Congresso. Resolveu-se também que o tema dos estudos-teses fosse distribuido por *Mocidades Espiritas* e que se criasse um livro para arquivo de recortes de jornais a respeito do certame, bem como a organização de um programa teatral após o Entrudo. Finalmente, confiou-se ao nosso patrício J. A. de Oliveira o serviço de programas radiofonicos no Rio de Janeiro e deliberou-se que as despesas de expediente destas reuniões fossem cobertas por cotas divididas igualmente entre as representações individuais ou colectivas.

Depois, falaram alguns confrades, jovens e «maduros»: Nelson Castilho, da *Mocidade União Kardecista,* declarando os seis lugares para Congressistas que já conseguiu; Daniel Cristóvão, comunicando que a «Congregação António de Paulo» oferece a sua bela sede para uma reunião do Congresso; Lins de Vasconcelos, que se faz portador da adesão de Josué Gonçalves à Comissão Patrocinadora. Nilo Silva e Irio Machado, ambos presentes, são inscritos na *Comissão Patrocinadora.*

Artur Lins de Vasconcelos disse que tinham assumido a direcção do semanário *Mundo Espirita,* o qual continua inteiramente à disposição do Congresso. Apela para que se trabalhe sempre em paz e concórdia, em nome do Cristo, como se tem feito até agora.

Leopoldo Machado lê trechos importantes de cartas que recebeu de Barretos e Baurú e que se relacionam com o Congresso. Falaram ainda noutros assuntos, no desejo de cooperação, os confrades J. B. Chagas, Amadeu Santos, senhorinha Olga Valadares, Lauro Sales e outros.

A reunião durou três, horas, deixando em todos a melhor impressão, a pesar do calor asfixiante.



Aspecto parcial da assistência à 3.ª reunião preparatória, na bela e confortável sede da Sociedade de Medicina e Espiritismo, *à Avenida Rio Branco, 4, 15.º andar, Rio de Janeiro*

★

Como dissemos, o Congresso está marcado para o mês de Julho, de 18 a 24, a não ser que o Congresso Nacional altere as férias escolares.

Este acontecimento surge na hora própria como imperativo de momento, como fonte de estímulo e incentivo para os núcleos juvenis existentes e para os que se formarem. Dará normas seguras, algumas delas já experimentadas com resultados admiráveis.

Nós gostamos de todos os movimentos juvenis, principalmente quando norteados por ideias espiritualistas. A alegria folgazã, o riso alacre, o entusiasmo ardente na realização de projectos grandiosos que objectivem união de almas afins, é coisa bela e contagiosa. Os novos da grande cruzada espirita podem contar conosco, porque novos nos sentimos também pelo espírito e pelo coração, porque compreendemos os seus anseios como se nossos fossem e fazemos questão de os ajudar na consolidação desta grande vitória.

Estudos Psíquicos é revista moderna de ideias modernas. Não combate o antigo que for bom, mas trabalha para ligar o passado útil ao futuro promissor, num desejo constante de aperfeiçoamento.

Queremos o Espiritismo sempre renovado, adaptado à ciência e à filosofia do presente. Nada de teias de aranha, nem caruncho de museu. Espiritismo de Vivos para vivos, dinamismo, alacridade, alegria de viver,

pois tudo está ligado indissolùvelmente na cadeia do Cosmos: os velhos de hoje são os jovens de ontem, como os novos hodiernos serão os velhos de amanhã. E nós voltaremos à terra noutra altura a veicular novas ideias, com outro entusiasmo e outro dinamismo, jovens de outro século ao serviço de doutrinas mais elevadas ou mais adequadas à época.

Sentimo-nos verdadeiramente empolgados com as notícias vindas do Brasil, no tocante à acção dessas falanges que marcham cantando, como enxames de abelhas que obedecem a ignorado instinto e se instalam no ambiente adequado às suas necessidades fundamentais.

As gravuras que acompanham esta notícia são bem elucidativas. No rosto dos congressistas transparece alegria esfusiante e esperança na vitória desta grande cruzada. A primeira gravura apresenta um pugilo de lutadores, em que se vêem Campos Vergal, Moreira Guimarães, Alves de Oliveira, Nelson de Azevedo, França e Silva, Deolindo Amorim, Leopoldo Machado, Amadeu Santos, Geraldo de Aquino e outros, todos em alegre convívio, à porta do Edifício Internacional. Ninguém poderá afirmar que este grupo não respira optimismo e certeza de vencer. Homens na força da vida, mas com grandes serviços prestados ao Espiritismo, preparam o caminho aos novos, guiam-lhes os passos, dão-lhes directrizes baseadas na experiência. E os novos seguem e confiam nos conselhos recebidos, de pendão erguido à conquista das almas, para que a obra prolifere e se engrandeça...

É consolador ver como tantas *Mocidades* acorrem à chamada, como tantas *mocidades* se organizam em ritmo acelerado para não faltarem ao certame. O frémito que as sacode, a luz que as orienta, a confiança que as fortalece, o entusiasmo que as impulsiona reside no fogo sagrado que suas almas alimentam, em esforço centrífugo. Na certeza plena de realidades irrefragáveis, essa mocidade caminha a passo firme e seguro para o seu alvo e nada lhe impedirá a marcha progressiva e triunfante.

Estudos Psíquicos acompanhará de perto esse Congresso maravilhoso, terá o maior prazer em divulgar as teses e resoluções dos jovens, na convicção de que algo de novo surgirá no panorama espirita brasileiro. Disponha de nós essa mocidade estudiosa e palpitante, colabore conosco, traga-nos as suas ideias e os seus anseios e todos juntos ficaremos mais fortes para defender a Doutrina, para ajudar a renovar os homens.

Venham, não tenham receio! Esta revista quer ser eternamente jovem, quer acompanhar a revolução moral e espiritual que se exerce no movimento espirita do mundo inteiro, quer servir de esteio a todas as empresas que procurem unir portugueses e brasileiros no mesmo amplexo fraterno e doutrinário, e para isso não se poupa a esforços de toda a espécie. Bem servir a Causa é o seu fim imediato, de todos os dias, de todas as horas, de todos os minutos. Por satisfeita se dará, se conseguir estimular e interessar alguém nestas modestas *reportagens*.

I. D. S.

Episódio Alucinante

A propósito da notícia que os jornais publicaram referente a certo rapaz que dançou com uma *alma do outro mundo* num salão portuense, lemos há pouco o mesmo episódio passado na cidade paulista de Santos e até se mencionava o número do coval onde foram encontrar a gabardine do feliz... comparsa.

Agora, a história vem da revista cinematográfica *Radiolândia*, em transcrição de *Constância*, de Buenos Aires (n.º 2739, de 16-11-946). Vamos inseri-la nestas colunas, para que os leitores façam o seu juizo acerca da maneira de fazer jornalismo em Portugal:

A lenda não podia estar alheia a isto. Assim como a poesia e a emoção. O protagonista foi um astro da nossa pantalha. Caso estranho, tocando o misterioso. No irreal, sem explicação possível, sem aclaração. Garcia Buhr, um dos protagonistas «humanos» — o outro não o era — explicou-o como pôde, relatando o papel que desempenhou sem o saber...

O leitor lembra-se, não é verdade? Uma noite viram num «cabaret» central o famoso astro a bailar com uma mulher ruiva, de pálida beleza e grande elegância. Um par assim, constituido por um dos intérpretes mais populares do cinema e uma jovem dama também digna de estrela cinematográfica, tinham de chamar a atenção. Quando Garcia Buhr se referiu àquela noite, disse:

— Eu não os conhecia. Mas bastou-me vê-la para me sentir atraído. Depois, bailámos e bebemos alguns copos. A sua voz era suave como a música. Era uma mulher cativante!

Longe estava, pois, de imaginar que a lenda que comoveria todo o país a tinha a ela como protagonista.

— Quando me disse que era hora de regressar a casa — continua — ofereci-me para acompanhá-la. Choviscava e dei-lhe o meu sobretudo, que lançou sobre os ombros. Ao chegar a casa — elegante residência de bairro aristocrático — prometi-lhe voltar no dia seguinte a buscar o agasalho. E assim fiz, sem notar que, a partir desse instante, eu cogitaria largo tempo no episódio, pensando se teria sido sonho ou realidade.

Garcia Buhr foi a casa da bela companheira a buscar o sobretudo. Uma serviçal abriu a porta. Ao perguntar pela jovem, cujo nome indicou, a mulher chamou os donos da casa, já idosos, a quem narrou o sucedido.

— Não pode ser... Não pode ser... É esta rapariga?

E mostraram uma fotografia. Era ela.

— Meu Deus! Não pode ser!

— Porquê?

— Porque é a nossa filha única, morta há anos...

Nesse instante, o homem que tratava da campa onde repousava a jovem do retrato, chamava telefònicamente, dizendo que um sobretudo estava no mausoleu. E perguntava se alguém se teria ali esquecido dele. Garcia Buhr soube que era o sobretudo que na noite antecedente emprestara à rapariga.

Aqui está a lenda. Nada lhe podemos acrescentar. Como todas as lendas, tem seu quê de amor e poesia. E denso e impenetrável mistério...

N.º 16
ABRIL
1948

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

1.º de Abril — dia das mentiras. Que prazer em «pregar uma peta!» — dizem os meninos maldosos. No entanto, se a mentirita tiver graça, pode fazer rir sem prejuizo de ninguém.

Fazer rir, não magoar.

Sempre a mesma simpatia da irmã mais velha

Kylas

★

Tem metade do preciso
quem tem força de vontade,
e quem saiba ter juizo
Tem sempre a outra metade.

Silva Tavares

★

O CORPO

Entorses

Que é uma entorse?

É a distensão repentina e violenta dos ligamentos e, em geral, das partes moles, vizinhas de uma articulação cujos ossos sofreram deslocação brusca por efeito de pancada.

A dor aparece no próprio momento e aumenta com o inchaço que surge acompanhado de pisadura.

Que se faz então?

Mergulha-se em banhos de água quente simples ou com sal a parte contundida e nos intervalos aperta-se a articulação com uma ligadura elástica para evitar o aumento da hemorragia interna e, consequentemente, a tumefacção.

Depois, enxuga-se e prepara-se o paciente para uma maçagem, deitando-o ao comprido, colocando o membro dorido numa almolfada rija e polvilhando-o com pó de talco ou amido.

Faz-se a maçagem com cuidado, evitando o mais possível magoar.

AS QUALIDADES

A Confiança

Confiar é ter segurança intima, esperança firme, em alguém ou alguma coisa.

A confiança é necessária à vida, mas só quando bem aplicada. Se confiamos às cegas, arriscamo-nos a ser prejudicados; se nunca confiamos, vivemos em continuo sobressalto, isolados, tristes mesmo.

Como conhecer, porém, as pessoas em quem devemos confiar?

Não há regras para as conhecer, é certo; todavia, diremos que podemos confiar, em geral, em quem em nós confia, em quem se sacrifica pela nossa saude e boa disposição, naqueles de natureza boa, afectiva.

Escolhamos os nossos amigos, confiemos neles e obremos com prudência ao tentar converter os outros.

★

A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.

Valtour

NA MISSÃO DO BEM

do Espirito de Casimiro Cunha

Se vais à missão do bem,
Destroi a sombra, a incerteza...
Repara as lições do Pai
No livro da Natureza.

A terra do lavrador,
Que produz e que prospera,
Não prescinde, em parte alguma,
Do arado que a dilacera.

A semente destinada
Às forças de luz da vida
Precisa morrer no fundo
Da cova desconhecida.

Se progride, em torno à casa,
O mato bruto, inclemente,
Ninguém dispensa o recurso
Da enxada benevolente.

Na colheita rica e farta,
Há golpes de secador...
A farinha delicada
Passou no triturador.

O pão singelo ou fidalgo
Que abençoa a refeição,
Foi cozido devagar
Ao calor de alta expressão.

Toda vinha de esperança,
De alegria, de fartura,
Exige do vinhateiro
As chagas da podadura,

A mesa, o leite, a poltrona,
Que servem todos os dias,
Passaram pelos serrotes
de rudes carpintarias.

Ouve, amigo, e atende à luta!
Que seria do trabalho,
Se a bigorna escapulisse
Das vivas acções do malho?

Que seria da candeia
No instante justo de arder,
Se o óleo fadado à luz
Quisesse permanecer?

Se vais à missão do bem,
Não olvides, meu irmão,
Que o suor gera o serviço,
Em busca da perfeição.

Consome-te no dever,
Sê, tu mesmo, a Saudade,
Jesus, para ser Senhor,
Foi servo da Humanidade.

«Colectânea do Além»

O MENINO EGOISTA

por Astréia

Meus amiguinhos, por certo que não sabem o que é ser egoista. E no entanto o egoismo é capaz de morar em vossos corações, sem que disso se apercebam.

O egoismo é um defeito muito feio, que atrasa o progresso moral das crianças, tornando-as más e antipáticas, defeito que muito entristece a Jesus, o vosso maior amigo.

A criança egoista tem sempre a acompanhá-la uma série de outros defeitos, como a vaidade, o orgulho, a ambição, etc.

Vou contar-vos uma história que presenciei há bastantes anos.

Morava numa avenida dos subúrbios do Rio de Janeiro. Na casa ao lado vivia um casal modesto que tinha dois filhos. Luiz, de 5 anos, e Raul, de 4, eram bons, obedientes e muito meigos. Perto morava Jorge, um garoto de 7 anos, que era o pimpão da avenida. Trajava com apurado gosto e possuia todos os brinquedos que uma criança possa idealizar; entre muitos outros brinquedos, possuia um automóvel, no qual corria a avenida de baixo acima.

Na janela de sua casa, os dois irmãos seguiam atentos as corridas que Jorge fazia no seu automóvel, mostrando as suas habilidades de garoto travesso. Como eles desejavam também possuir um assim!

A mãe sentia pena de não lhes poder proporcionar iguais momentos de alegria infantil; mas era pobre, e, ainda mais, doente. O ordenado do marido mal dava para as despesas de casa. Como comprar esses brinquedos caros? Lembrou-se de deixar os pequenos brincar com Jorge, pois seria a única maneira de lhes dar essa alegria. Aproximou-se dos filhos e perguntou-lhes:

— Querem ir brincar com o Jorge? É um menino bom. Por certo gostará da vossa companhia.

Os meninos pulavam de contentamento, na esperança de poderem assim andar um pouco no automóvel, que tanto desejavam.

A mãe chegou à janela e disse a Jorge:

— Deixas o Raul e o Luis andar um pouco no teu carrinho?

— Deixo sim, senhora, — respondeu Jorge.

Os dois meninos sairam à rua radiantes e alegres como dois passarinhos em manhã de primavera, pela oportunidade que se lhes deparava. Raul sentou-se no minúsculo automóvel e Jorge empurrava; depois foi Luis, que, sendo inteligente, depressa aprendeu o manejo e não quis mais que Jorge o empurrasse.

Jorge e Raul seguiam a corrida de Luis, que fazia curvas com desembaraço, como se tivesse muita prática.

Da janela, a mãe apreciava a alegria dos filhos, admirava a destreza de Luis, sentindo-se presa de emoção que lhe marejava os olhos de lágrimas. Como ele era engraçadinho a guiar!—pensava a pobre mãe, esquecida de seus afazeres e até de sua pobreza. A felicidade dos filhos queridos reflectia-se em todo o seu ser de mãe.

O carro aproximava-se dos dois meninos. Luis sorria de contentamento ao mostrar também as suas habilidades.

Jorge parecia não estar muito satisfeito com a alegria de seus colegazinhos. Em dado momento atravessou-se na frente do carro, obrigando Luis a parar e fazendo-o sair com brutalidade. Este insistia para dar mais uma voltinha.

— Agora vou eu — dizia o pequeno Raul.

— Não! Não!... não os deixo andar mais no meu carro. Ele é meu e só anda nele quem eu quero. Não te deixo andar mais... teu pai que compre um!

Avançando para Raul, que tentava acomodar-se no carro, jogou-o com violência ao chão. Luis correu em socorro do irmão que, chorando, lhe mostrava o bracito todo arranhado da queda. Luis, com as lágrimas correndo pelas faces rosadas, dizia para o consolar:

— Não chora, maninho, que papai do céu vai dá um para nós.

A mãe dos meninos, indignada e triste pela acção soberba e egoista de Jorge, fê-los entrar novamente e, enquanto fazia curativo ao braço de Raul, ia-lhes dizendo:

— Não chorem, meus filhinhos: mamãe vai pedir a Jesus que dê um muito bonito no dia de Natal.

As duas crianças abraçaram a mãe e aos seus olhinhos ainda húmidos voltou novamente o brilho da alegria ofuscada pela maldade de Jorge.

— Sentem-se perto de mim; vou contar uma história.

Os meninos escutavam atentos o decorrer da história, esquecendo assim o dissabor que haviam sofrido.

Faltavam três meses para o grande dia das crianças, o NATAL DE JESUS. A pobre mãe pensava na forma de cumprir a promessa que fizera aos filhos. Tinha muita fé e confiava em que DEUS, a suprema bondade e fonte inesgotável dos pobres, lhe havia de deparar um meio. E assim orava sempre a Jesus, pedindo que protegesse os seus filhinhos.

Embora pobre, era muito habilidosa e de recursos intelectuais. Perto de sua casa morava uma senhora, chamada Lídia, que tinha dois filhos, que frequentavam a escola primária. Como achasse que estavam muito atrasados e não querendo que perdessem o ano, resolveu pedir àquela senhora que lhes desse algumas explicações.

Da melhor boa vontade acedeu ao pedido daquela mãe extremosa pela educação de seus filhos.

— Quanto lhe devo pagar pelas lições? — perguntou D. Lídia.

— Absolutamente nada. Para mim é sempre um prazer auxiliar o progresso das crianças.

— Assim, não; a senhora perderá tempo.

— O tempo que se perde encaminhando uma criança para o bem é sempre bem aproveitado. A senhora mandará os pequenos e não falemos mais no assunto.

Chegou o mês de Dezembro e com ele a época dos exames. Os dois meninos passaram com distinção, para alegria de todos. D. Lídia, querendo mostrar a sua gratidão, ofereceu aos dois pequenos um lindo automóvel.

A mãe dos meninos recebeu o presente como uma dádiva do céu e agradeceu à bondosa senhora, pelo contentamento que iria dar aos seus filhos.

Era dia de Natal e tudo estava em festa. Logo de manhã, Luis e Raul sairam à rua com o seu automóvel. Jorge ficou surpreso de ver o lindo carro que os meninos haviam ganho e não se cansava de olhá-lo cheio de inveja por ver que o seu já estava velho, sem brilho, todo arranhado dos maus tratos que lhe dava. Sentiu um desejo irresistível de andar no outro, que estava novinho e era maior que o seu.

Aproximou-se lentamente dos meninos e pediu:

— Deixas-me dar uma voltinha?

Luis estava ao volante, mas levantou-se ligeiro para atender o pedido de Jorge, cedendo-lhe o lugar. Jorge andou o tempo que lhe apeteceu.

Raul e Luis tinham um belo coração, digno de ser imitado por todos os meninos e depressa esqueceram o mal que Jorge lhes fizera, seguindo o conselho de Jesus: *Amai e perdoai aos vossos inimigos.*

Meus irmãos pequeninos, segui os exemplos destes dois meninos, sendo obedientes, meigos e tolerantes para com as faltas dos vossos amiguinhos. Esta é a maneira de serdes muito felizes e de agradardes a Jesus, o maior amigo das crianças.

Rio de Janeiro

CONTOS DA VIDA

VI

Lady Godiva

por Ramos Pereira

Era uma vez um fidalgo muito rico e poderoso que habitava um grande castelo na Inglaterra. Para satisfazer a sua sede de luxo e de prazeres, lançava sobre o povo das suas terras pesados tributos em dinheiro, frutos e gados.

Os pobres camponeses sofriam a miséria para que nada faltasse na casa do seu senhor. Mas os seus queixumes medrosos chegaram um dia aos ouvidos da esposa do fidalgo, uma senhora cuja beleza de alma era tão grande como a do seu corpo.

Sem hesitar um momento, tomou o partido dos miseráveis e, soluçando, lançou-se aos pés do marido, suplicando-lhe que não tornasse mais triste a sorte do povo. Ele não queria ouvi-la, pois que, orgulhoso do seu nascimento, da sua posição, não via nos camponeses mais do que simples escravos.

Mas a formosa senhora continuava suplicando. Aborrecido, o marido lançou-lhe em rosto uma proposta indigna: — «Auxiliarei o povo, não lançarei mais tributos, se vós, amanhã, passeardes nua por todas as ruas da cidade».

Ela sorriu e aquiesceu.

No dia seguinte, montada num cavalo, ela percorria as ruas da cidade, sem o mais pequeno véu a tapar a sua nudez. De cabeça erguida, chorando, sacrificava o seu pudor de mulher ao capricho dum homem, por amor dos que sofriam.

Mas as gentes tinham sido avisadas da palavra do fidalgo. E nem uma janela se abriu, nem uma pessoa nas ruas silenciosas por onde o cavalo passava. Fechado em casa, para que seus olhos não manchassem o pudor da fidalga, o povo esperava, orando a Deus.

O grande senhor sentiu então a ilção de humildade e de amor que sua esposa e os pobres lhe davam. Quando ela regressou, rogou-lhe perdão e cumpriu honradamente a sua promessa.

Se és rica, criança que me lês, se disfrutas todas as alegrias da terra, lembra-te que outros sofrem fome e misérias que desconheces; faz um sacrifício por elas, embora pesado te pareça. Lembra-te de Lady Godiva.

★

Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.

A ESCOLA

Caminho vai da escola o pequenino,
levando na alma o céu de uma alvorada,
enquanto, muito alegre, na latada,
à fresca aurora um melro canta um hino.

Vai luz buscando a luz — eis seu destino ! —
e tão contente rindo pela estrada,
que o melro cala súbito a balada
Só por lhe ouvir o canto cristalino.

Depois, quando o pequeno se avizinha,
aos gritos foge e todo se espaneja
pelo éter faiscante onde caminha.

Olhem o outro, espantado, como adeja !
Também de asas precisa a criancinha
e quem dar-lhas souber, bendito seja.

D. João da Câmara
«Poesias»

O CALIFA E O PLANTADOR DE ÁRVORES

por Latino Coelho

Ia o Califa Harum-al-Raschid por um campo, onde andava a folgar à caça, quando sucedeu de passar por pé de um homem já mui velho, que estava a plantar uma nogueirinha.

Então, disse o califa aos do seu séquito:

— Em verdade, bem louco deve ser este homem em estar a plantar agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo vir a gastar dos frutos desta planta.

Indo então o califa em direitura ao velho perguntou-lhe quantos anos tinha.

— Para cima de oitenta, — respondeu o velho — mas, Deus seja louvado, sinto-me ainda tão robusto e saudável como se tivesse apenas trinta.

Sendo assim, — redargiu o califa — quanto pensas tu que ainda hás-de viver, pois que nessa idade já tão adiantada estás a plantar uma árvore, que por natureza só daqui a largos anos dará frutos ?

— Senhor, — disse o velho — tenho grande prazer em a estar plantando, sem inquirir se serei eu, ou outros depois de mim, quem lhe colherá os frutos. Assim como nossos pais trabalharam por nos legar árvores que nós hoje disfrutamos, assim é justo que deixemos outras novas, com que nossos filhos e netos venham a utilizar-se e a enriquecer-se. E se hoje nos sustentamos de frutos do seu trabalho, e se foram nossos pais tão cuidadosos do futuro, como havemos de retribuir em desamor aos nossos o que de nossos pais recebemos em carinho e providência ? Assim, semeia o pai para que o filho possa vir a colher.

Caíam tão em graça as palavras do ancião no ânimo do generoso califa, que logo ali foi presenteado com uma bolsa cheia de oiro. Então o velho, depois dos agradecimentos que lhe ditou a sua piedade, tomou argumento para reforçar o que havia pouco dissera, exclamando:

— Quem poderá agora dizer que não foi bem galardoado o meu trababalho de hoje, se esta árvorezinha que eu plantei há pouco, logo ao primeiro dia, me deu frutos sazonados e valiosos ?

Tomai daqui exemplos, meus meninos, e não vos desgosteis do trabalho que fizerdes, só porque as nogueiras que plantardes vos não possam lisongear a gulodice, logo ao segundo dia de as haverdes enraizado na terra; nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas úteis, com dizer que os frutos do vosso esforço e trabalho outros os hão-de colher e não vós. Aprendei a haver por irmãos a todos os homens que Deus pôs na terra para o servirem e amarem e auxiliarem mùtuamente. Trazei sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo, seja daquele que vós vedes e vive a par de nós, seja do que ainda nascer; porque o que está aqui vivo tem direito a que o ajudeis para que vos retribua; e o que ainda há-de vir, há-de conhecer-vos pela herança que lhe deixardes, e abençoar-vos, se a herança for de bem, e amaldiçoar-vos, se for de mal.

SABER LER...

Quem teve a grande desgraça
De não aprender a ler,
Sabe só o que se passa
No lugar onde estiver.

João de Deus

A Voz do Relógio

por Rubens Lavor

Sabes quem sou? Sou o teu amigo mais sincero. Para isto importa o que me abasteças convenientemente uma vez cada 24 horas... É tão pouco o que te peço em troca do que te dou!...

Escuta. Sou teu companheiro inseparável. Sou responsável pelos teus negócios e pelo teu êxito. Como tal, sou o primeiro a seguir à frente a despertar-te cedo do teu sono tranquilo e reparador. Sou eu que te chamo para as actividades dos dias que se sucedem, para uma viagem, para atender um negócio na véspera arquitectado, sou teu chefe a chamar-te, a incentivar-te a cumprir à risca, escrupulosamente, todos os negócios, por mais insignificantes que sejam, com rectidão e pontualidade absoluta.

No decorrer das doze horas do dia consultas-me de instante a instante, a fim de controlares e reservares espaço para determinado negócio futuro... Assim vou indo à frente de todos os teus problemas, fáceis ou difíceis, alertando-te quanto a pontualidade... Depois de um dia laborioso e fecundo de afazeres, acompanho-te até o leito, onde o meu concurso continua sendo indispensável, contribuindo simultaneamente com o sono, para que este apague uma a uma as velas de tua actividade, acesa durante o dia no turbilhão das responsabilidades cotidianas... Aí, meu caro amigo, me despedes friamente do calor do teu bolso e deixas-me sobre um criado mudo, onde bem de perto ainda velo por ti, enquanto dormes e repousas, fortalecendo-te para a luta do dia seguinte, pois me encarrego de te chamar novamente, para, juntos, recomeçarmos novo dia de luta em nossos destinos diversos: tu, para a espiritualidade; eu, para o monturo das inutilidades materiais.

Ouviste como te sirvo até o ponto de nossa separação definitiva?...

Teu amigo sincero

O RELÓGIO

Baurú. Estado de S. Paulo — Brasil

★

As injustiças, se alanceiam as vítimas, também ferem quem as faz.

Camilo C. Branco

Os Rios

por Augusto Gil

Nasce uma fonte
Rumorejante
Na encosta de um monte;
E que do seio
Da terra brotou,
Logo o seu veio
Transparente
E diligente
Buscou e achou
Mais baixo lugar...
E sempre descendo,
E sempre a cantar,
Vai andando,
Galgando,
(Ou tenta vencer...);
Numa confiante e persistente lida,
Folha, raiz, areia, o que tolher
A sua descida...
Ao brotar da dura fráqua
É uma lágrima de água...

Mas esse humilde fiozinho
Que um destino bom impele,
Encontra pelo Caminho
Um outro que é como ele...

Reunem-se, fundem-se os dois,
Prosseguem de companhia,
E fica dupla depois
A força que os leva e guia...

Junta-se aos dois um terceiro,
Outros confluindo vão.
E o regato é já ribeiro,
E o ribeiro é rio então...

E nada agora o domina
Ao fiozinho da fonte;
Entre colina e colina,
Ou entre um monte e outro monte.

Caminha sem descansar,
Circula através do mundo
— Até à beira do mar
Omnipotente e profundo...

E o rio, andando, andando, há-de
[alargar
— Com biliões de lágrimas vertidas
Num infinito e luminoso mar
De novas e amplas e cantantes vidas!

Lugares Selectos

A Rosa

É a rosa a rainha das flores; distingue-se pela forma graciosa, pela distribuição e abundância das folhas pela ordem e harmonia do seu todo: o aroma e as cores lhe dão realce: mas ah!, quanto é transitória e frágil entre as suas companheiras!; cedo perde os atractivos que a gloficam! De tão linda obra da criação, em breve só ficará uma pequenina arte árida e talvez morta; duraram um instante a sua vida e gentileza; as folhas desfalecem, as cores amortecem; e a flor, que ainda há pouco era comparada à virgem graciosa, no viço da mocidade, jaz convertida, como à donzela acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.

Louçã e folgosa juventude, considerai nas flores a imagem do destino que vos aguarda; pareceis-vos com elas na formosura, com elas vos parecereis na brevidade da duração. Pensai, mancebos, na sorte que vos ameaça, não vos jacteis de dotes corpóreos. E vós, sexo delicado, que as sedutoras graças adornam, a quem os regozijos e passatempos circundam, e que com a nossa risonha presença os sítios mais melancólicos amenizais, não confieis em transitórios atractivos, que pelo mais leve imprevisto acaso se perdem; não vos ensoberbeçais com a frescura da juvenilidade. Vede quanto duram as lindas rosas! Como se dissipou a fragrância tão grata que exalavam!

(De «Noções Rudimentares», de António Feliciano de Castilho)

Quando recebo uma injuria, preciso erguer a minha alma tão alto, que a ofensa não chegue até mim.

Descartes

DIA DE ANOS

por João de Deus

Com que então, caiu na asneira
de fazer na quinta-feira
Vinte e seis anos! Que tolo!
Ainda se os desfizesse...
mas fazê-los, não parece
de quem tem muito miolo.

Não sei quem foi que me disse
que fez a mesma tolice
aqui o ano passado...
No que vem, agora, aposto,
como lhe tomou o gosto,
que faz o mesmo! Coitado!...

Não faça tal, porque os anos,
que nos trazem? Desenganos
que fazem a gente velho.
Faça outra coisa, que, em suma,
não fazer coisa nenhuma,
também lhe não aconselho.

Mas anos, não caia nessa.
Olhe que a gente começa
às vezes por brincadeira,
mas, depois, se se habitua,
já não tem vontade sua
e fá-los, queira ou não queira!

Qb/48

O AUTO-DOMÍNIO

por A. Yvone de Sousa
(Haydl de Thebelen)

Quando alguém pretende dar um conselho, ou quando aborda assuntos de elevada moralidade, raro é que não o faça escudando-se nas belas palavras e nos admiráveis exemplos de Jesus — o Cristo.

Assim o Mestre dos Mestres é constantemente citado desde os pontífices da Igreja Católica ao mais humilde dos cristãos.

A vida do meigo Nazareno foi a perfeição máxima, atingiu o apogeu no Calvário para nos ensinar a *Resignação* nos nossos sofrimentos, e o *Perdão* para os nossos inimigos.

Todos O admiramos, mas, infelizmente, até hoje, poucos relativamente O seguiram.

A sua sublime filosofia, os exemplos de bondade e doçura que preencheram a sua existência foram lições vivas, para nos mostrar que ainda somos almas em depuração, e que o Amor que Ele nos ensinou é o escudo em que temos de nos apoiar para vencermos as duras batalhas da vida.

Para nós, pobres partículas anímicas tão longe ainda da Perfeição, mas já conhecendo que existem Leis que nos regem, e às quais temos de obedecer, impelidos por uma Força Superior, citar aos outros a doutrina de Jesus, não é bastante — é indispensável procurar cumpri-la.

Dizem os nossos irmãos latinos, os franceses, *qu'il faut de tout pour faire un monde.*

É bem verdade, porque se o nosso planeta não fosse aquilo para que Deus o criou, se todos fôssemos perfeitos, isto é, Budas, Cristos, decerto que a Terra não existiria ou teria outra função dentro do Universo. Mas a Inteligência Suprema determinou de acordo com as Leis da Evolução, que este mundo fosse de depuração para os espíritos que o viessem habitar. Portanto, desde o antropófago a um Jinarajadasa, Krisknamurti ou Ghandi, para não citar o próprio Jesus, todos sabemos que possuimos muitos defeitos.

E o que também nenhum espiritualista ignora, é que tem o dever de se controlar e de refrear os seus ímpetos de vidência para a qual tanta vez o arrastam as suas vicissitudes.

Ser espirita não é sòmente a c r e d i t a r na imortalidade da alma; é compreender as Leis Divinas, e corrigir os nossos defeitos, tanto quanto nos for possível.

A Ciência Espiritualista dá-nos o conhecimento dessas Leis. Aquele que já enveredou por este caminho sabe que é precisamente nos momentos tempestuosos e nos conflitos causados pela ignorância e por vezes nas atrozes catástrofes kármicas ou quando ruge em nós o animal feroz em ondas de ódio, ou fúrias de indignação prestes a lançar-se sobre o inimigo para o aniquilar, é nesses momentos que o Ego deve triunfar sufocando a fera bravia para se lembrar que é um ser humano. E, como tal, nesse instante, nessa hora, que, para ele ou para ela, é uma prova, nesse minuto de exame, o espirita tem o dever de mostrar que *compreendeu* e *sentiu* toda a verdade do

O ESPIRITISMO É:

Luz que ilumina o meu roteiro!
Bússola que guia os meus passos!
Doutrina que me faz feliz,
cheio de esperança no porvir
e na restauração da paz e do amor.

Sou grato a ti, ó Espiritismo, por tudo quanto me tens dado. Sòmente a minha transformação moral é tudo. E muito mais ainda devo a ti.

És, de facto, o Consolador prometido! Em breve, todos hão-de vir saciar a sede de justiça, a fome de luz, em teu manancial inesgotável.

E então, tua missão terá o êxito que ainda não conseguiste na íntegra, devido ao atraso das criaturas.

Mas o fruto aquecido com o sol radiante de teu esplendor há-de amadurecer.

A terra rude, cansada e velha, depois de tratada e estercada, produzirá em dobro.

Por isso, tu vencerás, porque és de origem divina!

O orgulho, a vaidade e as demais ervas daninhas que infestam o coração do homem, serão impotentes para resistir.

Breve vencerás. Já venceste!

Teu império sobre a Humanidade desvairada e aflita está prestes a desencadear-se.

Estou muito grato pelo bem que me proporcionas.

Humildemente, te venera o adepto

Cruzeiro, Brasil

ROCAZA TONÉ

puro cristianismo, e que a sua rutilante beleza não deve constituir apenas um elemento de retórica para embelezar a palavra falada ou escrita, em prosa ou em verso.

As nossas lutas somos nós que as desencadeamos com a nossa vaidade, o nosso orgulho e egoismo. Esta nefasta tríade está impressa nas nossas auras, como ferrete das nossas imperfeições. Não quer isto dizer que entre os milhões de seres humanos não haja quem possua almas nobres. Felizmente para a própria humanidade que num sentimento de amor e dedicação pelos seus irmãos atrasados, baixam à terra espíritos que já atingiram a meta: são os nossos instrutores espirituais.

Geralmente aqueles com quem temos grandes dissidências, foram noutras encarnações nossos inimigos, algozes ou vítimas, e a quem hoje temos de suportar (e eles a nós) num esforço de sofrimento pela resignação e pelo Amor, para cumprirmos a grande lição da Harmonia que forma a Cadeia da Vida.

As lutas são momentos angustiosos da nossa existência espiritual. Essas tempestades arrastam-nos quase sempre para uma tábua de salvação ou para um porto de abrigo, que é o Caminho do Conhecimento ou compreensão das leis divinas. Indica-nos ele o *auto-domínio,* que todo o espiritualista deve possuir, ou procurar adquirir, porque só por ele poderemos sair vencedores desses tremendos vendavais com que todos, mais ou menos, somos açoitados neste plano físico.

Para a verdadeira ascensão do ego não basta falar ou escrever admiráveis páginas da mais bela doutrina: o essencial é praticá-la, provando que sabemos amar o nosso próximo, como desejamos que ele nos ame. Para isso nunca devemos fazer aos outros aquilo que nunca desejaríamos que nos fizessem.

Para muita gente estes princípios são meras teorias, motivo porque tantas e tão lamentáveis discórdias se registam entre os homens, até mesmo nos chamados meios espiritualistas.

Irmãos espiritas ! Meditai profundamente nas lindas máximas do Mestre Jesus, quando as lerdes no conchego dum calmo serão, ou numa tépida tarde de primavera, quando os rouxinois nos embalam com os seus maviosos cantos. Meditai nos excelentes ensinamentos da Ciência Espiritualista ! Meditai para que a primeira parcela de Amor possa ser dada, não condenando nem castigando aquele que erra; nem guardando rancor a quem errou e se arrependeu, ou poderá arrepender-se, e sobretudo nunca acusar injustamente.

Sem a meditação não podemos encontrar o nosso ego, que somos nós mesmos.

Com ele encontramos a nossa Consciência Superior que nos guia para percorrermos o caminho da ascensão. A nossa principal missão no plano terreno é encontrar o Ego, e usá-lo como força energética — verdadeiro potencial da consciência esclarecida.

Lembrai-vos que no Além os ódios ficam no respectivo plano; eles não entram na Eternidade pròpriamente dita. As paixões grosseiras arrastam a alma, mesmo a mais inteligente e culta para o que as Igrejas chamam o inferno, e a Teosofia designa por Kama-Loca, ou *região dos remorsos.*

Sendo este mundo de imperfeições, quem é que não tem um inimigo ? Há quem os tenha até na própria família, porque tudo que gerámos noutras encarnações nos acompanha hoje, e o que presentemente fizermos nos seguirá noutras existências.

Irmãos espiritas ! Homens e mulheres, lembrai-vos que sem a meditação nada se conseguirá. É preciso meditarmos sobre o que fomos, o que somos e o que já sabemos que teremos de ser —espíritos atingindo a grande espiral evolutiva.

Há quem julgue o Espiritismo bem mais modesto que a Teosofia, em suas concepções espirituais. Para aquele que deseja ascender, tão fácil é seguir as belas ideologias teosóficas como o encantador atractivo da fenomenologia espirita, e seus admiráveis ensinamentos doutrinários e científicos.

O neo-espiritualismo não apresenta hipóteses, mas factos, à luz da mais moderna e mais positiva ciência — a metapsíquica ou ciência da alma. É este o caminho mais seguro para se estudar as leis divinas, às quais pertence a nossa própria alma. Deste modo o neo-espiritualismo demonstra os mais elevados conceitos da filosofia crística, a par do mais profundo estudo das leis naturais que nos regem.

A oração, a meditação, e a concentração, são vias indispensáveis ao nosso progresso espiritual. Só por estes meios a humanidade terrena conseguirá aperfeiçoar-se, criando o respeito mútuo, cessando os sangrentos ódios de raças, a exploração do homem pelo homem, a prostituição feminina, a opressão sobre os animais, matadouros, laboratórios de vivisecção, a caça e as toiradas de morte, todas estas manifestações de crueldade às

RESSURREIÇÃO

pelo Dr. Pietro Ubaldi

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Itália)

(Tradução de KYLAS)

Manhã de Páscoa, manhã radiosa da minha ressurreição em Cristo e eu uno-me em espírito, aqui em cima, na Verna. Aqui, na capela das Chagas onde Francisco viu o Cristo, a minha alma escreve no livro da sua vida eterna em caracteres que não se apagarão. Escreve e imprime em si este novo grande dia do seu eterno devenir, dia de alegria após tanta dor, dia de vitória e de paz, após tão fatigante caminhada. Sinto o olhar do Cristo sobre mim, imprimindo um selo de fogo às minhas palavras.

Deste cume altíssimo olho para a terra adormecida, lá em baixo, longínqua e imprecisa devido às neblinas da manhã, cheia de anseios e dores, mas aquecida e fecundada pela divina luz do sol.

Deste vértice do espírito olho para a ilimitada história do mundo, ainda imerso no pântano da ignorância e da barbárie, perdido nas névoas da involução, história cheia de fadiga e destruição, mas guiada e dirigida pela Lei de Deus.

E no vértice do meu destino olho para o ilimitado revez do meu devenir que finalmente emerge da provação e do sofrimento e, por este levado a mais alto plano, se pode lançar agora dum salto para Deus. Resgatado o espírito pela dor, pode finalmente abrir as portas do egoismo e da culpa, para que a luz do alto ali penetre e o inunde.

E eis que hoje, não mais no túmulo de Francisco em Assis, túmulo do seu corpo morto, mas em Verna, apoteose do seu espírito vivo e presente, se confirmam e concluem, amadurecidos no tempo, os meus pactos com o Cristo, já cumpridos pelo mundo em hora de paixão e de trevas, no claro pressentimento do último conflito mundial. Tudo caminha e tudo fatalmente deve amadurecer na vida. O bem e o mal são enquadrados no ritmo do seu devenir. E eis-me ligado, ligado aqui em cima, donde olho para a terra, ligado à história e a mim próprio.

Há dez anos, na quinta-feira Santa de 1937, chorei em Assis sobre a minha dor, sobre a dor do mundo que fiz meu. E como agora ressurjo da minha dor na alegria do Cristo, assim ressurgirá o mundo numa nova civilização. Vejo-a do alto deste cume que domina o tempo, último limite de tanto lutar e sofrer. Hoje, aqui, no alto da Verna, já não choro a minha paixão em Cristo e a paixão do mundo; ao contrário, canto a minha ressurreição em Cristo e a ressurreição do mundo. A esta dediquei a minha vida.

★

Senhor, seguindo as tuas pisadas, semeei como me ordenaste. Em toda a parte, em todos os campos do mundo, semeei rivais e invejosos das vãs posições terrenas. Entrei onde, com bondade e compreensão, me foi aberta a porta, seguindo o Teu Evangelho que nos ensina a amar. Arrastei-me, dolorido, em silêncio, pelo limiar das portas fechadas. Fui escorraçado pelos que mais amava e que melhor me deveriam ter compreendido. Senhor, ofereço-te esta minha dor. Eles não me quiseram. Oro por eles. Outra coisa não

---

quais urge pôr termo, por já não corresponderem ao grau de avanço da presente humanidade.

O verdadeiro espirita *sabe* que além de aperfeiçoar o seu karma, tem de contribuir para o aperfeiçoamento do karma colectivo. Constitui nele mesmo uma obrigação interessar-se por todas as manifestações mundiais, para as quais possa dar toda a sua boa vontade e o seu esforço — que não seja por um bom pensamento de paz e amor.

O verdadeiro neo-espiritualista é um ser que já está no caminho que o levará à meta. Ele já atingiu a consciência de si próprio, e por isso é exigente com os seus hábitos a fim de usar sempre da rectidão que faz o seu convívio encantador pela cortezia, tolerância e bondade para com todos os seus irmãos.

O neo-espiritualista é um idealista das belas manifestações da vida que contribuem para fortalecer os elos da Grande Cadeia da Fraternidade Universal.

posso fazer. A obra que sirvo é Tua. Só tu possuis os meios de a fazer triunfar. Eu não sou coisa alguma. Repito-te o meu primeiro voto: «Senhor, sou Teu servo, não peço outra coisa».

★

Senhor, para a salvação do mundo, para aliviar, possivelmente, a sua dor merecida, para oferecer à Tua justiça um tributo de amor, embora quase nulo, para preencher o horrendo vácuo produzido pelo ódio, Te ofereci a minha dor. Só Tu a viste; e chego aqui em cima ensanguentado e desfalecido. Tu sabes. Nunca peço por mim. A minha oração não pede, escuta. Escuta a Tua Voz. Mas se posso implorar pelos outros, faze com que o mundo seja salvo, no outro plano que está para lá da actual prova de dor, faze com que a meta da sua ressurreição, à qual me sacrifiquei, seja depressa e completamente atingida. Faze com que não seja vão tanto sofrer, faz com que a dor abra mentes e corações, faze com que esta destruição material construa em espírito. Também Tu, ó Cristo, ressurgiste da Tua paixão, também eu ressurjo em Ti da minha dor. Faze igualmente com que o mundo, redimido pelas suas atribulações, ressurja em Ti, alegre e triunfante, como Te vejo subir hoje nos céus vencedores da dor e da morte, como me apareceste neste radioso cume da Verna, nesta gloriosa manhã de Páscoa.

Faze com que isto aconteça. Sei que tudo é perfeito no universo segundo a vontade do Pai que nos marca o fatal caminhar e que eu, orando, não posso nem devo julgar ou aconselhar, mas apenas obedecer. Deverei sòmente dizer: «Seja feita a Tua vontade». Mas esta prece é a explosão do meu amor pelos irmãos em perigo e é mais forte do que eu. Vejo o precipício da barbárie que ameaça os loucos inconscientes. Entre tanta loucura de sistemas, salvai-os, Senhor! Repito-te o meu segundo voto: «Senhor, ofereço-me a mim próprio para a salvação do mundo».

★

Senhor, no terceiro ponto, permaneço apenas na Tua frente. Os destinos do mundo separam-se do meu. Todos são livres e responsáveis. Um dia chamaste-me para me dizer: «Segue-me, segue-me!». Ouvi o Teu apelo e procurei seguir-Te, Senhor, nos limites da minha infinita fraqueza, segundo a minha pobre condição. Mais não soube fazer. Segui-te de longe, chorando desesperadamente o meu amor perdido, para o reconquistar, tornando-me digno. E tenho andado a sangrar entre silvados, caindo e ressurgindo, ressurgindo porque Tu, que conheceste a minha miséria, tiveste piedade de mim e me estendeste a mão. Segui-Te de longe como convém a um servo indigno, tentei ver-te do fundo da penumbra terrestre, tentei ouvir de novo a Tua voz amiga no Evangelho esquecido pelos homens. Perscrutei com a minha razão as Tuas pegadas, impressas na história, reconhecendo que a pobre análise, feita com os sentidos, nunca poderá reconstruir a Tua figura, que está acima de toda a forma humana. Segui-Te, chorando a minha inépcia, entristecido por não saber atingir-Te, porque Tu estás no alto, em tão deslumbrante glória de perfeição, que eu me sinto perturbado. Senhor, eu juntei esta dor, que é a consciência da minha miséria, às outras dores, e isto também Te ofereci, porque Tu tiveste piedade de mim. Tudo isto Tu sabes tão bem como eu. Não fiz nada do que deveria ter feito, do que deveria ter querido. Contudo, o meu coração enamorado de Ti, sem ponderar mais nada, nem a Tua grandeza, nem a minha indignidade, o meu coração louco de desejo de Ti, incapaz de resistir à Tua chama que o envolve e o queima, incapaz de compreender o valor das suas palavras, a imensidade da ousadia, o absurdo do seu ímpeto, o meu coração Te repete o seu terceiro voto, irresistìvelmente, envolvido na Tua luz: «Senhor, seguirei as Tuas pisadas».

★

Eis que, no cimo da Verna, nesta manhã de Páscoa, o meu drama se cumpre. Durante dez anos repeti todas as tardes os três votos. Caminhaste, ao meu lado, Senhor, e guiaste todos os meus passos no mundo, precedendo-me com a tua cruz, todo coroado de espinhos. Mas tudo é devenir e o devenir tem um ritmo. A Lei que rege o universo é um pacto que Deus fez com o homem, garantindo-lhe assim a estabilidade fenoménica. Nesta Lei, o mal é enquadrado no serviço do bem e a dor é permitida como instrumento de felicidade. Como em Ti, depois da paixão, a ressurreição. Tudo é ordem numa harmonia sublime. Como já nos mostraste, o que sucederá ao mundo, sucedeu hoje comigo. A dor completou a sua redenção.

Na redenção já não Te vejo coroado de espinhos, ensanguentado, crucificado, na sua primeira fase que é sacrifício do corpo-matéria, crucificação em que o homem ainda

todo carne se detém e isola. Mas vejo-Te na segunda fase, mais alta e vital da redenção, que é a ressurreição no espírito, ressurreição em que o homem, ainda pouco evoluido, muito pouco compreende. Quão diferente de ontem Te vejo! Vejo-te emerso da dor em esplendor de glória, de beleza e de poder, lançado na profundidade dos céus. Brilhas e irradias, feito de luz. És o sol da vida. A Tua chama aquece e alimenta o Universo. Neste esplendor de Verna, onde agora estou, presente em espírito Te vê Francisco, aqui onde está escrito «Signasti, Domine, hic servum Tuum Fransciscum, Signis Redemptionis nostrae». Assim como nesta alegria desaparece a Tua dor, também deve acabar a dor do homem e a dor do mundo, pela própria lei que Tu mostraste.

★

Pela selva e em torno do sagrado monte de Verna, canta a voz das grandes árvores pensativas erguidas para o céu, a voz das criaturinhas aladas que nelas encontram abrigo; mais longe canta a voz do homem, azafamado na terra, a voz das rochas e das águas, das nuvens e dos ventos em tempestade, e tudo vigia o canto imenso dos céus. Tudo está em festa. Os sinos anunciam pelo mundo a Tua ressurreição. E Tu sobes glorioso no esplendor do sol. A Tua ordem triunfa. É a última vitória do bem sobre o mal. O meu destino cumpre-se. Eis-me junto de Ti, Senhor, último objectivo. As trevas da noite esbatem-se, os nevoeiros desfazem-se ao sol. Tu me apareces inteiramente mudado, assim vestido de glória, visto deste outro plano da minha vida, após tão doloroso caminhar. Já não te vejo aflito, inclinado, amoroso, para mim, a fim de dizer-me: «Estás cansado. Encosta a cabeça no meu peito e repousa». Mas, vencedor do mal, dizes-me como ao ladrão, que a nenhum outro me assemelho: «Amanhã, estarás comigo no Paraiso». É a Tua resposta aos meus votos, durante dez anos repetidos e seguidos. Tantas outras coisas então me dizes em linguagem não humana, no segredo da alma! Mas essas não se podem repetir, porque não seriam compreendidas. Não se devem dizer e ficam fechadas no segredo do Eterno.

★

Deste modo, estou junto de Ti, Senhor, peregrino de amor e de paixão. De todos os amores humanos, venceu o Teu. Só a Ti se pode amar. Atravesso a tempestade, estou junto à Tua paz. As chamas do Teu fogo apoderam-se de mim e não me deixam mais. A dor salvou-me. Bendita sejas, irmã dor que nos redimes. Agora sei o que pretendias de mim, Senhor. Não chora, já não treme a minha alma; ao contrário. triunfa nela a Tua alegria. A paixão é vencida na ressurreição. Como a Tua dor foi minha, agora é minha a Tua felicidade.

Tu estás comigo, Senhor, não mais me deixarás. E Ele diz-me:

—Vai; diz aos homens que se não sofre em vão. Vai, recorda-lhes as vias da redenção. Que saibamos sofrer e compreender. A luz de Deus bate à porta das suas almas e pede para entrar, mas eles conservam-nas fechadas. Abram-nas ao amor fraterno e Deus entrará. O homem deve aprender, qual ser livre, e pode depois aceitar ou rejeitar como quiser. Mas ai de quem odeia os outros, que se envenena a si próprio. Ai de quem se isola no cárcere do egosimo! Afasta-se das fontes da vida e caminha para a morte. Vai e indica ao mundo as verdadeiras sendas da alegria. Sê sacerdote do espírito e oferece também o que sabes, porque de mil ofertas nasce a nova civilização.

Enquanto me afasto da Verna para voltar ao meu trabalho no mundo afadigado, eis uma última visão. Também aqui, como em Assis, o drama do mundo e o drama do Cristo se conjugam. E com o Cristo ressurge a vida da hodierna catástrofe. Existirão outras culpas, porque o homem leva tempo a compreender. Mas atrás delas está a ressurreição. A fé e a lógica profunda da vida no-la indicam. E como fui legado à dor do mundo na hora da sua paixão, sou-o agora à sua alegria na hora da ressurreição em espírito. Nela reviverei. No bem e na felicidade dos outros estará o meu paraiso. E esta será a plenitude da minha meta atingida. Um paraiso ocioso, egoista e solitário, não é paraiso.

Adeus, santo monte de Verna, adeus... Desço ao meu duro trabalho no mundo fatigado. Tudo neste mundo é tempestade, egoismo, ódio, agressão. A fúria das paixões devasta esta pobre terra que poderia ser um jardim. O belo sonho vivido torna-se utopia, e ao canto de Deus responde a zombaria feroz e satânica. Mudo é o espírito e apagada está a chama da fé e da esperança. Vive-se num pressentimento de catástrofe universal, sem a saber evitar. A terra está gelada sob um manto de dor. Nem já o céu se vê sorrir do fundo deste inferno e a terra para-

UM CASO DE PSICOLOGIA SUPRANORMAL

A Personalidade de Pietro Ubaldi

Tradução de SIBIL)

pelo Dr.Paolo Soster

II

Já dissemos que o *sujeito,* no seu dinamismo biopsíquico, oscila entre o plano biopsíquico normal humano e o plano biopsíquico místico, passando pelos planos intermédios. Vamos agora falar das sensações que experimenta nos diversos planos da consciência e quais as suas manifestações externas.

Comecemos pela fase mística.

É a fase de máxima expansão da consciência. Dura pouco, porque se durasse muito, mataria fisicamente o *sujeito.* É um estado de suprema beatitude, de suprema consciência, de supremo amor! O corpo físico fica preso à consciência do *sujeito;* suporta, porém, as consequências do formidável desequilíbrio que, nesses momentos, se produz entre ele e o corpo psíquico. É como se estivesse envolto numa chama que o queima sem produzir dor, mas que o consome.

Atingido certo limite, fraqueja e, ao cair, arrasta consigo o corpo psíquico e, isto é inevitável, porque o corpo psíquico e o corpo físico, representam, respectivamente, o polo positivo e o polo negativo do organismo humano, no qual devem coexistir numa harmonia perfeita.

Na fase mística, o corpo físico sofre e adapta-se, mercê da sua extraordinária maleabilidade, à extrema tensão psíquica. Mas alcançado o extremo limite dessa maleabilidade, reage com violência e cede. arrastando consigo o corpo psíquico. Por conseguinte, os períodos de misticismo são breves, mas da máxima intensidade. Estes momentos, porém, só são possíveis em condições de sossego, de concentração e de solidão do *sujeito.* Desses períodos, sai fisicamente esgotado e cai então nos planos mais baixos da consciência. Não podemos observar pessoalmente o *sujeito* nos períodos místicos ou de êxtase místico e, portanto, não estamos em condições de nos referirmos mais a eles.

Na *fase de ultrafania* o *sujeito* demonstra excepcional sensibilidade e força de génio. Tem a visão directa e consciente da verdade, comunga intimamente na vida do Universo e a sua consciência abrange horizontes infinitos. Destes momentos inspirados saiu completa «A Grande Síntese». Nos momentos de inspiração ou ultrafânicos e, principalmente, nos místicos, a natureza humana do *sujeito* transcende. Da humanidade restam-lhe apenas as funções próprias do corpo físico que, como é óbvio dizer-se, não pode eximir-se às leis que o regem. O corpo físico, no entanto, submete-se ao corpo psíquico e nos momentos de esforço máximo, parece despedaçar-se. Isto não se dá nem poderia dar-se, porque, atingidos os limites extremos da resistência, reage automàticamente e cede, arrastando consigo o corpo psíquico, o mesmo acontecendo na fase mística.

Nesta fase nasceu a maior e mais elevada produção literária do *sujeito.* O corpo físico suporta esforços e convulsões verdadeiramente apocalípticos e em certos momentos temos a impressão de que se consome e vai sucumbir. Tal não acontece pelo automático auto-contrôlo de que já falámos. A produção literária do *sujeito* nasceu provàvelmente nesses momentos e representa um parto muito doloroso. As páginas dos seus livros são como farrapos da própria carne, são escritos com o seu sangue, são momentos vividos na dor, duma grandeza excepcional. Nem sempre escreve, porque às vezes as suas condições psíquicas não lhe permitem escrever. Muitas vezes transcreve apenas a recordação fiel duma visão anterior.

Além disso, é conveniente acrescentar que, durante esta fase, a consciência do *sujeito* não se mantém estática mas está sujeita a flutuações mais ou menos intensas, isto é, vê por períodos intermitentes e não continuadamente. Atravessa momentos de máxima exaltação e momentos de repouso. Nem doutra forma poderia ser, porque a economia biológica assim o exige.

Como é natural ainda, não pode subtrair-se totalmente à influência do ambiente que age sobre ele, embora dentro de certos limites e com efeitos mais fracos do que o normal.

Basta, por exemplo, um agente ocasional provocar ou acelerar determinado estado de consciência, porque um pequeno impulso externo é suficiente para completar avançadas preparações íntimas.

Da fase ultrafânica, acima descrita, por uma natural compressão da consciência, o *sujeito* desce para a

---

ce abrir-se, para tragar o homem transformado em fera, em criatura do mal.

Tudo parece acabado. Mas é a aparência do momento.

Dentro de mim existe a visão do real.

Sim! O velho mundo acaba verdadeiramente. É o fim do mundo. Mas um outro ressurge.

Em verdade, eu vi a terra florescer.

LA VERNA — PÁSCOA DE 1947

fase de mediunidade, adquirindo as faculdades próprias dos médiuns. Não tivemos ocasião de o observar pessoalmente nesta fase e por isso não estamos em condições de falar nas suas manifestações mediúnicas.

No entanto, julgamos poder afirmar que elas pertencem à ordem dos fenómenos mediúnicos normais sobre a natureza dos quais está à disposição dos leitores copiosa literatura e dos quais se está ocupando muito sèriamente uma nova ciência: a metapsíquica.

Resta-nos apenas dizer que as faculdades mediúnicas são limitadas e disciplinadas pelo equilíbrio e superioridade moral do *sujeito*, e que, seja como for, estas demonstram um estado biopsíquico de breve duração e estranho, como veremos, pelas características biológicas predominantes no próprio *sujeito*.

★

Não nos alongaremos posteriormente sobre este assunto, embora na opinião de muitos leitores ele seja muito sugestivo, principalmente porque não temos nada de novo a acrescentar àquilo que todos conhecem dos méritos dos fenómenos mediúnicos e porque, como já dissemos, não tivemos possibilidade de obter pessoalmente elementos de observação, merecedores de especial referência. A gigantesca superioridade psíquica e o superior equilíbrio intelectual e moral do *sujeito* não lhe permitem exibir tais faculdades para atrair a vulgar e patológica curiosidade do público. Tudo isto se pode obter com um médium de sala e não se adapta à figura gigantesca de Ubaldi.

Do estado de mediunidade, pela ulterior compressão da consciência, consequência da diminuição do potencial biopsíquico, o *sujeito* passa ao estado natural da generalidade dos homens. Nesse estado personifica sucessivamente os tipos biopsíquicos humanos que em progressão sucessiva conjugam o plano biológico mediúnico com o plano biológico médio normal humano. Adquire, para isso, primeiro as característica e as manifestações de um homem de génio, isto é, admirável potência nacional puramente humana, vivacidade de inteligência seguida de outras características menos acentuadas, quer dizer, menor potência racional e intelectual. E assim, descendo gradualmente, chega à capacidade intelectual de homem medianamente normal. Daqui não se conclui que ele tenha alguma descida abaixo desta última.

É importante acrescentar que tanto quanto acima dissemos se refere apenas ao potencial biopsíquico ou de consciência do *sujeito*. Tudo quanto diz respeito ao estado afectivo e sentimental, isto é, à sua felicidade ou sofrimento, é muito diferente.

Com efeito, quando se diz que no plano humano o *sujeito* apresenta faculdades racionais e intelectuais puramente humanas, não significa que ele apresente estados de alma próprios da generalidade dos homens normais. Seria um grande erro pensá-lo, um erro que tornaria impossível avaliar bem o *sujeito*.

Quem compreenda bem o fenómeno biológico por ele vivido deverá, sem custo, chegar a esta conclusão. A felicidade ou infelicidade, a alegria ou a dor que cabem a cada ser humano, têm a sua origem na relatividade. É universalmente sabido que a dor deriva do desejo insatisfeito, como é sabido também que todos os desejos nascem duma experiência. Quando uma experiência agradável cessa surge o desejo de que ela se repita e esse desejo insatisfeito provoca o sofrimento. Quem conheceu o prazer duma vida despreocupada e cómoda, sofre quando perde comodidades e tem preocupações. Quem nunca a experimentou sofre menos ou não chega a sofrer. Do mesmo modo, quem experimentou a doçura dos afectos humanos sofre quando estes lhe faltam. Sofre muito menos ou não sofre nada aquele que nunca soube o que isso era.

Citámos, apenas, dois exemplos, mas a enumeração poderia prolongar-se indefinidamente.

Em face disto, que se poderá dizer de quem já conheceu a alegria suprema, isto é, o êxtase místico? Evidentemente, nenhuma outra experiência pode transmitir felicidade semelhante e concebe-se que, quem a tenha conhecido, esteja condenado a não desejar outra além dela. Quem viu, por um instante, o paraiso, não poderá esquecê-lo e procurará vê-lo outra vez.

Compreende-se, portanto, que o nosso *sujeito* não poderá nunca mais contentar-se com as alegrias da terra e só é feliz quando vive no plano místico. No plano ultrafânico é parcialmente infeliz. A sua infelicidade aumenta no plano mediúnico e sobe ao máximo no plano humano normal. Visto que os momentos místicos, os únicos capazes de torná-lo feliz, são de breve duração, resulta que o *sujet* tem uma vida quase constante de dor. Paga as fugazes visões do paraiso com prolongadas e persistentes fases de profunda dor que lhe mantêm o ser em constante ebulição. O seu imenso valor é, por sua vez, causa da progressiva ascensão espiritual, que o ergue sempre mais alto, para que cada vez mais se exceda a si próprio. Está, portanto, destinado à dor, talhou e deixou atrás de si os punhais que o ferem e não pode viver de novo na terra e obedecer às leis biológicas que o governam sem sofrer. Está suspenso entre o Céu e a Terra. Vê o paraiso por instantes fugazes, mas a Terra é para ele o inferno. Drama tremendo e grandioso ao mesmo tempo. Vive a sua suprema aventura biológica.

Atingida a profundidade da fase humana, depois dum período mais ou menos longo de sofrimento, a onda biológica inverte-se e recomeça o ciclo ascendente. O *sujeito* sobe aos planos, dos quais descera pouco antes, reproduzindo-se o fenómeno biológico idêntico e inverso ao já descrito. Qual a oculta causa biológica de tudo isto? Não a conhecemos. Indubitàvelmente está em relação com as leis que presidem à evolução nos planos biológicos supranormais e é di-

fícil estudá-las com clareza. Recordemos que as fases de depressão do dinamismo biopsíquico do *sujeito* são como uma paralisação depois da expansão, um contrôlo necessário para a consolidação do corpo físico e psíquico num equilíbrio de forças, acompanhado de ocultas reacções biológicas connexo às funções de compensação, fenómeno muito semelhante à fadiga que sucede a um período de trabalho intenso, obrigando o Corpo a repousar e ao mesmo tempo estabelece o potencial de forças dos orgãos que trabalharam. Neste caso trata-se dum trabalho involuntário que se realiza nos recônditos do corpo físico-psíquico para consolidar um mais elevado equilíbrio biológico. O corpo psíquico fortalecer-se-ia numa fase biológica mais adiantada e o corpo físico procuraria harmonizar-se com ela, desmaterializando-se e fixando-se num estado evolutivo mais avançado também. Parece-nos que fenómeno semelhante se dá no que se refere às funções físicas e psíquicas, na biologia dum homem normal e assim deve ser, porque a lei que rege a vida dos homens é única, universal e necessária.

Convém ainda notar que, ultrapassado o vértice negativo da onda biológica, o *sujeito* se torna mais forte e mais seguro, adquire um estado de consciência mais luminoso e consegue novamente a visão da verdade. Retoma o dinamismo biológico que lhe é próprio e, com menor esforço, adquire posibilidades superiores àquelas alcançadas pouco antes.

★

Devemos agora explicar aquilo que entendemos por visão da verdade.

O *sujeito* vidente não vê a verdade com os sentidos normais dos homens, mas sim com percepção extra-sensória, isto é, vê-a dentro de si sintonizando o *Eu psíquico* com a própria verdade por meio de um sexto sentido que a evolução lhe criou. Se considerarmos o corpo humano como um aparelho receptor, pode dizer-se que o corpo do nosso *sujeito* é um aparelho muito aperfeiçoado e sensível, a ponto de registar sensações que um aparelho normal não consegue. O aperfeiçoamento dos sentidos humanos está em relação com as necessidades biológicas correspondentes ao plano evolutivo e ao ambiente próprio a cada um desses planos. É de notar que o ambiente e as funções criam o orgão. Esta é uma lei universal e que, portanto, abrange o nosso *sujeito*. Daí resulta que exercendo ele uma actividade biológica essencialmente psíquica e própria dos planos biológicos supranormais e não estando sujeito às influências do ambiente pròpriamente humano e, pelo contrário, participando dum ambiente super-humano, adquiriu características e possibilidades biológicas diferentes das nossas.

As características biológicas do *sujeito* fundam-se nas leis da natureza e nestas encontram justificação e explicação.

Portanto, durante as fases de expansão da consciência, isto é, quando os centros psíquicos funcionam, tem a percepção extra-sensória da verdade, que, de facultativa se torna pouco a pouco obrigatória. Vive em harmonia com as leis universais, isto é, com o pensamento de Deus, ultrapassa a natureza humana e alcança a natureza sobre-humana. Vive uma realidade que não pode ser compreendida pelos homens normais e que não pode ser expressa em linguagem comum. Tudo isto pode comparar-se aos cegos de nascença que não podem compreender a natureza das cores, por muito que lhas descrevam.

O fenómeno biológico vivido pelo nosso *sujeito* é indubitàvelmente muito interessante e demonstra-nos a que ponto pode erguer-se o poder psíquico. *A Grande Síntese* foi escrita sem que o seu autor possuisse adequada preparação científica. Pode parecer-nos um prodígio, mas não passa dum fenómeno natural embora raro e a realização duma normal possibilidade normal humana. Não existem prodígios na Natureza, mas existe uma lei biológica da qual conhecemos apenas uma pequena parcela. As possibilidades da ascensão humana são ilimitadas. A força que a gera é a centelha divina que arde em cada uma de nós, são as suas manifestações, a dor e o amor. É preciso a força corrosiva da dor para despedaçar o envólucro que nos retém prisioneiro, o fogo do amor para fundir a forte couraça que nos separa da verdade. Os véus do mistério rasgam-se ao sopro do amor, em vão pensaríamos doutra maneira. A característica peculiar dos mais elevados produtos da evolução humana é, com efeito, o amor infinito. Tal é a característica fundamental do nosso *sujeito*. Amor e dor são as fontes inextinguíveis da sua grandeza.

Dito isto, é mais fácil compreender que a sua potência intelectual e vital seja caracterizada por variações notáveis, que as experiências que lhe dizem respeito sejam de variadíssima natureza e contrastando entre si. É fácil, portanto, concluir que desse contraste resulta um complexo de acções e reacções psíquicas e físicas que mantêm o *sujeito* num estado de perene dinamismo, causa da sua evolução e origem de alegrias sobre-humanas e de sobre-humanos sofrimentos. Além disso, adivinha-se quanto deve sofrer no plano humano, quando a sua consciência experimenta quedas perigosas. Não causa espanto que nesse estado ele duvide que se considere estranho à verdade por ele entrevista e descrita, atormentado pela incerteza, incorra em erros e se despreze a si próprio.

Tudo isto pode parecer-nos desequilíbrio patológico e, na realidade, é desequilíbrio, mas um desequilíbrio construtivo, porque a personalidade do *sujeito* o compreende, o enquadra, o domina e o utiliza para o seu progresso, como o demonstra a sua autocrítica serena e sincera.

Dito isto, compreende-se que, dada a particular excepção do seu drama, dificilmente o *sujeito* pode

receber dos homens um auxílio profícuo. Os homens não o comprendem nem podem compreendê-lo, porque a compreensão só pode ser possível entre seres semelhantes e ele é muito diferente dos outros.

O *sujeito* vive uma vida que os outros desconhecem e, portanto, só ele deve suportar a grande aventura. Entrou sòzinho num caminho difícil cujo alvo é uma vida mais alta. Ele próprio, fez ruir as pontes atrás de si e não pode retroceder. Só recebe conforto das entidades superiores e para elas estende os braços suplicantes. A visão do Cristo sorri à sua dor e socorre-o no seu trabalho. Poucos homens o compreendem e, se muitos o exaltam, só os primeiros levam um pouco de refrigério ao seu calvário. Os segundos, com a sua exaltação exagerada, muitas vezes o prejudicam.

Explicado o fenómeno cíclico da vida do *sujeito*, todas as manifestações da personalidade deste último se tornam lógicas e justificadas. Erros, dúvidas, incertezas, mediocridade, génio, mediunidade, ultrafania, vertiginosas ascensões místicas, santidade, tudo isto constitui o conjunto do caso biológico de Pietro Ubaldi, do mesmo modo como sentimentos, possibilidades intelectuais, morais e volitivas diversas, constituem a personalidade de cada um de nós. Se observássemos objectivamente e de perto a vida dos grandes homens que a humanidade venera e ergue nos altares, encontraríamos igualmente grandes e pequenas coisas. Disto resulta que, em consequência das múltiplas e opostas manifestações da sua personalidade, o *sujeito*, conforme o prisma por que é considerado, pode parecer-nos santo, génio, médium, homem normal ou até um louco. Pode, portanto, inspirar admiração, amor, compaixão ou desprezo. Na realidade, todas as definições, anteriormente citadas, tomadas isoladamente, estão erradas, mas se as tomarmos em conjunto, são exactas. Portanto, se quisermos obter um cálculo sintético e real do *sujeito*, é necessário tomar em consideração as suas múltiplas e opostas manifestações, abstraindo ao mesmo tempo cada uma delas. Só assim teremos a visão sintética e objectiva, caso contrário perder-nos-emos num labirinto do qual será difícil sair. Avaliaremos, portanto, o *sujeito* em função de todos os seus atributos ou, melhor, segundo a soma algébrica, poderemos dizer assim, dos seus valores positivos e negativos. Tal cômputo não é fácil, inútil será dizê-lo, sobretudo, porque é extremamente difícil calcular o valor biológico de cada uma das qualidades, tratando-se duma apreciação muito incerta e sugestiva. Não obstante, tentaremos a apreciação, que, sé não for exacta, é pelo menos suficiente para orientar o juizo sobre um plano o menos afastado possível da realidade.

Fazemos notar que a nossa apreciação se refere à personalidade do *sujeito* no momento actual e sem qualquer referência ao passado.

(Continua)

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso Depósito as seguintes obras:

O Livro dos Espíritos, *de Allan Kardec.* Encadernado, 28$00.

Novos Rumos à Medicina, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. Encadernado, 50$00.

Tem Razão ?, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. *A mais adequada resposta que ainda se deu aos adversários do Espiritismo. Um grosso volume de grande formato,* brochado, 35$00; Encadernado, 50$00.

Para o Alto, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Contos e Apólogos de carácter espirita destinados à formação moral da mocidade.* Brochado, 18$00.

Observações e Sugestões, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Estudos, crítica construtiva e planos de acção espirita.* Brochado, 3$50.

Como se Organizam Sessões Espiritas, por Hans Harnold, *8.ª edição.* Brochado, 16$00.

O Problema do Além, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 20$00.

Fenómenos Psíquicos, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 18$00.

Magnetismo Pessoal, *por* Heitor Durville. *9.ª edição.* Brochado, 20$00.

A Intuição, *por* Walter Newell Weston. 3.ª edição. Brochado, 16$00.

Leitura Prática do Pensamento, *por* Atkinson. *3.ª edição.* Brochado, 10$00.

Sabedoria e o Destino, *por* Maeterlinck. Brochado, 20$00.

Curso de Magnetismo Pessoal, *por* V. Turnbull. Brochado, 15$00.

O Segredo da Concentração, *por* Walter Devoe, *7.ª edição.* Brochado, 6$00.

A Vida depois da Morte, *por* Yogi Ramacharaka, *4.ª edição.* Brochado, 16$00.

O Beijo da Morta, *por* Celestina Lanza. *Romance mediúnico.* Brochado, 14$00. Encadernado, 20$00.

O Trabalho dos Mortos, *pelo* Dr. Nogueira de Faria, *com muitas gravuras.* Encadernado, 45$00.

Mandamos estes livros à cobrança

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

NO MUNDO MAIOR — por *Francisco Cândido Xavier*. Ed. da Federação Espirita Brasileira. 1947. 240 págs.

Mais uma luminosa obra de André Luís ditada ao missionário admirável da mediunidade que se chama Francisco Xavier. De novo vasado em tom de narrativa amena, um seguro pensamento se manifesta. Desta vez seus olhos escalpelizam a tragédia incompreendida dos estados patológicos.

Há Vida nestas obras, uma Vida cujo seguro palpitar se escuta no silêncio da meditação.

Indiscutivelmente, é um médico que fala, alguém possuidor dum agudo sentido de observação e duma incomensurável ânsia de saber e de ensinar. Quem será a individualidade que modestamente se acoberta sob o pseudónimo de *André Luís?* Não terá ele feito a defesa do «Chico» Xavier, diante de críticos mais exigentes de provas absolutas, naquele admirável cap. IX?

Os casos que apresenta são duma flagrante actualidade e dão matéria para aqueles que se dedicam ao campo do magnetismo curador. Por isso, não hesitamos em aconselhar o estudo desta obra aos espiritas portugueses.

CARTAS DO EVANGELHO — por *Francisco Xavier*. Livraria Allan Kardec Editora. S. Paulo 1947. 148 págs.

Casimiro Cunha, o poeta brasileiro, dá-nos, através do génio mediúnico de Francisco Xavier, uma colectânea de poesias onde palpita, sob a singeleza da forma, a ânsia evangélica de perfeição espiritual. As suas Cartas são simultâneamente uma mensagem poética e uma efusão cristã. A espontaneidade das quadras e das rimas é bem digna do estro daquele que se chamou Casimiro Cunha. Não há pretensões formais, mas intenções puras de evangelização. A poesia é aqui serventuária da ideia, instrumento da eclosão dos anseios da alma.

Mais uma obra a acrescentar ao florilégio de Francisco Xavier, condignamente apresentada pela editora paulista.

JUSTICIA INMAMENTE — por *Noe Wejner*. Ed. de Imprensa La Sud-America». Santiago do Chile. 1947. 24 págs.

Neste opúsculo, disseca Wajner as antinomias da personalidade humana, os desencontros da atitude interna e dos seus reflexos externos. É uma síntese magistral em que ràpidamente se deixam cair marcos alterosos a medir a caminhada trôpega da humanidade que busca em torno de si, quando é nela que está o fim dessa própria busca. «Os homens, tanto individualmente como em colectividades, podem mudar a face do mundo, se chegarem a mudar o fundo da sua consciência». «O presente nunca será melhor, se não o contemparmos desde a perspectiva da Eternidade».

Wajner tocou a raiz comum das úlceras dolorosas de que enferma a personalidade humana: uma ânsia desconforme de justiça, simultânea dum deliberado fechar dos olhos à Justiça Imanente pressentível na Criação e audível distintamente nos recessos da própria consciência humana.

Lendo este opúsculo fica-se com a impressão de ter encontrado uma fonte donde a água brota lentamente em gotas que, bebidas, tornam a sede maior ainda. Porque não nos dará Wajner uma análise mais demorada da «consciência epocal», deixando que a sua fonte lance mais água e por mais tempo?

MARTA — Novela por *Fernando do Ó*. Ed. da Livraria da Federação Espirita Brasileira. 3.ª ed. Rio 1947. 192 págs.

O autor de «As Vozes Falaram» dá-nos nesta novela um drama mais pungente — o de Marta — mulher a quem uma paixão desvairada leva ao adultério, à fuga do carinho duma alma devotada. A dor purifica-a, porém, e ao desencarnar o seu espírito ganha a tranquilidade do resgate.

A tessidura dramática da novela faz-nos lembrar as obras do torturado de S. Miguel de Seide, desse génio da tragédia humana que se chamou Camilo. Mas em Fernando do Ó, e principalmente no diálogo, sente-se um esforço de composição que tira, ou melhor, empana a dureza de realidade actual que possa ter a acção; há pouca espontaneidade e isto leva-nos a sentir o drama apenas pelo que é em si e não pela arte com que o autor tenha tratado o seu desenrolar, a sua descrição. Há intencionalidade doutrinária tácita, expressa, em vez de ressaltar imediatamente dos factos. Isto é, o drama serve a ideia, em vez desta se desprender daquela como um fruto sazonado.

Fernando do Ó tem reais qualidades de novelista, a meu ver ainda não totalmente definidas. O autor como que tateia, buscando a perfeita expressão romântica da Ideia que sente.

A urdidura geral da presente novela não é nova, não constitui descoberta dum «caso», a não ser que se considere com tal pelos factos apendiculares de fenomenologia espirita. E é pena, porque Fernando do Ó, em «As Vozes Falaram», parecia guindar-se ao tom dum belo ineditismo romântico, que ainda nesta novela se pressente, quando o autor se mantém no campo da consciência, da voz íntima dos seus personagens. Mas logo que os exterioriza em *palavras*, quebra-se a tonalidade; veja-se, por exemplo, esta fala da heroína: «Quero, para maior castigo, revolver o punhal na ferida que sangra ainda e que sangrará por todo o sempre». Há um tom enfático de declamação, uma espécie daquela irrealidade cénica que só o génio dum discípulo de Talma pode às vezes salvar.

Se Fernando do Ó deixar correr mais livremente os produtos das suas visíveis qualidades de novelista, se não enformar prèviamente a sua imaginação nos moldes apertados da intenção, caminha mais depressa (estou certo) para aquele nível onde nós o desejamos ver.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

OS BENEFICIOS DA PSICOMETRIA

O jornal *Survie*, orgão da União Espirita Francesa, publicou há tempos um relato bem digno de figurar nestas colunas e que levará os cépticos a meditar na atitude zombeteira que asumem em face de muitos fenómenos supranormais.

Trata-se de uma carta do sr. Jacques Cordier, de Masnières, dirigida em 20 de Dezembro de 1946 ao Presidente do *Lar Espiritualista de Douai*.

«Fora da nossa reunião de 17 de Novembro de 1946 — escreve o sr. Jacques — entreguei a minha carteira a Madame Richard, sem nada lhe dizer. Eis o que ela me declarou na presença de numerosas testemunhas e depois de ter ràpidamente examinado o objecto:

Médium — Esta carteira é sua e foi-lhe roubada há pouco tempo.

«*Resposta* — Exacto.

«*Médium* — O dinheiro foi subtraido. Depois, o ladrão atirou-a fora e tentou destrui-la.

«*Resposta* — Sim, e só um acaso providencial evitou que ela caisse ao canal.

«*Médium* — O ladrão não pôde utilizar o dinheiro e, cheio de remorsos, destruiu-o.

«*Resposta* — Não sei.

«*Médium* — É curioso o que sinto. Deixe-me ver o interior da carteira. (Aquiesci. E encontrando o meu cartão de sócio do *Grupo de Estudos Psicológicos*, exclama): — Uma pessoa que conheceu o sr. muito bem, um homem falecido há pouco tempo (dois ou três dias) influenciou o ladrão e provocou o remorso que o levou a destruir o dinheiro e impediu a destruição dessa carteira. Este cartão do Grupo serviu de liame ao Além, para que vos pudesse auxiliar.

«*Resposta* — É possível, mas não creio, porque nenhum dos meus amigos faleceu esta semana. Se fosse possivel, desejaria esclarecimentos e indicação do gatuno.

«*Médium* — É um homem novo, alto, magro, rosto comprido, que trabalha muito perto do senhor. Reconhecê-lo-ei fàcilmente, se vir a fotografia. Quem protegeu o sr. é um indivíduo que, não tendo qualquer parentesco com o ladrão, é muito parecido com ele, embora mais idoso.

«Insisto no ponto, segundo o qual o indivíduo que teria influenciado o gatuno faleceu pouco antes do roubo ter sido cometido. E, munido destes preciosos ensinamentos, é fácil de adivinhar a espécie de explicações que no dia seguinte tive com o jovem B. C. Envergonhado e confundido com tantos pormenores, confessou o seu delito.

«Perguntado, declarou-me que, na verdade, o roubo fora cometido na quinta-feira às 16 horas e que, não lhe sendo possivel utilizar o dinheiro escondido, o queimara impelido pelo remorso, na intenção de destruir a carteira.

«Quando voltei a casa, informaram-me da personalidade do meu invisível protector. Eis o que me disseram:

«Na quinta-feira, 14, às 16 horas, faleceu em Masnières, onde residia, o sr. G. A., caixa reformado da oficina onde eu estava empregado e com quem tinha relações de amizade. Homem de integridade absoluta, e que, devido às suas antigas funções, considerava o dinheiro... dos outros como coisa sagrada.

«Os seus sinais característicos físicos correspondem absolutamente à descrição da médium. Furioso com a acção praticada pelo jovem B. C., mesmo do Além o influenciou. Devo-lhe, pois, a solução favorável deste caso».

O Secretário Geral da União Espirita Francesa, Georges Gonzalès, esteve m Douai no mês de Dezembro de 1947 e viu o sr. Jacques Cordier, que lhe falou da carteira encontrada, em virtude da mediunidade de Madame Lucile Richard.

O CENTENÁRIO DOS FENÓMENOS DE HYDESVILLE, NO RIO DE JANEIRO

A *Liga Espirita do Brasil*, com sede no Rio de Janeiro, muito se esforçou para que o 1.º centenário dos fenómenos de Hydesville tivesse comemoração condigna. Aliás, podemos dizer que no Brasil, em diversos Estados, a comemoração daquele centenário teve grande relevo. No Rio de Janeiro, onde estão as duas maiores entidades orientadoras — a Federação Espirita Brasileira e a Liga Espirita do Brasil — o acontecimento, que é de incontestável significação histórica para o Espiritismo, teve celebração apreciavel. A *Federação Espirita Brasileira* mandou para a América do Norte importante exposição acerca do Espiritismo no Brasil. A *Liga Espirita do Brasil*, além do relatório que enviou à Comissão de Rochester, Estados Unidos, tomou providências para que a data centenária daqueles fenómenos fosse igualmente comemorada no interior do país.

A Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro fez reunião especial para comemorar o centenário, tendo o jornalista Milton de Andrade proferido importante conferência.

Em Florianópolis (Santa Catarina); em Porto Alegre (Rio Grande do Sul); em Salvador (Baía), assim como em diversos outros Estados, houve comemorações. O programa elaborado pela *Liga Espirita do Brasil* obedeceu a uma orientação cultural muito interessante. Houve quatro conferências, durante o mês, na *Liga Espirita do Brasil*, assim organizadas: 1.ª — *Os Fenómenos de Hydesville e Suas Consequências Cientificas*, pelo general Manuel Araripe de Faria; 2.ª — *Os Fenómenos de Hydesville e Suas Consequências Filosóficas*, pelo tenente-coronel Delfino Ferreira; *Os Fenómenos de Hydesville e Sua Influência na Terapêutica Espiritual*, pelo Dr. Randolfo Pena Ribas, médico homeópata, ex-professor de Psicologia da *Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos;* 4.ª *Os Fenómenos de Hydesville e Suas Consequências Morais*, pelo prof. J. C. Moreira Guimarães, lente dos cursos da Biblioteca Nacional. Na noite de 31 de Março, na sede da Liga, sessão solene, com uma parte artística, sendo orador o Dr. Carlos Imbassahy, nosso velho amigo e colaborador de *Estudos Psíquicos*.

A *Gráfica Mundo Espirita S. A.*, actualmente sob a presidência do Dr. Lins Vasconcelos, aproveitou o

ensejo da comemoração do centenário dos *raps* de Hydesville para lançar, como nota do programa, o livro de Deolindo Amorim, nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro, sob o título «O Espiritismo e os Problemas Humanos». O orgão oficial da Liga Espirita — *Revista Espirita do Brasil* — dedicou o seu número de Março à comemoração do Centenário. O *Centro Espirita «18 de Abril»*, que funciona provisòriamente na sede da *Liga*, organizou um programa de estudos, durante todo o mês de Março, sobre os *raps* de Hydesville, dividido em quatro palestras: *Resumo Histórico dos Fenómenos de Hydesville, Das Leis Gerais da Mediunidade, O Fenómeno Espirita em Face da Metapsíquica* e, finalmente, *Os Fenómenos de Hydesville e Sua Influência Nas Ideias Religiosas e Filosóficas de Seu Tempo*, esta última a cargo do prof. Moreira Guimarães, e as outras feitas por um dos directores do centro.

A *Concentração Espirita Lar de Jesus*, do ramal de Nova-Iguassú, tendo à frente os confrades J. B. Chagas, prof. Leopoldo Machado, Vitorino Eloi dos Santos, José Alves de Oliveira e muitos outros, realizou comemorações, com assistência numerosa.

Teríamos muito que dizer ainda sobre as comemorações efectuadas no Brasil, mas ainda não nos chegaram daquele país irmão todas as notícias.

O SEGREDO DE SHAKESPEARE

É velha a controvérsia acerca da verdadeira identidade do grande poeta inglês Shakespeare que uns dizem ter sido o Conde de Oxford e outros *sir* Francisco Bacon. Agora, a *United Press* difundiu a seguinte notícia, inserta em *La Razón*, de Buenos Aires, e transcrita pela revista *Constancia*, da mesma cidade.

Londres (U. P.) Percy Allen, que outrora foi critico teatral no *Christian Science Monitor*, introduziu hoje surpreendente nota a uma das mais agitadas e acaloradas controvérsias literárias que tem havido na Inglaterra, ao revelar, num livro agora publicado, que se pusera em relação com William Shakespeare, o Conde de Oxford e *Sir* Francis Bacon no chamado mundo dos espíritos e que lhes havia feito estas perguntas nuas e cruas:

«— Quem escreveu as obras atribuidas a William Shakespeare?

«Percy Allen, num dos capítulos do seu livro intitulado «Conversas com os Isabelinhos», diz que se pôs em relação com Shakespeare, *sir* Francis Bacon e o Conde de Oxford, por intermédio da senhora Hester Dowden, a famosa médium de escrita automática, cuja pena é guiada pelos espíritos. E acrescenta que, graças a este inesperado e surpreendente contacto com o Além, pode agora não só revelar o mistério dos dramas e poemas de Shakespeare, bem como resolver muitos outros mistérios. Diz, por exemplo, que a «Dark Lady» (Dama Escura) dos sonetos do grande bardo é, na realidade, «Elisabeth, a Rainha Virgem», da qual — segundo afirma o autor — o Conde de Oxford teve um filho legítimo, que mais tarde foi o Conde de Southampton. O escritor acresrenta».

«Depois de larga conversação com o Espirito de Shakespeare, fiz-lhe esta pergunta: «Tem alguma mensagem a dar aos seus leitores, por meu intermédio?» «Sim — respondeu-me o grande poeta —, deveis dizer-lhes que o silêncio se manteve, mais em benefício do de Oxford, do que do meu. Eu fugia de mistérios e intrigas e só os utilizava nos meus dramas. Ele e eu somos Shakespeare, mas eu é que suportei durante muito tempo o trabalho e a responsabilidade de dois homens. Congratulo-me com o facto de agora se correr a cortina e todos verem o verdadeiro poeta e comediógrafo. Podeis publicar o que vos digo».

«Allen declara que esta conversação com o bardo é prova concludente de que o Conde de Oxford e William Shakespeare eram íntimos colaboradores. Afirma também que, em conversação espiritual com *sir* Francis Bacon, este declarou que, ao ler os originais dos poemas e comédias, fazia algumas correcções, embora não participasse na redacção desses escritos.

«No prefácio do seu livro, Allen insere um soneto que, segundo diz, foi escrito para ele por Shakespeare. Assegura igualmente que os manuscritos das obras teatrais do poeta, cujo destino é outro mistério não revelado, estão sepultados junto dos restos mortais de seu autor (presumível autor) em Stratford-on-Avon, e que o manuscrito do *Hamlet* está precisamente sobre o peito dos despojos de Shakespeare. Todavia, Allen acrescenta que o próprio Conde de Oxford lhe recomendou que não tentasse abrir a campa de Shakespeare, visto que os preciosos manuscritos, que agora custariam muitos milhões, de nada serviriam, por estarem carcomidos pela humidade».

Salvo o devido respeito, somos de opinião de que deviam fazer-se rigorosas investigações acerca das afirmações de Percy Allen, inclusivamente localizar a sepultura de Shakespeare e exumar-lhe os despojos materiais. A questão dos manuscritos, mesmo deteriorados, interessa verdadeiramente à identificação da mensagem recebida. Se, de facto, lá estivessem esses papeis, ficaria esclarecido um mistério, cuja chave, até hoje, ainda ninguém encontrou.

LIGA ESPIRITA DO BRASIL

Estamos informados de que, na forma de disposições estatutárias, já está em cogitação, entre vários confrades do Rio de Janeiro, a escolha da nova directoria da Liga Espirita do Brasil *para o triénio de 1948/51. A eleição será realizada na assembleia anual de Maio próximo. Tratando-se de uma entidade irmã, de projecção no cenário espirita do Brasil, é natural que a escolha de seus dirigentes constitua assunto de interesse geral, até mesmo para nós, deste lado do Oceano, visto estarmos ligados por forte afinidade espiritual às organizações espiritas brasileiras.*

Soubemos que o primeiro nome indicado para a presidência da Liga *foi o Dr. Lins de Vasconcelos, engenheiro, ex-presidente da* Federação Espirita do Paraná, *actual presidente da* Gráfica Mundo Espirita S. A., *presidente da* Coligação Nacional pró-Estado Leigo *e 2.º Vice-presidente da* Liga. *Mas, segundo nos informaram, o Dr. Lins de Vasconcelos apresentou razões ponderosas para justificar a sua recusa ao lançamento de sua candidatura. Um grupo de confrades, ao mesmo tempo, pretendeu apresentar a candidatura de Deolindo Amorim, actual Secretário Geral da instituição e nosso redactor-correspondente; mas, tendo este declarado que não aceitava a indicação de seu nome, naturalmente haverá uma convenção para tratar do assunto da sucessão na assembleia de Maio. Fala-se também nos nomes dos confrades Prof. Moreira Guimarães e Josué Gonçalves, ou, se for aceita, a reeleição mais uma vez do confrade Aurino Souto, actual presidente. A sucessão do Conselho da Liga, embora seja assunto de rotina, previsto*

Notas & Comentários

«A VOZ DO ALTO»

Com este título sugestivo, iniciou a publicação em Fortaleza o quinzenário *A Voz do Alto*, orgão da Confederação Espirita Cearense, dirigido por António Isaias de Jesus e José Borges dos Santos, este último nosso estimado representante naquela cidade.

Muito bem apresentado e com boa distribuição gráfica, insere interessante secção intitulada *Espiritismo pelo Mundo*, na qual se refere à nossa revista em termos muito amistosos.

À *Voz do Alto* e aos seus esforçados directores, os nossos cumprimentos fraternais, com desejos de triunfo e expansão.

NOVA CONFERÊNCIA PÚBLICA

Cremos dar uma boa notícia aos leitores, informando-os de no próximo mês de Junho contamos promover nova conferência pública de Ramos Pereira em qualquer teatro de Lisboa. Ainda se não apagaram inteiramente as impressões agradáveis da conferência do Ginásio, em que o nosso redactor se afirmou como hábil expositor de filosofia e doutrina. E antes que os últimos ecos se extingam, voltaremos a agitar o problema espirita ante o mundo profano, na convicção absoluta de que prestamos um bom serviço à Causa.

No próximo número daremos informações pormenorizadas e talvez nos seja permitido indicar o local, o dia e a hora em que a conferência será realizada.

Esperamos que a Federação Espirita Portuguesa e os grandes centros espiritas da capital nos auxiliem nesta empresa difícil e arriscada.

O DELÍRIO DE «A NAÇÃO»...

O semanário *A Nação* entretem-se de vez em quando a atacar o Espiritismo. Mas ataca por atacar. Ainda não apresentou uma única base para a sua crítica demolidora. Há lá uns senhores que de tudo entendem (quando entendem). São novatos e metediços. Depois... dá-se o inevitável: entrada de leão, saida de sendeiro.

Agora, apareceu o sr. João Crisóstomo, que não sabemos quem seja, a falar *ex-cathedra* acerca de «A Igreja e o Espiritismo». E diz imediatamente: «Uma vez que o Espiritismo propõe uma doutrina religiosa e ética para os homens, não podia a Igreja, que, por direito divino, é guia e mestre nas questões morais e religiosas, deixar de tomar posição perante a doutrina e as práticas espiritistas».

Antes de apresentar os seus argumentos, o sr. João Crisóstomo fecha logo a questão. O *direito divino* a que se refere é velha muleta fora de uso para seres racionais e conscientes. Direitos divinos? Quem os outorgou?... O homem de hoje não se contenta com dogmas e falácias. Quer mais alguma coisa onde apoiar ideias e teorias.

Depois, volta a abrir e a fechar a porta, exclamando:

— A autoridade da Igreja proibe, em absoluto, aos fieis a intervenção ou participação, seja sob que pretexto for, nas sessões de espiritismo (*sic*).

Aqui está uma coisa que a Doutrina Espirita não proibe a ninguém: o livre exame de tudo quanto existe no mundo moral e material.

O sr. Crisóstomo estriba a sua afirmação num documento do Santo Ofício aprovado por Bento XV em 1917. Quer dizer, é um papagaio que repete o que lhe ensinam.

Mais abaixo, declara rotundamente que *a razão* e o *dogma* se recusam a admitir que as almas desencarnadas tomem parte nas sessões espiritas. Lamentamos que alie a razão ao dogma para combater práticas legítimas. Razão e dogma são coisas antagónicas. Lembre-se do *credo quia absurdum* de Santo Agostinho. E nada mais, por agora, que o resto irá no próximo número. O resto, não! Levará a ração inteira. O que aí fica é para tranquilizar os amáveis leitores que nos enviaram exemplares do jornal em questão, que não nos sobra tempo para decifrar charadas e artigos de feitura preconcebida.

CONGRESSO ESPIRITA PORTUGUÊS

O *Mensageiro Espirita* de Janeiro-Fevereiro insere um artigo do seu director, Coronel Faure da Rosa, intitulado «Congresso Espirita Nacional», convidando os espiritas portugueses a dizer se concordam ou não com a realização do Congresso.

Os termos, porém, em que é vasado o artigo e o pouco ou nenhum entusiasmo que ali se manifesta, levam-nos a crer que a Federação Espirita Portuguesa não vê oportunidade alguma no lançamento da ideia do Congresso.

Já falámos várias vezes na necessidade de agitar a questão e nós próprios a agitámos quando se nos deparou o ensejo; mas confessamos que não existe ambiente adequado para semelhante empresa, em virtude das forças espiritas portuguesas andarem tremalhadas e carecerem de orientação e doutrinação.

O entusiasmo de outros tempos foi amortecido por desinteligências graves e atitudes que conduziram à derrocada quase completa do pouco que se tinha feito. Após esse tempo de marasmo inconcebivel, dir-se-ia que o Espiritismo só podia ser pregado por dois ou três, voltou a agitar-se a propaganda, mas em bases diferentes, com novos elementos e alguns dos antigos que permaneceram fieis à Legenda. Enquanto não se firmarem princípios conducentes à ideia de verdadeira união, achamos inoportuno o falado Congresso. É a nossa opinião pessoal.

Os congressos são paradas de força que é preciso agitar primeiro e organizar depois.

---

na Constituição daquela entidade brasileira, não deixa de merecer atenção especial, tanto mais sabendo nós que qualquer chapa que venha a ser eleita em Maio tudo fará para o engrandecimento da Causa Espirita no rincão brasileiro. Desejamos sinceramente muita paz e prosperidade aos Confrades que, na próxima assembleia, tiverem de receber tão espinhoso mandato, qual seja o dirigir uma entidade de âmbito nacional como a Liga Espirita do Brasil.

Noticiário

PARTICIPAÇÕES

A *União Espirita de Pernambuco* teve a amabilidade de nos participar a eleição da Directoria que no biénio de 1948-1949 se manterá à frente desta instituição: *Presidente* — João Bezerra de Vasconcelos; *1.º e 2.º Vice-Presidente* — Olegário José dos Santos e José Fiodrippe; *Secretário Geral* — Alberto Bezerra Cavalcanti; *1.º e 2. Secretário* — Eduardo Gomes e Petrónio Andrade Coutinho; *Tesoureiro* — Tomaz Ribeiro; *Vice-Tesoureiro* — António Dias; *Bibliotecária* — Teresa de Jesus; *Director da Assistência* — José Xavier; *Comissão Fiscal* — Bartolomeu Santos, Damásia Arcovelo e António Bernardino.

Também o *Grupo Espirita Sebastião*, da Rua Matoso, 164, Rio de Janeiro, nos fez igual participação. A Directoria é a seguinte: *Presidente, 1.º Vice-presidente e 2.º Vice-presidente* — Alberto Machado, Ricardo Cota e Domingos Carneiro Júnior; *1.º, 2.º e 3.º secretário* — Casimiro Lobo Aguilar, D. Anésia Coelho Salgado e D. Maggie Poggi de Figueiredo; *1.º e 2.º tesoureiro* — D. Conceição Carneiro e Marius Ramalho; *Procurador* — João Lebre Júnior; *Bibliotecária* — D. Emília Machado; *Dep. de Publicidade* — D. Laura Aguiar. *Comissão de Contas* — António Marandino, Ernesto Olive Sobrinho e António Coelho Sequeira.

Às duas prestantes agremiações os nossos agradecimentos pela amabilidade da comunicação com que nos distinguiram.

COTIZAÇÕES DO CENTRO

Tendo havido má compreensão no que publicámos no penúltimo número relativo a aumento de cotas, informamos que esse aumento é voluntário para os sócios anteriores a 1 de Janeiro do corrente ano. A partir desta data é que as cotas foram aumentadas para 7$50.

Renovamos, porém, o apelo: para que pudéssemos continuar a fornecer a revista gratuitamente, seria necessário que todos os sócios aumentassem voluntàriamente as suas cotas até àquela quantia. À consciência de todos deixamos, pois, a questão, certos de que nos facilitarão a tarefa.

«PROBLEMAS PSICOLÓGICOS»

Sob este título genérico, vai Ramos Pereira iniciar novo ciclo de conferências na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, subordinadas aos seguintes temas:

I — Introdução à psicologia. Objecto e métodos.
II — Estática e dinâmica psicológica.
III — A estrutura do Espírito e o paralelismo psico-fisiológico.
IV — Metapsicologia. Os fenómenos anímicos.
V — Metapsicologia. Os fenómenos espiritas.
VI — Temas e hipóteses.
VII — Problemática espirita.
VIII — Metafísica espirita.

A primeira realizar-se-á no dia 2 de Maio, domingo, às 16 horas.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSIQUICOS»

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos destinados a auxiliar a manutenção desta revista:

D. Maria Carolina Monteiro, de Portimão	25$00
José de Jesus, de Silvã de Cima	50$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	100$00
José Pais de Carvalho, de Mangualde ...	40$00
	215$00

BENEFICÊNCIA

Recebemos do sr. Cristiano Ailmeida Henriques, de Bissau, Guiné Portuguesa, a quantia de 25$00, que agradecemos.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Ramos Pereira concluiu o seu trabalho acerca da *Reencarnação*, com uma bela tese que ficou na memória de todos os que tiveram o prazer de o ouvir no dia 11 de Abril corrente. Falou durante hora e meia, estudando a Reencarnação do ponto de vista social e soube tirar do assunto curiosas e interessante conclusões. Talvez porque o tema lhe fosse propício, estendeu-se em considerações de carácter económico que se adaptavam admiràvelmente à sua exposição, demonstrando asim a verdade de uma Lei espirita que poderá contribuir em grande escala para a transformação do mundo actual, cheio de erros e injustiças que atormentam o homem e o conduzem a pavorosas e irremediáveis quedas. Ramos Pereira foi muito aplaudido e justamente felicitado.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE MAIO DE 1948

Dia 2 de Maio, domingo, às 16 horas — 1.ª Conferência de Ramos Pereira da série PROBLEMAS PSICOLÓGICOS, intitulada «Introdução à Psicologia. Objecto e Métodos».

Dia 8 de Maio, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinària com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 15 de Maio, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinário dirigida por Ramos Pereira.

Dia 23 de Maio, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Correspondências Cruzadas».

Dia 28 de Maio, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária a cargo do Grupo *Amor do Redentor*.

NOTA — As conferências são públicas. As sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.

«AMOR DO REDENTOR»

Este operoso Grupo Espirita *que actua no Centro Espiritualista Luz e Amor sob a direcção do nosso confrade e amigo Dr. Adelino Gamboa, tendo como médium a sr.ª D. Maria Cecília Gorina, vai realizar brevemente uma nova festa de caridade, semelhante à que realizou há pouco no Grémio dos Açores.*

Todos os que desejem auxiliar este empreendimento com a sua presença e o seu concurso, podem fazê-lo pelo telefone 4 4831, em Lisboa.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, MAIO DE 1948 — N.º 5

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

Assistência Psíquica

O caso é mais grave do que parece. Todas as semanas nos chegam informações desoladoras a respeito de doentes incuráveis pela terapêutica médica habitual. Todas as semanas nos batem à porta esses náufragos da vida, de olhos expectantes, denunciadores de enfermidades mentais que não puderam debelar-se. E gritam e gesticulam, implorando um alívio, um minuto de calma no tormento que os sacode e que atinge inexoravelmente as próprias famílias. E o estribilho é sempre o mesmo: «O médico diz que não tem cura». «O médico diz que não tenho nada». Outros exibem montes de receitas inúteis. Outros ainda, foragidos de casas de saude ou de manicómios, onde suportaram as inconcebíveis violências do electro-choque, reflectem no semblante o sofrimento enorme das torturas a que foram submetidos. É um cortejo pavoroso de imprecações e de sombras, entoando misereres ao som de marchas fúnebres. Segregados da vida, apodados de loucos, esses fantasmas palpitantes sofrem dores atrozes e não há para eles remédio possível, enquadrado nas leis vigentes.

Mais de sessenta por cento desses infelizes são meros obsidiados. Não têm lesões orgânicas e curam-se facilmente com tratamento psíquico, sem medicamentos de espécie alguma. Possuimos milhares de provas do que afirmamos. Conhecemos médicos que aconselham a assistência psíquica a indivíduos impròpriamente chamados loucos, cientes de que a terapêutica psiquiátrica ainda agrava mais a doença em determinados enfermos.

Seria de absoluta necessidade a fundação em Lisboa de uma Casa de Assistência Psíquica dirigida por médicos, onde se aplicassem paralelamente as duas terapêuticas. Seria o material aliado ao espiritual, como se faz no Sanatório Espirita de Uberaba e na Casa de Saúde Allan Kardec, de Franca, Estado do Rio de Janeiro.

Todos os anos assistimos ao espectáculo de caridosas senhoras que nas ruas de Lisboa tolhem o passo ao transeunte para lhe oferecer uma flor em troca de óbulos para os cancerosos; mas nunca se lembraram de coisa semelhante em benefício dos alienados que vagueiam sem assistência médica, porque não encontram lugar nos hospitais e se proibe a assistência psíquica, mesmo sem medicamentos.

Em nosso entender, uma clínica de assistência psíquica devia ser a primeira obra social do Espiritismo na terra lusa, antes dos asilos e orfanatos. Há lá coisa mais dolorosa do que viver com um ente querido a quem foi roubada a consciência e muitas vezes substituida por outra, como é o caso dos possessos ? Para estes pobres obnubilados, diz o povo: «antes morte que tal sorte».

Vamos trabalhar todos neste grande empreendimento, interessando os médicos e levando os endinheirados a concorrer para a criação em Portugal da verdadeira assistência psíquica aos milhares de obsidiados que vegetam por essas terras ingratas, onde a caridade é impotente para se manifestar, em virtude de leis que deviam ser revogadas ?

Querer é poder. Se soubermos querer, tudo realizaremos.

Mai/48

Metapsiquistas e Espiritistas

pelo Coronel Faure da Rosa

Muitas das manifestações supranormais da fenomenologia espirita são atribuidas pelos metapsiquistas ao subconsciente, o que, à primeira vista, pode parecer estar em contradição com o consciente.

A experiência cotidiana permite-nos constatar — escreve André Dumas — que aquilo a que nós chamamos *consciência psicológica* — o *consciente* — é como que uma espécie de «selecção» de estados mentais e afectivos, de conhecimentos e de sentimentos, constituida à custa de quantidade consideravelmente mais importante de elementos psíquicos existentes em estado latente.

Expliquemos: neste momento em que escrevo, sòmente este problema que medito e procuro perscrutar, ocupa o meu consciente. Tudo o mais, desde as recordações da infância ou de qualquer outra época menos remota, até à cultura adquirida e às opiniões políticas ou religiosas, é como se não tivesse existido. Mas de facto existe, como se estivesse armazenado no *subconsciente*, donde poderá sair, penetrar temporariamente no consciente por determinação de circunstâncias exteriores, muitas vezes sem que a gente o tivesse querido, outras vezes por esforço da vontade.

«Em suma: o subconsciente não é uma parte distinta do ser psíquico, é o próprio ser psíquico. O que constitui o nosso consciente não é mais que um aspecto exterior, e limitado por nós mesmos, detrás do qual vive e age o subconsciente; isto é, a nossa personalidade profunda, muito mais vasta e complexa, que Frederic Myers denominou consciência *subliminar* ou o «eu subliminar» («abaixo do limiar»), em oposição à consciência *supraliminar* («acima do limiar»), a consciência superficial».

Há, porém, outras manifestações da fenomenologia espirita, e não são poucas, em que os metapsiquistas se quedam perplexos, atónitos, por vezes, sem poderem aventar hipótese recomendável.

Pretender que a subconsciência pode operar por si só, com completo desconhecimento da consciência normal, sem que ela o tenha sabido e querido... é entrar demasiado no domínio do inverosímil — diz Michel Sage.

O que o subconsciente produz não é mais que a revivescência de aquisições acumuladas na vida decorrente ou em vidas anteriores.

Todos os metapsiquistas admitem que o ser subconsciente é independente da nossa organização sensório-motora e evolui num plano transcendente. Esta actividade supra-normal que a morte não pode atingir, porque é imortal, também não conhece limitação visto que para ela não existe o espaço. É preciso, portanto, admitir que não há solução de continuidade na multiplicidade infinita de subconsciências, seja de vivos, seja de mortos.

É natural que se pergunte como é possivel discernir se estamos em presença da intervenção de um vivo ou da de um morto.

A priori pode-se dizer que são possíveis ambas as intervenções, se bem que haja metapsiquistas que dizem ser escusado recorrer aos «Espíritos» quando o subconsciente satisfaça as exigências da investigação.

O Dr. Geley entende que jámais a experiência conseguirá discriminar com segurança as duas espécies de subconsciência: a dos vivos e dos mortos. Mas o Dr. Osty, apesar da rigidez do seu método de trabalho, julga que a discriminação não é impossivel e que um dia virá em que a ciência estabeleça nitida distinção entre as duas subconsciências. «Nesse dia o Espiritismo deixará de ser uma filosofia para se tornar uma evidência experimental» — assevera Wietrich.

«Ainda hoje persiste a lamentável recusa do escol das sociedades de tomar em consideração as manifestações mais significativas e importantes da vida, aquelas que assinalam, por detrás do homem aparente — máquina de viver na matéria — um outro homem dotado de propriedades transcendentes, de conhecimento e de acção, aquelas que oferecem, também, a condição mais favorável ao descobirmento das relações entre a matéria e o pensamento, segredo da vida» — escreve o Dr. Osty. «As manifestações psíquicas supra-normais não são obra de planos funcionais do Psiquismo que a Ciência tem explorado sob a denominação de *Consciência* e *Subconsciência*.

«Essas manifestações assinalam a existência, no homem, de um outro plano de espí-

rito, outra consciência capaz de tomar conhecimento da realidade por meios desconhecidos — para os quais o espaço e o tempo não são obstáculos — capazes de agirem directamente na matéria, sem intermediários mecânicos visíveis; consciência, se assim se pode falar, dotada de transcendência».

Os casos de descoberta de cadáveres, debalde procurados e das circunstâncias misteriosas do desaparecimento de defuntos, das quais ninguém podia suspeitar, levaram o Dr. Osty a declarar: «Estes factos são tão precisos e típicos que não é verosímil que a origem informadora do médium possa ter sido o pensamento transmitido por nenhum ente vivo».

Descobrir o rasto de um morto é já coisa fantástica, mas reconstituir, no estado de transe, o intimo acto do drama da sua vida, com todas as peripécias, e a tragédia da sua morte, quando tais actos se desenrolaram longe de todos os olhares humanos, excita a sensibilidade até emocionar e chega a perturbar a razão.

Como não se pode admitir que um cadaver tivesse feito saber telepaticamente o lugar em que ficara, depois de vários incidentes, e a querer repudiar a intervenção do Além, do Espírito desencarnado do defunto, só resta a hipótese do... *subconsciente das coisas* em comunicação telepática com os médiuns.

Um caso concreto: Em 4 de Janeiro de 1932, um rapaz de 12 anos, filho do contra-mestre duma fábrica, caiu num rio e desapareceu arrastado pela corrente.

Tendo sido inúteis as pesquisas feitas para encontrar o cadáver, o pai consultou a Sr.ª Hessel (1) que lhe disse que o lugar do desastre ficava fora da cidade, entre dois prados verdes, perto dos quais passava o caminho de ferro; que mais longe estavam os edifícios de uma fábrica em cujas proximidades um homem se ocupava de jardinagem; que via crianças a brincar, tendo designado cada uma delas pelo seu nome próprio. A seguir, a médium descreveu o caminho que o rapazito tinha seguido para chegar àquele sítio acompanhado por um primo; narrou o acidente, a queda no rio, e o trajecto que o corpo seguira, entre as ribas, através dos prados verdes, aludiu ao rodopiar do corpo no turbilhão formado pela confluência de dois rios, o qual depois, veio a ficar preso numa das estacas de um dique... Disse que naquele local a riba se elevava suavemente e que dali se avistava uma grande chaminé e uma espécie de telheiro, bem como um bosque não muito afastado da cidade, mas mais perto da povoação.

Destes elementos deduziu o pai que podia tratar-se de um dos dois moinhos existentes, distanciados um do outro de cerca de dez minutos de caminho. Explorado o canal que conduz ao segundo moinho, não se encontrou o cadáver, mas depois de novas explorações foi encontrado entre as duas barragens, precisamente ns condições descritas pela médium Hessel: preso a uma estaca, próximo da margem direita, a 15 metros do local onde despeja o esgoto da rua Ernest...

O cronista alemão que narra este facto na revista que se ocupa de Metapsiquica, em Setembro de 1932, considera o caso muito insólito, Ele próprio cronista, ter analisado o local, percorrido o trajecto e verificado a exactidão da descrição da clarividente Hessel. Para ele não podia ter havido telepatia porque nenhum ser vivo teve a menor ideia de tudo isto.

Maurice Maire, cronista da *Revue Metapsychique*, também afirma que é impossível recorrer a hipótese telepática...

«O caso perturba, é muitissimo confuso» — limita-se a concluir Maurice Maire. O Dr. Osty conta como de modo idêntico foi encontrado o cadáver de Lerasle que, sózinho, saira de casa, sózinho percorrera determinado caminho, e, longe da vista de todos se suicidara! Uma outra clarividente reconstituiu toda a cena, desde a partida de casa de Lerasle até à localização do cadáver.

Então... se não se trata de comunicação do Além, que poderá ser ?...

Richet perguntou a uma vidente qual tinha sido o nome de uma das duas criadas que o serviram na primeira infância, e Richet pensa, intensamente, nos nomes de Luiza e Doroteia; mas a vidente responde: *Melânia*. Ora essa Melânia fora a cozinheira de casa de seus pais, havia sessenta anos, e nela não pensara Richet uma única vez. Pretender que foi uma recordação inconsciente, acha Richet que é de tamanha subtileza que prefere acreditar que *foi a realidade de Melânia que determinou a resposta da vidente*.

A dama conhecida pelo nome de «A Mulher de Bom Humor», ouviu Oliver Lodge falar com Frederic Myers com tal distinção que era completamente impossivel supor que as conversações pudessem ser mantidas pela ignorante mulher do povo que servia de mé-

(1) De Leipzig; senhora considerada, então, uma das mais poderosas médiuns clarividentes da Alemanha.

dium. O americano George Pelhan, amigo do Dr. Hodgson, prometera-lhe na vida terrena que, uma vez desencarnado, mandaria comunicações pela médium Piper. Pelhan cumpriu a promessa durante muitos anos, discutindo filosofia com o Dr. Hodgson, reconhecendo os amigos pessoais que anonimamente compareciam às sessões, conversando com cada um deles e demonstrando a própria personalidade por muitos meios. Richet confirma que George Pelhan reapareceu, psicologicamente inteiro e se referiu ao que viu, disse e ouviu durante a sua vida terrestre.

Uma vez, numa experiência em que tomava parte Richet, todos os assistentes viram sair do sobrado um vapor branco que, pouco a pouco, se condensou e adquiriu a forma de um indivíduo vivo, um homem de pequena estatura. Depois de ter dado alguns passos em frente dos assistentes, muito perto deles, a *menos de um metro de Richet*, desapareceu, sumindo-se pelo chão abaixo com um ruido de *clac clac*, como se os ossos tivessem caido no chão.

Doutra vez, apareceu um fantasma cuja fotografia reproduziu as suas formas. Os assistentes puderam tocá-lo, sentir-lhe a mão, apalpar-lhe os cabelos. E Richet afirma:

—Que há fantasmas, é tão certo como se eu dissesse que há estrelas. Um médium a falar muitas línguas e línguas que, estando acordado, não conhece, é verdadeiramente maravilhoso. E, decididamente, *a explicação espirita é a mais aceitável!*

E mais adiante, acrescenta Richet: «em grande número de casos *a hipótese espirita é a mais simples, isto é, a melhor.* Qualquer que seja a audácia desta afirmação — que há anjos ou desencarnados — é impossível, em certos casos, não os admitir. Por exemplo: quando crianças como o pequeno Rey, com dois anos e sete meses, e a pequenita Lili, de três anos e três meses, vêem, algumas semanas antes de morrer, lindas senhoras que as chamam, quando fantasmas erram numa casa assombrada, e, sobretudo, quando George Pelhan, com numerosas recordações da sua vida passada, aparece em casa da médium Piper... *então a explicação espirita é a mais fácil, a mais racional.* Ou a inteligência humana é capaz de produzir fenómenos de lucidez, ectoplasmas, fantasmas, premonições, ou, então, *andam misturados na nossa vida, assistindo aos nossos actos, controlando o nossos pensamentos, escrevendo com a nossa letra, falando com a nossa voz... seres misteriosos, invisíveis, anjos ou demónios, talvez as almas dos mortos, como é convicção dos espiritas. A morte não seria, portanto, morte, mas a entrada numa vida nova».*

O facto positivo, já certificado pela ciência, é a ideoplastia (1) que nos mostra ao vivo o poder do espírito sobre a matéria, moldando-o à sua própria imagem.

Como exemplo de esplêndida ideoplastia, Richet cita a que foi produzida por Kluski.

Há mais ainda: há aquilo a que Bozzano chama *literatura de além-túmulo:* um aprendiz de mecânico recebe ordem do Espírito de Ch. Dickens, por intermédio da escrita automática, para continuar a obra interrompida do célebre escritor.: *O Mistério de Edwin Rood;* e o aprendiz de mecânico escreve um romance acerca do qual é quase impossível dizer que não foi escrito por Dickens, de tal maneira a essência e a forma são idênticas à de Dickens.

No momento da morte têm-se produzido alguns casos autênticos de *música transcendental,* de concertos que parecem divinos e que todos os assistentes têm ouvido.

Em certos casos, os fantasmas e as formas materiais fotografáveis, palpáveis, podem ser moldados na parafina, podem deslocar objectos, produzir luzes, fazer ouvir a sua voz... Nada disto é duvidoso, diz Richet.

Se a inteligência dos vivos na Terra fosse capaz de produzir levitações, tornar os tecidos incombustíveis, falar línguas que nunca aprendeu, criar fantasmas com todos os atributos de seres vivos reais... então, haveria que atribuir ao homem poderes quase divinos, pelo menos de verdadeiro *super-homem.*

---

(1) A realização fisiológica duma ideia. A acção da ideoplastia produz as materializações *(ectoplasmia).*

Bibliografia

La Science de l'Ame — André Dumas
Le Mystére du Sixième Sens. — Ed. Wietrich
La Reincarnation
La Grande Esperance — Ch. Richet
Souvenirs — Oliver Lodge
Teorie Psychique de la Vie — A. Haret
La Zone Frontière — Michel Sage.
Le Mois, de Julho-Agosto de 1931: «As propriedades Supranormais do Espírito» — Dr. Eugène Osty
La Connaissance Supranormal — Dr. Eugène Osty

Temos um sexto Sentido?

por Achille Biquet
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Liège

(Tradução de A. Yvone de Sousa)

A Bélgica é um país onde o Espiritismo lançou fundas raízes. Desde L'Aube Nouvelle *à* Revue Spirita Belge *muitos anos passaram e a Causa Espírita encontrou ali magníficas dedicações que evocamos com prazer. Mas veio a guerra de 1939 e tudo caiu no marasmo. Os espíritas tremalharam-se e só agora começaram novamente a agrupar-se.*

O Professor Achille Biquet, que hoje apresentamos aos leitores, é uma figura simpática que vem colaborar connosco e de quem é lícito esperar obra meritória. Tem 41 anos de idade e nasceu em Liege. Embora seus pais sejam belgas, sua mãe nasceu no Seixal, perto de Lisboa.

Desde 1933 que se dedica ao Espiritismo. Em 1938 foi nomeado Secretário Geral da Federação Espírita de Liège. Em 1946 ascendeu à Vice-presidência da União Espírita Belga, e em Junho de 1947 foi nomeado Presidente, em virtude da doença de Mr. J. Lhomme. Desempenha também as funções de Presidente da Comissão de Propaganda da Federação Espírita Liegense e tem realizado numerosas conferências em Liège, Paris, Bruxelas, Lille, etc., etc. Foi igualmente eleito Presidente da Secção Científica do Congresso Espiritual Mundial, há pouco realizado.

É este o redactor-correspondente de Estudos Psíquicos *na Bélgica, cujo primeiro artigo publicamos em seguida e no qual o autor expõe o resultado de suas observações pessoais.*

Escreve assiduamente no jornal Spiritualisme Expérimental & Philosophique, *orgão da União Espírita Belga, donde temos extraído alguns factos interessantes destinados à nossa «Crónica Estrangeira». É, pois, um elementos indispensável nesta revista, ao lado de Henri Regnault e Pietro Ubaldi, para só falarmos nos nossos redactores europeus.*

Aguardamos novos trabalhos de Mr. Achille Biquet. A sua colaboração frequente dará grande relevo ao nosso mensário, que se honra com tão culto e belo companheiro.

O Espiritismo belga não podia ter aqui melhor e mais lídimo representante.

PROF. ACHILLE BIQUET

Há semanas, um padre católico realizou uma conferência em Liège sobre psicometria e clarividência. Um médium muito conhecido em Bruxelas proporcionou nessa ocasião algumas experiências de psicometria.

Digamos primeiro que o conferente não negou os fenómenos supra-normais. Pelo contrário, afirmou que as predições do passado, do presente e do futuro eram factos incontestáveis.

Devemos deduzir dessas afirmações que a Igreja nunca mais nos atacará? Não nos alegremos em demasia. Contudo, reconheçamos que já houve algum progresso, visto que Satanás foi relegado para os arquivos velhos e poeirentos. Não quer isto dizer que não voltem a recorrer aos seus bons serviços, se deles tiverem necessidade.

É motivo de regosijo que um sacerdote católico tenha reconhecido pùblicamente a autenticidade, não das comunicações com as pessoas falecidas, mas de factos e fenómenos parapsicológicos.

As experiências foram interessantes. Mas a médium nunca tentou pôr-se em comunicação com qualquer defunto. Admitamos que tivesse sido perigoso para as teorias do conferente que, para demonstrar os factos, usou o processo dos metapsiquistas.

Verifiquemos também que as experiências que nós apresentamos ao público nas nossas manifestações de propaganda são muito mais probatórias. Não ignoramos que a médium tem faculdades muito superiores àquelas de que se serviu. Se ela não fez mais, não é difícil descortinar a razão porquê.

Segundo o orador, exactamente como o fazem os metapsiquistas, nós teríamos um sexto sentido que, revelando-se espontâneamente nuns indivíduos a se-

guir a um traumatismo, pode ser desenvolvido noutros pelo exercício.

Os médiuns seriam pois as pessoas aptas para se servirem desse sexto sentido, graças ao qual elas seriam sensíveis às vibrações contidas num objecto de que elas descrevem a história e que os metapsiquistas qualificam de «reminiscência».

Esta hipótese seria bastante tentadora, se o passivo apenas revelasse o passado. Mas temos notado diversas vezes que um psicómetra penetra no futuro e que as suas predições se apresentam matemàticamente exactas. O conferente bem o reconheceu, mas renunciou a dar qualquer explicação desse facto, com o pretexto de que, nesse campo, a ciência ainda não está muito avançada. Todavia, ele crê que este futuro seria inscrito num mundo de quatro dimensões.

O orador repudia a doutrina espirita, que qualifica de primária e de selvagem. Segundo ele, os espiritas atribuiriam à intervenção dos espíritos todos os factos psíquicos e espiritas. Os leitores, sabem, felizmente, que esta afirmação é destituída de fundamento.

Nunca pretendemos afirmar que a radiestesia fosse impossível sem a intervenção dos espíritos. O mesmo acontece com o psiquismo.

Não negamos a radiestesia nem o psiquismo. Pelo contrário, consideramos estas duas ciências semelhantes ao Espiritismo. Elas completam-se harmoniosamente. Os resultados dos radiestesistas, assim como os dos psiquistas, reforçam e completam a tese espirita.

Para nós, espiritas, as faculdades psíquicas (ou faculdades da alma) dum indivíduo tornam-se sensíveis às ondas vibratórias, cuja frequência, de ordem superior ou inferior, é semelhante às que os nossos sentidos físicos podem perceber.

Sabemos que não é a varinha que capta as radiações emitidas por um corpo, mas sim o psiquismo do vedor. De resto, o próprio conferente declarou que uma pessoa do seu conhecimento preferia captar as radiações com um dedo, e não o fazer com a varinha de aveleira. É uma referência que confirma a nossa explicação.

★

No que se refere à telepatia, o psiquismo duma pessoa é que capta as ondas vibratórias emitidas pelo psiquismo doutra.

Quanto às experiências de psicometria, é o psiquismo do passivo que capta as vibrações contidas no objecto, as quais o auxiliam a penetrar num mundo transcendental.

Viu-se que não fizemos intervir aqui nenhum espírito, porque disso não tínhamos necessidade. E quando, no momento duma manifestação psicométrica, um espírito se manifesta, não é este a causa do fenómeno, mas sim este causado pela intervenção daquele. Mais adiante daremos as razões do que afirmamos.

Se não fizemos intervir qualquer espírito, não quer dizer que estejamos de acordo com os metapsiquistas no que diz respeito ao «sexto sentido».

Se há pouco tivéssemos substituído a palavra «psiquismo» por «sexto sentido», não lhe teriam encontrado diferença?

Para nós, é enorme. Com efeito, a designação de «sexto sentido» faz supor a existência de um sentido corpóreo suplementar, quando uma simples análise dos factos demonstra a impossibilidade de tal hipótese. Para que ela fosse aceitável era indispensável que explicasse toda a gama dos fenómenos, e é precisamente o contrário, visto que o conferente se viu obrigado a recorrer aos «mistérios».

De resto, este sexto sentido só é admissível se conservar reminiscências. Em nossa opinião, não pode ali haver reminiscências, porque a história do objecto não está registada *dentro do objecto*, mas *fora dele*.

Se houvesse reminiscências, como se explicaria o seguinte?

a) que o médium revele factos produzidos e referentes a pesosas que deles já não se lembram; estes factos não teriam podido ser registados;

b) que o médium prediga muitas vezes o futuro; estes factos também não podiam ser registados dentro do objecto;

c) que o trabalho do médium não varie, quer se trate do passado ou do futuro;

d) que as revelações do passado e do futuro se alternem sem transição no decorrer da mesma experiência.

Todos os experimentadores sinceros concordarão que a hipótese das reminiscências é inadmissível. Do estudo dos factos resulta que o passado e o futuro estão estreitamente ligados um ao outro, não podendo encontrar-se em planos diferentes. Estes factos são absolutamente incontestáveis, visto que as revelações do passado e do futuro encontra-as o médium na *mesma fonte*, sem o que as experiências não seriam análogas num e noutro caso.

Como é necessário admitir que o passado e o futuro estão no mesmo plano, e que o futuro não pode ser registado num objecto (e ridículo seria supô-lo), este plano vibratório só poderá encontrar-se *fora do objecto psicometrado*.

★

Resumamos este assunto para o tornarmos menos árduo.

O fenómeno desenrola-se como se o psicómetra penetrasse num plano onde se encontrassem inscritos o passado e o futuro, e como se esse plano fosse exterior ao mundo da matéria. Acrescentemos ainda que as vibrações deste plano não são perceptíveis pelos nossos sentidos físicos.

O conferente afirma que o passado está contido no objecto (reminiscência). Quanto ao futuro, parece-lhe que está inscrito num mundo de quatro di-

mensões. Declara estar em presença de um mistério, o que prova que a sua tese é incoerente. Onde ela encontra a nossa é na parte que se refere ao mundo de quatro dimensões. Do nosso ponto de vista, nesse mundo não está só inscrito o futuro; também está o passado. Não demonstrámos nós há pouco que o passado e o futuro estão no mesmo plano, exterior ao mundo da matéria, isto é, fora do nosso mundo de três dimensões?

Portanto, não é pelos nossos sentidos físicos que poderemos perceber vibrações que não pertencem ao mundo de três dimensões.

O mundo de quatro dimensões não será precisamente o mundo dos Espíritos? Com efeito, o fluido e os Espíritos interpenetram a nossa matéria; fluido e matéria (um e outro são também matéria, mas matéria cuja energia está condensada diferentemente) podem ocupar simultâneamente o mesmo espaço, estando nós, deste modo, em presença da quarta dimensão.

Consequentemente, o mundo dos Espíritos e o mundo de quatro dimensões são o mesmo mundo. Chamamos-lhe indiferentemente mundo transcendental, mundo invisível, mundo fluídico, plano astral, éter, Além, Espaço, etc.

Às pessoas não versadas na ciência espirita pareceria que os homens não vivem nesse mundo fluídico. Bem ao contrário, a nossa alma pertence-lhe, assim como o nosso corpo físico pertence ao da matéria de três dimensões.

Então, porque não somos todos sensíveis a esse mundo invisível, se a nossa alma lhe pertence? Vê-se imediatamente que, se assim não fosse, o nosso mundo material não teria razão de ser.

É necessário compreender que é o nosso corpo que impede a alma de estar em contacto com o seu elemento. Se assim não fosse, a matéria agiria como um condensador que se deixasse atravessar sòmente por correntes de frequências limitadas (num posto de T. S. F. certos condensadores retêm as ondas de alta frequência e só deixam passar as frequências correspondentes ao som).

★

Que se passa com o médium?

A alma ou espírito liberta-se da matéria (a maior parte das vezes depois de exercícios apropriados), pondo-se assim em contacto com o mundo fluídico e invisível, (a alma fica então em «contacto directo» com as frequências desse plano e que já não são retidas pelo condensador-matéria).

A alma encontra-se, pois, no seu verdadeiro elemento e pode conhecer todas as influências a que nós chamamos — ocultas. Para mais fácil compreensão, suponhamos que alguns homens viviam perpetuamente numa mina e que ignoravam por completo o que é a luz do dia. Mas um deles, subindo à superfície, vem contar aos companheiros o que tinha visto e ouvido. Podemos comparar esses homens de vida subterrânea àqueles que ignoravam a luz, e o médium cuja alma sai do seu corpo é semelhante ao homem que subiu à superfície da mina.

Poderiam retorquir-nos que tudo isto não passa de simples teoria, ou de lucubração de fantasistas. De maneira nenhuma, visto que esta experiência resulta da observação e do contrôlo dos fenómenos.

Os leitores conhecem suficientemente estes factos, pelas experiências a que têm assistido e pelas que aos milhares lhes têm sido narradas, sendo, portanto, desnecessário contá-los novamente.

★

Antes de estudar o valor que um objecto tem numa experiência de psicometria, parece-nos útil resumir novamente:

1) Contràriamente à teoria dos metapsiquistas, o homem não possui sexto sentido corporal.

2) Desde que o passado não está contido no objecto, não há reminiscência.

3) Passado, presente e futuro estão inscritos no mesmo plano.

4) Esse plano é o do mundo dos Espíritos ou mundo invisível, mundo da quarta dimensão, etc.

5) A nossa alma pertence a esse mundo invisível.

6) Por meio da sua alma, o médium percebe as vibrações desse pleno, quando liberto do obstáculo material.

Consequentemente, sendo a morte a supressão do corpo físico, logo que a nossa alma se encontra liberta desse obstáculo, passa a viver permanentemente no seu mundo.

Assim, o mundo invisível ou Além está povoado de seres que deixaram o corpo e a que nós chamamos falecidos, desencarnados, ou Espíritos.

Nesse mundo invisível todos temos um duplo ou imagem astral ou sub-consciente, em que se inscrevem todos os nossos actos e constitui uma espécie de reflexo do nosso passado. Como este condiciona o nosso futuro (o nosso karma), os nossos actos futuros mais importantes estão-lhe intimamente ligados. Portanto, esse karma influencia-nos e provoca o cumprimento do nosso destino. Passado e futuro estão, pois, nele impressos, como numa fita cinematográfica.

Como se inscrevem nessa imagem astral os nossos actos? Por meio das radiações da nossa alma em contacto permanente com o seu duplo.

Essas vibrações deixam os seus vestígios, e os objectos que nós tocámos ou impressionámos (fotografia) são por elas impregnados. Por essas impressões, cada ser do universo fica em contacto com todos os objectos que ele tocou e com as suas fotografias (compare-se o nosso duplo com uma central telefónica e esses vestígios ou traços com os fios que a ela se ligam).

Quando nos pomos em relação com o duplo de

algum ser (encarnado ou desencarnado) e lhe captamos as radiações, temos a possibilidade de ler a imagem do seu passado e do seu futuro.

É o que faz o clarividente ou o psicómetra.

Qual é o papel que o objecto representa na psicometria ?

Há pouco dissemos que as nossas radiações impregnam os objectos e as fotografias. O médium capta as vibrações do objecto que lhe é apresentado e, pelas impressões deixadas no mundo invisível, entra em contacto com a pessoa a quem pertencem as vibrações e com o duplo. É assim que lhe é possível revelar o passado e algumas vezes o futuro.

Numerosas experiências provaram a existência desses vestigios (laços fluídicos) e deram ocasião a múltiplas publicações. Não as mencionaremos, porque esse estudo sairia do ambiente do presente artigo.

Anàlogamente se pode comparar o trabalho dum psicómetra com o dum cão a que se dá a cheirar uma peça de roupa de pessoa desaparecida, e logo ele lhe segue o rasto (exemplo, a simples título de comparação. Não confundir cão e psicómetra).

A explicação que demos é aplicável a todos os factos da mesma natureza e justifica todos os resultados obtidos.

Quando penetra no mundo invisível, o psicómetra toma conhecimento do passado e do futuro de um ser, quer seja encarnado ou desencarnado.

Quando o objecto psicometrado pertenceu a um desencarnado, este sente-se solicitado, e por isso se esforça quanto pode para comunicar. Isto explica a razão porque quando alguém deseja comunicar com um desencarnado, lhe aconselham a entregar ao médium um objecto ou fotografia do falecido.

São estas igualmente as razões que levam o psicómetra a seleccionar os espíritos, ao passo que o vidente só vê e ouve os que se lha apresentam voluntàriamente.

Pensarão alguns que devíamos falar mais especialmente acerca do fenómeno da clarividência. É inútil. O médium exterioriza-se (quero dizer que nesse momento a alma se põe em contacto com o mundo invisível) e opera da mesma maneira que o psicómetra ao ler no duplo dum encarnado ou desencarnado.

Repetimos que a única diferença está no facto de que o psicómetra pode seleccionar, ao passo que o clarividente só pode captar o que se lhe apresenta.

Quando um espírito se apresenta a um psicómetra, este procede como clarividente.

Creio ter demonstrado suficientemente que é desnecessário recorrer à hipótese da existência dum sexto sentido físico.

É preciso insistir que a psicometria ou a clarividência não são simples passatempo.

Pelo contrário, as faculdades dum médium só devem ser utilizadas quando se trate de obter provas da sobrevivência ou proporcionar consolações.

Os fenómenos só devem servir-nos para atingir o nosso fim, que é: ESTABELECER A PROVA DA REALIDADE DO ESPIRITISMO, PARTINDO DA ESPIRITUALIDADE.

Centenário do Espiritismo

Por todo o mundo espirita lavra grande entusiasmo acerca do primeiro centenário do Espiritismo. As conferências, as sessões solenes, as concentrações de adeptos e as excursões doutrinárias prosseguem ininterruptamente em todos os pontos do Globo. É um movimento cheio de vigor e de entusiasmo impulsionado pelos Estados Unidos da América do Norte, onde se observaram pela primeira vez fenómenos psíquicos, que demonstravam a existência de entidades espirituais que tinham pertencido ao mundo físico.

Não podiamos ficar indiferentes ao que se exerce no mundo em matéria de Espiritismo e por isso promoveremos no próximo mês de Junho uma conferência pública, integrada nas Comemorações Centenárias. Tomará a iniciativa o Núcleo de Acção e Propaganda Estudos Psíquicos, *coadjuvado por esta revista, pelo Centro Espiritualista Luz e Amor, e pelo Instituto Espiritualista Português.*

A conferência será realizada pelo nosso redactor Ramos Pereira e intitular-se-á «O Espiritismo e os Problemas Humanos», em homenagem ao último livro do nosso redactor-correspondente no Rio de Janeiro.

Por enquanto, ainda não podemos revelar qual o teatro que utilizaremos, visto carecermos dos necessários elementos; mas já divulgamos que os bilhetes estarão à venda nesta redacção, no Centro Espiritualista Luz e Amor, Rua do Salitre, 149, 1.º, Direito, e no Instituto Espiritualista Português, Largo do Intendente, 52, 2.º, Direito, e na Federação Espirita Portuguesa, Rua de S. Bento, 640, que também quis ter a gentileza de colaborar conosco neste empreendimento.

Em vez das habituais sessões solenes, que não passam do âmbito restrito de agremiações geralmente frequentadas por adeptos da Doutrina, preferimos levar o Espiritismo ao conhecimento do mundo profano, em harmonia com o programa que adoptámos.

Esperamos que todos os confrades nos coadjuvem neste empreendimento, passando o maior número de bilhetes, para que o certame seja digno do 1.º Centenário do Espiritismo.

«A Nossa Vida Mental»

pelo Dr. Carlos Imbassahy

Temos em mão uma obra de H. G. Wells, G. P. Wells e Julian Huxley, intitulada *A Nossa Vida Mental*. Tradução e notas de Almir de Andrade.

Os autores, depois de muito estudo sobre a mentalidade, entram, a folhas tantas, em Espiritismo. O Espiritismo parece que se está tornando uma forte preocupação para os mentalistas. Não que eles queiram estudá-lo a sério; o que eles buscam, como toda a gente que se preza, é mostrar que não há Espíritos. Os autores não saem desse programa.

Temos visto dizer e escrever sobre ciências psíquicas os maiores dislates. Tudo, porém, se deve desculpar à incultura, mesmo pretensiosa, ou ao proselitismo, mesmo fanático, visto que o critério, o discernimento, o saber não é material barato no mercado das letras espiritualistas. Por maneira que devemos fechar os olhos às heresias que no assunto perpetram os inscientes de várias espécies e os sactaristas de vários matizes. Já a indiferença ou a tolerância não podem ser as mesmas, quando a erronia surge da pena de autores conhecidos, talvez afamados, e, sobretudo, quando se apresentam para ensinar. Quer dizer que os nomes que possuem enviscam os desconhecedores, os quais passam a ter as mais falsas noções do assunto, despercebidos de que se trata de cegos a guiarem cegos.

Ora, é preciso demonstrar que eles, se não agiram com má fé, estão em erro profundo. Senão vejamos, que há água pela barba.

No capítulo «Automatismo e Mediunidade» nos dizem que «factos tais como a escrita automática, e que desempenham tão importante papel nas pesquisas psíquicas, parecem ser ùnicamene fenómenos de dissociação mental». Depois afirmam «que a mão que segura o lápis pode escrever coisas coerentes e interessantes, e o que ela escreve parece ser o produto de algum sistema de ideias às quais foi negado qualquer acesso à consciência normal e que se apresentam, portanto, mais ou menos dissociadas, recalcadas e sepultadas».

É o Freud! São as doutrinas de Freud que estão irrompendo por trás daquele automatismo, como lua cheia por sobre a cumiada de um cômoro. É a luz da psicanálise iluminando a nossa pobre ignorância!...

E agora vejamos o exemplo esclarecedor que os doutos escritores nos mostram, a fim de que as dúvidas se dissipem:

«Um corretor de fundos, nos Estados Unidos, quase abominava a literatura; nisso, manifesta veia poética nos momentos em que se achava entre o sono e a vigília. Interessou-se, então, pela poesia e escrevia versos. Uma revista literária os publica e ele passa a ganhar dinheiro compondo romances subconscientemente». E o autor conclui: «Tais poemas são, *indubitàvelmente*, produtos de um romantismo normal, que havia sido recalcado pela sua vida de negócios».

Viram? *Indubitàvelmente!* Os sábios não têm dúvida nenhuma. Aquilo é matemático: Não há Espíritos. Não há mensagens. Nada do outro mundo. O que há é recalque e recalque indubitável, dada a vida de negócios do corretor.

Donde veio aquela certeza ninguém sabe. Porque não podiam ser Espíritos e devia ser recalque, também não. Não nos contam se os versos eram assinados por algum morto. E ainda que o fosse... As ideias recalcadas têm às vezes o mau hábito de querer passar por defunto. Não sabemos, ainda, porque houve o recalque só de princípio. Se os negócios não pararam, porque haviam de parar os recalques? E como perceberam que aquele romantismo já estava escondido nos subterrâneos da alma?... E isso sem dúvida nenhuma?!...

Não se sabe nada, nem eles entraram em maiores explicações. O que é indubitável é que havia um recalque. E só.

Os ensinos da psicanálise, em certos pontos, têm algo dos mistérios religiosos.

///

Nos surtos da psicografia como no das outras modalidades do fenómeno mediúnico, há uma variedade espantosa, e à complexidade dos casos une-se o inesperado das revelações. O incidente do corretor de fundos empalidece, amortece, desaparece diante da multidão e das maravilhas dos demais fenómenos. Desde a literatura de além-túmulo

até às respostas, informações, descobrimentos e lições dadas pelos manifestantes, a gama é imensa.

Porque estaria o estilo de Humberto de Campos recalcado no subconsciente do Chico Xavier, e o romance inacabado de Dickens no de J. Davis, e os princípios científicos, de que mais tarde se serviu Buckner, no do rústico Hudson Tuttle?... Faltaria ainda explicar, de como se aninhariam nos subconscientes, estilos que o médium nunca apresentou, noções que nunca possuiu, informações que nunca obteve, idiomas que nunca aprendeu, segredos de que nunca teve conhecimento, ideias que nunca perfilhou, conceitos que nunca lhe passaram pela cabeça, toda uma variedade de sentimentos, pensamentos, volições, caracteres inteiramente contrários à individualidade intelectual, moral e mental do médium.

Para os eminentes sábios de *A Nossa Vida Mental* tudo se resolve, porém, com duas expressões: dissociação mental e recalque. Desde que se diga recalque e dissociação mental, não é necessário mais nada.

Não precisamos de Espíritos — garantem eles. Não importa que o manifestante se diga Espírito, nem mesmo que o prove. Quem *deve dizer* não são os Espíritos, são eles. Agora, quem prova não se sabe quem é. Que não são eles, já estamos vendo.

///

Certa vez, fomos procurado por uma jovem, egressa de um convento, donde saira expulsa por ver e ouvir Espíritos. Como seus recursos não lhe permitissem ir a médicos curar-se das «alucinações», procurou conselho com pessoa de sua classe e lhe recomendaram recorresse ao Espiritismo. Foi ela então à Federação Espírita Brasileira, onde nos encontrou, e levámo-la à nossa pequena sociedade. Aí para logo se revelou médium de portentosas qualidades.

Relatemos um dos muitos factos produzidos por sua mediunidade, a ver se com ela se ajustam as indubitáveis conclusões que tão de pronto ofereceram os cientistas, na questão do corretor.

Pela jovem se manifesta, logo nos primeiros dias, uma entidade que deu o nome de *João de...* e pediu-nos que procurasse a senhorita X., pois desejava falar-lhe com urgência. Mencionou o número da casa, o nome da rua e recomendou-nos que não demorássemos a visita.

Fomos ao ponto indicado e não encontrámos senhorita nenhuma. Decepção, volta à sessão, interrogatório... O Espírito, a princípio, pareceu confuso, mas depois, como quem aviva a memória:

— Cento e vinte e oito... Não... este é o número antigo... Procurem o 144...

Voltámos. Dirigimo-nos ao 144. De facto, lá havia uma senhorita e um senhor que ela nos apresentou como pai. Respondeu pelo nome que o Espírito nos havia dado, mas quando lhe foi dito ao que íamos, não pôde conter os frouxos de riso, que lhe vinha aos lábios com força irreprimível. Pediu-nos, depois, muita desculpa: tinha aquele génio assim... Mas recusou peremptòriamente o nosso desejo, por não acreditar *nessas coisas...*

Viemos a penates, corridos do mau êxito. Cabisbaixos, com cara de embaixadores fracassados, levámos, na próxima sessão, os resultados da infeliz incumbência ao Espírito e demais amigos.

— Vi e ouvi tudo — informou o Espírito. E com uma energia, que nunca lhe notáramos, acrescentou:

— Ela virá!

Depois, chamou-nos em particular, a nós e ao nosso amigo Carneiro da Fontoura, pediu que os demais circunstantes se afastassem, e nos disse confidencialmente:

— Voltem e lhe façam ver que é seu pai quem lhe quer falar.

— Seu pai?! — perguntámos, entre espantade e incrédulo, porquanto ela nos apresentara como pai o velho com quem morava.

— Sim, seu pai — confirmou o morto —. Só três pessas no mundo sabiam disso: eu, ela e a mãe; dois morremos, a mãe e eu; só ela agora era senhora do segredo, e a não ser a necessidade de fazê-la vir até aqui, nunca mais ninguém, no mundo, saberia do facto. Voltem, pois, meus bons amigos, afirmem-lhe que é o seu pai que tem urgência de conversar com ela.

E num suspiro:

— É preciso salvá-la! Entre as dores que me cruciam, nessa viagem sem veículo e sem companheiros, acicatado pelo remorso, tenho ainda essa cruz, que é a de ver a minha filha, à beira de um abismo, seguindo a trilha que eu segui!...

O Espírito abaixou a fronte e duas lágrimas correram pelas faces da médium.

Comovemo-nos. Não havia remédio senão voltar à moça, e na manhã seguinte estávamos no 144. Falámos-lhe novamente no sr. João, e ela, já sem rir, declarou que não in-

sistissemos. Definitivamente, não poria pés numa sessão espirita. E ficou indiferente, como que só esperando a nossa retirada.

Insistimos, porém:

— Não houve esse sr. João? Não acha curioso que nós lhe falemos nesse nome e saibamos das relações dele com a senhora e sua família?

— Isso é uma coisa que todo o mundo sabia — atalhou ela.

— É — respondemos imediatamente—, mas o que ninguém sabia é que ele era seu pai...

Um palor cobriu o rosto da jovem, que sondou com os olhos os cantos da casa, como para ver se havia testemunhas da revelação.

— Quem lhe disse isto? — perguntou, ansiada.

— O Espírito — retrucámos. E declarou que se via obrigado a essa confissão para força-la a ir à presença dele.

Ela calou, confirmando, com o silêncio e a perturbação, o que o falecido declarara. Informou que iria, e nós nos despedimos.

De facto, na próxima sessão, lá estava ela, um tanto apreensiva, um tanto triste, um tanto espantada, como quem não conhece nada do que se vai passar, e pensa ir defrontar-se com o assombroso, o sobrenatural.

Aberta a sessão e após a prece, apareceu o Espírito João. Expansões de júbilo por parte dele, que ri e chora, e parece querer abraçar a moça, e depois nos diz que quer falar a sós com ela.

Retirámo-nos. O colóquio deveria ter durado meia hora. O que o Espírito disse não ouvimos. Só a vimos debulhada em lágrimas, quando a conferência acabou. Tivemos a prudência de nada perguntar, nem ela nada nos disse.

Mais tarde, casualmente, soubemos que ela estivera de amores com um homem casado e pronta para fugir com ele. Ia fazer a desgraça de duas famílias. De repente, cortou todas as relações que tinha com o sujeito e hoje está matrimoniada, com um lar feliz e com filhos.

Isso foi há mais de 20 anos. Muitos dos companheiros daquela sessão familiar estão mortos. Resta ainda um, de real valor, o Dr. Leal de Sousa, jornalista, director de um ex-vespertino e hoje tabelião.

Aí temos um segredo, só conhecido de uma pessoa viva, e que estava recalcado, dissociado, sepultado, não se sabe como, nem porquê, nos fundalhos da alma de um terceiro.

Não há como esses cientistas para saberem coisas!...

Enfim, o nosso caso poderá parecer suspeito, mas temos outros que não são nossos, nem serão menos surpreendentes. É só esperar o outro número.

ESPARSAS

1

O aborrecimento é resultante do cansaço ou... do lazer. Combate-se o primeiro, agindo noutro caminho tão digno como aquele que nos esgotou as forças. Vence-se o segundo, agindo ainda... e no instante em que o tédio lança as primeiras raizes. Deixar que ele se fixe e floresça é aninhar no seio um monstro que nos devorará mais tarde.

★

Deliberar não basta. Um raciocínio perfeito é estéril se não for traduzido em acto. Quando o homem delibera pelo puro prazer de encadear argumentações, é um doente de vontade e de imaginação. Não há um «se...» qualquer que possa justificar a sua incapacidade; ele é uma vítima de si mesmo. Pouca deliberação, conduz às consequências desastrosas da irreflexão; demasiado deliberar, arrasta a mente para o delírio. Livre, o mérito do homem está na intenção, a pureza do seu raciocínio no modo da deliberação, a claridade da sua consciência nos valores morais que realizou e a sua vontade na rapidez e força com que actuou.

★

Avarento não é apenas o que junta o ouro e o aferrolha para delirar no seu álgido contacto.

Avarento é também o que sabe e deixa manter os outros na ignorância, o que pode amar e não ama, o que sente a alegria e só para si a guarda, o que viu o desconhecido e o não revela, o que possui a felicidade e não conta o seu segredo, o que podendo e sabendo mitigar as dores alheias não esparge o bálsamo dulcificante do seu poder. Estes são os pobres avaros do dinheiro do Espírito.

★

A Ciência é a luta do Espírito com o desconhecido, a Filosofia a sua elevação, a Fé o seu amparo e a Arte o seu refrigério.

TEÓFILO

A Personalidade de Pietro Ubaldi

(Tradução de SIBIL)

pelo Dr. Paulo Soster

III

Dissemos que a personalidade do *sujeito* vibra entre o plano normal humano e o plano místico. Como prova deste último temos as visões, os êxtase do *sujeito*. Concordemos que não existe um plano místico do qual se possa falar num sentido bem definido e ao qual nos possamos referir, conquanto, como ensinam as ciências esotéricas, existam muitos planos místicos, sendo ao mesmo tempo planos biológicos. Não estamos à altura de indicar qual o plano místico a que subiu o *sujeito* e portanto, por uma questão de prudência, queremos admitir que o seu potencial biopsíquico possa ascender até ao primeiro plano místico. Admitida tal suposição, a personalidade do *sujeito* pode considerar-se oscilante entre o plano normal humano e o primeiro plano místico. A distância entre estes dois planos é, sem dúvida, notável, embora não possamos calculá-la com precisão. Sabemos, além disso, que o *sujeito* permanece no plano ultrafânico metade do seu tempo, isto é, no espaço dum ano, passa seis meses no estado de consciência ultrafânica. Nos outros seis permanece nas condições normais, mediúnicas e místicas, mas não podemos precisar quanto tempo permanece em cada uma destas três fases. É evidente que as experiências místicas são de breve duração e de intensidade excepcional. De tão escassos elementos é indubitàvelmente impossível tirar conclusões precisas. Para mais, a particular actividade biológica do *sujeito* não se presta a medições e análises mais pormenorizadas que, se fossem possíveis, pouco serviriam para o nosso esboço, quando os momentos biológicos têm um valor intrínseco que não pode ser calculado com a medida do tempo. Poucos minutos de suprema tensão mística têm um significado biológico que transcende qualquer determinação humana e não podem ser calculados pela medida dos momentos de actividade biológica normal.

Posto isto, julgamos poder concluir que a actividade biológica do *sujeito* transcende a actividade biológica do homem normal. Acrescentamos ainda que não é conveniente afirmar que a evolução biológica da personalidade do *sujeito* ultrapassou, por forma excepcional, o plano biológico próprio do homem normal e que, portanto, nos encontramos em presença dum caso interessante dum homem supranormal. Não estamos à altura de precisar quanto o *sujeito* ultrapassa o plano normal, porque não conhecemos a correspondente unidade de medida e não sabemos, como, de resto, nem o próprio *sujeito* deve sabê-lo, qual o grau de maturação a que está ascendendo. Para não incorrer em erros prováveis de conjectura, limitar-nos-emos a definir Pietro Ubaldi como um tipo biológico super-humano. Pietro Ubaldi é um super-homem.

Definir P. Ubaldi como super-homem poderá parecer ousadia e haverá muita gente que lhe pareça mal.

Para nós, julgamos que não é exagero, como exagero não seria se disséssemos que o homem civilizado é um super-homem, comparado com um troglodita, ou que Tizio é mais evoluido do que Caio. O super-homem não é um ser privilegiado aparecido na terra por milagre, dotado de qualidades e méritos excepcionais por desígnio do Alto. É um homem, apenas um homem, que na sua evolução se adiantou mais do que os seus semelhantes, porque, mais do que eles soube lutar e sofrer ou, se preferem, pela mesma razão que nós somos seres mais evoluidos do que os selvagens. Ele pagou e paga muito caro o preço da sua superioridade, sacrificou no altar da divindade a sua personalidade humana para alcançar uma superioridade super-humana. É só isto, nada mais, porque a Lei é justa. Qualquer de nós pode chegar onde ele chegou e precedê-lo no curso da evolução individual. Todos nos podemos transformar, pelo esforço próprio, em santos ou anjos, todos podemos realizar a nossa natureza divina. Todos a realizaremos e então o reino de Deus terá descido à terra.

Tudo quanto, até agora, dissemos sobre Pietro Ubaldi, só tem valor, é claro, tomando as suas manifestações externas como verdadeiras. Se Pietro Ubaldi mentisse, tudo quanto afirmámos sobre ele cairia automàticamente pela base e aquele que clasificamos como super-homem seria, pelo contrário, um miserável, o mais vil dos homens. Mas não é possivel que P. Ubaldi tenha mentido. Pomos de lado, por inadmissível, semelhante hipótese.

Tudo se pode pensar dele, mas não que tenha mentido a vida inteira. Para atingir o ideal da vida evangélica, ele, voluntária e conscientemente, abraçou uma vida que qualquer homem normal teria rejeitado. Aceitou uma existência de dor e de sacrifício, alargou a vida em nome dum ideal. Que aspiração puramente humana poderia impeli-lo até este ponto? Cremos que, seja o que for que se pense dele, nunca poderíamos pôr em dúvida que é um homem inteligente e como poderia um homem inteligente abraçar uma vida de sofrimento, só pelo gosto

de mentir? Poderia, além disso, escrever o que escreveu se não o tivesse sentido verdadeiramente? A dor arranca a máscara e quem sofre não sabe mentir. Não seria justo levar a desconfiança até este ponto, porque não temos base que autorize a suspeitar e porque não basta negar a verdade para destrui-la.

★

Passemos agora a analisar a personalidade do *sujeito* à luz da razão e da ciência.

É um método de análise particularmente seguro, mas de possibilidades muito limitadas.

Antes de mais nada, devemos dizer que a ciência admite a evolução biológica de todos os seres viventes, para calcular o valor biológico do nosso *sujeito*. Devemos também pensar se ele deve ser considerado um tipo biológico destinado a ser dominado pela evolução ou para triunfar dela.

Isto tem uma importância basilar e o problema consiste justamente nisto.

Não é fácil dar uma resposta aceitável por muitas e óbvias razões, mas, principalmente, porque é difícil, se não impossível, conhecer neste momento as características biológicas do homem criado pela evolução.

Com efeito, não se pode saber *a priori*, qual será o homem do futuro, como há muitos séculos não seria possível imaginar as características biológicas do homem do século vinte. O homem é tão pouco conhecido, são tão obscuras as leis e as causas da evolução, que todas as previsões teriam um cunho pessoal e, portanto, seriam muito incertas. No organismo humano existem caracteres recônditos e talvez potenciais que, por mais que se investigasse, seria impossível determinar e interpretar. A ciência tem métodos de pesquisa consideráveis, conquistou posição soberba, mas, é forçoso reconhecê-lo, está ainda na infância. Encerra em si as energias duma criança a quem pertence o futuro, mas é ainda, relativamente, inexperiente e como tal, obstinada. Defeitos da infância, que o tempo destruirá, mas defeitos importantes, principalmente, quando se lhe pede explicações de problemas da natureza daqueles que estamos estudando.

Disto resulta que existem raças e indivíduos que estão destinados a ser excluídos da selecção evolucionista, por serem débeis, e outras raças e indivíduos que, pelo contrário, são destinados a sobreviver, porque são dotados de superiores possibilidades biológicas. Visto as novas raças dominantes no futuro surgirem lentamente das raças preexistentes e do seio destas sairem triunfantes por um natural fenómeno de selecção, é claro que, em cada raça existem elementos de potencial biológico superior e outros de potencial biológico inferior, isto é, existem exemplares destinados a propagar-se no futuro e outros destinados a desaparecer. O potencial biológico dos *sujeitos* existentes em qualquer raça é, por conseguinte, muito irregular e, sob esse aspecto, os próprios *sujeitos* estão distribuídos, numa raça, segundo uma escala de valores biológicos, progressiva ou regressiva. Estudando estatisticamente o fenómeno, pode, além disso, observar-se que, em cada raça existe um número considerável de indivíduos de características biológicas médias e dois grupos mais pequenos com características opostas, superiores ou inferiores às do grupo biológico médio.

Os indivíduos pertencentes ao primeiro grupo são chamados *normais*, os que pertencem aos outros, anormais.

Tudo quanto acima dissemos pode aplicar-se às características morfológicas e às funcionais. Supomos, portanto, que é razoável estender esse cálculo a tudo quanto se refere ao potencial biológico dos indivíduos. Portanto, se é difícil de calcular e conhecer o potencial biológico dos exemplares duma raça, supomos que, anàlogamente, se possa afirmar, em tudo quanto se refere às características morfológicas e funcionais, que em cada raça existe um grupo numeroso de indivíduos de potencial biológico normal e dois pequenos grupos de potencial biológico anormal de valores opostos. Tudo isto deve verificar-se necessàriamente, dada a relação de íntima interdependência que parece existir entre os caracteres morfológicos e funcionais e os caracteres biológicos mais profundos que caracterizam cada indivíduo. Todos nós sabemos que tanto os indivíduos rebeldes às doenças como os que se encontram em permanente estado patológico, são raríssimos, enquanto a maioria é constituída por indivíduos que adoecem irregularmente. Sabemos ainda que os indivíduos duma robustez excepcional ou excepcionalmente fracos, estão em minoria enquanto a maioria se compõe de indivíduos de média robustez.

São raros os génios, os santos, os imbecis e os delinquentes, mas são numerosos os normalmente bons e inteligentes. Análogo fenómeno estatístico deve necessàriamente encontrar-se no campo do potencial biológico em que se baseia o trabalho selectivo que efectua a evolução. A expressão gráfica do fenómeno estatístico é uma curva, a chamada curva de Gauss.

Daqui se deduz que em cada raça existem três grupos de indivíduos: um pequeno grupo é constituído por indivíduos dotados de baixo potencial biológico, destinados a ser eliminados pela evolução e a extinguir-se. O segundo, muito maior, constituído por indivíduos dotados de potencial biológico médio, destinados à conservação da raça. E, por fim, o terceiro grupo também pequeno, dotado de potencial biológico superior e destinado a criar lentamente uma raça superior, isto é, o elemento da evolução.

Daqui se deduz que os pioneiros da evolução pertencem à anormalidade, isto é, são anormais.

Visto existir uma anormalidade positiva e uma anormalidade negativa, resta-nos exàminar quais são as manifestações biológicas que caracterizam as duas anormalidades opostas. Uma descrição de caracteres

gerais seria quase impossível e não favoreceria, nem a clareza nem a exactidão. Devemos, portanto, descer a particularidades de cada raça e de cada indivíduo e ali fazer as observações e determinações. No estado actual de conhecimento na matéria, supomos que não seja possível fazer doutra forma.

Feitas estas digressões de carácter geral, prossigamos no estudo do nosso *sujeito*. Não há dúvida de que as manifestações biológicas deste último é, sobretudo, as psíquicas, pertencem à mais nítida anormalidade. Portanto, encontramo-nos em presença dum *sujeito* que representa o produto ou o refugo da evolução. A qual das duas categorias pertence? Não seria possível dar uma resposta categórica se antes disso não tivéssemos analisado o *sujeito* em todas as suas manifestações biológicas. É o que tentaremos fazer, mediante um exame atento das suas características físicas e psíquicas.

★

O funcionamento do corpo físico do *sujeito* não se diferença por forma acentuada do dos homens normais. No entanto, uma diferença existe de carácter positivo.

O *sujeito* é excepcionalmente resistente aos agentes patogénicos e aos esforços físicos. Já completou sesenta anos e tem excelente saude. Prova-o o facto de raramente precisar do médico. O seu aspecto não denota fraqueza ou velhice. Pelo contrário, é relativamente moço. E isto apesar do regime alimentar muito parco e dos poucos cuidados que dedica ao organismo. Não há dúvida de que qualquer organismo humano normal estaria sujeito a inevitável depressão, se despendesse tanto esforço e fosse tão mal alimentado e tão mal tratado, como o dele. É na verdade surpreendente como nestas condições o organismo do *sujeito* se mantém e funciona òptimamente.

Em geral, come uma vez por dia e essa refeição é muito frugal. Nós podemos comprová-lo, porque durante meses seguidos jantámos com ele, um jantar racionado segundo as leis e a preço fixo. Às vezes toma à noite uma chávena de leite, outras não toma nada. A quantidade de calorias que fornece ao organismo é indubitávelmente uma fracção exígua do mínimo necessário ao homem normal. Isto não o impede de ser fisicamente dinâmico e de suportar excessos materiais, como por exemplo, ir a casa da família, de Gubbio a S. Sepolcro, caminhando cerca de 70 quilómetros em bicicleta.

Exerce, simultâneamente três profissões, cada uma das quais bastaria para um homem: 1.º o professorado; 2.º produção literária e a publicação dos seus livros, correspondência epistolar em seis línguas diferentes — cerca de cinquenta cartas por semana; 3.ª cuidar do seu arranjo doméstico, porque vive só e não tem criados, não tem ajudas de qualquer espécie, nem assistência e quando tem febre ou qualquer outra indisposição, suporta o seu mal de pé sem afrouxar a sua actividade. Raramente e só nos casos mais graves, se resigna a recolher à cama. Suporta indiferentemente o calor ou o frio. No inverno, não aquece a casa, não obstante o excepcional rigor da estação nevosa e o frio da localidade em que habita. Vive em voluntária pobreza, recusa as mais elementares comodidades, seja para prosseguir no seu ideal de vida evangélica, seja pela satisfação de vencer todas as dificuldades. O seu carácter é indubitàvelmente forte e possui qualidades intrínsecas que o diferençam da normalidade.

Surpreende como o seu sistema nervoso reage sem fraquejar ao imenso trabalho que, continuamente, suporta. Basta pensarmos que repousa ùnicamente durante o sono, na verdade, pouquíssimas horas, e que nas outras está sujeito a constante tensão que debilitaria qualquer sistema nervoso normal. Trabalha muitas horas da noite, que são para ele as melhores, visto todos dormirem e haver a mais completa calma. De longe em longe, suporta breves períodos de cansaço dos quais se liberta prontamente, sem, contudo, chegar a cair no esgotamento nervoso. Estes momentos de depressão dão-se, em geral, depois de intenso trabalho intelectual. Outras vezes precedem-no, como se o organismo se preparasse para o esforço que terá de suportar. Em resumo, de tudo isto pode concluir-se que no *sujeito* prevalece o trabalho intelectual e espiritual, sustentado por um sistema nervoso excepcionalmente potente, resistente e hipersensível. É inútil acentuar que durante os períodos de actividade mística o sistema nervoso do *sujeito* suporta abalos fortíssimos devido a grandes alterações no seu potencial, em consequência das quais é parcialmente agitado e alterado, do mesmo modo que acontece a qualquer sistema nervoso normal sujeito a fortes abalos emocionais. Após prolongadas e intensas experiências místicas, o sistema nervoso do *sujeito* apresenta anomalias e alterações particulares que, no entanto, desaparecem pouco a pouco.

Falámos de doenças nervosas. Mas o que são as doenças nervosas e, principalmente, as do nosso *sujeito*?

Supomos que um médico inteligente e honesto, nestes casos, evitaria, pelo menos, fazer um diagnóstico definitivo e uma apreciação categórica. Somos de opinião que deve empregar-se muita cautela em diagnosticar nestes casos para não incorrer no erro de considerar patológico aquilo que não é mais do que a natural manifestação biológica supranormal.

Do que dissemos se vê que o *sujeito* pode dominar o corpo físico e é dotado de qualidades intrínsecas que o diferençam, dum modo positivo, de qualquer homem normal.

A honra é a consciência exterior; a consciência é a honra interior.

Shopenhauer

N.º 17
MAIO
1948

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Gosto de Maio desde que me conheço.

— Maio enche-nos de flores, de chilreios da passarada, de sol e de céu azul.

É tão lindo este mês, que a Igreja Católica o dedicou a Maria, mãe de Jesus.

É tão feminino, que há quem lhe chame o mês da mulher.

Eu, como gosto imenso dele, pela juventude da sua beleza, chamo-lhe o vosso mês, o mês dos meus queridos pequeninos.

Sede alegres e simples como os seus pássaros, flores, sol, céu, rios e fontes — como água cristalina deste mês de sonho.

Sim, sonhem com ele.

Vossa irmã mais velha sempre amiga

Kylas

★

Entre as maldades da Terra,
Não te percas, meu amigo;
Se fores ver algum lobo,
Conduz algum cão contigo.

Casimiro Cunha

★

O CORPO

As Refeições

— Mamã, doi-me o estômago.
— Mãezinha, doi-me a cabeça.
— Mãe, estou tão aflito!

E de quem é a culpa, amiguinhos? Comeis corcovados — quantas vezes vejo, na cantina do liceu, meninos que comem assim — ides a correr, sobre a refeição saltar, jogar o «futebol», «comichais» todo o dia, perdendo o apetite às refeições, não chegais a casa a horas — trocais o horário das refeições, não descansais uns minutos que sejam após as refeições, não vos lembrais da higiene da boca...

Recordai, porém, que pela boca morre o peixe..., sois pelo menos capazes de morrer ou de apanhar uma forte dor de barriga.

A refeição não é uma enfadonha obrigação, mas com termos, um necessário cuidado com o nosso organismo

★

O oficial de inspecção, andando a rondar o quartel, chega à caserna de uma companhia e encontra-a às escuras.

— Plantão! Você está a dormir?

— Não; meu tenente — respondeu a praça, que surge da sombra, a bocejar —. Estava a escrever... uma carta.

— O quê?... A escrever uma carta?... Sem luz!...

— Meu tenente; como é para a família, vai bem de toda a maneira!

Desconfia da bondade
De todo e qualquer irmão,
Que passe o dia a queixar-se
De espinhos da ingratidão.

Casimiro Cunha

A Gratidão

de António Boto

Certo dia, um rapaz deu a um pobre a esmola de uma moeda de prata.

Pouco depois, esse rapaz foi preso e condenado à morte.

No meio de quatro soldados, armados de carabina, marchava indiferente e risonho.

Muita gente presenciou o tristíssimo espectáculo. E o pobre da moeda de prata estava entre a multidão. Reconheceu o rapaz e desatou a gritar:

— Mataram o rei! Mataram, agora, o rei!

A confusão foi tamanha — correrias, gritos, desmaios, que os soldados que levavam o preso, abandonaram-no e, apressadamente, dirigiram-se ao palácio real.

Entretanto, o rapaz fugia, mas o velho foi levado à presença do soberano.

— Porque razão desejava a minha morte se os meus actos são generosos e justos? — perguntou-lhe o monarca. Responde, velho maldito!

— Pelo facto de eu ter dito que morreste, nada sofreste, suponho—, respondeu o velho a sorrir. E acrescentou firmemente: Em troca dessa falsa notícia salvei a vida a alguém.

E contou o caso da moeda de prata, porque com ela matara a sua fome de três dias.

O rei ficou surpreendido, achou graça, e declarou que o rapaz não voltaria a ser preso, a não ser que outro delito surgisse na sua vida.

(do livro «O Barco Voador»)

ADEUS, MEU CANTO!

por Castro Alves

A cada berço levarás a crença,
A cada campa levarás o pranto!
Nos berços nús, nas sepulturas rasas,
— Irmão do pobre — viverás, meu canto!

E pendido através de dois abismos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a benção de Deus ao cativeiro,
levanta a Deus do cativeiro o grito!

O TÊTE-À-TÊTE DAS SOMBRAS

pelo **Espirito de Humberto de Campos**

— Eu já me encontrava com residência na praia de Botafogo, quando lavrou na cidade um surto epidémico de gripe, aliás com mínima repercussão, comparado à epidemia de após guerra. E como sempre contava, entre aqueles que recorriam à minha actividade profissional, diversos amigos pobres dos Morros e particularmente da Prainha, foi sem surpresa que, numa noite fria e nevoenta, abri a porta para receber a visita de uma garota de seus dez anos, humilde e descalça, que vinha, trémula e acanhada, solicitar os meus serviços.

— Doutor, dizia ela, a mamãe está muito mal e só o senhor pode salvá-la... Quer fazer a caridade de vir comigo?

Impressionaram-me a sua graça infantil e o estranho fulgor dos seus olhos, junto ao sorriso melancólico que lhe brincava na boca miúda.

Considerei tudo quanto esperava a minha atenção urgente e procurei convencê-la da impossibilidade de a seguir, prometendo atendê-la no dia imediato. Todavia, a minha pequena interlocutora exclamou com os olhos rasos de água:

— Oh! doutor, não nos abandone. Ninguém, a não ser a protecção de Deus, vela por nós neste mundo. Se o senhor não nos quiser auxiliar, a mamãe estará perdida e ela não pode morrer agora. Venha!... o senhor não teve também uma mãe, que foi o anjo de sua vida?

A última frase dessa menina tocou fundo o meu coração e me lembrei dos tempos longínquos, em que minha mãe embalava os sonhos da minha existência, comprando-me com o suor da sua pobreza honesta os alfarrábios e o pão.

Eu devia auxiliar aquela pequena, fosse onde fosse. A medicina era o meu sacerdócio e dentro da noite chuvosa que amortalhava todas as coisas, como se o céu invisível chorasse sobre as trevas do mundo, o táxi rolava conosco, como um fantasma barulhento, atravessando as ruas alagadas e desertas. Aquela menina, triste e silenciosa, tinha os olhos brilhantes, perdidos no vácuo. Seu corpo magrinho recortava-se inteiramente nas almofadas, enquanto os pés minúsculos se escondiam nas franjas do tapete. Lembrando as suas frases significativas, quis reatar o fio do nosso diálogo: «Há muito tempo que sua mãe se acha doente?

— Não, Senhor. Primeiro, fui eu; enquanto estive mal, tanto a mamãe cuidou de mim, que até caiu cansada e enferma também.

— Que sente a sua mãe?

— Muita febre. As noites são passadas sem dormir. As vezes, grito para os vizinhos, mas parece que não me ouvem, pois estamos sempre as duas isoladas... Costumamos chorar muito com esse abandono; mas, diz a mamãe que a gente precisa sofrer, entregando a Deus o coração.

— E como soube você onde moro?

— Foi a visita de um homem que eu não conhecia. Chegou devagarinho à nossa porta, chamando-me à rua, dizendo-se amigo que o senhor muito estima; e ensinando-me a sua casa, prometeu que o senhor me atenderia, porque também havia tido uma mãe boa e carinhosa.

Nosso diálogo foi interrompido. A pequena enigmática mandou parar o carro. Apontou o local de sua residência, estendendo a mão descarnada e miúda e, com poucos passos, batíamos à porta modesta de uma choupana miserável.

— Espere, doutor, eu lhe abrirei a porta passando pelos fundos.

E, já inquieta e desembaraçada desapareceu das minhas vistas. Uma taramela deslizou, com cuidado, no meio da noite e entrei no casebre. Uma lamparina bruxuleante e humilde que iluminava a saleta com o seu clarão pálido, deixava ver, no catre limpo, um corpo de mulher, desfigurado e disforme. Seu rosto, sulcado de lágrimas, era o atestado vivo das mais cruéis privações e dificuldades Níobe estava ali petrificada na sua dor. Todos os martírios se concentravam naquele pardieiro abandonado. Às minhas primeiras perguntas respondeu, numa vez suave e débil:

— Não, doutor, não tente arrancar minha alma desesperada das garras da Morte. Nunca precisei tanto, como agora, de deixar para sempre o calabouço da Vida!

E prosseguia, delirando: — Nada me resta... Deixem-me morrer...

Sobrepus, porém, minha voz às suas lamentações e exclamei com energia:

— Minha senhora, vou tomar todas as providências que o seu caso está exigindo. Hoje mesmo cessará esse desamparo. Urge reanimar-se. Resta-lhe muita coisa no mundo, resta-lhe essa filha afectuosa, que espera o seu carinho de mãe extremosa!

— Minha filha? — retrucou aquela criatura, meio-mulher e meio-cadáver — enquanto duas grossas lágrimas feriram fundo as suas faces empalidecidas. — minha filha está morta desde ante-ontem!...

Olhe, doutor, aí no quarto, e não procure devolver a saúde a quem tanto necessita de morrer!...

Então, espantado, passei ao apartamento contíguo. O corpo de cera daquela criança misteriosa, que me chamara nas sombras da noite, ali estava, envolvido em panos pobres e claros. O seu rosto imóvel de boneca-magrinha era um retrato da privação e da fome. Os grandes olhos fulgurantes estavam agora fechados e na boca miuda pairava o mesmo sorriso suave das almas resignadas e tristes.

Eu deslizara nas avenidas com uma sombra dos mortos.

(de **«Crónicas de Além-Túmulo»**, ditadas pelo espírito de H. de Campos)

A FORÇA DO INSTINTO

por F. A. Pinto

As serpentes são muito vulgares em Angola. Entre elas, avulta a *Pitoa*, que procura vítimas humanas, com frequência.

Durante a minha estada em Pungo-Andongo, entrou uma destas serpentes numa cubata (casa de colmo), onde estava um pretinho de sete anos.

A pobre criança, obedecendo ao instinto, deitou-se de ventre para baixo, em posição de não permitir que a serpente pudesse enroscar-se-lhe no corpo.

Pôs a cabeça de lado, uniu as pernas e assentou no chão o peito dos pés, tapando com os braços qualquer passagem por baixo do pescoço.

Assim defendida, gritava por socorro. Quando lhe acudiram, encontraram o monstro às voltas e zigue-zagues sobre o pequeno, procurando espaço do lado de baixo por onde pudesse meter a cabeça, a fim de dar depois o terrível nó estrangulador.

Surpreendida assim, a serpente foi morta com um tiro de chumbo, quando já ia fugindo e a pobre criança sofreu apenas um grande susto.

Aquele movimento instintivo deve ser semelhante ao dos pintainhos e perdigotos que, mal saídos dos ovos, se escondem, disfarçando a sua côr com a da terra, quando ouvem certo sinal da mãe ou avistam uma ave de rapina.

(Do livro «Angola e Congo»)

AS QUALIDADES

A Vergonha

Quando digo que vergonha é uma qualidade, não penso, naturalmente, nos que fazem dela sua arma forte de defesa contra o convivio.

Tudo se quer no seu meio termo — nem demasiado envergonhados, nem masiado descarados.

Quando o descaramento significa audácia, confiança em si próprio, indiferença pelas mesquinhices, auxilia imenso a luta pela vida.

Quando a vergonha significa brio, decoro, desejo de conservar uma linha de sã moral, lecciona os nossos impulsos, afastando-nos dos prejudiciais.

Harmonizem estas duas partes, fornem um todo perfeito, cheio de confiança na vida, que de pessoas assim é que precisa o mundo que constantemente se envolve em trevas.

Não vale a pena corar !...

★

ALGUÉM

Para alguém sou o frio entre os abrolhos
e tenho as formas ideais do Cristo;
para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
e, se na terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
não és tu, anjo meu idolatrado,
nem, meus amigos, é nenhum de vós !

Quando alta noite me reclino e deito,
melancólico, triste e fatigado,
esse alguém abre as asas no meu leito
e o meu sono desliza perfumado.

Chovam bençãos do céu sobre a que chora
por mim além dos mares ! Esse alguém
é de meus dias a esplendente aurora;
és tu, doce velhinha, ó minha mãe !

Gonçalves Crespo — «Obras Completas»

A FLAUTA E O SABIÁ

de Coelho Neto

Em rico estojo de veludo, pousado sobre uma mesa de charão, jazia uma planta de prata. Justamente por cima da mesa, em riquíssima gaiola suspensa no tecto, morava um sabiá.

Estando a sala em silêncio e descendo um raio de sol sobre a gaiola, eis que o sabiá, contente, modula uma volata. Logo a planta escarninha põe-se a casquinar no estojo, como a zombar do módulo cantor silvestre.

— De que te ris ? — indaga o pássaro. E a planta em resposta :

— Ora esta. Pois tens coragem de lançar tais guinchos diante de mim ?

— E tu quem és ?... ainda que mal pergunte.

— Quem sou ?! Bem se vê que és um selvagem. Sou a planta.

— Muito prazer em conhecer... Eu sou o misero sabiá da mata. Dize-me: que fazes tu ?

— Eu canto.

— O ofício rende pouco. Eu que o diga, que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar se, ouvindo a tua voz, me convencer de que és superior a mim. Canta ! Que eu aprecio o teu gorgeio e farei como for de justiça.

— Que eu cante ?!

— Pois não te parece justo o meu pedido ?

— Eu canto para regalo dos reis nos paços; a minha voz acompanha os hinos sagrados nas igrejas; ao ritmo dos meus delicados trilos bailam as damas, guiam-se as endechas das serenatas de amor, ao luar.

— Pois venha de lá esse primor. Aqui estou para ouvi-lo e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Isso agora não é possível.

— Não é possível ?! Porquê ?

— Não está cá o artista.

— Que artista ?

— O meu senhor, de cujos lábios sai o sopro, que transformo em melodia. Sem ele nada posso fazer.

— Ah ! É assim ?...

— Pois como há-de ser ?

— Então, minha amiga, modéstia à parte, vivam os sabiás ! Vivam os sabiás e todos os pássaros dos bosques, que cantam quando lhe apraz, tirando do próprio peito o alento com que fazem a melodia.

Assim, da tua vanglória há muito que se ufanam. Nada valem, se os não socorre o favor de alguém; não se movem se os não amparam; não cantam, se lhes não dão sopro; não sobem se os não empurram. O sabiá voa e canta — vai à altura porque tem asas, gorgeia porque tem voz. Canta, nos paços e nas catedrais !... Pois vem daí a um dueto comigo.

E, ironicamente a toda a voz, pôs-se o sabiá a cantar.

E... a planta de prata, no estojo de veludo... moita.

Faltava-lhe o sopro.

O LOBO E O MILHAFRE

Inda o sangue de um cordeiro
Voraz lobo gotejava,
Em um verde prado andando,
Outro cordeiro buscava,

Quando ao ver veloz milhafre,
Que um passarinho agarrou,
O nosso bom moralista
Tais injúrias fulminou:

— Traidor, faminto milhafre,
Deixa em paz as avezinhas !
Para fartar-te, ó cruel,
Não bastam estas crvinhas ? —

Tais olhos, tal consciência
Quase todo o mundo tem;
Não vemos nossos defeitos,
Mas os doutrem muito bem.

Pimentel Maldonado
«Apólogos»

★

NUM RESTAURANTE:

O freguês, tendo encontrado dois grandes cabelos num bife, chama de parte o criado:

— Olha, diz ao cozinheiro que faça outro bife... mas à escovinha.

Pássaros do Gêlo

Os Pinguins ou Pássaros-bobos

pelo Capitão Agüello

Há numerosas espécies de pinguins. Um dos mais característicos é o chamado *Fradinho*, porque o seu aspecto grave e calmo, a côr austera das suas penas e a sua maneira de estar, lhe dão o ar de monges.

Vistos de longe, causam a surpreendente sensação de que se trata de anões barrigudos — lentos e cerimoniosos.

A posição vertical, a côr branca dos ventres volumosos, a falta de pescoço, a negra roupagem do dorso e das asas, assim como a pequenez destas, que mais parecem braços curtos e toscos, sempre adiante do corpo, dão aos pinguins a aparência de minúsculos cavalheiros, muito sisudos e graves, vestidos de fraque, com peitilho decotado, e a quem só falta um chapeu alto para assistir a uma festa de gala...

Esta impressão dos que, porventura, os vêem pela primeira vez, completa-se com a sociabilidade dos pinguins e o costume de se reunirem em numerosos bandos, sobre as planicies de gelo. Lembram assembleias conselheirais.

Também se conhecem os pinguins pelo nome de «pássaros-bobos». Não voam, porque lho impedem as asas atrofiadas; mas nadam, ou melhor, mergulham admiràvelmente na água, para irem procurar nela o sustento próprio e o dos filhos.

Quando estão em terra firme, isto é, sobre o gelo, que é o que lhes acontece com mais frequência, os pinguins andam còmicamente, de maneira ridícula, bamboleando-se muito direitos, como palhaços de circo.

Daqui lhes vem o nome de pássaros-bobos», por que são conhecidos vulgarmente.

Os exploradores das regiões árticas costumam distrair os seus ócios contemplando a estranhas peripécias destes pássaros. Muito sociáveis, aproximam-se do homem sem dificuldade, vagueando em redor dos acampamentos.

Tropeçam amiude nos acidentes do terreno ou nos cabos que seguram as tendas dos exploradores.

Dando trambolhões tremendos, como palhaços ou ébrios, rolam pelo chão durante algum tempo; mas logo se levantam ou recompõem, muito graves e sérios, com toda a dignidade. E, com ênfase cómica, voltam-se para ver, indignados, o inesperado obstáculo que os deitou por terra.

Uma vez inteirados, afastam-se de novo, bamboleando-se pesadamente, até que voltem a cair de bruços noutro escolho imprevisto.

Estes *honrados* habitantes do gelo são excelentes chefes de família. Tratam dos filhos com grande carinho e são capazes de todos os sacrifícios para os proteger.

Quando o descendente começa a andar, pai e filho dão um passeio pela planície gelada, um ao lado do outro, em boa amizade familiar, e reunem-se com a numerosa assembleia dos seus semelhantes, entre as cerimoniosas e profundas reverências de uns e outros.

★

PROBLEMAS DA VIDA

— Ora vê lá se o meu caso não é interessante ! Cheguei ao Brasil com as calças rotas e hoje tenho vinte milhões !

— E que fazes agora tu com vinte milhões de calças rotas ?

Fé, Esperança e Caridade

de Clovis de Andrade
(Brasileiro)

Fé ! Luz que nunca se apaga
No coração bem formado,
De quem vive iluminado
Pela graça do Senhor !
Remédio suave e Divino
Que alivia o padecente,
Como também o descrente,
Removendo qualquer dor !

Esperança ! Lindo sonho !
Viver, amar, esperar,
No desejo de alcançar,
Nisto consiste a Ventura !
Quem espera sempre alcança,
Quer chorando, quer sorrindo,
Nosso sonho construindo,
No prazer ou na amargura !

Caridade Amor e Luz !
Sublime consolação,
Que enobrece o coração
De quem sabe confortar !
Viver na Fé, na Esperança,
Mas não tendo Caridade,
Doçura, Paz e Bondade,
Muito menos sabe amar !

Dizeres do Povo

por António Correia de Oliveira

— De hora a hora Deus melhora —
Podes ter fé no rifão;
Mas não durmas: vai buscando
Remédio por tua mão...

— Ouve muito e fala pouco —
Aprende com paciência;
Em sabendo que não sabes,
Chegaste à melhor ciência.

— Águas passadas não moem —
É conforme se entender;
Remorsos do mal passado
Ficam sempre a remoer.

— Os filhos são a riqueza
Do pobre que mais não tem —
Não há tesoiro que valha
O filho ao colo da mãe.

— Faze o bem e fecha os olhos —
Fecha-os, não olhes a quem :
Não vejas o mal dos outros,
Vejam os outros teu bem.

— Chega-te aos bons e serás
um dos bons —. Depois de o seres,
Chama a ti os maus e fá-los
iguais a ti, se puderes.

— Mais vale tarde que nunca —
Medidas que o tempo tem:
Para o mal é sempre cedo,
Nunca é tarde para o bem.

— Antes morte que má sorte —
Eu não quero a morte, não:
Quero viver e compor
A sorte por minha mão.

Lá diz o ditado antigo:
— Terra negra dá bom pão —
Encontra-se a luz às vezes
Cavando na escuridão.

— Homem pobre com bem pouco
Se alegra — diz o rifão-:
Não há nada como a fome
Para dar sabor ao pão.

— Devagar que tenho pressa —
Espalha o bem no caminho;
Tanto mais a água rega,
Quanto vai devagarinho.

— Antes quebrar que torcer ? —
Conforme for a maneira;
Bendito o vime torcido
Para dar jeito à videira.

— Pobreza não é vergonha —
Nem devia ser tristeza;
Vergonha é ter, como tantos
Pão alheio em sua mesa...

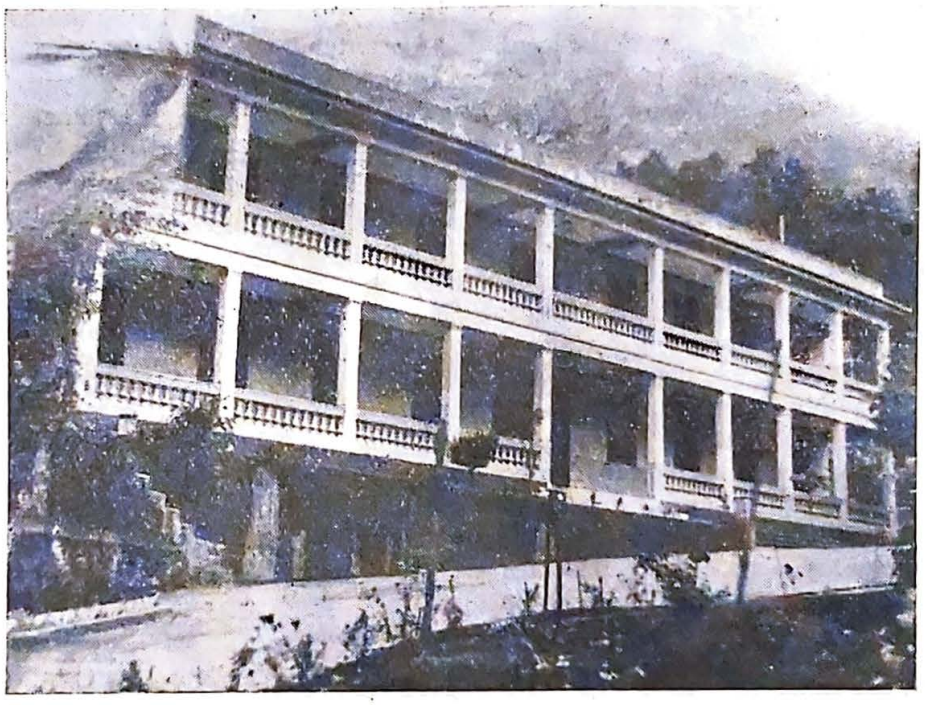
(«Dizeres do Povo»)

Hospital Espirita Pedro de Alcântara

por Deolindo de Amorim
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro)

Creio que poucos espiritas estrangeiros, dos que têm passado pelo Brasil, nestes últimos cinco anos, conhecem o *Hospital Espirita Pedro de Alcântara,* à rua Santa Alexandrina, 181, no saudável e tranquilo bairro do Rio Comprido, no Rio de Janeiro. É uma das obras que recomendam, aos olhos de qualquer viajante instruido e observador, não apenas a tenacidade, o espírito humanitário de uma colectividade, mas os próprios créditos morais de uma civilização. Apesar de estar localizado na parte mais acessivel de um dos pontos bem convidativos da Capital do Brasil, à vista da Natureza, em contacto com as matas do Rio Comprido, onde o clima por si só proporciona bem-estar pouco comum, o *Hospital Pedro de Alcântara* ainda não é bem conhecido. Até mesmo espiritas brasileiros, residentes nos Estados, quando vêm ao Rio de Janeiro ou quando passam pela metrópole do País só raramente visitam o maior e mais moderno Hospital de obsidiados existente nesta «Pátria do Evangelho». Falta-nos ainda, sem dúvida alguma, talvez pela trepidação em que vivemos, um sistema de intercâmbio para encaminhar visitantes nacionais e estrangeiros às grandes obras espiritas, dando-lhes oportunidade, aliás necessária senão indispensável, de ver de perto o que já tem o Espiritismo em matéria de realizações práticas. Muitos viajantes, nossos confrades, espiritas *militantes,* como se diz, quer do estrangeiro, quer do interior do Brasil, passam às vezes dias no Rio de Janeiro, quando muito vão a sessões de conferências no centro da Cidade, mas voltam sem conhecer pelo menos uma das muitas e grandiosas obras espiritas do Rio, como asilos, abrigos, creches, escolas, etc. O tempo é pouco para as actividades habituais nos grandes centros populosos, e além dêste motivo, os espiritas vivem muito ocupados com os próprios afazeres doutrinários, dividindo o tempo entre a vida profissional, a família e a doutrina, cuja seara é absorvente.

Daí não haver ainda um órgão, uma comissão, por exemplo, encarregada de aproximar do meio espirita os confrades procedentes do estrangeiro ou do interior do Brasil. Certos confrades, também, por sua vez, passam pelo Rio, a negócios particulares, mas ficam incógnitos, no hotel, onde quer que seja, e não procuram pelo menos uma instituição espirita, não se apresentam, finalmente, não *declinam* a sua qualidade de espirita. Não é possível, já se vê, *descobrir-se* alguém no Rio de Janeiro, cidade imensa, cosmopolita, movimentada. Penso que nenhum espirita, aqui ou ali, sabendo que existe movimento espirita na localidade onde se encontre, deve ficar



Hospital Espirita Pedro Alcântara, do Rio de Janeiro

incógnito, mas, ao contrário, deve procurar sua família espiritual, seus irmãos de crença, especialmente por estar em terra estranha. Se todos os nossos confrades fizessem assim, naturalmente muitas obras de vulto, verdadeiros monumentos, que muito engrandecem o Espiritismo, não ficariam ignoradas. Temos o exemplo do *Hospital Espirita Pedro de Alcântara*, obra que deveria ser visitada por todos os espiritas que viessem ao Rio de Janeiro. Seria ideal que todo o irmão nosso em trânsito no Rio de Janeiro incluisse no programa de viagem uma visita desta natureza. Bastaria que o viajante procurasse qualquer sociedade espirita e dissesse que pretendia visitar o Hospital Espirita. Naturalmente, até mesmo por telefone, não faltaria quem o pusesse em comunicação com directores da *Associação Espirita «Obreiros do Bem»*, que é a instituição patrocinadora do Hospital. Não há, no meio espirita carioca, quem não saiba dar informações da «*Obreiros do Bem*», indicando seus directores, com quem se deve falar, etc.

Quem sobe a ladeira da rua Santa Alexandrina, depois de passar o Largo do Rio Comprido, e vai ao *Hospital Pedro de Alcântara*, fica deslumbrado, porque vê, ali, em primeiro lugar, um hospital particular que não inveja, em organização, qualquer hospital público; em segundo lugar, sente o ideal espirita no que ele possa ter de mais impressionante e positivo no campo da acção social. Instalações modernissimas, pessoal extremamente dedicado, condições técnicas excelentes, e tudo feito pelo bem e para o bem, por amor ao próximo, no mais alto sentido cristão. Mas é preciso que os espiritas de fora venham ver de perto, venham conhecer o *Hospital Pedro de Alcântara*, obra bonita na forma e grande na significação espiritual.

O patrono espiritual do Hospital é Pedro II, último Imperador do Brasil, destronado em 1889, com a proclamação da República. Há uma circunstância muito interessante, a este respeito. Já tive ocasião de escrever ligeiramente sobre o assunto. Quando Imperador do Brasil, Pedro II tinha interesse directo, um cuidado especial pelos loucos. Foi ele o fundador do Hospício Nacional. Visitava constantemente o Hospício, procurava saber da situação dos loucos, afinal dava atenção a tudo quanto dissesse respeito a esses doentes. No campo das obras sociais, os loucos mereceram do Imperador, como de resto toda categoria de necessitados (orfãos, viuvas, estudantes pobres), um carinho todo particular. Pois bem, o *Hospital Espirita Pedro de Alcântara* se destina a obsidiados, sob os auspícios justamente de quem, quando homem na terra, exercendo a função de Chefe de Estado, muito se interessou pelos doentes mentais. Parece, pois, que Pedro de Alcantara, hoje espírito, está continuando a realizar sua obra iniciada na terra. Como homem, foi o protector do Hospício; como espírito, é o patrono de um hospital de obsidiados, de doentes espirituais. Sobretudo, o que também justificaria a escolha, Pedro de Alcântara foi um grande homem, honrou o Trono, perdeu a coroa, mas não perdeu a majestade espiritual.

O *Hospital Espirita Pedro de Alcântara*, cuja construção representa o fruto de árduos anos de esforços, tem a protegê-lo, no espaço, o magnânimo Pedro II, espírito elevado e bom, sempre a se interessar pela felicidade do Brasil. Deste lado do Atlântico, dirigindo-me não apenas aos Irmãos portugueses mas indistintamente aos de outros paises, quero lançar, por intermédio desta conceituada Revista, um convite amigo:

> *Espiritas, seja qual fôr a vossa nacionalidade, a vossa língua, quando tiverdes ocasião de vir ao Brasil ou de passar pelo Rio de Janeiro, vinde visitar, vinde conhecer as obras espiritas, procurai ver e sentir de perto o que é o Hospital Espirita Pedro de Alcântara!*

Livros de Gabriel Delanne

Brochados, 23$00 — Encadernados, 31$00

A EVOLUÇÃO ANÍMICA — É um dos mais completos trabalhos sobre as origens da alma consciente, escrito por um culto engenheiro que dedicou toda a vida aos estudos psíquicos.

A ALMA É IMORTAL — Livro eloquente e documentado sobre os problemas da vida e destino do homem após o fenómeno da morte do corpo.

O ESPIRITISMO PERANTE A CIÊNCIA — Apresenta um quadro completo dos dados que o psiquismo oferece aos cientistas e das pretensas falhas que muitos eruditos julgam ver nos chamados factos espiritas.

«A Igreja e o Espiritismo»

por Ramos Pereira

No seu número de 13 de Março, a *Nação* insere um artigo da autoria de João Crisóstomo onde se apresenta a posição da Igreja perante o Espiritismo. É um artigo sintomático... e digno de ser analisado, sem quaisquer prevenções: — a Igreja de Roma fala através de um dos seus defensores, ainda que acobertado sob um pseudónimo.

Apoda-se o Espiritismo de religião... mas o autor revela desde logo não se tratar duma religião comum, pois que constroi «um corpo de doutrina filosófica, religiosa e moral» sobre a observação de fenómenos investigados pela metapsíquica ou colhidos nas sessões pròpriamente espiritas. Não há nela, portanto, nada de regras rígidas e imutáveis, de dogmas, mas dum esforço humano de assentar um corpo doutrinário sobre uma base teórica (entenda-se doutrina como conjunto de juizos de valor e teoria como conjunto de juizos de existência). O Espiritismo atribui alguns dos fenómenos metapsicológicos (não todos...) à intervenção dos «espiritos desencarnados» por não encontrar uma hipótese mais perfeita e consentânea com a natureza dos mesmos fenómenos. Isto é, encontra no fenómeno a prova duma imortalidade que a Igreja afirma *ex-cathedra*... sem prova experimental. Nisto talvez resida a primeira divergência fundamental entre a Igreja e o Espiritismo e... ainda bem que ela seja deste tipo.

Há, porém, logo na primeira alínea do artigo em questão, alguns deslises e algumas afirmações demasiado categóricas. Assim:

1—«...o Espiritismo recolhe àvidamente os fenómenos metapsíquicos, junta-lhes os que provoca e observa nas suas sessões...». Ora se os fenómenos metapsíquicos são observados, como o autor diz, em «mediuns», esses mesmos médiuns que trabalham no Espiritismo, porque dá a perceber uma distinção de natureza entre uns e outros? Fenómenos metapsíquicos e fenómenos espiritas são uma e a mesma coisa. Note-se que Crookes é também citado pelos metapsiquistas... e que Geley acabou aceitando a tese espirita.

E que entenderá o autor por «provocar fenómenos»? Por se fornecerem os meios e ambiente à manifestação? Se é isto, não diferimos da técnica metapsiquista ou de qualquer ciência. Se não é isto, a ideia não corresponde à realidade.

2 — «Uma vez que o Espiritismo propõe uma doutrina religiosa e ética para os homens, não podia a Igreja que, por direito divino, é guia e mestra nas questões morais e religiosas, deixar de tomar posição perante a doutrina e prática espiritista».

Há neste ponto alguns erros. O Espiritismo não propõe imediatamente uma doutrina religiosa, a não ser que se tome como tal o ele chegar por via filosófica dedutiva à aceitação de um Deus Único, Causa Primeira e Última finalidade das coisas, e admirar no Cristo o Brando Pastor da Humanidade. E isto chegará? Onde ficam as liturgias, os sacerdotes, as igrejas, as imagens do Espiritismo? Quanto ao aspecto moral, o Espiritismo deseja a revivescência e a vivência da pura moral cristã, tal como é haurida directamente no Evangelho. Terá de abdicar destes princípios só porque a Igreja *se afirma* como «guia e mestra» por «direito divino»? Não desejamos discutir este argumento frágil por não passar de mera afirmação sem fundo real ou racional. Poucas serão as Igrejas que se não intitulem «guias e mestras por direito divino», querendo monopolizar toda e qualquer ligação com o Desconhecido.

A partir da 2.ª alínea do artigo, o autor lança-se ardorosamente na crítica do Espiritismo, acumulando lenha com que se queima sem chamuscar a efígie da Doutrina julgada herética.

As «práticas das sessões espiritas são supersticiosas, e, por consequência, intrìnsecamente más, ilícitas e imorais»? Mas se em Espiritismo há observação, experimentação e nunca aceitação incondicional, onde há superstição? Talvez haja, sim, nos «espiritas» que, educados nos princípios dogmáticos da Igreja, vêem nalguns «milagres» e a «intervenção dos santos». No entanto, nós, embora vendo nisso superstição, não a julgamos má, ilícita e imoral, mas simplesmente passiva de erro por ignorância. E só na prática espirita haverá superstição? Lembro-me de ter ouvido a um digno e cultíssimo sacerdote católico o seguinte pensamento: — «A imagem é o objecto para prender a atenção do crente e o meio para que a sua alma se eleve à comunhão com o ser superior, com o Santo, que a imagem representa». Será assim que sente e pensa a maioria dos crentes católicos? Não, indiscutivelmente não; ele vê na imagem um fim imediato, prende-se *supersticiosamente* a ela, como o africano ao seu totem. Será esta superstição do crente católico má, ilícita, imoral? Eu próprio (e sou espirita) respondo com um *não*. A superstição deve ser combatida como o erro e a ignorância, seus irmãos.

A Igreja proibe que os católicos assistam a sessões de Espiritismo? E o Espiritismo alguma vez lhe contestou esse direito? A Igreja pode proibir, com o mesmo direito que o católico terá de obedecer ou não a essa ordem. E em que poderá isso influir naqueles que

não são católicos? A Igreja conseguirá que os «céus» sejam implacáveis para essas vítimas do seu livre-arbítrio?... E que farão os «céus» àqueles que, frequentando a Igreja, negam nos actos os princípios que lhes instilaram, que, dizendo-se cristãos, não perdoam, não são «mansos» e fazem como os fariseus?

É natural que a Igreja queira guardar a massa dos seus fieis. Mas do que duvido é que Ela o consiga com proibições absolutas que, se na Idade-Média teriam aceitação incondicional, hoje em dia talvez produzam efeito contrário. Não foram proibições semelhantes que arremessaram milhões de homens para as Igrejas protestantes?

A Igreja condena as sessões mediúnicas onde a superstição impera e a fraude é evidente, onde se age fora do «âmbito do conhecimento que a ciência pode adquirir com os seus meios e métodos de investigação»? Não será a Metapsicologia uma Ciência, com objecto e métodos próprios? E não condena o Espiritismo também a mera curiosidade, a superstição e o erro?

A Igreja, pela Carta Encíclica da Congregação do Santo Ofício citada pelo jornalista da «Nação» apoda as médiuns de «mulherzinhas sem dignidade, arrastadas pelas maravilhas do chamado «sono hipnótico e da clarividência», talvez só porque elas, em transe, apresentam os tais fenómenos metapsicológicos. Joana d'Arc também teve visões e foi condenada pela mesma Igreja que, depois, a canonizou. Catarina Emmerich também era clarividente. Não foram clarividentes os pastorinhos de Fátima? Tenho ouvido alguns médiuns dizerem que vêem figuras de santos e santas; mas, como *vêem* fora do âmbito católico, não passam de mulherzinhas sem dignidade, supersticiosas e ignorantes. Felizmente que nem todos julgam pela cartilha do Santo Ofício, pois, na realidade, esses homenzinhos e mulherzinhas têm tanta dignidade como a maioria dos mortais, católicos ou não.

Expõem-se os espiritas à perversão moral e religiosa, por assistirem às sessões? Porquê? Porque os médiuns falam dum Deus infinitamente justo e bom que não criou Céu e Inferno eterno, mas uma lei de progresso aberto a todos os espíritos? Quanto às causas da perversão moral devemos ressalvar as palavras do articulista:

1 — o escuro não é condição *sine qua non* do fenómeno e, mesmo que o fosse, como traria esse escuro a perversão? Serão pervertidos todos aqueles que no escuro do cinema assistem a um «filme» ou os que oram na penumbra dum templo?

2 — Para formar a corrente magnética não é necessário dar as mãos.

3 — Só se ouvirão «respostas e facécias ambíguas de sentido pornográfico» e quejandos que o autor aponta? Por que sessões teria o articulista andado para assistir a tais dislates!... Foi mais infeliz que eu, que em 6 anos nunca presenciei tal perversão de linguagem, natural, contudo, na manifestação dum desses infelizes que na terra abundam e que a terra deixasse sem compreensão mais elevada dos valores morais.

4 — Dá-se escândalo por se assistir às sessões espiritas? Isso seria verdadeiro se as sessões fossem realmente baixas, imorais, pecaminosas, como o autor ignora e tendenciosamente aponta. Das duas ... uma: — ou o autor assistiu a sessões como as que ataca e deu também «escândalo», tonando-se alvo das sanções da Igreja; ou não assistiu... e, portanto, fala sem conhecimento de causa, como o papagaio que articula palavras sem consciência do que diz. Por qual hipótese optará o articulista?

É interessante notar o carinho com que o autor trata a Ciência e os seus métodos, como ele defende em nome da Igreja o campo científico. Nem sempre, infelizmente, a Igreja de Roma procurou o amparo da Ciência... mas, passando ao largo deste espinho, devemos concordar que não é o amor ao progresso científico que arrasta a multidão para o Espiritismo. Não será antes a ânsia de uma certeza que não lhes pode ser dada pela Igreja com as suas afirmações, com os seus dogmas intangíveis, com a sua liturgia complicada e incompreensível para a maioria, com o seu simbolismo mais ocultista que o próprio Espiritismo?

Estará o Espiritismo passivo de culpa perante a Ciência, como o autor diz? Afirmar, como ele o faz, que o Espiritismo recusa a investigação do cientista é negar os factos e quase um século de experiências. A metapsíquica não é uma ciência? Não foi feita por cientistas e não experimentou ela os fenómenos que constituem a base do Espiritismo? Não eram cientistas Crookes, Geley, Bozzano, Chiaia, Fukurai, Ochorowicz, Schrenck-Notzing, Cazzamalli, Delanne ou aqueles que através do mundo estabeleceram as «sociedades de investigações psíquicas»? Não aceitaram muitos deles a tese espirita? Onde está então a culpa do Espiritismo, para que o autor concite a atenção das autoridades civis portuguesas? Que cegueira! Que maldosa ignorância! No Brasil, o Governo subsidia as associações espiritas, atendendo ao seu esforço em prol da saude e da educação pública e... o Brasil tem o Catolicismo como religião oficial. Não estão dirigindo as associações espiritas portuguesas homens tão dignos como a melhor parte daqueles que pensam pelo catecismo de Roma? Se há grupos ou grupelhos maus, perniciosos, imorais, onde a perversão é o fim, denuncie-os o autor às autoridades, porque com isso só prestará auxílio à Causa Espirita. Mas denunciar o Espiritismo como cancro social é demasiada ousa-

dia, demasiado proselitismo servil e demasiada responsabilidade.

Verdadeiramente extraordinário é o final deste artigo. A igreja não se pronunciou ainda pela realidade do fenómeno, embora afirme a imortalidade do espírito e uma possibilidade relativa da sua manifestação; a «autoridade da Igreja não emitiu o seu parecer, nem deu qualquer decisão»! E, a pesar disto, principiou por se colocar numa atitude de proibição e ataque. Teria pensado o autor no papel em que coloca a Igreja? Sem um parecer sequer, sem uma opinião formada sobre a realidade dos fenómenos, a Igreja condena. Como poderá então um cientista católico ir observar o decantado fenómeno? Terá a observação de ser feita pelo não-católico, o que permitirá depois certas dúvidas, certas ressalvas... Não será assim?

Mas, mesmo que se prove ser o fenómeno uma realidade, mesmo que se prove insofismàvelmente ser o espírito liberto a causa, a Igreja continuará condenando e proibindo a doutrina e as práticas espiritas por «heréticas, impias, supersticiosas», «indignas, ilícitas e imorais»! Uma afirmação deste quilate não necessita de comentários.

Que diferença entre o João Crisóstomo da «Nação» e o Cardeal Lépicier do «Mundo Invisível»! Ao menos este famoso luminar da Igreja faz uma análise crítica digna dele e do Credo que defende, esboça a atitude da teologia católica perante o Espiritismo.

Que fez João Crisóstomo? Colocar a Igreja numa atitude pouco coadunada com a índole moderna; aterrorizar o crente católico; encher, enfim, várias colunas da *Nação* com os produtos da sua espantosa ignorância ou cegueira prosélita, esquecendo ou fingindo ignorar o esforço do Espiritismo no sentido do aperfeiçoamento espiritual do homem, para não falar dessas obras dignificantes pelo seu fundo evangélico ou pelo seu conteúdo de ideias e nas quais João Crisóstomo não pensou, por serem valores demasiado duros para poderem ser atacados pelo seu braço. Gostaríamos de ler os seus comentários à «Génese», de Karddec, à «Grande Síntese», de Ubaldi, ou então ao «Do Pais da Luz», de Fernando de Lacerda, às obras de Francisco Cândido Xavier. Serão também estes «coisas insignificantes, sem mérito e sem transcendência», «manifestações indignas dos espiritas e dos homens»?

"TÊM RAZÃO?"

pelo Dr. Inácio Ferreira

Monumental resposta a padres, médicos e agnósticos que têm atacado o Espiritismo. O autor é médico psiquiatra, director do Sanatório Espirita de Uberaba. Um volume de grande formato, que é uma autêntica obra de erudito e de método socrático.

Brochado, 35$00 — Encadernado, 50$00

À Margem dos Livros

CIENTISMO E ESPIRITISMO, *por Leopoldo Machado.* Estudos Psiquicos Editora. Lisboa, 1948, 222 págs.

Como bem faz notar Isidoro Duarte Santos no prefácio, o professor Leopoldo Machado não necessita de apresentação, nem... (diremos nós) de quaisquer encómios ou louvaminhas.

Na presente obra, editada por Estudos Psiquicos, *obra de recorte jornalistico, vinca-se nitidamente uma das caracteristicas da posição mental do seu Autor: — polemismo de sã defesa duma Ideia que, sem sectarismos dogmatizantes, busca a Verdade. Leopoldo Machado coa pela peneira da crítica as teses de tantos «ismos» auto-apodados de científicos, para neles mostrar um «ismo» único — o pretensiosismo, ocultando a realidade aborrecida da ignorância... Se nalguns capítulos o Autor mergulha o escalpelo menos fundo, noutros, porém, retalha gangrenas com magistral perícia (referimo-nos à análise da teoria freudiana, estendida pelos capítulos XX a XXVII).*

É uma resposta que Leopoldo Machado dá ao cientismo? Afigura-se-me antes... uma pergunta similar do «Quem tem razão?» do Dr. Inácio Ferreira. Mostrando-se senhor duma cultura sólida ao serviço de um critério crítico bem delineado, Leopoldo Machado faz-nos esquecer a toada de polémica jornalística. Mas se pensarmos nela em particular, teremos de considerá-la como lidima lição de jornalismo espirita.

Uma obra representativa e digna de ombrear, no seu plano, com as anteriores edições de Estudos Psiquicos *— a classificamos nós. E os que a lerem dirão da justeza das nossas palavras.*

RAMOS PEREIRA

Uma Casa de Saúde

por Reper-Siam

Queridos irmãos, tendes de ser caridosos para com todos, embora contra vós se usem de pedras e insultos. É preciso emergir da lama que vos rodeia. É preciso dar o exemplo. E quanto mais áspero for o caminho, mais equilíbrio e aprumo se requer. Empunhai sempre o facho da caridade.

A casa para doentes do espírito tem de se fazer entre vós. É preciso um refúgio onde se tente a cura, senão o alívio desses infelizes que seguem a sua rota influenciados por espíritos errantes. É preciso que os espiritas envidem todos os esforços para semelhante objectivo. De toda a assistência que se possa fazer a necessitados, nenhuma igualará a de dar alívio aos doentes do espírito, que já são tantos e cada vez serão mais.

Presentemente, não tendes os meios necessários para conseguir esse triunfo; mas também nada se fez ainda nesse sentido. Toda a obra, por modesta que seja, necessita de preparo, de propaganda, de sacrifício e de cooperação. Nada pode triunfar escondido aos olhos de todos. Eis porque essa ideia devia ser apregoada. As curas que se têm verificado em meios impróprios deveriam animar os espiritas a empreender qualquer coisa no género. O que para aí se faz não dá o que podia dar, por falta de método. Há boas vontades, aliadas a lucro imoderado, há competências muitas vezes de braço dado com a ignorância. Se se escoimassem os erros e se apurasse o que há de bom, talvez não fosse difícil conseguir o fim almejado. Uma Casa de Saúde, onde se ensaiassem estes tratamentos ao lado das terapêuticas médicas, é coisa imprescindível para atender a grande número de doentes incuráveis por outros métodos, além de constituir um forte elemento de propaganda.

Os que se degladiam não dão pelas necessidades da Doutrina e depois queixam-se de que o Espiritismo não progride. Não progride, por carecer de elementos construtivos, de elementos desassombrados que enfrentem a rotina, já que muitos se limitam a atacar o parceiro. Não progride, porque as élites se retraem, deixando nas mãos da ignorância o facho que deviam erguer à luz dos seus conhecimentos.

O Espiritismo em Portugal é uma espécie de desporto para uns, de curiosidade para outros e de distracção para muitos e não aparece um pugilo de homens cultos, desempoeirados, conscientes e competentes a mostrar que não é obra de ignorantes e de obscurantismo, mas, ao contrário, obra de sábios com fins humanitários e altruistas.

Onde estão, porém, tais pessoas capazes de o impor em terras onde essa palavra é quase desconhecida ou anda deturpada? Onde estão esses corajosos capazes de varrer o lixo acumulado nas fileiras e mostrar as excelências da Doutrina? Os que se insurgem contra a inércia, que dêem os primeiros passos. Mas, para isso, é necessário reformarem-se a si próprios. Quem prega não pode ser Frei-Tomás. Esse tempo já passou. Estamos na era das realizações.

Espiritas, fazei exame de consciência e mãos à obra! Iniciai a construção de um dos grandes pilares sobre os quais assentará a obra social do Espiritismo!

Para começar, nada melhor do que uma Casa de Saude para as doenças do espírito. Quem haverá aí competente e endinheirado, amigo do seu irmão e da sua pátria, que queira implantar nesse rincão da Europa a primeira obra de ressurgimento espiritual?...

(Psicografado por M. S.)

O HOMEM E A VIDA

por Ramos Pereira

—Como? Porquê? e para quê?
Tudo e Nada. Finito e Infinito. Vida e Morte.
— Cenas duma tragédia que o Homem vive,
num palco de sombras.
Desespera por ser aquilo que não vê.
Vozes que o chamam, que os ecos multiplicam,
Mãos que o puxam, Luzes que o deslumbram.

E o Homem corre, tropeça, cai.
Ergue-se ainda, para tombar de novo.
Ofegante, exausto, abraça o Nada.
O que quis não teve e o que sonhou não viu!
Para quê viver, correndo
Na ânsia de encontrar longe de nós
o que só em nós existe?

«O HOMEM DA RUA»

O «Homem da Rua», de Guedes de Amorim, deixou-nos vivamente impressionado. Já conhecíamos algumas novelas deste escritor de feitio realista, amador de temas populares. Sabíamos que era incisivo, que se dirigia a mundo melhor do que o nosso, onde não houvesse injustiças nem mazelas sociais. E que o seu livro «A Aldeia das Águias» merecera o prémio *Ricardo Malheiros* também sabíamos. Este prémio é destinado a galardoar o mérito literário. Quem

GUEDES DE AMORIM

o obtém distingue-se da massa anónima. Emerge do *mare magnum*. Está no caminho aberto pelo seu valor e sua tendência e os editores dispõem-se a explorá-lo.

O contista de «Patamar» e «Anjos na Encruzilhada», o novelista de «A Mulher do Próximo», «Escravos da Morte» e «Os Barcos Descem o Rio», enveredou pelo romance e deu-nos «O Homem da Rua», livro de estudo, livro de observação. Tem 447 páginas compactas e lemo-lo todo, de fio a pavio, algumas vezes sofregamente. Custa-nos a ler livros grandes, mas lemos este, não por deferência, mas por necessidade. É que o livro é bom. Seus capítulos alinham como sentinelas da vida vigiando o corpo social.

Não somos crítico, não compreendemos muito bem a carpintaria do romance, as regras clássicas a que deve obedecer para ser enquadrado neste género de literatura. Seja como for, é um livro profundamente humano dedicado aos «anónimos que vão pelos caminhos pedregosos do mundo à procura de trabalho, pão e justiça». Revela um autor universalista, cheio de piedade pelos que sofrem. Um homem que sente a dor do mundo, que regista o bem e o mal, escondendo-se na turba dos espectadores.

De facto, não descortinámos o romancista naquela peregrinação de tantas páginas. Vimos as personagens, escrutámo-las, seguimo-las através de becos e vielas, observámos-lhes atitudes, gestos e acções e acompanhámos-lhes o exercício do pensamento... Mas o escritor não o vimos e congratulamo-nos com o facto. Nunca fez reflexões a respeito disto ou daquilo. Só através das personagens, que se moviam, rindo ou chorando, trabalhando ou sofrendo. E um homem fica sabendo muita coisa que ignorava...

★

Guedes de Amorim deu-nos matéria para muitas cogitações. Se tivéssemos tempo e espaço, poderíamos fazer curioso estudo deste livro que galgará as nossas fronteiras, porque não encerra apenas a crónica de uma cidade, mas de todas as cidades onde o sofrimento humano atinge culminâncias singulares.

Aquela Margarida que enfrenta o preconceito e obedece aos imperativos da Natureza, apaixonada por tudo o que é luminoso; D. Maria Cecília, viuva típica que se aproxima das mulheres grávidas para lhes amadrinhar a filharada e que morre a pedir esmola; a velha Silvina entrevada, passando a vida a bater com a bengala no sobrado; Lourenço, velho operário obcecado pela ideia de casar a filha, uma costureirita com a mania de escutar passos na escada; o velho Roque, figura hugoleana a passear de noite com um gato por companheiro e a falar das ruas que durante quarenta anos calcetara; Úrsula, bruxa especuladora e ladra; Baltasar, frívolo e pretencioso sedutor de mulheres; Foninhas, vendedor de jornais que alugava as gazetas a troco de copos de vinho; Feteira e Jerónimo, adeptos do Espiritismo, pelo qual terçam armas de boa têmpera; Pinares, obreiro revoltado ao serviço de ideologias libertárias; e por último Francisco, operário honesto sujeito a um destino que lhe impõe severas provas; todas estas personagens vivem e palpitam e amam e odeiam e blasfemam no seu mundo próprio. O autor não as aclimata, porque nasceram, viveram e sofreram no ambiente que lhes foi destinado.

«O Homem da Rua» não é romance de imagens.

É romance de vida real, de luta cotidiana. Há ali pústulas e gangrenas a pedir cautério, como há arroubos espirituais que topetam as nuvens.

O encontro, no Capítulo X, de D. Maria Cecília com Margarida, a quem informa que o amante desta é ladrão, não será uma página de antologia? E o diálogo de Marcelo e Baltasar não será um verdadeiro estudo psicológico do tuberculoso consciente? Está cheio de análise introspectiva. Qualquer grande escritor sentir-se-ia honrado subscrevendo aquelas páginas inspiradas, luminosa síntese da dor humana. E o parto da criança em plena noite, à beira do rio, e os solilóquios de Francisco, com uma bomba nas mãos, disposto a destruir a fábrica, são páginas de rara emotividade que nos prendem à leitura.

★

Como dissemos, isto não é estudo. É resumo de impressões ao correr da pena. Nem somos crítico, nem biógrafo. Dizemos o que sentimos, nada mais.

Além do estilo, de que falaremos adiante, coisa nova traz este romance. O Espiritismo é ventilado sèriamente e sem ideias preconcebidas. O Capítulo XVI (págs. 235-251) descreve uma sessão espírita com grande cópia de pormenores. Guedes de Amorim assistiu, observou e descreveu. Mais uma vez foi sincero e humano, copiando do real, ao contrário de outros que baseiam na imaginação fecunda muitos passos de suas críticas espúrias. Aconselhamos a leitura desta obra. Conhecerão um escritor que o público distingue e um livro que um oficial da marinha inglesa traduziu espontâneamente, tal a impressão que lhe causaram aquelas páginas fortes.

Guedes de Amorim é escritor independente. Por isso, escreveu o que lhe ditou a consciência. Não sofreu influências de ninguém. Procurou a verdade e transmitiu-a em linguagem máscula, por vezes contundente...

★

O seu estilo é simples e agradável. Cuida menos de atavios, que de realidades. Tem a frase curta, própria dos observadores, íamos dizer dos esmiuçadores de pormenores. Mas, de quando em quando, há imagens peregrinas que nos detêm na leitura.

Alguns exemplos: «Apontando a esganada artéria (rua) que corria na sua frente...» (pág. 105); «O Tejo, extensa colcha luarizada» (pág. 107); «Olhos cinzentos, semelhando duas gotas de licor, vistas à noite, sobre mármore preto» (pág. 119); «Deitava-lhe abaixo os pulmões por encomenda da morte» (pág. 180); «Desirmanado do lampianista que, no seu corropio de acender mais tarde os olhos das ruas pobres...» (pág. 184); «A manhã nascia bonita, esbanjando oiro luminoso, que entrava pela janela dentro» (pág. 204); «A viuva rolou a sua obesidade até junto dele» (pág. 210); «Foi descendo para as profundidades do som» (pág. 318); «Dera-lhe metade de cinco escudos» (pág. 390); «Passou dores terebrantes e prolongadas» (pág. 407); «Os doentes rilhavam conversas e saudades» (pág. 417); «Saudoso do Lobato, seguia ansioso a lenta dobagem das horas...» (pág. 434); «Parecia-lhe que fora Margarida dos dois a mais infeliz» (pág. 443); «Parou um momento de pensar» (pág. 445). Etc., etc., etc.

Estas notas não conseguem traduzir, nem sintetizar o trabalho de Guedes de Amorim, que nos deu obra de fôlego em que há muita intuição e observação.

A tendência deste novelista é realçar o tesoiro dos humildes e contribuir para uma sociedade melhor. Idealiza novos contos, novelas e romances, tudo de fundo humanista, como quem rasura velhos erros e busca luz suave que deleite os olhos.

Pode e deve construir um belo edifício literário para expectação de vindouros, que dos coevos pouco mais vem que inveja surda, própria de medíocres.

«O Homem da Rua» é amostra, cuja peça dará boa roupagem para obra de maior contextura. Esperamo-la e tê-la-emos de Guedes de Amorim, incontestàvelmente um dos mais típicos escritores modernos, de língua portuguesa.

I. D. S.

Semana Espírita de Nova-Iguassú

A Semana Espírita Cristã de Nova-Iguassú, que se realizou de 21 a 28 de Março, transcorreu dentro de um ambiente de alegria e de animação que a todos empolgou.

Começou com um preito de solidariedade ao 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, *no LAR DE JESUS.* Os moços *correram para ali de manhã, onde passaram o dia. Depois do almoço, uma reunião de reabastecimento espiritual, à sombra das árvores do* Parque Icléa *e a sessão de abertura da Semana, em que desfilaram representantes de 18 Mocidades Espíritas Organizadas. Foi um desfile de oratória doutrinária bem digno de aplaudir-se. E à noite, no* Fé, Esperança e Caridade, *a reunião substancial, com a actuação da Comissão Patrocinadora do certame.*

Durante a Semana, dois a três programas diários, salientando-se a Festa da Criança Espírita, *no* Parque Icléa, *do* Lar de Jesus, *bem como o* almoço da Fraternidade, *a* Noite do Moço Espírita *e a* Festa da Mulher Espírita, *a visita à cadeia e ao hospital, levando-se conforto aos prisidiários e aos enfermos e a comparticipação dos moços semaneiros na reunião preparatória do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas, na* Sociedade de Medicina e Espiritismo, *do Rio.*

Marcou ela, indiscutivelmente, um grande e belo movimento de espiritismo de vivos digno de nota.

"LUZ NO CAMINHO"

NA CRÍTICA DOS OUTROS...

Acabámos há pouco a leitura de «Luz no Caminho», uma notabilíssima obra que traz aos homens de hoje, desorientados habitantes de ruinas de toda a espécie, a certeza de que a batalha desta vida pode ser gloriosamente vencida, transformando bons pensamentos em actos de humana fraternidade.

«Luz no Caminho» — páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora — definitivamente consagra os altos e inconfundíveis méritos de Isidoro Duarte Santos como filósofo espiritualista firmemente empenhado na defesa ampla da cristianíssima doutrina fraternal entre os homens e os povos. Dividida em numerosos capítulos, a obra, de saborosa e reconfortante leitura, trata, melhor, interpreta em cada um deles um versículo dos Evangelhos. Esclarece, aconselha, ensina desinteressadamente. Indica a estrada que todos têm a percorrer e o êxito de todas as jornadas bem dirigidas. Numa palavra: o livro é um mestre seguro e desapaixonado que chega em hora própria, para que cada um se reabilite perante si mesmo e o seu próprio destino.

O autor, baseado nas imutáveis e sublimes leis do Criador, após tão extenso e formoso trabalho — di-lo na *Exortação Final* —, deseja apenas que «pensemos na paz, eduquemos os filhos na paz, governemos os povos em paz, ganhemos a vida em inteira paz. Só deste modo teremos jus às claridades espirituais que fazem do homem um artífice do progresso».

Estas palavras glorificam o belo trabalho de Isidoro Duarte Santos. Por outro lado, o seu livro impõe-no também como grande artista da palavra escrita, um escritor de vigoroso e límpido estilo, vestindo um pensamento sempre expressivo. Por isso a sua obra pode ser compreendida por todas as camadas. Bem o merece. Edição de *Estudos Psíquicos Editora*.

(Do *Século Ilustrado* de 27-12-947)

★

«Luz no Caminho» interessa a todos os homens que sabem — e ai dos que ainda o não sabem... — que a vida é uma viagem, mais ou menos acidentada, que não termina na morte. Interessa, numa palavra, a todos os homens de boa vontade latente, ou mesmo à manifestada em pensamentos e obras. Não tem uma página fatigante, nem uma linha supérflua. Do princípio ao fim do volume — diga-se sem ponta de exagero, tudo se aproveita como profunda, ampla e nobilíssima lição.

Divide-se o livro em muitos capítulos, cada um deles encimado por um versículo dos Evangelhos. O autor, com brilho e profundidade, interpreta esses versículos à luz duma espiritualidade firmemente baseada, indicando os trilhos da fraternidade humana, no ardente desejo de levar o leitor a ascender cada vez mais alto. Obra filosófica, sem dúvida alguma, mas assim mesmo, contra o que possa julgar-se, ao alcance de toda a gente. O seu valor, já se deixa ver, seria imediatamente proveitoso e eficaz em todas as épocas, mas nestes desvairados tempos em que o indivíduo, por todos os cantos do mundo, anda desorientado, descrente de tudo, como folha ao vento ou viandante sem rumo, o seu mérito é deveras oportuno, representando forte e radiosa luz para a jornada de cada um.

Livro que fica, livro que se lê muitas vezes e depois se guarda, como lição sapiente e sublime. «Luz no Caminho» consagra a personalidade de Isidoro Duarte Santos como filósofo espiritualista e, também, como artista de palavra escrita.

(Da «Página Literária» do *Diário de Lisboa* de 31 de Dezembro de 1947).

★

Não são raros os pensadores estudiosos que têm procurado e procuram penetrar e explicar o espírito dos preceitos bíblicos, tanto do Velho como do Novo Testamento, sobretudo os deste último. Recentemente, «Minimus», do Rio de Janeiro, deu-nos a «Síntese do Novo Testamento»; Francisco Cândido Xavier — portentoso médium brasileiro — vem «Esflorando o Evangelho» em mensagens exegéticas que arrecada do Além; Agostinho da Silva, em 1945, no seu opúsculo «Moisés e outras páginas bíblicas», descreve e explica a vida de Moisés desde o nascimento até à morte, poetiza e nobilita as falas de Jacob, Lia e Raquel que, com as escravas Zelfa e Bala, viviam em promiscuidade poligâmica a contento de todos; Fernando da Cruz Ferreira vem dissertando, desde Agosto de 1945, sobre «A Missão de Jesus», na revista *Estudos Psíquicos*.

Agora, Isidoro Duarte Santos — presentemente o mais activo e eficaz propagandista do Espiritismo em Portugal — apresenta o livro «Luz no Caminho», dedicado a sua Esposa, Senhora Dona Maria Gonçalves Duarte Santos, sua desvelada companheira e inteligente colaboradora.

O livro abre com um «Exórdio», cujo estilo e pureza de expressão afirmam a individualidade dum escritor com garra e de pujante sensibilidade. Isidoro escreveu aquele «Exórdio» com toda a sua alma de espírita.

São oitenta e um os versículos desenvolvidos e esplanados com aquela calma e sinceridade que é apanágio dum pensador racionalista. As suas paráfrases não se afastam da concepção kardeciana, como por exemplo: — «O Escândalo», «O Sofrimento», «Quem não odiar Pai e Mãe», a «Parábola do Semeador», sendo de assinalar que a sua explanação é, por vezes, mais pormenorizada e de maior precisão. O livro, como os bons sonetos, fecha com chave de ouro: a «Exortação Final», hino à Paz, à Confraternização, à Crença Espiritualista. Lê-se nas páginas 344-5: «O ódio é arma de dois gumes. Fere quem a usa e produz desgraças irreparáveis»...

«É preciso banir o ódio dos nossos corações... Os espíritas são contra a violência, venha ela donde vier».

Também assim penso. O ódio só gera ódio, como a violência, cedo ou tarde, vem a gerar violência.

A vitória só é sólida e duradoura quando alicerçada na Tolerância, na Bondade. E é este Ideal — grandioso, sublime — que o autor defende e preconiza.

Isidoro Duarte Santos escreveu um livro que há-de perdurar. — F. R.

(De *O Mensageiro Espírita*)

OBRAS

por Francisco Thiessen

«Se esta obra é de homens, se desfará; mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la». — ACTOS, V. 38-39.

As obras humanas são de duração efémera; mas as de Deus são permanentes e imutáveis.

O Cristianismo é obra divina; já passou pela prova do tempo e não se sentiu enfraquecido. Antes, está cada vez mais forte e mais firme no sentimento humano, independentemente das falíveis obras humanas que tentaram desviar-lhe o curso, no transcorrer dos séculos, adicionando-lhe suas concepções bizarras e doentias. Luz de intensa beleza, não pôde ser de pronto compreendida pelas criaturas terrenas; estas, ignorando que é preciso ter-se em vista que os verdadeiros ensinamentos vivificantes se acham contidos sob a letra que mata, aproveitaram-se da insciência humana para fundar novas seitas, muitas divisões inúteis.

As expressões nascidas dos cérebros dos homens são fracas e insignificantes, pois não são capazes de transformar os sentimentos maus dos encarnados, dando-lhes mais dalatada compreensão das coisas. As religiões que pretendem ser cristãs, estão aí pelo mundo em fora, sem poderem suportar um exame sério em seus postulados, à luz do Evangelho do Cristo, porque é nele que se encontram os princípios que as condenam.

Os sacerdotes de todos os tempos, ao invés de seguirem as determinações do Mestre, resolveram transformar-Lhe as lições para satisfação de seus mesquinhos interesses materiais. Valem-se da religião, como o trabalhador se vale de sua honrosa profissão, em busca do pão de cada dia. São os vendilhões do tempo, outrora expulsos por enérgica determinação do Cristo.

Jesus não predicou a criação de novos sistemas religiosos ou filosóficos; afirmou, sim, que ninguém poderia ir ao Pai senão através de sua doutrina de paz e de amor. A única coisa que Ele previu foi a vinda à Terra do «Consolador»; esse Consolador estaria encarregado de repetir os Seus ensinamentos aos homens distanciados da Verdade, bem como de explicar tudo aquilo que só lhe fora possivel transmitir por parábolas.

Predizendo a vinda do «Espírito de Verdade» ou do «Consolador», Jesus queria dizer-nos, também, que, dentro de certo periodo de tempo, após a Sua volta aos páramos siderais, os homens procurariam solapar-lhe a doutrina. Sim, porquanto, se assim não fora, que necessidade haveria na repetição, por parte do «Espírito da Verdade», de Seus ensinos?

Vemos sempre o triunfo da Lei de Deus, sobrepondo-se às cogitações de espíritos desviados da verdadeira rota da Perfeição. «Se é de Deus, não podereis desfazê-la», — já advertira Gamaliel aos perseguidores do Cristianismo dos primeiros tempos...

O Espiritismo, que é o «Espírito da Verdade», o «Consolador», há muito que está no mundo, em intensas actividades; repetindo as palavras do Cristo, explicando-as «em espírito e verdade», cumpre seus gloriosos destinos.

Não foi sem lutas e sem intrigas perversas que Ele subiu às culminâncias em que hoje se encontra; pelo contrário: encontrou os espinhos mais agudos em Sua estrada, mas soube convertê-los em benéficas flores que agora se multiplicam por todo o orbe.

«Dando de graça o que de graça recebeu», mostra à humanidade que os dons do espírito podem ser usados sem necessidade de teologias e absurdos dogmáticos. «Deixando que os mortos enterrem os seus mortos», a Doutrina Espirita destaca-se das preocupações terrenas para se ocupar com as coisas mais transcendentes da Vida, que são as que dizem respeito ao espírito eterno.

Observando o «ide e pregai» que «os tempos são chegados», o Espiritismo ingressa entre as massas humanas com a Boa-Nova rediviva, convidando todos os filhos de Deus a «fazer penitência» de seus erros e crimes para poderem «vestir a túnica nupcial» e comparecer no «banquete do Evangelho».

Quase um século é passado, e o Espiritismo, codificado pelo insigne Allan Kardec, continua ascendendo em sua trajectória de aperfeiçoamento espiritual, sem que as tentativas de muitos, em desfazê-lo, tenham tinho resultados satisfatórios.

Porto Alegre. Brasil.
19.11.1947

ORGANIZAÇÃO QUEIROZ

Está em plena actividade a «Organização Queiroz», sédiada à Rua de Hortas, 100, Caixa Postal, 217, em Recife, Estado de Pernambuco, a qual tem por finalidade difundir as obras e publicações espiritas.

O programa dessa organização é amplo, e para isso ela pede a máxima cooperação de todos os espiritas, quer seja auxiliando-a na consecução de suas finalidades ou adquirindo livros espiritas por seu intermédio.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

UM CLUBE DE JORNALISTAS ESPIRITAS

É extraordinàriamente grande o incremento do Espiritismo no Brasil. Fomos há pouco informados de que se acaba de organizar o *Clube dos Jornalistas Espiritas de S. Paulo*, cuja Directoria Provisória é formada pelo Dr. Domingos António D'Ângelo Neto. Paulo Alves de Godoy, Wandyck Freitas e Eduardo de Almeida Prado Filho.

Esta ideia objectivou-se em 23 de Janeiro último com o auxílio de jornalistas profissionais da imprensa diária, das rádio-emissoras, de escritores adeptos do Espiritismo e redactores e colaboradores de orgãos de propaganda doutrinária, os quais se reuniram na sede do *Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de S. Paulo* e aprovaram os seus Estatutos, que, entre várias coisas, estabelecem o seguinte:

«O Clube dos Jornalistas Espiritas de S. Paulo constituir-se-á de elementos da imprensa escrita e falada e de escritores que professam o Espiritismo.

«Cientes os seus membros de que o maior tesouro do ser inteligente está concretizado na luta intemerata em prol da fraternidade universal, o Clube dos Jornalistas Espiritas de S. Paulo patrocinará ou apoiará todos os empreendimentos que tenham em mira a consecução desse nobilitante ideal, estendendo-se ao campo da assistência social.

«Poderão ingressar no Clube maiores de 18 anos de ambos os sexos, sem distinção de raça ou nacionalidade, sendo obrigatório: a contribuição mensal de cada membro, ficando o «quantum» a critério de cada um, a carteira profissional para o ingresso dos profissionais, uma obra publicada para os escritores e um artigo publicado para os colaboradores.

«O Clube terá uma directoria para as relações exteriores, devendo reger-se internamente pelo sistema de «mesa redonda» e designará membros correspondentes em todas as cidades do país e do exterior».

Tem também as finalidades que passamos a enumerar:

a) Manter maior contacto entre os jornalistas espiritas.
b) Organizar um serviço de colaboração para a imprensa geral.
c) Estabelecer intercâmbio intelectual com todas as organizações congéneres do país e do exterior.
d) Organizar um corpo de tradutores.
e) Criar um curso de extensão de jornalismo espirita.
f) Promover debates da doutrina nos seus três aspectos: científico, filosófico e religioso.

A sede provisória do Clube é na Praça da Sé, 297, 4.º andar, Sala 418-A (Palacete Santa Helena), Cidade de S. Paulo.

Como se vê, tudo se encaminha para a associação de forças concorrentes no sentido de fortalecer a propaganda da Doutrina no Brasil. O que levou os médicos espiritas a criar a Sociedade de Medicina e Espiritismo, no Rio de Janeiro, impulsionou agora os jornalistas e escritores espiritas de S. Paulo.

A união faz a força. Agrupemo-nos e seremos fortes. Unifiquemos pensamentos e acções e galgaremos alturas que parecem inacessíveis.

INQUÉRITO INTERESSANTE

Segundo narra o *Psychic News*, o *Instituto Britânico da Opinião Pública* realizou há pouco um recenseamento Gallup baseado na seguinte pergunta, feita a cada camada de população:

— *Acredita em qualquer forma de sobrevivência?*

As respostas foram: 49 %, sim; 27 %, não; 34 %, abstenção.

Nesta conformidade, fizeram aos primeiros nova pergunta:

— *Que forma tomará a vida após a morte?*

21 % esclareceram que a existência no Além é inteiramente espiritual: «O nosso espírito continua a viver».

Entre as opiniões emitidas, uma houve que se prestava a comentários. Foi esta: «A vida não é modificada pela morte, porque o corpo é desnecessário».

As respostas destes 21 % são significativas, em virtude de revelarem a penetração das crenças espiritas; contudo, estão ainda mais próximos de nós os 3 % que acreditam que «a nossa existência deve ser semelhante à vida no Além e que encontraremos outra vez aqueles a quem estivemos ligados noutros tempos».

Um fazendeiro do Oeste de Inglaterra emitiu a opinião, segundo a qual faremos tudo o que desejarmos».

Se considerarmos estes dois grupos, isto é, 21 % e 3 % dos 49 % que aceitam a ideia da sobrevivência, o que representa pouco mais ou menos 12 % dos inquiridos, obtemos excelente resultado da influência do Espiritualismo Moderno (Espiritismo) na opinião pública britânica.

Só 7 % dos que aceitam a ideia da sobrevivência acreditam que o espírito vai para o céu ou para o inferno.

3 % acreditam na reencarnação e 2 % deram respostas variadas, impossíveis de classificar. Entre elas, havia a de um *detective* do Lancashire que admite a possibilidade de, no Além, podermos exercer influência espiritual sobre os vivos.

13 % não tinham ideia definida acerca da forma que a sobrevivência apresentaria.

A todas estas pessoas fizeram também uma pergunta a respeito da crença em Deus.

45 % responderam que há um Deus pessoal; 39 % responderam que há uma espécie de força espiritual vital que controla a vida; 16 % responderam que não sabiam se havia Deus ou força vital.

O inquérito Gallup foi também aplicado em mais nove países. As perguntas não eram idênticas às de Inglaterra e por isso não permitem comparação. O resultado foi o seguinte:

CRÊ EM DEUS?

	Sim	Não	Abst.
França	66 %	20 %	14 %
Noruega	84	7	9
Suécia	80	8	12
Dinamarca	80	9	11
Finlândia	83	5	12
Holanda	80	14	6
Canadá	95	2	3
Estados Unidos	94	3	3
Checoeslováquia	77	15	8

CRÊ NA VIDA APÓS A MORTE?

	Sim	Não	Abst.
França	58 %	22 %	20 %
Noruega	71	15	14
Suécia	49	17	34
Dinamarca	55	27	18
Finlândia	69	11	20
Holanda	68	26	6
Canadá	78	9	13
Estados Unidos	94	3	3
Checoeslováquia	52	27	21

Esta notícia foi dada pelo diário londrino *News Chronicle*, donde o *Psychic News* a extraiu.

Como se vê, a maioria dos espiritualistas é verdadeiramente esmagadora nos nove países mencionados. Continuamos a emitir a nossa opinião de sempre:

— O ateu não existe. Na consciência daqueles que tal se consideram há uma centelha que lembra constantemente a natureza espiritual do homem. Por isso o Espiritismo vai penetrando nas multidões e alargando cada vez mais o terreno conquistado ao reduto materialista.

UM MÉDICO ATÓNITO

The Two Worlds, de Manchester, publicou em Outubro último interessante notícia acerca de um diagnóstico feito pelo médium Hudson que deixou um médico verdadeiramente embaraçado.

A senhora Risk, de Bredbury, sofreu durante doze anos ataques periódicos, dores e cólicas que se transformaram em indisposição sistemática, que o médico atribuiu a dentes cariados. Desde que os extraisse, tudo se normalizaria. O pior é que os dentes foram extraidos, mas as perturbações continuaram.

A senhora Risk voltou ao médico. Após minuciosa observação, este aconselhou a extracção do apêndice. A operação foi realizada com perfeita segurança; e embora as dores amortecessem um pouco, os resultados não foram realmente satisfatórios.

Na 2.ª-feira, 13 de Outubro de 1947, a senhora Risk sentiu forte ataque com dores e vómitos violentos. Na quarta-feira seguinte assistiu a uma sessão de psicometria no Centro de Park Street, de Stockport, em que trabalhava o médium Hudson.

Este médium descreveu com rigorosa exactidão as condições físicas da doente, informando-a de que os sintomas denunciavam acentuada fraqueza de um pulmão e dizendo que o próximo ataque seria acompanhado de hemoptises, se não procurasse o médico imediatamente.

Na manhã seguinte a senhora Risk foi ao médico e narrou-lhe a comunicação do médium. O doutor ouviu-a sem ligar importância à parte espiritual e examinou-a mais rigorosamente. Quando estava a observar a parte inferior do pulmão direito pareceu duvidar e chamou a esposa, que também era médica, e pediu-lhe que observasse o extremo do pulmão e visse se encontrava fissuras, o que ela confirmou imediatamente.

O médico explicou à esposa as razões da visita da senhora Risk e repetiu-lhe a mensagem espiritual, que qualificou de notável e desconcertante, afirmando que ela fornecera a chave de uma doença que, se não fosse tratada com urgência, provocaria hemoptises. Em vista disso, prescreveu-lhe rigoroso tratamento que prestes a curou por completo.

JORGE DA GRÉCIA ERA ESPIRITA

Há tempos lemos no *Psychic News*, de Londres, que o rei Jorge da Grécia era espirita, facto este que se manteve em segredo durante muitos anos. 17 anos frequentou ele sessões em Londres e muitas vezes assistia aos trabalhos públicos do Aeolian Hall, quando a médium Estelle Roberts ali dava clarividência, e aos do Queen's Hall, sempre que falava o conhecido escritor espirita Shaw Desmond. Apreciava mais as manifestações de transe e a clarividência, e por isso conversou muito com parentes e familiares desencarnados e com um espírito-guia bem conhecido.

A morte repentina do monarca não admirou o seu médium preferido, que já tinha sido avisado da passagem do rei Jorge ao mundo espiritual.

A propósito, diremos que as memórias do seu tio Pedro Cristóvão da Grécia publicadas em 1938 revelavam que certo médium havia predito o futuro da família real.

— Na véspera da morte de meu pai — diz ele — eu e meu irmão Constantino assistimos a uma sessão de escrita automática com uma senhora da Cruz Vermelha de Janina e, poucos minutos depois, o lápis começou a escrever vertiginosamente, para se imobilizar tão repentinamente como começara. A mensagem dirigia-se a Constantino, prometendo-lhe reputação, glória, duas guerras vitoriosas e muito sofrimento. No final, via-se muitas vezes a palavra «morte» e depois «amanhã». O resto era ilegível. No dia seguinte meu pai era assassinado.

De facto, Constantino, pai do rei Jorge, tornou-se rei da Grécia, ganhou batalhas balcânicas e depois foi deposto, experimentando duros sofrimentos até ao fim da existência.

A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Segundo conta a revista inglesa *Cinematograph Weekly*, aumentou extraordinàriamente o interesse público pelos filmes de experimentação psicológica e ocultista. Por esse facto, trabalha-se na formação definitiva da *Sociedade Filmadora Espirita* (Spiritualist Film Society).

Há pouco realizou-se em Londres uma reunião em que Mr. Mark Ellios, da Shepperton Studios C.ª, propôs a filmagem de uma película cujo tema fosse a história do Espiritismo e dos seus fenómenos. Depois de breves palavras, acordou-se em formar uma pequena comissão, com o encargo de traçar os programas de filmagem e preparar o emblema da produção.

Notas & Comentários

ACÇÃO LAICA

Recebemos o 1.º número da revista *Acção Laica*, orgão da Coligação Nacional pró-Estado Leigo, que tanto se tem feito sentir no Brasil.

Esta bem elaborada revista, de pequeno formato para mais acessível leitura, luta pela separação entre a Igreja e o Estado, nos termos da Constituição de 1891 e tem à frente o nosso prestigioso confrade Dr. Lins de Vasconcelos, que acaba de assumir também a direcção do semanário carioca *Mundo Espirita*.

Acção Laica apresenta-se em hora oportuna. Representa várias correntes espiritualistas, positivistas e liberais, e defende a liberdade religiosa, sem combater crença alguma.

À nóvel publicação e especialmente ao Dr. Lins de Vasconcelos, as nossas saudações fraternais, com votos de longa vida.

LIGA ESPIRITA DO BRASIL

Segundo lemos no seu orgão oficial, a *Liga Espirita do Brasil* inaugurou no dia 25 de Dezembro último as suas novas instalações, no Rio de Janeiro. Depois da prece inicial e de algumas palavras de Aurino Souto, como presidente, falou o 2.º Vice-presidente Dr. Lins Vasconcelos, encarecendo a necessidade de se prestigiar a obra da Liga e lançando um plano de cooperação. Também falou Deolindo Amorim, secretário responsável da *Revista Espirita do Brasil* e nosso redactor-correspondente na Capital Federal, recordando os antigos presidentes da *Liga*, Desembargador Gustavo Farnese, Estêvão de Magalhães e Artur Machado. Finalmente, usou da palavra Atlas de Castro, em nome das sociedades presentes.

Congratulamo-nos com os progressos desta prestante colectividade e podemos afirmar que os nomes citados são garantia de novos e belos tempos para uma agremiação que tão grandes serviços tem prestado à Causa.

REECARNAÇÃO E RESSURREIÇÃO

A propósito de um passo do nosso livro «Luz no Caminho», insere o *Reformador*, do Rio de Janeiro, um artigo de Lino Teles, intitulado «Problema Insolúvel sem Roustaing». Refere-se o ilustre articulista ao Capitulo «Resurreição» e transcreve alguns parágrafos para evidenciar a nossa discordância dos ensinos de Kardec. Dissemos que, para nós, «a morte é a ressurreição. O corpo baixa à sepultura para alimento de vermes e de plantas e se transforma em pó. O espírito evola-se no espaço infinito, sua verdadeira morada, onde continua o progresso individual. Ressuscitar é volver à vida. Jesus volveu à vida espiritual, abandonando o mundo físico, etc.» E terminávamos, dizendo que acreditávamos na ressurreição dos mortos, segundo o ponto de vista aqui apresentado, isto é, na ressurreição do espírito, e que os mortos éramos nós, enquanto estivéssemos no planeta.

Lino Teles diz que lançámos o leitor em confusão e que apoiámos a doutrina de Swedenborg contra a de Kardec, porquanto *ressurreição* é sinónimo de *reencarnação*.

Ressurreição é o acto de *ressurgir*, ou *surgir de novo*, de *aparecer repentinamente*, de *despertar*, enfim, *num meio qualquer*.

Quando escrevemos aquelas palavras, aludíamos à vida espiritual, tanto mais que dissemos: *a morte é ressurreição*, porque nos faz surgir outra vez no mundo donde viemos. E acrescentávamos que *os mortos éramos nós*, enquanto estivéssemos no planeta. Portanto, não estabelecemos confusão. Para os judeus, a ressurreição era voltar à vida corpórea; mas, para nós, espiritas-reencarnacionistas, tanto se pode aplicar num sentido como noutro.

No Capítulo 76 do mesmo livro e sob o título «Imortalidade», dissemos também, para completar o pensamento acima expresso: A *ressurreição* liberta a alma do invólucro material que tolhe os movimentos ao encarcerado; é o regresso à verdadeira pátria, que se dá quando o espírito atinge o máximo desenvolvimento moral». Não cuidámos de saber se o Kardec ou Swedenborg estavam do nosso lado. Pois não dizem os Guias que o Espírito *mergulha na carne* para vir à terra em missão, provação ou expiação? E quando *desencarna* não ressurge para a verdadeira vida espiritual?

Agradecemos a Lino Teles, pseudónimo de grande amigo e grande missionário, as palavras referentes, não só a «Luz no Caminho», como também às nossas traduções. E, já agora, diremos que de muito nos serviu Roustaing para a orientação do nosso livro. Não o combatemos, lá porque outros o combatem. Simplesmente evitamos falar na questão do *corpo fluídico* de Jesus, para não alimentar controvérsias inúteis, num momento em que as paixões se apoderam dos homens e os podem levar a extremos que muito prejudicam a Doutrina.

CONGRESSO ESPIRITA MUNDIAL

Pela terceira vez após a Guerra de 1939-1945, o Congresso Espiritual Mundial vai realizar as suas sessões.

Em 1924, o Congresso realizou-se em Bruxelas. Em 1946, realizou-se em Paris, Em 1947, foi em Paris que se criou o Conselho Espiritual Mundial, presidido por Mr. Wittemans, antigo senador belga.

A Comissão Nacional Suiça informa-nos que o Congresso de 1948 se realizará em Lausana, no Casino Municipal de Montbenon, de 11 a 15 de Agosto. Pede também que enviem as teses com urgência antes de 1 de Julho, a Mr. André Chatillon, Presidente da Comissão Nacional Suiça, 49, Avenue de Rumene, Lausana (Suiça).

UM LIVRO PREMIADO

O nosso redactor-correspondente em Paris, Mr. Henri Regnault, acaba de publicar um interessante livro intitulado «Le Secret du Bonheur Parfait» (O Segredo da Felicidade Perfeita). O exemplar que nos enviou com amável dedicatória será brevemente analisado nas colunas desta revista pelo nosso crítico habitual. Podemos dizer que este livro construtivo dá ensinamento e consolação aos que lhe percorram as páginas sadias. Para o autor, a certeza espirita transforma o homem e ensina-o a resolver todas as suas dificuldades. A felicidade perfeita está, pois, na se-

Noticiário

«NUEVOS HORIZONTES»

Acabamos de receber o n.º 57 de *Nuevos Horizontes*, revista cubana, sob a direcção de Oscar Torras, Andrés del Rio e Rafael Torras de la Luz.

Impressionou-nos agradàvelmente a sua disposição gráfica e o conteúdo de suas páginas substanciosas. Insere artigos de José Ingenieros, Maria M. de la Luz, José Marti, Dr. Armando Torras, Eduardo Santos e Rafael Torras de la Luz.

Mais um arauto veio até nós a proclamar a necessidade de espiritualização do homem, através da doutrina kardeciana. Seja benvindo. Vamos permutar com aprazimento. Alegra-nos manter estreitas relações com os nossos confrades de Habana.

CONFEDERAÇÃO ESPIRITA CEARENSE

O nosso prezado amigo e representante no Ceará, sr. José Borges dos Santos, acaba de nos enviar interessantes elementos para notícia ilustrada acerca da *Confederação Espirita Cearense*, que daremos talvez no próximo número. Ver-se-á a dedicação e o esforço dos segadores da nova fé que na cidade de Fortaleza, capital daquele Estado brasileiro, levantam bem alto a bandeira espirita.

LEGADO FIRMINO ASSUNÇÃO TEIXEIRA

O *Conselho Superior Deliberativo* da Federação Espirita Portuguesa resolveu distribuir este ano a importância de 6.339$90, proveniente do rendimento do Legado de Firmino da Assunção Teixeira, pelos seguintes Centros Espiritas:

Centro Espiritualista Luz e Amor	3.300$00
Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas	2.200$00
Centro Espirita de Braga	833$90

NOVOS REPRESENTANTES

O nosso quadro de representantes no Brasil acaba de ser enriquecido com três novos elementos de valor que muito contribuirão para o intercâmbio espirita luso-brasileiro. São eles a Livraria Allan Kardec, de S. Paulo, bem conhecida pelas suas edições, o Centro Espirita Luz e Humildade, de Belo Horizonte, Minas Gerais, e José Bittencourt A. Coutinho, do Rio de Janeiro. Todos se encontram dispostos a colaborar conosco nesta grande cruzada. São obreiros decididos que não precisam de incitamento. Assim, *Estudos Psíquicos* vai estreitando o abraço fraternal que em todos os seus números envia ao Brasil espirita, certos como estamos de realizar uma obra de aproximação e amizade entre dois povos oriundos do mesmo tronco rácico e que escrevem e falam na mesma língua.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, o Coronel Faure da Rosa realizou a sua conferência intitulada «A Inteligência dos Animais» e que agradou extraordinàriamente. Tema altamente sugestivo pela natureza dos factos observados, o conferente soube dele extrair preciosas observações e judiciosos ensinamentos. Como sempre, esteve à altura do seu mérito, continuando a revelar qualidades de grande erudito.

Também Ramos Pereira proferiu no dia 2 de Maio corrente a primeira conferência da série PROBLEMAS PSICOLÓGICOS, intitulada «Introdução à Psicologia. Objecto e Métodos».

Foi uma lição muito agradável que deixou nos assistentes óptima impressão. Ao contrário do que seria de supor, o conferente abandonou a forma técnica das suas últimas conferências e expôs em termos simples e compreensíveis alguns problemas que todos sentem, mas que poucos sabem exprimir. Mais uma faceta do talento de Ramos Pereira, nosso querido companheiro de lides doutrinárias, a quem tantas afinidades nos ligam. Os exemplos que aduziu, colhidos na observação cotidiana, mantiveram a assistência em constante alegria. E no fim não levou palmas:

— Porque assim me sinto melhor — rematou ele, em gesto sugestivo que contagiou os ouvintes.

ELEIÇÃO DE CORPOS GERENTES

No próximo mês de Junho realizar-se-á a eleição dos novos corpos gerentes que dirigirão e administrarão o *Centro Espiritualista Luz e Amor* durante o triénio que vai de 1948 a 1951.

«O MENSAGEIRO ESPIRITA»

Por resolução do *Conselho Superior Deliberativo* da Federação Espirita Portuguesa, *O Mensageiro Espirita*, orgão da mesma colectividade, passa a sair mensalmente. Congratulamo-nos com o facto e felicitamos aqueles confrades e amigos.

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JUNHO DE 1948

Dia 6 de Junho, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, da série PROBLEMAS PSICOLÓGICOS, intitulada «Estática e Dinâmica Psicológica».

Dia 12 de Junho, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 20 de Junho, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada: «Médiuns Célebres: Stephan Ossowiecki e Ludwig Khan».

Dia 25, sexta-feira, às 21 horas — Sessão doutrinária a cargo do Grupo Amor do Redentor.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões mediúnicas são privativas dos sócios com as cotizações em dia.

ASSINAI E DIVULGAI ESTA REVISTA

renidade constante, à qual o estudo do Espiritismo pode conduzir a humanidade.

Para se avaliar o mérito desta obra, basta dizer que obteve o *prémio Lemoine* de 10.000 francos, destinado à propaganda espirita, em concorrência com outros livros similares.

A Mr. Henri Regnault, as nossas felicitações.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, JUNHO DE 1948 — N.º 6

Redactor: **Ramos Pereira** | Director e Editor: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

DISTINÇÃO HONROSA

Na nossa labuta de muitos anos pelo Espiritismo temos sofrido verdadeiras crises morais. Só o Alto nos vale em tais emergências, só a prece nos avigora, nos fortalece, nos encoraja e tonifica. E após o enfraquecimento vem a decisão de caminhar ainda com mais entusiasmo, de subir maior calvário, de suportar ataques mais terríveis. É a Providência que se manifesta através de benignos mensageiros.

Quando somos obrigado a esforço mais violento e parece extinguirem-se as nossas energias, eis que o ambiente se esclarece, que o auxílio vem e que as forças se renovam. E a jornada continua no mesmo ritmo acelerado, pelos mesmos bosques, mas escudada em novos instrumentos de locomoção. É assim que o progresso aumenta sempre, renovando tudo quanto existe.

Isto vem a propósito da *reportagem* (siga o anglicismo) que fizemos em Abril acerca do 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, cujas reuniões preparatórias decorrem brilhantemente na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

O Secretário Geral da Comissão Patrocinadora do Congresso dá-nos auspiciosa notícia que constitui o maior prémio que pode ambicionar uma publicação espirita. Atendendo a que era a melhor *reportagem* que até ali se fizera do citado Congresso, foi lida em reunião preparatória, sendo resolvido que se agradecesse e se fizesse um carimbo de borracha com os seguintes dizeres, para aplicar em todos os documentos oficiais:

«Jovem espirita: Faça da revista «Estudos Psíquicos», de Lisboa, a sua revista».

Ficámos confundidos com a imerecida distinção. Dizemo-lo sinceramente, consciente de que temos cumprido deveres inalienáveis, sem esperar galardão, por mais modesto que seja.

E que fizemos nós pelas Mocidades Espiritas brasileiras, além de erguer a voz em sinal de simpatia por essas falanges de combatentes cheios de entusiasmo juvenil ? Qual é a publicação espirita de projecção mundial que se não sente honrada na companhia do mundo que surge da indecisão contemporânea, hasteando bandeiras de progresso e rejuvenescimento moral e social ? Pois não foi nosso o prazer, traduzido em palavras veementes de sinceridade ? Na emoção que sentimos ao visionar um Congresso único no género que cimentará alicerces e radicará convicções no coração de muitos homens, está a nossa melhor recompensa.

Mas agora — «noblesse oblige» — contraímos dever maior para com eses amigos distantes e aqui estaremos a auscultar e a veicular suas ideias e pensamentos. Queremos fazer parte da caravana e empunhar bandeira igual à sua. Queremos dar testemunho dos frémitos e anseios que agitam a geração que passa e se desentranha em realizações de vida estuante.

A mocidade é um cântico de trabalho e um hino de esperança. O futuro pertence-lhe, está nas suas mãos cálidas e nervosas. O mundo será o que ela quiser que seja...

Por isso aplaudimos a juventude espirita e ficamos à sua inteira disposição. Esta tribuna pertence-lhe. É este o nosso abraço veemente de resposta à honrosa distinção que nos conferiram. Abraço que envolve pacto de amizade e disposição de lutar e vencer.

A pesar de havermos atingido o cabo dos cinquenta, ainda nos sentimos jóvem, capaz de muito trabalho e incitamento, auxiliando movimentos como esse que se está exercendo na terra maravilhosa do cruzeiro.

O passado tem valor histórico e tanto serve de exemplo nobre, como se presta a evocações ominosas. Só o presente conta na carreira do homem. Já Marden dizia: «Vivei o momento presente !».

Sim, vivamos esta hora, dela extraindo o que tiver de harmónico e contribuir para nosso fortalecimento. Vivamos esta hora de boa disposição, num pacto sincero que uma duas pátrias irmãs pelo sangue e pelo sentimento fraternal e que a vastidão do Atlântico não poderá jamais esquecer !

A mocidade é o presente eternamente vivo e palpitante. Queremos viver e morrer com ela, fazer parte do seu corpo social e apregoar-lhe as reivindicações generosas. Nisto está a maior aspiração desta revista.

Jun/48

A GRANDE ESPERANÇA

pelo Coronel Faure da Rosa

O Dr. Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris durante quarenta anos, fundara a sua *Grande Esperança* no futuro da Metapsíquica, acerca do que escreveu um soberbo artigo na revista *Le Mois* de Março de 1936 (1). O sábio repudia a crença espirita que lhe atribuiam. Assim no-lo diz no seu livro *Souvenirs d'un Physiologiste:* «Muitas vezes me acusaram de ser espirita, isto é, de acreditar que os defuntos podem comunicar os seus pensamentos e as suas recordações a médiuns, e até, às vezes, reaparecerem, reviverem, conservando toda a materialidade da sua vida terrestre. Eu não posso, realmente, aceitar esses factos como verdadeiros, mas devo reconhecer que se produzem muitos fenómenos estranhos que são absolutamente inexplicáveis para a ciência actual. É, portanto, oportuno ir mais longe e procurar as leis do inabitual, porque o inabitual existe. A metapsíquica está ainda em esboço informe, mas estou convencido de que é a ciência do futuro...».

Charles Richet não queria acreditar na possibilidade dos defuntos comunicarem os seus pensamentos e as suas recordações a médiuns, não obstante ter acreditado que a médium Piper fez reaparecer George Pelhan, «*psicològicamente todo inteiro, conservando a recordação do que viu, disse, fez e ouviu durante a vida terrestre, quer falando, quer escrevendo;* não obstante ter ouvido, através da mesma médium, «*as vozes distintas de George Pelhan e de Raymond Lodje*» (2), não obstante ter visto um fantasma, com um sopro, transformar a água de barita em precipitado de carbonato de bário, precisamente como um vivente na Terra o teria feito.

Quantos noviços ou mesmo velhos espiritas ainda hoje anseiam por uma só destas manifestações!

É que o biologista sobrepõe-se à própria metapsíquica, *esboço ainda informe,* a qual, quando tiver forma, virá a ser o Espiritismo de hoje, o neo-espiritualismo científico experimental.

O sábio, embora por vezes se sinta abalado, desde que não obtenha a única prova que poderia convencê-lo — a verificação de S. Tomé — continua talvez não já a descrer, mas a sentir a dúvida... a final a «dúvida fecunda», como lhe chama Bozzano, para que a investigação prossiga.

O destino da certeza adquirida em determinada ocasião!...

O próprio Richet diz que a certeza não depende da vontade de cada um.

«Quando se vêem, mesmo com deslumbrante nitidez, factos estranhos, inabituais a pesar da dúvida que nos invade, no próprio momento em que o facto se constata, nós ficamos convencidos e solidamente convencidos; mas, bem depressa tal solidez diminui. Ao cabo de algumas horas, de algumas semanas, e, com muito mais razão, de alguns anos, a certeza do facto observado — se é único e inverosímil — acaba por se evaporar. E é muita pena. «Quanto mais reflito, quanto mais revejo no meu espírito essas materializações, essas *hantises,* esses maravilhosos casos de lucidez esses *apports,* essas xenoglossias, essas aspirações de fantasmas, e, sobretudo, essas premonições, mais me persuado que nada, absolutamente nada sabemos do Universo que nos rodeia. Vivemos numa espécie de sonho e, verdadeiramente, coisa nenhuma compreendemos das agitações e do tumultuar do sonho (3)».

Importa mais a qualidade dos fenómenos do que a quantidade.

Há casos em que a prova estatística nada significa, diz Bergson: uma única experiência perfeita é bastante. Um único facto bem observado, religiosamente verificado, em condições irrepreensíveis, só por si, é suficiente para estabelecer, tanto a telecinesia como a premonição ou a realidade de um fantasma.

Por outras palavras, já o grande Crookes exprimira a mesma ideia acerca da prova estatística: «O valor teórico de cem experiências *negativas* fica literalmente anulado por uma só experiência positiva bem observada».

O sexto sentido — incompreensível sem órgão sensorial — dizem os seus defensores que é o conhecimento da realidade por *vias diferentes* das sensoriais normais. Isto, porém, nada consegue explicar enquanto se não

soubet de que natureza são essas *rias diferentes*...

«A única explicação para certos fenómenos fora da hipótese espírita — diz Richet — consiste em dizer que o médium em transe pode, de qualquer forma, participar da inteligência das pessoas vivas... Mas os experimentadores tiveram conhecimento de factos que foram certificados posteriormente.

«Se se conseguir pôr de parte a faculdade hipotética inverificável da telepatia ou da clarividência, chegaremos à demonstração da sobrevivência do homem e à de podermos comunicar com os defuntos, a despeito da ausência dos seus órgãos corporais (4)».

O próprio Richet entende que o grande erro daqueles que crêem na telepatia está em imaginarem que todos os factos se explicam por este estranho sincronismo entre dois pensamentos.

Compreende-se perfeitamente que a desconfiança contínua de um espírito, cuja preocupação essencial e constante é não se deixar convencer, o leve a julgar duvidoso ou obscuro aquilo que para outrem, sem opinião preconcebida, seria mais que suficiente. E, a pesar de tudo, Richet vacila, sente-se que ora tende para uma convicção, ora para outra: *Entre les deux mon coeur balance.*

O professor Charles Henry, no seu livro *O homem depois da morte* proclama: « A morte de modo nenhum implica a perda da consciência e da personalidade. O psiquismo persistindo após a morte, era ontem da metapsíquica, amanhã será da biologia».

Richet não quer falar na hipótese audaciosa de que a inteligência pode funcionar sem cérebro, porque — diz ele — para acreditar na identificação dos espíritos, seria preciso admitir quantidade de factos inverosímeis e quase monstruosos (5).

Mas... o *inabitual* não é já *inverosímil* e, por vezes, não parece *monstruoso*?

Para os fisiologistas tudo parece provar que a consciência e a memória marcham a par da integridade cerebral. É tão difícil a um fisiologista admitir que possa haver inteligência sem cérebro, como a um lampianista acreditar que um lampeão possa iluminar quando todos os seus elementos estiverem desconjuntados — afirma Richet. Entretanto, está demonstrado que a inteligência não carece da integridade cerebral para se manifestar.

O Dr. Agostinho Itunicha, num discurso que proferiu em 7 de Agosto de 1916 na Sociedade Antropológica de La Plata (Bolívia), comunicou que um rapaz entre os 12 e os 14 anos, tratado pelo Dr. Ortiz, morrera *no pleno uso das suas faculdades intelectuais, a pesar de ter a massa encefálica completamente destacada do bolbo raquidiano, nas mesmas condições que as de um homem realmente decapitado.*

Na autópsia que fizeram ao cadáver, os cirurgiões verificaram, estupefactos, que as meninges estavam cheias de sangue e que um abcesso ocupava todo o cerebelo, uma parte do cérebro e a protuberância celular. No entanto, o defunto, algum tempo antes de o ser, ainda pensava como qualquer rapaz saudável.

A Academia de Ciências de Paris, em 24 de Março de 1917, tomou conhecimento da operação feita pelo Dr. Guepin a um soldado que ainda vivia em 1934, cujo estado mental continuava em sensível progresso, a pesar da perda de grande parte do hemisfério cerebral esquerdo e do desaparecimento de circunvoluções *consideradas essenciais até então.* Gozava de esplêndida saude e exercia as funções de jardineiro nos arredores de Paris.

Les Annales des Sciences Psichiques de Janeiro de 1917, referem um caso curioso apresentado por Edmond Perrier à Academia de Ciências acerca de uma observação do Dr. Robinson: um homem viveu um ano sem sofrimento, sem nenhuma perturbação mental aparente, *pensando, portanto,* a pesar de ter o cérebro em papas, cérebro que não era mais que um enorme abcesso purulento. Um só destes casos, segundo Bergson, devia ser bastante para demontrar que a inteligência funciona independentemente da integridade do cérebro.

Também para Bergson, a inteligência, o pensamento, não são produto do cérebro:

«*Cérebro e consciência correspondem-se porque ambos igualmente medem — um pela complexidade da sua estrutura e a outra pela veemência da sua actividade — o quantitativo de selecção de que o ser vivo dispõe. Mas esta correspondência nada tem de equivalência nem de paralelismo. Precisamente porque um estado cerebral exprime simplesmente o que nele há de acção incipiente no stado psicológico correspondente, é que o estado psicológico excede infinitamente o estado cerebral*».

Duma maneira mais simples, mais clara e probatória: «*Porque certa porca de parafuso é necessária a determinada máquina, porque a máquina funciona quando tem a porca do parafuso e pára quando lha tiram, não se*

pode pretender que a porca do parafuso seja equivalente à máquina. Ora, a relação da consciência para o cérebro parece ser a da porca do parafuso para a máquina... A consciência de um ser vivo é solidária com o seu cérebro da mesma maneira que uma faca ponteaguda é solidária com a sua ponta. O cérebro é a ponta acerada por onde a consciência penetra o tecido compacto dos acontecimentos, mas não é mais co-extensivo à consciência que a ponta o é à faca.

«O papel do cérebro é mimar a vida do espirito... O espírito ultrapassa o cérebro e a actividade cerebral corresponde apenas a uma infima parte da actividade mental. Isto significa, também, que a *vida do espírito não pode ser o efeito da vida do corpo,* que tudo se passa ao contrário como se o corpo fosse simplesmente utilizado pelo espírito; portanto, *nenhuma razão temos de supor que o corpo e o espírito estejam inseparàvelmente ligados um ao outro*».

Entre outros testemunhos, Henri Blondel cita o de Claude Benard: «*Dizer que o cérebro segrega o pensamento equivale a dizer que o relógio segrega a hora ou a ideia do tempo. O cérebro e o relógio são dois mecanismos, um vivo, o outro inerte: eis toda a diferença*».

Uma lâmpada eléctrica ilumina porque está em comunicação com a energia que actua no filamento metálico da ampola, — exemplifica Blondel. Se a ampola se quebrar, a luz extingue-se. Segue-se daí que a corrente deixou de existir?... A prova de que existe é que uma nova lâmpada intacta ajustada iluminará imediatamente.

Dá-se o mesmo com a inteligência: é uma força, uma corrente espiritual que ilumina o nosso cérebro, fazendo-o pensar. Se o cérebro se quebrar, como a lâmpada, se morrer, poderá concluir-se que a corrente que o fazia actuar deixou de existir?... Poderá concluir-se que um novo agente o não fará manifestar?...

Não, a *grande esperança* de Richet não podia estar sòmente na Metapsíquica, esse esboço informe. O sábio, a pesar de tudo, acreditava na sobrevivência da personalidade. Pelo menos, assim se deduz do período com que fecha o seu livro *La Grande Esperance:* Tu subtrair-te-ás aos servilismos dolorosos da vida, engrandecer-te-ás a ti mesmo, e, *quando a morte vier, poderás adormecer (para acordares sem dúvida) com toda a serenidade.*

E que a nossa dedução é ligitima di-lo a carta que Richet escreveu a Ernesto Bozzano em resposta à que este professor italiano lhe dirigira e em que lhe manifestava a sua alegria pela sua conversão ao Espiritismo ([6]).

Richet, depois de declarar que «estava inteiramente de acordo» com Bozzano, que era impossível que os «incidentes e percalços da nossa vida» fossem devidos ao acaso, que no «curso da existência sucedem tão notáveis coincidências, que seria dificil não ver nelas um espécie de intenção», e de perguntar «de quê? — de quem?», — termina assim:

«*Digo-lhe, mui confidencialmente e com sinceridade: reconheço a verdade daquilo que eu tomava por suposição.*

«*O que nem Myers, nem Hodgson, nem Oliver Lodge conseguiram realizar, obteve-o você com suas magistrais monografias, que leio sempre com religiosa atenção. Elas oferecem estranho contraste com as teorias obscuras que enchem a nossa ciência.*

([1]) *Revista de Espiritismo*, n.º 2 de 1936, pág. 42.

([2]) *Estudos Psíquicos:* «Metapsiquistas e Espiritistas.

([3]) *Charles Richet:* «*La Grande Esperance*», pág. 248 e 278.

([4]) *Oliver Lodge:* «*Souvenirs*».

([5]) *Ch. Richet:* «*La Grande Esperance*», pág. 195.

([6]) *Estudos Psíquicos*, n.º 3 de 1946, pág. 74

O Espiritismo em Taubaté

Integrada nas comemorações centenárias do Espiritismo, a União Municipal Espirita de Taubaté, *Estado de S. Paulo, realizou uma* Semana Espirita *de 24 a 31 de Março último, com conferências, serões literários e visitas a cadeias públicas. Colaboraram nesse notável acontecimento o deputado Dr. Campos Vergal, Vinicius, Germano dos Anjos, Garcia Simões, Luis Rosas da Silva, Germano Figueiredo e Geraldo de Oliveira, nosso dedicado representante nesta cidade.*

Todas as solenidades se realizaram no Centro Espirita União e Caridade, em meio de grande entusiasmo e espirito compreensivo de agremiações não filiadas à União Municipal, tendo comparecido as autoridades locais e muitos confrades do Vale do Paraiba.

Com a conferência «O Espiritismo e a luta por um Mundo Novo», proferida pelo Dr. Campos Vergal, foram encerradas as solenidades públicas, numa noite de verdadeiro espiritualismo.

Temos pena de não possuir elementos pormenorizados para dar maior relevo a esta notícia.

Aos confrades de Taubaté e em especial ao nosso representante Geraldo de Oliveira, enviamos cumprimentos e protestos de solidariedade.

Deixem-me Desabafar

por F. Noronha

A guerra cessou ?

Estas duas datas, 2 de Maio e 10 de Setembro de 1945, exprimem-lhe o termo ?

Socialmente falando, cumpriu-se alguma coisa do assegurado à multidão anónima no aperto em que foi de conveniência urgentíssima catequizá-la ?

Em relação à antiguidade remota de primitivas gentes, gentes de pré-história, e ainda outrossim de épocas sequentes até Grécia e Roma, vai materialmente animada e melhorada a vida de relação nas esferas dirigentes ?

O mutua serviços e o a ninguém leses verificaram-se, algum dia, completamente ? Grécia, privilegiada e iluminada enormemente, prevaleceu porventura a ponto de atracção mentora totalitária em seus séculos de esplendor ?

Dominou-a um político hábil, pai de Alexandre Magno e este, discípulo do assombroso intelectual de Estagira, deu a conhecer a civilização helénica em regiões da vasta Ásia, vindo morrer a Babilónia depois de fazer tombar no sepulcro dos impérios todo o poderio dos famosos persas.

A cabeça do Tibre subjugou e plagiou, sem émulo, o solo acidentado, que ao presente está interessando a imprensa e excitando o público.

Englobou-a essa cabeça, como província, em seus domínios, mas, apesar de colossal como conquistadora absorvente, foi sacudida com oportunidade.

Desde Augusto, porém, em parcela mínima do seu Estado, surgira um elemento não participante de exterioridades olímpicas, nem de formas especiosas e de processos interesseiros.

Esse elemento constituia-o um ser vivo, em terras da Palestina.

Era o filho de um casal de pessoas humildes, sendo o homem carpinteiro.

Entretanto, Tibério, segundo imperador de Roma, sucedera a Augusto e o filho do carpinteiro, doutrinador pelo exemplo, anunciando o Deus único omnipotente e criador, em contrário à multiplicidade de Numes do paganismo, atirando discípulos por espontaneidade e preceituando-lhes que se amassem uns aos outros como Ele próprio os amava e assim ensinassem a todas as gentes, fora vendido por um desses discípulos, conduzido ao tribunal de Pôncio Pilatos, pretor dos romanos, julgado e condenado como infractor de leis estabelecidas, a que era aplicável a pena de morte.

O pretor, não obstante declará-lo sem culpas, conveio por pusilanimidade ou cobardia e pregado no madeiro patibular o filho do carpinteiro José e de sua mulher Maria, ele, Jesus, de nome, ali expirou, numa agonia cruentíssima.

Nessa hora horrível selou, coerentemente, o seu doutrinamento, sem precedência nem nulidade póstera, implorando do Alto o perdão dos verdugos, «*que* não sabem o que fazem !».

Parece que um tal cenário deveria impressionar fundamente a alma humana e traduzir-se, ao longo das idades, por uma inclinação amplexiva no sentido fraternal de humanidade.

Isto não aconteceu, e a demonstrá-lo, com a eloquência dos factos e até de algarismos, decorreu a Idade-Média, passaram os tempos modernos e imediatos e chegámos onde, queridos leitores ?

Após duas hecatombes sem paralelo, neste século XX da História, ao desfecho de idade novíssima: a da bomba atómica !

A 4 do mês corrente faleceu, octogenário, o genial cientista da teoria quântica, Max Planck, na qual outro génio da Ciência, Einstein, tem fulgurado. O átomo deveu por certo a Planck decisivo ponto de partida, de operações e conclusões sucessivas, que estão longe talvez de última palavra.

E não poderá delas advir para o planeta algum estilo que o renove, física e eticamente, sem expressão de razia mortífera dilacerante ?!...

Koressios e Marchal, franceses de saber autêntico, dos quais a Imprensa se tem ocupado, levarão os seus estudos e conseguimentos até plena leitura do Pensamento, com todas as felizes consequências daí resultantes ?!...

Afigura-se-me neste quadro uma porta aberta.

Ocorre-me a frase do Dr. Luís di Cristóforo Postiglioni em número anterior deste mensário:

«Ideal renovador por natureza, o Espiritismo é susceptível de dar sentido integral às mutações da vida, às injustiças — mais aparentes que reais — que surgem na vida de relação».

E se houvesse unanimidade fraternal de todos os espiritas em tornarem-se agentes da Paz ?

«É lamentável, — li não há muito em artigo intitulado *A Letra e o Espírito*, firmado por J. T., a lume nas colunas de *Gazeta do Sul*, do Montijo, — o que neste capítulo da Paz se está passando. É sobretudo lamentável que a Grande burla continue nos actos concretos enquanto no vasto campo abstracto do Espírito a seara das grandes afirmações se alteie e não cesse de apelar para o espírito de sacrifício de todos os Povos do Mundo em prol da Paz, dessa Paz que, afinal, nenhum dos responsáveis parece desejar a sério.»

É que o *Em espírito e em verdade* não está na

JUVENTUDE

por José Simões de Matos

Por toda a parte se nota um grande interesse pela juventude, porque dela sairão, certamente, os responsáveis pelo mundo de amanhã, em suas variadas modalidades.

Ela constitui uma esperança para o nosso espírito, que luta por dar ao mundo uma vida melhor.

Mas, como poderá isso suceder, se o lar e a escola em que ela vive e se educa não melhorou em suas formas e métodos de vida? Como poderemos colher onde não semeamos? Ou colher diferentes coisas daquelas semeadas?

Por toda a parte se ouvem críticas e lamentações sobre o procedimento da mocidade, sempre desobediente, viciosa e com tendências amorais. Entretanto, aqueles que, por vezes, fazem essas críticas, já em idade avançada, foram os culpados de tais coisas acontecerem, pela falta de vigilância e de contrôlo na vida que mantiveram e muitos ainda mantêm nos seus lares, nos quais faltaram com a necessária assistência moral e espiritual. Porque o carácter do homem se plasma no lar à semelhança daqueles que têm missão de os receber neste mundo, criando e educando para a vida que os espera em sua maioridade. Educada num regime em que a mentira e os preconceitos são moeda corrente, razão porque Jesus-Cristo foi crucificado, porque era a Verdade, não podemos, nem devemos admirar-nos de que a juventude assim seja. Precisamos de cristianizar o lar e a escola, para que a juventude realize osonho de nossas justas aspirações. O problema é dos pais e dos professores, que devem melhorar-se, sob muitos pontos de vista.

No meu conceito, o que por ora devemos e podemos fazer pela juventude em prol de sua melhoria moral e espiritual é esclarecê-la, de modo que ela compreenda melhor o porquê da vida e os seus deveres como filho, como chefe de família e como cidadão cristão, que todos deverão procurar ser, coisas estas que ela deveria ter melhor aprendido no lar e na escola. E considerar que no Evangelho está o necessário roteiro de vida a seguir. Mas, para isso, não devemos deslocá-la muito, a fim de não lhe criar maiores problemas e dificuldades. Devemos instruí-la em espírito e verdade, pràticamente, mostrando-lhe as consequências da vida viciosa e indisciplinada, por cujo motivo se acham repletos os hospitais, estabelecimentos de educação correccional e os bancos das praças públicas, sem emprego, a par de um cortejo imenso de desafortunadas, atiradas à prostituição e à caridade pública, tudo proveniente desse mal que nos infelicita e que haverá por toda a parte.

A juventude precisa de aprender para melhor orientar e seguir depois o seu caminho com responsabilidade. Até lá, não convém antecipar-lhe compromissos, dando-lhe encargos e missões para os quais lhe faltam ainda meios e condições. Refiro-me à juventude de 12 a 18 anos e não àquela que já deve saber, por sua maioridade, orientar-se convenientemente. Do ponto de vista religioso, deverá falar-se-lhe mais à consciência, sem prejuizo de seu livre-arbitrio, que é preciso respeitar, para que lhe caiba a justa responsabilidade de seus actos, que hão-de constituir a causa de seu caracter, que é o maior valor de um espírito.

---

consciência dos burladores. Seria mesmo absurdo supor que lá existiam e possam existir.

Esses burladores não hesitariam em assinar, como Pilatos, a sentença de morte de Jesus, se este se lhes apresentasse no caminho.

São dançarinos de maromba.

É evidentemente parte má das Sociedades constituidas. Egoismo, interesses inconfessáveis e mesmo confessáveis, cìnicamente, eis a letra que lhe predomina e soa no ámago.

Deixemo-los patinar em resvaladio, que não é impossível, aliás, converter-se em chão espinhoso, que lhes cabe por prémio.

A lição nossa, de paz verdadeira, de fraterno enlace, de espírito unitivo, tem validade substancial de inteireza e caracter que exclui vexame e atropelo.

Além disto, o Espiritismo, que conta no seu activo sumidades na Ciência e na Bondade, avulta, dia a dia, em número e qualidade de adeptos e mantém-se com solidariedade expressiva, não fugindo à luz que esclarece a inteligência e desafronta o trabalho, mas rasgando horizontes, num evoluir crescente e em progresso infindo.

Proceder assim é aliar missão ordeira ao ideal nobilíssimo de paz perfeita.

«A Nossa Vida Mental»

E A OPINIÃO DE TRÊS SÁBIOS

pelo Dr. Carlos Imbassahy

II

Como vimos, H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells combinaram-se e fizeram um livro para ensinar o que é «a nossa vida mental». E discorrendo sôbre Espiritismo, com aquela superioridade que a sábios é dado discorrer, declararam, entre outras coisas, não haver razão para supor que a escrita automática, a encorporação e outras manifestações, sejam obra de espíritos estranhos, se não ideias recalcadas, desdobramento de personalidade, abrolhamento das camadas profundas do Inconsciente. Dito isto, e para prova da assertiva, remete-nos ao livro de Flournoy — *Des Indes à la Planète Mars.*

Antes de irmos ao livro, já apresentámos um caso por nós testemunhado, a ver como ele se enquadrava nas hipóteses apresentadas pela ilustre trindade. Vejamos agora outro, onde não nos possam arguir de suspeição.

Apanhámo-lo, quase ao acaso, numa obra de Bozzano, sobre identificação espirita. É descrito originàriamente pelo advogado e professor F. Zingaropoli, em *Luce e Ombra,* Milão, págs. 21-37. O relator é o advogado Vincenzo Fornaro, e o transcrevemos muito resumidamente, dada a extensão da jornada que ainda temos que percorrer, visto que andam em barda os enganos e erros dos egrégios mentalistas.

Ninguém — disse Fornaro — era mais céptico do que eu e toda a minha família, em matéria de Espiritismo.

Mas uma irmã do advogado entrou de frequentar certa casa onde se faziam sessões de mediunismo, com pequena mesa de três pés. Voltava ela a casa declarando que as pessoas da sessão pretendiam enganá-la, levantando a mesa e atribuindo o facto a Espíritos. Entretanto, a mesa começou a dizer coisas que só ela sabia, o que fez fosse cedendo aos poucos o seu negativismo. Passou, então, a fazer sessões na própria casa, onde tomava parte a família. E como a mesa se movesse, cada um olhava para o outro para ver se descobria donde vinha a tramoia.

Perguntaram, certa vez, ao invísivel quem era ele, e o invísivel respondeu: — *Baccalà.* Puseram-se todos a rir e disseram à moça que ela poderia ter escolhido um nome mais decente e mais... perfumado. (Baccalà em nosso idioma é bacalhau).

Ela protestou contra a insinuação, e pediram ao espírito o seu nome todo, ao que êle respondeu — *Scella di Baccalà.* Solicitaram maiores esclarecimentos e ele acrescentou que era descarregador de carvão no porto *(scaricante di carbone),* habitara em Porta Capuana e morrera havia 5 anos.

Tomados de dúvida, encarregaram um amigo, Sign. Enrico Cacciapuoti, de fazer indagações. Depois de dois dias, soube ele, com efeito, que no bairro de Porta Capuana, era conhecido um carregador *(um facchino),* chamado Baccalà, morto havia uns 5 ou 6 anos, que trabalhava na descarga do carvão e fazia outros serviços. Era um sujeito alegre, um tanto desbocado, e quando não tinha que fazer, divertia-se em bulir com os outros, dizendo graçolas e lançando pilhérias de todo o gênero. Uma vendedora de frituras informou que ele era a alegria do quarteirão, que deveria ter os seus 40 anos, e que sua morte enchera o bairro de luto, causando consternação geral.

Confirmava-se a manifestação. As sessões recomeçaram, e Baccalà apresentou-se com a sua vulgaridade de carregador, empregando o palavriado a que se acostumara em vida. Algumas vezes, era tal o desmando da linguagem, que os experimentadores eram compelidos a despedi-lo, visto que havia moças na sessão. Isso o contrariava, e ele, então, conseguia muitas vezes, derrubar o tripé. *(Più volte giunse a rovesciarlo).*

Mas, pecador impenitente, recomeçava com frases pornográficas, obrigando todos a se levantarem para evitar o palavrio, ou então a fazerem que ele pusesse a mesa a dançar, em vez de falar.

Uma tarde se tornou visível. A mãe do advogado o viu passar de um quarto a outro; era de estatura média, troncudo, pálido, cabelos pretos, muito pretos, anelados, com

calças arregaçadas e em mangas de camisa. Foram todos imediatamente à mesa e Baccalà assegurou que o fantasma era ele.

Volta Caccipuoto a Porta Capuana e sabe que Baccalà era «*di média estatura, pallido in visu, aveva capelli nerissimi e ricciuti e per lo più andava scalzo*».

Ainda aqui se confirmava a manifestação. A visão fora perfeita.

Agora, uma experiência importante, diz o narrador. Seu pai estava bem doente. Foram chamados os mais ilustres médicos; uns tinham funestas previsões, outros os encorajavam. Uma tarde, «no desconforto que perturba o cérebro, que dilacera o coração, que faz pensar no impensável para alimentar uma esperança», pediram a Baccalà que procurasse comunicar-se com algum médico do Além, e lhes dissesse algo a respeito.

O enfermo dormia, mas, naquele instante acordou, censurando-os por lhe haverem tocado, e a pesar de ver que não havia ninguém junto à cama, continuou a lamentar que o inquietassem, apalpando-lhe o peito e as espáduas. Era a visita médica do Espaço, evidentemente. Todos tinham a respiração suspensa; os corações batiam...

Em breve instante a mesa moveu-se; acorreram todos ansiosos, e uma só palavra disse ela: *Rassegnazione. (Resignação)*. O Espírito que examinara o doente fôra o do Dr. Domenico Cotugno.

Falecera o doente. Fornaro deixou a casa, e os vizinhos, então, ouviam barulhos, rumores de portas que batiam, como lançadas pelo vento. Corriam a casa, mas encontravam tudo em silêncio e as portas bem fechadas. Aos poucos, os ruidos se tornaram mais fracos, até que ficou tudo em quietação.

E assim termina Zingaropoli:

«Parece-me que, no caso, a prova de identificação é robusta. Baccalà era em vida uma pessoa insignificante e ninguém ali o conhecera. A sua história, simples e pálida, como pode ser a de um pobre carregador, que obscuramente passou pela vida, sem desonra nem louvores *(senza infamia e senza lodo)*, não é verosímil que fosse notada por pessoas de bem diversa posição social, de ambiente e cultura diversa, de bairros diferentes, em cidade extensa e populosa como é a nossa.

«A informação recolhida o apresenta como o tipo do *lazzaro* napolitano, bom no fundo, prestadio, tão pronto à chalaça e às invectivas de taverna como às acções generosas e nobres.

«Aquele espírito inculto, vulgar, não evoluído, que se torna uma pessoa da família, que dá manifestações alegres e frívolas, e que talvez não possa ou não deva segui-la para a outra residência; que fica entre aquelas paredes como um prisioneiro; que se desespera por vê-la afastada, e permanece, isolado, na casa vazia; que não sabe se os futuros habitantes o entenderão; que vagueia na estância solitária e se revolta, e bate as portas; esse Espírito acaba por se resignar como se resignam os vencidos, os deserdados na existência, numa via deserta e sem recursos!...». *(E. Bozzano. — Dei Casi d'Identificazione Spiritica.*—Génova. Pgs. 274-281).

O fenómeno é complexo e movimentado. Trata-se de uma família de cépticos. Uma jovem da família vai a casa de amigos e assiste a sessões de mesinha. A princípio desconfia de um truque, mas as provas acabam por impresioná-la. Repete as sessões em casa e ali se manifesta o espírito de um rústico, que nunca ninguém lá conhecera, de quem nunca ouviram falar. Este se identifica pelos modos, pela linguagem, pela rusticidade; fornece sinais seguros de sua pessoa e dá indicações precisas. Além disso, uma senhora o vê, e a forma por que o descreve corresponde às informações prestadas. Adoece o pai do experimentador, pede-se a assistência de um médico do Espaço e este, com a necessária prudência, prenuncia a morte do enfermo, depois de mostrar indícios de sua presença. A família se muda e na casa vazia se manifestam os fenómenos de assombração, que vão esmorecendo com o tempo.

Em suma, o manifestante, inteiramente desconhecido, revela-se com seus caracteres físicos, suas qualidades morais, seus curtos predicados intelectuais. Era a individualidade inteira, coesa, íntegra do finado Baccalà.

Como poderia estar recalcada no Inconsciente de alguém a figura completa do morto e como para esse Inconsciente teria ela entrado é para o que valeria uma explicação. Mas, como vemos, diante da ciência do livro, o absurdo é aquilo que está a entrar pelos olhos, isto é, que se achava presente nas sessões o pobre carregador do arrabalde, e o curial é perceber-se no fenómeno o abrolhamento do Insconsciente, o qual, inteiramente verídico na descrição, de Baccalà, passa a mentir quando se diz Baccalà em espírito, passa a enganar-nos redondamente quando se apresenta como um defunto.

Quer se trate de ideias comprimidas, de abrolhamento ou de divisão, o que nunca se explicará, a não ser pelo «*talvez*», pelo «*pode ser*» ou pelo «*quem sabe se*», é a intromissão de Baccalà, com todas as suas peças, no Inconsciente de uma pessoa da sessão, ou de todas ao mesmo tempo, porque o manifestante se apresenta sempre, quaisquer que sejam os médiuns que estejam à mesa.

Mas aquelas mencionadas expressões, à guisa de hipóteses, se ali são insubsistentes, nos casos, por exemplo, como os da senhora Piper, seriam manifestamente inaceitáveis, dificílimos de invocar. Nos que vimos de expor, por mais absurdo que fôsse, poderiamos lançar mão de um recurso, improvável, injustificável, mas um recurso: o de que aquela gente toda soubesse, *sem o saber*, soubesse, inconscientemente, a vida e a morte obscura do transportador de carvão, com as suas particularidades, e mais ainda, que tudo se transmitisse e transitasse do Inconsciente para a mesa através dos dedos. Nos da senhora Piper, porém, o Inconsciente não sabia ùnicamente de uma vida, mas de centenas de vidas, das vidas dos indivíduos que a procuravam, das vidas dos parentes, amigos e conhecidos deles, das pessoas que surgiam de diversas partes do mundo, e que, ouvindo falar de sua prodigiosa mediunidade, vinham vê-la e ouvi-la, ou por curiosidade ou por estudo, e até dos incógnitos, dos que se disfarçavam, dos que vinham mascarados... Já não era um Inconsciente, era um Omnisciente!

Foi inutilmente que os *detectives* acompanharam a médium para decobrir a fonte misteriosa donde ela havia os seus espantosos informes. Pacóvios! Não estando ainda em foco, ou pujança de seu brilho, as luzes da psicanálise, não perceberam que o jorro informativo estava dentro dela mesma, nos recessos da alma da médium. Como foram parar ali é que os doutos, da ordem dos autores do livro, não nos dizem. Tal exploração é que os não interessa.

Dão-se por satisfeitos com alusões ou explicações vagas: Inconsciente, abrolhamento, divisão da personalidade...

Escolhem alguns factos simples, por vezes pueris, fáceis de meter na bitola regulamentar. Os demais eles ignoram, e quando não ignoram passam adiante, sem muitas indagações, preferindo a verdadeira eloquência dos lábios, que é o silêncio: *silentium ore facundius*

Há mais. Veremos.

Maternidade "Casa da Mãe Pobre"

Mensagem dirigida à Maternidade «Casa da Mãe Pobre», do Rio de Janeiro, psicografada pelo Médium Francisco Cândido Xavier.

... Meu irmão:

Que o Senhor nos abençôe a todos.

Desnecessário é dizer-te da esperança com que o Plano Superior aguarda o desdobramento do serviço na casa abençoada da Mãe Pobre. As obras do bem falam por si mesmas, tanto quanto as árvores que se expressam pelos frutos. Unamo-nos, assim, em espírito para a consecução dos trabalhos em perspectiva, convencidos de que a Bondade do Senhor nos segue de perto. Espiritismo sem acção no bem comum não poderá alcançar as finalidades a que se propõe. Se a fé sem edificações é morta, as edificações necessitam desse calor divino de fraternidade, trasbordante no santuário de amor evangélico a que confiaste as melhores forças.

Guarda-te na perseverança até o fim. O ministério encontra-se iniciado tão sòmente e o mesmo Senhor que te habilitou para o serviço, em conjunto com outros amigos abnegados, enviará o suprimento necessário à consolidação do serviço que nos polariza as esperanças.

Se o mundo actual sofre o assédio das sombras, que profetizam infortúnio e ruínas, convertamo-nos em semeadores do mundo melhor de amanhã. Sobre os vales em que os homens infelizes desencadeiam a guerra, nascem os germes do pão futuro. Sejamos nós outros lavradores felizes da paz construtiva e regeneradora. Não importa a incompreensão que nos possa visitar e atingir. A obra pertence ao Senhor e o Senhor apenas nos pede corações fervorosos e braços diligentes a fim de preservá-la e estendê-la, na realização do Reino Divino entre nós.

Hoje, lutas e dificulddes.

Amanhã, alegrias da colheita.

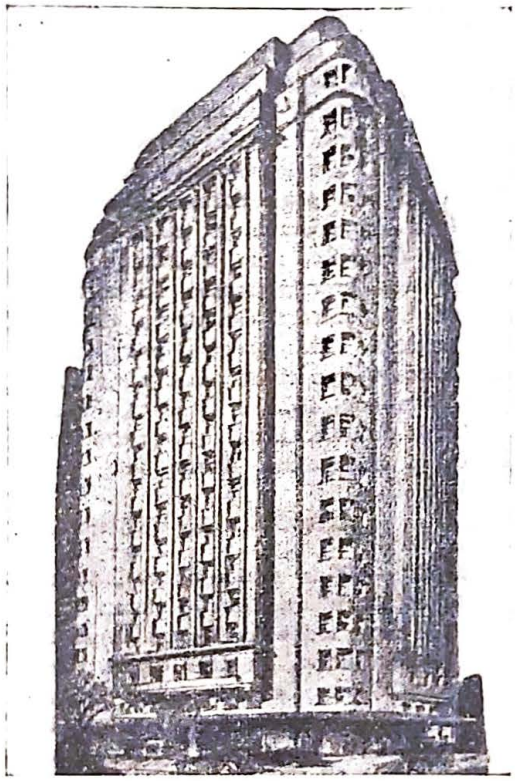
Caminhemos desassombrados, portanto, certos de que permanecerá conosco o Divino Amigo que nos prometeu assistência amorosa até o fim dos séculos.

EMMANUEL

UMA AGREMIAÇÃO ÚNICA NO MUNDO

Sociedade de Medicina e Espiritismo

Não há dúvida. A realidade dos factos leva-nos a concluir que os designios da Providência são imperscrutáveis. Acocorado na gleba planetária com a preocupação dominante da defesa vital, o homem não dá fé de muitas coisas belas e interessantes que existem para além do seu tugúrio estreito, para além do calabouço escuro em que se nutre. Isto é a regra geral. A vida vegetativa atrai e domina quase todos os seres da criação. E o homem, que pretende formar mundo aparte, que exigiu ou criou para si um reino exclusivo, como se o pensamento e o sentimento fossem prerrogativas ou privilégios de bipede implume, constroi à sua volta elevados muros semelhantes à muralha da China e não permite neles o ingresso de vida diferente da sua. Isto é a regra geral. Primeiro, lutou ferozmente, em competição de vida ou de morte, contra a fauna que Deus lançou no limo terrâqueo, depois entronizou-se e obrigou os mais fracos a prestar-lhe vassalagem. E começou então uma nova luta, quando a necessidade de olhar para mais alto o acicatou e mergulhou em estranhas vibrações. A vida de relação originou códigos especiais que instituiam regras peremptórias a que o maior número tinha de submeter-se. Os seres da mesma espécie agruparam-se por afinidade. Apareceram as castas, os partidos, as clientelas. Cada grupo se julgava superior aos outros e tratava de legislar em conformidade com seus interesses, cerceando cada vez mais os direitos do semelhante.



Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro — Edificio Internacional, 15.º andar

Este principio adoptou-se em politica, religião, economia. As classes privilegiadas ou satisfeitas, como lhes queiram chamar, empregavam todos os esforços para defender o reduto de seu egoismo. As outras, que se arranjassem como pudessem.

Nesta sucessão de acontecimentos sociais, mentais, morais e espirituais, apareceu nova doutrina que, em dada altura, se espalhou vertiginosamente pelas nações cultas, impressionando muitas almas de escol ansiosas de transpor os muros acomodatícios de suas trincheiras seculares. Era o Espiritismo, que surgia da névoa dos milénios e dava aos homens a mais consoladora das mensagens.

O Brasil aceitou-a cheio de esperança nos benefícios que ela oferecia ao mundo materializado. E a propaganda intensificou-se e a ideia radicou-se no coração das massas populares.

Mas ao lado, o materialismo vigiava, forjando armas e desferindo golpes certeiros no ideal que despontava e que teria de contar com a oposição da Ciência e das religiões dominantes. Foi uma luta enorme, de ataque directo e represália, que o Espiritismo suportou muitos anos, durante os quais a fé e a crença fundaram magnificos baluartes que dia a dia aumentavam de força e chamavam a atenção dos tristes e desesperados.

E o movimento alastrava cada vez mais... não obstante o assédio dos temíveis adversários. E os baluartes iam crescendo, crescendo... e fortalecendo os homens simples e de boa vontade...

— Que doutrina era essa que grangeava tantos adeptos? — inquiria a Ciência, alarmada e inquieta.

E quando lhes diziam que curava os enfermos desenganados da medicina, maior era a surpresa e a expectação de todos.

E os monumentos tomavam vulto: escolas, albergues, orfanatos, hospitais, clínicas, ambulatórios...

Ah! Isto era demais! O Código Penal tinha de cortar o mal pela raiz! Tinha de acabar com a *peste roxa* do Espiritismo, essa vergonhosa mentira que ameaçava alguns fundamentos da Ciência Materialista! E os médicos oficiais ou oficializados reuniram-se e congeminaram e assestaram batarias, aproveitando as vantagens do terreno para esmagar inteiramente a Doutrina Espirita. Isto sucedeu há quatro ou cinco anos no Brasil.

A imprensa profana entrou em campo. Ouviu médicos materialistas que preconizavam a alteração do Código Penal no sentido de proibir as práticas do Espiritismo. Os médicos espiritas responderam com firmeza ao desafio. Reuniram-se, arregimentaram-se e resolveram fundar uma agremiação científica com o nome de *Sociedade de Medicina e Espiritismo*... E porque se trata, na realidade, de empreendimento que ultrapassa as concepções de muitos que militam nas nossas fileiras e que deixará os sábios boquiabertos pela grandeza e transcendência dos fins colimados, vamos dar aos leitores uma ideia, embora pálida, desta colectividade, a cuja frente está o nome prestigioso do Doutor Levindo Gonçalves de Melo.

OS SEUS FINS IMEDIATOS

A *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* é uma sociedade civil — científica, religiosa, propagadora de moral, filantrópica e apolítica — e destina-se a investigar cientificamente os seguintes fenómenos: espiritas, anímicos, espiritas e anímicos em estudo comparado; investigar e estudar o magnetismo animal, o hipnotismo, a mediunidade e os fenómenos espiritas que se relacionam com a Medicina em geral e a Psiquiatria em particular; estudar especializadamente a Metapsíquica, a Biologia e a Psico-somática; pesquisar as leis quer regem os fenómenos espiritas, bem como as que regulam os fenómenos anímicos; estudar o médium, sob o ponto de vista neuro-psiquiátrico; efectuar estudos comparados de moral, religiões, filosofias, doutrinas médicas (alopatia, homeopatia, naturismo, etc.).

Além disto, que já não é pouco, esta Sociedade propõe-se evangelizar a Ciência, combatendo o Materialismo no terreno científico; pugnar pela aliança da Ciência com a Religião, alijando de uma o preconceito e de outra o fanatismo; defender a unificação das correntes doutrinárias do Espiritismo e a aproximação das correntes doutrinárias do Espiritualismo; propagar a unidade religiosa pelo entendimento entre as religiões; fazer a caridade, acolhendo nos hospitais, sanatórios e ambulatórios que mantiver, todos os necessitados, sem distinção de crença, côr, sexo, nacionalidade ou condição social; difundir que a evolução do espírito é feita através do reino mineral, vegetal, animal e espiritual (em vez do «Amai os seres vivos»); divulgar a moral pura ou absoluta estabelecida por Deus para reger a vida cósmica e muito diferente da moral relativa ou moral terrena que sofre a acção dos costumes e varia com povos, épocas, lugares, convicções e doutrinas; trabalhar sem esmorecimento pela espiritualização da Ciência, demonstrando que esta pouco representa, sem caridade e humildade; pelo aprimoramento moral do homem e pela elevação do planeta.

Outro fim é estudar meticulosamente as doenças e os estados em que se associem sintomas clássicos e fenómenos espiritas (alienação mental, idiotia, epilepsia, histeria, dupla personalidade, múltipla personalidade, etc.); lançar uma nova escola psiquiátrica, à base do Espiritualismo, demonstrar que os factos espiritas são fenómenos naturais e criar o método de investigação da Ciência Espiritualista baseado na dúvida, como ponto de partida para a verificação de qualquer fenómeno.

A *Sociedade* não deseja trabalhar em *torres de marfim*, como fazem muitos institutos científicos nacionais. Pelo contrário, promoverá o intercâmbio científico com o estrangeiro, não só difundindo a cultura médico-espirita, como também defendendo o Espiritismo no plano elevado do pensamento, se atacado por cientista ou por instituto científico.

O seu lema é este: «A Ciência por base; a Religião por meio; a Moral por fim». Assim, a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* é a CIÊNCIA ESPIRITUALISTA em acção, ou seja a Ciência, a Religião e a Moral associadas na pesquisa da verdade, para aprimoramento intelectual e moral do homem.

O que aqui fica expresso é um verdadeiro enunciado que revela a existência de vontades fortes servidas por inteligências equilibradas.

E que deve fazer esta prestimosa associação para conseguir semelhantes finalidades?...

AS SUAS REALIZAÇÕES

Para atingir aqueles objectivos de extraordinário alcance, esta Sociedade munir-se-á dos seguintes elementos.

a) Organizará :

1 — Um laboratório de investigações psíquicas.

2 — Uma biblioteca de Ciência em geral; de medicina em particular, especialmente Psiquiatria, Psico-somática, Neurologia, Fisiologia, Histologia, Citologia e Anatomia; de Espiritismo (obra pró e contra); de Psicologia e Psicanálise; de Moral, de Religião e de Filosofia.

3 — Um museu com moldes de gesso ou parafina, fotografias, mensagens auto-psicográficas, desenhos e outros objectos evidenciais da comunicação dos Espíritos, tudo devidamente autenticado e sujeito a prévios exames e parecer do Departamento de Investigações Experimentais.

4 — Um arquivo.

b) — Publicará uma revista científica, que será o seu órgão oficial, sob o título de *Medicina e Espiritismo* e o sub-título de «*Revista de Moral Pura, Ciência e Religião*».

c) — Editará duas obras fundamentais: «Introdução ao Estudo Científico do Espiritismo» e «Introdução ao Estudo da Moral Pura à Luz do Espiritismo».

d) — Realizará congressos nacionais e internacionais do Espiritismo científico.

Futuramente, esta Sociedade organizará ainda, segundo as suas possibilidades financeiras:

1 — Um hospital — como estabelecimento de caridade e estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Medicina em geral.
2 — Um sanatório — como estabelecimento de caridade e estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Psiquatria em particular.
3 — Uma colónia de férias.
4 — Uma estação radiodifusora.
5 — Um diário, leigo, com secções obrigatórias de Moral, Ciência, Religião em Geral e Espiritismo em particular.
6 — Uma editora.
7 — Um observatório astronómico, não só para estudo e pesquisa, mas também para difusão prática e popular da Astronomia.

A SUA ORGANIZAÇÃO

De harmonia com o artigo 4.º do Estatuto, a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* está assim organizada:

a) Gabinete da Presidência.
b) Sala de Sessões Allan Kardec.
c) Departamento de Investigações Experimentais.
d) Departamento Médico-hospitalar.
e) Departamento de Estudos Filosóficos.
f) Departamento de Difusão cultural.
g) Secretaria.
h) Tesouraria.
i) Portaria.

O *Departamento de Investigações Experimentais* tem Secção Física e Electrologia, Secção de Quimica e Fotografia e Laboratório de Ciências Psíquicas.

O *Departamento Médico-hospitalar* tem Secção de Medicina e Psiquiatria, Hospital Bezerra de Menezes, Sanatório Juliano Moreira, Ambulatório Gonçalves Maia e Colónia de Férias Artur Lins de Vasconcelos.

O *Departamento de Estudo Filosóficos* tem Secção de Moral, Secção de Religião e Secção de Filosofia.

O *Departamento de Difusão Cultural* tem as seguintes secções:

1 — Secção de Imprensa e Secção de Livros.
2 — Secção de Rádio.
3 — Secção de Cinematografia.
4 — Biblioteca.
5 — Arquivo.
6 — Museu.
7 — Sala de sessões (para sessões académicas dos membros efectivos da Sociedade; para conferências públicas de ordem científica, médica, médico-espirita, filosófica, moral ou religiosa; para mesa redonda, destinada a debate de teses médicas, médico-espiritas e espiritas — ilustradas com projecções cinematográficas ou fotográficas; e para sessões teóricas e práticas de estudo e análise da fenomenologia espiritica e anímica, bem como da fraude consciente e inconsciente).

O cargo de director do *Departamento de Investigações Experimentais* só pode ser exercido por membro efectivo que seja médico.

Para a *Secção de Medicina* e *Psiquiatria* só podem entrar médicos ou psiquiatras; para a *Secção de Física e Electrologia*, médico, engenheiro, especialista de electricidade ou oficial das forças de terra, mar e ar; para a *Secção de Química e Fotografia*, médico, farmacêutico ou especialista de fotografia; para a *Secção de Imprensa*, jornalista ou escritor; para as demais secções, qualquer membro efectivo da *Sociedade*.

O *Laboratório de Investigações Psíquicas* é dirigido pelo Director do Departamento de Investigações Experimentais.

Cada Ambulatório terá um chefe, obrigatòriamente médico, convidado pelo Director do Departamento Médico-hospitalar.

O CORPO SOCIAL

O corpo social da *Sociedade* é constituido por todas as pessoas de reconhecida idoneidade científica ou intelectual, mas sempre moral, filiadas no Espiritismo e residentes no Rio de Janeiro ou proximidades.

O candidato a membro efectivo ou a membro correspondente, cujas credenciais, científicas ou intelectuais, não forem comprovadas por um diploma científico ou profissional, ou por trabalhos publicados em livro ou na imprensa, terá de apresentar uma tese sobre Medicina e Espiritismo, ou sobre Espiritismo, que receberá parecer de uma Comissão Especial composta de três membros efectivos.

Além dos deveres para com a colectividade, o sócio poderá internar-se nos hospitais ou sanatórios da *Sociedade*, receber tratamento médico ou cirúrgico gratuito, estagiar nas colónias de férias, etc., etc.

Serão excluidos os sócios que cometam acto desonesto ou infamante, que atentem contra a reputação da *Sociedade* ou que deixem de ser adeptos do Espiritismo.

FILIAÇÕES

Todo o Centro espirita ou instituto psíquico que realize sessões experimentais e queira cooperar na missão da Sociedade, com seus trabalhos e seus médiuns, para os estudos do Departamento de Investigações Experimentais, ficará filiado só para fins científicos, mas a *Sociedade* não se obriga a *verificar fenómenos* na sede do Centro ou instituto filiado.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Entre outras coisas, especificadas no Estatuto, a *Sociedade* realizará anualmente duas ou mais sessões solenes em que prestará homenagem de carácter instrutivo aos grandes vultos do Espiritismo e outros luminares da Ciência ou eminentes pensadores e mesmo simples investigadores que tenham contribuido para o progresso do conhecimento humano.

Em hipótese alguma a *Sociedade* exigirá pagamento por seus trabalhos. Embora não tenha por exclusiva finalidade o exercício da Medicina e a fim de evitar equivocas interpretações, a *Sociedade* adopta os seguintes *princípios,* quanto ao médico em face do doente:

1 — Medicina é sacerdócio.

2 — A arte de curar é uma profissão que a caridade sublima e o mercantilismo degrada.

3 — O médico tem o direito de prefixar os honorários, mas deve considerar sempre a situação económica do doente.

4 — Considerando devidamente a nobreza da função do médico junto ao enfermo, curando-o, aliviando-o ou dando-lhe esperança e coragem, a *Sociedade* faz votos para que, no futuro, a Medicina seja exercida como verdadeiro sacerdócio idealistico; enquanto, porém, se não puder atingir esse zénite moral, proclama a necessidade de a profissão médica ser remunerada pelo Estado, a fim de o médico não ser recompensado materialmente pelo doente ou por sua família, elevando ainda mais a arte e a ciência de aliviar e curar, porque «Divinum opus sedare dolorem».

O CONSELHO DELIBERATIVO

1 — Dr. Levindo Gonçalves de Melo (médico);
2 — Tenente-coronel Dr. Telémaco Gonçalves Maia (Médico-aviador);
3 — Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes (Engenheiro e jornalista — Director de *Mundo Espirita);*
4 — Dr. Saladino de Gusmão (Engenheiro e advogado);
5 — Dr. Alfredo Cruz (Engenheiro);
6 — Coronel Dr. Everaldino Acestes da Fonseca (oficial do exército e engenheiro);
7 — Dr. Luiz Eugénio Pimenta Mourão (Médico);
8 — Dr. João Augusto Tores Bandeira (Médico);
9 — Dr. Lauro Santiago (Médico);
10 — Milton de Andrade (Jornalista)
11 — Dr. Serafim Lobo (Médico);
12 — Dr. Marques Braga (Médico);
13 — Dr. José da Cunha Ferreira (Médico);
14 — Dr. Azevedo Silva (Advogado e escritor);
15 — Dr. Carlos Imbassahy (Advogado e escritor);
16 — Leopoldo Machado (Professor e escritor);
17 — Deolindo Amorim (Jornalista e escritor);
18 — Álvaro Brandão da Rocha (Jornalista);
19 — Dr. Fernando Dias Campos (Médico);
20 — Dr. Agostinho Sobrinho Gonçalves (Médico);
21 — David Lopes (Jornalista);
22 — Major Rubens Massena;
23 — Dr. Vasco Bonafini (Dentista);
24 — Hermínio Prieto Sobrinho (Contador);
25 — Coronel Gontran Jorge Pinheiro Cruz (Oficial do exército e engenheiro);
26 — Dr. Olimpio Rodrigues Alves (Advogado);
27 — Dr. Bento Ribeiro (Advogado);
28 — Dr. Nicolau Braga (Advogado);
29 — Dr. Amadeu Santos (Advogado);
30 — Dr. Olimpio Hilarião da Rocha (Médico);
31 — Dr. Fernando Klors Werneck (Advogado e escritor);
32 — Dr. José Augusto Miranda Ludolf (Advogado);
33 — Dr. Waldemar Ávila de Sousa (Médico).

A DIRECÇÃO

Presidente — Dr. Levindo Gonçalves de Melo (Médico);

Vice-Presidente — Tenente-coronel Dr. Telémaco Gonçalves Maia (Médico-aviador);

1.º secretário — Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes (Engenheiro e jornalista. Director de *Mundo* Espirita);

2.º secretário — Dr. Saladino de Gusmão (Engenheiro e advogado);

1.º tesoureiro — Dr. Alfredo Cruz (Engenheiro);

2.º tesoureiro — Coronel Dr. Everaldino Acestes da Fonseca (Engenheiro);

Director do Departamento de Investigações Experimentais — Dr. João Augusto Torres Bandeira (Médico bacteriologista pelo Instituto de Manguinhos);

Director do Departamento Hospitalar — Dr. Luiz Eugénio Pimenta Mourão (Médico);

Director do Departamento de Estudos Filosóficos — Doutor Lauro Santiago (Médico);

Director do Departamento de Difusão Cultural — Milton Andrade (Jornalista);

A COMISSÃO DE CONTAS

Dr. Carlos Imbassahy (Advogado e escritor);
Dr. Mário dos Santos Maia (Engenheiro);
Álvaro Brandão da Rocha (Jornalista).

///

Demos um resumo muito leve da *Sociedades de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* em boa hora criada como reacção natural contra a propa-

ganda exercida por alguns médicos brasileiros em detrimento do Espiritismo, no sentido de levar os legisladores a proibir terminantemente a prática desta elevada doutrina, pela introdução de disposições iníquas no Código Penal.

Como se vê, pela sua organização e pelas individualidades que a constituem, é uma agremiação única no mundo, de âmbitos incomparàvelmente maiores do que os da *Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas*, que tão grande repercussão teve nos meios científicos mundiais.

O Presidente, o Vice-presidente e o 1.º Secretário (para só falar nos que conhecemos) são figuras de bronze cuja mentalidade e honestidade atravessam incólumes o mar largo da existência, são três fortíssimos pilares à altura dos maiores cometimentos, três vigas mestras que podem responder fàcilmente pela realização desse extraordinàrio programa que, uma vez cumprido, colocará o Espiritismo ao nível das Ciências Modernas. Então, ninguém terá receio de afirmar a sua crença espirita.

Não damos este relato pelos amigos que temos nessa brilhante plêiada, mas pela necessidade de informar o público acerca de uma empresa de enorme alcance científico, filosófico, moral e cultural que marca o início de nova era na codificação kardeciana.

Na altura em que se comemora o primeiro centenário do Espiritismo, é bom lembrar a existência da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro* e os nomes que a caracterizam. Os adversários estacarão, surpresos, ao contemplar a grandeza do edifício moral e mental que se ergue na sua frente. Os adeptos exultarão e sentir-se-ão animados e encorajados na luta que empreenderam.

Estudos Psíquicos cumpre um dever, apontando esta agremiação aos contemporâneos, como símbolo e realidade tangível, além de exemplo a imitar em todas as nações cultas que pertencem ao reino do Espírito e desejam descobrir o homem, «esse grande desconhecido» que vagueia inquieto e alarmado sem conseguir encontrar-se na vasa que, para muitos, não passa de ambiente vegetativo e para alguns é ergástulo que cerceia os voos da alma ansiosa e sôfrega de liberdade.

I. D. S.

"Têm Razão?"

pelo Dr. Inácio Ferreira

Obra de grande formato e repleta de gravuras em que se apresentam os métodos de cura usados nos sanatórios espiritas. Livro dedicado aos médicos e aos descrentes, dividido em três volumes.

1.º volume encadernado — 50$00

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso Depósito as seguintes obras:

Novos Rumos à Medicina, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. Encadernado, 50$00.

Têm Razão?, *pelo* Dr. Inácio Ferreira. *A mais adequada resposta que ainda se deu aos adversários do Espiritismo. Um grosso volume de grande formato,* brochado, 35$00; Encadernado, 50$00.

Para o Alto, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Contos e Apólogos de carácter espirita destinados à formação moral da mocidade.* Brochado, 18$00.

Observações e Sugestões, *pelo* Prof. Leopoldo Machado. *Estudos, crítica construtiva e planos de acção espirita.* Brochado, 3$50.

O Problema do Além, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 20$00.

Fenómenos Psíquicos, *pelo* Dr. Alberto Seabra. Brochado, 18$00.

A Intuição, *por* Walter Newell Weston. 3.ª edição. Brochado, 16$00.

A Sabedoria e o Destino, *por* Maeterlinck, Brochado, 20$00.

Curso de Magnetismo Pessoal, *por* V. Turnbull. Brochado, 15$00.

A Vida depois da Morte, *por* Yogi Ramacharaka, *4.ª edição.* Brochado, 16$00.

O Beijo da Morta, *por* Celestina Lanza. *Romance mediúnico.* Brochado, 14$00. Encadernado, 20$00.

Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, por *Sir William Barrett,* professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo.
Brochado, 25$00 — Encadernado, 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos,* director de *Estudos Psíquicos.* Páginas de análise evangélica à luz Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora.
Brochado, 27$50 — Encadernado, 37$50

Cientismo e Espiritismo, pelo *Prof. Leopoldo Machado.* Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo.
Brochado, 18$00

N.º 18
JUNHO
1948

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias

Muito bons dias !

Queridos irmãos pequeninos:

Continua sempre a ser recebida com agrado esta secçãozita que a vós pertence.

O bom acolhimento que lhe dispensais é a nossa melhor recompensa.

Queira Deus que todas as palavras que do coração vos dirigimos sejam compreendidas e sentidas por vós, nesta grande luta da vida.

Ajudai-vos, que Deus vos ajudará.

São os votos sinceros da irmã mais velha sempre amiga

Kylas

★

EPIGRAMA

Um rico, velho avarento,
já bem perto de expirar,
para fazer testamento
manda o tabelião chamar.

Com timbre de voz roufenho,
diz o velho a suspirar:
— «Deixo tudo quanto tenho...»
e não podia acabar.

O tabelião cansado
Do seu tempo em vão gastar,
tendo escrito, diz zangado:
— «O resto? Queira ditar».

— «Deixo tudo quanto tenho...»
O velho torna, a chorar;
pára um pouco e diz roufenho:
«porque o não posso levar».

Faustino X. de Novais
«Novas Poesias»

AS QUALIDADES

A SOLIDARIEDADE

Mais que todas as definições, a pequena narrativa de D. António da Costa, que se transcreve, lhes explica o que é esta grande qualidade.

Leiam-na com atenção e meditem no exemplo recebido.

«Era no arrabalde de uma das nossas povoações mais florescentes. A atmosfera estava tépida, ia-se pôr o Sol. Por entre o arvoredo da espaçosa várzea, uma ninhada imensa de avezinhas pipilava docemente como quem aguardava, tão parecido com a esperança era o seu pipilar!

«Passado tempo, de um campo extensíssimo, dividido por silvados e arbustos, vem uma nuvem de pássaros chilreando. Ao verem chegar os pais, as avezinhas batem as asas de contentes.

«Ali gorjearam grandes e pequenas.

«De repente, como que depois de um festejo, levanta todo aquele mundo, voando em direcção da seara, indo na frente uma tribo de pais, no centro os filhos, e, por último, o resto das grandes.

«Uma das pequenas não pode encher o voo, cansa, cai.

«Destacam então da rectaguarda duas aves, descem à terra, com os bicos pegam na pobre fatigada, pelas asas, e, de novo elevando o voo, juntam-se à turbamulta, que, parecendo comentar o caso, continua a viagem aérea, deixando ali um exemplo de entre milhões de exemplos despercebidos, que no decorrer dos séculos ainda mais demonstrariam a sublime harmonia da Natureza».

O CORPO

OS BANHOS

Chegou afinal a Primavera.

Estava demorada este ano. Não lhes parece?

Não há nada como o Sol para dar boa disposição e vontade de trabalhar.

Agora já sentimos prazer em estar na praia.

Começa o tempo dos banhos que juntamente com o Sol tanto bem fazem à pele.

Tenham cuidado, porém, com os excessos — nada de torresmos besuntados a gemer por todos os poros.

Pois, se o que interessa realmente é a reacção provocada pelo banho, porque suprimi-la, secando-se ao Sol, em vez de se enxugar com uma toalha?...

O VALOR DA PONTUAÇÃO

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e pena e escreveu assim: «Deixo os meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres».

Não teve tempo de pontuar — e morreu.

A quem deixava ele a riqueza que tinha?

Eram quatro os concorrentes. Chegou o sobrinho e fez estas pontuações numa cópia do bilhete: «Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres».

A irmã do morto chegou em seguida, com outra cópia do escrito; e pontuou-o deste modo: «Deixo os meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres».

Surgiu o alfaiate, que, pedindo cópia do original, fez estas pontuações: «Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jámais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres».

O juri, estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade; e um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou-a assim: «Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sonbrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres».

CONTOS DA VIDA

VII

GALILEU

por Ramos Pereira

Numa pequena cidade do norte da Itália, nasceu, há séculos, de pais pobres, um menino que pelo decorrer dos anos se tornaria um dos maiores sábios da sua época. À custa de muitos sacrifícios, estudou e conseguiu ser professor de Universidade. A matemática, a física e a astronomia eram as suas ciências predilectas. Inúmeras são as descobertas que fez o seu génio.

Tal inteligência valeu-lhe de muitos dos seus contemporâneos ódios e invejas. Como então era crença que o sol andava à roda da terra e não esta em torno da bela estrela, ai de quem ousasse afirmar tal verdade científica.

Mas o sábio italiano tinha lido, estudado, observado que aquela crença era errada e ei-lo, contra tudo e todos, afirmando-o solenemente do alto da sua cátedra de professor. Os seus inimigos rejubilaram e conseguiram que ele fosse preso como herético, como um homem que negava a palavra da Bíblia.

O sábio provou a sem razão dos seus inimigos, a verdade das suas palavras, mas isso não o impediu de ser julgado, obrigado a desmentir-se para não perder a vida, de ser expulso do lugar de professor.

Cegou e morreu na miséria essa grande alma que tivera a veleidade de combater a ignorância e o erro.

E que se passa hoje com esse homem, ó criança que lês os meus contos reais? Admirâmo-lo e veneramo-lo e sentimos pena daqueles invejosos inimigos, daqueles vaidosos ignorantes que julgaram lançar a lama do opróbrio sobre um espírito superior e ele acabou por cair na sua própria cabeça. Hoje ensinam-te a verdade defendida pelo sábio condenado, porque reconhecem a liberdade da tua inteligência e o homem já aprendeu mais um pouco a reconhecer a verdade onde ela se encontra.

Se amanhã julgares que alguém erra, não o condenes. Procura a sua razão, mostra-lhe as tuas. E aceita com alegria a vinda do teu amigo quando ele te mostra um erro teu. Recorda-te da vida de Galileu a quem os homens de seu tempo condenaram e os vindoiros encheram de justa glória.

MOCIDADE ESPIRITA

por José F. C. Lima

(À humilde e dinâmica «Mocidade Espirita Cristã de Cruzeiro, preito de admiração do Autor).

O geográfico perfil
Do nosso amado Brasil
Desenhando um coração,
E o estelífero cruzeiro
Em nosso céu, sobranceiro:
Falam de um mundo cristão!

Humberto já nos falou:
Que Jesus seleccionou
Por pátria da Boa-Nova
E coração do seu mundo
O vasto Brasil fecundo
E disso, aliás, se tem prova:

Sem «guerra de secessão»
A infância da escravidão
Fez-se pulcra liberdade;
Ao grito audaz do Ypiranga
Se partiu a velha canga:
negar tal glória — quem há-de?

Eis dois factos remarcantes,
Porém outros semelhantes
Fulguram em nossa história:
A demonstrar, claramente,
Que a alma da nossa gente
Vê só no amor sua glória!

Agora, é a mocidade
Que por amar a verdade,
Do norte ao sul do Brasil,
Vibrante, a cada momento,
Se articula em «Movimento
Espirita Juvenil»!

Com as luzes do Evangelho
Procura que o «homem velho»,
Cheio de orgulho e de egoismo
E de errados preconceitos,
Ponha em prática os perfeitos
Ditames do Cristianismo!

Empreza nobre e sincera:
Restaurar só visa a vera,
Sã Doutrina de Jesus.
— Que as doutrinas seculares
Encheram de erros palmares
Que o fanatismo produz!

Mocidade espiritista!
Vamos nós, pois, à conquista
Das almas para a verdade:
Ensinemo-las a amar
Depois de a mente ilustrar;
Criando a felicidade!

Eia! Jovem brasileiro!
Pela Pátria do Cruzeiro
Façamos que o Espiritismo,
Se difunda mais e mais,
Em preceitos fraternais
De luz, amor e altruismo!

Com nosso ardor juvenil,
Transformemos o Brasil,
Em pátria de amor e luz!
Que o nosso exemplo fecundo
Possa imitar-se no mundo
Para gáudio de Jesus!

AS QUATRO RÃS

Quatro rãs estavam sentadas num grosso tronco de lenha que flutuava na margem de um caudaloso rio. Uma onda furiosa arrastou o tronco até a metade do rio, donde a correnteza o levou com o curso das águas. Alvoroçaram-se as rãs pelo encanto de sua expedição e começaram a saltar sobre o tronco, porque jamais haviam navegado mar adentro. Passado um momento de silêncio, a primeira rã gritou:

— Que tronco mais estranho! Caminha como os seres viventes. Nunca vi ou ouvi falar de coisa parecida!

Segunda rã — Este tronco não caminha; move-se, minha amiga; e nada vejo de estranho nem curioso como o imaginaste. As águas do rio que correm para o mar, é que conduzem este tronco, que, por sua vez, nos conduz.

Terceira rã — Não! Estais equivocadas. É uma divagação! Nem o rio se move, nem o tronco. A verdade é que quem se move é o nosso pensamento dentro de nós mesmas, e é ele que nos faz crer no movimento dos corpos imóveis.

Discutiram largamente as três rãs sobre o que se movia em realidade, perturbando o silêncio do rio com os seus gritos e incessante coaxar.

Como não chegassem a acordo, pediram o laudo da quarta rã. Esta, que até então não havia dito a boca é minha, mas que as escutara com atenção, falou da seguinte maneira:

— Todas vós tendes razão, companheiras queridas, e nenhuma se equivocou em seu arrazoado. O movimento está ao mesmo tempo no rio, no tronco e em nossos pensamentos.

Esta fala não satisfez as três rãs

O Frade e o Salteador

por Gonçalo F. Francoso

Era uma vez um virtuoso frade que morava num ermo. Um dia chegou junto dele um salteador dos caminhos, que lhe disse:

— Vós rogais a Deus por todos; rogai-lhe que me tire deste mau ofício; senão hei-de matar-vos.

E, indo-se dali, tornava a fazer o mesmo que dantes.

E outra vez tornou a procurar o frade, dizendo:

— Vós não quereis rogar a Deus por mim? Pois hei-de matar-vos.

Tantas vezes fez isto, que uma veio determinado para matar o padre, o qual lhe pediu:

— Já que me queres matar, tiremos primeiro ambos uma laje que tenho sobre a sepultura onde hei-de ficar. Lançar-me-às, assim, lá dentro, sem muito trabalho.

O salteador concordou com a proposta do frade, e ambos foram erguer a laje. Porém, ao passo que o mau homem trabalhava quanto podia por erguê-la, assim o ermitão se esforçava para que ela não se erguesse. E, desta maneira, nunca mais a laje saía do seu lugar.

Atentou o salteador no caso e disse:

— Se vós não me ajudais, como posso eu erguê-la? Ainda que eu queira, da minha parte, não o consigo, pois vós fazeis, da vossa, com que não aproveite o que faço...

Antes que pasasse adiante, disse-lhe o bom frade:

— Vês irmão? Que me presta a mim rogar a Deus por ti, pedindo que te afaste do pecado e mau ofício que exerces, se tu não te queres afastar estás, mui de propósito, perseverando nele?

★

Perguntavam a um sujeito completamente crivado de dívidas:

— Que faz o senhor quando lhe apresentam uma letra à vista?

— Ora... fecho os olhos imediatamente.

---

em disputa, pois cada qual queria ter razão exclusiva.

Conta-se que, depois daquela fala, sucedeu, à quarta rã, coisa curiosa no reino «Dufdihi»: As três rãs fizeram a paz entre si e num conciliábulo executivo resolveram atirar a quarta rã ao rio.

E arrojaram-na à água.

Lição de Física

— Quem fez naquela serra um pico tão agudo?
— Eu já te disse, filha: é Deus que forma tudo.
Inda ontem de manhã
Andava um escultor o monte retocando.
— Mas eu da minha cama estive o contemplando
E nada vi, mamã.

— Não viste que poisou nos montes a neblina?
— Eu vi, mas o escultor?...—Estava lá, menina,
Na serra a trabalhar.
— Coberto pela névoa? — Andava muito à vista
E, por sinal até, aquela aguda crista
Esteve a arredondar.

— Que pena, minha mãe!—Para outro dia, filha,
Repara e então verás. Que grande maravilha!
As névoas de vapor
Que o Sol tirou do mar, nos píncaros poisando,
Lentas mudanças vão nas serras operando;
São elas o escultor!

António de Azevedo Castelo Branco
(«Lira Meridional»)

Parábola dos sete vimes

por Trindade Coelho

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os todos e disse-lhes:

— Filhos, já sei que não posso durar muito; mas, antes de morrer, quero que cada um de vós me vá buscar um vime seco e mo traga aqui.

— Eu também? — perguntou o mais pequeno, que tinha só quatro anos (o mais velho tinha vinte e cinco e era um rapaz muito reforçado e o mais valente da freguesia).

— Tu também! — respondeu o pai ao mais pequeno.

Sairam os sete filhos. Daí a pouco voltaram, trazendo cada um o seu vime seco.

O pai pegou no vime que trouxe o filho mais velho e entregou-o ao mais novinho, dizendo-lhe:

—Parte esse vime.

O pequeno partiu o vime e não lhe custou nada.

Depois, o pai entregou outro vime ao mesmo filho mais novo e disse-lhe:

— Agora, parte também esse!

O pequeno partiu-o; e partiu, um a um, todos os outros que o pai lhe foi entregando, e não lhe custou nada a parti-los todos. Partindo o último, o pai disse outra vez aos filhos:

— Agora, ide por outro vime e trazei-mo.

Os filhos tornaram a sair, e daí a pouco estavam outra vez ao pé o pai, cada um com o seu vime.

— Agora, dai-mos cá — disse o pai.

E dos vimes todos fez um feixe, atando-os com um vincilho (corda de palha). E, voltando-se para o filho mais velho, disse-lhe:

— Toma este feixe! Parte-o!

O filho empregou quanta força tinha, mas não foi capaz de partir o feixe.

— Não podes? — perguntou ele ao filho.

—Não, meu pai, não posso.

— E algum de vós é capaz de o partir? Experimentai.

Nenhum foi capaz de o partir, nem dois juntos, nem três, nem todos juntos.

— Meus filhos: o mais pequeno de vós partiu, sem lhe custar nada, todos os vimes, enquanto os partiu um por um; e o mais velho de vós não pôde parti-los todos juntos; nem vós, todos juntos, fostes capazes de partir o feixe. Pois bem, lembrai-vos disto e do que vos vou dizer: enquanto vós todos estiverdes unidos, como irmãos que sois, ninguém zombará de vós, nem vos fará mal, ou vencerá; mas, logo que vos separeis ou reine entre vós a desunião, facilmente sereis vencidos.

Acabou de dizer isto e morreu; e os filhos foram muito felizes, porque viveram sempre em boa irmandade, ajudando-se uns aos outros; e, como

Burro com pele de leão

por João Maria Ferreira

Velho burro miserando
fugiu um dia a um moleiro;
contente, alegre, zurrando,
mostrava que era sendeiro.

Liberto da cabeçada,
sedento de liberdade,
caminho além, de longada,
Crê voltar à mocidade.

Um prado todo verdura
matou-lhe a fome e também
um regato de água pura
saciou-lhe a sede bem.

Depois, de novo a correr,
sempre a zurrar de alegria,
a denso bosque foi ter.
Despontava um novo dia.

E nesse bosque encontrando
pele de leão morto já,
com ela se mascarando,
leão verdadeiro está.

Agora vereis, meninos,
todos eles sentem medo,
os grandes, os pequeninos,
pois não sabem seu enredo.

Porém o dono, o moleiro,
no bosque o vê e o conhece
pela orelha de sendeiro
que sob a pele aparece.

Logo, chegando-se a elé,
o vergasta, o chibateia
e lhe arranca a falsa pele
com que ele se pavoneia.

Tem medo o burro, coitado,
zurra baixinho chorando
o seu lombo desancado
e o tempo que andou brincando.

Esta fábula já velha
o embuste condena, pois,
e também vos aconselha
a serdes sempre quais sois.

★

A Madame Barnabé, dama tão pretenciosa como ignorante, foi apresentado um rapaz vindo do estrangeiro, onde andava a estudar.

— O meu amigo sr. Fulano, filho do antigo ministro de Estado sr. Beltrano, — disse o apresentante.

— É espantoso ! — observou a dama —. Tão novo e já é filho de um ministro !

---

não houve forças que os desunissem, também não houve forças que os vencessem.

(De «**Os Meus Amores**»)

A GAMELA

por Henrique O'Neill

Homem mui velho e já tonto,
Um filho casado e um neto
Debaixo do mesmo teto,
nos diz um conto,
Viviam.
Juntos, porém, não comiam:
O velho, pois que a tijela
Quebrava
E o caldo entornava,
Comia numa gamela
De pau e fora
Da mesa;
Com aspereza
Era tratado
Pelo filho, e pela nora
Desprezado.
Um dia, ao canto da casa,
Estando o neto entretido
(Era ainda pequenote),
Muito atento a ver se vaza
Com uma goiva e um serrote
Um pedaço de madeira,
Interrompido
Pelo pai foi, que indagou
O fim de tal brincadeira.
— «Aqui estou, —
Lhe responde o inocente —
A fazer uma gamela
Qual aquela
Em que come o meu avô,
Para meu pai comer nela,
Quando for velho e demente».
Acrescenta mais o conto:
Revirou
O Coração
Ao pai aquela lição :
Cuidadoso e respeitoso
Desde então
Tratou
Do velhinho tonto.

Filhos, quê não respeitais
Vossos pais,
Se algum dia vos couber
Filhos ter,
Como heis-de neles achar
Quem vos saiba respeitar?

De «Fabulário»

★

Não há coisas de que mais te devas recordar do que aquelas em que hajas errado, para nas mesmas não tornares a errar.

Vivés

★

Fala pouco e pensa muito
Não gastes verbo ilusório.
De palavras em palavras,
Caímos no purgatório.

Casimiro Cunha

A vida tem mil caminhos . . .

por Fernando Burlamaqui
(brasileiro)

Do mundo, nos torvelinhos,
sigamos de olhos abertos,
que a vida tem mil caminhos
de urzes e rosas cobertos.

E as dores são como espinhos...

Espalhai, almas bondosas,
espalhai pelos caminhos,
esperanças luminosas
nas almas dos pobresinhos.

E as esperanças são rosas...

A vida tem mil caminhos
com rumos vários e incertos,
muitos repletos de espinhos,
outros de rosas cobertos.

Olhai para os pobresinhos...

De grandes ou de pequenos,
do mundo, nos torvelinhos,
quantas mãos erguem acenos
pelos desvãos dos caminhos ?...

Soframos de olhos serenos...

Para as almas caridosas
há muita dor reflectida
por essas sendas tortuosas,
pelos caminhos da vida.

Vede bem, almas piedosas...

Pois se as fontes luminosas
do Amor, de braços abertos
seguirdes, nascerão rosas
mesmo em caminhos desertos.

E de espinhos fareis rosas...

Almas boas e formosas,
bemdizei vossos caminhos...
Quer sejam feitos de rosas,
quer sejam feitos de espinhos.

A vida tem mil caminhos...

Recife, Pernambuco

(Do livro em preparo «Luz Interior»)

★

BARNABÉ NO TRIBUNAL

— É solteiro, casado ou viuvo?
— Viuvo.
— E desde quando?
— Desde que minha mulher faleceu.

Manifestações no Leito da Morte

por António J. Martins

Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no África Equatorial Francesa

Por intermédio do nosso bom amigo António Joaquim Martins, Estudos Psíquicos *coloca mais uma pedra no xadrez de seus redactores-correspondentes nas várias partes do mundo. Pointe-Noire (Ponta Negra), na África Equatorial Francesa, foi a cidade escolhida e aquele confrade representará a revista nesta região africana, donde nos enviará colaboração e noticiário.*

O artigo que vai ler-se é preito de homenagem e fenómeno chocante contado por um homem de sensibilidade e grande coração, ao serviço do ideal espírita. É já conhecido dos leitores e por isso dispensa apresentação. Os trabalhos que publicou nestas colunas impuseram-no pela sinceridade e correcção, assim como as conferências que realizou no Centro Espiritualista Luz e Amor e sua filial de Santarém.

Temos a certeza de que António Martins desempenhará a sua missão com proveito para a Causa, escrevendo ou agindo no sentido de promover a expansão da nossa revista, como já começou a fazer, na realidade, angariando assinantes, aos quais enviámos os últimos números publicados.

Estudos Psíquicos *será a voz do mundo espírita repercutindo em todas as latitudes e por cima de todas as fronteiras, qual mensagem espiritual enviada ao mundo por seus redactores e representantes. António Martins será, pois, o arauto da África longínqua neste certame de nobre e elevada propaganda. A sua fé, a sua dedicação, o seu amor à Doutrina, o seu espírito de sacrifício e o desejo de proporcionar aos outros a tranquilidade e o bem-estar que encontrou no Espiritismo, levam-no a trabalhar constantemente na disseminação das Eternas Verdades que propagamos.*

ANTÓNIO J. MARTINS

Nesta conformidade, confiamos na sua acção benéfica, certos de que saberá colaborar eficientemente, carreando a sua pedra para o edifício e ocupando o seu lugar com decisão e firmeza de ânimo, como só os verdadeiros crentes sabem e podem fazer.

É preciso saber viver, para se morrer santamente. Saber viver implica a posse de virtudes que nem todos, infelizmente, possuem. Por isso poucos são os que têm uma morte santa. É que ela é reservada aos justos e àqueles que, impregnados de ideias superiores, levaram toda uma existência de abnegação e sacrifício.

Tal foi a vida e morte da excelsa senhora de quem, com a profunda veneração que nos merece a sua memória, vamos relatar a história. É um acontecimento verdadeiro, rigorosamente autêntico, conhecido e vivido em parte pelo autor destas linhas.

Merece a pena conhecê-lo, meditá-lo, porque, na sua simplicidade, traduz ensinamentos que a todos interessa conhecer. Ao espiritualista e ao materialista. Ao primeiro, mostrará as vantagens que pode recolher de uma existência dolorosa, repleta de obstáculos, de tristezas e dificuldades de toda a ordem, quando a alma compreende a necessidade de sobrepor-se à dor e aceita corajosa e resignadamente as provações da vida terráquea que dia a dia a vão depurando e enriquecendo, tornando-a cada vez mais bela, mais radiante e luminosa, a caminho dos mundos superiores. Ao segundo, mostrará mais uma vez que a vida se não encontra circunscrita ao ciclo terreno e que a imortalidade da

alma, tão nobremente proclamada pelo grande Sócrates, tem, no caso presente, a sua plena confirmação.

Passou-se ele na linda e risonha aldeia de Vila Nova de Tazem, onde viveu a que na Terra se chamou Maria do Carmo Borges Tavares, mãe da esposa de quem subscreve este artigo. Senhora de raras virtudes, que herdou de uma das melhores famílias que honraram com seu exemplo de vida sã e digna aquele lindo rincão da Beira, ali nasceu e cresceu esta bela alma de mulher destinada a não conhecer a felicidade terrena. Esposa adorada e mãe de 7 filhos, é com o coração despedaçado pela dor que, aos 45 anos de idade, assiste estoicamente à morte do marido. Perda cruel e cheia de consequências para o futuro daquela alma de escol a quem estavam reservadas novas provações com a perda duma filha, bela moça de 17 anos, apenas oito dias depois. Mas não devia ficar por aqui a cadeia de tristes acontecimentos que experimentaria a paciência e a resignação desta nobre alma de mulher. Passados alguns meses, vê a morte arrebatar-lhe outra filha em plena primavera da vida, apenas com 21 anos de idade. Tempos depois, nova desgraça a atinge. Terrível incêndio destroi-lhe algumas dependências da casa onde tanto amou e tanto padeceu. Vê animais domésticos desaparecerem na horrível voragem das chamas e o produto de anos de intensos sacrifícios reduzido a cinzas. A braços com tremendas dificuldades de ordem económica, encara de frente o dever que se impõe de lutar sòzinha. Não esquece que tem à sua guarda quatro filhas a quem deve assistência material e moral, e abnegadamente aceita a responsabilidade de situação tão difícil e dolorosa.

★

É nas situações difíceis que se revelam as qualidades da alma. O quilate da alma de quem venho contando a odisseia era de pura água, porque não deixou de brilhar intensamente ao contacto das maiores dificuldades que podem assaltar a coragem de uma mulher em luta com as intempéries da vida. A tudo resistiu a sua alma evoluida. A tudo fazia face com a serenidade própria dos que pairam acima das paixões e misérias desta vida. Nunca aquela alma se revoltou contra destino tão amargo. Nunca aquela boca se abriu para a censura. Dela só saíam palavras de paz, de perdão, de harmonia e amor, virtudes raras e dignas de espíritos superiores.

Como Jesus no *Jardim das Oliveiras*, também ela pedia a Deus, sua única esperança, que a não abandonasse. Recolhida em oração cada vez que as suas ocupações lho permitiam, era na prece que ia bebendo a coragem de que necessitava para enfrentar uma vida tão difícil. Era mergulhada na meditação e na prece que se revigorava, aurindo a energia necessária para levar a bom porto o pesado fardo da sua dolorosa existência. Sempre em comunicação com o Alto, sempre com o pensamento em Deus, de ideias nobres e sensatas e com o cunho do dever elevado a nortear-lhe a existência, assim foi vivendo aquela senhora que, ao morrer, deixou na sua terra o exemplo da encarnação das mais raras virtudes postas ao serviço de uma vida digna e sem mácula que lhe deve ter proporcionado no Além o acesso às esferas superiores.

Nos momentos de encanto espiritual que o autor destas linhas teve com ela, não se cansou de admirar o acerto das suas opiniões, a prudente e sensata apreciação das situações, o juizo equilibrado e a inesgotável fonte de recursos que o seu espírito encontrava, sempre que fosse necessário demonstrar o valor da existência no que ela tem de mais belo e levado, que é o amor do próximo, da vida com dignidade, de respeito, de amor e de espírito de sacrifício pela família. O esquecimento de si mesmo ao serviço destes princípios, representava para ela o único objectivo da vida.

Criada nos preceitos da religião católica e já com 74 anos de idade, ouvia sempre com prazer e com o espírito perfeitamente lúcido, as minhas divagações no campo da doutrina espirita. Estavam de acordo com os sublimes princípios da doutrina do Grande Crucificado, porque são a sua essência, expressa no amor de Deus e ao próximo, na fé raciocinada e na máxima célebre que nos ensina que «fora da caridade não há salvação», e tanto bastou para que encontrassem eco naquela alma pura e simples a quem o bem e o amor a Deus irresistìvelmente atraiam.

Acreditava e ouvia, embevecida, as minhas exposições filosóficas sobre o Além e a imortalidade da alma, e foi no curso de um destes momentos que me ocorreu apresentar a seguinte sugestão: desejaria encontrar quem concordasse em dar-me, se possível, uma prova da sobrevivência, ou a daria eu, se me estivesse destinado fazer a grande viagem primeiro. Olhou-me com simpatia e sorriu, sem responder. Não repeti a proposta que se revelava egoista e sintomática, atenta a diferença de idade que nos separava. Longe es-

tava eu de prever a sua desencarnação para data tão próxima. Teve a morte dos justos, inesperadamente, alguns meses depois.

★

A uma filha que a tinha auxiliado na *toilette* alguns instantes antes de morrer, pedira que a deixasse descansar. Sentia-se tão bem! Deitou-se feliz e adormeceu para acordar no Além, porque, passados momentos e sempre na mesma posição, a foram encontrar sem vida. Tinha-se extinguido sem dor, sem agonia, sem dar por isso, aquele ser que tanto sofrera na Terra. É que ela já se encontrava desmaterializada, purificada por tanto sofrimento e presa à matéria sòmente por ténue fio que se partiu suavemente, deixando que se evolasse uma das melhores almas que me foi dado conhecer na Terra.

Avisado por telegrama, deixei Lisboa ao cair da tarde, tendo alcançado Vila Nova de Tazem, de automóvel, às 11 horas da noite. Linda, porque sempre o fora, estava majestosamente bela no seu leito de morte. Velada por gente humilde da povoação, que assim queriam prestar homenagem àquela de quem só tinham recebido benefícios, ali nos quedámos, eu e minha esposa, até ao levantamento do corpo de quem já não podia ver-nos ou falar-nos com os orgãos físicos. E aqui começa uma das mais raras manifestações que é dado observar no leito mortuário. Por volta das duas horas da manhã, mergulhados em oração e rodeados do silêncio próprio da hora avançada e das circunstâncias, sente-se estranha e forte pancada dada por mão invisível na tampa da urna, fazendo convergir para ali o olhar de toda a assistência.

Não ligámos ao caso importância de maior, concentrados como estávamos e com o pensamento na querida morta, para quem se encaminhavam nossas fervorosas preces. Teria passado uma hora depois da primeira manifestação, quando, de novo, é chamada a nossa atenção para nova e mais forte pancada dada no mesmo lugar e que nos fez despertar para a realidade, trocando eu expressivo olhar com minha esposa, ao mesmo tempo que me acudia à lembrança a conversa havida com minha sogra que, sem dúvida, ali me estava dando prova real e insofismável da continuação da vida para além da morte. Prova incompreensível para a assistência que não sabia explicar a origem de tais pancadas, mas verdadeira e inconfundível para nós que lhe conhecíamos a razão e a origem.

A confirmar o meu pensamento, nova manifestação se deu, deixando toda a assistência sem saber a que atribuir tão estranho fenómeno. Não ficou, porém, aqui, a prova que estava recebendo. No momento em que se encontravam junto do leito mortuário da mãe duas das filhas cujas relações não eram das mais amistosas, não resistiram à atracção que sobre elas exerceu o espectáculo da querida mãe amortalhada e, num abraço significativo, selaram com ele uma paz que a querida morta tanto aconselhara. Então, novo e mais forte estampido se fez ouvir, fazendo com que as irmãs se entreolhassem impressionadas, levando o fenómeno que acabavam de presenciar à conta de aprovação por parte daquela que, em vida, só tinha ensinado os preceitos evangélicos da tolerância, da união e do perdão das ofensas.

Ó doutrina grandiosa e sublime! Ó almas virtuosas e evoluidas que, mesmo depois de transposta a enigmática fronteira da morte, vos sentis atraidas pelas manifestações terrenas da paz e da harmonia! Como deve ser grande o amor que guia vossos passos, bela e radiante a luz que vos ilumina o pensamento! Como nos sentimos pequenos diante de tanta grandeza moral e de tão elevada compreensão da vida superior!

Desejaria, em preito de homenagem, cantar-vos um hino de gratidão e louvor; mas, como disse o poeta, falta-me pincel, faltam-me cores e só me é possível fazê-lo através do pensamento, no qual podeis ler o sentimento que produz em minha alma o contacto de actos de tão puro altruismo. Por isso, não me cansarei de gritar: homem, meu irmão, onde quer que te encontres e seja qual for a classe a que pertenças e a religião que professes, se este artigo te for parar às mãos, medita na beleza dos ensinamentos que isto encerra e no que eles podem representar para a tua vida futura. Não acredites que a vida cesse com a morte do corpo. São aos milhares os testemunhos que atestam a certeza da sobrevivência do espírito. Dão-se todos os dias e em todos os lugares. Aí deixo um à tua apreciação, presenceado por muitas pessoas e rigorosamente autêntico. Sincero nas minhas afirmações, eu seria incapaz de mentir-te. A imortalidade da alma é um facto incontestável. Teu espírito viveu, vive e viverá eternamente. Consola-te com esta grande verdade e faze por viver a tua vida de acordo com os preceitos evangélicos, fonte inesgotável de vida e amor. Abre as portas do teu entendimento à moral cristã que iluminará tua alma, alçando-a às alturas máximas da espiritualidade.

UM CASO INTERESSANTE

O nosso confrade e amigo Américo de Oliveira Monteiro contou-nos um caso deveras interessante passado há muitos anos consigo próprio e que impressionou vivamente um médico já desencarnado. O pano de fundo ou cenário, como lhe queiram chamar, pertence à velha povoação de Cadaval, onde há 32 anos vivia o narrador da história.

Pois aí pelo S. João de 1916 ou 17, Américo Monteiro encontrava-se doentíssimo, sofrendo havia muito de pneumonia e flebite que a medicina não conseguia debelar, a pesar dos cuidados do Dr. Mário Pereira da Costa, clínico abalizado e conceituado na região, além de amigo do doente, com quem passava muitos serões. Este último impacientava-se às vezes e perguntava ao médico:

— Sr. doutor: então, quando me levanto?

— Não. Por enquanto, não. O caso é muito sério. É conveniente esperar mais algum tempo...

O doente perdia momentâneamente a esperança de recuperar a saude. Mais tarde, voltava a inquirir do facultativo e este dava a mesma resposta:

— O caso é muito sério. É conveniente esperar mais algum tempo...

★

No Cadaval havia um grupo familiar onde se praticava o Espiritismo. Faziam parte dele os senhores António Rodrigues dos Reis (médium psicógrafo), António Joaquim Correira (um dos fundadores do Centro Espiritualista Luz e Amor), António Júlio Monteiro e Américo de Oliveira Monteiro.

Farto de esperar instruções do médico no sentido de abandonar o leito, o enfermo pediu àqueles companheiros que fizessem uma sessão e perguntassem quando poderia levantar-se.

Reune-se o grupo. O médium Reis sente forte impulso no braço e começa a escrever automàticamente:

— Dentro de... quinze... a vinte dias... deve levantar-se.

A reunião efectuou-se em 24 de Junho e catorze dias depois (dia 8 de Julho) o médico declara que não era conveniente levantar-se tão cedo, para não inutilizar as melhoras obtidas, dando a entender que o caso estava demorado e exigia mais uns oito dias de repouso, devido à flebite e a pesar dos insistentes pedidos do doente, que já tinha conhecimento da sessão, mas que não o dava a perceber ao Dr. Mário Costa.

No dia seguinte (9 de Julho) às 5 horas da manhã, pouco mais ou menos, o médico é chamado por doente que residia num prédio ao lado daquele em que habitava Américo Monteiro. Por coincidência ou coisa que o valha, este lembrou-se de mandar abrir a janela do rés-do-chão, precisamente quando o médico passava na rua.

— Vai ali o Dr. Mário — disse ele à pessoa de família que o tratava. — Vá abrir a porta.

Esta pessoa dirigiu-se à porta e voltou, dizendo:

— Já o não vejo.

— Então, deixe ficar a porta aberta. Ele vai mandar-me levantar.

Decorrem alguns minutos. Ao sair da casa do vizinho, o Dr. Mário Costa viu a porta que tinham deixado aberta e entrou, cumprimentando e perguntando como estava o doente.

— Sinto-me bem — respondeu Américo Monteiro.

O médico pediu um lençol de linho usado e começou a rasgá-lo para fazer ligaduras. Manda sentar o doente na borda da cama, que assim permaneceu durante cinco dias. Ao vigésimo dia, o médico entrou e disse àquele nosso amigo, que já estava sentado:

— Pode levantar-se.

E ajudando o doente a dar alguns passos, sairam até à sala próxima, onde este último declarou ao facultativo:

— Já sabia que me mandaria levantar...

— Porquê?

— Porque o Espírito-guia do sr. Reis o tinha dito.

— Mas isso é extraordinário! — exclamou o médico, admirado com o que acabava de ouvir. — Efectivamente, não tencionava mandá-lo levantar tão cedo.

— É extraordinário, mas é verdade — rematou o doente.

★

De facto, tudo se passou conforme dizia a comunicação: «De quinze a vinte dias deve levantar-se». Ao décimo quinto dia, o enfer-

mo sentou-se na cama e ao vigésimo... levantou-se.

Isto confundiu o médico, que desatou a falar de Espiritismo e a narrar experiências realizadas pelo Dr. Martins Velho. E terminava, exclamando:

— Muitos colegas meus dizem que não acreditam. Eu acredito.

★

Américo Monteiro era católico, mas os grandes desgostos e a doença da primeira esposa fizeram-no ateu. Esta observou-lhe no leito mortuário:

— Tu é que foste o culpado de tudo isto!

Ele, então, foi à igreja e converteu-se novamente ao catolicismo.

Seu pai era espiritista do tempo de Aires Vaz Raposo e deixara em casa do filho «O Livro dos Espíritos» e «O Livro dos Médiuns», de Allan Kardec.

Américo Monteiro leu este último e ficou entusiasmado. E daí em diante começou a pensar a sério no Espiritismo. Já lá vão muitos anos... Já sucederam muitos factos... O mundo foi duas vezes abalado por convulsões sangrentas... Uns abandonaram antigas crenças, mercê de estudo e raciocínio... Outros mergulharam no pântano materialista...

Américo Monteiro continuou a olhar em frente, a perscrutar os mistérios do Além, a pôr em prática as belas máximas da nossa Doutrina, cheio de entusiasmo e de fé nos destinos da alma humana. Temo-lo visto sempre no mesmo posto de honra, frente ao trabalho e ao sacrifício, como quem se impôs um dever indeclinável. Onde há uma dificuldade, um transtorno, um obstáculo grande a transpor, aí está o Américo. E tem palavras animadoras para todas as circunstâncias. E diz que ao Espiritismo deve este estado de alma, esta serenidade perene...

★

Das pequenas coisas nascem as grandes. Uma identificação que se obtém em práticas espiritas vale às vezes mais do que cem palavras de mestre. «O Livro dos Médiuns» impressionou muito este nosso amigo. Mas o António Reis imprimiu-lhe na alma um sulco indelével.

E assim se firmam convicções que sobrevivem à destruição do corpo somático e acompanham o espírito na jornada dos séculos...

I. D. S.

"LUZ NO CAMINHO"
NA CRÍTICA DOS OUTROS...

Isidoro Duarte Santos, nosso distinto companheiro de ideal, Director da conhecida e apreciada revista *Estudos Psíquicos*, de Lisboa, é um dos mais notáveis escritores espiritas, ofertou-nos um exemplar da sua recente obra intitulada «Luz no Caminho».

Mas não foi apenas um exemplar, foi muito mais do que isso, — foi um verdadeiro tesouro espiritual que nos ofertou Isidoro Duarte Santos, pois nas suas 350 páginas podemos tirar tudo aquilo de que necessita o nosso espírito, ávido de consolo, de paz e de progresso na longa estrada da Perfeição.

Numa linguagem elevada mas acessível a todas as inteligências, linguagem que fala à alma das coisas mais belas do reino de Deus, o autor esmiuça com perícia o Evangelho, tirando da letra o espírito que vivifica. Desde a primeira à última página, a leitura deste tesouro espiritual, dádiva de Deus, absorve a atenção e cremos que não há quem possa deixar de sentir e compreender as verdades ali escritas.

Admiramos todas as produçõs de Isidoro Duarte Santos, porque elas são realmente substanciosas e oportunas, mas ele que nos permita colocar na vanguarda das mesmas «Luz no Caminho», um livro que com o maior prazer recomendamos aos nossos prezados leitores.

É um livro realmente bom e que oferece matéria para ser lida nas sessões espiritas, sempre que se deseje estudar o fundo moral dum trecho evangélico.

Agradecemos ao autor a oferta do volume.

(Da *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo).

LUZ NO CAMINHO, «páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo», da autoria de Isidoro Duarte Santos, é livro-coração, há tanto esperado por prometido, como esperados estão sendo, ansiosamente, outros, dessa esplêndida árvore de bons frutos, que é a *Estudos Psíquicos Editora*, de Lisboa.

Luz no Caminho é um cofre de joias do espírito para o espírito dos que têm coração. Por isso mesmo o autor o dedica à humanidade sofredora, essa humanidade tão mais sofredora por falta precisamente de evangelização, mas de evangelização realmente cristã, à luz, portanto, do Espiritismo, nos nossos dias, a Doutrina que mais alto ergueu o véu da Verdade, por seu sistema filosófico, o melhor enquadrado de quantos outros nos limites mais perfeitos da filosofia definida: MOSTRAR AOS HOMENS O CAMINHO DA FELICIDADE.

Luz no Caminho, não nos apresentando uma exegese integral do Novo Testamento, nem a isto se propôs, dá-nos, todavia, 81 estudos em que o autor explica o sentido do texto escriturístico, sentido moral, de nada menos de 28 passagens do Evangelho de Mateus, 10 do de Marcos, cerca de 30 do de Lucas e 10 de João, bem como algumas Epistolas de Paulo.

Como Kardec no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, sòmente o aspecto moral da Doutrina do Cristo se apresenta objectivo neste esplêndido livro de quase 350 páginas. Não há, pois, no trabalho ora oferecido por Isidoro Duarte Santos, o companheiro de lutas espiriticas de além-Atlântico, tão eficiente e devotado, nada que separe os homens e, muito menos, os cristãos. É um livro-sentimento que busca encher de es-

LÁZARO LUÍS ZAMENHOF

(O CRIADOR DO ESPERANTO)

por José Peres Fontenelle
(Representante de «Estudos Psíquicos» em Goiânia)

A Vida, em sua constante progressividade, em sua contínua evolução para o Infinito, apresenta-nos inúmeros e importantes acontecimentos, muitos dos quais foram, e continuam a ser, em detrimento do nosso progresso, deturpados, criticados e combatidos, em vista da cegueira proposital ou simples ignorância, resultante do atraso espiritual em que ainda nos encontramos.

Nesse ritmo frequente, civilizações inteiras se formaram neste plano, aqui tiveram suas alegrias e esperanças, suas dores e ilusões, desaparecendo em seguida, para depois, como por encanto, renascerem, renovarem-se e de novo continuarem a jornada...

Assim, pois, não só nos legou o homem o resultado de seus erros, como também o sagrado e valioso património de suas mais alevantadas conquistas.

... ...

Prosseguindo naturalmente a sucessão desse Plano Divino, na segunda metade do século passado, baixa em nosso meio mais um Enviado de Deus, com a sublime missão de propagar o ESPERANTO. Chamou-se este missionário Lázaro Luís Zamenhof e nasceu a 15 de Dezembro de 1859, em Bielostok, Lituânia.

A luta planetária é sempre áspera e ingrata para todos. Mas, para os grandes artífices, esse labor parece que se reveste de mais responsabilidades; e obstáculos sem conta, quase intransponíveis, apresentam-se para serem transpostos. Não dispondo de recurso algum para iniciar-se na vida e mais tarde no cumprimento do nobre ministério que Deus lhe confiara, Zamenhof via ainda com tristeza sua terra natal sob o jugo do imperialismo russo, que retirava aos filhos os mais simples direitos de cidadania, vale dizer de liberdade.

O genial autor do Esperanto vê em tudo aquilo a intolerância e a discórdia reinando entre irmãos, oriunda, na sua maioria, da divergência linguística. Tal situação, longe de constituir uma oportunidade de fracasso para o seu trabalho, foi mais um motivo para que se apoderasse mais fortemente de seu espírito a certeza de realizá-lo.

Não se detém, portanto. Põe-se à lida, guiado pela luz superior do seu idealismo. Contra si ergue-se o mundo com seus «doutores», sempre arrogantes, teimosos, e, o que é mais pitoresco, imbuidos do pensamento de estarem de posse de todos os conhecimentos.

Tem de enfrentar mais uma série de dificuldades; não fosse a sua constante fé em Deus, teria desanimado e feito retardar o advento da obra, tal como acontecera a Johann Martin Schleyer (autor do Volapuk), Leibniz, Descartes e outros eminentes precursores da ideia. Durante os 57 anos de sua existência terrena, empreendeu aquele Missionário um trabalho de consideráveis proporções.

E que surpreza! Antes mesmo de completar dezanove anos, dá o jovem médico por concluída sua tarefa!

Em 1906, a revista «Lingvo Internacio» publica uma longa carta sua, respondendo a N. Borovko, que lhe pedia então informações sobre a língua que acabava de criar e como pôde conceber tal revelação, pois a estrutura da mesma apresentava-se tão bem elaborada, que só um «milagre» podia explicar o fenómeno. Zamenhof responde-lhe mais ou menos nos seguintes termos:

> ... Ser-me-ia dificil contar-lhe tudo minuciosamente, porque de muita coisa eu mesmo já me não lembro; a ideia, a cuja realização dediquei toda a minha vida, apareceu-me — é muito ridículo dizê-lo! — na mais tenra infância e desde esse tempo nunca mais me deixou; vivi com ela e até não me posso imaginar sem ela. Esta circunstância esclarecer-lhe-á em parte porque trabalhei sempre com tanta obstinação nesse sentido e, a pesar de todas as dificuldades e amarguras, não abandonei a ideia, como fizeram muitos outros que trabalharam no mesmo campo.

Continuando a narração, esclarece em outro tópico:

> Um dia, quando eu estava na 6.ª ou 7.ª classe do ginásio, por acaso prestei atenção à placa «Shveicarskaia» (cervejaria), que eu já tinha visto muitas vezes, e, depois, em um anúncio dependurado, «Konditorskaia» (confeitaria). Este — skaia (— aria) começou a interessar-me, mostrou-me que os sufixos dão possibilidade de formar de uma muitas palavras, que não se terá necessidade de aprender individualmente. Este pensamento tomou posse de mim todo e, de sú-

---

peranças o coração sofredor, não com o prometer absurdos, mas tão só com o explicar as causas naturais das aflições e os meios igualmente naturais de as evitar e vencer.

Sendo, destarte, um livro de pura moral, que caberá à crítica, de facto, dizer do mérito do trabalho? Nada. O livro é de Moral, moral que, embora designada como CRISTÃ, é UMA, qual a Verdade.

Parabéns ao estimado Autor.

(Do semanário *Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro).

bito, senti o chão sob os pés. Sobre os pavorosos dicionários gigantescos caía um raio de luz e eles começaram ràpidamente a diminuir diante dos meus olhos. O problema está resolvido! Agarrei-me à ideia dos sufixos e comecei a trabalhar muito nessa direcção. Compreendi a grande significação que poderia ter, para a linguagem consciente criada, o pleno uso dessa força, que nas línguas naturais só em parte, às cegas, irregular e incompletamente, produz seus efeitos.

... ...

... A mecânica da língua estava diante de mim, como que na palma da minha mão. Comecei então a trabalhar com regularidade, com amor e com esperança. Pouco depois, tinha eu escrito a gramática toda e um pequeno dicionário...

... ...

Foi no Primeiro Congresso Universal de Esperanto realizado em 1905 na cidade francesa de Boulogne-Sur-Mer, que Zamenhof, ante a admiração de uma culta assistência, fez o seu primeiro discurso. Conta nessa ocasião 46 anos de idade. É a primeira vez que fala pùblicamente a uma numerosa assembleia, ansiosa e interessada por conhecer o mecanismo do novo idioma. Nesta solenidade acham-se presentes esperantistas de quase todos os pontos do Globo. O interesse é geral. Abrindo o importante congresso, Zamenhof principia a sua oração:

Eu vos saúdo, caros co-idealistas, irmãos e irmãs da grande família humana mundial, vindos de terras próximas ou longínquas, dos reinos mais diferentes do mundo, para apertarem-se fraternalmente as mãos, em nome de uma grande ideia que nos liga a todos.

Eu vos saúdo, também, gloriosa terra de França e bela cidade de Boulogne-Sur-Mer, que bondosamente oferecestes hospitalidade ao nosso congresso. Expresso igualmente cordial reconhecimento a todas as pessoas e instituições que em Paris, por ocasião da minha passagem por aquela gloriosa cidade, se serviram do meu endereço para manifestar seu favor à causa do Esperanto, ao sr. ministro da Instrução Pública, à Municipalidade de Paris, à Liga Francesa de Instrução e a muitas personalidades eminentes das ciências.

Santo é para nós o dia de hoje. Modesta é a nossa reunião; o mundo externo não sabe muito a seu respeito e as palavras pronunciadas em nossa assembleia não voarão pelo telégrafo a todas as cidades e aldeias do Globo; não se reunem estadistas nem ministros para mudar a carta política do mundo, não brilham vestes sumptuosas nem brasões altivos e imponentes em nossa sala, não salvam canhões em torno desta casa modesta em que nos encontramos. Mas, pelo ar do nosso salão voam sons misteriosos, sons baixinhos, que o ouvido não percebe, mas que toda a alma sensível sente; sons de algo grandioso que está nascendo agora.

Pelo ar voam fantasmas misteriosos; os olhos não os vêem, mas a alma os sente; são imagens de um tempo futuro, de um tempo inteiramente novo. Esses fantasmas voam para o mundo, tomam corpo e tornam-se poderosos, e os nossos filhos e netos os verão, os sentirão e os aproveitarão. Na mais remota antiguidade, a família humana dispersou-se e seus componentes deixaram de compreender-se uns aos outros. Irmãos, criados por um mesmo modelo, irmãos que tinham iguais ideias e um Deus igual em seus corações, irmãos que deveriam auxiliar-se uns aos outros e trabalhar juntos para felicidade e glória de sua família — esses irmãos se tornaram mùtuamente estranhos, separaram-se, aparentemente, para sempre, em grupinhos inimigos, e entre eles iniciou-se uma guerra eterna.

... ...

Profetas e poetas sonhavam com longínquo e nebuloso tempo, no qual os homens de novo começariam a compreerder-se recìprocamente e de novo se uniriam em uma família; mas isso era apenas devaneio. Falava-se disso qual de doce fantasia, mas ninguém o levava a sério, ninguém cria nisso.

Agora, pela primeira vez, esse sonho milenário começa a realizar-se.

... ...

Um ano mais tarde, no Segundo Congresso de Esperanto realizado em Genebra (Suiça)), Zamenhof fala pela segunda vez.

... ...

★

Foi dado ao Esperanto, com muito acerto, qualificativo de «língua neutra», «artificial» e «internacional», e que tem propiciado aos ignorantes, aos supostos «sábios», descabidas oportunidades para comentários, críticas, dúvidas e zombarias de toda a espécie, supondo estes, talvez, que se trate de uma infundada suposição do autor material. Os factos, porém, têm-se encarregado de desmentir tal «suposição». E hoje é uma verdade que se define e se consolida por atitudes distintas, decididas, praticada por governos e sociedades científicas de reconhecida idoneidade cultural, nos mais diferentes e civilizados países do mundo. Os atributos em questão, agora, como nunca, se confirmam, pràticamente, nos dois planos da vida universal. As constantes e irrefutáveis comunicações, que nesse sentido nos transmitem os Espíritos Superiores, encarregados de sua difusão entre nós; a sua incontestável vulgarização, que dia a dia ganha terreno, constituem provas indiscutíveis que fortalecem e definem, em carácter irrevogável, a feição inteiramente providencial de que se reveste o Esperanto. A demais, segundo nos diz o seu realizador, não tem o Esperanto «a pretensão de destruir e combater a hegemonia da língua materna», o que, conforme podemos observar, não se verifica — sem absurdas excepções — na chamada Babel das línguas, que tem trazido às sociedades os mais degradantes acontecimentos, concorrendo para que uns se julguem em plano superior, com plenos direitos de domínio, quer escravizando e massacrando famílias inteiras, quer destruindo as suas mais caras tradições.

É Zamenhof quem nos relata a seguinte cena:

... Quando criança, na cidade de Bielostok,

eu contemplava com mágoa extrema o alheamento recíproco que divide os filhos da mesma terra e da mesma cidade e, então, fantasiava que se passaria certo número de anos e tudo aquilo melhoraria. E passou, efectivamente, certo número de anos; mas, em vez de meus belos devaneios, tive de ver a mais tremenda realidade: nas ruas de minha infeliz cidade natal, homens selvagens se lançavam com machados e vergas de ferro, quais feras enfurecidas, contra habitantes pacíficos, cuja única culpa consistia em falarem outra língua e terem outra religião gentílica, que não a dos atacantes. Por isso, quebravam-se crânios e vazavam-se olhos de homens e mulheres, de velhos caducos e de crianças indefesas!

... ...

O homem do passado e o do presente, não obstante o progresso atingido, até hoje não conseguiram entender-se.

A multiplicidade linguística os tem dividido e confundido, gerando guerras e inimizades que se transmitem por sucessivas gerações.

E o Esperanto, como elemento portador de inesgotáveis recursos no sentido de fazer reinar a *compreensão recíproca*, surgiu no momento oportuno, para, ao lado do Espiritismo Cristão, implantar a Fraternidade no seio da família universal.

Solucionado que seja o angustioso problema da «confusão dialética», naturalmente surgirá o entendimento alternativo, cabendo ao Espiritismo — que é a palavra de esclarecimento e de salvação do Pai Celestial à Humanidade — reconstituir a paz e a fraternidade no planeta, facilitando indubitàvelmente a *renovação social*.

Abramos um parêntesis, passando a palavra a Allan Kardec, que discorrerá melhor acerca da finalidade *social* do Espiritismo. Diz ele:

> ... Não é o Espiritismo que cria a renovação social, mas a madureza da humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por sua potência moralizadora, por suas tendências progressistas, pela amplitude das suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo está, mais do que qualquer outra doutrina, apto para secundar o movimento regenerador, por isso que é seu contemporâneo. Veio no momento que podia ser útil, portanto, também para ele são chegados os tempos; antes, teria encontrado obstáculos invencíveis; haveria inevitàvelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que possuiam, não sentiam ainda necessidade daquilo que ele lhes traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, cansados da dúvida e da incredulidade, aterrorizados com o abismo cavado diante de si, acolhem-no como supremo consolo e qual âncora de salvação.

O Esperanto veio também no instante oportuno. Tanto que as primeiras tentativas feitas na intenção de se criar um «idioma internacional», fracassaram.

Quando, por desconhecer totalmente o conteúdo, se deixa de aceitar ou praticar esta ou aquela regra, este ou aquele princípio, cujas edificantes qualidades se encontrem definitivamente atestadas e aceitas, não existe, por assim dizer, culpa ou compromisso algum. Mas, quando lhes conhecemos os fundamentos e muito mais sua utilidade; quando sabemos que a prática de tal ensinamento proporciona incalculáveis benefícios ao nosso próximo e nós, por egoísmo ou desinteresse, por desleixo ou comodismo, não lhe dispensamos a mínima atenção, podemos, com segurança, aguardar o «resultado» dessa atitude, pois a lei de *causa e efeito* nos esclarece mais pràticamente o assunto.

Particularmente, em se falando do espírita, que tem ao seu lado pesadas responsabilidades, não só no que se refere à Doutrina — cultivando-a e exemplificando-a — como ainda no que se relaciona com o estudo e divulgação do Esperanto.

Podemos afirmar que não se pode admitir mesmo a ideia de «espiritualismo racional e consciente» — sem o elevado conceito do Esperanto.

GOIÂNIA, Estado de Goiaz, Brasil - Janeiro 1948.

NOTA — As transcrições contidas no presente trabalho apenas foram reproduzidas em parte, em virtude de serem muito extensas.

O ESPIRITISMO EM CRUZEIRO

De 25 de Abril a 2 de Maio último, o Centro Espírita Vicente de Paulo da cidade brasileira de Cruzeiro patrocinou a 3.ª Semana Espírita Cristã enquadrada nas comemorações centenárias do Espiritismo e que, sem dúvida, constituiu excelente propaganda em que fraternalmente comungaram muitas agremiações espíritas do Estado paulista, entre elas, o Centro Guiomar Medeiros, a Mocidade Espírita Cristã de Cruzeiro, o Centro Vicente de Paulo, o Centro Discípulos de Allan Kardec, o Centro João Baptista, o Centro Espírita Agostinho e o Sanatório Jesus, de que é secretário José Zácaro Neto, nosso estimado representante naquela cidade. Foram desenvolvidos os seguintes temas:

«Jesus é o pão da vida», «O serviço do Cristo exige abnegação». «O sinal de Jonas», «Jesus anda sobre o mar», «Ressurreição de Lázaro» e «Amem a Deus e ao próximo». A direcção dos trabalhos esteve a cargo de Antenor de Sousa, Benedito Abreu, Adjovanes de Aguiar, Leonardo Esteves, Odete A. de Sousa, Lzaro Costa e Weigner Teixeira.

A Mocidade Espírita Cristã *amenizou o grande acontecimento com recitais magníficos que deixaram nos caravaneiros a mais agradável impressão. O* Centro Espírita Vicente de Paulo *foi um belo patrono onde se realizaram memoráveis sessões nocturnas, cheias de vibração e interesse.*

Estes acontecimentos são decisivos para a marcha do Espiritismo. As almas confraternizam e fortalecem-se ao calor da fé que leva o homem a grandes cometimentos.

Na página 176 publicamos uma bela poesia de José F. C. Lima, intitulado «Mocidade Espírita», que o autor dedicou à Mocidade Espírita Cristã de Cruzeiro.

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXIV

O Senhor ouviu pacientemente estas interrogações e respondeu:

— OEvangelho não vem ao mundo para transformar os homens em desgraçados mendigos. No mundo há os que entesouram na terra, e os que entesouram no céu. Os primeiros ficam ligados a numerosas existências futuras, porque escondem as suas altas possibilidades nos cofres do egoísmo e da ambição, e, quando aparentemente se mostram generosos, é para se livrarem de presenças que se lhes tornem repugnantes. Julgam «ter ganhado a sua vida, mas perdê-la-ão». Os outros entrelaçam as suas existências com as dos pobres, as de seus servos, constituindo assim uma segunda família. Estes são os mordomos fieis que sabem fazer bom uso do sagrado depósito que meu Pai lhes confiou, e será grande a sua recompensa no Reino dos Céus.

Os discípulos ouviram com profunda atenção as palavras do Mestre Amado.

André, tomando a palavra, afirmou:

— Bem-aventurados os que repartem com os pobres seus bens, e também aqueles que, conhecedores de que o mundo é um grande necessitado, sabem assim servir a Deus com as riquezas que lhes foram confiadas...

Regresando Zaqueu, mandou servir uma lauta seia ao Senhor e a seus discípulos, tendo aquele partido e abençoado o pão e partilhado da alegria geral.

O chefe publicano, impulsionado por um grande júbilo, apresentou-lhes seus filhos e ordenou a todos os seus servos que festejassem aquela noite tão memorável para o seu coração.

Nos terraços e amplos jardins da casa, crianças, mulheres e velhos cantavam hinos de cariciosa ventura, enquanto outros tocavam flautas e outros instrumentos, enchendo o ambiente de harmonias.

Então Jesus, pousando enternecido seus olhos sobre Zaqueu, pronunciou docemente as inesquecíveis palavras:

— «Bem-aventurado sejas tu, servo bom e fiel».

A seguir, contou-lhes a seguinte parábola:

«Um homem, ao ausentar-se para longe, chamou seus servos e entregou-lhes os seus bens. E deu a um cinco talentos e a outro dois, e ainda a um terceiro deu um, a cada um segundo a sua capacidade, e partiu logo. O que recebeu cinco talentos, foi-se e entrou a negociar com eles, tendo ganho outros cinco. Da mesma sorte também o que recebera dois, ganhou outros dois. Mas o que havia recebido um, indo-se com ele, cavou na terra e escondeu ali o dinheiro de seu senhor. E, passado muito tempo, veio o Senhor daqueles servos e chamou-os a contas. Chegando-se a ele o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhes outros cinco, dizendo: «Senhor, Tu me entregaste cinco talentos; eis aqui tens mais outros cinco que lucrei». Seu Senhor lhe disse: «Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas coisas pequenas, dar-te-ei a intendência das grandes; entra no gozo de teu Senhor». E, chegando também o que tinha recebido um talento, disse: «Senhor sei que és um homem de rija condição, segas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste; e temendo, me fui e escondi o teu talento na terra; eis aqui tens o que é teu».

E respondendo o Senhor lhe disse:

— Servo mau e preguiçoso, sabias que sego onde não semeio, e que recolho onde não tenho espalhado; devias logo ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e vindo eu, teria recebido certamente com juros, o que era meu. Tirai-lhe pois o talento e dai-o ao que tem dez; porque a todo o que já tem. dar-se-lhe-á e terá em abundância; e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem.

Filipe, que escutava muito atento as palavras do Mestre, disse:

— Senhor, explica-nos o sentido desta parábola.

Respondeu o Senhor:

— Todos somos filhos de Deus. O Pai reparte com todos igualmente os seus dons; a uns dá mais, a outros dá menos, sempre de acordo com as suas capacidades. Alguns recebem dinheiro, outros a sabedoria, outros os dons espirituais e ainda outros todas estas

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

CIÊNCIA DIVINA — pelo Espirito de *Jaime Braga*, recebida psicográficamente pelo medium *Dr. Porto Carreiro Neto*. Ed. da F. E. B. 1.ª ed. 1947. 268 págs.

Contrapondo-se à tese central do autor da «Grande Síntese», o espírito de *Jaime Braga*, através da mediunidade de Porto Carreiro Neto, dá-nos nesta obra uma síntese deveras sugestiva, lògicamente encadeada, em que, duma crítica do conceito do *Nada*, atinge Deus.

O *Nada* não existe, porque, se existisse, já era alguma coisa, a não ser que queiramos, parafraseando Lao-Tseu, considerá-lo como um aspecto do próprio Deus: — Ele é o Tudo, porque se o não fosse, havia algo que não era Deus e... Deus não seria Deus; e é também o *Nada*, porque, se o não fosse... cair-se-ia na negação de Deus, de novo. Mas se o *Nada* não existe, a especulação do filósofo chinês significa a fusão em Deus de todas as antinomias.

Jaime Braga defende, porém, uma tese divergente do energetismo moderno, considerando matéria e energia como coexistentes e não esta como origem daquela. É profunda a sua análise da incapacidade humana de transcender limites e aguda a sua invectiva contra a atitude de demasiada permanência no campo do «como», sem investigar, no verdadeiro sentido, o «porquê» e «para quê». Isto não o impede de cair num outro extremo: preocupar-se fundamentalmente com a causa sem nos aclarar como desta proveio o Tudo, dando por vezes à sua exposição um tom de abstracção tão desprendida, que nos dá a aparência dum jogo hábil de conceitos.

Foi pena que o Autor, quando se debruçou sobre o problema do espaço-tempo, o tenha feito para criticar os conceitos estreitamente ligados ao dado fenoménico. Era-lhe mais fácil, sem dúvida, não só em si como em relação à finalidade; mas numa filosofia matemática poder-se-á induzir um espaço-tempo onde até o seu Foco-Causa estará condicionado. A págs. 199 diz o autor: — «... não nos seria difícil conceber que essa Fonte possuisse o mínimo de matéria «nuclear» (digamos assim) e o máximo de energia «electrónica», o que lhe daria o poder supremo, e não igualável, de emitir partículas, que lhe são simples derivações». Mas... basta a coexistência desse máximo e desse mínimo para que haja espaço; se eles estivessem fundidos, constituindo Um, então, sim, não seria em espaço nem se poderia medir em termos de tempo. Se há uma ordem de coexistências não redutíveis, há espaço e permanecemos nos domínios do tempo, nos princípios do tempo.

Admitamos agora esse mínimo material com esse máximo energético. Não serão eles sinónimos de «infinitésimo» e de «infinitamente grande»?

Se o não são, o que está antes desse mínimo e desse máximo e que são eles, realmente? Dir-me-á o Autor que não me é lícito inquirir dum *antes*. Se o faço, porém, é por procurar um *antes* não referido a espaço-tempo estreitamente físico e por o poder fazer, quando, num monismo evolucionista energetista, inquiro da Unidade de que Energia e Ideia são aspectos existenciais da sua essência a-temporal, a-espacial. (Note-se, ainda, que do mínimo vão surgindo tipos pela força de diferenciação do máximo energético). Ora. este máximo é necessàriamente imaterial, absolutamente sem suporte material, porque, se o não fosse, teríamos o número material transformado num máximo. Em que nos afastámos da Energia primeva do energetismo? Apenas pela afirmação da coexistência do tal mínimo material na origem. Escapa-nos, porém, o que seja esse mínimo e não vemos em que ele ressalve a incapacidade da teoria energética para explicar totalmente o como da transformação de energia em matéria. *Jaime Braga* também não aclara em profundidade a diferenciação do «máximo» energético e o como ele «cria os vários tipos de matéria». (Note-se que não considero um energetismo ostwaldiano, mas um conceito muito próximo do de Ubaldi).

Sem dúvida, há no trabalho de *Jaime Braga* muitos pontos para ponderação mais demorada, mas notamos que o autor perde firmeza no instante em que quer passar da análise crítica das insuficiências e do campo duma filosofia científica para o plano da pura metafísica, principalmente se o olharmos à luz da revivescência metafísica moderna. Convenho, porém, que o espaço de 250 págs. é demasiado apertado para a exposição completa duma teoria.

---

dádivas reunidas. De modo que um tem cinco talentos, outros dois e outro um, segundo seu grau de espiritualidade. Não há privilégios nem exclusões para o Pai Celeste, que faz levantar o seu Sol sobre os bons e os maus, e descer suas chuvas sobre as searas dos justos e dos injustos, mas Ele quer que essas graças sejam cultivadas por todos. Os que obedecem aos Seus preceitos, têm o mérito de suas obras; os que desobedecem, o demérito, sendo responsáveis pela falta de observância de seus sagrados deveres. Aqueles que recebem a palavra de Deus e ainda os dons materiais e espirituais, e os aplicam em proveito próprio e de seus irmãos, com o fim especial de os ajudar, suavizando as suas agruras e provendo as suas necessidades, trabalhando assim na seara do Pai, são os que receberam os cinco e os dois talentos, tendo produzido abundantes frutos de Amor. Quando chamados ao ajuste de contas, serão chamados servos bons e diligentes, e lhes serão confiadas maiores possibilidades, mais altas missões. Aqueles, porém, que receberam a Palavra Divina e o dons espirituais, e não só os não observam, como ainda deles fazem mau uso, induzindo em erro os seus semelhantes, são os que enterraram o talento que lhe tinha sido confiado. A este, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem.

Notas & Comentários

«LUZ NO CAMINHO»

Na *Voz do Congresso*, órgão das reuniões preparatórias do 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil que nos tem sido gentilmente enviado pelo nosso correspondente, colaborador e amigo J. B. Chagas e em que se relatam os trabalhos das várias comissões encarregadas de organizar a maior reunião de juventudes espiritas que ainda se organizou em qualquer parte do mundo, lemos uma notícia inesperada que muito nos sensibilizou. O livro «Luz no Caminho», da autoria do nosso Director, foi considerado *Livro do Congressista* e como tal sorteado durante a 8.ª Reunião Preparatória e coube ao Congressista Paulo José Alves, da Juventude Espirita «Prece aos Sofredores», de Bangú, que pediu a dedicatória à senhorinha Ceny Vieira, da Juventude Espirita «Seara de Jesus», de Nilópolis, e a assinatura de todos os membros da Mesa.

Na 7.ª reunião preparatória fôra sorteado o «Têm Razão?» do Dr. Inácio Ferreira, nosso redactor-correspondente em Uberaba, e na 8.ª o «Para o Alto», do Prof. Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguassú.

Também em Cruzeiro o nosso representante José Zácaro Neto editou uma folha volante muito sugestiva, com a apreciação de Ramos Pereira a «Luz no Caminho», folha que foi distribuida profusamente.

A todos estes amigos aqui deixamos o nosso agradecimento.

«ASSISTÊNCIA PSÍQUICA»

A propósito do artigo que no último número publicámos sob o título de «Asistência Psíquica», recebemos algumas cartas de aplauso e incitamento, cumprindo-nos salientar a de Manuel Gomes da Costa Cardoso, de Caldas da Rainha, e a de José Francisco Cabrita. A do primeiro diz, entre outras coisas, o seguinte:

«Óptimo. Vamos trabalhar. Os médicos para tratar aparecem. Tudo vem a seu tempo. É uma obra de caridade de grande vulto. O que é preciso é lançar a semente à terra para germinar. E ela dará bons e valiosos frutos».

Da segunda, extraimos estes parágrafos:

«Apresso-me a aplaudir o seu artigo «Assistência Psíquica», reforçado a páginas 152 pela interessante mensagem de Reper-Siam. É assim mesmo: se conseguirmos criar aquela Casa de Saude ou uma clínica de Assistência Psíquica para os muitos casos que aponta e que todos nós conhecemos, então é que daremos às doutrinas espiritas e às manifestações invisíveis a aplicação prática que lhes devemos dar no campo social e espiritualista-cristão.

«Há dois anos fizemos conferências focando aquele tema, e não sei se uma delas no Centro Luz e Amor (se não fiz, posso fazê-la), em que advogava a fundação de um Instituto de Cura pelo Espirito. Felizmente, há uma possibilidade na Lei que regula o exercício da medicina. O que precisamos é que a deixem pôr em execução. Mas se *Estudos Psíquicos* continuar a tratar deste caso com o brilhantismo da dialética que o meu Amigo usa, é quase certo que conseguiremos triunfar, para bem dos nossos irmãos sofredores».

Agitaremos a questão em números subsequentes. É necessário firmar e consolidar os alicerces da nossa doutrina e nada melhor do que uma obra de assistência social atestará a elevação e pureza dos ideais que pregamos e divulgamos.

INSTITUIÇÃO MODELAR

Há no Brasil muitas agremiações espiritas de elevado significado moral e social que se impõem fàcilmente pela sua acção meritória. Está neste caso a *União dos Discípulos de Jesus*, instituição de assistência social que em 21 de Abril de 1943 realizou a primeira reunião com nove associados e hoje (cinco anos decorridos) conta 18.350.

Mantém o Hospital Espirita de Niteroi, dirigido pelo Dr. Alayde R. Pinheiro, o Hospital de Clínicas Allan Kardec (no Rio de Janeiro), dirigido pelo Dr. Teixeira Filho, e o Laboratório de Análises Clínicas (no Rio de Janeiro), dirigido pelo Dr. Ivan Santiago.

O Hospital Allan Kardec já atendeu mais de 800 parturientes e realizou mais de 500 grandes operações cirúrgicas.

Ultimamente, esta instituição adquiriu 16.000 m2 de terreno no Rio de Janeiro com 10 construções, pela elevada importância de Cr. $2.400.000.00.

Brevemente, a *União dos Discípulos de Jesus* conta oferecer à capital federal o mais bem apetrechado hospital do Brasil.

Fazer a caridade, atender a quem sofre, sem distinção de crença, de côr, de raça ou de política, eis o programa desta numerosa colectividade que trabalha e progride, sob a direcção geral do Coronel Dr. Waldemar Pereira Cota, Nelson Baptista de Azevedo e Alberto Pestana.

Como conseguiu esta agremiação reunir em tão pouco tempo tão grande número de sócios? — perguntará o leitor curioso de novidades —. Lembram-se da *Maternidade Casa da Mãe Pobre?* Só o milagre da fé pode atingir essas alturas quase inacessíveis. E a prova de que os dirigentes da *União dos Discípulos de Jesus* possuem fé semelhante à do Nazareno, está no facto do número de associados caminhar velozmente para os vinte mil.

"Colecções de Estudos Psíquicos"

Temos em depósito lindas colecções de *Estudos Psíquicos* encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços, não incluindo portes de correio:

1.º Volume	**(obra rara)**	**80$00**
2.º Volume	.....	**70$00**
3.º Volume	.....	**60$00**
4.º Volume	.....	**60$00**
5.º Volume	.....	**60$00**
6.º Volume	.....	**60$00**

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A FESTA DA CRIANÇA ESPIRITA

Há certos acontecimentos que nunca perdem a actualidade. São de todos os tempos, porque sempre há inteligências que os entendem e corações que vibrem ao senti-los verdadeiramente. Narrados hoje ou daqui a um ano, manterão o mesmo interesse da primeira hora, do primeiro minuto.

Está neste caso a *Festa da Criança Espirita,* que se realizou em Outubro último no Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova-Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, enquadrada no programa do *Espiritismo de Vivos,* das Juventudes Espiritas Organizadas e da Confraternização Espirita Lar de Jesus.

Iniciada com o «Hino da Infância Espirita» cantado pelas internadas do *Lar de Jesus,* logo o Capitão Daniel Cristovão entrou numa alegre palestra dedicada às crianças que, a breve trecho, se suspreendiam a conversas com o orador. Depois números de declamação, canto e teatro ligeiro infantil, educativo-espiritualista, e rifa de 12 volumes, além de distribuição de doces a todas as crianças e cartões comemorativos e senhas numeradas com direito a livros sorteados, oferta da Mocidade Espirita de Nova-Iguassú, por a festa ter sido da iniciativa da União das Juventudes Espiritas do Ramal de Nova-Iguassú.

Até aqui, apenas o relato puro e simples da Festa da Criança, igual ao relato de outras festas semelhantes. O que nos interessa, porém, é o facto que a seguir encheu de emoção quantos o presencearam. Referimo-nos às Cinco Promessas solenes das crianças e ao PROMETO que em coro entoaram todas elas, cheias de entusiasmo e convicção. Eis as Promessas:

Por ser muito grato a Jesus, que foi o maior amigo das crianças, eu, criança espirita, prometo:

1.º — Que me esforçarei ao máximo para ser estudioso e bom, vendo nos meus pais e mestres delegados de Deus para o serviço abençoado de minha educação.

2.º — Que só por motivos fortíssimos, como por enfermidade, é que faltarei às aulas, mormente às de moral cristã, vendo em tais aulas meios fáceis para a nossa educação e espiritualização.

3.º — Que serei delicado e atencioso para todos, tratando os mais velhos com muito respeito, os iguais com respeitosa familiaridade e os inferiores com muita bondade.

4.º — Que não maltratarei os animais e as plantas, por ver nas plantas e nos animais outras obras de Deus também dignas de atenção e respeito.

5.º — Que serei um cristão, pequenino, na esperança de que, dominando-me e cumprindo bem os meus deveres de criança, serei, quando homem, muito feliz e a terra em que eu viver, um paraiso.

Foi um momento da verdadeira exaltação e vibração, quando se leram as Promessas e se ouviu o *Prometo.*

Em seguida, houve *testes* feitos por assistentes e respondidos por crianças. As que acertaram receberam albuns encadernados por crianças do Lar de Jesus para *caderninhos de boas acções,* os primeiros trabalhos de encadernação das internadas.

Só assim compreendemos a Doutrina Espirita, espalhada aos quatro ventos por veículos de alegria esfusiante que atinjam objectivos cristãos. Espiritismo de vivos para vivos, Espiritismo idealista sem deixar de ser profundamente humano, Espiritismo que interesse o mundo e o auxilie a resolver os grandes problemas do presente.

CANCRO CURADO A DISTÂNCIA

O *Psychic News* de 7 de Fevereiro último publica um relato do Doutor Sidney Peters, que acaba de abrir uma clínica de tratamentos psíquicos em Rothwell, Inglaterra, e no qual explana como tais tratamentos podem ser exercidos em doentes que se encontram a distância, verdade que corroboramos por experiência própria no Grupo Reper-Siam, que durante cinco anos actuou com grande regularidade e bom aproveitamento.

Disse aquele médico, durante uma sessão espirita de clarividência no Carnegie Hall, de Londres:

«Uma senhora de Carmathen, chamada Dàvies, escreveu-me uma carta, dizendo-me que sua mãe tinha um cancro na garganta, sem poder alimentar-se, e que os médicos só lhe davam 15 dias de vida. Ao responder-lhe, parecia-me que me ditavam o que lhe devia dizer e fiz o que nunca fizera antes: pedia-lhe que, a certa hora, se pusesse em relação comigo, através do pensamento, colocando ao mesmo tempo as mãos na cabeça de sua mãe.

«Um ou dois dias depois, recebo uma carta dela, informando-me de que à hora combinada se encontrava no quarto de dormir de sua mãe com as mãos na posição que eu lhe indicara. Nesse momento, o quarto encheu-se de uma aura nevoenta, no meio da qual apareceu uma figura humana.

«O meu trabalho consistira simplesmente em concentrar-me, pedindo que as minhas faculdades curadoras fossem enviadas à doente, sem qualquer ideia de que a fisionomia lá aparecesse.

«Na semana seguinte, a enferma começou a comer e a beber e 8 dias depois levantava-se e descia ao andar inferior. O cancro desaparecera inteiramente

«Como poderia explicar-se tudo isto, sem a intervenção do Além?».

O grande médium inglês W. C. Parish, desencarnado há pouco, desenvolveu extraordinária actividade neste sentido, chegando a tratar milhares de doentes a distância, com êxito invulgar. Os leitores de *Estudos Psíquicos* devem estar lembrados das muitas e variadas referências que fizemos à acção desse benemérito da humanidade.

Quando pudermos criar em Portugal uma clínica de assistência psíquica, ver-se-ão as enormes possibilidades da alma humana apoiadas em pensamentos de bondade e caridade.

INSTITUTO DE PSICO-PATOLOGIA APLICADA

O governo argentino acaba de promulgar um decreto criando um Instituto de Psicopatologia Aplicada. Ali, entre outras coisas, «se estudará o problema do Espiritismo considerado como mal social quando praticado como meio de exploração ou engano, encarando-o a fundo, por ser considerado um dos factores que incidem nas neuropatias e histerismos, sem prejuizo de tomar do Espiritismo os factos psicológicos que possam enquadrar-se na ordem científica».

A confederação Espiritista Argentina consultou o Dr. César Rafael Carrilho, Director do Instituto, acerca do alcance do parágrafo acima transcrito e oferecendo os seus préstimos no sentido de lhe fornecer dados, publicações, livros, etc., que possam facilitar a tarefa da instituição criada, e este respondeu que ali se estudará intensivamente a Fenomenologia Metapsiquica do ponto de vista científico, em coordenação com os estudos psicológicos e psicopatológicos adstritos ao Instituto e que empregarão os meios adequados, com espírito eminentemente científico. Combaterão, porém, as formas charlatanescas da prática espirita, assim como o curandeirismo e a indução às enfermidades mentais de que são responsáveis algumas pessoas inadvertidas.

Só temos que nos felicitar pela decisão do governo argentino. Deste modo os campos serão estremados devidamente. O cascalho nada tem de comum com o precioso minério que, no caso sujeito, vem a ser o fenómeno genuino, procurado àvidamente por todos os verdadeiros pesquisadores.

Longe de repelir o contrôlo, o Espiritismo deseja-o absolutamente, porque à sombra do seu nome pululam os charlatães que vivem à custa da boa fé dos incautos. E desde que a investigação científica delimite os campos, separando o verdadeiro do falso, o Espiritismo será elevado à categoria de ciência por aqueles que agora o combatem. Nesta conformidade, ficaria o caminho aberto à *medicina psico-somática* que utiliza os poderes do espírito e tantas curas tem operado.

O ESPIRITISO SUBVENCIONADO PELO ESTADO

Esta notícia é verdadeiramente auspiciosa. Colhemo-la da *Revista Internacional do Espiritismo*, de Matão, Estado de S. Paulo. O nosso confrade Dr. Euclides de Castro Carvalho, capitão-médico e deputado Estadual na Assembleia Constituinte brasileira pleiteou importantes subvenções destinadas a várias instituições espiritas filantrópicas. Nesta conformidade, o *Diário Oficial* de 31 de Outubro de 1947 mencionou as seguintes entidades paulistas incluidas no orçamento geral do Estado de 1948:

Asilo dos Pobres, de Serra Negra, 60.000 cruzeiros; Asilo da Velhice Desamparada, de Biriguí, 60.000 cruzeiros; Asilo de Velhos do Centro Espirita Irmã Terezinha, de Pindamonhangaba, 60.000 cruzeiros; Asilo S. Vicente de Paulo, de Descalvado, 60.000 cruzeiros; Abrigo Batuira, de Poá (Mogi das Cruzes), 60.0000 cruzeiros; Dispensário dos Pobres, de Piracicaba, 20.000 cruzeiros; União Federativa Espirita Paulista, de S. Paulo, 40.000 cruzeiros; Liga Espirita do Estado de S. Paulo, 40.000 cruzeiros; Federação Espirita do Estado de S. Paulo, 40.000 cruzeiros; Asilo Amália Franco, de S. Manuel, 30.000 cruzeiros; Asilo e Orfanato de S. Vicente de Paulo, de Franca, 50.000 cruzeiros; Lar dos Desemparados, de Baurú, 50.000 cruzeiros; Associações das Senhoras Cristãs, de Araçatuba, 70.000 cruzeiros; Albergue Nocturno Bezerra de Meneses, de Cruzeiro, 60.000 cruzeiros; Centro Espirita Amantes da Pobreza, de Matão, 20.000 cruzeiros; Albergue Apóstolo Paulo, de Ribeirão Preto, 60.000 cruzeiros; Associação Espirita Beneficente «Maria da Luz», de Santos, 40.000 cruzeiros; Associação Vila de S. Vicente de Paula, de Itú, 60.000 cruzeiros; Assistência aos Necessitados, de Taubaté, 60.000 cruzeiros; Núcleo Espirita Irmã Isabel, de Taubaté, 60.000 cruzeiros; União Espirita de Ribeirão Preto, 60.000 cruzeiros; Orfanato Santo António, de Parabuna, 50.000 cruzeiros; Sanatório Jesus, de Cruzeiro, 60.000 cruzeiros; Sanatório Felício Lucchini, de Biriguí, 70.000 cruzeiros; Sanatório Américo Bairral, de Itapira, 50.000 cruzeiros. *Total — Cr. $1.350.000.00 (um milhão trezentos e cinquenta mil cruzeiros).*

Isto dispensa comentários. Onde está o diabolismo da Doutrina Espirita? Ainda bem que os dirigentes dos povos vão compreendendo a razão que nos assiste ao reivindicar para o Espiritismo o titulo de renovador e modelador de homens, no campo material e espiritual. Note-se que a lista de agremiações contempladas diz respeito só ao Estado de S. Paulo. Noutros Estados brasileiros houve distribuições semelhantes.

A doutrina dos Espiritos radica-se em obras perduráveis destinadas aos séculos vindouros. E assim, cada dia que passa consolida a empresa, carreia novos materiais, desenvolve a propaganda do que já existe materializado em realidades inequívocas e prepara o mundo para novas realizações altruistas.

AVISO

AOS SÓCIOS DO CENTRO

Em virtude de o Centro Espiritualista Luz e Amor não encontrar cobrador idóneo, a Direcção resolveu tentar a cobrança pelo correio, a partir de Julho, a pesar do trabalho que tal serviço acarreta. Faremos a cobrança ao trimestre e esperamos que os prezados consócios correspondam a este sacrifício, pagando os recibos que lhes forem apresentados. Se houver algum sócio que não possa pagar ao trimestre, é favor escrever-nos para combinarmos outra modalidade de pagamento. Áqueles que possam e queiram pagar anualmente ou semestralmente, agradecemos que no-lo comuniquem, a fim de nos pouparem trabalho e despesas com a cobrança trimestral.

AOS ASSINANTES DA REVISTA

Para boa regularização dos nossos serviços administrativos, resolvemos fazer a cobrança do 2.º semestre da revista no próximo mês de Julho, visto no mês de Agosto se encontrarem ausentes muitos assinantes e ficarmos sujeitos à devolução dos recibos, o que nos causa grandes prejuizos. Esperamos que todos compreendam a situação e nos facilitem a tarefa, gentileza que desde já muito agradecemos.

A ADMINISTRAÇÃO

Noticiário

NOVOS CORPOS GERENTES

No dia 5 do corrente realizou-se no Centro Espiritualista Luz e Amor a Assembleia Geral dos Corpos Gerentes para o triénio de 1948 a 1951. Foram eleitos os seguintes confrades:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente* — Dr. Sebastião Elviro Martins; *Vice-presidente* — Fernando da Cruz Ferreira; *1.º Secretário* — Capitão José dos Reis Pires; *2.º Secretário* — António Alexandre.

COMISSÃO DE CONTAS — *Presidente* — Major Eurico de Castro Zuzarte; *Secretário* — Américo de Oliveira Monteiro; *Relator* — Alvaro Ramos Pereira.

DIRECÇÃO — *Presidente* — Isidoro Duarte Santos; *1.º Secretário* — José F. Cabrita; *2.º Secretário* — António Bastos dos Santos; *1.º tesoureiro* — João José Pilar; *2.º tesoureiro* — Joaquim Dias.

SUBSTITUTOS — António Guedes de Amorim; Eduardo Manuel Cortes, António José Monteiro Cardoso, Federico Pereira, António Pereira Esteves, João Guilherme de Carvalho Duarte e Gilberto de Oliveira Gonçalves.

CONFERÊNCIA PÚBLICA DE RAMOS PEREIRA

Em virtude de dificuldades que surgiram à última hora, é-nos impossível promover em Junho a conferência pública de Ramos Pereira integrada nas comemorações centenárias do Espiritismo e intitulada «O Espiritismo e os Problemas Humanos». Continuaremos, porém, a esforçar-nos para que essa realização seja um facto.

JÓNATAS BOTELHO

Na cidade de Niteroi, capital vizinha do Rio de Janeiro, onde residia, registou-se em Abril a desencarnação do nosso confrade Jónatas Botelho, antigo presidente da Federação Espirita do Estado do Rio, membro da Academia Fluminense de Letras e conferencista muito apreciado. Era um dos veteranos das lides espiritas no Brasil. Foi presidente da Federação fluminense mais de uma vez e redactor da *Revista Espirita do Brasil* na fase inicial, em 1928.

Jónatas Botelho deixou apreciável e brilhante acervo de serviços à Causa Espirita, sobretudo pelo idealismo com que defendeu os postulados da codificação de Allan Kardec. Deste lado do Atlântico, rendemos àquele espírito realizador e ardoroso o nosso preito de admiração.

CENTRO ESPIRITA «CARIDADE DE JESUS»

O nosso confrade Arnaldo S. Tiago, presidente do Centro Espirita «Caridade de Jesus», de S. Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina, Brasil, enviou-nos um opúsculo relativo ao centenário do Dr. Leocádio Correia, guia espiritual desta colectividade.

Durante estas comemorações lançaram a pedra fundamental do novo edifício do Centro, com a assistência da Câmara Municipal, do Prefeito e outras autoridades locais. O próprio paroco teve a amabilidade de lhes enviar felicitações.

PARTICIPAÇÕES

Tiveram a gentileza de nos comunicar os actos de posse de suas novas directorias as seguintes agremiações brasileiras:

Centro Espirita Vitor Hugo, de Natal, Rio Grande do Norte, cujo presidente é o nosso representante Filipe Soares de Melo.

União Espirita Corumbaense, de Corumbá, Mato Grosso.

Juventude Espirita Cristã «Magnólia», de Barbacena.

Centro Espirita Luz e Humildade, de Belo Horizonte, nosso representante na capital de Minas Gerais.

A todos, os nossos agradecimentos com votos de saude e felicidade.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como foi anunciado, realizaram conferências na sede do Centro E. Luz e Amor os nossos confrades Coronel Faure da Rosa e Ramos Pereira. Como sempre, foram ouvidos com aprazimento e os seus trabalhos redundaram em proveito para a Causa.

CASA DE REPOUSO

A Comissão de Solidariedade da Federação Espirita Portuguesa lançou a ideia da construção da *Casa de Repouso para Inválidos Espiritas*. Achamos bem que lancem ombros a obra de tal magnitude. Tudo quanto se faça no sentido de preservar o homem das intempéries, após uma vida inteira de labuta, merece o nosso aplauso. É preciso enquadrar o Espiritismo na sociologia e erguer monumentos que desafiem o tempo e provem o humanismo da nossa doutrina. Desde que haja união e desejo de vencer, muito se conseguirá nesse sentido.

PROGRAMA DO TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE JULHO DE 1948

Dia 3 de Julho, sábado, às 21.30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Julho, domingo, às 16 horas — Conferência de Ramos Pereira, da série PROBLEMAS PSICOLÓGICOS, intitulada: «A Estrutura do Espírito e o Paralelismo Psicofisiológico».

Dia 16 de Julho, sexta-feira, às 21.30 — Sessão doutrinária a cargo do *Grupo Amor do Redentor*.

Dia 24 de Julho, sábado, às 21.30 — Conferência por Mário José Pinto Gomes, do Instituto Espiritualista Português, intitulada «O Norte da Humanidade».

NOTA — *As conferências são públicas e as sessões doutrinárias são privativas dos sócios com as cotizações em dia.*

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, JULHO DE 1948 — N.º 7

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 25295 — LISBOA

HÁ 100 ANOS...

As comemorações centenárias do Espiritismo vão-se exercendo com grande entusiasmo em todas as partes do mundo, num movimento promissor capaz de levar os mais renitentes ao estudo dos problemas da vida e da morte.

As notícias que nos chegam, principalmente dos Estados Unidos e das Américas do Sul, dão-nos a certeza plena de que o trabalho dos velhos pioneiros produziu frutos opimos. Não foi em vão que se lutou e sofreu. Não foi em vão que se gastaram anos e anos em propaganda contínua. Não foi em vão se apararam golpes certeiros de adversários desleais. E tudo por amor a uma causa humanista, que preconisava e preconisa o primado do Espírito sobre a matéria, do bem sobre o mal, do justo sobre o injusto. Anos de labuta ingente, resistindo ao motejo e ao sarcasmo, frente às turbas encegueiradas pelo deus Moloch e bem instaladas na vida.

As irmãs Fox deram o sinal de alarme. Serviram de instrumento providencial a um meio de comunicação entre o visível e o invisível, mas pagaram caro a boa fé que as animava. Era tal o estado de espírito da humanidade, que por pouco não foram linchadas. Alguém se interpôs e sairam ilesas duma tentativa canibalesca. Porque o linchamento é próprio de canibais e de gente sem coração.

Foi em 1848. O século dezanove enchia os arquivos de filosofia balofa, influenciada pelo enciclopedismo gaulez. Era feroz a luta entre a ciência e a religião. Por isso mesmo, tudo quanto cheirasse a espiritualismo estava condenado.

As irmãs Fox eram metodistas, subordinadas a dogmas rígidos como os da igreja romana. Pois isto não obstou a que proclamassem a verdade de coisas novas que iam de encontro à religião que professavam. Pode dizer-se que o Espiritismo veio do protestantismo, como este do Catolicismo, no dizer de Leopoldo Machado.

Com efeito, foram protestantes os primeiros que apreciaram as manifestações supranormais de Hydesville, no Estado de Nova-York. Um dêles, o sr. Duesler, idealizou o primeiro processo de interpretação das pancadas; e outro, o sr. Isaac Post, construiu o primeiro aparelho. Depois surgiu o Rev.º Haumond, teólogo e polemista, indicado pela Igreja para desmascarar os *pretensos fenómenos*. Desempenhou papel semelhante ao de *Sir* William Crookes na Europa, pois declarou que os fenómenos eram verdadeiros.

E assim o mundo literário e científico sofreu decisiva influência no sentido de estudar factos tão insólitos, que pareciam derrogar as leis da natureza. E o *1.º Congresso do Espiritualismo Moderno*, reunido em Cleveland quatro anos após a eclosão dos estranhos acontecimentos, teve como presidente o prefeito de S. Denis e realizou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Missouri, onde as irmãs Fox compareceram, à vista de todos os congressistas, e os factos foram positivamente observados.

Os trabalhos deste Congresso repercutiram imediatamente na Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, Espanha e Holanda. Foi um rastilho que despertou o professor Denizard Rivail (Allan Kardec) e o convenceu de que atrás das chamadas «mesas girantes» havia qualquer coisa de muito grave que merecia a atenção dos estudiosos. E que assim é, prova-o a codificação cardecista que corre mundo em todas as línguas, inclusive Esperanto e Braille (para cegos).

O que precede deu-se há 100 anos, num mundo profundamente materializado e cheio de arreigados preconceitos.

A data que se comemora é prova evidente de que o Espiritismo mergulhou as raizes na alma do povo. Nada conseguirá destruir os factos que espancam a mentira que se pretende impor às multidões ignaras, factos que abriram as portas das academias e deram à ciência preciosos elementos de estudo. Di-lo Crookes, Oliver Lodge, Zoellner, Aksakoff, Lombroso, Wallace, Fechner, d'Arsonval e Barrett em obras que desafiam o riso dos cépticos e convidam a posteridade a sair do lodo e a erguer os olhos para o Alto.

Hoje, o mundo é outro. Os dogmas são frageis cadeias que ligam o homem à religião. E o verdadeiro sábio ensaia forças para grandes travessias materiais e espirituais.

Sejamos fortes e confiemos no futuro, como os grandes pioneiros confiaram em nós. E o Espiritismo vencerá as maiores barreiras e libertará o homem das peias que o enfraquecem.

Jul/48

Religiões e Filosofias

pelo Coronel Faure da Rosa

O escritor espiritista E. de Fize, de Bruxelas, disse, em 1933, que a maior parte dos nossos contemporâneos desconheciam as ideias directrizes, embora concordantes, que derivam do estudo comparado das religiões e filosofias.

Volvidos quinze anos, não me parece que hoje as conheçam melhor.

Para o verificar basta que o racionalista examine as tendências das diversas escolas do Espiritualismo denominado «moderno»: Espiritismo Kardecista, Teosofia, Protestantismo, Antoinismo, etc.

Os fieis do Kardecismo, na sua maioria, aferram-se, quase exclusivamente, às teorias de Allan Kardec e dos seus discípulos, pondo de lado os melhores ensinamentos do ecletismo.

Os Teosófos — se bem que não rejeitem as investigações nos domínios filosóficos ou religiosos, antes as encorajem — adoptam, em geral, uma atitude de indiferença, senão de desprezo, para os factos do Espiritismo experimental de consequências tão consideráveis, e isto a pesar de um dos fins da Sociedade Teosófica ser «estudar os poderes ocultos do homem».

Os Protestantes, quer eles sejam liberais quer tradicionalistas, quedam-se intimamente ligados aos Evangelhos — quando o não são à Biblia — que, de resto, cada igreja interpreta à sua vontade. Não se preocupam com as grandes lições do Budismo, do Islamismo, do Bergsonismo, nem do Espiritismo actual, cujos fenómenos maravilhosos não são mais que a repetição dos que vêm relatados em muitas das páginas do Velho e Novo Testamento.

Todavia, é justo reconhecer — declara Fize — que, em Inglaterra, já em 1933, mais de quinhentas igrejas reformadas, agrupando cerca de um milhão de adeptos, se utilizam de factos espiritoides e que desenvolveram um movimento de ideias chamado «O Espiritismo Cristianizado». Os ferverosos sectários do Moiseismo não aceitam como verdade «revelada» senão a que está contida na Santa Tora (nome dado pelos judeus à lei mosaica e ao Pentateuco— os cinco livros de Moisés). Os Antoinistas — cuja doutrina é toda de humildade, de fraternidade e de caridade — limitam-se, em geral, ao estudo e à meditação do «Ensinamento do Pai».

Há cerca duns trinta e oito anos, apareceu no Ocidente uma filosofia religiosa que se dizia do «Amor, da Harmonia e da Beleza», à qual deram o nome de «Sufismo», palavra árabe que significa «puro». As palavras «Sufismo» e «Sufi», vêm a significar, respectivamente, «puresa» e «puro», o que equivale a dizer que a ordem dos «Sufis» é a ordem dos «puros». O Sufismo, participa das três religiões-troncos: Budismo, Cristianismo, Islanismo. Embora eclético, o «Sufismo, encerra-se nos dez mandamentos «sufis».

Ao Rosacrucianismo, fundado por Stanislas Guaita, foi dada nova forma em 1907, por Max-Heindel, autor da *Cosmogonia* rosacruciana ou a *Filosofia Mística Cristã*. Heindel afirma que não é uma obra dogmática: apela ùnicamente para a razão de quem a estude. Apresenta-se, pois, como religião racionalista. Afirma que «todas as religiões nos foram reveladas por Deus», sem, contùdo explicar, *racionalmente*, os processos de tantas revelações.

Quanto aos crentes do Catolicismo, persuadidos como estão de possuirem a *verdade total*, definitivamente revelada, rejeitam, à primeira vista, todas as ideias novas que estejam em desacordo com os seus dogmas, a pesar de caducos.

Em 16 de Maio de 1935 foi fundado o «Templo do Serviço da Igreja Apostólica de S. Pedro, com sede em Londres: assim no-lo diz a revista porta-voz da sua doutrina *Christhocracy*, de Setembro de 1947. Este Templo apresenta uma singularidade de inestimável apreço: os seus sacerdotes não são remunerados e estão rigorosamente proibidas as colectas e as dádivas de dinheiro. Até custa à acreditar!

Alguns dos seus preceitos:

— Ensinar a tolerância e a compreensão de todas as religiões do mundo, desenvolvendo nos seus adeptos a consciência da Verdade Eterna, dada à humanidade através das idades.

— Criar uma cooperação mais estreita entre a Filosofia, a Ciência e a Arte, a fim

de obter uma civilização verdadeira e durável.

— Impugnar, pela transmutação ou por qualquer outro meio, todas as doutrinas, todos os sistemas e todos os ensinamentos que gerem o ódio, as guerras e as revoluções violentas ou a supressão do indivíduo.

— Ajudar a criar uma Religião Universal baseada nos princípios fundamentais revelados por Deus em períodos e lugares diferentes *(concordando, assim com o Rosacrucianismo)*. Para conseguir esta finalidade — declara o bispo autor do artigo — «a Igreja cooperará, *sempre que seja possivel,* com todas as igrejas e com todos os centros, organizações e movimentos que trabalhem activamente pelos preceitos supra-mencionados...».

Entre os princípios fundamentais figuram estes :

— Que os homens e as mulheres têm um estatuto espiritual absolutamente igual;

— Que toda a vida progride numa via evolutiva até à perfeição final;

— Que a Verdade, sendo essência profunda de toda a vida, não pode ser exclusividade de nenhuma religião ou filosofia, pois que ela é universal, imutável e eterna.

Todas as religiões, todas as filosofias religiosas ou simplesmente fundadas na Ética, se inspiram no humanismo, na tolerância, na solidariedade. O pior é que os seus executores têm todos as mesmas taras ancestrais de crueza, de egoismo feroz. Entretanto, escreve Fize, as verdades essenciais concernentes ao problema do Ser e do Destino foram enunciadas desde os tempos védicos pelos Sábios, os Profetas e os Instrutores de todos os países e perpetuaram-se até nós. Basta rebuscá-los, coordená-los, compará-los para ver surgir uma magnífica síntese — satisfazendo, ao memo tempo, o coração e a razão — que constituirá, incontestàvelmente, a Religião Universal do Futuro».

Mas, será possivel que os homens se entendam para o conseguimento de uma *Religião Universal,* conhecido como é o exclusivismo que os «doutores» de cada uma das igrejas querem só para si ?

Repare-se na promessa do bispo da Igreja Apostólica de S. Pedro de «cooperar com todas as igrejas e com todos os centros, organizações e movimentos...», *sempre que seja possível.*

Vê-se, desde logo, quanto esta frase condicional tem de preventiva e como ao abrigo dela virão a ser explicadas as *impossibilidades de cooperar* que hão-de surgir. No entanto, nem as religiões nem as filosofias tinham o direito de desconhecer as descobertas relativamente recentes nos dominios da Astrologia, da Geologia, da Paleontologia, da Física, da Embriologia, da Sexologia, da Psicologia experimental, que contribuiram para o conhecimento do Universo e do Homem com um tributo de importância capital.

Não deviam desconhecer; mas ou ignoram ou fingem ignorar. Assim o demonstra a contínua intolerância e a estupenda vaidade de algumas religiões e filosofias. Ainda não há muitos anos que um hindu, em Londres, fez um notável discurso, sobretudo pelas palavras de concórdia proferidas: «Deus ama em cada país — disse ele — a sua forma de culto particular, Ouve na mesquita os devotos que recitam orações, contando as contas do rosário; é íntimo do muçulmano e amigo do hindú; é confidente do cristão e companheiro do judeu. E os homens de espírito e de alma elevados, que não vêem na diversidade de seitas e nos diferentes cultos de religião senão efeitos do Poder do Altíssimo, gravaram os seus nomes de maneira imortal nas páginas da História».

Conquanto não seja possível acreditar que Deus tenha passado procuração a este hindu, o que é incontroverso é que as suas palavras são de tolerância, de conciliação, de paz.

Já é alguma coisa ter e expôr opiniões de tanta fraternidade... mas ninguém vale pelas suas opiniões, só vale pelos actos que pratica.

Gandhi, esse apóstolo da «não violência», costumava dedicar dez minutos a preces indianas, cristãs, muçulmanas e sikhs.

Onde estão os continuadores de tamanha tolerância ?... O que mais abunda entre nós, pelo menos, são os... *crisóstomos.*

Congressos Brasileiros

No próximo mês de Setembro realizar-se-á o Congresso Fluminense de Confraternização. A União Social Espirita, *de S. Paulo, promoverá em 3 de Outubro o Congresso Sulino, com carácter nacional, que constituirá, sem dúvida, um grande acontecimento espirita brasileiro. Em Aracajú teremos, de 9 a 11 de Julho corrente, o Congresso Juvenil, com elementos de Salvador, Maceió e Recife, ao qual assistirá o nosso redactor Leopoldo Machado, a convite das Mocidades Espiritas daquela região.*

INTERCÂMBIO

por Isidoro Duarte Santos

É com o maior prazer que início a minha correspondência para LA IDEA, a revista argentina que em boa hora entrou em fase de renovação. E antes de fazer as minhas considerações, quero saudar todos os irmãos que neste rincão da Sul-América erguem bem alto o pendão espiritista, cegos ao riso mofador e aos impropérios sem base que de quando em quando soem ouvir-se, mercê de muito orgulho e muita ignorância. Perdoemos a uns e outros e prossiguemos, como a caravana do prolóquio, olhos ao alto e coração nas mãos. Que a nossa legenda se mantenha firme e inabalável, sejam quais forem os ventos que soprem de qualquer ponto do quadrante!

O meu primeiro artigo é espontâneo. Quase se deveria chamar conversa amena ou charla *despretenciosa com amigos de outro hemisfério que vibram como eu, que pulsam como eu, que sentem como eu o calor da fé e a expansão de um grande e bendito entusiasmo. Porque eu sou assim mesmo: confiante no esforço, comunicativo na palavra, amigo, amador das obras úteis. E não me pertenço quando se trata do Ideal.*

Agora é do Ideal que se trata e por isso aqui estou à voz de Ceccarini, que de Buenos Aires me chamou com palavras imerecidas, em gesto amigo e fidalgo a que tenho de corresponder de algum modo, seja qual for a grandeza do trabalho.

LA IDEA é uma publicação moderna, arejada, muito parecida com ESTUDOS PSÍQUICOS na divulgação da Doutrina e onde escrevem confrades de envergadura moral e intelectual. Isto me basta para enfileirar com eles, para mourejar com eles, para estudar com eles, irmão menor que vem trazer a sua pedra ao edifício monumental que há-de firmar-se na rocha para os séculos dos séculos.

★

Há muitos anos que acompanho o movimento espiritista argentino. Há muitos anos que leio as suas publicações. E a minha opinião é profundamente optimista a respeito dos homens que aqui orientam e difundem a nossa filosofia. Conheço muitos deles através da obra que têm realizado e realizam ainda, obra construtiva e sadia, própria do ideal que nos acalenta e que há-de repercutir nas gerações vindouras, em projecção crescente e grandiosa. Conheço a forma como operam, alheios a preconceitos e fanatismos, de alma serena e inteligência disposta a indagar, a estudar, a meditar os difíceis problemas da actualidade, procurando resolver incógnitas que hoje parecem cair e àmanhã de novo se levantam.

O Espiritismo argentino é altamente equilibrado e tanto se dirige ao sábio que procura a base científica, como ao leigo que procura alicerçar a fé. Busca aproximar-se de Deus pela ciência e pelo amor, dois caminhos que vão dar à mesma fonte de origem. A ciência e o amor têm pontos de incidência em que o Verbo produz milagres de renovação intelectual e moral. Procuremos esses pontos, exteriorizando as potências ocultas do homem em benefícios colectivos, libertando o mundo de escalrachos daninhos, atenuando a injustiça, já que não podemos extingui-la inteiramente, reabilitando aqueles que os códigos segregaram do convívio social, minorando a miséria e desbravando as trevas onde há lampejos que volitam e anseios que fremem no resvaladouro das paixões desenfreadas.

★

A distância entre Lisboa e Buenos Aires é agora mais curta do que dantes. Encurtou-a a aviação e o intercâmbio espiritista luso-argentino inaugurado pelo Dr. Luiz Postiglioni e que LA IDEA e ESTUDOS PSÍQUICOS acabam de consolidar auspiciosamente.

É preciso que os amigos troquem ideias e se conheçam melhor, para maior glória da doutrina que pregam. Não basta pensar e meditar. É necessário transmitir aos outros as nossas lucubrações, primeiro aos que estão perto, depois aos que estão longe, galgando fronteiras terrestres e marítimas, espancando o Tempo em vertiginosa carreira, para dizer ao amigo:

— Estou presente! Teus anelos são os meus anelos! Tuas aspirações são as minhas aspirações!

Isto é intercâmbio, é estender de braços, é apertar de mãos, coração contra coração. E deste gesto significativo nasce a fraternidade entre indivíduos e nações. O resultado é sempre positivo.

Trabalhemos juntos, portugueses e argen-

tinos, em busca desse resultado, hispânicos pelo sangue e latinos pelo cérebro. As nossas línguas são semelhantes. Ambas cantam o amor e a saudade, ambas servem a justiça e a paz universal, ambas profligam a escravização do homem e o procuram elevar às culminâncias do verdadeiro ser pensante.

Não há que hesitar. O caminho é um só: falar aos amigos, ouvir os amigos. Depois, entoar o cântico de nossas aspirações. Antes de ser mar, o rio era minúscula nascente, fiozito de água a vibrar no seio da montanha adusta. Mas a voz da Natureza atraiu-o à superfície, deu-lhe outros fiozitos por companheiros... e a multidão tornou-se arroio, sinuosa ribeira, pequeno afluente e rio caudaloso a desaguar no oceano. Assim podem ser as nossas meditações transformadas em vozes simples, coros triunfais, realizações perenes a desafiar os séculos, em legado imortal que a História registe em letras de oiro...

★

Mas qual é a minha missão junto de LA IDEA, orgão da Confederação Espiritista Argentina? — perguntarão os leitores interessados na chegada de mais um lutador e curiosos de saber o papel que passo a desempenhar. O meu desejo é demonstrar pràticamente a utilidade do intercâmbio espiritista entre almas afins que objectivam o mesmo alvo, é concorrer para a união em que tanto se fala, mas que poucos observam, através de palavras e de actos. Eu, que toda a vida trabalhei na aproximação luso-brasileira, estenderei a acção a outra república sul-americanas. Serei um arauto disposto à disseminação do que possa realçar o esforço dos que honram a memória de Kardec, fazendo obras dignas de tão excelso pioneiro. Não trago programas. A minha pena escreverá ao sabor da inspiração, mas sempre ao serviço da Causa, vulgarizando e aconselhando...

Assim tenho feito em ESTUDOS PSÍQUICOS, assim faço e farei na minha obra de publicista, na propaganda escrita e falada e na correspondência epistolar mantida com muitos vultos de projecção ligados à obra que impulsiono, auxiliado por numerosos trabalhadores de boa vontade.

Se temos possibilidades e nos convencemos da realidade e utilidade do Espiritismo, devemos juntar-nos àqueles que em vários continentes o prestigiam por todos os meios ao seu alcance e imitá-los na tenacidade e dedicação com que o espalham e defendem, quando é atacado de má-fé, quer por insensatos que agem sem razões plausíveis, quer por irresponsáveis a soldo de correntes que se dizem positivistas, mas que no fundo cultivam a cizânia como instrumentos de falsa hegemonia.

Se temos possibilidades e queremos ser úteis à causa que abraçámos, há que pôr na balança as nossas melhores virtudes, jogar os trunfos na contenda ou queimar os cartuchos na barricada. Ou somos ou não somos, porque o verdadeiro espiritista não se envergonha de publicar a sua fé, seja onde for. O verdadeiro espiritista dá testemunho da sua presença por pensamentos, palavras e obras, exteriorizando sentimentos de justiça ao serviço da tolerância bem compreendida e aplicada e nunca nega a doutrina que professa.

Eu nunca a neguei em qualquer situação ou emergência. Encaro o sorriso olímpico do ignorante com a serenidade que de mim se apodera ao ouvir o ataque ou motejo de pessoas bem instaladas na vida mental. E se um dia desço à arena da luta, revisto-me de paciência e amor cristão e restrinjo a defesa aos limites do ataque. A personalidade não interessa. O que interessa é o ideal em si. Quando o homem abandona o terreno dos princípios e resvala no ataque pessoal, trocou o verbo do apóstolo pela clava do prosélito. E sectário a mais ou a menos não altera em muito o valor da falange.

★

Do que fica exposto se depreende que poupei a Natálio Ceccarini algumas palavras de apresentação. Sinto-me bem entre argentinos habituados a dominar a lonjura das pampas, músculos retesados da caminhada e olhos nostálgicos reflectindo canções dolentes entoadas por campesinos crestados pelo sol do Plata. Sinto-me bem entre um povo forte e generoso, impulsivo e magnânimo, cultor do bem e do belo, que a injustiça subleva e a suadade empolga. Trabalhemos unidos, fixando a marca que nos distingue entre tantas correntes espiritualistas. E se ao fim da jornada pudermos bendizer o esforço dispendido em anos de labor profícuo, é que a obra foi de tal modo útil, que chegou para enobrecer, exaltar e sublimar o homem.

Que os vindouros possam dizer de nós:

— Bateram-se na legião do sacrifício, mas legaram-nos o mais belo dos patrimónios. Honra à sua memória saudosa!

Quantas canseiras, quantas fadigas teremos de sofrer para enfrentar o julgamento do futuro a que a nossa obra e os nossos actos se destinam!... Ao menos, que a cons-

A Personalidade de Pietro Ubaldi

(Tradução de SIBIL)

pelo Dr. Paulo Soster

IV

(Conclusão)

Feito este breve exame das qualidades físicas do *sujeito*, passemos a observar as suas qualidades psíquicas. Antes de mais nada, deve acentuar-se que as faculdades intelectuais do *sujeito*, podem considerar-se, indiscutìvelmente, superiores às do homem médio normal. Supomos que, a este respeito, não pode subsistir a menor dúvida. Quem analisar a concepção geral da «Grande Síntese», seja qual for o prisma por que o faça, tem de chegar à conclusão de que foi realizada por um cérebro invulgar. Visto que é universalmente sabido e conhecido que a força do génio é um factor de primordial importância e, ao mesmo tempo, o índice do valor intrínseco do homem, resulta que, sob este aspecto também, o *sujeito* marca evidente superioridade, se o confrontamos com o homem normal.

Concordamos que não basta um homem saber escrever um livro ou mais livros geniais para se considerar superior aos outros. O valor dum homem não pode ser constituido apenas por isso, que pouco valeria se ele não soubesse viver o ideal que professa e esse não fosse capaz de influenciar os outros homens. Vive o *sujeito* as suas ideias e são elas compreendidas pelos outros homens? Sem dúvida alguma. Toda a sua vida é a realização prática do que escreve e os votos de assentimento e de aplauso que lhe chegam de todos os pontos da Terra demonstram que essas ideias já cumpriam as suas importantes funções biológicas. Isso prova que elas não são apenas literatura ou força potencial de problemática possibilidade, mas sim uma força real em acção. É claro, que elas agiram em quem, pela sua natureza psicológica, já estava preparado para recebê-las. Mas isso não impede que uma acção especifica possa considerar-se como função complementar. Um relâmpago rasgando as trevas, basta para indicar o caminho e isso é de basilar importância, se esse caminho tem de ser percorrido pelo nosso esforço. As qualidades morais do *sujeito*, certamente, são muito diferentes das do homem normal do presente e do passado. A vida que nele se manifesta é, na sua essência, a vida segundo a moral evangélica cristã, a prática cotidiana e inteligente das bem-aventuranças enumeradas pelo Cristo no Sermão da Montanha. Pode, portanto, dizer-se que a concepção ideológica e moral do *sujeito* é a concepção profunda e basilar do cristianismo, bebido nas suas fontes mais puras, livre das cadeias mortais dos dogmas, das tradições e dos formalismos que atrás das palavras matam o espírito. Esta concepção não combate, pelo contrário, harmoniza-se, nas suas linhas essenciais, com as profundas concepções esotéricas de todas as religiões do mundo. Caminha pela esteira moral deixada pelos santos e pelos iniciados de todas as religiões do mundo. Com esta afirmação, está bem longe da nossa ideia a intenção de enquadrar o *sujeito* em qualquer organismo religioso para lhe avaliar a personalidade. Procuramos apenas fazer apreciações críticas sobre este aspecto moral para averguarmos se é essa a moral dos homens superiores ou a dos fracos, vivendo à margem da colectividade, como refugo patológico. Estudemos de perto esses homens chamados santos, observemo-los no ambiente biológico humano, tal como se nos apresenta a nós que neste ambiente vivemos.

★

O *modus vivendi*, a atitude moral, as aspirações e as ideias desses homens excepcionais, são, em tudo, opostas às dos homens normais. Ao egoismo, à violência, ao ódio, ao gosto pelos prazeres materiais, opõem o altruismo, a benevolência, o amor, a preferência pelos prazeres espirituais. É a verdadeira e completa inversão de valores, a revolução moral cujo programa está sumàriamente traçado nas bem-aventuranças enunciadas pelo Cristo. Os santos renunciam voluntàriamente aos prazeres constantemente procurados pelos outros e, desta renúncia, perseguem e conseguem alcançar alegrias espirituais só deles conhecidas. São homens dotados de grande força de carácter, da máxima sensibilidade, bondade e poder de intuição.

Embora estes homens tenham necessidades, desejos, aspirações e finalidades opostas às dos outros homens, não resulta que entre eles haja luta ou hostilidade. O santo apresenta-se à sociedade como um ser inócuo, pode encontrar incompreensão e despreso, mas

---

ciência esteja tranquila e a alma pura; que as acções não desmereçam as palavras e que as palavras correspondam aos pensamentos. Assim abroquelados, não só triunfaremos nos prélios humanistas, como venceremos a morte em sublime transcendência...

(De *La Idea*, órgão da Confraternização Espirita Argentina

não é, materialmente, combatido. É esta uma forma de incolumidade que representa um privilégio de grande valor. Como seria possível combater um homem que passa entre os homens amando e beneficiando, que ama mesmo quando odiado, que responde ao mal com o bem, que dá tudo e nada pede para si? Poderemos considerá-lo doido, mas não encontraremos motivos para combatê-lo e muito menos para suprimi-lo.

No entanto, em circunstâncias excepcionais, pode acontecer que os combatam e até os suprimam. O facto já se deu no passado e pode repetir-se no futuro. A História conta-nos que alguns destes homens suportaram o martírio e as razões são bem evidentes. Eram santos de espírito dinâmico que, por amor dos oprimidos, lutaram contra os opressores e pagaram com a vida. Outros suscitaram nas multidões sentimentos desconhecidos de equidade e de justiça, contrariando os privilégios de organizações sociais, que reagiram suprimindo ou perseguindo os adversários. Sucede ainda que estes homens esbarraram e desmascararam os privilégios ou a corrupção da comunidade eclesiástica e foram por elas, directa ou indirectamente, suprimidos, perseguidos ou, pelo menos, impossibilitados de agir. Mas o que aconteceu quando foram perseguidos ou subiram ao patíbulo? Nesse momento conquistaram a auréola do martírio que, repercutindo nas multidões, como que assinou a condenação dos opressores. Portanto, ou não são combatidos e gozam do privilégio da imunidade ou, pelo contrário, são combatidos e conquistam a auréola do martírio, factor psicológico de incalculável potência. Com efeito, é para considerar que os princípios morais representados por estes homens são, consciente ou inconscientemente, registados na consciência das massas humanas que, por intuição, descobrem neles uma essência imponderável que os sugestiona fortemente. A História ensina-nos que, quando um santo sofre o martírio, esse dia é o do seu triunfo e o da derrota dos seus carrascos.

Por conseguinte, não podem ser impunemente atacados e isso representa para eles notável vantagem. Desta vantagem não aproveitam os homens normais. A sua moral impele-os ao ódio, à guerra, à supressão, à recíproca e estéril neutralização. Pode objectar-se que esses homens só exercem a sua influência nas massas ignorantes e supersticiosas. Mas é falsa essa afirmação e não pode lutar com a evidente realidade que nos demonstra que o progresso da civilização humana conduz a um aperfeiçoamento moral que torna mais intenso o amor, a bondade, o altruismo, características predominantes dos santos em proporções excepcionais e heróicas.

Mas há mais. Só entre estes homens encontramos os traumaturgos, isto é, os homens que conquistaram o poder de fazer os chamados milagres. Concordamos que esse poder pertence à biologia natural, mas devemos concordar também que são o índice de uma potência biológica extraordinàriamente superior e que a generalidade dos homens não possui ainda. É ainda para notar que só eles possuem possibilidades proféticas e outras manifestações de clarividência. Estas manifestações causam assombro e são índice de possibilidades intelectuais, cerdadeiramente superiores. Estes poderes ultrafânicos não podem ser adquiridos por meio de instrução e isso mesmo nos demonstra que pertencem à categoria das características biológicas intrínsecas, próprias de homens extraordinários. O nosso *sujeito* é dotado desses poderes ultrafânicos. Provam-no a realização da «Grande Síntese», escrita sem adequada preparação científica e as previsões da recente guerra contidas na referida obra e na «Ascensão Mística». As acentuadas anormalidades que encontramos nele, pertencem, pelo seu carácter específico, às dos homens de que há pouco falámos. Concordamos que possam ser consideradas anormalidades de carácter positivo, mas uma anormalidade que se transformará em normalidade quando a evolução humana se adiantar.

Concluindo: se considerarmos que o *sujeito* apresenta qualidades físicas acima das normais, força intelectual também superior à normal, qualidades psíquicas e morais de tal potência que podem subtraí-lo completamente às influências negativas do ambiente e até dominá-las, quando se considera que ele não pode ser atacado e, pelo contrário, exerce sobre os homens profunda função biológica que interessa a parte mais importante da natureza humana, isto é, a psíquica, pode, racionalmente, concluir-se que nos encontramos em presença dum caso de anormalidade positiva, isto é, uma evidente e inegável superioridade biológica.

Perguntaremos agora se uma sociedade constituida por homens deste género seria compatível com o progresso e com a civilização? É óbvio dizer que, se assim não fosse, seria um erro tudo quanto precedentemente afirmámos.

★

Antes de mais nada queremos afirmar que homens deste género não devem ser considerados como parasitas da sociedade. Pelo contrário, são homens que trabalham e ganham a vida com esse trabalho. São homens que trabalham com inteligência e abnegação, que se dão por satisfeitos se ganham o bastante para viver modestamente. Portanto, não são contemplativos estéreis, mas hábeis obreiros do progresso.

Além disso, estamos persuadidos de que uma sociedade constituida por homens que trabalham com boa vontade e inteligência, em que cada um ama o próximo como a si mesmo, onde cada um dá tudo ao próximo sem pretender mais do que o indispensável, onde se ama e auxilia quem sofre, onde não se assassina nem se rouba, onde existe a verdadeira liberdade e fraternidade, onde o pensamento é livre e a dor é acolhida como instrumento de libertação e evolução, onde se sofre com o sorriso nos lábios, onde a

violência e a arbitrariedade são desconhecidas, poderemos ter a certeza de que será essa a sociedade perfeita, aquela que todos os homens bons desejariam construir para si e para os seus filhos. Uma sociedade assim constituida seria aquele paraiso um dia perdido e pelo qual anseia a humanidade atormentada.

Dito isto, parece-nos razoável concluir que o tipo biológico representado pelo nosso *sujeito* é o tipo que a evolução não deverá destruir mas conservar.

Por outro lado, não será difícil observar que a humanidade, através dos seus erros e torpezas, tende a evolucionar para esse tipo biológico. Com efeito, pode verificar-se que no coração das massas humanas arde, conscientemente ou inconscientemente, o desejo sempre crescente de bondade, de beleza, de verdade. Sob a agitação da superfície, as leis biológicas realizam um trabalho subterrâneo preparatório e de maturação que faz sentir cada vez mais a necessidade da bondade, do amor e do altruismo. Hoje, mais do que nunca, o poderemos verificar se, ultrapassando as aparências, profundarmos a realidade que se agita no coração das massas. Os políticos, os demagogos, os agitadores, só são acolhidos pelas multidões quando lhes fazem brilhar diante dos olhos a miragem do amor, da bondade, da liberdade, do altruismo e da fraternidade. Os homens bondosos, sensatos e altruistas conquistam o respeito e a veneração universal.

O hipócrita adopta a máscara para encobrir a sua miséria moral e tornar-se querido dos seus semelhantes. A multidão anónima e silenciosa, ocultando no coração esse desejo, compreende a quase totalidade dos homens. Impressionada com as palavras que vêm do coração e da alma, se lhe falarem de amor e de fraternidade, se souberem adormecer-lhe a instintiva desconfiança, fruto de logros seculares, vê-la-eis chorar de comoção.

Contudo, nesta época triunfam os assassinos, os prepotentes, os ladrões, os hipócritas, os enganadores, os desonestos de toda a espécie, despreza-se tudo quanto é sagrado, nada se respeita. Isto, porém, como dissemos, não passa dum fenómeno visível à superfície. A realidade profunda é muito diferente. Do espasmo, das convulsões actuais sairá a reacção e a última palavra será dita pela alma colectiva. Os malvados serão aniquilados pelos seus próprios delitos. O ódio e a maldade geram ódio e maldade que se destroem a si próprios. O amor e a bondade geram bondade e amor que criam em sua volta um ambiente de amor mais elevado e de mais generosa e deslumbrante bondade. Pode dizer-se que o mal tem uma função biológica negativa e destrutiva e que o bem tem uma função biológica positiva e criadora.

E, desta forma, estamos persuadidos de que o trabalho de evolução conservará as qualidades biológicas dos santos e destruirá as opostas. Portanto, consideramos o nosso *sujeito* como um pioneiro da evolução.

★

Chegamos ao final deste esboço e resta-nos dizer o que pensa o *sujeito* de si próprio. No fundo, tem a consciência de ser aquilo que dissemos dele.

Aprecia-se ou deprecia-se conforme o termo de confronto que é o homem ou Deus. Considera-se superior ao homem normal, mas perante Deus reconhece não ser mais do que um ínfimo verme.

Não deve, portanto, surpreender-nos que fale aos homens na linguagem dos mestres e, ao mesmo tempo, se humilhe perante Deus. Tudo isto representa profunda consciência de si próprio e autocrítica serena e objectiva.

Qual é a função biológica que supõe desempenhar? Auxiliar os homens na sua evolução para uma vida superior. Vive para o cumprimento deste incompreensível dever que as leis da vida e o pensamento de Deus lhe impuseram. Entrega-se em absoluto ao desempenho dessa função que, na sua linguagem mística, ele chama «missão». Acredita firmemente nela e cumpre-a com toda a sua alma. Apoia as más ideias com o exemplo da sua vida, fala através dos seus livros e raramente de viva voz aos amigos e discípulos. Conversando, nunca adopta o tom de pregador. Discute com seriedade e entusiasmo mas prefere ouvir, a falar.

A sua dialéctica é calma e persuasiva, o pensamento é límpido, livre de preconceitos e profundo, apreende o pensamento do seu intelocutor com perspicácia e instrução surpreendente. Dir-se-ia até que sabe compreender os pensamentos que não chegam a exprimir-se. Gosta de discutir e é um verdadeiro livre-pensador. Sente-se sempre satisfeito quando encontra alguma coisa para aprender e percebe-a logo. Interessa-se com paixão pelos assuntos científicos que interpreta e enquadra com a máxima precisão na vasta visão da verdade que, nele, é representada pela visão intuitiva. Entrega à publicidade todos os seus pensamentos, visões e dramas íntimos. Ns seus livros entrega à humanidade a própria alma e projecta-a no futuro. Esses livros vão a todos os pontos da Terra, são traduzidos nas línguas mais conhecidas, acolhidos e compreendidos por homens de todas as raças. Um plebiscito de amor e de gratidão ergue-se para ele. Muitos são os beneficiados e quem escreve é um deles. Preso a esta tarefa do bem, que se tornou o alvo da sua vida, impelido pelo ideal de amor, ele como que se consome, dando tudo de si próprio. A sua personalidade humana queima-se nesta chama de amor e só a alma sobrevive.

Vive para um alto ideal e a sua vida pertence à humanidade e a Deus. Caminha entre os homens, sofrendo, amando e beneficiando, criatura celeste mais do que humana, com o olhar fixo nas estrelas.

Verona — Páscoa de 1947.

FIM

«A Nossa Vida Mental»

O CASO DE HELENA SMITH

pelo Dr. Carlos Imbassahy

III

Em *A Nossa Vida Mental* dizem os seus autores, tratando do médium :

> «*Todos os factos que neles se passam podem ser perfeitamente explicados como devidos à actividade de sistemas secundários que se formam no próprio espírito do médium — ideias recalcadas, desdobramentos mais ou menos completos da personalidade, abrolhamento de camadas profundas do Inconsciente. Os que duvidaram poderão ler o relatório do célebre caso de Helena Smith, feito por Flournoy, prof. de Psicologia em Genebra, no seu livro* Des Indes à la Planète Mars. *Ela escrevia automàticamente, tinha visões, alucinações auditivas, em que escutava mensagens ou poemas inteiros, transes em que se deixava inspirar por um romântico e benévolo «espírito» chamado Leopoldo. Uma das revelações feitas por Leopoldo versava sobre as condições da vida em Marte, contendo ainda uma explicação detalhada da linguagem e dos habitantes.*
>
> «*Fournoy analisou essa linguagem e verificou que toda ela era composta de raizes de palavras europeias, principalmente francesas. Pôde também, após cuidadosa análise, encontrar a origem de Leopoldo num incidente da infância de Helena, quando uma figura estranha e atraente de homem apareceu em cena a tempo de salvá-la das mordeduras de um cão enorme e selvagem; a lembrança dessa figura fôra envolvida pela moça de toda a sorte de qualidades ideais. E as histórias que Helena ouvia, contadas por Leopoldo, algumas longas e cheias de romantismo, eram o que se poderia imaginar como produtos do lado romântico de uma personalidade rica, recalcada à força pelas exigências da vida*».

Até aqui os sábios Wells e Husley.

As razões acima que os sábios apresentam como deles, já haviam sido formuladas pelo psicólogo de Genebra, o qual, como é de ver, não poderia prescindir do Inconsciente e seus mistérios. Entretanto, ele aventa hipóteses, alvitres ou sugestões; isto, porém, na pena dos sábios, passou a explicações muito seguras. Enquanto Flournoy diz que «*on est donc reduit à des conjectures*», os autores afirmam que os factos *podem ser perfeitamente explicados* pelas tais actividades do sistema secundário.

Para eles, ainda, o psicólogo *verificou* a origem de Leopoldo, o qual surgiu de um incidente da infância». Ora, esse Leopoldo era uma personagem mediúnica, que se dizia o guia da médium.

Verificar é achar que é exacto, que uma coisa é certa, é provar a verdade de alguma coisa. Vejamos, porém, como foi a «verificação». Na infância da moça ela é salva por um «cidadão»; mais tarde aparece o Espírito, que se diz Leopoldo. Sucede que o cidadão salvador tinha todas as aparências de uma entidade supranormal ou espiritual. Entre as várias manifestações da mediunidade de Helena há os avisos, premonições, *aparições em momento de perigo*, etc. Mais tarde, a entidade Leopoldo declarou que fôra ele quem afugentou o cão. A moça confirma que a personalidade aparecera e desaparecera sem se saber como. Tinha ela todo o aspecto do mistério de suas visões. Destarte, os sábios explicam o fenómeno supranormal por outro fenómeno supranormal.

Ainda que o salvador não fosse um espírito, o achado de Flournoy, agora acompanhado dos aplausos dos sábios do livro, não era muito para comover. Nas manifestações espiritas há sempre um guia, e, ao que me consta, nunca tiveram eles, ou nunca se verificou que tivessem sua génese no salvamento do médium em criança, e que essa criança tivesse sempre um cão a amedrontá-la. Aquilo, pois, que o psicólogo verificou é inverificável nos demais casos espiritoides. Dificilmente se acharia outro caso idêntico.

Os guias poderão surgir das profundezas da alma baptizados com um nome qualquer, visto que há essa mania nos refolhos do ser, a julgar pelas doutas opiniões do psicólogo de Genebra e dos cientistas de *A Nossa Vida Mental*. Mas é forçoso que o analista se esfalfe para «cavar», em cada caso, dada a

cuidadosa análise que empregam, um incidente de infância que possa justificar semelhante *marotte*.

★

A personalidade Leopoldo mostrava-se, por completo, independente da médium. Quem no-lo diz é o próprio Flournoy:

> «*É impossível que ela (Helena), não creia na existência objectiva, distinta desse ser misterioso, que intervém constantemente em sua vida, de modo sensível e quase material, não deixando lugar a qualquer dúvida. Ele se apresenta a suas vistas dotado de uma corporeidade igual à das outras pessoas, ocultando os objectos situados atrás de si, como um indivíduo em carne e osso. Fala a seus ouvidos com uma voz característica, que parece provir de distância variável, algumas vezes de cerca de dois metros, outras de distância ainda maior. Sacode a mesa na qual ela põe as mãos imóveis, ou lhe dá cãibras no braço; apodera-se de seu punho e escreve por sua mão, conservando a pena de maneira diversa da que ela usa, e com uma escrita inteiramente diferente da sua. Adormece-a contra a vontade dela, e ela sabe, com espanto, ao acordar, que gesticulou com seus braços e falou por sua boca numa grossa voz de homem, de acento italiano, nada tendo de comum com seu timbre claro e bonito de voz feminina.*
>
> «*De mais, êle nem sempre está lá. Nem sempre responde aos apelos de Helena e está a seu dispor. Muito ao contrário: sua conduta, suas manifestações, suas idas e vindas são imprevisíveis e mostram um ser autónomo, dotado de livre arbitrio, muitas vezes ocupado em outros lugares, ausente por motivo de seus próprios negócios que não lhe permitem estar constantemente à mercê de Mlle. Smith. Algumas vezes fica semanas sem aparecer, a pesar dela o desejar e invocar. Depois, manifesta-se quando menos o esperam...*». (*Flournoy*. Des Indes. *4.ª ed. págs. 75).*

O Inconsciente da senhorita Helena Smith tinha outra particularidade: zangava-se com ela, irritava-se, admoestava-a, contrariava-a... Diz-nos Flournoy: — «*J'ai assisté à des curieuses querelles entre Hélène et lui*». *(Obr. cit. p. 60)*. Em várias páginas do livro, o psicólogo refere-se às divergências entre a médium e o seu guia. Tão flagrante era o desacordo que, certa vez, Leopoldo, zangado, levou a cadeira em que ela se assentava até junto à parede, fazendo-a cair pesadamente no assoalho. (Fl. p. 82).

Note-se mais essa especialidade do Inconsciente: além de transmitir os seus recados, as suas ideias e as suas mensagens à mesa, através de *dedos imóveis*, levava sua força propulsora às cadeiras, não se sabe como.

O Inconsciente era ainda afectivo, tal como certos mentores ásperos, que, guardando afeição às pessoas, sente-se na necessidade de se fazer obedecido. Um Inconsciente metido a gente. Assim é que dava salutares conselhos à médium, evitava-lhe os perigos, desviava-a das medidas erradas, premunizava, prescrevia medicamentos certos, curava, protegia, e por aí além. Em certa ocasião, quando ainda bem moça, deram-lhe um beijo, provàvelmente sem maldade. Tanto bastou para que Leopoldo lhe aparecesse, tal como no caso do cachorro, e não a deixasse senão depois que ela entrou em casa. «*Ce qui nous intéresse ici, c'est que sous le coup de l'émotion, elle vit apparaitre dans l'angle de la chambre son défenseur en robe brune, que ne la quitta plus jusqu'à ce qu'elle fut rentrée chez elle*». *(Pág. 87)*.

Tão seguros eram os conselhos e as advertências de Leopoldo, que Helena várias vezes se arrependia por o não haver escutado. — «A senhorita Smith — refere o psicólogo — andava sempre bem em submeter-se pontualmente às injunções de seu guia, visto que quando as infringia por esquecimento ou negligência, muito tinha que se arrepender». (Págs. 129).

Temos, pois, no Inconsciente de Helena um ser que toma forma, que a protege, que a salva em diversas oportunidades, que se apresenta, chegando a esconder os objectos que lhe ficam por detrás; que diverge do Consciente, que se irrita, por vezes, que o admoesta, que o aconselha; que vela, assim pelo corpo físico como pela parte moral da moça; que se mostra superior a ela em inteligência, sagacidade, conhecimentos; que, em tudo, difere da personalidade normal; que, por vezes, adivinha; e que, finalmente, para divertir-se, assume o carácter de defunto, toma um nome de empréstimo, e, destarte, se mantém indefinidamente, mau grado todos os recursos de que lança mão o psicólogo, (que ainda por cima era hipnotizador), para desmascará-lo e obrigá-lo a dizer a verdade.

★

Dos fastos do Psiquismo, cujos relatos se estendem desde os primórdios da humanidade até nossos dias, os sábios da *A Nossa Vida Mental* só se lembraram de um livro, o de

Flournoy, e desse livro só colheram uma passagem, necessàriamente a mais fraca, a mais inexpressiva, a que se poderia ajeitar numa explicação, que é a que se refere ao ciclo marciano; nela, a médium descreve a vida em Marte e apresenta uma linguagem, que disse falar-se nesse planeta. Analisando-a, verificou Flournoy que era composta de palavras com raízes europeias. E ficou tudo esclarecido. E acabaram-se as vacilações. *Et tollitur questio!*

Não fugiram os autores de *A Nossa Vida Mental* do hábito comum entre outros autores, embora astros menores da Psicologia. Ao discutirem o assunto, eles entram por aqui, saem por ali e caem finalmente no Flournoy e na linguagem marciana.

Tomar-nos-ia muito tempo analisar essa linguagem, que não seria eu que ia afirmar pertencer, mesmo, a Marte. Mas o caso é que não poderemos deixar de salientar a facilidade com que os psicólogos descobrem os veios da alma. Senão vejamos: Há uma jóvem que, mal saida das primeiras letras, vai como caixeira para uma casa comercial; nunca se deu à literatura nem al ínguas; nunca viajou; nunca saiu da casa paterna; nunca perdeu tempo em leituras. Mas que prodígio de Inconsciente! Este, a exemplo de Zamenhoff, arquitectou um idioma, e possuia conhecimentos raros de encontrar entre os grandes filósofos, que era o das raizes europeias. Todo esse poder de edificação, de organização, de elaboração de uma língua, todo esse enorme saber, necessário a se fazer um idioma, tudo isso é de uma simplicidade enorme para psicólogos. E eles passam adiante.

Mas, ainda há coisas mais complicadas. Dessas, porém, eles não tomam conhecimento. Porque não havia só, na longa descrição de Flournoy, o caso de Marte. Temos o chamado ciclo real.

Helena, que nada sabia da Revolução Francesa, evoca o passado e a época de Maria Antonieta, de quem, em transe, se diz a reencarnação. E nas descrições, nos gestos, atitudes, não só apresentava o perfil da infeliz rainha, como lembrava fielmente toda a sua dolorosa história. Dir-se-ia que trazia de cór o papel da soberana e o representava com impecável maestria. Afirmava o próprio psicólogo que pouquíssimas actrizes pintariam tão ao vivo as personagens que figurava.

Há quadros, porém, mais interessantes. Teria sido ela, anteriormente, a princesa Simandini, que vivera no Kanara, perto das Montanhas da Lua. Seu marido fôra o príncipe Sivrouka Nayaka, muito ciumento, e que mandara construir em 1401 a fortaleza de Tchandraghisi. Finalmente, por morte do marido, ela vai à fogueira, conforme os hábitos tradicionais da região.

Flournoy cançou-se em vãs pesquisas por descobrir semelhante passagem. Muito grande era o seu empenho, e tanto maior quanto o maravilhavam os quadros, as descrições, a mímica da médium, a ponto de ele indagar «*de onde vinha a essa jovem das margens do Lemano, sem educação nem conhecimentos especiais do Oriente, tal perfeição de cenas, a que não se atingiria senão com muita arte e à custa de longa estadia nas bordas do Ganges*».

Bateu o professor à porta de geógrafos e historiadores: não sabiam nada. Folheou compêndios e enciclopédias: não viu nada. Mantinha-se já na certeza do romance subliminar, quando, folheando em certa biblioteca a volumosa è ignorada obra de Marlès — *História Geral da Índia Antiga* — começaram a defilar ante seus olhos espantados tudo o que a médium lhe dizia, com as paisagens que pintava e as cenas que descrevia; lá estavam as Montanhas da Lua, o Kanara, a fortaleza, o principe Sivrouka, a princesa Simandini, o ciume dos maridos, o trágico epílogo da fogueira...

Enfim, para terminar, convem lembrar que os mortos que a médium encarnava davam as mais perfeitas provas de identidade. Nas encóspias do espaço, basta citar o caso do pároco de Chassenaz, falecido cem anos antes. Este, manifestado por Helena, escreveu com sua letra o seguinte certificado: — «Certifico a todos quantos a seu conhecimento possa este chegar, que sou Bournier, pároco de Chessenaz». E assinou-se. As investigações feitas por Flournoy no arquivo da Municipalidade de Chessenaz, na Alta Saboia, provaram a existência do cura, o seu falecimento havia mais de um século, a semelhança perfeita da letra e da assinatura.

Mas os sábios ficaram na linguagem de Marte. Aqueles a cujos ouvidos chegarem os seus doutos ensinos ficarão também por ali. É impossivel duvidar de tão eminentes mestres, de sorte que, para eles, mestres e discípulos, o que há de mais notável em matéria de Psiquismo será o idioma daquele planeta, extraído de um subconsciente mais ou menos amestrado em línguas.

E só. Para eles bastou. Aliás, em se tratando de Psicologia, com ligeiras pinceladas se resolve tudo.

Fundação de uma Mocidade Espirita

Na falta de novas noticias da acção das Juventudes Espiritas Brasileiras, damos a seguir as normas para a formação de Mocidades Organizadas *idealizadas pelo Prof. Leopoldo Machado, e já mais de duzentas em pleno funcionamento.*

1 — FORMAÇÃO PRIMITIVA

«Muitos são chamados, poucos os escolhidos».

Para a formação de uma Mocidade Espirita Organizada, devem ser chamados todos os moços espiritas, de familias espiritas e simpáticos ao Espiritismo, mas escolhidos, que revelarem entusiásmo e boa vontade.

FUNDADA A MOCIDADE ESPIRITA

Lavra-se a acta da fundação, por todos os fundadores assinada, e elege-se livremente a sua directoria e o seu mentor.

2 — SÃO DEVERES IMPRESCINDÍVEIS DE UM MOÇO ESPIRITA

a) — Frequência assídua às sessões ordinárias e extras;
b) — Aceitação à boa desincumbência das funções para que foi escalado;
c) — Norma de vida honesta e correcta;
d) — Interesse crescente pelo desenvolvimento da Doutrina e da Instituição;

3 — JOÃO EVANGELISTA

O apóstolo mais jovem do Cristo é o patrono das Mocidades Espiritas do Brasil, podendo cada Mocidade Isolada ter o seu patrono próprio.

4 — DIRECÇÃO

Uma Directoria composta de pequeno número de Directores, por exemplo: *Presidente, Secretário, Tesoureiro, Bibliotecário e Director de Propaganda,* além de comissão de Teatro, de Visitas, de Tarefas, etc., etc.

5 — DIREITOS

Numa Mocidade Espirita Organizada, têm direito iguais todos os seus componentes.

6 — CONSTITUIÇÃO

Sócios contribuintes, os que puderem contribuir. As contribuições mensais devem ser determinadas no Regulamento Interno.

7 — NEÓFITOS

Depois de fundada a Mocidade, são considerados NEÓFITOS, os jovens que chegarem depois. Devem passar por uma fase de experimentação, durante a qual revelem interesse, trabalho e realizações pela causa. Só então se fará a sua integração definitiva.

8 — MENTOR DA MOCIDADE

«Os Moços podem pela força da mocidade e da vida; os velhos sabem pela experiência e pelo estudo». Conjugar essas duas forças num só programa de acção, eis o ideal do uma MOCIDADE ORGANIZADA.

Por isso, é conveniente que uma Mocidade não tenha existência autónoma. Deve constituir-se de uma Sociedade já organizada.

Um Director da Sociedade em que funciona será o Mentor da Mocidade, por livre escolha dos moços.

O Mentor da Mocidade Espirita é o traço-de-união entre a Directoria e ela. Dele depende, às vezes, a existência e o progresso da Mocidade. Em todos os programas, deve esforçar-se para chegar primeiro, para exemplo da pontualidade, virtude indispensável numa Mocidade Espirita Organizada.

«MODUS OPERANDI» DE UMA SESSÃO ORDINÁRIA

PRELIMINARES

I — Os Juventinos vão chegando e assinando o livro de presença;
II — A hora certa, pontualmente, abre-se a sessão com uma prece, cantando-se antes, se quiserem, um hino da Mocidade;
III — Leitura e aprovação da acta da sessão anterior;

Para tudo isso ..... 10 minutos.

ACÇÃO DOUTRINÁRIA

1 — Estudo metódico do «Evangelho Segundo o Espiritismo».
Tempo ..... 10 minutos
2 — Interpretação do texto, lida ou improvisada.
Tempo ..... 15 minutos
3 — Página ou Crónica do Moço Espirita.
Tempo ..... 5 minutos
4 — Perguntas Testes (3 a 5) do «Livro dos Espíritos».
Tempo ..... 5 minutos
5 — Inquérito sobre a Vida do Cristo (Evangelho).
Tempo ..... 10 minutos

OBSERVAÇÕES

Cada actuação, confiada a um jovem. O estudo deve ser feito pelo Presidente.

Para tudo isso ..... 50 minutos

PARTE INTERMEDIÁRIA

1 — Exposição de planos de acção concertados na Directoria;
2 — Relato sintético de correspondência recebida e emitida;
3 — Impressões de leitura;
4 — Escala para o programa seguinte;
5 — Escala para as representações sociais;
6 — Escala para as sessões ordinárias do Centro em que funciona;
7 — Escala para as tarefas.

OBSERVAÇÕES

São tarefas experimentais de uma Mocidade Organizada:

a) — Aulas de moral às crianças;
b) — Campanha do Quilo;
c) — Visitas aos hospitais e cadeias;
d) — Visitas caridosas a lares miseráveis;
e) — Visitas a Juventinos faltosos ou doentes;
f) — Trabalho de costura para os pobres (as moças);

Para tudo isso ..... 20 minutos

PARTE ARTÍSTICO-TEATRAL

Explicações — Parte facultativa, desde que o tempo o permita. Será adiada, sempre que os trabalhos doutrinários e intermediários preencherem todo o tempo.

Deve constar de peças absolutamente espiritualistas, de fundo moral-educativo-doutrinário, compreendendo:

1) — Hinos e canções espiritualistas, de preferência alegres;
2) — Números de música elevada, sentimental;
3) — Declamação e canto;
4) — Teatro ligeiro, isquetes, sainetes, dramatizações, diálogos, etc.

OBSERVAÇÕES

Uma Mocidade Espirita Organizada deve ter, sempre, apreciável repertório artístico, quer no conjunto, quer isoladamente, bem ensaiado sempre;

PARTE FINAL

I — Hino de encerramento
II — Prece final.

O LIVRO DO DIA

Em toda reunião ordinária, sorteia-se um livro entre os presentes e juventinos. Senhas sem preço estipulado, distribuidas antes da sessão. Sorteio feito depois da prece. Esse processo faz a propaganda da literatura espirita, pode despertar o gosto pelo esporte da leitura e favorecer a aquisição de um volume a baixo custo.

PROCESSOS FINANCEIROS

Uma Mocidade Espirita Organizada impõe obrigações financeiras e deveres sociais. Não pode prescindir, portanto, de verba para atender a umas e outras.

OBRIGAÇÕES FINANCEIRAS

1) — Uma biblioteca organizada, com as últimas novidades doutrinárias, biblioteca formada, também, a apelos e pedidos de livros;
2) — Expediente geral da Secretaria;
3) — Representação social;
4) — Bolsa de excursão de propaganda e de confraternizações com Mocidades de outras localidades;
5) — Assinaturas de periódicos que façam de boa vontade a propaganda das Mocidades Espiritas;
6) — Auxílios humanitários a necessitados;
7) — Cotas de auxílios ao Centro Espirita em que funcione, em caso de absoluta necessidade.

AQUISIÇÕES FINANCEIRAS

1) — Mensalidades de associados;
2) — Festivais de teatro, recitais, festas sociais remuneradas, etc.;
3) — Sorteio semanal do Livro Doutrinário;
4) — Apelo das flores: distribuição de flores contra moedas;
5) — Tômbolas. Principalmente na *Noite do Moço Espirita.*
6) — Cotas de sacrifício, quando for preciso, etc., etc.

EXPLICAÇÕES

a) — O apelo das flores deve ser feito, principalmente, em «A Noite do Moço Espirita» e recitais artisticos, explicados bem os motivos dos apelos;
b) — As tômbolas, de preferência de livros. E, aos montes de 3 a 5 volumes apreciáveis, que podem ser sorteados no todo, ou volume por volume;
c) — As cotas de sacrifício, sempre que uma despesa imprescindivel se imponha para atendê-la. Feitas à guisa de rateios entre irmãos e amigos.

DEVERES SOCIAIS

a) — O uso de uniforme alegre e simples, gracioso e discreto, que sociabilize e democratize abastados e pobrezinhos, é aconselhável;
b) — Num programa festivo e social, todos os elementos devem ficar sempre juntos, numa prova de União, de unidade de vistas, de perfeita confraternização cristã;
c) Cada Jovem de bom gosto e mais entusiasmo pela causa, deve possuir seu *Album de Amizade*, para fotografias e outro para autógrafos.
d) — Arquivo de cartas recebidas e de cópias de cartas enviadas, por localidades ou Mocidades, são processos estes, para a educação e métodos de trabalhos.

CONCEITO

Um Juventino, pertencente a uma «Mocidade Espirita Organizada», deve ser Idealista, que sem Idealismo puro e cristão não se pode emprestar eficiência e vida a um movimento cristão deste género.

INTEGRAÇÃO DO MOÇO ESPIRITA

Todo estímulo e todo incentivo, que despertem energias, principalmente para o bem, são mais do que justos, são justissimos.

O NEÓFITO é integrado solenemente durante o programa da «Noite do Moço Espirita». É recebido em cena aberta, os companheiros a cantar o hino mais

querido da instituição. Um veterano faz-lhe a recepção, improvisada ou não, e o Mentor entrega-lhe o *Diploma do Moço Espirita:* um Evangelho do Cristo com dedicatória, ou outra obra qualquer.

O recepcionado agradece em seu nome e no nome dos outros, se forem muitos.

Canta-se outro Hino, ou o Hino da Alegria Cristã. Tudo sem prolixidades.

PROGRAMAS FESTIVOS

NOITE DO MOÇO ESPIRITA

A alegria cristã é um tónico para a alma. E leva-nos a gostar mais da Vida, como recurso fácil para a Evolução do Espírito.

A Noite do Moço Espirita é um festival de arte, que a Mocidade Espirita oferece a suas famílias, aos amigos e famílias de suas relações de amizade.

Seu programa consta do seguinte:

PARTE DOUTRINÁRIA

a — Palavras do mais experimentado, por dez a quinze minutos, conferida a um convidado especial;
b — A Página ou Crónica do Moço Espirita, para cinco minutos;
c — Cinco perguntas *testes,* tiradas do *Livro dos Espiritos.* As respostas devem ser dadas do meio da assistência.

ACTO VARIADO

a — Isquetes, declamações, páginas litero-doutrinárias;
b — Números de música;
c — Hinos, canto, canções, tudo dentro da moral cristã.

UMA PEÇA

Substânciosa, mas curta, bem ensaiada, sempre com fundo moral e educativo.

JORNAL FALADO

Feito com frases evangélicas, noticiário social, avisos e comunicações de interesse do movimento. Todo o programa deve ser de fundo absolutamente espiritualista, educativo, elevado, embora alegre.

E não deve exceder de duas horas, no máximo.

NÚMERO EXTRA

Integração de Moço Espirita, se houver.

FESTAS COMEMORATIVAS

Recordar vultos e factos da História do Cristianismo, sobre ser dever de reconhecimento, é, também, motivo de educação e de formação espiritual. Uma Mocidade Espirita Organizada não pode deixar de comemorar os factos principais e os vultos mais consideráveis do Cristianismo e do Espiritismo. Assim, são datas marcantes e vultos proeminentes para comemorações:

Natal, 3 de Outubro, Paixão e Morte do Cristo, Festa da Criança e do Moço Espirita, 12 de Outubro e 22 de Setembro, Aniversário do Patrono e de sua instalação.

FESTA DE ANIVERSÁRIO

Na Festa de seu aniversário, far-se-á a consagração do Pastor ou Pastora de ovelhinhas mansas mais deligente, que é o que maior número de «Ovelhinhas Mansas», bem mansinhas, trouxer para a Mocidade.

ESCOLAS ESPIRITAS

O pão do espírito transmitido com o pão do ensino é dos serviços maiores prestados à Doutrina e à Humanidade. Dirigir escolas primárias, principalmente de alfabetização, é serviço dos mais preciosos, confiados aos espiritas, principalmente às moças, que para o ensino primário, a mulher tem mais calor e jeito.

Uma Mocidade Espirita Organizada projectando-se, por suas moças, nas escolas do centro em que funciona, do bairro e da zona, colimará, por certo, finalidades das mais belas.

AULAS DE MORAL CRISTÃ

A obra do Cristo é, essencialmente, obra de educação. Transmitir à criança o ensino da Doutrina é semear no presente, colhendo, imediatamente, no presente e no futuro. Ademais, o ensino transmitido de igual para igual, quando há autoridade em quem o transmite, produz maior resultado.

O moço é quase igual ao menino na idade...

As aulas de moral critã, que funcionem nos centros espiritas, devem ser ministradas por elementos da Mocidade.

Os moços, colocados entre os mais velhos e as crianças, desfrutam, por isso mesmo, uma situação apreciabilíssima para o desempenho do delicado sacerdócio.

SÃO INDESPENSÁVEIS NUMA MOCIDADE ORGANIZADA

a) — Um regimento interno, que oriente os serviços;
b) — Uma biblioteca organizada;
c) — Um serviço de venda de livros a prestação e por sorteio;
d) — Um registo de sócios e
e) — Um serviço de Secretaria organizado.

ÚLTIMO CONCEITO

O êxito de uma Mocidade Espirita Organizada depende, às vezes, de uma só pessoa: o seu Mentor.

E de poucas pessoas de entusiasmo e amor à Causa: *sua Directoria.*

PALAVRAS DO FIM

Este Programa é, apenas, uma experimentação. Como o temos aplicado aqui, com apreciáveis resultados, resolvemos aconselhá-lo ao movimento que, de boa vontade, o queira experimentar.

Demos-lhe CEM para validade. Se não se lhe puder dar, integralmente, os *cem,* façamos setenta, cincoenta, trinta, dez, com o desejo crescente, de um dia, fazermos os *Cem,* ou *mais do que cem.*

N.º 19
MAIO
1948

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Acabados os exames que muito fizeram «transpirar», é possível que alguns leitorzinhos troquem a cidade pelos campos e pelas praias, a fim de reconstituirem o organismo um tanto abalado.

É bom que se divirtam (nem só de pão vive o homem) e que se distraiam em plena natureza. O campo e a praia são elementos rejuvenecedores do corpo, que devemos manter sempre em justo equilíbrio. Desenvolvei-o, amiguinhos, mas poupai-o a excessos prejudiciais, muitas vezes irreparáveis. É preciso que na volta aos trabalhos escolares vos apresenteis mais fortes e confiantes. É o que vos deseja do coração a vossa amiga incondicional, a vossa irmã mais velha

KYLAS

★

O CORPO

A Fraqueza

— Mamã, não me apetece comer.

— Por quê, meu filho?

Por coisa alguma; só porque o menino amuou.

Deixem-se disso, meus meninos, que o não comer traz fraqueza e a fraqueza impede-nos de trabalhar; a memória vai-se embora.

Bem bastará o tempo em que, já crescidos, terão as preocupações a tirar-lhes o apetite e o sono.

Comam bem e a horas, meus meninos a fim de se prepararem para a vida que tanto desejam viver.

AS QUALIDADES

A Pontualidade

A pontualidade é a alma do negócio, exactamente como a brevidade é a do espírito.

Tem-se dito que a pontualidade é a delicadeza dos reis. Muitos homens parecem correr atrás dos seus negócios: sempre apressados, dão a impressão de que vão perder o comboio. Falta-lhes método, e não chegam a fazer obra que se veja. Um banqueiro sabe que certos momentos determinam o destino de muitos anos. Se chegar um pouco mais tarde ao banco, os seus papeis podem ser protestados e o seu crédito fica arruinado.

Uma das melhores coisas da vida colegial é a sineta que, tocando às horas de trabalho e de recreio, cria hábitos de pontualidade e exactidão. Todo o homem novo deveria ter um relógio que indicasse a hora exacta, porque um relógio que marca a hora pouco mais ou menos, estimula os maus hábitos e desta maneira torna-se excessivamente caro.

... ...

O atraso do relógio de um maquinista pode produzir uma colisão terrível entre dois comboios. Pode levar à falência uma grande casa de comércio, pelo simples facto dé um empregado se descuidar em transmitir fundos válidos no momento próprio. Um homem inocente pode ser enforcado só porque o mensageiro que trazia a graça do indulto chegou cinco minutos mais tarde. Um homem demora-se durante alguns minutos a ouvir uma história sem importância e perde o vapor ou o comboio.

«Tarde demais» é o que se pode ler nas entrelinhas do epitáfio do túmulo de muitos homens que não triunfaram. Alguns minutos estabelecem muitas vezes toda a diferença entre a vitória e a derrota, entre o sucesso e o insucesso.

(«De «O Sucesso pela Vontade», de *Orison Swett Marden).*
Tradução de J. Martins de Almeida

★

Procura a simplicidade,
Não gabes a própria sorte;
Por enquanto, não chegaste
À grave questão da morte.

Casimiro Cunha

A FALA QUE DEUS NOS DEU

por António Correia de Oliveira

Madre lingua portuguesa,
Sombra dos coros divinos;
— Milagre da natureza:
De louca e surda rudeza,
Erguida em sons cristalinos!

Lingua santa onde há escrita
Esta palavra: «Jesus»;
Ou a ternura bendita
Que nos diz — MÃE — e palpita
Na essência da própria luz.

Foste a leal companheira
Dos meus avós: Quantas vezes,
— Tuba de oiro à dianteira, —
Junto a Deus, à sua beira,
Chamavas os portugueses!

Toda a harmonia celeste
Resumes num grito: Deus!
E a terra a Deus a estendeste,
Quando pensaste e disseste:
— Pátria! Pátria! — ao mundo e aos céus.

Ouvi! — A lingua é bandeira
Da Pátria que reza e canta:
Bendito quem, entre tanta
De altiva côr estrangeira —
À luz do Sol a levanta!

Ó Povo! Defende-a, pura
De ódio, inveja e negra ideia;
Veste-a na graça e candura
Do teu linho, — sem mistura
De falsa púrpura alheia.

(De «A Fala Que Deus Nos Deu»)

A PAGA DE JESUS

(Conto oriental)

por M. Alzira Azevedo da Costa

Isto que vos vou contar pasou-se há muitos anos, longe do nosso lindo Portugal, no país bendito onde nasceu Jesus.

Junto a uma antiga fonte, ensombreada por lindíssimo chorão secular, brincavam duas crianças de porte airoso e lindo, tipos perfeitos da sua raça: Raquel e Maria.

Era numa escaldante tarde de verão, em que nos parece que terra, mar e céu tudo arde, como num vulcão enorme. Ao longe, doirando os picos azulados das montanhas, o sol, incendiado disco de oiro, parecia afogar-se no oceano.

— Olha, Raquel — disse Maria à sua companheira — amanhã, que é domingo, queres vir brincar para aqui? Eu trago a minha boneca e, sentadas à sombrinha, verás como se está bem! Pede a teu pai, sim?

— Eu vinha... mas terei de ir passear com meu pai; bem sabes que, sendo ele ceguinho como é, sou eu que o acompanho, indicando-lhe o melhor caminho, para que não tropece nem caia. Sou eu a luz dos seus apagados olhos; pela minha mão caminha confiadamente, como se fossem seus olhos que, com amor, lhe mostrassem o caminho. Bem vês que me é impossível vir brincar, Maria.

E ao dizer aquilo, aquela criança de coração diamantino, aquele formoso anjo tinha no rosto uma infinita tristeza.

Sem mais palavras iam buscar as suas cantarinhas cheias de água límpida e fresca, que jorrava da bica da fonte, quando chegou junto delas um trôpego mendigo. Velhinho, muito velhinho, o corpo chagado, a roupa em farrapos, um ar de sofrimento ilimitado, o refluxo de uma vida, durante a qual muito se chorou.

Ao encararem aquele pobre farrapo humano, as duas crianças tiveram um movimento de assustada surpresa, logo mudado em imensa compaixão.

E a boa Raquel, coração imaculado, alma santa entre as mais santas, ao vê-lo assim tão velho e doente, tão cansado e pobrezinho, nem reparou, sequer, nas suas feridas, nem no seu ar repelente e desgraçado. Não! Poisou a cantarinha e, dirigindo-se a ele, diz-lhe:

— Quer que o ajude a caminhar, irmãozinho?... Já é tão tarde e está tão fatigado, que tarde mal chegará à aldeia.

O mendigo encarou-a e, com voz lenta em que havia imensa doçura, respondeu-lhe:

— Obrigado, minha menina. O que eu te agradecia era que me desses a beber pela tua cantarinha; beber, matar a sede que há horas me devora, sem que, pelo áspero caminho que enxergado. Nem vivialma pelo defonte, meus pobres olhos houvessem enxergado. Nem vivìalmas pelo deserto destas areias! Vês tu, minha filha, como trago os pés cheios de sangue das feridas que me fizeram as pedras do caminho? Cada passo produz-me dores tão grandes, que as lágrimas me vêm aos olhos.

E o mendigo, depois de beber a longos tragos, pela mão de Raquel, sentou-se a descansar junto da fonte. Então a bondosa menina, reparando nos chagados pés do pobrezinho, à falta de outra coisa, correu a molhar uma ponta do seu vestido e, com ele, lavou e refrescou as repelentes feridas, cobertas de pó e de areia do caminho, ao mesmo tempo que dizia:

— Assim, talvez possa caminhar melhor!

— Oh!... Que bondade a tua!... — tornou o pobre mendigo — Bendita sejas, linda criança, que tens no peito um coração generoso, uma alma pura. Bendita sejas! Vai para casa, meu anjo, e lá encontrarás a paga que o teu coração merece e que Deus oferece a quem, como tu, é bom e santo sem o saber.

Então o roto mendigo, o repelente chagado, tão velho, tão triste e tão feio, transformou-se como por encanto, numa visão celeste surpreendente de beleza: túnica azul, cabelos anelados e olhos muito meigos. Era Jesus.

★

No outro dia de manhã, uma multidão escutava, embevecida, a fala do tio Joaquim, ainda ontem sentado à porta, com os olhos sem brilho e sem luz, e hoje, por mercê de Deus, a ver tão bem como outrora. E falava com uma linda rapariga, que também viera para ver o novo milagre.

— Mas... como foi isso, tio Joaquim?

— Eu nem sei bem!... Estava sentado à porta, esperando que a minha Raquel voltasse da fonte, quando ouvi uma voz muito doce que me disse ao ouvido: «A paga de Jesus à imensa bondade de tua filha, será findar a noite profunda em que estás mergulhado». Nisto, os meus pobres olhos, para os quais tudo era noite opaca e tenebrosa, viram subir ao céu um não sei quê de resplendor, de beleza estranha, que não sei explicar. E vi de novo a minha casa amiga, onde nasci... vi a minha aldeia querida, vi tudo aquilo a que andava preso um pouco da minha alma e que supus nunca mais tornar a ver. Ajoelhei, agradecendo a Deus a sua bondade, até que a minha Raquel me contou o que com ela se passara. E com os olhos arrasados de lágrimas, eu disse: — «Como o Cristo, eu te digo, filha: sê bendita!...».

Anos passaram. Raquel fez-se mulher, casou e foi feliz, pela bondade de seu coração.

Foi isto há muito anos... Quem faz bem e dá aos pobres, empresta a Deus, e Ele, tarde ou cedo, nos dará o merecido prémio, como à bondosa Raquel, nas poéticas e santas terras da Palestina...

Deus

por Silva Tavares

Entrega-te a Deus no estudo,
Guarda-o sempre na lembrança.
Deus é Princípio de tudo:
— Sem Deus, o Fim não se alcança.

Deus é a força divina
a que tens de te amparar!
É a graça que te ensina
a ser justo e a perdoar.

És fraco? Pois serás forte,
tendo Deus por companhia.
Confia na tua sorte:
— Deus protege quem confia!

Torna a tua vida clara.
O caminho de mais luz
é o da recta: — Repara
nas linhas rectas da Cruz!

E lembra-te, sobretudo,
desta máxima sagrada:
— O pouco com Deus é tudo;
o muito sem Deus é nada.

★

Coragem Cívica

Dois homens passam pela porta de uma quinta, donde um cão lhes ladra furiosamente:

— Vamos de volta — diz um.

— Tenho receio do cão.

— Tu não sabes que «cão que ladra não morde» ?

— Eu sei; mas o cão é que é capaz de não saber...

Cantinho do Estudante

Os nossos leitores, estudantes de Espiritismo, desejam sem dúvida experimentar os seus conhecimentos... Pois bem: vão, a partir do presente número, ter o seu desejo satisfeito. Apresentar-lhe-emos de cada vez 10 perguntas, devendo as respostas ser remetidas à redacção de «Estudos Psíquicos» e endereçadas a STUDIO. Estas respostas serão classificadas e aos 3 melhores «estudantes» enviaremos prémios adequados, depois de cada concurso, que constará de 6 Grupos.

Os «estudantes» devem indicar seu nome completo, idade e endereço, não sendo aceitáveis quaisquer pseudónimos.

1.ª — *Quem escreveu «Do País da Luz»?*
2.ª — *Quem é o Autor espirita cujas obras foram queimadas publicamente em Barcelona?*
3.ª — *Que livro escreveu William Crookes sobre Espiritismo?*
4.ª — *Como se chamava a médium com quem Crookes obteve a materialização de «Katie King»?*
5.º — *Em que ano se iniciaram os fenómenos do Espiritismo moderno?*
6.ª — *Como se chamava a mais célebre médium italiana do século dezanove?*
7.ª — *Que nome se dá ao médium que escreve sob influência do Espírito?*
8.ª — *Como se chamava o mais célebre médium inglês do século dezanove?*
9.ª — *Quem escreveu «A Alma é Imortal»?*
10.ª — *Quem foi o grande propulsor do Espiritismo na Argentina?*

STUDIO manterá também aqui uma secção de correspondência, onde responderá, em quatro linhas, a perguntas que os «estudantes» lhe fizerem sobre pontos doutrinários. Meninos e meninas: Mãos à obra! Vamos estudar Espiritismo, para podermos difundi-lo em toda a parte.

★

Bom Conselho

— Tenho tenção de lhe dedicar um volume de versos que vou publicar.

— Olhe, meu amigo, dedique-os ao Papa. Só ele lhe pode dar as indulgências que os seus versos precisam.

MINHA MÃE

Quando a minha alma estende o olhar ansioso
Por esse mundo a que inda não pertenço,
Das vagas nuvens desse mar imenso
Destaca-se-me um vulto mais formoso:

É minha santa mãe! Berço mimoso
Donde na minha infância andei suspenso,
É minha santa mãe que vejo — e penso
Verei sempre, se Deus é piedoso.

Como línguas de fogo que se atraem,
Àvidamente os braços despedimos
Um para o outro, mas os braços caem.

Porque é então que olhamos e medimos
A imensa distância donde saem
Os ais da saudade que sentimos!

JOÃO DE DEUS

José de Anchieta

por Ronald de Carvalho

Os jesuitas foram um grande elemento na formação da nacionalidade brasileira: prepararam o gentio e educaram os colonos para as futuras lutas contra os piratas de todas as procedências: holandeses, ingleses e franceses.

Desses homens que levaram as suas missões até ao interior do Brasil é justo destacar a figura notável de José de Anchieta.

Nascido em 1530, na ilha de Tenerife, dali partiu para Coimbra em 1546. A delicadeza do seu estado de saude obrigou-o a partir para Lisboa, depois de concluídos os estudos preparatórios, seguindo mais tarde para a Baía com o governador geral, Duarte da Costa, em 1553.

Tanto que aqui chegou, logo se afez às gentes e ao lugar, começando os trabalhos do seu largo apostolado, só interrompidos por moléstias. Nem um naufrágio, nem as lutas que travou com os selvagens revoltados, nem as provações que sofreu durante o curso das suas viagens, puderam refrear-lhe o gosto pela catequese dos selvícolas bravios e o amor pelas agruras do seu sagrado mester. Temperamento combativo, Anchieta procurava dificuldades e sabia resolvê-las.

Humanista como os que mais o eram na sua época, sabia compor em prosa e verso, tanto em tupi (lingua dos indios) e latim, como em português e espanhol.

Depois de assim ter vivido e sofrido entre os pobres índios, longe dos salões da metrópole, onde o seu espírito tantos admiradores fáceis poderia conquistar, já velho e trôpego, mas sempre iluminado por um divino desprezo pelas misérias que o cercavam, faleceu Anchieta em 9 de Junho de 1597, em seu retiro voluntário da aldeia de Reritgbá, na capitania do Espírito Santo (um dos Estados brasileiros).

(Da *Pequena História da Literatura Brasileira*)

★

Quem Mais Alto Sobe...

por D. Francisco Manuel de Melo

A esse propósito, lembro-me o que vi suceder a um cágado com uma águia, lá em certa lagôa da minha aldeia.

Veio a águia, e de repente o levou nas unhas, não com pequena inveja das rãs e de outros cágados que o viam subindo, vendo-se eles ficar tão inferiores a seu parceiro. Julgavam os invejosos grande fortuna que um animal tão para pouco fosse assim sublimado à vista dos seus iguais e que a mais nobre das aves o levasse no colo tão honradamente.

Seguimo-lo com os olhos todos de emulação.

Nisto, vimos a águia retirar-se com a sua presa a uma serra. Aí, levantando o triste animal, deixou-o cair nas pedras vivas até lhe quebrar as conchas com que se defendia.

E o pobre cágado deu assim um pequeno almoço à águia faminta e traiçoeira...

(De «Relógios Falantes»)

A Confissão e o Leproso

Certa vez um jovem muito rico, porém muito caridoso, ouvindo a prédica de um padre sobre a confissão, e vencido pelas palavras convincentes do pregador, resolveu confessar-se. Foi para casa e fixou o dia para a execução de sua ideia. Entretanto, preparou bem o seu espírito e fez um minucioso «exame de consciência». Estando preparado, dirigiu-se para a igreja. Ao entrar, viu assentado num degrau da escadaria um leproso. Condoído da desgraça do pobre doente, enfiou a mão no bolso, e, num arroubo, deu-lhe a carteira, que encerrava grande quantia, e em seguida dirigiu-se para o confessionário. Exactamente quando se aproximava, ouviu, quando o padre ainda dizia a uma jovem que se havia confessado:

— Filhinha, pode ir, está perdoada, reze três Ave-Marias.

O jovem, ouvindo isto, teve uma ideia súbita e perguntou ao padre:

— Com que poder e com que autoridade perdoastes os pecados daquela jovem?

E o padre respondeu:

— Nunca leste os Evangelhos? A obrigação da confissão é uma consequência do poder judiciário de atar e desatar, de reter os pecados, dados aos pastores da Igreja de Cristo.

O jovem levantou-se então, agarrou o padre pelo braço e arrastou-o para fora do confessionário, enquanto dizia:

— Padre, tende compaixão de um infeliz, eu vos suplico!

O padre, julgando que o jovem tivesse algum crime enorme, apressou-se a animá-lo:

— Não temas, filhinho, confessa o teu pecado, arrepende-te e eu te perdoarei.

— Não, não é isso por enquanto, — respondeu o jovem.

Então o padre, começando a recear pelo juizo do rapaz, perguntou-lhe.

— Que queres que eu faça então?

— Vinde até aqui, eu vos suplico. E levou-o até onde se achava o leproso, dizendo:

— Curai este infeliz, tende misericórdia!

Porém, ficou surpreso e ao mesmo tempo desalentado, pois o padre, sem dizer-lhe palavra, voltou-lhe as costas e dirigiu-se de volta para o confessionário.

O jovem, sem poder conter sua tristeza, exclamou: «Padre!». Este, voltando-se, fuzilou-o com o olhar, enquanto dizia:

— Imprudente! Não vês que não posso curar, que não tenho esse poder? E não vês também que com a tua estupidez estás roubando um tempo que me é precioso?

O jovem olhou-o tristemente, e disse:

— Não me confessarei!

— Porquê? — perguntou-lhe o clérigo.

— Não é inerente ao poder de perdoar os pecados — aquele poder de curar os leprosos, abrir os olhos aos cegos, etc.? Como, pois, não pudestes curar este leproso, se tendes o poder de perdoar os pecados, idêntico àquele de curar? Se não tendes o poder de curar este leproso, é evidente que não tendes também o poder de perdoar os pecados!

E descendo lentamente as escadarias, apertando o chapéu entre as mãos tão dadivosas, dirigiu um olhar de compaixão ao leproso que, não obstante tudo o que se passara, lá continuava esperando pela caridade dos fieis, porque também era cego e surdo, por isso não sabia o bem que tinha ganho.

(De «*O Clarim*», de Matão)

★

Adivinha

Qual a coisa... quem me diz?

Pertence a uma numerosa família, sem ser vegetal, nem mineral, nem animal.

Já perdeu o seu valor nas antigas monarquias, sendo até desprezado pelos monárquicos. Anda ligado à humanidade e acompanha os homens a toda a parte.

Vai às salas na companhia das senhoras e cavalheiros e tem lugar nos chás e nas chávenas. Dos ombros foi banido há muito, mas os homens não podem passar sem ele.

Também da Espanha foi retirado, mas a Holanda sempre o protegeu.

Nada tem com o Diabo nem com Deus.

Vê-se nas chamas sem arder.

Procure-o na História e seus heróis e encontrá-lo-á.

Disseram-me mesmo agora que está na China. Que será?

★

O exemplo das obras é palavra viva e eficaz; fàcilmente persuadimos, se fazemos o que aconselhamos.

A. Bernardo

A Muralha da China

por Luiz G. Jaeger

A muralha chineza é incontestàvelmente uma das grandes maravilhas do mundo. Essa obra, das mais estupendas da engenharia de todos os tempos, foi construida pelo imperador Huang-Ti, no segundo século antes de Cristo para proteger o *celeste império da China* contra as incessantes irrupções das hordas dos mongois.

A muralha, que mede 11 a 12 metros de altura, com 10 metros de espessura na base e cerca de 7 metros no alto, estende-se pelo norte da China, alcançando cumprimento superior a 3.000 quilómetros.

É toda feita de cantos de granito. Essas pedras chegariam para lançar ao redor da Terra, no equador, um muro de três metros de alto por um de grossura.

Na gigantesca pirâmide de Queópe, no Egipto, gastaram-se 2.000.000 de metros cúbicos de pedras; para a muralha chineza foram precisos 300.000.000 de metros cúbicos de granito, o que bastaria para levantar 120 pirâmides como a de Queópe.

Segundo Heródoto, historiador antigo, trabalharam nessa pirâmide cerca de 100.000 homens, durante 30 anos; a muralha chineza foi construida em 15 anos apenas. Nenhum livro, porém, nos revela o fabuloso número de mãos que talharam aquelas moles duríssimas e carregaram os cantos pelas planícies, pelos vales, e os transportaram às grimpas das montanhas que chegam a alcançar 2.000 metros de altura. A nós sòmente veio, através de testemunhos fidedignos, o nome do poderoso monarca Huang-Ti, que levou a cabo, com energia sem par, aquele monumento arquitectónico.

Centenas de milhar de soldados estavam sempre de sentinela na formidável muralha, que era fortificada por 20.000 torres. Agora, cessou lá o movimento. Apenas atravessam aqueles muros algumas caravanas e alguns pacíficos pastores ainda nas suas vizinhanças apascentam seus rebanhos.

★

Anedota

O Anastácio fez um seguro contra acidentes. Passaram-se alguns anos. Na data do costume aparece-lhe o empregado da Companhia a receber o prémio do seguro.

— Já não lhe pago mais prémio nenhum. Pois não querem lá ver! Há dez anos que ando a pagar para o seguro do acidente e ainda me não aconteceu desastre nenhum! Vou mudar para outra Companhia!...

«LUZ NO CAMINHO»

NA CRITICA DOS OUTROS...

«Já conhecíamos e admirávamos Isidoro Duarte Santos, como militante espírita dos mais valorosos e jornalista de elevada capacidade. Em outros sectores, e, principalmente na direcção da revista *Estudos Psíquicos*, vem ele há tempos projectando o dinamismo da sua acção construtiva, num esforço gigantesco e bem dirigido por implantar o Espiritismo na gleba portuguesa, onde um credo obsoleto, porém dominante, porfia no seu afã secular de antepor obstáculos de toda a ordem ao curso das ideias renovadoras. Chega a ser mesmo temerário, ainda hoje, propagar o Espiritismo em Portugal, tão desabusados e arbitrários se mostram contra seus adversários os maiorais do clero lusitano todo poderoso. Removendo os mais sérios impecilhos e reagindo contra as hostilidades do meio, vem, contudo, Isidoro Duarte Santos, há 9 anos, comandando um pugilo de lutadores resolutos e fazendo da sua revista uma trincheira invencível, onde a Verdade não cede e tem alcançado apreciáveis vitórias.

Ùltimamente deu-nos Isidoro Duarte Santos duas magníficas traduções — *Resumo da Doutrina Espírita*, de Gustave Geley, e *Nos Umbrais do Além*, de Sir William Barrett — e agora, impondo-se a mais alto conceito por sua notável operosidade, vem de nos brindar com um substancioso trabalho de sua autoria a que deu o sugestivo título de *Luz no Caminho*. O livro do eminente confrade luso é composto em caracteres graudos e impresso em óptimo papel, com excelente apresentação gráfica. Isto quanto à parte material da obra.

O seu conteúdo, então, encerra o que há de mais instrutivo, interessando a quaisquer leitores pelos preciosos ensinamentos que poderão recolher. Em *Luz no Caminho* Isidoro Duarte Santos revela-se um grande exegeta das sagradas letras, pois nas 346 páginas em que o livro se desdobra as passagens do Evangelho são magistralmente interpretadas, ficando as lições de Jesus, assim, mais inteligíveis, ao passo que a figura do Mestre adquire inédita majestade e avulta na nossa admiração. Estilo escorreito e límpido dando vida a capítulos curtos, isto faz com que a leitura da obra se insinue ao gosto dos leitores, que se sentirão edificados e a acompanharão, com interesse, até o fim.

Luz da Verdade agradece a oferta de um exemplar que lhe fez o autor».

(De *Luz da Verdade*, de Salvador, Baía).

Publicado pela «Estudos Psíquicos Editora», Portugal, recebemos um volume de 346 páginas, subordinado ao título em epígrafe. Em seu empolgante trabalho, Isidoro Duarte Santos, que também é director da grande revista espírita lusitana «Estudos Psíquicos», nos apresenta um verdadeiro repositório de ensinamentos cristãos, ao qual o autor houve por bem qualificar de «Páginas de Análise Evangélica à Luz do Espiritismo».

Vindimando nos grande livro do Cristianismo — O Evangelho —, o ilustre confrade português, se revela um dos maiores escritores espíritas, pois quem perlustrar as páginas do seu livro, temos a certeza absoluta, encontrará uma fonte perene de água viva, capaz de curar qualquer chaga de sua alma e de restaurar dentro do seu íntimo a subtileza do Cristianismo primitivo. É pois, empenhadamente, que recomendamos, a todos, a leitura dessa incomparável obra.

Nossos parabens e sinceros agradecimentos a Isidoro Duarte Santos.

(De «*O Revelador*», de S. Paulo)

★

Já se encontra sobre a nossa banca de trabalho o volume «Luz no Caminho», escrito pelo sr. Isidoro Duarte Santos, provecto director de «Estudos Psíquicos», de Portugal, largamente conhecida nos meios culturais espiritualistas e espíritas do mundo.

A obra consiste em novos e luminosos comentários em torno dos Evangelhos. É de excelente oportunidade, pois os Santos Livros têm sempre facetas novas. Cada garimpeiro tem o seu temperamento, a sua maneira de ver e sentir, a sua individualidade, o seu grau próprio de receptividade. E no esforço que se faz para revolver as entranhas do material, nos mais variados departamentos da galeria majestosa, os filões são os mais diversos. Cada qual apresenta sua densidade, sua extensão, sua dutilidade e brilho com cujos elementos se individualiza. Ora, não obstante a realidade suprema seja a mesma, ela nos visitará só e só na relatividade de nossos dispositivos antênticos. Daí o facto de o maior dos comentaristas estar a cada dia, como todos os demais, na mesma situação de sedento de mais verdades, de buscador necessitado de novas nuanças no seio dos Evangelhos. Por essa razão é o livro do sr. Isidoro Duarte Santos uma obra de valor. No decurso do livro notam-se os pontos em que o grau da identificação afectiva e intelectiva, em que o esforço integral da constatação fulgurou num relâmpago amêno e descortinador, em que o toque mais

JUVENTUDE ESPIRITA PORTUGUESA

A Federação Espirita Portuguesa chama os jovens à luta pelo Ideal que abraçaram e cria o *Núcleo da Mocidade Espirita*, onde, unidos, sejam os herdeiros de um passado dignificante que não admite paragens. O Espiritismo continuará, através dos moços de hoje, a projectar-se no Futuro. Sem os novos ficaria incompleto.

Jovem que nos lês, não hesites, pensando modestamente que não possuis qualidades superiores que te possam exigir esforços para que não estás preparado. Não hesites. Inscreve-te no NÚCLEO, porque o Espiritismo necessita de ti, como de todos os homens e mulheres de boa vontade. Os jovens do Mundo Espirita esperam a vossa chegada.

***Estudos Psíquicos* coloca-se ao serviço do NÚCLEO, esperando que o Espiritismo crie novas raizes e enfrente novas realizações.**

O 1.º Congresso de Mocidades Espiritas

O 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, cujas reuniões preparatórias se têm realizado no Salão da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro*, será um dos mais notáveis acontecimentos espiritas mundiais. Realizar-se-à no Teatro João Caetano, de 18 a 25 do corrente, cuja sala abriga mais de 2.000 pessoas, e a sessão será filmada e irradiada através das emissoras cariocas.

A seguir, os congressistas assistirão ao «Almoço da Fraternidade» na *União dos Discípulos de Jesus*, onde passarão a tarde agradàvelmente em «festa de Alegrias Espirituais». À noite, seguirão para Nova-Iguassú, onde comemorarão o 28.º aniversário do *Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade*, de que é presidente o nosso redactor Leopoldo Machado.

Os dias subsequentes, até 25, serão destinados a passeios na Cidade Maravilhosa, visitas a instituições espiritas de relevo e reuniões das Comissões para selecção das teses. As noites serão destinadas a sessões litero-doutrinário-artísticas dedicadas às Mocidades Espiritas seleccionadas por zonas: do Brasil setentrional, nordestino, meridional, central e oriental. Cada noite, uma instituição diferente. No dia 24, o teatro do Congresso, e no dia 25, encerramento do certame na Federação Espirita Brasileira, que cedeu as suas salas para uma reunião.

tangivel da verdade espiritual entressaiu mais borboleteante e claro.

Daqui já as nossas preces sobem ao Pai e ao Director do Mundo, em agradecimento sincero pelo presente vindo através do trabalho ora em alusão. Damos nossos emboras à Editora da obra, bem como ao enérgico e laborioso povo lusitano, pela dádiva que assim lhe veio.

E ao confrade sr. Isidoro Duarte Santos nosso abraço cordial, muito cordial.

(De «A Nova Era», de Franca, Estado de S. Paulo)

Centenário do Espiritismo

No passado dia 27 de Junho, o Instituto Espiritualista Português, Largo do Intendente, 52, 2.º-D., Lisboa, realizou uma sessão solene em que se encontravam representadas algumas colectividades espiritas de Lisboa e província.

Presidiu o nosso director, 1.º tenente Isidoro Duarte Santos, em nome do Centro Espiritualista Luz e Amor, Rua do Salitre, 149, 1.º-D., que há nove anos consecutivos vem exercendo activa propaganda dos postulados kardecianos.

Agradecendo a honra do convinte, o presidente pôs em relevo o significado do 1.º Centenário do Espiritismo e a necessidade de se apoiarem as agremiações que lutam para maior glória da Doutrina que nos irmana.

Falou a seguir Virgílio Maia, presidente da Comissão Administrativa do Instituto, pondo em relevo a isenção e o espírito de sacrifício de que é preciso dar provas, para se defender a Causa com nobreza e ficar-se a coberto de percalços que só viriam prejudicar o trabalho comum.

O Capitão Estevão Rodrigues representou o Grupo Espirita «Ordem da Estrela Fraternal», da Figueira da Foz, e historiou a sua génese desde 1914 até à data.

Por último, Ramos Pereira realizou uma conferência intitulada «Existencialismo e Espiritismo». Durante mais de hora e meia, o nosso redactor procurou demonstrar com argumentos sãos a analogia existente entre existencialismo e espiritismo, tirando ilações altamente proveitosas para os homens que desejam mais alguma coisa do que vegetar neste mísero grão de areia.

Com a vivacidade que lhe é peculiar, Ramos Pereira conseguiu prender a assistência e transmitir-lhe, por vezes, o entusiasmo de que estava possuido.

Por fim, Isidoro Duarte Santos encerrou a sessão, dizendo que os trabalhos ali realizados naquela tarde constituiam evocação e afirmação de fé nos destinos da Causa, que necessitava de novos e operosos obreiros que empunhassem a nossa bandeira com decisão e dispostos a atingir o alvo objectivado.

E assim terminou esta sessão comemorativa, à qual numerosa assistência prestou o seu dedicado concurso.

Assistência Psíquica

Continuamos a bater a cabeça do prego... necessário agitar a ideia duma clínica de assistência psíquica que proteja a enorme legião de obsidiados, sem esperança de cura, que infestam a terra portuguesa.

É um problema importantíssimo. Tudo o que fizermos no sentido de aliviar e amparar o semelhante é digno de louvor. E devemos começar por uma obra que se dirija aos verdadeiros necessitados, que preencha a lacuna existente.

Dez por cento da população anda descontrolada, sem a mínima assistência. Por si só, o governo não pode resolver determinados problemas. É preciso que o auxiliemos com iniciativas oportunas e racionais. É o que estamos a fazer. Agitaremos esta ideia, até que a possamos materializar, não só para expectação dos incrédulos, mas para benefício dos enfermos.

Não se pode abandonar a raça às intempérias morais e espirituais. Temos que erguer contra elas o camartelo da profilaxia. Um obsidiado oportunamente atendido é um louco a menos na lista dos manicómios.

A loucura é a doença mais terrível da humanidade. Ao pé dela, a tuberculose e o cancro são coisas de sòmenos importância.

Temos recebido muitas cartas de incitamento: de Portugal, das colónias, do Brasil. «Para a frente!» — dizem todos os nossos correspondentes.

Ainda há poucos dias entrou aqui um velho amigo que não se cansa de auxiliar-nos. E disparou esta à queima-roupa:

— Abra a subscrição com 5 contos! Quanto mais depressa melhor!

E nós respondemos imediatamente:

— Devagar, que tenho pressa. Registo a sua oferta. Mas quero primeiro agitar a questão. Quero primeiro convencer os leitores da grandeza e espiritualidade desta ideia, para que, todos juntos, consiguemos objectivá-la.

Médicos não faltarão, estamos certos. O Alto se encarregará de preparar o terreno, a fim de nele lançarmos a semente. A união faz a força. Ditado velho e sempre verdadeiro. De ontem, de hoje, de amanhã. Pensemos nele e venceremos, pondo em prática uma grande obra de misericódia.

A Febre Tifoide

A febre tifoide é uma doença infecto-contagiosa que algumas vezes reina sob a forma epidémica. Geralmente é endémica, constante, determinando bastantes mortes por ano. Reunindo os óbitos causados por ela e pelas febres paratifoides encontra-se um elevado número global. Não são, pois, factores letais desprezíveis; pelo contrário, merecem a atenção dos higienistas e do público.

A febre tifoide é devida ao bacilo de Eberth, o qual é dotado de notável resistência e capaz de permanecer três meses no gelo. Elimina-se pelas fezes, urina e vive meses no solo e na água e cerca de escarro dos doentes.

Há individuos que, convalescentes, ou mesmo completamente restabelecidos, continuam baciliferos, isto é, portadores de micróbios e, portanto, perigosos elementos de propagação do mal. Alguns libertam-se dos bacilos ao fim de pouco tempo; outros conservam-nos indefinidamente, como no célebre caso de Madame Frosch.

O principal cuidado para evitar a propagação das infecções tíficas e paratíficas consiste em dar conveniente destino às fezes humanas, de todas as pessoas doentes ou sãs, de modo que não sejam disseminadas pelo solo, contaminando-o, ou poluindo as águas, as verduras, etc.

Outro cuidado refere-se ao contacto directo com doentes, ou com os tais portadores sãos ou convalescentes, com as suas roupas e objectos, sobretudo com as mãos, no caso de pessoa ignorante ou sem escrúpulo higiénico.

As moscas são apontadas, e com razão, como veiculadoras das doenças referidas, porque poisam nas imundícies e depois vão ter aos alimentos, talheres e copos.

A água é o elemento propagador por excelência; por isso, beber água de procedência duvidosa, é um perigo que se evita fazendo-a ferver durante 15 a 20 minutos; também as verduras cruas e frutos, principalmente os morangos, irrigados com água impura, representam outros elementos de disseminação.

Os doentes de febre tifoide devem ser cautelosamente isolados, observando-se o maior cuidado com as suas dejecções e roupas. As dejecções precisam de ser tratadas com cal virgem, creolina ou outro antiséptico enérgico, antes de serem lançadas na latrina. As roupas serão fervidas. As pessoas que estiverem em contacto com doentes devem tomar o maior cuidado para não se contaminarem e não contaminarem outras pessoas, lavando e desinfectando bem as mãos, e bem assim tendo em conta as outras cautelas habituais de higiene. Estes cuidados devem ser observados mesmo depois do doente curado e por muito tempo. Devem-se combater as moscas e tomar cautela com os cães e gatos, considerados elementos disseminadores da doença.

O Espiritismo no Ceará

Temos dito muitas vezes que o Espiritismo brasileiro é um mar sem fundo onde vogam livremente milhares de caravelas desfraldando a bandeira da codificação kardecista, a começar pela Federação Espírita Brasileira que há mais de meio século pugna pela expansão do livro e é talvez o maior empório editorial espírita que existe à face da terra.

Pelas nossas colunas têm passado verdadeiros monumentos de assistência, como o *Hospital Espírita Pedro de Alcântara*, a *Maternidade Casa da Mãe Pobre* e o *Orfanato Casa de Luciá* (para só falar das notícias mais recentes). Na «Crónica Estrangeira», que há cerca de dez anos mantemos com regularidade, desfilam constantemente obras sociais fundadas pelos confrades de Santa Cruz. É fluxo e refluxo contínuo. É um movimento extraordinàriamente forte e vibrátil, cheio de lampejos espirituais. Por isso o Espírito de Humberto de campos chamou ao Brasil a «Pátria do Evangelho». De facto, nunca se viram «milagres» tamanhos. Ali se cogita de um Centro e logo a seguir aparece a sede própria. Quem diz logo a seguir, diz um ano depois, é claro. Donde vem o dinamismo, a força propulsora que agita e impulsiona o movimento cada vez maior da Doutrina Espírita? Vem da Fé, que domina as multidões e as orienta para grandes surtos. Da Fé que estabelece liames poderosos de alma para alma e cria fulcros energéticos geradores de vitalidade nunca vista.

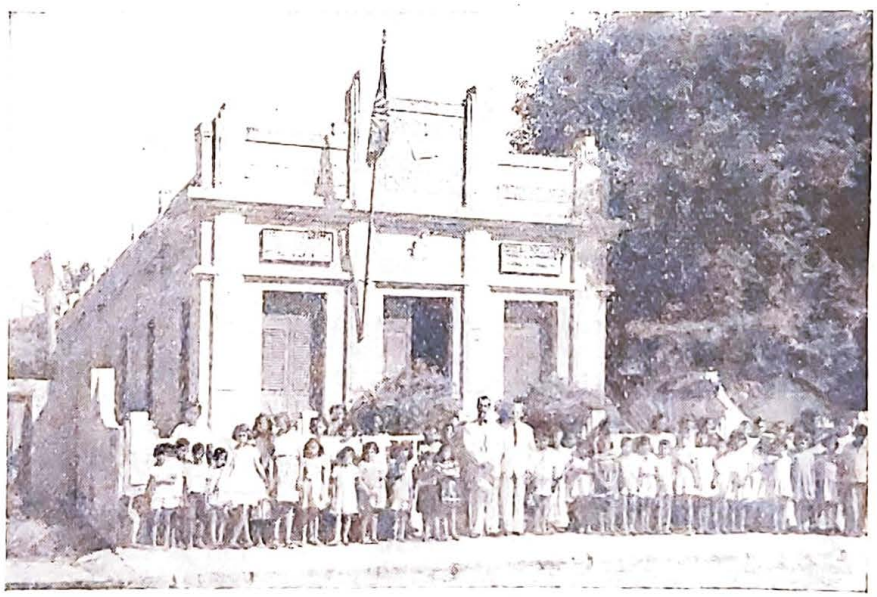
O Espiritismo brasileiro é um milagre de Fé raciocinada, verdadeiro símbolo de Bondade e Caridade que percorre cidades e aldeias pregando a Terceira Revelação, concitando os homens ao estudo de si mesmos, à resolução dos seus problemas morais. E em toda a parte essa chama perene despede labaredas purificadoras, porque em toda a parte se erguem tendas de espiritualização e regeneração.

O Ceará não podia fugir à regra, não podia alhear-se do movimento que se exerce de norte a sul do país, contagiando tudo e todos. O Ceará também pertence à Cruzada que espanca as trevas do obscurantismo e projecta nova luz no mundo em confusão. É que ali também há corações que vibram, que sentem a miséria dos outros.

O cearense é bom, é sentimental. Ri com satisfação ou chora contrito, mas tem sempre em mira grandes projectos beneficentes. O que ele mais deseja é o bem da humanidade. É o pão do estômago e a luz do entendimento. Por isso, quando abre um centro espírita, lá está a escola ao lado do orfanato...

///

Queremos dedicar esta página ao Ceará imenso e nostálgico, viveiro de espíritas cristãos que procuram irmanar os sentimentos num grande amplexo fraternal de amor e paz, englobando todos os homens de boa vontade. Ele bem o merece. *Estudos Psíquicos* tem ali muitos amigos dilectos, e outros amigos virão aumentar a falange. É tudo questão de intercâmbio, de conhecimento mútuo. Se nos conhecermos melhor, amar-nos-emos mais. Da nossa parte, existe desejo sincero de aproximação. Pois não anda ali a alma lusiada a cimentar monumentos de bem-fazer que são verdadeiros blocos de granito opostos à



CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA CEARENSE

Os alunos da Escola Leopoldo Machado. A meio, José Borges dos Santos, tendo à sua esquerda o Director da Escola Teodorico da Costa Barroso

corrosão do tempo? Naquele rincão nordestino o português sente-se como na sua terra: a mesma chaminé e a mesma lareira, a mesma simplicidade e apego à família. Almas sãs desbravando a charneca ou bafejadas pelo humus da gleba farta. E do cruzamento das populações surge uma raça forte, cheia de beleza física e espiritual...

A CONFEDERAÇÃO

Falar da *Conferência Espírita Cearense* é falar do *Grupo Espírita Auxiliador dos Pobres*, fundado em Junho de 1928, na casa do grande obreiro espírita António Alves Linhares, em Joaquim Távora. Era um núcleo modesto, à frente do qual estava o confrade José Félix de Moura. Atravessou vicissitudes, galgou barrancos, teve algumas sedes provisórias, devido a contingências que não podem evitar-se. Mas viveu, mas progrediu, mas deu exemplos de união e perseverança. E teve dirigentes magníficos, como o professor Euclides César, José Borges dos Santos, nosso representante em Fortaleza (capital do Estado), Secundino Ferreira Passos, Manuel Coelho da Silva, José Bezerra Filho e Manuel Coelho Freire. Uma plêiada de lutadores da mais fina têmpera, homens experimentados e dedicados, dispostos a vencer.

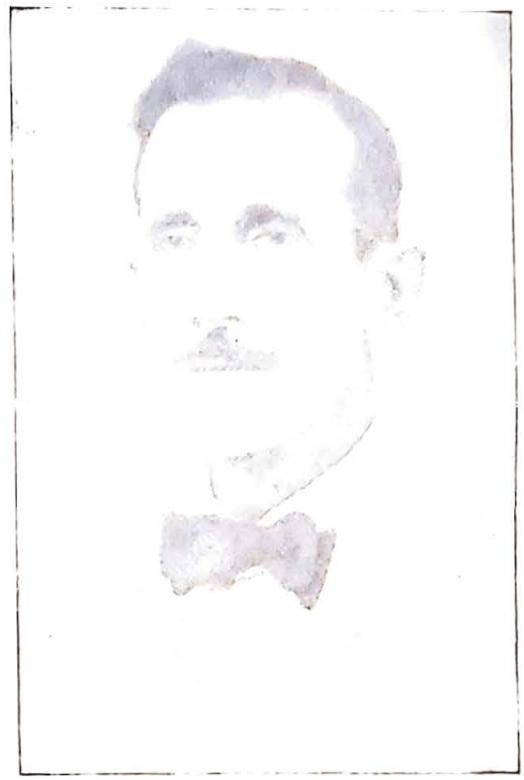
E venceram. Em 1934, construiram a sede do Grupo, à Avenida Tristão Gonçalves, 1695. Era presidente Secundino Ferreira Passos. O edifício é amplo e desafia as intempéries, como se vê na gravura que publicamos.

Um ano depois, o Centro funda a *Caixa Funerária* de auxílio mútuo. Outro ano decorrido e tem dez novos centros filiados. O entusiasmo cresce e a ideia da Confederação apresenta-se espontâneamente a todos os espíritas de Fortaleza. E em 1939, sob a presidência de Manuel Coelho da Silva, dá-se o grande acontecimento que decidiria do futuro do Espiritismo no Ceará: o Centro transforma-se na Confederação Espírita Cearense, com todos os seus bens, ressalvando o direito de lá funcionar como unidade independente.

A ACÇÃO DE JOSÉ BORGES DOS SANTOS

Seguiu-se um período organizador até 1945, data em que José Borges dos Santos assumiu a presidência da Confederação. Português de rija têmpera, como já tivemos ensejo de dizer aos leitores, há 38 anos que partiu para o Brasil e há 26 que vive no Ceará, onde se converteu ao Espiritismo e tem alimentado a corrente idealista que levou à criação de vários Centros. Ali mesmo fundou o «Aurora Redentora», o «Maria O'Neill», o «Luz do Porvir», o «A Caminho da Luz», a «Liga Espírita Léon Dinis» e auxiliou a fundação de outros, inclusivamente a própria Confederação, de que foi tesoureiro nove anos consecutivos.

Como se depreende, a nova entidade que surgia dó *Grupo Espírita Auxiliador dos Pobres* poderia ter belos programas, mas faltavam-lhe elementos básicos, sem os quais não conseguiria cumprir a sua missão. Basta dizer que a receita bruta era de Cr. $400,00 mensais, a qual, após a redução da percentagem ao cobrador, pagamento de luz e exigências da *Caixa Funerária*, ficava reduzida a Cr $170,00 ou talvez menos.



JOSÉ BORGES DOS SANTOS
Presidente da Confederação

Borges dos Santos pensou em aumentar as mensalidades de 1 para 2 cruzeiros, mas esbarrou com a oposição de alguns associados. Resolveu então fazer apelo a todos no sentido de elevarem voluntàriamente as cotizações para 2 cruzeiros e angariar novos sócios. Foi tal o êxito da campanha, que em pouco tempo o número de sócios de 2 cruzeiros suplantava os outros. Os opositores, reconhecendo o seu erro, acabaram propondo que todos passassem a 2 cruzeiros. Foi um triunfo completo.

Surgiu depois a ideia de uma escola primária. E o mobiliário? Como adquiri-lo, se a Confederação não tinha recursos para isso? E novo apelo de Borges dos Santos ressoa no sector espírita de Fortaleza... E ele próprio, com outros, vai de porta em porta, com listas nas mãos, sem indagar da crença de ninguém, pedindo a este e àquele, ora bem, ora mal sucedido. Mas não pára, não cansa, não esmorece. Indiferente aos motejos que surgem sempre em tais circunstâncias, consegue angariar o numerário para a mobília e restante aparelhamento.

A pesar de tudo, havia outro obstáculo a transpor:

a manutenção da escola. Só com outro apelo, só com nova jornada pelas ruas da Cidade. E então encontrou muitos e bons amigos que se comprometeram a pagar determinadas importâncias mensais que garantiram e garantem o funcionamento da escola, sem que a verba da Confederação a isso destinada tenha sido utilizada no mínimo centavo.

O mesmo sucedeu com a Livraria, melhoramento que se impunha para maior difusão da Doutrina e que se realizou, podendo qualquer confrade estudioso adquirir obras espíritas a preços mínimos.

A fusão das *Caixas Funerárias* era a grande aspiração de todos os espíritas de boa vontade. Graças a Deus, tudo se conseguiu, mercê de boa orientação em todos os Centros da Capital. Isto pode considerar-se uma das maiores obras de congraçamento realizadas no Ceará, onde a Confederação já têm 47 Centros filiados com mais de 3.000 sócios, o que demonstra o belo espírito de cooperação entre os espíritas dos Estado brasileiro.

Como as exigências da Doutrina se fazem sentir constantemente, Borges dos Santos pensa remodelar o edifício da Confederação, colocando mosaico no salão principal, substituindo portas e janelas e modernizando o mobiliário.

«A VOZ DO ALTO»

O 1.º Centenário do Espiritismo não deixou insensível a Confederação Espírita Cearense. E, assim, apareceu o quizenário *A Voz do Alto* no dia 1 de Março último, como necessidade orientadora, como arauto da união que deve existir entre as agremiações confederadas.

Jornal bem escrito, com variado noticiário, insere uma secção intitulada «Espiritismo Pelo Mundo» e divulga em todos os seus números a constituição e acção dos Centros Espíritas filiados. Estão à sua frente os confrades António Isaias de Jesus e José Borges dos Santos, o primeiro como director-responsável e o segundo como director-comercial. Foi tão oportuno o aparecimento deste jornal, que o primeiro número se esgotou inteiramente e ao terceiro duplicou o formato. Lemo-lo sempre com atenção e justificado interesse. António Isaias escreve bem e sabe o que pretende, coisa difícil de saber em muitas agremiações que andam às cegas por falta de orientação racional.

OS CENTROS CONFEDERADOS

Eis a relação dos centros espíritas confederados em pleno funcionamento na cidade de Fortaleza e no interior do Ceará:

Na Capital — «Auxiliador dos Pobres», «Aurora Redentora», «Liga Espírita Léon Denis», «Allan Kardec», «Bezerra de Menezes», «Amor e Caridade», «Joana d'Arc», «Pedro Apóstolo de Jesus», «José Bonifácio», «João Baptista», «Evilaso Portela», «Jesus Nazareno», «Jesus Nosso Mestre», «Francisco de Assis», «António Alves Linhares», «Jesus e Sua Doutrina», «Igreja do Caminho», «Ângelo», «Camilo Flammarion», «Servidores de Jesus», «Obreiros do Bem», «Ismael Caridade e Luz», «António de Pádua», «Seguidores de Jesus», «Marcelino de Milão», «Cicero Romão Baptista», «A Caminho da Luz», «Deus e Fé», «Maria Madalena», «Paulo Apóstolo», «Francisco das Chagas», «Teresa de Jesus», «O Samaritano» e «Paulo a Caminho de Damasco».

UNIÃO DA JUVENTUDE ESPIRITA CEARENSE

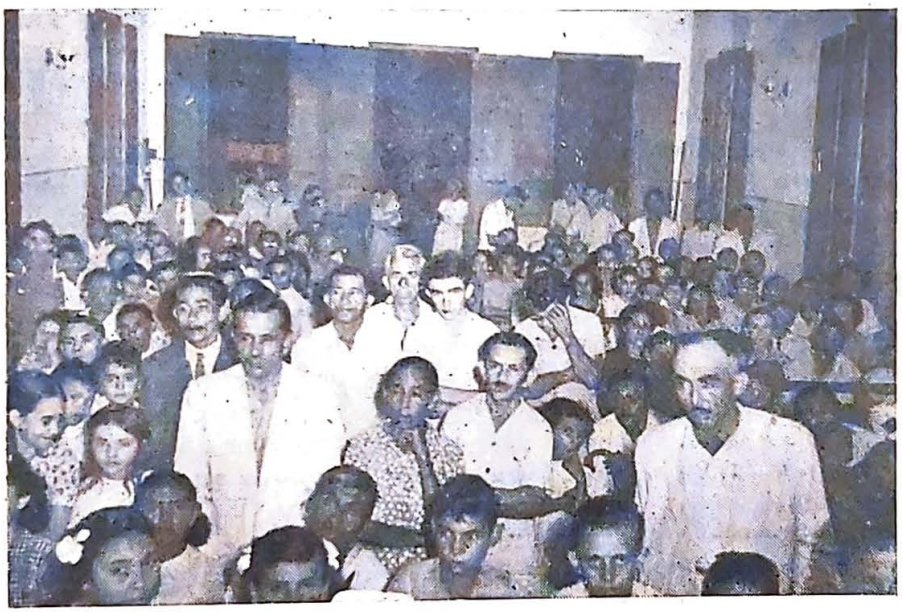
De pé, da esquerda para a direita — José Coriolano de Castro, Raimundo Montefusco, Milton Borges dos Santos, José Borges dos Santos, José Elias Correia e António Isaias. Sentadas — Eunice Passos, Núbia Barbosa, Alzira Passos, Maria de Lourdes Carvalho e outras directoras

No Interior — «Fé e Caridade», em Pacatuba; «Deus, Fé e Caridade», em Acarape; «Gruta dos Famintos», em Redenção; «Jesus no Monte», em Baturité; «Humberto de Campos», em Quixadá; «Jesus no Tabor», em Serra Azul; «Luz e Amor», em Choró; «Luz do Porvir», em Pacoti; «Jesus a Caminho do Calvário», em Alvajota; «Obreiros da Vida Eterna», em Croatá; «Missionários da Luz», em Maranguape; «Jesus no Poço de Jacob», em Maranguape; «Rodolfo Teófilo», em Russas.

Todas estas agremiações fazem parte da *Caixa Fu-*

nerária fundada em 1936, a qual já auxiliou mais de 200 funerais, num total de cem mil cruzeiros (130 contos na nossa moeda). Todos os sócios inscritos em qualquer centro espirita confederado passam automàticamente a sócios desta Caixa, pagando apenas 1 cruzeiro mensal.

É consolador ver como tantos individuos se reunem sob a mesma bandeira branca de solidariedade e caridade, compenetrados de um dever que voluntàriamente se impuseram! É que o Espiritismo atrai os adeptos pela sugestão da sua própria doutrina. Sem prometer falácias, dignas de charlatães, traz ao redil muitas ovelhas tresmalhadas, indicando-lhes o Caminho nos vastos horizontes que se abrem para expectação dos incrédulos.



Sessão solene comemorativa do 1.º Centenário dos fenómenos espiritas e do aniversário da morte de Allan Kardec, vendo-se a enorme assistência que afluiu à Confederação

JUENTUDE ESPIRITA CEARENSE

A comemoração do 1.º Centenário do Espiritismo e o aniversário da desencarnação de Allan Kardec deram um fruto esplêndido, que é a *União da Juventude Espirita Cearense*, em cujas mãos estará o Espiritismo de amanhã naquele Estado brasileiro. Como se vê na gravura que publicamos, são jovens muito simpáticos e decididos que já sentem responsabilidades doutrinárias e se vão treinar no trabalho de organização associativa, para mais tarde enfrentarem tarefas mais árduas que demandam reflexão e espírito de sacrifício.

Esta revista pertence à Mocidade Espirita, dá-lhe o melhor do seu carinho, do seu estímulo, do seu entusiasmo franco e acolhedor. Quando vê um grupo de novos ao serviço da Causa, rejuvenesce também e enfileira com eles, esquecida do passado que não volta mais. Por isso, queremos ajudar a gente moça, incitá-la a caminhar por seu pé, a praticar a Doutrina sem fanatismo, a expor sem coacção, certos de que será ouvida atenciosamente pelos mentores que lhe destinaram e que poderão guiá-la e orientá-la, em virtude de seus conhecimentos e experiências.

A *Juventude Espirita Cearense* fundou-se com 36 filiados. Dela fazem parte: Raimundo Montefusco, *presidente;* José Coriolano de Castro, *1.º orador;* Milton Borges dos Santos, *bibliotecário;* José Borges dos Santos, *1.º Mentor;* José Elias Correia, *2.º Mentor;* Alzira Ferreira Passos, *1.ª Tesoureira;* Eunice Ferreira Passos, *2.ª Tesoureira;* Maria de Lourdes de Carvalho, *1.º Secretário;* E mais três directoras, cujos nomes não conseguimos obter, mas que se vêem na gravura. Elas que nos desculpem. Envolvemo-las na mesma simpatia e desejamo-lhes a mesma felicidade.

COMISSÃO DE PROPAGANDA ESPIRITA «ANDRÉ LUIZ»

Integrada na Confederação, funciona a Comissão de Propaganda Espirita «André Luiz», cuja 1.ª Mensagem nos foi gentilmente enviada. Versa a necessidade de transformar os lares em templos sagrados e é subscrita por *Um Espirito trabalhador*. Em seguida, apresenta um exemplo prático destinado aos que se dediquem à missão de dirigir reuniões evangélicas, terminando com a «Prece de Alexandre», extraída dos «Missionários da Luz», de André Luiz.

TRABALHOS ESPIRITUAIS

Embora não tenha obtido fenómenos retumbantes de levitação, materialização ou voz directa, a Confederação tem conseguido curas espantosas, quer físicas, quer espirituais, que muitas conversões têm feito, aumentando assim o número dos adeptos. Uns vergatados pelas tempestades da vida, outros vergados ao peso de doenças incuráveis pela medicina oficial, outros ainda sedentos de água viva e ansiosos de orientação que os liberte do abismo em que mergulharam, ali encontraram o verdadeiro pão espiritual que aconchega e fortalece o ânimo.

O Espiritismo vai arregimentando as almas para o festim da solidariedade humana. O Ceará é uma

O Pássaro Azul

por Maurice Maeterlinck

Para lutar contra o materialismo, do qual só muito tarde compreendem os seus grandes prejuizos, o homem, em sua angústia, busca em toda a parte um novo ideal com que recupere suas esperanças e o objectivo da sua vida. Não o encontra, porque não existe ainda, ou antes, porque perdeu de vista o ideal que possuia.

O ideal do homem neste mundo foi sempre a procura ou a criação de um Deus. Ainda o busca; e a não ser por revelação cientifica provavelmente impossivel, jamais o encontrará. Não o encontrará e terá esquecido o Deus que possuia.

Com efeito, todas as religiões o encontraram provisoriamente; e esse encontro precário, a não ser que se trate de religiões absolutamente bárbaras, substitui eficazmente a revelação suprema que ainda aguardamos, sem ousar esperar.

Por exemplo: que nos diz o Cristianismo? Afirma-nos que o mundo foi criado e é governado por uma Providência ou Inteligência omnipotente, suficientemente sábia e justa. Se essa Providência parece enganar-se às vezes, favorecendo o culpado e punindo o inocente, é porque não sabemos o que ela sabe e não vemos o que ela vê. Conhecemos apenas o presente, ao passo que ela possui a eternidade para reparar a injustiça aparente.

Quanto à sua moral, ela nos diz simplesmente que nos amemos uns aos outros e façamos ao próximo o máximo benefício.

O grande incógnito que procuramos poderá dizer-nos mais ou melhor? Por não ter ele forma ou nome, será maior e mais sábio do que aquele que entrevemos e invocamos em nossas velhas orações?

Será razoável — perguntarão — adorarmos um Deus em que não acreditamos? Entretanto, nele cremos ainda, mesmo quando lhe não damos esse nome. É impossível não admitir que uma potência, um princípio superior a tudo que possamos imaginar governe o universo. Quer o denominemos Jeová, o Cristo, Alá, Buda, Caos, Destino ou o próprio Nada, o nome que lhe damos não basta para destroná-lo ou demolir seus tronos. No fundo, o Cristo é tão desconhecido, misterioso e insondável como o Grande Incógnito. Os seus enigmas, assim considerados, são mais ou menos equivalentes. O Cristo foi até muito além do que a nossa imaginação poderia ter concebido. Sacrificou-se e morreu para salvar o homem que aquele havia criado. E esse sacrifício não é contrário à razão, antes a ultrapassa. Mas tudo a ultrapassa neste mundo e, provavelmente, ainda mais no outro. É talvez o signo do divino que, longe de nos desviar, nos deveria guiar como um farol na noite em que nos encontramos.

Mas, se quisermos sinceramente voltar ao Deus dos nossos antepassados, não bastará o funesto hábito da adesão verbal e alguns gestos ritualisticos. É preciso apresentar-lhe uma fé regenerada, activa e eficaz, como a dos primeiros séculos do cristianismo, que elevou o nivel moral e espiritual da terra acima do lodaçal pagão, uma fé semelhante à que rendemos ao Deus Ignoto que talvez um dia conheçamos.

Nesta expectativa, nada nos preparará melhor para recebê-lo e adorá-lo como ele quer que o adoremos, do que o que tivermos feito como bons cristãos.

Com as devidas restrições, não será isto a história do Pássaro Azul, *que as crianças do meu pequeno conto de fadas haviam procurado entre vivos e mortos e que, ao voltarem a casa, o encontraram em sua gaiola, na mesa da cozinha, onde jamais haviam dado por ele, por ali o verem diàriamente?...*

---

prova dessa torrente caudalosa que empolga e avassala até os mais renitentes que se jactam de superiores e que, no fundo, não passam de criaturas frágeis. Bastou meia dúzia de homens decididos olhando em frente. E a caravana pôs-se em movimento... Depois, formou legião e buscou muitos e variados caminhos, acolhendo alegremente os viandantes que passavam. É assim quando o homem tem fé e amor ao próximo. A juventude liga-se à maturidade e o bloco vai-se formando e lapidando. O Espírito preside a tudo, atende a tudo, resolve tudo. Nenhum problema lhe escapa. Centelha divina em permanente evolução, é responsável pelos avanços e quedas da humanidade.

Eis, porque não cessamos de proclamar bem alto: é preciso elevar e moralizar o espírito. Cultivemos as sublimes virtudes, como fazem os queridos irmãos do Ceará. Renunciemos e trabalhemos, dando exemplos de tolerância, que é a melhor arma do Espiritismo. E sobretudo não esqueçamos que a união faz a força. Foi pensando nesta grande verdade que os dirigentes da Confederação Espirita Cearense deram um passo em frente e realizaram em poucos anos o que outros não conseguiram realizar em muitos. — I. D. S.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

MEDIUNIDADE — por *Edgar Armond*. Edição da Livraria Allan Kardec, S. Paulo, 1947, 170 págs.

É indiscutível que o problema mediúnico não está ainda totalmente resolvido, talvez porque uns se ativeram demasiado ao método de simples observação dos fenómenos (cientismo) enquanto que outros buscam tão só o aspecto relativo e por vezes bem escasso do doutrinarismo. Os primeiros ou tentam exaustivamente uma prova pre-determinada ou ficam na sintomatologia sem subirem à investigação total do processo. Os segundos fazem uma lamentável mistura de teoria e doutrina, acabando por não conseguirem nem uma nem outra. Ora a metapsicologia espírita se quizer ser uma ciência tem de definir um método que sirva o seu objecto o qual por sua vez deve ser suficientemente delimitado por forma a caracterizá-la. Mas não se fará ciência espírita quando se misturarem teses com afirmações ou postulados doutrinários e enquanto se bolsarem juizos de valor sobre os fenómenos e seus suportes. Uma ciência experimental é um conjunto de juizos sobre factos e não um conjunto de juizos de valor apreendidos nos e dos factos; isto será doutrina e não ciência e enferma portanto de uma incapacidade congénita de prova possível.

Procurou Edgar Armond compendiar neste livro os resultados das suas observações e estudos, mas depreende-se que se deixou arrastar um pouco pela facilidade aliciante do método ou, talvez, pelas exigências de um público renitente à leitura do puro trabalho científico.

A premissa central da sua obra é a consideração da mediunidade como prova a par da mediunidade intuitiva conseguida por sublimação espiritual. Quer num caso quer noutro e afinal, é, para ele, a mediunidade uma faculdade conseguida por Graça, ou para prova ou como resultado do esforço. («Mas quanto à faculdade em si mesma julgamo-la toda espiritual, não orgânica, e todos nós a possuímos e a estamos exercendo, nos limites de nossas possibilidades próprias» — escreveu Armond a págs. 22, e a págs. 36: — «Então legiões de espíritos receberam essa possibilidade, essa «chance» e reencarnam na posse de faculdades que por si mesmos não conquistaram, faculdades de empréstimo, se podemos assim dizer, e que devem devolver na forma de bom trabalho realizado e de aproveitamento próprio»).

Mas ao mesmo tempo que há uma diferença fundamental entre o intuitivo e o médium, há entre este e o passivo magnético semelhanças extraordinárias. O intuitivo é um ser superiormente activo, alguém que busca para lá do racional cognoscível o meta-racional sensível; o médium é um ser buscado e a sua actividade (quando existe) é canalizada no sentido de aprefeiçoamento do seu veículo (v. «Las Noûres» de Ubaldi sobre as relações entre o intuitivo e o místico). Que diferenças existem entre médiuns e passivos magnéticos? Diferenças de agentes-causa que não de «modus» de fenómenos. (cf. por exemplo a prosopopese provocada e incorporação da grande maioria dos casos. E não foi já obtida a comunicação mediúnica tiptológica de um espírito encarnado?).

O próprio autor aceita a regra (não será antes lei?) de que «todo o sensitivo apresenta sinais especiais e característicos no sistema nervoso», hereditàriamente transmissíveis (acrescentaremos nós). Se isto é regra, constitui condição *sine qua non* da produção mediúnica. Logo, sem os tais sinais próprios do sistema nervoso, sem essa faculdade física «que o sensitivo já possui de nascença» era impossível o fenómeno. Dir-se-á então que o espírito em prova toma um corpo a que a hereditariadede já deu uma estrutura *sui generis* que facilite a sua missão? Não nos repugna aceitar tal ideia, mas isso não nos impedirá de considerar que quer o espírito estivesse em prova quer não, ele teria necessàriamente de sofrer os reflexos de uma organização fisiológica específica.

A ideia que o autor apresenta da intuição (págs. 48 a 51) é um tanto restrita e até restritiva. Considera a intuição não como um produto da razão, mas do sentimento, «como um sentimento que se tem em certos momentos e circunstâncias, de determinado assunto ou determinada situação, e quanto mais aflitiva ou imperiosa e urgente for a situação; mais alto e rápido falará a intuição, apontando o verdadeiro caminho ou a verdadeira solução». Realmente, a intuição é emocional, mas isso não signifca que ela se desligue totalmente da razão e dos seus produtos; são estes mesmos em grande número de casos o trampolim do voo intuitivo, tão relativo como o racional. Pode-se pela intuição atingir mais longe, mas não o mais longe. Grande é o seu papel (básico julgamos) no sentir dos valores eto-esteto-místicos, mas os seus produtos ficarão pairando, se um trabalho racional lhe não der um ponto de apoio e uma directriz de caminho. Sem isso, poder-se-á confundir intuição com imaginação...

Na pág. 53, diz o Autor que o sono se dá com o abandono provisório do corpo pelo espírito, da mesma forma como na morte, quando o abandono é definitivo»! Mas esse abandono momentâneo não é um facto com foros de generalidade e antes de singularidade. O sonho é a melhor prova de que o abandono é infelizmente demasiado raro. (O próprio Autor reconhece o predomínio dos sonhos sub-conscientes cujo mecanismo Freud tão bem analisou). O sono dá-se, porque as ondas de inibição partidas do centro regulador de Von Economo atingindo os centros corticais provocam nestes uma hipotonia, deixando o organismo quase reduzido ao funcionamento vegetativo, salvo hipótese mais perfeita com o mecanismo do fenómeno. (O desdobramento não é tão fácil e comum como se pensa; na grande maioria dos casos ou é uma transferência consciencial facilitada pela não-espacialidade da alma ou uma diminuição na ligação alma-perispírito; só em casos de alta raridade o perispírito se destaca do organismo físico).

Na segunda parte deste livro, Edgar Armond esboça bastantes directrizes dignas de serem ponderadas e até seguidas na generalidade dos trabalhos intrinsecamente doutrinários. Move-se com mais segu-

rança e profundeza que conseguiria também na primeira parte se deixasse falar menos a tendência para os juizos de valor.

EL MONDO DE HOY Y DE MAÑANA — por *Noe Wajner*. Editorial Nascimento. Santigo do Chile, 1947. 112 pág.

Possuidor de um poder de crítica perfeito aliado a um sentido pouco comum das realidades, o Doutor Noe Wajner debruça-se sobe os problemas sociais do momento, buscando as causas escondidas por detrás dos véus enganadores das propagandas doutrinárias. Poder-se-á talvez discordar de um ou outro pensamento ou desejar um maior esclarecimento deste ou daquele ponto, mas ter-se-á sempre de reconhecer que o crítico encontrou o virus e que o teórico planeou o ataque destruidor do mesmo.

A vivacidade impressa nestas páginas arrasta-nos e faz-nos viver dentro das linhas traçadas pelo autor, sociólogo, realmente, de estrutura pouco vulgar.

PAZ POLÍTICA Y PAZ ECONOMICA — por *Noe Wajner*. 2.ª edição Santiago do Chile. 1943. 144 págs.

Defendendo o princípio democrático no campo político e um capitalismo não absolutamente liberalista no campo económico, esboça o autor não só uma crítica do mundo actual como postula as linhas por si consideradas suficientes e, quiçá, necessárias para uma alteração perfeita da panorâmica. Pena é, porém, que o autor tenha feito uma exposição em plano e não tenha esgotado o seu pensamento no sentido da profundidade. Ficar-se-ia com uma compreensão mais perfeita do seu «plano» e poder-se-ia esboçar uma análise crítica com mais clareza.

Sem dúvida que o processo seguido facilita a exposição mas não ressalva uma impressão de idealismo que, embora possível, não deixa de ser idealismo. Este «senão» seria escoimado se o autor tivesse descido ao particular, indispensável neste género dos estudos.

AGENDA CRISTÃ — por *Francisco Cândido Xavier*. Edição da Federação Espirita Brasileira. 1948. 100 págs.

Um código de moral prática dado em pensamentos, em sugestões e em imperativos categóricos — eis a súmula deste pequeno-grande opúsculo que André Luiz ditou pelo braço de Francisco Cândido Xavier.

Poderá ler-se em rápidos momentos, mas para o sentir serão necessários anos e para o realizar completamente, talvez, em muitos casos, uma vida não chegue, por muito longa que seja.

Perpassa uma chama de evangelismo tão puro que encanta, tão belo que extasia, dada numa forma tão singela que confunde e prende.

EL GRAN ENIGMA — por *Léon Dinis*. Editorial Vitor Hugo, Buenos Aires, 1947, 163 págs.

Traduzida por Patúcio Grau, a prestimosa editorial argentina apresenta-nos uma das mais belas obras do génio de Leon Dinis, enquadrada na «colecção dos grandes escritores espiritualistas».

Esta obra de Dinis é das mais representativas da sua personalidade; o raciocínio mais profundo ou a intuição mais longínqua são-nos dados envoltos por tal forma num véu de acessibilidade, que ficamos sem saber quem mais admirar, se o artista da exposição, se o pensador. É difícil abordar a temática metafísica num tal tom de facilidade e clareza, sabendo ao mesmo tempo e a cada passo próprio tirar a referência justa à condição humana e aos seus problemas mais angustiosos. Léon Denis faz lembrar a ave de poderosas asas forçada por seu próprio querer a palmilhar sobre o solo; de vez em quando, a ânsia dos espaços atiram-no em voos rasgados para a incomensurabilidade azul ou para as fauces gemebundas dos abismos humanos.

E o «Catecismo Espirita» dado em diálogo faz-nos lembrar esse extraordinário mestre da argumentação — Sócrates.

Pelo valor da obra, pela tradução perfeita e pelo aspecto gráfico, não é de regatear um louvor à editora argentina.

L'ÉVOLUTION SPIRITUELLE — por *George Gonzalès*. Paris. Edição do autor, 1947. 135 págs.

O Secretário Geral da União Espirita Francesa dá-nos mais uma obra de categoria inegável, em que se aborda e depois aprofunda o problema tão debatido da evolução. A psicogenese é esboçada num admirável esforço de síntese, ao mesmo tempo que se esfloram problemas não menos sugestivos, como o do papel da matéria no desenvolvimento espiritual e ainda o do paralelismo psico-fisiológico.

Gonzalés afigura-se-nos um médium intuitivo de superiores faculdades — um par de Ubaldi — utilizado e orientado pela pujança mental do Guia acobertado sob a capa humilde de «Modesto».

FRUTA DO MEU POMAR — por *Manuel Morais Canaveira*. Lisboa. 1941. Ed. do Sind. Nac. Emp. de Escritório de Lisboa. 24 págs.

É uma colectânea de sonetos onde perpassa aquele lirismo de feição amorosa tão portuguesa: — ora uma queixa, ora a canção do amor correspondido, ora a dor do abandono. Sem dúvida que «Elmano Siamor» teve contra si não só a escolha da forma — o soneto, esse «florentino túmulo de prata» como lhe chamou Júlio Dantas, essa «taça antiga de catorze gomos» — como a temática. Não constituem, pois, os seus sonetos uma mensagem poética, mas, como diz, «pedaços da alma apaixonada». Contudo, nós preferimos aqueles em que seu bucolismo silencia para se ouvir uma insatisfação. Aí — aí, sim, o autor é Poeta:

> *«Só sei dizer que um dia, ao ter meu fim,*
> *tu hás-de seguir sempre pelo mundo*
> *e eu... voltarei ao nada donde vim».*

A primeira quadra da «Fantasia Celeste» tem uma harmonia alongada que faz lembrar Gomes Leal:

> *«Apenas Deus lançou pela amplidão sidérea*
> *miríades de sois de místico fulgor,*
> *logo a formosa Lua alabastrina, etérea,*
> *viu prostrado a seu pés o Sol cheio de amor»*

«Siamor» domina o alexandrino mais perfeitamente que o decassílabo. A harmonia sai mais espontânea, menos trabalhada.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

LIGA ESPIRITA DO BRASIL

A Liga Espirita do Brasil, entidade federativa de âmbito nacional, elegeu e empossou, no dia 9 de Maio, de acordo com a aclamação unânime de sua assembleia geral, os seus corpos dirigentes para o triénio de 1948/51. Foi reeleito presidente, mais uma vez, o Sr. Aurino Barbosa Souto, alto funcionário do Ministério da Agricultura, que tem dado àquela instituição brasileira todas as energias de que tem sido capaz. Foram reeleitos, igualmente, para os cargos de 1.º e 2.º Vice-Presidentes os confrades Dr. Lins Vasconcelos, ex-director da Faculdade de Estudos Psíquicos, Director Presidente da Gráfica Mundo Espirita S. A., e do jornal «Mundo Espirita», director da Sociedade de Medicina e Espiritismo, e Venâncio Martins, que já ocupou, com notória competência, o cargo de Tesoureiro da instituição. Continuou como Secretário Geral o confrade Deolindo Amorim, nosso *redactor-correspondente* no Rio de Janeiro.

Os trabalhos da assembleia decorreram em ambiente de calma e fraternidade, tendo sido empossada a seguinte directoria da Liga Espirita do Brasil, sob aclamação geral: Aurino Souto, *Presidente;* Venâncio Martins, *1.º Vice-Presidente;* Dr. Lins Vasconcelos, *2.º Vice-Presidente;* Deolindo Amorim, *Secretário Geral;* Dr. João Ribeiro Coelho, *1.º Secretário;* Hemetério Couto, *2.º Secretário;* António Macário Pinheiro, *1.º Tesoureiro;* Álvaro de Freitas Frazão, *2.º Tesoureiro;* António Parreira, *Bibliotecário;* Ten.-Cel. Dr. Telémaco Gonçalves Maia (reeleito), *Director do Departamento de Assistência Social;* Sra. Idalinda de Aguiar Matos, *Directora do Departamento Escolar;* Dr. Lauro Sales, *Procurador* (reeleito). *Comissão Fiscal* — José Fernandes de Sousa, Afonso Jerónimo Ferreira Leal, Augusto Prego, Ary Kerner Póvoa e Álvaro Brandão da Rocha. *Suplentes* — Constantino Gomes de Carvalho, Geraldo de Aquino, Graciano Domingues Costal, Pascoal da Silva Leite e António Joaquim Cardoso.

Cogitou-se a princípio da indicação de dois nomes muito conhecidos no meio espirita do Rio de Janeiro: Dr. Moreira Guimarães e Dr. Lins Vasconcelos, estando cada um dos dois em condições de dar brilho à presidência daquela importante instituição. Estes, porém, já têm outros encargos na seara espirita. Aventou-se, ainda, a candidatura do confrade Deolindo Amorim, Secretário Geral da instituição, mas também este não pôde aceitar a indicação. Resolveu, então, a assembleia reeleger o confrade Aurino Souto, que vem dirigindo a Liga com todo ardor e já prestou bons serviços à Casa. A reeleição desse Confrade não encontrou a menor objecção na assembleia.

Dos nomes que constituem o Conselho da Liga, alguns são muito conhecidos. O Dr. Telémaco Gonçalves Maia, por exemplo, é o Vice-Presidente da *Sociedade de Medicina de Espiritismo do Rio de Janeiro,* pertenceu ao corpo médico da *Associação Espirita Obreiros do Bem* e à *União dos Discípulos de Jesus.* Tenente-coronel do corpo de Saude da Aeronáutica, tendo pertencido ao corpo médico do Exército antes da criação do Ministério da Aeronáutica, o Dr. Gonçalves Maia, a pesar de seus afazeres de médico militar, dedica-se muito à doutrina espirita.

O Dr. Lauro Sales, moço ainda, é advogado na Capital do Brasil. Professor secundário, o Dr. Lauro Sales é também um dos directores do *Colégio Paula Freitas,* um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino do Brasil. Alguns homens públicos brasileiros estudaram naquele tradicional colégio. Actualmente, o Dr. Lauro Sales ocupa o cargo de *Secretário da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.* A Sra. Idalinda de Aguiar Matos, eleita para o Departamento Escolar da Liga, é muito apreciada pelas actividades que tem estimulado e dirigido, especialmente no campo da assistência social, assim como pela tribuna de conferências e pela imprensa. O Dr. João Ribeiro Coelho, actual 1.º Secretário da Liga, é formado pela Faculdade de Ciências Económicas, onde apresentou uma tese sobre o problema inflacionista. No meio espirita, esse distinto Confrade dedica-se a conferências evangélicas, para cuja elaboração tem especial vocação e competência. Geraldo de Aquino, da Comissão Fiscal, é o dinâmico director da «*Hora Espiritualista João Pinto de Sousa*»; Álvaro Brandão da Rocha, jornalista, é uma das figuras mais queridas no meio espirita carioca. E, assim, vários outros nomes, todos muito estimados na seara espirita da Capital Brasileira. Desejamos que a nova directoria continui a manter e a elevar o conceito que desfruta aquela instituição. *(Estas informações foram-nos dadas pelo nosso redactor no Rio de Janeiro).*

CONGRESSO ESPIRITA INTERNACIONAL

O secretário geral da *Spiritualists National Union* de Londres enviou-nos uma comunicação acerca do Congresso Espirita Internacional a realizar em Setembro próximo futuro.

Já temos falado a respeito de congressos. Que são necessários, eis uma coisa de que ninguém pode duvidar, em boa razão. Sobretudo após a última guerra, durante a qual o Espiritismo sofreu sérios abalos, em virtude da perda de grandes propagandistas e desmoronamento dos prédios onde se haviam instalado muitas agremiações.

Sabemos por experiência própria quão grandes danos causou o medonho cataclismo nas nossas fileiras. Os nossos ficheiros europeus estão pràticamente desmantelados. Uns confrades desencarnaram; outros mudaram de residência; outros, ainda, andam ao deus-dará, como judeus errantes. Por isso, os congressos são de grande utilidade. Reunem, congregam, avigoram. São tablados de impressões mútuas. Auscultam as falanges espiritas, reforçam-nas, orientam-nas. E a doutrina vai caminhando sempre, chamando a atenção de uns e outros.

Em Portugal também seria interessante que houvesse ambiente para um congresso. Mas não há, infelizmente. Neste momento não há. Primeiro, é preciso unificar. O resto vem depois. Como poderão reunir-se à mesma mesa elementos desavindos? Impossivel!

Por isso fazemos votos pelo êxito do Congresso Espirita Internacional, que se reunirá em Londres,

de 4 a 10 de Setembro. Oxalá ali se encontrem homens judiciosos e de boa vontade, dispostos a impulsionar a Causa Espirita e a acabar com certas desarmonias ideológicas.

A reencarnação, por exemplo. Andam latinos e saxónios em guerra de «alecrim e mangerona», há perto de cem anos, e não há meio de chegarem a acordo! Só casmurrice e teimosia podem levar homens cultos a repudiar a teoria das vidas sucessivas. De resto, há muitos ingleses e americanos que a admitem. Já não era sem tempo. Mais vale tarde, que nunca. Quando virá o dia, em que o Espiritismo se unificará abertamente, sem discordâncias deste género? O 1.º Centenário do Espiritismo era ocasião propícia.

UM ACONTECIMENTO MEDIÚNICO

O *Correio de Aracajú*, do Estado de Sergipe, narrou há tempos um caso interessantíssimo baseado na seguinte verdade irretorquível: *um doente abandonou as muletas e começou a andar por toda a casa.*

O jornalista falou com o intelectual Freire Ribeiro, que lhe disse:

— Há quatro anos, meu caro amigo, que estudo os fenómenos metapsíquicos, provas magníficas de que não desaparecemos de todo no fim inevitável. Nessas investigações, que são, como disse Richet, a «Grande Esperança», tenho observado coisas maravilhosas dignas do mais alto registo científico. Note que não sou espirita, isto é, não tenho o Espiritismo como religião, mas essência pura em que se alicerçam todas as religiões do Universo, pois, como sabemos, todos os credos afirmam a imortalidade da alma e uma vida além desta. Ora, no dia 10 do corrente às 19 horas conversávamos, eu e minha esposa, em nossa casa, quando recebemos a visita dos nossos amigos sr. José de Oliveira e esposa, sendo José de Oliveira conhecido agricultor sergipano que há mais de seis anos anda apoiado a muletas, a que chama a sua *escada de Jacob*. No meio da conversa, que já tinha enveredado para o espiritualismo, disse eu a este amigo que, «estando Jesus entre nós até à consumação dos séculos», lhe pedisse a restituição da perna doente. Nisto, vi junto ao sr. José de Oliveira um médico em trajes operatórios que o contemplava com grande atenção. Ouvi dizer que era um cirurgião francês que iria operar o paciente. O médico sujeito calçou as luvas e, pegando numa seringa, aplicou uma injecção na região lombar de José de Oliveira, que sentiu a dor imediatamente.

«Perante o acontecido, fui à casa do Dr. Valdir Barreto de Andrade, pedindo-lhe que acompanhasse, como clínico, o que eu via e descrevia para os presentes. Acompanhado da esposa, este médico veio a nossa casa e notou que o sr. José de Oliveira estava sob o efeito da injecção que lhe fôra aplicada, como lhe dissera o cirurgião francês que, deste momento em diante, se fazia acompanhar de mais dois médicos.

«Logo que o Dr. Valdir chegou, o José de Oliveira foi tomado pelo médico francês e, em estado de transe, apertou a mão do seu colega presente, dizendo-me que iria operar acto contínuo o sr. José de Oliveira. Foi quando vimos o fenómeno magnífico! José de Oliveira moveu por alguns momentos a perna aleijada e, atirando para longe as muletas, andou normalmente por toda a nossa casa, tendo-se equilibrado e pulado diante do Dr. Valdir Barreto de Andrade.

«Notei a presença do grande microbiologista Louis Pasteur, tendo dito o médico operador que no dia 17 operaria o sr. José de Oliveira e lhe curaria o subconsciente que se encontrava doente.

«Quinta-feira, em nossa casa, na presença de mais de vinte pessoas e diante dos Drs. António Garcia Filho, João Franca Santana e Nelson Tavares da Mota, depois de ter Sales Campos notificado a presença de Louis Pasteur, o Dr. R. Charlec, neuro-operador já falecido, operou o sr. José de Oliveira que, sem muletas, caminhou com grande acompanhamento pelas ruas de Aracajú, desde a minha residência na Rua de Santa Luzia, à casa em que reside, na Rua das Laranjeiras.

«Acompanharam-no nesse trajecto, além de grande número de curiosos, os senhores Drs. João Franca Santana, António Garcia Filho, Nelson Tavares da Mota, os jornalistas J. Freire Ribeiro e J. Sales de Campos, o tenente Damião Mendonça de Santana, o professor José Fontes Cardoso, o tenente Altamiro Abreu, o funcionário federal José Olivio do Nascimento e outras pessoas de que não nos recordamos».

O ESPIRITISMO NA B. B. C.

Pela primeira vez na história da ràdiodifusão, os ouvintes assistiram no dia 18 de Junho a uma discussão a respeito do Espiritismo, de que partilharam Harold Vigurs, presidente da *Spiritualist's National Union*, que iniciou o debate, o Reverendo Marcus Knight, cónego da Catedral de S. Paulo (Londres) e E. J. Dinguall, antigo e conhecido investigador da *Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres*.

O debate realizou-se ao microfone da B. B. C. e durou 30 minutos, durante os quais cada um dos três expôs livremente a sua maneira de ver acerca dos grandes problemas da sobrevivência e da imortalidade. No próximo número daremos amplos pormenores desta discussão curiosíssima em que tomaram parte estudiosos de um assunto que interessa a muitos milhões de pessoas que falam ou compreendem a língua inglesa.

Como se sabe, a B. B. C. opôs-se até à data à difusão do Espiritismo, embora permitisse o seu ataque, em obediência a particularismos fàcilmente compreensíveis. Que nos lembre, só ali falaram Sir Oliver Lodge, Lord Dawding e Ernest Oaten, expondo doutrina ou opiniões pessoais.

Agora, foi quebrada a tradição e o Espiritismo livremente apreciado ao microfóne por individualidades de grande projecção na filosofia, na ciência e na religião.

Há tempos, o nosso redactor Henri Regnaúlt foi convidado a expor numa estação radiodifusora de Paris o que entendia por Espiritismo facto que naticiámos oportunamente. Também Hubert Forestier, há coisa de 15 anos, fez algumas palestras na *Rádio Toulouse*. Mas a tradição ia-se perdendo e é necessário retomá-la com maior vigor, para que o grande público se habitui a ler os nossos livros e a olhar o Espiritismo sem ideias preconcebidas.

Não percamos a esperança de ter também a nossa estação emissora! Se nos unirmos, se conjugarmos os esforços nesse sentido, tudo conseguiremos. É questão de tempo. Outros conseguiram muito mais com menos possibilidades.

Esta notícia deve alegrar os numerosos leitores de *Estudos Psíquicos*.

Notas & Comentários

ALFREDO MIGUEL NO RIO DE JANEIRO

Esteve no Rio de Janeiro em gozo de férias, tendo ali chegado a 13 de Abril e regressado a 13 de Maio, o nosso confrade Alfredo Miguel, redactor-correspondentes de *Estudos Psíquicos* na Baia. No Rio, onde foi recebido cordialmente, tendo tido, com justiça, fraternal recepção, Alfredo Miguel fez conferências e visitou diversas obras de assistência. Na *Liga Espirita do Brasil*, de que é representante na Baia, Alfredo Miguel falou sobre o movimento espirita baiano, tendo sido portador de longa e vibrante mensagem da Liga aos espiritas da Baia. Nessa mensagem, que foi logo publicada em *Mundo Espirita*, há conceitos de absoluta oportunidade sobre o cenário espirita do momento. Falou também na Federação Espirita Brasileira, tendo seguido depois para Nova Iguassú, e, de lá, para Cruzeiro, S. Paulo e Paraná, onde pronunciou diversas conferências. De volta ao Rio, ainda fez diversas visitas espiritas, regressando, por via aérea, à cidade de Salvador.

Esta viagem era velho sonho de Alfredo Miguel. Agora é mais feliz por ter conhecido pessoalmente amigos como Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, Lins de Vasconcelos, Henrique Magalhães, Diamantino Coelho e outros.

Uma viagem ao Brasil amigo é também velho sonho nosso a fim de conhecer e abraçar operosos companheiros que o mar separa mas não faz esquecer...

A CONFERÊNCIA DE RAMOS PEREIRA

Infelizmente, não pudemos transpor os obstáculos que surgiram à última hora e nos impossibilitaram de realizar um natural desejo, que era a promoção de nova conferência de Ramos Pereira num teatro de Lisboa. A demora na resposta da gerência do teatro que nos interessava, o exagerado preço e o calor que invadiu Lisboa levaram-nos a um adiamento plenamente justificado. Esperemos o mês de Outubro. Haverá menos calor, muitas pessoas terão regressado de férias e o ambiente será mais propício ao nosso empreendimento.

MOCIDADE ESPIRITA

Com data de 10 de Junho, recebemos o seguinte ofício, subscrita pelo 1.º Secretário da Comissão Patrocinadora do 1.º Congresso da Mocidade Espirita do Brasil:

Estimado irmão: O motivo principal desta comunicação é levar ao seu conhecimento a resolução que foi tomada na reunião plenária preparatória do 1.º C. M. E. B. diante duma selecta assembleia de quase 200 pessoas, na maioria moços, moças e adultos, depois do Prof. Leopoldo Machado ter procedido à leitura de trechos da magnífica reportagem publicada na revista *Estudos Psíquicos* de Abril, fartamente ilustrada, sobre o dito certame, e pedido fossem os mesmos transcritos em acta dos trabalhos. As últimas palavras do Prof. Leopoldo Machado foram abafadas por uma salva de palmas, como unânime aprovação da assembleia. Esse irmão pediu que se mandasse fazer um carimbo para ser aposto em todos os documentos de propaganda do Congresso, concitando o moço espirita à leitura da revista *Estudos Psíquicos*.

De harmonia com esta resolução, foi mandado fazer o carimbo com os dizeres que verá contidos neste ofício e demais papeis, enviados nesta data, como impressos, sob registro. A seguir, procedeu-se à farta distribuição de exemplares da revista do mês de Abril. Com a palavra, o signatário solicitou que tal ocorrência fosse comunicada ao director da revista, para os devidos efeitos. É o que estou fazendo agora, traduzindo o pensamento de todos os membros componentes do 1.º C. M. E. B.

O irmão em Cristo,

J. B. CHAGAS

LEOPOLDO MACHADO

Na sua ardorosa missão de pregar o Espiritismo de Vivos, Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova Iguassú, estado do Rio de Janeiro, deslocou-se ao Estado de S. Paulo, onde passou 12 dias, falando nas quatro instituições orientadoras do Espiritismo paulista: *União Federativa Espirita Paulista, Liga Espirita de S. Paulo, Federação Espirita Paulista* e *Sinagoga Espirita*, esta última dirigida pelo confrade e grande benemérito António J. Trindade que à sua custa construiu um Sanatório Espirita, pelo qual o Estado já ofereceu 13 milhões de cruzeiros. Falou também aos moços concentrados na Liga e na Federação.

Depois dirigiu-se a Santos, a Sorocaba, a Piracicaba, a Santo Ângelo, falando em vários centros e aliciando os jovens para o Congresso de Mocidades Espiritas. Em Santo Ângelo falou no leprosário. De volta, integrou a *Mocidade Espirita Pestalozzi*, no abrigo Teresa de Jesus, com um belo programa delineado pelo nosso confrade e patrício J. A. de Oliveira.

Uma viagem verdadeiramente auspiciosa. Leopoldo Machado continua a incitar os novos, com o seu entusiásmo feito de experiência. Ainda bem. Ele está no bom caminho. Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga.

Centro Espiritualista "Luz e Amor"

CONVOCAÇÃO

Nos termos do art. 17.º do Estatuto, é convocada a Assembleia Geral ordinária para o dia 28 de Julho corrente, às 21 horas, na sede do Centro, a fim de se proceder à apresentação de Contas da Direcção.

Se não houver número legal, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número de sócios.

Lisboa, 25 de Julho de 1948.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

ass.) Sebastião Elviro Martins

Noticiário

MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

A *Maternidade Casa da Mãe Pobre»*, do Rio de Janeiro, está em pleno funcionamento. Segundo notícias que acabam de chegar a nossas mãos, ali virão ao mundo, mensalmente, cerca de 400 crianças! Quanto às despesas mensais, devem orçar por «cento e vinte mil cruzeiros (cento e sessenta contos da nossa moeda).

Por aqui se vê a grandeza do empreendimento a que meia duzia de trabalhadores se aventuraram, numa hora de crise mundial e lutando com toda a casta de obstáculos. Mas venceram; mas triunfaram. E agora devem estar satisfeitos pela realização de um sonho muito grande que belos frutos já está produzindo.

Brevemente daremos notícias pormenorizadas desta instituição de caridade espirita, da qual *Estudos Psiquicos* passa, doravante, a ser órgão oficial.

CORPOS GERENTES DO CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

Tomaram posse dos seus cargos os Corpos Gerentes do Centro Espiritualista Luz e Amor, eleitos na última Assembleia Geral, os quais se responsabilizarão pelos destinos desta colectividade, no triénio de 1948-1951.

«O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS»

Acaba de sair do prelo a obra de Deolindo Amorim, intitulada «O Espiritismo e os Problemas Humanos», edição da *Gráfica Mundo Espirita*, do Rio de Janeiro, e integrada nas comemorações centenárias do Espiritismo. Obra, a todos os títulos, interessante, encara as realidades sociológicas à luz da nossa doutrina, demonstrando a necessidade de estudá-la e praticá-la para se atingir a verdadeira felicidade terrena.

Escrito em estilo fluente onde o vernáculo ocupa lugar de relevo, é livro que honra o autor e a ideologia que defende.

Enviamo-lo à cobrança, ao preço de 20$00.

BOAS NOTÍCIAS

Por intermédio do nosso confrade sr. José dos Santos, recebemos atenciosa carta de saudação do *Centro Espirita Amor, Caridade, Esperança*, Rua Voluntários da Pátria, 20, sob., Rio de Janeiro, cuja directoria é quase toda composta de portugueses:

Presidente — Carlos Manuel da Silva, do Porto.
1.º Secretário — Milton Rodrigues Serra, brasileiro.
2.º Secretário — António Alves Ramos, minhoto.
1.º Tesoureiro — Agostinho José Rodrigues, de Chaves.
2.º Tesoureiro — Manuel Mota Teixeira, do Porto.
Procurador — *António Correia Vilela*, de Vila Real.
Bibliotecário — Manuel Machado Soares, de Braga.
Director Espiritual — António dos Santos de Sôr (Coimbra).

A missiva que estes amigos nos enviaram é extremamente afectuosa, denunciando a estima e consideração que têm pela nossa revista e seu director. Pelas palavras de incitamento que nos dedicaram, aqui ficam os nossos agradecimentos.

PARTICIPAÇÕES

A *União Espirita Baiana* e a *Juventude Espirita Allan Kardec*, de Corumbá, Mato Grosso, tiveram a gentileza de nos comunicar a eleição de seus corpos gerentes para o ano de 1948. Desejamos-lhes saude e coragem para enfrentarem denodadamente os problemas que tiverem de resolver.

FÉRIAS DO CENTRO

Como nos demais anos, o Centro Espiritualista Luz e Amor entrará em férias no próximo dia 1 de Agosto, retomando os trabalhos nos primeiros dias de Outubro.

COBRANÇA DE COTAS

No último número publicámos um aviso aos sócios do Centro E. Luz e Amor, informando-os de que iamos tentar a cobrança de cotas pelo correio, serviço que seria feito trimestralmente.

A todos pedimos o melhor acolhimento para os recibos, a fim de nos facilitarem a árdua tarefa.

«A VOZ DO CONGRESSO»

Temos recebido regularmente *A Voz do Congresso*, boletim mimeografado das reuniões preparatórias do 1.º Congresso das Mocidades Espiritas do Brasil. Como sempre, vem cheio de entusiasmo e interesse.

Aguardamos notícias pormenorizados para a reportagem do maravilhoso certame que congregará muitas centenas de moços, decididos a trabalhos de renovação nas fileiras espiritas.

SESSÃO SOLENE

No próximo dia 30, às 21 horas, realizar-se-á no centro Espiritualista Luz e Amor uma sessão solene comemorativa do 1.º Centenário do Espiritismo em que falarão vários oradores.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, AGOSTO DE 1948 — N.º 8

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

RENOVAÇÃO

O mês de Julho de 1948 inaugura nova fase na história do Espiritismo. Não falamos do centenário dos fenómenos de Hydesville comemorados em todo o mundo espirita latino e saxónio. Há outra coisa para nós de maior importância. De tão grande importância. que transcende os limites do que até hoje se tem feito de bom e de belo a favor da Causa. Referimo-nos ao aliciamento, melhor digamos, à arregimentação da mocidade brasileira e seu ingresso nas fileiras espritas.

Esta ideia foi genial. Embora muitos pensem que se trata de vulgar ovo de Colombo, para nós foi genial, quer pelo objectivo, quer pela oportunidade. E os frutos estão à vista. O 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil constituiu a maior afirmação de fé colectiva de que temos conhecimento. Vibração, entusiasmo, anseio, alacridade, emoção espiritual pela comunhão na mesma pira ardente de milhares de jovens iluminados e vitalizados pelo fluido incoercível da sua crença; interesse pelos problemas ideológicos, desejo constante de resolvê-los, tenacidade na acção e solidariedade no esforço, tudo isto se esteriorizou nesse conjunto maravilhoso que invadiu os recintos a que afluiu como torrente caudalosa, espadanando vivacidade e alegria de viver e vencer.

No próximo número veremos o que foi esse Congresso estranho da Mocidade que amanhã dirigirá o movimento espirita brasileiro, um dos mais fogosos do mundo. Veremos como se comportaram os trezentos e tantos congressistas representantes das 146 Mocidades que aderiram ao certame.

Temos grande prazer em divulgar o acontecimento, certos de que as suas consequências beneficiarão em alto grau a doutrina espirita. Um jovem que se levanta é um batalhador que surge cheio de esperança e de vigor. Quando empunha o alvião, é disposto a decruar e a surribar o baldio. Ainda não foi experimentado pelo desânimo, ainda não conheceu desilusões. E por isso trabalha ao calor da fé e a obra prolifera, aumentando em força e volume.

As Mocidades Espiritas do Brasil são o fermento que há-de levedar a massa anónima composta de milhões de almas de boa vontade. Delas sairão escritores, jornalistas, oradores. Delas sairão elementos preciosos de investigação e, com eles, a nova psicologia dará um grande passo em frente, no rumo da ciência moderna. Delas sairão futuros educadores e orientadores que reforçarão o Espiritismo e o tornarão conhecido e querido do maior número. Delas sairão, finalmente, os missionários do mundo novo, que saudarão o século vindouro com a experiência adquirida na luta cruenta do século que passa e firmarão a sociedade em bases mais lógicas e equitativas. Não admira, pois, que tenhamos esperança no movimento juvenil que se exerce em todos os Estados brasileiros e o saudemos, entusiasmados e cheios de alegria sã.

Os homens de hoje já fizeram muito. Cavaram, desbravaram, semearam. A germinação está à vista de toda a gente. A germinação é a seara de oiro que o 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil apresentou há dias no Teatro João Caetano, do Rio de Janeiro, estuante de energia, valente e buliçosa, entoando em coro a *Canção da Alegria Cristã* de Oli de Castro e Leopoldo Machado e considerada o hino dessa mocidade forte que enchia o vasto salão em festa. A germinação será leiva florida e pomar fecundo, se a soubermos cultivar com precaução e cuidado.

A renovação está em marcha. Os velhos caminhos serão demolidos e substituidos por estradas amplas e directas. As sinuosidades deixarão de existir. Os homens ficarão mais próximos uns dos outros. Os transportes rápidos os unirão. A correlação de ideias lhes dará maior força. E tudo isso fará a Mocidade Espirita que desponta, a cantar e a vibrar, de olhos serenos e ouvido à escuta, na tarefa de renovar o existente e adaptá-lo às exigências da época, tal como nós fizemos e fazemos no tocante a velharias que relegámos ao museu da história.

Que essa mocidade trabalhe firmemente e defenda os nosos postulados com decisão e coragem! Que ela seja generosa e fraternal e acolha no seu seio todos os elementos que a possam fortalecer e unir. Eis os nossos votos nesta hora de renovação que nos trouxe o 1.º Congresso de Mocidades Espiritas.

«A Nossa Vida Mental»

E OS GRANDES MÉDIUNS

pelo Dr. Carlos Imbassahy

IV

Valeria a pena ver a ligeireza com que os autores de *A Nossa Vida Mental* trataram dos mais célebres médiuns e notáveis experimentadores.

Quanto a Crookes, eliminou-o de uma só pancada a ciência dos Tres. Houve, a princípio, umas observações obscuras, talvez preparo, a fim de que não se percebesse a rapidez do golpe, e depois foi aquela mão certeira!

Assim, dizem eles que «Crookes preferiu abandonar as precauções que teriam tornado aproveitáveis os seus resultados, e que seu «êxito» (entre aspas) marca o pináculo de realizações mediunísticas. Numerosos investigadores imitaram Crookes apelando para muitos instintos, combinando o mistério de Ondina com o milagre religioso de um espírito feito carne».

Disseram mais que «a história do ocultismo é a tentativa de reproduzir Crookes, mas, em suma, as experiências daquele sábio foram submetidas a severa crítica e hoje se admite que a elas não presidia nenhum critério científico. O próprio Crookes desistiu de convencer seus companheiros de ciência e retornou aos trabalhos químicos».

E foi só o que eles acharam sobre Crookes e suas experiências.

O que será aquela história dos pesquisadores a apelarem para os instintos e mais a combinação do mistério das ondinas com o milagre religioso do espírito feito carne, não se entende muito, mas sempre é bom para confundir um pouco. Por ali vai a gente vendo logo que a coisa é de milagre e de mistério. Depois, pura mitologia, necessàriamente com seu tanto de psicanálise.

Há outras interrogações a bailarem em nosso espírito, ou que bailariam, se a palavra de sábios não fosse sempre um axioma. Assim, porque Crookes abandonaria as precauções, quais as severas críticas a que foram submetidas as suas experiências, onde é que se admite hoje que não houve nelas critério científico, e porque é que se admite isso, e quem admite, e porque Crookes desistiu de convencer seus companheiros, e que interesse tinha ele nesse convencimento?...

Tudo perguntas provàvelmente indiscretas a que os Três não responderiam nem ninguém por eles. Lançaram os apoftegmas e se deram por satisfeitos.

A ignorância máxima que existe por toda a parte a respeito de tais assuntos tornaram-nos, aos Três, desprecavidos e excessivamente confiantes. Daí a maneira superior porque vêm lançando, sobre Psíquismo, os mais arrojados despautérios.

Mas vamos contar a história verdadeira.

As experiências de Crookes foram inatacáveis. *C'est du granit,* dizia Richet. Êle também duvidou a princípio, mas clamava depois, batendo nos peitos — *pater peccavi.* É ainda Richet quem nos diz: — «Aconselho a ler a descrição detalhada das experiências de Crookes e ficareis convencido da realidade, a menos se tenha William Crookes como imbecil, o que é mais imbecil ainda. (*Presse Médicale* — 27-6-1925).

Outros grandes vultos confessam que receberam as comunicações de Crookes com um sorriso idiota. Mais tarde se convenceram da idiotice do sorriso.

Auxiliou o sábio inglês nas suas experiências, um dos mais célebres electricistas do mundo. Cromwell Varley. Este génio da electricidade inventou uma aparelhagem e a aplicou nas experiências, sem que nada soubessem ou desconfiassem os médiuns. Havia, além disso, mecanismos e aparelhos vários, e entre eles, balanças, dinamómetros, termómetros, máquinas fotográficas... As sessões se realizavam no gabinete particular de Crookes, com portas fechadas, à luz das lâmpadas, sem pessoas estranhas, a não serem de sua família, ou os sábios que o acompanhavam, ou ele só. Os médiuns se prestavam a qualquer controlo, sem a menor dúvida, sem a menor vacilação. Nunca recusaram nada. Eram investigados, examinados, antes, durante e depois das sessões. Que mais precauções queriam os Três?...

Crookes vê juntas, a médium e a aparição;

ausculta-as, toma-lhes o pulso, examina os corações, examina-lhes a diferença de talhe, de rosto, de cabelos, de mãos, de braços, de dedos, de vestes: faz-se retratar, ora com a médium, ora com o fantasma, na mesma posição, no mesmo lugar, nas mesmas condições, e verifica as diferenças existentes. Não houve recurso de que não lançasse mão para apanhar uma fraude, já impossível de imaginar. De tal ordem eram os fenómenos, que a dúvida se tornava indamissível: Crookes lança mão de um jornal, põe o dedo em cima de uma palavra, que ninguém vê, nem ele, e o médium diz a palavra apontada; um acordeão toca, ali, à vista de Crookes, sem que niguém lhe ponha as mãos; os corpos mudam de peso e a balança o demonstra; o ambiente muda de temperatura, registram-no os termómetros; toda a cena do gabinete é estudada meticulosamente, com as fotografias à vista. Não há um movimento dos médiuns que não seja verificado, ou pela vista, ou pela chapa, ou pela corrente eléctrica. Todos têm-lhe os olhos e as mãos em cima. E isto durante 3 anos; 3 anos ininterruptos. Várias vezes, em plena manifestação, no gabinete particular do sábio, à prova de truques, com ele e Varley, ou ele e outro sábio, via-se, durante a manifestação, o médium completamente desfalecido, estendido numa poltrona ou no assoalho, frio, inerte, descolorido, semi-morto.

Depois disto, a cajadada de Huxley e dos Wells! Para eles, Crookes abandonou as precauções e os sujeitos de agora, por um milagre maior do que o espírito feito carne e um mistério mais profundo que o das ondinas, é que estão vendo, através do tempo e do espaço, que aquilo não valeu nada!

Interessante é dizer-se também que ele, o Mestre, desistiu e tornou aos trabalhos químicos. Ora, Katie King tinha determinada missão, que cumpriu. Cumprida, retirou-se; retirou-se a médium; Home morreu. Que queriam os Wells que Crookes ficasse fazendo?...

Para o fim cumpre lembrar o que já dizia o grande químico de outros inscios nas mesmas condições dos tais das *acerbas críticas*:

— «O que me surpreende é que os contraditores, sem terem feito a menor pesquisa, pretendem que eu tenha sido enganado, simplesmente porque eles não se convenceram, e sem se lembrarem de que seus argumentos são os mesmos que se apresentam quando aparece uma ideia nova».

///

Agora Eusápia Paladino.

Também foi curta a liquidação: «A conhecida médium Eusápia Paladino durante 50 anos mistificou dois continentes. Constantemente apanhada em fraude, nunca deixou de fazer novos convertidos, entre os quais César Lombroso, que se convenceu de que sua falecida mãe lhe aparecera. Lendo os relatórios das sessões que ela deu perante comissões de cientistas, é de impressionar a maravilhosa destreza com que desempenhou o papel de mãe e usou os seus conhecimentos da natureza humana para despistar a ciência dos seus austeros juizes, ora recusando, ora concordando, controlando, assim, os que deviam controlá-la, esgotando-lhes a paciência, escolhendo os melhores meios de iludi-los e manobrando sempre com suprema perícia e habilidade, de forma a encobrir qualquer situação com um jogo de espírito».

Como conseguiu ela durante 50 anos despistar tanta gente é, de facto, espantoso. Também aqui, a igual do que se passou com os médiuns de Crookes, as perplexidades avultam.

Richet já previa a tirada dos autores da *Vida Mental*, necessàriamente igual à de tantos outros que se metem a discorrer do que não entendem ou sabem pela rama, visto que ele, na sua conferência de despedida na Sorbonne, diz o seguinte, a respeito de Eusápia Paladino:

«Eusápia foi maravilhosa médium. Afirmo que nunca houve experiência que fosse submetida a tão severa fiscalização e por tantos sábios. Muitas vezes, malévolos até à iniquidade, sempre desconfiados, sempre ligados a uma exploração rigorosa, os sábios do mundo inteiro tomaram parte nessas pesquisas, e todos, por pouco que houvessem tomado parte nas experiências, chegaram à certeza.

«Eu os vou mencionar aqui, porque essas numerosas testemunhas, quase solenes, vindas de todas as partes do mundo, emanando de homens probos e esclarecidos, têm um valor que fáceis e vodevilescas chocarrices não podem empanar.

«Em França, o coronel A. de Rochas, director da Biblioteca da Escola Politécnica; Flammarion, o célebre astrónomo; Joseph Maxwell, procurador-geral da Corte de Apelação de Bordeaux; Sabatier, deão da Faculdade de Ciências de Montpellier; Arnaud de Grammont, meu confrade da Academia de

Ciências, físico eminente; Courtier, secretário geral do Instituto Psicológico; Delanne, engenheiro; Boirac, reitor da Academia de Dijon. Na Itália, todos ou quase todos os professores de Fisiologia nas Universidades: Botazzi, professor em Nápoles, Foa, professor em Pádua; Herlika, professor em Turim; Schiaparelli, astrónomo; Morselli, professor de Clínica Psiquiátrica em Génova. Chegou, mesmo a escrever dois volumes consagrados ùnicamente às experiências de Eusápia.

«Na Inglaterra e alhures, sir Oliver Lodge, Myers, Carrington, Ochorowicz, Schrenck-Notzing, Aksakoff».

A estes ainda poderiamos acrescentar muitos outros, como o prof. Ermacora, doutor em Filosofia, Gerosa, catedrático de Física, Du Prel, professor de Filosofia, Ricardo Hodgson, um dos mais importantes membros da Sociedade de Pesquisas de Londres e eminentemente céptico, e ainda Bozzano, Sidwick, Massalos, Carlos Rochi, Victorien Sardou, Júlio Claretie, Fontenay, Adolfo Bisson, Lombroso, e muitos, muitíssimos outros. A lista é longa. É tão grande o número de livros publicados a respeito dessa médium, que fazem parte de uma bibliografia, chamada *Bibliografia Paladina*.

Pois aquela gente toda foi no embrulho, como aqui se diz em linguagem plebeia. Aquela bibliografia não é mais do que o reresultado de 50 anos de embustes! Foi esse o maranhão que os dois Wells e Huxley lançaram aos seus leitores em forma de ciência.

Além de tudo, ficar-se-ia sem saber, à vista dos fenómenos, como aquela senhora, inteiramente analfabeta, sem nenhuma instrução, criada num meio rude, quase sem opinião, sem saber o que eram aqueles factos e para que serviam, conseguiu, em meio século, iludir tanta gente, e não gente simples, mas cientistas de todo o mundo, sem nenhuma propensão mística, incrédulos na maioria, senão na totalidade, e desejosos de apanhar a fraude!...

Com as mãos e pés seguros, da médium, viu Flammarion, em plena luz, uma pequena mesa dirigir-se para ele sem ninguém tocá-la. De outra vez, houve a levitação da mesa, que se ergueu meio metro do solo, também em plena luz. Em uma sessão, o canapé caminha ao simples olhar de Eusápia, recua a um sopro seu, um tambor se ergue à altura do teto, as almofadas são arremessadas sobre os assistentes, pondo em desordem o que estava na mesa; um cavalheiro é arrancado da cadeira; esta, pesada, de nogueira, estofada, ergue-se, chega à mesa com ruido e depois é levada para longe. Em outras vezes, a cortina enfuna-se, como vela sob vento rijo, e o vento ou sopro invisível e que ninguém sente, parte do lado contrário ao em que se acha Eusápia. Flammarion segura um instrumento numa das extremidades e ele lhe é arrebatado como se alguém o puxasse da outra, onde não há ninguém, estando Eusápia longe.

Numa sessão, Jules Bois apresenta um livro à altura de um homem em pé. O salão está clareado por pequena lâmpada. Vêem-se distintamente os objectos. Mão invisível, por trás da cortina, apanha o livro, que desaparece depois através da mesma cortina. A senhora Flammarion, muito céptica, tinha-se escondido por trás da cortina aludida, esperando surpreender alguma fraude e de lá ela via Eusápia. De repente, o livro lhe apareceu através da cortina suspenso no ar, sem mãos nem braços que o segurassem; depois ela o viu cair; e então, assombrada com o inesperado da façanha, pálida, trémula, lança-se entre os observadores, gritando: Oh! O livro acaba de atravessar a cortina! *(Veja-se* Flammarion, *Les Forces Naturelles)*.

Lombroso vê aparecer a progenitora; Le Bocain, sua irmã Rosalia; ele lhe pede em árabe, quando Eusápia mal conhecia a sua língua, que lhe puxe os cabelos três vezes, e, passados dez minutos, o espírito, por três vezes, lhe puxa os cabelos. No seu relatório, conta Siemiradski que viu um grande piano deslocar-se, o que também foi observado por Ochorowicz. As provas se poderiam estender, mas o espaço está desaparecendo. Voltaremos ao asunto. Antes porém conviria recordar o que se passou com certo experimentador: ele disse que Eusápia fazia mover a mesa com os pés; prenderam os pés de Eusápia; êle retrucou que devia ser com as pernas; amarraram as pernas de Eusápia às dele. A mesa se movia sempre. Ele então confessou que tinha falhado nas suas hipóteses; apenas, não podia atinar com o truque. Os autores da *Vida Mental*, ao que parece, só não atinaram com o truque. Mas é fora de dúvida que ele deveria ter existido, e isto durante 50 anos!

Nova remessa de Livros

Acabámos de receber nova remessa de livros da Editora "O Pensamento", de S. Paulo. No próximo número daremos a relação e o preço desses livros.

Qf/48

MÉDIUNS CÉLEBRES

FERNANDO DE LACERDA

pelo Coronel Faure da Rosa

A mediunidade de Fernando de Lacerda, era inteiramente subjectiva e, dentro desta, da espécie que menos fala aos nossos precários cinco sentidos: mediunidade escrevente — psicográfica, para me servir da classificação de Joseph Lhomme. Não há mediunidade para empolgar a massa com a objectiva, de efeitos físicos, pela forma espectaculosa de que as suas manifestações se revestem. São os fenómenos preferidos pelos rebeldes à meditação. E, contudo, é, talvez, a de ilusionismo menos difícil.

A mediunidade subjectiva psicográfica é serena: não tem exibições que espevitem curiosidades abacadabrantes, nem produz o arrepio emocional que tanto agrada às sensiblidades doentias. A mediunidade psicográfica, precisamente porque tem mais cerne do que casca, exige observação mais demorada, inteligência mais penetrante, raciocínio mais lúcido.

Fernando de Lacerda era um modesto sub-inspector da Polícia administrativa de Lisboa, de cultura, talvez menos que mediana. Desempenhava o seu cargo com zêlo modelar, a par da competência e da bondade que em todos os seus actos funcionais demonstrava. Na vida privada revelava a mesma inteireza de carácter, de probidade, de isenção magnânima, que todos aqueles que com ele privavam lhe reconheciam. Ninguém punha em dúvida a sua boa fé, a sua completa lealdade e sinceridade na afirmação do fenómeno e no relato despretencioso e singelo do modo como se produzia.

Todos aqueles que observaram as suas manifestações mediúnicas e estudaram as suas produções, eram unânimes em afirmar as qualidades de carácter de Fernando de Lacerda. O Dr. Sousa Couto, talvez o mais arrojado e estudioso dos espiritistas portugueses, analisou a mediunidade de Fernando de Lacerda com tenacidade, demoradamente. sob todos os aspectos, e largamente a descreveu, explicou e justificou em vários e valiosos trabalhos que ficaram arquivados na revista «Estudos Psíquicos» que ele então dirigia. O Dr. Amilcar de Sousa, nosso prestimoso confrade do Porto, já desencarnado, ainda não há muitos anos que fez uma conferência na S. P. I. P. acerca do Dr. Sousa Couto a quem o Espiritismo português muito deve. Individualidades, de valor mental e cultural, como os doutores Martins Velho, Anacleto de Oliveira, Xavier da Silva, Francisco Namorado, e tantos outros, todos eles prestaram a devida e inteira justiça a Fernando de Lacerda.

«Obedecendo ao impulso estranho e insólido de que são acometidos os médiuns psicográficos, Fernando de Lacerda, durante seis anos, só obteve escritos pobres de conteudo, malévolos, insultuosos, por vezes, e que, sempre, vinham, todos eles, assinados por um nome que ele em vida conhecera, e cujo carácter parecia que renascera pòstumamente, vincado com os antigos laivos da impureza da vida terrena. Que se lembrem deste começo todos os médiuns psicográficos incipientes e não desanimem. Uma das qualidades que do Além se exige àqueles que se dedicam ou pretendem dedicar-se a este género de trabalhos é, sem dúvida, a paciência, a perseverança, a tolerância.

«Fernando de Lacerda obteve, depois, comunicações firmadas com nomes de várias pessoas falecidas e cujo conteudo e estilo estão muito acima dos seus recursos científicos e literários.

«Essas comunicações, no fundo e na forma, dão-nos a impressão de que só as poderia escrever o punho do escritor cujo nome as paterniza, muitas vezes com notável semelhança caligráfica.

«Lacerda, ao começar um escrito, não sabia que nome lhe correria dos bicos da pena ao fim dessas belas e inesperadas páginas. Os conceitos, os contrastes, os imprevistos dessas comunicações, eram para ele uma verdadeira surpresa, porque a sua consciência não lhe acusava a elaboração desse trabalho mental, e ele mesmo era o próprio a reconhecer-se incapaz de o produzir.

«Frequentemente surgiam palavras cujo sentido ignorava, outras cuja propriedade lhe parecia contestada, mas o recurso ao dicionário fazia-lhe ver que esses termos desconhecidos, acepções ignoradas, estavam, com justeza, no seu lugar.

«Como acontece a quase todos os médiuns — senão a todos — havia momentos particularmente especiais para a produção da escrita.

«O êxito depende de um estado especial indifinível; esse estado favorável é, pode dizer-se, pressentido: há como que um impulso, uma marcada inclinação para escrever. Era então que escrevia àgilmente, sem emendas, sem hesitações, levemente, sem cansaço, sem o menor esfôrço intelectual, sem o menor entrave.

«Nessa condição, o cérebro ficava como parado, a vontade abolida, toda a acção mecânica indesejada. A mão, porém, ia correndo, a escrita desli-

sando, sem que Lacerda soubesse o que ia saindo e menos ainda qual a ligação que viria.

«Igualmente ignorava quando a escrita acabava. Para ele tudo eram suprezas, até o próprio remate da comunicação».

Estes pormenores que transcrevo, são deduzidos do inquérito feito pelo Dr. Sousa Couto.

Também sucedia, por vezes, Lacerda ouvir, durante a escrita, as palavras, como se lhe fossem produzidas fonogràficamente no cérebro. Fernando de Lacerda afirmava que o seu cérebro consciente não presidia ao fenómeno, não dirigia a associação ideológica, não ditava, não pensava, em suma, uma única palavra do que escrevia!

★

Fernando de Lacerda foi, sem dúvida, o médium português mais discutido que até hoje apareceu. E, como todos os médiuns, não escapou à imputação de trapaceiro, embora os imputadores não tivessem explicado a maneira por que compreendiam a possibilidade de objectivar as trapaças. De embusteiros também foram acusados os médiuns Pascal Forthuny, Joana Laplace, Piper, Home, Condessa de Castelwich... É fácil fazer acusações genéricas, imprecisas e irónicas, quer se trate da mediunidade objectiva, quer da subjectiva. Isto está ao alcance de toda a gente que tenha em pouca conta a dignidade alheia. Parece até que quanto mais realce apresentar a mediunidade mais a troça sobe, se aglomera a crítica soez em volta do pobre médium que não percebe, muitas vezes, por que o maltratam com tanta grossaria e contumácia.

E de nada vale que os observadores se chamem Crookes, Lodge, Richet, Lombroso, Geley, d'Arsonval e que afirmem a realidade dos fenómenos longamente, persistentemente estudados e discutidos: são todos uns tontos, uns néscios. Para os negativistas a inteligência e o bom senso de outrem, só dura enquanto se pensar como eles: desde que os contrariem passam a estúpidos, a ingénuos, destituídos do mais elementar senso comum. Espertos, sagazes, sabedores, com lume no ôlho... só eles, os críticos de má morte; eles, os negativistas de tudo que seja inabitual; os negativistas que nada viram, nem observaram nem estudaram, mas que sabem por uma espécie de ciência infusa emprestada por palavras arrevezadas, propositadamente criadas — que nada explicam — ou procuram tudo destruir com o sarcasmo, com o riso, quando não com chocarrices de truão. Não é, pois, sem razão que o povo diz: «muito riso, pouco sizo».

★

Qual seria a fonte dos escritos de Fernando de Lacerda?

Seria a famosa subconsciência?

Taine, na sua obra «A Inteligência», refere um facto importante que considera produto da subconsciência. Conta ele: «Vi uma pessoa que conversava, cantando, e, ao mesmo tempo, sem olhar para o papel, escrevia frases seguidas e até páginas inteiras, sem ter consciência do que escrevia.

«A meu ver — diz ele — a sua sinceridade é perfeita; ora, essa pessoa declara que, ao fim do escrito, nenhuma ideia tem do que traçou sobre o papel; quando depois o lê, fica admirada, por vezes alarmada. A escrita é diferente do seu modo de escrever ordinário. O movimento dos dedos e do lápis é rude e parece automático.

«O escrito termina sempre pela assinatura de uma pessoa falecida e tem o cunho de pensamentos intimos, de um fundo mental que o autor não queria divulgar».

Taine desencarnou em 1893. Nunca nos disse — como até hoje nenhum dos cientistas que se contentam com a palavra «subconsciência» para tudo explicarem e compreenderem — nunca nos disse onde era que a famosa «subsconciência» aprendia aquilo que a «consciência» ignorava. O grande filósofo, crítico e historiador francês considerava a arte e a literatura como funções naturais deste animal superior que é o homem: para êle o génio dos grandes escritores e dos grandes artistas era dirigido pelo comandamento de uma faculdade, a qual, por sua vez, seria dominada pelas influências geográficas (o solo e o clima) e, sobretudo, pelas três grandes influências paralelas da *raça*, do *momento* e do *meio*.

Essa faculdade que comanda o génio, no dizer de Taine — não pode ser outra senão o espírito já em grau superior de evolução — sujeito sem dúvida, às influências de *hereditariedade*, do *meio* e do *momento* da produção, transmitidas pelo seu invólucro — o perispírito — que o aparelho carnal pôs em vibração.

Nem a hipótese da subconsciência, nem a da leitura do pensamento, da telepatia ou da sugestão podem resolver o problema das comunicações recebidas por Fernando de Lacerda.

★

Vou referir um incidente curioso.

Em princípios de Dezembro de 1908 o conhecido médico Dr. Marques da Costa, combinou com Fernando de Lacerda um passeio matinal, em automóvel, e almoço em Sintra. Marcou-se o dia 9. Nesse dia, ao levantar, sentiu-se Lacerda impelido a escrever. A entidade comunicante disse chamar-se João de Deus; e a pena leda, fácil, corrente, deixou no papel, em cerca de uma hora, 237 versos, com aquele valor peculiar do grande lírico. Lacerda, de relógio na mão, contando o tempo minuto por minuto, aguardava a chegada do Dr. Marques da Costa, e nem sabia o que se ia produzindo nem quando acabaria. Por fim chega o automóvel, e logo a poesia fechava plena e feita e a mão parava, como máquina a que faltasse

a corrente, assim descreve o incidente o Dr. Sousa Couto.

Foi só depois do almoço, em Sintra, que se examinou o escrito. Apareciam nele duas palavras que Lacerda desconhecia: *flagício* e *abusão*, palavras que, na poesia, ocupam lugar de exacta precisão e de lídima propriedade.

De uma vez, dois oficiais do exército e um funcionário superior de um Ministério, que tanto valiam pela inteligência como pelo carácter probo — afirma o Dr. Sousa Couto — conversando neste assunto, acidentalmente, com Fernando de Lacerda, mostraram a naturalíssima dúvida sobre as condições do fenómeno. Lacerda prestou-se logo a uma prova, e, ali mesmo, envolvido em conversação geral, intervindo nela, corrigindo datas e factos, escreveu, ràpidamente, duas largas páginas, sem uma emenda, sem uma hesitação, um tema substancioso no fundo, na forma elevado, e surgindo alfim a assinatura de Camilo a subscreve-lo.

Um dia o distinto médico Dr. Archer da Silva encontrou-se com Fernando de Lacerda na presença do Dr. Manuel Moreira Feio, que, em tempos foi inspector da polícia. Entre o Dr. Archer da Silva e Fernando de Lacerda travou-se o seguinte diálogo:

—O Sr. Lacerda, é capaz de conseguir-me respostas a uma pergunta que eu lhe faça, conservando cada uma o caracteristico de quem a diz?

— Sou, respondeu Lacerda.

— Quando?

— Já, afirmou Lacerda sem hesitar.

O Dr. Archer da Silva pensou e momentos volvidos, disse:

— *A esmola é um bem ou um mal?*

Lacerda sentou-se a escrever, e o Dr. Archer da Silva tomou nota da hora.

Lacerda ia escrevendo, vertiginosamente, ao mesmo tempo que os dois doutores — Archer da Silva e Moreira Feio — conversavam ruidosamente e o lápis de Lacerda continuava a correr célere, a escrever verteginosamente. Decorridos quatro minutos e quinze segundos foram lidas as seguintes seis respostas, notando-se que a atribuida a Castilho foi feita em letra ponteada, como se o fosse com a ponta de um alfinete.

Resposta à pergunta «A esmola é um bem ou um mal»?

DE EÇA DE QUEIROZ:

«A esmola é um mal sob o ponto de vista mundano. Faz ociosos e viciosos. Todos aqueles que se habituam a viver pela linfa da fonte da Caridade, linfa purissima na sua acepção genialmente cristã, não mais buscarão viver do trabalho honesto, — ordem e vontade do Criador de tudo, que a tudo determinou acção e necessidade. Sob o aspecto social, é, pois, um mal».

DE JOÃO DE DEUS:

«A esmola é a lágrima do Cristo caída na ferida do desgraçado. Orvalho que rocia a dor, como o orvalho da manhã rocia a flor ressequida na época estival.

Bendita esmola
A que consola
No mundo a dor!
Bendita estrela
Tão linda e bela,
Do Deus d'Amor.»

DE CAMILO:

«A esmola é uma das mais belas manifestações da doutrina do Mestre. Pode representar, perante os sociólogos de alma estéril ou maninha, um mal, e perante o egoista feliz um incómodo enauseante; mas representa, seguramente, para quem tenha no peito um pedaço de músculo a que se chama coração, uma das mais belas e consoladoras acções dessa vida. Sob o aspecto moral é um dos produtos mais belos da solidariedade humana; sob o aspecto espiritual é uma das mais lídimas manifestações da grandeza da alma. Bendita seja, pois, a esmola».

DE CASTILHO:

«A esmola é um dom das almas elevadas. Só as almas grandes a compreendem. Como manifestação de bondade é, pois, um bem. Bendita seja.

DE JÚLIO DINIS:

«A esmola, filha da Caridade, é a pedra de toque por onde se pode aferir o grau de sentimento de qualquer personalidade.

«É esmoler? Mas, esmoler simples, sem ostentação?

«Será um bom. A esmola, dada amorosamente, é uma das primeiras e mais radiosas obras que encontramos, ao deixar essa terra de desenganos e lágrimas».

Nas respostas reproduzidas está bem vincado o cunho especial de cada um, como o poderiam fazer as entidades que as assinam.

Se o estilo é o homem, se cada homem tem o seu estilo, como tem a sua característica física e moral, como atribuir a um único indivíduo tão ricos e diferentes estilos?

O Visconde de Seabra, célebre jurisconsulto português, autor do nosso Código Civil, perguntado, um dia, por intermédio da mediunidade de Lacerda, «se teria alguma coisa a dizer acerca do seu Código», entre as muitas observações judiciosas que fez, afir-

A FAMÍLIA DE JESUS

por Ramos Pereira

Iossef e Myriam habitavam ao tempo do seu matrimónio o pequeno burgo de Nazareth, em Galil-ha-goyins ou Galil-ha (Galileia). Iossef exercia a profissão de carpinteiro e, segundo a «história de José» (manuscrito do séc. II composto no Egipto), casou pela primeira vez aos 14 anos, enviuvando aos 23. Desta união, no dizer de alguns exegetas, provieram 4 rapazes e 2 raparigas, os «irmãos de Jesus», referidos nos Evangelhos. Na interpretação tendenciosa daqueles, Iossef tinha 80 anos quando do seu segundo matrimónio!

Deveria ter sido muito piedoso e versado no Talmud, como deixa entrever o «proto-evangelho de Iaa Kob» (séc. II), talvez até um iniciado laico da seita dos essénios, como se depreende das visões de Catarina Emmerich. A doença vitimou-o com um atroz sofrimento (v. «História de Iossef»), a 26 de epiphi (julho) ao nascer do sol. Com que idade? Desconhece-se, mas indiscutivelmente a sua morte ocorreu antes das peregrinações do Filho, porquanto não há nos evangelhos qualquer referência depois da fuga de Ieschu.

Iehôyakim, o pai de Myriam, apascentava os seus rebanhos nas cercanias de Nazareth, tendo casado aos 20 anos com Harnah bar-Akbar, da qual não tivera filhos durante mais de 20 anos (v. «Proto-evangelho de Iaakob», «História de Iossef», «História de Myriam», etc.). Por fim nascera Myriam que aos 3 anos foi levada para o Templo, em cumprimento de uma promessa. Aí viveu até aos 12 anos, idade em que segundo a lei moisaica já não poderia aí permanecer.

Através dos Evangelhos verifica-se que Myriam seguiu as pegadas do Filho, por toda a Judeia, e que se encontrava no Gólgota quando da sua crucificação. Acolhida no seio da nova seita, ficou vivendo em Jerusalém: — «E tendo entrado em certa casa, subiram ao quarto de cima, onde permaneciam Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago filho de Alfeu, Simão o Zeloso, Judas, irmão de Tiago. Todos estes perseveraram unânimemente em oração com as mulheres, e *com Maria mãe de Jesus e com os irmãos dele*». (v. Actos dos Apóstolos, cap. I, v. 13 e 14). Segundo Meliton, Myriam foi habitar com uns parentes que tinham uma casa junto ao monte das Oliveiras. O «livro da passagem de Santa Myriam» diz-nos que ela residia no Monte Sion, donde se deslocava diàriamente ao Gólgota para orar. O «Evangelho de Bar-talmai» narra que ela fora para a Galileia com outros discípulos. O «Evangelho de Iohanan» afirma que Myriam fora recolhida pelo «discípulo amado».

Disto, talvez seja lícito concluir que Iohanan tivesse acompanhado Myriam logo após a morte de Ieschu seguindo assim a ordem que por Ele lhe fora dada. Posteriormente, porém, deve ter ido viver com quaisquer parentes no Monte Sion donde partiria para as suas orações no Gólgota. Tal facto teria levantado forte celeuma entre os hebreus que pensaram até em sacrificá-la, o que parece ter sido sustado por uma carta de Abgar Ukâma, rei de Edessa, a Tiberius. Para apaziguar os ânimos, Myriam teria acompanhado os discípulos que por esse tempo regressavam à Galileia (v. «Livro da passagem de Santa Myriam»).

Quinze anos depois da morte de Ieschu, segundo o fragmento copta «morte da virgem Myriam» (cf. «Evangelho dos 12 apóstolos»), habitava de novo em Jerusalem com Iohanan bar-Zebadya. Na noite de 21 de

---

mava isto: «No dia em que o Espiritismo for uma conquista definitiva da humanidade, todo o direito penal será absolutamente refundido. Ver-se-á então que o principal criminoso de todas as sociedades civilizadas e cristãs, tem sido o código penal de cada uma delas».

«Muito tempo vivi no meio judicial; respeitei profundamente a moralidade imposta pela suas leis; mas presentemente, reconheço os seus defeitos».

Também Vincent Reggio, presidente da Relação de Génova, falecido naquela cidade a 27 de Outubro de 1900, comunicava do Além em Março de 1901: «Conheço, agora, os numerosos erros em que caí sob a égide do Código Judicial. Bem desejaria empreender, agora, a reforma que se impõe para a Legalidade e a Justiça.

Janeiro, contando 57 anos (segundo Evodius cit. por Nikeforos Callistos in «História da Igreja), morria aquela que gerara Jesus. Iaakob-bar Iossef, Iohanan bar-Zebadya e Schimeon-bar Iona sepultam-na no vale de Josaphat. (Se admitimos que Ieschu morreu com 33 anos e que nascera quando Myriam contava 15, temos que alongar para 63 anos o falecimento da piedosa nazarena, o que não concorda com Evodius. Mas se supozermos que o falecimento de Ieschu se deu aos 33 anos e que 9 anos medearam entre este e o de Myriam, chegamos à idade apontada por Evodius).

É no «Proto-evangelho de Ioakob» que se encontra a afirmação de que os «irmãos» de Ieschu — Iaakob, Iossef, Schimeon, Iehuda, Myriam e Schelomit — eram filhos do primeiro casamento de Iossef. Renan (in «Vida de Jesus») considera-os filhos de Myriam Khalipai, cunhado de Iossef, e, portanto, primos co-irmãos de Ieschu, fundando-se em passagens dos evangelhos como os v. 40 e 47 do cap. XV e v. 1 do cap. XVI do texto segundo Marcos. Mas isto, segundo Peyrat (v. «História Elementar e Crítica de Jesus», pág. 87) «é negar a evidência e substituir os factos naturais por hipóteses insustentáveis».

Com efeito, em grego distinguia-se entre «irmão de pai e mãe», «irmão de pai» e «primo». Ora, nos textos aparece sempre «irmãos de pai e mãi» e nunca qualquer dos termos designativos dos outros graus de parentesco. Como explicar este facto, sem substituir a realidade do escrito por especulação puramente imaginativa? A outra Myriam, mulher de Khalipai, irmão de Iossef (v. Hegesippos) teve de facto um filho chamado Schiméon que é designado pelo apelido bar-Khalipai, enquanto que o outro Schimeon, irmão de Ieschu, por bar-Iossef. Porque os não designaram então por bar-Khalipai, por primos de Ieschu?

Iaako bé o mais velho (certos textos apócrifos dão-nos até como mais velho que Ieschu) e foi o primeiro chefe da nova Igreja (v. Eusébio in «História da Igreja», o Proto-evangelho de Iaakob, o menor»). Schaul encontrou-o quando da sua visita a Jerusalém no ano 52 (v. «Epístola aos Gálatas», cap. I, v. 19), quando ali fora para um concílio dos chefes da nova Igreja. No ano 58, ainda Iaakob preside ao II concílio.

A pregação cristã exacerbara os ânimos bebraicos. Tentaram exercer represálias sobre Paulo (Schaul) mas como este era cidadão romano, ainda que judeu, apelara para o imperador e Festus, governador da Judeia, remeteu-o para Roma no ano 60. Hanna ben-Hanna atingira o soberano pontificado; pertencente à seita dos crueis saddukin, fez reunir o «sanhedrim» e comparecer perante ele Iaakob; motivo porque o rei Herodes Agripa II o destituiria, em virtude das complicações políticas que se receavam depois da morte de Iaakob (ano 62).

Sobre Iehuda-bar Iossef, outro dos irmãos de Ieschu, os documentos são bem mais escassos. A ele é atribuída uma carta. Hegesippos refere-se aos seus descendentes, em virtude da sua profissão de fé cristã no reinado de Domiciano (81-91): «Viviam ainda nesse tempo parentes do Salvador, os netos de Iehuda, tido por irmão do senhor segundo a carne».

Quanto aos outros irmãos e irmãs (que Epiphanes designa por Myriam e Schelomit) os documentos nada dizem. Apenas a «História de Iossef» nos indica que as duas jovens se consorciaram.

Hegesippos aponta Khalipai como irmão de Iossef, casado com a Miryam Khalipai mencionada no Evangelho (por ex.º in «Evangelho Segundo João», XIX, 25), hipótese que se nos afigura mais plausível do que terem sido irmãs Miryam Iossef e Miryam Khalipai. O segundo bispo da igreja cristã, sucedendo a Iaakob bar Iossef, Schimeon, filho de Khalipai (v. Eusebius in «História da Igreja» IV, II, que narra também o seu martírio).

Tanto se pode admitir que Ieschu tenha nascido em Nazereth, como em Bethlem. Lucas justifica o nascimento de Jesus em Bethlem porque seus pais tinham ido arrolar-se nesta vila, como descendentes de David, em virtude dum édito do imperador romano (v. cap. II, v. 1-4).

Fora de toda a dúvida é a viagem que o casal faz em seguida a Jerusalem, para a apresentação do menino no templo, como ordenava a lei moisaica (v. Lucas, II, 21-24 e cf. «Vaicra» ou Levitico, XII, 2-6). Segundo Stapfer, o caminho seguia de Nazareth para Scitópole, descendo ao longo do Jordão pelas terras samaritanas, para atingir Archelaide, Phasaelis, Jericó e Bethania, antes de Jerusalem. (Esta viagem é ainda confirmada pelo «Evangelho de Nikodemos» e pela «História de Miryam»). Parece que os piedosos nazarenos faziam todos os anos esta longa viagem na altura da Paskha (Lucas, II, 41 e Êxodo, XXXIV, 23; Deuteronómio, XVI, 1 e 16). É numa dessas viagens que

se dá o episódio da fuga de Ieschu. E o que então se passa está pouco conforme com o que o próprio evangelista dissera sobre a anunciação de Miryam, os sonhos de Iossef, etc.: — «E quando o viram se admiraram. E sua mãe lhe disse: Filho, porque usaste assim conosco? Sabe *que teu pai e eu* te andamos buscando cheios de aflição. E ele lhes respondeu: — Para que me buscáveis? Não sabeis que importa ocupar-me das coisas que são do serviço de meu Pai? *Mas eles não entenderam as palavras que lhes disse*» (Lucas, II, 48-50). Todo o passado miraculoso se desvanecera? tanta maravilha não fora suficiente para lhes fazer compreender palavras tão peremptórias e incisivas numa criança de 12 anos? Não há nisto uma flagrante contradição? E nova incompreensão por parte dos familiares de Ieschu se dá mais tarde quando Ele inicia a pregação.

Será preferível manter a fantasia miraculosa, a pesar e contra estas contradições ou aceitar o logismo de um nascimento natural, explicação satisfatória para a incompreensão referida? Eu pugno pela segunda hipótese, porque me é impossível esquecer o argumento histórico, a verdade do fenómeno natural.

Se a tese roustainguista de uma materialização como manifestação de Jesus pode justificar a conceição de Miryam que era e ficou virgem, não invalida nem explica as dúvidas que se põem. Mesmo que Miryam não tivesse tido filhos (pois que deste modo Ieschu não pode ser considerado seu filho...), fica destruido o ápodo de imaculada que o catolicismo lhe dá e o roustaingnismo impugna, pois que se não pecou para que Ieschu surgisse, pecaram seus pais para que ela fosse gerada... (v. Imaculada Conceição» de Heliodoro Salgado). Contudo, Miryam teve realmente filhos e logo não pôde permanecer virgem, a não ser que se argumente com qualquer anomalia fisiológica... que alguém também busque comprovar...

Através de todos os textos, Miryam aparece-nos como mulher comum, piedosa, devotada, mãe na acepção mais belamente humana do termo. Fica diminuída? Em quê e porquê?

E Ieschu, o famoso rabi galileu? Espírito Superior, cônscio da Sua origem e do seu destino, sofreu toda a limitação dum corpo carnal, completando assim a sua lição da Vida.

A liberdade começa onde a ignorância acaba.

P.e Manuel Bernardes

LIVROS NOVOS

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

	br.	enc.
CORPO E ESPÍRITO, pelo *Dr. Carlos Imbassahy*	22$00	30$00
MEDIUNIDADE, pelo *Comandante Edgar Armond*	24$00	
CARTAS DO EVANGELHO, versos formosissimos pelo Espirito de *Casimiro Cunha*	24$00	
NA SEARA DO MESTRE, por *Vinicius*	24$00	
PARA O ALTO, narrativas espiritas pelo *Prof. Leopoldo Machado*	20$00	
COISAS DO OUTRO MUNDO, (O Homem que foi operado por um Espirito)	15$00	
COLECTÂNEA DO ALÉM, prosa e verso, recebido por *Francisco Cândido Xavier*	12$00	20$00
TRANSFORMISMO (O problema biológico e o Além), por *Ferreira Diu*	35$00	
TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU, pelo catedrático *Dr. Urbano Ferreira* com muitas gravuras de materializações ...	25$00	
ENSAIO SOBRE A REENCARNAÇÃO, por *Djalmas Farias*	12$00	
FACTOS, colectânea de fenómenos impressionantes observados por *António J. Trindade* (obra valiosíssima)	35$00	
BEZERRA DE MENESES, O MÉDICO DOS POBRES, por *F. Acquarone*	16$00	
AVATARES, romance espirita, por *Aluisio de Matos*	18$00	
O QUE EU VI NO PARÁ (fenómenos recentes de materialização), pelo *Dr. Octávio Coutinho*	6$00	
AFINAL, QUEM SOMOS?, magnifico trabalho histórico, cient,fico e filosófico do Espiritismo, por *Pedro Granja*	35$00	
UM SÓ SENHOR, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo *Dr. Romeu Camargo*	28$00	
JERUSA, curioso romance espirita, pela medium *Olimpia S. Belém* ...		25$00
RAYMOND, por *Sir Oliver Lodge*	20$00	

UMA DATA SIMBÓLICA

por Nabor da Graça Leite
(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Baurú)

A data de 13 de Maio, no Brasil, vem de há muito sendo comemorada não apenas com o fim de lembrar um dos mais brilhantes e significativos factos da nossa História Pátria, ou seja, a Abolição da Escravatura, senão também como perfeito símbolo de união e fraternidade, evocado de modo especial nos meios espiritas.

Com efeito, em Baurú, pelo menos, onde o Espiritismo é uma força já bastante ponderável, não só pela existência de dezenas de organizações legalmente constituidas e bem orientadas social e espiritualmente, como pelo seu trabalho no campo da assistência social, referida data — 13 de Maio — já se consagrou autêntica festa de união e fraternidade destinada a homenagear não só os grandes vultos abolicionistas, mas ainda, e de um modo todo especial, aos humildes e luminares espíritos que se conhecem em quase todos os centros espiritas do país pelos nomes de Jacob, Lucas, João, Manuel, Domingos, Feliciano, «mãe» Maria (não a Virgem Maria), etc., etc., os quais, ao tempo da Escravatura, tiveram papel de relevo junto aos seus irmãos, como eles atingidos pelo infortunio do cativeiro, aqui no Brasil. Aqueles personagens é que incutiam, no espírito de seus companheiros arrancados abruptamente à terra natal e feitos escravos num país estranho, os divinos sentimentos de esperança, resignação e fé em «Zambi» ou Deus, o Pai de amor e misericórdia. Sim, porque se por um lado o Criador permitia fossem eles violentados em sua liberdade, por outro lhes proporcionava amparo fraterno mediante o concurso de seus próprios irmãos, também escravos, porém, na verdade ali colocados em evidente missão destinada a ajudá-los a suportar, sem revoltas, o duro cativeiro imposto pelos homens que ainda não tinham compreendido que perante Deus todos são iguais, pertençam a que raça, nacionalidade, religião, côr ou condição social pertencerem, distinguindo-se tão sòmente pelos sentimentos bons ou maus que possuam.

Segundo relatam espíritos de grande elevação — interessados em revelar, hoje, a maior grandeza moral e espiritual daqueles espíritos — dentre eles um houve que teve destacada actuação no meio da comunidade escrava, distinguindo-se pelo seu trabalho de assistência social, moral e espiritual que prestava com desvelo e carinho aos seus infelizes irmãos de cativeiro, aos quais distribuia remédio para o corpo e bálsamo para o coração, um e outro retirados, respectivamente, da rica flora brasílica e dos inexauríveis tesouros espirituais do Evangelho de Jesus-Cristo. Esse personagem, de carapinha já branca, porém de semblante sempre alegre e jovial, chamava-se JACÓ, o médico-após-

Parte da assistência calculada em 1.500 pessoas, que assistiu às festividades da inauguração da sede do Centro Espirita «Paz, Amor e Caridade», de Baurú

tolo que naquele tempo já possuia também conhecimentos sobre a comunicabilidade dos espíritos com os homens e vice-versa. É o mesmo espirito que actualmente distribui de Norte a Sul, de Leste a Oeste dos rincões brasileiros, messes divinas de consolação e amor a outros tantos «cativos», moral e espiritualmente falando, e pelos quais ele, à frente da bendita Legião de bons espíritos, tem nada, porque recebe tudo de «Zambi».

Não pode haver lógica mais exacta e profunda. No entanto, quantos homens, sábios e caridosos da Terra, se prevalecem dessa lógica para enaltecer o divino poder e amor de Deus ?

Convenhamos que o orgulho e a vaidade é que constituem, infelizmente, o grande apanágio dos seres humanos, enquanto o desses «pretinhos»—como assim costumam intitular-se — é a humildade e o desprendimento, virtudes excelsas que exemplificam, porém, sem ferir suscptibilidade e recordando, ao contrário, que já fizeram como os homens da Terra procedem actualmente, isto é, erraram muito, mas que *Zambi,* bom como é, concedeu-lhes muitas oportunidades, através de sucessivas reencarnações, até que se purificaram e tornaram felizes.

A ainda aí deixam lições de estímulo a progresso e de perseverança na luta contra o mal, exemplificando, portanto, de maneira extraordinàriamente bela o ensino de Jesus, quando afirma que «aquele que quiser ser grande, deve fazer-se pequenino».

Mesa que presediu aos trabalhos de inauguração do Centro Espirita «Paz, Amor e Caridade», na ocasião em que falava o Dr. Joanny Doin, num belo improviso

denominada — «Amor e Caridade», trabalha incessantemente, secundado por todos os seres de boa vontade.

///

Verídica ou não a história que se conhece de Jacob e seus companheiros, o que não podemos duvidar é que se trata, efectivamente, de espíritos de grande elevação, a julgar pelos magníficos exemplos que oferecem de amor e abnegação pela causa dos que sofrem, dos humildes e dos pequeninos, tanto que não será blasfemo considerá-los perfeitos émulos de Jesus-Cristo, tendo em vista a humildade que os caracteriza, aliada a um acendrado amor por todas as criaturas. Já se universalizou até, nos meios espiritas orientados por aquelas sublimes entidades, o modo pelo qual respondem, invariàvelmente, àqueles que procuram agradecer os benefícios recebidos: «Agradeçam a «Zambi» (Deus), que é quem tem para dar: preto velho não

///

O que aí deixamos, à guisa de introdução ao noticiário que a seguir daremos sobre o que foi este ano a festa de 13 de Maio em Baurú, é feito sem cogitarmos da parte científica, quanto a provar, dentro de uma análise rigorosa, que se enquadra nos princípios da doutrina o facto de referidos espíritos serem aceitos como elevados e tomados por «Guias», em contraste, quiçá, com sua condição de ex-pretos africanos e, ainda por cima, escravos ! E não entramos em tais considerações, propositadamente, por nos considerarmos demais ignorante e, sobretudo, pobre em moral para julgarmos que o facto não se enquadre, talvez, na lógica da ciência. Não o fazemos e até aconselhamos que o não façam aqueles confrades mais escrupulosos e dotados de espírito científico, por isso que há muita coisa que escapa à

ciência dos homens, visto enquadrar-se nos designios de Deus e mesmo da própria ciência que ainda não foi totalmente dominada pelo homem, devido à sua evolução moral, infelizmente ainda muito inferior.

///

As festas de 13 de Maio, nos moldes acima descritos, e que até então eram realizadas pelos centros, de per si, em homenagem àquelas entidades espirituais, este ano realizaram-se sob os auspícios da «União Municipal Espirita de Baurú», que, aproveitando a circunstância de um dos centros a ela filiados — o Centro Espirita «Paz, Amor e Caridade» — inaugurar naquele dia o prédio próprio de sua nova sede, resolveu comemorar a data numa festa conjunta, com a participação dos demais centros adesos que, espontaneamente, se solidarizassem com esse acto.

Do programa de referida festa constou uma parte evangélico-doutrinária, com o concurso dos representantes da *União Social Espirita de São Paulo*, confrades B. Godoy Paiva e Joanny Doin, que desenvolveram belas e proveitosíssimas peças oratórias, aquele evidenciando a necessidade da unificação dos espiritas, em torno do que teceu oportunos e elevados comentários, este, num belo improviso, demonstrando a excelência do Espiritismo, sua perfeita concordância com o cristianismo e a necessidade de os espiritas o assimilarem extreme de preconceitos e misticismos, quiçá herdados das religiões de onde procederam antes de ingressarem na Doutrina dos Espiritos. A outra parte esteve a cargo da *Juventude Espirita de Baurú*, que apresentou o sainete em 1 acto «Brasil Unido», de Leopoldo Machado, pelas senhorinhas Terezinha Martins, Adélia Abrão e Olga Neme, e a declamação de poesia pelas senhorinhas Áurea Maria da Silva, Nilce Amaral e Olga Nemo.

Na tarde daquele mesmo dia, houve a irradiação, através da onda P. R. G. 8 — Baurú Rádio Clube — do «momento espirita radiofónico», que é apresentado todos os domingos às 18,05, sob os auspícios da UMEB, o qual comemorou, naquela data, o seu primeiro universário. Falaram, na ocasião, os confrades B. Godoy Paiva e Joanny Doin, havendo sido ambos muito apreciados em suas palestras.

Na manhã de 13, logo após haverem chegado os representantes da USE, os confrades Roberto Previdello, António Moreto Sobrinho, Sebastião Paiva e Nabor da Graça Leite empreenderam visitas a diversos pontos da cidade, quando aqueles convidados tiveram oportunidade de conhecer a nóvel instituição recém fundada — a «Sociedade Beneficente Cristã», dirigida pelo confrade Sebastião Paiva, a qual está localizada nos altos do Jardim Bela Vista, onde se abrigam algumas dezenas de famílias em casinhas adrede feitas para recolher aquelas criaturas desamparadas e que, por se encontrar superlotado o «Lar dos Desamparados», outra instituição de amparo à velhice, ali são recolhidas e tratadas com devotamento por todos os cristãos bauruenses. Em seguida, foram à Colónia do «Lar», localizada a 16 quilómetros de Baurú, na qual se abrigam perto de duas centenas de pobres, e também algumas dezenas de crianças do sexo masculino. Depois de uma hora de convívio com os irmãos ali internados, regressaram os visitantes cheios de contentamento, a idealiza-

O representante da U S. E. Sr. Benedito Godoy Paiva, no momento em que proferia a sua palestra, no acto inaugural da sede própria do Centro Espirita «Paz, Amor e Caridade»

DOIS GRANDES DONATIVOS

As organizações de *Estudos Psíquicos* rejubilam neste momento. É caso de erguer as mãos ao céu em atitude de fé acrisolada. Deus nunca falta aos semeadores dignos de salário. Na hora própria surge o incentivo. Vem, quando menos se espera. Por isso nós confiamos no futuro que nos aguarda. Sabemos que temos de vencer grandes obstáculos. Sabemos que se exige de nós hercúleo e tenaz esforço. Sabemos tudo isso e confiamos em Deus e nos amigos que nos compreendem.

Agora chegaram dois excelentes donativos. Cada um de sua latitude, mas ambos da mesma grandeza.

Lembram-se da história que lhes contámos daquele amigo que aqui entrou um dia e deixou 10 contos, com a condição de lhe não revelar o nome ? Muitos leitores julgaram tratar-se de crónica literária para encher espaço na revista. Mas não. O facto deu-se e permitiu-nos erguer cabeça e fazer larga tiragem do folheto «Os Mortos Vivem !», distribuido meticulosamente às famílias enlutadas. Muitos exemplares seguiram para as Colónias e para o Brasil.

Pouco depois, entregava-nos mais 2 contos para o *Núcleo de Acção e Propaganda*, no intuito de auxiliar as nossas conferências no meio profano.

O gesto desse amigo, desse grande e inolvidável amigo, que não é rico e que leva a vida a mourejar, caiu em nossa alma como bálsamo refrigerante. E *Estudos Psíquicos* deu um passo em frente, normalizando a marcha que há dez anos iniciara.

Pois o amigo voltou de novo. Dispunha de escassos minutos para nos falar. Sempre atarefado e a braços com os problemas da sua vida, pouco tempo se demorou junto de nós. Mas a sua linguagem e o seu olhar eram expressivos. Tinha alguma coisa a dizer. E disse-a. E os nossos espíritos encontraram-se em amplexo semelhante àquele que selou dois destinos ligados ao mesmo ideal, no instante em que nos entregou o primeiro donativo. Quisemos dar-lhe explicações acerca de como e onde havíamos gasto o dinheiro. Não quis ouvir-nos. Confiava plenamente no nosso amor à Causa e sabia que lutaríamos sempre até o fim. Isso lhe bastava.

E entregou-nos 5 contos destinados às organizações de *Estudos Psíquicos*.

Quem enviou este homem, senão Deus, que sabe as dificuldades com que lutamos ? Calculou o amigo que uma revista deste género deve fazer verdadeiros equilíbrios para ter os pagamentos em dia. E não se enganou. Só o grande auxílio do Alto pode justificar o progresso e a expansão de um orgão que não tem publicidade remunerada e vive apenas das assinaturas.

Com efeito, os avisos são frequentes. Os avisos e os incitamentos:

— Para a frente ! As dificuldades serão vencidas. Tudo tereis na altura própria!

Entretanto, chega uma carta de muito longe, do sul do Brasil, onde o Espiritismo conta autênticos paladinos. É João Amado Venâncio que nos traz notícias auspiciosas, que resolve com a sua amizade um problema até então insolúvel relativo à exportação de cambiais.

Parte do capital que invertêramos em 1945 no «Resumo da Doutrina Espirita» (livro esgotado há muito), só agora nos foi entregue, por intermédio deste outro grande amigo, conhecedor também das nossas dificuldades.

Mas João Amado Venâncio não se limitou à resolução do dificil problema e disse peremptóriamente:

— Aqui estão 5.078$00 para o amigo utilizar como muito bem entender no serviço da Causa, que é a difusão da doutrina de Jesus. Esta importância não está sujeita a qualquer espécie de lançamento nem prestação de contas a quem quer que seja, pois poderá ser usada em seus mesteres particulares, se a sua situação o exigir. Sois um Apóstolo da Verdade e por isso tenho o dever de estimular o osso trabalho, para que nunca desanimeis. Tenho fé de que ainda um dia uniremos os nossos esforços na feliz missão de propagar a doutrina do Mestre.

Bem haja, amigo Venâncio, pela generosidade do donativo e das palavras. Individualmente, nada necessitamos. Temos o suficiente para viver e estamos contentes. Mas a Causa vale tudo. Em nome dela, aqui deixamos o preito agradecido da nossa homenagem. Continuaremos a trabalhar e a aumentar a actividade. O Espiritismo empolgou-nos. Na vida terrena e para lá da morte serviremos esta bela doutrina que nos fortaleceu e consolou.

As organizações de *Estudos Psíquicos* prosseguirão, porque assim o exige o ideal que nos anima.

rem trabalhos para que cada vez mais se concretizem obras de asistência social como as que vinham de visitar, como um dos principais factores para firmar-se mais e mais o conceito do Espiritismo em que é tido por todos como o verdadeiro Cristianismo, cujo lema insculpido pelo grande codificador Kardec é este : «Fora da Caridade não há Salvação».

"Estudos Psíquicos" na Baía

A nossa revista encontra-se à venda nas livrarias *Sousa, Universitária* e *Civilização Brasileira*, todas da cidade de Salvador, Capital do Estado da Baía. Este passo em frente na nossa expansão deve-se ao nosso prezado amigo Alfredo Miguel, redactor-correspondente naquela cidade brasileira.

N.º 20
AGOSTO
1 9 4 8

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos: Há promessas que por vários motivos se não podem manter. Uma delas é a que se refere à secção «Amplie a sua cultura geral».

Tinha-se-vos prometido uma série de perguntas e respectivas respostas. Vários motivos nos impediram de continuar: um deles foi a sua substituição por «Cantinho do Estudante». Estais de acordo ?

A vossa cultura será ampliada daqui em diante, por pequenas resenhas sobre os mais variados assuntos.

Será mais leve e menos maçador. Não vos parece ?

Sempre a mesma simpatia da irmã mais velha

KYLAS

★

O CORPO

O Perigo de esgaravatar os ouvidos

A membrana do tímpano e a mucosa que forra o canal do ouvido são muito delicadas e ferem-se com facilidade. O mau costume de limpar os ouvidos com palitos, grampos, fósforos ou lápis, pode ferir uma e outra e facilitar o desenvolvimento de germes e, em certos casos, até romper o tímpano.

Procure obter do seu médico os necessários conselhos acerca da maneira como deve limpar os ouvidos.

S. E. N. S.

Uma História Pequenina

por António Boto

— Tu és linda, mãe! — dizia o pequeno Carlos fixando-a nos olhos negros.

Ela sorriu-se, sentindo a doce carícia daquela boca gentil.

— E pode acreditar-me: cara mais linda do que a tua ninguém encontra, não há! Das tuas mãos é que eu não gosto.

— Sim, são feias, tens razão. De hoje em diante, meu filho, vou evitar que as vejas...

— E a propósito, — respondeu o pai — precisas de ouvir uma história muito bonita, embora a sua lição seja um bocadinho triste. Vem para o pé de mim. Senta-te. Não te distraias.

E começou a contar:

— Certa noite, uma criança dormia tranquilamente, quando, por descuido inexplicável, a luz mortiça da lamparina incendiou as cortinas de cambraia do seu berço. Aos gritos da ama, correu a mãe aflitíssima que, sem hesitar, lançou os braços para o filho, arrancando-o àquela morte tão má. E as suas mãos muito brancas, com as veias muito azuis, tornaram-se disformes, horrivelmente queimadas. Depois...

O pequeno não aguardou a conclusão; correu para a mãe e disse, abraçando-a num beijo de alma:

— As tuas mãos são as mais belas dos mundo!

★

Conclusões Populares

Faze tu, quanto te caiba,
Com teus cuidados cristãos!
O olho fiel do dono
É mais ágil que cem mãos.

Quem fala pouco na estrada
Evita muita contenda.
Prende agora a tua língua
Se não queres que te prenda.

Perdoa e auxilia sempre...
Quem ofensas muito apura,
Não tem a calma precisa,
Não tem a vida segura.

Aos homens sem Jesus-Cristo
Não mostres, perdendo a calma,
Nem o fundo de teu bolso,
Nem o fundo de tua alma.

Se desejas grandes luzes,
Não sejas aflito e louco.
Em nenhum lugar da vida,
O que é muito custa pouco.

Casimiro Cunha

(Versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier).

VÓS!

de António Cardoso

Ó vós, que ides à caça triunfantes,
Vós, que matais a pobre bicharada,
— sejam aves, coelhos, elefantes —
Vós, que a comeis depois de cozinhada...

Vós que ides às touradas assistir,
E pobres touros ver sofrer de dor,
Sim, vós, que ao tiro aos pombos gostais de ir
E depois aclamar o vencedor...

Vós, que tão bons amigos desprezais,
Vós todos, para quem os animais
Não merecem nem dó, nem piedade...

Vós que, a final, não tendes coração,
Mas vos julgais os «reis da Criação»...
Sois a vergonha desta humanidade!

CORAGEM

por Sibil

Nem só é coragem aquela que se manifesta nos grandes transes da vida.

Nas horas difíceis que atravessamos e que atingem todos os lares, quando dia a dia se luta com dificuldades, com aborrecimentos de toda a espécie, é que essa coragem mais se pode manifestar, reagindo contra esses aborrecimentos, procurando solucionar as dificuldades com calma e serenidade na medida do possivel e não nos deixando vencer pelo desânimo.

Eu bem sei que essas contrariedades atingem quase exclusivamente aqueles que suportam todo o peso das responsabilidades de govêrno e de direcção, e em geral são as vossas mãezinhas que se vêem a braços com essas responsabilidades.

Mas pelo facto de não terem de intervir directamente no assunto, não devem encolher os ombros e desinteressarem-se, porque se sentam à mesa e ignoram ou figem ignorar quanta canseira, quantas arrelias suportou, quantos esforços teve de dispender a pessoa a quem cabe o governo do vosso lar, para compor a ementa da refeição.

Esse desinteresse, neste momento, é egoismo, chega a ser criminoso.

Cada qual, dentro da sua esfera, pode concorrer para suavizar a tarefa: Em primeiro lugar, esforçando-se por não criar maiores dificuldades, dizendo que não gosta disto ou daquilo ou criticando o que com tanto custo a vossa mãe apresentou na mesa. Depois... é tão fácil, quando entrais em casa de regresso das aulas ou das vossas ocupações, com uma frase alegre, uma carícia, com a descrição de qualquer facto engraçado ou de um dito de espírito, desanuviar o semblante, distender os nervos e distrair as ideias de quem passou o dia inteiro debatendo-se com preocupações de toda a especie! Uma palavra que demonstre interesse por essas preocupações, uma sugestão para resolver qualquer problema difícil, por certo serão aceites com alegria e reconhecimento. O dever é só um, mas reveste-se de múltiplas formas e nada mais simples do que cada um cumprir a tarefa que lhe incumbe, embora essa tarefa seja ou pareça insignificante e cumpri-la com o sorriso nos lábios, com serenidade, procurando espalhar em volta de si o contentamento e a boa disposição. E mesmo para o desempenho dessa tarefa, creiam que, por vezes, a coragem se torna necessária.

Todos nós, seja qual for a idade, defrontamos contrariedades e temos aborrecimentos que nos dispõem mal.

Todos nós, ao virmos ao mundo, temos uma missão a cumprir para o aperfeiçoamento do nosso espírito, mas devemos cumpri-la de cara alegre.

Saber dominar o enervamento e má disposição, por forma que aqueles que nos são queridos não os notem, isto é, não sobrecarregar com as nossas tristezas aqueles que em coisa alguma concorreram para elas e procurar antes aliviar as deles, exige certa dose de força de vontade e de domínio próprio, pode chamar-se, mesmo, caridade.

Mas podem crer que é também excelente escola, para mais tarde seguirmos o nosso caminho na vida, sem fraquezas, nem desalentos, vencendo as dificuldades com ânimo forte e resoluto, sem vãs lamentações, para que um dia, o nosso espírito, ao ser liberto da carne, veja diante de si um caminho largo e cheio de luz. O egoismo é como nuvem negra que pode escurecê-lo.

DIÁLOGO DOS EXTREMOS

por Leopoldo Machado

— Quem és tu?
— Talvez nem saiba
Dizer, ao certo, quem sou...
Sou alguém que se procura,
Que ainda não se encontrou...

— Esquisito! E donde vens?

— A nau sem leme e sem norte,
Sabe, acaso, de onde vem?
Cuido que venho da Vida
E rumo, sem vida, à morte.
Assim, respondo-lhe bem.

— És só?
— E triste, e sòzinho,
Vou, aos trancos, pelo mundo...
Da taça do sofrimento,
Creio ter chegado ao fundo!

— Nunca amaste?
— Amar a quem?
Nunca tive um coração,
Em que não visse, no fundo,
A maldade, o ódio, a traição...

— Não tens fé?
— Em nada creio,
E nada me inspira fé.
A Religião? Eu a vejo
Mentirosa, como o é...

— E a fé em Deus?
— Ai de mim,
Porque nos estudos meus
E nas religiões da Terra,
Nunca pude encontrar Deus!...

— Uma religião, entanto,
Que não é da Terra, pois vem
Dos Espíritos, desvenda
O santo país do Bem...

Tem, ainda, para tudo,
Remédio pronto e eficaz,
Porque só traz no seu bojo,
A ordem, o amor, a paz.

Ela explicar-lhe-á, de certo,
A razão de tudo, quanto
Lhe tem feito andar assim,
Tem-lhe torturado tanto...

— Que religião será esta?

— O Espiritismo, que só pede
Estudo e observação,
Análise pura, honesta,
Pois, tudo o mais nos concede...

— Ora, o Espiritismo! Nada
De conversar com defuntos!
Não gosto de tais histórias,
Não me sabem tais assuntos!

— O Espiritismo de que falo,
Não é nada disso, não.
É ciência, filosofia,
Moral e religião...

Como ciência, ele prova
Que a alma humana é imortal.
E orienta bem a Vida,
A sua parte moral...

A sua filosofia
Explica, lògicamente,
A Vida, o Universo, Deus,
O que se dá com a gente.

A sua religião
É tão pura, que produz
Milagres de santidade,
— A Doutrina de Jesus!

Estuda-o, pois, que terás,
Para tudo, lenitivos...
O espiritismo de que falo,
É o «Espiritismo de Vivos»...

— Se assim é, vou estudá-lo,
Para ver se é, mesmo, isto,
O que de bom nele há.

— (dando-lhe o Evangelho)

Aqui tem este volume,
Que é o Evangelho do Cristo,
Para começá-lo já...

Cantinho do Estudante

Como dissemos no último número, apresentamos mais 10 perguntas, cujas respostas serão classificadas. As três melhores serão premiadas no fim de cada concurso, que constará de seis grupos de perguntas.

Os «estudantes» devem indicar o nome completo, idade e endereço, não sendo aceitáveis quaisquer pseudónimos. As respostas devem ser enviadas à redacção de Estudos Psíquicos *e endereçadas a STUDIO.*

II

1.ª — *O que é o perispírito?*

2.ª — *Qual é a substância necessária à materialização?*

3.ª — *Indique 3 obras produzidas por psicografia e os respectivos autores.*

4.ª — *Que nome se dá ao fenómeno da passagem da matéria através da matéria?*

5.ª — *Qual foi o cientista que mais se notabilizou em experiências sôbre o fenómeno atrás referido?*

6.ª — *Que é a levitação?*

7.ª — *Que é a telepatia?*

8.ª — *Que nome se dá ao estado mais profundo do sono magnético?*

9.ª — *Indique alguns fenómenos vulgares em passivos no estado atrás referido.*

10.ª — *O pensamento é fotografável? Justifique a resposta.*

★

Engano do Tipógrafo

No mesmo dia e ao mesmo tempo, chegaram a um jornal dois anúncios para serem publicados. Dizia um: «Enterros de 1.ª Classe — Uma parelha de cavalos, 1.000$00». E o outro diza: «Fotografia em grupo — Para família completa, grande reduções».

Mas por distracção o tipógrafo enganou-se e no dia seguinte apareceu publicado: «Enterros de 1.ª Classe — Para família completa, grandes reduções». e «Fotografia em grupo — Uma parelha de cavalos, 1.000$00».

ESPIRITISMO

de Clóvis de Andrade
(Brasileiro)

Vivi por muito tempo indiferente
Às leis do Grande Amor e da Verdade,
Absorto na fé cega e decadente,
Sem perceber os rumos da Humildade!

Andei por longos anos obediente
Ao dogma, ao preconceito, à falsidade
Dessa turba mendaz e inconsequente
Ante a grandeza da Imortalidade!

Livre das convenções do fanatismo,
Hoje procuro a luz do Espiritismo,
A iluminar meus passos e meus dias!...

Vou abrindo clareiras na minhalma,
Certo de merecer a santa calma
Numa esfera sublime de harmonias!

Desperdiçar o Tempo

por Orison Swett Marden

— Quanto custa este livro? — perguntou finalmente um homem que estivera uma hora diante das prateleiras do armazem de Benjamim Franklin.

— Um dólar, — respondeu o empregado.

— Um dólar, — repetiu o outro —; não poderia dar-mo mais barato?

— Custa um dólar, — foi a resposta.

O homem lançou ainda um olhar para os livros que estavam à venda, e perguntou:

— Está cá o sr. Franklin?

— Está, — respondeu o empregado; mas tem muito que fazer na oficina de impressão.

— Desejava falar-lhe, — insistiu o homem.

Chamado o proprietário, perguntou-lhe o estranho:

— Qual é o preço mais baixo que pode fazer a este volume?

— Um dólar e um quarto!

— Mas o seu empregado falou-me num dólar há um instante...

— É verdade, — disse Franklin—; e antes queria dá-lo por um dólar, do que ter de abandonar o meu trabalho.

O homem pareceu surpreendido; mas, desejando continuar as negociações, perguntou:

— Bem; diga-me agora o último preço.

— Dólar e meio, — respondeu Franklin.

— Dólar e meio! Mas ainda há pouco me disse um dólar e um quarto!

— Sim, — disse Flanklin, friamente —. E preferia vendê-lo logo por um dólar e um quatro, do que agora por dólar e meio.

Sem nada dizer, o homem poisou o dinheiro no balcão e saiu do estabelecimento. Acabava de receber uma proveitosa lição acerca da arte de transmudar o tempo em dinheiro ou em sabedoria.

Encontram-se em toda a parte os desperdiçadores de tempo.

«De «O Sucesso pela Vontade»)

★

O Decálogo de Jefferson

1.º — Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

2.º — Não peças o auxílio de outrem no que puderes fazer sòzinho.

3.º — Não compres objectos inúteis, a pretexto de que são baratos.

4.º — Não sejas vaidoso nem orgulhoso, pois que o orgulho e a vaidade custam mais do que a fome e a sede.

5.º — Não te arrependas nunca de teres comido pouco.

6.º — Não dispendas dinheiro antes de o ter ganhado.

7.º — Pratica de boa vontade todos os actos e nunca te cansarás.

8.º — Não tenhas apreensões, pois não sabemos o que o futuro nos reserva: as desgraças que mais tememos são, em geral, as que não chegam.

9.º — Considera todas as coisas de um ponto de vista favorável.

10.º — Quando estiveres contrariado, conta até 10, antes de proferir qualquer palavra; contarás até 100, se estiveres cheio de cólera.

CONTOS DA VIDA

VIII

Bernardo de Palissy

por Ramos Pereira

Nos princípios do século XVI, nasceu numa aldeia francesa um pequeno a quem seus pobres pais apenas puderam dar uma fraca instrução.

Os seus primeiros passos para a glória foram como pintor de vidro, mas não seria nessa arte que ele revelaria a sua grande inteligência, a sua persistência. Levou anos e anos, trabalhando com as mais diversas substâncias, para conseguir uma coisa que hoje parece tão simples: — a esmaltagem. Os fornos teimam em não atingir temperaturas convenientes, as substâncias não fundem. Perde tudo, menos a fé em si mesmo. A família chega a supô-lo um louco. Mas venceu, criou uma nova indústria.

O seu espírito era, porém, um insatisfeito de conhecimento. Escreve incansàvelmente, procurando despertar o interesse das massas populares e aristocráticas pela ciência.

Vivendo na corte francesa, o grande artista e pensador era um modelo de carácter íntegro, pois que sendo os monarcas profundamente católicos, ele afirmava sem pejo a sua fé protestante, embora fosse da mão deles que recebia o bem-estar que o rodeava.

Mais tarde, o rei de França resolveu castigar tanto desassombro tomado como teimosia e até orgulho, mandando prender o velho artista. Ou ele se convertia à fé católica ou seria queimado — fôra a sentença do soberano. Um ano depois, morria o homem que até ao fim mantivera a afirmação do seu credo, por ele reputado mais verdadeiro, mais cristão.

Que lição devemos tirar deste conto da vida? Uma lição de gigantescas proporções: — amor pelo estudo, vontade pelo trabalho, confiança em si mesmo, preferência pelo sacrifício da vida à mentira fácil, à subserviência infamante. Se Bernardo de Palissy nos legou uma indústria, o seu valor é maior ainda pela lição extraordinária de um carácter que nem a visão da morte conseguiu dobrar.

★

Solução da adivinha inserta no número passado:

E' o **H**, (letra do alfabeto)

Quem o Alheio Veste..

por Acácio de Paiva

Vendo um jumento a dose de importância
que tem em certas classes o cavalo,
pôs selim e arqueou com elegância,
tentando o mais possivel imitá-lo.

atendendo aos bonitos atafais.
saudaram, com respeito o recém-vindo,
e, na verdade, os outros animais
Depois foi para a feira, airoso e lindo,

— «Vocelência é cavalo, ou coisa assim?» —
perguntaram os brutos ao jumento.
— «Se sou cavalo? Já se vê que sim» —
o vaidoso orneou, profundo e lento.

Ouvindo em vez de rincho aquele zurro,
os outros conheceram-lhe o disfarce.
...Por mais que tente disfarçar-se um burro,
tarde ou cedo virá a revelar-se.

O Amor das Coisas

por João Maria Ferreira

Nem só pessoas, meninos,
vós deveis na vida amar;
as coisas, de pequeninos,
tende por norma estimar.

Por exemplo: a pucarinha
feita de barro, chiante,
que, com sua água fresquinha,
vos mata a sede abrasante.

A talha, que a água tem,
amai sempre e nela vede
que é a terna, boa mãe
da puc'ra que mata a sede.

O banco que no quintal
assento à gente oferece,
só vos quer bem, não quer mal;
vossa amizade merece.

Esta cadeira estofada,
repouso dos meus cansaços,
a toda a hora, coitada,
me estende, amiga, os seus braços.

A secretária, onde vós
grandes lições decorais,
amiga foi dos avós
e também de nossos pais.

Livros das velhas estantes,
onde há tanto que aprender!
Amai-os, bons estudantes,
pois vos dão fama e saber.

De quantas coisas, crianças,
eu vos podia falar!
Tudo tem suas usanças
por mais que seja vulgar.

A esmola é a oração por excelência.

★

Vender a Pele do Urso

Dois amigos de *direito* e de *facto*, foram vender a um encadernador a pele de um urso que estava vivo. Era um belo exemplar, e os dois amigos viram que lhes podia originar um excelente negócio, vendendo a pele por bom preço.

Mas, como o urso estava de perfeita saude, comprometeram-se a matá-lo e a entregar a pele no fim de certo tempo. E, quando se dispunham a realizar essa operação arriscada, um dos sócios disse para o outro:

— Vai lá tu adiante, que eu vou já.

O outro respondeu:

— Vai tu primeiro, que o urso está agora distraído, enquanto eu vou ali buscar a minha faca de mato, e tudo se faz num abrir e fechar de olhos.

Enquanto os dois amigos estavam nesta combinação, o urso avança para eles que, ao notarem esta atintude da fera, ficaram apavorados e trataram de se pôr a salvo. O que disse que ia buscar a faca de mato trepou lestamente para cima de uma árvore e o outro estendeu-se com a cara voltada para o chão, fingindo-se morto; mas o urso voltou-se para o que ficara no chão e cevou nele a sua ferocidade, matando-o.

E daqui nasceu um conceito aplicado a qualquer pessoa, que julga dispor de uma coisa antes de a possuir e conta muito cedo com um sucesso duvidoso.

(De «O Jornal de Albergaria»)

Uma Cura de Obsessão

A comunicação de *Reper-Siam* publicada no nosso número de Maio tem uma história simples que se conta em três palavras. Nesse domingo de manhã bate-nos à porta uma mulher nova, em estado de completa obsessão. Falava, gesticulava, ameaçava. E as duas outras mulheres que a acompanhavam limitavam-se a olhar e a chorar, implorando um auxílio extremo, já que a medicina fôra impotente para normalizar a enferma, que, a pesar do seu estado de semi-consciência, também pedia socorro, como quem se sente presa de medonha perseguição.

Recomendámo-la ao Grupo Amor do Redentor, que trabalha em ligação com o nosso Centro. Tratava-se de um caso de consciência. Esgotara todos os recursos. Consultara vários clínicos de nomeada e a doença agravava-se progressivamente. Não havia coração de homem que não respeitasse aquela dor e que não se esforçasse por lhe dar remédio... E assistiu à primeira sessão...

★

Maria Adília Martins Vicente dos Santos é mulher de 22 anos, casada em Viana do Alentejo com Joaquim Mendes dos Santos, que se encontra actualmente no Congo Belga. Tem o curso de enfermeira e exprime-se perfeitamente, como qualquer pessoa culta. Mas há coisa de três anos e meio começou a sentir perturbações nervosas que os médicos atribuiam a desarranjo mental. O primeiro sintoma foi o medo. À mínima inquietação, à mínima contrariedade, o medo surgia e dominava-a inteiramente. Até os objectos de que se servia lhe causavam receio. Uma colher, um prato, uma agulha. E perguntava a si própria como eram feitos semelhantes utensílios. E isto causava-lhe engulhos tremendos.

O marido dizia-lhe muitas vezes :

— A tua voz não é a mesma. A tua fisionomia modificou-se. Que é isso ?...

Corre o tempo. As agitações continuam. Acorda em sobressalto, com horror ao isolamento; e no período da gravidez os sintomas tornam-se mais evidentes. Os médicos atribuem tudo ao fenómeno fisiológico e à questão nervosa. E dão-lhe calmantes e anestésicos. Mas nada disto produz efeito e as perturbações aumentam, cada vez mais acentuadas. O medo também aumenta. Quando se mira ao espelho, encontra-se cadavérica, naris afilado, lábios sumidos, rosto balofo, sem poder explicar a razão. E sente-se exânime.

Maria Adília nem de longe supõe que a sua doença é alheia à medicina oficial. Eis, porque só aos médicos se dirige, na esperança de cura rápida e completa.

No meio de tão variadas crises, tem um parto de sete meses em circunstâncias verdadeiramente extraordinárias, que ela baseia no medo que a avassalava. A criança nasce morta, em completa decomposição, pois, segundo opinião médica, há cerca de dez dias que se encontra sem vida no ventre materno. Mas a parturiente não sofre infecções, não tem febre, não tem dores de cabeça... Um caso absolutamente estranho, que deixou os clínicos boquiabertos...

★

Passam-se 10 dias normais. Ao undécimo, porém, voltam as perturbações com maior vigor ainda e baixa ao Hospital de Santa Marta, a conselho do médico, que julgava tratar-se de intoxicação proveniente de abuso do quínino, ou de sesões, visto a doente apresentar linhas arroxeadas, face cadavérica e ataxia locomotora. De facto, Maria Adília não tinha acção alguma, dir-se-ia que força oculta a impedia de caminhar ou de fazer o mais simples movimento.

Uma vez no Hospital, tratam-na como doente de urgência com pupila dilatada. Entra em acção a penicilina, o gelo no ventre e as sulfamidas. Dois dias depois, melhora sempre, seja qual for o tratamento. Mas logo recai e nada a faz reagir.

Nestas circunstâncias, dão alta à pobre mulher que, ao chegar a casa, notou nada haver melhorado e que, pelo contrário, as perturbações aumentavam...

— São nervos ! — dizem todos os médicos que a tratam.

★

Resolve mudar de ares e segue para Poço Barreto, sua terra natal. Ali devia receber grande benefícios, pensava. Mas tudo se

voltava contra ela. Agora prefere o isolamento e não gosta de conversar. Qualquer coisa a aborrece. A mínima pergunta causa-lhe grande enfado. Quer estar sòzinha. Nisto, surge nova perturbação. O corpo fica inactivo. Os braços e as pernas experimentam grande flacidez. Mal pode caminhar. Não tem apetite. Passada a crise, voltam-lhe as forças e o apetite. E sente grande desgosto de não poder controlar todas as suas faculdades...

★

Um dia, a mãe da enferma fala com a senhora D. Maria Carlota da Graça Correia, de Poço Barreto, cujo marido, sr. Leonildo Correia, é assinante de *Estudos Psíquicos*. Este último lembra-se de que talvez se trate de influência espiritual e sugere que escrevam ao director desta revista. E foi assim que Maria Adília veio a Lisboa, naquele domingo de Maio último, e o Grupo Espirita Amor do Redentor a acolheu no seu seio amoroso e fraternal...

Vinha perturbadíssima. E teve de ser levada em braços por falta de acção. Quando ali entrou, ia transfigurada. Não era a Maria Adília, mulher perfeita e simpática, mas uma entidade desconfiada e rancorosa...

★

À primeira sessão, apresenta o ventre elevadíssimo, como se estivesse grávida de oito meses. Quinze minutos depois, que foi quanto duraram os trabalhos de normalização, a doente vê baixar o ventre, fala, ri, caminha por seu pé. À tarde janta, após 80 horas de jejum imposto pelas entidades obsessoras. Como não podia deglutir, estava condenada a morrer de inanição...

Seguiram-se mais oito tratamentos de catequização e prece, ao fim dos quais estava completamente curada das chamadas «perturbações nervosas» e sem ingerir um único medicamento.

Maria Adília volta a ser mulher. Quer viver para o seu lar. Tem esperança de se juntar ao marido no Congo Belga e de lutar para merecer o prémio a que se julga com direito. Após tremenda odisseia, encontra finalmente o rumo perdido. Sente-se outra. Tem anseios, aspirações, alegria de viver, tudo o que deve constituir razão de existência terrena...

★

Foi assim mesmo, sem tirar nem pôr. O nosso Espírito familiar, o bondoso e judicioso *Reper-Siam*, bem conhecido no mundo espirita latino, estava presente quando Maria Adília nos bateu à porta. E deu-nos a mensagem publicada no número de Maio, sob o título: «Uma Casa de Saúde», que já passou as fronteiras e foi comentada entre confrades que há pouco ainda ergueram um grande monumento de caridade para escarmento do egoismo dos nossos tempos.

É ou não é necessária uma Casa de Saude onde a assistência psíquica seja aplicada aos milhentos de obsidiados que nos acotevelam nas ruas por não conseguirem a cura nos hospitais? A terapêutica oficial é inadequada aos casos de obsessão, que muitas vezes degeneram em verdadeira loucura motivada por lesões orgânicas.

O homem tem direito a assistência, sejam quais forem os métodos usados na cura das doenças, sobretudo quando a medicina é insuficiente para atingir o seu verdadeiro objectivo, que é a saude pública. E desde que se reconheça a eficácia de um método e ele seja aplicado por quem de direito, isto é, por um médico susceptível de responsabilidade profissional, muito mais razão há para não se abandonarem doentes que são verdadeiros «casos patológicos» para os que ignoram a origem de determinadas doenças mentais.

★

Os factos valem mais do que as teorias. Os actos suplantam as palavras. Por isso, temos de abandonar o comodismo e lançar mãos a uma obra de grande necessidade colectiva, de solidariedade incontroversa, como é a *Casa de Saude Para Obsidiados*, que muito se faz sentir em Portugal.

Tanto mais, que não implica grandes despesas de instalação, nem custosa aparelhagem.

A cura de obsessão que acabamos de narrar demonstra à evidência a eficácia dos métodos espiritas em doenças desta natureza. Guerrear esses métodos é sintoma de atraso moral e contribui para aumentar o coeficiente de desenganados da medicina, que tão belos serviços prestaria à sociedade, além daqueles que já lhe presta.

I. D. S.

A HARPA DE JOSEFA

(Traduzido do Alemão)

O conselheiro Sellner passava com a jovem esposa os dias felizes da lua de mel. A sua união não fora passageira, visto que se conheciam desde muito e se amavam ternamente. Como os recursos de Sellner fossem insuficientes, vira-se obrigado a contrair matrimónio, até que obteve aumento de salário.

Após os grandes e fastidiosos dias das cerimónias que acompanham o casamento, o casal procurou os encantos da solidão. E assim as horas do dia passaram ligeiramente e quando chegava a noite os sons harmoniosos da harpa de Josefa, unidos à flauta de Sellner, pareciam convidar os cônjuges a grandes e felizes dias. Uma noite haviam tido maior felicidade do que habitualmente e Joséfa queixava-se de violenta dor de cabeça, consideràvelmente aumentada com as doces emoções da véspera.

Sellner estava inquieto e mandou chamar o médico. Era leve indisposição que um pouco de repouso dissiparia. No dia seguinte, porém, depois de uma noite de espantosos sofrimentos, o médico notou sintotomas de febre cerebral; e, a pesar dos remédios mais enérgicos, a enfermidade aumentou. Sellner estava desesperado. Ao nono dia, sentindo Josefa que a sua débil constituição não podia mais suportar dores tão cruéis e que a última hora se aproximava, chamou o marido e disse-lhe:

— Meu querido Eduardo: com tristeza vou deixar a terra, em que tanta felicidade me proporcionaste. O que me consola é que não hei-de abandonar-te; o meu amor rodear-te-á, seguir-te-á por toda a parte, como génio fiel, até que nos seja dado reunir-nos novamente por toda a eternidade.

E caiu imóvel, em doce repouso. Eram nove horas da noite, quando a sua alma voltou a Deus.

A dor de Sellner era indescritível. Em seguida aos primeiros instantes de desesperação silenciosa, caiu em profunda melancolia que lhe abalou a saúde. E quando se levantou de longa e séria enfermidade, o seu vigor e a sua juventude haviam desaparecido. Tinha dado ordem para que o quarto de Josefa permanecesse no estado em que estava no momento da sua morte. Na mesa via-se a obra incompleta e a um canto estava a harpa.

Todas as noites, Sellner entrava naquele santuário e pegava na sua flauta, colocando-se diante da janela, como fazia nos dias da sua felicidade, arrancando do instrumento notas tristes e lamentosas que traduziam a dor que o alanceava.

Uma noite a lua despedia seus raios, que penetravam no quarto de Josefa, através da janela aberta. O relógio da igreja próxima acabava de dar as nove horas. De repente, a harpa soou, como se tocada por mãos invisíveis. Verdadeiramente surpreendido, Sellner deixou de tocar e a harpa deixou de se ouvir. Comovido, tocou a *romanza* predilecta da esposa; e suavemente, muito suavemente, a harpa acompanhou o canto... A sua emoção não teve limites: estendia os braços, como para estreitar neles a sombra da sua adorada, ao mesmo tempo que sentia a pressão de um doce abraço e «via uma luz pálida passar diante de si». E disse:

— Conheço-te, visão bendita. Prometeste-me rodear-me com o teu amor e cumpres a tua promessa. Senti o teu doce abraço e o teu beijo.

Voltou a tocar a sua flauta e a harpa respondeu ainda com longos e harmoniosos harpejos. Sellner passou a noite quase toda a recordar e a comentar os acontecimentos.

No outro dia aguardou com viva impaciência a hora de entrar no quarto de Josefa. Preludiava alguns acordes, quando a torre deu as nove e a harpa soou. Deixou de tocar e a harpa calou-se. E a pálida luz da véspera deslizou outra vez ante os seus olhos.

— Josefa! Josefa! Leva-me! — exclamou.

Com maior alegria, voltou ao seu quarto. A sua mortal palidez espantou o criado que, a pesar da proibição do amo, foi chamar o médico, que era sincero amigo de Sellner. O doutor encontrou o enfermo cheio de febre violenta, com todos os sintomas da doença de Josefa. A febre aumentou durante a noite e, no seu delírio, não cessava de falar de Josefa e da sua harpa. Até amanhecer ficou prostrado, sem forças, e contou ao amigo o que se passara nas noites antecedentes.

Quando caiu a noite e a pesar da sua excessiva debilidade, manifestou desejos de ser transportado ao quarto de Josefa. Então, com alegria indescritível, viu todos os objectos que a recordavam e falou da hora nona, como a hora da sua morte.

Despediu-se de todos os que o rodeavam e pediu que o deixassem só com o médico. Nove horas deram no relógio próximo... A sua fisionomia ficou radiante e ele murmurou com profunda emoção:

— Josefa! Josefa! Vem ainda uma vez, na minha última hora! Demonstra-me que estás aqui!

As cordas da harpa vibraram mais harmoniosamente do que nunca e o moribundo viu ainda a pálida luz deslizar ante os seus olhos...

— Já vou... já vou... — murmurou ele.

E os sons da harpa extinguiram-se com o último alento de Sellner.

O médico, vivamente comovido, cerrou os olhos ao defunto, que parecia repousar em profunda quietude.

Durante longo tempo não pôde afastar do seu es-

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXV

«*Vinde a Mim vós todos os que andais em trabalhos e vos achais carregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanço para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo leve*».

MATEUS XI, 28 a 30

Desçamos agora aos sombrios vales, onde os homens caminham chorando, — como disse o imortal poeta Dante e, interrompendo o eterno cântico de alegria da natureza, escutemos com respeito e unção este eterno apelo do Amor.

O Evangelista não indica o lugar onde foram pronunciadas estas palavras. Para quê?

Foi na terra e para toda a terra.

Não nos descreve também Mateus a espécie de misérias que rodeavam então o Senhor, nem aquelas a que Ele se dirigia especialmente, porque sabia que todas estão presentes aos seus olhos, abraçando portanto toda a humanidade.

Santo Agostinho afirmou que bastava a presença do Senhor para dar felicidade e, lendo-se atentamente o Evangelho, pasma-se com efeito perante as curas a cada passo semeadas, para dar alegria, aliviar aflições, enxugar lágrimas.

Era às portas de Cafarnaum — a cidade de Jesus — que diàriamente todos aqueles que ambicionavam ver-se curados, de qualquer enfermidade de corpo ou de espírito, procuravam o Senhor.

E meditemos bem no texto sagrado: «curava-os a todos».

Não sòmente alguns, não separando uns e deixando outros.

Todos quantos vinham a Ele doentes, regressavam curados.

Todos os que vinham desgraçados, iam embora consolados, serenos e felizes.

Tantos eram os Seus passos, quantos os vestígios da sua imensa bondade.

Tornava célebres os lugares por onde passava, pela profusão das suas graças.

«Nesta aldeia, já não há cegos, já não há estropiados: — Sem dúvida, diziam: o doce Jesus passou por aqui!».

Quem poderá imaginar o rasto de luz e de alegria deixado nas multidões extenuadas que o enchiam de piedade? E Ele comparava a ovelha sem Pastor.

O grande e benfazejo Pastor encontrava-se agora no meio delas.

A tarefa que ele aí desempenhava, tinha-a predito o profeta Ezequiel nos longos séculos passados: «pensava os feridos, dava de comer aos famintos; dava força aos fracos, fazia repousar os exaustos e os débeis amparava-os nos seus braços». (Ezequiel XXXIV — 12 e 16 — Jeremias XXIII 3 a 5).

Secava as lágrimas dos que choravam...

Junto dos pais que acabavam de perder a filha, dizia-lhes: «não está morta, está sòmente adormecida» e acordava-a do seu grande sono, ante os olhos extasiados da família.

Quando encontra a viuva trespassada pela dor, com o coração despedaçado, acompanhando ao sepulcro o seu único filho, o seu enlevo, toda a sua alegria, as suas primeiras palavras são: «não chores»—e a seguir fá-lo despertar e entrega-lho.

Em Betânia, no fúnebre caminho que conduzia ao túmulo do seu amigo Lázaro, acalmou todas as lamentações desoladas, fez suspender todos os prantos e todas as angústias, com estas perturbadoras palavras: «vosso irmão ressuscitará».

No entanto, caminhando para o sepulcro em companhia dos que tinham os corações alanceados pela dor, não obstante a certeza da ressureição que ia operar, na sua imensa sensibilidade, na sua infinita piedade, chorava com eles.

Ao analisarmos estes factos, sentimo-nos arrastados para profunda meditação.

Vemos então surgir perante a nossa visão

---

pírito a lembrança daquela hora. Fez a alguns amiga harpa que aceitara, como legado do seu pobre amigos o relato que acabamos de veicular e mostrou-lhes go Sellner.

NOTA — Esta narrativa, que provém de um homem sério e sábio, imprimiu-se muito antes de «O Livro dos Espíritos», de Allan Kardec, o que prova que este último escritor deu corpo real a uma lei que outrora se considerava uma ficção.

(De *La Fraternidad*, de Buenos Aires)

espiritual uma imensa floração de alegrias, desabrochando sob esta chuva de benefícios.

Podemos imaginar o que seria a primeira refeição da família, de novo ,completada quando o ressuscitado Lázaro, entre seus próximos parentes e amigos, — alvo de todos os olhares — mal podia responder a tantas perguntas!...

Que júbilos aos primeiros pasos dos paralíticos e aos êxtases dos cegos, quando começaram a ver, alguns deles pela primeira vez naquela existência!...

Que encantador é o mundo, sob os pés do Filho do Homem!...

Dir-se-ia que, como o Pai Celestial, no alvorecer dos tempos, Jesus refazia uma nova criação.

E como em redor d'Ele todos os corações transbordavam de felicidade!

Falámos dos prodígios materiais, exteriores. Que diremos dos interiores?

Aqueles que em sua consciência pensavam: «O meu pecado é demasiado grande» — e de repente, se viam perdoados?

Aqueles que baixinho murmuravam: «Não posso jamais ser chamado vosso filho» — e sentiam cair-lhes na fronte as lágrimas do Pai, sem uma recriminação, com estas palavras de ternura: «Estavas perdido e achei-te»!...

E os que jaziam pelas beiras dos caminhos, cobertos de feridas?...

Tinha pasado o Sacerdote, tinha passado o Levita que murmurou: já não há esperança, nada há a fazer ali... E eis que as mãos caridosas do Samaritano, do que cultivava uma religião detestada, do que pertencia a uma raça desprezível, derramam o vinho e o azeite sobre as feridas do viajante caido à beira da estrada...

E depois, mesmo além das Suas provas de amor sobre os mortos, sobre os pecadores, que doçura, que misericórdia tinha sempre para todos, fossem quais fossem os que eram acusados diante d'Ele! Como sabia desculpar, como sabia condoer-se!

Se lhe diziam: «Os vossos descípulos fazem isto... ou aquilo», logo os desculpava.

Teve o cuidado de os defender, até na própria hora da sua prisão, ao pronunciar as divinas palavras: «deixai partir estes».

E ainda, na resposta à censura: «Para que é este desperdício, e depois este perfume derramado?»: «Não atormenteis esta mulher».

Um Sonho Estranho

por Ramos Pereira

A Sr.ª X..., pessoa a quem me ligam laços de família, sofreu recentemente de uma grave doença que a reteve na cama algumas semanas. E uma noite teve um sonho estranho...

Via-se a andar por uma estrada, atormentada por uma dor aguda no pulso esquerdo. Procurava ela a casa do Dr. António Martins, pois lhe tinham dito que ele vivia numa residência à beira daquele caminho. (O Dr. António Martins operara a Sr.ª X... muitos anos antes, impedindo um desenlace julgado inevitável). Caminhava, nem pensando que o famoso clínico já desencarnara... Chegada junto da casa, admirou-se de não ver portas ou janelas na fachada.

Quando deu volta à estranha residência, deparou nas traseiras com o Médico, que sorriu ao vê-la e lhe perguntou:

— Então, que te traz por cá?

— Senhor doutor... é esta dor no pulso...

— Entra. Vamos ver o que se pode fazer.

A Sr.ª X... encontrou-se então numa sala branca e iluminada. O «Dr. António Martins», depois de a examinar, fez-lhe uma incisão no pulso donde extraiu qualquer coisa que a paciente não pôde distinguir. E continuando a sorrir, o cirurgião despediu-a, dizendo-lhe que já não havia motivo para se preocupar.

Quando a Sr.ª X... despertou, sentiu um ligeiro ardor no pulso, onde era bem visível uma cicatriz avermelhada de cerca de 2 cm. Pude observar este sinal, a sua semelhança com a deixada por uma incisão recente e que a epiderme estava perfeitamente unida; isto é, parecia que a incisão fora feita sob a pele.

Ora, no dia anterior ao sonho estranho, a Sr.ª X... não tinha cicatriz alguma!... Devo apontar ainda uma coincidência: — a partir desse dia, a senhora melhorou da sua doença, que era uma forte infecção das vias respiratórias!

Mocidade Espirita Pestalozzi

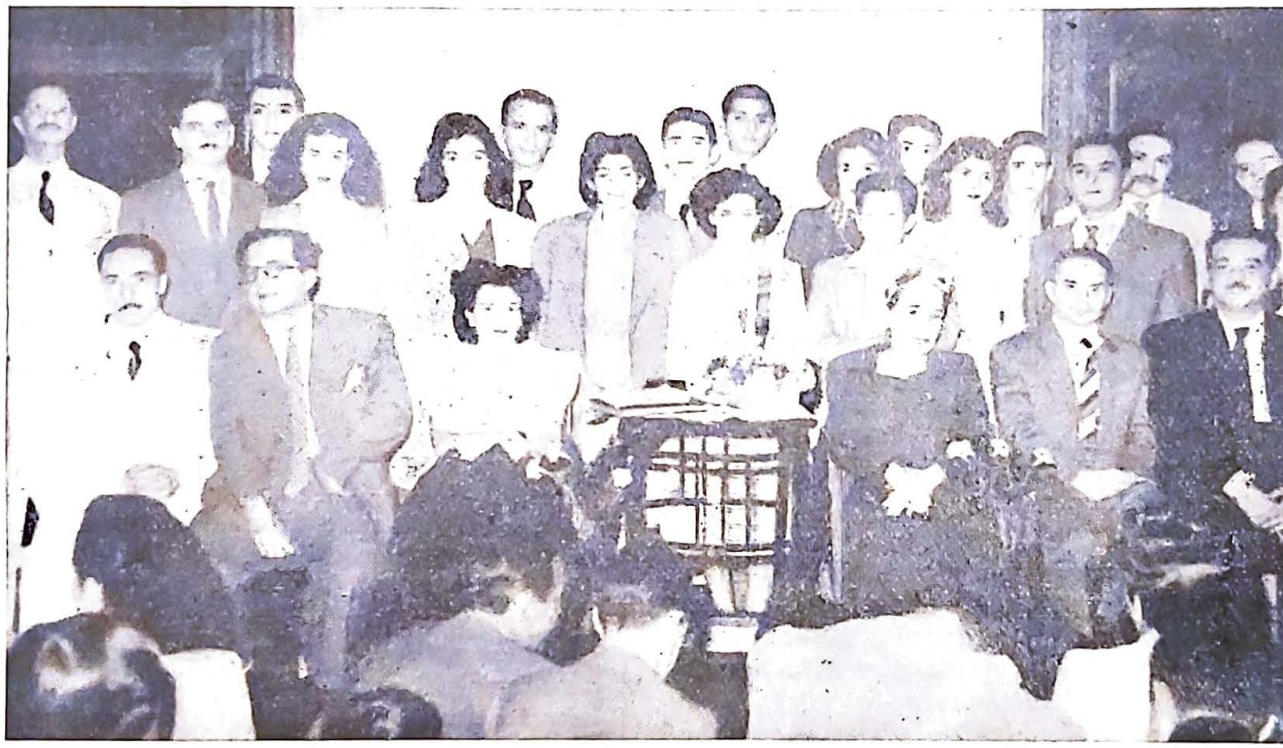
Sob os auspícios do Centro Espirita Júlio César, do Rio de Janeiro, fundou-se em 30 de Maio último a *Mocidade Espirita Pestalozzi*. Este acontecimento deu motivo a uma tarde festiva no amplo salão do Abrigo Tereza de Jesus, gentilmente cedido pela sua Directoria. Presentes, mais de 300 pessoas, partilhando do entusiasmo colectivo.

O programa constou de duas partes, sendo a primeira para integração dos jovens — cerca de 25 de ambos os sexos, a palavra do Mentor dizendo das finalidades das Mocidades Espiritas Organizadas e a palavra do mais velho e experiente, o professor Leopoldo Machado, nosso redactor-corespondente em Nova-Iguassú.

A 2.º parte constou de parte artística magnificamente desenvolvida pelas Mocidades e Juventudes adesas ao 1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil, com números de canto, piano, declamação e esquetes espiritualistas interpretados por crianças e jovens, respectivamente do corpo infantil das Mocidades e Juventudes pròpriamente ditas, bem como a colaboração preciosa do Côro Orfeónico do Abrigo Teresa de Jesus, composto de 80 vozes juvenis.

Foi uma tarde cheia de vibração espiritual e alegria cristã que contagiou toda a assistência.

No final, os dirigentes da *Mocidade Espirita Pestalozzi* tiraram a fotografia que reproduzimos e que amavelmente foi enviada ao director desta revista com imerecida dedicatória assinada por todos os componentes, ao mesmo tempo que lhe dirigiam a seguinte mensagem, que profundamente agradecemos:



Sentados — *Da esquerda para a direita: José de Oliveira, co-mentor da Mocidade; prof. Leopoldo Machado, o grande animador das Mocidades Espiritas do Brasil; D. Dayse Pastor de Almeida, directora artística; D. Ernestina Santos, presidente do Abrigo Teresa de Jesus; Armando Tinoco, presidente do Centro Espirita Júlio César; prof. Dr. Lauro Pastor de Almeida, mentor;* De pé — *da esquerda para a direita: Walter Bruno de Oliveira, presidente da* Mocidade e *vários membros da Directoria e componentes do grupo*

Os componentes da «Mocidade Espirita Pestalozzi», em reunião efectuada a 12 do corrente, deliberaram enviar esta mensagem de simpatia e admiração ao dinâmico director da brilhante revista ESTUDOS PSÍQUICOS — nosso querido irmão ISIDORO

DUARTE SANTOS, defensor entusiasta do grandioso movimento de MOCIDADES ESPIRITAS DO BRASIL — Para ele, as nossas vibrações amorosas e votos de muita paz e alegria.

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1948

ass.) Walter Bruno de Oliveira, *Presidente;* Teresinha Rebelo de Mendonça, Lauro Augusto Pastor de Almeida, Walkir Vargas, Natércia Teresinha de Carvalho, Washington Carvalho, João Joaquim Gonçalves, J. A. de Oliveira e Lauro Pastor de Almeida.

As palavras simples e amigas desta Mensagem cairam fundo em nosso coração de servidor do Ideal Espirita. As Mocidades sabem que podem contar conosco, com o apoio incondicional desta tribuna cada vez mais alta e mais acatada no mundo culto, mercê da excelência dos nossos queridos colaboradores. Faremos a sua apologia, difundiremos as suas realizações e apontaremos o exemplo extraordinàriamente belo que simbolizam.

Amigos da *Mocidade Pestalozzi:* Avante pela difusão e pureza da Doutrina! Que o vosso entusiasmo perdure e a vossa fé aumente! E que o ano de 1948 seja o início de grandes realizações no sector espirita.

Deste modo, o monumento que nos legaram será digno dos nossos maiores. Ponhamos a alma ao serviço desta grande Causa. A árvore frondosa do Espiritismo sente engrossar as raizes e alargar a ramagem. Sois vós que chegais para lhe oferecer a seiva fecundante. Sois vós que chegais, cheios de alegria sã, que é a melhor parte da vida. Sois vós que chegais com intenção inabalável de vencer. Sois vós que chegais, entoando hinos de glória ovante e chamando para o festim todos os homens de boa vontade!

Sede benvindos!

UM BRINDE AOS LEITORES

OS MEIOS FISICOS E NATURAIS NA PROFILAXIA E CURA

pelo Dr. Fred Wachsmann

O Dr. Fred Wachsmann acaba de publicar este interessante livro, o 1.º volume de uma vasta obra de divulgação que empreendeu em benefício da saude pública. É um trabalho exaustivo e cheio de ensinamentos que todos devem adquirir, se quiserem conhecer os meios de manter boa saude.

No desejo de que tenha a maior expansão e como brinde aos nossos leitores, resolveu o autor cedê-la ao preço excepcional de 25$00 ESCUDOS, embora o seu preço de capa seja de 35$00.

Enviamo-la à cobrança.

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS — por *Deolindo Amorim*. Gráfica Mundo Espirita. 1948. 219 págs.

«Nunca como neste século o homem se tornou tão pungentemente um problema para ele próprio» — diz Heinz Heimsoeth.

O homem não pode mais desinteressar-se do «momento histórico», a não ser que prefira um puro e ignaro «estar no mundo», à chamada aliciante do «viver», do existir. O pensamento hodierno caracteriza-se por um interesse constante pela realidade do homem, pelo todo do homem, que não for uma parte, que ela se chame «razão», quer «consciência». Devido a esta atitude, a problemática humana ganhou em dilatação o que perdeu da aparente e enganadora simplicidade do passado.

Procurou Deolindo Amorim numa série de ensaios (e conseguiu-o) estabelecer um paralelo entre os postulados espiritas e aquela temática, mostrando que assim como há partes que recebem uma nova luz através do prisma daqueles, assim também soluções ou opiniões hoje generalizadas já naqueles são pressentidas, quando não integralmente afirmada. Obra completa? Indubitàvelmente que não e... ainda bem, porque, enraizada esta ideia no pensamento do Autor, levá-lo-á a caminhar em busca de novos e mais profundos paralelos. Classifico o trabalho de Deolindo Amorim como um «ensaio comparativo entre o Espiritismo e a problemática humana de aspectos mais objectivo». Pena foi que o Autor não tenha refundido completamente os artigos que «Mundo Espirita» publicou, antes de os editar em volume. Talvez perdessem o aspecto de dinamismo vivo que os liga, para ganharem a passada menos rápida e mais firme da análise exaustiva. E talvez eu diga isto... por me ser mais querida a segunda forma, quando ausculto um pensamento, por só assim julgar ser-me possível um juizo de valor da capacidade desse pensamento.

Deolindo Amorim afigura-se-me um dos escritores espiritas de maiores possibilidades intrínsecas e uma das cerebrações mais capazes de obra pessoal e personalizante. Não compreendo, pois, porque se não lança a uma obra mais de «gabinete» e menos de «jornal». Estas nunca poderão compensar aquela, por boas que sejam (e são-no).

PARA O ALTO — por *Leopoldo Machado*. Edição da Livraria Allan Kardec, de S. Paulo. 1947. 220 págs.

O conto tem no prof. Leopoldo Machado um cultor cheio de recursos. Servido por uma imaginação rica e por uma sensibilidade aberta, possuindo um estilo colorido e plástico, norteado para a realidade do objectivo sem esquecer nunca o aspecto subjectivo ou espiritual do ponto, o professor Leopoldo Machado passará os limites do Espiritismo como contista no dia em que o quiser. E penso assim em face de um «Mamãe tá demorando». Há neste conto um perfeito equilíbrio entre a arte e a ideia; é uma narrativa plena de beleza e de espiritualidade. Noutros, porém, não interpretou o real, não fez... arte, talvez no desejo de deixar mais ao vivo a lição. A vida palpita em «Para o Alto» em haustos fundos, levando-nos sempre à meditação; e deve ter sido esta a central preocupação do autor que, felizmente, no conto que destaquei, deixou falar também a Artista que é.

Assistência Psíquica ou Casa de Repouso?

pelo Capitão Reis Pires

O *Mensageiro Espirita* de Abril último lançou a ideia da construção de uma *Casa de Repouso para Inválidos Espiritas*. *Estudos Psíquicos*, no seu número de Maio, lançou a ideia de uma *Casa de Assistência Psíquica*.

Vejamos a viabilidade, a necessidade e a razão de uma e outra ideia, isto no meu entender, pois, embora tenhamos o direito de expandir as nossas ideias, não quero contribuir para que qualquer delas seja mal recebida. Os seus iniciadores estão animados das melhores intenções e, por isso, são dignos de louvores.

Mas quando nos apresentam duas causas e devemos escolher uma, porque reconhecemos a impossibilidade de fazer duas ao mesmo tempo, temos de dar o nosso apoio a uma delas. Eu apoio a Casa de Assistência Psíquica, pelas razões seguintes:

Viabilidade — Uma casa de assistência psíquica é viável para já, porque pode funcionar em qualquer casa mesmo alugada, sem condições especiais além da higiene. Mais tarde, quando se houver recolhido capitais, se pensaria na construção de uma edificação própria e adequada.

A casa de repouso para inválidos espiritas exige um edifício próprio, para cuja construção são necessários muitos milhares de contos. É pois ideia para acalentar, mas não para realização imediata. Eu bem sei que a Comissão de Solidariedade da Federação Espirita Portuguesa lançou a ideia para que cresça e um dia tenha realização. Mas entendo que antes devemos meter ombros à casa de assistência psíquica, por ser de realização mais fácil e de maior necessidade.

Necessidade — De qual das duas obras se sente maior falta? É, sem duvida, de uma casa de assistência psíquica, pois, como diz *Estudos Psíquicos*, todos os dias bate à porta dos centros espiritas um cortejo pavoroso de irmãos que, depois de percorrerem todos os consultórios, procuram no Espiritismo um alívio salvador para os seus males psíquicos. São infelizes a quem roubaram ou esconderam a razão e a quem nada pode ser feito, porque os espiritas em Portugal ainda não têm a obra mais necessária; uma casa ou sanatório para tratamento de obsidiados.

Como cumpre o espirita a sua missão? Como crente duma doutrina que lhe deu consolação, que lhe tirou a tortura da dúvida? Só pode cumprir bem o seu dever, espalhando a caridade. Sei que há muitos modos de fazer o bem. Mas além daquele que cada um já procura fazer, faça mais um esforço para levarmos a cabo esta obra tão necessária e urgente. Todos nós temos sido procurados por pessoas que se queixam e, pelos sintomas que apresentam, vemos tratar-se, ou dever tratar-se, de casos de obsessão, mas nada lhes podemos aconselhar, porque não há quem, nem onde tratar desses infelizes. E, como os espiritas os não auxiliam, vão para os consultórios das mulheres de virtude ou enchem os manicómios.

Podem os espiritas cruzar os braços ante este quadro tão pavoroso? Não. Temos de acordar, temos de cumprir o nosso dever. Primeiro, pois, a casa de assistência psíquica. É de uma necessidade urgente e inadiável a sua fundação.

A casa de repouso será mais tarde. Os espiritas inválidos recolher-se-ão às casas de repouso já existentes.

Razão de ser de uma e outra ideia — A fundação de uma casa de assistência psíquica é um dever do Espiritismo, direi mesmo, é sua função.

O Brasil já conta numerosas instituições onde são tratados aqueles, cuja saude psíquica está abalada. Entre muitas outras, cito o Sanatório Espirita de Uberaba, que poderia bem sirvir de modelo ao que entre nós se possa vir a fazer. Pelo livro do Dr. Inácio Ferreira, «Novos Rumos à Medicina»,

pode aquilatar-se da importância social e humanitária daquele sanatório.

Comecemos pois por uma clínica de assistência psíquica para fazermos alguma coisa em benefício dos nossos companheiros mais infelizes. A melhor propaganda, e a única eficaz, são as obras de caridade. Não esqueçamos o lema de Kardec: *Fóra da Caridade não há Salvação*. Se não praticamos a caridade, é melhor não nos dizermos espiritas. A fundação de uma casa de assistência psíquica é pois de uma necessidade urgente, porque os necessitados são muitos. De princípio, nela se faria apenas limpeza psíquica às pessoas que lá fossem. Depois, se iriam montando quartos, pouco a pouco, para o internamento dos doentes.

Uma casa de repouso para inválidos espiritas não tem razão de existir, porque nós não podemos fazer divisões, não devemos da ideia fazer casta. O espirita não deve tratar de si, mas sim dos outros; outrossim, não seria bom cristão. O Cristo manda aplanar o caminho do irmão e não o próprio.

O espirita não pode nem deve considerar-se aparte dos outros irmãos, quaisquer que sejam as suas religiões. Se fizesse obras só para si, seguiria um processo egoista e portanto contrário à doutrina que defendemos. Não, nós devemos dar sem olhar se o damos a gregos, se a troianos, sem curar se é aos que têm as mesmas ideias ou ideias contrárias.

Nesta ordem de ideias, únicas que se podem considerar espiritas e portanto cristãs, a casa de repouso, cuja ideia foi lançada, não deverá ser só para espiritas, mas sim para quem dela necessite, seja ele espirita, ateu, católico ou mesmo anti-espirita. O seu nome nunca deverá portanto ser o que foi proposto, mas qualquer outro que não mostre ou denote a existência de espírito de casta entre nós, o que seria falso e nos rebaixaria. Poderá ser, por exemplo: *Casa Espirita para Repouso de Inválidos*. Isto, se esta designação for julgada suficiente para dar ideia da nossa finalidade, isto é, mostrar que a caridade nela exercida é para quem necessite, não importando qual a religião que professe.

Na designação poderá estar contida a palavra *espirita* para mostrar que é obra dos espiritas, pois isso seria boa propaganda em favor da causa, mas nunca *para inválidos* espiritas, porque esta seria uma propaganda contrária por vir mostrar um espírito de seita que, felizmente, não existe entre nós.

Uma Casa Espirita para Repouso de Inválidos pode ser bem recebida e vir a receber donativos de pessoas espiritas ou não, visto que nela serão recebidos todos, simpatizem ou não com o Espiritismo.

Em São Paulo, como se pode ver por *Estudos Psíquicos* de Maio último, o Estado subvencionou nada menos de 23 instituições espiritas com 1350 milhões de cruzeiros, mais ou menos mil e quinhentos contos, pela caridade que têm espalhado e espalham. Podemos verificar que nenhuma daquelas instituições tem qualquer designação por onde se mostre que só tratam dos seus associados ou adeptos. Elas fazem caridade, não importando a quem. Se assim não fizessem, não teriam sido subvencionadas pelo Govêrno daquele Estado.

A ideia de uma casa de repouso deve pois subsistir e engrandecer-se, mas com designação mais espirita, mais cristã, mais lógica.

Para já, vamos a uma casa de assistência psíquica, por ser mais urgente e mais fácil a sua função.

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, por *Sir William Barrett,* professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo. 304 páginas.

Brochado, 25$00; Encadernado, 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. 346 páginas.

Brochado, 27$50; Encadernado, 37$50

Cientismo e Espiritismo, pelo *Prof. Leopoldo Machado.* Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo.

Brochado, 18$00

Enviamos estas obras à cobrança

Oração do Pecador

por Justo Vigliani

Senhor, se tu és grande, se te fizeste pequeno para poder habitar entre nós;

Se tu, que és a luz, quiseste nascer nas trevas de um estábulo;

Se tu, que és Rei, tiveste por companheiros e discípulos rameiras, ignorante e pecadores;

Se tu, que és o Senhor, te sentavas à mesa com os servos;

Se tu, que és a santidade, deixaste que te crucificassem entre os réprobos;

Se tu, que és o divino, deixaste que cuspissem em teu rosto, rasgassem tuas carnes, verrumassem tuas mãos, que só sabiam bendizer e perdoar;

Se tu, que és poderoso, deixaste que a plebe te prendesse, te esculpisse, te julgasse, te crucificasse e te escarnecesse, quando entregavas a alma ao Pai;

Eu, que sou um pecador, que só prejudiquei o meu semelhante, que segui por caminhos tortuosos, que tive vergonha de ser bom e me orgulhei das minhas maldades; eu, que soube do mentir, do caluniar, do roubar, do fornicar, do falso testemunho; eu que sou um poço de malícia; eu, que usei a língua como serpente para envenenar e as mãos como garras para ferir e os olhos para esquadrinhar o oculto e faltas para divulgar; eu que sei das noites de orgia, do escárneo às coisas sagradas e que só pensei egoisticamente em satisfazer todas as minhas vaidades e levar o mal como legenda; que mereceria eu por tudo isso? Que cruz chegaria para pagar tamanhas culpas? Haverá escarrador bastante sujo para poder manchar-me mais do que estou pela maldade?

Que pregos haverá suficientemente grossos e ponteagudos para pregar as minhas mãos que feriram o próximo?

Que coroa suficientemente dolorosa para me castigar a fronte que deu abrigo a maus pensamentos?

Quantos açoites mereceria a minha carne, que viveu na concupiscência?

Senhor, não há cruz bastante grande e pesada que eu não mereça, não há açoites que eu não mereça, por mais fortes que sejam, não há látego demasiado duro para a minha carne pecadora, não há mulher bastante vil, no ventre da qual eu devera ser concebido! Nem terra devia haver que recebesse este corpo que deu abrigo a uma alma, que mais parece ave de rapina, reptil venenoso, dragão infernal!

Senhor! Como eu reconheço, embora imperfeitamente, as minhas maldades, digo-vos: Dai-me uma cruz, não semelhante à que levastes, Senhor, porque seria muito pesada para a minha pequenez, mas dai-me uma cruz com os seus pregos, com o seu Judas, com os seus verdugos!

Dai-ma, Senhor! Mas permiti também que encontre no caminho um Cirineu e que esse Cirineu sejais vós, Senhor, que sois o único que pode ajudar-me, quando as forças me faltarem; mas dai-me uma cruz tão pesada, de modo que eu a possa levar, tão dolorosa, que eu possa suportá-la, tão triste, que eu possa resistir-lhe... Dai-me uma cruz, Senhor!... E quando o seu peso me vergar, auxiliai-me com as vossas forças!

Ajudai-me, Senhor, alentai-me! Mas não descarregueis a cruz dos meus ombros, deixai-me subir com ela o meu calvário, até que o vestuário desnude o meu corpo; e perfurando-me os pés que não quiseram andar o vosso caminho, e as minhas mãos pecadoras, eu morra finalmente crucificado e saiba que só a dor redime, eleva e purifica!

Dai-me, Senhor, uma cruz!

(De *Claridad del Alma*, de Buenos Aires, em tradução de I. D. S.)

TEMAS

Sob esta designação, abre Estudos Psíquicos *um novo horizonte aos seus leitores. A partir do presente número, serão periòdicamente apresentados alguns temas espiritas. As dissertações sobre os mesmos devem ser escritas com letra bem legível ou dactilografados, em português, francês, inglês ou espanhol, e não devem exceder 3 folhas de papel formato 21 × 27, a dois espaços.*

O melhor trabalho sobre cada tema será publicado em Estudos Psíquicos, *de forma destacada, e o seu autor receberá gratuitamente 10 exemplares da Revista. O primeiro tema que apresentamos é:*

O FENÓMENO MAGNETO-HIPNÓTICO. SUA NATUREZA E VALOR

Toda a correspondência deve ser remetida para a nossa Redacção, endereçada a STUDIO.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

A DESENCARNAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

Quem há aí de mediana cultura que não tenha ouvido falar de Monteiro Lobato, da sua grande obra de educação infantil? Algumas gerações o leram e meditaram. Algumas gerações tiveram o prazer espiritual de se deliciar com seus contos maravilhosos. A sua pena fecunda desentranhava-se em flores mimosas que a pequenada colhia àvidamente. Tempo houve em que o seu nome era proferido de norte a sul do Brasil. Os homens liam-no com admiração e as crianças com ternura. Este prestígio durou mais de trinta anos. Chegava bem para orgulhar qualquer escritor de menor talento e menos conhecido.

Agora chega-nos a notícia da sua desencarnação. Ficámos surpresos. Há pouco lemos o seu prefácio ao livro «Afinal, Quem Somos?», do escritor paulista Pedro Granja e cuja impressão literária irá noutro número desta revista. Lemos esse prefácio e dissemos conosco:

— Porque traduziu Monteiro Lobato o «Raymond», de Oliver Lodge, e «Rumo às Estrelas», de Dinis de Bradley? Porque escreveu «Na Antevéspera», essa profissão de fé espirita? Certamente, porque estava convencido da verdade da sobrevivência.

No prefácio aludido, escreve ele: «As bombas destroem as «casas fisiológicas», mas não destroem o nosso «eu», que assiste à destruição de seu corpo e dele se afasta, como se afasta da gaiola o passarinho, quando encontra a porta aberta. Perece a casa: o morador continua vivo e eterno, em sua peregrinação evolutiva».

Mas a notícia, que vem de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, relata o «caso de consciência» em que se debatia o espírito de Monteiro Lobato, alguns dias antes de *morrer*. E esta circunstância é que interessa à história das ideias contemporâneas.

É uma carta enviada ao grande escritor Godofredo Rangel e na qual o missivista demonstra a intuição do seu fim próximo. Vamos transcrevê-la do *Diário da Noite*, edição de 13 de Julho último:

BELO HORIZONTE, 13 (Meridional) — Numa previsão impressionante da morte que se avizinhava, o escritor Monteiro Lobato, na véspera de São João, isto é, precisamente onze dias antes de morrer sùbitamente, enviou da Paulicelia para Belo Horizonte, ao escritor Godofredo Rangel, o mais antigo e íntimo dos seus amigos, com o qual se correspondeu durante quarenta anos, uma carta que passará a figurar na crónica literaria do país, como a última carta da «Barca de Gleyré» e da qual vamos transcrever, salteadamente, os seguintes e curiosíssimos trechos:

«Chegou, a final, o dia de escrever, e vai a lápis, porque a pena me faz mal. Tive a 21 de Abril um «espasmo vascular», perturbação do cérebro, da qual a gente sai sempre sèriamente lesado, a uma ou outra maneira. Depois de três horas de inconsciência, voltei a mim, mas lesado. A principal lesão foi a da vista, que, no começo, me impedia de ler sequer uma frase. As outras perturbações, eu agora começo a percebê-las: lerdeza mental, fraqueza da memória e outras «diminuições». Não sou o mesmo. Venci aos pontos. Não é impunemente que chegamos aos sessenta e seis anos de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim —foi um aviso — um «prepara-te». E, daqui por diante, o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a «grande virgem», coisa que para mim perdeu a importância, depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas passar de estado de vivo para o de não vivo, que venha a morte que será bem recebida.

«Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além!

«Isto, sem o corporal, já está mais que sabido, não interessa.

«De modo que me agrada muito o que vem aí: ou confirmação de vida, mas sem esses orgãos já velhos e tenros, cada dia com pior funcionamento, ou o «NADA».

«Adeus, Raquel. Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além? Tenho planos. Logo que lá chegar, contrata Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu, pois a primeira comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as suas dúvidas. Do — Lobato».

CONGRESSO ESPIRITA NORDESTINO

Segundo informação do Dr. A. N. Pinheiro Ramos, da *Fraternidade Raios de Luz*, de Recife, Pernambuco, o IV Congresso Espirita Nordestino vai realizar-se de 30 de Setembro a 4 de Outubro, na cidade de Natal, Estado de Rio Grande do Norte, sob o patrocínio da *Federação Espirita Norte-Riograndense* e demais sociedades espiritas estaduais.

A ideia partiu do Departamento do Nordeste da *Fraternidade Raios de Luz* e a ela aderiram já o Nordeste Brasileiro, o Estado de Sergipe e o Estado de Ceará.

Todas as informações, adesões, envio de teses, trabalhos ou propostas, devem ser endereçadas ao Secretário Geral, Filipe Soares de Melo, nosso representante em Natal, Rua Camboim, 715, Rio Grande do Norte, ou ao Dr. A. N. Pinheiro Ramos, director da revista *Raios de Luz*, Rua do Imperador, 235, 1.º, Recife, Pernambuco.

Os temas para trabalhos devem ventilar assuntos de confraternização ou qualquer aspecto doutrinário e não ultrapassar 10 laudas de papel, datilografadas a dois espaços. Além disso, terão de ser entregues na secretaria até 25 de Setembro.

Os congressistas serão individuais ou representantes de sociedades nordestinas, do resto do Brasil ou do Estrangeiro.

A hospedagem fica à responsabilidade dos espiritas norte-riograndenses.

Temos a convicção de que o IV Congresso Espirita Nordestino culminará em maior união de vistas e fortalecerá a Causa, atraindo novos adeptos e firmando novos meios de propaganda. Que sejam felizes e vejam seus objectivos coroados de pleno êxito. *Estudos Psíquicos* oferece as suas colunas ao

Congresso. Para isso, é necessário que nos remetam todos os elementos por via aérea, incluindo fotografias.

O ESPIRITISMO EM UBERABA

O confrade Vicente S. Neto, nosso reprentante em S. Paulo, enviou-nos a seguinte resenha da *Festa das Violetas,* que se acaba de realizar em Uberaba :

A 20 de Junho último, o Triângulo Mineiro agitou-se espiritualmente para marcar na história do futuro uma página de invulgar beleza, visto como foram de intensa repercussão social as festividades que deixaram indelével a data supra.

Se o objectivo financeiro foi compensador, não menos o foi, na parte da evangelização cristã. Atingindo os dois sectores de modo feliz, estão de parabens os confrades uberabenses.

Sob a direcção de criaturas como o Dr. Inácio Ferreira, D. Maria Modesto e sua filha Euritmia, Senhorinhas Áurea e Zélia Cunha, Hélia Borges, Clever Novais e Emanuel Chaves, uma centena de jovens incansáveis e cheios de coragem deram a crentes e profanos uma tarde inesquecível.

Desde a ornamentação do CENTRO ESPIRITA UBERABENSE, até ao programa apresentado, tudo correu maravilhosamente.

A renda do festival reverteu integralmente pró LAR ESPÍRITA, uma obra que visitámos e que, está em vias de agasalhar centenas de crianças desamparadas. Em breve lá estaremos para assistir à sua inauguração. E então, naquele dia, poderemos cantar como o poeta desconhecido.

Venha Jesus
Nos socorrer,
Dá-nos tua luz
Para viver.

Sempre contigo
A nos olhar,
Serás o amigo
Do nosso Lar.

A fortaleza
Dos pequeninos
São a pureza
Dos teus ensinos.

À entrada da sala, a exposição de trabalhos, que mereceu louvores de todos os visitantes. No inicio das festividades, o Prefeito Municipal Dr. Boulanger Pucci, acompanhado do Dr. Inácio Ferreira, visitou e apreciou o ambiente festivo, o mesmo acontecendo com o Dr. Delegado de Polícia. A Câmara Municipal também se fez representar pelo Dr. Schimidt. Funcionários bancários e outras pessoas de grande relevo, deram sua cooperação e adesão material.

Como vemos, a *Festa das Violetas* teve um cunho raro nos anais da *Cidade Morena* do Triângulo Mineiro.A orquestra, sob a regência do Maestro Elias, foi um dos grandes factores da reunião. Mais de 20 artista, cantores e humoristas, brindaram a assistência com números cheios de encanto.

O Baile das Violetas, composto de 5 jovens, deu uma nota brilhante. Para as crianças, houve a «Pesca das Surpresas» com prémios a todos.

Leilões, doces, refrescos, a par de riso e alegria, inundaram os presentes até ao âmago de seus corações. Às 22 horas realizou-se, debaixo de intensa espectativa, a apuração da *Rainha das Violetas*. Coube o título à gentil Senhorinha Zélia R. Cunha que, muito comovida, recebeu das mãos das *Princezas* uma linda recordação. As palmas estrugiram no recinto, ovacionando a todas as concorrentes, que agradeceram através do microfone.

Fizeram-se representar, devidamente credenciados, a Livraria Allan Kardec, a União da Mocidade Espirita de S. Paulo, a *Revista Internacional do Espiritismo,* o *Clarim* de Matão e *Estudos Psíquicos* de Lisboa. Foi um acontecimento marcante na história espiritual de Uberaba, do Triângulo Mineiro e do Brasil.

Aos espiritas de Uberaba, os nossos parabens com votos de progresso espiritual.

UM FACTO ESPIRITA

Subordinado a este título, publico o *Semeador,* de S. Paulo, a seguinte notícia, que gostosamente arquivamos :

«A Senhora C. C. S. é médium de variadas mediunidades. Trabalhamos juntos e temos exercido rigoroso contrôlo de suas actividades mediúnicas. Tantos fenómeos interessantes temos obtido, tantos factos temos contraprovado, que seu relato daria um grosso volume.

«Um de grande interesse, pela projecção social, foi o relativo ao assassínio do Mahatma Gandhi.

«Relatemo-lo.

«Naquele dia estava ela em sua casa, em atitude de quem medita ou repousa. De repente apresenta-se-lhe um quadro: Gandhi tomba ferido, numa poça de sangue.

«Aquela senhora está habituada a fazer desdobramentos e trabalhos de bilocação e curas a distância. Assim, conhecia muito bem o Mahatma, a quem frequentemente visitava, trazendo-nos notícias que, posteriormente, viamos confirmadas no serviço telegráfico dos jornais.

«Abalou-se profundamente com a cena e imediatamente telefonou ao marido, comunicando o facto e perguntando se os jornais davam qualquer notícia. Este respondeu que não; entretanto, dada a sistemática confirmação que sempre temos de casos tais, aconselhou-a a ligar o rádio e, ele mesmo, telefonou para algumas redacções. Nada se sabia.

«Só mais tarde, precisamente às 10 horas da manhã, é que a notícia foi lançada ao ar por uma estação de rádio e, muito mais tarde ainda, dada na imprensa, através de *A Noite*.

«Verificada a hora da visão, feitos os cálculos e tomando-se em conta a diferença de longitude entre as cidades de São Paulo e Nova-Delhi, achámos que a visão coincidia com o momento do crime; e que foi obtida aqui em São Paulo cerca de 2 horas antes de qualquer publicidade de rádio, e 5 horas antes que a imprensa a noticiasse.

Colecções de "Estudos Psíquicos"

Temos em depósito lindas colecções de *Estudos Psíquicos* encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços, não incluindo portes de correio:

1.º Volume	**(obra rara)**	**80$00**
2.º Volume	.....	**70$00**
3.º Volume	.....	**60$00**
4.º Volume	.....	**60$00**
5.º Volume	.....	**60$00**
6.º Volume	.....	**60$00**

Notas & Comentários

É CURIOSO !

O Revelador, de S. Paulo, publicou na sua edição de Abril uma pequena notícia que lhe foi remetida pelo nosso confrade José Botelho de Carvalho, residente na cidade de Assis, onde se deu o caso.

Uma rapariga católico-romana muito bondosa e simpática frequentava o último ano da Escola Normal da referida cidade e encontrava-se aflita por ignorar os pontos que lhe sairiam no exame e ver periclitar o futuro com uma reprovação inevitável. Em naturais apuros, resolveu procurar um Centro Espírita, às escondidas do vigário.

Quando ali chegou, grande foi a sua admiração ao expor o desejo (saber qual era o ponto) e receber a seguinte resposta :

— Não desanimes, minha boa irmã. Jesus é para todos. Tudo depende dele e da tua fé. O ponto é este (e citou-o).

Imaginem agora a surpresa da professoranda, quando lhe sai no exame precisamente aquele ponto, que ela havia estudado e meditado !

Desta forma, fácil lhe foi conseguir o diploma.

E ainda dizem que os espíritos são obra do demónio !

A CASA DE SAUDE

O semanário londrino *Psychic News*, de 31 de Julho findo, refere-se ao nosso apelo acerca da Casa de Saude para assistência psíquica a obsidiados e releva a circunstância de no Brasil, país católico por excelência, o governo subsidiar agremiações espíritas de cura e educação.

De facto, o espiritismo brasileiro tem sido objecto de atenções especiais dos poderes constituidos. Ainda há pouco, mais de um milhão de cruzeiros foram inscritos no orçamento do Estado de S. Paulo, como subsídio a instituições de caridade mantidas por centros espíritas.

Temos a convicção de que em Portugal se poderá fazer alguma coisa no sentido de criar uma clínica de terapêutica psíco-somática, absolutamente necessária nos tempos actuais. De vagar se vai ao longe. Não descuremos o assunto. A mocidade que desponta tem ideias progressivas e conceitos próprios no tocante a preconceitos sociais e interesses de seita. Ela enfrentará o que nós formos incapazes de fazer. A assistência psíquica resolveria grandes problemas e daria felicidade a muitos «loucos» que deambulam pelas ruas e a outros que estiolam nos hospícios sem esperança de cura, visto que os processos usados pela psiquiatria não atingem o seu objectivo, sobretudo em doentes de obsessão, sem lesões orgânicas a normalizar.

Ainda bem que as nossas palavras ecoam noutras terras e noutras gentes.

FUNDAÇÃO MARIETA GAIO

Oferecido por esta instituição de beneficência, recebemos há pouco cinco exemplares do livro de André Luis «Agenda Crista» e outros cinco do livro «No Mundo Maior», do mesmo autor espiritual, ambos recebidos pelo grande médium Francisco Cândido Xavier, a cujas faculdades deve o Espiritismo algumas joias literárias.

A *Fundação Marieta Gaio*, do Rio de Janeiro, tem exercido acção altamente construtiva, pondo em prática os verdadeiros preceitos cristãos. O espiritismo português muito lhe deve, bem como ao seu benemérito fundador, nosso confrade e amigo Manuel Jorge Gaio, a quem saudamos e agradecemos a lembrança.

O ESPIRITISMO NO CINEMA

Depois do «Conflito Sentimental», a que nos referimos há tempos e que foi objecto de grandes aplausos na Bélgica e em França, o cinema francês editou «O Idiota», de Dostoevsky, que se exibe actualmente em Londres. O *idiota* é um principe místico e clarividente que vive entre a classe média russa de 1860, contrariando-lhe as atitudes morais com simplicidade patética e extraordinário conhecimento da alma humana.

A exemplo do Cristo, expulsa também os vendilhões do templo — o templo da alma — trazendo consigo profunda e verdadeira paz terrena, que a paz do outro mundo só é lógica na medida da sua crença no além e na sobrevivência.

O príncipe exerce muita influência numa cortesã chamada Nastasya Filippovna, cuja morte súbita é um feliz acontecimento na outra vida e termo providencial do seu prolongado drama terreno.

Gerard Philipe no papel de Príncipe Myshkin e Edwige Feuillère no de Nastasya Filippovna, torturada e possessa, são dignos de ser apreciados.

Quando virão a Portugal estes fílmes interessantes que marcam uma época na história do cinema espiritualista ?...

NOVOS JORNAIS

Temos na frente dois novos jornais espíritas: *A Luz*, orgão da Juventude Espirita Maranhense, dirigido por António Alves Martins, e *Nova Luz*, orgão da Mocidade Espirita Carlos Imbassahy, de Ubá, Minas Gerais, dirigido por Francisco Xavier Pereira. Ambos fundados em Janeiro do corrente ano, ambos cheios de vida, de naturais anseios, afirmam-se como alavancas promissoras capazes de alguma coisa nova trazerem ao Espiritismo.

É com justificada alegria que saudamos os novos baluartes que se erguem, empunhando o facho da Verdade e chamando a atenção do mundo entregue ao deus Moloch. Que trabalhem cheios de entusiasmo, que a fé os não abandone um só momento ! A Causa necessita do seu esforço continuo, da sua abnegação e espírito de sacrifício. Aqui estaremos para auxiliá-los, para animá-los nos momentos difíceis, para sugerir-lhes ideias e planos, no sentido de melhorar e progredir. E que outros arautos apareçam, igualmente jovens e igualmente fortes, para que o Ideal se engrandeça e os adeptos se multipliquem.

Noticiário

COMEMORAÇÃO DO 1.º CENTENÁRIO DO ESPIRITISMO

Como estava anunciado, realizou-se no passado dia 30, pelas 21,30, no *Centro Espiritualista Luz e Amor*, uma sessão comemorativa do 1.º Centenário do Espiritismo, a que presidiu o confrade Coronel Faure da Rosa, que representava a Federação Espirita Portuguesa.

Abrindo a sessão, Faure da Rosa delineou a largos traços o advento do Espiritismo, referindo-se aos fenómenos de Hydesville e ao papel desempenhado pelas irmãs Fox na expansão dos mesmos, frisando a celeuma que se ergueu, logo após o conhecimento público de tão inusitados factos.

Chamando a Hydesville um «rastilho providencial» e considerando as Fox mais que simples médiuns, «as precursoras do Espiritismo moderno», Isidoro Duarte Santos falou da expansão das novas ideias através do mundo, apontando o que elas representavam para o pensamento materialista do século passado. Fez o elogio de Kardec, «cuja obra já afrontou incólume cerca de um século de motejos e sarcasmos», e considerou como principais consequências da temática espirita: 1.ª — a transformação das ideias religiosas; 2.ª — a compreensão de uma moral nova radicada no dever; 3.ª — um novo sentido de solidariedade humana; 4.ª — a certeza insofismável da imortalidade.

O justamente famoso tenor português Tomaz Alcaide narrou, em seguida, alguns fenómenos que presenciou num centro brasileiro de S. Paulo, entre os quais levitação de objectos, materialização, voz directa e uma extraordinária incorporação. Como seria natural, as suas palavras foram escutadas com interesse e devem ter deixado um certo desejo de assistir a tão notáveis fenómenos...

José Francisco Cabrita, afirmando a necessidade do Espiritismo ser profundamente cristão, reputou a ideia reencarnacionista como o fundamento de uma moral prática de profundos efeitos individuais e colectivos e o ensino evangélico como esteio de uma religião despida de formalismos, unica forma consentânea com a estrutura da doutrina espirita.

D. Ivone de Sousa colocou em paralelo os postulados da ciência com os do Espiritismo, mostrando como estes emprestam àqueles uma nova luz, permitindo uma visão mais larga da problemática apaixonante das causas.

Em nome do Instituto Espiritualista Português, Mário Gomes saudou o C. E. Luz e Amor e exprimiu o nobre desejo de que a marcha do Espiritismo português se faça numa corrida célebre, rumo à perfeição por todos desejada.

Esotérica, discreteou sobre as medidas indespensáveis à unidade dos espiritas portugueses. Finalizou esta memorável sessão, o presidente da Núcleo da Juventude Espirita, A. Ramos Pereira, que fez um apelo à luta pelo progresso da Causa.

Na tarde do dia seguinte, sob a presidência do Major Eurico Zuzarte, realizou-se uma sessão para Ramos Pereira procurou, finalmente, mostrar o «valor humano do Espiritismo», aquele valor derivado de forçar o homem a um interesse mais elevado e completo pela vida, de o levar à luta pela conquista duma natureza intensa, perfeita, pura.

Na 2.ª parte do sarau D. Maria Amélia Ribeiro da Silva deliciou a assistência com duas formosas peças musicais superiormente interpretadas ao piano.

D. Ivone de Sousa e Ramos Pereira leram poesias.

Sempre num alto nível de exaltação espiritualista, o serão constituiu mais uma jornada digna das tradições do *Luz e Amor*.

NA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

Nos passados dias 31 de Julho e de 1 de Agosto, a Federação Espirita Portuguesa comemorou o 1.º Centenário dos fenómenos de Hydesville.

A sessão da noite de 31 de Julho foi presidida pelo sr. Coronel Faure da Rosa, que abriu, historiando as fases capitais dos fenómenos de Hydesville e da vida da família Fox. Seguiu-se-lhe Isidoro Duarte Santos, representante do Centro Espiritualista Luz e Amor, que descreveu em largos traços a expansão do Espiritismo através do mundo, referindo-se em especial ao movimento inglês, francês, belga, brasileiro e argentino. Mário Gomes, representante do Instituto Espiritualista Português, num curto e interessante improviso, mostrou como o Espiritismo pode contribuir para o progresso da Humanidade. E o Dr. Acúrcio de Campos, falando em nome da Fraternidade discussão das teses apresentadas por A. Ramos Pereira («Natureza e Métodos de Observação das Manifestações Anímicas e Espiritas»), Dr. Pedro C. Dias de Sousa («Sessões Doutrinárias e Sessões Experimentais») e D. Ivone de Sousa («Desenvolvimento Mediúnico»). Num ambiente de rara elevação, atingindo por vezes o entusiasmo vibrante, entraram na apreciação das teses os Srs. Coronel Faure da Rosa, José Cabrita, Eduardo F. Matos, Aires Vaz Raposo e a Sr.ª D. Gertrudes M. Silva. Foram apresentadas várias propostas, tendo o presidente da sessão resolvido que as teses fossem submetidas à apreciação do Conselho Superior Deliberativo da F. E. P.

À noite, sob a presidência do Dr. Carreira de Sousa, foi homenageada a memória do grande benemérito Firmino da Assunção Teixeira e comemorado o aniversário da fundação da F. E. P. Fez o elogio do espírito de Firmino Teixeira e historiou os primeiros passos da F. E. P. o Sr. Coronel Faure da Rosa. Encerrou o Major E. Zuzarte, que falou sobre o ano espirita que findava. Manuel Caetano de Sousa leu uma formosa poesia, intitulada — «Oração do ano que finda».

A F. E. P. está de parabens pelo êxito obtido com estas notáveis sessões.

FALTA DE ESPAÇO

Devido à falta de espaço, fomos obrigados a retirar muitos artigos já paginados, entre eles de Alfredo Miguel, Natálio Ceccarini, F. Noronha, José Simões de Matos, etc., etc., bem como noticiário de valor, que publicaremos no próximo número.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, SETEMBRO DE 1948 — N.º

Redactor **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário **Isidoro Duarte Santos** | Administrador **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

O CULTO DO LIVRO

Não há nada como o livro para difundir a Ideia. Mestre mudo — como lhe chamou Castilho —, guia paciente e resignado, sereno ante louvores ou impropérios, impassível aos maus tratos dos energúmenos, o livro é nascente de água viva se jorrar sobre leiva escaldante, ou estrumeira infecta a exalar toxinas deletérias. É arma de dois gumes, como o Padre António Vieira chamou à língua. Dirigido para o bem, obra maravilhas de conversão; dirigido para o mal, lança o homem no resvaladouro das ruins paixões. Por isso, dizemos: não há nada como o livro para difundir a Ideia.

Todos sabem isto. O jornal é coisa transitória. É impressão de um dia, de um acontecimento. Depois esquece. Não vai para a biblioteca, vai para a mercearia. E assim se perdem grandes lições que, uma vez aproveitadas, redimiriam muitas consciências que mergulharam no abismo onde as transacções morais têm mercado próprio.

Isto veio a-propósito da *obrigação marcante* imposta ao Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas do Brasil e segundo a qual o mesmo incitará a campanha de «livros a mancheias para o espirita estudar».

E nós acrescentamos: não só para o espirita estudar, mas para o profano meditar. O espirita está no caminho. Adquiriu convicção e tudo o que ler deve radicar-lha ainda mais. Mas o profano nada conhece, em regra, de Espiritismo. E influenciado pelo cepticismo da época, não quer ler nesse sentido. É uma renitência incompreensível, talvez porque a palavra ande deturpada, quer pela guerra que lhe movem os materialistas, quer pela ignorância de muitos profitentes da Doutrina.

Em nossa opinião, todas as colectividades espiritas deviam ter uma biblioteca racionalmente organizada e um depósito de livros e folhetos destinados à difusão no mundo profano. Dizemos recionalmente organizada, porque, no geral, as bibliotecas espiritas coleccionam obras exclusivamente apologéticas, quando era do mais elementar bom-senso que adquirissem tudo o que se escreve contra o Espiritismo. Todos os ataques, todas as campanhas, todos os libelos ali deviam ser coleccionados, pois que os argumentos adversos serviriam para reforço de nossa defesa da Causa.

Sabemos de verdadeiras sumidades que tinham ideia errada do Espiritismo e que, depois de ler, a modificaram inteiramente. Nas mesmas condições estão os que nunca leram nem querem ler, porque lhes basta o que lhes disse um amigo, que também não leu, mas que soube tudo através de uma pessoa que lhe merece muita consideração.

O conceito que formamos dos outros não é suficiente para conhecer uma doutrina por seu intermédio. O melhor é ir à fonte, isto é, recorrer ao livro. Ali estão concentrados muitos ensinamentos provenientes de experiências variadíssimas e que nos habilitarão a formar juizo seguro. Vamos ao «mestre mudo», que está sempre disposto a ouvir-nos sem perguntas indiscretas. Se o não compreendermos ou se nos aborrecerem suas opinões sibilinas, pomo-lo de lado. Ele não se zanga por isso. E assim como nós, que já sabemos alguma coisa, aprendemos o que não sabíamos, assim o profano aprenderá.

«Livros a mancheias» sobre a mocidade das escolas, para que os homens de àmanhã evitem caminhos errados ! Quando se estudam diversas teorias, a mentalidade vai-se formando e afeiçoando a uma delas. Nessa altura faz bem um livro espirita, nem que seja por desfastio, como quem fuma um cigarro. E tal como o fumador incipiente se aferra ao uso do cachimbo, assim o incipiente leitor se habitua aos nossos postulados.

A iniciação está feita. O resto virá depois. O resto é a marcha forçada para a conversão.

Muitos leitores, ao ler-nos, estarão a relembrar o seu caso:

— Foi assim mesmo. Primeiro, zombei, com riso de idiota. Depois, a curiosidade mórbida me levou à leitura. Finalmente, surpreendi-me com a seguinte frase: «O Espiritismo é bem maior do que eu julgava !».

Cultivemos o livro entre adeptos sinceros e profanos renitentes. Façamos propaganda judiciosa, tirando o melhor partido do nosso esforço. A Doutrina merece tudo e o nosso dever é difundir a luz que o Alto derrama sobre os eleitos.

S/48

Um Sábio Português Comunicou do Além

pelo Coronel Faure da Rosa

Conta Aksakoff no seu livro *Animisme et Spiritisme* um caso que considera dos mais notáveis produzido em uma das sessões íntimas (a 57.ª em S. Petesburgo), em que tomaram parte, além dele próprio, a cunhada, o enteado e um moço de vinte anos.

Aksakoff improvisou uma prancheta em um folha de cartão que dividiu a meio: numa metade inscreveu o alfabeto russo e na outra o alfabeto francês. Os dois médiuns, sentados em frente um do outro, pousavam a mão direita na prancheta, mão que viria a deslocar-se na respectiva metade e indicar as letras.

Aksakoff observa que antes de começar a experiência com a folha de cartão, os componentes do grupo se habituaram a sentar-se à mesa, primeiramente, a fim de se assegurarem da presença da força oculta. Só recorriam ao cartão a pedido nitidamente formulado pelas pancadas da mesa.

Nessa sessão foi exigido o alfabeto russo. Após algumas frases ditada pelo comunicante, reconheceram que se tratava duma entidade que se manifestara na sessão precedente e se recusara a dar o seu nome.

Depois de ter soletrado algumas frases na língua russa, a prancheta improvisada passou a indicar letras do alfabeto francês.

Aksakoff era quem anotava as letras que lhe iam ditando. As letras nomeadas foram estas :

e m e k h a b a c c h a,

letras que não faziam o menor sentido em francês, com foi observado.

O espírito comunicante replicou que ninquém dissera que era francês e que Aksakoff devia saber-lhe o significado, pois em russo queria dizer «vale de lágrimas» e que quem conhecesse o hebreu podia verificar a exactidão.

A primeira palavra era *emek* proveniente de um doutor, judeu português, de nome Sardovy, do qual Aksakoff nunca ouvira falar. Travou-se então uma longa discussão filosófica.

Aksakoff, que uns trinta anos antes destes trabalhos se ocupara da língua hebraica, consultando um dicionário, verificou que efectivamente *emek habaccha* significa «vale de lágrimas», expressão que se encontra no Velho Testamento uma única vez: no 83.º salmo, versículo 7.º: «Neste vale de lágrimas, no lugar que Deus destinou para si». A única diferença era que a ortografia latina escrevia *habbaca* em vez de *habaccha* em hebraico.

O nome «Sardovy» não foi encontrado em nenhum dos dicionários biográficos consultados.

Tendo recomeçado a sessão experimental, a prancheta soletrou a seguinte mensagem: «procurem no dicionário o nome de B. Cardósio», mensagem que, embora em russo, fora ditada com letras latinas. O comunicante explicou que se tratava de um sábio doutor, muito célebre no seu tempo.

A conversação voltou a versar assuntos filosóficos. Para dar uma ideia da dialética do seu interlocutor, Aksakoff cita algumas das respostas que obteve às suas perguntas.

— Podes-me dizer sob que forma tu existes ? — perguntou Aksakoff.

— A compreensão da essência da forma é precisamente a vossa parte fraca.

— Eu não falo da essência, quero falar da forma.

— Que vem a ser a forma, segundo o vosso entendimento ? — respondeu o espírito comunicante. Para mim, a questão de saber se alguma coisa existe ou se se apresenta sob uma forma qualquer não pode mesmo ser posta, porque a forma é uma representação indispensável quando se trate duma existência.

— Eu não pergunto se tu revestes uma forma, pergunto «qual» é a que tu revestes.

— Portanto, tu queres falar da essência da forma; ora eu acabei de te dizer que a forma não é mais que uma ideia, e tu estavas de acordo comigo.

Aksakoff teve, então, uma discussão animada com o professor Bouteroff que esteve presente áquela sessão. Aksakoff acusava o espírito comunicante de se esquivar a uma resposta directa. A prancheta, nessa altura,

compôs esta frase: «Compreende bem: eu afirmo, primeiro, que a forma é uma ideia. Eu digo ainda que a forma, como ideia, nos é necessária sempre que se trate duma coisa que existe; enfim, tudo o que existe corresponde a ideias que estão em relação com a sua existência, partindo da forma para a ideia, ou melhor — para me exprimir como filósofo — partindo do fenómeno para a ideia». Este extraordinário pensador exprimia-se sempre com um tom irónico, mesmo um pouco desdenhoso. Ele zombava dos esforços que os experimentadores faziam para conseguirem provas de identidade de um espírito; afirmava que tal prova não existia. Nas discussões havidas, ele alcançava sempre o predomínio e os seus interlocutores sentiam-se batidos pela força da sua dialéctica cheia de senso filosófico, e, ao mesmo tempo, com laivos de sarcasmo.

A discussão repetiu-se umas doze vezes e, de cada vez, o comunicante manifestava a esperança de que os seus interlocutores se tornassem mais inteligentes; mas deixou de se manifestar sob o pretexto de que os componentes do grupo não sabiam conversar com ele — no que tinha razão, declara Aksakoff.

No fim da sessão Aksakoff consultou vários dicionários e eis o que encontrou na *Nouvelle Biografie Universelle*, de Didot:

«Cardoso (Fernando), médico português, nascido no princípio do século XVII, falecido na segunda metade do mesmo século. Celorico é a verdadeira pátria deste extraordinário personagem que adquirira grande renome no exercício da sua profissão, em que se distinguiu desde o ano de 1630. Foi para Madrid onde obteve o título de Físico-Mór (médico-chefe). O que houve de verdadeiramente notável na vida deste sábio foi ele ter abandonado a religião cristã, em que fôra educado, para ingressar no judaismo do qual se tornou um ferveroso apóstolo, etc.».

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira diz que Fernando Cardoso era médico, literato e filósofo de família judaica; que nasceu em Celorico da Beira em 1615 e morreu em Verma em 1680. Foi Físico-mór de Filipe IV (III de Portugal), época em que renunciou à nacionalidade portuguesa e continuou em Espanha. Além de Físico-mór, foi médico de câmara do rei e familiar do S.to Ofício, mas perseguido pela Inquisição fugiu para Veneza onde renegou a religião cristã e se converteu ao judaismo mudando o nome par Isaac. Entre as suas obras figuram três tratados de medicina que justificam a sua fama.

Confrontando as duas biografias, noto que dando-o a Grande Enciclopédia nascido em 1615 e apresentando-o o dicionário de Didot como médico distinto desde 1630, era preciso que Fernando Cardoso aos 15 anos de idade merecesse, desde logo, a nomeada que Didot lhe aponta, o que teria sido um prodígio.

Vê-se que os traços característicos e o apelido indicado pelo comunicante do Além são exactos. Apenas o nome próprio por ele dado não começa por um B, mas sim por um F. Vê-se ainda que tendo Fernando Cardoso falecido em 1680 e datando a experiência de Aksakoff de Fevereiro de 1882, a comunicação do Além foi feita mais de duzentos anos após o trespasse daquele sábio.

★

Hartmann — um dos muitos contraditores do Espiritismo — entende que fenómenos deste género se podem explicar por existirem na consciência sonambúlica latente de um dos assistentes, frases de uma língua estrangeira, lidas ou ouvidas em época anterior, frases que, em determinado momento, teriam sido recordadas e captadas pelo médium, o qual, inconscientemente, as comunicava pela escrita mecânica, por pancadas *(raps)* ou pela prancheta.

É certo que o *Salon* de 1885 (n.º 6) publicou um artigo acerca de *A Poesia das Divisas e Provérbios*, onde a epígrafe *Emek habbacha* vinha mencionada e atribuída a Cardoso, «um médico português bem conhecido» e remetendo o leitor para a obra de Wichman, *A Poesia dos Provérbios e Divisas* (1882), obra em que, na página 312, é citada a «única epígrafe hebraica do sábio médico israelita português B. Cardoso: *Emek habbacha*». Ora o livro foi publicado no ano de 1882, no princípio do qual se relizou a experiência de Aksakoff (de 10 a 22 de Fevereiro), e nem o próprio Aksakoff nem nenhum dos assistentes leu tal livro ou nele ouviu falar. Portanto, a explicação de Hartmann não é de aceitar. A querer arredar a hipótese espírita, só resta a inverosímil leitura do livro na página 312 pelo médium em transe.

Mas, porque não admitir que tenha sido o espírito comunicante de Fernando Cardoso que transmitiu o que lera nesse livro? Que os espíritos desencarnados, em certo grau de evolução, podem ler, di-lo uma comunicação do Além recebida por Staiton Moses.

«Eu escrevo o que me lembra — disse a

O Valor Humano do Espiritismo

por Ramos Pereira

Nem só para aquele que, abroquelado na dor, busca à sua volta um ponto de apoio para não sucumbir;

Nem só para aquele que, apavorado diante do espectro da morte, procura sem certeza de que continuará vivendo;

Nem só para aquele que, na ânsia incomensurável de abarcar o infinito no espaço aflitivo do cérebro, vasculha nos dédalos das teorias;

Nem só para aquele que, cansado de rituais pesados de tanto símbolo e tão pouca vida, sonha com uma nova forma de encontrar Deus nos recessos de si mesmo;

Nem só para aquele que, olhando a coorte infindável das misérias terrenas, pretende uma razão satisfatória;

Nem só para esses, tipos abstraídos da massa humana, o Espiritismo é bálsamo fragrante que mitiga a dor, é luz que rasga e afugenta o horror da parca mitológica, é asa poderosa permitindo o pairar seguro nos mais longínquos horizontes, é símbolo tornado vida, é refrigério de lágrima ardente.

Há na essência do Espiritismo um «quê» estranho, um valor que não se compreende mas que se sente, um valor maior que ultrapassa o que nele haja de ciência definida, de filosofia completiva, de moral clara e livre de apriorismos, de religião que é só sentir, Esse valor está em que nele todo o homem se encontra, mas no mesmo instante em que se encontra depara-se logo transcendido, superiorizado, solicitado por uma força irreprimível que o atira para fora de si, rumo ao que se perde nas extremas do horizonte final.

O homem é todo espírito. Tudo ele reduz em termos de espírito, em efeitos de espírito, mesmo quando se enlaça na mais completa e absorvente das linhas materiais. E assim o Espiritismo — labareda desobnubiladora do espírito — sendo uma chamada é uma resposta a todo o homem.

Não especulo, nem canto um salmo, nem pretendo fazer literatura... Tudo isso é ouropel de falsa púrpura que serviria apenas para desfeitear o valor humano do Espiritismo, a Nova Revelação.

O Espiritismo é qual um prisma que ao ser atravessado pela luz branca, dissocia-a num espectro policrómico. Também ele revela na corrente da vida as cores de existência. Coloquemos a figura actual do homem com a complexidade crescente dos seus problemas internos e externos diante desse prisma. A figura refractada é a imagem grotesca de um fantasma queixotesco esgrimindo contra as suas próprias sombras reflectidas no muro enorme da sua inércia. O seu esbracejar faz lembrar o do louco que luta contra si mesmo no espaço angustioso de um colete de tela. E sente-se uma vontade enorme de gritar-lhe: — Pára e olha. Se depois não encontrares o ridículo trágico do teu viver, continua mas não soltes mais queixumes de cão batido.

Poucos têm a coragem de olhar por esse prisma a figura da sua realidade interna. Ah! Mas felizes daqueles que olharam e fi-

---

entidade comunicante — em seguida vou ler mais longe. É preciso fazer um esforço especial para ler. Isto só tem utilidade como elemento de prosa... Nós podemos ler, mas ùnicamente quando as condições sejam boas. Vamos ler ainda mais uma vez, escreveremos o que lermos e, depois, daremos as indicações precisas para encontrar o livro respectivo...».

E o espírito comunicante ditou a seguinte frase lida no décimo primeiro livro de tal prateleira da estante tal: «Pope foi o último grande escritor desta escola de poesia, a poesia da inteligência, ou antes da inteligência combinada com a imaginação...».

Tirado o livro da estante indicada, viu-se que tinha por título *Poesia, Romance* e *Retórica*. A entidade continuou: «Abre o livro a páginas 145 e encontrarás o trecho transcrito».

Staiton Moses afirmou que nunca vira aquele livro; não podia, portanto, ter a menor ideia ao seu conteudo. Mas há mais e de maior precisão no caso da comunicação do médico israelita português Fernando Cardoso: é a conservação filosófica mantida por várias vezes, da qual se verifica a superior cultura da entidade comunicante enunciada com as inconfundíveis características do humor do sábio português.

caram presos e quiseram construir uma nova imagem.

O Espiritismo tem exactamente esse valor derivado de forçar o homem a virar-se sobre si próprio e a encarar a responsabilidade tremenda de se considerar o artífice modelador do barro que é ele mesmo. É duro, é duma realidade esmagadora, mas por isso mesmo absolutamente humano. Não nos dá a ilusão de muletas que caminhem por si; não nos embriaga com incensos de símbolos enganadores; não nos oferece sonhos de opiómano mas... a Realidade real, não passiva de interpretações arbitrárias, não consentânea de escapatórias. Ele diz-nos que não podemos iludir o nosso destino e esse é a figura final que nos espera, o modelo indeformável que temos de preencher.

Oh ! Sim, há nesta Doutrina de pura realidade humana uma beleza que fascina que obriga a caminhar, nem que seja de rastos e sangrando mas a caminhar por nossos próprios meios. Entrega-nos aos espinhos das veredas difíceis, empurra-nos das estradas largas e fáceis porque nessas ninguém conquista loiros que não sequem e pulverizem.

Porque nos afirmamos como homens enquanto não nos pesa o chumbo das responsabilidades e começaremos logo a titubear como a mais tímida das crianças logo que vislumbramos as sombras grotescas da nossa vida ?

Dizendo-nos quem somos, porquê e para que vivemos, mostrando-nos ao vivo os efeitos deploráveis do como vivemos, o Espiritismo faz o papel da hábil educadora que embora arrancando lágrimas ao seu discípulo o força a estar no quarto escuro para lhe provar o que há de absurdo no «papão» dos contos.

Sentir este valor essencial do Espiritismo é ter a coragem de olhar o mundo de hoje como a resultante de erros acumulados por nós mesmos e não como produto de um génio culto e fatal; é vermo-nos como pigmeus mesquinhos, imagem deformada do espiritual gigante que seremos um dia; é dar os primeiros golpes da mais longa e dolorosa luta — a batalha da existência integral; é enfrentar o presente de todas as horas com a certeza insofismável de que ele é a causa de um futuro não distante e o efeito natural de um passado não muito afastado.

O Espiritismo não é só o aspecto aliciante de uma fenomenologia poliédrica; não é só a urdidura perfeita duma teoria que nos aclara caminhos escusos; não é só o travejamento duma filosofia; não é só uma revivescência do postulatório cristão. Este «só» já seria muito, como trabalho de cientistas, de filósofos, de exegetas e de místicos.

O Espiritismo é mais um humanismo eivado duma noção absoluta de dever geral, um cristianíssimo esforço de readaptação a novas formas de viver conducentes a uma fuga dos abismos dessorantes rumo aos plainos do deslumbrante espiritual. O Espiritismo é o lápis que rasga nas telas do futuro um espiraloide indefinido cujo primeiro ponto se encontra nos refolhos do nosso eu actual, é a chave do «segredo duma felicidade perfeita», dessa felicidade ideal tão incansávelmente rebuscada nos mundos criados à nossa volta quando ela existe no mundo interno que os nossos actos criam, por reflexo, na planície fecunda de uma consciência tranquila.

Irmãos, há 100 anos nos mostraram os valores mais objectivos do Espiritismo. É tempo — oh ! sim, é mais que tempo — para queremos sentir esse valor mais alto da doutrina espiritualizante, de nos queremos definidamente no seio da chama que queimará os podres fétidos do cadáver passado para mostrar o corpo incorruptível, ainda que cheio de cicatrizes, do homem do futuro !

O Espiritismo não é renúncia à vida. É, antes, um aferrar-se à vida, não àquela que está constrangida entre os limites do nascer e da morte, mas à vida interminável do Espírito, pensando sempre em que a outra — a terrena — não sendo um fim em si, é um meio para atingir esta.

O Espiritismo obriga-nos a um interesse constante por nós próprios, pela nossa finalidade e como viver é essencialmente co-existir, força-nos a olharmo-nos como partículas elementares constitutivas do momento humano total e que se chama a realidade histórica. Não mais é lícito um fugir do mundo, mesmo com o motivo de ficar rogando a Deus pelos que não podem escapar-se à lei dura do condicionalismo material. A «fuga» de hoje é antes um maior interesse, um interesse constante, um dar de mãos para que a estrada pareça menos longa e menos espinhosa. A «fuga» da vida, a renúncia aos prazeres do mundo dos ascetas medievais é agora a clausura interna de todas as paixões, os cilícios aplicados às tendências negativas, o jejum do pecado moral.

É neste traçado de uma via que principia na «Estrada de Damasco» e culmina no Gólgota — que está — ó Irmãos — o valor humano do Espiritismo.

VÁRIAS NOTAS

por F. Noronha

Um dilecto amigo meu que já, desde anos, leva de vencida os 70 de sua idade, teve, ontem, a gentileza de trazer-me, como brinde, a secção, de título acima, que, pacientemente separara de exemplar do n.º do *Jornal de Noticias,* do Porto, correspondente ao dia 27 do mês findo. Ocupa uma coluna e meia, incompleta, sem assinatura.

O autor abre-a, informando haver-lhe escrito, «velho amigo, espirita praticante, residente há muitos anos em Lisboa, onde exerce um posto de destaque no professorado oficial» extensa epistola, de que transcreve esta passagem interrogativa :

«Sei que não és espirita praticante. Sei muitas ocorrências similares. Li, edificado, certas práticas espiritistas e que as combates, mas isso não obsta a que, como colaborador do *Jornal de Notícias,* te faça esta pregunta: não podias defender na tua secção a realização de um Congresso espirita português ?».

A esta pergunta responde o jornalista, que revela vasta ilustração, espírito ponderado e profundo conhecimento das coisas, com perfeito desassombro e nobre imparcialidade.

Em verdade, nas circunstâncias do caso de que se trata, não registo de memória, muitas ocorrências similares. Li, edificado, a lúcida resposta a que me reporto, nada pobre de argumento lógico, definindo posições com escrupuloso acerto, delicado assomo em toda a linha, sem deficiência erudita de oportunidade e sem deficiência de luva branca na mão de escrita.

Nestes preciosos termos, há sempre equilíbrio de primor docente, lição sugestiva de civilidade e banimento, portanto, de desvios irritantes.

Infelizmente, não é esta a regra geral em determinadas discussões e críticas, descambando por vezes em diatribes contundentes e em gestos grosseiros, aliás volvendo-se contrários àqueles que usam disso ou salpicando-os de lama.

O Espiritismo há sido vítima de malcriados, mas, rigorosamente falando, só estes ficaram enodoados e em plano de vilipêndio.

O responsável da secção *Várias Notas* do *Jornal de Notícias* portuense, fechou assim, a sua interessante resposta ao velho amigo inquiridor:

«O Espiritismo não é já hoje no mundo, uma coisa risível, menos uma coisa sem importância. Milhões de cidadãos no mundo são declaradamente espiritistas. Alguns dos mais autênticos sábios da humanidade dedicam a estas teorias o seu profundo saber e as suas investigações. A mim me não interessa averiguar quem é que combate hoje o Espiritismo. Jornalisticamente só me interessa verificar que tal *doutrina* é um facto — religião ou ciência, pouco importa, e que esse facto chama sobre a sua fenomenologia as atenções do mundo inteiro. Provas de sobrevivência, clarividências, psicologia dos fenómenos de transe, comunicações, curas espantosas, tudo isto tem dado milhares de volumes, discussões formidáveis, ataques e defesas, crentes e descrente, e não é já agora possível negar-lhes interesse. De maneira que, sem por forma alguma *defender* aqui a realização de um Congresso Espirita, respondo ao meu velho amigo que me consulta que não só acho esse Congresso muito interessante, como até necessário, para que entre nós o que anda disperso e sem orientação se junte e tome directrizes de estudo e de observação que me parece não existirem ainda em Portugal».

Absolutamente de acordo com este critério, judicioso e honesto, não resisti ao anelo de torná-lo público, por direito legítimo e razão formal, nas colunas deste notável mensário de especialidade, impondo-se dia a dia e hora a hora, e até, pode afirmar-se fora de exagero, de instante a instante, ao conceito perdurável de todos os leitores esclarecidos e imparciais, não enfermos de precipitação nem cegos de espiritualidade.

Quem sabe se algum dia, afastado ou próximo, o bem atilado e cônscio jornalista de *Várias Notas,* sem intervenção de nenhuma espécie, iluminado subitamente por fenómeno íntimo de evidência inabalável, virá honrar as falanges espiritas !...

Quem adivinharia na pessoa de ferrenhos adversários da ciência espirita, que eles, num amanhã indecifrável, viriam ocupar lugar de de brilhante apostolado, com experiências decisivas, na esfera de Kardec e de Léon Denis !... Como quer que seja, não perde, em sentido algum, valor de mérito provante o depoimento contido nos periodos insertos por transcrição no presente alinhavamento.

Urge, de positivo, em nosso país, a celebração de um Congresso de carácter e natureza espirita.

Não conheço melhor forma de entendi-

«A Nossa Vida Mental»

E EUSAPIA PALADINO

pelo Dr. Carlos Imbassahy

IV

Já vimos a facilidade com que os autores de *A Nossa Vida Mental* resolveram o caso da espantosa mediunidade de Eusápia: — fraudou durante 50 anos!

Ora, durante esses 50 anos em que ela foi exaustivamente examinada pelos maiores e mais escrupulosos sábios do mundo, houve um caso de suspeição, as experiências de Cambridge, e fora disso, acusaram-na de mudança ou «truc» de mãos. Esse o lado negativo. O positivo é o meio século de factos provados e probantes. Aquele lado, porém, foi o que impressionou os Três do livro; daí aos 50 anos de fraude não passou de um pulo.

Quanto ao negócio das mãos, esforçaram-se os experimentadores por tirá-lo a limpo. Declara Richet: — «*Chegámos a demonstrar que o movimento dos objectos à distância era devido a formações adventícias de membros aptos a moverem os objectos*». E descrevendo as sessões: «*Alors qu'on tenait les pieds d'Eusapie... Les mains de Eusapie étaient solidement tenues...*». E Richet continua: — «*A segunda objecção é infantil: diz-se que Eusápia levantava uma de suas mãos. Ora, desde o principio de nossas experiências todos nós pensámos nessa fraude possivel; admitir que durante um quarto de século os 50 eminentes observadores que operaram com Eusápia não se assegurassem que as duas mãos estivessem firmemente presas é de uma asneira* (bétise) *incomensurável.* (Presse Médicale).

Flammarion e outros fazem idênticas observações.

Os fenómenos se apresentavam de tal sorte, que os truques da mão, além de inadmissíveis seriam inuteis. Assim, por exemplo, Flammarion, referindo-se à levitação de uma mesa, descreve: — *Toujours en pleine lumière, um guéridon placé à ma droite, s'avance, sans contact, vers la table, comme s'il voulait grimper sur elle... Aucune explication ne peut être donnée de ce mouvement». Ai têm: um guéridon que, em plena luz, sem que lhe toquem, avança para a mesa, como se quisesse subir por ela.* E o astrónomo não acha explicação para êsse movimento.

Outra asserção dos Três, que contrasta com as declarações dos experimentadores, é a de que Eusápia recusasse a fiscalização. Flammarion, porém, diz textualmente: «*Le contrôle est rigoureusement fait. D'ailleurs le médium s'y prête avec la plus grande docilité*». Pode-se dizer que isto é uma espécie de estribilho nos relatórios.

Resta Cambridge. Levar-nos-ia muito tempo o estudo e a crítica dessas sessões. Fizeram-na em tempo devido os estudiosos. Basta, porém, que se saiba que os próprios acusadores voltaram atrás. As sessões que ante-

---

mento mútuo, que urge, e de aproveitamento de ideologias realizadas, que fortificam e robustecem.

É indubitável que a união faz a força, desde que não haja infiltração de má-fé ou de simples cálculo interesseiro.

E estou convencido, absolutamente, de que uma vez lançada a ideia de um Congresso Espirita Nacional, que, individualmente, considero de urgência prática indispensável, essa ideia encontrará eco em todos os ânimos dos seus iniciados e participantes. Representa personalidade jurídica de cada um e de conjunto, perante a unção de consciência e sem ofensa ou quebra de disciplina e acatamento, a principios de ordem social e de suprema dirigência.

Importa que o Espiritismo dê conta de si próprio onde é lícito e aconselhável que o faça devidamente, na atitude de paz e amor que lhe são inerentes e o dignificam.

Eis motivos irrefutáveis, que justificam o imperativo do Congresso, altamente desejável, e para ele impelem boas vontades e convicções serenas.

Dele deverá provir, se elevadamente orientado, a eloquente e deslumbradora prova de que o Congresso é, com efeito, a paz.

cederam e precederam as de Cambridge nunca deixaram sombra de dúvida entre os mais meticulosos. Veja-se Botazzi: — «*Em nossas sessões nunca houve embuste nem fraude. Posso afirmá-lo solenemente,* em *absoluta certeza, e em nome de todos os assistentes*». *(Fenomeni Medianici. 1909)*. Vejam-se outros. Mas onde iriamos com as citações !...

A fim de pôr um ponto final nas incertezas, a *Society for Psychical Research,* de Londres, nomeou uma austera comissão, composta de seus mais eminentes membros, cépticos, mas honestos, os quais, além de seu valor moral e intelectual, possuiam, ainda, a habilidade de prestidigitadores consumados. Eram êles o Dr. Hereward Carrington, «*distinguished American psychical investigator*», conhecido mágico, e que, por várias vezes, desmacarara truques; notável por suas obras. No seu livro — *Eusapia Paladino and her Phenomena,* o pessimista declara: «*My own sittings convinced me finally and conclusively that genuine phenomena occur*». Isto é, «as minhas próprias sessões convenceram-me, finalmente e conclusivamente, da realidade dos fenómenos».

Outro membro foi o Hon. *(henourable)* Everard Feilding. Ele próprio dizia: «*Quanto a mim, embora não seja prestidigitador, recebi uma educação completa entre médiuns fraudadores, e minha ininterrupta experiência me pôs em estado de cepticismo*». Chegou, mesmo, a publicar um livro intitulado *Fenómenos Físicos do Espiritismo* onde dizia que, a seu ver, nada ali havia de autêntico.

O terceiro membro era Baggaly, como os outros dois, prestidigitador, céptico e familiarizado com os embusteiros. Tal era a Comissão.

Começaram por tomar as mais detalhadas precauções. Procuraram um estenógrafo; colocavam-se por forma que Eusápia lhes estava sempre à vista; nunca perderam o controlo das mãos e pés da médium; as sessões se faziam no gabinete praticular de Fielding; a médium era examinada antes, durante e depois das sessões. Do teto pendiam 4 lampadas eléctricas de graduação diversa; a luz vermelha era constante; raríssimas as sessões no escuro e estas foram as de menor rendimento. Em geral, a médium ficava apenas com a comissão.

Muitos fenómenos não deixaram a menor dúvida; assim, uma táboa untada com greda; esta foi vista claramente a flutuar no espaço, passeou de um lado para outro, até que caiu. Não houve indício de fraude. Eles passavam a mão em torno dos objectos levitados e só encontravam o vazio. Enfim, convencidos «de que as *provas eram de inabalável solidez*» apresentaram à Sociedade o seu relatório, que foi publicado em um volume inteiro dos *Proceedings*. A matéria é aí longamente tratada com a descrição minuciosa da sala, dos fenómenos, do material aplicado, da fiscalização, de todos os artifícios empregados para apanhar qualquer embuste. A médium se prestara a todas as exigências. Finalmente, o resultado: — certeza completa da realidade supranormal dos factos verificados. Há um resumo desse trabalho, notável e concludente, nos *Annales des Sciences Psychiques,* Paris, Setembro de 1909, com o título—*Compte rendu de la Commission chargée par la Society for Psychical Research d'une série d'expériences avec Eusapia Paladino.*

Entretanto, depois de um acervo imenso de provas, de uma literatura prodigiosa, dos pareceres dos mais eminentes vultos da ciência europeia e americana, dos relatórios das mais escrupulosas comissões, do exame de prestidigitadores, os Três sábios do livro, em meia dúzia de linhas, fulminaram os 50 anos de experiências: tudo fraude !

Façamos ponto final. Muito haveria ainda que dizer, porém não nos é possível monopolizar as páginas desta revista. O que aí fica, porém, já basta para dar uma ideia da imparcialidade, da probidade científica, dos conhecimentos que apresentam os ilustres autores de *A Nossa Vida Mental.*

Comunicação com o Além

Um sábio inglês especialista de investigações cósmicas baseadas no emprego do radar *calcula que em pouco tempo poderemos entrar em ligação e pormenorizar o mundo espiritual, por meio de aparelhos modernos de rádio.*

Os investigadores aceitam a hipótese perfeitamente lógica, segundo a qual o mundo dos espíritos consiste em vibrações de comprimento de onda mais curto do que os raios ultravioletas.

As primeiras experiências realizadas neste sentido foram auspiciosas. A maior dificuldade resida no facto do comprimento de onda do além ser ainda desconhecido.

(Psychic-News, *de 15-2-947)*

SANTIDADE DE ESPÍRITO

(Tradução de I. D. S.)

por Natálio Ceccarini (F.)

Natálio Ceccarini, cuja fotogravura acompanha este artigo, é um dos melhores amigos de Estudos Psíquicos. *Há muito que nos envia a sua colaboração, sempre lida com prazer, quer pela forma, quer pelos ensinamentos e elevação dos conceitos.*

Antigo director de La Idea, *de Buenos Aires, e cultor da língua portuguesa, é um dos orientadores do Espiritismo na Argentina e dedica agora os seus labores à Biblioteca Francisco Barranquero e ao boletim* Progreso Espirita, *da referida instituição.*

Embora tenha o curso de química industrial, não exerce a profissão. Dedica-se ao Comércio e às actividades espiritas. Por ocasião do 1.º Centenário do Espiritismo, falou em Rosário, numa grande reunião a que assistiram milhares de pessoas, crentes e descrentes.

Dotado de penetação psicológica tão grande como o bom-senso que o distingue entre muitos confrades de relevo, Natálio Ceccarini será um elemento positivo nesta tribuna de valores morais e mentais que defendem a Causa. Para ele, vai o nosso abraço de apreço e gratidão.

NATÁLIO CECCARINI (F.)

A humanidade tem sido sempre assistida por grandes jerarquias espirituais que cumprem desígnios da Providência. Esta assistência manifestou-se e manifesta-se através dos diversos Mestres e Reformadores aparecidos em diferentes latitudes do globo, à frente de vários grupos raciais e exprimindo-se em línguas particulares; mas todos eles, em certo momento, disseram a sua Verdade ao homem e lhe traçaram a senda da perfeição.

Chame-se Zoroastro com sua religião do Bem ou do Mal; chame-se Buda com a sua doutrina da santidade; chame-se Jesus com seu evangelho de amor; chame-se Kardec com sua codificação da revelação do mundo invisível; e tanto, tntos outros que, na sucessão dos séculos e civilizações, trouxeram a palavra de luz guiadora, todos eles nada mais fizeram que procurar a felicidade do ser e garantir-lhe o progresso, usando de meios próprios e recebidos do Alto, todos conducentes ao encontro e amor do Pai ou Causa Suprema: DEUS.

Se o iluminado persa, da mesma forma que os profetas de Israel, recebeu da Divindade toda a verdade e toda a lei e assinalou a luta permanente entre o Bem e o Mal, criando uma doutrina salvadora de notável semelhança com a cristã; se o Buda, o príncipe chátria que abandonou todos os privilégios, pregou princípios de renúncia e virtude e a quintessência da pureza para alcançar o estado de santidade espiritual que superasse a dor e colocasse o homem no caminho do conhecimento e da paz; se Jesus, em vida abnegada e de sacerdócio ensinou o reino de Deus e com sacrifício procurou redimir a humanidade de seus erros, colimando a serenidade de coração e a perfeição da alma, cingindo o seu excelso evangelho na fórmula de amar ao próximo como a si mesmo; se Kardec, verdadeiro iniciado e eleito pelos mensageiros do Alto para receber a Mensagem do Invisível, asseverou que o autêntico espirita se conhece pela sua transformação moral, chegamos à certeza de que a presença da Vontade Divina se exerce através de tão sublimes intermediários e temos a prova incontestável de que muitos foram os eleitos

para proclamar e ensinar a Verdade e muitos são também os caminhos que a ela conduzem.

Mas no que têm concordado todos os grandes Mestres, ainda que para chegar ao conhecimento de Deus tenham seguido vias diferentes e formas mentais diversas para a compreensão da verdade, é no rumo iniludível para alcançar a visão do Pai, é na transição indispensável do interno na sua ascensão evolutiva: *a purificação espiritual.*

Só quem se transforme moralmente, como Kardec afirma; quem seja discípulo do Bem, como Zoroastro predicara; quem ame em verdade, como Jesus ensinara e exemplificara; quem seja puro, como Sidarta Gautama inculcara, alcançará essa felicidade, esse estado de pureza de alma. Só então terá conquistado a santidade do espírito.

///

A vida e as sociedades humanas, no seu eterno devenir, têm produzido santos e heróis, mestres e reformadores. Cada um na sua esfera cumprirá uma vontade, um designio da Providência.

Na sua fortaleza moral e mental e no tocante ao apego do terreno, o santo é exemplo vivo de pureza e virtude; e com esse estado de bondade, alegria e felicidade que possui, torna-se luz orientadora da sociedade para o amor e a harmonia generosa entre os indivíduos, promovendo paz espiritual, benevolência e doçura em todos os corações.

Na sua vontade indomável e na sua decisão de bem, o heroi supera sacrifícios e vence obstáculos que se lhe interponham; assim, os seus triunfos são conquistas na evolução incessante dos povos. É o instrumento em que a vontade de Deus se manifesta, na sua determinação de impulsionar o progresso.

O Mestre, na sua condição de artífice da alma e da mente do homem, vai transformando este em elemento útil, solidário, amoroso, criador, habilitando-o para o serviço de abnegação em seu benefício e dos outros, que é executar os planos da Divindade. E o reformador, na sua visão de conjunto, no seu espírito já preparado para cumprir alta missão no planeta, é produto e intérprete de «karmas» espirituais e directrizes ocultas que levarão os povos à emancipação de erros, através de sendas de luz e de progresso.

O santo e o heroi, o mestre e o reformador, se forem verdadeiros, agirão dentro de tão augusta finalidade e serão intermediários entre o Celestial e o Terreno. De falsos apóstolos e falsos profetas deverá afastar-se o homem, já que pelo fruto de suas acções serão conhecidos.

Todos reunem condições de grandeza, sacrifício e glorificação, no campo que lhes foi marcado para trabalhar na sua perfeição espiritual e na do próximo. Todos são intérpretes e servidores da obra do Criador. Como discípulos dessa Verdade transmitida pelo mundo invisível à humanidade através dos veículos mediúnicos, ansiosos de corresponder à imensa luz que iluminou o nosso espírito, é de desejar ter algo de santo, de heroi, de mestre e de reformador. Mas acima de tudo, deve estar o nosso fervoroso anelo da santidade de espírito.

///

Supere cada adepto da terceira revelação a afirmativa kardeciana de transformar-se moralmente e procure chegar mais longe: alcançar a *santidade de espírito.* Não busque uma santidade ascética ou estática, longe do mundo barulhento e dolorido, mas uma santidade activa que irradie o exemplo vivo de suas virtudes e de seu infinito amor, com o fim de influenciar o progresso moral do homem e colocar-lhe um bálsamo de paz e amor no coração.

Para poder cingir a corôa desta santidade, o espirita tem de *purificar-se* através de fé pura, de vontade pura, de palavra pura, de acção pura, de intenção pura, de pensamento puro e de meditação pura, ou sejam as mesmas oito fases da perfeição espiritual predicadas pelo Buda no longínquo Oriente; a mesma purificação exposta pelo meigo Nazareno nos caminhos da Judeia.

Enquanto o homem não se afastar da luxuria e das baixas paixões; não se desprender do egoísmo e das intenções túrbidas; não se despojar de ódios e rancores; não se colocar acima do pessoal e do transitório; não se despegar do material e do vácuo; não se aliviar do jugo que se impôs a si próprio; não albergar sentimentos e pensamentos de amor no seu coração e na sua mente e não for ao encontro do próximo, a quem reconhecerá seu irmão, estará muito longe de vislumbrar sequer esse estado de santidade para a sua alma.

Enquanto o homem não sentir a dor alheia e renunciar ao que constitua seu bem material ou represente sua felicidade terrena; en-

quanto não amar o próximo como a si mesmo e não desejar aos outros o que desejaria para si, não terá visão nem consciência do Deus de todos e não poderá sentir-se uno na totalidade.

Quando tiver visto a Luz e proceder e sentir em contrário, descubrirá todos os formosos caminhos que conduzem à realidade, reconhecerá todos os grandes Mestres e Reformadores pelo Pai enviados para progresso e compreensão do homem, e sentir-se-á uno com eles e com Ele num acto de amor. E imediatamente iniciará a marcha pela senda da pureza e conquistará a santidade de espírito.

///

Uma vez adquirida essa santidade, a sua palavra exprimirá pureza e a sua voz só pureza acenderá nas almas. A sua Fé será a fé de todos, universal e amorosa, e encherá todos os âmbitos de esperança e pureza. A sua Vontade estará ùnicamente ao serviço do Bem, será esforço de Pureza para fazer nascer pureza em todos os corações e todo o acto que exerça será um caudal de pureza. A sua Acção de pureza será caridade vivida e sentida profundamente; será caridade real do espírito que se funde com o espírito que dela necessita; caridade que será amor e virtude e água fresca que acalmará as angústias, cicatrizará as feridas e deixará só purez onde a sua acção se manifeste. A sua Vida de pureza será expressão e evidência de Deus no seu amor por todos os seus filhos. A sua Intenção de pureza será o único guia de seus pensamentos e embelezará tudo quanto existe; intenção recta, elevada e pura, que abaterá todos os propósitos que magoem o coração do semelhante. O seu Pensamento de pureza, em virtude de sua mente estar iluminada pela verdade e apoiada num coração suave, manso e amoroso, trará ideias nobres e tocadas de pureza para enobrecimento e depuração da vida e dos costumes. A sua Meditação cumprida na Pureza do que antecede, será verdadeira filtração de seus pensamentos e segura preparação espiritual para realizar o seu destino de santificação do planeta. Achará na meditação toda a força moral e todo espírito de sacrifício e abnegação para desenvolver a luta necessária na paixão do bem que o impulsiona, ainda que sucumba. Mas a sua luta será suave, sem ódio, nem sangue, nem extermínio. Será água fresca que limpará de si o que pretender empanar a sua pureza.

///

Esta santidade de espírito ambicione e procure o adepto da verdade espiritual, posto que a tenha bebido no manancial puro dos ensinamentos eternos, através da mensagem mediúnica. Santidade que não terá de ser alcançada à custa de mortificações corporais, ou fugindo à vida, refugiando-se ascèticamente longe do mundo, ou cobrindo o corpo com hábitos de qualquer côr. Não! Pelo contrário! Muitas são as formas da dor humana que farão sofrer o seu espírito, quando este vibre em uníssono consigo e sinta em si o verdadeiro amor. Tal santidade será adquirida, quando vença desejo, cólera e malícia, quando na sua alma, tenha morrido todo o ódio, toda a inveja, todo o engano. Quando se tenha purificado pelo conhecimento da Luz, pela força da Fé, pela virtude do Amor. Quando o espírito compreenda que se deve à humanidade e que o padecer dela seja o seu próprio padecer, e se converta em heroi que batalhe por salvá-la, ou em mestre que lhe ensine a verdade, ou em reformador que procure resgatá-la do erro e do sofrimento e conduzi-la pelo caminho da iluminação, santificando-se estará o seu espírito. Quando descer à lama e se enlodar, para, com sua pureza, fazer brotar em si uma branca flor; quando penetrar nos antros onde se elabora o ódio, o mal e a guerra, e com sua pureza destruir as maquinações e transformar almas e coisas em focos de bem e de paz; quando for ao encontro da miséria e se cobrir com ela e a sobrelevar em sua pureza, fazendo brilhar a esperança onde a não havia, e levando abundância onde tudo faltava; quando esgotar até às fezes a amargura do semelhante, como se fosse sua, deixando em seu lugar sossego e consolo espiritual.

Em busca desse estado de alma muitos são os caminhos para chegar e estão traçados em toda a parte, areias, vales, montanhas, planícies e águas da terra; estão ocultos no fundo de todas as crenças verdadeiras e foram presentes nos lábios de todos os Mestres e Reformadores da humanidade. E agora, por desígnios do Divino que se manifesta em todos os idiomas e se estende em todos os quadrantes do globo por intermédio dos sensitivos de todas as raças, esse CAMINHO está novamente traçado na MENSAGEM TRANSCENDENTAL do MEDIÚNICO.

A palavra de Amor, de Verdade e de Luz, como se corresse por milhões de canais, desce

«LUZ NO CAMINHO»
NA CRITICA DOS OUTROS..

Continuamos a inserir opiniões da crítica luso-brasileira ao livro LUZ NO CAMINHO, da autoria de Isidoro Duarte Santos, director de *Estudos Psíquicos*, para a história da bibliografia espirita e para que os leitores possam avaliar o mérito da obra.

LUZ NO CAMINHO — por Isidoro Duarte Santos — *Estudos Psíquicos Editora*, Lisboa.

Ilustre confrade, dos mais cultos, para quem o Espiritismo é mais uma ciência experimental do que doutrina cristã, por isso mesmo, tanto mais se alheia dos estudos evangélicos à luz do Espiritismo, quanto mais se agarra aos fenómenos mediúnicos, disse-nos, certa vez, algo parecido com isto:

— Não aceito o espiritismo cristão.

Se formos meter evangelho em todos os actos espiritas, dentro em breve teremos uma seita protestante a mais: o protestantismo espirita.

E prosseguiu, observador, a citar instituições e confrades que, para sua observação, lógica, aliás, tanto mais agarrados aos estudos evangélicos, quanto mais errados dentro do Evangelho, porque intolerantes, exclusivistas, desfraternos, pretenciosos.

Tem razão no que toca à observação feita a respeito dos confrades e instituições de nosso conhecimento.

Mas discordamos dele no restante. E argumentámos, de nossa parte:

— Em que parte do mundo está o Espiritismo mais difundido? Apresenta maior cópia de instituições de estudos e amparo social? Obras de carácter doutrinário e humanitário? Empresas editoras, publicações espiritas e trabalhos de propaganda? No Brasil, claro. E é no Brasil onde se faz menos espiritismo experimental e científico. Logo, seu desenvolvimento decorre, para nós, do carácter evangélico-cristão da Doutrina entre nós. E olhe que o interesse do espirita brasileiro, quer instituição, quer indivíduo, ainda não passou de seu primeiro estágio evangélico.

Ele não compreendeu a advertência.

Nem compreenderá o leitor sem a devida explicação.

Expliquemo-nos:

Estudar o Evangelho, apenas, pelo dever ou prazer de estudá-lo, eis o primeiro estágio. Estudam-no todos os nomes e instituições citados pelo confrade ilustre, servindo isso, apenas, para aumentar, às vezes, suas responsabilidades dentro da Doutrina, se não ascenderem ao outro estágio: compreender o que estudam, interpretá-lo direitinho. Mas é pouco, ainda, compreendê-lo sòmente. É preciso senti-lo, provando-o por sua transformação geral, a exemplos e actos. Eis o terceiro estágio. O quarto estágio: praticá-lo, vivê-lo a obras e factos, que só pelas obras é que o Mestre Divino conhece seus discípulos. Mormente a obras de caridade e exemplos de tolerância e renuncia, de amor e confraternização...

Convenhamos que o Evangelho não é de fácil interpretação.

É livro que não se lê duas vezes — para os que o lêem meditando — sentindo-o e interpretando-o, do mesmo jeito.

Ora, qualquer obra que nos auxilie a interpretar o Grande Livro, com clareza, lógica e persuasão, mormente quando se sabe que seu autor se esforça para — ó coisa difícil e rara! — viver em actos e exemplos o que interpreta e ensina; qualquer obra assim, tem de nós, por exemplo, toda a acolhida e importância; deve ter da parte de todo estudioso das letras santas, importância e acolhida maiores.

É este o caso do LUZ NO CAMINHO, de Isidoro Duarte Santos, que acabamos de ler. E de reler algumas interpretações e páginas. Edição da ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA, que prima, cada vez mais e sempre, em editar livros substanciosos e oportunissimos. São 346 páginas compactas, de trabalho gràficamente bem apresentado, com 82 estudos sintéticos, que se lêem e relêem com crescente prazer, aprendendo-se. É livro que se abre, ao acaso, para que se leia, ao acaso, uma página de ouro. Mas de ouro de lei da melhor interpretação evangélica, do mais fino gosto literário, da maior vernaculidade. De nós, por exemplo, antes da leitura metodizada, abrimo-lo ao acaso. Saiu-nos o capítulo IDE E PREGAI. Lemo-lo e relemo-lo, talvez por ser coisa das que mais gostámos na Doutrina, em combate ao nosso comodismo, e procurando, embora imperfeitamente, imitar os vultos que, na história do Cristianismo e do Espiritismo, como, depois do Cristo e dos apóstolos, Paulo e Allan Kardec, saíam a pregar, a despeito de seus muitos afazeres. Se pudéssemos, transportaríamos para aqui todo o capítulo. Não que se trate de novidades. Mas de coisas que precisam de ser repetidas, num clamor sem cessar, no propósito de despertar tanto espirita de criminosa e cómoda modorra. Trata-se de uma página, como, de resto, as páginas todas do precioso volume, a pedir, num exame de Doutrina, por seu valor doutrinário e por sua leveza de estilo, por sua lógica e suavidade de linguagem, grau 100. Quando se cogitar, em Portugal ou no Brasil,

---

para a terra através dessas antenas mediúnicas dos novos eleitos do Pai — os médiuns — e é recebida em todos os recintos do Bem e pronunciada na multiplicidade de línguas que caracterizam o homem. Palavra de Deus que encera a virtude de conduzir-nos para Ele e fazer-nos compreender o sentido da vida, ao mesmo tempo que é rumo em nossa ascensão espiritual.

Como beneficiários desta PALAVRA, qual servidores fieis e abnegados da revelação do mundo invisível, aspiremos a ser um desses instrumentos da perfeição do homem: heroi, mestre ou santo. E no propósito de chegar a ser o que foram os grandes Instrutores que reuniram em si o heroi, o mestre, o reformador e o santo, procuremos primeiramente a *santidade de espírito*.

de uma antologia espirita, luso-brasileira, para estudo de jovens e crianças que já se acotovelam nas escolas dos centros e em núcleos juvenis, será com dificuldade que se escolherá no grande LUZ NO CAMINHO, qual a página para a antologia...

Lamentamos ficar por aqui, sem espaço para citar e comentar, de vez que se trata, efectivamente, de volume primoroso, que é, sem favor nenhum, o que de melhor já se publicou, em livro, na espécie. *(Da «Revista Internacional do Espiritismo», de Matão, Brasil, em Crítica de Leopoldo Machado).*

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.* Estudos Psíquicos Editora. 346 pág. Lisboa. 1947.

Fruto da inspirada pena de Isidoro Duarte Santos director da interessante revista *Estudos Psíquicos*, é este livro, que acaba de publicar-se e que chega a todos os espíritos ansiosos de verdade e de fé, como manancial fresco e purissimo, oferecendo em suas águas cristalinas os ensinamentos redentores da Doutrina Espirita.

LUZ NO CAMINHO é, verdadeiramente, o que o seu nome indica: uma luz radiante para esse peregrino da vida que é o homem; luz que ilumina o caminho do ser na sua realização terrena, em busca da perfeição espiritual.

Contém este valioso volume a exégese de muitíssimos passos do excelso Mestre Jesus, na sua elevada missão de resgatar a humanidade do erro e levá-la a compreender o reino de Deus e sua finalidade espiritual; exégese do Evangelho realizada através dos princípios e fundamentos do Espiritismo, cumprindo assim o que esta doutrina do mundo invisível realiza com todos os legados dos grandes instrutores da humanidade: esclarecer os ensinos que eles nos transmitiram.

É assim que muitas parábolas do doce Nazareno encontram no Espiritismo a iluminação de que careciam até essa altura; e alguns passos que permaneceram obscuros ou que se interpretaram erròneamente encontraram na doutrina dos Espíritos a chave que os elucidou e tornou compreensíveis.

E na pena de Isidoro Duarte Santos o Evangelho tem frescura nova e uma forma de aplicação que convida a segui-la. É que o autor vê Jesus, sua vida e sua obra, através da luz do Espiritismo que lhe faz compreender a grandeza da missão cumprida por tão excelso espírito e descobrir o caminho que libertará a sociedade humana de tantos erros e tanta perversão moral e a conduzirá à realização dos desígnios divinos.

Duarte Santos não nos fala de um Espiritismo Cristão; só menciona o Espiritismo, como função redentora e de esclarecimento do homem. E na sua feição de idealista e estudioso e seguidor da luminosa escola de Jesus, serve-se da doutrina do Pregador de Israel, para escudar o homem no conhecimento da verdade e libertá-lo da ignorância e do egoismo. Diz ele: «Porque escrevi este livro? Para que os homens se afastem do barranco que leva à perdição...» Esta é a linha mantida neste formoso livro, verdadeira análise evangélica à luz do Espiritismo. E a grande verdade é esta: O Cristianismo adquire maior grandeza, justamente quando interpretado através dos ensinamenos revelados ao homem pelo mundo invisível.

«Luz no Caminho» é generosa e positiva contribuição para o despertar espiritual dos povos, e o seu autor alcança o propósito inspirador do seu elevado intento.

(Do *Progreso Espirita*, de Buenos Aires)

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

«Envio-lhe os meus amplexos de profunda solidariedade pelo esplendor de sua obra «Luz no Caminho». Só agora tive tempo suficiente para o começar a ler, e confesso que, não chegando ainda à metade, estou realmente deslumbrado pela maneira como o seu coração, sentindo as iluminadas lições de Jesus, soube interpretá-las e transmitir a nós outros tão alta compreensão daquele manancial de vida eterna.

Muito se tem escrito acerca das lições evangélicas, em torno dos Evangelhos; porém raramente o autor tem sabido sentir, em sua sublimidade, o concerto altíssimo das lições eternas da eterna Verdade. Pois bem, meu amigo, a sua alma cantou, como harpa encantada, enamorada da profunda espiritualidade, os acordes suaves e meigos do suave e meigo Jesus de Nazaré. As suas páginas são lições para sempre e temas vivos para palestras diárias. Vou meditar bastante em seus capítulos e subscrever as suas considerações, porquanto, propagando a verdade espirita, nós, os adeptos do Espiritismo, não devemos receber as inspirações do Alto e retê-las para nosso uso egoístico. Transmitirei, pois, as suas lições magistrais, em palestras, lembrando aos amigos o verdadeiro autor de tão nobres e elevados conceitos. Meus parabens e meus amplexos de felicidade».

(De uma carta do Dr. Jaime Monteiro de Barros, «leader» do Espiritismo em Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo).

LUZ NO CAMINHO, por *Isidoro Duarte Santos.*

O ilustre oficial de marinha, Sr. 1.º Tenente Isidoro Duarte Santos está a desempenhar um meritório papel na propaganda neo-esperitualista.

Ainda há bem pouco tempo ele nos deu uma magnífica tradução do livro do professor inglês William Barrett, «Nos Umbrais do Além», editado por *Estudos Psíquicos Editora*, que mereceu os mais lisonjeiros encómios da crítica, e já outra obra notável ele nos oferece, a qual vem, de certo modo, enriquecer a já vasta bibliografia espiritista.

«Luz no Caminho» assim se intitula o livro em questão, é um grosso volume com 346 páginas, contendo uma variada colectânea de considerações produzidas pelo autor, bordadas acerca de alguns versículos dos Evangelhos, magnificamente desenvolvidos e explanados.

É um trabalho recomendável pela qualidade de despertar nos indivíduos estudiosos uma auto-interpretação dos Evangelhos e que todos os dirigentes de grupos de trabalhos experimentais deviam usar nas suas sessões de doutrinação.

Trata-se, na verdade, de um belo livro de grande projecção doutrinária, com os seus oitenta e um versículos magnificamente estudados pelo ilustre autor, à luz do Espiritismo, e escrito com tanta sinceridade e pureza de expressão, que encanta quem o lê.

Já conhecíamos o Tenente Isidoro Duarte Santos como jornalista de rara tempera e polemista de garra. Em «Luz no Caminho» revela-nos a fina sensibilidade de um escritor de largo futuro, especialmente naquele magnífico «Exórdio», cujo estilo afirma talento e grande poder de expressão.

O autor dedica este livro magnífico a sua esposa, D. Maria Gonçalves Duarte Santos, sua dedicada colaboradora em «Estudos Psíquicos», revista neo-espiritualista de grande expansão em Portugal e no Brasil.

A edição está bem apresentada e a capa é deveras sugestiva. — *J. Camilo.* (De *Além*, do Porto)

SE...

(Equivalência, em verso português, do poema «IF» de RUDYARD KIPLING)

Se podes conservar o teu bom senso e a calma,
Num mundo a delirar, p'ra quem o louco és tu;
Se podes crer em ti, com toda a força d'alma,
Quando ninguém te crê; se vais, faminto e nú,
Trilhando sem revolta um rumo solitário;
Se à torva intolerância, à negra incompreensão
Tu podes responder, subindo o teu Calvário,
Com lágrimas d'amor e bençãos de perdão;

Se podes dizer bem de quem te calunia;
Se dás ternura em troca aos que te dão rancor,
Mas sem a afectação dum santo que oficia,
Nem pretensões de sábio a dar lições de amor;
Se podes esperar sem fatigar a esp'rança;
Sonhar, mas conservar-te acima do teu sonho;
Fazer do Pensamento um Arco de Aliança,
Entre o clarão do inferno e a luz do céu risonho;

Se podes encarar, com indiferença igual,
O Triunfo e a Derrota — eternos impostores;
Se podes ver o Bem oculto em todo o mal
E resignar, sorrindo, o amor dos teus amores;
Se podes resistir à raiva ou à vergonha
de ver envenenar as frases que disseste
E que um velhaco emprega, eivadas de peçonha,
Com falsas intenções que tu jámais lhe deste;

Se és homem p'ra arriscar todos os teus haveres
Num lance corajoso, alheio ao resultado
E calando em ti mesmo a mágoa de perderes
Voltas a palmilhar todo o caminho andado;
Se podes ver por terra as obras que fizeste,
Vaiadas por malsins, desorientando o povo,
E sem dizer palavra, e sem um termo agreste
Tu voltas ao princípio, a construir de novo;

Se podes obrigar o coração e os músculos
A renovar o esforço, há muito vacilante,
Quando já no teu corpo, afogado em crepúsculos,
Só existe a Vontade a comandar «Avante!»;
Se, vivendo entre o povo, és virtuoso e nobre
Ou vivendo entre os reis, conservas a humildade;
Se inimigo ou amigo, o poderoso e o pobre
São iguais para ti, à luz da Eternidade;

Se quem conta contigo encontra mais que a conta;
Se podes empregar os sessenta segundos
Dum minuto que passa, em obra de tal monta
Que o minuto se espraie em séculos fecundos;
Então, ó Ser sublime, o mundo inteiro é teu!
Já dominaste os reis, os tempos e os espaços;
Mas, inda para além, um novo sol rompeu,
Abrindo um infinito ao rumo dos teus passos;

Pairando numa esfera acima deste plano,
Sem recear jámais que os erros te retomem,
Quando já nada houver em ti que seja humano,
Alegra-te, meu filho, então serás um HOMEM.

FÉLIX BERMUDES

O Jôgo das Hipóteses

por Henrique Magalhães

Vosso jogo de hipóteses, na maioria das circunstâncias, não passa de dança macabra de raciocínios, fugindo às realidades universais e adiando indefinidamente a edificação real do espírito.

Alexandre, mentor espiritual (Do livro «Missionários da Luz», pelo Espírito de André Luis).

Os académicos da Terra, em sua quase generalidade, quando falam dos fenómenos do espírito tomam-nos por hipóteses. E não são os piores, porque outros há que negam, *a priori*, toda e qualquer manifestação espiritica.

Surge um fenómeno de transporte? — É hipótese, mesmo que o vejam com os próprios olhos.

Materializa-se um espírito? — É hipótese, a pesar de o auscultarem, medirem e pesarem.

Moldam-se pés, mãos e bustos em parafina? — É hipótese, não importa que o fenómeno se processe sob perfeito contrôlo. O facto é que foge ao inabitual, logo é hipótese.

Um espírito, também chamado fantasma, joga pedras, arrasta móveis, põe uma casa em alvoroço? — É hipótese, não obstante provar-se que nenhum mortal tomou parte na brincadeira.

Falam os espíritos em voz directa? — É hipótese, nem que a voz seja absolutamente semelhante à do tal homem que viveu entre nós.

Vem uma mensagem do Além, com todas as características do desencarnado, comprovando a sua individualidade com segredos só do conhecimento dele e da pessoa a quem se dirige? — É hipótese. É simples caso de telepatia.

E não há nada que demova essa gente. E com o jogo das hipóteses ou dança macabra dos raciocínios — difinição de Alexandre — continuam tais sábios a fazer também o jogo macabro dos erros, com suas consequências funestas entre os viventes. Pobres seres! A sua ciência, ao que parece, atrofiou-lhes as faculdades sensoriais e a inteligência. Contraste doloroso! Ou então, são cientistas de nome, não de facto.

Em verdade, há homens cultos que são toupeiras e homens ignorantes (quanto à ciência terrena) que são verdadeiros luminares.

N.º 21
SETEMBRO
1 9 4 8

Página Organizada por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos :

A nossa página, meus meninos, tem merecido sempre a nossa melhor atenção, não só variando-a, como procurando aumentar os vossos conhecimentos.

Como, porém, já não temos a vossa idade, não sabemos por vezes avaliar o que mais vos agradará.

Eis porque todas as vossas sugestões são bem recebidas e tomadas em consideração.

Escrevei, que sereis muito agradáveis à vossa irmã mais velha

Kylas

★

O CORPO

As injecções

Antigamente, havia dois processos de curar: ou tomando remédios ou aplicando certos ingredientes externamente, isto é, pela parte de fora do corpo, não contando, é claro, com as inalações.

Actualmente, tal não acontece, sendo até de grande uso um outro processo de cura — as injecções.

Já todos os meus meninos, ou quase todos, viram dar injecções, se é que não as levaram já.

Deviam ter reparado no médico ou no enfermeiro que se mune de vários objectos para a operação: uma seringa, uma agulha (oca, evidentemente), algodão hidrófilo e álcool.

Primeiramente a seringa e a agulha são fervidas, a fim de as esterilizar. Bem sabem depois como se procede.

Se todos os meninos pudessem aprender, seria realmente de óptimas consequências, pois em casos aflitivos, todo o tempo perdido em procura de um entendido é vida que se vai.

Não lhes posso aqui explicar todos os pormenores, pois para estas coisas a prática é tudo e a teoria muito pouco, mas dar-lhes-ei breves noções gerais.

As injecções podem ser de 4 tipos: Intra-dérmicas; sub-cutâneas; endo-venosas e intra-musculares.

Como os nomes estão a dizer, as primeiras são só na pele, as segundas sob a pele (nestes dois tipos a agulha penetra quase horizontalmente); as terceiras nas veias; as quartas entre os músculos.

Estas últimas são as mais fáceis de dar; no entanto, não é qualquer parte do corpo que as recebe. O melhor ponto é nas nádegas; é preciso ter cuidado com o nervo ciático.

Mais raramente, aplicam-se as injecções intra-raquidianas que consistem em introduzir o líquido da empola no líquido céfalo-raquidiano que rodeia a espinal-medula, e as hipodérmicas, nos casos de embalsamentos.

A injecção é actualmente um meio de largo alcance, visto substâncias que o organismo absorve com dificuldade, passarem assim ràpidamente a fazer parte dele.

Este assunto, porém, está continuamente em estudo.

★

Nem tudo que luz...

Já lá está na terra da verdade quem me dizia :

— Porque será que eu ando sempre triste, se tenho uma saude regular, satisfaço todos os meus caprichos, nada me falta, quando vejo gente tão alegre sem haveres ?

— Faça bem aos pobres e há-de ver que o remédio é heroico.

Mas nesse caminho nunca quis entrar, porque o egoismo sufocava-o.

Outro contava-me :

— Quando era pobre, sonhava ser rico para ter copiosa mesa, trem, um palacete e todas as comodidades. Essa aspiração levou-me para o Brasil, onde trabalhei como um negro numa plantação de café. Conquistei uma riqueza admirável. Pus em prática o meu velho ideal. Comprei um palacete, tenho uma mesa abundante e variada. Tenho três automóveis dos melhores. Mas sou doente, e o médico diz-me :

— Tome só leite e farinhas. Não ande de carro, mas a pé. Quer dizer: perdi o que precisava e adquiri o que dispenso.

A. Figueirinhas

(nota num livro de O. S. Marden)

VELHICE

por Laura Chaves

Quando eu era pequena, o Avôzinho
Chamava-me, brincando, a Cotovia,
Porque eu cantava todo o santo dia;
Eu era alegre como um passarinho.

Gostava tanto dele ! Era um vèlhinho
Que a minha mocidade refloria;
Dava-lhe a vida, dava-lhe a alegria,
Que ele pagava com o seu carinho.

Agora, que vai longe a meninice,
Como te invejo, Avô, essa velhice
Que dantes me fazia tanto dó !

Eras vèlhinho e tinhas mocidade;
E eu que sou nova tenho a tua idade...
É sempre velho quem se encontra só !

A Instrução

A leitura, meus amigos!... Sabeis vós, bem, o que é a leitura?! É de todas as artes a que menos custa, e a que mais rende.

Há livros que, semelhantes a barquinhas milagrosas, incorruptíveis e inaufragáveis, nos levam pelo oceano das idades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo que lá vai. Os povos antigos revivem para nós com todos os seus usos, costumes, trajes, feições, crenças, ideias, vícios, virtudes, interesses e relações. A História é a mestra da vida, e as suas lições, ampliação e complemento ao nosso juizo natural: no que foi, aprendemos o que deve ser.

Dizem que mente às vezes. Também na seara há joio, e nem por isso deixais vós de ceifar com alegria.

Mas, a pesar das suas mentiras, fica ainda sendo a História uma das mais verdadeiras coisas do mundo. Os contemporâneos de cada um dos homens notáveis, herois ou monstros, dos tempos, antigos, talvez os não vissem tão ao natural como nós cá de longe. Por quê? Por isso mesmo que eram vivos. Cercavam-nos um estrondo confuso e vozes contraditórias, que para nós emudeceram: o amor e o ódio, o terror e o entusiasmo tingiam nas suas cores os feitos e os ditos. O espectador, muito de perto e distraído, com seus próprios negócios, não podia abranger a totalidade de uma cena às vezes imensa e complicada. Não é nem ao pé em demasia, nem em demasia ao longe que os objectos se julgam com exacção.

A. Feliciano de Castilho

★

Pai Nosso

Pai Nosso, que estás no Céu!
Santificado e bemdito
Seja o teu nome! Infinito,
Venha a nós o reino teu!
Hoje e em toda a eternidade,
Cumpra-se a tua vontade
Na terra como no céu!
Dá-nos, ó Pai, e abençoa
O pão de que precisamos
Em cada dia que vem.
Nossas dívidas perdoa,
Assim como nós perdoamos
A quem nos deve também.
E, Senhor, que a tua mão
Protectora e paternal
Nos afaste a tentação,
Nos livre de todo o mal.

Campos Monteiro

DA SABEDORIA POPULAR

Evita o excesso de adorno
De ovelha muito loução:
Toda gente se aproxima
E todos desejam lã.

Quando ouvires descrições
De dinheiro e santidade,
Escreve as anotações
Na metade da metade.

Deus te guarde do boi manso
Que até hoje vive em paz,
Que do touro bruto e bravo
Tu mesmo te guardarás.

Procura falar no fim.
Espera... Ao cair dos muros
Aparecem, muitas vezes,
Serpentes, pedras, monturos.

Quem, na casa paternal,
Nunca sofre, nem atura,
Em chegando ao mundo vasto
Espere por desventura.

Não peças à Providência
Muito almoço, muita ceia,
Que de carne farta e gorda
A sepultura está cheia.

De nada valem bons verbos
E códigos do bom-tom,
Se vives falando a esmo
Sem praticar o que é bom.

No serviço edificante
Seja onde for, sê benvindo!
Recorda que enquanto dormes
Teu trabalho está dormindo.

Não te dês à bajulice.
O mais feliz cortesão
Perde a paz da vida livre
E acaba na escravidão.

Se resistes à verdade,
Sarcástico, altivo e forte,
Serás por ela esperado
No campo de dor da morte.

(Versos recebidos pelo médium Francisco Cândido Xavier)

Casimiro Cunha

História de Lucia

por Idalinda de Aguiar Matos

(Brasileira)

Quase todas as crianças gostam de mentir, no entanto ignoram o mal que, por vezes, acarretam. A propósito, vou contar-vos uma história verdadeira:

Certa ocasião, uma menina chamada Lucia, lembrou-se de pregar um susto a sua mãe. Naturalmente precisaria de inventar alguma coisa para levar a efeito as suas traquinagens.

— Vocês sabem que *inventar* e *mentir* são sinónimos?! Pois bem, — disse a menina, — vou enganar a mãmã!

E chegando-se a ela, disse-lhe:

— Mãezinha! Que horror! O Joãozinho caiu no poço!...

Tal foi o susto da pobre mãe, que a fez vítima de uma síncope mortal. A criança, vendo o acontecido, pôs-se a chorar, gritando desesperadamente:

— Mãezinha! Mãezinha querida! Estou brincando!... É mentira! Joãozinho está dormindo!...

Aos seus gritos, acudiram os vizinhos, que procuraram medicar a desditosa senhora, mas foram em vão os seus esforços. Ela havia morrido!... Brincando a mentir, ficou sem sua mãe.

Por muito tempo, Lúcia, abatida e tristonha, a despeito dos seus dez anos, idade insuficiente para raciocinar, só pensava no trágico acontecimento.

— Mas, — dizia ela, — por que aconteceu isto? Tantas vezes menti, sem supor que um dia pudesse redundar em tão triste resultado!...

E chorava amargamente. De súbito, viu com surpresa o vulto de sua mãe. Atónita, confusa, exclama:

— Mãezinha, Mãezinha adorada! Então, não morreu?!

— Não, minha filha, não morri. Vim dizer-te que a morte não existe... Não te quero ver tristonha... Sofro, porque não soube educar-te como deveria... Deixei que se desenvolvessem as sementes do erro, cujo fruto já colhi! Não mintas nunca mais, minha filha!... Adeus.

E assim ficou Lúcia, nos primeiros anos da vida, sabendo o prejuizo de mentir e que a morte não existe!

Crianças, lembrai-vos que essa história é verdadeira. Atendei às observações de vossa mãe. Ainda que vos pareça exigente, ela muito vos ama. É preferível os maiores castigos de uma mãe às insignificantes lições do mundo.

★

Não dizer o homem o segredo que sabe, é guardar segredo às coisas; mas não dizer que sabe o segredo, é guardar segredo ao segredo, e isto é muito maior.

P.e António Vieira

Cantinho do Estudante

Continuando o nosso concurso, apresentamos mais 10 perguntas, o terceiro grupo da 1.ª «série». Os «estudantes» deverão indicar o nome, idade e endereço, não sendo aceitáveis quaisquer pseudónimos. As respostas devem ser remetidas à Redacção de «Estudos Psíquicos» e endereçadas a STUDIO, que as classificará! Quem conseguirá arrancar o primeiro prémio?

III

1.º — *Quem escreveu «Raymond»?*
2.º — *Indique os nomes de 2 famosos médiuns ingleses contemporâneos.*
3.º — *Que faculdade mediúnica possuia William Parish?*
4.º — *Quem foi o mais famoso médium português?*
5.º — *Qual é a principal obra escrita pelo médium italiano Pietro Ubaldi?*
6.º — *Que é um «apport»?*
7.º — *Que é a tiptologia?*
8.º — *Acha que o espírito de um «vivo» possa comunicar-se mediùnicamente? Cite um caso que conheça ou justifique a resposta.*
9.º — *Que é a «voz directa»?*
10.º — *Cite um texto do «Velho Testamento» onde seja narrado um fenómeno espírita.*

Damos hoje a primeira resposta recebida:

1.º — Quem escreveu «Do País da Luz»?
R. — Fernando de Lacerda.
2.º — Quem é o autor espírita cujas obras foram queimadas publicamente em Barcelona?
R. — Allan Kardec.
3.º — Que livro escreveu William Crookes sobre espiritismo?
R. — Factos Espiritas.
4.º — Como se chamava a médium com quem Crookes obteve a materialização de «Katie King»?
R. — Mary.
5.º — Em que ano se iniciaram os fenómenos do espiritismo moderno?
R. — 1848.
6.º — Como se chamava a mais célebre médium italiana do século dezanove?
R. — Eusápia Paladino.
7.º — Que nome se dá ao médium que escreve sob influência do espírito?
R. — Psicógrafo.
8.º — Como se chamava o mais célebre médium inglês do século dezanove?
R. — Parish.
9.º — Quem escreveu «A Alma é Imortal»?
R. — Gabriel Delanne.
10.º — Quem foi o grande propulsor do espiritismo na Argentina?
R. — Dr. Luiz M. di Cristoforo.

Suzete Marques Antunes Alves
(15 anos)

IRMÃOS DIFERENTES

(Cena Infantil)

por Leopoldo Machado

(Personagens: Diva e Juquinha, 6 e 7 anos)

Diva, em cena aberta, declama, monologando:

Juquinha, meu irmão, é tão levado,
Que mamãe bate nele todo dia.
Implicante, impertinente...
Apanha as coisas da mamãe! É ruim!
Diz nome feio e faz tanta arrelia!
Bota a língua de fora e dá na gente!

Não gosto dele nada,
E nem queria ser a sua irmã.
Mexe comigo e com os brinquedos meus...
O Juquinha é assim... Sabem porquê?
Foge das aulas de moral cristã!
Não acredita em Deus!

Aí vem ele numa raiva louca.
Já levou de mamãe alguma surra,
Por isso, vem chorando. Grita e chora.
Quando está assim, belisca a gente e empurra...
Pois que se fique aí, que eu vou-me em embora...

(Sai, às pressas, por uma porta, enquanto Juquinha entra por outra).

Juquinha (a chorar, zangado)

Mamãe não gosta mais de mim! Não gosta!
E diz que o Cristo, o amigo das crianças,
Não me quer bem, só por que sou tão mau,
E não gosto das aulas de moral,
E ando matando as avezinhas mansas,
E trato os bichos a pedrada e a pau,
E ando a fazer mal...

(Diva põe a cabeça de dentro, espia a cena e fala)

É tempo de ficar bonzinho,
E ouvir, aos sábados, as lições
De Doutrina Cristã...

Juquinha

Irei, se assim
A mamãe, o papai, Jesus e Deus,
Podem gostar de mim...

Diva (entrando para abraçá-lo)

E aos castigos, às surras, aos puxões,
Darás, feliz e bom, um grande adeus!

Segredos do Comércio

Dois comerciantes, num comboio:

— Pessoa que gaste uma vez da minha loja, fica meu cliente para sempre.

— O mesmo não digo eu.

— Então não é bom comerciante?

— Isso não sei... Orgulho-me, contudo, de ser proprietário duma importante agência funerária.

O valor das pequenas coisas

por Ernestina Baldini

Mário ia para a Escola por sua própria vontade. Havia tanto que acalentava o desejo de aprender a ler e a escrever, para poder contar à avó distante todos os seus segredos, que, no primeiro dia, andou alegre e sorridente sem se lembrar que os belos olhos da mãe se tinham enchido de lágrimas ao deixá-lo à porta da aula.

Quando entrou e viu a professora, porém, a bela alegria que cantava dentro de si ficou suspensa. A educadora não era jovem: tinha cabelos grisalhos, era pálida e não sorria. Vestia de luto pesado e parecia muito cansada.

No primeiro dia, as horas passaram depressa no meio de tanta coisa nova; mas, depois, a tristeza da professora incomodava-o tão insistentemente que aguardava ansiosamente o toque da sineta para voar para os braços da mamã, jovem e bela, que o acolhia com um sorriso de alegria.

Por que era a professora tão triste? Por que nunca sorria? Como era diferente da professora da segunda!

Aquela, sim, era a jovial companheira dos seus alunos que vinham para ela com as mãozinhas cheias de flores, com os olhos risonhos pela oferta alacre do seu coração puro.

A sua aula parecia-lhe escura, estreita: parecia-lhe que o ar estava impregnado de melancolia, que lhe faltava a respiração e inventava tudo para sair frequentemente.

Num belo domingo de Março, a mamã e o papá levaram-no a dar um passeio a um bosque retirado. Mário divertiu-se a correr. Ao pé de uma árvore encontrou muitas violetas perfumadas. Com a sua bela cor escura e seu ar todo risonho, trouxeram-lhe à mente a professora da segunda e lembrou-se de fazer um bonito ramo para ela. Levá-las-ia escondidas, na manhã seguinte, e que grande beijo não teria em paga!

Apanhadas as flores, rodeou-as de folhinhas de hera, e, regressando a casa, meteu-as em água.

Ao amanhecer, mal se levantou, pensou nas violetas. Quis que a mãe lhe embrulhasse os pés num bocadinho de cartolina cor-de-rosa e correu satisfeito para a Escola, seguido de Bárbara, que o acompanhava resmungando, porque não conseguia mantê-lo direito. Na estrada, ainda, encontrou um cão-de-água; perdeu tempo a fazer-lhe duas carícias e chegou precisamente quando a porteira estava a fechar a porta.

Já estavam todos na aula. Impossível ir à segunda classe oferecer o seu fresco presente!

Pega desajeitadamente no ramalhete que pousara para vestir a bata, e entrou na sala.

A senhora viu-o entrar com o seu ramo de violetas.

— Oh! Maravilhoso! — exclamou. — Trá-las para mim? Mesmo para mim? — E ao mesmo tempo um sorriso muito suave iluminou-lhe o rosto e acendeu-lhe os olhos que eram negros e belos. Mário, àquele sorriso, sentiu-se comovido.

— Colhi-as ontem eu próprio — disse com a sua vozinha simpática.

Ela pegou nas violetas, acariciou-as com os lábios e acomodou-as numa jarrinha.

Naquele dia, contou aos pequeninos muitas coisas belas: olhava muitas vezes para as florinhas perfumadas e sorria, gentil, afectuosa, materna. Parecia que uma grande luz doirada tinha sido derramada pela classe que ressoava de risos discretos, semelhantes a gorgeios de passarinhos. As horas voaram e, quando tocou a sineta, nenhum tinha pressa de arrumar a pasta.

SABER ESPERAR

por Sibil

A nossa vida é passada à espera.

Desde que temos o uso da razão, esperamos sempre qualquer coisa. Na época dos estudos, o fim do período que nos dará as notas, as aulas para sermos chamados, a época dos exames para concluirmos o curso. Concluído este, espera-se o emprego e depois a promoção ou o aumento de ordenado.

No inverno anseia-se pelo verão; quando este chega, espera-se pelo inverno.

Ora, se a humanidade não tem outro recurso senão esperar, porquê tanto impaciência, ansiedade e nervosismo?

Se tudo tem de chegar a seu tempo, não vale a pena consumirmos a vida a esperar aquilo que está para vir, desprezando o bom presente.

Quantas vezes os meus irmãozinhos não dizem:

— Quem me dera já tal ou tal dia! Estou convidada para uma festa. Muito me vou divertir!

E no fim, quantas vezes também esse dia lhes trás uma desilusão! Ou por qualquer contratempo não puderam assistir à tal festa ou não se divertiram quanto esperavam.

Ganharam muito em se impacientar?

Quer queiram ou não, ambicionem chegar ou desejem que demore muito, todos os dias executarão a sua rota inflexível. Ninguém modifica a marcha do tempo, ninguém prolonga ou encurta a sua duração.

Portanto, nada de impaciência, amiguinhos. Procurem antes adquirir meios que os habilitem a lutar contra as eventualidades desagradáveis ou aflitivas que esses dias lhes podem trazer, temperem o seu carácter e o coração por forma que não fraquejem perante a adversidade. Se pelo contrário, esta não lhes bater à porta, tanto melhor.

E, assim armados para a luta, aguardem serenamente, com calma, que a vida lhes desenrole diante o seu tapete tecido de horas sombrias ou alegres, de dias felizes ou tristes, de prazeres e festas, de pezares ou desgostos.

Tudo chegará a seu tempo.

Saibam esperar e não consumam as suas energias em: «Tomara já» ou «Quem me dera já que chegue o dia...».

Por fim, e é isso o mais importante, preparem-se também para a outra vida, aquela que nos espera quando abandonarmos a terra, para a verdadeira vida, porque ela é certa, inevitável.

E, sabendo esperar, temperando o vosso espírito na paciência, na resignação, na calma, podeis estar certos, amiguinhos, de que preparais uma vida feliz não só no Além, como na terra, se um dia Deus determinar que volteis novamente.

E, sobretudo, sede caridosos. Nada há que mais nos ajude a passar as horas, a esquecer os nossos males, do que empregarmos o tempo minorando as desgraças dos nossos irmãos.

Lembrai-vos desta legenda espírita: «Fora da caridade não há salvação».

★

Entre homens de negócios

— A gasolina está subindo assustadoramente.

— Ó diabo! Que má notícia!

— Você tem automóvel?

— Não; uso isqueiro.

★

A tristeza é a ferrugem da alma. A actividade limpa-a e torna-a brilhante.

Samuel Johnson

1.º Congresso de Mocidades Espiritas no Brasil

por Isidoro Duarte Santos

Já o dissemos algumas vezes: fazemos questão de acompanhar as Mocidades Espiritas Brasileiras nos seus trabalhos de propaganda. Onde quer que se afirmem por palavras de fé ou actos meritórios, aí estaremos também para animá-las e incitá-las, com a nossa presença e o nosso entusiasmo igualmente juvenil; com o nosso desejo intenso de progresso espiritual; com o afã justificado de quem sente a Doutrina e a quer sempre mais bela e expurgada de gangas inúteis. Lá estaremos sempre, obedientes à legenda que norteia os passos um tanto arrojados de *Estudos Psíquicos*.

Mas se o desejo é ardente, a tarefa é dificílima. Agora, por exemplo, damos um salto ao Rio de Janeiro, por sobre as águas glaucas do Atlântico. 18 de Julho. Cidade maravilhosa. Guanabara ajoelhada aos pés da grande urbe, em carícias ondulantes de salsugem. Bulício, frémito de milhares de almas amadurecidas ao sol dos trópicos.

Ontem, 17, já as Mocidades se movimentavam na *Sociedade de Medicina e Espiritismo*. A Comissão Patrocinadora e a Comissão Organizadora entregam o Congresso aos moços. Na *Liga Espirita do Brasil*, uma sessão presidida pelo Dr. Artur Lins de Vasconcelos, director de *Mundo Espirita*, onde, sob proposta do Prof. Leopoldo Machado, é eleita a Mesa do Congresso, composta pelos confrades, Wilson Wynne da Mota, Oli de Castro, Apolo Olivia Filho, Francisco Xavier Pereira e a Senhorinha Mara Prieto Peres, em nome de Sergipe, Pará, Minas Gerais, S. Paulo e Pernambuco.

Ali acorreram os membros da Comissão Organizadora e das sub-comissões: Prof. Leopoldo Machado, José Alves de Oliveira, Dr. Lins de Vasconcelos, Deolindo Amorim, Dr. Moreira Guimarães, Prof. Newton de Barros, Dr. Lauro Sales, Dr. Carlos Imbassahy, Manuel Suzart, José Augusto dos Santos, Olivio Novais, etc., etc., bem como o nosso redactor-correspondente no Recife, capitão Nelson Kerensky, que acompanhava a delegação pernambucana.

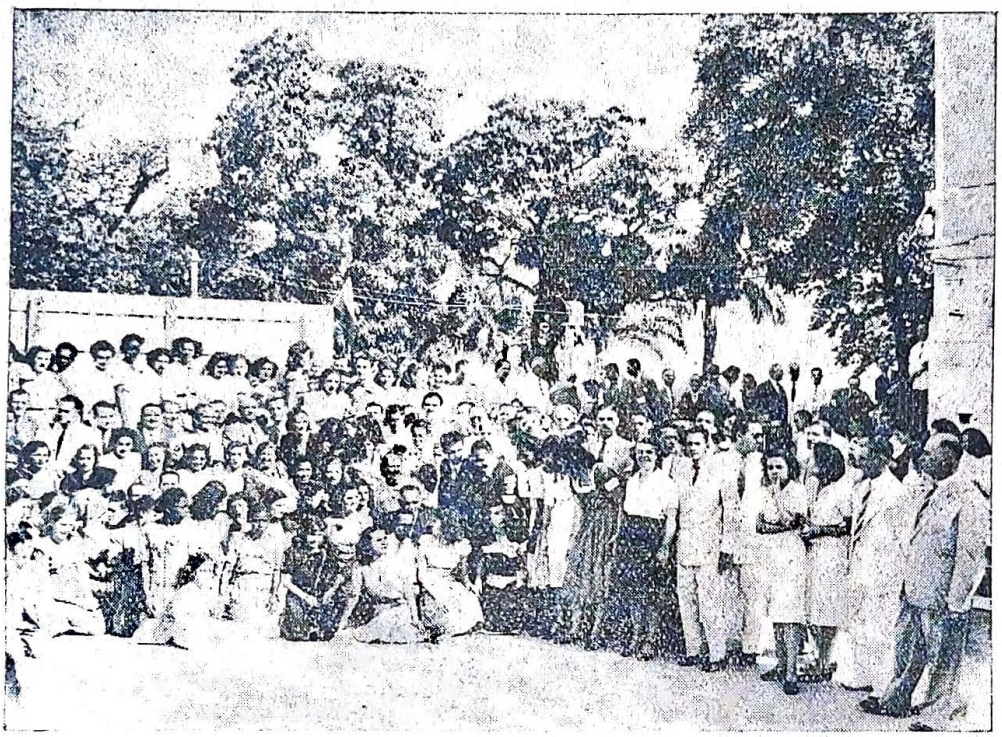
O presidente da *Liga*, Aurino Souto, sauda os jovens, dizendo que a Liga Espirita do Brasil nunca deixou de apoiar os movimentos da Mocidade Espirita e termina com esta eloquente frase que contaminou todos os presentes:

No Teatro João Caetano, do Rio de Janeiro. — Mesa que presidiu à inauguração do Congresso

— Moços, tomai conta da Liga Espirita do Brasil, porque esta casa é vossa!

18 de Julho, repetimos. O dia amanhece alegre, e o Teatro João Caetano, à Praça Tiradentes, cedo começa a ser invadido pela multidão, que se vai com-

primindo... Às 9 nove horas, o grande salão está literalmente cheio. Nem um lugar vago se lobriga na plateia, nos camarotes, nas galerias. Um espectáculo imponente. Expectativa ansiosa. Olhares que vagueiam reflectindo certeza de triunfo, mãos que se apertam estreitando laços solidários que se fortalecem e temperam na grande forja da vida. As representações estaduais ocupam seus lugares nos camarotes. 1.500 pessoas!



Um grupo de Congressistas na União dos Discípulos de Jesus, *aguardando o «Almoço da Fraternidade». Todos irradiam satisfação e alegria cristã*

Os acordes do Hino Nacional vibram no ambiente e dinamizam vontades. O pano sobe. No palco surge a figura do Dr. Lins de Vasconcelos, presidente de Honra do Congresso, que empossa a Directoria ontem eleita na Liga Espirita do Brasil, justificando o seu acto com um belo e significativo discurso, verdadeiro modelo de equilíbrio doutrinário.

Em certa altura, diz:

«A Comissão Patrocinadora, cuja missão terminará com o encerramento do Congresso e a assistência aos seus membros, não teve e não tem intuito de disputar supremacia, nem jámais admitiu a hipótese de hostilizar o esforço de qualquer das nossas instituições do Brasil, desde os grandes organismos como a Federação Espirita Brasileira e a Liga Espirita do Brasil, até os mais simples centros e grupos dos mais afastados pontos do território nacional. A sua maior preocupação foi e é servir a Causa Espirita, com pureza, dignidade e elevação de sentimentos, sem medir sacrifícios, para unir a todos pelos liames do amor, sob as vistas amorosas de Jesus».

E mais adiante, dirigindo-se aos moços num arrouba de eloquência:

«As grandes apreensões da nossa geração estão diminuindo com a vossa chegada à trincheira da Verdade. E o horizonte cada vez mais se amplia, à proporção que vemos despertar nas hostes moças os pregadores dos ensinos espiritas, os poetas, os compositores, os romancistas, os pintores, os escultores, os filósofos, os educadores, os orientadores da futura sociedade que o Espiritismo vai cristianizar no mundo inteiro!...».

Após este discurso, Wilson Wynne senta-se na cadeira presidencial. É Sergipe que está em foco. O menor Estado brasileiro recebe a maior homemagem do Congresso, com a presidência entregue ao seu representante. Quando este, ao falar, pronuncia a frase «pequenino Sergipe», a multidão enorme sauda frenèticamente aquele pedaço do rincão brasileiro, em profunda demonstração de simpatia, de quase apoteose.

Terminada a posse, o presidente da Comissão Organizadora, José Augusto dos Santos, leu um conceituoso discurso. Este confrade é elemento de grande valor e projecção nos meios juventinos da Capital Federal.

Uma das notas mais frisantes foi o discurso de Altivo Ferreira, da representação do Paraná. Ao agradecer a hospitalidade das agremiações cariocas, empolgou toda a assistência, que o aclamou de pé.

A temperatura sobe. O entusiasmo contamina multidão e congressistas. O jovem Atlas de Castro actua eficientemente como locutor do programa. A *Botelho Filmes* filma a sessão. A *Canção da Alegria Cristã*, da autoria de Leopoldo Machado, com música de Olí de Castro, é entoada em coro, sendo considerada o hino da Mocidade Espirita do Brasil.

Agora, ergue-se para falar o deputado federal por

S. Paulo. Dr. Romeu de Campos Vergal, um dos maiores animadores do certame. Diz que este Congresso de Mocidades do Brasil torna-se no Primeiro Congresso de Mocidades Espiritas do Mundo, visto que a terra brasileira tem sido ùltimamente escolhida pelos espíritos superiores, como país donde irradiarão as luzes do Espiritismo. Afirma que a Providência nos deu um novo Kardec na pessoa humilde de Chico Xavier, o grande médium de Pedro Leopoldo, e louva muito justamente alguns patrocinadores do Congresso, confrades incansáveis e batalhadores como o Professor Leopoldo Machado, o Dr. Carlos Imbassahy e outros. Relembra a enorme revolução que o Espiritismo promoverá na sociedade, revolução de paz construtiva que será o advento de nova era, terminando por dizer que a vitória é certa, uma vez que os jovens enfileiram, empunhando armas leais, em prol do mundo novo.

Grandes aplausos abafaram as últimas palavras do orador.

O senador Álvaro Maia, ex-governador do Amazonas, que estava na mesa da presidência, foi obrigado a falar também. Muito emocionado, proferiu um discurso de belo significado. Disse que num Congresso como este é que se podia amar verdadeiramente a Deus, pois era consolador ver ali reunidos mais de 200 congressistas de todos os Estados do Brasil, o que levará à convicção de que o Mestre estava presente. Finalmente, faz um apelo a Jesus para que ampare, auxilie e inspire os jovens ali reunidos, em imponente maratona evangélica.

Eram 12 horas quando se encerrou esta primeira parte. Novos cânticos, nova vibração, entusiasmo indomável próprio de jovens que se aprestam para as lutas da vida, e os congressistas dirigem-se à *Colina da Fraternidade*, futura sede do Hospital de Clínicas Allan Kardec, onde se realizou um almoço que decorreu animadíssimo. Na segunda parte, falou o jovem presidente da *União dos Discípulos de Jesus*, Nelson Baptista de Azevedo, o jovens Clóvis Ramos, nosso antigo representante, e Atlas de Castro. Seguiu-se a sesta de alegrias e surpresas espirituais, animada por Leopoldo Machado e Atlas de Castro.

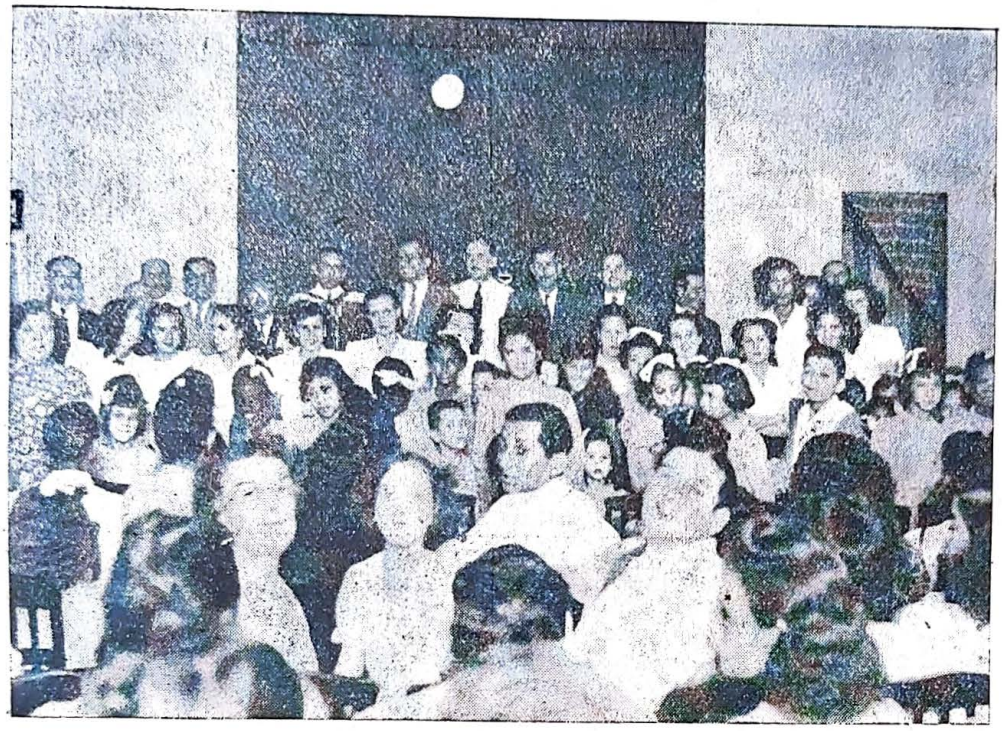
À noite, prossegue a jornada no Centro Espirita «Fé, Esperança e Caridade», de Nova-Iguaçú, que comemora o 28.º aniversário da sua fundação. Interessantíssimo programa. Os congressistas são homenageados por Waldemiro Faria Pereira, o mais novo director do Centro, agradecendo Olí de Castro, vice-presidente do Congresso.

O programa do dia 19 é consagrado às Mocidades do Brasil Setentrional na Tenda Espirita Mirim, que dispõe talvez do maior salão, entre todas as agremiações espiritas brasileiras. Os congressistas foram recebidos de maneira impressionante que ficou na memória de todos. Como nas sessões subsequentes, falou um jovem da Comissão Organizadora e um mais velho da Comissão Patrocinadora em saudação aos congressistas. O presente e o futuro estreitando as mãos. Pelo Congresso, agradeceu um moço. E foram lidos os trechos mais interessantes das teses apresentadas, acompanhados de canto, declamação, música, etc., para que tudo decorresse alegremente...

O teatro da Mocidade Espirita foi interessantíssimo. A Tenda Espirita Mirim cedeu o seu belo palco e a sua grande e bem organizada orquestra. O programa foi cumprido segundo os moldes do teatro-padrão

O «Lar de Jesus», de Nova-Iguaçú, recebe carinhosamente os congressistas

para a Mocidade Espirita, aconselhado pelo Congresso e orientado pelo grupo teatral da Mocidade Espirita de Nova-Iguaçú. Nilo Silva e o jovem A. Paiva Melo abriram o programa, expondo o que deve ser o teatro espirita, representado em palco de centro espirita Seguiu-se parte doutrinária, um acto de variedades e uma peça sintética. Tudo agradou em cheio. Atlas de Castro foi o animador da festa, que terminou com o derrame de «livros... livros a mancheias, para o espirita estudar». E logo 40 volumes se distribuiram entre a enorme assistência que enchia o salão — mais de 1000 pessoas.



No Centro «Fé, Esperança e Caridade», de Nova-Iguaçú, no dia do seu 28.º aniversário, em que os congressistas ali foram recebidos. Mesa que presidiu aos trabalhos

As reuniões das noites seguintes realizaram-se na *Congregação Espirita Francisco de Paula*, na *Agremiação Espirita Francisco de Paula*, ambas na Tijuca, no *Dispensário António de Pádua*, em S. Cristóvão, no *Abrigo Teresa de Jesus* e a do encerramento na *Federação Espirita Brasileira* que, para isso, cedeu o seu Salão. Em todas estas agremiações os congressistas foram recebidos carinhosamente, sendo pequeno o espaço para tão grande número de assistentes.

★

Na *Casa de Luciá*, que é a obra espirita do mais fino gosto e de maior conforto que existe no Brasil, realizou-se no dia 24 à tarde a *Sesta da Cordialidade Cristã*. Presentes, quase 1.000 pessoas, entre congressistas e convidados, todos vibrando de entusiasmo e comungando no mesmo desejo espiritual. Aqui, falou aos congressistas o Dr. Amadeu Santos, um dos mais dinâmicos e inteligentes pioneiros espiritas brasileiros. E os directores da *Casa de Luciá*, inexcediveis de amabilidade para com todos, além de sortearem uma linda toalha bordada por internadas da Casa, contra expressivos cartões distribuidos em comemoração do acto, ainda serviram aos congressistas fartas mesas de doces, sanduiches e gelados.

No domingo 25, o programa da *Hora Espiritualista João Pinto de Sousa* do Rádio-Clube do Brasil, todo consagrado ao Congresso. Ali falaram ao microfone os cinco jovens que constituiram a mesa do Congresso e foram saudados por Geraldo de Aquino, seu Director e membro do Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas recém-fundadas. O Dr. Lauro Sales encerrou este programa.

Pouco depois das 9 horas, os congressistas visitaram a oficina da *Gráfica Mundo Espirita*, à Rua dos Inválidos, 216, na presença do Dr. Lins de Vasconcelos, presidente da Gráfica, Dr. Amadeu Santos, gerente de *Mundo Espirita* e Deolindo Amorim, secretário de *Mundo Espirita* e nosso *redactor-correspondente* no Rio de Janeiro.

A seguir, a caravana vai à *Casa de Lázaro*, onde foi servido o último almoço da fraternidade no grande Parque de Diversão da Casa. Assistiram mais de 500 pessoas, em 10 mesas improvisadas. Ao cardápio espiritual, falou o Prof. Newton de Barros, após uma prece de Atlas de Castro, ao microfone. À sesta, um *show* radiofónico com números profanos impróprios da solenidade. Os sambas e os requebros são indignos das meninas ali obrigadas.

Abandonada a *Casa de Lázaro*, os congressistas terminaram as suas actividades na Federação Espirita Brasileira. A sessão de encerramento foi verdadeiramente excepcional, pela multidão que ali afluiu, pois nunca o salão da Casa Máter do Espiritismo no Brasil registou afluência tamanha. Era um oceano fluindo e refluindo em maré-alta de fraternidade bem com-

preendida. Basta dizer que 50 % do povo que lá foi não encontrou lugar, voltando triste a seus lares. No Salão, nem uma polegada livre. Tudo invadido, como se avalanche consciente rolasse por aquele recinto, desprezando as dimensões do espaço em holocausto ao desejo ardente de assistir ao histórico certame. Formada a custo a mesa e conseguido o silêncio necessário, proferiu-se a prece inicial e eis que os congressistas, habituados ao ritmo das outras reuniões, rompem com a *Canção da Alegria Cristã*, o que não deviam fazer, para não quebrar as tradições da Casa. Para termos uma ideia do entusiasmo e da vibração que agitava todas as almas, ouçamos o nosso colaborador Dr. Carlos Imbasshy:

«*Agora, tu, Caliope, me ensina* a dizer o que aquilo foi. A reunião estava marcada para as 19 horas. Quando lá cheguei, uma hora antes, o vasto salão estava cheio, conservando-se apenas vazias as cadeiras reservadas aos congressistas, o que era conseguido com muita dificuldade por um mártir, cujo o peito e braços serviam de antemural à invasão humana.

«Tinha-se combinado que eles dariam entrada, solenemente, no salão, no momento em que se iniciassem os trabalhos e para isso um outro mártir os ia retendo no pavimento inferior. Mas o dique não pôde ser mantido por muito tempo, porque, a breve trecho, naquele pavimento já não cabia mais ninguém. Fizeram-nos subir, então. Aí é que foi meter sardinha em lata! Eu, que já tinha lá em cima o meu lugar garantido, tive a infeliz ideia de descer para tomar uma providência qualquer, adiável, aliás. Quando quis subir de novo, não pude mais. As escadarias estavam inteiramente tomadas. Pude ver, então, as ondas de gente que a mais e mais se avolumavam, à proporção que se aproximava a hora do início. E fiquei penalizado por não ser a sala dez vezes maior, não obstante tratar-se de um dos mais imponentes auditórios do Rio.

«Sem nenhum exagero, se ele fosse dez vezes maior, ainda assim se tornaria pequeno para a multidão que o procurou.

«Dir-se-ia um constante fluxo e refluxo humano, o dos que vinham apressados, ansiosos, e o dos que voltavam desanimados, por não terem conseguido alcançar os primeiros degraus da escada. Dir-se-ia a *gare* da Central, depois da cinco horas da tarde».

Outro aspecto do Centro Espirita «Fé, Esperança e Caridade», de Nova-Iguaçú, no dia do seu 28.º aniversário. Um aspecto da enorme assistência

Pois foi neste ambiente apoteótico que foram lidas as *Conclusões Finais*, que foi empossado o *Conselho Consultivo das Mocidades Espiritas do Brasil* e se fez a entrega dos diplomas. Os congressistas aclamaram entusiàsticamente o Prof. Leopoldo Machado Presidente Honorário do *Conselho*, mas o aclamado não aceitou a distinção.

A seguir, falaram representantes de cada região: Olí de Castro, pelo Brasil Setentrional; Sandoval Santos, pelo Brasil Nordestino; Amour Lacerda, pelo Brasil Oriental; Altivo Ferreira, pelo Brasil Meridional; a senhorinha Lourdes Rondon, de Mato Grosso, pelo Brasil Central.

Além dos discursos, houve vários números de declamação por senhorinhas que se mostraram verdadeiras artistas, tendo uma delas dito versos magníficos de sua autoria.

Por último, encerrando o Congresso, falou o Prof. Leopoldo Machado, numa peça cheia de agradeci-

mento e que publicaremos na integra, se chegar a tempo de inseri-la neste número.

★

Como se acaba de ver, o Congresso foi um passo gigantesco do Novo Brasil Espirita que surge no tumultuar da hora incerta do presente. Teve a adesão de 146 Mocidades, que se fizeram representar por delegações especiais ou por Mensagens. Mais de 300 congressistas jovens foram aboletados no Rio de Janeiro. Nenhum deles foi para o hotel. Todos hospedados em lares de espiritas. E ainda sobraram lugares para outros que viessem! Nunca, até hoje, o Brasil assistiu a tão grande movimento espirita, que de todos os quadrantes se dirigiu à Capital Federal, para o abraço portentoso e o juramento solene.

★

A Mesa que encerrou o Congresso na Federação Espirita Brasileira reunia elementos valiosos, como passamos a expor: Dr. Lins de Vasconcelos, Presidente de honra, Prof. Leopoldo Machado, Geraldo de Aquino, director da *Hora Espiritualista João Pinto de Sousa*, Dr. Amadeu Santos, gerente de *Mundo Espirita*, Aurino Souto, Presidente da Liga Espirita do Brasil, Atlas de Castro, que dirigiu o programa pelo microfone, Dr. Moreira Guimarães, Olívio Novais, J. A. de Oliveira, tesoureiro da Comissão Patrocinadora.

★

O Conselho Consultivo é formado por José Augusto dos Santos, Atlas de Castro, Orlando Sobreira, Amadeu Ferreti, Nelson Baptista de Azevedo, Clóvis Ramos, Abstal S. Loureiro, Olívio Novais, José Alves de Oliveira, Dr. Carlos Imbassahy. Dr. J. C. Moreira Guimarães, Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, João Baptista Chagas, Geraldo de Aquino e António de Paiva Melo. Estes são os membros efectivos. Os suplentes são: Deolindo Amorim, Dr. Lauro Sales, Prof. Nilton de Barros, Vitorino Eloi dos Santos, Manuel de Freitas, Suzart, Daniel Rodrigues, Dr. Lauro Pastor, Aurino Costa, Eneias Dourado, Aníbal Garcia, Manuel Tiribuiçá do Vale, Olímpio da Silva Campos, Idalinda Aguiar Matos, Olegário Meireles e Walter Bruno de Oliveira.

Eis as conclusões do Congresso:

1.ª — CONSELHO CONSULTIVO — Instituiu o Conselho Consultivo composto de 15 membros, jovens e mais velhos, eleitos entre os confrades que desenvolveram mais actividade na organização do certame e se dispõem a desenvolver energia maior no serviço da orientação das Mocidades Espiritas.

2.ª — PROGRAMA-PADRÃO — Adopta e aconselha, como *Programa-padrão*, principalmente às Mocidades Espiritas que funcionam sem programa ou que não estão satisfeitas com o programa que adoptam, o programa contido no Anexo n.º 2 (É pouco mais o menos o que publicámos no número de Maio último).

3.ª — MOCIDADE ESPIRITA — Estabelece que, em vez de Juventude, se adopte daqui por diante, *Mocidade Espirita*, para uniformidade e maior campo de acção, de vez que o termo *Juventude*, além de explorado por ideologias político-partidárias, restringe a acção do jovem até aos 21 anos, e a *Mocidade* vai mais longe. Vai, pode dizer-se, até à vida em que a criatura se sinta moça.

4.ª — DAS RESPONSABILIDADES DOS PAIS ESPIRITAS — Cumpre às *Mocidades Espiritas* envidar esforços, apelando fraternalmente para que os confrades mais velhos encaminhem e orientem seus filhos à luz da Doutrina: às aulas de moral cristã, na infância, e, mais tarde, o ingresso nas organizações juvenis espiritas constituirá o complemento da educação moral e religiosa que os pais espiritas devem ministrar em seus lares.

5.ª — USO DE UNIFORMES E DISTINTIVOS — Não sendo aconselhável o estabelecimento de normas rígidas no tocante ao aspecto material das *Mocidades Espiritas*, o uso de uniforme deve ser facultado a cada uma delas, sendo, porém, recomendada a adopção de distintivos simples, nas reuniões solenes e festivas.

6.ª — DOS PROBLEMAS FINANCEIROS — Tendo em vista *dar a César o que é de César*, o problema financeiro das *Mocidades Espiritas* deve exigir cuidados especiais de seus integrantes, não sòmente para satisfação das despesas normais, mas também para atender aos gastos eventuais, como transporte e hospedagem de confrades, especialmente convidados, reuniões solenes, divulgação doutrinária, etc. Indicam-se como meios propícios a tal fim, além das mensalidades dos sócios, os festivais de arte espiritualista pura, venda e sorteio de livros doutrinários e outros objectos úteis.

7.ª — ENSINO DO ESPERANTO — Considerando o factor indiscutível de aproximação dos homens que representa o idioma neutro — Esperanto —, cumpre aos jovens espiritas todo o empenho nesse sentido, através de aulas com a duração máxima de 30 minutos, ministradas em suas sedes, podendo o professor abordar assuntos morais relacionados com a doutrina espirita.

8.ª — FUNDAÇÃO DE UM DIÁRIO NOTICIOSO — Recomenda-se aos moços que emprestem o seu natural entusiasmo à ideia da fundação de um diário informativo, mantendo secções de grande cunho moral e propaganda do Espiritismo sob o tríplice aspecto: filosófico-científico-religioso, de âmbito nacional.

9.ª — COLÔNIAS DE FÉRIAS E DE FRATERNIDADE — Merece aconselhada a sugestão de se

criarem locais aprazíveis, de preferência junto às obras de assistência social espirita, colónias de férias para recreio de confrades, em ambiente fraternal espiritualizado, mediante contribuição módica, revertendo as rendas em proveito de tais obras.

10.ª — CANÇÃO NACIONAL DAS MOCIDADES ESPIRITAS — Adopta a *Canção da Alegria Cristã*, por sua generalidade e comunicabilidade, letra de Leopoldo Machado e música de Oli de Castro, como hino da Mocidade Espirita do Brasil.

11.ª — ARTE — FACTOR DE EDUCAÇÃO E PROPAGANDA DA DOUTRINA — Descobre na arte pura (música, teatro, declamação e canto) elementos substanciais de educação espiritual e propaganda da Doutrina. Por isso, aconselha a sua prática nas reuniões e festas sociais — que nas de estudo só deve haver lugar para estudo — recomendando muita cautela para que em tais programas não entrem coisas profanas, nem finalidades educativo-doutrinárias, ainda que belos frutos de arte profana.

12.ª — TRATAMENTO CORDIAL — Aconselha tratamento menos cerimonioso e mais intimo, de acordo com a simplicidade e espirito da Doutrina, nas conferências e programas festivos, em geral. Por exemplo: «Prezado irmão Presidente», «Meus irmãos em espirito e em humanidade», em vez de «Ex.mo Sr. Presidente», «V. Ex.ª», «V. Sr.ª», etc.

tanto, uma declaração por escrito das *Mocidades* em que se comprometem a fazer esforços para a confraternização, assinada pelas suas Directorias, pelo Mentor e directores do Centro de que as *Mocidades* forem Departamento Juvenil.

O *Conselho Consultivo* providenciará sobre o *Orgão de Mocidades Espiritas*, que será obra de sua iniciativa e ficará sob a sua orientação, manterá um serviço constante de prospectos e boletins de propaganda da Doutrina e do movimento juvenil; assistirá às solenidades juvenis para que for convidado, sobretudo à integração de *Mocidades;* promoverá concursos a prémios de questões doutrinárias e artístico-doutrinárias, entre moços e suas *Mocidades;* animará a realização de Congressos Regionais de *Mocidades Espiritas* e promoverá Congressos Gerais nos

Sessão de encerramento, na Federação Espirita Brasileira, *vendo-se a Mesa que presidiu e o representante pernambucano Sandoval Santos ao microfone.* Sentados, da direita para a esquerda: *Dr. Lins de Vasconcelos (a alma do Congresso), Oli de Castro, do Pará, Wilson Wynne, de Sergipe, Apolo Oliva Filho, de S. Paulo, Prof. Leopoldo Machado (a Cabeça do Congresso)* e *Francisco Xavier Pereira.* De pé, *membros das Comissões Patrocinadora e Organizadora*

★

O *Conselho Consultivo* tem amplas prerrogativas e funciona na Sociedade de Medicina e Espiritismo, à Avenida Rio Branco, 4, 15.º andar, Rio de Janeiro.

Como o seu nome indica, é organismo consultivo e orientador, influindo moralmente na vida das *Mocidades Espiritas* que se lhe aproximarem, reconhecendo nele autoridade doutrinária, não como filiadas, mas em perfeito espirito de confraternização. Bastará, para Estados brasileiros; estimulará a campanha para o derrame de «Livros... livros a mancheias para o espirita estudar» e pugnará por um curso de Cultura Religiosa nas *Mocidades*. Finalmente, envidará esforços no sentido de criar um teatro-padrão que recreie espiritualizando e espiritualize recreando...

Damos, a seguir o nome da maior parte das *Mocidades* e *Juventudes* que aderiram ao Congresso:

ALAGÔAS — Juventude Espirita de Alagôas, Maceió.

BAHIA — Juventude Espirita Baiana, de Salvador, e União da Juventude Espirita Baiana, de Salvador.

CEARÁ — União da Juventude Espirita Cearense, Fortaleza.

DISTRITO FEDERAL—Juventudo Espirita «André Luiz», Anchieta; Mocidade Espirita «Bezerra de Menezes», Bangú; Juventude Espirita «João Baptista», de Bangú; Juventude Espirita «Prece aos Sofredores», de Bangú; Juventude Espirita «Francisco de Assis», Bonsucesso; Mocidade Espirita de «Ezequiel», Campo Grande; Juventude Espirita «Filgueiras Lima», de Pedro Ernesto; Juventude Espirita «João Evangelista», da Penha; Juventude Espirita «Luz e Caridade», de Santa Cruz; Mocidade Espirita «Casa de Jesus», de S. Cristóvão; Juventude Espirita «Aluisio de Faria», de Vila Isabel; Juventude Espirita «Otávia Pereira», Ramos; Mocidade Espirita «António de Pádua», de S. Cristóvão; Mocidade Espirita «Viana de Carvalho», do Realengo; Juventude Espirita «Bezerra de Menezes», Estácio de Sá; Mocidade Espirita «Pestalozzi», Grajaú; Mocidade Espirita «Luz e Amor», Bangú; Juventude Espirita de Ricardo de Albuquerque, de R. de Albuquerque; Mocidade Espirita «Francisco de Paula», Tijuca; Mocidade Espirita «Apóstolo Pedro», S. Cristóvão; Mocidade Espirita «Teresa de Jesus», Moça Bonita; Mocidade Espirita «Camilo Flammarion», Irajá; Mocidade Espirita «Pedro de Alcântara», de Abolição; Mocidade Espirita «Caminheiros de Jesus», Engenho de Dentro; União da Mocidade Espirito de Bangú, Bangú; Juventude Espirita Tijucana, Tijuca, e Mocidade Espirita «Agar Bitencourt». Tijuca.

ESPÍRITO SANTO — Juventude Espirita de Muquí, Muquí; Juventude Espirita «Allan Kardec», de Vitória, e Juventude Espirita de Celina, (termo especial de adesão).

MINAS GERAIS — Mocidade Espirita «Maria João de Deus», de Belo Horizonte; União da Mocidade Espirita «Carlos Imbassahy», de Ubá; União da Mocidade Espirita de Uberaba, de Uberaba; União da Mocidade Espirita «Paulo de Tarso», de Guaraní (T. E. A.); Juventude Espirita «Francisco Cândido Xavier», Astolfo Dutra; União da Mocidade Espirita de Sacramento, Sacramento; União da Juventude Espirita de Araxá, Araxá; União da Mocidade Espirita «Paulo de Tarso», de Visc. de R. Branco; Juventude Espirita Cristã «Magnólia», Barbacena; Mocidade Espirita «Paulo de Tarso», de Gov, Valadares; Mocidade Espirita de Lavras, Lavras; Juventude Espirita Cultural «Bezerra de Meneses», Sta. Rita Sapucai, Juventude Espirita de Pirapitinga, Pirapitinga; Juventude Espirita «Firmino Freitas», Guidoval; Juventude Espirita de Uberlândia, Uberlândia; União da Juventude Espirita «André Luiz», Juiz de Fora; União da Mocidade Espirita «Dias da Cruz», Rio Novo, União da Mocidade Espirita «Bezerra de Meneses», Belo Horizonte; União Mocidade Espirita «Dias da Cruz», Bicas.

MATO GROSSO — Juventude Espirita de Campo Grande, Campo Grande, e Juventude Espirita «Allan Kardec», de Corumbá.

PARÁ — Juventude Espirita Paraense, Belém.

PERNAMBUCO — Juventude Espirita «Centelha de Jesus», Recife; Juventude Espirita de Pernambuco (Depart. Central Juvenil «Raios de Luz»); União Juvenil «Investigadores da Luz», Recife; Juventude Espirita «António de Pádua», Recife»; Juventude Espirita da Várzea, Várzea; Juventude Espirita Apóstolos de Cristo, Recife; Juventude Espirita «Augusto César», Recife; Juventude Espirita da Escola «Maria de Nazaré», de Recife; Juventude Espirita «Pedro Carneiro», Recife, e Departamento da Juventude Espirita da Sociedade Pernambucana de Estudos Psíquicos, Recife.

PARANÁ — União da Mocidade Espirita do Paraná, Curitiba; Juventude Espirita do Paraná, Curitiba, e União da Mocidade Espirita, Jacarézinho.

RIO DE JANEIRO — Juventude Espirita Cristã, de Itaperuna; Mocidade Espirita Friburguense, Nova Friburgo; União da Mocidade Espirita de Niteroi, Niteroi; Mocidade Espirita «Hortêncio Gripp», Amparo; Juventude Esp. «Joana D'Arc», Mesquita; Juventude Espirita «Cairbar Schutel», Cascatinha; Associação Espirita «Seára de Jesus», Nilópolis; Mocidade Espirita «Flora de Araujo», Olinda; Juventude Espirita «Bezerra de Meneses», Mesquita; Mocidade Espirita de Iguaçú, Nova-Iguaçú; União da Juventude Espirita «Bezerra de Meneses», Três Rios; Juventude Espirita «Caminhemos com Humildade». Nilópolis; Juventude Espirita Petropolitana, Petrópolis; Juventude Espirita «Icléa», Nova-Iguaçú; Mocidade Espirita «Manuel Couto», de V. Santanézia; Mocidade Espirita da Barra do Piraí, Barra do Piraí; Juventude Espirita «Aurélio Fernandes», de Macaé; Juventude Espirita «Humberto de Campos», Barra do Piraí; União da Juventude Espirita do Ramal de Nova-Iguaçú (UJERNI, Nova-Iguaçú; Mocidade Espirita «Vicente de Paula», Mendes.

RIO GRANDE DO SUL — Juventude Espirita de Santa Maria, Santa Maria.

RIO GRANDE DO NORTE — Juventude Espirita de Natal, Natal.

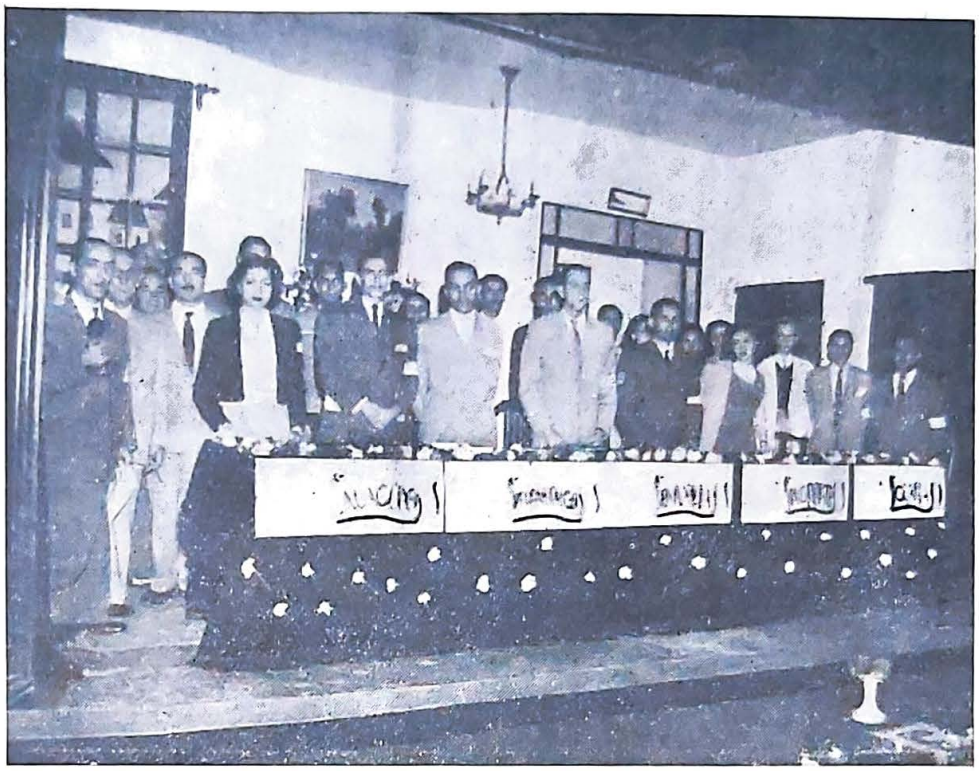
SÃO PAULO — Juventude Espirita Cachoeirense, Valparaíba; União da Mocidade Espirita de S. Paulo, Capital; Juventude Espirita «Isabel Viana», de Lins; Juventude Espirita de Mogi Mirim, Mogi Mirim; Juventude Espirita «Obreiros do Bem», Araraquara; Mocidade Espirita «Cairbar Schutel», Matão; Juventude Cultural Espirita de Franca, Franca; Juventude Espirita de Baurú, Baurú; Mocidade Espirita de Tupan, Tupan; Juventude Espirita de Barretos, Barreto; Juventude Espirita de Santos, Santos; União da

Mocidade Espirita de Jaboticabal, Jaboticabal; Mocidade Espirita Cristã, Cruzeiro; Juventude Espirita de Piracicaba, Piracicaba; Mocidade Espirita do Bosque da Saúde, Bosque; Mocidade Espirita Jundiaiense, Jundiai; Juventude Espirita Liga Esp. do Estado de S. Paulo, Capital; Juventude Espirita «António de Pádua», Andradina ; Juventude Espirita «Allan Kardec», Campinas; Departamento da Juv. da União Social Espirita, Capital; Juventude Espirita de Sorocaba, Sorocaba; Mocidade Espirita «Isménia de Jesus», Santos; Juventude Espirita de São Manuel, S. Manuel; Juventude Espirita de Santo André, S. André; Juventude Espirita «Obreiros da Verdade e Amor», Pindamonhangaba ; Juventude Espirita de Garça, Garça; (T. E. A.) e Juventude Espirita de Limeira, Limeira.

SANTA CATARINA — Juventude Espirita de Florianopolis, Florianópolis.

SFRGIPE — Juventude Espirita Sergipana, Aracaju.

primeiro, agitador de almas, *apóstolo* e *educador*, com todas as virtudes e defeitos dos grandes realizadores que apresentam obras magnificas; o segundo, homem de acção eficaz, decisão enérgica ao serviço de fé inquebrantável, forte e sereno como um titã que se convertesse à Doutrina e lhe entregasse toda a sua riqueza física e moral.



Sessão Consagrada ao Brasil Nordestino, na Congregação Francisco de Paulo, na Tijuca

★

O *1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil* foi o que nós esperávamos: elo de harmonia e foco de entusiasmo. O que se apresentava incerto e nebuloso, afirmou-se claro e positivo, coro de vozes pujantes e braços que se estendem para abraços. O Espiritismo alteou-se mais e mais ao calor das palavras, seguidas de exemplos fraternais. O alfa e o ómega fundiram-se no mesmo anseio que, ao traduzir-se em vernáculo, explodiu, desentranhando-se em frutos saborosos.

O velhos sentiram a revivescência do passado no espelho dos jovens que avançam, firmes e conscientes da larga tarefa que assumiram. Mercê da tenacidade e espirito de sacrifício de uns tantos, foi possível a aproximação das Mocidades, através de um nome que se expande Brasil em fora e do outro que é o *bom-senso encarnado*, como de Kardec disse Flammarion. Leopoldo Machado e Lins de Vasconcelos são dois arautos invenciveis: o primeiro, dinamizando; o segundo harmonizando e consolidando. O

Sei que houve muitos obreiros incansáveis, mas estes afirmaram-se com direito a menção honrosa, sem desdouro para os outros.

★

Mocidades Espiritas do Brasil: Escutai a voz dum amigo e de um irmão! O vosso Congresso não foi apenas o sino que tange, chamando outros jovens ao cardápio espiritual. Não foi apenas a prova da mentalidade espirita que dignifica vossas tendas e baluartes. Não foi apenas a trocar de abraços efusivos que selam amizades para todo o sempre. Não foi apenas comunhão de ideias entre almas em festa que preparam novos voos nas alturas... Os olhos contemplaram evangelhos até hoje nunca soletrados. Sentiu-se em vós o desejo de rumos diferentes, de surtos grandiosos em céus e mares diferentes. Fostes o rastilho providencial de uma ideia, o campo fértil, o braço operoso, o raio de sol fecundo que obriga a terra a partos lancinantes. O mundo profano seguia vossos passos, es-

crutava vossos pensamentos. Que seria aquele Congresso original? Um Congresso que dança ao som de flautas sibilinas? Uma reunião de moços inscientes, sem preparação nem objectivo determinado? Se assim fosse, que seria da Doutrina que difundimos? Que seria da nossa lógica e dos nossos argumentos? A derrocada não se faria esperar um minuto, nem um segundo. Seria rápida e total. Os materialistas entoariam cânticos vitoriosos e as religiões dogmáticas rejubilariam, meditando no valor dos símbolos. Cada um de nós é um símbolo. Somos fiadores da Doutrina Espirita. Quando a entregarmos aos mais novos, que esteja pura de mácula. Que os nossos actos se harmonizem com as nossas palavras.

Sessão Consagrada ao Brasil Nordestino, na Congregação Francisco de Paulo. A assistência de pé cantando a Canção da Alegria Cristã, *hino da Mocidade Espirita*

Por isso, milhares, milhões de olhos seguiam vossos gestos e movimentos...

E sucedeu o que acima contámos aos leitores desta revista. Atrás do movimento espirita contemporâneo, cheio de obras grandiosas e generosas, ia-se formando a Milícia do Ideal, que agora surgiu em revoada, rio caudaloso que espadana sobre o leito antigo e alarga as margens, sujeito à marcha da corrente impetuosa.

Vós sois o futuro escudo da nossa grande Causa. Lutas, sacrifícios, vilipêndios, escárneos sofridos, tudo é nada perante o vosso aprumo, o vosso garbo, essa atitude de quem não maldiz, não enreda, não calunia; que é serena de sua força consciente e alegre por natureza, como as aves canoras que animam a floresta com a harmonia de seus gorgeios; que é faternal e amorosa, de franqueza que chega a ser infantil; essa atitude vitoriosa que desarma o adversário e leva muitos deles à partilha da jornada triunfal que empreendestes no rincão brasílico, sob a protecção dos Divinos Mensageiros!

Sois a primavera que desponta sobre o inverno trôpego e e gelado. Vosso passo é firme e seguro. Olhais em frente, construis modernos palácios assentes em velhas ruinas, porque a vossa divisa é «Sempre Mais Além». O presente não se harmoniza com as vossas aspirações. As nossas descobertas são degraus oscilantes na rota que soltais. Vós sois o porvir, o nebuloso que se esbate para mostrar os contornos da realidade que palpita, oculta sob o véu dos elementos.

Por ora, ainda vós colaborais conosco, dando alento às nossas empresas e seguindo as nossas directrizes.

Amanhã sereis independentes. A Causa será o que vós fordes. E vós sereis fortes e animosos e conscientes. Demonstraste-lo no Congresso do Rio. Todo o mundo espirita o saberá e vos prestará homenagem.

Do Alto, os bons espíritos secundarão o vosso impulso e a obra alargará o âmbito e firmará a ossatura. E nós respiraremos fundo, tranquilos pelo futuro da Doutrina.

Sentimos orgulho do vosso peregrino exemplo. Fostes dignos do trabalho permanente realizado pelos antigos pioneiros.

Estudos Psíquicos, que já vos deve honras imerecidas, estará sempre convosco para vos acalentar e servir. É o grande consolo que lhe resta: servir as *Mocidades Espiritas do Brasil* com lealdade e vontade, para que elas triunfem depressa, para que atinjam os objectivos e mostrem que o Espiritismo está

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

LOUIS PASCAL, UM MÉDIUM EXTRAORDINÁRIO

Lemos há pouco no jornal *Forces Spirituelles* uma interessante crónica de Jean Ortolani acerca de Louis Pascal, grande médium curador que tem causado verdadeira sensação em Marrocos. Vamos resumir as considerações do articulista que, segundo declara, conheceu o médium em 1938, em Marrocos.

O primeiro fenómeno produzido foi este: o médium ajoelhou-se, em frente de uma mesa sobre a qual estava um tinteiro, duas canetas, papel, muitos lápis e uma bola de vidro. Em seguida apoiou as mãos no móvel, levantou-o no ar e deu-lhe a inclinação de 45 graus... Tudo permaneceu nos seus lugares, como se estivesse colado ao tampo...

Feita a prece, o espírito comunicante diz que alguns vêm ali com desejo de assistir a milagres e que o fenómeno citado passou despercebido a muitos. E acrescentou:

— Abri os olhos e o coração. Tende boa fé e conhecereis a Verdade. Esforçai-vos. Nós faremos o resto.

A chegada do médium tornou-se conhecida e os assistentes multiplicaram-se, a ponto de a sala ser pequena para tão grande número de pessoas. Os problemas psicológicos, científicos, filosóficos e morais eram ligados numa elevada síntese com dados e exemplos ao alcance de todos e os problemas psicológicos, como instinto, vontade, intuição e livre-arbítrio, eram explicados com ciência e arte consumada. Os problemas científicos, como a vibração, a ondulação, o fogo, o mar, o atomismo e as vitaminas eram expostos nas suas relações com o homem e ligados à Divindade.

Todas as perguntas tinham resposta imediata. O espírito comunicante pedia aos assistentes que designassem o tema a desenvolver e não raro aceitava ao mesmo tempo duas ou três perguntas diferentes, que ele consubstânciava em resumo maravilhoso.

Esta entidade fazia lembrar *Simbole*. As perguntas eram feitas num pedaço de papel e muitas vezes em frases sibilinas. Pois a resposta era sempre clara, nítida e precisa e em poucos minutos respondia a tudo, menos a perguntas de ordem material. Só o amor e a caridade o moviam. Por vezes, dizia com grande precisão o conteúdo e a data da recepção de cartas inesperadas que chegariam dentro de algumas semanas, como a de um navegador grego, inquieto com falta de notícias de sua mãe. A este, anunciou uma carta chegada a Casablanca em 30 de Junho de 1942 e entregue ao destinatário em 10 de Julho. Estavam nos fins de Fevereiro e o articulista verificou que a estampilha do correio tinha a data de 30 de Julho e o consulado da Grécia reteve lá a carta 10 dias. A um engenheiro um pouco céptico prometeu-lhe curar a mãe que estava em Paris e ditou-lhe a primeira frase da carta que ele havia de receber dois meses depois.

Às perguntas acerca de doenças duvidosas, dava logo o diagnóstico com precisão, acompanhada da terapêutica.

Durante nove anos, «Luz» respondeu a muitos milhares de perguntas e a muitos mais de diagnósticos de doenças, os quais eram sempre verdadeiros.

Dois meses após a sua entrada em Marrocos instalou-se no Centro de Reeducação dos Cegos, ao lado da Piscina Municipal e prestes os seus doentes atingiam vinte e vinte e cinco por dia. As curas, então, ultrapassavam tudo o que se pode imaginar, como a da menina R., com paralisia completa dos membros, abandonada por todos os médicos de Espanha e Marrocos e normalizada ao cabo de algumas sessões (Agora está casada e é mãe de muitos filhos); a cura de um negro com um neoplasma duplo (canceroso) curado em 8 dias; tuberculosos, como a menina B. (3 cavernas pulmonares) curada em 8 dias, ante a estupefacção do médico assistente, que verificou o fenómeno com duas radiografias no espaço de um mês; a cura da senhora W. com uma perna cheia de escamas e a petiza Mauresque com o peito e os dedos cheios de lepra...

No fim do 1.º mês de tratamentos, os doentes aumentavam vertiginosamente. Um dia, mais de 400 enfermos invadiram-lhe a casa e ele teve que fugir por uma janela.

Segundo diz Jean Ortolani, Louis Pascal é o único médium que já foi convidado por três directores de hospitais de grandes cidades a tratar doenças incuráveis em pessoas de suas famílias.

Como se isto não bastasse, ainda se deslocava muitas vezes às localidades do interior a fazer conferências espíritas e a fundar novos grupos, como o de Marrakech, que é o mais importante.

E o articulista termina, dizendo:

«Depois disto, como duvidar da origem do Espiritismo?... Como duvidar da sua vitória final, escudado nas potentes armas do Amor, da Caridade e do Perdão?».

Claro que Louis Pascal não cura *todos* os enfermos, mas é inegável que todos eles têm sido aliviados.

---

na base de todos os movimentos generosos, porque é de essência divina; que rejuvenece as almas e mudará a face da Terra, se os homens compreenderem os postulados desta bela Doutrina e os exemplificarem, como estão fazendo no Brasil milhões de obreiros incansáveis que se esquecem de si para pensar nos outros.

Correspondei ao que de vós esperam os cavouqueiros que semearam a vossa pátria de hospitais e escolas e albergues e orfanatos, num gesto profundamente humano que há muito se integrou na história da beneficência universal. E a vossa posição será inconfundível e a vossa dignidade ascenderá na cotação dos valores morais. Sede intemeratos e vencereis a batalha da Vida. Sede confiantes e o mundo se abrirá à vossa passagem. O vosso coração e a vossa inteligência serão a base imortal do Espiritismo!

UM FACTO ESPIRITA

Do *Semeador*, de S. Paulo, extraímos o seguinte caso, narrado por A. F., um confrade operoso que muito admiramos:

O meu amigo L. S. é um espirita convicto e verdadeiro praticante; sua esposa é médium e possui quase todas as faculdades em bom grau de desenvolvimento. Sem serem ricos, são aquilo que se chama «gente folgada»: vivem com largueza sem desperdícios e, como não têm filhos, são os pais dos pobres que os procuram; levam vida muito simples e gastam tanto no «ménage» quanto com os outros.

L. S. é muito descuidado consigo mesmo e só é atento para uma coisa: suas tarefas, quer do trabalho material, quer do espiritual. Mensalmente fornece à esposa verbas para as «suas despesas» mas reserva regular quantia para as próprias que, sendo restrictas, deixam margem para reforçar o auxílio aos seus semelhantes.

Certo mês antecipou a «mesada» da senhora e, feitas as próprias contas, verificou haver uma regular margem para auxílios ao próximo. Saiu à noite para o trabalho e voltou um pouco tarde; vinha sonolento no ónibus, mas ao chegar a casa distraiu-se com pequenas ocupações, enquanto a senhora já se recolhia ao leito. Ao entrar no dormitório, esta perguntou-lhe:

— Onde está a sua carteira?

— Aí na cadeira, no bolso do paletó, — respondeu ele.

— Examine, — retorquiu a senhora.

Duvido um pouco. Acabo de ver um braço escuro de mulher, meio magro, tendo na mão a sua carteira.

Era uma carteira magnífica, de fina camurça «beije» com recantos de ouro muito bem trabalhados e fora um presente da esposa.

Imediatamente ele a procurou por todos os bolsos, mas em vão. A carteira havia desaparecido. Esforçando-se para recompor as coisas, lembrou-se de que ao seu lado se havia sentado uma mulher do povo, quase preta, de cerca de trinta anos, aspecto tristonho e de sofrimento. No ónibus, ele havia tirado a carteira do bolso do paletó, dela retirando uma cédula de pequeno valor, para pagar a passagem; o troco fora recebido em moedas. Provavelmente, deixara a carteira escorregar pela roupa, ao envez de a enfiar no bolso. Àquela hora avançada de poucos passageiros no carro, certamente a mulher só notou a carteira quando ele já havia descido do ónibus. E ficou com ela.

No dia seguinte, na sessão espirita habitual, sua esposa recebeu o Espírito que dirige os trabalhos. A médium é inconsciente; a certo ponto da conversa, o Espírito disse ao meu amigo:

— Você ontem estava desejoso de encontrar uma pessoa necessitada a quem beneficiar com as sobras de sua verba mensal, não é verdade?

— É, sim, — respondeu êle, surpreendido com a pergunta. Pensei nisto e cheguei a pedir que aparecesse algum necessitado. Você leu bem meu pensamento.

— Pois, meu filho, — disse o Espirito, — aquela criatura que estava no ónibus era realmente necessitada. Não houve roubo; as coisas se dispuseram de modo que ela achou a sua carteira. Dê graças a Deus por ter tido uma oportunidade de servir a um semelhante.

Deste facto decorrem algumas lições interessantes. A primeira é a do exemplo daquele casal; a segunda é o fenómeno mediúnico espontâneo, no qual a senhora, sem saber que o marido havia perdido a carteira — porque este ainda não dera pela falta carteira — porque este ainda não dera pela falta — vê a mesma em mãos estranhas e que corresponceira é a observação, espontânea também — porque o casal não recorre aos Espíritos para saber de coisas materiais, comesinhas ou de mera curiosidade — feita pelo Espírito, revelando um conhecimento exacto: dos pensamentos do meu amigo; da perda da carteira; do encontro desta por pessoa que correspondia, realmente, às circunstâncias e que tinha necessidade de ajuda.

Eis aí mais outra manifestação da invisível providência, que socorre os que estão em condições de o merecer, por maneiras originais e imprevistas, sem haver recurso aos pretensos milagres.

CLÍNICA DA ALMA

Em 1942, por ocasião de notável congresso realizado pela Concentração Nacional Espiritista de Cuba e a pedido do Grupo Femenino de Estudos Psíquicos Lury Estrela, foi resolvida a fundação de uma obra social para tratamento de obsidiados. Dois anos depois inaugurou-se em Camaguey, sob a denominação de *Clínica del Alma*. Como funciona esta instituição, di-lo Salvador Gatto, em artigo publicado na revista *Siembra*, de Avelaneda, Argentina. Vamos transcrever alguns parágrafos:

«Quando algum doente requer ingresso na *Clínica del Alma*, investigam-se principalmente as causas da perturbação. Se são de carácter patológico, isto é, doença do corpo material, aconselha-se a família e o próprio enfermo a que procura um médico especialista, visto a sua perturbação assim o exigir exclusivamente; se se verifica que o enfermo sofre de obsessão, permite-se-lhe a entrada e procede-se ao tratamento requerido. E se a doença é mista (física e psíquica), presta-se atenção à parte psíquica e exige-se à família que proçure um médico que trate a afecção orgânica.

«Os trabalhos de cura psíquica ajustam-se exclusivamente aos métodos kardecistas: senta-se o obsidiado sob contrôlo dos membros indicados pelas agremiações; investiga-se, através dos médiuns oficiais, qual o tipo de obsessão e os espíritos que influem; obrigam-se estes a comunicar-se pelos médiuns, dando-lhes a conhecer o dano que, voluntária ou involuntàriamente, causam ao obsidiado e cientificando-os do seu estado espiritual; e, finalmente, exortam-se para que deixem de perturbar o doente e se dediquem à tarefa de melhorar o seu progresso moral. Trabalho árduo e moroso, muitas vezes, mas que consegue curar inteiramente os obsidiados, os quais, libertos das entidades perturbadoras, voltam ao lar e a suas profissões, levando a alegria aos seus entes queridos.

«Para completar este labor espiritual, cuida-se dos obsidiados em todos os sentidos, dando-lhes alimentação excelente e apropriada e mantendo-os em ambiente higiénico com distracções sádias nos vastos jardins que rodeiam a *Clínica del Alma*.

«Ao preencher, nesta Clínica, as fichas de entrada do enfermo, não se menciona a sua nacionalidade, a sua ideologia ou a sua religião, porque os espiritas desejam praticar o bem pelo bem, como Jesus aconselhou.

«Os nossos confrades de Cuba têm o dever indeclinável de contribuir com uma cota mínima mensal para manter e engrandecer esta feliz iniciativa social, que se inaugurou em Camaguey; mais ainda, devem

Notas & Comentários

OBSESSÕES E VICIOS DE EMBRIAGUEZ

Para maior conhecimento dos leitores, publicamos novamente a seguinte nota acerca dos trabalhos de um confrade que no Rio de Janeiro está a exercer acção profundamente benéfica nos obsidiados sujeitos ao vicio de embriaguez:

Envie nome, idade e endereço, onde houver pessoas atacadas deste mal que, por meio de tratamento à distância pelo Espiritismo e com a vontade de Deus, poderão ser curados ou aliviados.

Solicita-se também a presença de médiuns de boa vontade que queiram prestar-se a esse trabalho.

Cartas a Luis André, Rua Senador Pompeu, 169, loja, Rio de Janeiro. Aos que se acharem curados, pede-se o favor de escreverem, para efeito de estatistica.

O ESPIRITISMO INGLÊS E A REENCARNAÇÃO

Como é do conhecimento dos nossos leitores, a maioria dos espiritas ingleses não aceita o reencarnacionismo. Porém, há pouco tempo, Lord Dowding, o heroi da batalha da Grã-Bretanha, falando na Marylebone Spiritualist Association, afirmou: — «Eu não posso admitir que haja apenas uma vida. Se aceitarmos a ideia de que cada indivíduo está sujeito a numerosas experiências, não só para assimilar os seus frutos, como também para se habilitar à realização de uma grande obra, então a ideia de percorrer vários ciclos de vida tem sentido». O já justamente famoso espirita inglês ressalva que o seu reencarnacionismo não se apoia nas conhecidas ideias teosóficas, mas no testemunho de «desencarnados». Lord Dowding apresenta os seus «ciclos de vida» envolvendo a terra...

UMA OBRA QUE CONTINUA

Quando William Parish desencarnou, receou-se que terminasse com ele uma das mais belas obras do mediunismo curador. Peggy Parish, porém, ocupou o lugar e em *Psychic News* lemos que a lista de curas sensacionais continua a aumentar. Da Islândia, de Kénia e da Malaia chegam cartas relatando casos e agradecendo os resultados obtidos, a pesar da distância enorme entre aquelas regiões e a Inglaterra.

O ESPIRITISMO AVANÇA...

Recentemente, principiou a publicar-se uma revista mensal de Espiritismo no Egito tendo por título *Aalam El Roh* (Mundo dos Espíritos) e cujo editor é A. F. Abdul Kheir, director de um departamento do Ministério da Educação egipcio. É a primeira publicação espírita em língua árabe.

Na Alemanha, onde outrora existiu um forte núcleo de Espiritismo, desenvolve-se actualmente activo trabalho de propaganda. Deve ter principiado em Abril findo um programa de leituras na Universidade de Colónia e espera-se conseguir em breve a abertura de um Colégio de desenvolvimento espirita em Hanover.

A MEDIUNIDADE NOS ESTADOS UNIDOS

A lei americana protege o exercício da mediunidade, mas, naturalmente, exige, além do pagamento de uma taxa, algumas condições... Segundo um correspondente do *Psychic News* em Nashville (Estado de Tennessee), a licença de exercício de faculdades só é passada a quem possua «grau» de bacharelato de reconhecido colégio ou universidade e atestado médico de perfeita saude física, dê provas de bom carácter moral e... pague 250 dolares.

Noutros estados, porém, só se exige o pagamento adiantado! Se, por um lado, se evita a proliferação exagerada, por outro lado conduz ao seguinte paradoxo: — a polícia proteger o charlatão endinheirado que satisfez o tributo e prender por exercicio ilegal da mediunidade (!) aquele que, sendo realmente médium, não tem dinheiro para pagar a licença!

O «CENTENÁRIO DO ESPIRITISMO» NA INGLATERRA

Os espiritas ingleses comemoraram o 1.º Centenário do Espiritismo com uma sessão no *Albert Hall*, em Abril findo, onde falaram Ernest Oaten, Hannen Swaffer, A. H. L. Vigurs, H. F. Bendall e Percy Hitchcock e «mediaram» Estelle Roberts e Helen

---

unir-se a fundar tantas clínicas da alma, como cidades existem no formoso solo cubano. Vejam os desinteressados e sacrificados espiritistas do Brasil, que em cada cidade têm já uma clínica equipada com modernissimos e completissimos elementos!».

E depois de exortar os espiritistas argentinos a imitar os cubanos, termina assim o artigo:

«Que essa primeira clínica se materialize, irmãos argentinos e que ela se denomine «Camaguey», em homenagem aos nossos irmãos de Cuba que naquela cidade fundaram a sua primeira *Clínica del Alma!*».

É com o maior prazer que damos publicidade a esta parte do artigo de Salvador Gatto, tanto mais que também sentimos em Portugal a necessidade urgente de uma clínica semelhante, onde os pobres obsidiados encontrem remédio para seus males, uma vez que as terapêuticas usuais só conseguem curar ou aliviar uma pequenissima parte dos «segregados da sociedade» a que chamam impròpriamente loucos.

Dizem-nos que é dificil, nos tempos actuais, conseguir este objectivo. Mas será impossível? Não haverá coração de legislador que enfrente o problema e procure resolvê-lo com decisão e lógica? Porque não se há-de permitir uma Clínica deste género em Portugal, se elas existem noutros países e ali realizam obra tão meritória, que os governos centrais estaduais são os primeiros a incitá-las e a auxiliá-las com grandes verbas inscritas no orçamento?

Noticiário

COMUNICAÇÕES

Tiveram a amabilidade de nos comunicar a eleição de suas novas Directorias a *Federação Espírita Paraibana* e a *União da Juventude Espírita Cearense*. Às duas colectividades agradecemos a lembrança e enviamos-lhes as nossas fraternais saudações, com votos de saude e paz espiritual.

AMIGOS DE «ESTUDOS PSÍQUICOS»

Para auxílio da manutenção da nossa revista recebemos mais os seguintes donativos, que muito agradecemos:

A. M.	500$00	
António da Silva Braga Júnior	60$00	
João da Silva Gomes	90$00	
Américo Arnedo Freire	5$00	
Centro Espírita Amor e Caridade, Rio de Janeiro	100$00	
Astreia, do Rio de Janeiro	100 cruzeiros	
António Luiz Fernandes, do Rio de Janeiro	200	»
Diamantino Coelho Fernandes, do Rio de Janeiro	50	»
Domingos Francisco dos Santos, do Rio de Janeiro	50	»
António J. Monteiro, do Rio de Janeiro	20	»

Hughes. Assistiram cerca de 3.000 pessoas, mas infelizmente a sessão foi mal organizada, pois só dois jornais londrinos se referiram ao caso.

Em tudo, é preciso atender à parte comercial!

O ESPIRITISMO NUMA UNIVERSIDADE

Na última das suas 5 lições especiais sobre psicologia, o Dr. Thouless, leitor de Psicologia Educativa da Universidade de Cambridge, aborda o problema das «investigações psíquicas», referindo-se em especial às ectoplasmias, que considerou fenómeno real, perfeitamente investigado e demonstrado.

Quando se farão lições sobre «metapsicologia» na nossa Faculdade de Letras? Não é lamentável que os nossos licenciados em ciências filosóficas acabem o seu curso sem ouvir falar de tão rica e estranha fenomenologia?

Note-se que, embora espiritas, não pretenderíamos que lá se ensinasse «espiritismo», mas simplesmente que se imitasse o exemplo doutras escolas estrangeiras. Mc Dougal e Viquera também falam do fenómeno, sem magoar ouvidos mais sensíveis com a contundente temática espirita...

«JUVENIL ESPIRITA»

Mais um órgão das Mocidades Espiritas do Brasil visita a nossa redacção. É *Juvenil Espirita*, dirigido por José Elson Fontes, e vem de Aracajú, Estado de Sergipe. O seu objectivo é «cooperar directamente com todos, no sentido de que o jóvem do presente possa realmente ser a esperança do futuro.

Saudamo-lo com o maior aprazimento e desejamos-lhe as maiores felecidades.

FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA

No próximo dia 10 de Outubro reabrem os trabalhos da Federação Espirita Portuguesa com uma conferência do nosso colaborador e Presidente da Direcção daquela colectividade, sr. coronel Faure da Rosa. A pesar dos contra-tempos que a doença há tempos lhe infligiu, o sr. coronel Faure da Rosa mantem-se firme no seu posto, dando um alto exemplo aos novos. Que Deus lhe conserve por muitos anos a boa disposição que o tem acompanhado.

«SONHO DESFEITO»

O nosso confrade Horácio Augusto de Vasconcelos acaba de editar a novela «Sonho Desfeito», da autoria do seu sobrinho falecido, o quintanista de Liceu, José de Lisboa, premiada com a «Flor de Ouro» nos Jogos Florais da Mocidade Portuguesa, de 1947. Quem desejar adquirir o livrinho, dirija-se ao editor, R. Direita, 162-A, Vizeu, que o enviará franco de porte a quem lhe remeter 7$50.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE OUTUBRO

Dia 9 de Outubro, sábado, 21,30 — Inauguração dos trabalhos do Centro com a conferência do Coronel Faure da Rosa, intitulada: «Médiuns Célebres: Jean Guzik e Frank Kluski».

Dia 14 de Outubro, quinta-feira, às 21,30 — Reabertura do Grupo Reper-Siam, dirigido por Ramos Pereira.

Dia 16 de Outubro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária dirigida pelo Dr. Adelino Gamboa, com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 21 de Outubro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

Dia 23 de Outubro, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 28 de Outubro, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, OUTUBRO DE 1948 — N.º 10

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

OS NOVOS

Parece que uma onda renovadora está a banhar as fileiras espiritas deste e do outro lado do Atlântico. Rapazes novos, inteligentes e ousados, tomam posições e substituem, com certa vantagem, alguns velhos que muito deram à Causa. Ao mesmo tempo, ideias antiquadas ou que já não correspondem às realidades do presente cedem o lugar a outras que surgem no horizonte, avultam e empolgam cérebros e corações. São ideias que se enquadraram no progresso humano e ninguém pode evitar a sua marcha incessante e seus efeitos na mentalidade dos adeptos da Doutrina.

Semelhante fenómeno está sujeito à Lei Natural. Todo o esforço que fizermos para impedi-lo será inútil. Completamente inútil. Poderemos exercer a vontade em oposições transitórias e teremos a ilusão de que tudo parou em torno do nosso objectivo. Mas a vontade cessa e a onda rola, mais forte e impetuosa. Quem poderá evitar o crescimento da planta, uma vez lançada a semente em terreno propício, germinada e radicada?... O que jazia em síntese, em latência, desenvolve-se agora segundo características uniformes e específicas.

Os novos são, como nós, elementos de progresso. Tem a sua Mensagem, seus fins úteis, métodos de trabalho próprios da época a que pertencem. Desempenham função histórica. Marcam posições definidas no panorama renascente. São a esperança de hoje e a certeza de amanhã.

Não devemos aceitar a sua chegada, como coisa inevitável, mas saudá-la com verdadeiro júbilo, insuflando-lhes um pouco do que temos de bom, chamado experiência e senso crítico.

É lógico que uns digam:

— Tenho amor a isto que vi nascer e se alteou e criou com o meu concurso. Não quero abandonar a trincheira. Permanecerei sempre no meu posto.

Mas não é menos lógico que outros objectem:

— E a renovação que se impõe para bem da Causa ? A poda é indispensável às árvores para que nasçam e cresçam novos ramos. E quando caducarem, terão de substituir-se. Exige-o a harmonia do conjunto. Quando já não derem frutos saborosos, darão lenha para o fogão. Queremos liberdade de acção e andar por nosso pé, a exemplo dos velhos. E não abdicamos do nosso direito, como soldados da evolução.

— Sim, — brada a voz do bom-senso —. Há razão no apego dos primeiros à obra realizada e no anseio dos segundos pela extinção de obstáculos que inibem de avançar depressa; contudo, é necessário que o fenómeno se dê naturalmente, sem o menor salto na evolução ou revolução que se deseja. Os novos virão a seu tempo e a seu tempo ocuparão posições ganhas por seus méritos, e só por seus méritos. Quer dizer, é preciso que os novos «envelheçam» no trabalho e na vontade, de modo que não façam lembrar a verdura dos anos. É preciso que trinta anos valham quarenta.

Então deixarão de ser novos (no sentido genérico da palavra) e serão homens operosos e fecundos. O Espiritismo estará nos seus braços, na sua pena e na sua voz, tranquilo e seguro, como tem estado na mão dos velhos.

Lugar aos novos que têm ideias e sabem trabalhar, que estudam e engrandecem o Ideal que servem ! Somos pela renovação do conjunto, sem estragos inúteis, sem violências escusadas. Que os velhos se não apeguem aos nichos, à espera de incenso! Na sua obra há história e exemplo para os novos, para todos os que empunhem o arado nesta vasta seara de pouquíssimos trabalhadores. A obra se imporá sem dificuldade. Os vindouros saberão compreendê-la e fazer-lhe a justiça que merece. O que mais importa — a final — é que as plantas cresçam e a colheita seja abundante e compensadora.

Nunca receámos o avanço da geração que desponta, nem a parte de suas ideias que se oponha às nossas. Aceitamos esse embate e estamos prontos a resolver conflitos arbitrados pela razão. Nunca fizemos questão fechada de nossas afirmações e de nossos objectivos, pois que tudo é sujeito a erros que pedem rectificação ou extirpação. Colocamo-nos no meio termo para não errar em demasia. Assim sendo, abraçamos novos e velhos: estes pelo muito que fizeram e aqueles pelo muito que farão.

É que só nos interessa a causa do Espiritismo.

O Espiritismo e a sua Missão de Fraternidade Universal

por Ernesto Moog
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Santiago de Chile)

(Tradução de I. D. S.)

À luz dos actuais conhecimentos científicos (nova psicologia e metapsíquica), é evidente que o homem possui certas faculdades supranormais ou parapsicológicas que não eclodiram agora pela primeira vez, mas que, indubitàvelmente, se exerceram desde os alvores da evolução, possivelmente nos mesmos remotos dias em que o ser humano, adaptando-se pouco a pouco à posição vertical ou erecta que hoje tem, lançava os primeiros olhares de inteligente assombro e consciente curiosidade ao desordenado planeta de altos cumes, impetuosos rios, férteis planícies e emaranhadas florestas, que seria o cenário de sua maravilhosa marcha ascendente.

Nessas faculdades e processos metapsíquicos que o homem ia descubrindo e experimentando confusamente em si mesmo e nos que o rodeavam, residem as primeiras centelhas da espiritualidade humana; centelhas espontâneas e fragmentárias, certamente desconcertantes e temíveis para os que experimentavam, mas que mais tarde iriam crescendo e depurando-se até se converterem na cambiante chama que, dardejando nas frias cavernas onde as tribos faziam os sacrifícios humanos às escuras, chegou a transformar-se na pura luminosidade dos majestosos templos da Mesopotâmia, Egito, Índia, China, Grécia e Roma, e das civilizações Azteca, Maia, Chibcha e Incáusica.

Assinalamos, pois, — apoiando-nos no que os factos indicam —, como ponto de partida da inquietação espiritual e religiosa da humanidade, as solicitações estranhas e esporádicas que as energias da espécie lançavam, à sua maneira, através dos primeiros indivíduos da raça, orientando a sua atenção para esse dínamo-psiquismo mais real e mais vasto que existia atrás das representações orgânicas e processos sensoriais.

Como eram aquelas solicitações? Difícil é dizê-lo com certeza; mas os povos selvagens que ainda vivem em lugares não civilizados da África, Oceânia e América do Sul, proporcionam-nos ideias esclarecedoras a respeito, já que neles pudemos estudar, verdadeiramente, uma interessante gama de manifestações metapsíquico-espiritas.

Sonhos premonitórios antecipando factos que mais tarde ocorriam fielmente; visões de acontecimentos à distância; curas inesperadas e aparentemente milagrosas; o poder destruidor da mente através da força concentrada dos pensamentos e emoções violentas e primitivas — geralmente desejos de morte para inimigos, de ódio e vingança para o competidor na guerra ou na diversão, de aniquilamento para os rivais no amor e no lar — agindo eficazmente como força quase física sob o dominado ou ignorante adversário por intermédio dos feiticeiros ou bruxos da tribo, com seus conjuros e extravagantes cerimónias; profecias em estado de êxtase ou transe obtido com fumo de ervas e plantas e por sugestões rudimentares ou emanações naturais provenientes de fendas no solo; amigos, parentes e inimigos falecidos que reapareciam nos sonhos, dando temível impressão de vida; obsessões; fenómenos de encantamento; aparições e talvez manifestações de ectoplasmia ou materializações em casos propícios, eis os sinais reveladores da realidade suprafísica que se ofereciam à perplexidade ou fantástica interpretação das mentes em crescimento, das consciências que despertavam, nos primeiros tempos da raça humana.

Nesse terreno desconhecido e incerto para nós, pois abarca imenso e antiquíssimo período da evolução humana, situam geralmente as investigações (arqueologia, etnografia, antropologia, etnologia, etc.) as origens das religiões, partindo do animismo e totemismo primitivo.

Essas teorias, produto das concepções positivistas, filosóficas e científicas que imperavam nos últimos cem anos, não têm em conta os factos metapsíquicos e espiritas e desenvolvem-se no terreno estreito das interpretações físico-químico-fisiológicas do ho-

mem e do universo, de acordo com as noções da Física e da Psicologia clássica, pelo que sofrem da mesma falta de uniteralidade e prejuizos destas.

Tais hipóteses dão a origem das religiões e do espiritualismo como consequência dos temores ancestrais do homem primitivo que, não compreendendo a causa, o desenvolvimento e a concatenação dos fenómenos da Natureza, que o surpreendiam e ultrapassavam a sua capacidade de interpretação e conhecimento, atribuia tudo a inexistentes potências invisiveis, desde o ídolo de madeira ou pedra, até o Supremo Ser antropomórfico das crenças dos povos mais adiantados e das grandes sistematizações religiosas que criaram culturas e civilizações integrais.

Esta teoria, apoiada em certos factos fragmentários, bem como o testemunho incompleto e desvirtuado proveniente do estudo parcial e interessado de manifestações de alguns povos primitivos da actualidade, só aprecia uma face do problema, a mais externa, e deixa de considerar muitos outros factores de evidente importância, como as manifestações reais de faculdades, processos e fenómenos supranormais produzidos inquestionavelmente entre os povos e raças primitivos, — postos em relevo no estudo comparado de lendas, tradições e mitos das mais diferentes latitudes da terra — que forneceram bases firmes subjectivas e objectivas, às concepções animistas, religiosas e espirituais da humanidade.

A perspectiva quanto ao passado muda então fundamentalmente, porquanto se verificam os seguintes factos essenciais :

a) A existência de uma base de verdadeiros processos metapsíquicos e espiritas e estados suprafísicos, cujas manifestações permitem à mente e à experiência das raças primígenas elaborar concepções espiritualistas e religiosas, de início rudimentares e confusas. À medida que avançam os conhecimentos e as realizações parapsicológicas — sob diferentes denominações e formas de captá-las — essas concepções se desenvolvem entre erros, ilusões, verdades e acasos, até alcançar extraordinárias alturas e extensas projecções, hoje, todavia, em pleno crescimento, pois muito pouco conseguiram obter, em comparação com suas possibilidades.

b) A existência desses fundamentos metapsíquicos e espiritas, de ordem subjectiva e objectiva de realidade comprovável, donde saiu o germe das grandes religiões da humanidade e dos sistemas de realizar acções e experiências místicas superiores, no Oriente e no Ocidente, permite eliminar a concepção científica e filosófica, parcial e insuficiente, de que toda a religiosidade e espiritualidade que os homens têm mantido, não é mais que imaginária construção, consequência do jogo de factores materiais ou físicos mal conhecidos, defeituosamente interpretados ou propositadamente deformados.

c) Como corolário do que antecede e sem ligar importância aos factores económicos, sociais, geográficos, étnicos, climáticos, biológicos, históricos, etc., que desempenham papel importante no desenvolvimento exterior, formal, organizador, propagandistico, e para fixar as características próprias das religiões e do espiritualismo em geral, existe a comprovação irrefragável de que todos esses elementos são COADJUVANTES e em caso algum DETERMINANTES, como se julga erròneamente. O *determinante*, outem, hoje, àmanhã, é o metapsíquico, o espirita, o suprafísico, o dinâmico — psíquico ou espiritual, que pode estender-se para além do tempo e do espaço, que domina e plasma o orgânico e ultrapassa o sensório-cerebral e o material; que baseia as realidades mais elevadas (o mental, o moral, o religioso, em sua própria essência imortal e perene), e as entrega ao ser em intuições indestrutiveis, imperativos categóricos, ordens da consciência, vozes interiores, ou como queiram chamar-lhes.

A origem do problema espiritual e religioso funde-se, portanto, na dimensão metapsíquica do homem, e a exploração do campo metapsíquico e espirita permite aproximarmo-nos desses fundamentos, apoiados na informação científica e filosófica e com amplitude e certeza nas inferências e conclusões.

///

Há evolução no psíquico e no moral, da mesma forma que no biológico e no físico. Existe uma potencialidade espiritual que desenvolve suas infinitas e ascendentes gradações em manifestações psicológicas ou parapsicológicas (e ainda as ultrapassa a ambas) e que chegará a realizações inconcebíveis para a nossa actual compreensão.

A existência de seres superiores altamente evolucionados, de espiritualidade grande e rara, de extraordinárias faculdades, animados de intenso amor aos homens, seus irmãos, seus iguais, cujos sofrimentos, imperfeições, lutas e anelos conhecem e sentem profunda-

mente, é então uma realidade inegável, consequência lógica da evolução espiritual da humanidade, que nada tem de sobrenatural, arbitrário ou absurdo.

Não menos comprensíveis aparecem então os esforços abnegados e totalmente desinteressados feitos por esses seres, abolutamente superiores pelo seu mérito, para iluminar a mente dos homens, comover seus corações para o bem e transmitir-lhes seus maiores conhecimentos acerca da realidade espiritual, estimulando-os na procura da verdadeira perfeição que os liberte da dor e da ignorância e que permita a todos ascender às mesmas alturas em que eles se encontram. Estes esforços chegam até o sacrifício e as máximas renuncias nas aras do amor à humanidade e implicam sempre a efusão de imensa energia espiritual de que os homens se nutrem durante incontáveis séculos e lhes serve de renovado apoio nas lutas pela perfeição, pelo conhecimento e pelo amor.

Dessa linhagem excelsa de seres saiem os grandes Instrutores da humanidade, os Fundadores de Religiões, os Condutores espirituais dos homens, os Proclamadores da essência divina do espírito e da unidade indissolúvel que liga todos os seres por sua origem e destino, por seus combates e trajectória na matéria. Todos esses magnos Orientadores e Inspiradores falam substancialmente a mesma linguagem de Amor e Fraternidade, Justiça e Verdade universal por diferentes que sejam as épocas em que aparecem e por diversos que sejam os povos que os recebem. A corrente de energia espiritual que deles emanou e que perdura através dos tempos é da mesma qualidade e, no transcorrer dos milénios, um impulso de amor e compreensão, de união e tolerância, foi aproximando as várias correntes que surgiram no Oriente e no Ocidente, na remota antiguidade e nos períodos posteriores até os nossos dias, em que poderosa necessidade de unificação se manifesta cada vez mais claramente nos sectores adstritos às forças do espírito. Aquele impulso, portanto, será cada vez mais irresistível, até constituir, no futuro, caudalosa torrente espiritual, soma e compêndio das energias espirituais antes espargidas em diferentes religiões e movimentos espiritualistas do mundo.

Este cúmulo gigantesco de energias espirituais reunidas, depurado dos inevitáveis elementos estranhos que a ele aderiram durante o avanço e a fusão, será recolhido e canalizado, em nível superior, para toda a humanidade e seu definitivo progresso e liberação, por um movimento espiritualista contemporâneo que possa, no momento actual, oferecer ao homem universalidade de ideais e acções, fraternidade completa sem distinção de raças, credos, latitudes ou épocas, liberdade de consciência e de espírito sem restrições ideológicas, doutrinárias, filosóficas ou religiosas, amplitude total de concepções sem intransigência dogmática ou fanatismo, igualdade ilimitada em todos os caminhos de realização ou conquista interna e todos os horizontes de actividade espiritual externa, sem arvorar a bandeira espiritualmente estreita e divisora de determinada escola ou sistema, de religião ou credo isolado, de um grande Instrutor supervalorizado, de um hemisfério salvador ou de uma civilização preponderante.

O Espiritismo deve ser esse movimento, e sê-lo-á, se os seus homens souberem conciliar o seu conteúdo e suas responsabilidades autênticamente universalistas e os traduzam em factos, demonstrando assim compreensão viva e eficaz do decisivo e imenso processo que se exerce no mundo e cujas bases estão na filosofia e na religião, e, também de modo preponderante, no campo científico. Porque na nova Física e na Nova Psicologia, na Metapsíquica e no Espiritismo experimental, como temos assinalado noutros trabalhos, a ciência penetra em cheio e profundamente em novo terreno elevado e abstracto no que descobre, dia a dia, que o material e objectivo do Universo e o homem são meras representações transitórias do subjectivo eterno e do dinâmico-psíquico perene, e deste modo se vê obrigada a apresentar e a resolver os seus fundamentais problemas e investigações em termos inusitadamente idealistas, razão por que uma verdadeira disciplina universalista, como é a ciência, atinge hoje no material e no espiritual resultados e conclusões universais que, ao propagarem-se ilimitadamente — como todos os resultados científicos — lançam por terra tudo o que seja restrito, doutrinário e estreito, nesse mesmo campo espiritual.

Mas o Espiritismo apoia-se na ciência e na filosofia e por isso não pode apresentar a inexplicável e destruidora contradição de ser universalista no seu importante aspecto científico e limitado no seu aspecto espiritual-filosófico não menos decisivo, tanto mais que neste último aspecto, como temos visto, as perspectivas do momento para construir uma autêntica e proveitosa fraternidade, assim

como as necessidades reais dos homens de todos os continentes, são de unidade completa de pensamento e acção espiritualista, sem preferências religiosas, nem prejuizos doutrinários, nem abandeiramentos em tendências determinadas, que separam os corações e confundem as consciências.

///

Aqui devemos ligar os nossos conceitos com os emitidos no início deste trabalho. Dissemos que nos tempos primitivos da humanidade, quando as manifestações esporádicas do metafísico e suprafísico iam revelando ao homem a sua íntima realidade espiritual e a grandeza maravilhosa do ser imortal, este encontrava ali um impulso efectivo de seus inatos anseios religiosos e sentimentos de respeito e temor perante o excelso e misterioso do Universo e da alma. Então e enquanto não apareceram e foram devidamente compreendidas as grandes almas evolucionadas que dariam ao homem visão mais ampla e roteiro mais seguro para o conhecimento e para a perfeição, podia justificar-se que, por ignorância e desorientção, se erguessem ídolos múltiplos e se criassem muitos cultos diversos e crenças divergentes que, por serem tão numerosos, dividiam e separavam em lutas de predomínio religioso, que se prolongaram até à adiantada evolução humana material e externa.

Mas actualmente, que a consciência do homem atingiu um nível de compreensão e unidade que podemos considerar avançado, em termos gerais, e que o Espiritismo dispõe de manifestações espirituais, factos, comprovações científicas, mensagens e concepções filosóficas, que demonstram a solidariedade essencial de todos os seres e que impõem a necessidade de ultrapassar as limitações artificiais criadas pela comunidade no transcurso de seus esforços evolutivos; actualmente, que o espiritual apresenta imensos e esplêndidos horizontes de fraternidade e universalidade, antecipados em suas épocas pelos grandes Mensageiros do mundo espiritual que encarnaram entre os homens, é necessário, é vital olhar para a frente, superando definitivamente as fases antigas de divisão espiritual, de separações conceptuais e de tendências multiplicadas, a fim de se poder captar a enorme torrente de energia espiritual fusionada de que falamos acima e que constitui a força que levará a humanidade a um passo decisivo na sua marcha para o progresso interno de todos, para uma verdadeira compreensão espiritual comum e realizadora.

Contudo, o Espiritismo ainda não logrou inteiramente unificar-se e vibrar em unissono na nota justa, no acorde harmónico e universal a que está destinado. Como as religiões teológico-dogmáticas, externas e estancadas, ainda se aferra à letra que mata e isto produz divisões, confusões e retrocessos, não só no campo interno — onde existem diversas correntes —, como também no campo externo, onde a sua influência deveria ser amplamente receptiva e unificadora, abarcando e compreendendo tudo: a sincera fé do católico e do protestante, a amplitude filosófica e mística do hindostânico, o amor ilimitado do budista aos seres e animais, a devoção forte do muçulmano, a dúvida criadora do livre-pensador, a inquietação acerba do materialista e ateu, o fervor construtivo do cientista, o amor tradicional do judeu aos patriarcas, a pura concepção religioso-política do confucionista, a majestosa serenidade do sintoista e tudo o que desperta no ser humano sentimentos de admiração, gratidão ou respeito ao superior, ao divino, ao espiritual e ao humano.

O Espiritismo não perderá característica alguma de movimento espiritualista que dê a conhecer a verdade do espírito e a realidade transcendente do homem e do Universo — de maneira que satisfaça as necessidades do intelecto e do coração, do raciocínio e do sentimento — ao transformar-se numa universalidade de concepções e de acções que cheguem a todos os homens do planeta sem restrições de nenhuma espécie. Pelo contrário: o que há de verdade em cada crença, em cada profissão de fé, em cada religião, em cada posição filosófica ou científica, será reforçado e engrandecido pelo Espiritismo, portador de factos, provas, contactos e mensagens espirituais que lhe dão uma força de convicção e realidade irresistível. Estendendo-se, através de um dos seus aspectos, para os planos espirituais invisíveis, onde tem fortes raizes, e apoiando-se, por outro lado, na realidade cotidiana da vida dos humanos, o Espiritismo só necessita de estender vasta e ilimitadamente as asas de amor espiritual e amor humano, para cobrir com elas todas as raças, latitudes e tempos, realizando assim a sua missão universal de fraternidade e o seu dever cósmico de se entregar a todos os homens.

Santiago de Chile, Julho de 1948.

Out/48

A Propósito de Teses de Doutoramento

pelo Coronel Faure da Rosa

José Lhomme, publicista espirita prestigioso, presidente da União Espirita Belga, publicou na revista espirita belga *Spiritualisme* de Junho último, um artigo sob a epígrafe aliciante: «Uma grande novidade para todos... melhor que a energia atómica».

Essa grande novidade de que se fez eco «Selecções do *Reader's Digest*» de Abril, consiste na comunicação do Director do laboratório de parapsicologia de *Duke University* (E. U. A.), o dr. J. B. Rhine, na qual afirma possuir provas da certeza da telepatia, do profetismo, da energia psicocinética (força invisível que rege o movimento dos objectos materiais e onde se distingue a intervenção da inteligência).

O sábio americano empregou o conhecido método dos «*tests*», o qual já tem contribuído poderosamente para o estudo da alma humana. Declara o sábio que realizou centenas de milhar de experiências, as quais o autorizam a acreditar que *existe uma força espiritual* capaz de exercer na matéria uma acção real.

O dr. Rhine conclui que o mundo está em presença de *uma energia nova: a energia mental,* cujo carácter é *totalmente imaterial*. Não só o dr. Rhine, mas também bastantes universidades admitem já que a hipótese espiritualista tem sido e é verificada pelos factos.

Entre essas universidades, José Lhomme cita as de Oxford e de Cambridge que, agora, admitem que as teses de doutoramento possam tratar de casos extra-sensoriais (casos supra-normais).

Ora, há pouco mais de dezasseis anos — em Abril de 1932 — o dr. Alfred Abadir apresentou a sua tese para doutoramento na Faculdade de Medicina de Paris, com este título sugestivo e arripiante para alguns dos arguentes do juri: *Alguns estigmatizados antigos e modernos. Estudo histórico e médico.*

O candidato — o dr. Abadir — com uma dedução tão lógica quanto inteligente, mostra na sua tese que em numerosos casos, bem observados, não é possível atribuir os estigmas a embustes.

Pondo de parte o refúgio do «milagre», que, de resto, as autoridades científicas católicas mais categorizadas também não admitem, há que aceitar que se trata de um fenómeno do mais alto interesse para a ciência, e, em particular, para a medicina.

O dr. Abadir faz um resumo da história dos principais estigmatizados: S. Francisco d'Assis, Sta. Verónica Guiliani, a Bem-aventurada Lucie de Narni, Catarina Emmerich, Teresa Neumann de Konnesreuth, Francisco Forgione, mais conhecido por Padre Pio.

Na segunda parte da sua tese, o dr. Abadir estuda os estigmatizados sob o ponto de vista médico. Primeiramente expõe a influência que a ideia exerce sobre o sistema nervoso vegetativo; depois trata dos factos observados, principalmente dos que foram estudados pelo Dr. Osty nas suas experiências com a médium Olga Khal no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, mostrando a paridade que existe entre as inscrições dermográficas da sr.ª Khal e os estigmas de Santos e Bem-aventurados. A diferença é quantitativa, mas não qualitativa.

O dr. Abadir termina a sua tese com as seguintes conclusões:

I — Os fenómenos de estigmatização são susceptiveis de interessar os médicos e os psiquiatras. Independentemente de qualquer consideração religiosa, é permitido estudar objectivamente estes factos e tirar as respectivas conclusões, visto que a sua origem sobrenatural até pelas próprias autoridades eclesiásticas é contestada muitas vezes.

II — Essas perturbações observam-se algumas vezes nos histéricos. Outras vezes, sem que haja o menor sintoma de histeria, são o resultado da sugestão. Desaparecem com o mesmo mecanismo.

III — As práticas ascéticas, e as contemplações extáticas, correntes nos meios religiosos, constituem condições emocionais e exaustivas, favoráveis à eclosão desses fenómenos.

IV — Mas não basta demonstrar que nos estigmatizados o que se dá é a sugestão no organismo; é preciso ainda saber como é que uma ideia pode transformar-se em acção no sistema vegatativo.

O dr. Charles Richet aludindo a estes estigmas, escreve: «Diz-se, por vezes: são histéricos. Sim. É fácil de dizer, mas a histeria é como o cabaz onde se lança a troixe-moixe tudo aquilo que não se compreende, nem consegue explicar».

Hoje à histeria chamam *esquisofrenia*. Com este nome, ainda mais arrevezado, mais se ocultou, talvez, o segredo da histeria. O areópago de examinadores era constituido por três togas vermelhas e uma preta: Os professores Laignel-Lavastine, presidente; os três restantes são designados com as letras R., V., C., por Charles Quartier, crítico bibliográfico da *Revue Metapsychique*.

Dois dos professores, os doutores C... e V... abstiveram-se de discutir a tese: não os interessava.

O professor R... esse, condescende em interrogar o candidato; mas logo de entrada mostra claramente que o dr. Abadir se baseia em factos que lhe parecem muito pouco fundamentados, como aquela desaparição de verrugas por meio de sugestão no Instituto Metapsiquico, coisa que se lhe afigura mais própria

de um conto infantil que obra de ciência. É evidente que a tese diverte o ilustre togado; não a toma a sério.

O professor Laignel-Lavastine, embora se mostre favorável ao candidato e tenha assistido a algumas experiências dirigidas pelo dr. Osty com o médium Khan, tergiversa, talvez já desmemoriado, e alega que nada viu no Instituto de probatório, o que não é exacto, como veremos em outro artigo. A ciência oficial tem exigências a que os sábios seus cultores não têm coragem de resistir.

Entretanto, o doutor Laignel-Lavastine interveio, quando o arguente R... criticou a história de estigmas dos tempos antigos, que ele dizia serem histórias de estigmatizados nos séculos da fé avassaladora... que nada havia como analisar as coisas de perto. O doutor Laignel-Lavastine interveio para lembrar o caso dos estigmas nas mãos de Lucie de Narni, em que o controlo foi exercido por Bernard Recanati, médico ao papa Alexandre VI, Borgia. «As chagas estigmáticas foram examinadas e lavadas; calçaram-lhe as mãos com luvas seladas nas extremidades e ao cabo de oito dias, retirados os selos, encontraram-se as chagas intactas sem o mais leve sinal de corrupção ou apodrecimento». O doutor Laignel-Lavastine afirmou ao seu colega incréu que lhe parecia ser difícil controlar o caso com mais consciência.

O professor R... lembrou ao candidato que não tendo ele alguma experiência pessoal para apresentar devia ter a maior cautela nas suas afirmações; acha que as experiência do dr. Osty com a sr.ª Khal no Instituto Metapsíquico assentam numa base frágil...

O doutor Laignel-Lavastine, no final do acto felicitou o candidato pela escolha dos exemplos que deu na parte histórica da sua tese, que, na sua opinião, eram os casos que ofereciam a máxima garantia. Quanto à lição que ele tirou do caso da sr.ª Khal, talvez seja prematura a afirmativa da realidade... Contudo, talvez ali haja qualquer coisa segundo a directiva por ele indicada, pois que a medicina ainda não conhece tudo... Por fim, felicitou o dr. Abadir por ter escolhido um assunto original para a sua tese e de a ter tratado como a tratou.

Meia hora depois, Abadir soube que a sua tese fora admitida com «menção muito honrosa» e que o professor Laignel-Lavastine se propunha fazer, *muito em breve*, uma comunicação a tal respeito, à Academia de História de Medicina e Cirurgia.

Mais uma vez se provou que a ciência oficial se recusa a admitir a imensa acção do psiquismo humano no corpo, isto é, do Espírito na Matéria.

Ora às experiências do dr. Osty com a Sr.ª Khal, assistiram, entre outros, os professores Charles Richet, Santoliquido e Cunéo, e o doutor Jean-Charles Roux, sábios que os examinadores do dr. Abadir não podem deixar de considerar seus pares.

A sr.ª Khal inscreve o pensamento na sua própria pele. Isto implica a turgescência *de um certo número* dos inumeráveis corpos capilares espalhados por debaixo da pele, — explica Charles Quartier. «Segundo as concepções clássicas, a Sr.ª Khal, para realizar o seu dermografismo, deve agir por uma *acção selectiva* das células piramidais do córtex cerebral com tal precisão na hierarquia dos centro celulares do sistema nervoso vegetativo, que, por fim, resulta uma turgescência dos corpos capilares levada ao máximo para se tornar visível através da epiderme, e tão bem se faz a distribuição que *só* participam da turgescência corpos capilares que devam servir para traçar aquilo que deva ser inscrito. Toda a circulação vizinha continua a efectuar-se nas arteriolas e nos capilares sem modificação do *tonus* (1) normal...

«Ora o papel dos vasos capilares é de importância primordial no organismo. Assenhorearmo-nos do seu comando nervoso, poderia ter as mais felizes consequências terapêuticas. Como muito bem disse o dr. Osty: «Se se soubesse tirar proveito do estado especial em que certas pessoas mostram ter capacidade de produzir fenómenos psíquicos supra-normais, talvez algumas vezes se conseguisse levar o seu organismo, quando doente, a uma actividade útil, ao rápido regresso à saude; isto mostraria que o processo da auto-cura se deve investigar no seu determinismo por aplicação eventual a todos os seres humanos».

Espero ter ocasião de, em artigos subsequentes, me ocupar de alguns estigmatizados históricos e das aludidas experiências do dr. Osty com a sr.ª Khal, no Instituto Metapsiquico de Paris.

A citação da tese do dr. Alfred Abadir vem a propósito para marcar o contraste entre a afirmativa do sábio americano dr. Rhine, acompanhada da admissão de teses sobre factos supra-normais nas universidades americanas de Oxford e Cambridige e a relutância escarninha com que foi acolhida aquela tese do dr. Abadir dezasseis anos atrás, apenas.

---

(1) *Tonus:* tensão; contracção ligeira e permanente na qual se encontram certos músculos.

UM BRINDE AOS LEITORES

OS MEIOS FÍSICOS E NATURAIS NA PROFILAXIA E CURA

pelo Dr. Fred Wachsmann

O Dr. Fred Wachsmann acaba de publicar este interessante livro, o 1.º volume de uma vasta obra de divulgação que empreendeu em benefício da saude pública. É um trabalho exaustivo e cheio de ensinamentos que todos devem adquirir, se quiserem conhecer os meios de manter boa saude.

No desejo de que tenha a maior expansão e como brinde aos nosso leitores, resolveu o autor cedê-la ao preço excepcional de 25$00 ESCUDOS, embora o seu preço de capa seja de 35$00.

Enviamo-lo à cobrança.

JUSTIÇA

pelo Dr. Paulo Hecker

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Porto Alegre)

O Dr. Paulo Hecker, que subscreve este artigo, é um dos maiores propagandistas espiritas do Rio Grande do Sul. Antigo director de Jornal Espirita, *um dos periódicos mais bem feitos que temos lido na nossa já longa carreira de jornalista, ali terçou armas pela Doutrina rodeado de fogosos colaboradores. Nós próprios colaborámos com ele assìduamente e sentimos as vibrações da sua amizade em vários lances da nossa vida de adepto desta grande Causa. Vimos que a sua têmpera era semelhante à nossa. E ficámos tristes, quando um dia nos disse que ia suspender o jornal — que valia por uma boa revista.*

Agora voltou à actividade. Esteve há pouco em Buenos Aires, onde tomou parte em reuniões de propaganda e viu uma tese de sua autoria aclamada por congressistas de alta envergadura mental.

Advogado de grande projecção em Porto Alegre, cidade moderna de mais de 500.000 habitantes, o Dr. Paulo Hecker tem enorme influência na imprensa diária daquela capital, influência que há perto de 12 anos pôs à dispossição do director desta revista, quando o convidaram a fazer um cicio de conferências no Brasil.

Pois é este confrade e amigo que representa Estudos Psíquicos *nesse florescente Estado brasileiro.*

Seja benvindo! Temos o maior prazer em tê-lo como redactor-correspondente. Trocaram-se os papeis: neste momento é ele que nos traz o apoio da sua presença. Que ela se mantenha por muitos anos, em holocausto ao Espiritismo que espalhamos aos quatro ventos, certos de que praticamos uma acção de significado espiritual e humanista.

DR. PAULO HECKER

O convencimento de que a Divindade perdoa faltas é enganoso e nocivo, porque obsta à marcha normal do progresso das almas. É um desvio do senso que nasce do desconhecimento das verdades religiosas eternas, e é mantido pelo interesse de profitentes que procuram proselitismo, convertendo as igrejas, pela promessa de graças e favores divinos, em mediadoras materiais da felicidade.

Tal erro deu lugar ao surto dos sacramentos sedizentes redentores, aos quais foi conferida a força mágica e miraculosa de aliviar culpas, atraindo privilégios celestiais para os faltosos, independentemente de seus méritos. Com o intuito de estabilizar esses desacertos, inventou-se que o arrependimento puro e simples redimia pecados.

Todas as dívidas têm de ser saldadas; logo, perdoar, tomado o termo na acepção de absolver de culpa ou remir faltas não existe, pois na Justiça natural não cabem nenhuns favores e concessões, de vez que «a cada um será dado, consoante as suas obras».

Todavia, se ao vocábulo perdão for dada interpretação liberal, tomando-o no sentido lato de que não existem castigos irremissíveis nem culpas irresgatáveis, então, sim, Deus perdoa, porque concede constantes ensejos de reabilitação aos que erram, para que indemnizem o mal feito, ou reponham as coisas

onde se encontravam antes da culpa se ter verificado.

Isto não é esgrimir subtilezas metafísicas nem esfusiar argumentos abstractos; ao contrário, encara-se de frente a realidade, tirando-se as conclusões lógicas impostas pelos factos. Exemplifiquemos: um professor manda que o aluno prepare determinada lição, e este, incorrendo em falta, não lhe obedece. Se aquele o perdoasse pura e simplesmente, passando-lhe a lição seguinte, prejudicá-lo-ia por pretender obrigá-lo a discernir o mais, antes de ter compreendido o menos.

O perdão-absolvição, portanto, é injusto, impede o progresso. Seria, pois, blasfematório admitir que ele pudesse provir dos Céus.

Agora, se o professor perdoasse a falta do discípulo, permitindo-lhe, sem marcar trabalho novo, que voltasse a estudar a lição descurada, efectivado seu dever, levá-lo-ia naturalmente ao resgate da desídia inicial e proporcionar-lhe-ia o desenvolvimento progressivo intelectual, lògicamente processado. Se o aluno reincidisse na culpa, o professor deveria perdoá-lo outra vez, até conduzí-lo a galgar a dificuldade, levando-o ao cumprimento de seus deveres escolares, mesmo que tal acontecesse «setenta vezes sete vezes». Com este significado, o perdão se contém nos desígnios divinos e se reflecte no plano geral da criação, pelas perenes oportunidades concedidas aos faltosos nas multifárias encruzilhadas da existência para que paguem o que devem.

*

A justiça divina é certa, indefectível, sem postergações, realiza-se sempre em tempo útil e no intuito de dar a cada um o que for seu, a bem de julgar tendo em vista os factores externos que influiram no procedimento mau e as deficiências pessoais do culposo, ou suas falsas convicções. Seria melhor dizer que a justiça, quando vinda de Deus, se deve chamar misericórdia, por paternal e bondosa, e a pesar disso, sempre visa o merecimento de cada um e exige de todos o completo saldamento das dívidas.

Arrepender-se, cristãmente, quer dizer criar no íntimo do próprio ser a incapacidade absoluta de reincidir no erro. O arrependido, de conseguinte, não evita a injunção de reparar, que é lei, falta e imutável aliás revelada pelo Espiritismo; porém, na circunstância mesma de discernir o acto mau perpetrado e de tornar impossível a sua reprodução encontra a chave com que abrirá a porta da conversão, onde, espontâneamente, a gente se prontifica a retribuir o mal pelo bem.

Saldam-se as dívidas para com Deus não sofrendo as consequência directas do delito; mas sentindo, como espírito, as sensações danosas produzidas nos outros, o que ocorre quando o dever é remisso e recalcitrante, porque, se voluntàriamente resgatar seu débito, pôr-se-á a salvo de situações dolorosas.

Impõe-se a conclusão de que se indemnizam os prejuízos a que se deu causa, espiritualmente, com actos de amor, objectivados no exercício cristão da caridade. Dessarte, o homem que mata não deverá ser posteriomente morto. Tal regra, se prevalecesse, importaria na afirmativa de que Deus eternizava o mal na Criação. Ao invés, quem rouba uma vida, está obrigado a salvar outra, para devolver ao Cosmos o equilíbrio quebrado pelo seu desatino. E o mal, que é efémero e não constitui um ser, permanece apenas enquanto o bem não surge, porque, este sim, têm existência real, é o caminho que enseja o aperfeiçoamento e franqueia o acesso às regiões de luz.

Os homens justiçam os seus pares, aplicando-lhes profissionalmente o texto frio, hirto das leis, pelos actos passionais das relações humanas, conforme a extensão do resultado material do crime; o Criador julga as suas criaturas, não para as castigar, segregando-as dos próprios ambientes, mas para levá-las à felicidade pela reparação voluntária ou forçada do erro.

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, por *Sir William Barrett,* professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo. 304 páginas.

Brochado, 25$00; Encadernado, 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. 346 páginas.

Brochado, 27$50; Encadernado, 37$50

Cientismo e Espiritismo, pelo *Prof. Leopoldo Machado.* Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo.

Brochado, 18$00

Enviamos estas obras à cobrança

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXVI

No Templo, quando os fariseus trouxeram, como um trofeu, a mulher surpreendida em adultério, — o Senhor, cheio de piedade, não aumentou a vergonha dessa criatura perseguida.

Bem ao contrário, fez cair sobre os seus acusadores implacáveis o peso esmagador dos próprios pecados. Continuou curvado escrevendo, como para não aumentar a vergonha, agravada já por tantos olhares cravados na desgraçada, e quando, tendo desaparecido todos, por sua vez a olhou, que infinita compaixão... que divina misericórdia ela leu, cheia de gratidão, no olhar de Jesus!

Verdadeiramente, excluidos os hipócritas, os descaroáveis, e os que, absorvidos na ingrata missão de descobrir argueiros nos olhos de seus irmãos, em cuidarem de destruir primeiro as trancas que obscureciam os seus ufanos da sua própria justiça diante de Deus, esmagavam o próximo sob o peso das suas faltas, o Senhor nunca magoou ninguém.

Veio à terra para arrancar o homem ao pecado e para lhe assegurar uma felicidade eterna; arrancava-o também ao sofrimento, ao temor, às aflições, às dúvidas: «SOU EU».

Se era Ele, podia anda alguém ter medo? E que dizer agora do que foi Jesus para aqueles que o amaram? Disse S. Bernardo — «Ó Jesus, bom para todos, doce para todos os que vos procuram, o que não sois vós para os que vos amam!».

E as multidões seguindo-lhe os passos, os pobres, as crianças, as mulheres acompanhando-o, — e os amigos escolhidos que, a pesar da fragilidade de homens, lhe foram fieis até à morte, esses amigos que tornou tão nobres, tão desprendidos, tão generosos, tão felizes — indiferentes a tudo, pois estavam com Ele — que admiráveis comentários fazem todos a esta sublime Misericórdia!

Parecia-lhes a vida porventura áspera? Por acaso importavam-se eles da pobreza, do frio, da fome? Pois se até a própria morte encaravam com alegria, só para não o deixar: «Vamos e morramos com Ele» — dirá Pedro. E, com efeito, os seus Apostolos todos morreram por Ele. Diziam a Seu respeito: — Homem algum falou como este homem. Pela primeira vez o coração humano, depois que se sentia viver, podia repousar no infinito, amando o Cristo.

E as suas aspirações sem resposta, o seu imenso e eterno queixume por não encontrar senão o vácuo ou o mesquinho, acalmavam-se na plenitude de Deus...

Como a viuva de Sarepta podia apresentar ao Profeta os seus vasos vasios, — e depois de cheios, a transbordar, todos quantos se pudessem encontrar — todas as esperanças, todos os desejos, todos os sonho, — continuaria a correr sempre o óleo misterioso, sem cessar inesgotável!

Quem poderá descrever este êxtase inefável? Todo o trabalho era leve, toda a obrigação fácil, toda a fadiga ou dor era um bem com Ele, perto d'Ele. E é assim que a Águia Divina, o «arrebatador de corações», como o designou um dos seus discípulos, pôde chamar toda a humanidade à consolação e ao repouso, e prometer-lhe o que nenhum outro homem ousaria nunca prometer: «A força, o socorro e o Amor de um Deus».

Dizem muitos: — A época dos milagres já lá vai... O mundo retomou o seu caminho de misérias. Continua tendo os mesmos doentes, os mesmos feridos, os mesmos desgraçados e os seus mortos que, um a um, vão tombando pelo fúnebre caminho, sem que ninguém venha pousar sobre o esquife a mão omnipotente, dizendo: «Não chores».

Ai de nós!... O mar de sangue destes últimos anos não arrastou consigo outro mar de lágrimas? E a beleza destas mortes heróicas e simples, totalmente embebidas de espiritualismo, não as aumentou em vez de as enxugar?

E eu inverto a pergunta: Quem há que não tenha sido consolado no meio das suas dores, fossem quais fossem, escutando como a si próprio dirigidas as palavras do Cristo? «Vinde a mim, vós todos que vos encontrais aflitos e sobrecarregados e eu vos aliviarei». «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e «achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo leve».

Quem há que, muitas vezes mesmo sem o

implorar, não tenha recebido d'Ele um socorro tão grande como a sua aflição, uma força e uma esperança dia a dia renovada, robustecida a cada instante?

Qual é o cristão — verdadeiramente cristão, lendo e compreendendo o Evangelho — que sossobra no desespero?

E, ao contrário, de que são feitos os heroismos que admiramos — milagres tão grandes como os milagres antigos — as longas paciências, a alegria durante a provação, senão da confiança do homem e do socorro de Deus? Aonde podemos nós encontrar outra fonte de consolação? Se um grande homem, Newman, pôde dizer que, sem Deus, todas as felicidades da terra, se fossem muito duradoiras, acabariam por nos lançar no desespero, que poderiamos nós dizer então das amarguras, das mortes, das decepções deste mundo?

E, afastando por um momento o pensamento dos sofrimentos, que os mais favorecidos podem considerar como raros incidentes na vida, que dizer simplesmente da própria vida?

O Senhor conhece o peso das nossas misérias; quis suportar as mais pesadas, e quer aliviar-nos delas.

Conhece o nosso jugo, a nossa escravidão «reter o que cai, edificar sobre o instável, desejar o que é passageiro e não querer desaparecer com o que desaparece», como escreveu S. Gregório.

Quer-nos libertar de tão duro jugo, descarregar-nos de um peso tão esmagador — bem mais do que libertar-nos e livrar-nos — quer criar-nos de novo...

E como? Substituindo o jugo antigo pelo Seu que é suave, o peso do nosso fardo pelo Seu que é leve —. Ele o eterno benfeitor, o doce e humilde de coração, triunfa das nossas misérias e cria em nós um ser novo sobre as ruinas do antigo.

O grande Santo Agostinho explica-nos este mistério: «Desde que uma vez se encontrou o repouso espiritual na afluência das delicias de Deus, na grande esperança da felicidade futura, o presente perde a sua força e todo o abatimento se ergue.

«Tomaremos sobre nós um peso a mais, aceitando o jugo do Senhor? Ao contrário!

«Para que nos fatigamos nós todos, senão porque somos homens mortais, guardando os nossos tesouros em vasos de barro que nos acarretam tantas inquietações?

«Mas, se os vasos frágeis nos inquietam, que o amor dissipe essa angústia das nossas almas. Os que amam não sofrem. O amor torna fácil e reduz a nada o que há de mais difícil e de mais duro».

Assistência Psíquica

O sr. José Maria Soler, presidente do Grupo Espirita Discipulos de Francisco de Paula, do Rio de Janeiro, informa-nos que esta entidade não só patrocina os trabalhos de Luis André, referidos noutro número desta revista, mas também está empenhada na organização da *Assistência Fred Figner a Alcoólatras e Obsidiados*, cujo objectivo é dar assistência espiritual e material a alcoólatras e obsidiados. Para esse fim, será construido um internato destinado a recolhimento de indivíduos absolutamente necessitados e seu tratamento adequado. Haverá também um alojamento para enfermos, um corpo médico para tratamento físico e um grupo de médiuns para assistência psíquica.

As notas e artigos que temos publicado nos últimos números, ventilando a necessidade de fundar em Portugal uma *Casa de Saude para Obsidiados*, onde o tratamento médico seja ministrado ao lado do tratamento psíquico, têm merecido as melhores referências, até de médicos interessados na realização deste empreendimento. A noticia que damos nesta nótula põe em foco essa necessidade. A medicina oficial não chega a tudo. Quantas e quantas doenças seriam fàcilmente debeladas se entrasse em acção o elemento psíquico! O que é preciso é normalizar e curar os enfermos. O método não importa. Todos os caminhos vão dar a Roma. O essencial é escolhê-los. O mesmo se dá na medicina: os medicamentos, por si só, não curam. O que cura é a Natureza, isto é, qualquer coisa imponderável que paira muito acima da pobre ciência dos homens. As drogas auxiliam a normalização das funções orgânicas, mas não são exclusivas da saude pública. Há medicamentos poderosíssimos que não existem na farmacopeia. Estão ao alcance de toda a gente. O essencial é conhecê-los e aplicá-los.

Porque se proibem determinados métodos usados por médicos habilitados com o seu diploma? Porque não admitir a assistência psíquica a obsidiados, depois da falência dos métodos psiquiátricos? Não é a cura o único objectivo da medicina? E quando esta falha e dá o doente como incurável, havemos de abandoná-lo, não se tentando nova terapêutica?

Enquanto há vida, há esperança. Tente-se tudo, tudo, antes de cruzar os braços irremediavelmente.

Amigos, não descuremos este assunto. A *Casa de Saude para Obsidiados* será um facto em Portugal. Imitaremos com lustros de atraso o que noutras latitudes é realidade há muitos anos.

Intercâmbio com os espiritas do Uruguai

por Alfredo Miguel
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no Baia)

Não sei bem que espécie de espiritismo se pratica e se propaga, ali no Uruguai. Infelizmente, nós, do Brasil, e, particularmente, desta velha Baía, não mantemos um intercâmbio com nossos irmãos daquele simpático país sul-americano. Com os da Argentina, já trocamos impressões, permutamos ideias. Conhecemos seus «lideres» principais, lemos revistas de propaganda, que lá se editam. E da capital portenha têm-nos chegado também livros interessantíssimos, lançados pela «Editorial Constancia» e pela «Editorial Vítor Hugo». Aqui ao meu alcance está o de Carlos Luiz Chiesa — «*Origem del Espiritismo y su Doctrina*» — trabalho magnífico, que muito me auxiliou na elaboração de minha última conferência sobre — *As Heroinas de Hydesville*.

Bastante útil, como se vê, uma reciprocidade de relações com os confrades de outras terras, porque é pelo sistema de mútua correspondência que os membros da grande família espirita, derramados por tantos países, se aproximam e se vinculam, vivendo o ideal de fraternidade, que a Doutrina Espirita consubstância. Fora disto, a obra a ser objectivada pelo Espiritismo ficará circunscrita e terá um sentido meramente teórico. Nossos irmãos do Uruguai, país visinho do nosso, conservam-se ainda isolados de seus correligionários do Brasil e não sabemos por quanto tempo viveremos separados, desconhecidos uns dos outros, sem aproximação cultural e espiritual. E esta união de vistas é para todos nós tão necessária!

Por falta desse contacto, lamentavelmente observada entre uruguaios e brasileiros, estamos por saber o que é que o Espiritismo tem realizado na pátria de Rodó, por que modo é ele propagado, como o interpretam e que pensam de seu futuro. Ainda há pouco, quando excursionei pelo sul do Brasil, a minha chegada à capital do Paranà coincidiu justamente com a vinda de uma numerosa caravana de espíritas do Uruguai, e, exactamente na manhã em que eu tomava o avião de retorno ao Rio de Janeiro, aqueles irmãos rumavam de ónibos para São Paulo. Tinham empreendido a viagem ao Brasil para conhecer o movimento espirita de cá, e já traziam excelente impressão acerca do que viram pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina, por onde passaram. Curitiba ofereceu-lhes também grandes surpresas, quer no trato com os confrades e no espírito de cordialidade e animação reinante no ambiente, quer no tocante ao vulto das obras de assistência social, característico da operosidade filantrópica dos espiritas brasileiros.

Minha convivência com aqueles alegres caravaneiros foi intermitente e breve, porquanto, além das muitas solicitações a que eu tivera de atender no círculo dos companheiros curitibanos, ainda fui levado ao interior do Estado, a serviço de propaganda da Doutrina. Colhi, não obstante, alguns dados preciosos; vim a saber, por exemplo, que as actividades dos espiritas na república irmã não encontram oposições nem embaraços, assim da parte do clero, como dos poderes públicos. Não existe no Uruguai, como no Brasil, esse reprovável conúbio do Estado com a Igreja, à revelia da lei que os separa. O Estatuto básico, dado à Nação em 1830, após sua desanexação do Brasil e o reconhecimento da independência — lei que tanto beneficiava a clerezia — foi substituido por outra Carta Constitucional, promulgada em 1919, e nessa ocasião a Igreja ficou, de direito e de facto, separada do Estado. Ainda hoje este preceito jurídico mantém-se, intangível. Numa fotografia de solenidade oficial ou política, não é possível ver-se a figura de um representante do clero. Tampouco o governo reconhece supremacia a qualquer facção religiosa, podendo todos professar, livremente, o credo que quiserem. Outrossim, o ensino ministrado pelo Estado é inteiramente leigo, não actuando em suas cátedras nenhum elemento eclesiástico. Enfim, os dois poderes — temporal e espiritual — se exercem em separado, sem a mínima ingerência de parte a parte. Ao meu interlocutor eu dissera que esta situação vantajosa representava meio caminho andado para a vitória do Espiritismo no Uruguai. O que se fazia mister era difundir, propagar amplamente, por todo o território nacional, a doutrina da Fraternidade, pela palavra falada e por meio da imprensa doutrinária, bem dirigida. Quanto ao Espiritismo feito «caridade em acção», segundo a frase da Gabriel Gobron, que é o

que se pratica entre nós brasileiros, esse ainda não está implantado, nem conhecido, nas plagas uruguaias, e era o que vinha impressionando vivamente à caravana.

Mas, que espécie de espiritismo faziam os uruguaios na sua pátria ? Esta indagação surdiu-me mais incisiva, quando eu pasmei diante de um episódio, por acaso banal, que a tantos outros teria passado despercebido. Estávamos no Sanatório Bom Retiro, na secretaria, após havermos percorrido os cinco pavilhões daquela obra monumental, edificada e mantida pela Federação Espirita do Paraná, em sítio ameno, a dois quilómetros de Curitiba. Enquanto alguns iam registando no livro de visitas suas impressões, eu tinha os olhos voltados para um retrato a óleo, em tamanho grande, de Allan Kardec, observando que o artista que o executara não fora muito feliz, porque notava-se uma ligeira alteração na fisionomia do Mestre. Neste comenos, um dos confrades uruguaios, acercando-se de nós, inquire, apontando para a éfigie:

— Quem é aquele ?

Corri um olhar admirativo entre meus patrícios. O caso era mesmo para espanto, porque tratava-se dum adepto do Espiritismo, que lhe não conhecia de retrato o Codificador! Será que, desconhecendo o semblante de Allan Kardec, aliás tão vulgarizado através de repetidas inserções em livros, jornais e revistas, porventura conhecerão a sua obra ? É possivel, é mesmo comum conhecerem-se as criações do pensamento humano, sem nunca ter visto, ao menos em fotografia, os seus autores. Mas no caso do Espiritismo, temos razão de estranhar não seja Kardec, para aqueles confrades, uma figura familiar, quer os fotógrafos ou pintores no-lo apresentem na fidelidade de seus traços fisionómicos, quer o exibam com o seu fácies deturpado. De nossa parte, como quer que o vejamos — e o temos visto até em forma grotesca — sempre o reconhecemos.

Alguém nos dissera que o Espiritismo no Uruguai propende um pouco para o teosofismo. A ser verdade, aí está uma afirmação de que nossos irmãos uruguaios ainda não discerniram e permanecem dentro de um labirinto. Dele sairão, entretanto, vitoriosamente, quando assimilarem a codificação kardeciana, quando não mais precisarem de perguntar, assestando o dedo para o retrato do Mestre:

— Quem é aquele ?

De tudo isto se infere que a situação do Espiritismo, no Uruguai, implica a necessidade imediata de um intercâmbio dos espiritas brasileiros com os confrades do país visinho, porque a dispersão, o isolacionismo, são factores de desagregação e impotência, — barreiras perigosas que impossibilitam a concórdia entre povos e tornam impraticável a expansão de uma sublime Doutrina, que tem por base a solidariedade universal.

A Reencarnação entre os esquimós

Ernest Green Dodge publicou, em «Heroldo de Esperanto», um estudo sobre a crença dos esquimós que ainda não tiveram contacto com a civilização.

O cientista canadense Vilhjalmur Stefansson, descendente de islandeses, passou quatro anos entre os esquimós que nunca dantes haviam visto um branco, e cuja pátria é em ambas as margens do Golfo Coronado, nas costas da América do Norte.

Dentre os estudos e observações do sábio canadense há a seguinte :

É frequente ouvir-se uma mulher chamar «vóvó» ao seu próprio filhinho ou «mamãe», a pesar do sexo masculino da criança, ou chamar de «papai» ao filhinho de outra mulher de sua aldeia. A explicação desse original tratamento é a crença de que a criança é a reencarnação da alma de uma pessoa morta na aldeia antes do nascimento do bébé. Dizem que, quando morre uma pessoa, a sua alma fica no ar flutuando até o nascimento da primeira criança na mesma aldeia. Então o Espírito do morto toma para si esse novo corpo e conserva as mesmas relações de familia que teve antes da morte. No entanto, quando o menino cresce, recebe o seu próprio nome e perde o do morto, que é esquecido e só se pensa na personalidade nova: perde as relações da família anterior e passa a pertencer à família actual.

Embora supersticiosa, essa crença no sentido de ser fatal a reencarnação do Espirito na pirmeira criança que nasce depois do decesso de uma pessoa da aldeia, encerra com nitidez o ensino eterno e universal de palingenesia.

Não conhecemos a filosofia dos nossos selvícolas. A catequese, sempre feita por missionários ortodoxos, deve ter prejudicado muito a tradição das crenças dos indígenas. A única nota que possui o autor destas linhas são os versos de I-Juca-Pirama :

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Estes versos se repetem no mesmo poema de Gonçalves Dias, pouco adiante :

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Parece que existia a crença de que os bravos, os fortes, renascem para uma vida mais gloriosa, numa terra mais adiantada.

O que sabemos hoje de positivo é que os esquimós, ainda não cristianizados, são reencarnacionistas. — (Do *Reformador*, do Rio de Janeiro)

O Homem, Cidadão do Mundo

por António J. Martins

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na África Equatorial Francesa)

A incompreensão e o desconhecimento das leis naturais, levaram a humanidade à beira do abismo.

A cegueira que avassala as sociedades de hoje está cavando a ruina das gerações de amanhã. O mundo vive horas de cruel incerteza e nova hecatombe, por ventura mais horrorosa que as precedentes, espreita os pobres habitantes da Terra. O mundo das trevas debate-se entre turbilhões de ideias em luta por princípios anti-naturais e egoísticos de onde foi banida a razão, o direito e o respeito pela personalidade humana.

O culto da força e da violência está em moda. Adora-se MARTE e brinca-se com VULCANO. As lições da história não aproveitam a toda a gente. A moral foi derribada, arrastando consigo todo o sentimento de respeito e honestidade, princípios que dignificam os homens e os povos. A desconfiança assentou arraial entre as nações e a hipocrisia passou a ser a companheira dilecta de certos homens de Estado. O culto da Pátria é abandalhado pela ânsia de mando de bípedes que tudo sacrificam às suas ambições. Fomenta-se a guerra e prepara-se a ruina do mundo. A fome, o luto e a miséria estão à vista. Desencadearam-se as forças do mal, o reinado da violência paira sobre a desgraçada e velha Europa, e o futuro aparece sob o signo negro da derrocada de uma civilização milenária. Desapareceram os sagrados princípios que estão na base da sociedade constituída. Despreza-se a família e as leis divinas, semeia-se a desordem e repudiam-se as virtudes que através dos séculos embelezaram uma moral que tornou possível a civilização presente.

De certos lados, surgem forças que trazem inoculado o virus do materialismo desenfreado. Ou o mundo se submete à sua vontade, ou suportará as consequências da recusa. Duas forças estão frente a frente, e já não parece viável a reconciliação. Quem será o vencedor de tão pasmosa contenda? As forças do mal ou as forças do bem?

A civilização contra a barbarie? O resultado não oferece dúvidas, porque o mal não pode subrepor-se ao bem. O espírito doma e vence a matéria. O materialismo será arrazado pelas forças do espírito. Do caos, da miséria e do triste futuro que nos preparam, há-de sair a era do espírito, a era das realizações conscientes, deixando para trás os tristes despojos de uma época de vícios e paixões que enlameiam e aviltam a alma humana.

Entretanto, era possível atingir essa idade sem viver os efeitos de tamanha catástrofe. Não faças aos outros o que não desejas para ti, e tanto bastaria para que a paz e a concórdia reinassem entre os homens. Mas a ambição, o sonho de glória, o desprezo das leis morais, acompanhados de vaidade estonteante e cega, e a sede de mando que tudo prima, solta o instinto da fera humana que quer governar o mundo, lançando mão de processos odiosos e sem consideração pelos sagrados direitos das gentes. O que interessa é atingir o objectivo em vista. O fim justifica os meios. Pouco importa que a Consciência Universal reprove e condene os autores da onda sagrenta que ameaça em seus bens e em sua carne milhões de cidadãos pacíficos. A história registará o nome dos modernos Átilas.

Mas as forças do bem, calmas e tolerantes por natureza, vêem avançar as hordas dos novos bárbaros e aprontam-se para lhes dar combate e salvar o mundo da vaga materialista que ameaça submergi-lo.

Ó Espiritismo! Ó doutrina bela entre as mais belas! Quando penetrarás tu nos corações que te não conhecem? Quando mostrarás tu ao homem, Cidadão do Mundo, que nada ganha em roubar a tranquilidade, a paz e o lar ao seu semelhante? Que tudo é pó, que tudo é terra e que tudo na Terra há-de ficar? As conquistas pela violência, por contrárias à lei, não serão consolidades, os roubos terão que ser devolvidos, as dívidas, todas as dívidas, terão que ser pagas. Lançada na Terra para progredir e preparar o seu adiantamento espiritual, o homem, tanto é homem na Rússia, no Japão, como na Austrália ou nas Espanhas. É Cidadão do Mundo. É a criação máxima habitando a Terra, mas com a responsabilidade máxima de ser consciente que é. Rei da Ntureza, o homem terá que reinar de acordo com as leis naturais e divinas sob pena de descer ao nível do irracional e do inconsciente. Leis naturais e

Reencarnação — Princípio Evolutivo

por Paulo Alves de Godoy

O convencionalismo da maioria dos doutores da igreja ocidental, resolveu que ela deveria desprezar, em seus fundamentos, o princípio reencarnacionista, preferindo a teoria da unicidade das existências humanas. Desta forma «os edificadores rejeitaram a pedra que no porvir haveria de servir de pedra de esquina», conforme explicitam os Evangelhos. A teoria da existência única, convertida em dogma férreo, redundaria mais tarde no descalabro da igreja, uma vez que o género humano, atingindo a maturidade espiritual, não poderia conciliar as diversidades de evolução, de aptidões e de diferenças sociais em face da posibilidade da alma encarnar uma única vez. E, a pesar da igreja católica contar ainda com elevado contingente de adeptos, isso não significa que ela venha a se livrar de inevitável impasse no futuro, uma vez que a adopção de tal teoria implicaria na sua penetração em um labirinto. Todavia, não vamos discutir esse aspecto da questão; o que nos interessa é demonstrar o carácter evolutivo do princípio reencarnacionista e seu fundamento nas doutrinas mais antigas.

A crença nas vidas sucessivas é compartilhada pela maior parte do género humano, embora constitua heresia para a igreja de Roma.

Em épocas imemoriais, os Vedas, no transcurso da iniciação, apregoavam as leis que presidem os mistérios da imortalidade da alma, da pluralidade das existências e dos mundos, e das comunicações dos mortos. O Bramanismo também tinha e tem como base a crença em tal teoria. Krishna renovou as doutrinas védicas, ensinando que «o corpo é o envoltório da alma que aí faz a sua morada, sendo uma coisa finita; porém a alma que o habita é invisível, imponderável e eterna». «Quando o corpo entra em dissolução, se a pureza é que o domina, a alma voa para as regiões desses seres puros que têm o conhecimento do Altíssimo. Mas se é dominada pela paixão, a alma vem de novo habitar entre aqueles que estão presos às coisas da terra». «Todo o renascimento, feliz ou desgraçado, é uma consequência das obras praticadas nas vidas anteriores». Krishna ainda afirmou aos seus discípulos: «Tanto eu como vós temos tido vários nascimentos. Os meus, só de mim são conhecidos, porém vós nem mesmo os vossos conheceis». «Como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por novas e melhores, assim também o habitante do corpo (o espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra nova e recém-preparada para ele». Buda foi ainda mais incisivo, afirmando: «O que é que julgais, ó discípulos, seja maior: a água do vasto oceano, ou as lágrimas que vertestes, quando, na longa jornada, errastes ao acaso, de renascimento em renascimento, unidos àquilo que odiastes, separados daquilo que amastes? Uma vida curta, uma vida longa, um estado mórbido, uma boa saude, o poder, a fraqueza, a fortuna, a pobreza, a ciência, a ignorância... tudo isso depende de actos cometidos em anteriores existências. No Egipto, aos neófitos o hierofante falava assim: «Ó alma cega, arma-te com o facho dos mistérios, e, na noite terrestre, descobrirás teu dúplice luminoso, tua alma celeste. Segue esse génio divino e que ele seja teu guia, porque tem a chave das tuas existências passadas».

A. Dastre, em seu livro «La Vie et la Mort», afirma que «no Egipto a doutrina das transmigrações era representada por imagens surpreendentes. Cada ser tinha o seu duplo. Ao nascer, o egípcio era representado por duas figuras. Durante a vigília, as duas individualidades confundem-se numa só; mas durante o sono, ao passo que uma descansa e restaura os órgãos, a outra lança-se ao país dos sonhos. Não é, entretanto, completa essa separação; só o será pela morte ou, antes, a separação completa é que será a morte. Mais tarde este duplo poderá reencarnar num outro corpo e ter assim uma nova existência».

Na Grécia vai-se encontrar a doutrina das vidas sucessivas nos poemas órficos. Orfeu e Homero exprimiram-nas, a princípio, com o adjutório dessas duas harmonias celestes que tornaram humanas: a música e a poesia. Orfeu, para inspirar seus cânticos, evocava constantemente o espírito de Euridice. (Do livro «Afinal, quem somos?», de Pedro Granja). Plutarco, que era sacerdote no templo de Apolo Pítico, afirma que «aqueles que têm vivido várias existências virtuosas estão em condições de se elevarem ao estado de espíritos puros e vêem-se visitados por outros espíritos que os sustentam nas provações, porque eles são, geralmente, perseguidos entre os ho-

---

Divinas! Leis imutáveis e eternas! Espiritismo, que contens as máximas salvadoras e sacrossantas do puro Cristianismo, leva-se aos cegos nossos irmãos, ilumina-lhes o pensamento para que abandonem a ideia da conquista e da violência e iniciem o reinado da Fraternidade Universal sob a égide da Doutrina redentora do Cristo. Mostra-lhes que a Terra, de polo a polo e de extremo a extremo, foi, é, e há-de ser de todos os homens sem distinção de raças ou de cores, porque Deus, Supremo Criador, criou o homem cidadão do mundo!

mens». Pitágoras recebe ensinamentos dos espíritos através de Teocléa, adormecida.

Cícero, em «Tusculanos», narra que Apio comunicava-se com os espíritos; e, segundo Plínio, o *Antigo*, ele evocou o espírito de Homero para se informar da sua pátria e da sua família. Periandro, um dos sete sábios da Grécia, falava com o espírito de sua mulher. (Heródoto — V. 92).

A doutrina de Sócrates e Platão, é uma apoteose à lei da reencarnação.

O primeiro tinha um génio familiar, o «daimon», que o orientava.

Os Gauleses tinham a certeza de reviver em corpo e alma nos mundos que turbilhonam pelo infinito. A este respeito, tão viva fé alimentavam, que uns aos outros emprestavam dinheiro para ser pago noutra esfera. A morte, para eles, era uma simples imigração. Os despojos dos guereiros mortos, diziam, não são mais do que involucros gastos.

Goddeu, em «Barddas», afirma que o cântico do bardo taliesino, célebre em toda Gália, dizia: «Existindo, desde toda a antiguidade, no meio dos vastos oceanos, não nasci de um pai e de uma mãe, mas das formas elementares da natureza, dos ramos da bétula, do fruto das florestas, das flores das montanhas. Brinquei à noite; dormi pela aurora; fui víbora no lago, água nas nuvens, lince nas selvas. Depois, eleito por Gwyon (espírito Divino), sábio dos sábios, adquiri a imortalidade.

Muito tempo decorreu, e depois fui pastor. Vaguei longamente sobre a terra, antes de me tornar hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os seres superiores. Revestido dos hábitos sagrados, empunhei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos; agitei-me em cem círculos».

Entre os hebreus, os Essénios admitiam a preexistência e as vidas sucessivas da alma.

Jeus, nos Evangelhos, assevera: «se o homem não renascer de novo não poderá entrar no reino de Deus».

S. Clemente de Alexandria e S. Gregório de Nice exprimem-se no mesmo sentido. Este último expõe que «A alma imortal deve ser melhorada e purificada; se não for na existência terrena, o aperfeiçoamento se opera nas vidas futuras e subsequentes (S. Gregório de Nice — «Grand Discours Catéchétique — III»).

Orígenes, em «De Principii», afirma que as almas se purificam nas séries de existências, antes de merecerem admissão no céu.

Acreditamos que esses valiosos testemunhos sejam de incalculável valor, mormente para aqueles que duvidam da teoria das vidas sucessivas, provando que não foi o Espiritismo que introduziu essa lei, que não é nova mas foi crença dos povos antigos. O Espiritismo, personificando o Consolador, veio para restabelecer todas as coisas, inclusive a crença dessa sábia lei, no seio dos povos ocidentais.

Nossos Representantes

A nossa revista encontrou no Dr. Jaime Monteiro de Barros um amigo dilecto. Natural de Icaturama, onde nasceu aos 25 de Outubro de 1913, diplomou-se na Faculdade de Farmácia de Ribeirão Preto. Mais tarde, fez dois cursos de aperfeiçoamento, um dos quais na Universidade de S. Paulo.

É membro da Associação Odontológica de Ribeirão Preto e professor de Patologia e Terapêutica Aplicada, na Faculdade local.

Alma aberta e espírito progressivo, tem dedicado muito esforço ao bem colectivo, quer no Centro de

Dr. Jaime Monteiro de Barros

Debates Culturais, quer na Universidade Popular de Ribeirão Preto, onde exerce o cargo de Vice-presidente do Conselho Consultivo. Além disso, é membro de diversas directorias de centros espiritas, como o *Albergue Nocturno Apóstolo Paulo, Eurípedes Barsanulfo, União* e *Caridade* e *União Municipal Espirita.*

Ali tem demonstrado especial carinho pelos necessitados e feito elevada propaganda dos nossos princípios. Ùltimamente, foi eleito presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto e membro do Conselho Deliberativo da União Social Espirita de S. Paulo.

O Dr. Jaime Monteiro de Barros tem sido um grande paladino do Espiritismo, ao serviço do qual tem posto a sua natural eloquência. As suas palestras em várias colectividades são modelos de oratória que muito contribuem para a formação de adeptos da Doutrina.

Assim, *Estudos Psíquicos* encontra-se bem representada naquela cidade paulista. Ninguém melhor tornará conhecido e estimado este orgão de propaganda.

Para ele vai o nosso abraço forte de agradecimento, pelo que já fez e pelo muito que poderá fazer ainda.

As suas palavras estimulantes dão-nos incentivo e coragem e contribuem para a nossa esperança de triunfo.

Sejamos Perfeitos

por José Simões de Matos

Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é Perfeito
Do Evangelho

Foi este um dos ensinos de Jesus aos apóstolos, aos seus discipulos e a toda a humanidade, que muito preocupou o meu espirito e me fez estudar o seu evangelho desde a minha mocidade.

Pareceu-me, mesmo, à primeira vista, que o Mestre se contradizia diante daquele seu outro ensino que, tendo-o alguém chamado de bom, ele retrucou: «Bom e Perfeito só o nosso Pai que está no Céu».

Será que o Cristo nos haja aconselhado uma coisa que não cabe nas nossas possibilidades?

Isso não pode ser, porque ele não aprendeu dos homens a verdade que nos ensinou, porquanto nos afirmou, em seus ensinos, que era *Caminho, a Verdade e a Vida*. E quem é o caminho, nada tem *de informar-se*. E quem é a *verdade nada tem de aprender*. Disse-nos também: *que de si nada fazia*, que quem agia nele era o Pai por quem ele veio, para transmitir-nos os seus conselhos e ensinos verdadeiramente paternais, os quais, no dizer dos apóstolos, são a luz do Mundo, a aurora da era cristã. Portanto, deve haver falta de melhor interpretação de parte dos homens, que não sentiram nem compreenderam bem este ensino do Mestre.

Então senti no íntimo de meu ser algo que me dizia: «Raciocina e vê que o ensino está certo. Estuda, trabalha, que o céu te ajudará a esclarecer o facto». Assim como na semente, em latência, está o germe da vida que há-de ser através do tempo, assim também no homem está o germe do génio e do apóstolo, ou seja o homem civilizado pela sabedoria e pelo amor — que virá a ser no futuro de sua vida, através de várias reencarnações e estágios de esclarecimento no mundo espiritual, tornando-se digno instrumento da sabedoria e do amor de nosso Pai, a imitação do Cristo, nosso Mestre, que é a vida perfeita, como acima se aconselha.

JESUS foi um perfeito instrumento da sabedoria e do amor. Ele mesmo o afirma quando nos diz:

«Quem conhece o Pai, o reconhecerá no Filho, porque este só vive para dar testemunho do Pai». E ninguém vai ao Pai sem seguir o caminho do Filho, que veio ao mundo para vos ensinar e despertar na consciência dos homens esta verdade salvadora.

Jesus, aconselhando-nos a ser perfeitos como o Pai o é, quis tornar-nos participantes da mesma felicidade que ele usufruia como instrumento da sabedoria e do amor do Pai, porque só dele nos podem vir estas virtudes e possibilidades.

O nosso coração e a nossa mente devem estar para Deus e para Jesus-Cristo, nosso Mestre, como um lago está para o sol. O sol, deixa-se reflectir no lago, mesmo que no fundo dele exista lodo, se o mesmo se conservar sereno e limpo. Através dele o espirito vê o sol e tudo que há no céu e ao seu redor, sem precisar de sair de si mesmo nem de saber dos outros; mas se o lago não estiver limpido, nada conseguirá ver. E se estiver limpo e não se mantiver sereno, calmo, também coisa alguma poderá precisar verdadeiramente.

Assim como o sol se reflecte no lago e nele vive todo o seu resplendor, tornando mais bela a vida de tudo que o cerca, também nós, quando tivermos a alma pura, poderemos espelhar a imagem Divina.

Então já não seremos nós que amamos e sofremos por amor ao próximo, mas sim, a verdadeira manifestação de Deus em nós. Seremos unos com o Cristo como Ele o é com o pai e nos tornaremos uma expressão de sua presença em nós, como Jesus nos ensinou.

A limpeza do coração e da mente são condições indispensáveis para podermos receber a iluminação divina. E isto se obtém pela vida educada e de obediência às leis espirituais, as quais se fazem sentir no homem, através de sua consciência. Esta consciência é a base do ser pensante, tanto na ordem material, como espiritual. Representa para a vida do homem o que é a bússola é para o navegante. E quanto mais difícil se apresentam os problemas de nossa vida, mais necessário se torna obedecer-lhe, tal como procede o marinheiro ou o piloto, quando se lhe apresentam zonas encapeladas ou horizonte tempestuoso. O comandante não abandona o leme até que a borrasca não tenha passado, a fim de evitar contra-tempos e possíveis perigos na viagem.

A nossa consciência se divide em três partes distintas, a saber: consciência normal, que responde aos problemas da vida de hoje; subconsciência, que mais ou menos responde e reflecte a vida de ontem e de outras trajéctórias, de onde nos vêm determinadas tendências e aptidões; e a super-consciência de onde nos vem a luz espiritual que ilumina a nossa alma e dá vida, compreensão e amor ao nosso espírito.

É por meio desta faculdade que recebemos os ditames de Jesus e do nosso Guia espiritual, que são os intérpretes da sabedoria e do amor. Esta faculdade nos liga a Deus e a Jesus e é regida por leis que jámais poderão dobrar-se aos nossos caprichos materiais. Somos livres de lhes obedecer; não somos, jámais, de sofrer as consequências de tais infracções. A nossa vida, na terra ou no espaço, qira sempre, gravita sempre em torno da lei que rege esta faculdade. As irradiações que emanam deste princípio fazem-se sentir nos nosos pensamentos. Se vibrarmos em harmonia com eles, praticando o bem, sentir-nos-

"LUZ NO CAMINHO"

NA CRÍTICA DOS OUTROS...

Eis mais algumas apreciações ao livro «Luz no Caminho», da autoria do nosso director e cuja edição de 3.000 exemplares se encontra quase esgotada:

LUZ NO CAMINHO, *de Isidoro Duarte Santos*

Aqui está um livro de projecção que encerra uma exégese evangélica através do prisma espirita.

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA, que já nos dera claras provas da sua profundidade doutrinária ao penetrar nos rumos de Geley e de Barrett, faz a sua terceira entrega, de cuja autoria é responsável o próprio Director de *Estudos Psíquicos*. Isidoro Duarte Santos não necessita de apresentação. Esforçado e permanente lutador do Espiritismo lusitano, a entrega que nos faz do seu *LUZ NO CAMINHO* demonstra a sua fervente adesão aos elevados princípios doutrinários que descobrem e contornam a escola espirita, verdadeira ética vivificante que, neste caso, se concretiza claramente: «Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora». Como se vê, é uma completa definição. Em estilo puro, claro, que não deixa lugar a dúvida, o autor explica, em oitenta estudos concisos, outros tantos postulados do Novo Testamento, tal como surgem da interpretação espirita.

Assim, nas trezentas e cinquenta páginas do livro elegantemente apresentado, assiste-se ao desfile de sintéticas e proveitosas linhas morais que estimulam e confortam por objectivarem a verdade tremenda, segundo a qual o Espiritismo é uma legenda que se dirige à humanidade sofredora que não conhece a verdade transcendente que ele contém, essa verdade que a Doutrina Espirita ajuda a descobrir no seu seio imortal.

A Verdade vos fará livres, proclamou Aquele que era a mensagem viva da própria Verdade. Pois nas aras dessa verdade, arquétipo de liberdade consciente e responsabilizada em alto ministério de serviço social, ISIDORO DUARTE SANTOS, uma das mentalidades mais representativas do momento actual do Espiritismo, fiel intérprete dos ensinamentos progressistas, ao empreender a imensa tarefa de fazer-nos uma interpretação do sentido de textos e escrituras (Mateus, Lucas, Marcos e João), trouxe uma séria contribuição para que a Evangelização se exerça nas firmes bases que o Espiritismo, doutrina de novos horizontes, pode e deve fazer nesta hora crucial para os homens da terra. Não temos a menor dúvida de que LUZ NO CAMINHO é uma esplêndida semente para tal sementeira e que, indubitàvelmente, Isidoro Duarte Santos deu ingresso na plêiade de escritores ilustres na elaboração de obras basilares destinadas ao estudo integral do Espiritismo. Eis porque esta obra é altamente recomendável. — L. P.

(De *Constância*, de Buenos Aires)

LUZ NO CAMINHO — *páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora*, por *Isidoro Duarte Santos*. — Edição de «Estudos Psíquicos Editora», Rua do Salitre, 149-1.º, Lisboa. É um livro de 346 páginas, genuinamente evangélico, porque tem por base os ensinamentos de Jesus em espirito e verdade e compõe-se de variados e pequenos trechos inspirados em diversas passagens dos Evangelhos que servem de sub-título a cada um desses trechos. Escritos pelo nosso prezado confrade e amigo, o tenente Isidoro Duarte Santos, dignissimo Presidente da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor, director e editor da conceituada revista *Estudos Psíquicos* e da Editora deste livro, eles não podiam deixar de ser radicalmente espiritas, moldados, portanto, na mais rigorosa moral evangélica. É de justiça, também, frisar a grande elevação de pensamento, a pureza do vernáculo e a facilidade de expressão que presidiram à confecção desta obra que perdurará como holocausto sagrado colocado nas vias de regeneração da nossa infeliz humanidade com rumos a melhores destinos sob a égide protectora do divino Jesus.

(De *Luz e Caridade*, de Braga)

LUZ NO CAMINHO, de *Isidoro Duarte Santos*.

Como esse poético e mavioso nome, «Luz no Caminho», o nosso confrade das plagas portuguesas, Isidoro Duarte Santos, edita mais um livro. Se não fôra cair nas frases feitas, diríamos que as estantes do Brasil e Portugal se acham enriquecidas com mais uma obra de vulto.

«Luz no Caminho» são temas evangélicos, são lições de moral, são ensinos luminosos, que virão trazer o consolo a muitas almas, para quem as veredas da terra são sempre cobertas de sombra.

Isidoro Duarte Santos tem várias obras, tem traduzido outras, tem mostrado o seu mérito de cronista, de redactor, de articulista, de propagandista, e nos

---

-emos felizes; se procedermos contràriamente, por sermos arrastados à prática do mal, seremos infelizes, moral e materialmente. E tal sofrimento, crescendo muito, nos impede de seguir adiante. Em tal caso, caímos e se dá a falência de nosso livre-arbítrio por termos ido além do que nos era permitido e justo. Então morremos para muitas ilusões e nascemos para realidades reparadoras de faltas praticadas. É nesta ocasião que o Pai, por meio do Cristo, nos fala, conduzindo-nos a novas veredas. É nessa ocasião que recebemos a luz que emana da super-consciência e nos tornamos dignos instrumentos da sabedoria e do amor de Deus e de Jesus, cumprindo-se, desse modo, em nós, o conselho de Mestre:

«Sede perfeitos, como vosso pai celestial é perfeito, para serdes felizes».

(Lido na Hora Espirita Radiofónica em Abril de 1948).

Porto Alegre (Brasil)

tem aparecido, sempre, em qualquer trabalho, como um pensador profundo e mestre nas matérias que ventila.

Agora, nos fala, principalmente, ao coração. Apresentando, comentando, ventilando assuntos religiosos, mostra-se um crente cheio de sinceridade e de brilho.

Nós, brasileiros, não poderemos deixar de enviar as nossas congratulações a esse eminente escritor, que do outro lado do Atlântico, serve com o mesmo entusiasmo a causa do Evangelho, da paz, da solidariedade humana.

(De *A Voz dos Espíritos*, de Nitcroi, Brasil)

LUZ NO CAMINHO

«Este livro se dirige às almas sofredoras», diz em seu texto o esclarecido autor, nosso talentoso confrade Isidoro Duarte Santos. Mas há um reflexo imanente que aproveita sobremaneira aos espíritos ávidos da verdade e que no seu progredir regenerador compreendem, finalmente, a causa de seus infortunios, no planeta.

São 346 páginas de eruditas lições que contem o precioso livro, expressivamente vasados sobre 82 versículos escolhidos, extraídos dos Evangelhos de Lucas e Mateus, principalmente, e de João.

Está, pois, de parabens o emérito escritor, com a publicação de seu magnifico trabalho, digno de leitura atenta e acurada pelos excelentes e oportunos ensinamentos que contem.

A seu ilustre autor agradecemos a encantadora oferta com que nos mimoseou, sentindo imenso que a falta de espaço que nos agonia nos prive de uma larga explanação a respeito de tão profícua produção que, por múltiplas razões, tanto recomenda o devoto escritor.

(De *A Centelha*, de S. Paulo)

LUZ NO CAMINHO

Acabo de ler «Luz no Caminho». Seria egoismo se não dissesse que a obra de Isidoro Duarte Santos editada por *Estudos Psíquicos Editora*, com sede em Lisboa, Portugal, é digna de figurar em todas as bibliotecas espiritas.

Nas suas páginas encontramos esse nectar precioso que nos encoraja na vida terrena, sendo uma fonte intérmina de ensinos, repletos de grande beleza.

«Luz no Caminho» não é apenas um livro, mas um bálsamo para todos os espiritos. — G.

(De «*A Folha Espirita*» de Taubaté)

LUZ NO CAMINHO

Após ter dado aos espiritas «Resumo da Doutrina Espírita» e «Nos Umbrais do Além», duas notáveis traduções, Isidoro Duarte Santos, Director da excelente revista *Estudos Psíquicos* que se edita em Lisboa, acaba de lançar ao público «Luz no Caminho», livro onde «os pontos básicos do Evangelho são estudados à luz da Nova Revelação e os ensinamentos do Cristo harmonizados com a Doutrina Espírita».

É uma obra de consulta, um compêndio indispensável aos pregadores, pois que o Autor, com aquela maneira que lhe é peculiar, explana várias passagens do Novo Testamento.

Estudos Psíquicos Editora e Isidoro Duarte Santos estão de parabens, entre os quais os que lhes endereçamos.

(Do *Boletim Espirita* de Florianópolis)

Inegàvelmente, Isidoro Duarte Santos desenvolve papel missionário na divulgação do Espiritismo em plagas lusitanas. O impulso que ele tem dado ao Espiritismo Cristão na bela terra de Camões é trabalho que só mesmo espiritos missionários podem executar sem desfalecimentos nem receio de levar a bom termo a obra que empreenderam.

Os espiritas brasileiros que ainda não travaram conhecimento com esse apostolo do Espiritismo na Pátria irmã, têm para com ele um dever de solidariedade a cumprir, como, de resto, não só com relação a esse, mas a todos os trabalhadores da Seara de Jesus, devemo-nos reciproco apoio e cooperação fraterna, por isso que a causa para que trabalhamos é uma só e a mais elevada de quantas possam existir: a espiritualização do mundo, através dos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Estas considerações nós as formulamos no momento exacto em que nosso espírito se delicia, inebria-se até — se assim podemos nos expressar — com a leitura que fazemos de «Luz no Caminho», um dos últimos livros de Isidoro Duarte Santos, publicado pela «Estudos Psíquicos Editora», de Lisboa, da qual é ele também Director...

Uma particularidade interessante que observo em Isidoro Duarte Santos é o seu estilo ameno, quase poético na análise de passagens evangélicas, o que me faz lembrar Léon Denis, chamado o poeta do Espiritismo. Até a maneira franca e incisiva para mostrar a verdadeira conceituação dos ensinos evangélicos, recorda em Duarte Santos o grande apostolo francês que também, com sua dialética amorável e a reçumar poesia, nunca deixou de ser enérgico na verberação dos erros e ataques de seus opositores: E por isso — porque as 346 páginas de «Luz no Caminho» estão cheias dessa suavidade — é que a gente o lê num crescendo de satisfação enquanto o espírito vai se impregando de conhecimentos sublimes do Evangelho de Jesus Cristo.

«Luz no Caminho» é uma obra que honra o seu autor e enaltece o Espiritismo, particularmente em Portugal, onde tantas e tantas dificuldades sabemos que lhe tolhem os passos, nessa milenária luta de as trevas se oporem à luz, que, entretanto, sempre sai vitoriosa, graças a Jesus e à infinita bondade e justiça de Deus Todo Poderoso.

(De *A Flama*, de Uberaba, Brasil)

PÁGINA INFANTIL

A necessidade de inserir artigos que há muito aguardavam publicação, obriga-nos a retirar a secção «Para os irmãos pequeninos», do que pedimos desculpa aos leitores.

Out/48

PELA UNIÃO ESPIRITA

por José F. Cabrita

Temos verificado, por certos lamentáveis incidentes, que não é problema muito fácil de resolver o de manter numa fraterna e leal camaradagem os espiritas ou, mais largamente, os espiritualistas das diferentes colectividades.

E não é problema fácil enquanto um grande número de crentes na sobrevivência e comunicações dos espiritos não se disposer ao mesmo tempo a cumprir com os doces ensinamentos de Jesus aceitando-os como a base essencial da sua crença espirita.

Ora Jesus condenou a vaidade, o orgulho e a meledicência, pois não é de bons irmãos arvorarem-se em julgadores uns dos outros, e menos ainda em fazerem alarde das fraquezas ou supostas fraquezas que neles vêem, através do argueiro que lhes turva, completamente, a razão e a vista.

Estes vícios de formação espiritual deturpada, não são as únicas dificuldades para a solução do problema atinente a incutir em todos os espiritas hábitos de boa concórdia e franca e leal cooperação.

Há também a falta de domínio, em muitos irmãos nossos, no que respeita às perturbadoras influências de forças invisíveis que, no campo das ideias, formam turbilhões manifestados em correntes várias de pensamentos desencontrados. É preciso saber dominar estas correntes adversas, postas em vibração pelos nossos irmãos desencarnados que, procurando embaraçar aquilo com que não concordam nem simpatizam, aproveitam as vibrações mentais dos orgulhosos, dos vaidosos, dos que pratendem pôr as suas personalidades acima das conveniências de uma boa fraternidade e da sã doutrina para lhes insuflarem atitudes de discórdia e mesmo de escândalo.

São provações naturais a que estamos todos submetidos: os que se deixam arrastar por aquele turbilhões perturbadores, pois que assim provam não cumprir com os preceitos de Jesus, que mandou orar e vigiar assiduamente, de maneira que, numa recatada e proveitosa modéstia, possam livrar-se de tentações e ver, claramente, o bom caminho e a estrada de rumo duvidoso, e provação para os que cumprem as doutrinas, pois, pelas discórdias e escândalos que os atingem, é verificada a medida do seu poder de tolerância e de perdão para as fraquezas e ofensas dos seus irmãos.

E ai dos que manifestarem fraco poder de vontade em ser tolerantes e em perdoar!

Tomemos bem nota disto, que é baseado naquele ensinamento de Jesus ao dizer: «É impossivel que deixe de haver escândalos, mas ai daquele por que eles vêm». (Lucas, XVII-1). Ora o escândalo e a discórdia ou desarmonia nas atitudes dos homens são uma consequência do ambiente impuro que envolve a Terra resultante do seu atraso ainda bem acentuado, ambiente aquele que é denominado astral inferior.

É preciso que todos, ou pelo menos o maior número vibrem espiritualmente em unissono com as ideias, sentimentos e aspirações dos que estão muito para além daquele ambiente de trevas e ignorância, ou seja muito para além daquele astral inferior. Quando assim suceder, a tolerância será o apanágio de todos os do mesmo credo ou de credos diferentes, porque as vibrações de amor e concórdia dominarão os pensamentos negativos do ódio, da inveja e do egoismo.

É este o caminho que levará à união de todos.

Ora a união faz a força, diz a sabedoria dos povos, e os espiritas portugueses precisam de estar muito unidos, para terem a força suficiente com que vencerão as correntes antagónicas de preconceitos e de ensinamentos errados, que desde sempre se opõem à expansão do neo-espiritualismo em terras lusas.

Os ensinamentos da parábola dos vimes vêm aqui muito a propósito, pois todos compreendem muito bem que desunidos, em que cada um conte sòmente com as suas próprias forças, lhes é inteiramente impossível vencerem as forças negativas que os envolvem e fazerem obra construtiva de vulto no campo da expansão do Espiritismo, ao passo que unidos por fortes desejos de bem servir, e fazendo barreira por fortes concentrações de pensamento, devidamente ligadas e vibrando sintonizadamente em determinados momentos, quer nos encontremos dispersos quer reunidos, e com isto me quero referir ao poderoso efeito da comunhão do pensamento, podemos ter a certeza de que venceremos to-

UMA CASA DE SAÚDE

por Henrique Magalhães

Continua a bater-nos nas têmporas o apelo de Reper-Siam aos conterrâneos espiritas de Lisboa:

«A casa para doentes do espírito tem de se fazer entre vós. É preciso um refúgio onde se tente a cura, senão o alívio desses infelizes que seguem a sua rota influenciados por espíritos errantes. É preciso que os espiritas envidem todos os esforços para semelhante objectivo. De toda a asistência que se possa fazer a necessitados, nenhuma igualará a de dar alívio aos doentes do espírito, que já são tantos e cada vez serão mais».

Ecoam ainda aos nossos ouvidos essas palavras, parecendo que dos catres imundos onde se encontram actualmente, muitos irmãos em Jesus nos enviam seus augustiosos apelos, não só a nós, mas principalmente a vós, queridos companheiros, irmãos em ideal, solicitando nosso e vosso concurso na obra que os arrancará, a eles e seus verdugos, das garras do ódio e da ignorância.

Folheando o livro de André Luiz, «Obreiros da Vida Eterna», pág. 31 e 32, lemos e meditamos o seguinte comentário, referente ao assunto:

«Se os psiquiatras penetrassem o segredo de semelhantes factos, iniciariam a aplicação de NOVA TERAPÊUTICA à base dos sentimentos cristãos, antes de qualquer recurso à hormoterapia e à electricidade.

«Antes de minha volta ao plano espiritual, faminto de novas informações referentes ao psiquismo da personalidade humana, examinei, atento, a doutrina de Freud.

«Discípulo espontâneo e distante do eminente professor de Freiberg, sòmente aqui pude reconhecer os elos que faltam ao sistema de positivação das origens da psícose e desequilíbrios diversos. Os «complexos de inferioridade», o «recalque», a «líbido», as «emersões» do subconsciente não constituem factores adquiridos no curto espaço de uma existência terrestre e, sim, caracetrísticos da personalidade egressa das experiências passadas.

«Faltam, pois, às teorias de Segismund Freud e seus continuadores, a noção dos princípios reencarcionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar e quase que invariàvelmente no corpo perispiritual preexistente, em virtude das dificiências de natureza moral, cultivadas com louco apego, pelo reencarnante, nas existências transcorridas».

Em verdade, Freud e seus seguidores não posuem os conhecimentos necessários e essenciais para a cura dos doentes da alma. Eles atêm-se à doença do corpo, única e exclusivamente. Daí, o seu fracasso. Quem, em última análise, sai perdendo são os doentes, os pobres enfermos da alma, vítimas de perseguições terríveis do invísivel.

Porque abandonar aos inábeis freudianos o monopólio de terapêutica que, por sua natureza, cabe ao psíquismo resolver? Não estaremos deixando enferrujar os instrumentos que por misericórdia nos concedeu o Eterno? Saberemos nós se, entre os enfermos da alma, jogados às lages duras e frias dos hospícios, se encontrarão parentes próximos de outras existências?

Quem nos pode afiançar o contrário? Indubitàvelmente, ninguém!

Eis uma razão maior ainda para nos atirarmos com afinco e boa vontade à obra que centraliza o pensamento de Reper-Siam, no louvável propósito de salvar da ruina moral os milhares de criaturas que sofrem o assédio de terríveis inimigos, embuçados na sombra do sepulcro.

Reforçando o apelo daquele espírito nobilitante, levanta-se também a voz apagada deste vosso irmão, conclamando os trabalhadores de boa vontade.

Avante, companheiros! Será a primeira Casa de Saude levantada na Europa, marco de uma nova era que se apróxima.

Rio de Janeiro, Outubro de 1948

---

dos os entraves na expansão das nossas doutrinas de sabedoria, paz e amor.

O essencial, pois, é que sejamos tolerantes e leais uns para com os outros, e sempre animados de pensamentos de concórdia e fraternidade.

(Excerto da Mensagem lida em 31-3-948 pelo nosso confrade José F. Cabrita na Federação Espirita Portuguesa, por ocasião do Centenário dos Fenómenos de Hydesville).

4.º Congresso Espirita Nordestino

Retumbante e surpreendente foi o *IV Congresso Espirita Nordestino,* que se verificou em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, de 30 de Setembro a 4 de Outubro do corrente, e estendendo-se, no dia 5. a conferências para leigos, nas quais tomaram parte oradores de quatro delegações, exultantes por alargar a brecha e a repercussão nos meios profanos.

Esta iniciativa coube à *Fraternidade Raios de Luz,* de Recife, pertencendo, no entanto, a todos os nordestinos que se movimentaram, e mui especialmente aos confrades da terra potiguar, auxiliados pelo Dr. Artur Lins de Vasconcelos, sempre pronto aos grandes empreendimentos em prol da confraternização.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Presidiu esta José Anselmo Alves de Sousa, director da Federação Norte-riograndense, que, ausentando-se temporàriamente, continuou batalhando. Passada a direcção ao tenente Felipe Soares de Melo, secretário geral do certame e representante de *Estudos Psíquicos,* que batalhou em companhia do tesoureiro da comissão promotora, sr. Severino Viana, estes tudo envidaram auxiliados pelos demais confrades de Natal, citando-se ainda o jovem Ismael Neves que, na propaganda pelo *Diário de Natal,* manteve intensa reportagem e até conseguiu publicações doutrinárias que muito contribuiram para levar os preparativos do congresso ao meio leigo. Muitos outros cujos nomes deixamos de mencionar merecem a nossa apreciação e estímulo. A verdade è que todos batalharam ardorosamente.

A INSTALAÇÃO

Realizou-se na sede da Federação Espirita Norte-riograndense, Avenida Rodrigues Alves, 779, sob a presidência de José Hipólito, vice-presidente da Federação, em exercício. Presentes, delegações de quatro Estados nordestinos e representações inúmeras, pedidas até do Rio Grande do Sul, com mais de 30 congressistas presentes e numeroso público que encheu o salão e se estendeu pelo pátio. O Dr. A. N. Pinheiro Ramos fez a prece inicial. Felipe Soares de Melo pronunciou um belo discurso de abertura, alusivo ao acto, sendo muito aplaudido. A seguir, José Hipólito, mediunizado, transmite a saudação em homenagem aos congressistas visitantes, aplaudindo-os no seu gesto e concitando-os à continuação de jornadas fraternais como a que se realizava. Continuando, Sebastião Félix de Araujo, presidente da Tenda Espirita Maria da Penha, em nome das sociedades do Estado Potiguar, incentivou ainda mais os visitantes, de modo eloquente. Com a palavra as delegações. Laurindo Cavalcanti, de Paraiba; Martins Peralva, de Sergipe, e A. N. Pinheiro Ramos, de Pernambuco, agradeceram a recepção cristã, a hospitalidade principesca, entre os aplausos e a comunicativa alegria que o ambiente apresentava. Falaram ainda Elisa Jorge, que vibrou de satisfação, transmitindo a mensagem que a mulher paraibana mandava às Potiguares. Congratulando-se com o Congresso, fez-se ainda ouvir Feliciano Dias, da delegação paraibana. A sesão foi encerrada com uma prece.

REUNIÕES PLENÁRIAS

Verificaram-se todas na sede da Federação, sendo aprovadas as teses e trabalhos seguintes: «A Reencarnação e os Evangelhos», de A. N. Pinheiro Ramos, que teve sua introdução, integralmente publicada pelo *Diário de Natal,* «A Arte Espiritualista e seu Sentido Educativo», do Jovem Ismael Neves; «A História do Espiritismo Potiguar», de Sebastião Félix de Araujo; «Porque Divergem as Religiões», de Laurival Sobreira; «A Marcha Vitoriosa do Espiritismo no Brasil», do escritor Arlindo Colaço, apoiada em dados fornecidos pelos próprios adversários, fazendo o intemerato combatente alguns confrontos e tirando conclusões irrespondíveis. Dada a sua argumentação, foi defendida, como parte da sessão magna em homenagem a Allan Kardec, no teatro Carlos Gomes: «O Papel do Jovem e da Mulher no Espiritismo», foi o trabalho de Sonia Trindade. Outras teses se debateram e muitos outros trabalhos, inúmeras mensagens de solidariedade e exortação doutrinária ficaram, dado que não houve tempo para serem lidos, fazendo parte do arquivo, como subsídio do *IV Congresso.*

A primeira reunião plenária coube à delegação paraibana. Presidiu-a João Miguel de Morais. A segunda pertenceu a Pernambuco. Dirigiu-a o Dr. Pedro Correia. Ambos o fizeram com espontaneidade, acerto e brilhantismo. Houve muitas reuniões de visitas campestres que foram verdadeiras reuniões congressionais, vibrantes e doutrinárias, onde a arte musical, poética, cénica e o canto deixam seus eflúvios dolentes e suas consequências benéficas e espiritualizantes.

REUNIÃO NA PENITENCIÁRIA

Verdadeira sessão congressional, presidiu-a a delegação de Sergipe, dirigindo-a José Gonçalves de Oliveira, presidente da União Espirita Sergipana. Feita a exposição pelo tenente Felipe Soares de Melo, entoou-se a *Canção da Alegria Cristã* e João Miguel de Morais fez tocante prece. Depois, a jovem Yvone Merenciano, artística e sentidamente recitou a poesia «Samaritana», vivendo-a para o ambiente. A Sr.ª Amélia Oliveira Viana falou aos detentos pela mulher potiguar, provocando o derrame das primeiras lágrimas. Martins Peralva cantou os consoladores ensinos do Espiritismo, comovendo e fazendo com que a numerosa assistência que acorreu a penitenciária, onde muitos curiosos se encontravam, declarassem que: «se o Espiritismo era isso, eles iriam ser espiritas», como disseram vários protestantes que ali se encontravam e pediam orientação. Seguindo-se com a palavra a jovem Sonia Trindade, as lágrimas converteram-se em soluços, que se fizeram ouvir pelo recinto, ruborizando os semblantes de homens maduros ali reclusos e dos visitantes comovidos, tal a emotividade,

precisão de conceitos e consolação derramada pela menina, moça de 15 anos, que rivalizava com os mais eloquentes. No mesmo diapasão fizeram-se ouvir o Dr. Pedro Correia, Laurindo Cavalcanti e José Galvão, recordando a sua estadia na mesma penitenciária. Feita a prece, distribuiram-se jornais, revistas, livros doutrinários, merenda e donativos aos detentos, durando a reunião das 8,30 às 11 horas.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Da penitenciária, os congresssitas rumaram de *omnibus* especial, sempre à disposição dos congressistas, para a sede do *Brasil Club*, onde foi servido lauto almoço, oferecido pelos espiritas do Rio Grande do Norte aos Congressistas visitantes, através da palavra de Felipe Soares de Melo e da gentileza das senhorinhas e senhoras Natalinas, que serviram as iguarias. Agradeceu, pelos visitantes, o Dr. A. N. Pinheiro Ramos.

NO TEATRO CARLOS GOMES

Às 20 horas, perante numeroso público, Felipe S. Melo, passa a presidência a José Anselmo Alves de Sousa, presidente da Federação e director regional dos Correios e Telégrafos do Rio Grande do Norte, que expõe a finalidade da reunião. Feita a prece, é entoada a *Canção da Alegria Cristã*. Yvone Merenciano recita a poesia «Destinos». O Dr. A. N. Pinheiro Ramos faz a história do movimento espirita nos tempos modernos, pondo em relevo a acção das irmãs Fox e mostrando que o Dr. João Machado não tinha razão ao classificá-las de embusteiras, pois examinadas foram, não por analfabetos e simplórios, mas por adversários ferrenhos e sábios ilustres americanos. Refere-se do juiz Edmonds, presidente do Senado Americano e da Corte Suprema de Nova York, sendo os factos espiritas investigados e proclamados pelos sábios prof. Mapes, da Academia Nacional Americana; Roberto Hare, da Universidade da Pensilvânia; Roberto Dale Oven, escritor e ministro plenipotenciário americano, em Nápoles, e por sábios tão ilustres, que seria até irrisório acreditar no livreto «Cuidado com seu Inácio», que os adversários fizeram distribuir, através da pena do médico psiquiatra João Machado. Foi muito aplaudido. Segue-se Martins Peralva, de Sergipe, recordando a promessa de Jesus, de enviar o Consolador, na função de restabelecer os ensinos deturpados e de ensinar toda a verdade. Focaliza a personalidade do codificador Allan Kardec e, citando filósofos europeus, analisa a obra e as consequências morais do ingente trabalho do sábio lionês, para terminar, concitando a todos à evangelização de si mesmos, para melhor contribuirem para a transformação social que, na expressão do cintilante Deolindo Amorim, é o meio de moralização da sociedade. A oração de Martins Peralva, empolgante e serenamente doutrinário-evangélica, foi entrecortada de aplausos. A seguir, ouve-se a voz da jovem Sonia Trindade de Araujo, vibrante e juvenilmente evangélica, que ecôa, provocando constantes aplausos, exortando os jovens e as senhoras ao trabalho. Levanta-se, então, o escritor Arlindo Colaço, da Paraiba, que antecede a leitura de seu brilhante trabalho, «A Marcha Vitoriosa do Espiritismo no Brasil», com uma saudação à beleza, à hospitalidade e ao talento da mulher natalina, citando Auta de Sousa, Augusto Severo e outros vultos do pensamento, sendo entusiàsticamente aplaudido. O seu trabalho apoiou-se em dados fornecidos pelos adversários. Por isso mesmo, irrespondíveis. Encerrando, o médium pneumatofónico José Hipólito, vice-presidente da Federação, foi tomado pelo espirito de Fénelon, arrebatando ainda a mais a assistência, discorrendo sobre a evolução do ser, desde a concha ao estado actual, para, em síntese rápida, aplaudir a acção dos congressos, sua finalidade fraternal e divulgadora, dentro da cooperação liberta de mandonismo, para aconselhar aos presentes que fossem cirurgiões do abcesso do ódio, da vaidade e do egoismo, ainda no seio dos homens. Foi encerrada com a prece de Lourival Sobreira, sob a presidência honorária do Desembargador Sinval Moreira Dias, constituindo memorável jornada de espiritualidade esta noitada, onde cantaram os conceitos doutrinários para o público potiguar, repercutindo intensamente na sociedade profana.

ENCERRAMENTO

Teve lugar na Federação, às 4,10. José Anselmo, seu presidente, passou a direcção a Martins Peralva, que convidou o Dr. A. N. Pinheiro Ramos a fazer a prece, pronunciando o discurso preliminar da reunio, exortando e discorrendo sobre o exame introspectivo, prevendo resultados imensos, muitos deles já presentes, que o congresso traria para o Estado e todo o Nordeste. Felipe S. Melo leu uma mensagem mediúnica de Viana de Carvalho, que recebeu momentos antes. Pela Paraiba falou Arlindo Colaço, exultante e feliz, despedindo-se agradecido; por Pernambuco. A. N. Pinheiro Ramos disse que não se despedia por não haver separação. Agradecia apenas. O mesmo fez a delegação sergipana. Usaram da palavra Sebastião Félix, sendo depois tomado o médium José Hipólito pela popular entidade *Maria Têtê*, que aplaudiu e exortou a continuação dos congressos, dizendo que eles estender-se-iam de norte a sul como farois de luz na propaganda e na confraternização. Encerrou José Anselmo, que agradeceu, apreciando e congratulando-se com todos pelo brilhante êxito obtido, sendo feita a prece final.

///

CONCLUSÕES DO CONGRESSO

O *4.º Congresso Espirita Nordestino* reconhece:

I — Existência do princípio inteligente, sempre em actividade criadora e coordenadora, interpenetrando o Universo e originando tudo quanto existe, pela combinação dos dois elementos gerais — espírito e matéria — juntando-se a estes o fluido universal, para possibilitar a união entre os ditos elementos em evolução;

II — Existência do ser imortal, sua preexistência ao nascimento, sua sobrevivência e comunicação entre os dois mundos;

III — Existência, no homem, do princípio intermediário entre os dois citados que:

a) dá forma plástica definida ao organismo;

b) mantém indestrutivel e intacta a individualidade, e,

c) serve de veículo transmissor das sensações e conduto das ordens da vontade;

IV — Passagem do elemento espiritual através de uma série imensa de organismos, cada vez mais melhorados, em processo de encarnações e desencarnações, onde perde, em cada existência nos mundos materiais, a lembrança das outras encarnações, para reaparecer, após cada retorno à espiritualidade, tanto

mais viva, quanto maior o grau evolutivo, mantendo sempre a individualidade que se vai aperfeiçoando em um, ou em vários mundos habitados;

V — A grande evolução para o princípio espiritual e para o material, no início da qual a alma é simples força difusa para atingir a imortalidade viva, consciente e livre com sua individualidade distinta, em sentido indefinido e progressivo, em círculos sucessivos ou alternados que se vão ampliando sempre;

VI — Igualdade espiritual da mulher e do homem, que possuem os mesmos direitos e deveres, a pesar da função diversa que foram chamados a desempenhar, pelas necessidades e relatividades evolutivas.

DEFINIÇÃO

Assim firmados nos definimos, aceitando e recomendando o princípio da *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro:* A CIÊNCIA POR BASE, A RELIGIÃO POR MEIO E A MORAL POR FIM; reconhecendo o Espiritismo como doutrina livre, racional, evolutiva e eclética, razão por que recomenda aos seus adeptos e estudo desenvolvido, não só das obras básicas, mas de tudo que se relacione ou possa relacionar-se com os problemas do ser, da origem, da evolução e consequente devenir, dentro do judicioso ecletismo que enriquecerá sempre o divino legado, conduzindo-o ao florescimento e incessante rejuvenescimento doutrinário, proclamamos e esclarecemos que é *LIVRE,* porque liberta dos dogmas infaliveis, redimida dos mistérios insondáveis, isenta das imposições formais que conduziriam ao papado e à morte do profetismo; RACIONAL, porque ciência de observação balizada em factos positivos e experimentais, que investiga, cataloga e explica; EVOLUTIVA, por não estar sujeita a verdades absolutas nem a princípios formais rígidos e fechados, mas aberta às ampliações ou rectificações da ciência moralizada, acompanhando sempre, em sua marcha através da humanidade, em relativa progressividade proporcional e periòdicamente atingida pelas conquistas humanas em geral, até que seja alcançado o mais alto saber conjugado com a mais alta virtude; ECLÉTICA, pois que encorpora, em sua concorrência vital, tudo quanto se relacione com o ser e sua marcha através da vida, sem indagar a fonte de onde promana, tão só procurando a excelsitude para abranger as actividades integrais do princípio imortal dentro da vida, desdobradas ao infinito, em suas manifestações na família, nas lutas pela manutenção e conservação, nos momentos de folga e onde quer que seja chamado ou possa encontrar-se, em actividades espiríticas ou não, dado que tudo interpenetra para esclarecer e consolar em Cristo, na faina de desfanatizar as denominações religiosas e moralizar as pesquisas científicas, como elo que as liga e reune na verdade e na justiça, rumo ao centro excelso do amor.

Assim compreendendo, recomendamos como programa a desenvolver pelos que, em todo o Nordeste, ou fora dele, livremente o reconhecerem útil, na consecução da libertação espiritual da sociedade humana:

1.º — Realizarmos, como temos feito, uma reunião anual dos espiritas nordestinos que quiserem, moralmente, esforçar-se para a realização, nesta época, do que chamamos congresso, iniciativa da *Fraternidade Raios de Luz,* pelo seu Departamento do Nordeste, auspiciada pelos congressos anteriores, patrocinada pelas entidades que, em cada sede, aceitarem a incumbência, embora auxiliadas pelos demais Estados, por confrades que espontâneamente quiserem, sob o bafejo do Alto, como o vem sendo até aqui, escapando sempre à mentoria;

2.º — Envidarmos esforços para a criação de cursos de espiritismo popular, nos centros, em lugar dos comentários, quase sempre sem preparo;

3.º — Entrarmos em entendimento, para fundação, em cada Estado, de faculdades de estudos psíquicos e sociedades de medicina e espiritismo, adoptando-se os programas das já existentes, na capital do país, das quais, se for pelas mesmas aprovado, nos constituiremos secções livres, moralmente obrigadas a execução dos seus programas;

4.º — Estudarmos o catecismo espirita em família, nas escolas, nas associações, nas penitenciárias, em dias especiais, ou como preliminar das reuniões;

5.º — Introduzirmos o estudo do Evangelho, em família e nos meios profanos, em conferências e palestras nas sociedades, nos teatros, nos sindicatos, nos orgãos de classe, nas penitenciárias, nos jornais profanos, na rádio e onde for aconselhável, sem deturpações ou exageros de fanatismo que a razão apontar;

6.º — Instalarmos a campanha do quilo, a qual sustentará e ampliará as instalações das obras de assistência social, levando a doutrina aos lares, pela palavra expositiva e exemplo vivo da acção do legionário, despertando os que escutarem a solicitação amiga, modelando assim os solicitados e robustecendo os solicitantes que são chamados à tarefa que a todos é dado desempenhar, revertendo o produto em benefício dos orfanatos, asilos, abandonados, hospitalizados, que visitaremos, repartindo-o também com as escolinhas de alfabetização disseminadas pelos nossos centros, para onde aconselharemos que vão todas as crianças encontradas sem assistência escolar;

7.º — Abrirmos em todas as sociedades espiritas escolas de alfabetização para a infância e para adultos, escolas técnicas profissionais femininas e masculinas para o preparo e assistência aos necessitados, sócios ou não, e, se possível, ambulatórios, policlínicas e o mais que assista, console e eduque;

8.º — Orgnizarmos visitas colectivas de confraternização, comemorativas das datas e para estudo biográfico das personagens com serviço à causa, nas cidades onde operamos, rumo ao interior dos Estados para trazê-los em ligação e intercâmbio com as capitais, movimentarmos caravanas interestaduais, de propaganda, confraternização e intercâmbio, abrigando-se os confrades nos lares, para maior aproximação e entrelaçamento;

9.º — Incrementarmos os departamentos infantis, de mocidades e feminis, nos moldes da escola nova, com programas artísticos, teatro espiritualista, excursões e passeios campestres, e tudo o que se relacione, for aconselhável e adaptável ao desenvolvimento e divertimento moralizado, estimulando a observação e análise dos ambientes naturais, onde o belo predomine ou a dor impere, para que o ser seja tangido para o alto;

10.º — Introduzirmos nos grupos escolares, já existentes ou por criar, cursos secundários para preparação dos nossos filhos e demais disciplinas e ensino profissional, sem esquecer o desenvolvimento do controlo das emoções, do auto-exame, do auto-domínio no governo dos instintos a serem reprimidos, para que possamos agir conscientemente, sem o automatismo dos fanáticos, nem a presunção dos preconceituosos.

COMISSÃO REDACTORA: *A. N. Pinheiro Ramos,* de Pernambuco; *I. Martins Peralva Sobrinho,* de Sergipe; *Arlindo Colaço,* da Paraíba; *Felipe Soares, de Melo,* do Rio Grande do Norte.

UMA OBRA NOTABILÍSSIMA

Maternidade Casa da Mãe Pobre

Os leitores devem estar lembrados da reportagem que fizemos acerca da Maternidade Casa da Mãe Pobre, do Rio de Janeiro, instituição modelar que um espisódio tocante originou. O esforço dispendido pelos obreiros que a fundaram causou sensação em quantos dele tiveram conhecimento. Pois esta obra encontra-se em pleno funcionamento. Já deu belissimos frutos de caridade e solidariedade. Já demonstrou o que pode a união bem compreendida.

Temos aqui o Relatório da sua Directoria. Sucinto e claro, mostra o que se fez durante um ano de acção e deixa entrever o que se fará no futuro.

Maternidade Casa da Mãe Pobre

A receita, de 1 de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948, foi de 1.838.598,60 cruzeiros. A despesa elevou-se a 676.694,30 cruzeiros. *Superavit* — 1.161.904,30 cruzeiros, 30 % dos quais foram incorporados no património e 70 % transferidos para o próximo exercício. Esplêndida administração. Um saldo de *um milhão cento e sessenta e um mil novecentos e quatro cruzeiros,* logo no primeiro ano, é coisa verdadeiramente extraordinária digna de menção nestas colunas.

O património da Maternidade, de que esta revista é órgão oficial, eleva-se a 3.793.129,60 cruzeiros.

Todos os aparelhos hospitalares foram adquiridos a preços excepcionais, a maioria dos quais pagos à vista. Estão instaladas as seguintes obras e máquinas: 2 elevadores *Elba*, máquinas para lavandaria, 1 caldeira vertical *Diesel* para distribuição de água quente a quase todas as dependências, serviço telefónico particular, extintores, compressores, serviços luminosos para quartos particulares e vários serviços de carpintaria.

Todo o material cirúrgico solicitado pelo director-médico tem sido adquirido, inclusive 2 incubadores destinados aos 2 berçários, mesa de operações modernissima, aparelhos laboratoriais de análises, camas Fowler, autoclave e peças para esterilização, balanças para adultos e crianças, mesas de partos modernas, etc., etc.

A Maternidade recebeu de donativos no último ano cerca de 474.000 cruzeiros, sendo 400.000 da Legião Brasileira de Assistência.

Os seus directores continuaram com a campanha financeira e a campanha do selo, que muito êxito alcançaram. A primeira, desde Setembro de 1947 a Abril de 1948, rendeu

cerca de 108.000 cruzeiros. A segunda rendeu 241.000 cruzeiros.

O corpo clínico dirigido pelo Director-médico Prof. Dr. Clóvis Correia da Costa, compõe-se dos seguintes profissionais: 1 chefe de clínica, 6 médicos assistentes obstetras, 1 cardiologista, 1 pediatra, 1 laboratorista, 2 auxiliares, 1 enfermeira-chefe, 50 enfermeiras auxiliares e 20 serventes. Além do serviço de partos, cuida de ginecologia e tratamentos especializados.

Há também uma legião de cooperadoras que desde o início trabalham espontâneamente, com a faculdade de operar em festivais de caridade, campanhas financeiras, angariação de materiais, etc., e trabalham igualmente em certos serviços internos, como costura, compra de tecidos, etc.

O serviço de subsistência e de rouparia é dirigido com muito acerto. Em 30 de Abril último, a Maternidade firmou contrato com o Serviço Social da Indústria para a colocação de 30 leitos, o que lhe assegura belo rendimento durante o praso contratual.

Actualmente, o número de associados contribuintes eleva-se a 17.000 pessoas, devidamente cadastradas, cujas cotizações mensais atingem 55.000 cruzeiros. Este movimento cresce dia-a-dia. Para atender ao serviço de recibos, a Maternidade possui uma máquina eléctrica.

O serviço de secretaria está a cargo de 6 moças, que trabalham eficientemente.

Como se vê pelos dados que aí ficam, a Maternidade Casa da Mãe Pobre é uma instituição que muito honra o Espiritismo. O seu presidente e nosso grande amigo Henrique Magalhães deve estar compensado dos sacrifícios feitos.

Mas, agora perguntamos: sendo a sua receita ordinária de 55.000 cruzeiros mensais, como atender a uma despesa mensal de 160.000, excluindo a Creche e a Lavandaria, que ainda não funcionam? É que, além das cotizações, há outras fontes de receita que, em virtude da persistência de um pugilo de abnegados, se podem também considerar ordinárias.

O Dr. Clóvis Correia da Costa, um dos mais abalizados clínicos do Brasil, calcula que na Maternidade nascerão anualmente cerca de 4.00 crianças.

«Se atendermos a que a mortalidade materna no Brasil por causas puerperais é de 9 por mil; de que 8 % das crianças criáveis nascem mortas, 32 % desaparecem por abortamento e 20 % sucumbem no primeiro ano de vida; que, finalmente, em 100 crianças geradas, 60 não vivem um ano — diz o Dr. Clóvis da Costa — estou certo de que medidas sérias serão tomadas para minorar esta situação catastrófica».

Num milhão e duzentos e sessenta mil crianças que nascem anualmente no Brasil, 220.500 desaparecem no primeiro ano de vida. Somando a isto 103.118 de natimortalidade e 412.472 abortos, a nação perde 736.090 vidas por ano! Estas vitimas, estendidas em 8 filas e separadas umas das outras por um metro, ocupariam uma extensão de 92 quilómetros !...

Eis por que a Maternidade Casa da Mãe Pobre se esgueu para ajudar a resolver o maior problema social do Brasil. Eis por que o Espiritismo ali progride incessantemente, enfrentando todas as críticas e todos os motejos. A sua marcha é como a tempestade magnética que se exerce de maneira imponderável e tudo impregna de seu fluido irresistível.

Humildade

por Fernando Burlamaqui

Ser humilde é ser bom !

A Humildade,
— riqueza da alma — é um bem,
é um dom
precioso do coração.

Ser humilde é viver sem orgulho e sem vaidade,
com serenidade,
ante o imenso rugir da humana correnteza.

É trazer a alma de mansuetude cheia,
é sentir-se feliz, pobre e contente,
vendo a riqueza humana indiferentemente,
sem invejar, jámais, a ostentação
alheia.

A Humildade
é uma forma sublime de beleza !

Ser humilde, é elevar-se às alturas soberanas,
é pairar muito além das ambições humanas.

É viver simplesmente,
cristãmente,
em calma,
e grande ser apenas pela espiritual grandeza,
pela beleza
da alma.

Do livro inédito :
«LUZ INTERIOR»

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

DIÁRIO DE ESTUDIOS PSICOLÓGICOS — de *Allan Kardec*. Edição de Carlos Nevot. Buenos Aires, 1948.

Lendo os dois primeiros opúsculos saídos, revivem-se as horas em que Kardec, da tribuna da *Revue Spirite*, em 1858, iniciava a marcha do grande «fenomeno do século» — o Espiritismo.

Republicar, pois, o «Diário de Estudos Psicológicos» e espalhá-lo pelas bibliotecas do grande país sul-americano, é um empreendimento audaz, «é um convite fraterno ao trabalho na nossa própria obra, a mesma obra que sentimos viva quando, Espíritos, pedimos ao Senhor uma faina para triunfar», como o definiu o seu editor Carlos Nevot que daqui felicitamos.

PREUVES DE LA RÉALITÉ SPIRITE — por *Henri Regnault* Edição Dervy. Paris. 1948. 31 págs.

Incansável na sua obra de propaganda, o Vice-Presidente da União Espirita Francesa reuniu neste pequeno opúsculo alguns trechos publicados no *Spiritisme* extraidos dos seus relatos ao Congresso Espirita de Paris, em 1946, com o fim, como diz, «de apoiar por escrito» a sua propaganda falada. E, diga-se depois de o ler, que realizou por completo o seu objectivo.

O PERISPIRITO — por *João Carlos de Assis*. Gráfica Mundo Espirita. Rio, 1948. 32 págs.

Neste opúsculo, faz o autor uma análise das opiniões mais espalhadas sobre a natureza e função do perispirito, procurando aclará-las, ao mesmo tempo que nos aponta não só a divergência daquelas opiniões como pontos contraditórios ou contrários ao pensamento daqueles autores. Podemos resumir nos seguintes teoremas a sua temática:

1 — o perispírito é um instrumento do espírito e sua criação;

2 — formalmente, é «um punhado de massa fluídica» (?) «sem nenhuma qualidade ou atributo, *excepção daqueles que são comuns aos fluidos*» (?);

3 — o perispírito é sòmente um orgão de ligação e não um repositório, a sede da memória;

4 — assim como o transformismo não pode ser completamente explicado pelo perispírito, assim nem todos os fenómenos mediúnicos pressupõem a sua intervenção.

Sem dúvida que concordamos no geral com o pensamento do autor, mas não podemos deixar de frisar algumas lacunas, principalmente no que respeita à natureza. Massa fluídica? Mas que tipo de fluido? Um gás, um vapor? Quais as qualidades dos fluidos que o perispírito possui?

A expansibilidade, a compressibilidade, a elasticidade? Não posuirá extensão? Como pode moldar-se, criar-se massa fluídica e mantê-la coesa? Sendo o perispírito um fluido, não está sujeito àquelas leis gerais da Física?

Além destas, outras questões menos estreitamente ligadas à exposição do autor poderiamos deixar aqui impressas, por desconhecermos que alguém as tenha resolvido completamente. O problema do perispírito está longe ainda (a meu ver...) duma solução consentânea com a filosofia espirita, a psicologia e a física geral.

No entanto, a análise crítica de Carlos de Assis é um auxiliar precioso do estudioso e digna, por sua vez, doutra análise.

A VOZ DO ANTIGO EGITO — por *F. V. Lorenz*. Federação Espirita Brasileira. 1.ª ed. 1948. 157 págs.

Despretencioso e simples, é um livro de leitura agradável e sugestiva. A primeira parte é uma síntese histórica da civilização egípcia, verdadeira introdução à narrativa dos fenómenos que constituem o fundo das obras de F. H. Wood. O exigente dirá justificadamente que qualquer manual de História Oriental substitui com vantagens a primeira parte e que é preferível ler os relatos originais sobre as manifestações de Telika através da mediunidade de «Rosemary», quanto à segunda parte. Com efeito, o Autor reduziu-se quase totalmente ao trabalho de compilador, pois que as suas conclusões nas últimas 15 páginas pouco também excedem aquela linha.

A pesar destes contras evidentes, F. Lorenz soube dar ao seu livrinho uma contestura interessante que lhe empresta mérito e lhe carreará bom público leitor.

DEVANT l'INVISIBLE e **UNE EXPÉRIENSE AVEC DIEU** — por *J. Lhomme*. Editions Caritas. Liège.

Num estilo elevado e por vezes quase poético, o Presidente Honorário da *União Espirita Belga* começa nestes 2 tomos a descrição dos seus «casos». A estes, outros se seguirão, constituindo no final uma obra sem dúvida notável e digna de meditação.

AFINAL, QUEM SOMOS ? — por *Pedro Granja*. Ed. Brasiliense, Lda., S. Paulo. 1948, 382 págs.

Prefaciado por Monteiro Lobato, Pedro Granja apresenta-nos um substancioso estudo que revela, antes de mais, vasta e bem organizada leitura. Começando por uma introdução histórica ao Espiritismo, em que bosqueja em quadros rápidos, mas perfeitos e bem documentados, os diferentes aspectos da filosofia e ciência esotérica, culmina com outro esboço histórico-crítico do catolicismo, antes de pintar a panorâmica universal do Espiritismo. A segunda parte constitui uma síntese dos principais trabalhos no campo de certos fenómenos metapsicológicos — materialização, etc. — respondendo assim à interrogação que faz no frontespicio da sua obra.

Pedro Granja escreveu um bom auxiliar para aquele que começa o estudo da aliciante trípode que é o Espiritismo, em virtude do seu aspecto de súmula bibliográfica e de análise de alguns fenómenos mais característicos; um bom auxiliar para o que começa e... até para muitos que há anos se encostam apenas ao tronco do Espiritismo...

Uma obra perfeita? No seu género, tanto quanto o pode ser a obra de um homem.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

ACTIVIDADES BRASILEIRAS

O mundo espirita brasileiro movimenta-se cada vez mais em expansão e beleza moral, semelhando um oceano em fluxo e refluxo de marés equinociais. Ainda se não extinguiram os écos do *1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil* e já novo congresso surge, como se pode ver noutras colunas deste número. Pois, há mais e muito mais. Damos, a seguir, um punhado de notícias consoladoras que firmam a nossa opinião de que novos tempos surgiram para o Espiritismo na formosa terra do Cruzeiro.

3.º Congresso Espirita Fluminense de Confraternização — Durante o mês de Setembro realizou-se este Congresso, cujas reuniões se efectuaram aos domingos, em cidades diferentes: Macaé, Friburgo, Barra do Piraí, Nova-Iguaçú e Niteroi. O seu principal objectivo foi a aproximação fraterna e cristã entre os espiritas. Entretanto, uma das maiores resoluções tomadas é a da realização do Grande Congresso Espirita Fluminense de 1950, em Niteroi, com representação de todas as cidades espiritas, para adoptar normas doutrinárias entre as entidades espiritas do Estado.

Confraternização Espirita Lar de Jesus — Este movimento existe desde 1940 e tem cumprido o seu belo programa e servido de modelo a movimentos congéneres, modelados por ele, como a Confraternização Espirita de Santa Cruz, de Macaé, de Petrópolis, de Cabo Frio, de Cruzeiro, etc., etc.

A C. E. L. J. realizou nos últimos meses a *Festa da Mãe Espirita*, em Maio, a *Festa do Moço Espirita*, em Setembro, a *Festa da Criança Espirita*, em Outubro, e comemorou o aniversário de Kardec em 3 de Outbro, num programa original e atraente de arte e confraternização. Peças oratórias por oradores diferentes, representando centros da *Confraternização:* «Allan Kardec antes da codificação», pelo Prof. José Jorge; «Allan Kardec durante a codificação», por Atlas de Castro; «Allan Kardec depois da codificação», por Waldemiro Pereira; «A Codificação vista pelo espirita militante», por Marcelino Marques; «A codificação vista pelo jovem espirita», por Ernani de Carvalho. Depois, a posse solene da Directoria da União das Mocidades Espiritas do Ramal de Nova-Iguaçú e a comemoração do 10.º aniversário da fundação do *Albergue Nocturno Allan Kardec*, falando a sua pioneira, D. Marília Barbosa e D. Isaura Silva. Seguiu-se a parte artística e o derrame de «livros... livros a mancheias para o espirita estudar», com muita animação.

Mocidade Espirita Friburguense. — Comemorando o seu 2.º aniversário, esta Mocidade realizou uma festa extraordinária com a presença do Prof. Leopoldo Machado, nosso redactor em Nova-Iguaçú, que a fundou há dois anos. Trata-se de movimento juvenil com credenciais firmadas por magnificas realizações. Mantém um programa radiofónico na emissora da cidade, assumiu a direcção do *Abrigo Amor a Jesus*, com 67 abrigados, entre velhos e crianças, construiu palco e organizou corpo cénico no Centro Espirita Friburguense, etc. A festa esteve animadissima, a pesar da chuva. O Prof. Leopoldo Machado deu posse, solenemente, à Directoria eleita.

Mocidade Espirita de Amparo — Esta Mocidade foi fundada pela Mocidade Espirita Friburgense e também recebeu festivamente o Prof. Leopoldo Machado e sua esposa D. Marília (a alma do *Lar de Jesus)*, com um programa bem urdido pelos 28 jovens de seu corpo social e 50 crianças de sua aula de moral, todos reunidos no Centro E. João Baptista, daquela localidade do município friburgense.

Leopoldo Machado falou aos moços e às crianças, contando a história dos grandes médiuns, desde Abraão às Irmãs Fox, durante hora e meia, admirando-se de não ver nenhum garoto conchilar ou ficar desatento, embora fosse de noite.

Mocidade Espirita André Luiz, de Juiz de Fora — Comemorou também o seu 1.º aniversário com um programa festivo, reunindo delegados de outras Mocidades de Niteroi e do Rio de Janeiro e o Prof. Leopoldo Machado e esposa, D. Marília Barbosa Machado. A festa realizou-se no Círculo Militar e decorreu magnificamente. Depois da posse, uma conferência de Leopoldo Machado acerca da evolução do Espiritismo brasileiro e um programa artístico a cargo dos moços. Também foi empossada a Mocidade Espirita Pedro de Alcântara e lançaram-se os fundamentos de mais duas *Mocidades:* a do *Amor aos Desencarnados* e a do *Instituto Maria*. No dia seguinte de manhã outro programa de moços na *Fundação João de Freitas;* à tarde, nos terrenos do *Instituto Maria*, e à noite, no Venêncio Café, nova conferência de Leopoldo Machado sobre a actualidade do Espiritismo no Brasil.

Não há dúvida. O movimento juvenil espirita prossegue em ritmo acelerado. Estamos no limiar de outro ciclo, durante o qual se estabelecerão normas de trabalho e chegarão à trincheira novos e decididos combatentes.

O 7.º CONGRESSO DA FEDERAÇÃO ESPIRITA INTERNACIONAL

Como já tivemos ocasião de dizer, a Federação Espirita Internacional, que tivera a sede em Paris, reconstituiu-se em Londres o ano passado sob os auspícios da *Spiritualists' National Union* e resolveu realizar naquela capital o seu primeiro Congresso post-guerra, de 4 a 10 de Setembro último, ao qual assistiram 160 delegados representantes de 27 países, a saber: África Oriental, África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Cuba, Conchinchina, Dinamarca, Egito, Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Islândia, Índia, Itália, México, Nova-Zelândia, Portugal, Rodésia do Sul, Suécia e Suiça.

Além destes, outros países tiveram ligação com a Comissão Organizadora, como África Ocidental, Espanha, Áustria, Hungria, Irão e Filipinas.

O sr. A. Keeling, que substituira o Prof. Asmara na presidência da Federação, abriu o Congresso e fez a história desta colectividade após o Congresso de Glasgow, em 1937, preconisando a tolerância

para com as convicções alheias. Depois citou dois princípios fundamentais que reunem em si o consenso unânime das opiniões: 1) *O facto provado da sobrevivência humana à morte do corpo físico.* 2) *A possibilidade das comunicações entre os vivos e os mortos,* acrescentando que na interpretação das induções decorrentes destes princípios básicos poderíamos estar em desacordo e por isso era necessária muita prudência e tolerância para evitar as ciladas do fanatismo ideológico.

— Por muito profundas e sinceras que sejam as vossas convicções — continuou — não esqueçais que a religião é uma questão pessoal e que, na sua prática, cada um deve ser inteiramente livre. Parece-me que os espiritas aqui representados deviam envidar os seus esforços, não sòmente na propagação da verdade da continuação da vida após a morte, mas sobretudo no desenvolvimento de um plano importantíssimo que é a luta contra o materialismo sob todas as formas e difundir o ideal resultante da filosofia dos seres espirituais que nos auxiliam com seus conselhos.

A Assembleia Plenária examinou as seguintes teses, à margem das informações recebidas relativas à situação do Espiritismo nos vários países :

1) *Energia cósmica e mediunidade física* (A Dumas); 2) *O caminho da liberdade* (A. T. Connor); 3) *O «locus standi» do Espiritismo»* (Dr. J. Hettinger). 4) *O Espiritismo no mundo atómico* (Shaw Desmond); 5) *Curar* (A. T. Sheriff); 6) *O dom de curar* (Ellen Warren); 7) *A classificação dos factos* (Achille Biquet); 8) *Para difundir o Espiritismo* (C. R. Probert); 9) *O Espiritismo em relação à ciência* (P. J. Hitchcock); 10) *A investigação psíquica colectiva internacional* (D. Bedbrook); 11) *A concepção espírita da fraternidade* (L. Lloyde); 12) *A educação espírita da Juventude* (Ch. Palmer; 13) *De Darwin ao espiritismo científico* (André Dumas); 14) *A comunicação electrónica* (E. Thompson); 15) *Um plano de progresso* (B. A. Collins); 16) *Visão artística do espiritualismo moderno* (W. Foster-Morgan).

Na recepção oficial do Conway Hall, falaram vários oradores, que proclamaram a sua fé no futuro do Espiritismo. Seguiu-se um *recital* de canto pela conhecida artista da rádio, Margaret Eaves, e o serão terminou com a representação da peça «A voz do Espírito», da autoria de Miss A. Hadfield, levada à cena pelo grupo dramático do «Temple of the Trinity». É a história de um médium, na qual há cenas impressionantes, principalmente as da volta espiritual do marido.

A *Marylebone Spiritualist Association* organizou uma sessão pública no Salão Vitória dirigida por A. H. L. Vigurs e P. J. Hitchcock. Houve discursos e cânticos, seguidos de clarividência e clariaudiência pela conhecida médium Estelle Roberts, que fez notáveis demonstrações Quase todas as mensagens recebidas se destinavam aos delegados estrangeiros, que reconheceram a completa exactidão dos pormenores transmitidos pela clarividência.

No Conway Hall houve também clarividência e Clariaudiência, dada pela médium Helen Hughes. Foi uma sessão notabilíssima. Durante 45 minutos, as provas da sobrevivência aglomeravam-se profundamente.

Após o Congresso, os 160 delegados dirigiram-se ao Stanstead Hall, nos arredores de Londres, onde o escritor Artur J. Findlay e sua esposa ofereceram um chá. Os convivas puderam visitar à vontade os magníficos salões do Castelo e visitar esta bela propriedade da época dos Tudor. À noite assistiram à demonstração de cura feita pelo célebre curador Harry Edwards.

A Comissão Directiva da Federação Espirita Internacional ficou assim constituida: *Presidente* — E. T. Keeling (Grã-Bretanha); *Vice-presidente* — André Dumas (França); *Secretário Geral* — D. Bedbrooke (Grã Bretanha); *Vogais* — M.me St.Claire (França), Achille Biquet (redactor-correspondente de *Estudos Psíquicos* em Liège), R. Carleson (Suécia), L. Lloyd (África do Sul) e um delegado da América Latina, a designar ulteriormente.

UM FACTO ESPIRITA

Do *Semeador*, de S. Paulo, transcrevemos o seguinte facto, narrado por A. F.:

Modesta família operária, residente numa das multiplas «vilas», que são outros tantos bairros em São Caetano, nos arredores da Paulicéa, veio um dia a consulta espírita. Só os que lidam nas sociedades espiritas que fazem serviço de assistência social conhecem bem a miséria física e moral em todas as camadas da «capital artística do Brasil». Aquela família trazia uma verdadeira «escadinha» de crianças fisicamente necessitadas.

As consultas do nosso grupo de trabalho espirita são assistidas por um facultativo, com quem o Espírito dirigente dessa parte dos trabalhos frequentemente discute, como de médico para médico.

Um dos pequenos, onze anos de idade, muitíssimo atrasado no desenvolvimento, tomou lugar junto à médium, a sra. C. C. S., assistida por sua própria genitora, que começou a desfiar o rosário de sofrimentos da criança, quando o Espírito atalhou:

— Não precisa dizer nada. Já vi tudo. O menino sofre de uma fistula rectal desde os dois anos de idade...

— Isso mesmo, respondeu a pobre mãe.

— ...e vai ficar bom. Tome com muita regularidade e com fé os remédios que vou indicar, e em breve o pequeno estará curado.

Indicou três medicamentos homeopáticos, um dos quais tónico. Parecia pouco para uma situação que se prolongava há nove anos.

Três meses depois, a pobre senhora apareceu com o filho. Estava transformado: com aspecto saudável, vencida a anemia, sarada a fistula, modificado completamente o antigo quadro. A senhora estava maravilhada: vinha agradecer ao Espírito quanto fizera pelo filho.

E o Espírito lhe disse:

— Nada fiz; Deus o permitiu; chegou a hora de cessar a sua provação e a de seu filho. Lembre-se de que com o remédio dos vidros indiquei um outro, mais eficaz — o *Evangelho do Mestre*. Aprendam-no e pratiquem-no. E sobretudo, dando graças a Deus, não errem mais.

Colecções de "Estudos Psíquicos"

Temos em depósito lindas colecções de *Estudos Psíquicos* encadernadas em percalina azul, que vendemos aos seguintes preços, não incluindo portes de correio:

1.º Volume	**(obra rara)**	**80$00**
2.º Volume	.....	**70$00**
3.º Volume	.....	**60$00**
4.º Volume	.....	**60$00**
5.º Volume	.....	**60$00**
6.º Volume	.....	**60$00**

Notas & Comentários

A PEQUENA IMPRENSA

Dia a dia surgem obstáculos que dificultam a vida da pequena imprensa que não vive do anúncio, essa fonte de receita que permite a existência de jornalismo inferior que não pode caminhar sem a muleta da publicidade. A portaria inserta há pouco no *Diário do Governo* impondo determinados formatos de papel e onerando as empresas que quiserem adquirir papel diferente, pois terão de comprá-lo 10 % mais caro, prejudicou as publicações que há muito usavam um único formato e tipo de papel. *Estudos Psíquicos*, por exemplo, está nessas condições. Terá de reduzir o formato em obediência aos novos papeis, visto não poder adquirir o papel antigo acrescido de 10 % no preço, nem mandar fabricar 50 toneladas, que é o mínimo permitido a empresas particulares.

Antes de 1 de Outubro — data da portaria — qualquer particular podia mandar fabricar o mínimo de 1.000 kg. e manter o formato que lhe conviesse. Agora, não. Ou se submete aos novos tipos, ou paga o papel mais caro.

Se não houver modificação nas disposições legais, seremos obrigados a alterar inteiramente o aspecto gráfico da revista, mas esforçar-nos-emos no sentido de dar aos leitores uma revista agradável que não desmereça do conceito em que é tida por todos os que nos dispensam o seu bondoso acolhimento.

ESTRANHA FACULDADE

Relata o jornal alemão *Metaphysische Rundschau* o caso de um soldado francês que na guerra de 1914-18 fora ferido na cabeça por um estilhaço de «shrapnel». Alojado na casa do chefe da Polícia, sob a vigilância de dois médicos, foi submetido à seguinte experiência pelas autoridades de Lausana:

— De olhos e ouvidos perfeitamente vendados e acompanhado por um polícia, esse homem guiou um automóvel com absoluta segurança através das ruas da cidade, na hora do tráfico intenso.

Tratar-se-á de um caso de telepatia, análogo ao de Pagenstecher, na cidade do México? Note-se que a faculdade só surgiu depois do brutal traumatismo.

NA BIRMANIA

William Barreto, escrevendo no *Build on Love*, orgão oficial do «Coimbatore Spiritualist Healing Center», aponta a existência de um espiritismo popular mais fideísta que experimental, mas que permitirá num futuro não muito longínquo uma expansão enorme da Doutrina. Embora ainda não completamente organizado, o Espiritismo está ali ganhando adeptos entre os cientistas, professores, filósofos e homens de Estado que se têm dedicado à investigação.

FESTA DO LIVRO ESPIRITA

Segundo nos informa o Prof. Leopoldo Machado, nosso redactor-correspondente em Nova-Iguaçú, Estado do Rio de Janeiro, no dia 18 de Abril de 1949 realizar-se-á no Brasil a *Festa do Livro Espirita*, que será de âmbito nacional. Haverá prémios de colecções de livros e de assinaturas de revistas espiritas.

Estudos Psíquicos e *Estudos Psíquicos Editora* darão o seu concurso ao certame.

PROGRESSOS

O jornal alemão *Metaphysische Rundschau* relata a abertura de uma sociedade austríaca para investigações psíquicas, tendo a sua sede em Voralberg. É presidente o poeta e escritor Wilhelm Spaun. O programa envolve estudos de filosofia, psicanálise e metapsicologia, através de conferências e sessões experimentais.

INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA...

Num livro recente, H. Clarkson Fletcher relata várias sessões com o médium Richard Pugh que fazem recordar as do famoso «Miracle of Egipt» do Dr. Wood. Através daquele médium, manifestaram-se várias entidades que vieram falar da misteriosa cidade de Zimbabwe, no interior de África, no território da actual Rodésia, descrevendo acontecimentos históricos, processos de arquitectura, etc. O «sacerdote Abakkuk» e a «rainha Ulali» forneceram mesmo detalhes circunstanciados e minuciosos, aclarando o problema das ruinas pre-históricas daquela cidade africana.

Reservar-nos-á o futuro um novo processo de investigação histórica?

BILOCAÇÃO

Sylvia Lind, poetisa e esposa do famoso ensaista Robert Lind, relata no *Time and Tide* alguns casos notáveis de bilocação.

Em 1918, o casal fora convidado, juntamente com Bárbara e Gerald Gould, para um fim de semana político em Brighton, mas Mrs. Lynd resolveu faltar. Meses depois, quando se encontravam em Steyning, Gerald Gould afirmou ter visto a distinta poetisa naquela reunião.

— Mas como pode ser isso, se fui nesse dia para Lyme Regis? — disse Mrs. Lind. — Você, Gerald, falou comigo?

— Absolutamente, ainda que não possa recordar-me do que falámos. Eu via-a sentada na sala.

Quando, semanas depois, era apresentada aos irmãos Sharp, ficou muito admirada ao ouvir-lhes dizer que já se tinham encontrado na reunião de Brigthon que Beatrice Webb promovera.

Outros casos análogos são descritos e perfeitamente documentados, provando a realidade do estranho fenómeno da bilocação, que Ernesto Bozzano tão superiormente estudou.

Colabore conosco! Aconselhe a leitura de ESTUDOS PSÍQUICOS aos seus familiares e aos seus amigos!

Noticiário

AUXILIO AOS NECESSITADOS

Aproxima-se a quadra do Natal e com ela a ideia de levar um pouco de conforto aos desamparados. Temos a certeza de que não ficaremos atrás do que realizámos em 1947. A generosidade já proverbial dos nossos leitores tem-se desentranhado em frutos da mais bela solidaridade humana. Razão temos para esperar o seu óbulo, destinado a tão belo empreendimento.

Acabamos de receber os seguintes donativos, que muito agradecemos:

Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro	1.500$00
Centro Espiritualista Luz e Amor	100$00
Revista *Estudos Psíquicos*	50$00
Isidoro Duarte Santos	20$00
Maria Gonçalves Duarte Santos	20$00
Maria Eugénia Dias Duarte	20$00
João José Pilar	20$00
Domingos José Malheiro	20$00
António José Monteiro Cardoso	20$00
	1.770$00

NOVA CONFERÊNCIA DE RAMOS PEREIRA

No dia 31 do corrente mês de Outubro alguns membros da Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor acompanharão Ramos Pereira a Santarém, onde este realizará nova conferência intitulada «O ESPIRITISMO E A VIDA». É outro passo em frente, outra jornada no meio profano, e o Clube Literário Guilherme de Azevedo, daquela cidade, será pequeno para conter o numeroso público que certamente irá ouvir o jovem e talentoso confrade. O certame está a cargo do Centro Espiritualista Luz e Amor e da sua Filial de Santarém, que tem procurado seguir as nossas directrizes de propaganda.

AMIGOS DE ESTUDOS PSÍQUICOS

Recebemos e agradecemos os seguintes donativos:

António J. Martins, de Pointe-Noir	92$00
Fernando da Cruz Ferreira, do Porto	240$00
Jaime João Jerónimo, de Lisboa	100$00
D. Maria Ribeiro V. Dias, de Pontével	20$00
	452$00

AVISO AOS SÓCIOS

A Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor pede a todos os sócios a fineza de informarem o seu novo endereço, sempre que mudem de residência, a fim de evitarem constantes devoluções da revista *Estudos Psíquicos*, com a indicação do carteiro: «mudou-se, ignoro para onde». Como se depreende, semelhante facto traz-nos dificuldades e atrasos que todos, certamente, terão interesse em evitar. Bastará um simples postal, que antecipadamente agradecemos.

ABERTURA DE TRABALHOS

No dia 9 do corrente foram inaugurados os trabalhos do Centro Espiritualista Luz e Amor referentes ao novo ano espirita, com uma bela conferência do coronel Faure da Rosa, que nos deu a honra de presidir. Este nosso colaborador e amigo falou durante uma hora dos médiuns Jean Guzik e Frank Kluski, dois polacos que proporcionaram valiosas experiências metapsíquicas. Após a exposição do conferente, que representava a Federação Espirita Portuguesa, falou o Presidente da Direcção, Isidoro Duarte Santos; o Presidente da Direcção do Instituto Espiritualista Português, Virgílio Maia; o Vice-Presidente da Federação Espirita Portuguesa, Dr. Pedro Carreira Dias de Sousa; e o nosso redactor Álvaro Ramos Pereira.

BIBLIOTECA DO CENTRO

A biblioteca do Centro Espiritualista Luz e Amor acaba de ser enriquecida com novas e valiosas obras espiritas, ocultistas e teosóficas. Pelo regulamento existente, todos os sócios podem levar para casa livros interessantes, mediante pequeníssima indemnização fixada em 1$00 por período de 10 dias. Dirijam-se à nossa Secretaria e peçam informações, que não darão o tempo por mal empregado.

CURSO DE ESPERANTO

Na Federação Espirita Portuguesa, R. de S. Bento, 640, Lisboa, foi aberto em 5 do corrente um curso de Esperanto que funciona todas as 3.as feiras e sábados às 21,30. Os sócios do Centro Espiritualista Luz e Amor poder-se-ão inscrever ali gratuitamente. Basta darem o nome na nossa Secretaria.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE NOVEMBRO

Dia 2 de Novembro, terça-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo *Amor do Redentor*, em comemoração dos finados.

Dia 6 de Novembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 11 de Novembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por José F. Cabrita.

18 de Novembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 21 de Novembro, domingo, às 16 horas — Conferência, de Ramos Pereira, intitulada «Caminhada Humana».

Dia 25 de Novembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam dirigida por Ramos Pereira.

Dia 27 de Novembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.

Livros Novos

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros :

CORPO E ESPÍRITO, pelo Dr. Carlos Imbassy — Brochado 22$0. Encadernado 30$00

MEDIUNIDADE, pelo Comandante Edgar Armond — Brochado ..... 24$00

CARTAS DO EVANGELHO, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

NA SEARA DO MESTRE, por Vinicius — Brochado ..... 24$00

PARA O ALTO, narrativas espiritas pelo Prof. Leopoldo Machado — Brochado ..... 20$00

COISAS DO OUTRO MUNDO, (O Homem que foi operado por um Espírito) — Brochado ..... 15$00

COLECTÂNEA DO ALÉM, prosa e verso, recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00. Encadernado ..... 20$00

TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU, pelo catedrático Dr. Urbano Ferreira, com muitas gravuras de materializações — Brochado ..... 25$00

ENSAIO SOBRE A REENCARNAÇÃO, por Djalmas Farias ..... 12$00

FACTOS, colectânea de fenómenos impressionantes observados por António J. Trindade obra valiossísima) — Brochado ..... 35$00

AVATARES, romance espirita, por Aluísio de Matos — Brochado .. .. 18$00

O QUE EU VI NO PARÁ (fenómenos recentes de materialização), pelo Dr. Octávio Coutinho — Brochado ..... 6$00

AFINAL, QUEM SOMOS ?, magnífico trabalho histórico, científico e filosófico do Espiritismo, por Pedro Granja — Brochado 35$00

UM SÓ SENHOR, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo Dr. Romeu Camargo — Brochado ..... 28$00

JERUSA, curioso romance espirita, pela médium Olímpia S. Belém — Encadernado ... 25$00

RAYMOND, por Sir Oliver Lodge — Broc. 20$00

MAGNETISMO PESSOAL, por Heitor Durville. 9.ª *edição. Brochado* ..... 22$00

A ALMA E O SUBCONSCIENTE, pelo Dr. Alberto Seabra, 2.ª edição. Encadernado 22$00

BHAGAVAD GITÂ (a sublime canção da imortalidade). 4.ª edição. Brochado ..... 22$00

CABALA (A tradição esotérica do Ocidente). 4.ª edição. Brochado ..... 18$00

MÉTODO DE CLARIVIDÊNCIA E PSICOMETRIA, por G. Phaneg. 4.ª edição. Encadernado ..... 17$00

CURA PRÁTICA PELA ÁGUA, por Yogui Ramacharaca. 8.ª edição. Brochado ..... 16$00

CURSO DE INICIAÇÃO ESOTÉRICA. 8.ª edição. Brochado ..... 30$00

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS OCULTAS. 8.ª edição. Brochado ..... 17$00

A FORÇA DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. 6.ª edição. Brochado ..... 18$00

GRAFOLOGIA. 6.ª edição. Brochado ..... 40$00

O HOMEM E SEUS CORPOS. Brochado ... 16$00

A INICIAÇÃO DE JESUS, pelo Dr. Swinburne Clymer. Brochado ..... 8$00

MEDICINA OCULTA. 6.ª edição. Brochado 40$00

A NOVA PSICOLOGIA, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 16$00

O PODER DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

O PODER DA FÉ, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 22$00

A SUGESTÃO E A AUTO-SUGESTÃO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

TERAPÊUTICA MAGNÉTICA (Estudo progressivo do tratamento magnético) 5.ª edição). Encadernado ..... 18$00

O TESOURO DOS HUMILDES, por Maurice Maeterlinck. Brochado ..... 30$00

OS MEIOS FÍSICOS E NATURAIS NA PROFILAXIA E CURA, pelo Dr. Fred Wachsmann ..... 25$00

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, NOVEMBRO DE 1948 — N.º 11

Redactor: **Ramos Pereira** | Director, Editor e Proprietário: **Isidoro Duarte Santos** | Administrador: **Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

ACÇÃO POLICIAL

Segundo noticiam os jornais de grande circulação, a polícia de Lisboa assestou baterias contra a bruxaria. É assim mesmo: contra a bruxaria. E neste termo simples englobam «mulheres de virtude», «cartomantes» e «espiritas». Isto dizem os relatos. Não sabemos se é verdade ou não. E acrescentam que apanharam uma delas «no exercício da sua *benemérita* profissão de cartomante e espirita ao *módico* preço de dez escudos por consulta»; e que havia fregueses para o estranho negócio; e que apreenderam 15 livros diversos, duas cartas espiritas (sic), um crucifixo de metal e a imagem em cartão de Nossa Senhora da Fátima.

Achamos lógica toda acção policial de segurança pública. Onde houver imoralidade, ludíbrio, exploração, veniaga, burla, especulação e roubo, aí deve estar a polícia. O cidadão tem direito a trabalhar em paz. Pode e deve exercer profissão que lhe garanta vida dignificante. Claro, que o o nosso conceito de vida baseia-se no tradicionalismo, isto é, nos usos e costumes da região. Qualquer coisa é boa ou má, é digna ou indigna segundo o consenso do maior número. Nada mais. O costume faz lei. O que é moral e corrente num hemisfério é imoral e estranho noutro. O uso e o costume basearam o conceito e criaram o preconceito. Eis, porque não vamos discutir o caso do ponto de vista legal. Essa faceta não nos interessa. A lei deve cumprir-se. Boa ou má, deve cumprir-se. «Na terra do bom viver faz-se como se vê fazer». Ninguém foge ao influxo da sabedoria popular.

Mas afirmam alguns confrades que a polícia agiu contra médiuns honestos, os quais foram considerados bruxos e cartomantes. Sem dúvida. Foram e serão considerados, até se provar o contrário. Nessa altura virá a reabilitação ou a condenação. Todo o homem é honesto até o momento de o não ser. Não basta que a mulher de César seja virtuosa; é preciso que o pareça. Portanto, o que importa é ser prudente e observar a lei. A polícia não procede ao acaso. Cumpre instruções superiores emanadas de quem de direito. Exorbita às vezes ? Mesmo assim, é garantia de segurança contra os meliantes de toda a espécie que infestam a sociedade. E só quem alguma vez foi esbulhado de seus direitos pode avaliar os altos serviços dessa corporação.

Quanto aos verdadeiros médiuns que foram vexados em sua inocência, repetiremos o que noutras circunstâncias temos dito: os médiuns devem trabalhar nos centros espiritas legalmente constituidos. Ali é que é o seu lugar, sob a direcção de pessoas cultas e observadoras da Doutrina. Os que se afastarem deste caminho e venderem as faculdades, terão a sanção merecida. A polícia os visitará e punirá. E nessa altura não impetrem auxílio dos Centros que desprezaram. Sofram as consequências com o mesmo aprumo com que se afastaram e transgrediram a lei.

Se não fossem avisados e aconselhados, tinham desculpa. Assim, não! Os espiritas conscientes e sinceros só podem lamentar o que se passou e apoiar a polícia. Tenham paciência, mas é assim mesmo. A cada um segundo as suas obras. Não se compreende que os centros espiritas careçam de médiuns para os seus trabalhos experimentais ou doutrinários e haja em todos os bairros grupos em profusão, muitos deles a funcionar sem controlo e a desacreditar o Espiritismo.

Haverá alguém que discorde das nossas palavras? Que apareça. Estas colunas não se fizeram para outra coisa. Queremos ser justos e verdadeiros. Queremos informar e criticar com conhecimento de causa.

Mas temos a certeza de que ninguém discordará. A verdade é esta e não há subtilezas que a desvirtuem.

Médiuns honestos: se quereis servir a Causa, oferecei aos Centros o nosso esforço leal e franco. Assim, ficareis livres da acção policial. Nunca vos disseram que zombar da lei é cumpri-la? Se tendes interesse no fortalecimento da Doutrina, cumpri o vosso dever de adeptos. Os Centros são fulcros energéticos necessários à propaganda. Trabalhai com eles, colaborai com eles, vivei neles. Não vos entregueis ao primeiro charlatão que surja, como se fosse um semi-deus. Adquiri as obras fundamentais do Espiritismo, sobretudo as de Allan Kardec, lede-as e meditai-as e divisareis o caminho a seguir. E então compreendereis a utilidade da acção policial contra «bruxos e cartomantes» que se dizem espiritas.

Nov/48

Alguns Estigmatizados Históricos

pelo Coronel Faure da Rosa

Autores versados na literatura oriental, falam de frequentes estigmas nos ascetas muçulmanos.

Os yoguis e ascetas bramanistas podem produzir fenómenos análogos aos estigmas dos crentes.

Os estigmas produziam-se nas pessoas sinceramente crentes, alguns dos quais estavam longe de ser modelos de virtude. Por exemplo e segundo narrativa do autor da «Vida de Santo Inácio de Loiola»: uma jovem que caía em êxtase e apresentava na fronte, nas mãos e nos pés, os estigmas do Cristo por quem manifestava um amor fervoroso, tinha apenas um descuido: esta pobrezinha de Cristo — como acontece muitas vezes a tais doentes — não era uma fortaleza inexpugnável de virtude, pois cometia frequentes infidelidades a seu celeste esposo. O contraste entre a conduta desta privilegiada e a graça de que parecia favorecida por Deus, era de tal maneira patente que Santo Inácio atribuia os estigmas a obra do demónio.

S. FRANCISCO DE ASSIS (italiano)

Sublime apóstolo do amor universal e da fraternidade de todos os seres.

Em 1224, Francisco de Assis, tendo apenas quarenta e dois anos de idade e pressentindo o fim da sua vida terrena, trocou a vida cenobítica pela de anacoreta e foi instalar-se num local deserto — o Monte Alverno, nos Apeninos, onde coisa nenhuma o poderia desviar da sua incessante contemplação ascética.

No dia da Exaltação da Santa Cruz (14 de Setembro), durante as suas profundas contemplações extáticas, o asceta teve a visão de uma espécie de serafim resplandecente que se dirigia para ele, na atitude de um homem crucificado. Intimamente, persuadiu-se de que Deus lhe dava o significado daquela visão: «Que por íntimo arroubamento de alma, todo ele se devia transformar e adquirir perfeita semelhança com Jesus crucificado».

Efectivamente, no corpo de Francisco de Assis desenhou-se uma figura conforme a do crucifixo, como se a carne do asceta se assemelhasse a cera fundida e amolecida na qual tivessem sido impressos os caracteres de um sinete; porque imediatamente começaram a aparecer as marcas dos pregos tanto nas mãos como nos pés, exactamente como se vêem na imagem de Jesus crucificado.

Mãos e pés estavam furados a meio pelos pregos, cujas cabeças, redondas e negras, eram bem visíveis em ambos os sítios. As pontas dos pregos, um tanto compridas, apareciam do outro lado recurvadas, excedendo o resto da carne donde saiam. Francisco de Assis também apresentava no lado direito uma chaga vermelha, como se tivesse sido furada por uma lança, chaga que muitas vezes deitava sangue a ponto de molhar a túnica que envergava.

Jamais se lhe viu nas feridas o menor sintoma de gangrena ou supuração durante os dois anos que decorreram entre o dia da estigmatização e o do seu falecimento. A impressão no mundo cristão foi tal que Francisco de Assis foi canonizado dois anos depois da sua morte.

SANTA VERÓNICA GUILLIANI (ital.)

Em 1677, com dezassete anos de idade, entrou para o mosteiro dos Capuchinhos. Aos trinta e três anos, depois de múltiplas orações, Verónica recebeu uma coroa de espinhos: era um círculo vermelho lavrado, em volta da cabeça, com manchas violetas da forma de espinhos. Este primeiro estigma foi-lhe muito doloroso. Examinada e tratada por médicos não se curou.

No Natal de 1696, a irmã Verónica recebeu um estigma no sítio do coração. Ela mesma conta que certa ocasião teve a visão do Menino Jesus com um bastão de ouro na mão, num extremo do qual lhe parecia arder uma chama, terminando o outro extremo em ponta de lança: «Senti que o Menino me trespassava o coração de lado a lado», declarou Verónica.

Voltando a si, a religiosa viu que no sítio do coração tinha uma chaga aberta na qual, ao tocar-lhe com um lenço, o retirou manchado de sangue e lhe causou uma dor aguda.

Na Sexta-feira Santa de 5 de Abril de 1697, Verónica recebeu as cinco chagas. Foi perseguida e maltratada pelos «manos» da Santa Inquisição.

Muitos médicos pretenderam curá-la. Ligaram-lhe as mãos que encerraram em luvas,

depois selaram. As chagas, em vez de cicatrizarem, alargaram.

Verónica nem um instante vacilou, sempre humilde, sempre resignada. Finalmente, a Inquisição em presença dos relatórios do bispo averiguante, deu-se por satisfeita e deixou de perseguir a religiosa.

Tendo Verónica repetidas vezes implorado ao Senhor que lhe fizesse desaparecer os sinais exteriores dos estigmas, deixando-lhe apenas os sofrimentos, recebeu — afirma ela — a comunicação de que só decorridos três anos a sua súplica seria atendida. Facto é que em 5 de Abril de 1700 os estigmas desapareceram à mesma hora em que primitivamente tinham aparecido, não deixando mais que uma simples mancha vermelha, sem cicatriz. Mas, posteriormente, os estigmas reapareceram amiúde, o que permitiu prolongar as observações até no campo experimental.

As experiências feitas pelo padre jesuita Crivelli, homem de saber e de renome, demonstraram que o aparecimento e desaparecimento dos estigmas, obedeciam aos seus pensamentos pertinazes, quer para acção executória imediata, quer a prazo determinado.

A BEM-AVENTURADA LUCIE
De MARNI (italiana)

Lucie entrou para o convento da Ordem de S. Domingos. Em 24 de Fevereiro de 1496, tendo apenas vinte anos de idade, estando no coro, caiu em êxtase durante o qual as Irmãs que a acompanhavam constataram que ela sofria as dores da Paixão do Cristo. De regresso à sua cela, uma das Irmãs notou, por acaso, que Lucie apresentava na palma de uma das mãos, um tumor lívido como uma chaga. Mas só mais tarde, na Semana da Paixão, é que os cinco estigmas — até então dolorosos mas invisíveis — se tornaram patentes e começaram a deitar sangue em abundância. Interveio o bispo de Marni que a tratou com dureza. Mandou lavar-lhe as chagas com vinho quente, na sua presença, e proibiu as religiosas de tocarem as feridas ou de tentarem curá-las. Dias depois, porém, o bispo viu-se forçado a verificar que as chagas continuavam a sangrar e a causar dores à Lucie, que não tinham vestígio de supuração, e apresentavam o aspecto de serem recentes. As hemorragias eram mais abundantes às quartas e sextas-feiras.

Não obstante esta anormalidade, segundo a crença religiosa, ser indício de origem divina, o bispo mandou ligar as chagas e aplicar-lhes alguns remédios, mas tal aplicação não evitou as hemorragias nem fez cessar as dores.

O padre Domingos de Gargnano, Grande Inquisidor do Santo Ofício, nomeou uma comissão a que ele próprio presidiu e de que faziam parte alguns magistrados e um médico. O resultado foi o mesmo. Deu-se, depois a intervenção do Papa Alexandre VI — o célebre Borgia — que mandou examinar Lucie pelo seu médico Bernard de Recanati, muito reputado pela sua ciência. Apesar das lavagens executadas, das luvas que lhe calçaram e selaram, decorridos oito dias e quebrados os selos, constataram, mais uma vez, que não havia putrefacção nem a menor corrupção. Até Março de 1502, Lucie foi submetida a vários exames de que resultou sempre a mesma verificação. Durante sete anos conservou os estigmas visíveis.

Parece que para se ver livre das honras de que a queriam rodear, suplicou ao Senhor que lhe tornasse as chagas invisíveis, excepto a do estigma oculto no lado do corpo. Que os seus votos foram atendidos concluiram os religiosos do desaparecimento dos estigmas das mãs e dos pés.

Lucie morreu em 15 de Novembro de 1544 na idade de 68 anos. A chaga no lado do corpo foi encontrada aberta e banhada de sangue. A Igreja proclamou-a Bem-aventurada.

CATHERINE EMMERICH (alemã)

Conquanto tivesse sido extraordinàriamente precoce em visões, só em Agosto de 1812, com 38 anos de idade, teve a visão de Jesus lhe fazer o sinal da cruz sobre o coração, satisfazendo, assim, a sua súplica.

A partir desse momento, Catherine teve no peito uma cruz que sangrava às quartas-feiras.

Em 29 de Dezembro do mesmo ano, em êxtase, teve a visão de Jesus Cristo crucificado, acompanhada do ardente desejo de sofrer o martírio da Paixão. Imediatamente lhe apareceram as chagas desejadas. Desde então, Catherine ficou de cama até à morte, o que aconteceu dez anos depois, em Fevereiro de 1824.

Em 22 de Março de 1813 um médico submeteu-a a um exame rigoroso e prolongado. Contra a sua espectativa convenceu-se da verdade do facto e redigiu um relatório acerca do que vira. Tornou-se seu médico assistente e ficou sendo seu amigo até à morte.

A verdade da sua estigmatização foi cons-

A ALMA

por Rufino Juanco
(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» no México)

(Tradução de I. D. S.)

Um velho paladino espanhol inicia hoje a sua colaboração nesta revista. Vem da cidade do México, onde há muitos anos trabalha na difusão do Espiritismo. Rufino Juanco foi católico e protestante. A teoria da reencarnação varreu-lhe do espírito algumas dúvidas cruciantes, começando a compreender as anomalias da vida, sem as atribuir à hereditariedade, nem a Deus, antes vendo nelas algo de proveitoso para o homem. Foi presidente da Federação Espirita Mexicana durante 16 anos e mais tarde Secretário Geral. Colaborou em muitas revistas. Duas vezes percorreu aquela extensa república realizando conferências espiritas, às quais assistiram milhares de pessoas. Devido à idade, deixou essa actividade de cavaleiro andante, mas continua a sua grande tarefa por meio de correspondência.

Rufino Juanco é um batalhador intemerato e exerce a sua missão sem atacar religiões ou filosofias. Suas armas dirigem-se ao materialismo vaidoso e grosseiro. A teosofia e o ocultismo, que conhece muito bem, nunca satisfizeram o seu espírito.

Estudos Psíquicos *honra-se com a companhia do grande e esforçado pioneiro. O seu estilo fluente e a sinceridade de seus escritos captarão imediatamente a simpatia dos leitores. O México ingressou no nosso*

RUFINO JUANCO

quadro de redactores-correspondentes. Esta revista vai-se tornando assim numa tribuna universal ao serviço do Espiritismo, que procura servir com isenção e fé.

Em nenhuma outra parte se encontram mais as ideias nem é mais agudo o conflito dos sentimentos do que no campo psicológico; a psicologia é a mais desenvolvida da ciências e a que menos sabe os caminhos que trilha e onde poderá encontrar os seus verdadeiros caminhos. E é natural que assim seja, porque, se a Psicologia é a ciência da alma e do espírito, como hão-de conhecer algo da ciência do espírito, se começam por negar a existência deste? A grande voga que teve a teoria materialista durante todo o século passado, não deixaria de conduzir a este resultado, pois, se não existia a alma, a Psicologia não tinha razão de ser; contudo, continuou a existir de nome, embora limitando-se, como faz a Psicologia académica e oficial dos nossos dias, ao estudar as sensações físicas em sua relação com o mecanismo nervoso: por isso, o grande Carlos Richet, ao obrigar, — digamos assim — a ciência académica a aceitar a existência de um campo que indubitàvelmente saía do terreno da matéria, teve que inventar uma palavra nova, a *Metapsíquica*, coisa que não teria sido necessária, se a Psicologia tivesse conservado a sua atitude de estudo. Tem-se notado que a Ciência Académica ou oficial é muito atreita à mudança de nomes para aceitar, sob nomes novos, aqueles mesmos que havia negado, justificando desta forma a sua aceitação; assim sucedeu, por exemplo, com o Magnetismo, negado e logo aceito sob o nome de Hipnotismo.

Diz o escritor Juan de Cantábria que há

---

tatada pelo inquérito minucioso a que procedeu a autoridade eclesiástica e que durou cinco meses.

No artigo seguinte tratarei de «Dois Estigmatizados modernos».

homens da categoria intelectual de Gustave Le Bon (que tão bem sabe observar, analisar e classificar as manifestações psíquicas) que estão tão longe como os outros de nos poderem dar, a repeito delas, a menor explicação aceitável. É exactamente o que sucede à Psiquiatria, que anda sempre pela rama, fazendo classificações arbitrárias das variadíssimas manifestações externas dos loucos, mas nada acerca de suas causas; e quando alguém como o Dr. Inácio Ferreira, de Uberaba, S. Paulo, Brasil, e outros, demonstra que, na maioria dos casos, se trata simplesmente de fenómeno de *possessão* por espiritos estranhos, coisa sabida em tempos remotíssimos e nos tempos de Jesus, e quando o demonstra curando centenas de loucos considerados incuráveis pelas assistências médicas oficiais, então a ciência académica fecha os olhos e os ouvidos para nada ver nem ouvir e continua a inventar nomes gregos, julgando, desse modo, estar à altura de Hipócrates ou de Galeno.

Mas, claro está, esses antigos ensinamentos têm aspecto místico e a ciência afasta-se sistemàticamente de tudo que cheire a misticismo; não obstante, entendo que esse justificado afastamento não devia jámais ter sido tão completo e radical e ter chegado ao extremo de repelir sempre sem exame todos os ensinamentos antigos que as actuais escolas filosófico-espiritualistas têm recolhido e comprovado como certos e que a mesma ciência encontra hoje no seu caminho, tendo que aceitá-los como bons.

E com tanto mais razão, quanto é certo ela, a ciência, não ter podido oferecer-nos coisa alguma em substituição dessas leis que, tão sem razão, nem exame, repelia, nem ter tido até há pouco maneira de se decidir, de modo experimental, que é o seu verdadeiro e sólido terreno, ao estudo do espírito, que encontrou no dia em que se decidiu, de má vontade, a reconhecer o hipnotismo como realidade, sem poder enquadrar os fenómenos hipnóticos no campo da matéria, conforme os desejos dos materialistas, que nisto se enganavam com frequência.

Digam o que disserem esses pseudo-sábios (algo têm que dizer para não dar a mão à palmatória), o certo, o bem comprovado, o que já não é possivel pôr em dúvida e menos negar, é que, quando a parte material da nossa personalidade se desorganiza, quando se desintegra este sócio de mau aspecto que durante quase toda a nossa vida quer impor-se (e de facto quase sempre se impõe), os outros dois sócios — o perispírito e o espírito individualizado—continuam sem ela a sua marcha evolutiva, sem que a nossa verdadeira personalidade sofra por isso modificação alguma, pois continuamos sendo os mesmos que dantes éramos, intelectual, moral ou culturalmente; passamos a nova escola, a novas experiências, sempre em frente e para o alto, embora lentamente, sem podermos sair da vida.

Desgraçadamente, de tudo isto a ciência nada quer saber; tudo o que não pode medir ou não sabe produzir é coisa que não existe para ela. Terá, pois, direito ao nome de ciência? Não! Compreender-se-ia que dissesse: «O que eu não posso submeter a leis e medidas está fora do meu campo de acção»: mas o que não se pode nem se deve admitir é que diga: «O que eu não posso explicar nem medir, não existe». Esta linguagem é absurda, é anti-científica, é dogmática, é indigna, porque os fenómenos da vida imaterial se nos impõem com realidade por fora e por cima de todo o academismo e oficialismo; que a ciência, a falsa ciência, entenda-os ou não, como sucede com todas as coisas, não os impede de ter existência, como os protestos de um académico não impediram que caissem aerólitos sobre a terra e os protestos de outras eminências tampouco impediram a realidade de coisas que seria fastidioso enumerar e que foram negadas por elas.

É muito lamentável que a ciência clássica ou oficial se tenha até agora dispensado desse estudo; *primeiro,* porque é seu dever, dever e não capricho louco, estudar tudo o que se lhe apresenta na vida universal, ainda que desse estudo resulte uma derrota completa para a escola materialista, pois tal derrota se converteria em glorioso triunfo para a ciência; e *segundo,* porque o problema da nossa sobrevivência é o mais importante e transcendente de quantos poderemos enfrentar, quer do ponto de vista prático, quer do ponto de vista moral.

Não há razão alguma para sustentar a ideia de que a vida só pode existir com a nossa matéria: certo é que os tecidos e orgãos do nosso corpo têm vida própria, como provam as experiências realizadas pelo Dr. Carrel; certo é também que, àparte a nossa mentalidade cerebral consciente, temos outros centros directivos inteligentes, visto que sabem cumprir suas obrigações mui complicadas e variadas; centros intelectuais secundários e inconscientes para nós, como o *coração* e os *orgãos todos,* perfeitos laboratórios de química e de física; as *glândulas;* as células, construtoras maravilhosas encarregadas das

comunicações e transportes e que desempenham o serviço de médicos, de soldados e de polícias, etc., etc., e toda essa gente vive independente, sem lhe importar o que faz a cabeça, a menos que esta cometa um disparate grande,coisa muito frequente. E mais ainda: até parece que trabalham mais confiados e melhor, quando dorme a cabeça e não temem a sua intromissão. Tudo isto é certo; mas deixemos essas mentes fisiológicas secundárias que permitem à cabeça assumir atitudes, fazendo crer que ela manda sòzinha; e fixando-nos só nesta, na Mente Cerebral, deparamos com umas complicações inteiramente inesperadas que provocam esta pergunta: Será o nosso intelecto única e simplesmente o cérebro físico que segrega ideias no dizer de alguns materialistas, como o fígado segrega bílis ? Francamente, eu poderia até admitir que, se o fígado sabe fabricar açúcar e bílis, o cérebro poderá chegar talvez a saber fazer chocolate; mas ideias, não ! Isto não mo farão acreditar, nem que mo digam frades descalços.

Pois bem; se não é ele, o cérebro, que elabora as ideias, donde lhe vêm elas ? O cérebro não é mais que um novo instrumento necessário para traduzir de diversas maneiras no mundo material as ideias do agente que o maneja, que é o Espirito; e como o cérebro é um aparelho de grande delicadeza e sensibilidade, quando esse agente se afasta dele e o abandona, como sucede no acto fisiológico de dormir, vibra só, como a lira da conhecida rima de Becquer, sob os efeitos de mil correntes ondulatórias mentais que lhe chegam de toda a parte, telepáticamente, fazendo-o, claro está, sem ordem nem conserto. Daí, a incoerência da nossa imaginação, quando o cérebro está descontrolado.

O cérebro só serve para materializar as ideias, mas não para criá-las. E surge aqui esta pergunta: É um só ou são vários os agentes que fazem uso dele ? Já dissemos que é um, o Espírito, cuja faculdade superior é a Razão, que é o que examina e classifica todos os dados que recebe constantemente dos sentidos; e logo, por dedução e indução, tira as consequências; desgraçadamente, embora demonstremos com palavras ter muito respeito por ela, pela Razão, em geral não fazemos caso dela em nossos actos, que são, quase sempre, comandados pelos nossos sentimentos, a pesar de ser ela a nossa mais fiel amiga; tanto assim, que não representa nada ao lado de nossos sentimentos, que também são faculdades humanas, tão dignas de respeito como a própria Razão, que a Revolução Francesa entronizou como deusa soberana, embora ela esteja ainda na infância.

Depressa se encontraram os homens, pois que essa nova soberana, entronizada prematuramente, como se entronizam prematuramente alguns príncipes ou princesas, era completamente incapaz de explicar numerosos fenómenos mentais, não só do mundo dos animais, como também dos homens; a questão dos animais resolveu-a a ciência clássica ou oficial pelo infalivel método de inventar um nome qualquer, o *Instituto*, com o que, certamente, não se explica nada; mas os casos de conhecimento que se apresentam com frequência no homem, através de veículos diferentes da lógica intelectual corrente, como explicá-los ? Portanto, a ciência, a pesar de seu habitual desdém olímpico (falo da ciência materialista, que é a clássica ou oficial), não pôde até hoje explicar-nos satisfatòriamente, como Goethe resolveu, durante o sono, importantes problemas científicos e encontrou formosas poesias; nem como Tartini teve, em sonho, uma de suas mais altas inspirações musicais; nem como Nodier e Cardillac, Kruger, Corda e Magnan resolveram, em sonho, problemas matemáticos; nem como Stevenson compôs, em sonho, segundo ele mesmo afirma em «Chapter on Drams», as suas novelas mais originais; e igualmente com Lafontaine, com Coleridge, com Voltaire e muitos outros homens notáveis, sem mencionar que nos fins do século passado e princípios deste assombraram não me recordo quantas Comissões de sábios que vinham de toda a parte para estudar o problema.

Mas os que temem aceitar o Espiritismo idealizaram mil teorias para explicar esses e outros casos; e têm-se socorrido, entre outras coisas, do Inconsciente e da Alma Colectiva. Eu não negarei a existência do Inconsciente; posso até admitir as proporções enormes que lhe atribuem alguns psicólogos com relação ao nosso insignificante consciente; mas o facto de que exista não é razão bastante para que façam dele um Todo Poderoso, atribuindo-lhe, caprichosa e còmodamente, a origem de todo o desconhecido e a solução de todos os problemas psíquicos conhecidos e por conhecer, como o caso de Laura, médium americana que, em estado normal, só sabe falar e escrever inglês e francês, e que, no estado de transe, fala e escreve correctamente outros dez ou doze idiomas diferentes; ou como o caso daquele aprendiz de mecânica que concluiu, no decurso de várias sessões mediúni-

cas, a famosa novela «O Mistério de Edwin Drood» (que Charles Dickens, ao morrer, deixou começada), escrevendo com o mesmo estilo e expressões usuais do defunto; ou como outros mil casos parecidos; querer explicar, afirmando que tais casos são obra do Inconsciente, equivale a tomar-nos a todos por gente dotada de exuberante credulidade, como são as crianças, geralmente.

A comunicação telepática, hoje cientificamente admitida, embora a ciência oficial não quisesse reconhecê-la, dá-nos a chave; pois, graças a essa lei de comunicação mental, muitos dos que deixam a terra continuam a inspirar as inteligências dos vivos mortais, que podem receber e captar inconscientemente as ondas mentais que lhes transmitem. Daqui se deduz que o que hoje se chama *Intuição*, não é mais que *Inspiração;* quer dizer, alguma coisa que nos inspira; alguma coisa que nos chega de fora.

Com respeito à alma colectiva e à mente colectiva, a hipótese é possível, mas nada mais que possível, admissível, à falta de outra; isto é, não está comprovada, por mais que delas falem muitas outras escolas; e ainda que se comprovasse a sua existência, não seria possivel atribuir-lhes, assim como ao Inconsciente, os conhecimentos que adquiriram alguns homens, e quem diz homens, diz mulheres. E porque? Qual o motivo de todas as comunicações mediúnicas virem assinadas sempre por fulano e sicrano, seres que viveram na Terra? Porque não vêm assinadas assim: *Da Mente Colectiva*, ou *Eu*, o *Inconsciente*? Que gosto é esse de enganar-nos e que é que se pretende ao atribuir sempre a outros o que, segundo essas teorias, se deve exclusivamente à Mente Colectiva ou ao Inconsciente?

Para terminar: Espero que alguém mais versado do que eu em verdadeira psicologia, me faça o grande favor de lançar um pouco de luz sobre os diferentes pontos filosóficos e científicos em que toquei ligeiramente, como de passagem, no presente artigo, tomado quase à letra de alguns escritos, cujo autor é conhecido sob o pseudónimo de *Juan de Cantábria*.

É preciso ler!

O adepto que não lê desconhece os maravilhosos tesouros de felicidade espiritual guardados nas obras fundamentais do Espiritismo. Vêde o nosso catálogo nas páginas desta revista.

Nossos Representantes

Eis o nosso representante no Rio de Janeiro, «cidadão da safra de 1912», como ele próprio se intitula, e terceiranista de Direito. Pertence ao Grupo Espirita Trabalhadores da Última Hora e trabalha para Estudos Psiquicos de colaboração com os nossos grandes amigos Chelmicki Afflalo e Henrique Magalhães.

Diz-nos que não tem biografia. Vai vivendo como Deus permite, feliz no anonimato e buscando o pão do espírito no Grupo a que pertence. Mas a carta que nos escreveu revela um homem e um colaborador perfeito. A pesada tarefa de Henrique Magalhães

JOSÉ BITTENCOURT ANJO COUTINHO

passa, em parte, para ele, que aceitou disposto a dignificar este mensário que já lhe está a dever dedicação e esforço.

O Rio de Janeiro é o maior fulcro da nossa propaganda no Brasil. Necessitamos ali de um bom elemento, sincero e dedicado como os que nos representam noutras cidades, mas que, além disso, enfrente obstáculos que aqueles, felizmente, desconhecem.

José Bitencourt Anjo Coutinho está nessas condições. Já venceu dificuldades muito sérias em benefício desta revista, o que prova o seu espírito de sacrifício às obras que empreende. E o facto de há pouco ter resolvido bacharelar-se em Direito demonstra a sua força de vontade. Anjo Coutinho é, pois, um triunfador que daqui saudamos ardentemente. Não tem biografia... mas tem uma centelha a impulsioná-lo, a distingui-lo na falange dos verdadeiros trabalhadores, que são, também, verdadeiros combatentes.

Que essa centelha se não extinga para bem dele e nosso bem. Que ela se fortaleça cada vez mais e que o triunfador possa colher amanhã os frutos sazonados da sua própria sementeira.

Estes são os votos que formulamos neste momento de alegria espiritual pela entrada de mais um amigo e um irmão.

A Reencarnação e os Evangelhos

pelo Dr. A. N. Pinheiro Ramos

I

Inicialmente ponderemos que a Revelação, desde Abraão até hoje, tem vindo, ao homem planetário, em sucessivos círculos progressivos que se desenvolvem na medida em que os humanos progridem e necessitam de mais amplo e maior ensinamento.

Lembremos que um dos reis pastores, Abraão, recebeu e ensinou, apenas, o princípio da existência de um Deus Único, a quem se devia prestar culto, ensino esse que foi transmitido a uma família numerosa, passando desta à sua organização tribal, constituindo-se, assim, a religião Abraamânica, mesclada com os costumes bárbaros de que faziam parte a poligamia, os sacrifícios humanos, os sacrifícios de animais e os demais usos selváticos.

Observemos que decorridos quase dois mil anos, surge Moisés, o libertador dos Israelitas, encontrando um povo mais desenvolvido, originário dos ensinos do Deus Único e da religião primitiva, embora deturpados os ensinos e quase regresso ao politeismo. O Revelador Hebreu confirmou e reviveu a unidade divina e, para facilitar sua tarefa, apresentou-se como Seu enviado e estabeleceu o Decálogo, lei divina, a que acrescentou, como legislador humano, um código disciplinar para governar e dirigir o povo que lhe serviu de instrumento, como veículo de dissiminação de verdades que conhecia.

E, através desse povo inculto, bárbaro, indisciplinado, incapaz para a conquista militar, expurgou a poligamia, os sacrifícios humanos oferecidos à divindade, prosseguiu no combate à idolatria, extinguiu e modificou o mais que o tempo permitia e o desenvolvimento comportava, embora conservasse tudo quanto era útil à realização de sua tarefa e fez esse povo inculto e atrasado, dar o mais gigantesco passo que o tornou capaz de ser o mensageiro dissiminador da Unidade Divina, preparando, assim, a vinda do Messias.

Jesus, por sua vez, confirmou os princípios divinos contidos na Revelação Mosaica, ou seja, a Unidade Divina e o Decálogo, e nos legou o Evangelho, o código de amor, em que resumiu toda a lei e os profetas.

Quando o Cristo surgiu, havia mediado quase igual período ao decorrido de Abraão à Moisés, o que comprova necessitarem os terrenos de um lapso para adaptar os ensinos da Verdade, que não podem ser transmitidos de uma só vez, como sucede com os nossos estudantes, que recebem, nos lares e nas escolas primárias, os primeiros rudimentos que se vão ampliando, quando atingem curso secundário, para depois ser completo o esclarecimento, nos cursos superiores, mas que, em verdade, só a aplicação, na vida prática, no labor da profissão que vão exercer, podem ser amadurecidos e conservados pela experiência que, uma vez adquirida, jàmais se perde.

Jesus trouxe missão universalista: falou para toda a humanidade, e não mais para um povo de que se serviu apenas, dado que os Judeus, preparados pelas revelações anteriores, estavam capacitados para receberem, em parte, os seus ensinos e os transmitirem à humanidade terrena.

Jesus, como o fizeram os reveladores, expurgou a rigidez da forma exterior a que se dava grande valor, revogou, pelos seus ensinos e exemplos, a legislação disciplinar de Moisés, e como *Evangelho* quer dizer Amor, nos deu o ensinamento da vida futura, do reino espiritual e vagamente esboçou o conhecimento do mundo invisivel.

Hoje, dois mil anos são decorridos. Tempo é, pois, para uma nova e mais ampla revelação, tal como sucedeu de Abraão a Moisés, e deste a Jesus. Não é de extranhar pois, que, seguindo a lei de periodicidade, que as revelações tem guardado, estejamos nos tempos preditos de um novo avanço. Não só igual período há decorrido, como não é possível negar que o desenvolvimento obtido pela humanidade, do Cristo até nós, é muito maior, em todos os sentidos. Não é pois de admirar que o Espiritismo seja essa revelação que obedece às leis anteriores que presidem ao ensino de Verdade, guardadas todas as suas características.

Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, confirmou o Evangelho, em todos os seus ensinamentos, desenvolveu e amplificou o ensinamento da vida futura e nos deu o conhecimento da existência e da natureza do mundo espiritual, invisivel aos sentidos grosseiros, cujas relações com o mundo material e corpóreo estabeleceu.

Este admirável apóstolo da verdade, o restaurador do Cristianismo em sua pureza, simplicidade e humildade primitivas, ou seja, o descobridor do Espiritismo, trouxe-nos a chave de todos os problemas relegados para o domínio do sobrenatural, da surperstição e do empirismo, que eram incompreensíveis, e tem ocasionado, com a sua descoberta, a maior transformação moral de que há notícia nos tempos que correm.

Com o Espiritismo, que veio relembrar e desenvolver os ensinos de Jesus, temos a filosofia espiritualista que se fundamenta na existência de Deus, no Decálogo, no Evangelho, na préexistência, sobre-

OMNIPRESENÇA DE DEUS

por Apolonius Cristus

Deus, sendo infinito, não pode ser compreendido por nós, como tudo o que é infinito. Assim, dizemos que o Universo é infinito, porque lhe desconhecemos os limites e porque, se lhe imaginássemos quaisquer limites, outro ou outros universos se seguiriam.

Porque não podemos compreender a extensão sem limites, nem concebê-la limitada, arranjámos o termo «infinito» para exprimir aquilo que, pela sua vastidão incomensurável e desconhecida, não podemos compreender.

No mesmo caso está Deus. O homem é um ser limitado, não podendo, por isso, compreender Deus que é ilimitado, como o é o Universo. Deus e Universo são pois concepções que pairam acima das possibilidades da compreensão *actual* do Homem. Mas o Homem não pára nas suas lucubrações. Por isso o astrónomo não cessa de observar o firmamento à procura dos limites do Universo, na ânsia de eliminar do dicionário o termo *infinito*, o que fará, logo que seja capaz de medir o Universo. Consegui-lo-á ? Nada se sabe, pois nada sabemos até onde chega a capacidade humana, como nada sabemos até onde Deus permitirá ao Homem explorar a Sua própria obra.

O astrónomo procura compreender o Universo, como o filósofo procura compreender Deus. É possível que nunca o consigam, mas isso não obsta a que tenham o direito de indagar, de sondar, de explorar o desconhecido, porque com esse desejo e lucubrações vai o Homem exercitando a sua mente e a luz vai-o penetrando.

Nesta ordem de ideias, procuremos dar uma definição de Deus, a fim de melhor O podermos amar, melhor podermos ter fé e confiança n'Ele:

Atributos de Deus. É tradicional dizermos que Deus é *omnipresente, omnipotente, omnisciente* e ainda que é *perfeito, bondoso* e *misericordioso*, etc. Vejamos, segundo as nossas limitadas possibilidades de raciocínio e compreensão, como pode Deus possuir o predicado de *omnipresença*, porque todos os outros são consequentes daquele.

A alma humana tem percepção de tudo o que se passa no corpo humano (seu próprio corpo), porque pelo *fluido perispirítico* ela está ligada a todas as células do *seu mundo*. Podemos considerar o homem como um pequeno mundo, onde se passam os fenómenos mais diversos: físicos, químicos, fisiológicos, eléctricos, magnéticos, etc.; onde vivem outros organismos vivos; e por isso até se chama ao homem um *microcosmo*, em oposição ao Universo que é o *macrocosmo*.

Ora neste pequenino mundo, que é o homem, quem governa é a alma (parte pensante do microcosmo) por intermédio do seu raciocínio e vontade, transmitidos às mais recônditas células do seu pequeno mundo pelo *fluido perispirítico*.

Como o homem (microcosmo) está impregnado de fluido eléctrico, magnético e perispirítico, também o Universo (marocosmo) está impregnado de fluido eléctricos, magnéticos, etéricos e, finalmente, de *Fluido Divino*.

É costume dizermos que Deus não tem forma, mas a nossa imaginação tem teimado em considerá-lo ora distendendo-se, ora deslocando-se de um lado a outro, com velocidades espantosas, para ordenar e reger toda a sua obra (Universo). Não devemos assim imaginar Deus, mas sim considerá-lo um fluido como o magnético, como o eter e outros fluidos, mas diferente de todos eles, porque o *Fluido Divino* é inteligência e aqueles são puramente mecânicos.

Ao fluido eléctrico, magnético, etc., o homem impõe a sua vontade; ao fluido «eter» e a outros, que

---

vivência e comunicação dos espiritos após o fenómeno impròpriamente chamado «morte», prosseguindo à grande evolução, recebendo, através do Universo, as penas e recompensas futuras ou mesmo presentes, decorrentes de seus próprios actos que regulam, destarte, a aplicação da lei, comprovando a pluralidade dos mundos habitados e das existências sucessivas e todas solidárias, decorrentes umas das outras, o que vem aclarar muitos dos ensinos de Jesus e tornar possível a compreensão da Justiça Divina, sem ferir os infinitos atributos e os princípios de investigação da verdade.

É sobre a pluralidade das existências, denominada «Reencarnação» que nos esforçaremos para comprovar que os ensinamentos dos Evangelhos e do Antigo Testamento, que compõem a Bíblia, autorizam e consagram o ensino desta Doutrina que foi dada, através de todos os grandes homens do passado que surgiram no seio dos vários povos, como verdades divinas afloradas, preparando o caminho para a missão universalista de Jesus, autorizando-nos a afirmativa de que todos eles, mesmo fora do ambiente do Judaismo, profetizaram em obediência ao cumprimento da lei, na preparação do campo para o recebimento do Messias de Deus.

devem existir no Universo, os seres espirituais impõem a sua vontade, porque todos eles são matéria (matéria fluídica, sim, mas matéria). Porém, o *Fluido Divino* ou *Inteligência Suprema da Natureza,* que enche o Universo, ou melhor, em que o Universo está mergulhado, como a Terra está mergulhada na atmosfera, ou como esta está mergulhada no «eter» interplanetário, não pode receber influências de vontades n'Ele contidas (ou seja a vontade dos homens e dos espíritos). E não recebe, como o homem não recebe a influência das vontades dos corpúsculos que habitam no seu próprio corpo.

Assim concebido Deus, como um fluido inteligente em que toda a Natureza está mergulhada, podemos compreender porque Ele está em toda a parte, porque Ele sabe tudo, porque Ele se ocupa de toda a Criação e de toda a criatura, porque Ele tem o conhecimento absoluto do passado, do presente e do futuro.

Afinal, o espírito humano é, dentro do seu pequenino mundo — o corpo —, um deus, pois sabe como o seu pequenino mundo começou, dirige-o, tem conhecimento do que se passa em todas as suas partes por intermédio do fluido perispiritico. Pela saude do passado conhece a presente e pode modificá-la, como pela do presente deduz a futura. Não é pois descabido dizer que o espírito é deus do corpo visível e invisível do homem.

O Fluido Divino banha toda a Natureza, como o perispírito humano banha todo o corpo do homem. Não podemos compreender o espírito sem o seu perispírito, como não é concebível Deus sem o seu Fluido Divino.

Se o espírito humano não é o homem, também Deus não é a Natureza. E se o corpo do homem não pode existir sem que o espírito o crie, o dirija, o vivifique por intermédio do seu perispírito, também a Natureza não teria tomado forma, não existiria se Deus a não vivificasse com o seu Fluido.

Assim compreendido Deus, entende-se porque Ele abrange toda a Natureza sem ser a Natureza pròpriamente dita. Não há aqui ideia panteista, mas sim uma ideia espiritualista que procura mostrar a potencialidade e grandeza do Criador e como nós podemos fazer ideia do modo como os Seus atributos se exercem.

Assim como o espírito humano é independente do corpo, sendo este modelado segundo a sua vontade, também Deus é independente da Natureza, sendo esta a manifestação da Sua vontade.

Eis porque, sendo Deus, pelo Seu Fluido, tão grande como o próprio Universo, pois este está mergulhado n'Ele e estando toda a matéria impregnada do Fluido Divino, nós estamos constantemente em comunicação com Ele e Ele sente todas as nossas ansiedades, desejos e contrariedades.

Eis porque, estando Deus em toda a parte presente, Ele conhece tudo, nada lhe podendo ser estranho. Qualquer acontecimento, quer de ordem material, quer de ordem espiritual produzirá oscilações ou vibrações no Fluido Divino, como qualquer pancada ou movimento produz oscilação ou vibração no nosso perispírito, como qualquer acontecimento material, à face da Terra, produz oscilações na atmosfera terrestre ou vibrações no fluido magnético ou eléctrico de que a mesma Terra e sua atmosfera estão impregnadas.

Eis porque, estando tudo quanto existe mergulhado no Fluido Divino, não pode haver poder superior a Deus, porque todas as forças têm de ser impulsionadas por esse Fluido Divino ou Deus. Logo, Deus é *omnipotente,* como é *omnipresente.*

Eis porque, tendo Ele, pela sua vontade, impulsionado a condensação do eter (talvez condesação do seu próprio fluido?), criando assim o Universo, Ele conhece todo o passado e presente, como conhece o futuro, pois sabe onde quer chegar com os seus planos. Logo, é *omnisciente.*

Eis porque, sendo tudo obra dessa *Inteligência Suprema,* Ele é *perfeito,* pois não é possível imaginar maior perfeição do que a manifestada na Sua obra, porque, se o fora, Ele a realizaria, visto ser o detentor de todo o poder.

Eis porque, sendo Ele perfeito, não pode deixar de ser *bondoso,* pois a perfeição sem bondade não seria perfeição.

Assim compreendido Deus com os Seus atributos de *omnipresença, omnisciência, omnipotência, perfeição e bondade,* não podemos deixar de n'Ele confiar, certos de que, quais alunos atarefados com as provas a que estamos sendo submetidos na Terra, depois gozaremos de atributos semelhantes aos divinos sem deixarmos de ser seus filhos e seus colaboradores.

Há, pois, razão para se dizer que nós somos feitos à semelhança de Deus. De facto, a nossa parte pensante é um Deus no nosso microcosmo, como o Ser Supremo é o Deus do macrocosmo.

Mas, se somos feitos à semelhança de Deus, não temos todos os atributos d'Ele. Podemos no entanto adquirir os que nos faltam pelo estudo, trabalho e desejo. A omnipresença do nosso espírito já existe em todo o nosso corpo. A potencialidade e a ciência adquirimo-las pela força de vontade e trabalho. A perfeição e a bondade adquirimo-las ao longo das múltiplas passagens pela Terra.

É, por consequência, com os olhos postos n'Aquele, que está sempre em contacto conosco, que devemos, pela oração e sobretudo pela acção, procurar aperfeiçoarmo-nos, certos de que, assim, prestaremos o melhor *culto* que a Deus se pode prestar.

Cumpramos pois o mandamento crístico: «Sede perfeitos como vosso Pai é perfeito».

Metafísica Psicológica

por Ramos Pereira

Foi Descartes que levantou, pela primeira vez, o problema da não espacialidade da alma. A experiência imediata mostra-nos que, se a alma se representa como algo no espaço, não é em si espacial. Eis um ponto de concordância da psicologia moderna, com excepção de Ebbinghaus (1). Vejamos, porém, o que ele entende por espacialidade: — não é o que se apresenta no espaço mas uma propriedade dele, isto é, espacialidade como sinónimo de relação imediata e simultânea com diversos pontos. Entendendo assim, somos levados a considerar a alma espacial, em virtude do paralelismo psico-fisiológico inegável. Analisemos, contudo, esta determinação vaga de espacialidade.

Suponhamos a existência de um «quid» não espacial (2). A pesar disso, ele caberia no conceito de Ebbinghaus e isto porque o espaço não consiste num mero somatório de relações, mas num modo de representação. O conceito é, pois, uma escapatória que procura, alterando a ideia de espacialidade, obrigar a «alma» a conter-se nela.

Por outro lado, a actividade psíquica é um decorrer existencial temporal, mas não podemos, com Bergson, identificar a alma com o tempo. O desenrolar da actividade psicológica faz-se no tempo, como medida do movimento que lhe é próprio.

Mas como se dá a relação do «quid» a-espacial com o espacial cérebro? Procurar a «localização» da alma? Th. Lipps provou a ilogicidade deste pensamento. De facto, anotaremos (com ele) que só por abstracção podemos separar processos psíquicos, porquanto a realidade apresenta sòmente actos duma unidade não fragmentável ou fragmentária. Aquele paralelismo não exprime uma relação de parte a parte, mas de todo a todo, ou, como observou Lotze, que a relação «espacial» da alma é sinónimo da sua possível conexão com diversos pontos do espacial cerebral. Quer-se dizer que o paralelismo não nos força a supor divisão ou extensão da alma, no sentido comum dos termos.

Mas sendo temporal a característica fundamental da actividade psicológica (temporalidade que arrasta não uma ideia de causalidade física, mas de causalidade no sentido criador, livre, segundo Elsenhaus), que dizer sobre a natureza da alma? Identificá-la com esse decorrer (actualismo) ou supô-la uma unidade *sui-generis* (substancialismo), independente portanto do corpo físico?

Ora, segundo o actualismo (Wundt, Bergson, W. James, etc.) a alma é o conjunto das suas actividades. Mas se não hipotetizamos um suporte para esta actividade, os modos dela surgem do nada por uma força criadora inexplicável, são um «surgir perpétuo». Como critica De Sarlo, o actualismo não explica este paradoxo do surgir do nada e deixa em claro o encadeamento dos diferentes estados psicológicos, a unidade da consciência que não é um puro somatório, mas uma unidade constantemente presente.

Se me inclino para a tese substancialista, não considero, porém, aqui substancialidade no sentido clássico, mas como unidade real para lá do decorrer perpétuo que lhe é próprio, como uma substância existencial..., como «o que pode actuar sobre outras coisas, ser afectado por estas, experimentar vários estados e, em troca, mostrar-se como unidade permanente» (Lotze). A alma seria, pois, a *unidade real* das actividades actuais e possíveis» (V. Viquera).

Pensando assim não poderemos aceitar a tese materialista que identifica a alma e o cérebro, nem em absoluto a do substancialismo monista (energetismo) que considera a alma e a matéria como aspectos da mesma realidade. Realmente e a pesar dos esforços de Ostwald, Kulpe ou Wentscher, é impossível aplicar ao psíquico o princípio da conservação da energia, mesmo modificado à luz da relatividade. Por isso diz Hans Driesch que «a entelequia não cria nem modifica a energia; ùnicamente suspende ou deixa de suspender o curso das suas transformações».

Sejam ou não resultantes de uma transformação de uma unidade primeira, alma e corpo apresentam-se hoje de tal modo dissemelhantes que é impossível efectuar uma identificação. «Quem hoje se lembrasse de susten-

(1) V. «Grundzuge der Psychologie» I, pág. 27.

(2) Falamos de um espaço a 3 dimensões.

tar a velha tese materialista de que só há matéria e de que o homem é apenas natureza, não poderia esperar ser levado a sério por ninguém» (1).

Notemos, porém, que sendo unidade, a alma é sempre uma unidade específica, uma unidade «pessoal». Desde que hoje se aceita uma evolução psíquica, temos de considerar um caminho ascendente para a unidade em si e por si (W. Stern) e isto através da experiência existencial. A individualidade actual é um simples degrau do caminho.

Onde encontrar a marca da individualidade no comportamento psicológico? Mas no que for diferenciado, que não no fundo colectivo, homogéneo, nos «arquetipos» de Jung. Diremos então que a individualidade se forma e enraiza no «conscientemente adquirido».

Mas se psíquico e físico são inidentificáveis, não poderá ser pela via organogenética que se dá a transmissão das características adquiridas pela unidade psíquica. Se a experiência se radica na alma, teremos de dizer que a alma pre-existe e sobrevive, isto é, que é nesses sucessivos mergulhos no mundo das formas (vivências) que ela se vai compreendendo como existência indefinida. O «congénito» de uma vivência é o «adquirido» da consecutiva, ressalvado o lado temperamental da actividade pessoal que consideramos em estreita dependência da hereditariedade física.

Palingénese ou polivencialismo? Sem dúvida, mas como tese e não como crença, até que... exista um pensamento capaz de tudo explicar das diferenciações psicológicas sem a ela recorrer.

Que é, então, e em última análise, a «alma»? É paradoxal dizer que em essência dela nada sabemos quando é ela a nossa própria e fiel realidade. Conhecemos dela o lado móbil e as massas menos instáveis do chamado «inconsciente», podemos até senti-la na «existência», naquela muito particular «realidade do ser confinada na derradeira camada ôntica onde se somam ou fundem os reflexos de todas as vivências e os últimos esbatidos de todos os esfumados da vida psíquica», mas... do conhecimento da alma em si estamos tão longe como... do conhecimento do próprio Deus, porque tanto um como outro são conhecimento de essência... incomportável no momento actual da ideia humana.

(1) Hessen in «Filosofia dos Valores», p. 179.

Entrar para o Espiritismo

A integração do indivíduo no Espiritismo, nem sempre é suficiente. Mais importante seria a integração do Espiritismo no indivíduo.

Senão, vejamos. O próprio Cristo já dissera que a qualidade e não a quantidade era o que interessava. E de facto é assim. Que adianta, por exemplo, a pessoa dizer-se cristã e seguir a mesma rotina que de há muito trilhava? Que adianta rotular-se de espírita e trazer junto a si a bagagem de preceitos e preconceitos de outras crenças, acabando por confundir-se e mistificando-se a si própria?...

A teogonia espírita é de uma clareza absoluta; mas importa, acima de tudo, a reforma íntima do indivíduo. Concita ao estudo e à meditação. Requer um pouco de dedicação ao sofrimento alheio. Não comporta comodismo. É refractária ao personalismo e ao absolutismo. É irmã da caridade, da humildade e da fraternidade. Deseja ser aceita sem ser imposta. É a luz que espanca as trevas, iluminando as consciências.

Enfim, é o nível que iguala as deficiências humanas, preenchendo todos os claros deixados pelas cogitações materialistas.

Portanto, estudar-se a doutrina espírita, para não imbuir-se de falsos conceitos incompatíveis com os evangelhos do CRISTO, é o dever de todo o espírita, não se esquecendo da reforma do seu «EU», de dentro para fora, isto é, renovando-se completamente.

Esforçando-se para tanto, pode dizer-se que o Espiritismo está entrando em si e não o que em geral se ouve: «ENTREI PARA O ESPIRITISMO».

Cruzeiro, 29 de Maio de 1948.

ROCAZATOTÉ

O ESPIRITISMO CIENTÍFICO

SUAS CONSEQUÊNCIAS FILOSÓFICAS

(Tradução de Yvone de Sousa)

por ACHILLE BIQUET
(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Liège)

Há pessoas que só vêem o Espiritismo prático. Outras, pelo contrário, queriam que ele fosse essencialmente filosófico.

Quem tem razão? Em nossa opinião, nem umas nem outras.

Para precisar a função destinada ao Espiritismo, é conveniente examinar as razões que levam as religiões à decadência, deixando de satisfazer as necessidades do homem.

Se bem que derivem de intervenções manifestas do mundo dos espíritos, as religiões esqueceram as suas origens; os puros ensinamentos do invisível foram de início alterados e até substituidos por sistemas dogmáticos pelos seus representantes, segundo as circunstâncias da época. Foi assim que se tornaram estéreis e hoje já não satisfazem a inteligência.

O aspecto exterior do culto e o seu fausto serve apenas para impressionar as massas. A doutrina já não pode satisfazer o raciocínio; por isso não é ao coração que seus mentores se dirigem. A forma matou o espírito. Tem que se crer sem compreender e admitir sem discutir. Impõe-se a fé cega e repele-se a liberdade de pensamento. Os crentes são mantidos sob o jugo dos dirigentes. O materialismo suplantou o espiritualismo.

As religiões afastaram-se tanto das verdades primordiais, que mesmo aos olhos de muitos constituem obstáculo à evolução do indivíduo.

Ninguém quereria a mesma sorte para o Espiritismo. Portanto, este deverá dessedentar-se permanentemente nas fontes límpidas do Além, mantendo contacto regular com os espíritos. Quanto mais tempo passar, mais devemos abrir a porta que nos dará acesso ao mundo invisível. Verifica-se, pois, que é indispensável continuar a experimentação, porque é por ela que nos manteremos em comunicação com os espíritos. Será ela que aumentará a nossa bagagem científica, com o fim de nos impor, e que nos dará a possibilidade de fazer ver os que querem ver, ouvir os que querem ouvir, e de provar a realidade da sobrevivência aos que duvidam.

Seria inconcebível querer impor a nossa doutrina sem provas, experimentar sem objectivo filosófico.

Procurar factos positivos como simples passatempo, seria desconhecer as razões por que os espíritos fazem tantos esforços no sentido de provar a sua existência. Os experimentadores que trabalham com semelhantes disposição não podem ser considerados espíritas.

Há tanta diferença entre eles e os espiritas, como entre o mundo da matéria e o Além.

O Espiritismo significa o estudo dos factos supranormais, com o fim de procurar a certeza da sobrevivência da alma, e de libertar o homem das suas inquietações, para que os ensinamentos provenientes da observação lhe mostrem o caminho ideal da verdadeira felicidade.

Os espíritos desencarnados fornecem trabalho por vezes difícil para nos darem provas tangíveis da sua realidade. Acreditai que em tais condições a sua intenção não é divertir-nos ou satisfazer curiosidades sem consequências aproveitáveis.

Se eles consentem em se manifestar, persuadamo-nos de que é com o único fim de ajudar a humanidade, ao mesmo tempo que vêem prosseguir a sua própria evolução.

As razões que nos levam a recomendar a experimentação são as mesmas dos espíritos. Devemos colaborar com eles e com os sentimentos que os animam; e para que os resultados sejam profícuos, devem vibrar de harmonia com os nossos.

Para cada facto que procuramos e cada prova que queremos dar, não é o facto e a prova em si mesmas que importa, mas as suas favoráveis consequências sob o ponto de vista moral que dai resultam, segundo todas as probabilidades.

Precisamos, pois, de factos positivos múltiplos e repetidos para abalar as massas e demolir o materialismo, para manter a chama pura da espiritualidade e evitar que a nossa doutrina se degrade e dogmatize.

Abstenmo-nos de os publicar e de lhes dar

larga publicidade, seria renunciar aos fins objectivados.

Divulgá-los, é o papel principal reservado aos jornais, revistas e livros de todas as organizações espiritas.

Considerai que cada facto que surge foi obtido com o consentimento do Todo Poderoso, que só o permite com a condição de que seja proveitoso a todas as criaturas.

Já vos lembrastes, de que o facto fornece uma certeza e de que uma certeza traz consolação aos que sofrem, esperança aos desesperados, e calma aos inquietos?

Não considereis os factos por si mesmos, mas pela moral que os informa. *É como filosofos que os deveis interpretar.*

Os que forem relatados nas colunas desta revista, sê-lo-ão com o intuito de propagar e confirmar a nossa doutrina, para que as suas bases sejam cada vez mais sólidas e o edifício seja uma rocha que quebre implacàvelmente as vagas do cepticismo, da irreligiosidde e das vis paixões.

Estas considerações levam-nos a meditar na importância dos factos. Não constituem eles a concretização do amor dos nossos amigos do Além, um apelo à prece fervorosa, um convite para elevar a nossa alma a Deus?

Eles obrigam o homem a reflectir e a meditar. É a tábua de salvação que lhe é lançada para o retirar da lama da matéria que o envolve e mergulhá-lo numa atmosfera fluídica e regeneradora tão necessária à alma, como o ar ao corpo.

Os factos impelem o homem a raciocinar e ajudam-no a adquirir uma convicção inabalável. Não esqueçamos que é pela sua própria vontade que ele chegará a tornar-se melhor, porque a evolução individual deriva ùnicamente dos esforços pessoais, e que o conjunto dos progressos de cada um de nós é que constitui o progresso colectivo.

A propagação dos factos é como um sopro de vida que nos proporcionam as entidades espirituais, é o maná celeste que lança sobre os encarnados os seus tesouros de inesgotável bondade, de consolações e de esperanças.

É pela repetição dos factos que a humanidade compreenderá a quem deve dirigir os seus olhos, o que terá por feliz resultante: a paz.

Os inumeráveis factos que se multiplicam no mundo inteiro, ligam-se entre si para formarem um feixe de luz espiritual que nos envolve e nos encoraja nas boas intenções a subir até às esferas etéreas do espaço sideral onde tudo é alegria e amor.

Obter um facto seguindo os mais rigorosos metodos científicos é controlá-lo, é trazer a sua contribuição ao estudo das leis naturais e colaborar no progresso da humanidade.

— Agradeçamos do mais fundo do nosso coração aos espíritos, pelo trabalho que realizam para nós. Saibamos tirar o maior proveito de todos os factos que eles nos dão. Admiremos a sua preserverança no esforço. Compreendamos que se eles se manifestam, não é para nos proporcionarem satisfações egoístas, não é para nosso prazer nem para nos utilizarmos das suas comunicações para saciar o orgulho ou a vaidade, mas para consolidar a ponte que eles lançaram entre as margens dos dois mundos: o visível e o invisível. Eles dão-nos o exemplo do altruismo e do dever.

Esperamos que estas linhas terão o efeito útil de estimular energias e incitar à experimentação, tendo como objectivo: *a confirmação da nossa doutrina, a propagação das provas da sobrevivência para o maior bem moral ou espiritual da humanidade.*

O Espiritismo é simultaneamente científico e filosófico. A experimentação é o meio e a filosofia o fim. Não o esqueçamos.

Formai a vossa biblioteca...

UM BOM LIVRO É UM BOM AMIGO

Acabam de chegar ao nosso Depósito obras interessantíssimas que todo o espirita deve ler e meditar profundamente. Entre elas, três que há muito estavam esgotadas. São as seguintes:

O PORQUÊ DA VIDA, por *Léon Denis.*

Admirável síntese do que somos, donde vimos e para onde vamos.

MEMÓRIAS DO PADRE GERMANO, por *Amália Domingo Soler.*

Obra baseada em comunicações do Espírito do Padre Germano. Cada capítulo é uma novela encantadora em que o Padre Germano desfia passadas existências, como contas de um rosário em que a felicidade anda de braço dado com a amargura. Obra sã, verdadeiro breviário de ascensão espiritual dos que desejam preparar-se para a grande viagem.

Brochado, 37$00 — Encadernado, 45$00

DO CALVÁRIO AO INFINITO, pelo *Espírito de Vitor Hugo.*

Esta obra encontrava-se há muito esgotada. É um dos melhores trabalhos do Espírito de Vitor Hugo. Ali se nota a profundidade do pensamento de um grande poeta e de um grande escritor.

Brochado, 42$00 — Encadernado, 50$00

N.º 22
NOVEMBRO
1948

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Enchem-se os cemitérios de flores e de pessoas vestidas de preto. Há lágrimas em todos os olhos e rostos contristados em toda a parte.

Seria compungente, se não tivesse o seu quê de ridículo.

Meus meninos, sempre vos tenho ensinado o respeito pela opinião e pela crença alheia. Há, contudo, nessa minha tolerância uma lei: não imitar.

Por quê só em Novembro — no dia marcado — visitam todas essas pessoas os cemitérios, quando durante o ano não põem lá os pés ?

Serieis capazes, vós, meus irmãozinhos, de copiar esses hábitos? Eles vão para serem vistos, para mostrarem, como dizem, «bons sentimentos». Quanto reclamo, naqueles espampanantes vestidos pretos, naqueles enormes ramos de flores!

Respeitai sobretudo a memória dos entes queridos que já perdestes, orai especialmente, para que a sua vida além-túmulo tenha a amparál-los, quando infelizes, o bálsamo das vossas preces.

Todos os outros espalhafatos não chegam lá, e se quereis mostrar aos vossos desencarnados que os estimais, falai-lhes em vosso coração, que tudo mais é poeira que se perde com o vento.

Sempre a mesma amizade da irmã mais velha

Kylas

★

É indubitável que a verdadeira devoção é a fonte da traquilidade.

La Bruyère

O CORPO

As Vitaminas

Não se sabe como surgiu o vocábulo «vitaminas», que nada tem que ver com aquilo que representa. Tem havido também dúvidas sobre a sua natureza, visto uns sábios as considerarem químicas, outros orgânicas.

A sua descoberta foi, como tantas outras, filha do acaso. Tendo notado um sábio que as suas galinhas, acostumadas a alimentos cozidos apenas, não resistiam a determinada doença, começou a experimentar alimentação crua, pensando, e muito bem, que aí residia o mal. A mudança foi tão sensível que decidiu estudar-lhe minuciosamente a causa.

Actualmente, conhecem-se, sobretudo, os seus efeitos: Têm poderes anti-infecciosos, nutritivos e reguladores do metabolismo.

Por isso foram classificadas, dando-se-lhes por nome as letras do alfabeto: A, B, C... K... W... Destas, porém, são apenas uteis ao homem as A, B_1 e B_2, C, D e K.

Assim:

Vitamina A — anti-infecciosa; integridade epitelial; trofismo celular; crescimento.

Vitamina B_1 — aneurisma; vitamina anti-beribérica.

Vitamina B_2 — crescimento; lactoflavina.

Vitamina C — anti-escorbútica; conservação da estrutura física normal; resistência à tuberculose.

Vitamina D — anti-raquítica; anti-distrofia muscular. Parece estar provado que esta vitamina e a anterior exerçam a sua acção indirectamente.

Vitamina E — efeitos de imunização. Pouco estudada ainda.

Vitamina F = anti-eczematosa.

Vitamina H — biotina; protector da pele.

Vitamina K — vitamina de coagulação; anti-hemorrágica.

Vitamina M — preventiva de anemia tropical, etc.

As vitaminas aparecem nos vegetais, pelo que é de toda a conveniência comê-los. Dou a seguir uma lista dos mais vulgares, para se orientarem.

Cenoura — A, B_1 e B_2, C.
Fava — A, B_1 e C.
Batata — B_1, B_2, K e C.
(Cozida com casca).
Alho — A, B_1, B_2 e C.
Cebola — B_1 e C.
Aipo e batata doce — A, B_1, B_2 e C.
Alface e agrião — A e C.
Banana — B, C e alguma A.
Uva — B e A. Sobretudo C.

Além disso, informo-os que a carne cozida não tem vitaminas, o pão branco tem vitamina B, o leite de vaca A, B, C e D e a gema de ovo A, B e D.

Vamos estudar o abecedário, meus meninos ?

Olhem que eu já tomei um remédio chamado *Abecedine*.

★

AS QUALIDADES

O Respeito

Criança !

Torna-te querida de todos, respeitando a velhice, condoendo-te dos que sofrem, amando com ternura a teus pais e sendo agradecida a teus mestres, pela sua dedicação.

Nunca te desavenhas com teus colegas ou quem quer que seja, mas faze por irradiar, pela tua bondade, a simpatia que conquista os corações.

De Iclea
«Para Crianças»

★

O interesse fala todas as línguas, e desempenha todos os papeis, inclusive o de desinteressado.

★

Anedota

Um guloso qualquer foi convidado para tomar chá em casa de uma família de cerimónia. Durante o chá foi enchendo as algibeiras de bolos, subrepticiamente.

De súbito, solta um grito, sentindo a anca esquerda escaldada.

— Que é isso, seu bruto? — brada ao criado — Está a entornar chá sobre mim!

— Ah! perdão! Como V. Ex.ª levava os bolos, pensei que também quisesse levar o chá...

O Riso Deve Ser Comunicativo

Na tarde em que a minha mamã, linda, elegante e de cabelos pretos, foi comigo à loja do Sr. Li Fu, as nuvens estavam escuras e avultavam-se sobre a cidade, ameaçando neve.

Eu já tinha estado na loja muitas vezes, mas apenas para ver. Naquela tarde, porém, ia comprar.

Minha mãe parou à porta da loja; eu encaminhei-me para a luz amarela da lâmpada e fiquei parado à espera, a olhar para ela.

— Eu espero aqui, Bud.

Eu, porém, não podia ir mais além. Impedia-me um certo remorso, a pesar de ainda conservar, apertados na mão, os meus dois dólares. Havia um ano que me tornara poupado. Os níqueis e os centavos que meu pai costumava dar-me, quando lhe apetecia, para eu gastar, pertenciam agora ao passado. Eu e minha mãe nunca conversáramos a respeito de dinheiro, mas eu tomara consciência de uma certa insegurança.

Durante meses, discutíramos o meu aniversário. Ela prometera-me dois dólares. Primeiro pensara gastá-los numa infinidade de coisas; mas depois um instinto selectivo, que se desenvolvera em mim, fez-me hesitar. E foi a hesitação que me levou primeiro para aquele lado da rua e depois para a loja do Sr. Li.

Compreendi, logo ao princípio, que o Sr. Li não era um lojista vulgar. Logo que espreitara a primeira vez à sua porta, dissera-me:

— Entre, pois só do centro se abarca o conjunto.

— É só para ver — respondera-lhe.

— Ainda não venho comprar.

— É prudente, antes de comprar, procurar com cuidado.

Mostrou-me então as maravilhas da sua loja, jade rosado, cristal, leques e caixas esculpidas, sedas pesadas.

Falei-lhe do meu próximo aniversário e prometi-lhe:

— Gastarei cá todo o meu dinheiro.

— Nesse caso — replicou gravemente — deve cá vir muitas vezes par ver o que há e o que vou recebendo da China.

Agora, porém, que me encontrava no limiar da loja do Sr. Li, a lâmpada de moedas parecia-me enorme. Era coisa para comprar em pensamento apenas ou separar-me dela com indiferença. Minha mãe economizara esta quantia e já ia sendo tempo de lha devolver, porque lhe era necessária. Lembrei-me, então, da promessa feita ao Sr. Li. A minha cara deve ter mostrado a minha ansiedade, pois minha mãe curvou-se para mim e murmurou:

— Depressa, meu bem; estou ansiosa por ver o teu presente.

Respirei fundo e com o coração a bater dirigi-me para a extremidade da loja onde o Sr. Li, com o seu quimono amarelo, estava a observar-me. Cuidadosamente coloquei os meus dois dólares no balcão e disse:

— Venho comprar o meu presente de aniversário.

— Está com sorte — afirmou —. Guardei para esta ocasião um cone especial de incenso. Apenas uma vez na vida podemos celebrar o nosso oitavo aniversário e nós próprios é que devemos escolher o presente que desejamos. Gostaria, Budzinho, de ver mais uma vez estas coisas vindas da China, antes de se decidir?

Não via outra coisa senão uma daquelas maravilhosas caixas que, ao abrirem-se, se encontra outra dentro e outra e outra até que, na última, se vê, esculpida em marfim, uma miniatura de um homem, com um rústico chapéu de palha, muito perfeito e bonito.

Hesitei; depois, com os olhos no dinheiro, assenti com a cabeça.

— Gosta de rir? — perguntou o Sr. Li —. E com um gesto de mágico oriental meteu a mão debaixo do balcão e colocou diante de mim o mais estravagante homenzinho de marfim que jamais vira. Era obeso; cabeça para o lado. A boca escancarada punha à mostra os seus únicos dois dentes ao mesmo tempo que as mãos abraçavam a barriga, num paroxismo de hilariedade. Parecia cansado de tanto rir. E eu comecei a rir tanto, que as lágrimas saltaram-me dos olhos.

— O riso é como o bom vinho — afirmou o Sr. Li — Deve ser comunicativo.

— Quero comprá-lo — declarei — Quanto custa?

— Deixe-me ver... — e baixou a cabeça pensativo —. Dois dólares. O preço inclui a caixa.

— É tudo quanto tenho. Posso comprá-lo.

— Um momento — exclamou minha mãe na minha frente —. O Senhor é muito bom e atencioso, senho Li, mas isto é objecto de coleccionador. Já deve ter recebido ofertas altas por ele. Bud só tem dois dólares. E vai vendê-lo apenas por dois dólares...

O Sr. Li mergulhou as mãos nas mangas do quimono.

— É verdade que tenho recebido muitas ofertas por esta figura de marfim, mas nenhuma tão elevada como a que recebi do Budzinho esta tarde. Ele ofereceu tudo quanto tinha e esse é um alto preço.

De baixo do balcão, retirou uma caixa de sândalo dentro da qual colocou o homenzinho, envolvido numa folha de papel branco com dragões verdes estampados.

Com um dos seus estranhos sorrisos, entregou-me a caixa e disse:

— Su Tungp'o, grande poeta chinês, escreveu: uma única hora de uma tarde de primavera vale uma fortuna em oiro. Conservemo-la. A gargalhada é o bálsamo que alivia a dor da vida».

Olhei, interrogativo, par minha mãe.

— É tua, Bud. E muito obrigada, Sr. Li, pela sua gentileza.

À porta da loja do Sr. Li, meti o pacote debaixo do casaco. Embrenhámo-nos na escuridão e quando peguei na mão de minha mãe, o primeiro floco de neve caiu no meu ombro. Olhei para o seu rosto, que se fatigava à medida que corríamos pela neve.

Inclinei a cabeça e comprimi o nariz contra o embrulho. Através do papel, chegou-me o suave odor do quente sândalo e, lembrando-me do homenzinho, senti o riso borbulhar em mim como um jacto de água.

Parei de repente. Minha mãe sacudia-me o braço.

— Bud! Que demónio estás a fazer?

— Estou a rir — balbuciei. — Estou a rir do meu homenzinho.

À sua lembrança apenas, a minha alegria explodia; ri até gritar.

Na escuridão, olhei de relance para minha mãe, vi o brilho dos seus dentes e ouvi-lhe uma inesperada gargalhada.

Depois partimos para casa, através da neve novaiorquina, a rir, a rir. E, perto do meu coração, o homemzinho, na sua caixa de sândalo, redobrava de entusiásmo.

(Do «*Collier*»)

★

Cinco Pensamentos

Ter fé é sentir Jesus no coração.

A esperança é o alimento da vida e o lenitivo dos que sofrem.

Praticar a caridade é dar liberdade aos anseios do coração.

As festas mundanas são as alegrias passageiras dos ricos.

As festas espirituais são a alegria eterna do pobre e do rico.

Astreia

Para Além dum Nome

A tarde estava calma. As folhas das moitas do jardim do Palácio contavam segredos umas às outras, baixinho, muito baixinho.

Tudo era silêncio, apenas entrecortado pelos risos de crianças, ao longe.

— Muito boa tarde! — despertava-me a voz de uma senhora de meia idade, distinta, olhar cheio de simpatia, que não sentira aproximar.

Olhei-a e instintivamente correspondi e sorri, tal era a simpatia que dela irradiava.

Já não recordo como começou, tudo isso se perde na harmonia de uma voz comovida de felicidade.

«— Era pequena e minha mãe fazia-nos orar, ao levantar e ao deitar, em acção de graças ao Bom Deus. Costumava então mostrar-nos a imagem de S. Jorge a pisar o demónio, como símbolo do Bem a vencer o Mal. E acrescentava:

«— Meus filhos, lembrai-vos sempre de S. Jorge, que ele de vós sempre também se lembrará.

«Cresci e, como todas as crianças ávidas de vida, trabalhei, viajei, diverti-me, alegrando-me em momentos de felicidade, desesperando-me em horas de contrariedade, de projectos mal sucedidos. Duvidei da vida e julguei a minha um cáos sem solução.

«Como é fácil o desespero quando o coração está fatigado e atormentado!

«Não sei por quê, mas resolvi visitar hoje este palácio.

«— Entro.

«— Quarto onde S. Majestade a rainha costumava ler o seu Livro de Horas... salão de recepão, célebre pelos seus cristais e...

«A voz do guia perde-se, deixo de a ouvir. Na minha frente, sem lhe merecer qualquer comentário, desenha-se uma imagem de S. Jorge, igualzinha à da minha infância.

«Voltam-me à memória as palavras de minha mãe. Como ela tinha razão! Não mais me recordara dele.

«Mas, era ou não verdade que a minha vida ùltimamente se tinha modificado, que me sentia rodeada de compreensão e carinho sincero, de socego e confiança para luta?

«Senti então como S. Jorge me acompanhara, através das minhas vicissitudes. Minha mãe tinha razão: Ele lembrara-se de mim, eu é que teimava em não o ver».

Seus olhos estavam velados por certa emoção, e eu adivinhei neles a paz procurada.

Que importa o nome — santo, anjo tutelar, espírito evoluído — se o que interessa é a fé, a certeza do nosso próprio aperfeiçoamento, a resignação e a confiança no auxílio dos nossos irmãos do além?

E eu senti que a minha companheira tinha afinal a verdade dentro de si, ainda que se expressasse pelas palavras que aprendera em criança.

IDE, IRMÃOS!

De Bittencourt Sampaio

O caminho é de penas e amargores,
Entre pedras e espinhos da impiedade;
Ide, porém, que o Mestre da Bondade
Caminha à frente dos trabalhadores.

Não temais aflições e dissabores...
É na sombra de dor que vos invade
Que acendereis a eterna claridade
Daquele Amor de todos os amores.

Servos fieis, o Mestre generoso
Nunca viveu nos édens de repouso
Enquanto cooperais na humana lida!

Ide com destemor, que o Cristo Amado
Continua lutando a nosso lado,
Por trazer-nos mais Luz, Verdade e Vida.

De «Colectânea do Além», versos recebidos pelo médium Francisco Cândido de Xavier

Afazeres...

Dois sujeitos encontram-se na rua, parecendo muito atarefados.

— Onde vais?

— Não sei. E tu?

— Nada resolvi...

— Então vamos depressa, senão chegamos tarde.

★

Provérbios Antigos

do Espírito de Casimiro Cunha

Trabalha, atendendo a Deus,
Seja inverno ou Primavera.
Recorda que o dia findo
Nunca mais se recupera.

Equilibra-te na estrada
Não guardes excesso algum.
O lobo farto, igualmente,
No outro dia faz jejum.

O excesso de solidão,
Nas lutas da humanidade,
Pode ter muita virtude.
Ou muita perversidade.

«Colectânea do Além»

Não Quero

por Guerra Junqueiro

Um dia, indo eu pela estrada, ouvi dois rapazinhos falando muito alto:

— Não! — dizia um com voz enérgica —; não quero!

Parei e perguntei-lhe:

— Que é que não queres, meu rapaz?

— Não quero dizer à minha mãe que venho da escola, porque é mentira. Vai-me ralhar, bem sei; mas antes me ralhe, do que mentir.

— E fazes bem, — volvi eu —. És um rapaz como se quer.

Apertei-lhe a mão enquanto o outro pequeno, o que lhe insinuara a mentira, se ia embora todo envergonhado.

Daí a tempo, passando pela mesma aldeia e necessitando de falar ao professor, entrei na escola, onde reconheci logo os dois pequenos. O que não quis mentir, sorria-me, enquanto o outro, vendo-me, baixou os olhos. Ao despedir-me, interroguei o mestre sobre os dois alunos:

— Oh! disse-me ele, falando do primeiro, é um magnífico estudante, um pouco teimoso mas honrado, sincero, sempre disposto a confessar as suas faltas e — que é ainda melhor — a repará-las. O outro, ao contrário, é mentiroso, covarde, incorrigível.

— Pois já vejo que me não tinha enganado.

E contei-lhe o que se passara.

(De «Contos para a Infância»)

O Cordão de Ouro

por Astreia

Lucy era uma linda menina de olhos azuis, cabelos loiros como um trigal. Seus pais eram muito ricos.

Ana, sua companheira de folguedos, era uma pequena orfã, que os pais haviam tomado a seu cuidados.

Como única recordação de sua mãe, possuia um fio de metal dourado tão bem trabalhado que parecia ouro. Tinha para ela o valor de uma joia cara. Quando, às vezes, as saudades eram mais intensas, acariciava o colar com muita tristeza, relembrando um passado feliz.

Quando Lucy via sua amiguinha triste, convidava-a para brincar, procurando distraí-la.

A pesar da diferença social, eram muito amigas e se entendiam bem.

Um dia foi encontrar Ana muito chorosa e abatida. Havia perdido o cordão que sua mãe lhe dera com tanto sacrifício...

— Não chores. Tenho fé em Jesus que ele vai aparecer.

— Eu não tenho fé em nada, sou muito infeliz. Nunca mais o encontrarei...

E continuava chorando.

A menina ficou pensativa. Era preciso fazer alguma coisa para consolar sua irmãzinha. Sobretudo, era preciso fazer com que ela voltasse a ter fé e confiança em Jesus.

De repente, começou a pular de contente. Encontrara uma solução.

Durante a noite, enquanto todos dormiam, tirou do pescoço o seu cordão que era igualzinho ao de Ana, (apenas de ouro de bom quilate) e colocou-o numa dobra do lençol debaixo do travesseiro de Ana.

Era também uma lembrança de seus pais, do seu último aniversário. Mas tinha outro, oferta de seus avós. Além disso, seus pais poderiam ainda dar-lhe outro. Ana não tinha pais e só podia contar com a sua amizade.

Pensando na alegria que iria proporcionar a Ana no dia seguinte, quando esta acordase, adormeceu feliz. Seu rosto estava iluminado pela bondade de sua alma.

Ao acordar, viu o cordão ao pescoço de Ana, que correu para ela muito contente.

— Achei o meu cordão, Lucy; estava entre as roupas de minha cama. Como estou alegre e arrependida de não ter tido fé em Jesus!

A menina envolveu-a num sorriso angélico, dizendo-lhe:

— Jesus te perdoará, porque é o nosso maior amigo e compreendeu o teu desepero. Não fiques triste... Vamos fazer a nossa prece e agradecer-lhe. Mamã nos aguarda para o café.

Unidas pelo mesmo sentimento de confiança e fé, elevaram seus pensamentos a DEUS, orando: PAI NOSSO QUE ESTÁS NO CÉU, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME...

A TRUTA

por Eugénio de Castro

Uma trutinha prateada,
Com lindas pintas vermelhas,
Vivia em sereno rio
Com outras trutas mais velhas.

Ao vê-la tão desinquieta,
Diziam-lhe as outras trutas:
— «Cautela! Não vás p'ra longe,
«Tonta, que não nos escutas!».

«Aqui na serra, onde o rio
«Não afoga uma criança,
«Vive-se em paz e sossego,
«A vida é fresquinha e mansa;

«Mas, à proporção que o rio
«Alarga, o p'rigo é maior;
«A cada passo na margem,
«Se levanta um pescador.

«Aqui na serra onde a paz
«À natureza sorri,
«Aqui os homens são poucos;
«Não nos tiremos daqui».

Caia num cesto roto
Esse pensar tão profundo;
A truta era ambiciosa
E queria ver o mundo.

Co'essa ideia na cabeça,
Guiada por falsa estrela,
Em linda manhã de Abril,
Rio abaixo, lá vai ela!

Foi tudo bem a princípio,
Tudo foi sem novidade;
Viu outras margens e aldeias,
Uma ponte e uma cidade!

Ao cair, porém, da noite,
Ao raiar da Lua bela,
Meteu-se com outro peixe,
Que era tão doido como ela!

Foram ao teatro dos peixes
Ver uma farsa — «A Lampreia» —,
E, depois, no mesmo prato,
Comeram mimosa ceia.

Bem fizera a jovem truta,
Deixando o serrano lar:
Aquilo é que era viver!
Aquilo é que era gozar!

Mas, p'la manhã os dois peixes,
Ambos com sono e com sede,
Marcharam para a sertã,
Levados na mesma rede!

«De «Cravos de Papel»)

Mistério

Um dia nascemos: nos olhos infantes,
Brilhantes de luz,
Ignoto mistério, velado e profundo,
Fulgura e transluz...
E a chama da vida que n'alma crepita
Do infante ao nascer...
A chama sagrada que brada, que grita,
Que manda crescer!

⚜

Um dia partimos: nos olhos parados,
De estranho fulgor,
Há um resto de chama que vela o mistério
Da vida e da dor...
É o ténue reflexo da Luz já transposta
P'ra as plagas do Além...
O doce reflexo dos fundos arcanos
Que a Morte retém...

Hernani T. Santana

Pelo céu vai uma nuvem.
Todos dizem:—Bem na vi!
Todos falam e murmuram,
Ninguém olha para si.

Popular

★

Subtileza

Um sujeito mandou pintar um quadro da Ceia do Senhor.

Enganou-se o pintor e, em vez dos doze discípulos, pintou treze; mas, não querendo perder o trabalho e supondo que não dessem pelo engano, foi entregá-lo.

— O meu amigo enganou-se, — disse o cliente —; pintou treze discípulos em vez de doze.

— Não dê isso cuidado a V. Ex.ª. Este (e apontava um dos discípulos), em comendo, agradece e retira-se.

— Nesse caso, vá o amigo descansado que por ele lhe mando o dinheiro...

Todos os trabalhos da Página Infantil *que não trazem assinatura, são originais, traduções ou adaptações da sua organizadora.*

Assistência Social e Espiritismo

por Fernando Burlamaqui

É altamente confortador, para aqueles que se colocam acima das suas preferências religiosas, apreciar o esforço cristão dos espiritas do Brasil, na ajuda aos poderes da República, para a solução do problema máximo da nossa nacionalidade: Educação e Saude do Povo.

No Brasil inteiro, de extremo a extremo, nas capitais como nos mais recônditos lugares, o observador desapaixonado constatará esse movimento magnífico, que, num futuro não muito remoto, colocará a nossa Pátria na posição de destaque a que fará jus, entre todas as nações do mundo.

O que os espiritistas vêem realizando, com a ajuda do Alto, no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, para nos referirmos de início a essas três grande colunas da nação, é trabalho para o qual não há paralelo, se considerarmos que todas as realizações espiríticas, no que concerne ao plano material, são obras de pequenos e humildes, gente de pouquíssimas possibilidades financeiras, com raras excepções, a cujo esforço vem juntar-se também a cooperação valiosa e sincera de alguns poucos que, possuindo os bens da Terra, não esquecem que a verdadeira riqueza é aquela que a ferrugem não consome nem a traça roi, porque só os bens da alma, a virtude do espírito e a bondade do coração são imperecíveis e eternos.

E como naqueles Estados e no Distrito Federal, a mesma preocupação de trabalhar e servir aos mais necessitados se observa em todos os demais orgãos da federação nacional. Aqui e alhures, onde quer que se funde um Centro Espirita, há, concomitantemente, a iniciativa a prol de uma Escola, de um Asilo, de uma Policlínica, Maternidade ou Hospital, assim como, quase sempre, de um pequeno jornal onde se possa com mais amplitude espalhar os ensinos do Evangelho a todos os nossos irmãos. E podemos afirmar, sem receio de contestação, que nenhuma outra corrente religiosa, na terra do Cruzeiro, possui imprensa tão vasta e qualificada como a imprensa espirita.

No campo bibliográfico, o que a Federação Espirita Brasileira realiza, contribuindo com edições sucessivas de obras de valor incontestável para a educação moral e espiritual do nosso povo, é coisa de tão grande valia, que não encontramos expressões que bem possam sintetizar o nosso pensamento sobre o que significa para a nossa Pátria, nos dias sombrios de hoje, o trabalho fecundo da Casa de Ismael.

E com referência à capital de Pernambuco, pois que é sobre o movimento espiritista em nossa terra que desejamos falar, é grato verificar-se que, dia a dia, ele cresce e se agiganta, nos seus múltiplos sectores de actividade. Na parte referente à imprensa, temos, além da *Editora Espirita Nordeste Brasileiro*, as revistas *A Verdade, Raios de Luz, Voz da União* e ainda o *Boletim do I. E. J. E.* (Instituto Espirita João Evangelista), *O Samaritano* e *Pernambuco Espirita*.

No terreno da Assistência Social pròpriamente dita, quem ignora o que tem feito, no Recife, o Instituto Espirita João Evangelista? São cerca de 900 indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos, matriculados nos cursos diurnos e nocturnos de alfabetização, línguas, matemática, contabilidade, piano, dactilografia, arte culinária, confeitaria, corte e costura, etc., etc., tudo absolutamente de graça, fornecendo ainda aquela instituição, em muitos casos, o material escolar necessário, visto que a maioria dos alunos são pessoas reconhecidamente pobres. E quem não sabe o que tem feito, sem amparo oficial, mas só com a ajuda voluntária de corações bem formados, a Casa de Saude Espirita João Evangelista, filha primogénita do I. E. J. E., com a sua Maternidade e Policlínica, dirigida por um médico que é um exemplo vivo de abnegação, de amor e solicitude, para os pobres que ali vão?

Quantas ressurrreições de corpo e de espírito ali têm se verificado? E o *milagre* da multiplicação dos pães a repetir-se ali todos os dias, naquela casa que recebe ininterruptamente as bençãos do Mestre, sem receber um vintem de pagamento de quem quer que seja, porque Deus, por intermédio dos seus enviados, a tudo provê?

Confortador, altamente confortador, é sem dúvida esse movimento, ao qual não faltará jámais a cooperação de criaturas de boa vontade, emancipadas de preconceitos religiosos, porque as instituições espiritas não são criadas pelos homens, meros instrumentos da Divindade, para servirem apenas a essa ou àquela corrente religiosa, a esse ou àquele crente, mas são feitas para assistirem a todos os filhos de Deus, sejam quais forem as suas ideias ou convicções, raça ou nacionalidade.

Não poderíamos deixar de nos referir também, neste registro, à Casa dos Espiritas, com os seus vários cursos nos mesmos moldes do I. E. J. E., distribuição de víveres aos pobres, semanalmente, e uma Policlínica e Ambulatório servidos por quatro médicos dedicados, que integram o seu corpo clínico, e mais um grupo de esforçadas enfermeiras voluntárias, para atenderem todos os dias a centenas de doentes, de manhã à noite, no glorioso afã de cum-

prir o grande e nobre desejo da Casa dos Espiritas, de servir a Deus e ao Brasil, pelo amparo aos seus filhos necessitados, em observância aos ensinos do Mestre que manda amarmos aos nossos irmãos como Ele nos ama. E tudo isso é feito por amor ao Bem, com renúncia e sacrifício, dando-se de graça não só o que de graça se recebe, mas também aquilo que materialmente custou alguma coisa, embora saibamos que, na verdade, com muito ou com pouco, somos apenas os depositários dos bens humanos que nos vêem às mãos. É ainda a Casa dos Espiritas quem edita *A Verdade* e *O Samaritano*, publicações que honram a imprensa brasileira, pela pureza dos ensinamentos que difundem.

Temos também o «Instituto Allan Kardec» com o «Orfanato Ceci Costa» anexo, educando, instruindo, plasmando o carácter de centenas de brasileiros pequeninos, arrancados à lama do Salgadinho, divino e patriótico trabalho, materialmente dirigido por um homem paupérrimo dos bens do mundo, mas rico em sentimentos de fraternidade e a quem não falta nunca a inspiração do Alto, para levar avante, com outros humildes obreiros, a sua grande obra de solidariedade humana, divina benção dos Ceus para tantas criancinhas desamparadas. Além da Escola, externato com cerca de 200 alunos, há no Orfanato 25 meninos e meninas que recebem educação profissional nas oficinas ali instaladas, tudo produto da energia, do esforço e da capacidade de trabalho de um novo *Padre Flanagan*, como bem o comparou um confrade da imprensa, auxiliado por um grupo de trabalhadores decididos, desde o servente que abre o sulco na terra e carrega tijolos, ao engenheiro que levanta as plantas e supervisiona as construções que se erguem dia a dia, na natural expansão dessa obra divina, para a qual trabalham os valentes soldados da Paz, os intrépidos campeões da Fraternidade, que são esses que compõem a vanguarda dos «Legionários do Quilo», santa instituição transplantada para a nossa terra pelo espírito cristão de um dedicado companheiro, verdadeiramente simples, verdadeiramente bom, personificação da Humildade, a quem chamarei um apóstolo dos nossos dias, cujo nome, como exemplo e estímulo, vive e viverá no coração de todos quantos lhe conhecem a obra.

E que dizermos do «Abrigo Bezerra de Menezes» fundado e dirigido, no Pina, por um simples sapateiro e que abriga cerca de vinte velhinhos, vestindo-os e alimentando-os carinhosamente, à custa dos mais ingentes esforços? A o «Abrigo Baptista de Carvalho» na Estância, para meninas, vivendo num trabalho edificante de educação cristã que dará amanhã, à sociedade e à Pátria, esposas exemplares, mulheres integradas no sentimento da família, mães que saberão dar aos seus filhos directrizes seguras que os tornarão, sem dúvida, homens dignos, soldados do Cristo e colunas da nossa grande Pátria?

Quantas e quantas instituições aí estão nesse trabalho quase anónimo, pelo bem do Brasil e dos seus filhos, e para maior glória de Deus!

E se não basta o que vos disse, se acaso quereis saber mais, bons irmãos que me ledes, conhecei o que faz a Federação Espirita Pernambucana. Ide ao «Lar de Jesus», na Torre, abrigo para velhinhos, do qual é presidente um pequeno funcionário de uma companhia de transportes. Visitai o «Núcleo Espirita Investigadores da Luz» com as suas Escolas e Policlínica, ali na Rua Augusta. Procurai conhecer a «Escola Espirita Joana d'Arc, no Zumbi, a «Liga Espirita de Pernambuco», no Feitosa, a «Escola Espirita Semeadores do Bem», na Várzea, o «Centro Espirita Semeadores do Bem» na Várzea, o «Centro Espirita Gabriel Delanne», em Campo Grande, todos mantendo os mais variados cursos de alfabetização, e alguns mantendo escolas de dactilografia, corte e costura, etc., etc. E se ainda desejardes saber mais, investigai as actividades da «Escola Central dos Legionários do Quilo», as várias *Mocidades Espiritas* formadas por jovens cristãos dos dois sexos e filiadas aos centros a que pertencem os seus membros. E ainda mais a «Centelha de Jesus», o «Tabernáculo Espirita Apóstolos de Cristo», o «Grupo Espirita Regeneração» e tantas outras sociedades que mantêm escolas, visitas a Hospitais e Presídios e uma infinidade de tarefas que visam sempre o alevantamento físico e moral de quantos se achem necessitados, indiferentes à crença de quem quer que seja.

Mas, não poderiamos terminar o nosso registo. sem falarmos nas últimas realizações dos espiritas de Pernambuco: A «Sociedade de Auxílio aos Enfermos», que já instalou um Ambulatório no Arruda e que mantém duas «Escolas de Enfermagem», uma na sede da «Escola Espirita Maria de Nazaré» e outra na «Liga Espirita» à Rua Marechal Deodoro, no Feitosa, ambas dirigidas por médicos de renome, que, espontâneamente, deram a sua colaboração a tão notável e útil empreendimento. E por último, para terminar, a instalação há poucos dias da «Sociedade Espirita Paulo e Estevão» em Tegipió, onde já estão funcionando vários cursos educacionais. Esta instituição está instalada numa ampla área, em prédio próprio e num lugar de clima salubérrimo. Breve, será erguido, ali mesmo, o Orfanato que abrigará muitos irmãozinhos nossos que já não tenham no mundo os carinhos maternos, e outros que, tendo ainda os seus pais, também precisem do auxílio e do amparo dessa humanitária instituição.

Este é o trabalho que o Espiritismo realiza aqui no Recife, e, de um modo geral, em todo Brasil. Os planos a executar na nossa terra pelo Instituto Espirita João Evangelista, incluem, entre outros trabalhos, um *Berçário* que será inaugurado ainda este ano, a *Casa das Arrependidas*, para a reabilitação de moças transviadas, e um grande Hospital com capa-

UMA CASA DE SAÚDE

por Henrique Magalhães

Continua a empolgar-nos o pensamento o grito lançado por *Reper-Siam* aos espiritas portugueses, exortando os companheiros da Terra a fundar uma CASA DE SAUDE. Seu brado, em forma de apelo, mostra sua têmpera de grande lutador, seu amor às nobres causas, seu imenso desejo de acender vigorosa luz dentro da treva para que os cegos vejam.

Lendo e relendo suas palavras de incentivo em prol da grande obra que se esboça em Lisboa, pois, segundo notícias de *Estudos Psíquicos* (n.º 7 do ano de 1948), já existe um donativo para esse fim de 5.000 Escudos, sente-se a vibração dessa alma, ao querer despertar os homens de boa vontade, sacudindo-os com redobrada energia.

Obras dessa natureza, parece à primeira vista, são difíceis de conseguir, levando-se em conta os obstáculos a vencer. Podemos asseverar, todavia, aos companheiros, que se dificuldades realmente existem, como de resto acontece a todos os empreendimentos dessa natureza, não há, no entanto, obstáculos intransponíveis ou insuperáveis. Resume-se o triunfo na boa vontade de alguns e na cooperação de muitos, portadores da missão sagrada de servir, no campo infinito do Pai.

Para melhor raciocínio a propósito de assunto tão importante, levamos ao conhecimento de nossos irmãos lisbonenses dois exemplos frisantes, testemunhados por nós mesmo, aqui, no Rio, donde se podem vislumbrar dois caminhos: — o da derrota ou o da vitória.

Já lá vão quase oito anos, quando humílimo irmão nosso procurou a Directora de movimentado Centro Espirita — só médiuns, possuia e ainda possui cerca de 50 — procurando seu concurso e demais companheiros para levantar a Maternidade «Casa da Mãe Pobre». É desnecessário dizer que naquele momento só existia o ideal. A parte monetária estava, ainda, reduzida a zero!

— Venha daqui a uma semana saber a resposta — determinou a dita irmã.

No dia aprasado voltou o emissário, esperançado de receber franca adesão dos irmãos de ideal. Atendido, deu entrada no salão reservado às sessões. Daí a pouco descia as escadas a mesma irmã Directora, aliás, uma boa criatura. Seguiram-se os cumprimentos, assuntos de doutrina, etc., e entrou-se direito no assunto...

— Temos a adesão integral, minha irmã? — indagou nosso amigo.

— Ah!... — mastigou a senhora. — Não é possível. Todos os companheiros foram unânimes em negar-lhe apoio! Como sabe, estamos em guerra... Em crises assim é completamente desaconselhável começar empreendimentos tais. Nós mesmos acalentamos desde há muito o projecto de levantar um asilo para crianças; mas quem se aventurará à empresa em momentos como este?... Não acha?!... Vamos portanto esperar ventos mais favoráveis...

Saiu o visitante, desconcertado. Foi o companheiro buscar alento e recebeu desânimo. Procurou cooperação e ofereceram-lhe a mais formal das recusas.

Um espírito fraco, sem dúvida, desistiria ali mesmo do empreendimento em face das razões apresentadas pela irmã em doutrina e do seu desencorajamento, pois, para cúmulo, afirmou que o «Guia» da casa era da mesma opinião! E a guerra, a maldita guerra não seria o argumento supremo?!...

O irmão em questão, a pesar de tudo, não desistiu. Note-se o seguinte: Naqueles dias longínquos eram dois, sòmente dois, os ir-

---

cidade para socorrer em maior escala a muitos dos necessitados do nordeste brasileiro.

Ajudar instituições dessa natureza, é, incontestàvelmente, obra de sadio patriotismo e eminentemente cristã, porque, como dissemos, o que as sociedades espiritas pretendem é a difusão dos Evangelhos de Jesus-Cristo em Espírito e Verdade e cooperar com o governo do Brasil para que o nosso povo possa melhorar as suas condições físicas e morais, através de salutares conselhos e edificantes orientações, as quais se baseiam sempre no verdadeiro cristianismo, único meio de esclarecer as massas para os caminhos do Bem, e assim, como os ensinos de disciplina, de respeito e de fraternidade, tornar os nossos irmãos indivíduos verdadeiramente úteis à Pátria, à Sociedade e à Família.

mãos de ideal irmanados e empolgados pela mesma ideia, motivo de sobra para desistirem. Mas... força desconhecida e misteriosa mantinha viva a chama da esperança. Continuaram, portanto, a trabalhar, a perquirir, a angariar novos braços, novas colunas, para firmar os alicerces.

Adquire-se o terreno e é executada a primeira planta. O companheiro acima mencionado leva-a ao médico que dirigiria futuramente o serviço técnico, o mesmo que, desde o princípio, emprestou seu aureolado nome à obra em questão, a pesar de seus pergaminhos científicos. Salientamos esta passagem, porque, geralmente, o pergaminho envaidece a criatura, impulsionando-lhe o orgulho, mormente quando se trata de um grande cientista, e um nome desses não se empresta por dá cá aquela palha a uma obra impraticável — segundo a opinião generalizada, como é o caso em estudo.

Esse mesmo médico, estamos certo disso, vinha sendo trabalhado pelos verdadeiros fundadores da obra — os guias da humanidade, pois também ele não acreditava na sua execução...

Daí sua adesão pura e simples!

O já citado clínico trocou ideias com o visitante, examinou a planta com atenção, discorreu sobre detalhes...

Por fim, recostado em sua cadeira de vime, jogou inopinadamente e de chofre o seguinte petardo:

— Com que contam os senhores — indagou o cientista que, por sinal, não era espirita — para realizar tão vasta obra?

O interlocutor ficou desarmado. Havia um terreno, é certo; porém, pura e simplesmente; de dinheiro, nada!... Assim, não podia dar resposta apreciável. Mas impulsionado irresistivelmente por força desconhecida, respondeu, sem titubear:

— Com a graça de Deus e muita coragem!

O falcutativo deu gostosa gargalhada, pois achava-se bem humorado.

Estava terminada a entrevista.

Passaram-se os anos. O médico rememora com saudade o pequeno colóquio mantido naquele instante com um espirita de si quase desconhecido, ao mostrar a seus amigos o majestoso Hospital da «Casa da Mãe Pobre».

Quanto ao Centro Espirita e sua Directora que com argumentação tão sólida desanimou aquele batalhador, continua, juntamente com seus companheiros de Directoria, à espera de melhor oportunidade... para dar início à fundação do projectado asilo!

E assim acontece a todos os tímidos.

Compreenderão os irmãos espiritas de Lisboa o significado desta narrativa humilde? Não fora nosso desejo de ajudá-los, podem estar certos, silenciariamos sobre o caso. Mas como a boa lógica diz que os bons exemplos frutificam...

É com a mesma graça de Deus e muita coragem, assim o esperamos, que os espiritas lisboetas hão-de vencer a grande batalha em prol do levantamento de uma Casa de Saude. Dificuldades terão a vencer, impecilhos hão-de surgir, não há dúvida, mas o que representará isso diante da vontade de Jesus e da tenacidade das criaturas?...

Assim pensa o vosso irmão e companheiro, servo dos servos do Senhor,

HENRIQUE MAGALHÃES

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, por *Sir William Barrett,* professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo. 304 páginas.

Brochado, 25$00; Encadernado, 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. 346 páginas.

Brochado, 27$50; Encadernado, 37$50

Cientismo e Espiritismo, pelo *Prof. Leopoldo Machado.* Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo.

Brochado, 18$00

Enviamos estas obras à cobrança

O CAODAISMO

(Tradução de I. D. S.)

por Henri Regnault
(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» em Paris)

Sob o título «Histoire du Caodaisme», as Edições Dervy, de Paris, acabam de publicar uma sensacional obra póstuma do meu excelente confrade Gabriel Gobron que, durante a vida, foi o correspondente francês da nossa revista.

A leitura deste livro deu-me grande prazer, pois, no seu conjunto, o caodaismo representa as ideias que defendo há muitos anos, de todas as formas possíveis, através da pena e da palavra.

Como indica o sub-título da obra, o Caodaismo é o budismo renovado, o espiritismo anamita, uma religião nova em Eurasia. Religião Nova ? Sim, é verdade, mas uma religião que poderia muito bem ser o traço de união entre todas as religiões. «A doutrina caodaista — segundo nos informa Gabriel Gobron— tende não só a conciliar todas as convicções religiosas, mas também a adaptar todos os graus de evolução espiritual».

O Caodaismo não tem, pois, o mínimo sectarismo e não faz exclusão de pessoas. E encontra-se ainda outra prova no passo do capítulo «Sabedoria Oriental», onde li a seguinte afirmação:

Para ser caodaista, não é necessário fazer profissão de fé, não é necessário ligar-se a qualquer juramento: a liberdade de consciência é soberana.

Sendo assim, quantos não serão caodaistas sem o saber ? Encontro ali os princípios de união geral dos espiritualistas que, desde 1923, me levaram a aderir à *Aliança Espiritualista Universal,* geradora do Conselho Espiritual Mundial, cujos Congressos de 1946, 1947 e 1948 se realizaram, respectivamente, em Bruxelas, Paris e Lausana. Estas palavras dirigem-se ao espiritualismo, isto é, ao conjunto de todas as religiões e filosofias que aceitam a ideia de um Criador do mundo, da existência do ser humano, de um princípio pensante e da sobrevivência do mesmo princípio após a morte do corpo físico.

No tocante ao Espiritismo, a cuja propaganda me tenho dedicado o mais possível, devo dizer que no Caodaismo encontrei a afirmação das teses que sustento.

Efectivamente, o Caodaismo nasceu do Espiritismo. Desde 1919 que Ngô-Van-Ckiêu, delegado administrativo do governo da Cochinchina no posto de Phu-Quoc, fazia sessões de Espiritismo com jovens médiuns de 12 a 15 anos e recebia comunicações de espíritos superiores. Um deles, que se interessava particularmente por Phu-Ckiêu, dava ensinamentos de grande alcance filosófico e fazia revelações muito elevadas. Queria manter o anonimato e assinava A. A. A., mas em 24 de Dezembro de 1925 concordou em revelar-se como *Ser Superior,* vindo ensinar a verdade ao país de Annam, sob o nome de Cao-Daí.

A origem espírita do Caodaismo está provada num artigo de Jean Ross, que, no *Colon Français,* escreveu isto: «...Jovens secretários dos Donanes, das obras públicas, dos caminhos de ferro, da sociedade... juntam-se de quando em quando à saída dos escritórios e divertem-se com a mesa-de-pé-de-galo. São todos budistas». Jean Ross diz, em resumo, que obtêm resultados interessantes, pois um Espírito os aconselha a servirem-se da prancheta, processo mais rápido que o da mesa, e a dirigirem-se ao seu compatriota deles, Phu-Ckiêu, propagandista do Espiritismo, que aceitou o encargo de guiar os moços.

O mesmo espírito disse-lhes em seguida que procurassem Lé-Van-Trung, membro do Conselho do Governo, cujo nome ignoravam. Esta visita foi considerada por ele como aviso e constituiu uma conversão verdadeiramente extraordinária.

Não me canso de aconselhar aos leitores desta revista que estudem o Caodaismo. Verão a que ponto esta nova religião é susceptível de conduzir o mundo a uma era de paz e fraternidade. Não estará ali o ideal de todos os espiritualistas em geral, quando tenham suficiente evolução para se afastarem do sectarismo ? É, finalmente, o objectivo dos verdadeiros espiritas que conhecem os perigos do fanatismo e que, uma vez no campo da fraternidade, devem usar sempre a tolerância, tantas vezes preconizada pelo nosso querido e venerado Allan Kardec.

A ÁFRICA E AS SUAS TRADIÇÕES

por António J. Martins

(redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na África Equatorial Francesa)

A África, como a Índia, é um país misterioso e em grande parte desconhecido. Os seus naturais são objecto de admiração e espanto para o europeu que, pela primeira vez, aborda a estas inóspitas regiões do Globo.

Ao contacto com esta raça de crianças, como lhe chamou um grande escritor francês, o europeu sente-se recuar na imensidade dos séculos para quase atingir os tempos prè-históricos, tal a impressão que recebe dos estranhos costumes, da vida despreocupada e simples que o indígena apresenta à vista do observador.

Mas tudo isto é mais aparente, que real. Visto mais de perto e objectivamente observado, sente-se fàcilmente que este ente humano está obedecendo ràpidamente às leis da evolução e do progresso. São curiosas ao infinito as concepções que esta gente (tão alheia à civilização que, como disse Camões e ainda hoje é uma grande verdade, «apenas as vergonhosas partes cobrem») tem da família, da divindade, da morte, do Além e da ideia rencarcionista. As suas leis sociais são as leis naturais observadas com escrupuloso espírito religioso. É para eles sagrada a lei da família, que também consideram a base da sociedade constituida. O respeito devido aos mais velhos e a maneira como acatam e ouvem seus concelhos, que, com razão, consideram fruto da experiência, são dignos de registo. A ideia que fazem da morte está mais de acrdo com a doutrina espirita, que sentem através das leis do instinto, do que a do europeu espirita, formada, muitas vezes, em estudos filosóficos de grande valor, sem dúvida, mas que não sabe assimilar e pôr em prática, como seria de desejar.

Quando um dos seus desencarna em qualquer aldeia ou lugarejo, a morte é festejada com banquetes, festas e danças que duram alguns dias. A essas festas são convidados todos os amigos do defunto que, reunidos, cantam e dançam à volta da sepultura do desaparecido. Curiosas manifestações que à primeira vista se apresentam aos olhos do europeu, como espectáculo próprio de povos selvagens. No entanto, considerem os espiritas que me lerem na resposta que me foi dada, quando, em presença de um destes casos, manifestei a minha estranheza perante semelhante maneira de chorar os mortos:

— Vocês, os brancos, sabem muita coisa, mas ainda não sabem tudo. Como querem vocês que a gente não sinta alegria pela libertação do nosso irmão, se a morte veio pôr um termo às suas atribulações e necessidades? Se o espirito (a que os indígenas desta parte da África chamam «Moyo», o que quer dizer «o interior do si mesmo») do falecido não visse à sua volta esta manifestação de regosijo, seria grande o seu desapontamento, por considerar, e com razão, falta de correcção, de caridade e consideração, levando à conta de egoismo a ideia de desejarmos que o seu espírito continuasse vestido de carne. Por isso, festejamos o acontecimento que livrou o nosso irmão do médico, do enfermeiro e dos «milongos» (remédios). Contente por saber que lhe desejamos bem, ele nos protegerá no silêncio das noites escuras, como na claridade das noites de luar, contra as entidades que apoquentam muitos dos nossos irmãos».

São os casos de obsessão, de possessão, de mediunidade, etc.

A crença na sobrevivência é para o indígena um ponto de fé indiscutível, como tem por certa também a ideia de uma vida melhor no Além. Admite plenamente a ideia de Deus, de quem se consideram filhos, mas não podem compreender porque nasceram pretos, quando preferiam ser brancos. Conformam-se, porém, com essa desigualdade, porque admitem que o que Deus faz não se discute, e sentem-se felizes por se saberem superiores aos animais, que consideram sem alma, única coisa que tem valor a seus olhos.

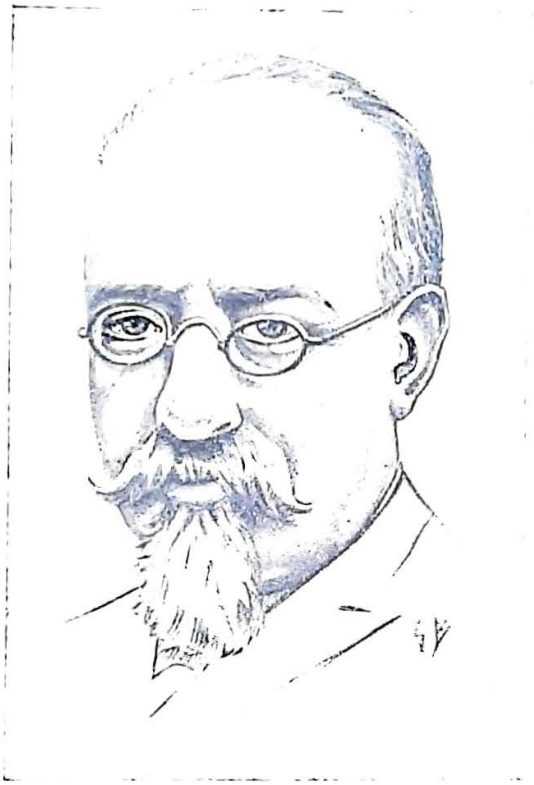
De tudo isto se deduz que, sempre, desde a mais remota antiguidade aos tempos modernos, a crença na imortalidade não deixou de acompanhar a humanidade, guiando-a da infância à maioridade e conduzindo-a, de conquista em conquista, de KRISNA a CONFUCIUS e de BUDA ao CRISTO, para adquirir a certeza da sua eternidade, razão máxima da sua criação e desse Deus de quem provimos e a quem alcançaremos depois de depurados, através de múltiplas existências e do conhecimento perfeito e completo das leis divinas.

Duvidar desta grande verdade é duvidar de si mesmo, de Deus e de Suas leis. Mas a dúvida só é possível àqueles que preferem a

HIPNOTISMO E ESPIRITISMO

Prefácio de César Lombroso a este famoso livro de sua autoria

Quando me dispus a fazer um livro relativo aos fenómenos ditos espiritas, depois duma vida consagrada ao desenvolvimento da psiquiatria e da antropologia criminal, os meus melhores amigos crivaram-me de objecções, dizendo que ia perder a reputação. A pesar disso, não hesitei em prosseguir, verificando que deveria coroar a minha carreira de lutas pelo progresso das ideias, pugnando pela ideia mais contestada e ridicularizada do século.



De resto, os meus adversários tinham boas razões. Ainda não há muito tempo que eu pensava como eles. O Espiritismo parece incompatível como essa grande conquista moderna que é o monismo. Comparadas à precisão e à constância dos factos de experiência científica, sempre semelhantes e concordando no tempo e no espaço, as experiências espiritas, variáveis com os métodos, as horas e as disposições dos assistentes, têm sempre alguma coisa de incerto e fugidio, a despeito do controlo de instrumentos laboratoriais e de observadores severos, como Morselli, de Vesme, Crookes, Richet, Lodge, James, Hyslop, Wallace, de Rochas, Herlitzka, Foa, d'Arsonval, etc.

Se alguma observação particular parece tomar aquele aspecto, o conjunto de observações forma um maciço de provas que desafiam o cepticismo, visto que o estudo actual da radio-actividade mostra excepção, pelo menos aparente, ao grande princípio, segundo o qual não há função sem orgão, nem manifestação de energia sem perda de substância.

Aliás, as conclusões do Espiritismo estão longe de contradizer o monismo, pois que a alma, voltando novamente à matéria fluídica (visível e palpável em certos casos), continua a pertencer ao mundo da matéria. Eis o que concilia pela primeira vez a experiência científica de todos os séculos e de todos os países, desde os povos antigos e selvagens até os civilizados actuais, experiências cristalizadas na legenda religiosa que, pela quantidade e acordo dos sufrágios, embora com prejuizo da sua qualidade, lhe confere autoridade pelo menos igual, senão superior, ao pensamento dos grandes filósofos.

Por isso eu tenho evitado todas as conclusões teóricas nestas investigações, para fazer irradiar no espírito do leitor numerosos factos baseados no consenso universal. Quanto ao mais, estou bem longe de pretender uma certeza completa. Após estes laboriosos estudos, a hipótese espirita apresenta-se-nos qual mar imenso, donde mergem, aqui e ali, algumas ilhotas, nas quais só o geógrafo adivinha traços de antigo continente, enquanto o vulgo se ri, considerando-a audaciosa. Mas ela só é audaciosa na aparência.

(Esta obra será publicada por «Estudos Psíquicos Editora», em tradução de Isidoro Duarte Santos).

---

sombra, de preferência à sagrada luz da Fé que ilumina as almas, luz que brota da esperança num futuro melhor e da certeza de um Criador sábio, soberanamente justo e bom.

É essa luz que entusiasma ao infinito as almas nobres e as eleva às maiores alturas em todos os domínios da inteligência humana. E à medida que o homem melhor a vai compreendendo, mais veemente é o desejo de se alçar acima da atmosfera da terra, onde o domínio da carne lhe esconde as maravilhas da espiritualidade.

Se o atrasado indígena da África a sente e compreende, porque duvidará dela o homem civilizado?...

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

CRAWFORD E A TELECINESIA

por Akhar

A pesar dos trabalhos de Ochorowicz, Schrenck-Notzing e Crookes, os fenómenos telecinéticos ganharam maior esclarecimento sob o impulso orientador de Crawford. Comprovando as conclusões daqueles, as suas marcam três pontos capitais:

1.º — natureza do mecanismo do fenómeno;

2.º — acção condicionada pelo fenómeno ectoplásmico;

3.º—necessidade de estreita colaboração entre o experimentador (cf. Schrenck-Notzing, in *Phénomènes Physiques de la Médiunité)* e os «guias».

Se para a teoria metapsicológica os dois primeiros são decisivos, o terceiro marca mais um argumento em favor da tese espirita. Crawford é o próprio que, não sendo um «crente», é forçado a aceitar essa condição *sine qua non* de trabalho e a notar que são esses «guias» invisíveis quem realmente se submete ou mesmo sugere novas vias de experiência. O médium Kathleen Coligher não passava, em suma, de um meio de produção do ectoplasma necessário ao fim em vista.

Em duas obras (*A Realidade dos Fenómenos Psíquicos* e *Experiências em Ciências Psíquicas)* e num derradeiro artigo publicado no *Psychic Research Quarterly* de Outubro de 1920, Crawford descreve as experiências feitas, conduzidas de um modo que eliminava toda a possibildade de fraude. Notou sempre (e chegou mesmo a fotografar) uma substância *sui-generis* que pelas suas propriedades físicas (viscosidade, baixa temperatura, etc.) se assemelhava ao «ectoplasma» emanado pelos médiuns de materialização, embora ele o considerasse de um tipo mais grosseiro.

Se bem que geralmente pouco consistente, a substância patenteava por vezes uma rigidez quase metálica, comportando-se também como um condutor eléctrico de alta tensão.

Seguindo os seus trabalhos, Crawford supunha que essa substância saía do corpo do médium sob a forma de fios extraordinàriamente finos, invisíveis por transparentes, conexos, aderindo entre si e aos objectos cujo deslocamento se pretendia conseguir. Uma força, seguindo o eixo do feixe de raios, provocava-lhes uma torsão, transformando-os num cabo, numa «alavanca rígida». Os pontos de apoio variavam com o fenómeno a produzir, ora ocasionando aumentos ora diminuições do peso do médium (diminuição que por simples exteriorização da substância desconhecida chegou a atingir metade do peso normal do médium. (cf. Zoellner, in *Física Transcendental* e Aksakoff, in *Desmaterialização Parcial do Corpo dum Médium)*. Manejadas por invisíveis operadores, essas alavancas produziam levitações de objectos pesados (mesas, cadeiras) controladas por balanças e fácilmente seguíveis nas condições de luminosidade comum nos trabalhos do professor do Colégio de Belfast.

Estas concludentes experiências vieram apoiar a tese de Geley da predominância dum dinamo-psiquismo sobre o complexo fisiológico e ainda a necessidade do concurso dos tais operadores invisíveis que, interrogados por Crawford, se mostravam como simples «operários» obedecendo a instruções de entidades mais evoluídas e que, por esse mesmo facto, não podiam por si entrar em contacto directo, embora com uma matéria da natureza do « ectoplasma ». E Crawford (como Schrenck-Notzing) afirmou mesmo que para obter resultados se tinha de assumir a atitude mental de quem acreditava firmemente na existência desses auxiliares invisíveis...

Indiscutìvelmente, Crawford aclarou o mecanismo do fenómeno telecinético, tal como Ochorowicz e Schrenck-Notzing penetraram bem longe na estrutura íntima da substância ectoplásmica. Saber-se que essa substância é extraída do corpo do médium, qual a sua natureza e ainda como ela funciona e do meio de produção dos deslocamentos dos objectos sem contacto, é muito. Mas, qual o processo de extracção dessa substância? Que parte ou partes do organismo a fornecem? Como volta a reintegrar-se?

Nada há até agora que nos permita responder com segurança a estas questões. E infelizmente são raros os médiuns como Eva C., Stanislawa Tomczyck e Kathleen Coligher.

NOTA — Em 1941, assistimos numas sessões a algumas levitações de objectos onde se a hipótese de fraude é de eliminar, o mes-

A Conferência de Ramos Pereira
em Santarém

Como anunciámos no último número, a direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor deslocou-se a Santarém no passado dia 31 de Outubro, a fim de acompanhar Ramos Pereira em mais uma jornada de propaganda espirita no meio profano. Na estação de chegada éramos aguardados pela Direcção da nossa filial escalabitana, a quem se devem belos e inestimáveis serviços.

Seguimos imediatamente para o Clube Literário Guilherme de Azevedo, na Travessa dos Bacelos, cuja Direcção cedeu amável e graciosamente o amplo salão, para que Ramos Pereira apresentasse mais um trabalho notável, além dos muitos que já tem apresentado.

A sala estava literalmente cheia de público selecto: médicos, advogados, professores do liceu e muitos estudantes profundamente interessados pelo assunto que ia ser ventilado.

Da mesa de honra faziam parte os seguintes confrades: Presidente — 1.º tenente Isidoro Duarte Santos; Secretários — José F. Cabrita e João José Pilar, respectivamente, 1.º secretário e 1.º tesoureiro do Centro E. Luz e Amor. Estes confrades eram ladeados pela Direcção da Filial de Santarém, representada por António Rodrigues, José Leonor Frazão Júnior, Manuel Marecos Henriques, Francisco Bernardino Nogueira e Josué Paula da Cunha.

Também estava presente o sr. Comandante da Polícia de Santarém, em representação de Sua Ex.ª o Governador Civil, que assim quis demonstrar a sua simpatia pelo nosso trabalho, gentileza que reconhecidamente agradecemos.

Isidoro Duarte Santos apresentou o conferente e saudou o generoso povo de Santarém, verdadeiramente hospitaleiro e amigo da cultura. Depois agradeceu a gentileza das autoridades constituídas, para as quais teve palavras de gratidão e justiça, aproveitando o ensejo para mais um vez exaltar a coragem daqueles que afrontam o preconceito para se entregarem ao estudo do Espiritismo, a doutrina mais discutida deste século.

Ramos Pereira entrou seguidamente na exposição do tema O ESPIRITISMO E A VIDA, fazendo o estudo das correntes materialistas do século dezanove que deram origem à eclosão da Doutrina Espirita e demonstrando como o Espiritismo estava inteiramente ligado à vida do homem, nele exercendo enorme e indiscutível influência. Sempre escutado com grande atenção, produziu um trabalho digno da sua mentalidade e que perdurará, certamente, na memória de quantos assistiram a tão interessante e útil conferência, cujo sumário é o seguinte:

I — O valor duma ciência na prática da vida. O trabalho da ciência e da filosofia. Ciências independentes. O papel da Nova Psicologia na Pedagogia, na Orientação Profissional, na Sociologia e na Psiquiatria.

II — O Espiritismo e a Metapsicologia Experimental e a aplicação desta à vida humana.

III — A orientação profisisonal e as aptidões elementares, determinadas pelos videntes e metagnomos tácteis. O grafólogo Schermann e o psicómetra Redmond. O valor destas indicações para guia do psicólogo.

IV — A psicologia, o delinquente e o testemunho judicial. O vidente e o metagnomo no exame pericial. O metagnomo cristaloscópico Otto. A revelação do vidente e o choque psicológico do réu ou da testemunha. O vidente acareado com o réu submetido ao *lie-detector*.

V — A Metapsicologia e a Medicina. O valor do magnetismo na cura de afecções nervosas. O médico Ludwig Laszky e o magnestismo curador. A Psiquiatria e o magnetismo. A metagnomia e a diagnose. Os trabalhos de Watraszewky e R. Connel. O estudo de substâncias medicamentosas através dos sensitivos.

VI — A hiloscopia e o estudo de terrenos e cursos de água. A psicometria. Os trabalhos de Elisabeth Denton.

VII — A metapsicologia e a história. O Dr. Wood e a fonética egípcia. O prosopopese, grande meio de investigação histórica, com auxílio de Guias, em experimentações bem orientadas.

VIII — A psicologia aplicada à metapsicologia experimental. A necessidade do Espiritismo efectuar essa dilatação com objectivos de elevação espiritual, mercê de melhor aproveitamento da experiência terrena.

A exposição de Ramos Pereira foi sublinhada com uma vibrante salva de palmas. Isidoro Duarte Santos levantou-se de novo para encerrar a sessão, dizendo que o homem actual se dispersa demasiadamente em divertimentos quase inúteis, esquecendo o estudo da sua individualidade moral e social, indispensável ao conhecimento integral da sua missão terrena. Eis porque é necessário difundir o Espiritismo no meio profano, onde há muitas almas sequiosas da nova luz espiritual que emana desta doutrina. O Espiritismo — disse — tem a sua Mensagem e vem oferecê-la ao mundo, para que o mundo se redima pelo seu próprio esforço e dele resulte uma sociedade melhor, em que o homem deixe de ser o lobo do homem. Vinde dessedentar-vos nesta fonte perene e vereis como a vida se prolonga em surtos grandiosos que dão tranquilidade e felicidade e demonstram que o trabalho construtivo é a mais bela credencial do homem de bem.

E assim terminou mais uma sessão de propaganda espirita no meio profano, levada a efeito pelo Centro Espiritualista Luz e Amor e a sua Filial de Santarém.

---

mo se não poderá dizer duma absoluta falta de contacto. O «operador invisível» exigia-nos, aceitando, todavia, a luminosidade perfeita, a formação de uma cadeia magnética a curta distância do objecto. Este erguia-se cerca de 30 cm., seguindo uma direcção vertical e acusando um ligeiro movimento ondulatório.

Quando tal fenómeno se produzia, era frequente uma sensação de sopro frio ou dum contacto gélido. Seria isto resultado duma emissão ectoplásmica ?

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

CURAS ESPANTOSAS

Apareceu há pouco em Londres um homem de extraordinário poder magnético que deixa os médicos boquiabertos. Chama-se Harry Edwards e tem feito demonstrações públicas do seu poder de cura, sob os auspícios de associações espiritas. *Psychic News* há tempos que difunde notícias a respeito, a última das quais no seu número de 6 do corrente. Vamos trasladar para aqui alguns passos do artigo, intitulado em grandes parangonas: «*Ele endireitou a pior curvatura espinal que eu vi na minha vida*».

O título corresponde precisamente às palavras de uma enfermeira do hospital que assistiu ao trabalho de Harry Edwards, durante a demonstração de cura feita em 31 de Outubro no Victoria Hall (Salão Vitória), patrocinada pela *Marylebone Spiritualist Association*.

A enfermeira não teve relutância em dar o nome e o endereço. É a *irmã Kemp*, residente em 17 Streatley Road, Brondesbery. Como demonstrasse desejo de verificar a espinha dorsal do doente, foi convidada a subir ao estrado onde o curador operava, corroborando a afirmação deste, segundo a qual o enfermo tinha a espinha curvada, semelhando um duplo S, e acrescentando que em parte alguma haveria tratamento médico que conseguisse a cura.

Após alguns momentos, Edwards disse que a exmidade da curva estava a desaparecer. A enfermeira verificou e disse que era verdade. O tratamento continuou, simplesmente com passes magnéticos, que se alongaram pela perna até o joelho, produzindo flexibilidade nos tecidos retesados e endurecidos e normalizando o doente.

Um rapaz que sofria de artrite no maxilar inferior havia cinco anos, recebeu instantâneo alívio das mãos do curador. O homenzinho ficou tão impressionado, que desapareceu imediatamente a dar ao queixo, como quem duvidasse de cura tão estranha. No fim da sessão perguntaram-lhe se ainda sentia o mesmo alívio e ele respondeu que se sentia maravilhosamente.

A senhora R. Anderson, moradora em 20, Newbury Road, W. 3, Londres, que tinha os artelhos anquilosados por fibrosite, ficou tão satisfeita com o tratamento aplicado num pé, que pediu tratamento para o outro. Impostas as mãos, ouvem-se fortes estalos nas articulações doentes.

— Pronto — diz Edwards. — O seu pé está normalizado.

O noticiarista perguntou à senhora Anderson como se encontrava.

— Entrou satisfeitíssima — exclamou ela —. Há dez anos que tinha esta perturbação. Agora, espero trabalhar.

Na assistência estava uma senhora que sofria de paralisia parcial de mãos e pernas em consequência de choques recebidos durante *raids* aéreos e que saira do Hospital de Earlhampton dada como incurável, o mesmo tendo afirmado quatro neurologistas e um especialista.

Ao começar o tratamento, Edwards profere estas palavras:

— Aplicaram os raios X ao cérebro desta mulher e a causa do mal está na espinha.

Acto contínuo volta-se para a assistência a convidar alguém que quisesse verificar a curvatura espinal do doente.

— Eu quero ver isso! — respondeu um homem novo.

E subindo ao estrado, verificou que a espinha se inclinava para o lado esquerdo.

Os espíritos curadores começam novamente a agir através de Edwards. Momentos depois, este exclama:

— Veja agora!

— Agora está direita — respondeu o homem.

Depois, voltando a atenção para uma senhora que tinha as mãos doentes, o curador segurou-lhas (relação magnética) e perguntou:

— Como podemos nós verificar as suas mãos?

— Não sinto os objectos —, disse ela.

— E agora? Sente a diferença?

— Sinto, — respondeu ela, sorrindo.

E assim terminou a demonstração de cura de um grande médium que surge no sector espirita londrino. Harry Edward está destinado a substituir o célebre Parish que há pouco desencarnou. Suas maravilhosas faculdades são postas ao serviço da humanidade, deitando a baixo a falsa ideia da incurabilidade de muitas doenças que a medicina oficial não pode debelar, a pesar dos progressos da terapêutica.

OS FENÓMENOS DA ILHA DO GOVERNADOR

A *Noite*, do Rio de Janeiro, publica em sua edição de 22 de Setembro último uma sensacional *reportagem* acerca dos misteriosos fenómenos da Ilha do Governador que durante muitos dias se manifestaram num modesto barracão da Rua Tenente Cleto Campelo. A *reportagem* refere o que se passou ali no dia 21, atraindo dezenas de curiosos, não só da Ilha, como também do Rio de Janeiro e doutras regiões mais distantes.

O artigo intitula-se *O guarda-vestidos tombou sobre a cama* e é acompanhado de duas enormes fotogravuras apresentando a evolução dos movimentos do móvel; uma de 22 cm. × 36 cm. e outra de 14 cm. × 22 cm., mais de meia página do *Diário de Notícias!*

Para não lhe tirar o sabor, vamos transcrevê-lo na integra:

A modesta habitação da rua Tenente Cleto Campêlo apresentava um aspecto desolador, com todos os vidros dos móveis quebrados, o telhado com telhas partidas, o guarda-louças e a diminuta cozinha, fora da casa, desprovidos completamente de utensílios de louça ou de vidro. Tudo havia sido feito em cacos pelas mãos misteriosas que vêm perturbando, de forma implacável, a traquilidade de dois humildes lares.

A desarrumação dos móveis dava, além disso, uma impressão melancólica de casa assaltada. É que, com o intenso movimento de curiosos, que chegam mes-

mo a invadir as duas únicas dependências do barracão, não pode haver perfeita ordem interna. Junta-se a esse quadro desolador o lamentável estado de espírito dos seus moradores, sua apreensão ou, às vezes, revolta pelos estragos causados, a irregularidade das refeições, por isso que não raro os alimentos, depois de prontos, são atirados ao chão — e poder-se-á fazer uma ideia do ambiente actual do mal-assombrado barracão.

Outra vez, o fogão atirado ao solo — A família ficou sem jantar

Em palestra com o Sr. António Viana, proprietário do barracão, soubemos que os fenómenos que ali se realizam ainda não cessaram, a pesar de mais espaçados.

Segundo ainda o nosso informante, dois espiritas do Rio haviam estado em sua casa, e, durante os trabalhos que levaram a efeito, o pequeno fogão a óleo em que cozinham foi atirado ao solo, derramando-se o conteudo de uma panela que estava ao fogo. Por esse motivo, a família ficou sem jantar, tendo o chefe da casa, sua esposa e dois netos seguido para a residência de uma filha, onde esperavam comer alguma coisa.

A prova impressionante da tarde — Diante do redactor e do fotógrafo de A NOITE, bem como de numerosas pessoas, um guarda-vestidos tomba misteriosamente

Eram 18 horas, mais ou menos, quando, a sala cheia de conhecidos e de alguns curiosos, a senhora Júlia Viana, que se encontrava no interior do quarto ao lado, veio dizer que haviam virado o bercinho de sua filha de meses. No mesmo instante o aposento foi invadido e verificada a veracidade da afirmativa da referida senhora. Fizeram-se comentários em torno do caso, tendo o fotógrafo de A NOITE reposto o berço na sua natural posição. Mal haviam todos voltado para a sala, eis que D. Júlia torna a informar:

— Agora é o guarda-vestidos que foi movimentado!

Imediatamente o quarto é de novo invadido pelos presentes e todos vêem o móvel inclinado para a frente, equilibrado apenas sobre dois pés. Era impressionante o quadro! Dir-se-ia que o guarda-vestidos se inclinava numa estranha reverência a um invisível personagem... Ante o fenómeno, sentiram todos um misto de surpresa e de pavor. Embora bastante abalado, o nosso fotógrafo bateu uma chapa do móvel, que continuava firme, paralisado na sua diabólica reverência...

Passados alguns momentos, o redactor de A NOITE, olhando o guarda-vestidos, e a pesar de não acreditar que algo pudesse acontecer, falou bem alto, para que todos pudessem ouvi-lo:

— Quem colocou esse móvel na posição em que se encontra não poderia fazê-lo voltar à posição anterior, isto é, encostá-lo de novo à parede?

Dois segundos não se haviam passado, quando, à vista atónita de todos, o móvel tomba pesadamente sobre a guarda da cama que lhe estava próxima, quebrando as portas daquele e alguns objectos que se encontravam em seu interior.

Foi um instante de verdadeiro pavor. O fotógrafo trémulo, mal podia suster o aparelho para bater a segunda chapa. Mas o flagrante foi feito. Os presentes se entreolhavam apossados de um terror indescritível. Uma senhorita, revelando apreciável calma, propõe fazer uma prece segundo o ritmo protestante. Aceito o alvitre, abre uma bíblia e lê um trecho da mesma, sob o silêncio nervoso dos presentes. Depois, mais preces. Todos rezam contritamente, numa nobre comunhão de sentimentos, num alto desejo de luz para a alma dos autores daquelas maléficas actividades e de paz para os inditosos moradores do barracão...

A polícia da ilha vai guardar o barracão da rua Tenente Cleto Campelo

Como já temos escrito, a família de António Viana e a de seu filho Nilton, além dos aborrecimentos causados pelos estranhos fenómenos em seu barração, estão sendo molestados, dia e noite, pela verdadeira onda de populares que acorrem à rua Tenente Cleto Campelo, uns na esperança de testemunharem os referidos fenómenos, outros por simples curiosidade. Os moradores do barracão mal se podem mover em seu pequeno interior, sem que dezenas de olhos os acompanhem por todo o lado. De vez em quando, alguém da família pede que os curiosos se retirem. Mas outros chegam. Invadem o barracão, ora pela frente, ora pelos fundos. Ante tal situação, foi solicitado o auxílio do delegado da ilha, D. Fausto Barreto, que, atendendo ao apelo, prometeu mandar postar um polícia à entrada da referida habitação, a fim de impedir que seja invadida pelos curiosos a todos os momentos.

Fenómenos deste género surgem a cada passo, aqui e além, chamando a atenção de gregos e troianos para o outro lado da vida. E a humanidade incrédula e materializada não tem olhos de ver nem ouvidos de ouvir! Quando sentirá ela que a Doutrina Espirita abre novos horizontes à espiritualidade e tem a chave de grandes mistérios que, uma vez compreendidos, produzirão nas almas a maior revolução moral do século?...

Um poliglota assombroso

Há tempos, o jornal *Luz da Verdade*, de Salvador, Baía, publicava o seguinte telegrama que o *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro inseria em sua edição de 12 de Setembro de 1947:

RIO, 12 (Meridional) — A reportagem descobriu nesta capital um menino que sabe falar e escrever mais de dez línguas. Seu nome é Dario Vasconcelos. Conta 16 anos e nasceu na cidade de Salvador, Baía. Dario estudou em Juiz de Fora, num colégio de padres. Fala espanhol, italiano, alemão, francês, inglês, latim, romeno, provençal, russo e esperanto, estudando no momento holandês. Trabalha na «Sousa Cruz». Seu desejo é concorrer ao Instituto Rio Branco, para seguir a carreira diplomática. Terá, no entanto, de esperar quatro anos, pois só aos vinte ali poder ser admitido.

Esta notícia telegráfica leva-nos mais uma vez à teoria de reencarnação, única que poderá explicar de forma racional tão extraordinária e profunda excursão no domínio da linguística. Sob o envólucro carnal de Dario Vasconcelos não estará um antigo professor de línguas?...

Notas & Comentários

NOVO REPRESENTANTE

Mais um representante de Estudos Psíquicos no Brasil. Desta vez é uma senhora que tem dado à causa do Espiritismo o melhor do seu esforço. Reside na cidade mineira de Sacramento, onde exerce o cargo de presidente da União da Mocidade Espirita.

Agradecemos-lhe a boa vontade que manifestou ao sugerirem-lhe a ideia de representar a nossa revista. Brevemente voltaremos a este assunto, quando Corina Novelino — este é o seu nome — entrar na secção «Nossos Representantes».

FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

No próximo número publicaremos uma grande reportagem ilustrada acerca da missão e trabalho da Federação Espirita Brasileira. Noticiando as realizações do Espiritismo no Brasil, fazemos obra de verdadeira propaganda. É preciso que o mundo conheça as excelências de uma doutrina mil vezes combatida e mil vezes triunfante. A Federação Espirita Brasileira tem sido fonte inesgotável de água viva. Milhões de almas vibram de felicidade espiritual, mercê das numerosas obras espalhadas pelo seu Departamento Editorial. O artigo que vamos inserir nesta revista há-de causar sensação; e a pesar de nos ter sido difícil obter as informações necessárias, em virtude daquela colectividade ser infensa a divulgações autobiográficas, temos material bastante para assinalar condignamente o esforço gigantesco da Casa de Ismael na difusão das obras fundamentais do Espiritismo.

MATERNIDADE «CASA DA MÃE POBRE»

No dia 10 do corrente foi comemorado o aniversário da Maternidade Casa da Mãe Pobre com a inauguração da Creche e da Lavandaria. Esta última dispõe de materiais perfeitíssimos, o melhor que existe no género. O seu custo, incluindo a caldeira a vapor e a canalização, orça por trezentos mil cruzeiros! Uma verdadeira obra de Deus materializada pelos homens!

O mundo necessita de muitas maternidades para resolver o maior problema social deste século. Robustecer a humanidade é apetrechá-la com elementos novos de progresso. Protejamos as mães e as crianças! Doutro modo não daremos à pátria homens sãos, capazes de honrá-la e dignificá-la!

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE METAPSÍQUICA

Segundo noticia Constância, *de Buenos Aires, acaba de fundar-se em Rosário de Santa Fé a Associação Médica de Metapsíquica Argentina. É seu presidente o Dr. Orlando Canavésio, que há pouco foi nomeado Chefe do Gabinete de Metapsíquica do Instituto de Psicopatologia Aplicada, dependente da Secretaria de Saúde Pública da Nação.*

A referida entidade lançou à publicidade a Revista Médica de Metapsíquica, *cujo segundo número publica um trabalho do Dr. Canavésio referente ao conhecido vidente Eric Cortuney Luck, em que se esgotam os elementos de orientação fisiopatológica da Metapsíquica, no tocante ao estudo deste metagnomo.*

O vice-presidente da associação é o Dr. Eduardo Barbagelata; secretário, o Dr. Ramón Muñoz Soler; 2.º secretário, o Dr. Javier Pérez Parachu; tesoureiro, o Dr. Guido Ricci; 2.º tesoureiro, o Dr. Enrique Seary; vogais, os Drs. Luiz Acquavella e Eduardo Baxter.

Esta notícia revela o interesse que o psiquismo está merecendo aos intelectuais argentinos. A fundação em Buenos Aires de um Instituto de Psicopatologia é o melhor argumento para os que lutam no sentido de vulgarizar as experiências de sábios ilustres que preferem a verdade ao preconceito das academias.

O ESPIRITISMO EM SANTARÉM

No passado dia 31 de Outubro, a Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor deslocou-se a Santarém, a fim de acompanhar o nosso confrade Ramos Pereira na sua conferência, a que nos referimos noutro lugar deste número.

O ambiente espirita criado naquela cidade é verdadeiramente auspicioso. A filial do nosso Centro tem-se esforçado na divulgação dos princípios espiritas. É uma obra digna de menção que muito auxilia a propaganda no meio profano.

Há absoluta necessidade de levar conferentes a outras terras da província, para que volte o entusiasmo antigo que tantos núcleos originou. Mas esta obra tem de estender-se a outras colectividades. Todos os que possuam faculdades oratórias devem pô-las ao serviço da Causa, para que o número de adeptos aumente e possamos realizar obras sociais de grande alcance humanista.

UMA CASA DE SAÚDE

Temos recebido numerosas cartas, incitando-nos a continuar na propaganda da Casa de Saúde para obsidiados, o que nos leva a verificar grande entusiasmo por uma ideia nobre que poderá vir a proliferar em futuro mais ou menos distante.

Agradecemos a todos os correspondentes — de Portugal e do Brasil — o apoio que nos dispensam. Temos a convicção de que triunfaremos se pusermos em acção a nossa força de vontade. Bem sabemos que há dificuldades respeitáveis, mas talvez não sejam intransponíveis. A questão é esforçarmo-nos, demonstrando que uma Casa de Saúde deste género auxiliará a resolução dum problema até agora insoluvel para a psiquiatria, que muitas vezes usa meios inadequados à doença que deseja curar. O obsidiado não é verdadeiramente louco, visto que pode não ter lesões orgânicas e a sua anormalidade ser proveniente da acção

Noticiário

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Lembramos mais uma vez aos leitores que está aberta a subscrição do Natal, destinada a levar um pouco de conforto aos necessitados protegidos por esta revista e pelo Centro Espiritualista Luz e Amor. Agradecemos, pois, que dêem bom acolhimento à circular que acompanha este número, proporcionando-nos os elementos indispensáveis à obra de beneficência que realizamos todos os anos no mês de Dezembro.

Destinados à mesma subscrição, recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos:

Tansporte do número anterior	1.770$00
A. Bastos dos Santos, de Lisboa	20$00
D. Helena Fernandes, de Lisboa	100$00
A., de Lisboa	20$00
D. Sebastiana C. Abreu, de Lisboa	10$00
Levy Gomes, de Lisboa	10$00
D. Maria Manuela Martins, de Lisboa ...	20$00
L. V., de Lisboa	20$00
Total	1.970$00

AVISO AOS SÓCIOS

Voltamos a informar que a cobrança das cotizações dos sócios que não pagam na sede é feita pelo correio. Rogamos a todos o favor de acolherem com interesse os recibos que lhes são enviados, facilitando-nos uma tarefa espinhosa que requer muito trabalho e dedicação, visto que os directores do Centro E. Luz e Amor não auferem remuneração pelo esforço que despendem.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Como estava anunciado, Ramos Pereira realizou no dia 21 do corrente, no Centro Espiritualista Luz e Amor, a sua conferência «Caminhada Humana», perante uma assistência que o soube compreender e vibrar com o seu entusiasmo. Foi um dos mais belos trabalhos do nosso querido companheiro de redacção. Remontando aos tempos primitivos, fez a história do ser humano até aos tempos actuais, demonstrando a existência de um princípio psíquico em permanente evolução. Mas de tal modo e com tal vibratilidade expôs a tese, que conseguiu prender a assistência durante hora e meia, suspensa da sua palavra fácil e admiràvelmente espontânea.

Poucas vezes Ramos Pereira terá atingido semelhante nível de orador, como nesta magnífica conferência. Que pena não poder ter sido taquigrafada!

maléfica de entidades espirituais que, uma vez doutrinadas, são susceptíveis de afastamento, produzindo-se assim a cura, sem ingerência de drogas ou sujeição a traumatismos violentos, como o electro-choque, que devia ser banido da terapêutica, por ser brutal e atentatório do respeito que nos merece a pessoa humana.

CRÍTICA DE LIVROS

Temos recebido, por vezes, remessas de livros destinados à secção bibliográfica e cuja crítica tem sido feita regularmente pelo nosso confrade Ramos Pereira. Sucede, porém, que alguns editores nos enviam *um único* exemplar para aquele fim, em vez de *dois*, como estipulámos há muitos anos. Informamos, portanto, mais uma vez, que só *analisaremos* as obras de que nos sejam remetidos *dois exemplares*. As outras ficarão sujeitas a uma simples notícia

ANAIS METAPSICOLÓGICOS

No intuito de vulgarizar as experiências dos sábios e investigadores psíquicos, abrimos uma nova secção intitulada «Anais Metapsicológicos», completando assim a «Crónica Estrangeira», que tem sido publicada ininterruptamente desde o primeiro número da revista. Um orgão como este não podia desinteressar-se dos trabalhos científicos realizados aqui e além, mais ou menos relacionados com o Espiritismo. Cumprimos assim uma dever para com os leitores, que nos merecem a maior consideração e estima.

TRABALHOS DO CENTRO NO MÊS DE DEZEMBRO

Dia 2 de Dezembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por José F. Cabrita.

Dia 4 de Dezembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 9 de Dezembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 12 de Dezembro, domingo, às 16 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Memória e Perispírito».

Dia 16 de Dezembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por António Cardoso.

Dia 18 de Dezembro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a Médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 22 de Dezembro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por Aires Vaz Raposo.

Dia 23 de Dezembro, sexta-feira, às 14 horas — Distribuição de donativos aos pobres protegidos pelo Centro.

Dia 24 de Dezembro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária do Grupo Amor do Redentor.

Dia 30, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por José F. Cabrita.

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.

Livros Novos

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros :

CORPO E ESPÍRITO, pelo Dr. Carlos Imbassy — Brochado 22$0. Encadernado 30$00

MEDIUNIDADE, pelo Comandante Edgar Armond — Brochado ..... 24$00

CARTAS DO EVANGELHO, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

NA SEARA DO MESTRE, por Vinicius — Brochado ..... 24$00

PARA O ALTO, narrativas espiritas pelo Prof. Leopoldo Machado — Brochado ..... 20$00

COISAS DO OUTRO MUNDO, (O Homem que foi operado por um Espírito) — Brochado ..... 15$00

COLECTÂNEA DO ALÉM, prosa e verso, recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00. Encadernado ..... 20$00

TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU, pelo catedrático Dr. Urbano Ferreira, com muitas gravuras de materializações — Brochado ..... 25$00

ENSAIO SOBRE A REENCARNAÇÃO, por Djalmas Farias ..... 12$00

FACTOS, colectânea de fenómenos impressionantes observados por António J. Trindade obra valiossísima) — Brochado ..... 35$00

AVATARES, romance espirita, por Aluísio de Matos — Brochado .. .. 18$00

O QUE EU VI NO PARÁ (fenómenos recentes de materialização), pelo Dr. Octávio Coutinho — Brochado ..... 6$00

AFINAL, QUEM SOMOS ?, magnífico trabalho histórico, científico e filosófico do Espiritismo, por Pedro Granja — Brochado 35$00

UM SÓ SENHOR, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo Dr. Romeu Camargo — Brochado ..... 28$00

JERUSA, curioso romance espirita, pela médium Olímpia S. Belém — Encadernado ... 25$00

RAYMOND, por Sir Oliver Lodge — Broc. 20$00

MAGNETISMO PESSOAL, por Heitor Durville. *9.ª edição. Brochado* ..... 22$00

A ALMA E O SUBCONSCIENTE, pelo Dr. Alberto Seabra, 2.ª edição. Encadernado 22$00

BHAGAVAD GITÂ (a sublime canção da imortalidade). 4.ª edição. Brochado ..... 22$00

CABALA (A tradição esotérica do Ocidente). 4.ª edição. Brochado ..... 18$00

MÉTODO DE CLARIVIDÊNCIA E PSICOMETRIA, por G. Phaneg. 4.ª edição. Encadernado ..... 17$00

CURA PRÁTICA PELA ÁGUA, por Yogui Ramacharaca. 8.ª edição. Brochado ..... 16$00

CURSO DE INICIAÇÃO ESOTÉRICA. 8.ª edição. Brochado ..... 30$00

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS OCULTAS. 8.ª edição. Brochado ..... 17$00

A FORÇA DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. 6.ª edição. Brochado ..... 18$00

GRAFOLOGIA. 6.ª edição. Brochado ..... 40$00

O HOMEM E SEUS CORPOS. Brochado ... 16$00

A INICIAÇÃO DE JESUS, pelo Dr. Swinburne Clymer. Brochado ..... 8$00

MEDICINA OCULTA. 6.ª edição. Brochado 40$00

A NOVA PSICOLOGIA, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 16$00

O PODER DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

O PODER DA FÉ, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 22$00

A SUGESTÃO E A AUTO-SUGESTÃO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

TERAPÊUTICA MAGNÉTICA (Estudo progressivo do tratamento magnético) 5.ª edição). Encadernado ..... 18$00

O TESOURO DOS HUMILDES, por Maurice Maeterlinck. Brochado ..... 30$00

OS MEIOS FÍSICOS E NATURAIS NA PROFILAXIA E CURA, pelo Dr. Fred Wachsmann ..... 25$00

Estudos Psíquicos

Mensário de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

(ao serviço do Espiritismo luso-brasileiro)

9.º ANO — LISBOA, DEZEMBRO DE 1948 — N.º 12

Redactor	Director, Editor e Proprietário	Administrador
Ramos Pereira	**Isidoro Duarte Santos**	**Maria G. Duarte Santos**

Redacção e Administração: RUA DO SALITRE, 149-1.º — LISBOA

Composto e Impresso na EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA. — Rua Nova do Loureiro, 20 — Telefone 2 5295 — LISBOA

BONS AUSPÍCIOS

No último número falámos da acção policial exercida em Lisboa contra a chamada bruxaria. Exprimimos a nossa maneira de ver com grande simplicidade e cremos ter conseguido o objectivo desse momento.

Hoje vamos tratar de assunto semelhante relativo a outras paragens, mas que, de certo modo, se reflecte na propaganda que realizamos. É sabido que na Grã-Bretanha existem duas leis seculares contra a feitiçaria e a vagabundagem que infestavam aquele país, causando prejuizos incalculáveis. É sabido também que, há muitos anos, elas se aplicam aos médiuns, quando apanhados no exercício de suas faculdades. Outrora era considerado bruxo ou feiticeiro quem predissesse o futuro (buena dicha), e por isso o parlamento britânico legislou contra a ciganagem que se estendia pelo País de Gales. Hoje, médiuns há, como Helena Duncan, que têm sofrido prisão, em virtude de fazerem demonstrações de clarividência referente ao futuro de certas pessoas.

Temos conhecimento de numerosos protestos erguidos por altas individualidades contra essas leis obsoletas. *Sir* Artur Conan Doyle e Hannen Swaffer distinguiram-se no clamor das vozes discordantes, o primeiro na Câmara dos Comuns e o segundo numa famosa carta-aberta ao então Ministro do Interior, Morrison, seu colega de partido. Eram tão violentos os termos da carta, que toda a gente aguardava forte reacção do Ministro, cuja acção contra os médiuns ficou assinalada.

E os grandes jornais espiritas *(Psychic News* e *The Two Worlds)* continuaram suas campanhas contra as negregadas leis aplicadas a médiuns genuinos. De vez enquando, luzia uma esperança no espírito dos lutadores; mas depressa a ilusão se extinguia como fumo e tudo voltava à mesma situação vexatória.

Estudos Psíquicos referiu-se muitas vezes aos esforços dos espiritas britânicos, no combate que davam à velha legislação de mais de dois séculos e que, mercê dos costumes, podia ser desenterrada do pó dos arquivos para aplicação arbitrária a qualquer médium que trabalhasse, mesmo sob auspícios de associações legalmente constituídas. Bastava que um polícia quisesse, e o médium caía imediatamente nas malhas da lei: assistia a uma sessão vestido à paisana, fazia uma pergunta em companhia de dois amigos para servirem de testemunha... E quando o médium lhe revelava qualquer ponto da sua vida, pronto, mostrava o bilhete de identidade e a velha lei entrava em cena. Instaurava-se o processo e a prisão era epílogo inevitável no drama que se seguia.

Como da calúnia alguma coisa fica, também dos protestos aludidos alguma coisa resultou de benéfico para o Espiritismo. O actual Ministro do Interior, Chuter Ede, encara a possibilidade de nova legislação que descrimine a posição daquelas duas leis antigas. Assim o declarou há dias numa reunião do Partido Trabalhista efectuada em Melksham (Wilts), quando o eminente espirita local sr. F. G. Padfield lhe perguntou o que pensava acerca do *Witchraft Act* (lei da feitiçaria):

— Espero encontrar uma oportunidade de reformar a lei, de modo que os verdadeiros espiritas não tenham medo de cair nas suas malhas. Não sou adepto da religião anglicana e vejo com tristeza tudo o que prejudique a liberdade religiosa quem quer que seja; mas o *Witchcraft Act* aplica-se a indivíduos que se arrogam faculdades que não possuem, no intuito de se lucupletarem. Distribuí uma circular aos chefes de polícia, dizendo que se abstivessem de perseguições nos termos da velha lei e só agissem depois de me consultar. Quando os espiritas dirigirem verdadeiras sessões, nada se fará contra eles. É necessário proteger as pessoas inocentes e crédulas contra a chusma de meliantes a que me refiro.

Por seu lado, a *Spiritualists' Union* espera que o projecto de reforma do *Witchraft Act* seja brevemente apresentado e conta com o auxílio de 200 parlamentares que prometeram esforçar-se no sentido daquelas antigas leis não serem aplicadas aos médiuns.

Estamos, pois em face de um problema que vai ser resolvido com justiça, dando a cada um o que, em boa verdade, lhe pertence, dificultando a acção de charlatães que vivem da credulidade pública e libertando os verdadeiros médiuns de perseguições iníquas, como se fossem ladrões ou vagabundos. É que há verdades tão claras e tão simples, que não basta o aguilhão da lei para apagar a luz que emana de seu foco irradiante.

A Reencarnação e os Evangelhos

pelo Dr. A. N. Pinheiro Ramos

II

Reencarnação é a volta do espírito à vida corporal. Reencarnar é voltar a viver, animando novo corpo de carne que é gerado para uma tarefa no mundo corporal. Reencarnação, portanto, não é o mesmo que ressurreição.

Resurreição importa o regresso do espírito ao mesmo corpo que começara a abandonar. Na ressurreição o espírito torna a vestir a mesma roupagem, enquanto que, na reencarnação, o ser enverga nova vestimenta.

A finalidade da reencarnação é fazer com que os espíritos atinjam a perfeição a que estão destinados, uma vez que, em uma única existência, não é possível adquirir-se toda a sabedoria e toda a virtude que é dado, para sermos, na expressão do próprio Cristo, «perfeitos com perfeito é o Pai Celestial» .

Na reencarnação os corpos são formados novamente, em cada existência; os espíritos porém, são os mesmos, embora mais melhorados com as experiências adquiridas, em cada nova reencarnação.

Isto posto, para não ir além da síntese a que somos obrigaos pelo espaço de que dispomos, vamos dar início a uma série de citações e de análises de alguns pontos que nos Evangelhos encontramos, afirmando claramente o ensino das existência sucessivas e solidárias.

Entre os Judeus, este ensino da multiplicidade de existências fazia parte dos princípios ensinados nos tempos de então, sem contudo possuir a clareza de detalhes e a riqueza de pormenores de que hoje dispomos.

Assim foi com todos os ensinos rudimentares da antiguidade, em vista da pequena compreensão e dos baldos conhecimentos que restringiam ensino mais amplo, não só pela falta de conhecimentos científicos, como porque os homens, apegados à vida material, olhavam a Terra como única finalidade e nela depositavam as suas esperanças onde aguardavam receber as recompensas, excepção de uns poucos incompreendidos.

Para todos os que se familiarizam com estas indagações, fácil é compreender a questão que se apresenta também, com a clareza lógica e a precisão indispensável para os que procuram no espírito que vivifica a compreensão racional, livre dos sectarismos exclusivistas, liberta dos juramentos imperiosos e isenta dos votos coercitivos de defender cores partidárias, embora absurdas.

Para todos, pois, que desejem fazer uma ideia sobre este assunto, fica patente que os Judeus, naquele tempo afastado, não poderiam ter conhecimento completo de verdades que só o tempo traria, com o modificar dos sentimentos e com as aquisições da ciência.

A pesar da incapacidade para ensino cabal, encontramos nos Evangelhos a certeza de que os Judeus tinham esse conhecimento, como vários outros de que só a evolução permitiu compreensão clara e aberta.

A crença de que um homem que já vivera pudesse reviver era facto muito comum entre eles, crença que Jesus não destruiu, antes confirmou com a autoridade de seu ensino, de sua elevação e de sua missão superior.

Nos Evangelhos encontrámos Zacarias, o velho sacerdote, pai de João, o Baptista, recebendo a comunicação de um espírito, anunciando que sua mulher, Isabel, havia concebido e daria à luz um filho que «*viria na virtude e no espírito de Elias*», o profeta de todos conhecido e que já vivera na Terra.

Todos sabiam que o profeta Elias voltaria, como era corrente entre os judeus, antes que o Messias anunciado chegasse. Tal ensino motivou a pergunta dos discípulos a Jesus, indagando a razão por que os escribas e os fariseus afirmavam ser preciso que o profeta Elias viesse primeiro.

Confirmando este ensino, o Cristo afirmou positivamente que Elias já viera, muito embora não fosse reconhecido. E porque não o foi, visto não ser o seu corpo o mesmo, trataram-no sem os cuidados que seriam de esperar.

E os discípulos compreenderam claramente as referências do Mestre a João, o Baptista, às quais acrescentou: «*se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há-de vir. «Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir»*, conforme Mateus, cap. XI, v. 14 e 15.

O princípio da reencarnação está, claramente, mais que esboçado. Evidencia-se desta afirmação de Jesus: «*ele mesmo é o Elias que há-de vir*».

Perguntar aos sentidos se existe vida depois da morte é como se metessemos a mão num tanque para apanhar a estrela reflectida nas águas.

(De Cosmos)

ONDE ESTÁ A VERDADE?

por António J. Martins

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Africa Equatorial Francesa)

A mentira teve sempre vida curta, em oposição à verdade, que é eterna. O que é verdadeiro tem em si algo de divino que se impõe à consideração dos séculos.

A verdade foi sempre combatida pela mentira, talvez porque assim seja necessário para melhor fazer ressaltar a sublimidade dessa divina palavra. Estar na verdade, aí está o bem maior a que o homem deve aspirar. Como o diamante no seio da Terra leva milhares de anos a cristalizar antes de nos deslumbrar com seus magníficos raios luminosos, também o homem só através de múltiplas existências, de séculos de vida na terra, vai, pouco a pouco, passo a passo, conquistando uma parcela da grande verdade em que se encontra enquadrado.

A verdade existe e paira acima de todas as coisas, mau grado os interesses, as conveniências e as tentativas feitas para a ofuscar. Sobrepuja-se a todos os sofismas e hipocrisias e brilha com fulgor tão penetrante, que confunde todos os sistemas filosóficos inventados para satisfazer a cubiça e a vaidade humana.

A verdade é obra de Deus e está com Deus. A mentira, produto da terra, foi criada pelo homem e impera no mundo do interesse, da inveja, da desonra, da vaidade e de todas as paixões materiais que assolam e aviltam a personalidade humana. A verdade existe em tudo o que Deus criou, rodeia-nos constantemente e patenteia-se aos nossos sentidos. Na imensidade do espaço, na sublimidade do firmamento estrelado, como nas miríades de mundos que gravitam no eter. Deus, Deus e sempre Deus, visto não sob o absurdo do mistério, do culto empírico do dogmatismo e das filosofias nascidas de imaginações doentias, mas à luz da realidade, da razão e da lógica que decorrem do grau de conhecimentos que permitem à criatura humana ir compreendendo gradativamente as verdades da criação, por um lado, tendo à cabeça Deus, e as grandes verdades morais sem as quais a verdadeira vida é impossível, verdades que são leis que preparam a divinização do homem, lentamente, mas seguramente, alimentada por essa fonte de vida que corre dos sagrados evangelhos, levando à frente, como garantia da vida eterna, a figura monumental de Jesus.

A verdade desce do Céu em torrentes esmagadoras, e, pela boca dos profetas da antiguidade e dos médiuns dos nossos dias, as grandes almas do espaço não se cansam de nos mostrar o caminho, de nos dar testemunho da terna verdade que é a continuação da vida para além da morte. Morrer é viver, nascer é morrer. Tal é a grande verdade. Morrer, é para o homem o acto solene de regresso à Pátria querida, depois de uma pregrinação dolorosa por este mundo de sofrimento. É o bater de asas da águia para as alturas. Ali vai gozar o espectáculo grandioso do espaço, dos mundos em acção e da imensidade da obra do Criador. Nascer é morrer, porque o espírito morre para a luz, mergulha na matéria para novo período de aprendizagem mais penosa, mais difícil, para as lutas da vida terráquea semeada de dificuldades e de incertezas crueis, mas necessárias ao progresso e evolução da alma na conquista de planos cada vez mais elevados a caminho da perfeição.

O homem inicia a sua vida na terra com lágrimas. Chora, primeiro que tudo. Chorar os que nascem e regosijar-se pelos que morrem seria proceder mais sensato e mais de acordo com a verdade.

Para além dos séculos e das idades, já esta grande verdade era difundida. A civivilização helénica, pela voz de Sócrates e Platão, iniciou o mundo nas grandes verdades da imortalidade da alma, da pura moral e da fragilidade das coisas deste mundo, da dor e da sua necessidade como base da evolução humana. A dor e o sofrimento, escola da Terra, a abrirem caminho à verdade neste mundo, para os altos crimes da espiritualidade radiante.

Veio depois o Cristo, o Homem-amor, o Homem-dor, o Homem-piedade, o Homem-luz, o Homem-vida, confirmar e consolidar estas grandes verdades, lançando à terra a semente da Fé, do Amor e da Caridade, que ainda não frutificaram, porque a erva daninha do egoismo tolda boa parte do pensamento humano. À deriva, o homem procura a salvação que não encontra. Ela não vem e

não poderá ter efectivação, enquanto se desconhecerem estas evangélicas verdades. Só através do seu conhecimento, que conduz à solidariedade humana, a humanidade pode salvar-se.

A solidariedade humana, um momento apagada pelo egoísmo feroz dos homens hodiernos, há-de reaparecer mais forte, mais varonil, mais altaneira e impor-se como lei eterna e divina, base do progresso e regeneração humana. Como serão belos os tempos em que a lei da vida tenha por base o amor! Como serão belos os tempos em que, em contraste com a egoística sociedade de hoje, se tenha iniciado na terra e reinado do Cristo, procurando, cada qual, servir o próximo em benefício do próximo! As guerras serão banidas, desaparecerá a miséria, a malquerença, o ódio e a vingança, para dar lugar à união universal sob a égide das grandes verdades cristãs. Mas está longe, muito longe, infelizmente, a efectivação de pensamentos tão queridos. Todavia, que importa, se o tempo nada conta para quem tem por si a eternidade? Somos eternos e, como em tudo o que não perece, o tempo não pode fazer mossa em nossa alma. Assistiremos tão sòmente (e muitas vezes com que espanto, Santo Deus!) à lenta transformação do nosso ser, passo a passo, minuto a minuto, através do oceano tumultuoso das vidas sucessivas, que vão elevando as almas acima da pesada atmosfera da terra, sempre para mais alto, sempre para o mais belo, a caminho dos mundos superiores onde a vida nos parece um sonho e a alma se lança aos pés do Criador num sentimento de eterna gratidão e amor por tanta graça recebida.

A verdade reside na certeza do futuro grandioso da alma. É essa verdade que hoje, mais que nunca, interessa que a humanidade conheça. Materialistas, ateus ou positivistas, seres humanos, quaisquer que sejam as vossas crenças, inclinai-vos perante esta grandiosa realidade! Sois filhos de um Criador que não vos esquece. Fostes lançados na terra com objectivos bem definidos. Cegos e surdos terão que alcançá-lo. Os séculos estão na vossa frente e, como todos os outros seres, sereis empurrados pela onda avassaladora do progresso. Ovelhas desgarradas, voltareis ao redil, mau grado vosso. O caminho da santidade está aberto a todos. Como Paulo, também vós encontrareis um dia a vossa estrada de Damasco. Como ele, sabereis então de que lado está a verdade. Esse dia será de alegria para os mensageiros divinos, pela vossa iniciação nos preceitos do culto da verdade, que há-de alçar-vos às alturas máximas da espiritualidade. Deixai à terra o que é terreno. Elevai os olhos ao Alto, dirigi para lá vossos pensamentos e tereis compreendido, finalmente, que o verdadeiro caminho, o único que interessa à alma humana em peregrinação pela terra, só pode ser o que conduz a Deus, através das máximas legadas com tanto amor pelo Mártir do Gólgota.

Livros Novos

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

CORPO E ESPÍRITO, pelo Dr. Carlos Imbassy — Brochado 22$0. Encadernado 30$00

MEDIUNIDADE, pelo Comandante Edgar Armond — Brochado ..... 24$00

CARTAS DO EVANGELHO, versos formosíssimos, pelo Espírito de Casimiro Cunha — Brochado ..... 24$00

NA SEARA DO MESTRE, por Vinicius — Brochado ..... 24$00

PARA O ALTO, narrativas espiritas pelo Prof. Leopoldo Machado — Brochado ..... 20$00

COISAS DO OUTRO MUNDO, (O Homem que foi operado por um Espírito) — Brochado ..... 15$00

ILUMINAÇÃO, bela colectânea de versos espiritas, por Leopoldo Machado — Brochado ..... 15$00

COLECTÂNEA DO ALÉM, prosa e verso, recebido por Francisco Cândido Xavier — Brochado, 12$00. Encadernado ..... 20$00

TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU, pelo catedrático Dr. Urbano Ferreira, com muitas gravuras de materializações — Brochado ..... 25$00

ENSAIO SOBRE A REENCARNAÇÃO, por Djalmas Farias ..... 12$00

FACTOS, colectânea de fenómenos impressionantes observados por António J. Trindade obra valiossísima) — Brochado ..... 35$00

O QUE EU VI NO PARÁ (fenómenos recentes de materialização), pelo Dr. Octávio Coutinho — Brochado ..... 6$00

AFINAL, QUEM SOMOS?, magnífico trabalho histórico, científico e filosófico do Espiritismo, por Pedro Granja — Brochado 35$00

A MISSÃO DE JESUS

por Fernando da Cruz Ferreira

XXVII

É assim que, na medida por que amamos, somos libertados e consolados, entrando num misterioso repouso. Temos observado em espíritos iluminados esta serenidade que nada perturba. Vimo-la algumas vezes nos nossos irmãos desencarnados e sempre nos nossos mártires.

À humanidade cruciada de dores, presta testemunho a assistência comprovada do Cristo... Ela pode ser—ai de nós! —infiel aos seus deveres. aos conselhos e aos próprios preceitos do Senhor. Não é sete vezes, mas setenta e sete vezes sete, que o perdão divino deve descer sobre todos nós, centelhas da vida universal — Deus — manifestado em todas as formas, desde as infinitamente pequenas — lutando contra os instintos, sofrendo com as nossas paixões, desbravando trevas, conquistando virtudes, vencendo e eliminando vícios e defeitos remotos e recentes para a conquista da coroa de luz que nimbará as nossas auras — diamantes em bruto que burilados pelas ansiedades, pelas dores, pelas lágrimas e pelas vicissitudes da vida, refulgirão quàlquer dia em mil tonalidades, e no calvário de uma série de existências dolorosas que se perdem na noite dos tempos, erguer-se-à uma alta cruz onde a matéria e seus atributos jazerão inermes para sempre.

Mas, se nesta via dolorosa, de braços abertos, corrermos para o Cristo, — todos os que temos a ventura de n'Ele crer — Ele nos ajuda, nos levanta, fortifica e consola e, ou nos alivia dos nossos males, ou nos torna superiores a eles.

Todos os que a Ele recorrem, sabem por experiência própria que digo a verdade. Foi dos lábios de um dos seus servos, torturado por um mal incurável e já prestes a escalar o veu que nos separa da vida espiritual, que ouvi estas palavras, — éco das que foram ditas há cerca de dois mil anos pelo Senhor:

— Não temais. O Cristo está em nós, acima de toda a dor. O Cristo está em nós acima de todo o sofrimento.

Numa tarde serena, na estrada poeirenta que sobe para Jerusalém. Não se encontra nas vizinhanças, sequer uma nascente de água pura, para deleite dos viandantes e refrigério das suas fadigas.

Não há árvores nas bermas que os protejam do sol abrasador. Jerusalém repousava sobre as suas colinas, como uma visão de beleza tanto mais deslumbrante, quanto mais inesperada.

A rainha das sumptuosas galas assentava-se na poeira, e, à sua volta, estendia-se a aridez do deserto.

Mas as palavras de vida caiam sobre os caminhos silenciosos, ora sob a forma de instruções directas, ora sob a forma de parábolas. É a esta segunda forma de ensinamentos que pertencem as palavras a que nos vamos referir. Ligam-se àqueles outros de que acabamos de tratar e assim se explica a sua vizinhança no texto sagrado.

De entre todas as dores que podem atormentar o coração humano e que o Senhor vinha consolar, bem sabia Ele que nenhuma existe mais amarga, que a consciência de uma vida inútil e perdida... Gastou-se todo o dia, todo o longo dia desperdiçando as horas em futilidades — «e passavam seus dias em vaidades e suas vidas se escoavam ràpidamente...»; *passou a mocidade; a idade viril entrou no declínio; chegou a velhice com seu cortejo de enfermidades... de falta de forças. Chega o crepúsculo, a hora triste do escurecer em que ninguém pode trabalhar... Que fiz eu da minha vida?*

Ou. ao contrário: o dia passou num incessante labutar, numa louca actividade febril, sem que jamais uma acção nobilitante, uma oração, um pensamento de fé tenha feito erguer a fronte curvada para a terra.

A vida inteira consumiu-se na absorção das coisas materiais, sem que o homem tivesse um momento sequer para se concentrar nas obras divinas, numa simples oração, elevando o seu coração para o Pai Infinito!... E é então que o Pai de Família vai procurar à praça pública os operários para a sua vinha. Oh! Com efeito, já por várias vezes ali tinha ido. O trabalho é imenso e urgente. É preciso salvar as almas, todas as almas. É preciso conquistar o mundo para o Senhor.

Não é demasiado cedo para responder ao apelo do Mestre, para ir com Ele, para o ajudar desde o romper do dia.

Seja qual for a tarefa marcada pela Providência, todo o tempo se empregará no seu serviço. Suportar-se-á todo o peso do dia e do calor, mas em paz. Sabemos bem qual será, no fim, a recompensa. O Pai de Família com os seus servos e o Mestre com os seus operários, já assentaram no preço: a vida eterna, uma felicidade sem limites, a troco de um trabalho assíduo, mas passageiro. Tudo isto é justo. Poderá não ser justa qualquer coisa que Deus faça?

Mas, à medida que avançamos no estudo do Evangelho, à medida que as horas passam, — a terceira, a sexta, a nona — a misericórdia toma o logar da justiça. Pois quê? O Senhor da vinha ainda nos aceita, quando a nossa mocidade se esvaiu, quando passou a idade viril, quando as nossas paixões nos abandonam conjuntamente com as forças e que os nossos outonos vão caminhando para o inverno?...

Quê!... À sexta hora, à nona hora?...

Mas, que dizer da undecima hora?...

O operário inútil revê em pensamento os grandes períodos desbaratados na ociosidade, começa a lembrar-se dos sucessivos convites do Amor, a que, verdadeiramente absorvido pelas suas inferioridades, não respondeu, não espera mais nada e começa então, com profundo pezar, a medir em toda a sua justeza a extensão da sua indigência.

E assim, no lar deserto, frio, desconfortável, o velho revive mentalmente toda a existência e o uso inútil que dela fez... Acorda todos os fantasmas pálidos que — outrora brilhantes — o arrastaram na sua órbita; avalia as forças perdidas; contempla os celeiros vazios... Nada ter feito, ou ter trabalhado mal...

E chegou o fim. Perdidas as poucas forças ainda existentes, tornado inútil, dentro de breves dias será de mais.

O mar da vida vai fechar o sulco da barca vazia, prestes a sossobrar, sem ter trazido para a terra firme, para o celeiro nem um grão de trigo, nem uma gota de azeite ou de vinho.

Poderão sentir-se na vida cruciantes dores; não poderá havê-las, porém, mais repassadas de profunda tristeza e amargura...

Oh! Se eu soubesse!... Se eu pudesse recomeçar!...

Livros Novos

Acabam de chegar ao nosso depósito os seguintes livros:

UM SÓ SENHOR, obra sobre o futuro do Espiritismo, com a biografia completa do médium Francisco Cândido Xavier, pelo Dr. Romeu Camargo — Brochado ..... 28$00

JERUSA, curioso romance espirita, pela médium Olímpia S. Belém — Encadernado ... 25$00

RAYMOND, por Sir Oliver Lodge — Broc. 20$00

MAGNETISMO PESSOAL, por Heitor Durville. *9.ª edição. Brochado* ..... 22$00

A ALMA E O SUBCONSCIENTE, pelo Dr. Alberto Seabra, 2.ª edição. Encadernado 22$00

BHAGAVAD GITÂ (a sublime canção da imortalidade). 4.ª edição. Brochado ..... 22$00

CABALA (A tradição esotérica do Ocidente). 4.ª edição. Brochado ..... 18$00

MÉTODO DE CLARIVIDÊNCIA E PSICOMETRIA, por G. Phaneg. 4.ª edição. Encadernado ..... 17$00

CURA PRÁTICA PELA ÁGUA, por Yogui Ramacharaca. 8.ª edição. Brochado ..... 16$00

CURSO DE INICIAÇÃO ESOTÉRICA. 8.ª edição. Brochado ..... 30$00

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS OCULTAS. 8.ª edição. Brochado ..... 17$00

A FORÇA DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. 6.ª edição. Brochado ..... 18$00

GRAFOLOGIA. 6.ª edição. Brochado ..... 40$00

O HOMEM E SEUS CORPOS. Brochado ... 16$00

A INICIAÇÃO DE JESUS, pelo Dr. Swinburne Clymer. Brochado ..... 8$00

DO CALVÁRIO AO INFINITO, romance mediúnico recebido pela médium Zilda Gama e ditado pelo Espírito de Vitor Hugo 7.ª edição — Brochado 42$00. Encadernado ..... 50$00

A NOVA PSICOLOGIA, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 16$00

O PODER DO PENSAMENTO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

O PODER DA FÉ, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 22$00

A SUGESTÃO E A AUTO-SUGESTÃO, por W. W. Atkinson. Brochado ..... 18$00

Belo Caso de Vidência Directa

por Achilles Biquet
(Redactor-correspondante de «Estudos Psíquicos» em Liége)

(Tradução de Ivone de Sousa)

A maior parte dos espiritas de Liège recordam-se do trabalho mediúnico verdadeiramente notável realizado por Madame Soler de Villard, quando das suas experiências no salão dos Condes de Méan, e na sede da *Union Spirite Belge* em Outubro de 1947.

No decorrer de conversas que tive o prazer de manter com ela, foi-me dado conhecimento de numerosos factos obtidos por seu intermédio, demonstrando de maneira incontestável a intervenção de pessoas falecidas.

Confiando na sua boa e habitual amabilidade, tomei a liberdade de insistir para que esta senhora me relatasse alguns desses factos.

Além do caso mencionado no presente artigo, Madame Soler de Villard prometeu-me outros, desde que os seus muitos afazeres lhe permitissem escrevê-los. Em nome dos nossos leitores, agradeço-lhe calorosamente a sua colaboração.

Devo acrescentar que esta senhora tem à disposição de quem quiser contestar, todas as provas referentes ao facto que vou descrever.

Relação do facto — Madame Buzin de Montreuil tinha um filho que no ano passado se encontrava em serviço militar na Indochina. Sonhou três vezes consecutivas que seu filho tinha sido assassinado a golpes de punhal.

Sem notícias dele, tudo lhe fazia crer que tais sonhos eram uma verdadeira premonição. Por isso estava aterrada, o que levou uma das suas amigas a aconselhá-la a dirigir-se a Madame Soler de Villard, munida de um retrato do filho, vestido à paisana.

Logo que a médium se concentrou disse:

— Está inquieta por causa deste jovem que se encontra longe, em serviço militar.

— Sim, — responde Madame Buzin.

Precisamente neste momento, Madame Soler de Villard viu, no espaço entre ela e a fotografia, um Bretão, vestido com a indumentária regional. Julgando tratar-se de relação entre esta visão e o mancebo do retrato, perguntou:

— Ele está na Bretanha, ou tem ali parentes ou amigos?

—Não. Não a compreendo, — disse Madame Buzin.

—Pois oiço a palavra *João*.

— Não sei o que quere dizer...

Depois de alguns segundos de esforços, a médium vê distintamente as feições de um bretão que lhe diz: *Jean Leguen*, nome que ela repetiu textualmente.

— *Jean Leguen* era o nome do meu avô materno. Morreu há muitos anos e não o conheci.

A descrição da entidade foi reconhecida exacta. A médium ouviu distintamente:

«Não te inquietes por causa do Roberto. Ele está de perfeita saude. A falta de notícias é causada pelo mau serviço dos correios. Sinto-me feliz, assim como toda a família, por ter podido falar contigo».

É inútil descrever a grande alegria sentida por Madame Buzin. Pouco depois teve a confirmação do que lhe fôra dito, pelas notícias de seu filho, que lhe dizia estar bem de saude.

Comentários — Para explicar este facto apresentam-se três hipóteses: a) o acaso; b) leitura no subconsciente de Madame Buzin; c) intervenção real de uma entidade.

Examinemo-las e procuremos a mais racional.

O *acaso*. — Para determinar materialmente as possibilidades da intervenção do acaso, apelemos, para o cálculo de probabilidades.

O número dos nomes próprios é muito grande, mas entre eles escolheremos 50, para não nos acusarem de exagero.

Para que *Jean* seja escolhido, há portanto 49 dificuldades e uma única probabilidade, ou seja 1/50.

No que diz respeito a apelido, devemos ver cada letra separadamente. Como o alfabeto tem 26 letras e *Leguen* se compõe de 6, a probabilidade do apelido é a seguinte:

$$\frac{1}{26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26}$$

Vemo-nos assim na obrigação de abrir aqui um parêntesis para as pessoas que não estão familiarizadas com o cálculo de pro-

babilidades. Como temos a intenção de usá-lo todas as vezes que dele precisarmos, impõe-se uma pequena explicação acerca da fracção acima citada.

Se só houvesse a letra L para adivinhar, o médium teria uma probabilidade sobre 26 de a conseguir, ou seja 1/26 de probabilidades. Para encontrar as duas primeiras letras L e E, tem de se procurar o número de combinações possíveis com essas duas letras. A cada primeira letra pode-se juntar uma das 26 que compõem o alfabeto. Consequentemente, para cada uma delas há 26 combinações, ou seja 26 combinações para cada letra do alfabeto, isto é, 26 × 26 ou 676 combinações. Há pois 1/676 de probabilidades de adivinhar L e E. Se continuarmos o mesmo raciocinio relativamente às outras letras de *Leguen*, obteremos a probabilidade:

$$\frac{1}{26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26}$$

Podemos acrescentar que havia uma probabilidade sobre duas de prever a vida ou a morte, isto é 1/2.

Portanto, a probabilidade geral no caso que nos interessa, abandonando outros factores para não alongar inutilmente a fracção, é a seguinte:

$$\frac{1}{50 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 26 \times 2} = \frac{1}{20.891.577.600}$$

Por consequência, a médium tinha uma única probabilidade sobre mais de trinta mil de adivinhar com exactidão. Nenhuma pessoa sensata deixaria de reconhecer que seria verdadeira loucura atribuir isto ao acaso.

Incontestàvelmente, encontramo-nos, pois, em presença de um facto supranormal.

O subconsciente. — Se as declarações de Madame Soler de Villard tivessem confirmado o sonho e o pensamento de Madame Buzin, poderiamos admitir a leitura no subconsciente desta senhora ou uma transmissão telepática. Mas devemos regeitar estas eventualidades, porque a médium forneceu indicações em que a sua interlocutora não pensava.

Poderiam ainda — talvez com justificada razão — dizer que Madame Buzin esperava que seu filho estivesse vivo. Mas então, como explicar o aparecimento de *Jean Leguen?* Como explicar também que a dita aparição pudesse emanar do seu subconsciente, visto que ela nunca o tinha conhecido?

Porque não surgiu espontâneamente uma pessoa a quem Madame Buzin dedicasse especial afecto?

Além disto, vejamos o ponto mais importante que aniquila a tese predileta dos metapsiquistas. A visão da médium não era simples imagem ou monodeismo, mas a autêntica aparição de um ser agindo e falando. Ora, para animar esse ser era necessário uma intervenção e um pensamento-motor, os quais não podiam ter a sua origem em Madame Buzin, atento o seu estado de vigília e pensar no filho. Todos reconhecerão que a boa lógica não pode aceitar o subconsciente como solução satisfatória para os dados do problema.

Intervenção real de uma entidade. — No caso citado, devemos admitir que a única explicação racional é forçosamente a presença efectiva de *Jean Leguen*, desencarnado.

Agradecendo novamente a Madame Soler de Villard o obséquio de nos ter comunicado mais esta vidência, ousamos esperar a recepção de outras, a fim de aumentar o número de provas da sobrevivência da alma.

O UNIVERSO

O materialista puro afirma que o universo se mantém por si próprio e consiste exactamente na aparência que apresenta aos nossos sentidos; as aparências são para ele a última realidade. Mas se construir uma teoria mecânica da natureza, dando aos átomos qualquer poder oculto, qualquer consciência, confere-lhes as mesmas propriedades que é preciso explicar. Somos, pois, forçados a crer na Suprema Inteligência e a olhar o Universo como expressão do Pensamento Divino mantido eternamente pela Vontade Divina. É esta, sem dúvida, a interpretação mais simples e verdadeira da natureza.

William Barrett («Nos Umbrais do Além»)

D/48

Dois Estigmatizados Modernos

pelo Coronel Faure da Rosa

O PADRE PIO DE PIETRELCINA (Itália)

O seu verdadeiro nome é Francisco Forgione, natural de Pietrelcina (Benevente, perto de Nápoles), nascido, em 1887, duns camponeses pobres. Muito religioso, entrou para a Ordem dos Capuchinhos, onde adoptou o nome de Pio.

Valetudinário desde a adolescência, um exame radioscópico diagnosticou-lhe tuberculose pulmonar.

Durante o ofício da missa tinha frequentes alheamentos; nunca, porém, se provou que sofresse de epilepsia.

Por virtude da sua precária saude, uns superiores transferiram-no para o convento de S. Giovanni Rotondo, localidade conhecida pela sua salubridade. Havia já muitos meses que ali se encontrava, quando, em 17 de Setembro de 1918, recebeu os estigmas, dos quais não deu conhecimento a ninguém. Três dias depois, na ocasião de celebrar a missa, caiu de costas; as pessoas que o ergueram e deitaram na cama, notaram que as mãos e os pés do P.e Pio apresentavam chagas sangrentas e que no lado esquerdo do corpo se via uma ferida como se tivesse sido produzida por arma perfurante.

O P.e Provincial chamou o dr. Luiz Romanelli, de Barletta, o qual depois de minucioso e reptido exame redigiu um relatório em que terminava por dizer que a pesar de ter visitado o P.e Pio cinco vezes durante quinze meses, não encontrara nenhum indício clínico que o autorizasse a determinar a natureza das chagas.

O professor da Universidade de Roma, dr. Amico Bignami, chamado para observar o estigmatizado, declarou que ele era um homem são, nada tuberculoso, perfeitamente normal do sistema nervoso e aparelho circulatório; que não se tratava de um simulador ou de um psicopático; que a atitude do Padre lhe deixara excelente impressão. Verificou a existência das lesões nas mãos e nos pés e parecia-lhe que as feridas dos pés não eram profundas. Envolveu-lhe as mãos em ligaduras que fechou com lacre onde opôs um sinete. Decorridos os dias que suprunham necessários para a obtenção da cura, tiraram as ligaduras: as chagas apareceram sem a minima alteração; delas escorria ainda sangue vivo e luzidio.

Três meses depois as autoridades eclesiásticas pediram ao dr. Georges Festa, de Roma, que visitasse o P.e Pio a fim de apresentar um relatório exacto acerca das lesões e de, ao mesmo tempo, dar as suas impressões científicas. O doutor observou-o pela primeira vez em Outubro de 1919, tendo, desde logo, certificado a existência do drogas nas mãos e nos pés.

No seu relatório dizia o dr. Festa : que as lesões penetravam os tecidos subcutâneos e reçumavam sangue continuamente, através de uma delgada escara; que a ferida no lado do corpo, de côr rosada, tinha a forma de uma cruz invertida...

Embora esta lesão fosse superficial, — afirma o doutor — dela escorriam gotas de sangue em grande quantidade, a ponto tal que tendo tirado a ligadura de tela que a cobria e estava imbuida em sangue, e tendo-a substituido por um lenço branco, o dr. Festa retirou o lenço completamente ensanguentado depois de uma dezena de horas.

Em Julho de 1920, o mesmo doutor fez nova visita ao P.e Pio especialmente para avaliar a profundidade dos estigmas dos pés. Em Outubro de 1925 operou-o de uma hérnia inguinal de que o Padre sofria havia já sete anos. Nessa ocasião pôde o dr. Festa verificar que o sangue continuava a escorrer incessantemente das feridas e que em nenhuma delas havia indícios de qualquer infecção. Acerca deste estigmatizado, apareceu um livro anónimo intitulado *Padre Pio de Pietrelcina* (Roma, 1926); mas nenhuma dúvida podia haver de que a paternidade pertencia ao próprio dr. Georges Festa — afirma o dr. Alfred Abadir. Como o autor não partilhava do juizo suspensivo do Vaticano, o livro foi posto no Index. É que a política da Igreja é regulada por um oportunismo constante, sistema este — forçoso é confessá-lo — que evita um número infinito de obstáculos dos mais perigosos. Certamente a Igreja considerou que tendo-se espalhado a reputação do monge por toda a Itália e até no estrangeiro, o convento de S. Giovanni Rotondo tornar-se-ia um local de peregrina-

ção. Receando uma explosão de fanatismo, a autoridade eclesiástica pretendeu transferir o Padre estigmatizado para uma outra casa da Ordem, sem que ninguém o soubesse; mas a população de S. Giovanni estava de atalaia e opôs-se pela força a tal transferência durante muitos anos.

Surgiram as controvérsias, as polémicas nos jornais italianos: acusações de todo o jaez lançaram contra o P.e Pio, até os próprios eclesiásticos.

Deu-se, então, a intervenção do Santo Ofício que, em 31 de Maio de 1923, declarava que tendo feito um inquérito aos factos atribuidos ao P.e Pio, «tinha constatado que em tais factos nada havia de subrenatural, circunstância que devia obrigar os fieis a conformarem-se com esta declaração». Em 24 de Julho de 1924 uma outra exposição confirmava a precedente.

E como os Padres provinciais dos capuchinhos defendessem, com calor, o P.e Pio, o convento de S. Giovanni Rotondo foi retirado da sua jurisdição e passou a ficar sob as ordens directas do Santo Ofício.

Esta atitude do Vaticano demonstra, mais uma vez, a sua lúcida prudência, pois nunca se podia saber o que aconteceria se o estigmatizado se conduzisse mais tarde de maneira censurável ou que nas «revelações» recebidas no decurso dos seus êxtases, se afastasse do domínio da estrita ortodoxia católica romana.

Entretanto, há a notar que o Santo Ofício deixou de contestar a autenticidade dos estigmas do P.e Pio; limitou-se a manifestar reservas suspensivas acerca da sua natureza sobrenatural.

TERESA NEUMANN DE KONNERSREUT (alemã)

Teresa nasceu em Konnersreut (Baviera) em 8 de Abril de 1898. Como a maior parte dos estigmatizados modernos, os seus progenitores eram uns pobres camponeses. A calma relativa dos campos, como a dos conventos — observa o dr. Abadir — presta-se melhor que a vida febril das cidades, as ascetismo. A sua aspiração em se fazer irmã das Sagradas Missões, demonstra a sua mentalidade religiosa.

Em Março de 1918 — tinha ela, portanto, 20 anos de idade, estando a ajudar a extinguir um incêndio numa casa vizinha, tendo ficado toda encharcada, de repente caiu no chão com uma dor violenta na região lombar. Seis semanas passadas no hospital não a melhoraram. Durante as terríveis cãibras que a torturavam, ela própria arrancou os dentes já todos abalados. Em Março de 1919 ficou cega; de tempos a tempos deixava de ouvir; por fim, um ataque de paralisia tomou-lhe as duas pernas, depois o braço esquerdo e ainda o lado esquerdo da face.

Em 1920, a Companhia de Seguros pagou-lhe uma indemnização por invalidez total.

Regressada à casa paterna ficou imobilizada na cama. Naquele triste estado — cega, quase surda e paralítica — a sua piedade aumentou. Os seus pensamentos incidiam principalmente na Irmã Teresa do Menino de Jesus, de Lisieux, que lhe diziam, ter sofrido tanto como ela. A leitura de um periódico religioso para a infância preparara o terreno. Em 29 de Abril de 1923, no próprio dia da beatificação da «Teresinha das Rosas», como apelidavam a de Lissieux, Teresa Neumann recuperou a vista, de repente. Espanto justificado dos pais, de todos os conviventes, que atribuiram a cura a uma graça do Céu. Em 3 de Maio seguinte nova cura considerada «Miraculosa»: a enferma sofria muito de uma úlcera nos dedos do pé esquerdo: falavam até em amputação. A seu pedido colocaram-lhe no pé doente, por baixo da ligadura, três pétulas de rosa que tinham tocado o túmulo da Bem-aventurada Tereza do Menino de Jesus. Minutos depois as dores cessaram; retirada a ligadura verificou-se que a ferida estava fechada e coberta por uma ligeira epiderme. A cura completa não demorou.

Em 17 de Maio de 1925, dia em que se realizou na basílica de S. Pedro, em Roma, a cerimónio solene de canonização de Santa Teresa de Lisieux, Teresa Neumann, viu uma grande luz e ouviu uma voz que lhe perguntava: «Teresinha, queres curar-te?» — «Curar-me, continuar doente, morrer», respondeu a aldeã, — «eu só quero o que agradar a Deus». E a voz voltou a dizer: «Quero proporcionar-te alguma alegria. Tu podes sentar-te e andar».

Efectivamente, Teresa pôde sentar-se numa cadeira e andar no quarto apoiada a uma bengala ou ao braço duma pessoa.

Em 30 de Setembro de 1925, aniversário da morte de Santa Teresa, nossa visão análoga à precedente, depois da qual a doente pode levantar-se e andar sem qualquer apoio, e ir à igreja.

A quinta cura produziu-se em 13 de Dezembro de 1926. Havia três dias que Teresa sofia de dores tão violentas nos intestinos que

toda ela se torcia na cama. O médico que a observou diagnosticou uma apendicite e a necessidade de uma operação de urgência. Há a notar que o médico — o dr. Seidl — era uma autoridade em doenças do intestino e especialmente de apendicites.

Teresa pediu que lhe colocassem na parte doente uma relíquia da Santa Carmelita de de Lisieux. De súbito, a doente soergue-se na cama e abre os olhos; o seu rosto parece tansfigurado; pronuncia algumas palavras ao memo tempo que estende os braços para alguém que as pessoas presentes não vêem; pede à mãe o vestido, enverga-o e atravessa a praça para ir à igreja seguida de um cortejo de dez pessoas. O médico verificou a cura.

Os estigmas apareceram a Teresa Neumann alguns meses depois da última cura. No decurso da Quaresma de 1926, Teresa sofreu fortes dores de cabeça em consequência de um abcesso no ouvido. Uma noite, estando deitada, acreditou ver a Cena do Salvador no Jardim das Oliveiras. De repente, sentiu uma dor violenta no lado esquerdo, no qual se formara uma chaga e donde corria sangue em abundância. Nos dias seguintes apareceram-lhe os estigmas nas mãos e nos pés.

O dr. Seidl, médico assistente, declarou que era singular que as feridas não deitassem pus, nem se inflamassem e que era inadmissível atribui-las a um truque.

Teresa também vertia abundantes *lágrimas de sangue*, a ponto tal que, muitas vezes, às sextas feiras, acontecia-lhe ficar completamente cega.

Como de costume, as controvérsias cruzavam-se e as injúrias constituiam o cortejo inevitável destes acontecimentos. A Igreja guardou a mesma prudência que já usara com outros estigmatizados.

Os visitantes acudiam em barda, até que o cura de Konnersreut, em obediência à autoridade eclesiástica, regulou as visitas; não podiam fazer-se sem sua autorização por escrito. Quando Teresa estava mais doente, suspendia as autorizações, pelo menos à sexta feira, dia em que o êxtase e a estigmatização se acentuavam.

Desde Setembro de 1927, Teresa deixou de ingerir qualquer alimento sólido ou líquido.

Da vigilância ininterrupta que se estabeleceu durante quinze dias, resultou a prova de que o jejum era completo, sem evacuação muitas vezes. Durante o sono magnético ela via sempre aparecer-lhe a *linda dama*, sua amiguinha.

Efectivamente, no dia 8 de Maio a senhorinha B... estava completamente curada.
nem perda de peso. Teresa pesava 55 quilogramas no primeiro dia e o mesmo peso acusava no décimo quinto. Todavia, depois do êxtase doloroso e sangrento das sextas-feiras, o peso baixava até 51 quilogramas, mas em poucos dias subia aos 55.

O dr. Abadir pergunta: «Como pode o organismo de Teresa subsistir impunemente sem ingerir e expelir qualquer matéria e sem perder peso? Onde e como obteve a substância de reconstituição de quatro quilogramas de peso consumidos nos êxtases?

«Sem dúvida que o mais fácil e talvez mais racional seria responder: há fraude, embora não seja possível conhecê-la».

Mas muitos casos análogos têm sido assinalados: Lasègue cita a história de uma mulher que viveu de chá cortado com leite e um pouco de café com leite no qual molhava pedacitos de pepino. Diz Lasègue que ela comia de tempos a tempos, mas durante quase um ano ingeriu apenas o que teria sido necessário a uma mulher normal para dois dias.

Independentemente de qualquer influência religiosa, conta o dr. Ch. Richet um caso de cura «miraculosa» obtido pelo magnetizador Marcel Mangin. A senhorinha B..., de vinte e oito anos, sofria de paralisia dos membros inferiores (paraplegia), havia vinte e cinco meses: «sòmente com os braços pode fazer alguns movimentos; a custo consegue voltar a cabeça. Apresenta duas convexidades na coluna vertebral e nos pulmões pieira e som cavernoso; temperatura, à noite, 39 graus». Foi esta a observação clínica. Três médicos fizeram, sucessivamente, os seguintes diagnósticos:

1.º Paraplegia: prognóstico muito grave;

2.º Mal de Pott: compressão da medula e paraplegia;

3.º Paraplegia; lesão medular; prognóstico muito grave.

Quando Marcel Mangin a viu em 26 de Fevereiro de 1820, a senhorinha B... anunciou que ao lado de Mangin percebia a forma de uma *linda dama* a qual lhe estava dizendo que se havia de curar e até precisou que no dia 8 de Maio se poderia levantar. De 26 de Fevereiro a 8 de Maio Mangin magnetizou-a

As lesões torácicas e raquidianas tinham desaparecido. A cura manteve-se: a senhorinha B... casou e teve dois filhos.

Resta-me tratar do *dermografismo do pensamento.*

GALINHA GORDA...

Há tempos veio aqui o sr. Miguel António Cláudio, um português que tem gasto as energias no Brasil distante e voltou a Portugal com experiência a mais e ilusão a menos. Desejava adquirir alguns livros de Espiritismo. E contou logo o seu caso» em três palavras francas, sem mais preâmbulos, como quem sente desejos de contagiar toda a gente com o virus da nova doutrina. E começou:

Quando, há anos, fui para o Brasil, levei algumas mercadorias à consignação com destino ao porto de Santos, no Estado de S. Paulo. Como necessitasse de arranjar um armazém onde depositasse o que tinha comprado, procurei na cidade, juntamente com um sócio meu, qualquer casa próxima das ruas principais. Eram aluguéis caríssimos de 4 a 5 contos mensais. Por isso, abandonámos a ideia de casa naquele local. E pensámos noutra de preço mais acessível.

Mas tudo era caríssimo e estávamos na iminência de gastar no armazém todo o lucro da mercadoria. Eu queria desistir de nova procura. Mas o meu sócio insistia em ver outras casas. E assim andámos muito tempo, de rua em rua, até que se nos deparou um excelente armazém de portas onduladas e casa de habitação.

— Vamos ver esta casa? — perguntou o meu companheiro.

— Não vale a pena — respondi eu —. Deve ser um preço elevadíssimo. Demais a mais, com habitação.

Entrámos. Era, de facto, um verdadeiro achado. Fomos logo à cata do senhorio e indagámos do preço.

— São 300 mil reis — disse o procurador, que nos atendeu, um tanto desconfiado.

— Quanto? — inquirimos, como quem não tivesse ouvido bem, tão oportuna era à pechincha que se nos deparava.

— 300 mil reis — repetiu o homenzinho.

Não quisemos ouvir mais. Ficámos imediatamente com a chave da casa. Até que enfim, Deus protegia-nos e podíamos agora realizar as transacções em sossego, despreocupadamente. Instalámos-nos. Era uma casa amplíssima. Nem nos convenciamos de que semelhante conveniência estivesse guardada para dois negociantes que vinham de tão longe para terras desconhecidas...

Passou algum tempo de afanoso trabalho. E um dia... Há sempre nisto um negro dia! Meu filho escrevia à máquina e eu ditava-lhe qualquer coisa. Lembro-me como se fosse hoje. Nisto, ouvimos três fortíssimas pancadas no interior do armazem. Fiquei sobressaltado e exclamei imediatamente:

— Temos ladrões em casa!

E logo empunhei a pistola «Browning» e ordenei a meu filho que me acompanhasse. Queria percorrer todas as dependências de arma engatilhada e enfrentar os intrusos que se atreviam a assaltar a casa. Meu filha dava volta aos interruptores, estabelecendo a luz eléctrica, enquanto eu esperava, naquela atitude. Por fim, deixámos todas as lampadas acesas. Ladrões não havia...

— É extraordinário! — disse eu a meu filho.

E com um maço tentei imitar as pancadas que tinha ouvido. Acto contínuo, ouço nova pancada, mesmo na minha frente, talvez para que sentisse melhor o ruído e pudesse imitá-lo.

Fiquei arreliadíssimo e só então compreendi a razão do baixo preço daquela casa.

Aquilo estava assombrado. Tratámos de sair quanto antes. Retirámos logo a mercadoria e abandonámos o refúgio. Ninguém podia descansar com a barulheira infernal que lá faziam os invisíveis moradores. Umas vezes, eram portas que batiam; outras vezes, ruidos de louça que se quebrava. Quando lá chegámos, tudo estava em seus lugares. Um mistério, um verdadeiro mistério. Não tivemos remédio, senão sair do maldito armazém. Galinha gorda por pouco dinheiro...

— E agora, sr. Miguel?

— Agora, — respondeu ele — agora sou espirita convicto e nada deste mundo poderá destruir a minha fé. Abençoado armazém, que despertou em mim a necessidade e o desejo de estudar e seguir esta bela doutrina!

E o sr. Miguel António Cláudio — Deus o conserve por muitos anos — lá saiu com os livros e uma grande claridade nos olhos nostálgicos, voltados ainda para a terra brasileira...

As Heroínas de Hydesville

Depois do «Esforço Histórico do Espiritismo», o nosso confrade e redactor correspondente na Baía — Alfredo Miguel — delicia-nos com outro livro, não menos valioso que o primeiro: «As heroínas de Hydesville».

O autor começa por fazer um parelelismo entre os sofrimentos infligidos a todos os médiuns da Idade Média (nesse tempo chamados bruxos e feiticeiros) pela «Santa» Inquisição, com aqueles que padeceram as irmãs Fox há um século. Refere-se às principais vítimas da Inquisição, como Joana d'Arc, levada à fogueira em 1432, a Rogério Bacon, que passou 40 anos na prisão por acreditar na comunicação com os espíritos, a Giordano Bruno, (o maior filósofo da Renascença) que, pela mesma razão, foi queimado vivo em 17 de Fevereiro de 1600, em Roma, etc.

Relata depois, minuciosamente, toda a história de Catarina e Margarida Fox, referindo-se às demonstrações públicas que fizeram da sua mediunidade perante um público céptico e heterogéneo, às acusações vergonhosas de que foram alvo, às opresões que Margarida sofreu por parte de seu marido, um católico ferveroso, etc.

O livro termina com um apêndice, no qual o autor faz algumas considerações sobre os fenómenos espiritas, sempre com um fundo nitidamente moral.

Numa palavra: é mais um livro que todo o estudioso da doutrina lerá com apreço, admirando ao mesmo tempo as qualidades literárias do autor, a quem daqui enviamos as nossas felicitações por mais este trabalho.

«LUZ NO CAMINHO»

NA CRÍTICA DOS OUTROS...

Som o título «As Letras Espiritas em Portugal — Os Livros de Isidoro Duarte Santos», publicou o semanário *Mundo Espirita* do Rio de Janeiro o seguinte artigo devido à pena do grande polemista Dr. Carlos Imbassahy:

Sempre tive pelas letras portuguesas a maior admiração. Creio que ainda não houve pais que conseguisse, numa só geração, tão grandes vultos na literatura, como Portugal no século pasado. Era Herculano, era Garret, era Camilo, era Eça, era Ramalho, eram os Castilhos, era Teófilo, era Bulhão Pato...

Cremos que em parte alguma se conseguira, numa época, a plêiade de escritores que florejou em Portugal. Notamos, agora, a mesma coisa no terreno das letras psíquicas e espiritas. As revistas portuguesas têm sido uma fonte de interessantes estudos, e entre outros, nunca deixo de ler, com especial cuidado, os artigos, as crónicas, as resenhas, os comentários, as criticas de Isidoro Duarte Santos, que além de manejar a pena como escritor máximo, é um erudito na matéria.

Outra virtude de Isidoro é a escolha dos assuntos. E neste ponto mostra que, além de psiquista, metapsiquista e espiritista, é um psicólogo. Porque há algumas pessoas que escrevem bem, que sabem o que escrevem, mas nos fornecem uns escritos, que, a pesar da suculência da matéria, ou por isso mesmo, não nos consentem que passemos do primeiro período, quando ele é curto; se é comprido, não conseguimos alcançar o ponto final.

Outros se embrenham numas puerilidades, mais próprias de jornais infantis, e, embora lhes fiquemos louvando a boa vontade, a sinceridade, o desejo de serem úteis, notamos, ao termo do artigo, que, se ele não fora escrito, o efeito seria o mesmo.

Outros...

Por maneira que, quando vemos um pugilo de beletristas, como ora nos dá «aquele pedaço da Europa à beira mar plantado», não podemos deixar de sentir uma satisfação imensa, vendo que eles se dedicaram à causa espirita, ou a causa espirita possui, em lingua portuguesa, penas daquela qualidade.

Ultimamente nos chegaram às mãos várias obras de Isidoro Duarte Santos.

Uma delas é o «*Resumo da Doutrina Espirita*», traduzido do Doutor Gustave Geley, afamado e pranteado psiquista francês, obra que possuo com muito carinho em minhas estantes, e que me foi gentilmente oferecida pelo meu bom amigo Romeu Camargo. E já outra tradução, *Nos Umbrais do Além*, de Barrett, esta gentilmente oferecida pelo tradutor.

Geralmente, é fácil saber de onde foi traduzida uma obra, porque o tradutor conserva na passagem para o português, os modismos do idioma original. Isto, porém, não acontece nos trabalhos de Isidoro Duarte Santos. A sua versão é portuguesa de lei.

Agora, enviado também pelo próprio autor, tive o prazer de receber mais um livro — *Luz no Caminho* — que são dissertações evangélicas.

Não é fácil escrever sobre assuntos bíblicos, e nós, que víamos a firmeza de mão do autor, quando tratava de asuntos psíquicos, receiámos que ele caisse nos moldes litero-infantis, que, quase em regra, são de estilo em tais casos.

A respeito deles se vem escrevendo há perto de dois mil anos. Os textos são inamoviveis, estão petrificados, e a mobilidade dos que escrevem em torno, parecia ter-se esgotado. O Espiritismo trouxe-lhes seiva vivificante, mas esta, à força de repetida, dir-se-ia que se vai tornando monótona.

Mas Isidoro Duarte Santos é como Vinicius. Todos os assuntos lhe saem da pena com uma graça nova, todos se tornam interessantes, quando são eles que os versam. Foi o que se deu com *Luz no Caminho*. Ali as belezas do Evangelho reflorescem, e lendo a *Luz no Caminho* nós nos enchemos de esperança e de fé, pressentindo que o Caminho é cheio de Luz.

(De *Mundo Espirita* de 4-4-948)

Em *A Flama*, semanário espirita de Uberaba, Estado brasileiro de Minas Gerais, também o jornalista Fausto de Vito escreveu o que segue, sob o título «Luz no Caminho»:

Estudos Psíquicos Editora, de Lisboa, Portugal, vem de lançar à publicidade, para os espiritualistas dos dois Continentes, mais uma obra de imenso valor: *Luz no Caminho*. Produziu-a Isidoro Duarte Santos, ilustre director da apreciada revista *Estudos Psíquicos* e já consagrado autor de várias outras produções que, digamo-lo sem favor nosso, enriquecem de muito o património da literatura espirita, sempre tão bela e tão exuberante, não só sendo ela detentora de tais requisitos mas por encerrar o que de mais transcendente há entre os homens a fim de ser cultuado: A Verdade.

Luz no Caminho, através de seu conteudo de leitura amena, para breve estudo de fácil assimilação, tende a esclarecer o sentido das principais parábolas e mesmo do texto, em síntese, do Novo Testamento, com interpretações que faz o Autor, pelo lado moral, de muitas das passagens do Grande Livro, descritas pelos Evangelistas, além de tecer considerações sobre algumas Epistolas de Paulo.

Não sendo, como se evidencia, um trabalho revestido de originalidade, — referimo-nos àquela «originalidade» autoral superflua e destituida da precisa clareza, forjada na pressuposição de aclarar pontos obscuros disto ou daquilo, — o livro de Isidoro Duarte Santos é, entretanto, na nossa concepção de eternos amantes do Bom e do Belo, dir-se-ia, *salutar fruto maduro da árvore da reflexão vigorosamente arraigada no pomar intérmino da Verdade Espirita*.

Longe, é lógico, estão suas palavras do *literalismo escrituristico* conveniente àqueles que patrocinam o dogmatismo atentatório à liberdade de consciência e, *ipso facto*, cerceador da expansão da boa ética de vida na Terra que se praticaria sem o inútil e apregoado *monastério*, sem os falazes exteriorismos e sem os retrógados princípios que regem determinadas doutrinas, o dogmatismo que em grande parte entrava a prossecução da vida natural e progressiva que primaria por assegurar verdadeiramente ao homem *mens sana in corpore sana*, a vida cujo caminho seria perenemente inundado da luz vivificadora do

À Margem dos Livros

por Ramos Pereira

LA MÉTAPSYCHIQUE DEVANT LA SCIENCE — por *Bertrand de Cressac*. Ed. Dervy. Paris, 1948, 188 págs.

Se a Metapsicologia — ciência do comportamento humano supranormal — ainda hoje não se conseguiu completamente impor como tal, não é por falta de um objecto bem limitado e de um método definido; mas pelos montes de juizos doutrinários com que começam a cobri-la quase desde o início da observação. Erro, erro profundo e de contraditórias consequências, como sempre que se queira fazer teoria e doutrina no mesmo momento. Poderão ter atitudes diferentes um «metapsiquista» e um «espirita», por exemplo, *enquanto* dure o estudo do fenómeno? Eu penso que não... naturalmente que, mesmo em ciência, não bastará saber o «como» do fenómeno; a ciência exige o conhecimento do «porquê» e investiga da lei. E *enquanto* o «metapsiquista» e o «espirita» se mantêm neste campo, não podem nem devem existir mais que as divergências lógicas de dois cérebros raciocinando... Colimado o seu objectivo imediato, o «metapsiquista» e o «espirita» param, porque chegaram aos confins da ciência. Ao reencetarem a marcha, vão penetrar no plano de uma filosofia da ciência. Se o primeiro, num esforço, tenta tudo explicar sem recorrer a uma linha espiritualista, o segundo deve conhecer os resultados desse esforço, porque aquilo que ele não pode suficientemente aclarar ou explicar será argumento reforçando a sua tese de espiritualidade. Com razão Henri Regnault só classifica de «espirita» o que não pode explicar pelas teses dos não-espiritas. Feita a filosofia da ciência, o «espirita» quer ir mais longe e... constroi um edifício doutrinário, tanto mais perfeito quanto coadunado com a filosofia do fenómeno e da existência.

Mas... é assim que se faz sempre? Indubitàvelmente que não. O que devia ser regra é a excepção. O espirita está mais disposto a «crer», que a «experimentar», esquecendo o axioma kardecista — «o Espiritismo ou será científico ou nada será»; e o «metapsiquista» está mais interessado em vasculhar na multiplicidade complexa dos fenómenos um «ponto» donde ataque os crédulos espiritas, do que em ponderar os fracos das suas próprias teses. E, sendo assim, ambos se negam...

Eis porque uma obra como a do Presidente da «Association Française d'Études Métapsychiques» é digna de ser lida e «pensada». Analisando o problema metapsicológico numa planimetria geral, mostra como sobre ele se edifica uma ciência. Bertrand de Cressac não se deixa cair no fácil resvaladouro que apontámos e antes, com a coragem do cientista e a agudeza do psicólogo, aborda as dificuldades e... as fraudes, o problema da «medida» possível e o valor que da sua aplicação resulta. Lendo-o e relembrando Rhine, sentimos a satisfação de ver os frutos da aplicação metódica do cálculo de probabilidades, aplicação essa de que algumas vezes nos foi dado falar (v. «manifestações anímicas e espiritas», tese apresentada na Federação Espirita Portuguesa, na sessão comemorativa do 1.º Centenário de Hydesville).

A hipótese metapsíquica com que o Autor encerra a sua obra (onde talvez haja influência das ideias de Myers e William James) é indiscutivelmente interessante; mas, para uma análise, necessário se tornaria uma exposição mais completa: — hipotetiza o Autor a existência de um «éter psíquico» para onde tende o fulcro psíquico individual após a morte e onde acaba por se fundir — mas ele é o próprio a desculpar-se pela «forma simbólica e sucinta» com que expõe.

Sem apriorismos cómodos mas ofuscadores, o Autor deu-nos uma obra digna de ser meditada por todo aquele que dá os primeiros passos na senda da fenomenologia metapsicológica, quer atraído pelo lado aliciante da Doutrina Espirita, quer desejoso de encontrar uma base segura para tudo negar...

LUZ ACIMA — pelo Espirito do *Irmão X.* psicografada por *Francisco Cândido Xavier* — Edição da Federação Espirita Brasileira Rio, 1948. 189 págs.

No seu estilo predilecto — a crónica — o «Irmão X» (Humberto de Campos?) dá-nos, através da notável mediunidade de Francisco Xavier, mais uma obra doutrinária. Se formalmente a possamos considerar inferior às «Reportagens» e às «Crónicas» na sua tonalidade geral, é indiscutível que em «Resposta», «Carta despretenciosa» ou em «O homem e o boi» palpita o mesmo senso agudo de crítica construtiva. Talvez haja nesta obra de agora mais evangelismo, mais mensagem e, por isso, seja menos contundente e irónico.

Consolador a proporcionar à Humanidade a rota segura a seguir, aunada com Cristo, em demanda de mais breve e menos custosa evolução espiritual; longe, enfim, de interpretar literalmente a vida missionária de Jesus, o redentor do género humano, reportada fielmente no seu Evangelho, o autor de *Luz no Caminho* oferece-nos, de coração aberto, a mão amiga conduzindo-nos a nós humildes obreiros da vinha do Senhor ao estudo de seu belo livro, facultando-nos ensejo para a dissipação de dúvidas quanto ao eternamente imitável exemplo do Divino Mestre na sua jornada sublime de redenção da humana criatura. Seu livro é um *vade-mecum* de moral cristã, que a quem o ler importará, quem sabe, aos próximos actos, em novo degrau galgado na *Escada de Jacob:* a subida para o Alto.

Para nós adeptos do Reencarnacionismo kardecista é *quase um dever* ler este útil compêndio.

Nossas últimas palavras são de agradecimento a Isidoro Duarte Santos pelo magnífico exemplar com que nos presenteou e de efusivos parabéns pelo sucesso alcançado.

De «A Flama», de Uberaba)

NOTA — *No último número publicámos uma transcrição de* União, *de Bauru, Estado de S. Paulo, que foi por lapso atribuida ao semanário* A Flama, *de Uberaba.*

N.º 23
DEZEMBRO
1 9 4 8

Página Organizada
por KYLAS

Muito bons dias!

Queridos irmãos pequeninos:

Tal como o ano passado, só vos desejo, muito do coração, uma «Consoada» muito feliz e umas férias não menos alegres.

Permita Deus que a família a quem pertenceis vos estime muito e vos ampare, e vós estimai-os também, porque os verdadeiros pais não negam sacrifícios que tragam a felicidade dos filhos.

Sempre: a amizade da irmã mais velha

KYLAS

★

O CORPO

Venenos

Veneno é toda a substância que altera ou destroi as funções vitais.

Todo aquele que absorveu qualquer porção de veneno, apresenta geralmente os seguintes sintomas: experimenta sensações de cheiro nauseabundo, de sabor desagradável, ácido, calor escaldante no estômago; a boca estará seca e espumosa; os lábios e as gengivas lívidas, brancas, vermelhas ou negras; tem náuseas, vómitos, soluços; respiração difícil e pulsações aceleradas; suores frios, etc.

Escuso de ir mais longe, pois estes sintomas são mais que suficientes.

O tratamento a aplicar imediatamente é fazer ingerir ao doente um vomitório, três ou quatro vezes, em pequeninos intervalos, e fazê-lo beber água morna.

É de toda a conveniência, levar o paciente ao hospital para uma lavagem ao estômago.

Se o veneno foi engulido há pouco, talvez consigam fazê-lo sair se provocarem vómitos ao paciente. Nem sempre, porém, isso é fácil.

O ideal seria tomar o antídoto do próprio veneno tragado, mas é muitas vezes difícil saber a natureza do produto a neutralizar.

O melhor de tudo, meus meninos, é ter muito cuidado. Nada de confundir o petróleo com vinho, a gasolina com água, etc., etc., etc.

★

Mãe

Com três letrinhas apenas
Se escreve a palavra MÃE,
Que é das palavras pequenas
A maior que o mundo tem!

Heloisa Cid

★

AS QUALIDADES

Tolerância

A tolerância é antes de mais nada o respeito profundo pelos direitos e liberdades dos outros, mas é também o resultado de um sentimento de benevolência para com o próximo. Sem tolerância os homens não poderiam ser felizes. Se entre os grupos e os indivíduos não existir mútua tolerância, uma agitação constante perturbará o sossêgo da nação. É preciso saber suportar as opiniões, as ideias políticas e as crenças religiosas dos outros e proceder em todas as circunstâncias da vida em harmonia com estas palavras do Evangelho, que resumem de um modo tão perfeito a noção da fraternidade:

«Faze aos outros o que quererias que te fizessem».

Trindade Coelho

«Manual Politico» (Adaptação)

Natal

25 de Dezembro! Salve!

A alegria invade o coração de todos os cristãos e não há um só ser que deixe de homenagear aquele que na terra foi o exemplo da pureza, a bondade personificada, o Mestre por excelência — JESUS.

Ó Senhor! Contrista-nos a alma, ainda vermos criaturas que desconhecem a tua lei, o teu Evangelho divino. Sofremos ainda, por ver as criaturas divorciadas dos teus sublimes ensinamentos. O «Amai-vos uns aos outros», tão recomendado por vós, parece que não encontrou éco no coração da humanidade tão infeliz.

O «Sermão da Montanha», essa magnífica peça de arte, poesia, consolo, sabedoria e amor, ainda é quase que desconhecida. Mas, senhor, vós sois bom e, na certa, ainda dispensais à humanidade aquele mesmo amor, aquela mesma dedicação.

E neste teu Natal, Jesus amado, formulo a mais sincera das preces para a felicidade dos homens. Para que eles se voltem para os teus sublimes ensinamentos e se amem reciprocamente, relegando para planos secundários as questões, os ódios e os ressentimentos, a fim de que o teu Natal tenha o verdadeiro sentido e a homenagem a ti prestada, senhor, seja de facto pura, sincera e alegre.

Que o Natal festejado este ano seja mais um marco da vitória de teus ensinamentos, nos corações das criaturas para o bem-estar e progresso espiritual da humanidade.

Rocaza Tomé

★

O saber apenas se torna prejudicial quando caminha ao lado do orgulho. Sempre que a modéstia o acompanha, encaminha a alma a amar profundamente Deus e o género humano.

Silvio Pélico

★

O Natal dos Pobres

Criança!

Se destinares, desde já, ao Natal dos pobrezinhos alguns dos níqueis que em frivolidades gastas, terás, ao fim do ano, o suficiente para diminuir o infortúnio alheio, aumentando a alegria que, por certo, palpitará em teu formoso coração. Pratica a caridade, criança, aproximando-te de Jesus pela maior das homenagens que lhe poderás tributar.

De **Iclea** («Para as Crianças»)

Jesus Ladrão

por **André Brun**

Como essa noite fosse a de Natal, o Menino Jesus, depois de ter pedido licença a seu divino Pai e de a Virgem Nossa Senhora lhe ter confiado uma estrela para que se alumiasse na viagem, saiu do céu a dar a sua volta tradicional. Seguiam-no legiões de anjos carregados como ouriços de quantos brinquedos se encerravam nos celestes armazens; e os astrónomos que viram passar aquela estrela, seguida da mancha branca das asas dos anjos, logo se apressaram a dizer que um novo cometa cruzava os céus. Meu Deus! Que ignorantes são estes pobres sábios!

Nessa noite, por capricho, quis Jesus começar o seu giro por este cantinho de Lisboa, e pacientemente esperou atrás de uma nuvem, que batessem no Carmo as doze badaladas da meia noite. Apenas o sino grande acabou de as cantar na neblina da noite, começou o filho de Deus a sua faina. Os anjos iam à descoberta. Espreitavam pelas negras chaminés os fogões, onde havia sapatinhos de criança e marcavam com um traço luminoso de seus dedos talhados sob os quais floria uma esperança infantil. Então o filho de Deus descia pela escuridão e nem uma mancha de fuligem maculava a alvura puríssima da sua túnica. Em cada lar adivinhava as ambições pequeninas que os sapatos revelavam. E aqui deixava uma boneca, além um cavalo de pasta, etc.

Numa casa rica, um sorriso irónico floriu nos lábios do filho de Maria. Um mariola de sete anos, achando pouco pôr um só dos seus sapatos, pusera o par. Eram dois sapatinhos de verniz com fivela lavrada, calçado de boa marca e de criança feliz.

Cuidava o ambicioso pedinte enganar Aquele que tudo sabe. Jesus sorriu e, na sua bondade, que tem perdão para as maiores culpas e redime os maiores crimes, abriu generosamente a mão e deixou ficar duas prendas.

Esgotara-se, entretanto, o fornecimento de brinquedos e os anjos do séquito tinham partido em revoada para o céu a buscar nova remessa. O Menino Jesus sentou-se a descançar sobre o beiral do telhado de uma casa, numa rua triste e só. Começara a cair uma chuva mindinha e fria que regelava os ossos e tamborilava nas vidraças.

Jesus, fincado o queixo na mão, apoiado o cotovelo na pernita cruzada, examinava a rua e os que se encostavam à parede, fugindo à chuva. Chamou-lhe a atenção um vulto acochado no degrau de uma porta. Era uma massa confusa, um monticulo de sombra ali recolhido. Intrigado, o filho de Deus desceu no ar até junto do que despertara a sua curiosidade e viu então um mendigozinho de dez anos, roto, andrajoso, dormindo sob a nortada. No seu sono batiam-lhe os dentes — e os pés descalços, o rosto contraído, os pedaços de carne, que se adivinhavam através dos rasgões do fato, eram roxos de frio.

Aquela miséria fez bailar nos olhos de Jesus uma lágrima de remorso. Descera à terra para trazer alegria aos pequenitos ricos; e aqueles dez anos miseráveis agonizavam sem um carinho, fustigados pela crueza de um Dezembro sem entranhas. Sobre a criança dormindo, Jesus estendeu o gesto protector da sua mão divina, e logo o garoto sorriu, numa expressão de consolo. Deixara de ter frio, e a água que o ensopava, de gélida que caía, em manto de agasalho se tornara.

Jesus olhou para as suas mãos vazias. Nem um brinquedo lhe restava para encher de surpresa o despertar daquele mísero. Recordou-se então do tal par de sapatos de verniz que um garotito ditoso pusera na chaminé, antes de se meter numa cama fofa e perfumada de beijos.

E abalou, voltou a descer à chaminé com um gesto receoso de ladrão que teme ser descoberto, furtou os sapatos e, com eles muito chegados ao peito, veio de abalada até ao mendigo. Quando regressaram do céu os anjos, novamente carregados de brinquedos, encontraram Jesus chorando defronte do gaiato que dormia, vestido de miséria e calçado de verniz.

★

O Primeiro Barco

por ***A. Correia de Oliveira***

Passavam aves aos pares,
a água, em ondas, fugia,
e o homem, triste, sofria,
preso nos mesmos lugares.

Oh! Quem me dera — dizia —
ir longe, por água ou ares,
além de rios e mares!
Que lindo! Como seria?...

Nisto, passa de repente
um tronco sobre a corrente.
— Como és feliz! Onde vais?...

...Eis os instantes primeiros,
que fizeram marinheiros
os nossos primeiros pais.

A Barra de Ouro

Júlio era um pobre trabalhador que vivia nos arredores de uma grande cidade. Era moço ainda, mas, tendo-se casado muito cedo, tinha quatro filhos e lutava com muitas dificuldades para sustentá-los.

Um dia, não encontrando trabalho, estava na maior miséria. Desesperado, e depois de muito andar, sentou-se à beira de uma estrada. Estava assim muito triste, quando passou o velho médico do lugar, que lhe perguntou a causa de sua aflição.

Júlio contou-lhe o sucedido e explicou-lhe que a luta incessante pela vida começava a desanimá-lo, tirando-lhe as forças e a coragem.

— A tua situação é triste, não há dúvida — disse o médico —, mas não se deve desanimar nunca. Vem comigo. Eu creio que posso minorar os teus sofrimentos.

Júlio subiu para o carro do doutor e prestes chegaram à cidade. Saltaram diante de uma casa de bela aparência e aí o doutor fez com que o trabalhador entrasse para o seu gabinete.

Havia ali um objecto amarelo colocado sobre um móvel, debaixo de uma redoma de vidro.

— Olha bem para isto — disse-lhe o doutor —; é uma barra de ouro que vale 5 mil cruzeiros. Eu herdei-a de meu pai, que, quando começou a vida, era tão pobre como tu. mas a coragem nunca lhe faltou. Economizando vintem por vintem, levou muitos anos para juntar o dinheiro com que comprou esta barra de ouro. Quando morreu, deixou-me apenas isto e eu fiquei em situação difícil; mas, seguindo o exemplo de meu pai, lutei corajosamente e consegui angariar fortuna sem tocar nesta barra de ouro, que era para mim uma recordação preciosa.

Tu nada tens. Vou dar-te esta barra de ouro. Se tiveres juizo e ânimo, lutarás para conservá-la e dá-la um dia a um mais pobre do que tu.

O doutor disse isto entregou a preciosa barra a Júlio, que se retirou, agradecendo muito.

Chegando a casa, Júlio contou o ocorrido a sua mulher, que o aconselhou a fazer um buraco no quintal para guardar tão rico tesouro.

No dia seguinte, saiu tranquilo. Não tinha na algibeira nem um tostão; mas a ideia de que possuia em casa uma barra de ouro dava-lhe coragem.

E assim continuou. Quando acontecia ficar desempregado, a ideia da barra de ouro que tinha em casa, reconfortava-o.

E trabalhava de bom humor. Como já não andava preocupado com a miséria, trabalhava melhor e em pouco

Lenda de S. Cristóvão

por **D. António da Costa**

Cristóvão andava na praia, diz a lenda. Chega um menino e pede-lhe que o transporte na suab arca para a outra margem do rio. Quanto mais trabalha Cristóvão para consertar o barco, mais a barca se lhe desconserta. Volta-se, então, o menino para o braqueiro, e diz-lhe:

— Se não podes consertar a barca, leva-me ao ombro, que bem pouco pesa uma criança como eu.

— Tens razão, menino — tornou-lhe o barqueiro; e pondo a criança ao ombro, a foi levando a vau.

Mas o menino a tal ponto lhe pesava que o barqueiro, dado que possante como o figura a imagem, ia todo vergado.

Disse-lhe então o barqueiro, ao pô-lo na outra margem:

— Como é isto, menino, que pesais tanto, que me parecia trazer o mundo todo ao ombro?

— Pois foi exactamente o mundo que trouxeste ao ombro — respondeu-lhe o menino, que era Jesus; e, palavras não eram ditas, desaparecera-lhe...

Quando Cristóvão, estupefacto, regressou à margem, mais estupefacto ficou ao encontrar nova e alindada a sua barca, que tinha deixado desconsertada e negra.

★

Curiosidades

Sucos: *ptialina* — saliva; *pepsina* — suco gástrico; *tripsina* — suco pancreático; *invertina* — suco intestinal.

A mosca é portadora de micróbios da febre tifoide e paratifoide, desenteria, carbúnculo e doença do sono (tropical).

O primeiro salto em para-quedas, de um avião em movimento, foi efectuado em 1912, pelo capitão Berry, em S. Louis, Missuri.

---

tempo foi promovido a contra-mestre de uma importante oficina. O que ganhava era suficiente para todas as suas despesas e ainda sobrava alguma coisa, que ele guardava prudentemente.

(Adaptação de ASTREIA)

O NATAL DO VIAJANTE

Avé-Maria, dou graças
Neste dia abençoado.
Transportai-me em pensamento
Aos dias da minha infância,
Em que minha alma menina
E esperançada da vida,
Rezava, pedindo avelãs.

Como era bom o carinho
Que a santa lareira dava!
Lá estava o pai sorridente
E a mãe, partindo pinhões,
Que seu menino gostava.

A neve às vezes caia;
Mas eu receio não tinha,
Que os cobertores eram bons.

Estou longe, em terra estranha,
O meu Natal é sòzinha,
Mas que importa, se o carinho
Dos Natais da minha infância
Me canta canções alegres?

O menino aqui do lado
Olha p'ra mim da vidraça.
Os pais sairam há pouco
P'rà festa, na Casa Grande...

KYLAS

Milagres da Reencarnação

por **Leopoldo Machado**

Eram, apenas, dois irmãozinhos: Pedrito, de três anos, e Juremira — a Mirinha — de dois. Sempre muito amiguinhos, juntos nas travessuras e nos divertimentos. Seus pais, enlevados, reviam-se, felizes, neles.

Juremira adoece. Uma febre malsã prende-a no leito por três longos meses de sofrimento. E matou-a, para desconsolo do irmãozinho e tristeza dos pais. Que angustia para o casal! Gente agrarrada à Igreja, não encontrou na sua fé o conforto e a explicação necessária para aquele transe!

A dor de Pedrito, ele a revelou por manifestações de sofrimento superiores à compreensão das criaturinhas de sua idade. Só por oposição dos pais é que não ficou agarrado ao leito da irmãzinha até seu derradeiro instante. Mas andava rondando, triste e só, a casa, a chamar, desconsolado, pela sua Mirinha:

— Eu quero Mirinha! Eu quero Mirinha!

Quando o chamaram para ver a irmãzinha morta, as mãozinhas cruzadas ao peito, os olhos cerrados, seus olhinhos se encheram de lágrimas.

E disse à mãe:

— Mãezinha, acorde a Mirinha, para vir brincar comigo; acorde...

— Ela não acorda mais, filhinho. Ela agora vai brincar lá em cima, com papai do Céu.

— Oh! Eu queria ir com ela, brincar lá em cima, com papai do céu. Você deixa eu ir, mãezinha?

— Terias, mesmo, coragem de deixar a tua mãezinha, meu filhinho?

— Eu gosto tanto da Mirinha, mamãezinha!

Ambos, mãe e filho, tiveram, embargando-lhes os olhos e a voz, muitas lágrimas.

— Porque mãezinha tá chorando?

— E tu, porque é?

— Porque você não deixa eu ir com ela, brincar lá em cima, com papai do céu.

— Eu, é de saudade da Mirinha.

— Também eu tenho saudades, mamãe.

— Sabes lá o que é saudade, meu filho!

— Sei, sim, mãezinha. É a vontade de tornar a ver, como eu queria ver a Mirinha...

— Meu pobre filhinho!

E a boa e torturada mãe, em lá-

frimas, cobriu a criança de uma efusão de beijos.

A mamãe não diz sempre que papai do céu gosta das crianças?

— Gosta muito, sim, meu filho.

— Pois, então, eu vou pedir a Ele para não levar Mirinha.

E despregou-se da mãe, correndo para o quarto do oratório, onde foi enganado pela mãe e pessoas amigas, até que o esquifezinho saísse para o cemitério. Quando, depois, procurou pela irmã e soube que ela já tinha ido, ficou amuado e blasfemou:

— Papai do céu mau! Não gosto mais de você, que me levou a Mirinha!...

— Papai do céu não é mau, filhinho. Ele há-de dar-te outra Mirinha.

— Não, não. Eu só queria era a mesma...

Na manhã seguinte, Pedrito amanheceu radiante, rindo-se muito, batendo palminhas de alegria. E foi dizendo à mãe:

— Mãezinha, a Mirinha vai voltar! A Mirinha vai voltar!

— Vai, sim. Ela veio de noite, brincou muito comigo, e disse que papai do céu deixou ela voltar, porque eu pedi a Ele. Que bom, hein, mãezinha?

— Meu ingénuo filhinho! Ela não pode voltar mais!

— Pode, sim, Mãezinha. Ela disse que vai voltar, porque vai...

E voltando a bater palminhas:

— A Mirinha vai voltar! A Mirinha vai voltar!

Aquele espisódio fôra no começo do ano. Veio o Natal. Pedrito está triste, porque sua Mirinha ainda não voltara, e a sua mamãezinha estava doente, de cama. Tantos brinquedos que seu pai lhe deu, mas em nenhum Pedrito atentara com alegria. Pôs-se, muito triste e amuado, a pensar na mamãezinha doente e na Mirinha ausente. E não se conteve, que não rompesse em pranto, embora o pai procurasse consolá-lo. Vieram dizer-lhe do quarto da mamãe que não chorasse, que não fizesse bulha, porque ela ia ficar boa e a Mirinha ia chegar.

— Ah! então a Mirinha ia voltar! Ela que lhe havia prometido, era realmente porque voltaria — pensou, transfigurando-se. Ouviu então, um choro de criança no quarto da mãe. Lépido, correu para a porta do quarto e não se conteve, que não batesse, a gritar:

— Mãezinha! Mãezinha! A Mirinha voltou, e você não quer me mostrar; Abra, Mãezinha, que eu quero ver a Mirinha.

— Espera, filhinho, que vais vê-la. Ela voltou, sim, que Deus no-la mandou, por ouvir o teu pedido.

A porta, algum tempo depois, se abriu, e Pedrito, que já mal continha a sua impaciência, precipitou-se pelo quarto a dentro. Foi ver a recém-nascida envolta em panos, no leito, pequenina e bela, os traços fisionómicos exactamente iguais aos da irmãzinha, falecida um ano antes.

— Mas ela veio tão pequenina, mamãezinha!

A recem-nascida abre, então, os olhinhos, na direcção do irmão. E houve quem visse, nos lábios dela, o esboço de um sorriso prazenteiro e feliz.

Era o olhar e o sorriso das boas vindas...

TRABALHAR

por **Idalinda de Aguiar Matos**

Verbo que todos sabem conjugar: Eu trabalho, tu trabalhas... etc., mas dificil é realizar o trabalho. Ele, no entanto, é abençoado e necessário ao nosso aperfeiçoamento. Sem trabalho nada conseguiremos de útil na vida. Os espíritos evoluidos trabalham incessantemente. A divisa de Allan Kardec tem por início *Trabalho, Solidariedade e Tolerância.*

Assim sendo, meus meninos, por que nos havemos de aborrecer quando nos é solicitado alguma coisa fazer? Tenhamos boa vontade, cooperemos com o próximo e seremos largamente compensados. Muitas vezes, adquirimos a simpatia e o afecto daqueles a quem servimos, sendo isto uma grande recompensa. Conquistar amigos não é coisa muito fácil; só com inteligência e delicadeza o conseguiremos. Senão, vejamos: Certo menino, desses vadios de má vontade, se alguém lhe pedia para fazer qualquer mandado, logo perguntava:

— Quanto me paga?

Às vezes era remunerado com quantia insignificante. Por ser interesseiro e malandro, só inspirava antipatia, sendo evitada a sua companhia.

Havia na mesma localidade outro garoto, com idade idêntica, activo, dócil e prestimoso. Quando um vizinho lhe solicitava algum trabalho, ele prontamente se dispunha a fazê-lo. Ao terminar, depunham-lhe nas mãos algumas moedas como gratificação, ao que ele revidava:

— Não senhor; nada me custou, não é preciso, eu fiz num instantinho!

E assim foi formando um círculo de boas amizades.

Certo dia, um dos senhores que ele estava habituado a servir, perguntou-lhe:

— Qual a tua residência, meu pequeno?

O menino ficou surpeso! Que seria! Depois de o informar que era orfão de pai e dar o seu endereço, partiu, correndo, levando a sua mãe uma notícia alviçareira:

— Mãezinha, que alegria! Este Natal vai ser diferente! Vamos ganhar alimento, roupa nova, e talvez... brinquedos.

— Estás sonhando, filho querido!... Como é possivel tudo isso, com a crise que aumenta dia a dia?!

— Sim, minha mãe, tudo isso em troca de nada, só por saber conquistar amizades.

Existe muita miséria, é bem verdade; mas independente dela, muita crise de boa vontade, muita pobreza espiritual.

Aprendamos a ser bons, e todo o bem nos sobrevirá.

Glutona

Ouve: Não sejas glutona,
Mariazinha! Que feio!...
Às vezes até receio
Que tu rebentes, pequena!
E era pena!

«Nós comemos p'ra viver,
Não vivemos p'ra comer».

(De «Leituras Técnicas), de Virgílio Couto)

Na Escola

— Se eu dividisse 32 quilogramas de cerejas por vocês os dois, com que ficava cada um?

Um dos alunos:

— Com uma grande dor de barriga, senhor professor.

★

Cavalo dado não se olha ao dente

Quando o cavalo
De presente nos for dado,
É que é olha-lo,
Por detrás e por de lado
E pela frente...
E se for escanzelado,
Ou tiver mau dente,
Ou for besta velha,
Diz-se ao dono do presente
— Que não desmanche a parelha...

Augusto Gil

UM GRANDE EMPÓRIO EDITORIAL

A Federação Espirita Brasileira

Por Isidoro Duarte Santos

Pelas colunas de *Estudos Psiquicos* têm desfilado alguns quadros interessantes e curiosos reveladores da obra social do Espiritismo. Asilos, albergues, orfanatos, ao lado de verdadeiros exemplos de dedicação e renúncia, mergulhando as raizes no coração do homem. Escolas, sanatórios, maternidades, orientados e mantidos por gente humilde e boa que escolheu a *porta estreita* do Cristo para alvo de sua vida simples e fanal de seus anseios de espírito. E desde a primeira hora de circulação, esta revista olhou para o formoso e vasto Brasil, braços estendidos em gesto grato, porque de lá nos vieram raios de nova luz e exemplos edificantes traduzidos em obras imortais. É que sem esse alfobre de santos e de poetas não conseguiriamos alicerçar a nossa marcha, nem garantir a continuidade da acção empreendida. Em meio sáfaro, as virtudes falecem, se não houver vontade forte. E assim como se temperam energias lendo

AUGUSTO ELIAS DA SILVA (português)
que em 1883 fundou o «Reformador»

a vida dos grandes homens de todos os tempos, assim também, acompanhando e observando a obra dos que se transcenderam em resignação e sacrifício, poderemos ganhar ânimo e valor e pô-los ao serviço da Ideia que se defende.

Ora, nós temos ideias e batemos-nos por elas, sem recorrer a meios indignos da condição humana. Um deles é contar a história viva do Espiritismo, descrevendo a acção meritória de seus arautos, cada vez mais pujantes, síncronizando palavras e actos para

MARECHAL ERVERTON DE QUADROS
1.º Presidente da Federação Espirita Brasileira

que a harmonia se estabeleça cada vez mais firme e promissora. O leitor que tem ouvido atacar esta doutrina fica maravilhado e identificado com os factos incontroversos que lhe apresentamos. E pensa, e medita, cotejando ataques incongruentes e verdades irrefragáveis que todos podem ver e analisar.

É assim que se faz a propaganda. Não é preciso usar linguagem de baixo preço para responder a acusações sem base, a injúrias sem fundamento. A exposição dos factos impõe-se a gregos e troianos, desfaz a dúvida, ilumina o intelecto, abona o raciocínio, dá rumos ao homem que vacila entre o impulso transitório e o pensamento sazonado, orientando-lhe os passos claudicantes. Os factos são o escudo providencial do Espiritismo. Providencial e invencível. Temos visto atacar por atacar, sem alvo definido, como quem esgrime contra moinhos; mas as armas que se empunham, as lanças que se terçam, a tática que se emprega, tudo isso cai estrondosamente em presença dos acontecimentos. Os factos alteiam-se,

avolumam-se, e a breve trecho dominam o público, empolgam-no e vencem a relutância de uns e o ceptismo de outros. São como as avalanches que se formam lentamente e tudo arrastam na passagem: o sol da verdade espanca a trevas da mentira...

E deste modo alguns adeptos trouxemos já ao campo espirita.

GÉNESE DO ESPIRITISMO BRASILEIRO

Antes de entrar, pròpriamente, no assunto deste artigo, vamos dedicar algumas palavras à génese do espiritismo brasileiro e à obra dos precursores da Federação. Talvez não seja temeridade afirmar que a sua génese se encontra nos círculos homeopáticos que, desde 1820, existiam no Brasil em ligação com o mundo invisível e aos quais o grande José Bonifácio pertencia. Pelo menos, dois famosos médicos — Bento Mure e Vicente Martins — levaram ao Rio de Janeiro o germe de nova doutrina, sete anos antes dos fenómenos de Hydesville sacudirem o mundo com sua repercussão universal. Esses dois apóstolos da

DR. BEZERRA DE MENESES
o grande organizador da Federação e seu Presidente de 1895 a 1900

saude humana criaram instituições beneficentes onde se aplicava o transe mediúnico e o magnetismo espiritual. A eles se deve a formação de novos médicos que lhes seguiram as pègadas e vieram a introduzir os passes magnéticos no serviço das curas, em concordância com as prescrições de Hahnemann, o genial criador da homeopatia.

Em 1847, as irmãs Fox evidenciavam-se com as primeiras manifestações inteligentes atribuidas a entidades espirituais e a febre da experimentação atravessava os continentes, atingindo os sectores culturais e sociais. O Brasil foi logo contagiado. Oito anos após aquela data já se notavam no Rio de Janeiro pequenos grupos de investigadores, a que pertencia o Marquês de Olinda e o Visconde de Uberaba. E o rastilho foi invadindo todas as cidades, vilas e aldeias, a ponto de em 1863 o Espiritismo ser defendido no *Diário da Bahia* pelo Dr. Luiz Olímpio Teles de Meneses, respondendo a um cientista francês da *Gazette Médical* e transcrito naquele periódico.

Em 1869 desencarna Allan Kardec, o egrégio codificador da Doutrina Espirita, e nesse mesmo ano surge o primeiro mensário espirita brasileiro, intitulado *O Éco de Além Túmulo*. Ignoramos quem dirigiu e manteve este orgão de propaganda. O que sabemos é que em 1873 se fundava o *Grupo Confucius*, célula-base por onde passaram todos ou quase todos os adeptos da Doutrina, e que prestes se extinguiu, a pesar do esforço hercúleo desses modestos obreiros que lutaram contra o meio hostil, suportando motejos e injúrias e até o anátema da religião dominante. Por seu lado, as forças maléficas invisíveis lançavam a cizânia no seio dos trabalhadores e em 1875 tudo se desmantelava, tudo se desunia...

Um ano depois, juntavam-se elementos dispersos e fundavam a *Sociedade de Estudos Espiritas «Deus, Cristo e Caridade»*, sob a direcção do Dr. Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, médico que abandonara a literatura e a política, onde tivera lugares de relevo, para se dedicar inteiramente à difusão do ideal espirita, baseado nos Evangelhos do Cristo redivivo. A ele se agregava o Dr. António Luiz Saião, que mais tarde desempenharia importante missão de vulgarizador dos ensinamentos do Alto. Mas novamente as trevas assestam batarias através de um médium que se infiltrara no grupo e a agremiação desaparecia, substituida, em 1880, pela *Sociedade Espirita Fraternidade*. Bittencourt e Saião continuam em seus trabalhos. Em 1883, o português Augusto Elias da Silva lança o 1.º número do *Reformador*, rodeado de elementos dedicados. Ambiente agitado em que o pensamento adverso predomina. A imprensa diária e a igreja católica conjugam seus ataques, em torpes insultos e descabeladas insinuações. E Elias da Silva procura o Dr. Bezerra de Meneses (1), que lhe aponta o verdadeiro rumo da sua publicação:

---

(1) Em 1876 ou 77, Bezerra de Meneses, tendo lido *O Livro dos Espiritos* oferecido pelo Dr. Travassos, que pertencera a *Grupo Confúcius*, declarou: «Lia, mas nada encontrava de novo, para o meu espirito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim!... Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que estava no *Livro dos Espiritos*... Preocupei-me sèriamente com este facto maravilhoso e dizia comigo: parece que era espirita inconsciente ou, como se diz vulgarmente, de nascença...».

(Bezerra de Meneses, o médico dos Pobres», de F. Acquarone).

— Nada de ataques intempestivos. Firmeza e discrição. Ao ódio, responda com amor. Se assim fizer, ganhará a partida...

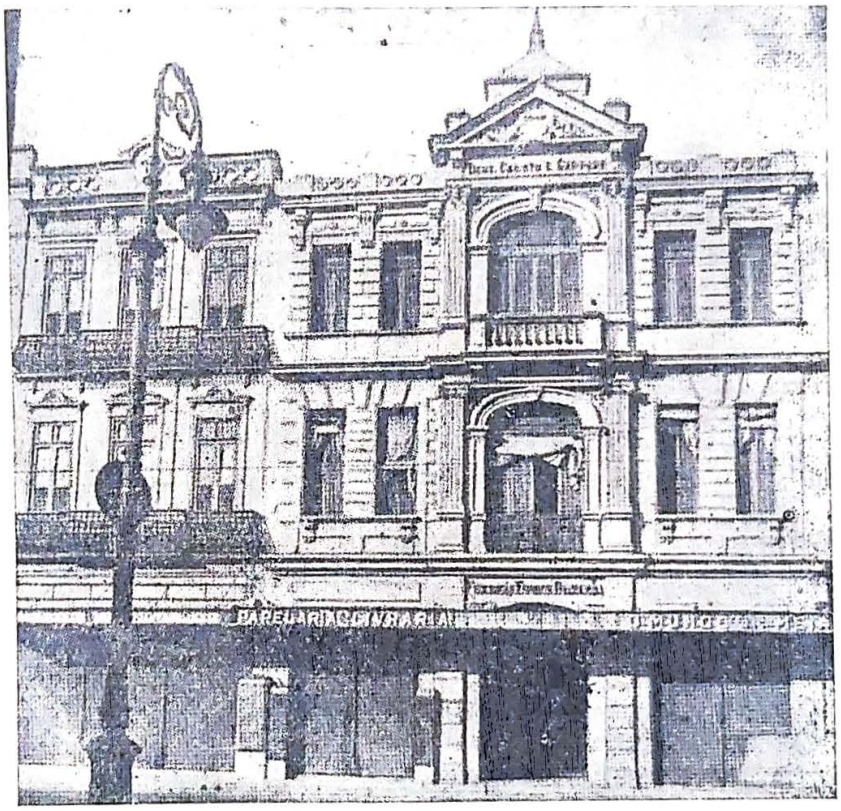
A FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA

Finalmente, em 1 de Janeiro de 1884 doze adpetos se reunem e declaram fundada a *Federação Espirita Brasileira*. São eles: Francisco Raimundo Ewerton Quadros, então general e mais tarde marechal do exército, Augusto Elias da Silva, João Francisco da Silva Pinto, D. Maria Balbina da Conceição Baptista, D. Matilde Elias da Silva, Luiz Mólica, D. Elvira P. Mólica, José Agostinho Marques Porto, Francisco António Xavier, Manuel Estevão de Amorim e Quádrio Léo. A *Casa de Ismael* firma-se nestes *doze apostolos* da Nova Jerusalém, a lutar pela unificação dos grupos heterogéneos que trabalhavam sem orientação doutrinária. São nove cavalheiros e três senhoras das mais diversas classes sociais. Um general, um tipógrafo, um operário... O alfa e o omega de mãos dadas para a construção de alicerces inamovíveis, nos quais assentaria, meio século depois, um edifício grandioso de projecção mundial.

O primeiro ano de trabalho foi de organização e unificação, apoiado num órgão de imprensa que iniciava a sua carreira em mar encapelado de paixões. Havia absoluta necessidade de propagar a Doutrina pela pena e pela palavra. Mas o jornal era insuficiente. Os grandes tribunos é que impulsionaram os grandes movimentos de opinião. Por isso, o general Quadros, 1.º Presidente da nóvel sociedade, resolveu levar o Espiritismo ao mundo profano, inaugurando uma série de conferências públicas que produziram efeitos estrondosos. Começaram a chegar adesões francas, entre elas, a dos célebres médicos homeópatas Drs. Francisco Meneses Dias da Cruz e Castro Lopes, este último orador eloquente que muitas vezes enfrentou o público carioca. A mais importante, todavia, foi a do Dr. Bezerra de Meneses, em 16 de Agosto de 1886. Mais de 2.000 pessoas ouviram emocionadas e atónitas a palavra do conhecido político proclamar a sua adesão ao Espiritismo.

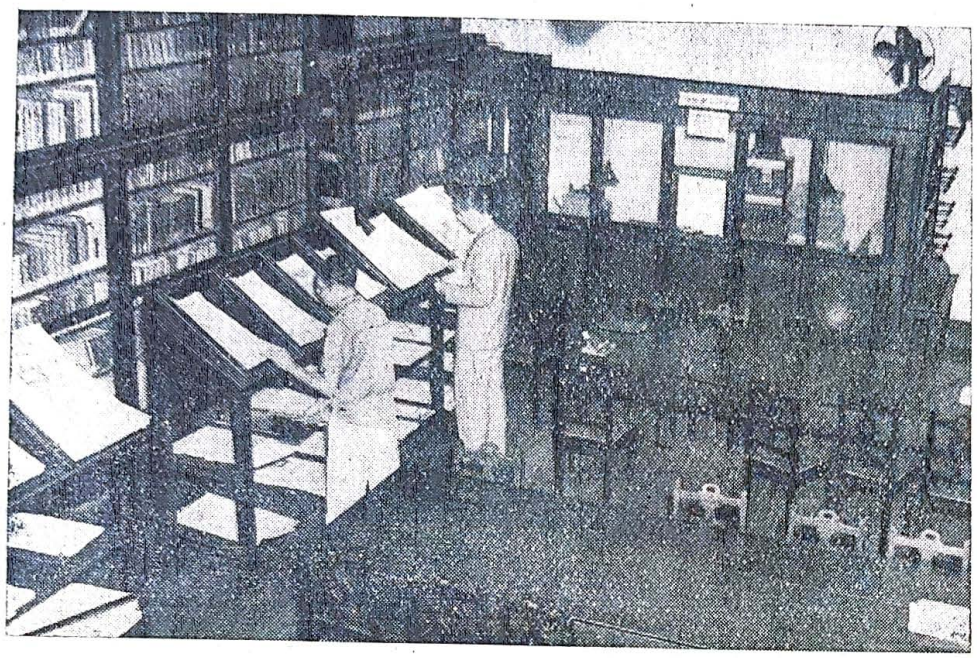
Os primeiros doze anos da Federação foram cheios de lutas intestinas. Cada agrupamento difundia a Doutrina a seu talante, sem consideração alguma pelas obras de Allan Kardec. A falta de coesão nas fileiras desagregava tudo. O Espiritismo era propagado de maneira diferente em vários grupos. Uns, seguiam o *Livro dos Espiritos* e eram *espiritas puros*, isto é, observadores rigorosos da doutrina contida neste livro; outros seguiam o *Evangelho Segundo o Espiritismo* e eram os chamados kardecistas, ou *espiritas cristãos*. Adeptos que se degladiavam mùtuamente por coisas insignificantes, sem ter em conta o prestígio da Causa!

Em 1895, com a eleição de Bezerra de Meneses para a Presidnêcia, inaugura-se nova era de propaganda. A sua palavra amiga serena os ânimos e extingue os conflitos. As divergências atenuam-se, os grupos congregam-se, a ideia espalha-se e o plano de unificação e paz chama novas ovelhas ao aprisco. A *Federação Espirita Brasileira* retoma suas funções com maior segurança, dá âmbitos mais largos e directrizes mais claras ao seu trabalho de coordenadora do movimento kardecista e em breve os seareiros se agrupam na «grande oficina do Evangelho», como lhe chamou Humberto de Campos, no livro «Brasil, Coração do Mundo».



SEDE DA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
Avenida Passos, 28, 30 e 32, Rio de Janeiro

As três centenas e artigos magistrais que o «médico dos pobres» (assim era conhecido o Dr. Bezerra) publicara no diário *O País*, desde 1887, sob o pseudónimo de *Max* e subordinados ao título geral «Espiritismo — «Estudos Filosóficos», haviam produzido muitos adeptos do Espiritismo. O próprio director do



UM ASPECTO DA BIBLIOTECA DA FEDERAÇÃO

jornal, Quintino Bocaiuva, grande mentalidade e grande coração, foi visto muitas vezes a subir a escada da Federação, a fim de receber passes mediúnicos e pedir receituário homeopático. Aquela colaboração oportunísima leva a ideia espirita a numerosos leitores que todos os domingos se debruçam sobre o popular cotidiano, em comunhão de pensamento com o prestigioso articulista.

O ambiente modifica-se. No *Templo de Ismael*, que funciona na Federação, trabalham os maiores cavouqueiros do gigantesco edifício: Bezerra de Meneses, António Luiz Saião, Bittencourt Sampaio, Frederico Júnior (1) Filgueiras, Pedro Richard, Albano do Couto, Zeferino Campos, etc., etc.

Um dos factores que mais contribuiram para a união foi a publicação do novo Código Penal, que se dirigia ao Espiritismo em termos pouco amistosos. A Federação escreveu uma *Carta-Aberta* ao Ministro da Justiça do Governo Provisório, esclarecendo que nos seus grupos se defendia e propagava o verdadeiro espiritismo e todos os elementos se juntaram à *Casa de Ismael* contra o inimigo comum, que espreitava escudado na força legal.

Incontestàvelmente, Bezerra de Meneses foi um prodigio de concórdia. Consolidou a *Assistência aos Necessitados* fundada em 1890, assumiu a direcção de todos os trabalhos espiritas no Brasil e deixou um um nome honrado e acatado.

Hoje, a Federação Espirita Brasileira é uma instituição com personalidade jurídica que difunde o Espiritismo por todos os meios ao seu alcance, através de conferências, do seu orgão *Reformador*, que já conta 65 anos de publicação ininterrupta, e do Departamento Editorial, que é o maior do mundo no seu género, como veremos mais adiante (2).

ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS

A *Assistência aos Necessitados* foi idealizada pelo Dr. Polidoro Olavo de Santiago, nos moldes das conferências vicentinas iniciadas em 1883 com carácter espirita (eram abertas e fechadas com preces e nelas se evocava o espírito de Vicente de Paulo). Faziam visitas domiciliárias com propósitos de caridade; e quando a igreja, em 1845, passou a dirigir espiritualmente a Sociedade de S. Vicente de Paulo, não se modificou o carácter espirita que lhe haviam imprimido.

A lembrança do Dr. Polidoro foi magnifica, pela simpatia que trouxe à Federação. O povo preferia o coração à inteligência. Queria alguma coisa que lhe falasse ao sentimento; e a manifestação de solidariedade que tão auspiciosamente se esboçava numa sociedade espiritualista satisfazia-o plenamente.

Com efeito, um dos maiores pilares da Federação assenta na *Assistência aos Necessitados*. «Fazer bem sem olhar a quem» é a mais bela missão do homem.

---

(1) Federico Júnior foi o médium que recebeu as famosas «Instruções aos Espiritas do Brasil», ditadas pelo espírito de Allan Kardec em Fevereiro de 1889 e que muito contribuiram para apazignar os ânimos exaltados pela dissídia.

(2) Os seus onze presidentes foram os seguintes, por ordem cronológica: — Marechal Raimundo Ewerton de Quadros (de 1884 a 1888)); Dr. Francisco Meneses Dias da Cruz (de 1889 a 1894); Dr. Júlio Cesar Leal (1895); Dr. Adolfo Bezerra de Meneses (de 1895 a 1900); Leopoldo Cirne (de 1900 a 1913); Dr. Aristides Spínola (1914, 1916, 1917, 1922 e 1924); Manuel Quintão (de 1918 a 1921 e 1929); Dr. Luiz Olimpio Guillon Ribeiro (1920-21 e de 1930 a 1943); Coronel Luiz Bareto Alves Ferreira (1925-26); Almirante F. V. Paim Pamplona (1927-28); Dr. A. Wantuil de Freitas (1943-48).

Pois foi a seiva vivificante da caridade que engrandeceu a *Casa de Ismael*, impondo-a até aos próprios inimigos da Doutrina. E de tal forma se houve, que em breve a ideia passava a outros países vizinhos, como a Argentina e o Uruguai, onde se fundavam instituições à base da Federação Espirita Brasileira. Portugal também não ficou alheio ao influxo. Devemos reconhecer que se trata de inegável e completa vitória.

Já lá vão 58 anos de caridade silenciosa... O que esta agremiação tem distribuido pelos miseráveis e pela pobreza envergonhada é qualquer coisa de respeitável, por si só capaz de a elevar no conceito de todas as pessoas sensatas. Para só falar dos últimos anos (o espaço não nos permite ir além de pálido resumo), basta dizer que os socorros anuais ascendem a 200.000 cruzeiros (duzentos e trinta contos na nossa moeda). Além diso, mantém um *Ambulatório Médico* e um *Gabinete Dentário*, não só destinados a sócios, como a todos que os procurem e demonstrem a sua necessidade. Estes dois departamentos acusam um movimento anual de dezenas de milhar de assistidos de todas as cores raças e nacionalidades.

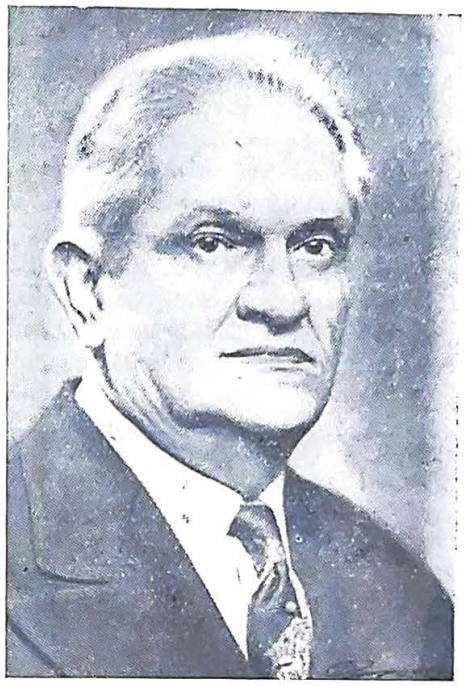
Escrevemos estas linhas sobre elementos dispersos fornecidos, em parte, pelo nosso dilecto amigo Henrique Magalhães, do Rio de Janeiro, e por isso é-nos impossível apresentar dados estatísticos completos. Sabemos, todavia, que a *Assistência aos Necessitados* se compõe de 1 Director e de 12 membros, que estão constantemente em visitas domiciliárias, avivando a fé aos que sofrem, com palavras animadoras à luz dos Evangelhos do Mestre Jesus.

Estas visitas estendem-se aos encarcerados da Penitenciária do Rio de Janeiro, onde quinzenalmente a Federação mantém palestras domingueiras às 7,30 da manhã, utilizando para isso a boa vontade de diferentes oradores. Este serviço de catequese, ou antes, elucidação moral e espiritual, muito tem produzido nos sentenciados.

De ano para ano, esta *Assistência* amplia os serviços, sempre limitados a contribuições particulares de espiritas, sem auxílios do Governo Federal, que tem socorrido muitas outras agremiações congéneres com importantes donativos, como já tivemos ocasião de noticiar nesta revista, pois só o Govêrno de S. Paulo distribuiu o ano pasado um milhão e duzentos mil cruzeiros por instituições espiritas daquele Estado.

O posto mediúnico é um grande auxiliar que tem realizado obra profícua, assim como a Farmácia Homeopática para serviço interno e a sua distribuição gratuita de medicamentos. O mesmo se pode dizer do Dispensário de alimentos, vestuário e agasalhos para distribuição a doentes e necessitados e o serviço de socorros pecuniários, exclusivamente a cargo da *Assistência*.

Actualmente, a *Comissão de Assistência* é composta pelos seguintes confrades, que se vêem na fotogravura que publicamos, à excepção dos dois últimos: Raul Duarte de Gusmão, Dr. Luiz Guillon Ribeiro, Comandante João Luiz de Paiva Júnior, Manuel Pereira Marques, Luiz Fernandes da Silva Quadros, Agostinho Pereira de Sousa, Augusto Pereira dos Santos,



DR. LUIS OLÍMPIO GUILLON RIBEIRO

Presidente da Federação de 1930 a 1943
grande tradutor e impulsionador

Arervalo Werneck Genofre, Cândido Pereira Lemos e António José Cepeda. É um número de operosos trabalhadores cheios de fé e de bondade, evangelizadores do Bem ao serviço de uma obra superiormente dirigida pelo luminoso Espirito de Ismael. Alguns são assinantes de *Estudos Psíquicos* e ficarão surpreendidos com este relato. Desculpem irmos feri-los na sua modéstia.

QUADRO FEDERATIVO

O Quadro Federativo desta importante agremiação é enorme e tem ramificações em todos os Estados brasileiros, a pesar do seu regulamento ser muito exigente no tocante à orientação das sociedades adesas. Também não dispomos de estatísticas oficiais para dizer o número exacto de Centros, Uniões e Federações que se encontram ligados à *Casa Máter*. Sabemos, todavia, que são algumas centenas, formando

um bloco homogéneo destinado a grandes realizações (¹).

Além das sociedades adesas que funcionam segundo normas estabelecidas, há também sociedades coligadas, que podem trabalhar livremente. O quadro destas últimas atinge o elevado número de 1.168 (mil cento e sessenta e oito). A todas a Federação remete gratuitamente folhetos e assinaturas do seu orgão oficial, bem como um exemplar do «Livro dos Espiritos».

Várias Federações Estaduais estão inscritas na *Casa de Ismael*, como a União Federativa Paulista, a Federação Espirita do Rio Grande do Sul, a Federação Espirita Paraibana, a Federação Espirita Cearense, a Federação Espirita Pernambucana e a União Espirita Sergipana, trabalhando em perfeita harmonia e cientes de suas responsabilidades doutrinárias. De facto, só em estreita união se podem realizar grandes programas. Os grupos isolados jámais conseguirão perdurar, se forem heterogéneos ou advogarem princípios e normas opostos às bases fundamentais do Espiritismo.

Na sede da Federação, Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro, funciona o *Conselho de Associações Federadas do Discrito Federal*. Ali se reunem mensalmente a maioria dos delegados que o constituem.

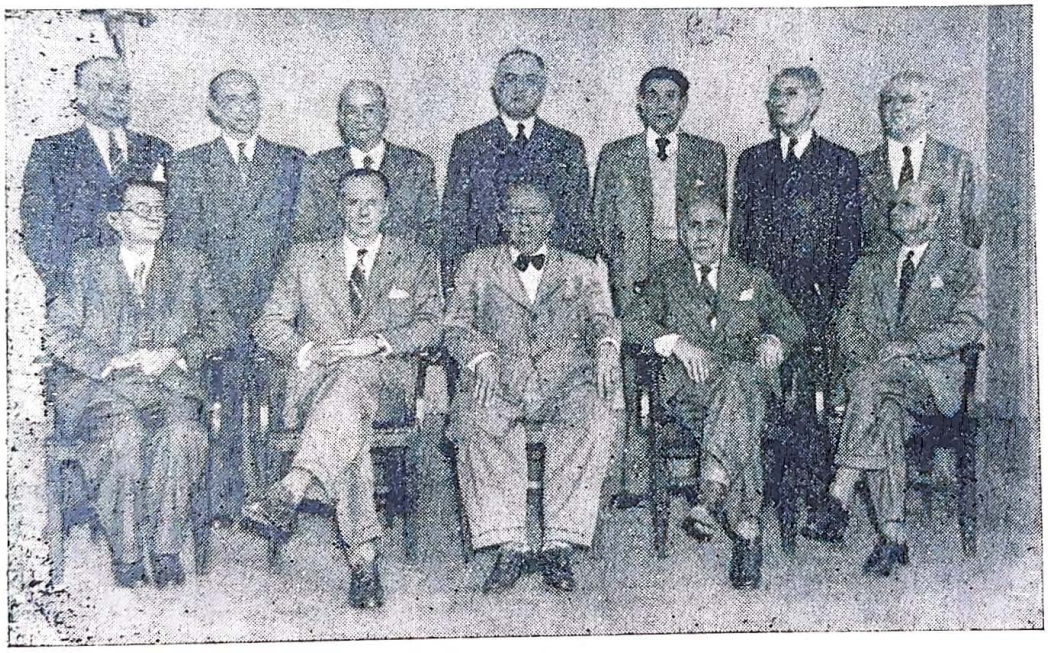
A Federação tem milhares de sócios individuais que lhe frequentam regularmente a sede, ouvindo conferências, lendo na biblioteca, onde há mais de 10.000 volumes patentes ao público e quase todas as publicações espiritas em circulação no mundo, aviando-se na Farmácia Homeapática ou recebendo conselhos e exortações que muito contribuem para a reforma do indivíduo.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA

A Federação presta assistência judiciária gratuita aos sócios, aos espiritas e aos pobres, em geral, quando processados criminalmente e ameaçados de perseguição ou constrangimento em sua liberdade, como se lê no Estatuto. E mais ainda: responde às consultas feitas por sócios acerca de questões forenses. Esta assistência refere-se a honorários de advogados e salários de procuradores. As demais despesas ficarão a cargo dos interessados, salvo se forem pobres ou o mereçam, *ipso facto*.

CONFERÊNCIAS E TRABALHOS DOUTRINÁRIOS

Todos os domingos se realiza uma conferência pública na sede da Federação, a cargo de individualidade de relevo no meio espirita brasileiro. O seu vasto salão alberga muitas centenas de pessoas e ainda há pouco ali foi encerrado o *1.º Congresso de Mocidades Espiritas do Brasil* em epílogo verdadeiramente apoteótico. Todos os domingos, igualmente, é ministrada uma *aula de moral cristã* às crianças.



DIRECTORES DA ASSISTÊNCIA AOS NECESSITADOS

Sentados, da esquerda para a direita: *Raul Duarte de Gusmão, Dr. Luís Guillon Ribeiro, Com. João Luís de Paiva Júnior, Manuel da Costa Belo, Dr. Francisco Nogueira.* Em pé, na mesma ordem: *Ascânio de Paiva, Carlos Nery Cadaval, Manuel Pereira Marques, Luís Fernandes da Silva Quadros, Agostinho Pereira de Sousa, Augusto Pereira dos Santos, Arevalo Werneck Genofre*

Além do *Grupo Ismael*, que pertence à Directoria, há mais quatro que trabalham segundo normas definidas, de acordo com a orientação aprovada.

Também ali se reune a Directoria da *União das Juventudes Espiritas do Distrito Federal*.

Quanto a trabalhos mediúnicos, há duas sessões

(¹) Segundo o *Psychic Observer*, de Nova York, a Federação Espirita Brasileira reune 433 Sociedades e Federações em todos os Estados do Brasil.

públicas semanais, além das do *Grupo Ismael*, sendo uma de explanações evangélicas e outra de estudo do «Livro dos Espíritos» e «Livro de Médiuns», com e assistência média de 600 a 800 pessoas.

Há também dois cursos de Esperanto.

Note-se que as sessões experimentais e práticas, para obtenção e pesquisa de fenómenos, segundo as normas da Doutrina, são absolutamente privativas e só o Director poderá autorizar a presença de elementos estranhos.

Ainda podemos mencionar mais quatro sessões anuais: a do Natal, a do aniversário natalício de Allan Kardec, a da Ceia do Senhor e a das Cenas do Calvário.

CURSOS DE INSTRUÇÃO

Diz o Estatuto: «Para favorecer o cultivo intelectual de seus associados e do povo em geral, a Federação manterá três cursos de instrução: — primário, secundário e profissional». E acrescenta que serão gratuitos e mantidos por uma *Caixa Escolar*. Estes cursos serão vigiados por um Inspector Escolar e poderão ser frequentados por qualquer indivíduo, sem distinção de crença ou nacionalidade.

Actualmente, a Federação subvenciona 20 escolas espalhadas por todos os Estados.

Mais uma faceta desta obra gigantesca que projecta seus raios no futuro que entrevemos pletórico de realizações meritórias!

DEPARTAMENTO EDITORIAL

Chegámos à parte mais importante do nosso trabalho. O Departamento Editorial da Federação Espirita Brasileira teve desusado incremento nestes últimos vinte anos. A princípio, os livros eram compostos e impressos em Portugal e o *Reformador* estava dependente de tipografias que oneravam muito a sua manutenção. Depois, a Federação instalou oficinas próprias, onde passou a fazer os livros e a revista. As edições intensificaram-se durante a presidência de Guillon Ribeiro, um dos mais denodados defensores da propaganda escrita, a quem se devem muitas traduções, a começar pelas obras de Allan Kardec. O público compreendeu e apreciou o esforço realizado neste empreendimento de grande alcance e as edições viram aumentada a sua tiragem. Manuel Quintão também traduziu e reviu muitas obras valiosas que correram mundo em reedições oportunas. Pode dizer-se que a Livraria Editora da Federação era a única fonte através da qual se bebia a água viva da Doutrina. Referimo-nos, evidentemente, a Portugal e Brasil e ao povo espanhol e sul-americano que liam o português. Os próprios volumes de Fernando de Lacerda foram editados pela Federação. Quem quisesse instruir-se em Espiritismo tinha de recorrer ao Brasil. Ali é que estava o semeador das verdades reveladas ao mundo traduzidas em vernáculo. Foi por estas obras que a Federação se tornou conhecida nas mais longínquas regiões e firmou a sua posição de agente indispensável na vulgarização da ideia nova codificada em França por um eminente pedagogo formado em três faculdades. Mas estava escrito que mais vastos horizontes se rasgariam. O que existia, sendo muito para época, nada era ante as necessidades crescentes que dia-a-dia se evidenciavam. E já tinham saido dos prelos quase duzentas obras diferentes, algumas delas com dez e quinze edições, tudo num total de alguns milhões de exemplares! Sementeira colossal, vastíssima, — iamos a dizer inverosímil — num país onde o analfabetismo abria sulcos profundos!

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

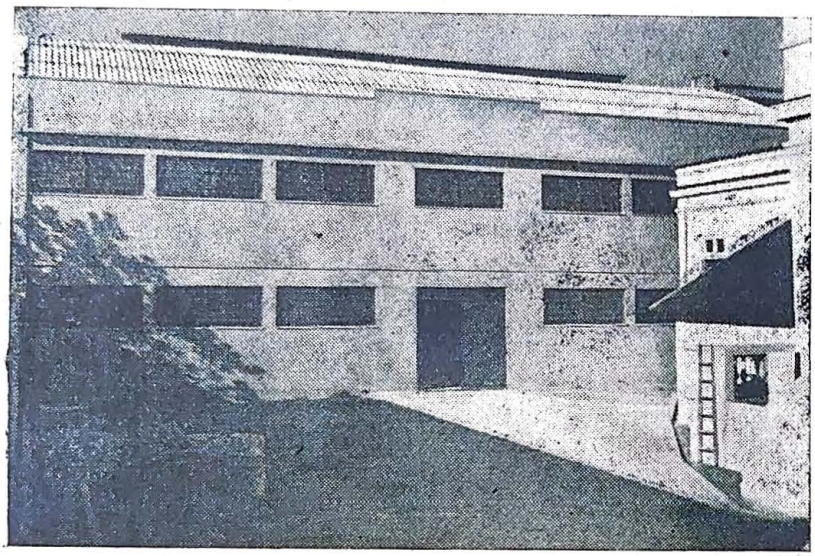
... Até que surgiu em Pedro Leopoldo um bisonho e humilde rapaz, orfão de mãe aos cinco anos, a debater-se em sofrimentos indizíveis que a vida lhe

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
o maior médium psicográfico conhecido

acarretava. Aos doze anos experimentara grandes inquietações com a eclosão de sua mediunidade, passando noites em claro, angustiado e confundidido, porque os espiritos o horrorizavam, induzindo-o ao suicídio. Aos 14 anos, já com o exame de instrução primária, vai gerir a quitanda de seu padrinho e ali

passa uns anos a vender aguardente e cerveja, «na sua função de caixeiro caipira e inexperiente», como diz o Dr. César Burnier Pessoa de Melo, de Belo Horizonte.

Os seis ou sete anos seguintes passa-os entre a lojeca e o *Centro Luiz Gonzaga*, um compartimento de telha vã com grande mesa ao centro circundada por bancos de madeira. Ao lado, tamboretes, caixotes, malas desconjuntadas, onde o público se acomoda durante as sessões. Sobre a mesa, uma toalha de algodão branco com um grande nome desenhado a vermelho — EMMANUEL. Pois é neste ambiente que o



Novo prédio onde estão instaladas as máquinas de composição e impressão

médium Francisco Cândido Xavier, trabalhando para sustentar oito ou nove irmãozitos, recebe essa grinalda maravilhosa intitulada «Parnaso de Além-Túmulo».

Estamos em 1932 e o médium tem 22 anos. A estreia mediúnica é deveras auspiciosa. Não sabemos quem levou à Federação o original deste livro. Certo é que desse dia em diante nem os prelos suspenderam a faina laboriosa, nem o veículo de Pedro Leopoldo deixou de receber a luz do Alto... O «Parnaso de Além-Túmulo» (423 páginas, 47 poetas luso-brasileiros, 215 produções, entre elas, 125 sonetos) já teve quatro edições...

A seguir... «Cartas de Uma Morta» (190 pág.), «Palavras do Ininito» (80 pág., 172 versos), «Crónicas de Além-Túmulo» (239 pág.), «Emmanuel» (176 pág., 36 cap., 157 temas), «Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho» (213 pág.), «A Caminho da Luz» (174 pág., 25 cap., 169 temas), «Há Dois Mil Anos» (romance histórico cristão, 329 pág.), «Lira Imortal» (88 pág., 17 poetas, 970 versos), 50 Anos Depois» (romance histórico cristão, 309 pág.), «Novas Mensagens» (150 pág.), «Boa Nova» (186 pág.), «O Consolador» (208 pág., 412 temas), «Cartas do Evangelho» (108 pág., 108 temas, 453 quadras, 1812 versos), «Paulo e Estevão» (biografia, 560 pág.), «Renúncia» (romance, 421 pág.), «Reportagens de Além-Túmulo» (215 pág.), «Cartilha da Natureza» (208 pág. 1.000 quadras, 4.000 versos), «Nosso Lar» (235 pág.), «Os Mensageiros» (264 pág.), «Missionários da Luz» (231 pág.), «Lázaro Redivivo» (231 pág.), «Colectânea do Além» (160 pág.), «Obreiros da Vida Eterna» (306 pág.), «No Mundo Maior» (240 pág.), «Agenda Cristã (101 pág.), «Luz Acima» (189 pág.). Ao todo, 6.410 páginas, 1.220 temas e 14.000 versos! Esta bagagem literária, à excepção de dois livros, foi produzida em 16 anos de acção continua e publicada pelo Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira! Estes livros têm sido preferidos pelos leitores e por isso as reedições se sucedem constantemente... Nos últimos dez anos venderam-se 240.000 exemplares destas obras! Qual será o autor português ou brasileiro, mesmo com pergaminhos literários e científicos, que se possa gabar de triunfo tão grande e tão completo?

O ESPIRITISMO EM ESPERANTO

O Esperanto desempenhou a sua tarefa na Federação de 1912 a 1936, mas só em 1937, na gerência de Guillon Ribeiro, entrou em fase decisiva, com a edição de compêndios e obras espiritas, sob a direcção do culto e dinâmico Ismael Gomes Braga. Assim, apareceram, sucessivamente, «Esperanto sem Mestre», «Primeiro Manual de Esperanto», «Método de Esperanto», «Manual Completo de Esperanto», «Essência e Futuro da Língua Internacional», «Esperanto», «Esperanto Modelo», «Dicionário Completo Esperanto-Português», «Curso de Esperanto pela Bíblia», «O Evangelho de S. João em Português e Esperanto», «Monumento de Carlo Bourlet», «Curso Fundamental de Esperanto» e «Manual de Esperanto» (em Castelhano e Esperanto para as repúblicas sul-americanas), «Guia de Conversação e de Correspondência Comercial em Português e Esperanto», «Dicionário Esperanto-Português» de C. Fernandes e C. Domingues e muitos folhetos de propaganda. Depois vieram as obras doutrinárias: «Livro de Preces», «Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita», «Vozes de Poetas do Mundo Espiritual», Bhagavad-Gîtâ», «O Livro dos Espíritos» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo». Estes últimos, foram traduzidos, respecti-

vamente, pelo Dr. Porto Carreiro Neto e pelo prof. Ismael Gomes Braga. Tais livros espalham-se por todo o mundo e vão divulgar o Espiritismo a povos que ignoram a lingua portuguesa, desde o Japão à Noruega. E a Federação Espirita Brasileira é o foco irradiador desta propaganda gigantesca, que em 1940 atingiu nivel muito elevado, quando os Espiritos começaram a apoiá-la abertamente. Hoje é um movimento recebido entusiàsticamente pela juventude.

OS LIVROS NÃO CHEGAM PARA O PÚBLICO

A tarefa cresce extraordinàriamente, mas os livros ainda não chegam para o público. Que fazer? Em 1943 desencarna Guillon Ribeiro. Wantuil de Freitas, então gerente do *Reformador*, é chamado a substituí-lo. E dirige logo suas atenções para a necessidade de ampliar as oficinas da Livraria Editora. Wantuil de Freitas é um ardoroso paladino que já mostrara desassombro e firmeza, quando os médicos católicos se levantaram em côro para esmagar o espiritismo brasileiro. Viu-se ali o homem de acção e de coragem. Por isso, os seus relatórios anuais insistiam sempre no mesmo ponto:

— É preciso alargar o Departamento Editorial!

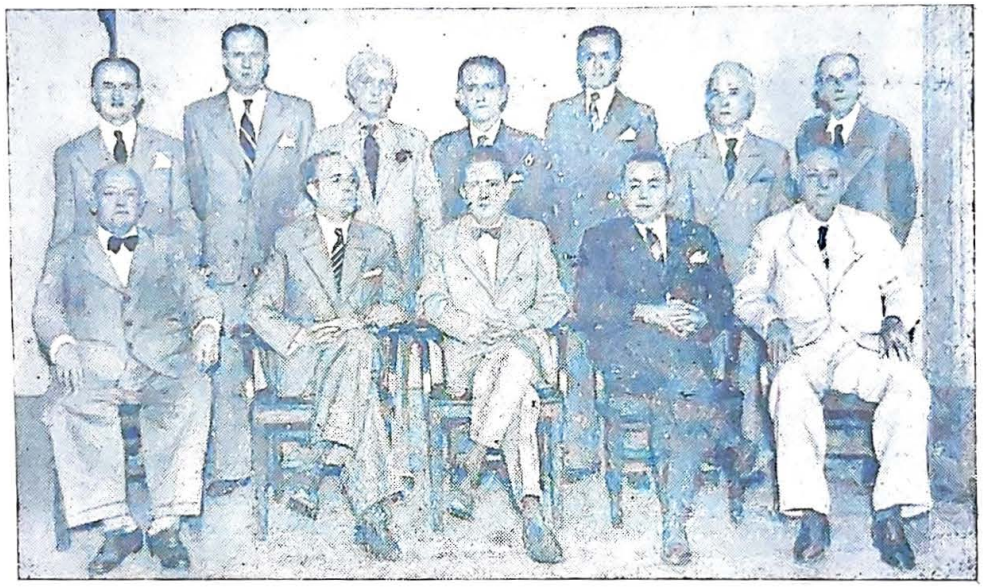
De facto, vejamos um quadro curiosíssimo apresentado no seu último relatório. Vamos ver o movimento editorial e distribuição de livros de 1 de Julho de 1947 a 30 de Junho de 1948. «O Evangelho segundo o Espiritismo» teve a distribuição de 20.229 exemplares; o «Livro de Preces», 17.385; «O Livro dos Espíritos», 11.088; «O Livro dos Médiuns», 7.142. Total dos livros de Allan Kardec distribuidos num ano — 61.787. Estas foram as obras de maior venda. Movimento essencialmente kardeciano, não falando dos livros em Esperanto, nem na «Introdução ao Estudo da Doutrina Espirita».

Depois de Kardec, vem o médium Francisco Cândido Xavier, com um total de 43.530 exemplares, ou seja um aumento de 39 % sobre o ano anterior. Os livros de maior venda foram «No Mundo Maior» (10.676 ex.) e «Agenda Cristã» (5.000 ex.), ambos do Espírito de André Luiz.

Em 10 anos houve um aumento de 99 % sobre o primeiro ano de laboração.

★

Agora, o reverso da medalha. 60 obras estão totalmente esgotadas ou com poucos exemplares. Só de reimpressões com tiragem mínima de 5.000 exemplares, são reclamados 300.000 exemplares, mais do que o total do ano anterior. Outros livros que se editem e se esgotem, exigirão outros 300.000. Há, portanto, necessidades previsíveis para 600.000 exemplares anuais!



Directoria da Federação Espirita Brasileira

Sentados, da esquerda para a direita: Comandante João Luis de Paiva Júnior, *director da Assistência aos Necessitados;* Dr. Silvio Brito Soares, *Vice-presidente da Directoria;* Dr. Wantuil de Freitas, *Presidente da Directoria;* Dr. Fernando Rocha Garcia, *1.º secretário;* Manuel Jorge Gaio, *Procurador;* De pé, da esquerda para a direita: Henrique Sondermann, gerente do *Reformador;* Dr. Luis Guillon Ribeiro, *chefe do Ambulatório;* Carlos Lomba, *2.º secretário;* Ismael Gomes Braga, *director da Secção de Esperanto;* Indalicio Mendes, Secretário do *Reformador;* Américo Lopes Vieira, *Tesoureiro;* Alfredo Félix da Silva, *3.º secretário*

NOVAS INSTALAÇÕES

Mas como arranjar três milhões de cruzeiros, se a Federação gastava com os pobres tudo o que recebia... Desta forma, ergueram-se vozes contrárias ao empreendimento. Eram os homens de pouca fé, a que se refere o Evangelho. A pesar disso, apareceram dedicações valiosíssimas que permitiram a aquisição de uma propriedade sita na Rua Figueira de Melo, 410, em S. Cristóvão, à entrada da zona industrial do Rio de Janeiro. No imponente prédio ali existente ficarão os escritórios do Departamento Editorial da

Federação. Nos terrenos adjacentes foi construido um belo prédio de três pavimentos. O rés-do-chão está reservado às máquinas compositoras e impressoras; o 1.º andar (320 m2), à oficina de encadernação; o 2.º andar, aos depósitos.

Todos os restantes departamentos, isto é, Assistência aos Necessitados, Tesouraria, Secretaria, Gabinete médico e cirúrgico-dentário, Secção de Esperanto, Farmácia, Biblioteca Pública, serviço de distribuição de géneros alimentícios, salão de conferências, sociedades adesas, livraria de varejo, etc., tudo continuará na Avenida Passos, 28, 30 e 32, como até aqui. Agora, a Federação ficara com 5.230 m2 de espaço utilizável para os seus diferentes serviços.

Após a montagem da maquinaria, as oficinas da Federação ficam aparelhadas para obter *um milhão de volumes por ano!*

A ACTUAL DIRECTORIA

Quem são os obreiros que suportam tamanha responsabilidade e impulsionam obra que se desentranha em fruto tão copioso? Quem são os que animam e informam esse movimento sem par que já deu a volta ao mundo? Podem ver-se numa das gravuras que acompanham esta notícia: Dr. António Wantuil de Freitas, *Presidente da Directoria;* Dr. Silvio Brito Soares, *vice-presidente;* Dr. Francisco Virgílio Rocha Garcia, *1.º secretário;* Carlos Lomba, *2.º Secretário;* Alfredo Félix da Silva, *3.º secretário;* Américo Lopes Vieira, *tesoureiro;* Manuel Jorge Gaio, *procurador;* Henrique Sonderman, gerente do *Reformador;* Indalício Mendes, *secretário* do *Reformador,* Comandante João Luiz de Paiva Júnior, *director* da Secção de Esperanto; Dr. Luiz Guillon Ribeiro Filho, *chefe do Ambulatório.*

São tantos como os *Apóstolos.* E apóstolos são, na verdade, porque tudo dão à Causa, desde a inteligência ao coração. Uns são velhos na barricada e já se habituaram à faina de todos os dias; outros chegaram há pouco, como trabalhadores da última hora. Formam um bloco, dispostos a defender o reduto que lhe entregaram para bem de Causa Espirita. Que a prudência e o discernimento continuem a pairar na orientação de tão dedicados servidores, são os votos de *Estudos Psíquicos.*

ÚLTIMAS PALAVRAS

Por mais que nos esforçássemos, ficámos muito aquém de nossos desejos. É que a premência do espaço obriga a limitações incoercíveis. Nem uma revista, nem duas revistas chegariam para dizer tudo o que era preciso se dissesse. Não falámos nas edições em castelhano já preparadas (o livro «Há Dois Mil Anos», de Cândido Xavier, está traduzido para o efeito), nem nos projectos grandiosos para o futuro...

Efectivamente, o principal objectivo da Federação é o livro espirita. Tendo conseguido muitíssimo, ainda mal esboçou a obra que avultará extraordinàriamente dentro de poucos anos. Não lhe chegará a língua portuguesa para tanto. Por isso recorre a outros idiomas. E asim como o número de exemplares que distribuiu o ano passado duplica o dos que distribuiu há dez anos, assim é necessário avançar em ritmo acelerado, embora as necessidades sejam bem maiores que os recursos.

Se a Federação Espirita Brasileira tem hoje *seis milhões de cruzeiros* ao serviço do livro espirita, incluindo as novas construções, a quantos milhões não ascenderá o seu património nos próximos quarenta anos?... São prespectivas enormes que os humanos vaticínios não conseguem precisar.

Não há nenhum espirita que não compreenda o alto serviço que esta entidade presta ao Espiritismo, dando os maiores exemplos de abnegação e probidade, trabalhando afanosamente e silenciosamente na Seara do Mestre, para que ninguém fique sem conhecer o verdadeiro *pão da vida* que se desprende da nossa bela doutrina.

Estudos Psíquicos tem o maior prazer na divulgação desta *reportagem.* Não se trata de panegírico, mas de história alicerçada em factos, efemérides gravadas no bronze para edificação de contemporâneos e vindouros.

Que o maior empório editorial espirita do mundo que é a Federação Espirita Brasileira se alteie cada vez mais em obras valorosas, dilatando a fé, melhorando o conhecimento e pregando a paz entre os homens de boa vontade que sofrem com o atraso do mundo, sem forças para entravar a marcha das sombras tenebrosas que assaltaram velhos e novos continentes! Que o seu campo de acção alargue os âmbitos, levando a toda a parte consolação e certeza de imortalidade!

As Nossas Edições

Leiam as nossas edições e aumentarão os seus conhecimentos!

Nos Umbrais do Além, por *Sir William Barrett,* professor de Física na Universidade de Dublin. Análise científica dos fenómenos do Espiritismo. 304 páginas. Quase esgotado.
Brochado, 25$00; Encadernado, 35$00

Luz no Caminho, por *Isidoro Duarte Santos.* Páginas de análise evangélica à luz do Espiritismo e dedicadas à humanidade sofredora. O maior êxito de crítica espirita e profana. 346 páginas. Quase esgotado.
Brochado, 27$50; Encadernado, 37$50

Cientismo e Espiritismo, pelo *Prof. Leopoldo Machado.* Análise comparativa das doutrinas científicas perante o Espiritismo.
Enviamos estas obras à cobrança
Brochado, 18$00

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

MÉDIUM QUE ENCONTRA O CORPO DE UM AFOGADO

The Western Telegraph and Cymric Times de Agosto último relata um curioso facto transcrito pelo semanário *Psychic News*, relativo a um fenómeno mediúnico que arquivamos nestas colunas.

No dia 28 de Julho, os irmão David e Derek Evans, filhos do casal Evans, Park House, Prendergast, morreram afogados, quando tomavam banho em Nolton-Haven. O corpo de Derek (21 anos de idade) foi encontrado na manhã seguinte estendido na praia. O de David não apareceu, a pesar das intensas pesquisas que se fizeram.

Um dia depois do incidente, um ex-prisioneiro alemão chamado Heirn Kuene que trabalhava em Park House declarou que encontraria o corpo de David, se o conduzissem a Nolton.

Foi levado de carro a Nolton; e embora nunca ali tivesse estado, empreendeu com segurança a perigosa escalada dos rochedos. Apenas atingiu uma lagoa, mergulhou, afastou-se a nado e depressa o perderam de vista. Alguns minutos mais tarde reapareceu e informou os que o acompanhavam de que tinha encontrado o corpo. Estava num recife, em sítio inacessível às pesquisas ordinárias.

Uma testemunha da cena — diz o jornal — descreve o caso como realmente espantoso e diz que o alemão, quando se dirigiu ao local, parecia levar na retina o panorama real do quadro. Era verdadeiramente estranho vê-lo avançar, depois recuar um instante, retomando em seguida os movimentos que o conduziram ao lugar onde estava o corpo.

Kuene tem 21 anos e declara ter já utilizado esta faculdade durante a guerra para encontrar vários corpos.

O FENÓMENO DE OBSESSÃO VISTO POR UM ESPÍRITO

White Ray (Raio Branco) é o nome de um elevado Espírito que através da mediunidade de Paulette Austen responde às perguntas impessoais dos leitores do *Psychic News*, de Londres. Eis com ele respondeu ao que lhe foi perguntado:

PERGUNTA — *Que sucede às pessoas que cometem crimes, quando sofrem de alienação mental, como no caso do homem que matou a mulher e um filho e se suicidou?*

RESPOSTA — Se se trata de deficiência mental ou doença do cérebro, quando o homem vem para o nosso lado permanece em situação isolada e confusa, longe dos espíritos que o podem auxiliar. Mas aqui há sempre espíritos com a missão de cuidar destes casos; e quando temos pobres almas que experimentam tais provações, entramos em contacto com elas, logo que nos seja possível, e trazemo-las a nossa casa ou levamo-las a um hospital — se assim lhe podemos chamar — onde são normalizados.

Sob uma espécie de hipnose, vêem que os defeitos físicos desaparecem com o corpo físico e que o corpo espiritual só necessita de repouso momentâneo.

No caso presente, se as almas se amaram mútuamar — onde são normalizadas.
quando quiserem.

Mas se o crime é causado por obsessão de um espírito desencarnado, não é tão fácil; não só temos que socorrer o médium, mas também afastar a entidade obsessora, que, geralmente, se liga à sua presa logo que pode. Eis, porque nos sentimos muito satisfeitos com os vossos *grupos de socorro*.

Este método demora mais tempo, mas a responsabilidade dos obsidiados é muito limitada, embora sejam um tanto responsáveis, pois muitos deles, no princípio da obsessão, podiam lutar contra ela.

No caso, porém, em que homem ou mulher tenham verificado a influência neles exercida, devem repelir qualquer penetração no seu espírito, a não ser que sejam muito fracos, em virtude de doença ou traumatismo nervoso.

COMO SE ORGANIZA UMA SESSÃO DE CLARIVIDÊNCIA

J. Lhomme, presidente honorário da União Espirita Belga é também presidente de *La Prière Dominical* de Liège. Foi como presidente desta última colectividade que publicou há pouco no *Spiritualisme Experimental et Philosophique* uma série de preceitos relativamente às sessões de clarividência e que vamos transcrever. É o esquema das sessões de *La Prière Dominicale* que se desenvolve como segue:

Abertura pelo *Hino Espirita* ao piano.

1 — Leitura das clarividências da sessão anterior, para as devidas correcções.
2 — Correcções propostas.
3 — Leitura moral colhida no «Evangelho Segundo o Espiritismo», com comentários explicativos.
4 — Leitura de preces gerais.
5 — Leitura de recomendações aos assistentes.
6 — Clarividências e suas explicações.
7 — Prece de agradecimento.

Regulamento da La Priére Dominical

1 — Proibição a todos de julgar os actos e a vida do próximo.
2 — *Auxílio material* recíproco, segundo as possibilidades de cada um.
3 — O conselho moral só pode ser dado em particular e quando solicitado.
4 — *O segredo da clarividência é absoluto.* O médium, o curador e o pessoal dirigente são obrigados a guardar sigilio do que se passa no exercício de suas funções, como sucede com o médico e o prelado.

Recomendações aos assistentes

A sessão é dirigida pelos Espíritos-Guias, segundo a lei superior da caridade. Em geral, as manifestações de qualquer espírito dependem primeiramente do *nosso*

mérito pessoal, de sua obediência à lei divina, do seu estado actual no mundo espiritual, da sua afinidade com o médium, assim como do *recolhimento geral* e sobretudo do *médium* e das condições físicas exteriores (temperatura, ruído, movimentos) que agem sobre ele.

Conselhos pessoais que é preciso saber

1 — Numerosas perguntas mentais feitas *ao mesmo tempo* por vários assistentes impedem a regularidade dos trabalhos. Devem ser feitas antes da sessão.

2 — O melhor é ser *passivo*, mas atento. Para obter bons resultados, concentrai-vos antes da experiência.

3 — *O espírito que se manifesta nem sempre é parente.* Às vezes é um simples conhecido, falecido há muito, que quer dar testemunho de sua presença. Devemos recebê-lo caridosamente.

4 — O assistente facilita a clarividência, *quando não hesita em reconhecer* a entidade que se descreve. Isso dá confiança ao médium, que passa a trabalhar com mais segurança.

5 — O médium dá a idade, as cores, as formas, segundo *apreciação pessoal*, que pode diferir ligeiramente da do interessado. (Exemplo: *louro*, por *castanho claro*, etc.).

6 — Quando o assistente não está de acordo com o médium acerca de um pormenor, deve notar-se que é muitas vezes diferença de interpretação.

7 — *O espírito não se mostra sempre com a idade que tinha no momento da morte.* Escolhe às vezes a aparência que mais lhe convém, mas pode aparentar *sucessivamente* diferentes idades (adolescência, maturidade, velhice).

8 — Às vezes, o espírito é um desencarnado há muito desaparecido.

9 — Por motivos que lhe são peculiares (contrariedades ou incredulidade do consulente), o espírito nem sempre é visto pela pessoa que o conhece. A agitação mental do consulente é obstáculo para o médium.

10 — *A claridade, a luminosidade do espírito* é seguro índice de lucidez e desprendimento material. Um espírito brilhante é altamento evolucionado. Esta qualidade deve aliar-se à grande elevação moral.

11 — Para ser boa, a prece não deve ser imperativa ou *condicionada*. Deve procurar a elevação espiritual e não exigir, nem reclamar.

12 — *Os espíritos só dizem o que estão autorizados a dizer* pelos espíritos-guias. Nem tudo se deve revelar. A revelação de certos acontecimentos provocaria reacções desastrosas nos consulentes e prejudicaria o seu livre-arbítrio. (Exemplo: anúncio de morte, de doença grave, de desastre, de grande riqueza).

13 — Algumas indicações são dadas em forma de imagens simbólicas, cuja compreensão fica à *vossa responsabilidade*.

14 — *Os nomes próprios são difíceis de revelar*, porque são essencialmente abstractos. Não despertam qualquer imagem ou sentimento no espírito do médium. Certos espíritos *dotados de grande vontade*, conseguem revelá-los às vezes. Mas se a entidade não dá o nome, não insistais; seria provocar a reflexão do médium e dar origem a erro involuntário da sua parte.

15 — *Todas as visões são clichés separados* e são diferentes em todos os médiuns, que trabalham, por vezes, em planos diferentes.

16 — Um nome dado não é necessàriamente o da entidade; às vezes, é simples recordação sem importância, ou nome de pessoa conhecida, cuja indicação serve para encontrar a marca do espírito.

17 — *O espírito só pode ver o futuro, na proporção de sua elevação espiritual.*

18 — Se pedirdes, a inspiração será boa, no caso do vosso procedimento a merecer. Se a entidade comunicante vos fizer pressentir acontecimentos que vos dizem respeito, é melhor não fazer caso e aguardar mais informações. Deste modo, conservareis a iniciativa das vossas decisões e a vossa inteira responsabilidade.

19 — *As perguntas feitas pelo director da sessão são inteiramente gerais*, a fim de não provocar a reflexão do médium. São feitas para obrigá-lo a desenvolver a sua clarividência.

20 — Não conteis a vossa vida aos médiuns, nem aos outros.

21 — *Não fixeis um médium em transe.* O vosso pensamento concentrado é força que o paralisa.

22 — Um vivo pode ser visto pelo clarividente. A maior parte das vezes é um simples cliché sem vida transmitido pelo guia ao seu médium, para que o interessado que o reconheça pratique uma acção caridosa em seu favor (prece ou assistência material).

23 — Um assistente de grande vivacidade, bem despertado, obterá mais resultado do que uma pessoa indolente.

24 — Na véspera ou pouco antes da sessão, o médium clarividente deve preparar-se cuidadosamente com *recolhimento* e *calma*.

25 — Durante a reunião, sede neutrais nos nossos pensamentos.

26 — *Um médium fatigado, indisposto ou que acaba de comer demasiadamente*, está em más condições para receber mensagens.

27 — *O médium deve dizer tudo*, mesmo as coisas que lhe parecerem ridículas. Ao director da sessão compete investigar acerca do seu valor demonstrativo.

28 — Durante a experiência, é bom não se fazerem sinais de cabeça (negação ou confirmação) visíveis pelo médium. Isto poderia atrapalhá-lo.

29 — Um médium deve abster-se de dar clarividência para confirmar outras, dadas ao mesmo tempo por outro sujeito. Deve esperar o final da experiência.

AS NOSSAS CONFERÊNCIAS

Conforme estava anunciado, realizou-se no passado dia 12 de Dezembro uma conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «Memória e Perispírito», presidida pelo nosso confrade Ramos Pereira. O conferente desenvolveu o tema com a inteligência habitual, demonstrando que sem o perispírito não se poderiam explicar certos fenómenos, a que a própria anatomia não dá resposta. Contou alguns casos interessantes de desdobramento de personalidade, e terminou apresentando a hipótese de Léon Dénis, para a qual «a memória se encontra gravada no perispírito», hipótese essa que julga insuficiente. Ramos Pereira fez em seguida uma crítica ao trabalho do conferente, que qualificou de excelente, concordando plenamente com a ressalva feita à hipótese de Léon Dénis.

Encontrava-se na assistência a senhora Rosamunde E. Price-Brishop, que recentemente chegou a Lisboa, a qual dirigiu algumas palavras aos assistentes, mostrando o que é o espiritismo inglês, em matéria de moral, fazendo vibrar os assistentes com as suas palavras cheias de fé na Causa que defende.

Todos os oradores foram recebidos com salvas de palmas, pela numerosa assistência que enchia a sala.

Notas & Comentários

HOMENAGEM PÓSTUMA

Segundo lemos em *Survie*, de Novembro-Dezembro, pensa-se em criar a *Associação dos Amigos de Gabriel Gobron*, com o fim de publicar alguns manuscritos interessantes e reeditar a maior parte das suas obras, que se encontram esgotadas.

Lembramos que Gabriel Gobron foi nosso redactor-correspondente em França e faleceu em Rethel durante a ocupação alemã. O último livro que nos ofereceu intitulava-se «Notre-Dame des Neiges — Histoire d'une Famille de Boulanger», que era uma grande e incisiva autobiografia. Escritor de garra, viu o seu nome distinguido pela Academia Francesa, através de um belo romance espirita. Homem de convicções e extremamente desassombrado, é possivel que tenha morrido vitimado pela ousadia de suas próprias afirmações patrióticas e ideológicas.

A CURA DO CANCRO

Tanto se tem escrito referente ao cancro, uma das piores doenças da humanidade! Pois no jornal *L'Heure d'Être* (16, Rue du Chateau — Bagnolet (Seine) França), de Setembro último, afirma-se que o cancro pode ser curado pela argila e que esta terapêutica remonta à mais alta antiguidade.

«Após 20 anos de experiências — diz o articulista — podemos afirmar que o cancro é uma doença fácil de curar, desde que não tenha sido tratada. Parecerá assombroso, mas é a expressão da verdade. Temos conseguido a cura em todos os casos de cancro que não hajam tido tratamento médico ou cirúrgico. O pior é recorrer-se ao *tratamento natural*, depois de terem tentado tudo. O cancro é fácil de curar, quando o doente não tenha ingerido drogas, não tenha tomado injecções ou sofrido qualquer outra intervenção. Se for tratado por drogas e injecções, a cura é dificil de conseguir; quando for tratado por *raios* X, ainda mais dificil se torna; e se tiver suportado emanações de *radium*, a cura é impossível e só em certos casos poderá haver melhoras».

O livro «Pour se Guérir Soi même et Vivre Sain», editado pelo Centro «Amour et Vie» (8, Rua Jean-Goujon, Paris), ensina como fazer e aplicar as cataplasmas de argila, utilissimas em muitas e variadas doenças. Quem desejar obter a livro pode dirigir-se ao Centro Amour et Vie e remeter 70 francos ao C. C. P. Montovani, n.º 210369, Paris.

VITOR HUGO ERA MÉDIUM PSICOGRÁFICO?

Horace Leaf escreveu um artigo no *Psychic News* de 11 de Dezembro, dizendo que tinha visto a bela mesa Luiz XIV, em que, durante dez anos, Vitor Hugo recebeu as comunicações do espírito de sua falecida esposa, através da sua própria mediunidade. Foi também nesta mesa que o grande poeta ouviu as pancadas (raps) que lhe permitiram formar pequenos e elegantes aforismos, um dos quais permanece ainda no rés-do-chão da casa, para todos lerem.

Como se sabe, Vitor Hugo esteve exilado em Hauteville House, Porto de S. Pedro, capital de Guernsey, de 1855 a 1870, algum tempo depois do golpe de estado de Luiz Bonaparte até à guerra franco-prussiana de 1870, que obrigou o imperador a capitular em Sédan.

A *mesa* estava nos seus aposentos particulares, que ficavam no 1.º andar. Ali escreveu ele alguns livros famosos, como a «História de Um Crime», «Napoleão, o Pequeno» e «Os Homens do Mar».

Segundo narra Horace Leaf, Vitor Hugo deixou fundas recordações em Guernsey cujos habitantes não esquecem o egrégio escritor. Pois não obstante a sua influência, que seria suficiente para fazer adeptos, nenhuma agremiação espirita existe naquela linda ilha do Canal da Mancha. Só agora se fazem esforços nesse sentido.

Luiz Bonaparte também se interessou pelo Espiritismo. Mais do que uma vez assistiu às sessões do médium Daniel Dunglas Home, que espantou os sábios com as suas sessões de efeitos físicos.

O ESPIRITISMO NA ARGENTINA

De 1869 até agora, o Espiritismo muito progrediu na Argentina. A primeira Sociedade Espirita foi organizada por Don Justo Espada, de Málaga. Em 1874 funda-se a *Sociedade Constância* sob a direcção de Cosme Mariño. Em 1880, surge *La Fraternidade* e em 1890, a *Confederação Espirita Argentina*, também sob a presidência de Cosme Mariño. Em 1900 esta é reformada e presentemente continua a trabalhar sob a direcção de Hugo S. Nale, tendo por orgão oficial *La Idea*.

Actualmente, há 110 sociedades legalmente constituidas na Argentina. 41 estão federadas nesta última agremiação.

Já leu "O HOMEM DA RUA"

uma grande obra do nosso tempo em que se tratam altos problemas sociais e se descreve uma verdadeira sessão de Espiritismo?

Se não leu, adquira já esta obra.

GUEDES DE AMORIM

É O SEU AUTOR

Pedidos à EDITORIAL MINERVA

Rua Luz Soriano, 33 — LISBOA

Noticiário

AUXÍLIO AOS NECESSITADOS

Destinados à subscrição aberta nestas colunas em benefício dos necessitados recebemos mais os seguintes donativos, que agradecemos.

Transporte do número anterior	1.970$00
D. Maria de Jesus de Vasconcelos	20$00
Eduardo Manuel Cortes	20$00
João Pinto de Almeida Ribeiro	20$00
José Cabral	20$00
L. S. B. R. S. e F. S. B. R.	34$00
António da Silva Braga Júnior	40$00
Estevão Rodrigues	10$00
Tomaz Domingos de Oliveira	5$00
Frederico Pereira	10$00
A. S.	20$00
G.	10$00
J. Dias	20$00
João Gouveia	20$00
D. Maria Emília Teixeira	20$00
Damião Teixeira	20$00
X X X	7$00
A. B. F. B.	5$00
Dr. Fred Wachsmann	50$00
Nini e Belita	20$00
Henrique Cerqueira	20$00
Sousa Varela	20$00
Isaac Oliveira Marques	20$00
Capitão Nunes Correia	50$00
Dr. Beleza de Andrade	20$00
António J. Gomes	10$00
Carlos Bivar	10$00
Eduardo Fernandes de Matos	100$00
E. F. A.	10$00
António Constantino Brites	20$00
Augusto Lopes	20$00
Tenente Espirito Santo	25$00
Anónimo do Fundão	100$00
José Joaquim	7$50
Dois Sócios	50$00
D. Mariana Mendes Cabral	10$00
Henrique da Silva Horta	50$00
Abílio Melo Rodrigues	50$00
D. Maria C. S. Santos	30$00
D. Cesaldina E. Gonçalves	10$00
Avelino de Barros	10$00
Uma Camponesa	20$00
Leonildo Correia	10$00
João Amado Venâncio, de Porto Alegre ...	264$00
D. Gabriela Jervis Pereira	5$00
Fávio V. Cortesão	20$00
David da Silva Guimarães	20$00
D. Emília da Piedade	20$00
D. M. L. Gomes L. Bravo	20$00
D. Elvira Colaço Andrade	20$00
António Pereira	20$00
Manuel César Casimiro	20$00
Romão Saragoça Velez	14$50
José Lopes Júnior	6$00
C. V.	10$00
D. Beatriz Semide Abrantes	10$00
Uma Sócia	20$00
Anónimo de Cebolais de Cima	50$00
José Farinha	30$00
D. Lília Costa e Silva	20$00
Luiz da Piedade Gomes	20$00
Anibal G. Portugal	20$00
Alfredo Vieitas	20$00
José Bento Lourenço	20$00
D. Emília R. Gomes	20$00
D. Palmira Cabrita	10$00
S. A. S.	10$00
Augusto Belas	10$00
Bernardo Correia de Almeida	10$00
Matias Nobre	10$00
José da Silva Borges	20$00
Jaime J. Jerónimo	50$00
António Soares dos Anjos	20$00
José A. Bernabé	20$00
Carvalho Simão	50$00
Casal M., de Lourenço Marques	366$00
António J. Martins, de Pointe-Noir	250$00
J. F. C.	10$00
Faria & Novais	20$00
A. S., por alma de seu pai	1.000$00

(Continua)

PROGRAMA DOS TRABALHOS DO CENTRO EM JANEIRO DE 1949

Dia 31 de Dezembro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 6 de Janeiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por Isidoro Duarte Santos.

Dia 13 de Janeiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por António Cardoso.

Dia 15 de aJneiro, sábado, às 21,30 — Sessão doutrinária com a médium D. Maria Cecília Gorina.

Dia 20 de Janeiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação mental a distância), dirigida por Aires Vaz Raposo.

Dia 23 de Janeiro domingo, às 16 horas — Conferência por Ramos Pereira.

Dia 27 de Janeiro, quinta-feira, às 21,30 — Sessão do Grupo Reper-Siam (estudo e irradiação metal a distância), dirigida por José F. Cabrita.

Dia 28 de Janeiro, sexta-feira, às 21,30 — Sessão doutrinária a cargo do *Grupo Amor do Redentor.*

Dia 30 de Janeiro, domingo, às 16 horas — Sessão comemorativa do 10.º aniversário da revista *Estudos Psiquicos* e do *Centro Espiritualista Luz e Amor,* que constará de variedades literárias e musicais (Entrada pública).

NOTA — As conferências são públicas e as sessões são privativas dos sócios com as cotizações em dia.